
ANDREW MILLER
A HISTÓRIA DA IGREJA
Volume 1 e 2

A História da Igreja

Volumes 1 e 2 – Capítulo 1 ao 32: Século I ao XV

Andrew Miller

9 de outubro de 2022

Título do original em Inglês: "Church History", por Andrew Miller.

Sumário

Prefácio

Como tudo o que sabemos da história chega a nós por meio de livros, eu examinei, com muito cuidado, os autores mais conceituados, considerando-os confiáveis. E apesar de haver frequentes referências ao volume e à página, isto de modo algum indica tudo o que foi reunido a partir dessas histórias. Seria impossível dizer quantos pensamentos, palavras e sentenças se entrelaçam com os meus próprios. As referências foram, geralmente, dadas, nem tanto para permitir a verificação do que foi escrito, mas também para induzir o leitor a estudá-las. O material é tão variado e abundante que a dificuldade consistiu em fazer a seleção, assim como manter uma linha de continuidade histórica, e ainda deixar de fora o que, no momento, não seria proveitoso nem interessante.

Alguns dos meus mais antigos e estimados amigos, tais como Greenwood, Milman e Graigie Robertson, concluíram seus relatos por volta do século XIV; Waddington, D'Aubigne e Scott, por volta do século XVI; e Wylie fecha sua história do Protestantismo com seu estabelecimento sob o reinado de William e Mary. As histórias e biografias especiais do Dr M'Crie são, também, extremamente valiosas; e assim também é a história do Protestantismo na França por Felice, a história da Reforma nos Países Baixos por Brandt, a breve história da Idade Média e Reforma por Hardwick, e também o relato de Cunningham sobre a Igreja da Escócia; no entanto, bons relatos gerais sobre os acontecimentos do começo do século XVI até o século presente[1], são realmente escassos.

Eu tenho em vista, neste livro, mais do que a mera história. Tem sido meu desejo **conectá-la a Cristo e Sua Palavra**, de modo que o leitor possa receber a verdade e a bênção, **por meio da graça**, à sua alma. O leitor deverá observar que o livro começa com o propósito revelado pelo Senhor referente à Sua Igreja, em Mateus 16. Outras partes do Novo Testamento referentes ao alvorecer da Igreja foram cuidadosamente examinadas, mas me foquei no traçar de sua real história à luz das sete cartas às Igrejas da Ásia. Isto, é claro, de uma forma muito

[1] N. do T.: século XIX, quando foi escrito este livro

geral, uma vez que meu desejo é dar ao leitor a visão mais ampla da história eclesiástica quanto possível, de forma consistente com meu plano e brevidade.

Que as bênçãos do Senhor possam acompanhar o volume que agora é lançado.

Introdução

Muitos de nossos leitores, como sabemos, não têm disponibilidade de tempo nem a oportunidade de ler as volumosas obras que foram escritas ao longo do tempo sobre a história da igreja. Ainda assim, aquela que tem sido a morada de Deus nos últimos 2000 anos deve ser objeto do mais profundo interesse de Seus filhos. Não estamos falando, aqui, da igreja como é geralmente representada na história, mas de como ela é definida nas Escrituras. Ali, ela é vista em seu verdadeiro caráter espiritual, como **o corpo de Cristo**, e como a ***"morada de Deus em Espírito"*** (Efésios 2).

Devemos sempre ter em mente, ao ler tudo o que é relacionado à história da igreja, que, dos dias dos apóstolos até os dias de hoje, sempre existiram duas classes distintas e amplamente diferentes na igreja professa: os meramente nominais, e os reais - os verdadeiros e os falsos. Isto havia sido predito. ***"Porque eu sei isto"***, disse o apóstolo, ***"que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não pouparão ao rebanho. E que de entre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si."*** (Atos 20:29-30). Sua Segunda Epístola a Timóteo é também cheia de alertas e direções referentes às várias formas de mal que foram, então, claramente manifestas. Uma rápida mudança para pior tomou conta desde a vez que sua primeira epístola tinha sido escrita. Ele exorta aos verdadeiros crentes para andar em separação daqueles que tinham aparência de piedade, mas que negavam a eficácia dela. ***"Destes"***, diz ele, ***"afasta-te"***. Tais exortações são sempre necessárias, sempre aplicáveis - tanto hoje quanto antes. Não podemos nos separar da Cristandade professa sem deixarmos de lado o Cristianismo; mas podemos e devemos nos separar do que o apóstolo chama de ***"vasos para desonra"***. A promessa é que, ***"se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda a boa obra."*** (2 Timóteo 2:21).

É interessante - apesar de também doloroso - destacar a diferença, neste

ponto, entre a Primeira e a Segunda Epístola a Timóteo. Na primeira, é falado da igreja de acordo com seu verdadeiro caráter e com sua bendita posição na Terra. Lá ela é vista como **a casa de Deus - a coluna e a firmeza da verdade para o homem**. A Segunda Epístola mostra o que ela se tornou graças às falhas daqueles em cujas mãos ela foi confiada.

Vamos tomar uma passagem de cada Epístola como ilustração: (1) ***"Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te bem depressa. Mas, se tardar, para que saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade."*** (1 Timóteo 3:14-15) (2) ***"Numa grande casa não somente há vasos de ouro e de prata, mas também de pau e de barro; uns para honra, outros, porém, para desonra."*** (2 Timóteo 2:20). Aqui tudo mudou - infelizmente mudou. No lugar da ordem divina há uma incorrigível confusão; no lugar da ***"casa de Deus, a coluna e firmeza da verdade"***, há uma ***"grande casa"*** - praticamente *"o mistério da iniquidade"*. Em vez da casa ser mantida de acordo com a vontade de Deus, e adequada a Ele, ela é organizada e ordenada de acordo com a vontade do homem, e para sua própria vantagem e exaltação pessoal. Assim, sem muita demora, o mal, que tem sido o pecado e a desgraça da Cristandade até então, fez suas primeiras aparições. Mas isto é posto de lado quando o Espírito de Deus, em grande misericórdia, nos fornece as mais claras direções para o dia mais sombrio da história da igreja, indicando o caminho da verdade para os piores tempos; deste modo, ficamos sem desculpas. Os tempos e circunstâncias mudam, mas nunca a verdade de Deus.

Os Erros dos Historiadores em Geral

Alguns historiadores, infelizmente, não levaram em consideração esta triste mistura dos vasos bons e ruins - dos verdadeiros e falsos cristãos. Eles mesmos não eram homens com mentes espirituais. Portanto fizeram, e ainda fazem, de seu objetivo principal, registrar os vários caminhos anticristãos e perversos dos meros professos. Eles se delongam minuciosamente nas heresias que perturbaram a igreja, nos abusos que a desgraçaram, e nas controvérsias que a distraíram. Nós, pelo contrário, nos esforçaremos para perscrutar pelas longas páginas escuras da história em busca da *linha prateada da graça de Deus nos verdadeiros cristãos*, embora muitas vezes a liga seja tão predominante que o minério puro é quase imperceptível.

Deus nunca deixou a Si mesmo sem um testemunho. Ele sempre manteve

Seus amados e queridos, mesmo que ocultos, em todas as eras e em todos os lugares. Nenhum olho a não ser o dEle poderia enxergar os sete mil em Israel que não tinham se curvado à imagem de Baal, nos dias de Acabe e Jezabel. E não há dúvida que dezenas de milhares, mesmo nas épocas mais sombrias do Cristianismo, serão encontrados, afinal, na **"gloriosa igreja", que Cristo apresentará a Si mesmo, no tão esperado dia de Sua alegria nupcial**. Muitas pedras preciosas encontradas em meio ao lixo da "idade média" refletirão Sua graça e glória naquele dia sem par.

Que bendito pensamento! Mesmo agora enche a alma de júbilo e deleite. Senhor, apresse aquele dia tão feliz por amor de Teu próprio nome!

Diferente de muitos falsos, os verdadeiros crentes são humildes por instinto. Eles são geralmente reservados, e a maioria são pouco conhecidos. Não há humilhação tão profunda e real como aquela que o conhecimento da graça produz. Tais pessoas modestas e ocultas encontram pouco espaço nas páginas históricas. Mas o convincente e zeloso herege, e o barulhento e visionário fanático, são barulhentos demais para escapar à vista. Por isso, também, que os historiadores vêm recordando tão cuidadosamente os tolos e insensatos princípios e as más práticas de tais homens.

Vamos agora mudar um pouco de assunto, e tomar uma visão geral da primeira parte de nosso assunto: as sete cartas às igrejas da Ásia.

As Sete Igrejas da Ásia

Estas sete cartas às igrejas das Ásia servirão de base para nossos futuros estudos. Cremos que elas não sejam apenas históricas, mas também proféticas. Sem dúvida, elas são terminantemente históricas, e este fato deve pesar no que diz respeito ao estudo de seu caráter profético. As sete igrejas realmente existiram nas sete cidades aqui citadas, e nas condições aqui descritas. Porém, é igualmente claro que elas foram destinadas, por aquEle que sabe tudo do início ao fim, a ter um significado profético, assim como sua aplicação histórica. Estas igrejas locais foram selecionados em meio a muitas, e assim dispostas e descritas de modo a prenunciar o que havia de vir. Limitar sua aplicação apenas às sete igrejas literais que se encontravam na Ásia seria estragar a unidade do livro de Apocalipse, e perder de vista as bênçãos prometidas. ***"Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia"*** (Apocalipse 1:3). O

caráter de todo o livro é profético e simbólico. O segundo e o terceiro capítulo não são exceções. Eles são introduzidos pelo próprio Senhor em seu caráter místico: ***"O mistério das sete estrelas, que viste na minha destra, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas."*** (Apocalipse 1:20)

O **número sete** é característico. Ele marca um círculo completo dos pensamentos e modos de Deus quanto ao tempo. Daí vêm os sete dias da semana, as sete festas de Israel e as sete parábolas do reino dos céus em mistério. Este número é frequentemente usado no decorrer do livro de Apocalipse ao tratar de judeus, gentios e a igreja de Deus como responsáveis diante de Deus sobre a Terra. Por isso vemos sete igrejas, sete estrelas, sete castiçais, sete anjos, sete selos, sete trombetas, sete taças e as sete últimas pragas. **Apenas nos capítulos 2 e 3** vemos a igreja como responsável diante de Deus sobre a Terra, e como objeto do governo divino. **Nos capítulos 4-19 a igreja está no Céu**[2]. Então ela aparece novamente em plena glória manifesta com seu Senhor apenas no capítulo 19: ***"E seguiam-no os exércitos no céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro."*** (Apocalipse 19:14). [3]

No corpo do livro, especialmente a partir do capítulo 6, é feita menção a judeus e gentios, que são tratados judicialmente a partir do trono de Deus no Céu. Porém isto não acontecerá até que **a igreja - a verdadeira noiva do Cordeiro - seja arrebatada para o Céu,** e as coisas meramente nominais e corruptas sejam finalmente rejeitadas.

Esta **divisão do livro em três partes**, vinda do próprio Senhor, torna a ordem dos eventos bastante clara, e deve ter um imenso peso como princípio de interpretação no estudo de Apocalipse. No capítulo 1:19 Ele nos fala do conteúdo e plano do livro inteiro: ***"Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer"***. *"As coisas que tens visto"* se referem à revelação de Jesus como vistas por João no capítulo 1; *"as coisas que são"*, como a condição presente do corpo professante como apresentado nos capítulos 2 e 3. *"As coisas que depois destas hão de acontecer"* são referentes ao capítulo 4 em diante. A terceira divisão começa no capítulo 4. Uma porta no Céu é aberta, e o profeta é chamado para subir até lá. ***"Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer."*** É a mesma frase encontrada no capítulo 1:19.

[2] Portanto não sendo mencionada nesses capítulos

[3] N. do T.: E aparece no mesmo capítulo também como a esposa já pronta para o casamento: **"Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou."** (Apocalipse 19:7)

As coisas que são, e as coisas que devem acontecer depois destas, não poderiam, de maneira alguma, acontecerem ao mesmo tempo. **Uma deve terminar antes que a outra comece.**

Quando o número sete é usado, não em sentido literal, mas simbolicamente, sempre tem o significado de completude. É evidente, portanto, que seja utilizado nos capítulos 2 e 3. Como sabemos, havia outras igrejas além daquelas mencionadas, mas sete são selecionadas e associadas a fim de apresentar **um quadro completo do que se desenvolveria posteriormente na história da igreja sobre a Terra**. Os mais importantes elementos morais que existiam naquelas igrejas naquele momento, o Senhor previu que reapareceriam no decorrer do tempo. Assim temos uma figura sete vezes perfeita - isto é, divinamente perfeita - dos sucessivos estados pela qual passaria a igreja professa durante todo o período de sua responsabilidade sobre a Terra.

Vamos agora resumir rapidamente o que é apresentado sobre essas sete igrejas, e dar uma ideia geral dos diferentes períodos da história aos quais elas se aplicam.

Um Resumo das Sete Igrejas

- **Éfeso:** Em Éfeso o Senhor detecta a raiz de todo o declínio. ***"Deixaste teu primeiro amor"***. Ela é ameaçada a ter seu castiçal removido a menos que se arrependa. Período: da era apostólica até o final do segundo século.

- **Esmirna:** A mensagem a Éfeso é geral, mas para Esmirna é específica. E, apesar de aplicada àquela assembleia naquele tempo, ela prefigura, de forma muito marcante, as repetidas perseguições pela qual a igreja passou sob os imperadores pagãos. No entanto, Deus pode ter usado o poder do mundo para deter o progresso do mal dentro da igreja. Período: do segundo século até Constantino.

- **Pérgamo:** Aqui temos o estabelecimento do Cristianismo por Constantino como a religião do Estado. Em vez de perseguir os cristãos, ele os patrocina. A partir daí a queda da igreja avança rapidamente. Sua aliança profana com o mundo resultou em sua mais triste e profunda queda. **Foi então que ela perdeu o verdadeiro sentido de sua relação com Cristo no Céu, e de seu caráter como peregrina e estrangeira na Terra**. Período: do

começo do quarto século até o sétimo século, quando o papado foi estabelecido[4].

- **Tiatira:** Em Tiatira vemos o papado da idade média, em semelhança à Jezabel, praticando todo o tipo de maldade, e perseguindo os santos de Deus, **sob o disfarce de zelo religioso**. No entanto, havia um remanescente temente a Deus em Tiatira, a quem o Senhor conforta com a brilhante esperança de Sua vinda, e com a promessa de poder sobre as ações, quando o próprio Senhor reinará. Mas a palavra de exortação ao remanescente é: ***"Mas o que tendes, retende-o até que eu venha"*** (Apocalipse 2:25). Período: do estabelecimento do papado até a vinda do Senhor. Este período vai até o fim, mas **é caracterizado pela idade das trevas (idade média).**

- **Sardes:** Aqui vemos a parte Protestante da Cristandade que surgiu após a grande Reforma. As características falhas do papado desaparecem, mas o novo sistema não tem vida em si mesmo. ***"Tens nome de que vives, e estás morto"*** (Apocalipse 3:1). Mas há, ainda, **verdadeiros santos** dentro desses sistemas sem vida, e Cristo conhece a todos. ***"Mas também tens em Sardes algumas pessoas que não contaminaram suas vestes, e comigo andarão de branco; porquanto são dignas disso"*** (Apocalipse 3:4). Período: do século XVI até hoje. Período marcado pelo início do Protestantismo após a Reforma.

- **Filadélfia:** A igreja da Filadélfia apresenta um remanescente fraco, porém **fiel à palavra e ao nome do Senhor Jesus**. O que os caracterizava era o fato de guardarem a palavra da paciência de Cristo, e de não negarem Seu nome. A condição deles não era marcada por qualquer exibição de poder, nem de coisa alguma grande externamente, mas de uma **próxima, íntima e pessoal comunhão com o Senhor**. Ele está no meio deles como o Santo e o Verdadeiro, e é representado como sendo o dono da casa. Ele possui *"a chave de Davi"*. Os tesouros da palavra profética estão disponíveis para aqueles que estão dentro. Eles estão também desfrutando de Sua paciência, e na expectativa de Sua vinda. ***"Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de***

[4] O título "Papa" foi primeiramente adotado por Higino no ano de 139, e o Papa Bonifácio III induziu Focas, Imperador do Leste, a concedê-lo ao prelado de Roma em 606. Ainda com a conivência de Focas, a supremacia do papa sobre a igreja cristã foi estabelecida - Dicionário de Dados de Haydn)

vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra." Período: especialmente a partir da primeira parte do século XIX.

- **Laodiceia:** Em Laodiceia temos mornidão - **indiferença, latitudinarismo**[5] **ou ecumenismo** - mas com altas pretensões, um espírito arrogante, e grande auto-suficiência. Este é o último estado daquela que leva o nome de Cristo sobre a Terra. Mas, que lástima! Isso é intolerável para Ele. Sua condenação final é chegada. Tendo separado, para Si mesmo, cada verdadeiro crente das corrupções da Cristantade, o Senhor os vomita de Sua boca. Aquilo que deveria ter sido doce a Seu paladar se tornou enjoativo, e é lançado fora para sempre. Período: começando quase em paralelo ao período de Filadélfia, mas especialmente próximo à cena final. Está ativa no período em que vivemos agora.

Tendo assim tomado uma visão geral das sete igrejas, devemos agora nos esforçar, com a ajuda do Senhor, a traçar brevemente estes diferentes períodos da história da igreja. Nosso propósito é examinar mais detalhadamente cada uma das sete epístolas enquanto avançamos com nosso estudo para que possamos verificar, à luz da Palavra, os diferentes períodos por elas referidos, e o quanto os fatos da história da igreja ilustram a história apresentada nas Escrituras nesses dois capítulos. Que o Senhor possa nos guiar, para o refrigério e bênção de Seus queridos.

[5] N. do T.: latitudinarismo é uma seita inglesa que sustenta a máxima tolerância religiosa e a doutrina de que todos os homens se salvarão. Similar ao universalismo

Capítulo 1

Verdades Fundamentais

A Pedra do Fundamento

Ao iniciar o estudo de qualquer assunto, é bom que se conheça seus princípios - a intenção ou plano original, e o primeiro passo em sua história. Temos tais princípios da maneira mais clara e completa, em relação à igreja, nas Sagradas Escrituras. Lá temos, não somente a intenção original, mas os planos e especificações do grande Construtor, e o início da história do trabalho de Suas próprias mãos. O fundamento foi colocado, e o trabalho estava em andamento, mas o próprio Senhor era ainda o único Construtor: portanto, a este tempo, tudo era real e perfeito.

No final da dispensação dos judeus, o Senhor acrescentou o remanescente salvo de Israel à recém-formada igreja. No entanto, no final da presente dispensação - a dispensação da graça, ou dos cristãos - Ele levará todos os que creem em Seu nome para o Céu em corpos glorificados. Nenhum dos que pertencem à igreja serão agregados à congregação dos santos do milênio. ***"Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor."*** (1 Tessalonicenses 4:16-17). Este será o feliz fechamento da história da igreja na Terra - a verdadeira esposa de Cristo: os mortos ressuscitarão, os vivos serão transformados, e todos, **em corpos glorificados, arrebatados juntamente nas nuvens para se encontrarem com o Senhor nos ares**. Assim temos todo o limite da igreja definido, e todo o período de sua história diante de nós. Retornemos,

porém, ao alvorecer de seu dia na Terra.

Sob a figura de um edifício, o Senhor introduz, pela primeira vez, o assunto acerca da igreja. E tão infinitamente precisas são Suas palavras, que podemos adotá-las como o texto, ou lema, de toda sua história. Elas têm sustentado os corações e esperanças de Seu povo em todas as eras, e em todas as circunstâncias, e serão sempre o baluarte da fé. O que pode ser mais bendito, mais tranquilizador, mais apascentador, que estas palavras? **"SOBRE ESTA PEDRA EDIFICAREI A MINHA IGREJA, E AS PORTAS DO INFERNO NÃO PREVALECERÃO CONTRA ELA."**

Em Mateus 16, o Senhor questiona Seus discípulos acerca do que andavam dizendo os homens sobre Ele. Isto leva à confissão de Pedro, e também à graciosa revelação do Senhor referente à Sua igreja. Pode ser interessante transcrever toda a conversa para nossas páginas, pois nos leva diretamente ao nosso assunto.

"E, chegando Jesus às partes de Cesaréia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem? E eles disseram: Uns, João o Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas. Disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que eu sou? E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela." (Mateus 16:13-18)

Aqui temos as duas principais coisas que estão conectadas ao edifício proposto - a Pedra do Fundamento[1] e o divino Construtor. ***"Sobre esta pedra edificarei a Minha igreja"***. *"Mas, quem é, ou o que é, 'a pedra'?"*, alguns poderiam questionar. Claramente, a resposta é: **a confissão de Pedro; não o próprio Pedro, como ensina a apostasia**. Verdadeiramente, ele era uma pedra - uma pedra viva no novo templo; *"Tu és Pedro"* - tu és uma pedra. Mas **a revelação do Pai, por Pedro, da glória da Pessoa de Seu Filho, é o fundamento sobre a qual a igreja é edificada - *"Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo"***. A glória e a Pessoa do Filho ressurreto é a verdade revelada aqui. ***"To não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus"***. Imediatamente após a confissão de

[1]N. do T.: Do inglês *rock foundation*, *corner stone* (ver Eph 2:20 e 1Pe 2:6) ou *foundation stone* (explicação no link, em inglês) . Pedra principal da esquina, ou pedra do fundamento. Do grego *lithos akrogoniaios:* pedra pertencente à esquina (extremo canto), ou pedra principal (aparece em Efésios 2.20 e 1 Pedro 2.6). Do hebraico *eben pinnah*: pedra angular, ou principal da esquina (aparece em Isaías 28:16 e Salmo 118:22). (Dicionário Strong de Grego e Hebraico)

Pedro, o Senhor dá a entender Sua intenção em edificar Sua igreja, **e afirma sua segurança eterna**. ***"Sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela."***

Ele mesmo, a fonte da vida, não podia ser vencido pela morte. Mas, **ao morrer como o grande Substituto pelos pecadores, Ele triunfou sobre a morte e a sepultura, e está vivo para sempre**, como disse ao apóstolo João após Sua ressurreição: ***"E [sou] o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém. E tenho as chaves da morte e do inferno."*** (Apocalipse 1:18). Quão majestosas e triunfantes são estas palavras! São palavras de um conquistador - de Alguém que tem poder, mas um poder sobre as portas do *hades* - o lugar dos espíritos separados de seus corpos. As chaves - símbolo de autoridade e poder - estão penduradas em Seu cinto. O golpe da morte pode cair sobre um cristão, mas o aguilhão dela se foi. Ela, agora, vem como uma mensageira de paz para conduzir o cansado peregrino para o descanso eterno da casa celestial. A morte não é mais mestre, mas sim serva do cristão. ***"Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso; seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, seja o presente, seja o futuro; tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus"*** (1 Coríntios 3:21-23)

A Pessoa de Cristo, então, **o Filho do Deus vivo - em Sua ressurreição e glória - é o fundamento, o sólido e imperecível fundamento, sobre a qual a igreja é edificada**. Como vivo dentre os mortos, Ele comunica vida em ressurreição a todos que são edificados nEle como a verdadeira pedra do fundamento. Pedro deixa isto claro em sua primeira Epístola: ***"E, chegando-vos para ele, pedra viva... sois vós também quais pedras vivas, edificados como casa espiritual"*** (1 Pedro 2:4-5). E mais adiante, no mesmo capítulo ele diz: ***"E assim para vós, os que credes, é preciosa"***, ou *"uma honra"*, em outras versões (1 Pedro 2:7). Que possamos entender essas duas preciosas verdades em conexão com nossa "Pedra do Fundamento" - a vida divina e a preciosidade divina. Ambas são dadas e se tornam posse de todos os que colocam sua confiança em Cristo. ***"Chegando-vos a Ele"***, não a qualquer outra coisa; **é à Pessoa de Cristo que devemos ir, e com a qual devemos estar ligados**. Sua vida - vida em ressurreição - se torna nossa. A partir desse momento, **Ele é nossa vida**. ***"Chegando-vos para ele, pedra viva... sois vós também quais pedras vivas, edificados como casa espiritual"***. A própria vida de Cristo, como o Homem ressuscitado, **e tudo o que é Sua herança é também nossa**. Oh, que surpreendente, maravilhosa e bendita verdade! Quem não desejaria, acima de todas as coisas, essa vida, e essa vida além do poder da morte - além das portas do *hades*? Uma vitória eterna está

gravada na vida ressurreta de Cristo, que não pode nunca mais ser testada; esta é a vida do crente.

Porém, há **mais que vida** para cada pedra viva no templo espiritual. Há também **a preciosidade de Cristo**. ***"E assim para vós, os que credes, é preciosa"***. Portanto, do mesmo modo como a vida de Cristo se torna nossa quando cremos nEle, assim também é Sua preciosidade. O princípio é o mesmo para ambos. A vida pode ser vista como nossa capacidade de desfrutar, e a preciosidade, como nosso título de possessão e herança nas alturas. Suas honras, tútilos, dignidades, privilégios, possessões, glórias, são nossas - **tudo é nosso nEle**. ***"Para aqueles que creem Ele é a preciosidade"***. Que pensamento maravilhoso! ***"Ele amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela"*** (Efésios 5:25). Tal é nossa Pedra do Fundamento, e tal a bem-aventurança de todos os que estão sobre a Rocha. Assim como Jacó, sendo peregrino e estrangeiro, descansou sobre a pedra no deserto, e todo o panorama das riquezas celestiais em graça e glória passaram diante dele (Gênesis 28).

Cristo, O Único Construtor de Sua Igreja

Cristo, porém, é também o Construtor de Sua igreja. O edifício contra o qual nenhuma artimanha ou poder do inimigo poderia jamais prevalecer **é a própria obra de Cristo,** embora muitas vezes lemos sobre outros edificadores que participaram dela. ***"Sobre esta pedra edificarei a Minha igreja"***. É bom ser claro nesse ponto para que não confundamos o que o homem edifica com o que Cristo edifica. Isto pode trazer uma imensa confusão para a mente, tanto em relação à verdade de Deus quanto ao presente estado da Cristandade, a menos que a distinção entre elas seja claramente entendida. Não há a nada mais importante do que notar que aqui é Cristo o único Construtor de Sua igreja, apesar de Paulo, Apolo e todos os verdadeiros evangelistas terem sido pregadores que levaram pecadores a crer. **A obra do Senhor nas almas dos crentes é perfeita**. É uma obra real, espiritual e pessoal. **Por meio de Sua graça em seus corações eles vão até Ele, como a uma pedra viva, e são edificados sobre Ele que está ressurreto dentre os mortos**. Eles provaram que o Senhor é gracioso. Assim são as pedras vivas com as quais o Senhor edifica Seu templo santo, e as portas do inferno nunca poderão prevalecer contra isto. Assim, o próprio Pedro, e todos os apóstolos, e todos os crentes são edificados como uma casa espiritual. Quando Pedro fala desse edifício em sua primeira epístola, ele não diz nada sobre ele

mesmo ser um construtor. Aqui Cristo é o Construtor. É a obra dEle, e dEle somente. ***"Edificarei a Minha igreja"***, disse Ele.

Vejamos agora, a partir da Palavra de Deus, o que o homem edifica, que materiais usa, e o modo como trabalha. Em 1 Coríntios 3 e 2 Timóteo 2 temos isto diante de nós. ***"Uma grande casa"*** **é levantada pela instrumentalidade humana**: que, de certo modo, é também a igreja, e a casa de Deus, como lemos em 1 Timóteo 3:15 da ***"casa de Deus, a igreja do Deus vivo"***. É também chamada de casa de Cristo em Hebreus 3, ***"a qual casa somos nós"***. Mas a casa em breve se tornou tristemente corrompida pela fraqueza e maldade humana. **A autoridade da Palavra de Deus foi deixada de lado por muitos**, e a vontade do homem se tornou de máxima importância. **O efeito da filosofia humana** nas simples instituições de Cristo foi rápida e dolorosamente manifesta. Porém madeira, feno e palha nunca poderiam ser *"bem ajustados"* com o ouro, a prata e as pedras preciosas. A casa se tornou grandiosa no mundo, assim como a árvore de mostarda, em cujos galhos se encontra uma inconveniente morada para toda ***"ave imunda e odiável"***. A conexão com a "grande casa" **dá ao homem um status no mundo, muito diferente do Mestre, que foi desprezado e rejeitado**. O arquebispo está ao lado da realeza. Mas a igreja professa não é apenas exteriormente grande, **sendo ainda mais pretensiosa ao tentar colocar o selo de Deus sobre sua própria obra ímpia**. Essa é sua maior perversidade, e a fonte de sua cegueira, confusão e mundanismo.

Paulo, como um homem escolhido pelo Senhor para Sua obra, lançou os alicerces do *"edifício de Deus"* em Corinto, e outros edificaram sobre ele. Mas nem todos edificaram com material divino. O fundamento correto estava posto, e cada um deveria ver como edificava sobre ele. Em conexão com o verdadeiro fundamento, alguns podiam edificar com ouro, prata e pedras preciosas, e outros com madeira, feno e palha. Isto é, **alguns podiam ensinar a sã doutrina** e procurar por uma fé viva em todos os que desejassem entrar em comunhão, e **outros podiam ensinar doutrinas erradas e receber à comunhão da igreja pessoas nas quais não havia fé verdadeira, mas sim a mera observância externa de ordenanças**. Aqui a instrumentalidade, responsabilidade e falha do homem entram. No entanto, o próprio edificador pode ser salvo pela fé em Cristo, todavia sua obra é destruída.

Mas há ainda uma outra e pior classe de edificadores, que corrompe o templo do Senhor, e são eles mesmos destruídos. Citamos aqui, para a conveniência do leitor, a passagem integral. Nada poderia ser mais claro. *"Segundo a graça de*

Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele. ***Porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo****. E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará; na verdade o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo... Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá."* (1 Coríntios 3:10-17)

Podemos ainda observar nas palavras do Senhor, ***"sobre esta pedra edificarei a Minha igreja"***, que Ele não havia começado a construir ainda: Ele está dizendo aos discípulos **o que Ele ainda iria fazer**. Ele não diz que já a edificou, ou que a está edificando, mas que irá edificá-la. Isto ele começou a fazer no dia de Pentecostes.

Mas há uma outra verdade ainda mais intimamente conectada com a história da igreja, e ligada à sua condição e caráter na Terra, que devemos observar antes de darmos prosseguimento à sua real história. Referimo-nos à verdade contida na expressão: ***"As chaves do reino dos céus"***.

As Chaves do Reino dos Céus

Isso nos leva à já mencionada "grande casa" da profissão de fé cristã meramente externa. No entanto, devemos ter em mente que, apesar de intimamente conectados, o reino dos céus e a grande casa referem-se a coisas um tanto distintas. O mundo pertence ao Rei. ***"O campo é o mundo"***. Seus servos devem ir a semear. Como resultado, temos "uma grande casa", ou Cristandade. [2]

[2]Os termos "igreja", "reino dos céus", e "grande casa" são bíblicos, e diferem um pouco em seus significados, como usados pelo Senhor e Seus apóstolos. **O termo "minha igreja", como usado pelo Senhor, engloba apenas membros vivos e verdadeiros**. O pensamento principal da expressão "reino dos céus" claramente se refere à autoridade do Senhor tendo ascendido às alturas. Todos os que professam sujeição a Ele pertencem a esse reino. Na "grande casa" vemos o mal em atividade, infiltrado no corpo professante por meio das falhas do homem, resultando em sua co-existência com o reino dos céus e com a igreja professante. Mas há ainda outro termo usado constantemente, e que não é encontrado nas Escrituras - a Cristandade. Trata-se de um termo eclesiástico, **e originalmente indicava todos os que foram cristianizados, ou aquelas porções do mundo em que o Cristianismo prevalecia**, distinguindo-as das terras pagãs ou maometanas. Mas agora, essa palavra tem sido usada como sinônimo dos outros três termos já mencionados. De modo geral, os quatro termos são usados para se referir à mesma coisa, apesar de serem originalmente diferentes em seu significado e aplicação. Mas onde não há confusão hoje em dia?

Porém, quando tudo aquilo que é meramente nominal na Cristandade for varrido pelo juízo de Deus, o reino será estabelecido em poder e glória. Esse será o milênio.

Enquanto ainda falava com Pedro sobre a igreja, o Senhor acrescentou: ***"E eu te darei as chaves do reino dos céus"***. A igreja sendo construída por Cristo, e o reino dos céus sendo aberto por Pedro, **são coisas muito diferentes**. É um dos grandes porém comuns erros da Cristandade usar os termos como sinônimos, como se significassem a mesma coisa. Escritores teológicos de todas as eras, **ao assumir que eles são iguais, escreveram sobre a igreja e o reino da maneira mais confusa possível**. A menos que tenhamos algum conhecimento dos modos dispensacionais de Deus, não poderíamos jamais manejar, ou dividir, bem Sua palavra (2 Timóteo 2:15). Não podemos confundir aquilo que o próprio Cristo edifica com aquilo que o homem edifica instrumentalmente, por meio de coisas como pregação e batismo. **A igreja que é o corpo de Cristo é edificada sobre a confissão de que Ele é o Filho do Deus vivo, glorificado em ressurreição**. Cada verdadeira alma convertida deve tratar com o próprio Cristo antes de ter algo a falar à igreja. O reino é algo muito mais amplo, e se aplica a cada pessoa batizada - isto é, todo o cenário da profissão cristã, seja ela verdadeira ou falsa.

Cristo não diz a Pedro que lhe daria as chaves da igreja ou as chaves dos céus. Se o tivesse feito, poderia realmente haver algum motivo para o sistema maligno do papado. Mas Ele simplesmente diz: ***"Te darei as chaves do reino dos céus"*** - isto é, de uma nova dispensação. Chaves, como já foi dito, não servem para construir templos, mas para abrirem portas, e o Senhor concedeu a Pedro a honra de abrir a porta do reino, primeiramente aos judeus (Atos 2), e depois aos gentios (Atos 10). Mas a linguagem que Cristo utiliza ao falar de Sua igreja é de uma outra ordem. É simples, bonita, enfática e inconfundível. ***"Minha igreja"***. **Que profundidade, que plenitude há nessas palavras.** ***"Minha igreja"*!** Quando o coração encontra-se em comunhão com Cristo em relação à Sua igreja, existe uma compreensão de Suas afeições que palavras não têm o poder de expressar. Mas assim como são, gostamos de ponderar nestas duas palavras, ***"Minha igreja!"***, mas quem pode falar do quanto do coração de Cristo que está aí revelada? Novamente, pense nessas outras duas palavras: ***"Esta pedra"***, como se Ele tivesse dito: *"A glória da Minha Pessoa, e o poder da Minha vida em ressurreição formam o sólido fundamento da 'Minha igreja"'*. E de novo: ***"Eu a edificarei"***. Vemos, assim, nessas sete palavras, que tudo está nas próprias mãos de Cristo, pois Ele é a ***"cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele***

que cumpre tudo em todos." (Efésios 1:23)

A Abertura do Reino dos Céus

O Senhor, de maneira especial, concedeu a Pedro a administração do reino, como vemos nos primeiros capítulos de Atos. O termo é tirado do Antigo Testamento (veja Daniel 2 e 7). No capítulo 2, temos o reino; no capítulo 7, temos o Rei. A frase "reino dos céus" aparece apenas no Evangelho de Mateus, no qual o evangelista escreve principalmente para Israel.

A vinda do reino dos céus em poder e glória à Terra, na Pessoa do Messias, era **a natural expectativa de todo judeu fiel**. João Batista, como precursor do Senhor, apareceu pregando que o reino dos céus estava próximo. Mas, **em vez de receberem o Messias, os judeus O rejeitaram e crucificaram.** Consequentemente, o reino, de acordo com as expectativas judaicas, foi deixado de lado. No entanto, ele foi introduzido de uma outra forma. Quando o rejeitado Messias ascendeu ao Céu, e tomou Seu lugar à direita de Deus, triunfante sobre todos os inimigos, o reino dos céus começou. Agora o rei está no Céu, e como Daniel diz, ***"o Céu reina"***, embora não abertamente. E, a partir do tempo em que Ele subiu até Seu retorno, este é o reino em mistério (Mateus 13). Quando Ele voltar novamente em poder e grande glória, será o reino manifesto.

A Pedro foi dado o privilégio de abrir esse reino para ambos judeus e gentios. Isto foi feito em sua pregação aos judeus, em Atos 2, e em sua pregação aos gentios, em Atos 10. Mas, novamente, devemos prestar atenção ao fato de que **a igreja de Deus e o reino dos céus não são a mesma coisa**. Sejamos claros, para começar, quanto a este ponto fundamental. A identificação falha das duas coisas têm produzido grande confusão de ideias e pode ser vista como a origem do puseísmo[3], do papado, e de todo o sistema humano da Cristandade. Os comentários da próxima seção sobre a parábola do joio tratam diretamente desse assunto, apesar de se referirem a um período posterior ao dos primeiros capítulos de Atos.[4]

[3]Movimento ritualista que visava a aproximar do catolicismo a igreja anglicana.
[4]Lectures on the Gospel of Matthew. Por W. Kelly.

A Parábola do Joio

"**Mateus 13:24,25.** ***'Propôs-lhes outra parábola, dizendo: O reino dos céus é semelhante ao homem que semeia a boa semente no seu campo; Mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se'*** - isso é exatamente no que se tornou a profissão cristã. Há duas coisas necessárias para a invasão do mal entre os cristãos. A primeira é falta de vigilância dos próprios cristãos. Eles se tornam descuidados, dormem, e o inimigo vem e semeia joio. Isto começou a acontecer logo no início da história da Cristandade. Encontramos essas sementes mencionadas até no livro de Atos dos Apóstolos, e cada vez mais nas Epístolas. A Primeira Epístola aos Tessalonicenses é a primeira que o apóstolo Paulo escreveu, e a segunda foi escrita pouco tempo depois. E nesta ele já fala que o mistério da iniquidade ja operava, e que se seguiriam outras coisas, como a apostasia e o homem do pecado, e que, quando a impiedade fosse plenamente manifesta (e não como opera agora, em segredo), então o Senhor colocaria um fim no iníquo e em todos os envolvidos com ele. O mistério da iniquidade parece ser semelhante ao joio mencionado aqui. Algum tempo depois, ***'quando a erva cresceu e frutificou'***, quando o cristianismo começou a avançar rapidamente sobre a Terra, ***'então apareceu também o joio'***. Mas é evidente que o joio foi semeado quase imediatamente depois da boa semente. Sempre que Deus realiza uma obra, Satanás fica no pé. Quando o homem foi feito, ele deu ouvidos à serpente e caiu. Quando Deus deu a lei, ela foi quebrada antes mesmo de ser entregue nas mãos de Israel. **Assim é sempre a história da natureza humana. "**

"Assim o mal está feito no campo, e nunca reparado. O joio não deve ser retirado do campo no tempo presente: não há juízo para ele por enquanto. Isso significa que deve haver joio na igreja? Se o reino dos céus fosse a mesma coisa que a igreja não deveria haver nenhum tipo de disciplina: deveríamos permitir a imundície da carne ou do espírito ali. **Eis a importância de saber distinguir a igreja do reino**. O Senhor proíbe que o joio seja tirado do reino dos céus: ***'Deixai crescer ambos juntos até à ceifa'*** (Mateus 13:30), isto é, até que o Senhor venha em juízo. Se o reino dos céus fosse a mesma coisa que a igreja, repito, então implicaria em nada menos que isso: que ne-

nhum mal, seja ele flagrante ou simples, deveria ser colocado para fora da igreja[5] até o dia do juízo. Vemos, então, a importância da fazer essas distinções que tantos desprezam. Elas são totalmente importantes para a verdade e santidade. Não existe nem mesmo uma única expressão na Palavra de Deus que possamos ignorar."

"Qual é, então, o significado dessa parábola? **Não tem nada a ver com a questão da comunhão da igreja**. É do 'reino dos céus' que é falado aqui - **o cenário da confissão cristã, seja verdadeira ou falsa**. Assim gregos, coptas, nestorianos, católicos romanos, assim como evangélicos protestantes fazem parte do reino dos céus; **não apenas os crentes, mas também as más pessoas que professam o nome de Cristo**. Um homem que não é judeu nem pagão, e que professa exteriormente o nome de Cristo, está no reino dos céus. Ele pode até ser muito imoral e herege, mas **não deve ser tirado do reino dos céus**. Mas, seria correto recebê-lo à mesa do Senhor? Deus o proíbe! Se uma pessoa caída em pecado aberto estiver **na assembleia, deve ser colocado para fora dela**, mas não será colocada para fora do reino dos céus. De fato, isto só poderia ser feito tirando sua vida, arrancando o joio pela raiz. E **é nisto que o cristianismo mundano caiu**, em um espaço de tempo não muito longo após os apóstolos partirem da Terra. Punições temporais foram introduzidas para disciplina: leis foram criadas com o propósito de entregar o refratário para o poder civil. Se não honrassem a assim chamada igreja, aos desobedientes não seria permitido viver. Deste modo, o mesmo mal contra o qual o Senhor estivera protegendo seus discípulos continuou; o Imperador Constantino usou a espada para reprimir os ofensores da "igreja". Ele e seus sucessores introduziram penas temporais para lidar com o joio, tentando arrancá-los. Tome **a "igreja" de Roma, onde vemos tamanha confusão entre a igreja e o reino dos céus**: eles clamavam que, se um homem for herege, deveria ser entregue às cortes do mundo para ser queimado. Eles também nunca confessam ou corrigem o erro, pois fingem ser infalíveis. Supondo que as vítimas fossem realmente joio, isto seria tirá-los do reino. Se você arranca o joio do campo, você o mata. Podem haver homens lá fora profanando o nome de Deus, mas **devemos deixar que Deus lide**

[5] N. do T.: No sentido de assembleia local em seu caráter terreno, uma vez que não é possível perder a salvação e ser tirado do corpo de Cristo. Ver `http://aguapelapalavra.blogspot.com/2013/01/a-posicao-e-o-estado-do-crente.html`

> **com eles.**”
>
> “Isso não anula a responsabilidade cristã referente àqueles que estão à mesa do Senhor. Você encontrará instruções sobre tudo isso no que foi escrito sobre a igreja. ***'O campo é o mundo'*, a igreja engloba apenas aqueles que acredita-se serem membros do corpo de Cristo**. Tomemos 1 Coríntios, onde temos o Espírito Santo mostrando a verdadeira natureza da disciplina eclesiástica. Suponhamos que haja cristão professos vivendo na prática do pecado; tais pessoas não devem ser consideradas, enquanto continuarem no pecado, como membros do corpo de Cristo. Um verdadeiro santo pode cair em pecado aberto, mas a igreja, sabendo disto, é responsável por intervir com o propósito de expressar o juízo de Deus sobre o pecado. Se deliberadamente permitissem tais pessoas a estar à mesa do Senhor, estariam efetivamente fazendo do Senhor cúmplice do pecado. A questão não é se a pessoa é convertida ou não. **Se não convertidos, os homens não têm nada a ver com a igreja, e se convertidos, o pecado não deve ser ignorado**. O culpado não deve ser tirado do reino dos céus, mas deve ser colocados para fora da assembleia (igreja local). Assim, o ensinamento da palavra de Deus é muito clara sobre essas duas verdades. É errado usar de punições do mundo para lidar com um hipócrita, mesmo que ele seja detectado. Devemos procurar o bem de sua alma, mas isso não é motivo para puni-lo. No entanto, se um cristão está em pecado, a igreja não deve suportá-lo, apesar de ser exortada a ser paciente no juízo. Mas devemos deixar os não convertidos para serem julgados pelo Senhor em sua vinda. ”
>
> “Este é o ensinamento da parábola do joio, que fornece uma visão muito solene da Cristandade. Assim como o Filho do homem semeou a boa semente, Seu inimigo semeou a má, que cresceu junto com o resto, e este mal não pode ser arrancado no momento presente. Existe uma solução para o mal que entra na igreja, mas não ainda para o mal no mundo.” [6]

É perfeitamente claro, tanto das Escrituras quando da história, que o grande erro no qual caiu o corpo professante é a confusão quanto a essas duas coisas - o joio e o trigo; ou, de maneira prática, **aqueles que foram admitidos, pela administração do batismo**, a possuir todos os privilégios oficiais e temporais

[6] Trecho retirado dos Estudos sobre o Evangelho de Mateus, de William Kelly

da igreja professa com aqueles que realmente se converteram e foram ensinados por Deus. Mas a vasta diferença entre o que podemos chamar de sistema sacramental e sistema vital deve ser claramente entendida e cuidadosamente distinguida, se quisermos estudar a história da igreja corretamente.

Outro erro, igualmente sério, segue como consequência. O grande e professo corpo se tornou, aos olhos e na linguagem dos homens, a "igreja". Homens piedosos foram atraídos por essa armadilha, de modo que a distinção entre a igreja e o reino foi, muito cedo, perdida de vista. Todos os lugares e privilégios mais sagrados da igreja professa foram, então, compartilhados tanto por pessoas piedosas quanto por ímpios. A Reforma falhou completamente em limpar a igreja dessa triste mistura, que tem sido transmitida a nós por sistemas como os Anglicanos, Luteranos e Presbiterianos, como fica claro pela forma do batismo. **Em nossos dias, o sistema sacramental prevalece** em um nível alarmante, e cresce rapidamente. **O real e o formal, o vivo e o morto, são indistinguíveis nas várias formas do protestantismo**. Infelizmente, e como isso é sério, há muitos na igreja professa - no reino dos céus - que nunca entrarão no Céu propriamente dito. Aqui encontramos tanto joio como trigo, servos maus e fiéis, virgens néscias e sábias. Embora todos os que foram batizados são contados no reino dos céus, **apenas aqueles que forem vivificados e selados com o Espírito Santo pertencem à igreja de Deus**.

Mas há ainda outra coisa ligada à igreja professa que exige um breve estudo aqui. É o princípio divino do governo na igreja, sobre o qual falaremos no próximo capítulo.

O Princípio Divino do Governo na Igreja

Deus não apenas dá a Pedro as chaves que poderiam abrir as portas da nova dispensação, mas também lhe confia sua administração interna. Esse princípio é totalmente importante no que tange à igreja de Deus. As palavras da comissão são estas: ***"E tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus."*** A questão é, o que estas palavras significam? Claramente cremos que é a autoridade e o poder do Senhor a ser exercitada na igreja, porém limitada, em seu resultado, a este mundo. Não há nas palavras do Senhor pensamentos sobre a igreja decidindo qualquer coisa nos céus. Esta é a falsa interpretação e o poder nefasto da apostasia. A igreja na terra pode não ter nada a dizer ou fazer sobre o que é feito nos céus no que diz

respeito a ligar e desligar. **A esfera de sua ação está dentro de seus próprios limites** e, quando feita de acordo com a comissão de Cristo, há a promessa da ratificação nos céus.

Também não há aqui qualquer pensamento sobre a igreja, ou qualquer de seus oficiais, estando no papel de intermediários entre uma alma e Deus no que diz respeito ao perdão eterno ou juízo eterno. Essa é a ousada blasfêmia de Roma. ***"Quem pode perdoar pecados, senão Deus?"*** Ele reserva esse poder somente a Ele mesmo. Além disso, os indivíduos que estão sujeitos ao governo da igreja já são perdoados, ou, ao menos, têm direito ao perdão. ***"Não julgais vós os que estão dentro?"*** Isto apenas se aplica àqueles que estão dentro dos limites da igreja. *"Mas Deus julga os que estão fora"* (1 Coríntios 5:12-13). De cada crente no amplo campo da Cristandade é dito: ***"Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados."*** (Hebreus 10:14). Assim, a retenção ou remissão dos pecados por parte da igreja vale apenas para o tempo presente, e é estritamente administrativa em seu caráter. É o princípio divino de receber pessoas na assembleia de Deus [7], com base no **testemunho adequado de suas conversões, solidez na doutrina e santidade de vida**; e também de colocar para fora os ofensores impenitentes até que sejam restaurados pelo verdadeiro arrependimento.

Mas alguns de nossos leitores podem ter a comum impressão de que esse poder foi dado apenas a Pedro e ao resto dos apóstolos, e consequentemente deixou de existir após eles. Isto é um erro. Realmente, isso foi dado a Pedro em primeira instância, como já vimos, e sem dúvida um poder maior foi exercitado durante os dias dos apóstolos como nunca foi visto depois, **mas não havia uma autoridade maior**. **A igreja possui a mesma autoridade agora, em relação à disciplina na assembleia,** embora com menos poder. **A palavra do Senhor permanece intacta**. Apenas um apóstolos, nós cremos, poderia falar como Paulo falou em 1 Coríntios 5: ***"Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, juntos vós e o meu espírito, pelo poder de nosso Senhor Jesus Cristo, seja, este tal, entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus."*** Isto era poder espiritual em um indivíduo, e não o julgamento da igreja[8]. O mesmo apóstolo, em referência ao mesmo caso, diz à assembleia: ***"Ti-***

[7]N. do T.: Aqui no sentido da igreja de Deus, e não de uma denominação que possa levar esse nome

[8]"Entregar a Satanás é um ato de poder; expulsar uma pessoa é um dever ligado à fidelidade da assembleia. Sem dúvida, a exclusão da assembleia de Deus é algo muito sério e nos deixa expostos à tristeza e vários transtornos vindos do inimigo. Mas entregar diretamente a Satanás é um ato de poder positivo. Isso foi feito no caso de Jó para seu bem. Também foi feito por Paulo

rai pois dentre vós a esse iníquo." (1 Coríntios 5:13). O ato de tirar foi o ato, não somente do apóstolo, mas **de toda a assembleia**. Nesse caso, e dessa maneira, os pecados da pessoa excomungada foram retidos, embora seja, evidentemente, um homem convertido. Na Segunda Epístola, capítulo 2, o encontramos totalmente restaurado. Seu arrependimento é aceito pela assembleia e seus pecados são remidos. O transbordamento do coração do apóstolo nessa ocasião, e suas exortações à igreja, são lições valiosas para todos os que estão envolvidos com o governo da igreja, e se destinam a remover a terrível desconfiança com a qual na maioria das vezes que os irmãos que erraram são recebidos de volta aos privilégios da assembleia. ***"Basta-lhe ao tal esta repreensão feita por muitos. De maneira que pelo contrário deveis antes perdoar-lhe e consolá-lo, para que o tal não seja de modo algum devorado de demasiada tristeza. Por isso vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor."*** (2 Coríntios 2:6-8). Aqui temos um caso pontual, ilustrativo do governo da assembleia de acordo com a vontade de Cristo. ***"Tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que tu desligares na terra será desligado nos céus"***.

Esse Princípio do Governo na Igreja Ainda é Aplicável

Mas *"como esses princípios podem ser realizados em nossos dias?"* é ainda a questão e a dificuldade de muitos. Bem, **basta voltarmos à palavra de Deus**. Devemos ser capazes e dispostos a dizer: ***"Nada podemos contra a verdade, senão pela verdade."*** (2 Coríntios 13:8)

A autoridade e poder administrativos da qual falamos não foram dados apenas a Pedro e aos outros apóstolos, mas também à igreja. Em Mateus 18 temos a elaboração do princípio estabelecido no capítulo 16: *"... dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu... Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles."* (Mateus 18:17-20)

---

em 1 Coríntios 5, embora agindo no contexto de uma assembleia estabelecida, e para a destruição da carne. E outra vez, sem referência à assembleia, em 1 Timóteo 1, quanto à Himeneu e Alexandre, para que aprendessem a não blasfemar. Toda a disciplina é para a correção do indivíduo, e também para a manutenção da santidade da casa de Deus, e da pureza da consciência dos próprios santos" - trecho extraído do livro *Present Testimony*, volume 1

Assim aprendemos que os atos de dois ou três reunidos ao nome de Cristo têm a mesma aprovação divina que a administração de Pedro. E novamente, em João 20, o Senhor ressurreto apresenta o mesmo princípio do governo aos discípulos, e não apenas aos apóstolos, onde **a assembleia está vividamente unida a Cristo como o Homem ressuscitado**. Isto é totalmente importante. **O espírito da vida de Jesus Cristo torna os discípulos livres - todos eles - da lei do pecado e da morte**. A igreja é construída sobre **"esta pedra" - Cristo em ressurreição**, e as portas do *hades*[9] não podem prevalecer contra ela. *"Chegada, pois, a tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus, e pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco. E, dizendo isto, mostrou-lhes as suas mãos e o lado. De sorte que os discípulos se alegraram, vendo o Senhor. Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco; assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós. E, havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos."* (João 20:19-23)

Podemos dizer que aqui o Senhor estabelece e dá início à nova criação. Os discípulos estão cheios e vestidos de paz, e com o Espírito da vida de Cristo Jesus. Eles devem seguir adiante como Seus mensageiros, partindo de Seu túmulo vazio devido à ressurreição, levando **a bendita mensagem de paz e vida eterna a um mundo inclinado ao pecado, à tristeza e à morte**. O princípio de seu próprio governo interno é também claramente estabelecido, e sua devida administração sempre dará à assembleia cristã um caráter distintivo e celestial, tanto na presença de Deus quanto na presença do homem.

O Princípio de Receber Pessoas no Início da Igreja

Como o princípio apresentado é a base adequada para todas as reuniões cristãs, pode ser interessante olhar por um momento para sua operação nos dias dos apóstolos. Certamente eles entendiam seu significado e como aplicá-lo.

No dia de Pentecostes, e algum tempo depois, não parecia que os jovens convertidos eram submetidos a qualquer prova quanto à realidade de sua fé. ***"De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas"*** (Atos 2:41). Assim, receber

[9] Leia mais sobre o hades e outros termos relacionados à vida após a morte aqui: `http://manjarcelestial.blogspot.com.br/2013/05/a-morte-o-estado-intermediario.html`

a palavra já os colocavam no terreno do batismo e da comunhão; mas a obra estava, até então, inteiramente nas próprias mãos de Cristo. ***"E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar."*** (Atos 2:47). Podemos também mencionar a tentativa de enganar os apóstolos por Ananias e Safira, que foi detectada de imediato. Pedro age em seu lugar de direito, mas o Espírito Santo estava lá em majestade e poder. Por isso ele diz a Ananias: ***"Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo?"*** (Atos 5:3)

Mas tal estado virgem das coisas logo acabou. A falha se instala - o Espírito Santo foi entristecido, e **tornou-se necessário examinar** aqueles interessados em estar em comunhão a fim de verificar se seus motivos, objetivos e estado de alma estavam de acordo com a mente de Cristo. Estamos agora na condição das coisas descrita em 2 Timóteo 2. Devemos estar em comunhão apenas com ***"os que, com um coração puro, invocam o Senhor"*** (2 Timóteo 2:22).

Depois que a igreja se tornou tão misturada com adeptos meramente nominais, um grande cuidado tornou-se necessário ao receber pessoas à comunhão. Não é suficiente que a pessoa diga que é convertida e exija admissão na assembleia com base em suas próprias declarações: ela deve se submeter ao exame por parte de cristãos experientes. Quando alguém professa ter sido despertado para a consciência do pecado, e ter sido levado ao arrependimento diante de Deus, e fé no Senhor Jesus Cristo, sua confissão deve ser examinada por aqueles que passaram, eles próprios, pelos mesmos tipos de experiência. E mesmo onde a conversão é manifestamente genuína, **um cuidado piedoso e gentil deve ser exercido na recepção**, pois algo desonroso para Cristo, prejudicial e enfraquecedor para a assembleia, pode acabar entrando, mesmo inconscientemente. É necessário discernimento espiritual aqui. E esta é a mais verdadeira demonstração de bondade para com o requerente, e **nada mais do que um cuidado necessário para a honra de Cristo e a pureza da comunhão**. A comunhão cristã acabaria se pessoas fossem recebidas com base apenas em suas próprias opiniões sobre elas mesmas.

Em Atos 9 vemos esse princípio na prática no caso do próprio apóstolo Paulo. E, certamente, **se ele não podia ser aceito sem testemunho adequado, quem deveria reclamar?** É verdade que seu caso foi peculiar, porém ainda assim pode ser tomado como uma ilustração prática do nosso assunto.

Encontramos aqui tanto Ananias em Damasco, quanto a igreja em Jerusalém questionando a realidade da conversão de Saulo, mesmo tendo sido miraculosa.

É claro que ele tinha sido um inimigo aberto do nome de Cristo, e isto deve ter tornado os discípulos ainda mais cuidadosos. **Ananias hesitou em batizá-lo até que estivesse plenamente convencido de sua conversão**. Ele consulta o Senhor sobre o assunto, e depois de ouvir Sua vontade, ele vai diretamente a Saulo, e garante a ele que foi enviado pelo mesmo Jesus que lhe tinha aparecido no caminho para Damasco, confirmando a verdade sobre o que tinha acontecido. Saulo é grandemente confortado, volta a ver, e é batizado.

Então, sobre a ação da igreja em Jerusalém lemos: ***"E, quando Saulo chegou a Jerusalém, procurava ajuntar-se aos discípulos, mas todos o temiam, não crendo que fosse discípulo. Então Barnabé, tomando-o consigo, o trouxe aos apóstolos, e lhes contou como no caminho ele vira ao Senhor e lhe falara, e como em Damasco falara ousadamente no nome de Jesus."*** (Atos 9:26-27) Paulo é um modelo de homem para a igreja em muitas coisas, e também nisso. Ele é recebido na assembleia - como todos os requerentes deveriam ser recebidos - com base no testemunho adequado quanto à genuinidade de seu cristianismo. Mas, enquanto todo o cuidado piedoso deve ser tomado para que os "Simãos Magos" [10] possam ser detectados, toda a ternura e paciência devem ser exercidas com os mais tímidos e hesitantes. De qualquer modo, a vida em Cristo e a consistência com a mesma deve ser sempre procurada (Veja Rom 14, 15;... 1 Cor 5 e 2 Cor 2). O caminho da igreja é sempre estreito.

O papado tem demonstrado sua desesperada iniquidade no mau uso que tem feito da prerrogativa da igreja de reter ou remir pecados, **resultando em todas as abominações da absolvição sacerdotal**. O protestantismo tomou o outro extremo - provavelmente temendo a própria aparência do papado - e **tem praticamente posto de lado completamente a disciplina**. **O caminho da fé, por outro lado, é somente seguir a palavra do Senhor.**

Tendo sido, então, apurado o terreno dos grandes princípios fundamentais da igreja e do reino, chegamos ao dia de Pentecostes - o primeiro momento da história da igreja na Terra. **A menos que entendamos os princípios do cristianismo, jamais poderemos compreender sua história.**

[10] Ver Atos 8

Capítulo 2

De Pentecostes ao Martírio de Estêvão

O Dia de Pentecostes

A festa judaica de Pentecostes pode ser chamada de dia do nascimento da igreja cristã. Era também o aniversário da entrega da lei no Monte Sinai, embora aparentemente não havia um dia observado pelos judeus para comemorar o evento. Cinquenta dias depois da ressurreição de nosso Senhor a igreja foi formada - deu-se início à sua história. Os santos do Antigo Testamento não fazem parte da igreja do Novo Testamento. **Ela não existia, de fato, até o dia de Pentecostes.**

Todos os santos, desde o início, possuem a mesma vida eterna, são filhos do mesmo Deus e Pai, e o mesmo Céu será a casa deles para sempre. No entanto, os santos do Antigo Testamento pertencem a outra dispensação[1] (isto é, uma maneira de Deus tratar com o homem em uma determinada época), ou a diferentes dispensações que ocorreram antes da vinda de Cristo. Cada dispensação tem sua própria origem, progresso, declínio e queda nas Escrituras, e terá seu próprio reflexo no Céu. Nem as pessoas nem as dispensações serão indistinguíveis lá.

Por isso, o apóstolo em Hebreus 11, ao falar dos antigos santos, diz: ***"E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa, provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós não fossem***

[1]Leia mais sobre dispensações: http://manjarcelestial.blogspot.com.br/2011/06/dispensacao.htmlouhttp://dispensacao.blogspot.com.br/2013/07/pacto-ou-dispensacao-prefacio_31.html

aperfeiçoados." (Hebreus 11:39-40). Certamente, se Deus proveu algo melhor para nós, **deve ser também algo diferente**. Não vamos nos opor à própria palavra de Deus. Além disso, nosso Senhor, em Mateus 16, diz: ***"Sobre esta pedra edificarei a Minha igreja"***. E ao mesmo tempo, Ele deu as chaves para abrir as portas da nova dispensação a Pedro. Até então Ele ainda não tinha começado a edificar Sua igreja, e as portas do reino ainda não estavam abertas. Mas a diferença entre o velho e o novo é vista mais distintamente quando falamos dos grandes eventos do dia de Pentecostes. Vamos começar com os tipos, ou figuras, de Levítico, capítulo 23.

Os filhos de Israel eram ordenados a levar uma porção das primícias de suas colheitas ao sacerdote, que deveria movê-las perante o Senhor, para que o povo fosse aceito por Deus. Cremos que esse rito prefigurava a ressurreição de nosso Senhor na manhã seguinte ao sábado judaico. A base da aceitação dos cristãos diante de Deus é o Cristo ressuscitado. *"Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando houverdes entrado na terra, que vos hei de dar, e fizerdes a sua colheita, então trareis um molho das primícias da vossa sega ao sacerdote. E ele moverá o molho perante o SENHOR, para que sejais aceitos; no dia seguinte ao sábado o sacerdote o moverá."* (Levítico 23:10-11) (Ver também Mateus 28 e Marcos 16)

Sete semanas completas após o mover das primícias, a festa de Pentecostes era celebrada. O primeiro era reconhecido como o primeiro dia da colheita na Judeia, e no último supostamente o milho estaria completamente colhido. Então eles faziam um festival solene de ações de graça. Dois pães feitos com a farinha da nova colheita caracterizavam os festejos. Eles deviam ser assados com fermento e tirados de suas casas. Alguns pensam que os dois pães prefiguravam o chamado da igreja, sendo composta de judeus e gentios. Seja como for, o número é significante. Duas testemunhas eram necessárias para prestar testemunho em Israel. O fermento indica, sem dúvidas, o pecado que habita no crente e, é claro, na igreja, vista em sua atual condição terrena.

Como o mover do feixe das primícias - uma bela figura do Cristo ressuscitado puro e santo - sacrifícios de cheiro suave eram oferecidos, mas nenhum sacrifício pelo pecado. Com o mover dos dois pães - figura daqueles que são de Cristo - uma oferta pelo pecado era apresentada. Estando lá o pecado, era necessária uma oferta para cobrí-lo. Embora **o perfeito sacrifício de Cristo satisfez a Deus tanto pelo pecado que habita no homem quanto pelos muitos pecados cometidos durante a vida**, ainda assim, na prática e na experiência, o pecado habita em nós, e assim será enquanto estivermos neste mundo. Todos

reconhecem isso, embora nem todos possam ver a completude, a integridade, da obra de Cristo. O cristão foi, por uma única oferta, feito perfeito para sempre, apesar de poder se humilhar a si mesmo e fazer confissão a Deus por cada falha.

O significado típico do Pentecostes foi notavelmente cumprido na descida do Espírito Santo. **Ele veio para reunir os filhos de Deus que andavam dispersos** (João 11:52). Por esse grande evento o sistema do judaísmo foi deixado de lado, e um novo vaso de testemunho - a igreja de Deus - foi introduzido. Agora, vamos observar a ordem dos eventos, começando pela ressurreição e ascensão de Cristo.

A Ressurreição e Ascensão de Cristo

Encarnação, Crucificação, Ressurreição, são os grandes fatos ou **verdades fundamentais da igreja** - do cristianismo. A encarnação era necessária para a crucificação, e ambos para a ressurreição. É **a bendita verdade de que Cristo morreu na cruz pelos nossos pecados**, mas é igualmente verdade que **o crente morreu em Sua morte** (Veja Romanos 8; Colossenses 2). A vida cristã é vida em ressurreição. **A igreja é edificada sobre o Cristo ressuscitado**. Nenhuma verdade pode ser mais bendita e maravilhosa do que a encarnação e crucificação, mas a igreja está associada com aquEle que está, agora, ressuscitado e glorificado.

Em Atos 1 temos aquilo que está conectado à ressurreição e ascensão do Senhor, e também com as ações dos apóstolos após a descida do Espírito Santo. O bendito Senhor, mesmo em ressurreição, ainda fala e age por meio do Espírito Santo. Foi ***"através do Espírito Santo"*** que Ele deu ordens aos apóstolos que Ele escolheu. Isso é digno de nota especial, pois nos ensina duas coisas:

1. O caráter de **nossa união com Cristo**; o Espírito Santo no cristão, e no Senhor ressurreto, une a ambos. ***"O que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito."*** Pelo "mesmo Espírito" eles são unidos.

2. Esse importante fato aponta para a bendita verdade **do Espírito Santo habitando e agindo no cristão**, até mesmo depois que realmente ocorrer a ressurreição. Então não haverá mais - como há agora - a carne em nós para Ele combater, mas irá, calma e desimpedidamente, nos levar à completa alegria do Céu - a feliz adoração, o bendito serviço, e a completa vontade de Deus.

O Senhor ressurreto, a seguir, exorta os apóstolos, que esperam em Jerusa-

lém pela "promessa do Pai" que, diz Ele, ouviste de Mim. ***"Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias."*** (Atos 1:5) Não é mais uma questão de promessas temporais a Israel; **estas devem ser deixadas de lado até um dia futuro**. A promessa do Pai sobre o Espírito Santo era algo inteiramente distinto, e grandemente diferente em seus resultados.

Muitas coisas *"concernentes ao reino de Deus"* foram conversadas entre o Senhor e Seus apóstolos, então Ele ascende (sobe) ao Céu, e uma nuvem O recebe, fora da vista dos discípulos. O retorno do Senhor é, então, mais clara e distintamente revelada: *"E, quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. E, estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois homens vestidos de branco. Os quais lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir."* (Atos 1:9-11) É bem evidente, a partir dessas palavras, que Ele subiu **pessoalmente, visivelmente, corporalmente**, e que Ele também virá de novo da mesma maneira - que Ele, novamente, aparecerá entre as nuvens, e será manifesto às pessoas na Terra, pessoalmente, visivelmente e corporalmente; mas, nesse dia, será com poder e grande glória.

Os apóstolos e discípulos agora aprenderam duas coisas:

1. Que Jesus foi tirado deste mundo para o Céu;

2. Que Ele estaria voltando novamente a este mundo.

Com base nesses dois grandes fatos o testemunho deles foi fundamentado. Mas Jerusalém seria o ponto inicial de seu ministério, e eles deveriam esperar pelo poder do alto. Chegamos, agora,

ao segundo grande evento, de extrema importância no que diz respeito à condição do homem neste mundo - o dom (dádiva) do Espírito Santo. Agora seria não apenas Deus por nós, mas **Deus em nós**. Isto aconteceu no dia de Pentecostes.

A Descida do Espírito Santo

O tempo chegou. **A redenção foi consumada, Deus foi glorificado - Cristo está à Sua direita no Céu, e o Espírito Santo desce à Terra**. Deus inaugura a igreja,

fazendo isto de maneira adequada à Sua própria sabedoria, poder e glória. Um poderoso milagre é operado, um sinal do alto é dado. O grandioso evento é assim registrado:

Atos 2: *"E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar. E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem."* Talvez seja bom fazer uma pausa por um momento e observar algumas coisas conectadas à descida do Espírito Santo e à demonstração de Seu poder nesse importante dia.

Havia, em primeiro lugar, **o cumprimento da promessa do Pai: o próprio Espírito Santo foi enviado do Céu**. Esta era a grande verdade do Pentecostes. Ele veio das alturas para habitar na igreja - o lugar preparado para Ele pela aspersão do sangue de Jesus Cristo. Havia também o cumprimento da palavra do Senhor aos apóstolos: ***"Vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias."*** (Atos 1:5). Talvez os discípulos não soubessem o significado dessas palavras, mas o fato é que agora estavam cumpridas. A revelação completa da doutrina do **"um só corpo"**aguardava o ministério de Paulo: ***"Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito."*** (1 Coríntios 12:13)

Mas, além disso, além dos vários dons dispensados para a obra do Senhor, temos algo mais benditamente pessoal, e bastante novo na Terra. **O próprio Espírito Santo veio habitar, não apenas na igreja coletivamente, mas também em cada indivíduo que crê no Senhor Jesus**. E, graças ao Senhor, este tão bendito fato é tão verdadeiro hoje quanto era naqueles dias. **Ele habita agora em cada crente que descansa na obra consumada (finalizada) de Cristo**. O Senhor tinha dito, predizendo esse dia: ***"Porque [o Espírito Santo] habita convosco, e estará em vós"*** (João 14:17). Esses dois grandes aspectos da presença do Espírito foram totalmente alcançados no dia de Pentecostes. Ele veio para habitar em cada cristão e na igreja; e agora - que bendita verdade - sabemos que Deus não é apenas para nós, mas em nós, e conosco.

Quando ***"Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude"***, Ele apareceu na forma de **uma pomba - um belo símbolo da imaculada pureza, da mansidão e da humildade de Jesus**. Ele não veio fazer Sua voz ecoar pelas

ruas, ou quebrar o caniço rachado, ou apagar o pavio que se queima. Porém, no caso dos discípulos que esperavam em Jerusalém, foi completamente diferente. O Espírito Santo desceu sobre eles como línguas repartidas - **línguas como que de fogo** que pousaram sobre cada um deles. Isto foi característico. Era o poder de Deus dando testemunho de que aquilo deveria ir além, não apenas para Israel, mas para todas as nações da Terra. A palavra de Deus também julgaria a todos que viriam depois - ela era como línguas de fogo[2]. **O juízo de Deus sobre o homem por causa do pecado tinha sido judicialmente expresso na cruz**, e agora tal fato solene deve ser tornado público a todos pelo poder do Espírito Santo. No entanto, a graça reina - reina através da justiça, para a vida eterna, por Cristo Jesus. **O perdão é proclamado aos culpados, salvação aos perdidos, paz aos conturbados, e descanso aos cansados**. Todos os que creem são, e serão para sempre, abençoados em - e com - um Cristo rescussitado e glorificado.

O espanto e consternação do Sinédrio e do povo judeu deve ter sido realmente grande na reaparição, em tal poder, dos seguidores do Jesus crucificado. Eles tinham, sem dúvida, concluído que, como o Mestre tinha partido, os discípulos não poderiam fazer nada por si mesmos. Para a maioria, os discípulos eram simples homens iletrados. Mas qual deveria ter sido o espanto das pessoas quando ouviram que aqueles homens simples estavam pregando corajosamente nas ruas de Jerusalém, e fazendo convertidos aos milhares para a religião de Jesus! Mesmo vista apenas historicamente, a cena é cheia do mais emocionante interesse, não havendo paralelo nos anais do tempo.

Jesus foi crucificado. Suas alegações de ser o Messias, à vista popular, tinham sido enterradas em Seu túmulo. Os soldados que guardavam Seu sepulcro tinham sido subornados para espalhar um falso relato quando à Sua ressurreição; a excitação popular tinha, sem dúvida, passado, e a cidade e a adoração no templo tinham retornado a seu curso normal, como se nada tivesse acontecido. Mas da parte de Deus as coisas não iriam ser deixadas passar quietamente. Ele estava esperando o tempo certo para reivindicar Seu Filho, e reivindicá-Lo

[2]N. do T.: fogo, na Bíblia, **sempre** aparece com a conotação de juízo de Deus. Podemos refletir sobre a diferença na forma como o Espírito Santo pousou sobre o Senhor (pomba, simbolizando paz, pureza, mansidão), e como Ele se manifestou ao descer sobre a igreja (línguas como que de fogo, simbolizando juízo). Os crentes, embora sejam completamente salvos do juízo de Deus e feitos perfeitos - pelo novo nascimento - aos olhos de Deus pela obra consumada de Cristo, ainda possuem em si a velha natureza - a carne - enquanto neste mundo. A semelhança das línguas com fogo, no dia de Pentecostes, provavelmente simboliza que o Espírito Santo, em juízo, luta contra a carne, conforme Gálatas 5:17: **"Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes se opõem um ao outro, para que não façais o que quereis."**

no mesmo cenário de Sua humilhação. Isso aconteceu cedo de manhã, no dia de Pentecostes. **Repentina e inesperadamente, Seus dispersos seguidores reapareceram em um poder miraculoso**. Eles ousadamente acusaram os governantes e as pessoas culpadas de Sua apreensão, julgamento e crucificação - que eles haviam matado seu próprio Messias - **mas que Deus O havia ressuscitado para ser Príncipe e Salvador, e para colocá-Lo em Seu lugar de direito no Céu.** ***"Onde o pecado abundou, superabundou a graça"*** (Romanos 5:20)

A sentença de Babel, podemos também mencionar, foi revertida naquele maravilhoso dia. Nas diferentes línguas, pelas quais o homem tinha sido condenado por ter desobedecido a Deus, a salvação é proclamada. Essa poderosa e maravilhosa obra de Deus atraiu a multidão. Eles são surpreendidos, e especulam sobre o estranho acontecimento. Cada um, em sua própria língua do país de onde vieram, ouve dos lábios dos pobres galileus sobre as maravilhosas obras de Deus. Os judeus que habitavam em Jerusalém, não entendendo essas línguas estrangeiras, zombavam. Então Pedro se pôs de pé, e declarou a eles em sua própria língua, **provando pelas suas próprias Escrituras, o verdadeiro caráter do que havia ocorrido.**

O Primeiro Apelo de Pedro aos Judeus

Então lemos: *"E em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, quando aquele som ocorreu, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos esses homens que estão falando? Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, e Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, todos nós temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus. E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer? E outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto. Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a sua voz, e disse-lhes: Homens judeus, e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia"*, ou, como devemos considerar, eram nove horas da manhã - a hora da oração no templo. (Atos 2:5-15)

Assim, Pedro toma a dianteira e explica aos judeus que as coisas maravilhosas que eles têm visto e ouvido naquela manhã **não eram resultado de emoção**, mas sim aquilo que deveria ser procurado segundo as suas próprias profecias das Escrituras. ***"Isto é o que foi dito pelo profeta Joel"*** (Atos 2:16). É marcante o motivo pelo qual Pedro se levanta e prega com tal ousadia, que é o terreno da ressurreição e exaltação de Cristo. Isto deve ser cuidadosamente observado, uma vez que mostra o fundamento sobre o qual a igreja descansa, e quando e onde sua história começa. **Este foi o primeiro dia de sua existência**, a primeira página de sua história, e seus primeiros triunfos do dom (presente) inefável de Deus para o homem.

"Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas. De sorte que, exaltado pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele próprio diz: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés. Saiba, pois com certeza toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo." (Atos 2:32-36)

Citamos agora as palavras de outro autor sobre os benditos efeitos do primeiro sermão de Pedro, e da presença do Espírito Santo na Terra:

"Não foi meramente uma mudança moral, mas um poder que pôs de lado todos os motivos que individualizavam aqueles que O tinham recebido, unindo-os em uma só alma, e em uma só mente. **Eles perseveravam na doutrina dos apóstolos, eles estavam em comunhão uns com os outros, eles partiam o pão, eles passavam o tempo em oração**: a consciência da presença de Deus era poderosa entre eles, e muitos sinais e maravilhas eram operados pelas mãos dos apóstolos. Eles estavam unidos pelos laços mais fortes, onde ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todos dividiam suas possessões com aqueles que necessitavam. Eles estavam diariamente no templo, o local público de Israel para os exercícios religiosos, ao mesmo tempo em que tinham seu próprio local, fora daquilo, quando partiam o pão nas casas diariamente. Eles comiam com alegria e júbilo de coração, louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo ao seu redor. Assim a assembleia foi formada, e o Senhor acrescentava todos os dias a ela o remanescente de Israel que seria salvo dos juízos que cairiam sobre a nação que havia rejeitado o Filho de Deus, seu próprio Messias. Deus trouxe à assembleia - assim propriedade dEle pela presença do Espírito Santo - aqueles a quem Ele poupou em Israel. Aqui se en-

contrava a presença e a casa de Deus, apesar da antiga ordem de coisas ainda existir até a execução do juízo sobre Israel[3]"

"A igreja foi formada, portanto, pelo poder do Espírito Santo que desceu do Céu, sobre o testemunho de que Jesus, que tinha sido rejeitado, foi elevado ao Céu, tendo sido feito, de Deus, Senhor e Cristo. Ela foi composta do remanescente judeu que seria poupado, com a reserva de acrescentar também os gentios sempre que Deus fosse chamá-los."[4]

Esta é, então, **a igreja de Deus: a união daqueles a quem Deus chamou para o nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito Santo**. O amor governa e caracteriza a recém-formada assembleia. As poderosas vitórias que a graça alcançou naquele memorável dia comprovou totalmente o poder do exaltado Senhor, e a presença do Espírito Santo na Terra. Três mil almas foram convertidas por meio de um único sermão. Aqueles que haviam sido inimigos declarados do Senhor, e que tinham participação na culpa de Seu assassinato, agora agonizavam sob o poder das palavras de Pedro. Alarmados pelo terrível pensamento de terem matado seu próprio Messias, e que Deus, em cuja presença eles estavam agora, O tinha exaltado à Sua própria destra no Céu, eles clamaram: ***"Que faremos, homens irmãos?"***

Pedro agora procura aprofundar as boas obras em suas almas - Ele [o Senhor], procura humilhar os judeus, uma vez orgulhosos e desdenhosos. ***"Arrependei-vos"***, diz Pedro, ***"e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo"***. Ele não diz simplesmente ***"Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo"***, embora, é claro, a fé e o arrependimento devem andar juntos onde quer que a obra é genuína. **Mas Pedro, neste caso, pressiona ao arrependimento. A culpa deles tinha sido grande demais**, e uma obra moral profunda em suas consciências era necessária para o arrependimento deles. Eles devem ver sua culpa diante de Deus, e receber a remissão de seus pecados aos pés daquEle que eles tinham rejeitado e crucificado. **No entanto, tudo era graça**. Seus corações foram tocados. Trocaram de lado, para o lado de Deus, contra eles mesmos - realmente **se arrependeram, foram perdoados, e receberam a dádiva do Espírito Santo. Agora eles são filhos de Deus e têm a vida eterna: o Espírito Santo habita neles.**

A realidade da mudança foi manifesta por uma completa mudança de caráter. ***"De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua***

[3]N. do T.: invasão romana e destruição do templo de Jerusalém no ano 70 d.C.
[4]Trecho extraído das Sinopses dos Livros da Bíblia, de J. N. Darby, vol. 4, p. 8.

palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas, e perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações." (Atos 2:41-42)

Batismo, na confissão de fé; recepção na assembleia; a ceia do Senhor, a comunhão dos santos, a oração; estas eram suas observâncias distintivas. Nesse momento, a oração do Senhor, ***"que todos sejam um"***, foi respondida, como lemos no capítulo 4. ***"E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns."*** (Atos 4:32). Vamos pular agora, a fim de continuar nossa linha de raciocínio, para o capítulo 10 de Atos.

O Chamado Dirigido aos Gentios

Cornélio, o centurião, um homem devoto, e aqueles que estavam com ele, são agora recebidos na igreja de Deus. Pedro havia dado a entender tal chamado em seu primeiro discurso. Ele é agora convocado por Deus, de um modo especial e com indicações especiais de Seu propósito, para abrir a porta àqueles gentios tementes a Deus. Até esse momento a igreja consistia principalmente, se não exclusivamente, de judeus. Mas Deus tratou carinhosamente com seu povo antigo, considerando seus preconceitos nacionais. ***"Cornélio, ... piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa, o qual fazia muitas esmolas ao povo, e de contínuo orava a Deus."*** (Atos 10:1-2). Eles não podiam ter qualquer objeção, de modo pessoal, quanto a receber tal pessoa. Assim, Deus é gracioso, terno e misericordioso. Mas nenhuma dúvida foi deixada na mente de Pedro quanto à vontade divina. Deus graciosamente silenciou seus raciocínios, e venceu sua relutância com a suave repreensão: ***"Não faças tu comum ao que Deus purificou"***.

Pedro agora procede, embora lentamente. Era um novo tipo de trabalho para ele. **Mas nada parece mais surpreendente a Pedro do que o fato de que os gentios deveriam ser trazidos à benção sem ao menos se tornarem judeus ou se submeterem a qualquer ordenança judaica**. Isto, para Pedro, para os gentios, e em si mesmo, foi um imenso passo. Isso ataca a própria raiz do papado, do puseísmo[5], da sucessão apostólica, e **de qualquer sistema de ordenanças**. Nesse fato, uma enxurrada de luz é derramada sobre o caráter da presente dis-

[5]Puseísmo: Movimento religioso renovador, promovido pelo teólogo inglês Eduardo Pusey, que levou para o catolicismo uma fração da Igreja anglicana.

pensação. ***"E, abrindo Pedro a boca, disse: Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo."*** (Atos 10:34-35). Claramente, **não era mais necessário se tornar judeu ou se submeter aos ritos e cerimônias externas do judaísmo** para desfrutar das mais ricas bênçãos do Céu. **Sem a imposição das mãos apostólicas** - embora o próprio Pedro, em poder e autoridade divina, estivesse presente - **e antes de serem batizados com água**, eles foram batizados com o Espírito Santo. Enquanto a palavra de Deus saía dos lábios de Pedro, o Espírito Santo desceu sobre todos que o ouviam. Antes disso, no entanto, uma obra abençoada, por meio da graça de Deus, vinha acontecendo no coração de Cornélio: **ele era uma alma divinamente vivificada**.

As operações de vivificação do Espírito são bem distintas de ser selado com o Espírito. **Antes que o Espírito Santo possa selar, deve haver algo para Ele selar**. Ele não pode selar nossa velha natureza. Deve haver uma nova natureza para Ele selar. Portanto, deve haver um momento na história de cada cristão quando ele é **vivificado, mas não ainda selado**. Porém, **mais cedo ou mais tarde a obra estará completa** (Efésios 1:13). Por exemplo, o filho pródigo foi vivificado, ou convertido, quando ele deixou o país distante, mas ele ainda era estranho ao amor e graça do Pai e, consequentemente, ainda não tinha fé para descansar calmamente em Cristo como a fonte de toda a bênção. Ele era ainda um incrédulo, embora vivificado. Certamente ele não foi selado com o Espírito, quanto ao seu perdão e aceitação, até o momento em que recebeu o beijo de reconciliação, ou o anel, o símbolo do eterno amor. O Evangelho da salvação é mais que uma preocupação pela alma, ainda que seja legítima. A incredulidade, que desonra a Cristo, pode acompanhar, por um certo tempo, uma obra genuína do Espírito de Deus na alma. O filho pródigo tinha uma certa crença de que havia algo de bom no coração de seu Pai, o que o leva a se aproximar, mas certamente ainda carecia da plena fé no evangelho. ***"Aquele que aceitou o seu testemunho, esse confirmou que Deus é verdadeiro."*** (João 3:33). Onde quer que haja fé em Cristo e em Sua obra, lá está o selo de Deus. O próprio Paulo esteve, pelo menos, três dias no mais profundo exercício de alma, sem a paz e o descanso que o selo do Espírito Santo proporciona. ***"E esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu."*** (Atos 9:9)

Retornemos, agora, ao ponto principal que temos diante de nós.

O Selo dos Gentios

Observe, então, esse importante fato conectado à introdução dos gentios à igreja - eles recebem o dom/dádiva do Espírito Santo simplesmente por meio da pregação da Palavra. Em Jerusalém, os judeus foram batizados antes de terem recebido o Espírito Santo. Em Samaria, os samaritanos foram não apenas batizados, mas tiveram que passar pela imposição de mãos dos apóstolos com oração, antes de receberem o Espírito Santo. Mas em Cesareia, **sem batismo, sem imposição de mãos e sem oração**, a mais rica bênção cristã foi dada aos gentios, embora a doutrina da igreja como o corpo de Cristo ainda não ter sido revelada.

A graça de Deus, assim apresentada aos gentios no início da dispensação, a tem caracterizado desde então. Somos gentios: não somos judeus nem samaritanos. Portanto os caminhos de Deus em graça, e Sua ordem de coisas para com os gentios, têm uma aplicação especial para nós. Não há exemplo registrado pelos historiadores inspirados de alguém que tenha sido batizado sem professar fé em Cristo, mas se formos seguir o padrão de coisas em Cesareia, devemos procurar pelo selamento assim como pela vivificação - **para a paz com Deus, assim como para a fé em Cristo** antes do batismo. O caso de Cornélio se situa justamente no início de nossa dispensação. Foi a primeira expressão de graça endereçada diretamente aos gentios e, certamente, deveria ser um modelo para pregadores e discípulos gentios. Quando a Palavra de Deus que foi, naqueles dias, pregada a Cornélio é, hoje, crida, podemos garantir que teremos os mesmos efeitos, isto é, a paz com Deus..

Pregar, crer, selar, batizar, é a ordem divina das coisas aqui. **Deus e Sua Palavra nunca mudam**, embora os "tempos mudam", como dizem os homens, assim como **as opiniões humanas mudam, e as observâncias religiosas mudam**. Mas **a Palavra de Deus - nunca**. Judeus, gentios e samaritanos professaram fé em Cristo antes de serem batizados. De fato, o batismo presume **vida eterna adquirida pela fé**, e não transmitida após o ato de batizar, como ensinam os católicos e anglicanos. *"A graça e a vida são comunicadas por meio de sacramentos"*, dizem eles, *"e só podem ser efetuadas por esses meios, independente de qualquer exercício de intelecto da parte da pessoa trazida à união. O santo batismo é o meio pelo qual uma vida nova e espiritual é conferida ao receptor."*[6]

Tais noções - nem precisamos comentar muito - são totalmente contrárias às

[6] The Church and the World, páginas 178-188.

Escrituras. **O batismo não concede nada**. A vida é concedida por outros modos, como as Escrituras claramente ensinam. **A conversão, ou "nascer de novo", é efetuada, em todos os casos, sem exceção, pelo Espírito Santo**. Como lemos em 1 Pedro: *"Purificando as vossas almas pelo Espírito na obediência à verdade, para o amor fraternal, não fingido; amai-vos ardentemente uns aos outros com um coração puro.* ***Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre."*** (1 Pedro 1:22-23). Aqui, a verdade do evangelho é vista como o meio, e o Espírito Santo como o poder, da conversão. Cristo, ou Deus em Cristo, é o novo objetivo da alma. **É pelo Espírito e pela verdade de Deus que tal bendita mudança é efetuada**. Àqueles que confiam nas águas do batismo como o meio de efetuá-la, sinto-lhes dizer, estão em uma grande e fatal engano.[7]

No caso dos gentios em questão aqui, ainda mais que vida era possuída antes do batismo ser administrado. **Eles tinham o selo de Deus**. O batismo é o sinal da plena libertação e salvação garantidas ao crente pela morte e ressurreição de Cristo. Cornélio tinha vida, era um homem devoto, mas ele deveria ouvir de Pedro **as palavras pelas quais ele seria salvo e totalmente liberto**. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento ensinam essa bendita verdade da

[7]As seguintes breves declarações dos "pais" do quarto século, sobre o assunto do batismo, mostrará aos leitores as fontes, ou autoridades, de muito do que se dizia e fazia naqueles dias pelos ritualistas. Note que a autoridade das Escrituras é totalmente posta de lado: *"Na Páscoa, e no Pentecostes, e em alguns lugares na Epifania, o rito do batismo era administrado publicamente - isto é, na presença dos fiéis - a todos os convertidos naquele ano, com exceção de alguns que tiveram a oportunidade de participar da cerimônia sem atraso, ou quando o cristão deixava para fazê-lo apenas próximo ao final de sua vida, como o exemplo de Constantino: uma prática há muito tempo condenada pelo clero. Mas o fato do atraso demonstra quão profundamente a importância e eficácia do rito era enraizada na mente cristã. Significava uma completa purificação da alma. O neófito (novo convertido) emergia das águas do batismo em um estado de perfeita inocência. A pomba - o Espírito Santo - constantemente pairava sobre a fonte, santificando as águas para a misteriosa lavagem de todos os pecados da vida passada. Se a alma não sofresse nenhuma culpa posterior, ela passaria de uma vez por todas para o reino de pureza e felicidade, isto é, o coração seria purificado, com entendimento iluminado e o espírito revestido de imortalidade.*

"Vestido em branco, emblemático da pureza imaculada, o candidato se aproximava do batistério - que em igrejas maiores era um edifício separado. Lá, ele proferia os solenes votos de que se comprometeria com sua religião. O gênio simbolizante do Oriente adicionou algumas cerimônias significativas. O catecúmeno (um dos primeiros estágios da instrução cristã) se virava para o Ocidente, o reino de Satanás, e renunciava três vezes ao seu poder. Então se virava para o Oriente para adorar o Sol da Justiça, e para proclamar seu pacto com o Senhor da vida. O místico número três prevalecia em tudo: o voto era triplo, e três vezes pronunciado. O batismo se dava geralmente por imersão. O despir das roupas era emblemático do 'tirar o velho homem', mas o batismo por aspersão era permitido, de acordo com a exigência do caso. A água em si se tornava, na vívida linguagem da igreja, o sangue de Cristo: era comparada, por uma fantasiosa analogia, com o Mar Vermelho. A ousada metáfora de alguns dos 'pais' parece afirmar uma transmutação da cor da água.

"Quase todos os 'pais' dessa era, como Basílio, os dois Gregórios, Ambrósio, etc., tinham escrito tratados sobre o batismo, e rivalizaram, por assim dizer, uns com os outros em seus louvores sobre a importância e eficácia do batismo. Gregório de Nazianzo quase esgota a copiosidade da língua grega ao falar do batismo." - A História do Cristianismo por Milman, vol. 3

maneira mais clara possível. Israel, como um povo típico, após ter sido trazido a Deus e protegido pelo sangue do cordeiro no Egito, foi batizado a Moisés na nuvem e no mar. Assim eles foram libertos do Egito e viram a salvação de Jeová. Novamente, Noé e sua família foram salvos através do dilúvio - não por ele. Eles deixaram o velho mundo, passaram através das águas da morte, e pousaram em uma nova condição de coisas. ***"Como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo, ... pela ressurreição de Jesus Cristo."*** (Êxodo 14; 1 Pedro 3:21)

Mas qual era a palavra, alguns poderiam perguntar, que Pedro pregou, e que foi acompanhada de tal notável bênção? **Ele pregou paz por Jesus Cristo como o Senhor de tudo**. **Cristo ressuscitado, exaltado e glorificado** foi o grandioso objeto de seu testemunho. Ele o resume com essas palavras: ***"A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele crêem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome."*** (Atos 10:43). Então segue-se a bênção. Os judeus que estavam presentes ficaram atônitos, mas se curvam, e reconhecem a bondade de Deus para com os gentios. *"E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. Porque os ouviam falar línguas, e magnificar a Deus. Respondeu, então, Pedro: Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes, que também receberam como nós o Espírito Santo? E mandou que fossem batizados em nome do Senhor. Então rogaram-lhe que ficasse com eles por alguns dias."* (Atos 10:44-48)

Vamos, agora, refazer um pouco nossos passos e observar alguns dos principais eventos que, por ordem, precedem o capítulo 10.

O Primeiro Mártir Cristão

Estêvão, diácono e evangelista, é o primeiro a receber a coroa do martírio pelo nome de Jesus. Ele permanece à frente do "nobre exército dos mártires". Ele é perfeito como uma figura - um protótipo de um verdadeiro mártir. Firme e inabalável em sua fé. Ousado e destemido diante de seus acusadores. Aguçado e fiel em sua defesa diante do Sinédrio. Livre da malícia em suas mais fortes declarações. Cheio de caridade para com todos os homens, ele sela seu testemunho com seu sangue, e então dorme em Jesus.

Em alguns aspectos, Estêvão lembra o próprio bendito Senhor. ***"Senhor Jesus, recebe o meu espírito"*** (Atos 7:59), parece com ***"Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito"*** (Lucas 23:46); e de novo, ***"Senhor, não lhes imputes este pecado"*** (Atos 7:60), lembra ***"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem"*** (Lucas 23:34), apesar de Estêvão não indicar a ignorância deles.

Já podemos ver que problemas, tanto do lado de dentro quanto do lado de fora, atacam a jovem igreja. É verdade que a palavra de Deus aumentou, multidões foram convertidas, e uma grande parte dos sacerdotes eram obedientes à fé. Porém os gregos, ou helenistas (judeus de origem grega), murmuravam contra os hebreus (nativos da Judeia), porque suas viúvas eram negligenciadas na ministração diária. Isto levou à nomeação de sete diáconos (Atos 6). Pelos seus nomes aqui dados, parece que os sete escolhidos eram gregos - todos do lado dos murmuradores. Assim o Espírito de Deus dominou em graça. Estêvão era um deles, e neste caso, a palavra do apóstolo foi exemplificada: aqueles que ***"servirem bem como diáconos, adquirirão para si uma boa posição e muita confiança na fé que há em Cristo Jesus."*** (1 Timóteo 3:13). Ele era cheio de fé e poder, e fazia grandes maravilhas e milagres entre o povo. A energia do Espírito Santo se manifestava especialmente em Estêvão.

Havia diferentes sinagogas em Jerusalém apropriadas para diferentes raças de judeus. Foram as sinagogas dos libertinos, dos cireneus, etc., que se opunham a Estêvão. Mas ***"não podiam resistir à sabedoria, e ao Espírito com que falava"***. Segue-se, então, o que tem geralmente acontecido com os que confessam a Jesus em todas as eras: incapazes de respondê-lo, eles o acusam perante o conselho. Falsas testemunhas são subornadas para jurar que eles o tinham ouvido falar *"palavras blasfemas contra Moisés, e contra Deus"*, e que Jesus de Nazaré destruiria aquele lugar e mudaria os costumes entregues a eles por Moisés. O caso estava agora diante do Sinédrio - o julgamento começa. Mas o que seus juízes teriam pensado quando viram sua face radiante como a face de um anjo?

Temos o nobre discurso de Estêvão aos chefes da nação diante de nós. Convincente, desconcertante e esmagador. Sem dúvidas, foi um testemunho do Espírito Santo aos judeus, da boca de Estêvão, e ainda mais humilhante para os orgulhosos judeus: ouvirem sua condenação dos lábios de um helenista. Mas o Espírito de Deus, quando sem impedimentos pelos arranjos do homem, opera por quem Ele quer.

Estêvão recapitula, em linguagem ousada, os principais pontos de sua história nacional. Ele fala especialmente das histórias de José e de Moisés. O

primeiro, seus pais (os outros dos doze filhos de Jacó) o haviam vendido aos gentios, e o último desprezaram como príncipe e juiz. Ele também os acusa de **sempre resistir ao Espírito Santo** - de sempre desobedecerem a lei - e agora **por terem sido os traidores e assassinos do Justo**. Aqui a testemunha fiel de Cristo foi interrompida. Não lhe foi permitido terminar seu discurso - uma figura, tão verdadeira, do tratamento para com os mártires daqueles dias até hoje. Os murmúrios, a indignação, a fúria do Sinédrio, estavam fora de controle. ***"E, ouvindo eles isto, enfureciam-se em seus corações, e rangiam os dentes contra ele."*** (Atos 7:54). Mas, em vez de dar prosseguimento ao discurso, ele entra em êxtase de coração ao Senhor e fixa seus olhos **no Céu - o lar e centro de união para todo Seu povo**.

"Eis que vejo", diz Estêvão, ***"os céus abertos"*** (Atos 7:56). Ele está cheio do Espírito Santo enquanto olha para o alto, **e vê o Filho do homem de pé, ali,** pronto para receber seu espírito. _ "Tal é", escreveu alguém, **"a posição do verdadeiro crente - ligado ao Céu, bem acima da Terra** - na presença do mundo que rejeitou a Cristo, um mundo assassino. **O crente, vivo na morte, vê, pelo poder do Espírito, o Céu, e o Filho do homem à direita de Deus**. Estêvão não diz 'Jesus'. O Espírito O caracteriza como 'o Filho do homem'. Que precioso testemunho para o homem! Não é sobre a glória que Ele aqui testifica, mas sim sobre o Filho do homem na glória, tendo os céus abertos diante dele... **Quanto ao objeto de fé e a posição do crente, essa cena é definitivamente característica."**

Eis o proeminente, o mais próximo ao trono

Perfeitas vestes triunfais trajando

Aí está o que mais ao mestre se assemelha

Este santo, este Estêvão que se ajoelha

Fixando o olhar enquanto os céus

Se abriam aos seus olhos que se fechavam

Que, tal como lâmpada quase apagada retoma seu fulgor,

E faz vê-lo o que a morte esconde a rigor.

_

Ele, que parece estar na terra

Há de voar como pomba vera

E da amplitude do céu sem nuvens

Extrair o mais puro dos ares

Para que os homens contemplem sua face angelical

Plena do resplendor da graça celestial,

Mártir íntegro, apto a se conformar

À morte de Jesus, vitória sem par!

–

(tradução livre da poesia constante da edição original em inglês)

Já examinamos, com certo cuidado e minúcia, **a primeira seção da história da igreja**. Temos sido os mais cuidadosos possível, uma vez que as histórias sobre a igreja, em geral, começam em um período posterior. A maioria começa onde as Escrituras terminam, ao menos quanto aos detalhes. Nenhuma das que temos referem-se a Mateus 16, e poucas tentam um exame crítico de Atos dos Apóstolos que, afinal, é a única parte de sua história que comanda nossa fé, e que tem uma reivindicação absoluta de nossa obediência.

No capítulo 8 encontramos o Espírito Santo em Samaria operando por Filipe. Ele tinha, por assim dizer, deixado Jerusalém. Isso marca uma época distinta na história da igreja, especialmente em sua conexão com Jerusalém. Deixemos, por enquanto, os judeus enfurecidos e perseguidores, e sigamos o caminho do Espírito à cidade de Samaria. Será, no entanto, de proveito olharmos por um momento ao que alguns têm chamado de *a terceira perseguição*.

Capítulo 3

De Estêvão ao Apostolado de Paulo

A Perseguição e Dispersão dos Discípulos

Após a morte de Estêvão uma grande perseguição começou (Atos 8). Os líderes judeus pareciam ter ganho uma vitória sobre os discípulos, e estavam determinados a prosseguir com seu aparente triunfo com a maior violência. Mas Deus, que está acima de todos, e que sabe como conter as crescentes paixões dos homens, anulou a posição deles para o cumprimento de Sua própria vontade.

O homem ainda não tinha aprendido a verdade do provérbio, que *"o sangue dos mártires é a semente da igreja."* No caso do primeiro e mais nobre dos mártires, o provérbio foi plenamente verificado. Mas em todas essas vinte centenas de anos os homens têm sido lentos para aprender, ou crer, nesse simples fato histórico. A perseguição, geralmente falando, tinha feito aumentar a causa que procuravam reprimir. Isso tem se provado verdadeiro na maioria dos casos, em qualquer tipo de perseguição ou de oposição . **Resistência, decisão e firmeza são criadas por tal tratamento**. Verdadeiramente, mentes tímidas podem ser levadas à apostasia por um tempo sob a perseguição; mas quão comumente tais, com o mais profundo arrependimento, e de modo a recuperar sua antiga posição, suportaram com a maior alegria os mais agudos sofrimentos, e mostraram em seus últimos momentos a maior fortaleza! **Mas a perseguição, de uma forma ou de outra, deve ser esperada pelos seguidores de Jesus**. Eles são exortados a tomar sua cruz diariamente e segui-Lo. Isto testa a sinceridade de nossa fé, a pureza de nossos motivos, a força de nossa afeição por Cristo, e a medida de nossa confiança nEle.

Aqueles que não são verdadeiros de coração para Cristo com certeza irão

cair em tempos de afiada perseguição. Mas o amor pode perdurar até o fim, quando não houver mais nada a fazer. Vemos isso perfeitamente no próprio bendito Senhor. Ele suportou a cruz - que era de Deus: Ele desprezou a vergonha - que foi do homem. **Foi em meio à vergonha e sofrimentos da cruz que toda a força do Seu amor apareceu, e na qual Ele triunfou sobre tudo**. Nada poderia afastar Seu amor do objeto deste, ou seja, do Pai, pois era mais forte que a morte. Nisso, assim como em todas as coisas, Ele nos deixou um exemplo, de que devemos andar em Seus passos. Que possamos sempre ser encontrados seguindo-O de perto!

Da história da igreja em Atos aprendemos que o efeito do martírio de Estêvão foi a imediata propagação da verdade que seus perseguidores estavam tentando impedir. As impressões produzidas por tal testemunho, e tal morte, devem ter sido avassaladoras para seus inimigos, e convincentes para os imparciais e indecisos. **O último recurso da crueldade humana é a morte.** No entanto, é maravilhoso dizer que **a fé cristã, em sua primeira dificuldade, provou-se mas forte que a morte em sua forma mais assustadora**. O inimigo foi testemunha disso, e sempre se lembraria. **Estêvão estava sobre a Pedra, e as portas do inferno não podiam prevalecer contra Ela.**

Toda a igreja em Jerusalém, na ocasião, foi dispersa; mas eles iam por toda a parte pregando a Palavra. Como a nuvem que voa com o vento, levando sua chuva fresca a terras secas, assim os discípulos foram expulsos de Jerusalém pela tempestade da perseguição, **levando as águas da vida às almas sedentes de terras distantes**. ***"E fez-se naquele dia uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judéia e de Samaria, exceto os apóstolos"*** (Atos 8:1). Alguns historiadores pensam que o fato dos apóstolos permanecerem em Jerusalém quando os discípulos fugiram prova, da parte deles, maior firmeza e fieldade na causa de Cristo, mas estamos dispostos a julgar o fato de modo diferente, e a considerá-lo **uma falha** em vez de fieldade. A comissão do Senhor a eles era: ***"Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo"*** (Mateus 28:19). E eles tinham sido ensinados: ***"Quando pois vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra"*** (Mateus 10:23). Até onde a história das Escrituras nos informa, a comissão nunca foi realizada pelos doze. No entanto, Deus era poderoso em Paulo, para com os gentios, e em Pedro para com os judeus.

O Espírito Santo agora vai além de Jerusalém, para manifestar poder em terras estrangeiras - que solene verdade! Mas **aquela cidade culpada preferia a**

dominação de Roma à ressurreição em poder de seu próprio Messias. ***"Que faremos?"***, diziam os judeus, ***"porquanto este homem faz muitos sinais. Se o deixamos assim, todos crerão nele, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação."*** (João 11:47-48). **Eles rejeitaram o Messias em Sua humilhação, e agora eles rejeitam o testemunho do Espírito Santo sobre Sua exaltação**. A iniquidade deles era completa, e a ira se aproximava deles até o fim. Mas, por ora, nossa tarefa, seguindo o curso da história da igreja, é acompanhar o Espírito Santo em seu caminho a Samaria. Seu caminho é a linha prateada da graça salvadora para almas preciosas.

Os Triunfos do Evangelho em Samaria

Filipe, o diácono, evidentemente próximo a Estêvão em zelo e energia, desce à Samaria. O Espírito Santo opera por meio dele. Na sabedoria dos caminhos do Senhor, a desprezada Samaria é o primeiro lugar, fora da Judeia, onde o Evangelho foi pregado por Suas testemunhas escolhidas. ***"E, descendo Filipe à cidade de Samaria lhes pregava a Cristo. E as multidões unanimemente prestavam atenção ao que Filipe dizia, porque ouviam e viam os sinais que ele fazia. E havia grande alegria naquela cidade."*** (Atos 8:5-6,8). Muitos creram e foram batizados, tanto homens quanto mulheres. Até mesmo Simão Mago, o feiticeiro, experimentou a presença de um poder muito acima do seu próprio, e se curvou à força e corrente da obra do Espírito nos outros, embora a verdade não houvesse penetrado em seu próprio coração e consciência. Mas, como agora já viajamos a essa outra parte do país, este pode ser o momento apropriado para dizermos algumas palavras sobre sua história.

A Terra Santa, uma nação interessante, que se destaca entre as outras nações da Terra, tanto moral quanto historicamente, é em tamanho muito pequena. *"É como um pedaço de um país, de tamanho próximo ao do País de Gales, com menos de 225 quilômetros de comprimento, e quase 64 quilômetros, em média, de largura"*[1]. A parte norte é a Galileia; o centro, Samaria; o sul, a Judeia. Mas embora fisicamente tão pequena, ela foi o teatro dos acontecimentos mais importantes na história do mundo. **Lá, o Salvador nasceu, viveu e foi crucificado - e lá Ele foi sepultado e ressuscitado**. E lá, também, Seus apóstolos e mártires viveram, testificaram e sofreram. E lá o evangelho foi pregado pela primeira vez, e lá a primeira igreja foi plantada.

[1] Dicionário Bíblico de Smith

A terra ocupada por Israel se encontra entre os antigos impérios da Assíria e do Egito. Daí a frequente referência no Antigo Testamento ao "rei do Norte" e ao "rei do Sul". Devido a essa posição, Israel foi muitas vezes o campo de batalha desses dois poderosos impérios, e sabemos que ainda será o cenário de seu último e mortal conflito (Daniel 11). **Os homens têm sido tão supersticiosos** sobre a Terra Santa que ela tem sido objeto de ambição nacional, e quase sempre **motivo de guerras religiosas** desde os dias dos apóstolos. Quem poderia estimar quanto sangue foi derramado, e o tesouro que foi desperdiçado por essas planícies sagradas? - e tudo, podemos acrescentar, **sob o nome do zelo religioso**, ou melhor, sob as bandeiras da cruz e da lua crescente. Para ali os peregrinos de todas as eras têm viajado para que pudessem adorar no "santo sepulcro" e cumprir seus votos. Também tem sido a grande atração para viajantes de todo tipo e de todas as nações, e o grande empório de "relíquias milagrosas". O cristão, o historiador e o antiquário têm procurado diligentemente e feito conhecidas suas descobertas. Desde os dias de Abraão, esse tem sido o lugar mais interessante e atraente da face da Terra. E para o estudante da profecia, sua história futura é ainda mais interessante que seu passado. Ele sabe que o dia se aproxima, quando toda aquela terra será povoada pelas doze tribos de Israel, e cheia da glória e majestade de seu Messias. Então eles serão conhecidos como o povo metropolitano da Terra. Retornemos, agora, a Samaria, com sua nova vida e alegria.

Os samaritanos, por meio da bênção de Deus, prontamente creram no Evangelho pregado por Filipe. **O efeito da verdade, recebida com simplicidade**, foi imediato e do mais bendito caráter. ***"Havia grande alegria naquela cidade"***, e muitos foram batizados. Tais devem ser sempre os efeitos do Evangelho, quando crido, a menos que haja algum obstáculo com relação a nós mesmos. **Onde há genuína simplicidade de fé, deve haver paz e alegria genuínas, e uma feliz obediência**. O poder do Evangelho sobre um povo que tinha, durante séculos, resistido às reivindicações do judaísmo, foi então demonstrado. O que a lei não podia fazer a este respeito, o Evangelho realizou. "Samaria foi uma 'conquista"', disse alguém, "que toda a energia do judaísmo não tinha sido capaz de fazer. Foi um novo e esplêndido triunfo do Evangelho. O domínio espiritual do mundo pertencia à igreja."

Jerusalém e Samaria Unidas pelo Evangelho

O amargo ciúme que existia entre judeus e samaritanos tinha sido, por muito tempo, proverbial; tanto que lemos: *"os judeus não se comunicam com os samaritanos"*. Mas agora, em conexão com o Evangelho da paz, essa raiz de amargura desaparece. No entanto, na sabedoria dos caminhos de Deus, os samaritanos devem esperar pela mais elevada bênção do Evangelho até que os crentes judeus - os apóstolos da igreja em Jerusalém - impusessem suas mãos sobre eles, e oferecessem orações por eles. Nada pode ser mais profundamente interessante do que esse fato, quando tomamos em consideração a rivalidade religiosa que tinha sido, por tanto tempo, manifesta por ambos. Se Samaria não tivesse recebido essa lição oportuna de humildade, ela poderia ter sido descartada, mais uma vez, por manter sua orgulhosa independência de Jerusalém. Mas o Senhor não teria deixado assim. Os samaritanos tinham crido, se regozijado, e foram batizados, mas ainda não tinham recebido o Espírito Santo. ***"Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo (porque sobre nenhum deles tinha ainda descido; mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus). Então lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo."*** (Atos 8:14-17)

Identificação é a grande ideia da imposição de mãos, e **unidade é a consequência do dom/dádiva do Espírito Santo**. Esses são fatos importantes em conexão com o progresso da igreja. Samaria é, então, trazida à feliz associação com seu antigo rival, e feita uma só com a igreja em Jerusalém. **Não há, na mente de Deus, pensamentos sobre uma assembleia ser independente da outra.** Se elas tivessem sido abençoadas separada e independentemente, sua rivalidade poderia se tornar maior que nunca. Mas não deveria mais ser assim: ***"Nem neste monte nem em Jerusalém"*** (João 4:21), **mas uma só Cabeça no Céu, um só corpo na Terra, um só Espírito, uma só família redimida adorando a Deus em espírito e em verdade**, porque o Pai procura os que assim O adoram[2].

Para saber mais sobre a origem da mistura de povos e sobre a adoração de Samaria, leia 2 Reis 17. Eles eram apenas "metade" judeus, apesar de se gabarem por sua relação com Jacó. Eles consideravam os cinco livros de Moisés sagrados, mas subestimavam o restante da Bíblia. Eles eram circuncidados, guardavam a lei de maneira não muito fiel, e esperavam a vinda de um Messias.

[2]Veja Lecture 6 de Atos 2, 8, 10, 19. Lectures on the New Testament Doctrine of the Holy Spirit, por W. Kelly.

A visita pessoal do bendito Senhor a Samaria é do mais profundo e tocante interesse (João 4). Da fonte na qual Ele descansou diz-se que "ficava em um vale entre as duas famosas montanhas Ebal e Gerizim, onde foi lida a lei. Sobre este último estava o templo rival dos samaritanos, que por tanto tempo afligiu os judeus mais zelosos por sua ousada oposição ao único santuário escolhido, no Monte Moriá."

O Eunuco Etíope Recebe o Evangelho

Filipe é agora chamado a deixar sua feliz e interessante obra em Samaria e descer até Gaza - um deserto - e lá pregar o evangelho a uma única pessoa. Certamente há, nesse fato, uma lição da mais profunda importância para o evangelista, e uma que não podemos deixar passar sem alguma breve observação.

O pregador, em tal cenário de despertar e conversão como houve em Samaria, necessariamente torna-se muito interessado na obra. Deus está colocando seu selo sobre o ministério da Palavra, e sancionando as reuniões em Sua presença. O obra do Senhor prospera. O evangelista é cercado de respeito e afeição, e seus filhos na fé naturalmente procuram por ele para obter mais luz e instrução para seus caminhos. *"Como poderia ele deixar tal campo de trabalho?"*, muitos perguntariam, *"Seria correto partir?"*. Apenas, respondemos, **se o Senhor chamasse Seu servo** a fazer isso, como Ele fez no caso de Filipe. Mas como alguém pode saber hoje em dia, visto que anjos e o Espírito não nos falam como falavam com Filipe? Embora um cristão, hoje em dia, não seja chamado dessa forma, ele deve procurar e **esperar pela orientação divina**. **A fé deve ser seu guia.** As circunstâncias não são seguras como guias; elas podem até nos repreender e nos corrigir em nosso andar, mas é o olho de Deus que deve ser nosso guia. ***"Guiar-te-ei com os meus olhos"***, essa é a promessa, ***"instruir-te-ei, e ensinar-te-ei o caminho que deves seguir"*** (Salmos 32:8).

Somente o Senhor sabe o que é melhor para Seus servos e para Sua obra. O evangelista, em tal cenário, correria o risco de sentir sua própria importância pessoal. Daí o valor, se não a necessidade, da mudança do lugar de serviço.

"Levanta-te", falou o anjo do Senhor a Filipe, ***"e vai para o lado do sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que está deserta. E levantou-se, e foi; e eis que um homem etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, e tinha ido***

a Jerusalém para adoração, regressava e, assentado no seu carro, lia o profeta Isaías. E disse o Espírito a Filipe: Chega-te, e ajunta-te a esse carro." (Atos 8:27-29)

É bela a obediência imediata e incondicional de Filipe nesse momento. Ele não faz nenhum questionamento sobre a diferença entre Samaria e Gaza - entre sair de um amplo campo de trabalho e partir para um lugar deserto para falar com uma única pessoa sobre a salvação. Mas o Espírito de Deus estava com Filipe. E **o único desejo do evangelista deveria ser de sempre seguir a direção do Espírito**. A partir da falta de discernimento espiritual, um pregador poderia permanecer no mesmo lugar após o Espírito ter terminado seu trabalho ali, e assim o serviço é vão.

Deus, em Sua providência, cuida de Seu servo. Ele envia um anjo para direcioná-lo quanto à estrada que ele havia de tomar. Mas **quando se trata do evangelho e do lidar com almas, o Espírito toma a direção**. ***"E disse o Espírito a Filipe: Chega-te, e ajunta-te a esse carro."*** Não sabemos de nada, em toda a história da igreja, mais interessante que essa cena no caminho para Gaza. O anjo e o Espírito de Deus acompanham o evangelista: **o primeiro representando a providência de Deus** em indicar exatamente a estrada a tomar, e **o último representando o poder espiritual direcionando o lidar com as almas**. Assim como era, assim é agora, embora tendemos a adotar mais o hábito de pensar na orientação do Espírito do que na direção de providência. **Que possamos confiar em Deus para tudo!** Ele nunca muda!

O evangelho agora encontra seu caminho, na pessoa do tesoureiro da rainha, para o centro da Abissínia. O eunuco crê, é batizado, e segue seu caminho cheio de alegria. O que ele procurava, em vão, em Jerusalém, tendo seguido uma longa jornada até lá, **ele encontra no deserto. Um belo exemplo da graça do evangelho!** A ovelha perdida é encontrada no deserto, e águas vivas brotam de lá. O eunuco é também um belo exemplo de uma alma ansiosa. Quando sozinho e ocioso, ele lê o profeta Isaías. Ele reflete sobre a profecia do sofrimento sem resistência do Cordeiro de Deus. Mas o momento de luz e libertação era chegado. Filipe explica o profeta: **o eunuco é ensinado por Deus** - ele crê: imediatamente deseja o batismo e **retorna para casa, cheio das novas alegrias da salvação**. Será que ele ficaria calado sobre o que encontrou quando lá chegasse? Certamente não, um homem de tal caráter e influência teria muitas oportunidades de disseminar a verdade. Mas, como tanto as Escrituras quanto a história são omissas quanto aos resultados de sua missão, não nos aventuremos além.

O Espírito é ainda visto em companhia de Filipe e o leva para longe. Ele se encontra, então, em Azoto, e evangeliza todas as cidades até Cesareia.

Mas uma nova era na história da igreja começa a despontar. Um novo obreiro entra em cena: o mais notável, em muitos aspectos, que já serviu ao Senhor e à Sua igreja.

A Conversão de Saulo de Tarso

Nenhum evento no progresso da história da igreja a afeta tão profundamente, ou tão felizmente, quanto a conversão de Saulo de Tarso. **De principal dos pecadores** ele se tornou o principal dos santos - do mais violento opositor de Cristo ele se tornou o mais zeloso defensor da fé - como inimigo e perseguidor do nome de Jesus na Terra, ele era o "principal"; todos os outros, em comparação a ele, eram subordinados (Atos 9; 1 Timóteo 1).

É bastante evidente, a partir do que ele fala sobre si mesmo, que ele acreditava que o judaísmo era não só divino, mas a perpétua e imutável religião de Deus para o homem. Seria difícil explicar a força de seus preconceitos judaicos sobre qualquer outro princípio. Portanto, todas as tentativas de pôr de lado a religião dos judeus, e de introduzir outra, ele considerava como sendo algo do inimigo, devendo ser arduamente combatidas. Ele tinha ouvido o nobre discurso de Estêvão - ele tinha testemunhado sua morte triunfante - mas sua subsequente perseguição aos cristãos mostrou que a glória moral daquela cena não o havia impressionado de maneira séria em sua mente. **Ele foi cegado pelo zelo**; mas o zelo pelo judaísmo agora era um zelo contra o Senhor. Neste exato momento ele estava ***"respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor"*** (Atos 9:1).

Ouvindo que alguns dos santos perseguidos haviam encontrado um abrigo em Damasco, uma antiga cidade da Síria, ele se convenceu a ir até lá e trazê-los de volta a Jerusalém como criminosos. Para este fim, ele recebeu cartas do sumo sacerdote e do conselho de anciãos, de que ele poderia trazê-los presos a Jerusalém para serem punidos (Atos 22, 26). Ele, então, se torna o próprio apóstolo da malícia judaica contra os discípulos de Jesus - ignorantemente, sem dúvida, mas ele se fez o missionário voluntário deles.

Com sua mente forjada até o tom mais violento do zelo perseguidor, ele segue em sua memorável jornada. **Inabalável em seu apego fervoroso pela**

religião de Moisés, e determinado a punir os convertidos ao cristianismo como apóstatas da fé de seus ancestrais, ele se aproxima de Damasco. Mas lá, na plena energia de sua louca carreira, o Senhor Jesus o detém. Uma luz dos céus, mais forte que a luz do sol, brilha em torno dele, e o subjuga com seu brilho ofuscante. Ele cai por terra - com a vontade quebrada, a mente subjugada, o espírito humilhado, e completamente mudado. Seu coração é agora sujeito à voz que fala com ele. **Raciocínio, extenuação e auto-justificação não têm lugar na presença do Senhor.**

Uma voz da magnífica glória disse-lhe: ***"Saulo, Saulo, por que me persegues? E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues."*** (Atos 9:4-5). Então o Senhor Jesus, mesmo estando no Céu, **declara que Ele próprio é ainda identificado com Seus discípulos na Terra**. **A unidade da igreja com Cristo, sua Cabeça nos céus, a semente da bendita verdade do "um só corpo"**, é resumida nessas poucas palavras: ***"Saulo, Saulo, por que me persegues? ... Eu sou Jesus, a quem tu persegues."*** Estar em guerra contra os santos é o mesmo que estar em guerra contra o próprio Senhor. Que bendita verdade para o crente, mas quão solene para o perseguidor!

A visão que Saulo tinha visto e a terrível descoberta que ele tinha feito o absorveram completamente. Ele fica cego por três dias, e não pode comer nem beber. Então ele entra em Damasco, cego, quebrantado e humilhado pelo solene juízo do Senhor! Quão diferente daquilo que ele pretendia! Ele agora se une à companhia daqueles que ele tinha resolvido exterminar. No entanto, ele entra pela porta, e **humildemente toma seu lugar entre os discípulos do Senhor**. Ananias, um discípulo fiel, é enviado para confortá-lo. Ele recebe sua vista de volta, é cheio do Espírito Santo, é batizado, e então é alimentado e fortalecido.

Alguns pensam que o Senhor dá, na conversão de Paulo, não somente uma amostra de Sua longanimidade, como em todo o pecador que é salvo, mas também um sinal da **futura restauração de Israel**. Paulo nos conta, ele próprio, ter obtido misericórdia porque ele fez tudo aquilo em ignorante incredulidade - e tal será a mesma situação de Israel nos últimos dias quando receber misericórdia. Como nosso próprio Senhor orou por eles: ***"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem"*** (Lucas 23:34). Pedro também diz: ***"E agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos príncipes"*** (Atos 3:17)

Mas, como o apostolado de Paulo difere, em muitos aspectos, do apostolado dos doze, será necessário observá-lo mais um pouco. A menos que essa diferença seja compreendida, o verdadeiro caráter da presente dispensação poderá

não ser apreendida de maneira tão consistente.

O Apostolado de Paulo

A *lei* e os *profetas* foram até *João*; após João o próprio *Senhor*, em Sua própria Pessoa, oferece o reino à Israel, mas ***"os Seus não O receberam"***. Eles crucificaram o Príncipe da vida, **mas Deus O ressuscitou dentre os mortos, fazendo-O sentar à Sua direita nos lugares celestiais**. Temos então os *doze apóstolos*. Eles são dotados com o Espírito Santo, e levam o testemunho da ressurreição de Cristo. Mas o testemunho dos doze é desprezado, o Espírito Santo é resistido, Estêvão é martirizado, a oferta final de misericórdia é rejeitada, e agora o tratamento de Deus com Israel como um povo é encerrado por um tempo. As cenas de Siló são encenadas novamente, Icabode é escrito em Jerusalém, e uma nova testemunha é convocada, como nos dias de Samuel. (Leia 1 Samuel 4)

Chegamos agora ao grande *apóstolo dos gentios*. Ele é como um nascido fora do tempo e fora de seu devido lugar. Seu apostolado não tinha nada a ver com Jerusalém ou com os doze. Era fora de ambos. Seu chamado era extraordinário e vindo direto do Senhor no Céu. Ele tem o privilégio de trazer a novidade: **o caráter celestial da igreja - que Cristo e a igreja são um, e que o Céu é seu lar em comum** (Efésios 1,2). Enquanto Deus estava tratando com Israel, essas benditas verdades estavam guardadas em segredo em Sua própria mente. ***"A mim,"***, diz Paulo, ***"o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo, e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo."*** (Efésios 3:8-9)

Não podia haver dúvidas sobre o caráter do chamado do apóstolo quanto à **sua autoridade divina**. ***"Não da parte dos homens, nem por homem algum"***, como diz ele em sua Epístola aos Gálatas, ***"mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos"*** (Gálatas 1:1). Isto é, não era "da parte dos homens", quanto à sua fonte, nem de qualquer Sínodo de homens oficiais. ***"Nem por homem algum"***, foi como veio sua comissão. Ele não era apenas um santo, mas **um apóstolo por chamado: e esse chamado era por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que O ressuscitou dentre os mortos**. Em alguns aspectos, seu apostolado foi ainda de mais alta ordem do que o dos doze. Estes tinham sido chamados por Jesus quando na Terra; aquele tinha sido chamado pelo Cristo

ressuscitado e glorificado no Céu. E, sendo seu chamado vindo do Céu, não necessitava nem da sanção nem do reconhecimento dos outros apóstolos. ***"Mas, quando aprouve a Deus ... revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios, não consultei a carne nem o sangue, nem tornei a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco."*** (Gálatas 1:15-17)

A forma como Saulo foi chamado para apóstolo é digna de nota especial, pois bate de frente com a raiz do orgulho judaico, e pode também ser vista como **o golpe mortal à vã noção de sucessão apostólica**. Os apóstolos, a quem o Senhor tinha escolhido e nomeado quando estava na Terra, não eram nem a fonte nem o canal, de maneira alguma, da nomeação de Paulo. Eles não lançaram sortes para ele, como fizeram no caso de Matias (Atos 1). Ali eles estavam apenas em terreno judeu, o que pode explicar sua decisão por sorteio. Era um antigo costume, em Israel, descobrir a vontade divina por esses modos. Mas estas enfáticas palavras: ***"Paulo, apóstolo, não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo"***, excluem completamente a intervenção do homem sob qualquer forma. A sucessão apostólica é descartada. **Somos santos por chamado e servos por chamado. E tal chamado deve vir do Céu.** Paulo está diante de nós como **um verdadeiro padrão** para todos os pregadores do evangelho, e para todos os ministros da Palavra. **Nada pode ser mais simples** que o terreno que ele toma como pregador, sendo o grande apóstolo que era. ***"E temos, portanto, o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos."*** (2 Coríntios 4:13)

Imediatamente após ser batizado e fortalecido, ele começou a confessar sua fé no Senhor Jesus e a pregar nas sinagogas de que Ele era o Filho de Deus. Isto é algo novo. Pedro pregava que Ele tinha sido exaltado à destra de Deus - que Ele tinha sido feito tanto Senhor quanto Cristo, mas Paulo prega uma doutrina mais elevada sobre Sua glória pessoal - ***"que Ele é o Filho de Deus"***. Em Mateus 16, Cristo é revelado pelo Pai aos discípulos como ***"o Filho do Deus vivo"***. Mas agora Ele é revelado, não apenas a Paulo, mas em Paulo. ***"Aprouve a Deus ... revelar seu Filho em mim"*** (Gálatas 1:15-16), disse ele. Mas quem é suficiente para falar dos privilégios e bênçãos daqueles a quem o Filho de Deus é, pois, revelado? A dignidade e segurança da igreja descansa sobre essa bendita verdade, e também sobre o evangelho da glória, que foi especialmente confiado a Paulo, e que ele chama de "meu evangelho".

"Sobre o Filho assim revelado", disse alguém docemente, "paira tudo o que

é peculiar ao chamado e glória da igreja - **suas santas prerrogativas** - **aceitação no Amado com perdão dos pecados por meio de Seu sangue** - entrada para os tesouros da sabedoria e do conhecimento, de modo a tornar conhecido, a nós, o mistério da vontade de Deus - herança futura nEle e com Ele, no qual todas as coisas nos céus e na Terra serão congregadas - **e o presente selo e penhor dessa herança, o Espírito Santo**. Tal brilhante sequência de privilégios é escrita pelo apóstolo desta maneira: ***"bênçãos espirituais nos lugares celestiais"*** (Efésios 1:3-14); e assim são elas; **bênçãos através do Espírito fluindo e nos ligando a Ele, que é o Senhor nos céus."**[3]

Mas **a doutrina da igreja - o mistério do amor, da graça e do privilégio** - não tinha sido revelada até Paulo a ter declarado. O Senhor tinha falado dela quanto ao efeito que teria **a presença do Consolador**, dizendo: ***"Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós."*** (João 14:20). E novamente, quando Ele diz aos discípulos após a ressurreição: ***"Eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus."*** (João 20:17). Dessa "sequência brilhante" de bênçãos Paulo foi, especial e caracteristicamente, o apóstolo.

Devemos agora deixar um pouco de lado a história de Saulo e voltar a Pedro, que ocupa o campo até que Paulo comece seu ministério público em Atos 13.

[3]Veja mais detalhes sobre esse assunto em John Gifford Bellet, Christian Witness [Testemunho *cristão], v. 4, p. 221; William Kelly, Introductory Lectures on Galatians [Estudos introdutó rios sobre Gálatas], cap. 1.*

Capítulo 4

Os Apóstolos e os Pioneiros

Os Primeiros Missionários da Cruz

Em vez de passar por cima dos capítulos restantes de Atos, achamos que pode ser mais interessante e igualmente instrutivo para nossos leitores considerá-los em conexão com a história dos apóstolos, especialmente com a história dos dois grandes apóstolos. O livro de Atos é quase inteiramente ocupado com os atos de Pedro e de Paulo, embora, é claro, **sob a direção do Espírito Santo**: o primeiro como o grande apóstolo dos judeus, e o segundo como o grande apóstolo dos gentios. Mas seria também de interesse abraçar a presente oportunidade para observar brevemente os primeiros companheiros e missionários pessoalmente escolhidos por nosso bendito Senhor - os doze apóstolos.

Mas, antes de tentarmos um esboço dessas interessantes vidas, parece bem declarar qual objetivo temos em vista ao fazê-lo. Estamos saindo um pouco do curso que estávamos seguindo. Em nenhuma das publicações sobre a história da igreja que conhecemos a vida dos apóstolos é apresentada de forma ordenada, e é estranho que os grandes fundadores da igreja não achem seus lugares em sua história.

Ao mesmo tempo, no que diz respeito aos apóstolos, temos que ter em mente que, além da narrativa sagrada, há bem pouco material sobre o qual possamos nos apoiar. O tradicional e o bíblico, o certo e o incerto, são quase desamparadamente misturados nos escritos dos Pais da Igreja. Cada raio de luz histórico distinto é de grande valor, mas são **somente as Escrituras que podemos tomar por totalmente corretas.** Ainda assim, as poucas notas que temos ali espalhadas, de alguns dos apóstolos, quando reunidas, podem dar ao leitor uma ideia

da pessoa e individualidade de cada um. Outros, também notamos, além dos apóstolos, aparecerão em conexão com eles, especialmente com Paulo. Assim nossos leitores terão, de maneira conveniente, um breve resumo de quase todos os nobres pregadores, professores, confessores e mártires do Senhor Jesus que são mencionados no Novo Testamento.

Os Doze Apóstolos

Eram eles: Simão Pedro, André, Tiago e João (filhos de Zebedeu), Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago (filho de Alfeu), Tadeu, Simão o Zelote, e Matias, que foi escolhido para substituir Judas Iscariotes. Veja Mateus 10, Lucas 6, Marcos 3 e Atos 1.

Paulo também foi um apóstolo por chamado direto do Senhor, no sentido mais elevado, como já vimos. Havia outros que eram chamados de apóstolos, mas eram mais especificamente apóstolos das igrejas. Os doze e Paulo eram proeminentemente os apóstolos do Senhor. Compare 2 Coríntios 8:23, Filipenses 2:25 e Romanos 16:7.

O nome oficial, "apóstolo", significa "enviado". ***"Jesus enviou estes doze."*** (Mateus 10:5). Esse nome foi dado aos doze pelo próprio Senhor. ***"Chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos"*** (Lucas 6:13). Conhecê-Lo pessoalmente e tê-Lo acompanhado por todo o seu ministério era a original e necessária qualificação de um apóstolo. Isso foi afirmado por Pedro antes da eleição de um sucessor para o traidor Judas. ***"É necessário, pois, que, dos homens que conviveram conosco todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu dentre nós, começando desde o batismo de João até ao dia em que de entre nós foi recebido em cima, um deles se faça conosco testemunha da sua ressurreição."*** (Atos 1:21-22). Por essa relação pessoal com o Senhor eles foram particularmente indicados para serem as testemunhas de Sua trajetória sobre a Terra. Ele mesmo os descreve como ***"os que têm permanecido comigo nas minhas tentações"*** (Lucas 22:28)

Acreditamos que o número doze marca nitidamente sua relação com as doze tribos de Israel. As fantasias dos pais (cristãos proeminentes do início da história da igreja) quanto ao significado do número aqui escolhido mostra o quão pouco suas mentes eram governadas pelo contexto. Santo Agostinho *"acha que a menção de nosso Senhor aos quatro cantos do mundo, aos quais os apóstolos foram*

chamados a pregar o evangelho, e que, ao multiplicar por três, como denotando a Trindade, resulta em doze." **Ao não enxergar a distinção entre Israel e a igreja, existe muita confusão por parte de tais escritores.**

Cremos que o número doze nas Escrituras significa *a completude administrativa no homem*. Daí as doze tribos, os doze apóstolos, e a promessa a estes, de que se sentariam em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel (Mateus 19:28). Mas aqui, nos termos mais claros possíveis, o Senhor limita a missão dos doze às ovelhas perdidas da casa de Israel. Não era nem mesmo para eles irem visitar os samaritanos, nem os gentios. A missão se restringia aos judeus. ***"Jesus enviou estes doze, e lhes ordenou, dizendo: Não ireis pelo caminho dos gentios, nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel"*** (Mateus 10:5-6). Certamente nada poderia ser mais claro. **O chamado da igreja não é mencionado aqui.** Isto aconteceu depois, quando um outro extraordinário apóstolo foi escolhido, tendo em vista especialmente os gentios. Depois os doze teriam seu próprio lugar na igreja, mas Paulo foi seu divinamente chamado e qualificado ministro.

Há uma noção geral de que os doze eram completamente analfabetos, com a qual não podemos concordar. A expressão *"homens sem letras e indoutos"*, como usada pelo conselho em Atos 4:13, apenas denotava pessoas que não tinham sido ensinadas na tradição rabínica dos judeus. Seria a mesma ideia do termo "leigo", isto é, homens de educação regular, em contrate com aqueles que foram especialmente treinados nas escolas de eruditos, ou homens que não participam de "ordens sagradas". Assim, Pedro e João podem ter sido completamente familiarizados com as Sagradas Escrituras e com a história de seu país e de seu povo, e ainda assim serem considerados, pelo conselho, como "homens iletrados e indoutos". Tiago e João, pelo menos, tinham todas as vantagens do ensinamento de uma mãe fiel e devota, que muitas vezes fez grandes coisas para a igreja de Deus.

Vamos, agora, passar brevemente as vistas a cada um dos doze.

O Apóstolo Pedro (Parte 1)

Vamos, agora, passar brevemente as vistas a cada um dos doze.

O primeiro, em ordem, é o apóstolo Pedro. Não pode haver dúvida de que Pedro esteve em primeiro lugar entre os doze. O Senhor lhe deu tal posição.

Ele é o primeiro a ser mencionado em todas as listas dos apóstolos. Essa precedência, como sabemos, não veio por ter conhecido o Senhor primeiro, pois ele não tinha sido nem o primeiro nem o último. André, e provavelmente João, conheceram o Senhor antes de Pedro. Vamos aqui observar, com o mais profundo interesse, o primeiro encontro desses amigos que iriam ser unidos para sempre. Leia João 1:29-51.

João Batista presta testemunho a Jesus como **o Cordeiro de Deus que tiraria o pecado do mundo**. Dois dos discípulos de João o deixam e seguem Jesus. *"Era André, irmão de Simão Pedro, um dos dois que ouviram aquilo de João, e o haviam seguido. Este achou primeiro a seu irmão Simão, e disse-lhe: Achamos o Messias (que, traduzido, é o Cristo). E levou-o a Jesus."* (João 1:40-42). Essa foi a primeira introdução de Pedro ao Senhor - àquele que havia de ser a fonte de sua felicidade para sempre. E quão significante foi esse primeiro encontro! *"E levou-o a Jesus. E, olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)."* (João 1:42). Naturalmente impulsivo, rápido em se valer de um objetivo, mas pronto demais para desistir pela força de qualquer pressão, ele tem, pela graça do Senhor, a firmeza que lhe foi dada, embora vez ou outra seu caráter natural aparece.

A primeira coisa que leva Pedro à grande proeminência é **sua nobre confissão de Cristo como o Filho do Deus vivo** (Mateus 16). O Senhor, então, o honrou com as chaves do reino dos céus, e deu-lhe um lugar de proeminência entre seus irmãos. Mas essa parte da história de Pedro, somados a alguns dos primeiros capítulos de Atos, já consideramos anteriormente. Portanto, nos referiremos somente aos pontos que ainda não tocamos.

Ainda não nos referimos ao quarto capítulo de Atos, embora estejamos dispostos a pensar que ali é apresentado o dia mais brilhante da história do apóstolo, enquanto o batismo de Cornélio apresenta o dia culminante de seu ministério. Como ali é constantemente demonstrado, no grande apóstolo, uma mistura de força e fraqueza, de excelências e defeitos, é profundamente interessante que tracemos seu caminho através dos primeiros temporais que assolaram a recém-nascida igreja. Mas não devemos nos esquecer que **o grande segredo** da ousadia, sabedoria e poder dos apóstolos não vinham de seu caráter natural, **mas sim da presença do Espírito Santo.** Ele estava com eles e neles, e trabalhando por eles. O Espírito Santo era a força do testemunho deles.

Observe, em particular, os benditos efeitos da **presença do Espírito Santo** em quatro aspectos distintos:

1. Na coragem demonstrada por Pedro e pelos outros. *"Então Pedro,* ***cheio do Espírito Santo,*** *lhes disse: Principais do povo, e vós, anciãos de Israel, visto que hoje somos interrogados acerca do benefício feito a um homem enfermo, e do modo como foi curado, seja conhecido de vós todos, e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, em nome desse é que este está são diante de vós.* ***Ele é a pedra que foi rejeitada por vós,*** *os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina.* ***E em nenhum outro há salvação****, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos."* (Atos 4:8-12) A grande e solene questão entre Deus e os governantes de Israel é aqui formalmente declarada. Nada pode ser mais simples. O testemunho de Deus não está mais com os dirigentes do templo, mas com os apóstolos do exaltado Messias.

2. Em Sua presença com os discípulos reunidos (em assembleia). *"E, tendo orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos;* ***e todos foram cheios do Espírito Santo****, e anunciavam com ousadia a palavra de Deus."* (Atos 4:31) Esse versículo claramente ensina o que têm sido tantas vezes falado quanto ao Espírito estar **com os discípulos e neles.** O lugar onde eles estavam reunidos foi chacoalhado; isto prova **Sua presença** com eles. Mas eles também estavam **cheios do Espírito Santo** - tão cheios, cremos, que naquele momento não havia espaço para a carne agir.

3. Em grande poder quanto ao serviço. *"E os apóstolos davam,* ***com grande poder,*** *testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e* ***em todos eles havia abundante graça****."* (Atos 4:33) Prontidão e energia agora caracterizam os apóstolos.

4. Dedicação de todo o coração. *"Todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e o depositavam aos pés dos apóstolos."* (Atos 4:34) No capítulo dois, os ricos davam, eles mesmos, aos pobres: algo que dificilmente poderia ser feito sem atribuir importância ao doador. Mas no capítulo quatro, os ricos deixavam o dinheiro aos pés dos apóstolos. Deveríamos aceitar este fato como um claro sinal de **aumento de humildade, e de grande devoção**.

É também nesse completo e instrutivo capítulo que temos a famosa resposta de Pedro e João ao conselho. *"Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus."* (Atos 4:19) Daquele dia em diante os verdadeiros confessores do nome de Jesus encontram, nessas palavras, uma resposta adequada a seus inquisidores e opressores. Que diferença, podemos exclamar, entre o homem que sentou ao fogo no pátio do sumo sacerdote (Mateus 26:69-75) e o homem

que toma a dianteira em Atos 4 - entre o homem que caiu diante da acusação de uma criada e o homem que faz a nação tremer com seus apelos! “Mas como essa diferença pode ser explicada?”, alguns podem perguntar. A explicação completa para isso é **a presença e poder de um Espírito Santo não entristecido ou extinto**. E a fraqueza ou poder de muitos hoje em dia pode ser explicada pelo mesmo princípio. **O Espírito de Deus é o único poder no cristão.** Que possamos conhecer a bem-aventurança de viver, andar e trabalhar no poder salvador e santificador do Espírito Santo! ***"E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção."*** (Efésios 4:30)

O Apóstolo Pedro (Parte 2)

Chegamos agora à última seção na narrativa sagrada da história de Pedro. Do versículo 32 do capítulo 9 ao versículo 18 do capítulo 11 de Atos temos um relato de suas pregações e milagres. Ali o vemos mais uma vez em plena autoridade apostólica, e **o Espírito Santo trabalhando com ele**. Sua missão nesse momento foi grandemente abençoada, tanto nas cidades de Israel quanto na Cesareia. Toda a cidade de Lida e o distrito de Sarona parecem ter sido despertados. Os milagres feitos por Pedro, e **o evangelho por ele pregado**, foram usados por Deus para a conversão de muitos. Assim, lemos: ***"E viram-no todos os que habitavam em Lida e Sarona, os quais se converteram ao Senhor."*** (Atos 9:35). A benção era geral. "Se converter ao Senhor" é a ideia de conversão encontrada nas Escrituras. E em Jope também, pela ressurreição de Dorcas, havia grande agitação e benção. ***"E foi isto notório por toda a Jope, e muitos creram no Senhor."*** (Atos 9:42)

No capítulo 10 - que já consideramos - os gentios são trazidos à igreja. E agora Pedro, tendo terminado sua missão por essas bandas, retorna a Jerusalém. Após o relato de sua libertação do poder de Herodes no capítulo 12, não temos mais relatos sobre a história do apóstolo da circuncisão em Atos.

Como Herodes Agripa, o rei idumeu, tem papel tão proeminente nessa história, pode ser interessante tomar nota sobre ele. **Ele professava grande zelo pela lei de Moisés** e mantinha um certo respeito para com sua observância externa. Desse modo, ele ficou do lado dos judeus **contra os discípulos de Cristo, sob um fingido zelo religioso**. Esta era sua política. Era uma figura do rei adversário.

Foi por volta de 44 d.C. que Herodes buscou se insinuar com seus súditos judeus, perseguindo os inofensivos cristãos. Não que houvesse qualquer amor entre Herodes e os judeus, posto que se odiavam de coração; mas aqui eles se uniram, pois **ambos odiavam o testemunho celestial.** Herodes matou Tiago com a espada e lançou Pedro na prisão. Era sua intenção perversa mantê-lo lá até depois da Páscoa, e então, quando uma grande quantidade de judeus de todas as partes estivessem em Jerusalém, fariam um espetáculo público de sua execução. Mas Deus preservou e libertou Seu servo em resposta às orações dos santos. Eles têm armas de guerra que os governantes do mundo não conhecem. Deus permitiu que Tiago selasse seu testemunho com seu sangue, mas preservou Pedro para que pudesse ser testemunha na Terra por mais tempo. Assim nosso Deus governa sobre tudo. Ele é o Governador entre as nações, seja qual for o orgulho e a vontade do homem. O poder pertence a Ele. **Débil, de fato, é o poder de cada inimigo quando Ele interfere.** Herodes, tornando-se perplexo e confuso diante das manifestações de um poder que ele não podia entender, condena os guardas da prisão à morte, e deixa Jerusalém. Mas ele nem imaginava que sua própria morte precederia a de seus próprios prisioneiros.

Em Cesareia, a sede gentia de sua autoridade, ele ordenou que se fizesse uma festa magnífica em honra ao Imperador Cláudio. Somos informados de que multidões da mais alta hierarquia, vindas de todos os cantos, foram reunidas. Na segunda manhã de festividades, o rei apareceu em um manto prateado de grande esplendor, que brilhava com os raios do sol, de modo que ofuscava os olhos de toda a assembleia e provocava admiração geral. Ao fazer um discurso ao povo, de seu trono, alguns de seus bajuladores levantaram um grito: *"É a voz de um deus!"*. Herodes, em vez de reprimir tal ímpia adulação, que se espalhou pelo teatro, a aceitou. Mas um senso do julgamento de Deus, naquele momento, atravessou o coração do rei. Em tom de profunda melancolia ele disse: *"Seu deus irá, em breve, sofrer da comum sina da mortalidade"*. Na força da linguagem das Escrituras, está escrito assim: ***"E no mesmo instante feriu-o o anjo do Senhor, porque não deu glória a Deus e, comido de bichos, expirou."*** (Atos 12:23). Ele foi, então, tomado de intensas dores violentas, e levado do teatro a seu palácio. Ali ele permaneceu por cinco dias, e morreu na maior agonia, e na mais humilhante e repugnante condição possível.

A Linhagem Real Herodiana

Não seria fora de propósito ou tedioso para o leitor se observarmos por um momento a linhagem real herodiana. Eles frequentemente aparecem, tanto na vida de nosso Senhor quanto no começo da história da igreja. Os temos associados em nossas mentes, desde cedo, com o massacre das crianças em Belém e Herodes, o rei da Judeia, embora seja de certo modo notável que Josefo, o principal historiador de Herodes, não menciona esse evento. Em geral pensa-se que o assassinato de algumas crianças em uma vila obscura, em comparação com outros atos sanguinários de Herodes, não era muito importante aos olhos de Josefo para ser registrado. Mas não sucedia o mesmo na mente de Deus: tanto o engano quanto a crueldade do traiçoeiro coração do rei estão registrados na narrativa sagrada. O olho de Deus vigiava o "Menino nascido" a Israel - **a única fonte de esperança para todas as nações**. O cruel desígnio de Herodes foi, assim, derrotado.

Herodes, o Grande, o primeiro rei idumeu de Israel, recebeu o reino do Senado de Roma através da influência de Marco Antônio. Isto ocorreu cerca de trinta e cinco anos antes do nascimento de Cristo (35 a.C.), e cerca de trinta e sete anos antes de sua própria morte. Esses idumeus eram uma ramificação dos antigos edomitas que, enquanto os judeus estavam no cativeiro babilônico, e sua terra desolada, tomaram posse tanto da parte sul da mesma, que fazia parte de toda a herança da tribo de Simeão, quanto de metade da terra que tinha sido a herança da tribo de Judá; e ali eles permaneceram até então. No decorrer do tempo, os idumeus foram conquistados por João Hircano e levados ao judaísmo. Após sua conversão, eles receberam a circuncisão, se submeteram às leis dos judeus, e se incorporaram à nação judaica. Desse modo, se tornaram judeus, embora não fizessem parte da linhagem original de Israel. Isto aconteceu por volta de 129 a.C. Eles eram audaciosos, espertos e cruéis como príncipes: tinham grande visão política, cortejavam a favor de Roma, e se preocupavam apenas com o estabelecimento de sua própria dinastia. Mas, pela vontade de Deus, com a destruição de Jerusalém, a dinastia idumeia acabou, e até mesmo o próprio nome de Herodes parece ter perecido entre as nações.

Além do massacre das crianças em Belém, que aconteceu pouco antes da morte de Herodes, ele também tinha encharcado suas mãos no sangue de sua própria família, e no sangue de muitas pessoas nobres da linhagem asmoneia. Sua cruel inveja em relação àquela família nunca dormia. Mas um de seus últimos atos foi assinar a sentença de morte de seu próprio filho. No leito de morte

- o que evidentemente foi um juízo de Deus, tal como aconteceu com seu neto, Herodes Agripa - ele conseguiu se levantar da cama para dar o mandato de execução de Antípatro e nomear Arquelau como seu sucessor no trono. Feito isso, caiu para trás e expirou.

Dessa forma, infelizmente, os monarcas muitas vezes morriam: distribuindo mortes com uma mão e reinos com a outra. Mas, e depois? Na realidade nua a crua de sua própria condição moral, **eles devem comparecer ante o tribunal de Deus**. O manto púrpura não mais poderá protegê-los. Uma justiça inflexível rege aquele trono. Julgados de acordo com as obras feitas no corpo, eles **devem ser banidos eternamente para além do "abismo" que foi "posto" pelo juízo de Deus** (Lucas 16:26). Ali lembrarão, em tormentos, cada momento de sua história passada - dos privilégios que abusaram, das oportunidades que perderam, e de todo mal que fizeram. Que o Senhor possa salvar cada alma que olha para estas páginas do terrível peso destas palavras: "lembrar"; "tormento"; "posto". Elas descrevem e caracterizam o futuro estado das almas impenitentes (Lucas 16).

A seita dos herodianos provavelmente era composta dos partidários de Herodes e tinha caráter principalmente político, tendo, como principal objetivo, a manutenção da independência nacional dos judeus em face do poder e ambição romanos. Eles devem ter pensado em usar Herodes para o cumprimento dessa finalidade. Na história narrada nos evangelhos, eles são lembrados por agir com astúcia para com o bendito Senhor, e em conspirar com os fariseus. (Mateus 22:15,16; Marcos 12:12, 14).

Vamos agora retornar à história de nossos apóstolos.

Em Atos 15, após uma ausência de mais ou menos cinco anos, Pedro aparece novamente. No entanto, durante aquele tempo não sabemos nada sobre sua morada ou trabalho. Ele tem um papel ativo na assembleia em Jerusalém, e parece ter mantido seu antigo lugar entre os apóstolos e anciãos.

Pedro na Antioquia

Pouco tempo depois, como aprendemos em Gálatas 2, Pedro faz uma visita à Antioquia. Mas apesar da decisão dos apóstolos e da igreja em Jerusalém, uma característica fraqueza de Pedro o trai em um ato de dissimulação. Uma coisa é resolver uma questão na teoria, e outra é realizá-la na prática. Pedro tinha,

realmente, declarado na assembleia que o evangelho que Paulo pregava, pela revelação dada a ele, não era nada menos do que uma bênção tanto para o judeu quanto para o gentio. E, enquanto sozinho na Antioquia, ele agiu nesse princípio, andando na liberdade da verdade celestial e comendo com os gentios. Mas quando alguns cristãos judeus vieram da parte de Tiago, ele não mais se atreveu a usar de tal liberdade. ***"Se foi retirando, e se apartou deles, temendo os que eram da circuncisão. E os outros judeus também dissimulavam com ele, de maneira que até Barnabé se deixou levar pela sua dissimulação."*** (Gálatas 2:12-13). "Que coisa mais pobre que é o homem!", exclamou alguém. "Somos fracos em relação à nossa importância diante dos homens. Quando não somos nada, podemos fazer tudo, desde que esteja de acordo com a aceitação dos outros... Paulo, energético e fiel, **pela graça**, permanece sozinho de pé, e repreende Pedro diante de todos."

A partir de então, no ano 49 ou 50 d.C., seu nome não aparece novamente no livro de Atos dos Apóstolos, e não temos certeza da esfera de seu trabalho. No entanto, ele se dirige aos cristãos hebreus em sua primeira carta da seguinte maneira: ***"Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia"***. Disso podemos concluir que ele trabalhou nesses países. Sua segunda Epístola data de muito tempo depois, e deve ter sido escrita pouco tempo antes de sua morte. Aprendemos isso com o que ele diz no primeiro capítulo: *"Sabendo que brevemente hei de deixar este meu tabernáculo, como também nosso Senhor Jesus Cristo já mo tem revelado"* (v.14; ver também João 21:18-19).

A data exata da visita de Pedro a Roma tem sido assunto de grande controvérsia entre escritores católicos e protestantes em todas as eras. Mas pode ser considerado um ponto resolvido o fato de ele não ter visitado tal cidade até uma data bem próxima do fim de sua vida. A data de seu martírio é também incerta. Muito provavelmente aconteceu em 67 ou 68 d.C., com mais ou menos setenta anos de idade. O incêndio de Roma causado por Nero é datado por Tácito por volta do mês de julho de 64. A perseguição contra os cristãos eclodiu logo depois, e foi sob tal perseguição que nosso apóstolo foi honrado com a coroa do martírio.

Ele foi sentenciado à crucificação, sendo esta a mais severa e vergonhosa morte. Mas quando ele olhou para a cruz, ele suplicou aos oficiais romanos para não ser crucificado do modo usual, mas que preferiria sofrer de cabeça para baixo, afirmando que ele não era digno de sofrer na mesma posição de seu

bendito Senhor e Mestre. Tendo seu pedido concedido, ele foi crucificado de cabeça para baixo. Seja isto um fato ou uma mera lenda, está em conformidade com o temperamento fervente e a profunda humildade do grande apóstolo.[1]

O Apóstolo André

Seguindo a vida dos apóstolos, vamos tomar nota sobre o apóstolo André.

Os historiadores sagrados têm sido muito completos e abundantes ao descrever os atos de Pedro, mas bastante frugais nos relatos sobre seu irmão André. Ele foi criado com Pedro no ramo de seu pai, e continuou em sua ocupação até ser chamado pelo Senhor para ser tornar um "pescador de homens".

André, como outros jovens da Galileia, tinha se tornado um discípulo de João Batista. No entanto, ao ouvir seu mestre falar, pela segunda vez, de Jesus como o Cordeiro de Deus, deixou João para seguir a Jesus. Ele foi, imediatamente após isso, o meio pelo qual seu irmão Pedro foi trazido a seu novo Mestre. Até o momento, ele tinha a honra de ser o primeiro dos apóstolos a apontar para Cristo (João 1). Ele aparece ainda nos capítulos seis e doze de João, e no décimo terceiro de Marcos, mas, além desses poucos e espalhados relatos, as Escrituras não relatam mais nada a respeito dele. Seu nome não aparece nos atos dos Apóstolos, com exceção do primeiro capítulo.

Conjecturas e a tradição têm dito muitas coisas sobre ele, mas devemos considerar apenas fatos razoavelmente estabelecidos. Dizem que ele pregou em Cítia, e que viajou pela Trácia, Macedônia, Tessália, e que sofreu o martírio em Petra, na Acaia. Sua cruz, dizem, era formada de dois pedaços de madeira se cruzando no meio, na forma de X, geralmente conhecida pelo nome de cruz de Santo André. Ele morreu orando e exortando as pessoas à constância e perseverância na fé. O ano em que ele sofreu isso é incerto.

Dos dois irmãos Pedro e André, procedemos aos dois irmãos Tiago e João. Os quatro também eram parceiros de negócios. Mas vamos falar primeiro de Tiago.

[1]Veja William CAVE, Lives o f the Apostles [A vida dos apóstolos]; Edward BURTON, Lectures upon the Ecclesiastical History, [Palestras sobre história eclesiástica]; William SMITH, Smith's Bible Dictionary.

O Apóstolo Tiago

Zebedeu e seus dois filhos, Tiago e João, estavam seguindo sua ocupação habitual no mar da Galileia quando Jesus passava por ali. Vendo os dois irmãos, ***"logo os chamou. E eles, deixando o seu pai Zebedeu no barco com os jornaleiros, foram após ele."*** (Marcos 1:20). Pedro e André também estavam lá. Foi nessa ocasião que o Senhor pediu a Pedro para se lançar às águas profundas e tentar, mais uma vez, pegar peixes. Pedro se inclina à razão: eles tinham sido muito mal sucedidos na noite anterior. Mesmo assim, pela palavra do Senhor, a rede foi lançada. ***"E, fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede."*** (Lucas 5:6) Espantado, Pedro acenou a seus parceiros para que fossem e o ajudassem a trazer os peixes à terra.

Uma plena convicção de que Jesus era o verdadeiro Messias foi, então, levada às mentes daqueles quatro jovens. Eles podem ter tido dúvidas antes, mas não têm nenhuma agora. Ao chamado de Jesus eles deixam tudo e se tornam, de uma vez para sempre, Seus discípulos. Daí em diante se tornariam "pescadores de homens". Em toda lista que temos dos apóstolos estes quatro nobres homens são citados primeiro (Mateus 4:17-20; Marcos 1:16-20; Lucas 5:1-11)

Esse é o chamado de Tiago ao discipulado. Mais ou menos um ano depois ele é chamado ao apostolado com seus onze irmãos (Mateus 10, Marcos 3, Lucas 6, Atos 1)

Pedro, Tiago, João e ocasionalmente André sempre foram os companheiros mais íntimos do bendito Senhor. Somente os três primeiros foram convidados a testemunhar da ressurreição da filha de Jairo (Marcos 5; Lucas 8). Os mesmos três apóstolos foram, somente eles, permitidos a estarem presentes na cena da transfiguração (Mateus 17, Marcos 9, Lucas 9). Foram os mesmos três que testemunharam Sua agonia no Getsêmani (Mateus 26, Marcos 14, Lucas 22). Mas os quatro, Pedro, Tiago, João e André, estão juntos quando perguntam ao Senhor em particular sobre a destruição do templo (Marcos 13).

Assim como a mudança - ou acréscimo - ao nome de Pedro, os filhos de Zebedeu são apelidados de Boanerges, ou "filhos do trovão". Grande ousadia e fidelidade pode ter apontado Tiago para Herodes como o primeiro a ser detido e silenciado. Não é estranho que "o filho do trovão" e o "homem-pedra" sejam os primeiros a serem apreendidos. Mas Tiago tem a honra de ser o primeiro dos apóstolos que receberam a coroa do martírio em 44 d.C., tendo Pedro sido resgatado por um milagre.

A inveja de uma mãe e a ambição de seus filhos levam Salomé a pedir por lugares distintos no reino para seus dois filhos. O Senhor permitiu que o pedido passasse por uma repreensão muito leve, mas disse aos irmãos que eles deveriam tomar de Seu cálice e serem batizados com Seu batismo. Tiago foi chamado bem cedo para cumprir esta predição. Após a ascensão, ele é visto em companhia dos outros apóstolos em Atos 1. Então ele desaparece da narrativa sagrada até sua apreensão e morte em Atos 12. E lá é simplesmente dito, na breve linguagem do historiador inspirado, que o rei Herodes matou Tiago, irmão de João, com a espada.

Clemente de Alexandria relata uma tradição sobre o martírio de Tiago que não é algo improvável de ter realmente ocorrido. Enquanto era levado para o lugar de execução, o soldado ou oficial que o tinha guardado para o tribunal, ou melhor, seu acusador, estava tão comovido pela coragem e ousada confissão de Tiago no momento de seu julgamento que se arrependeu do que tinha feito. Então ele foi e prostrou-se ao pé do apóstolo, pedindo perdão pelo que tinha dito contra ele. Tiago, um pouco surpreso, o levantou, o abraçou e o beijou, e disse: *"Paz, meu filho, paz seja contigo, e o perdão de tuas falhas."* Antes disso, ele publicamente tinha professado ser um cristão, e assim ambos foram decapitados ao mesmo tempo. Assim caiu Tiago, o proto-mártir apostólico, alegremente tomando o cálice que ele tinha a muito tempo dito ao seu Senhor que estaria pronto para beber. [2]

O Apóstolo João

João era filho de Zebedeu e Salomé, e irmão mais novo de Tiago. Embora seu pai fosse um pescador, eles aparentemente estavam em boas circunstâncias de acordo com a narrativa do Evangelho. Alguns dos antigos falam da família como sendo rica, e até mesmo de conexão nobre. Porém, tais tradições não são reconciliáveis com os fatos relatados nas Escrituras. Lemos, no entanto, de seus "jornaleiros", e eles podem ter tido mais do que apenas um barco. Quanto a Salomé, sem dúvidas, foi uma daquelas mulheres honradas que serviam ao Senhor com o que tinham. E João tinha sua própria casa (Lucas 8:3; João 19:27). A partir desses fatos, podemos inferir, com segurança, que a situação deles era consideravelmente acima da pobreza. Como muitos têm sido extremos ao falar dos apóstolos como pobres e analfabetos, é interessante observar algumas

[2] Veja William CAVE, Lives of the Apostles.

poucas dicas nas escrituras sobres esses assuntos.

Do caráter de Zebedeu nada sabemos. Ele não fez objeções a seus filhos quando o deixaram ao chamado do Messias. Mas não ouvimos mais sobre ele depois disso. Frequentemente encontramos a mãe em companhia dos seus filhos, mas não há menções ao pai. É provável que ele tenha morrido pouco depois do chamado de seus filhos.

O evangelista Marcos, ao enumerar os doze apóstolos (Marcos 3:17), quando menciona Tiago e João, diz que nosso Senhor *"pôs o nome de Boanerges, que significa: Filhos do trovão."* O que nosso Senhor particularmente pretendeu, com esse título, não é facilmente determinado. Conjecturas têm havido muitas. Alguns supõem que seria porque esses dois irmãos eram da mais furiosa e resoluta disposição, e de um temperamento mais feroz e ardente do que o resto dos apóstolos. Mas não vemos motivo para tal suposição na história narrada nos Evangelhos. Sem dúvida, em uma ou duas ocasiões o zelo deles era intemperado, mas isso foi antes de entenderem o espírito de seu chamado. É mais provável que nosso Senhor os tenha apelidado em profecia ao zelo ardente deles ao proclamar aberta e corajosamente **as grandes verdades do evangelho**, após tê-lo conhecido plenamente. Estamos certos de que João, em companhia de Pedro nos primeiros capítulos de Atos, demonstrou uma coragem que não temia ameaças, e não era intimidado por nenhuma oposição.

Supõe-se que João era o mais novo de todos os apóstolos e, a julgar por seus escritos, parece ter sido possuído por uma disposição singularmente carinhosa, suave e amável. Ele foi caracterizado como ***"o discípulo a quem Jesus amava"***. Em várias ocasiões, ele foi admitido a uma livre e íntima relação com o Senhor (João 13).

"O que distinguia João", diz Neander, "era a união das mais opostas qualidades, como temos muitas vezes observado em grandes instrumentos do avanço do reino de Deus - a união de uma disposição inclinada à silente e profunda meditação, com um ardente zelo, embora não impulsionado a uma grande e diversificada atividade no mundo exterior; não um zelo apaixonado, como supomos que tenha enchido os peitos de Paulo antes de sua conversão. Mas havia também um amor, não suave e flexível, mas um que se agarrava com tudo o que podia, e firmemente retia o objetivo para o qual se dirigia - vigorosamente repelindo qualquer coisa que desonrasse esse objetivo, ou tentasse arrancá-lo de sua posse; tal era sua principal característica."

E a história de João está tão intimamente conectada com as histórias de Pe-

dro e Tiago, as quais já abordamos, que podemos agora ser bastante breves. Esses três nomes raramente são vistos separados na história dos Evangelhos. Mas há uma cena em que João aparece sozinho e que é digna de nota. Ele era o único apóstolo que seguiu Jesus ao lugar de Sua crucificação. E lá ele foi especialmente honrado com o respeito e confiança de seu Mestre. *"Ora Jesus, vendo ali sua mãe, e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse a sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora* ***o discípulo a recebeu em sua casa."*** (João 19:26-27)

Após a ascensão de Cristo e a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, João se tornou um dos principais apóstolos da circuncisão. Mas seu ministério continua até o final do primeiro século. **Com sua morte, a era apostólica naturalmente se encerra.**

Há uma tradição muito difundida e geralmente aceita de que João permaneceu na Judeia até depois da morte da virgem Maria. A data do evento é incerta. Mas logo depois ele prosseguiu para a Ásia Menor. Lá ele plantou e cuidou de várias igrejas em diferentes cidades, mas fez de Éfeso seu centro. De lá ele foi banido para a Ilha de Patmos, perto do final do reinado de Domiciano. Ali ele escreveu o livro de Apocalipse (ou Revelação) (Apocalipse 1:9). Em sua libertação do exílio, pela ascensão de Nerva ao trono imperial, João retornou a Éfeso, onde escreveu seu Evangelho e suas Epístolas. Ele morreu por volta do ano 100 d.C., no terceiro ano do imperador Trajano, e com mais ou menos cem anos de idade.[3]

Das muitas tradições sobre o próprio João, selecionamos apenas uma, que pensamos ser a mais interessante e a mais provável de que seja verdade. Como um que foi incansável em seu amor e cuidado para com as almas dos homens, ele estava profundamente entristecido pela apostasia de um rapaz pelo qual ele tinha especial interesse. Ao revisitar o lugar onde ele o tinha deixado, ouviu que ele tinha se unido a um bando de ladrões e se tornado o capitão deles. Seu amor por ele era tão grande que se determinou a encontrá-lo. Assim, foi ao encalço dos ladrões e deixou-se capturar, implorando que o levassem à presença do capitão deles. Quando ele viu a venerável aparência do velho apóstolo, sua consciência foi despertada. A lembrança dos dias passados foi maior do que ele podia suportar, de modo que fugiu, em consternação, de sua presença. Mas João, cheio de amor paternal, foi atrás dele. Ele pediu que o rapaz se arrependesse e retornasse à igreja, e **o encorajou pela certeza do perdão de seus**

[3]Veja Introdução ao Novo Testamento de Horne.

pecados no nome do Senhor Jesus. Sua maravilhosa afeição para com o rapaz e sua profunda **preocupação pela sua alma** o venceram por completo. Ele se arrependeu, retornou, foi restaurado e, posteriormente, se tornou um digno membro da comunidade cristã. Que possamos buscar a fazer o mesmo na restauração de desviados!

Chegamos agora ao que podemos chamar de segundo grupo de quatro apóstolos; e, assim como Pedro encabeçava o primeiro grupo, o segundo é liderado pelo apóstolo Filipe.

O Apóstolo Filipe

Nos três primeiros Evangelhos ele é apresentado nessa ordem. Ele é mencionado como sendo de Betsaida, a cidade de André e Pedro (João 1:44). É mais que provável que ele estivesse entre os galileus daquele distrito que se reuniram para ouvir a pregação de João Batista. Embora nenhuma parte da Palestina tenha sido tão mal falada como a Galileia, foi destes desprezados, mas simples, sinceros e devotos galileus que nosso Senhor escolheu Seus apóstolos. ***"Examina"***, disseram os fariseus, ***"e verás que da Galileia nenhum profeta surgiu"*** (João 7:52). Mas afirmações muito generalizadas, em geral, costumam ser falsas. ***"Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?"*** é uma amostra desse caráter.

Nada é dito na história do Evangelho sobre os pais de Filipe ou sua ocupação. O mais provável é que ele tenha sido um pescador, o comércio geral daquele lugar. A partir da similaridade da linguagem utilizada por Filipe e André, e por serem repetidamente mencionados juntos, podemos concluir que nosso apóstolo, assim como os filhos de Jonas e Zebedeu, eram amigos íntimos, e que eles todos estavam procurando e esperando pelo Messias. Mas, de todo o círculo dos discípulos de nosso Senhor, Filipe tem a honra de ser o primeiro a ser chamado. Os três primeiros tinham vindo a Cristo e conversado com Ele antes de Filipe, mas depois disso eles voltaram às suas ocupações e não foram chamados para seguir o Senhor até cerca de um ano mais tarde. Mas Filipe foi chamado de uma vez por todas. ***"No dia seguinte quis Jesus ir à Galileia, e achou a Filipe, e disse-lhe: Segue-me."*** (João 1:43). Estas palavras, tão cheias de significado e rica bênção para a alma, ***"Segue-me"***, (cremos) que tenham sido as primeiras ditas a Filipe. Quando os doze foram especialmente separados de seus ofícios, Filipe foi contado entre eles.

Imediatamente após seu chamado, ele encontra Natanael e o leva a Jesus. É evidente, pela feliz surpresa que respira em sua informação, que eles já tinham conversado sobre essas coisas antes. Seu coração estava agora seguro de sua verdade, daí a alegria expressa nestas palavras: ***"Havemos achado aquele de quem Moisés escreveu na lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José."*** (João 1:45). Há uma evidente sinceridade de coração em Filipe, embora pouco seja dito sobre ele nos Evangelhos. Nossa última menção a ele, assim como a primeira, é profundamente interessante. Tendo ouvido o Senhor se referir repetidamente ao Seu Pai em João 12, 13 e 14, Filipe manifestou um forte desejo de conhecer mais sobre o Pai. As comoventes palavras de nosso Senhor sobre Seu Pai parecem ter causado uma profunda impressão e admiração em seu coração. ***"Pai, salva-me desta hora"*** (João 12:27); ***"Pai, glorifica o teu nome"*** (João 12:28); ***"Na casa de meu Pai há muitas moradas"*** (João 14:2); sem dúvida, tais palavras penetraram profundamente nos corações de todos os discípulos. Mas há uma bela simplicidade sobre Filipe, embora carente de inteligência. ***"Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta."*** (João 14:8). Há uma evidente repreensão, se não uma reprovação, na resposta do Senhor a Filipe: *"Disse-lhe Jesus: Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe?* ***Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras."*** (João 14:9-10). Ele era a revelação do Pai em Sua própria Pessoa, e Filipe deveria sabê-lo. Ele já estava a muito tempo com Seus discípulos, e eles deveriam ter visto que **Ele estava no Pai, e o Pai nEle, e que Ele iria para o Pai**. Eles tinham tanto as "palavras" quanto as "obras" do Filho para convencê-los de que o Pai habitava nEle. Eles tinham ouvido Suas palavras, eles tinham visto Suas obras, eles tinham testemunhado Seu caráter, e essas coisas foram ajustadas e destinadas para trazer o Pai diante deles. **Sua própria Pessoa era a resposta para qualquer pergunta.** ***"Eu sou o caminho, a verdade e a vida."*** Ele é o caminho - **o único caminho ao Pai**. Ele era a verdade: a verdade quanto a tudo e todos, como são, é apenas conhecida por Ele. Ele é a vida - ***"aquela vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada"***. Mas é apenas pelo ensino e poder do Espírito que Ele, que é ***"o caminho, a verdade e a vida"***, é conhecido e desfrutado. E **deve haver sujeição de coração a Cristo** se desejamos conhecer o ensino do Espírito.

Após tal profundamente interessante e instrutiva conversa com o Senhor, tudo é incerto quanto ao resto da história de Filipe - seu nome desaparece da narrativa dos Evangelhos. Ele estava ainda entre os apóstolos em Atos 1:13. A

tradição tem confundido, tão frequentemente, o Filipe evangelista com o Filipe apóstolo, que tudo é incerto. Sem dúvidas seus dias restantes foram gastos no serviço devoto ao seu Senhor e Salvador, mas em que lugar é difícil determinar. Alguns pensam que a Ásia foi o cenário de seus primeiros labores, e que no final de sua vida ele esteve em Hierápolis, na Frígia, onde sofreu um cruel martírio.

O Apóstolo Bartolomeu

Em geral, acredita-se, tanto pelos antigos quanto pelos modernos, que a história de Bartolomeu está oculta sob outro nome. Que ele foi um dos doze apóstolos está perfeitamente claro na narrativa dos Evangelhos, embora nada mais seja dito sobre ele além da mera noção de seu nome. Nos três primeiros Evangelhos, Filipe e Bartolomeu são mencionados juntos; no Evangelho de João, vemos Filipe e Natanael. Tal circunstância tem dado origem a uma suposição muito comum: que na verdade sejam diferentes nomes para a mesma pessoa. Isso era muito comum entre os judeus. Por exemplo, Simão Pedro é chamado de "Barjonas", que simplesmente significa: o filho de Jonas. "Bar-timeu", também, significa "filho de Timeu"; e "Bar-tolomeu" parece ser um nome do mesmo tipo. Esses são apenas nomes relativos, e não próprios. Dada a generalidade desse costume entre os judeus, muitas vezes é extremamente difícil identificar as pessoas na história dos Evangelhos.

Assumindo, então, que Natanael de João é o Bartolomeu dos Evangelhos sinóticos, prosseguimos com o que sabemos de sua história. Como o resto dos apóstolos, ele era um galileu; ele era "de Caná da Galileia". Vimos anteriormente que ele foi primeiramente conduzido a Cristo por meio de Filipe. Ao se aproximar, ele foi saudado pelo Senhor com a mais honrada distinção: ***"Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo."*** (João 1:47). Ele era, sem dúvidas, um homem de verdadeira simplicidade e integridade de caráter, e um que "esperava pela redenção em Israel". Surpreso com tão graciosa saudação de nosso Senhor, e se perguntando como Ele poderia conhecê-lo à primeira vista, ***"disse-lhe Natanael: De onde me conheces tu? Jesus respondeu, e disse-lhe: Antes que Filipe te chamasse, te vi eu, estando tu debaixo da figueira."*** (João 1:48). Solene e bendito pensamento! Ele estava diante dAquele - um homem - neste mundo que **conhecia os segredos de seu coração e de seus caminhos**. Natanael estava agora plenamente convencido **da absoluta divindade do Messias**, e O reconhece em Sua maior glória como ***"o Filho de Deus"***, assim como ***"o rei de***

Israel".

O caráter de Natanael e seu chamado são considerados por muitos como **uma figura do remanescente de Israel sem dolo nos últimos dias**. A alusão à figueira - um conhecido símbolo de Israel - confirma tal visão dessa passagem; e assim declara seu belo testemunho: ***"Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o Rei de Israel."*** (João 1:49). O remanescente disperso, visto e conhecido pelo Senhor, irá então confessar sua fé nEle, como os profetas mostraram tão plenamente. E **todos aqueles que então reconhecerem o Messias verão Sua glória universal como o Filho do homem**, de acordo com o Salmo 8. Aquele dia vindouro de ampla glória é antecipada por nosso Senhor em Suas conclusivas observações a Natanael: ***"Na verdade, na verdade vos digo que daqui em diante vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem."*** (João 1:51). Então os céus e a terra serão unidos, como podemos lembrar da escada de Jacó. Mas devemos agora retornar à história de nosso apóstolo.

A mais distinta e conclusiva passagem quanto ao seu apostolado se encontra em João 21. Ali o encontramos em companhia dos outros apóstolos, a quem nosso Senhor apareceu no Mar da Galileia após Sua ressurreição. ***"Estavam juntos Simão Pedro, e Tomé, chamado Dídimo, e Natanael, que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu, e outros dois dos seus discípulos"*** que provavelmente eram André e Filipe.

Há uma tradição geralmente aceita de que Bartolomeu viajou até a Índia pregando o evangelho - provavelmente àquela parte da Índia mais próxima da Ásia. Após ter viajado a diferentes lugares, buscando disseminar o cristianismo, ele finalmente chegou a Albanópolis na Armênia Maior, um lugar infestado pela idolatria. Lá ele foi preso pelo governador do lugar, e condenado à crucificação. A data não é conhecida com exatidão.

O Apóstolo Mateus

Mateus - também chamado Levi, o filho de Alfeu; mas não o mesmo Alfeu, acreditamos, que o Alfeu pai de Tiago (Mateus 10:3; Marcos 2:14; Lucas 5:27-29). Embora fosse um oficial romano, ele era "um hebreu de hebreus", e provavelmente um galileu; mas de qual cidade ou tribo não somos informados. Antes do seu chamado para seguir o Messias, ele era um publicano, ou coletor de impostos, sob o comando romano. Ele parece ter sido alocado em Cafar-

naum, uma cidade marítima no Mar da Galileia. Ali ele era o que podemos chamar de um oficial de alfândega. Era nesta qualidade que Jesus o encontrou. Quando Ele passou, Ele o viu ***"sentado na alfândega, e disse-lhe: Segue-me. E, levantando-se, o seguiu."*** (Marcos 2:14) Mas antes de prosseguirmos com a história de Mateus, vamos considerar algumas palavras sobre o caráter de sua ocupação, uma vez que é tão frequentemente mencionada no Novo Testamento, e por ser um termo realmente genérico.

Os publicanos propriamente ditos eram pessoas que coletavam os impostos ou rendimentos públicos para Roma. Eles eram, geralmente, pessoas de riqueza e crédito. Era considerada, ente os romanos, uma posição de honra, e geralmente conferida a cavaleiros romanos. Sabino (segundo a história, o pai do Imperador Vespasiano), era o publicano das províncias asiáticas. Eles tinham sob eles oficiais inferiores, e estes, geralmente, eram nativos das províncias das quais os impostos eram coletados; sem dúvida, Mateus pertencia a esta classe de oficial.

Estes suboficiais eram, por toda a parte, notórios por suas cobranças fraudulentas. Mas para os judeus, eles eram especialmente odiosos. Os judeus olhavam para si mesmos como um povo nascido livre que tinha privilégios concedidos diretamente do Próprio Deus. *"Somos descendência de Abraão,"* diziam eles, *"e nunca servimos a ninguém"* (João 8:33). Consequentemente, os coletores de impostos romanos eram a prova visível da escravidão deles, e do estado de degradação de sua nação. Esse era o grilhão que os afligia e os incitava a muitos atos de rebelião contra os romanos. Por isso que os publicanos eram abominados pelos judeus. Eles os viam como traidores e apóstatas, e como ferramentas do opressor. Além disso, os publicanos eram, na maioria, injustos em suas cobranças; e tendo a lei do seu lado, eles podiam forçar os pagamentos. Estava sob o poder deles examinar cada caso de bens exportados ou importados, e de avaliar o alegado valor da maneira mais vexatória. Podemos saber, baseado no que João disse a eles, que eles cobravam injustamente sempre que tinham a oportunidade. ***"E ele lhes disse: Não peçais mais do que o que vos está ordenado."*** (Lucas 3:13). Veja também o caso de Zaqueu (Lucas 19:9)

Certamente essas coisas eram mais do que suficientes para trazer toda essa classe de oficiais à maior repulsa, em todo lugar. Mas vamos nos limitar ao que aprendemos deles no Novo Testamento. O espírito da verdade nunca exagera. Ali os encontramos associados a pecadores (Mateus 9:11; 11:19), a prostitutas (Mateus 21:31, 32), e a pagãos (Mateus 18:17). Como classe, eles eram conside-

rados como estando fora, não somente dos privilégios do santuário, mas também dos privilégios da sociedade civil. E ainda assim, apesar de todas essas desvantagens, eles são contados entre alguns dos primeiros discípulos tanto de João quanto de nosso Senhor. **Eles tinham menos hipocrisia do que aqueles que eram melhor estimados**; eles não tinham uma moralidade convencional, e não tinham uma falsa religião para desaprender. Estas coisas podem ser bastante discutidas a partir da parábola do Fariseu e do Publicano (Lucas 18). **A bondade convencional é um grande obstáculo à salvação da alma. É difícil, para tais, tomar o lugar de um pecador perdido e arruinado**, para que a graça possa ter livre curso para fazer sua bendita, salvífica e graciosa obra. Aquele que seria justificado diante de Deus deveria tomar o lugar de um publicano e fazer a mesma oração do publicano: ***"Ó Deus, tem misericórdia de mim, um pecador!"*** (Lucas 18:13). Retornemos agora à história de nosso apóstolo.

Com grande prontidão Mateus obedeceu ao chamado de Jesus. Sua situação lucrativa logo foi deixada para trás, e sua conversão, tão completa e manifesta, foi acompanhada de muita bênção para outros. Havia um grande despertar e interesse entre sua própria classe. ***"E fez-lhe Levi um grande banquete em sua casa; e havia ali uma multidão de publicanos e outros que estavam com eles à mesa."*** (Lucas 5:29) Um banquete é o símbolo de **alegria e regozijo - o efeito imediato de um coração rendido a Cristo.** É digno de nota que em seu próprio Evangelho ele torna seu nome bem conhecido, mas nenhum dos outros evangelistas falam do "Mateus, o publicano". Junto com os outros ele foi escolhido como um dos doze. Daquele tempo em diante ele continuou com o Senhor como o restante dos apóstolos. Que bendito privilégio! - "um acompanhante familiar de Sua pessoa, um espectador de Sua vida pública e privada, um ouvinte de Suas palavras e discursos, um observador de Seus milagres, uma testemunha de Sua ressurreição e ascensão à glória." Isto ele não testifica, embora tenha visto. Mateus estava com os outros apóstolos no dia de Pentecostes e recebeu o dom do Espírito Santo. Quanto tempo ele continuou na Judeia após aquele evento, disto não somos informados. Supõe-se que seu Evangelho seja o primeiro que foi escrito, e contém uma referência especial a Israel.

À Etiópia é geralmente atribuída a cena de seus trabalhos apostólicos. Ali, dizem alguns, pela pregação e milagres, ele triunfou poderosamente sobre o erro e a idolatria, foi o meio de conversão de muitos, nomeou guias e pastores espirituais para os confirmar e edificar, e para levar outros à fé; e ali terminou seu curso. Mas as fontes de informação sobre esses pontos não podem ser confiadas com muita certeza.

O Apóstolo Tomé

O apóstolo Tomé foi convocado por nosso Senhor para o apostolado, sendo mencionado em várias listas apostólicas. Não somos informados de seu local de nascimento ou sobre seus pais nas Escrituras, mas a tradição diz que ele nasceu na Antioquia. Tudo o que sabemos dele com certeza é relatado por João. Mas embora nosso conhecimento sobre Tomé seja limitado, não há um caráter entre os apóstolos mais distintamente marcante do que o dele. De fato, seu nome se tornou, tanto na igreja quanto no mundo, um sinônimo de dúvida e incredulidade. Um famoso artista, tendo sido designado a produzir um retrato do apóstolo Tomé, o desenhou com uma régua na mão, no sentido de que ele media as evidências e argumentos. Sua mente era pensativa, meditativa, demorada para acreditar. Ele olhava para todas as dificuldades de uma questão e se inclinava a tomar o lado negro das coisas. Mas vamos olhar, por um momento, para o retrato que a pena da inspiração divina desenhou pelas seguintes três passagens:

1. Em João 11, seu verdadeiro caráter aparece distintamente. Ele evidentemente via a viagem proposta por nosso Senhor até a Judeia com os mais sombrios pressentimentos. ***"Disse, pois, Tomé, chamado Dídimo, aos condiscípulos: Vamos nós também, para morrermos com ele."*** (João 11:16) Em vez de acreditar que Lázaro seria ressuscitado dos mortos, ele temeu que tanto o Senhor quanto Seus discípulos encontrariam suas próprias mortes na Judeia. Ele não conseguia ver nada em tal viagem além de um completo disastre. Isso também é característico. **Ele tinha profunda afeição pelo Senhor, e tal era sua devoção que, embora a viagem pudesse custar a vida de todos eles, ele desejava ir.**

2. A segunda vez em que ele é referenciado é após a Última Ceia (João 14). Nosso Senhor falava de sua partida, **do lar que Ele iria preparar para eles no Céu, e que Ele viria de novo e os receberia para Ele mesmo**, de modo que onde Ele estivesse eles estivessem também. ***"Mesmo vós sabeis para onde vou"***, acrescentou Ele, ***"e conheceis o caminho"*** (João 14:4). Mas para a mente do nosso apóstolo essas belas promessas apenas despertaram pensamentos sombrios sobre o invisível, o desconhecido e o futuro. ***"Disse-lhe Tomé: Senhor, nós não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho?"*** (João 14:5). Evidentemente, ele estava ansioso para ir, e sincero em seus questionamentos, mas ele desejava ter certeza do caminho antes de dar o primeiro passo. ***"Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim."*** (João 14:6). **Contanto que o olho esteja fixo em Cristo, é impossível**

darmos um passo em falso. É apenas o olho que recebe a luz dos céus que lança seu brilho sobre todo o caminho.

3. A terceira vez foi após a ressurreição (João 20). Ele estava ausente quando o Senhor ressurreto apareceu pela primeira vez aos discípulos. Quando contaram a ele que eles tinham visto o Senhor, ele obstinadamente se recusou a acreditar no que eles diziam. Pelo que ele diz, podemos razoavelmente concluir que ele tinha visto o Senhor na cruz, e que tal esmagadora visão havia produzido uma profunda impressão em sua mente. ***"Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o meu dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o crerei."*** (João 20:25). No seguinte dia do Senhor (domingo), **quando os discípulos estavam reunidos, Jesus apareceu no meio deles - Seu lugar apropriado como o centro da reunião**. Novamente os saudou com as mesmas palavras de paz: ***"Paz seja convosco"*** (João 20:26). Mas logo Ele se dirige a Tomé. ***"Depois disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e põe-na no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente."*** (João 20:27). O efeito em Tomé foi imediato: todas as suas dúvidas foram removidas, e em verdadeira fé exclamou: ***"Senhor meu, e Deus meu!"*** (João 20:28) ***"Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram."*** (João 20:29)

Alguns têm pensado que a fé de Tomé, neste caso, se eleva muito acima da fé dos outros discípulos, e que nunca um testemunho tão elevado saiu dos lábios de um apóstolo. Esta opinião, embora seja comum, não pode ser fundada dado o contexto geral. Cristo, em resposta a Tomé, pronuncia que são mais abençoados aqueles que, não tendo visto, ainda assim creram. A fé de Tomé, naquele momento, mal podia ser chamada de fé cristã, como nosso Senhor evidentemente sugere. **A fé cristã é crer naquEle que não temos visto - andando pela fé, e não pela vista.**

Tomé, sem dúvidas, representa a mente devagar e incrédula dos judeus nos últimos dias, que acreditarão apenas quando verem (Zacarias 12). Ele não estava presente na primeira reunião dos santos após a ressurreição. O motivo nós não sabemos. Mas quem pode estimar a bênção que pode ser perdida pela ausência nas sancionadas reuniões dos santos? Ele perdeu as benditas revelações de Cristo quanto ao relacionamento com o Pai: ***"Meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus."*** (João 20:17). Sua fé não está conectada com sua posição de filho. "Ele não tinha ainda apreendido a **eficácia da obra do Senhor"**, disse alguém, **"e do relacionamento com Seu Pai ao qual Jesus conduziu a Sua igreja**. Tal-

vez Tomé tivesse paz, mas ele perdeu de vista toda a revelação da posição da igreja. **Quantas almas - até mesmo almas salvas - se encontram nessas duas condições!**"

Os futuros trabalhos apostólicos de Tomé, e o fim de sua vida, são tão cheios de tradições e lendas que não podemos saber nada com certeza. Alguns dizem que ele esteve na Índia e alguns que ele esteve na Pérsia. Seu martírio, dizem, foi ocasionado por uma lança, e até hoje se comemora isto, em 21 de dezembro pela igreja latina, em 6 de outubro pela igreja grega, e em 1º de julho pelos indianos.

O Apóstolo Tiago, Filho de Alfeu

A identificação dos Tiagos, das Marias, e dos irmãos do Senhor, tem sido por muito tempo um ponto de discussão pelos críticos, e aqui não haveria lugar para ficar remoendo suas teorias e argumentos. Mas, depois de olhar para diferentes lados da questão, ainda acreditamos que o nosso apóstolo é o mesmo Tiago que foi um homem importante para a igreja de Jerusalém - o mesmo que escreveu "A Epístola Universal de Tiago" - e que também é chamado de irmão do Senhor e apelidado de "o Justo" e "o Menor", provavelmente por causa de sua baixa estatura. A identificação de pessoas em tais histórias costuma ser extremamente difícil, graças ao hábito, tão comum entre os judeus, de se referir às pessoas pelas suas relações - como a relação de irmão e irmã - e pelo fato de que quase todos eles possuíam dois ou mais nomes.

Nas quatro listas dos apóstolos, Tiago sempre se mantém no mesmo lugar. Ele lidera a terceira classe. Pedro parece liderar o primeiro grupo, Filipe o segundo, e Tiago o terceiro. Muito pouco se sabe sobre Tiago até o período posterior à ressurreição. Pelo que Paulo relata em 1 Coríntios 15:7, é evidente que Tiago tinha sido honrado com uma conversa pessoal com o Senhor antes de Sua ascensão. Isto foi antes do dia de Pentecostes, e pode ter ocorrido para incentivo, orientação e fortalecimento especial do apóstolo. Vamos agora observar as principais passagens que nos dão base para adquirirmos nosso conhecimento sobre Tiago.

No primeiro capítulo de Atos o encontramos, junto com os outros, à espera da **promessa do Pai, o dom do Espírito Santo**. Depois disso o perdemos de vista, até que ele é visitado por Paulo (Gálatas 1:18,19) por volta do ano 39 d.C.

Ali o encontramos na mesma posição de Pedro como um apóstolo. Ele era, nesse tempo, o supervisor (ou bispo) da igreja em Jerusalém, e se encontrava no mesmo nível dos principais apóstolos. O lugar que ele ocupava na estima de Pedro é evidente a partir do fato de que, quando Pedro foi liberto da prisão, ele desejava que a informação sobre sua libertação fosse enviada a "Tiago e aos irmãos." (Atos 12:17)

Em 50 d.C., encontramo-lo no concílio apostólico, onde parece exercer juízo na assembleia. ***"Por isso julgo que não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus."*** (Atos 15:19) Não existe nenhum relato de outros apóstolos falando desta maneira. Parece que ele tinha adquirido grande posição e autoridade apostólica. Por volta do ano 51, quando Paulo fez outra visita a Jerusalém, ele reconhece Tiago como um dos "pilares" (ou "colunas") da igreja, e cita seu nome antes do de Cefas (Pedro) e João (Gálatas 2:9). Mais uma vez, por volta do ano 58, Paulo fez uma visita especial a Tiago, na presença de todos os anciãos. ***"E no dia seguinte, Paulo entrou conosco em casa de Tiago, e todos os anciãos estavam presentes."*** (Atos 21:18) Vê-se facilmente, a partir destas poucas observações, que Tiago tinha a mais alta estima dos demais apóstolos, e que ocupava uma posição importante na igreja de Jerusalém. Seu apego ao judaísmo era profundo e sério, e seu avanço no cristianismo parece ter sido lento e gradual. Ele era um oposto perfeito de Paulo, e Pedro era o meio-termo entre ambos.

O martírio de Tiago aconteceu por volta do ano 62, mais ou menos trinta anos depois do Pentecostes. O testemunho da antiguidade é universal quanto à sua distinta piedade e santidade. Sua humildade, também, sempre é relatada como sendo grande: embora ele fosse irmão de sangue do Senhor, ou um parente próximo, **ele se auto-intitula de servo de Jesus Cristo**, e não faz nada além de se chamar pelo título de apóstolo. Por causa de sua reputação por ter uma vida santa e justa, ele foi universalmente denominado "Tiago, o Justo." E, como se conformava aos costumes judaicos em certa medida, ele não era, definitivamente, tão ofensivo aos olhos de seus compatriotas incrédulos como o apóstolo dos gentios (Paulo). Mas, mesmo com a elevada opinião que, acredita-se, as pessoas tinham sobre seu caráter, sua vida foi prematuramente terminada com o martírio.

Temos acesso a um relato da vida, caráter e morte de Tiago graças, principalmente, a Hegésipo, um cristão de origem judaica que viveu em meados do século II. Ele geralmente é recebido como um historiador confiável. Sua nar-

rativa sobre o martírio de Tiago é encontrada na íntegra, e em suas próprias palavras, no "Dicionário Bíblico de Smith". Aqui só podemos apresentá-la em resumo:

> *Uma vez que muitos dos governantes e do povo dos judeus tornaram-se crentes em Jesus através dos trabalhos de Tiago, os escribas e fariseus estavam muito incitados contra ele. Todo o povo, diziam eles, iriam acreditar em Cristo se continuasse assim. Por isso, foram até Tiago e disseram: "Te pedimos que pare as pessoas, pois se desviaram após Jesus como se Ele fosse o Cristo. Te pedimos para convencer a todos os que vêm para a Páscoa a respeito de Jesus. Persuada o povo para que não se desviem para Jesus; para que todo o povo, e para que todos nós, dê ouvidos a ti. Estejas, portanto, sobre o pináculo do templo para que estejas visível, e para que as tuas palavras possam ser ouvidas por todo o povo; para todas as tribos e até mesmo aos gentios que estiverem reunidos para a Páscoa." Tiago, no entanto, em vez de dizer o que lhe foi pedido, proclamou em alta voz aos ouvidos de todo o povo que Jesus era o verdadeiro Messias, que ele acreditava firmemente nEle,* ***que Jesus estava agora no Céu à mão direita de Deus, e que ele viria outra vez em poder e grande glória****. Muitos foram convencidos por meio da pregação de Tiago e deram glória a Deus, clamando: "Hosana ao Filho de Davi".*
>
> *Quando os escribas e fariseus ouviram isto, disseram entre si: "Nós erramos ao dar crédito a um tal testemunho de Jesus; subamos e joguemos-o para baixo, para que as pessoas fiquem aterrorizadas e não creiam nele." E gritaram, dizendo: "até Tiago, o Justo, se extraviou", e atiraram-no para baixo. Mas, como ele não morreu com a queda, começaram a apedrejá-lo. Então um deles, que era tecelão, tomou um pisão [instrumento usado para dar consistência aos tecidos] e bateu com ele na cabeça de Tiago. Assim, o apóstolo morreu e, como o proto-mártir Estevão, morreu orando por eles, de joelhos. Foi quase que imediatamente depois disso que Vespasiano começou o cerco de Jerusalém, e o exército romano transformou toda a cena em desolação, sangue e ruína.*

O Apóstolo Simão, o Zelote

Simão, o Zelote, também chamado de "Simão, o cananeu", parece não ser a mesma pessoa que Simão, irmão de Tiago. Não temos relatos aprofundados

sobre ele na história narrada no Evangelho. Ele sempre é mencionado junto com os outros apóstolos nos Evangelhos e em Atos, e depois disso desaparece da narrativa sagrada.

É geralmente aceito que, antes de ser chamado para ser apóstolo, ele pertencia a uma seita dos judeus chamada de "Os Zelotes." A principal característica deles era a feroz defesa ao ritual mosaico. Eles se consideravam sucessores de Finéias que, em seu zelo pela honra de Deus, matou Zimri e Cosbi (Número 25). Fingindo seguir o zelo dos sacerdotes antigos, eles achavam que tinham o direito de sentenciar à morte um blasfemador, um adúltero, ou qualquer preso notório, sem as formalidades comuns da lei. Eles alegavam que Deus tinha feito uma aliança eterna com Finéias e com a sua descendência, "porque ele foi zeloso pelo seu Deus, e fez expiação por Israel." Estas retumbantes reivindicações e pretensões enganaram tanto os governantes quanto o povo por um bom tempo. Além disso, sua fúria e zelo pela lei de Moisés e pela libertação do povo do jugo romano deu-lhes graça aos olhos de toda a nação. Mas, como sempre parece ser o caso em circunstâncias semelhantes, seu zelo logo se degenerou em todos os tipos de libertinagem e extravagância selvagem. Tornaram-se as pragas de todas as classes da sociedade.

Sob **um pretendido zelo pela honra de Deus**, eles acusavam quem quisessem de serem culpados de blasfêmia ou de algum outro pecado grave, e imediatamente os matavam e apreendiam suas propriedades. Josefo nos conta que eles falharam em não acusar alguns da "nata da sociedade" e, embora tenham conseguido tornar tudo uma confusão, não deixavam de pescar "em águas turbulentas". Josefo os classificou como as grandes pragas da nação. Tentativas foram feitas em diferentes épocas para suprimir a sociedade, mas não parece que eles tinham sido muito reduzidos até que, junto com todo o resto da nação incrédula, foram varridos do mapa no fatal cerco dos romanos.

Simão é frequentemente denominado "Simão, o Zelote", portanto supõe-se que tenha pertencido a essa problemática facção. Podem ter havido homens verdadeiros e sinceros entre eles, mas bons e maus passaram sob o odioso nome de "Zelote". Nada é sabido com certeza sobre os futuros trabalhos do nosso apóstolo. Alguns dizem que, após viajar por um tempo para o Oriente, voltou para o Ocidente e chegou até a Grã-Bretanha, onde pregou, fez milagres, suportou muitas provações, e finalmente sofreu o martírio.

O Apóstolo Judas, irmão de Tiago

Este apóstolo também é chamado de Judas Tadeu, ou Lebeu. Estes diferentes nomes têm diferentes nuances quanto ao significado, mas o exame de tais sutilezas está fora do escopo deste livro. Judas era filho de Alfeu, e um dos parentes de nosso Senhor, como lemos em Mateus 13:55: ***"não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, e José, e Simão, e Judas?"***

Quando, ou como, ele foi chamado para o apostolado, disto não somos informados; e não há praticamente nenhuma menção a ele no Novo Testamento, exceto nas várias vezes em que os doze apóstolos são nomeados. Seu nome só aparece uma vez na narrativa do Evangelho, quando ele faz a seguinte pergunta: ***"Disse-lhe Judas (não o Iscariotes): Senhor, de onde vem que te hás de manifestar a nós, e não ao mundo?"*** (João 14:22). É evidente, a partir desta pergunta, que ele ainda imaginava, assim como seus condiscípulos, a ideia de um reino temporal, ou a manifestação do poder de Cristo na terra de modo que o mundo pudesse percebê-lo. Mas eles não entendiam ainda a dignidade de seu próprio Messias. Eles eram estranhos à grandeza do Seu poder, à glória da Sua Pessoa, e à espiritualidade do Seu reino. Seus súditos **são libertos, não apenas deste mundo perverso, mas do poder de Satanás e do domínio da morte e da sepultura**: ***"O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor"*** (Colossenses 1:13). A resposta de Cristo para a questão de Judas é o mais importante. Ele fala das bênçãos da obediência. **O discípulo verdadeiramente obediente certamente conhece a doçura da comunhão com o Pai e com o Filho, na luz e no poder do Espírito Santo.** Aqui não se trata da questão do amor de Deus em graça soberana para com um pecador, mas **das relações do Pai com Seus filhos.** Por isso, é **no caminho da obediência** que a manifestação do amor do Pai e do amor de Cristo são encontrados. (Veja João 14:23-26)

Mas devemos ter em mente, quando comentamos sobre as perguntas ou sobre as palavras dos apóstolos, que o Espírito Santo ainda não tinha sido dado, pois Jesus ainda não tinha sido glorificado. Os pensamentos, sentimentos e expectativas dos apóstolos, depois desse evento, foram completamente alterados. Assim, encontramos nosso apóstolo, assim como seu irmão Tiago, intitulando-se ***"Judas, servo de Jesus Cristo, e irmão de Tiago"*** (Judas 1:1). Ele não chama a si mesmo de apóstolo, nem de irmão do Senhor. Isto é humildade verdadeira, fundada em um verdadeiro senso da mudança de relacionamento com o Senhor exaltado. No dia de Pentecostes foi proclamado: ***"Saiba pois com certeza toda***

a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo." (Atos 2:36)

Nada é sabido com certeza sobre o restante da história de nosso apóstolo. Alguns dizem que ele pregou primeiramente na Judeia e na Galileia, e depois da Samaria até a Idumeia, e em cidades da Arábia. Mas, próximo ao fim de sua jornada, a Pérsia foi o local de seus labores e o cenário de seu martírio.

Com base em 1 Coríntios 9:5, podemos razoavelmente inferir que ele era um dos apóstolos que eram casados: ***"Não temos nós direito de levar conosco uma esposa crente, como também os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Cefas?"***

Existe uma tradição sobre dois de seus netos, que é interessante e aparentemente verdadeira. Tal tradição foi transmitida por Eusébio de Hegésipo, um judeu convertido. Domiciano, o Imperador, tendo ouvido sobre a existência de alguns **da linhagem de Davi, e parentes de Cristo** ainda vivos, movido pela inveja, ordenou que fossem apreendidos e levados a Roma. Dois netos de Judas foram trazidos diante dele. Eles confessaram francamente que eram da linhagem de Davi, e parentes de Cristo. Ele os questionou sobre suas possessões e propriedades. Eles lhe contaram que não tinham nada além de alguns hectares de terra, cuja produção servia para o pagamento de impostos e para sustento próprio. Suas mãos foram examinadas, sendo encontradas ásperas e cheias de calos por causa do trabalho. Ele, então, perguntou-lhes acerca do reino de Cristo, e quando e onde ele viria. Então eles responderam que se tratava de um reino celestial e espiritual, e não de um reino temporal, e que ele não seria manifesto até que chegasse o fim deste mundo. O Imperador, satisfeito pelo fato de que eles eram homens pobres e inofensivos, os dispensou e cessou sua perseguição geral contra a igreja. Quando retornaram à Palestina, foram recebidos pela igreja com muito carinho, por serem parentes do Senhor e por terem confessado nobremente Seu nome - Seu reino, poder e glória.

O Apóstolo Matias

Matias - o apóstolo eleito para ficar no lugar do traidor Judas. Ele não era um apóstolo da primeira eleição - isto é, ele não tinha sido imediatamente chamado e escolhido pelo próprio Senhor. É mais do que provável que ele era um dos setenta discípulos, e que tenha sido um acompanhante constante do Senhor Jesus

durante todo o curso de seu ministério. **Isto era uma qualificação necessária, conforme declarado por Pedro, para alguém que deveria ser uma testemunha da ressurreição.** Até onde sabemos, o nome de Matias não aparece em nenhum outro lugar no Novo Testamento.

De acordo com algumas tradições antigas, ele pregou o evangelho e sofreu o martírio na Etiópia, e outros acreditam que isto ocorreu na Capadócia. Assim permitiu-se que os grandes fundadores da igreja passassem da Terra para o Céu sem que uma caneta confiável narrasse seus trabalhos - seus últimos dias - suas últimas palavras, ou mesmo o lugar de descanso de seus corpos. **Mas todos serão narrados no Céu, e serão guardados em uma memória eterna. Quão maravilhosos são os caminhos de Deus, e quão contrários aos caminhos dos homens!**

O modo pelo qual este apóstolo foi eleito foi por sorteio - **um antigo costume judaico**. As sortes foram colocadas em uma urna e o nome de Matias foi retirado e, desse modo, ele foi o apóstolo escolhido por Deus. *"E apresentaram dois: José, chamado Barsabás, que tinha por sobrenome o Justo, e Matias. E, orando, disseram: Tu, Senhor, conhecedor dos corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido, para que tome parte neste ministério e apostolado, de que Judas se desviou, para ir para o seu próprio lugar. E, lançando-lhes sortes, caiu a sorte sobre Matias. E por voto comum foi contado com os onze apóstolos."* (Atos 1:23-26). O modo solene com o qual o sorteio foi realizado foi considerado como uma forma de se referir à decisão de Deus. *"E Arão lançará sortes sobre os dois bodes; uma pelo Senhor, e a outra pelo bode emissário." "A sorte se lança no regaço, mas **do Senhor procede toda a determinação.**"* (Levítico 16:8; Provérbios 16:33). Os apóstolos, é bom lembrar, **ainda não tinham recebido o dom do Espírito Santo**. O sorteio nunca mais foi repetido após o dia de Pentecostes.

Capítulo 5

As Duas Primeiras Viagens de Paulo

O Apóstolo Paulo

Tendo esboçado brevemente as vidas dos doze apóstolos, naturalmente chegamos ao que pode ser chamado de décimo terceiro - o apóstolo Paulo.

No capítulo três falamos sobre a "conversão" e sobre o "apostolado" de Paulo. Vamos agora nos esforçar para traçar seu maravilhoso caminho, e tomar nota de algumas características de destaque de seus trabalhos. Mas, antes de tudo, vamos reunir tudo o que sabemos sobre ele **antes de sua conversão**.

Antes de sua Conversão

É bastante evidente, a partir das poucas dicas que temos na narrativa sagrada sobre o começo da vida de Paulo, que ele foi formado de maneira notável, por todo o curso de sua educação, para chegar ao que se tornaria, e para o que ele iria realizar. Foi Deus, que vigiava o desenvolvimento dessa mente e desse coração maravilhoso, desde o começo (Gálatas 1:16). Até então ele era conhecido como "Saulo de Tarso" - seu nome judeu - o nome dado a ele pelos seus pais judeus. Paulo foi seu nome gentio; mas vamos chamá-lo de "Saulo" até que ele seja nomeado "Paulo" pelo historiador sagrado.

Tarso era a capital da Cilícia e, como diz Paulo, *"cidade não pouco célebre"* (Atos 21:39). Essa cidade era reconhecida como um local de comércio e berço de literatura. Os tutores de ambos Augusto e Tibério eram homens de Tarso. Mas ela ficará famosa em todos os tempos principalmente por ter sido a cidade natal

e primeira residência do grande apóstolo.

Mas, embora tenha nascido em uma cidade gentia, ele era ***"um hebreu de hebreus"*** (Filipenses 3:5). Seu pai era da tribo de Benjamim e da seita dos fariseus, mas moravam em Tarso. De algum modo ele tinha adquirido a cidadania romana, e seu filho podia dizer ao comandante: ***"Mas eu o sou de nascimento."*** (Atos 22:28). Em Tarso ele aprendeu o ofício de fazer tendas. Era um costume saudável entre os judeus ensinar seus filhos algum ofício, embora possa haver pouca perspectiva de seu uso dependendo de sua condição de vida.

Quando Paulo fez sua defesa perante seus compatriotas (Atos 22), ele lhes conta que, embora tenha nascido em Tarso, ele havia sido *"criado aos pés de Gamaliel, instruído conforme a verdade da lei de nossos pais."* (Atos 22:3) A história fala de Gamaliel como um dos mais eminentes dos doutores da lei; e das Escrituras aprendemos que ele era moderado em suas opiniões, e possuído de muita sabedoria mundana. Mas o zelo perseguidor do pupilo logo apareceu em um forte contraste com os conselhos de seu mestre sobre tolerância.

Na época do martírio de Estêvão, Saulo é mencionado como sendo ainda um jovem, mas consentindo com a morte de Estêvão, e guardando as roupas daqueles que o apedrejaram. Sua conversão parece ter ocorrido cerca de dois anos depois da crucificação, mas a data exata é desconhecida.

A partir de Atos 9 aprendemos que ele não demorou, após sua conversão, para confessar sua fé em Cristo àqueles que estavam à sua volta. ***"E esteve Saulo alguns dias com os discípulos que estavam em Damasco. E logo nas sinagogas pregava a Cristo, que este é o Filho de Deus."*** (Atos 9:19-20). Este novo testemunho é especialmente digno de nota. Pedro tinha proclamado Jesus como o exaltado Senhor e Cristo; Paulo O proclama em **Sua mais elevada e pessoal glória, como o Filho de Deus**. Mas a hora de seu ministério público ainda não tinha chegado, ele ainda tinha muito o que aprender e, dirigido pelo Espírito, ele se retira para a Arábia, permanece lá por três anos, e retorna a Damasco (Gálatas 1:17).

Fortalecido e confirmado na fé durante seu retiro, ele prega com maior ousadia, provando que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Os judeus, seus inimigos implacáveis dali em diante, se incitaram contra ele. E eles vigiavam os portões dia e noite para matá-lo. Mas os discípulos o levaram de noite e o desceram pela muralha em um cesto (2 Coríntios 11:32,33). Ele então achou seu caminho até Jerusalém, e através do amigável testemunho de Barnabé, achou seu lugar entre os discípulos. **Que maravilhoso e bendito triunfo da graça soberana!**

A Primeira Visita de Saulo a Jerusalém (por volta de 39 d.C.)

O apóstolo está agora em Jerusalém - a cidade santa de seus pais - a metrópole da religião judaica, e o reconhecido centro do cristianismo. Mas quanto mudou sua própria posição desde que ele começou sua memorável jornada a Damasco!

Podemos aqui fazer uma breve pausa e observar, de passagem, a antiga cidade de Damasco. Tal cidade está intimamente conectada à conversão, ministério e história de nosso apóstolo. Além disso, ela é notável no decorrer de toda a Escritura.

Supõe-se que Damasco seja a cidade mais antiga do mundo. De acordo com Josefo (Ant. 1. 6, 4), ela foi fundada por Uz, o filho de Arã, e neto de Sem (Gênesis 10:23). Ela é mencionada pela primeira vez nas Escrituras em conexão a Abraão, cujo mordomo era um nativo do lugar: *"o mordomo da minha casa é o damasceno Eliézer"* (Gênesis 15:2). A cidade é, portanto, um elo entre a era patriarcal e os tempos modernos. Sua beleza e riqueza têm sido proverbiais por quatro mil anos. Os reis de Nínive, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma a conquistaram, e ela prosperou sob cada dinastia, e sobreviveu a todas elas; mas ela deve seu principal brilho e seu eterno memorial ao nome do Apóstolo Paulo.[1]

Retornemos agora a Jerusalém. Após passar quinze dias com Pedro e Tiago argumentando com os gregos, os irmãos ***"o acompanharam até Cesaréia, e o enviaram a Tarso. Assim, pois, as igrejas em toda a Judéia, e Galiléia e Samaria tinham paz, e eram edificadas; e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e consolação do Espírito Santo."*** (Atos 9:30-31). Por enquanto o adversário é silenciado. A paz reina por meio da bondade de Deus. **A perseguição cumpriu os propósitos de Sua graça. Os dois grandes elementos da bênção - o temor do Senhor e a consolação do Espírito Santo - prevaleciam em todas as assembleias.** Andando no temor do Senhor, e no consolo do Espírito Santo, eles são edificados, e seu número aumenta significativamente.

Enquanto Saulo estava em Tarso, sua terra natal, a boa obra do Senhor estava fazendo grande progresso na Antioquia. Dentre aqueles que foram dispersos pela perseguição que se levantou por causa de Estêvão, havia ***"homens chíprios e cirenenses, os quais entrando em Antioquia falaram aos gregos, anunciando o Senhor Jesus. E a mão do Senhor era com eles; e grande número creu e se conver-***

[1]Para os mais recentes e melhores relatos sobre a cidade e suas cercanias, indicamos Cinco Anos em Damasco, de Porter.

teu ao Senhor." (Atos 11:20-21). Uma nova ordem de coisas começa aqui. Até o momento, o evangelho tinha sido pregado *"senão somente aos judeus"* (Atos 11:19). Quando a notícia dessa bendita obra de Deus entre os gentios chegou a Jerusalém, Barnabé foi enviado pela igreja em uma missão especial até a Antioquia. ***"O qual, quando chegou, e viu a graça de Deus, se alegrou, e exortou a todos a que permanecessem no Senhor, com propósito de coração; porque era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor."*** (Atos 11:23-24)

À medida que a obra aumentava, Barnabé - sem dúvida, sentindo a necessidade de ajuda - pensou em Saulo; e, guiado pelo Senhor, partiu à sua procura. Tendo-o encontrado, o trouxe à Antioquia; e ali eles trabalharam juntos por "todo um ano", tanto nas assembleias dos crentes quando entre o povo. Barnabé ainda assume a liderança, pois lemos de "Barnabé e Saulo". Mais tarde, a ordem muda e lemos "Paulo e Barnabé".

Uma oportunidade de mostrar a afeição pelos irmãos de Jerusalém logo apareceu para os jovens convertidos na Antioquia. Um profeta, *"por nome Ágabo, dava a entender pelo Espírito, que haveria uma grande fome em todo o mundo, e isso aconteceu no tempo de Cláudio César. E os discípulos determinaram mandar, cada um conforme o que pudesse, socorro aos irmãos que habitavam na Judéia. O que eles com efeito fizeram, enviando-o aos anciãos por mão de Barnabé e de Saulo."* (Atos 11:28-30)

A Segunda Visita de Saulo a Jerusalém (por volta de 44 d.C.)

Encarregado desse serviço (levar provisões para os irmãos de Jerusalém, conforme visto no final da seção anterior), Barnabé e Saulo sobem a Jerusalém. Até agora, Jerusalém é considerada o centro da obra, embora agora estivesse rapidamente se estendendo aos gentios. Mas a união é preservada, e a ligação com a metrópole é fortalecida por meio da ajuda agora enviada. Não obstante, um novo centro, uma nova comissão, um novo caráter de poder, em conexão com a história da igreja, agora nos são apresentados. Barnabé e Saulo, tendo cumprido seu ministério, retornam novamente à Antioquia, trazendo com eles João, cujo sobrenome era Marcos.

Atos 13 abre diante de nós uma ordem de coisas inteiramente nova em conexão à obra apostólica, e faremos bem em assinalar tal grande mudança. O

grande fato a ser observado aqui é o lugar que o Espírito Santo toma ao chamar e enviar Barnabé e Saulo. Não se trata mais de Cristo na Terra com Sua autoridade pessoal comissionando apóstolos, mas **agora trata-se do Espírito Santo fazendo isso**. **"Apartai-me"**, disse o Espírito, ***"a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado... E assim estes, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre."*** (Atos 13:2,4) Isto não significa, é claro, que podia haver alguma mudança no que diz respeito à autoridade ou poder, quer do Senhor quer do Espírito, mas seu modo de agir agora mudou. O Espírito Santo na Terra, em conexão a Cristo glorificado no Céu, agora se torna **a fonte e poder da obra** que se abre diante de nós, e que é atribuída a Barnabé e Saulo. A partir daí chegamos à primeira viagem missionária de Saulo.

A Primeira Viagem Missionária de Saulo (por volta de 48 d.C.)

Antes de nos ocuparmos com os apóstolos em sua viagem, cabe aqui uma observação sobre como as coisas mudaram. Eles partiram, devemos observar, não do velho centro, Jerusalém, mas da Antioquia, uma cidade de gentios. Isto é significativo. Jerusalém e os doze perderam a posição quanto à autoridade e poder para com o exterior. O Espírito Santo chama a Barnabé e Saulo para a obra, os prepara para isto, e os envia, sem a jurisdição dos doze.

Não será de esperar que em um livro, cujo conteúdo se propõe a ser resumido, possamos tomar nota dos vários eventos ocorridos nas viagens de Paulo. O leitor os encontrará em Atos e nas Epístolas. Propomos meramente traçar um esboço e dar destaque a determinados pontos de referência, pelos quais o leitor será capaz de traçar, por si mesmo, as várias jornadas do maior dos apóstolos - o maior dos missionários - o maior dos obreiros que já viveu, com exceção do bendito Senhor. Mas em primeiro lugar, gostaríamos de observar seus companheiros e seu ponto de partida.

Barnabé foi, por algum tempo, o companheiro mais próximo de Saulo. Ele era um levita da ilha de Chipre. Ele tinha sido chamado logo no início da história da igreja para seguir a Cristo, e ***"possuindo uma herdade, vendeu-a, e trouxe o preço, e o depositou aos pés dos apóstolos."*** (Atos 4:37). Comparando sua liberalidade com o belo testemunho que o Espírito Santo dá sobre ele, ele permanece diante de nós com um amável e requintado caráter. E, a partir de seu apego

a Paulo desde o início, e de sua cordialidade em apresentá-lo aos outros apóstolos, podemos julgar que ele era mais franco e tinha um coração maior do que **aqueles que tinham sido treinados na estreiteza do judaísmo**; mas faltava-lhe ainda, quanto ao serviço, o rigor e a determinação de seu companheiro Saulo.

João Marcos era um parente próximo de Barnabé - ***"o sobrinho de Barnabé"*** (Colossenses 4:10). Sua mãe era uma certa Maria que morava em Jerusalém, e cuja casa parece ter sido um local de reunião para os apóstolos e primeiros cristãos. Quando Pedro foi liberto da prisão, ele foi direto para ***"a casa de Maria, mãe de João, que tinha por sobrenome Marcos"*** (Atos 12:12). Supõe-se que ele tenha sido convertido por meio de Pedro, pois depois Pedro fala dele como ***"meu filho Marcos"*** (1 Pedro 5:13)

A partir disso aprendemos que ele não era nem um apóstolo nem um dos setenta - que ele não havia acompanhado o bendito Senhor durante Seu ministério público. Mas podemos supor que ele estava ansioso para servir a Cristo, pois se uniu a Barnabé e Saulo, embora mais tarde pareça que sua fé não era páreo para as dificuldades da vida missionária. ***"E, partindo de Pafos, Paulo e os que estavam com ele chegaram a Perge, da Panfília. Mas João, apartando-se deles, voltou para Jerusalém."*** (Atos 13:13). Supõe-se que Marcos tenha escrito seu Evangelho por volta do ano 63 d.C.

A Antioquia, a antiga capital dos selêucidas, foi fundada por Seleuco Nicator por volta de 300 a.C. Foi uma cidade que só ficava atrás de Jerusalém no que diz respeito ao início da história da igreja. O que Jerusalém tinha sido para os judeus, a Antioquia era agora para os gentios. Era um ponto central. Nessa época ocupava um lugar de grande importância na propagação do cristianismo entre os pagãos. Aqui a primeira igreja gentia foi plantada (Atos 11:20,21). **Aqui os discípulos de Cristo foram primeiramente chamados de cristãos** (Atos 11:26). E aqui nosso apóstolo começou seu trabalho ministerial público.

Retornemos agora à missão.

Barnabé e Saulo, com João Marcos como auxiliar no ministério, são então enviados pelo Espírito Santo. Os judeus, em virtude de sua conexão com as promessas, tiveram o evangelho primeiramente pregado a eles; mas a conversão de Sérgio Paulo marca, de maneira especial, o início do trabalho entre os gentios. Também marca uma crise na história do apóstolo. Aqui seu nome é mudado de Saulo para Paulo; e agora - com exceção de Jerusalém (Atos 15:12-22) - não vemos mais "Barnabé e Saulo", mas sim ***"Paulo e os que estavam com ele"*** (Atos 13:13). Ele toma a dianteira; os outros são apenas aqueles que estão

com Paulo. Mas o cenário tem ainda um caráter típico.

O procônsul era, evidentemente, um homem prudente e pensativo, e sentiu a necessidade de sua alma. Ele chama a Barnabé e a Saulo, e deseja ouvir a Palavra de Deus. Mas Elimas, o encantador, resiste a eles. Ele sabia bem que, se o governador recebesse a verdade que Paulo pregava, ele perderia sua influência na corte. Ele, portanto, procura afastar o deputado da fé. Mas Paulo, em dignidade consciente e **no poder do Espírito Santo**, ***"fixando os olhos nele"*** (Atos 13:9), e em palavras de mais fulminante indignação, o repreende na presença do governador. *"Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor? Eis aí, pois, agora contra ti a mão do Senhor, e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo. E no mesmo instante a escuridão e as trevas caíram sobre ele e, andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão. Então o procônsul, vendo o que havia acontecido, creu, maravilhado da doutrina do Senhor."* (Atos 13:10-12). O poder de Deus acompanha a palavra de Seu servo, e a sentença pronunciada é executada no mesmo instante. O deputado fica tomado pela glória moral da cena, e se submete ao evangelho.

"Eu não duvido", disse alguém, "que neste miserável Barjesus (Elimas) vemos uma figura dos judeus no tempo presente, **acometidos de cegueira por algum tempo**, por causa dos ciúmes da influência do evangelho. A fim de preencher a medida de sua iniquidade, eles resistiram à pregação do evangelho aos gentios. A condição deles é julgada; sua história é dada na missão de Paulo. Em oposição à graça e buscando destruir seus efeitos sobre os gentios, eles foram acometidos de cegueira; no entanto, apenas por um tempo."[2]

Durante essa primeira missão entre os gentios, um grande e abençoado trabalho foi feito. Compare Atos 13 e 14. Muitos lugares foram visitados, igrejas foram plantadas, anciãos foram nomeados, a hostilidade dos judeus manifestada, e **a energia do Espírito Santo demonstrada no poder e progresso da verdade**. Em Listra, o cristianismo foi confrontado, pela primeira vez, com o paganismo; mas em todo lugar o evangelho triunfa, e os vários dons de Paulo como obreiro aparecem de maneira abençoada. Seja ao abordar os judeus, que conheciam as Escrituras, ou bárbaros ignorantes, ou cultos gregos, ou multidões enfurecidas, ele prova ser um vaso divinamente escolhido para sua grande obra.

A Antioquia, na Pisídia, merece atenção especial pelo que aconteceu na sinagoga. Embora haja uma grande semelhança no discurso de Paulo comparado

[2]Synopsis of the Books of the Bible, volume 4, página 53,54. [Segunda Edição, Janeiro de 1950])

aos de Pedro e Estêvão nos primeiros capítulos de Atos, ainda podemos notar certos toques estritamente paulinos em seu caráter. **Seu estilo conciliador** de abordagem, o modo como ele apresenta a Cristo, e **sua ousada proclamação de justificação pela fé somente**, podem ser consideradas como típicas de suas póstumas abordagens e Epístolas. Nenhum dos escritores sagrados fala da justificação pela fé como Paulo fala. Seu apelo final tem sido um texto evangelístico favorito de muitos pregadores em todas as eras. Em poucas palavras, ele afirma a bem-aventurança de todos que recebem a Cristo, e a terrível desgraça daqueles que O rejeitarem, provando assim que **não poderia haver um meio-termo ou terreno neutro quando Cristo está em questão.** ***"Seja-vos, pois, notório, homens irmãos, que por este se vos anuncia a remissão dos pecados. E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê. Vede, pois, que não venha sobre vós o que está dito nos profetas: Vede, ó desprezadores, e espantai-vos e desaparecei; porque opero uma obra em vossos dias, obra tal que não crereis, se alguém vo-la contar."*** (Atos 13:38-41)

Tendo sido cumprida a missão deles, eles retornam à Antioquia na Síria. Quando os discípulos ouviram o que o Senhor tinha feito, e que a porta da fé foi aberta aos gentios, eles deviam apenas louvar e bendizer Seu santo nome. Devemos agora retornar, por um momento, a Jerusalém.

O efeito da primeira missão de Paulo sobre os discípulos em Jerusalém levou a uma grande crise na história da igreja. **O ciúme e a mente farisaica** estava tão excitada que uma divisão entre Jerusalém e Antioquia foi ameaçada naquele período inicial da história da igreja. Mas Deus governou em graça, e o problema quanto à Antioquia foi felizmente resolvido. Mas **o fanatismo dos crentes judeus era insaciável.** Na igreja em Jerusalém **eles ainda conectavam ao cristianismo os requisitos da lei, e procuravam impor esses requisitos aos crentes gentios.**

Alguns dos cristãos judeus de cabeça mais fechada desceram à Antioquia, e asseguraram aos gentios que, a menos que eles fossem circuncidados segundo o costume de Moisés, e que guardassem a lei, eles não poderiam ser salvos. Paulo e Barnabé não tiveram pequena discussão e contenda com eles; mas como era uma questão muito pesada para ser resolvida pela autoridade apostólica de Paulo, ou por uma resolução da igreja em Antioquia, foi decidido que uma delegação deveria subir à Jerusalém e pôr a questão diante dos doze apóstolos e dos anciãos. A escolha de quem deveria levar a questão, naturalmente, caiu sobre Paulo e Barnabé, já que tinham sido os mais ativos na propagação do

cristianismo entre os gentios.

Chegamos agora à terceira visita de Paulo a Jerusalém.

A Terceira Visita de Paulo a Jerusalém (por volta de 50 d.C.)

Quando eles chegaram a Jerusalém, encontraram a mesma coisa[3] não apenas nas mentes de alguns poucos irmãos inquietos, mas no próprio seio da igreja. A fonte da confusão estava lá, não entre judeus incrédulos, mas entres aqueles que professavam o nome de Jesus. ***"Alguns, porém, da seita dos fariseus, que tinham crido, se levantaram, dizendo que era mister circuncidá-los e mandar-lhes que guardassem a lei de Moisés."*** (Atos 15:5). Esta declaração clara trouxe toda a questão diante da assembleia, e suas importantes deliberações começaram. O Capítulo 15 de Atos contém o relato do que ocorreu e como a questão foi resolvida. Os apóstolos, anciãos, e todo o corpo da igreja em Jerusalém não estavam apenas presentes, mas também tomaram parte na discussão. Os apóstolos nem assumiram nem exercitaram poder exclusivo sobre o assunto. Este é geralmente chamado **"O primeiro Concílio da Igreja"**, mas pode também ser chamada de último concílio da igreja que podia dizer: ***"Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós"*** (Atos 15:28).

Muitos, de acordo com noções modernas de "essencial e não-essencial", sem dúvida diriam que a mera cerimônia de circuncidar ou não circuncidar uma criança não tinha muita importância. Mas não é assim de acordo com a mente de Deus. Era uma questão vital. **Afetava o próprio fundamento do cristianismo, os profundos princípios da graça, e toda a questão sobre a relação do homem com Deus**. A Epístola de Paulo aos Gálatas é um comentário sobre a história dessa questão.

Não havia rito ou cerimônia que o judeu convertido fosse tão averso a deixar para trás como a circuncisão. Era o sinal e o selo do seu próprio relacionamento com Jeová, e das hereditária bênçãos da aliança com seus filhos. É da opinião de alguns em todas as eras que o "batismo de crianças" foi introduzido pela igreja para atender ao forte preconceito judaico. Mas se isto tivesse sido a pretensão do Senhor, o concílio em Jerusalém seria o próprio lugar para anunciá-lo. Isto acabaria com toda a dificuldade, e resolveria a questão diante deles, e restaura-

[3] N. do T.: fanatismo dos crentes judeus pela guarda da lei pelos gentios

ria a paz e unidade entre os duas “igrejas-mãe”[4]. Mas nenhum dos apóstolos ou dos outros aludiram a isto.

Antes de deixarmos essa importante e sugestiva parte da história do nosso apóstolo, pode ser bom observar certos fatos trazidos em Gálatas 2, mas que não são mencionados em Atos. Foi nesta ocasião que Paulo subiu, por revelação, a Jerusalém com Tito. Em Atos temos a história de Paulo vista de fora, cedendo aos motivos, desejos e objetivos do homem; nas Epístolas temos algo mais profundo - aquilo que governava o coração do apóstolo. Mas Deus sabe como combinar essas circunstâncias externas com **a direção interna do Espírito**. **A liberdade cristã ou a servidão da lei estavam em debate**: se a lei de Moisés - em particular, o rito da circuncisão - deveria ser imposta aos gentios convertidos. Paulo, guiado por Deus, sobe a Jerusalém, e leva com ele Tito. Perante a face dos doze apóstolos, e de toda a igreja, ele traz a Tito, que era grego, e que não tinha sido circuncidado. Isto foi um passo ousado - introduzir um gentio, e incircunciso, **no próprio centro de um judaísmo intolerante**! Mas o apóstolo foi lá por revelação. Ele tinha comunicações positivas, vindas de Deus, sobre o assunto. Foi a maneira divina de decidir a questão, de uma vez por todas, entre ele mesmo e os cristãos judaizantes. Este passo era necessário, como ele diz: ***“E isto por causa dos falsos irmãos que se intrometeram, e secretamente entraram a espiar a nossa liberdade, que temos em Cristo Jesus, para nos porem em servidão; aos quais nem ainda por uma hora cedemos com sujeição, para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós.”*** (Gálatas 2:4-5)

O apóstolo, então, tendo atingido seu principal objetivo, e tendo comunicado seu evangelho aos de Jerusalém, vai embora, com Barnabé, e retorna aos cristãos gentios em Antioquia. Os dois representantes, Judas e Silas, carregando os decretos do concílio, os acompanham. Quando a multidão de discípulos se reuniu e ouviu a epístola lida, **se alegraram e foram consolados.**

Assim termina o primeiro concílio apostólico, e a primeira controvérsia apostólica. E, pelo que aprendemos desses assuntos em Atos, podemos concluir que a divisão entre os cristãos judeus e gentios tinha sido completamente curada pela decisão da assembleia; mas sabemos, pelas Epístolas, que **a oposição do partido judaizante contra a liberdade dos cristãos gentios nem sequer cochilava**. Logo começava de novo, e Paulo tinha que, constantemente, confrontar e lutar contra a questão.

[4]N. do T.: a igreja em Jerusalém, sendo a primeira igreja onde predominavam os judeus, e a igreja em Antioquia, sendo a primeira igreja onde predominavam os gentios

A Segunda Viagem Missionária de Paulo (por volta de 51 d.C.)

Depois de Paulo e Barnabé terem ficado algum tempo com a igreja em Antioquia, outra viagem missionária foi proposta. *"Tornemos"*, disse Paulo, *"a visitar nossos irmãos por todas as cidades em que já anunciamos a palavra do Senhor, para ver como estão. E Barnabé aconselhava que tomassem consigo a João, chamado Marcos. Mas a Paulo parecia razoável que não tomassem consigo aquele que desde a Panfília se tinha apartado deles e não os acompanhou naquela obra. E tal contenda houve entre eles, que se apartaram um do outro. Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre. E Paulo, tendo escolhido a Silas, partiu, encomendado pelos irmãos à graça de Deus. E passou pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas."* (Atos 15:36-41)

Com uma jornada tão importante, tão cheia de provações, que exigia coragem e perseverança - segundo a opinião de Paulo - ele não podia confiar em Marcos como companheiro; ele não podia facilmente desculpar aquele cujos laços familiares o tornaram infiel no serviço ao Senhor. O próprio Paulo deixava de lado todas as considerações e sentimentos pessoais quando a obra de Cristo estava em questão, e ele desejava que os outros fizessem o mesmo. A afeição natural, nesta ocasião, pode ter traído Barnabé a, novamente, pressionar seu sobrinho ao serviço; mas uma severa seriedade caracterizava Paulo. Os laços dos relacionamentos naturais e dos apegos humanos ainda tinham grande influência sobre o caráter cristão ameno de Barnabé. Isto é evidente pela sua conduta em Antioquia na ocasião da fraca complacência de Pedro para com os judaizantes de Jerusalém (Gálatas 2). **A disseminação do evangelho no mundo gentio era sagrada demais** aos olhos de Paulo para admitir experimentos. Marcos tinha preferido Jerusalém à obra, mas Silas preferiu a obra a Jerusalém. Isto pesou na decisão de Paulo, embora, sem dúvida, ela tenha sido guiado pelo Espírito.

Barnabé leva Marcos, seu parente, e navega para Chipre, sua terra natal. E aqui nos despedimos de Barnabé, aquele amado santo e precioso servo de Cristo! Seu nome não é mais mencionado em Atos. Essas palavras, "parente" e "terra natal" devem ser deixadas a falar por elas mesmas ao coração de cada discípulo que lê estas páginas. Se estivéssemos meditando sobre essa cena dolorosa, em vez de dar um mero esboço de uma grande história, poderíamos ter muito o que dizer sobre o assunto; mas o deixamos com duas felizes reflexões: 1) Isto foi direcionado de modo que redundou em benção para os pagãos; as águas da vida agora fluíam em duas correntes no lugar de uma só. Isso, no en-

tanto, é a bondade de Deus, e não dá sanção à divisão entre cristãos. 2) Paulo, mais tarde, fala de Barnabé com inteira afeição, e deseja que Marcos vá até ele, tendo-o achado útil para o ministério (1 Coríntios 9:6; 2 Timóteo 4:11). Não temos dúvida de que a fidelidade de Paulo se tornou uma benção para ambos. Mas o mel das afeições humanas nunca poderão ser aceitas no altar de Deus.

Tendo sido encomendados pelos irmão à graça de Deus, eles iniciam sua jornada. Tudo é maravilhosamente simples. Nenhum desfile é feito pelos seus amigos ao vê-los partir, e nenhuma grande promessa é feita por eles quanto ao que eles estavam determinados a fazer. ***"Tornemos a visitar nossos irmãos"***, são as poucas, simples e despretensiosas palavras que nos levam à segunda grande viagem missionária de Paulo. Mas o Mestre estava pensando em Seus servos e provendo para eles. Eles não precisavam ir longe até encontrar um novo companheiro em Timóteo de Listra, um que havia de suprir o vazio causado pela ausência de Barnabé. Se Paulo perdeu o companheirismo de Barnabé como amigo e irmão, ele encontrou em Timóteo, como seu próprio filho na fé, uma simpatia e um companheirismo que só combinava com a vida do apóstolo. *"Paulo quis que este fosse com ele"*, mas antes de partirem, Paulo *"o circuncidou, por causa dos judeus que estavam naqueles lugares; porque todos sabiam que seu pai era grego."* Paulo, nesta ocasião, inclina-se ao preconceito dos judeus, e circuncisa Timóteo por segurança.

Timóteo era filho de um daqueles casamentos mistos que sempre foram fortemente condenados tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Seu pai era um gentio, mas seu nome nunca é mencionado; sua mãe era uma piedosa judia. Dada a ausência de qualquer referência ao pai, tanto em Atos quanto nas Epístolas, supõe-se que ele possa ter morrido pouco tempo depois do filho ter nascido. Timóteo foi, evidentemente, deixado na infância ao único cuidado de sua mãe Eunice e de sua avó Lóide, que o ensinou, desde criança, a conhecer as Sagradas Escrituras. E, das muitas alusões nas Epístolas de Paulo ao carinho, sensibilidade, e às lágrimas de seu amado filho na fé, podemos acreditar que ele manteve por toda a vida as impressões daquele gentil, amável e santo cuidado doméstico. O maravilhoso amor de Paulo por Timóteo, e suas afáveis lembranças de sua casa em Listra, e seu treinamento inicial ali, ditaram algumas das mais tocantes passagens dos escritos do grande apóstolo. Quando já um homem idoso - na prisão, passando necessidades, e com o martírio diante de si - ele escreve: *"A Timóteo, meu amado filho: Graça, misericórdia, e paz da parte de Deus Pai, e da de Cristo Jesus, Senhor nosso. Dou graças a Deus, a quem desde os meus antepassados sirvo com uma consciência pura, de que sem cessar faço memória*

de ti nas minhas orações noite e dia; desejando muito ver-te, lembrando-me das tuas lágrimas, para me encher de gozo; trazendo à memória ***a fé não fingida*** *que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti."* (2 Timóteo 1:2-5). Ele insiste e repete seu urgente convite a Timóteo para ir e vê-lo. *"Procura vir ter comigo depressa"* - *"Procura vir antes do inverno"* (2 Timóteo 4:9,21). Podemos permitir-nos a crer que um filho tão ternamente amado pôde chegar a tempo de acalmar as últimas horas de seu pai em Cristo, de receber seu último conselho e bênção, e de testemunhá-lo terminando sua carreira com alegria.

Silas, ou Silvano, aparece pela primeira vez como um mestre na igreja em Jerusalém; e provavelmente ele era tanto um helenista quanto um cidadão romano, como o próprio Paulo (Atos 16:37). Ele foi apontado como responsável por acompanhar Paulo e Barnabé em seu retorno a Antioquia com os decretos do concílio. Mas, como muitos detalhes tanto da vida de Timóteo quanto de Silas naturalmente aparecerão ao traçarmos o caminho do apóstolo, não precisamos dizer nada mais sobre eles no presente momento. Procedamos com a viagem.

Paulo e Silas, com seu novo companheiro, percorrem as cidades, ordenando-lhes a manter os decretos ordenados pelos apóstolos e anciãos em Jerusalém. Os decretos foram deixados com as igrejas, de modo que os judeus tinham a própria decisão de Jerusalém de que **a lei não era para ser imposta aos gentios**. Após visitar e confirmar as igrejas já plantadas na Síria e Cilícia, eles procederam para a Frígia e Galácia. Aqui fazemos uma pausa e nos deteremos nestas palavras: *"pela Frígia e pela província da Galácia"* (Atos 16:6). A Frígia e a Galácia não eram meras cidades, mas províncias, ou grandes distritos do país. E ainda assim o historiador sagrado usa apenas essas poucas palavras ao recordar a grande obra feita lá. Quão diferente é a energia condensada do Espírito comparada ao estilo inflado do homem! Aprendemos da história, segundo Neander, que somente na Frígia, no sexto século, havia sessenta e duas cidades. E parece que Paulo e os que estavam com ele tinham percorrido todas as que existiam naquela época.

As mesmas observações quanto ao trabalho se aplica à Galácia. E aprendemos pela Epístola de Paulo aos Gálatas que, nessa época, ele estava sofrendo no corpo. ***"E vós sabeis que primeiro vos anunciei o evangelho estando em fraqueza da carne"*** (Gálatas 4:13). Mas o poder da sua pregação contrasta de maneira tão impressionante com a fraqueza da sua carne que os gálatas foram

movidos até mesmo a extravasar em simpatia e sentimentos generosos. *"E não rejeitastes, nem desprezastes isso que era uma tentação na minha carne, antes me recebestes como um anjo de Deus, como Jesus Cristo mesmo. Qual é, logo, a vossa bem-aventurança? Porque vos dou testemunho de que, se possível fora, arrancaríeis os vossos olhos, e mos daríeis."* (Gálatas 4:14-15). Aprendemos pela história que os gálatas eram de origem celta, impulsivos e de caráter instável[5]. A Epístola inteira é uma triste ilustração da instabilidade deles, e dos **tristes efeitos do elemento judaizante** entre eles. ***"Maravilho-me de"***, disse Paulo, ***"que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho; o qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo."*** (Gálatas 1:6-7). Mas retornemos à história narrada em Atos.

O caráter e os efeitos do ministério de Paulo, como relatados nos capítulos 16 a 20, são realmente maravilhosos. Eles deveriam até se destacar nas páginas de toda a história. Todo servo de Cristo, e especialmente o pregador, deveria estudá-los cuidadosamente e lê-los com frequência. "O vaso do Espírito", disse alguém de maneira tão bela, "brilha com uma luz celestial através de toda a obra do evangelho; ele condescende em Jerusalém; trovoa na Galácia quando almas estão sendo pervertidas, guia os apóstolos a decidirem pela liberdade dos gentios, e usa, ele mesmo, de toda a liberdade de ser um judeu de judeus, e como um sem lei para aqueles que não tinham a lei, como não estando debaixo da lei, mas sempre sujeito a Cristo. Ele também *'procurava sempre ter uma consciência sem ofensa'* (Atos 24:16). Nada que havia dentro dele dificultava sua comunhão com Deus, de onde ele tirou suas forças para ser fiel entre os homens. Ele podia dizer, e *[talvez, N. do T.]* ninguém além dele: ***'sede meus imitadores, como também eu de Cristo'*** (1 Coríntios 11:1). Assim também ele podia dizer: ***'Tudo sofro por amor dos escolhidos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna.'*** (2 Timóteo 2:10)"[6]

Os modos do Espírito para com o apóstolo nesses capítulos são também dignos de nota. **Ele, e somente Ele, dirige o apóstolo em seu maravilhoso caminho**, e o sustêm em meio a muitas provas e circunstâncias opostas. Por exemplo, Ele proíbe Paulo de pregar a Palavra na Ásia - Ele não o deixa ir à Bitínia, mas o direciona por meio de uma visão à noite para que ele fosse à Macedônia. *"E Paulo teve de noite uma visão, em que se apresentou um homem da Macedônia, e lhe rogou, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos. E, logo depois desta visão, procuramos partir para a Macedônia, concluindo que o Senhor nos chamava para*

[5]Veja História do Novo Testamento, de Smith
[6]Sinopse dos Livros da Bíblia, por J. N. Darby.

lhes anunciarmos o evangelho. E, navegando de Trôade, fomos correndo em caminho direito para a Samotrácia e, no dia seguinte, para Neápolis; e dali para Filipos, que é a primeira cidade desta parte da Macedônia, e é uma colônia." (Atos 16:9-12)

Paulo leva o Evangelho para a Europa

Isto marca uma época distinta na história da igreja, na história de Paulo, e no progresso do cristianismo. Paulo e seus companheiros agora levam o evangelho Europa adentro. E aqui creio que podemos fazer uma pausa, por um momento, para lembrarmos as várias e interessantes associações históricas dos conquistadores e conquistas da Macedônia, e para habitarmos por um momento sobre a planície de Filipos, também famosa na história romana. Aqui a grande luta entre a república e o império tinha terminado. Para comemorar esse evento, Augusto fundou uma colônia em Filipos. Esta foi a primeira cidade na qual Paulo chegou em sua entrada para a Europa. Ela é chamada *"a primeira cidade desta parte da Macedônia, e é uma colônia."* (Atos 16:12) Uma colônia romana, como nos é relatado, era caracteristicamente uma lembrança em miniatura de Roma; e Filipos era mais apta que qualquer outra cidade no império para ser considerada representativa da Roma Imperial.

Para muitos de nossos jovens e questionadores leitores, esta breve digressão, temos certeza, não será desinteressante. Além disso, um conhecimento sobre tais histórias são úteis ao estudante da profecia, uma vez que se tratam do cumprimento da visão de Daniel, especialmente do capítulo 7. A cidade de Filipos era, por si própria, um monumento ao crescente poder da Grécia, que deveria esmagar o poder em declínio da Pérsia. Alexandre, o Grande, filho de Filipe, foi o conquistador do grande rei Dário; quando o "Leopardo" da Grécia venceu o "Urso" da Pérsia.[7]

Ao olharmos para trás a partir do tempo em que Paulo partiu da Ásia para a Europa, quase quatrocentos anos tinham passado desde que Alexandre partiu da Europa para a Ásia. Mas quão diferentes eram seus motivos e objetivos - seus conflitos e suas vitórias! O entusiasmo de Alexandre foi despertado pela lembrança de seus grandes antepassados, e por sua determinação em derrubar as grandes dinastias do Oriente; mas, embora não intencional e inconscientemente, ele estava cumprindo os propósitos de Deus. Paulo tinha cingido sua armadura para outro propósito, e **para ganhar maiores e mais duradouras vi-**

[7] Veja Notas sobre o Livro de Daniel, por W. Kelly.

tórias. Ele foi enviado pelo Espírito Santo, não apenas para subjugar o Ocidente, mas para trazer o mundo inteiro a cativar pela obediência de Cristo. O cristianismo não é apenas para uma nação ou um povo, mas para o homem universalmente; até mesmo o próprio Paulo expressa isto em Colossenses 1:23: ***"A toda criatura que há debaixo do céu"***. Esta é a missão do evangelho, e esta é sua esfera.

Mas há outra coisa que devemos observar aqui antes de procedermos com a viagem de Paulo.

Lucas, *"o médico amado"*, historiador e evangelista parece ter se unido a Paulo neste momento particular. No versículo 10 ele escreve na primeira pessoa do plural: *"Procuramos partir para a Macedônia"*. Supõe-se que ele era um gentio de nascença e convertido em Antioquia. Ele parece ter permanecido como um fiel companheiro do apóstolo até o fim de seus trabalhos e aflições (2 Timóteo 4:11).

O Efeito da Pregação de Paulo em Filipos

A quantidade de judeus em Filipos aparentemente era pequena, já que não havia sinagoga no lugar. Mas o apóstolo, como de costume, vai a eles primeiro, mesmo quando se trata de umas poucas mulheres reunidas à margem do rio (Atos 16). Paulo prega a elas, Lídia é convertida, a porta é aberta, e outras também creem. Foi nesse lugar despretensioso, e àquelas poucas mulheres piedosas, que o evangelho foi pregado pela primeira vez na Europa, e onde a primeira casa foi batizada[8]. Mas o silencioso início e seus triunfos pacíficos logo foram perturbados pela malícia de Satanás e pela cobiça do homem. O evangelho não avançaria em meio ao paganismo com facilidade e conforto, mas com grande oposição e sofrimento.

Enquanto o apóstolo e seus companheiros iam ao oratório, ou lugar de oração, uma jovem possuída por um espírito maligno os seguia, e clamava, dizendo: *"Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo."* (Atos 16:17). Da primeira vez, Paulo não deu atenção. Ele foi em

[8] A ação do Espírito quanto à família parece ter sido marcante entre os gentios; entre os judeus, até onde sabemos, não ouvimos falar disso. Encontramos, também, distritos entre os judeus, e também entre os samaritanos, que foram poderosamente impressionados (para dizer o mínimo) pelo evangelho. Mas entre os gentios, famílias parecem ter sido particularmente visitadas pela graça divina, como registrado pelo Espírito. Tome por exemplo Cornélio, o carcereiro e Estéfanas; de fato, encontramos isso vez após vez. Isto é extremamente encorajador - especialmente para nós. - Extraído de Leituras Introdutórias dos Atos dos Apóstolos, etc., por W. Kelly

frente com sua própria bendita obra de pregação de Cristo, e de ganhar almas para Ele. Mas a pobre e obsessiva escrava persistia em segui-los, e em proferir a mesma exclamação. Foi uma tentativa maliciosa do inimigo para impedir a obra de Deus ao prestar um testemunho aos ministros da Palavra. Deve ser observado que ela não presta testemunho a "Jesus", ou ao "Senhor", mas aos Seus "servos", e ao "Deus Altíssimo". **Mas Paulo não queria um testemunho para ele mesmo, nem um testemunho vindo de um espírito maligno**, e ele, *"perturbado, voltou-se e disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela. E na mesma hora saiu."* (Atos 16:18)

Como a moça não podia mais praticar suas artes de adivinhação, seus mestres viram-se privados dos ganhos que eles tinham derivado daquela fonte. Enfurecidos pela perda de sua propriedade, e movendo as multidões ao seu favor, prenderam Paulo e Silas e os arrastaram perante os magistrados. Como eles estavam bem conscientes de que não tinham nenhuma acusação verdadeira para trazê-los perante eles, **levantaram o velho clamor da "perturbação da paz"** - de que eles estavam tentando introduzir práticas judaicas na colônia romana, e ensinar costumes que eram contrários às leis romanas. **E, como tem sido muitas vezes, o clamor da multidão foi aceito no lugar da evidência, exame e deliberação.** Os magistrados, sem perguntar mais nada, ordenou-lhes que fossem açoitados e lançados na prisão. E assim foi, aqueles benditos servos de Deus, feridos, sangrando e fracos foram entregues a um cruel carcereiro, que aumentou ainda mais o sofrimento deles ao prender-lhes os pés no tronco. Mas Paulo e Silas, em vez de ficarem deprimidos por seus sofrimentos no corpo e pelas sombrias paredes da prisão, **alegraram-se por terem sido considerados dignos de sofrer vergonha e dor por causa de Cristo**; e em vez do silêncio da meia-noite ser quebrado com os suspiros e gemidos dos prisioneiros, eles ***"oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam."*** (Atos 16:25)

Se a Satanás não lhe falta recursos para continuar sua obra ruim, a Deus não Lhe falta recursos para continuar Sua boa obra. **Ele agora faz uso de tudo que aconteceu para direcionar o progresso da obra do evangelho, e para cumprir os propósitos do Seu amor.** O carcereiro deve ser convertido, a igreja deve ser reunida, e um testemunho criado para o Senhor Jesus Cristo na própria fortaleza do paganismo. À meia-noite, enquanto Paulo e Silas estavam cantando e os prisioneiros estavam ouvindo ao som incomum, ocorre um grande terremoto. Deus entra em cena em majestade e graça. Ele levanta Sua voz e a terra treme: as paredes da prisão são chacoalhadas, as portas se abrem, e os grilhões de todo homem caem. E agora, o que são cadeias e prisões? O que são legiões romanas?

O que é todo o poder do inimigo? A voz de Deus é ouvida na tempestade: **mas a violência da tempestade é sucedida pela voz mansa e delicada do evangelho e da paz do Céu.**

Logo despertado pelo terremoto, os primeiros pensamentos do carcereiro foram em relação a seus prisioneiros. Alarmado por ver as portas da prisão abertas, e supondo que os presos tinham fugido, ele pega sua espada para se matar. ***"Mas Paulo clamou com grande voz, dizendo: Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos."*** (Atos 16:28). Estas palavras de amor quebraram o coração do carcereiro. A calma serenidade de Paulo e Silas - sua recusa em valer-se da oportunidade de escapar - sua carinhosa preocupação para com ele - tudo combinado para fazê-los aparecer aos olhos do espantado carcereiro como seres de uma ordem superior. Ele deixou de lado sua espada, pediu por luz, saltou para dentro da prisão e, tremendo, caiu aos pés do apóstolo. Sua consciência foi, agora, alcançada, seu coração foi quebrantado, e havia algo como a violência de um terremoto agitando toda sua alma. **Ele toma o lugar de um pecador perdido, e clama: *"Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?"*** (Atos 16:30). Ele não fala como o doutor da lei em Lucas 10:25: *"Mestre, que farei para herdar a vida eterna?"* O que estava em questão para o carcereiro não era sobre fazer algo para a vida, mas sobre **a salvação para o perdido**. **O doutor da lei, como muitos outros, não conhecia a si mesmo como um pecador perdido, portanto ele não fala sobre salvação.**

Em resposta à mais importante pergunta que os lábios humanos podem fazer, *"O que devo fazer para ser salvo?"*, o apóstolo direciona a mente do carcereiro para Cristo - ***"Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa."*** (Atos 16:31). Deus deu a bênção, e toda sua família creu, se alegrou, e foi batizada. E agora tudo está mudado: o carcereiro leva os prisioneiros à sua própria casa - sua crueldade é transformada em amor, simpatia e hospitalidade. Na mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões - lhes ofereceu comida - regozijou-se, crendo em Deus com toda sua casa. Que noite agitada! Que mudança em poucas horas! E que manhã alegre clareou sobre aquela feliz casa! O Senhor seja louvado!

Como o rei Dário, os magistrados parecem ter sido perturbados durante a noite. A notícia do terremoto, ou de que Paulo e Silas eram cidadãos romanos, parece tê-los alcançado. Mas assim que amanheceu, mandaram dizer ao carcereiro que *"soltassem aqueles homens"*. Ele, imediatamente, fez conhecer a ordem a Paulo e Silas, e desejou-lhes que partissem em paz. Mas Paulo se recusou

a aceitar sua liberdade sem algum reconhecimento público do erro de que haviam sido vítimas. Ele agora também torna conhecido o fato de que ele e Silas eram cidadãos romanos. As famosas palavras de Cícero tinham se tornado um provérbio, e tinham um imenso peso onde quer que fosse: *"Acorrentar um cidadão romano é um ultraje, açoitá-lo é um crime"*. Os magistrados tinham, evidentemente, violado as leis romanas; mas Paulo só exigiu que, como eles tinham sido publicamente tratados como culpados, os magistrados fossem a público e declarassem que eram inocentes. Isto eles fizeram prontamente, vendo o erro que tinham cometido. *"E, vindo, lhes dirigiram súplicas; e, tirando-os para fora, lhes pediram que saíssem da cidade. E, saindo da prisão, entraram em casa de Lídia e, vendo os irmãos, os confortaram, e depois partiram."* (Atos 16:39-40) [9]

Antes de deixarmos este memorável capítulo, devemos apenas acrescentar algo que é muito agradável de se encontrar: na Epístola de Paulo aos Filipenses, as provas de um vínculo que os unia, e que continuou desde "o primeiro dia" até mesmo depois do aprisionamento de Paulo em Roma. Sua afeição pelos amados filipenses era maravilhosa. Ele se dirigiu a eles como *"meus amados e mui queridos irmãos, minha alegria e coroa, estai assim firmes no Senhor, amados."* (Filipenses 4:1). E ele reconhece, sem poder conter a alegria, sua comunhão incansável com eles no evangelho, e as muitas provas práticas do amável cuidado e carinhosa simpatia que eles tinham por ele. Já em sua residência em Tessalônica eles se lembravam das necessidades do apóstolo. *"Porque também uma e outra vez me mandastes o necessário a Tessalônica."* (Filipenses 4:16)

Paulo em Tessalônica e Bereia

Paulo e Silas agora dirigem seu percurso até Tessalônica. Timóteo e Lucas parecem ter ficado para trás em Filipos por um tempo. Tendo passado através de Anfípolis e Apolônia, Paulo e Silas chegam a Tessalônica. Ali eles encontram uma sinagoga. Era uma cidade comercial de grande importância, onde muitos judeus residiam. ***"Paulo, como tinha por costume, foi ter com eles; e por três sábados disputou com eles sobre as Escrituras."*** (Atos 17:2). Os corações de muitos foram tocados por suas pregações, e uma grande multidão de devotos gregos e mulheres da alta sociedade creram. Mas o velho inimigo de Paulo aparece novamente. *"Os judeus desobedientes, movidos de inveja, tomaram*

[9] Veja os artigos evangelísticos sobre as principais personagens deste capítulo em Things New and Old, vol. 12, páginas 29-97.

consigo alguns homens perversos, dentre os vadios e, ajuntando o povo, alvoroçaram a cidade, e assaltando a casa de Jasom, procuravam trazê-los para junto do povo. E, não os achando, trouxeram Jasom e alguns irmãos à presença dos magistrados da cidade, clamando: Estes que têm alvoroçado o mundo, chegaram também aqui; os quais Jasom recolheu; e todos estes procedem contra os decretos de César, dizendo que há outro rei, Jesus." (Atos 17:5-7). Estes versículos devem bastar para nos dar uma ideia do **caráter universal dos judeus contra o evangelho** e contra Paulo, seu principal ministro.

O apóstolo tinha, evidentemente, pregado aos tessalonicenses a verdade a respeito da exaltação de Cristo e Sua vinda na glória: ***"Dizendo que há outro rei, Jesus."*** Daí a constante alusão à vinda do Senhor, e ao *"dia do Senhor"*, nas Epístolas de Paulo àquela igreja. Pelo que diz Paulo em sua primeira Epístola, aprendemos que seus trabalhos foram muito abundantes e grandemente reconhecidas e abençoados pelo Senhor para muitas almas. (1 Tessalonicenses 1:9-10; 2:10-11)

O apóstolo agora procede para a Bereia. Ali os judeus eram mais nobres. **Eles examinavam o que ouviam pela Palavra de Deus.** Houve uma grande bênção ali também. Muitos creram, mas os judeus, como caçadores após sua presa, apressaram-se de Tessalônica para a Bereia, e levantaram um tumulto que forçou Paulo a deixar o lugar quase imediatamente. Acompanhado por alguns dos bereianos convertidos, ele direcionou seu curso para Atenas. Silas e Timóteo ficaram para trás.

A Visita de Paulo a Atenas

A aparição do apóstolo em Atenas é um evento de grande importância em sua história. Atenas era, em certos aspectos, a capital do mundo, e a sede da cultura e filosofia grega; mas era também o ponto central da superstição e idolatria.

É muito interessante observar que o apóstolo não tinha pressa de começar seu trabalho nesse lugar. Ele concedeu tempo à reflexão. Pensamentos profundos, e o pesar de tudo na presença de Deus e à luz da morte e ressurreição de Cristo, encheram sua mente. Sua primeira intenção era esperar pela chegada de Silas e Timóteo. Ele tinha enviado uma mensagem para Bereia para que eles fossem ter com ele o mais rápido possível. Mas quando ele se viu rodeado de templos, e altares, e estátuas, e adoração idólatra, ele não podia mais ficar em

silêncio. Como de costume, ele começa com os judeus, mas também disputa diariamente com os filósofos no mercado: cristianismo e paganismo então se confrontam abertamente entre si; e, vale observar, o apóstolo do cristianismo estava sozinho em Atenas, enquanto o lugar fervilhava de apóstolos do paganismo; e tão numerosos eram os objetos de adoração, que um satirista uma vez observou: *"É mais fácil encontrar um deus que um homem em Atenas"*.

Alguns, com desprezo, ridicularizavam o que ouviam, e outros ouviam e desejavam ouvir mais. *"E alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele; e uns diziam: Que quer dizer este paroleiro? E outros: Parece que é pregador de deuses estranhos;* ***porque lhes anunciava a Jesus e a ressurreição."*** (Atos 17:18). Estas palavras tinham causado grande impressão, e permaneceram claramente em suas mentes. Que novidade, e que bendita realidade para as almas! **A Pessoa de Cristo; não uma teoria: o fato da ressurreição**; não uma sombria incerteza quanto ao futuro. O ministro de Cristo desnuda aos estudados atenienses a temerosa condição em que se encontravam sob a visão do verdadeiro Deus. No entanto, eles desejavam uma exposição mais plena e mais deliberada sobre esses misteriosos assuntos, e levaram Paulo ao Areópago.

Desse lugar, o Areópago, é dito que era o mais conveniente e apropriado para um discurso. A mais solene corte da justiça havia sentado desde tempos imemoriais na colina do Areópago. Os juízes se sentavam ao ar livre sobre assentos escavados na rocha. Nesse local, muitas questões solenes tinham sido discutidas, e muitos casos solenes decididos: começando com o lendário julgamento de Marte, o que deu ao lugar o nome de "colina de Marte".

Foi nesse cenário que Paulo dirigiu-se à multidão. Não há um momento sequer na história do apóstolo, ou na história do começo do cristianismo, mais profundamente interessante ou mais conhecido que este. Inspirado por sentimentos para a honra de Deus, e cheio do conhecimento sobre a condição do homem à luz da cruz, o que deve ter ele sentido enquanto estava na colina de Marte? Para onde quer que voltasse os olhos, os sinais da idolatria em suas milhares de formas se levantavam diante dele. Ele poderia ter sido traído, diante das circunstâncias, a falar com exagerada ousadia; mas ele dominou seus sentimentos, e absteve-se de uma linguagem intemperada. Considerando a fervência de seu espírito, e a grandeza de seu zelo pela verdade, foi um notável exemplo de auto-negação e auto-controle. **Mas seu Senhor e Mestre estava com ele, embora para o olho humano ele estivesse sozinho** diante dos atenienses e dos muitos estrangeiros que se reuniam naquela universidade do mundo.

Pela sabedoria, prudência, raciocínio claro e perfeita habilidade, o discurso de Paulo se destaca nos anais da história da humanidade. **Ele não começou atacando seus falsos deuses**, ou denunciando a religião deles como uma ilusão satânica e objeto de seu ódio absoluto. O zelo sem conhecimento teria feito assim, e teria ficado satisfeito com sua própria fidelidade. Mas no discurso que temos diante de nós temos um exemplo da melhor maneira de se aproximar das mentes e corações de pessoas ignorantes e preconceituosas de qualquer idade. Que o Senhor possa dar sabedoria a todos Seus servos para seguir este exemplo!

Suas palavras de abertura são, ao mesmo tempo, vencedoras e reprobatórias: ***"Homens atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos."*** (Atos 17:22). Ele, então, começa reconhecendo que eles tinham sentimentos religiosos, mas que estavam na direção errada; e então fala de si como sendo um que estava disposto a conduzi-los ao conhecimento do verdadeiro Deus: ***"Esse, pois, que vós honrais, não o conhecendo, é o que eu vos anuncio."*** (Atos 17:23). Ele sabiamente seleciona, para seu texto, a inscrição: *"AO DEUS DESCONHECIDO"* (Atos 17:23). Isto lhe dá a oportunidade de começar do mais baixo degrau da escada da verdade. Ele fala da unicidade de Deus, o Criador, e da relação do homem com Ele. Mas ele logo deixa o argumento contra a idolatria e procede pregando o evangelho. E ainda assim ele tem o cuidado de não introduzir o nome de Jesus em seu discurso público. Ele tinha tinha feito isso totalmente em suas ministrações mais particulares: mas, estando cercado pelos discípulos e admiradores de nomes como Sócrates, Platão, Zeno e Epícuro, **ele sagradamente guarda o santo nome de Jesus do risco de uma comparação com tais.** Ele bem sabia que o nome do humilde Jesus de Nazaré era ***"loucura (bobagem) para os gregos"*** (1 Coríntios 1:23). No entanto, é fácil observar que, próximo ao fim de seu discurso, a atenção de toda a audiência está concentrada no homem Cristo Jesus, embora Seu nome não seja mencionado em todo o discurso. Então ele procede: ***"Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam; porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos."*** (Atos 17:30-31). Aqui a paciência de sua audiência acabou - seu discurso foi interrompido. Mas a última impressão deixada em suas mentes era de eterno peso e importância. **O apóstolo inspirado se dirigiu às consciências, e não à curiosidade intelectual dos filósofos.** A menção da ressurreição dos mortos e do julgamento do mundo, com tal poder e autoridade, **não podia deixar de perturbar aqueles orgulhosos e auto-indulgentes homens.** O princípio

essencial, ou o maior objetivo, do filósofo epicureu, era satisfazer a si mesmo; o do estoico era uma orgulhosa indiferença ao bem e ao mal, ao prazer e a dor.

Que dúvidas podemos ter de que essa notável assembleia se desfaria em meio ao escárnio desdenhoso de alguns e à gélida indiferença de outros? Mas, apesar de tudo, o cristianismo tinha ganhado sua primeira e nobre vitória sobre a idolatria e, quaisquer que tenham sido os resultados imediatos do discurso de Paulo, sabemos que tem sido de bênção para muitos desde então, e que ainda trará muitos frutos em muitas almas, e continuará a dar frutos para a glória de Deus sempre e sempre.

Paulo agora se afasta do meio deles. Ele não parece ter sido expulso por qualquer tumulto ou perseguição. O bendito Senhor lhe concedeu provar de Sua própria alegria e da alegria dos anjos quando alguns pecadores contritos o buscaram: *"entre os quais foi Dionísio, areopagita, uma mulher por nome Dâmaris, e com eles outros."* (Atos 17:34). Mas na cidade militar de Filipos, e nas cidades mercantis de Tessalônica e Corinto, o número de conversões parece ter sido muito maior do que na altamente educada e civilizada cidade de Atenas. Isto é profundamente humilhante para o orgulho do homem, e para os vangloriosos poderes da mente humana. Uma Epístola foi escrita aos filipenses, duas aos tessalonicenses, e duas aos coríntios: mas não temos nenhuma carta escrita por Paulo aos atenienses, e não lemos de ter ele outra vez visitado Atenas.

A Visita de Paulo a Corinto

A conexão de Corinto com a história, com os ensinos e com os escritos de nosso apóstolo é quase tão íntima e importante quanto Jerusalém ou Antioquia. Corinto pode ser considerada seu centro na Europa. Aqui Deus teve *"muito povo"* (Atos 18:10), e aqui Paulo *"ficou um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus."* (Atos 18:11). Foi também em Corinto que ele escreveu suas duas primeiras cartas apostólicas - as duas Epístolas aos Tessalonicenses.

Corinto, a capital romana da Grécia, era uma grande cidade mercantil, em conexão imediata com Roma e com o oeste do Mediterrâneo, com Tessalônica e Éfeso no Mar Egeu, e com a Antioquia e Alexandria a leste. Assim, por meio de seus dois notáveis portos, a cidade recebia embarcações tanto dos mares ocidentais quanto dos mares orientais.[10]

[10] Para detalhes geográficos mais completos e detalhados, veja *A Vida e as Epístolas de São*

Paulo parece ter viajado sozinho a Corinto. Se Timóteo foi ter com ele quando em Atenas (1 Tessalonicenses 3:1), ele foi enviado de volta a Tessalônica, lugar pelo qual, como veremos em breve, Paulo tinha grande afeição no coração. Logo após sua chegada ele inesperadamente encontrou dois amigos e companheiros na obra: Áquila e sua esposa Priscila. Nesta época em particular deveria haver um número maior de judeus em Corinto do que o normal, *"pois Cláudio tinha mandado que todos os judeus saíssem de Roma."* (Atos 18:2) O Senhor usou, assim, o banimento de Áquila e Priscila para fornecer um lugar para Seu solitário servo ficar. Eles eram da sua terra (Israel), do seu mesmo ramo de negócio, e do mesmo coração e espírito. *"E, como era do mesmo ofício, ficou com eles, e trabalhava; pois tinham por ofício fazer tendas."* (Atos 18:3)

Quão graciosos e maravilhosos são os caminhos do Senhor para Seu servo. Em uma cidade de riqueza e comércio cercada de gregos nativos, colonos romanos, e judeus vindos de todos os cantos, ele trabalha silenciosamente em seu próprio comércio de modo a não ser um incômodo para nenhum deles. Aqui temos, de certo modo, um exemplo da mais profunda e elevada espiritualidade combinada com o trabalho diligente nas coisas comuns desta vida. Que exemplo! E que lição! Sua labuta diária não gerava impedimento à sua comunhão com Deus. Nunca ninguém conheceu tão bem, ou sentiu tão profundamente, o valor do evangelho que ele carregava consigo: **as questões da vida e da morte estavam ligadas a isso,** e mesmo assim ele podia se entregar ao trabalho comum. Mas isto ele fez, assim como a pregação, para o Senhor e para Seus santos. Ele frequentemente se refere a isto em suas Epístolas, e fala disso como um de seus privilégios: ***"E em tudo me guardei de vos ser pesado, e ainda me guardarei. Como a verdade de Cristo está em mim, esta glória não me será impedida nas regiões da Acaia."*** (2 Coríntios 11:9,10) [11]

Paulo, de Conybeare e Howson. Também acrescentamos que essa é nossa principal fonte no que diz respeito às datas. É provavelmente o melhor e mais abrangente livro sobre a história do grande Apóstolo, com exceção das próprias Escrituras

[11]Como alguns têm supervalorizado essa passagem, e outros a têm subestimado, pode ser interessante observar o que cremos ser seu verdadeiro significado. A decisão do apóstolo de não ser pesado aos santos, como aqui tão fortemente expressa, se aplica principalmente, se não exclusivamente, à igreja de Corinto. Um importante princípio estava envolvido, mas foi um princípio de particular aplicação ao caso, e não geral. Ele reconhece as dádivas das outras igrejas da maneira mais grata possível (Filipenses 4) e, ao escrever aos coríntios mais tarde, ele diz: *"Outras igrejas despojei eu para vos servir, recebendo delas salário; e quando estava presente convosco, e tinha necessidade, a ninguém fui pesado. Porque os irmãos que vieram da macedônia supriram a minha necessidade"* (2 Coríntios 11:8,9). O apóstolo, sem dúvida, tinha a melhor das razões para recusar, dessa maneira, a comunhão com a igreja em Corinto. Sabemos que havia "falsos apóstolos" e muitos inimigos lá, e que muitas perturbações graves e sérias tinham sido permitidas entre eles, as quais ele fortemente repreendeu e procurou corrigir. Sob tais circunstâncias, para que seus motivos não fossem mal interpretados, o apóstolo preferiu trabalhar com suas próprias mãos

Há outra coisa relacionada a esta característica do percurso do apóstolo que é de grande interesse. Acredita-se, em geral, que ele tenha escrito suas duas epístolas aos tessalonicenses mais ou menos nessa época, e alguns pensam que também a Epístola aos Gálatas. Estas permanecem diante de nós como verdadeiras testemunhas de sua proximidade com Deus e sua comunhão com Ele, enquanto se mantinha com o trabalho de suas próprias mãos. Mas quando chega o sábado de descanso, a oficina é fechada, e Paulo vai à sinagoga. Este era seu hábito. *"E todos os sábados disputava na sinagoga, e convencia a judeus e gregos"* (Atos 18:4). Mas enquanto Paulo estava ocupado, tanto nos dias de semana quanto nos sábados, Silas e Timóteo chegaram da Macedônia. É evidente que eles trouxeram consigo alguma ajuda que iria ajudar a suprir as necessidades do apóstolo naquele tempo, e assim aliviá-lo de tal trabalho constante.

A chegada de Silas e Timóteo parece ter encorajado e fortalecido o apóstolo. Seu zelo e energia no evangelho são evidentemente fortalecidos. Ele ***"foi impulsionado no espírito, testificando aos judeus que Jesus era o Cristo."*** (Atos 18:5), mas eles se opuseram à sua doutrina e blasfemaram. Isto levou Paulo a tomar seu curso com grande ousadia e decisão. Ele sacode a roupa, como sinal de estar limpo do sangue deles, e declara que dali em diante passará a tratar com os gentios. Em tudo isto ele foi conduzido por Deus, e agiu de acordo com Sua mente. Enquanto era possível, ele pregava na sinagoga; mas quando ele não mais podia estar lá, foi compelido a usar o lugar mais conveniente que ele podia encontrar. Em Éfeso, ele pregou na escola de um tal de Tirano; em Roma, ele *"ficou dois anos inteiros na sua própria habitação que alugara, e recebia todos quantos vinham vê-lo;"* (Atos 28:30); e aqui, em Corinto, um prosélito chamado Justo abriu sua casa ao rejeitado apóstolo.

Nessa particular crise na história do apóstolo ele foi favorecido com outra revelação especial do próprio Senhor. *"E disse o Senhor em visão a Paulo: Não temas, mas fala, e não te cales; porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade. E ficou ali um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus."* (Atos 18:9-11). Porém, novamente, seus implacáveis inimigos se enfurecem. O grande sucesso do evangelho entre os pagãos excitou a raiva dos judeus contra Paulo, que procuraram usar a vinda de Gálio, um novo governador, para realizar suas más intenções.

Gálio foi o irmão de Sêneca, o filósofo, e, como tal, era muito bem instruído.

---

do que receber apoio da igreja em Corinto. E, *"Por quê?"*, ele pergunta, *"Porque não vos amo? Deus o sabe. Mas o que eu faço o farei, para cortar ocasião aos que buscam ocasião, a fim de que, naquilo em que se gloriam, sejam achados assim como nós"* (2 Coríntios 11:11-12).

Ele era sábio, justo e tolerante como governador, embora desdenhoso em seu tratamento com as coisas sagradas. Mas o Senhor, que estava com Seu servo como Ele mesmo tinha dito, usou a incrédula indiferença de Gálio para derrotar os maliciosos desígnios dos judeus, e para virar suas falsas acusações contra eles mesmos. Como estavam frustrados em seus propósitos malignos, o apóstolo tinha maior liberdade e menos aborrecimento ao levar em frente a obra do evangelho. Seus benditos frutos logo se manifestaram por toda a província da Acaia (1 Tessalonicenses 1:8,9)

A Rápida Visita de Paulo a Éfeso

O momento chegou em que Paulo achou por bem deixar Corinto e revisitar Jerusalém. Ele tinha um grande desejo de estar na próxima festa. Mas antes de partir, recebeu uma solene despedida da jovem assembleia, prometendo (o Senhor permitindo) retornar.

Acompanhado de Áquila e Priscila, ele deixa Corinto em paz. Mas quando no porto, antes da partida, aconteceu uma cerimônia que levantou não pouca discussão. Paulo, estando sob um voto, raspa sua cabeça em Cencreia. Em sua própria mente, e como um que era guiado pelo Espírito, temos certeza de que ele estava muita acima e além de uma religião de festas e votos, mas mesmo assim, inclinou-se, em graça, aos costumes de sua nação. Aos judeus ele se torna um judeu. A constante oposição dos judeus à sua doutrina e a violenta perseguição nunca enfraqueceram as afeições do apóstolo para com seu amado povo: certamente tal proceder vinha de Deus. Enquanto ele procurava, na energia do Espírito, pregar o evangelho aos gentios, ele nunca esquecia, em fidelidade à palavra de Deus, de pregar aos judeus primeiro. Assim ele é para nós como a viva expressão da graça de Deus para com os gentios, e de suas remanescentes afeições para com os judeus.

A equipe missionária chega a Éfeso. Paulo vai à sinagoga e debate com os judeus. Eles parecem inclinados a ouvi-lo, mas ele tem um forte desejo de subir a Jerusalém e celebrar a festa que se aproxima. Assim ele *"se despediu deles, dizendo: É-me de todo preciso celebrar a solenidade que vem em Jerusalém; mas querendo Deus, outra vez voltarei a vós. E partiu de Éfeso."* (Atos 18:21)

A Quarta Visita de Paulo a Jerusalém

Não nos são fornecidas quaisquer informações, pelos historiadores sagrados, sobre o que ocorreu em Jerusalém naquela ocasião. Apenas nos é dito que Paulo *"subiu a Jerusalém e, saudando a igreja, desceu a Antioquia."* (Atos 18:22). Mas seu intenso desejo de fazer esta visita pode nos assegurar sua grande importância. Ele pode ter sentido que tinha chegado a hora quando os judeus cristãos, reunidos na festa, deveriam ouvir um relato completo da recepção do evangelho entre os gentios. Colônias romanas e capitais gregas tinham sido visitadas, e uma grande obra de Deus tinha sido cumprida. Tudo isto teria sido perfeitamente natural e correto, mas desejamos não remover o véu que o Espírito Santo colocou sobre essa visita.

Paulo desce de Jerusalém à Antioquia, visitando todas as assembleias que ele tinha inicialmente formado; e assim, de certo modo, unindo sua obra: Antioquia e Jerusalém. Até onde sabemos, foi a última visita de Paulo à Antioquia. Já vimos como novos centros de vida cristã tinham sido estabelecidos por ele nas cidades gregas do Egeu. O curso do evangelho segue cada vez mais para o Ocidente, e a parte inspirada da biografia do apóstolo, após um curto período de profundo interesse na Judeia, finalmente se centraliza em Roma.

O Retorno de Paulo à Antioquia

Após uma jornada que se estendeu em um espaço de três ou quatro anos, nosso apóstolo retorna à Antioquia. Ele tinha viajado um longo circuito, e disseminado o cristianismo em muitas cidades prósperas e populosas, quase que inteiramente por seus próprios esforços. Se o leitor deseja manter interesse na história de Paulo, deve notar clara e distintamente as grandes épocas na vida de Paulo, e os principais pontos em suas diferentes jornadas. Mas antes de começar com Paulo em sua terceira jornada missionária, pode ser interessante tomar nota de um outro grande pregador do evangelho que aparece exatamente neste momento, e cujo nome, ao lado do apóstolo, é talvez o mais importante na história do início da igreja *(N. do T., tirando o nome do próprio Senhor)*.

Apolo era um judeu de nascença, natural da Alexandria. Ele era um *"homem eloquente e poderoso nas Escrituras ... conhecendo somente o batismo de João"* (Atos 18:24,25). Ele era devoto, sincero e reto, publicamente confessando e pregando aquilo que conhecia, e o poder do Espírito Santo era manifesto nele. Não parece

que ele tenha recebido qualquer designação, ordenação ou sanção de qualquer tipo, nem dos doze nem de Paulo. Mas o Senhor, que está acima de todos, o chamou, e estava agindo nele e por ele. Vemos assim, no caso de Apolo, **a manifestação do poder e liberdade do Espírito Santo, sem a intervenção humana**. É interessante observar isto. **A ideia de um clericalismo exclusivo é a negação prática da liberdade do Espírito em agir por quem Ele quer.** Mas embora ardente em zelo e um locutor poderoso, Apolo conhecia apenas o que João (o batista) tinha ensinado a seus discípulos. O Senhor sabia disto, e proveu mestres para ele. Dentre aqueles que ouviam a seus fervorosos apelos, dois dos bem instruídos discípulos de Paulo foram conduzidos a tomar um interesse especial por ele. E embora ela fosse ensinado e eloquente, ele era humilde o bastante para ser instruído por Áquila e Priscila. Eles o convidaram à sua casa e, sem dúvida, em espírito humilde, ***"lhe declararam mais precisamente o caminho de Deus"*** (Atos 18:26). Que simples! Que natural! E que belo! Tudo é do Senhor. Ele ordenou que Áquila e Priscila fossem deixados em Éfeso - que Apolo deveria vir e animar o povo em Éfeso antes da chegada de Paulo; e, após ser instruído, que deveria ir a Corinto e ajudar na boa obra naquele lugar, obra esta iniciada por Paulo. Apolo regou o que Paulo tinha plantado, e Deus deu um aumento abundante. Tais são os benditos caminhos do Senhor em Seu pensativo amor e carinhoso cuidado por Seus servos, e por todas as Suas assembleias.

Capítulo 6

A Terceira Viagem de Paulo

A Terceira Viagem Missionária de Paulo (por volta de 54 d.C.)

Tendo passado "algum tempo" na Antioquia, Paulo deixa o centro gentio e parte para outra viagem missionária. Nada é dito sobre seus companheiros nesta ocasião. Ele *"passou sucessivamente pela província da Galácia e da Frígia, confirmando a todos os discípulos"* (Atos 18:23), e também dando instruções para a coleta em favor dos santos pobres em Jerusalém (1 Coríntios 16:1,2). Em pouco tempo ele chegou ao centro de sua obra na Ásia.

Éfeso. Nesta época era a maior cidade da Ásia Menor, e a capital da província. Devido à sua posição central, era o ponto de encontro comum de várias personagens e classes de homens. Por esta altura, Apolo tinha partido para Corinto, mas ainda havia outros doze discípulos de João em Éfeso. Paulo fala com eles sobre seu estado e posição. Devemos tomar uma rápida nota do que ocorreu.

O batismo de João requeria o arrependimento, mas não a separação da sinagoga judaica. **O evangelho ensina que o cristianismo é fundamentado na morte e ressurreição. O batismo cristão é um símbolo significativo e expressivo dessas verdades. *"Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos."*** (Colossenses 2:12) Como esses homens eram inteiramente ignorantes sobre as verdades fundamentais do cristianismo, supomos que eles nunca tinham se misturado com cristãos. O apóstolo, sem dúvida, explicou para eles sobre a eficácia da

morte e ressurreição de Cristo, e sobre a descida do Espírito Santo. Eles creram na verdade e receberam o batismo cristão. Então Paulo, por sua capacitação apostólica, impõe suas mãos sobre eles, e eles são **selados com o Espírito Santo**, *"e falavam línguas, e profetizavam"* (Atos 19:6).

Imediatamente após a menção desse importante acontecimento, nossa atenção é direcionada às obras do apóstolo na sinagoga. Durante três meses ele pregou a Cristo ousadamente lá, disputando e persuadindo seus ouvintes *"acerca do reino de Deus."* (Atos 19:8). Os corações de alguns *"se endureceram"*, enquanto outros se arrependeram e creram; mas enquanto muitos dos judeus tomaram o lugar dos adversários, e *"falaram mal do Caminho perante a multidão"* (Atos 19:9), Paulo age da forma mais definitiva possível. Ele *"separou os discípulos"* da sinagoga judaica e deles formou uma nova assembleia, se reunindo com eles *"diariamente na escola de um certo Tirano"* (Atos 19:9). Este é um ato profundamente interessante e instrutivo por parte do apóstolo, mas ele age conscientemente no poder e na verdade de Deus. A igreja em Éfeso é agora perfeitamente distinta, tanto em relação aos judeus quanto em relação aos gentios. Aqui vemos ao que o apóstolo, em outro lugar, se refere em sua exortação: ***"Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus."*** (1 Coríntios 10:32). Onde esta importante distinção não é vista haverá grande confusão de pensamento tanto quanto à Palavra quanto aos caminhos de Deus.

O apóstolo agora aparece como o instrumento do poder de Deus de forma notável e marcante. Ele comunica o Espírito Santo aos doze discípulos de João, separa os discípulos de Jesus e formalmente funda a igreja em Éfeso. Seu testemunho ao Senhor Jesus é ouvido em toda a Ásia, tanto pelos judeus quanto pelos gregos; milagres extraordinários são operados por suas mãos e enfermidades fugiam de muitos apenas ao tocar a borda de suas vestes. O poder do inimigo desaparece diante do poder que está em Paulo; as consciências dos pagãos são alcançadas, e o domínio do inimigo sobre eles se vai. O medo caiu sobre muitos que *"seguiam artes mágicas"*, e eles mesmos queimaram seus livros de magia que, no total, custariam hoje em dia cerca de R $1.300.000,00. *"Assim a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia."* (Atos 19:20). Assim o poder do Senhor foi demonstrado na pessoa e na missão de Paulo, e seu apostolado estabelecido de forma inquestionável.

O apóstolo havia agora passado cerca de três anos de incessante trabalho em Éfeso. E ele mesmo diz, ao se dirigir aos anciãos em Mileto: *"Portanto, vigiai, lembrando-vos de que durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar*

com lágrimas a cada um de vós." (Atos 20:31). É também suposto que, durante este período, ele tenha feito uma rápida visita e tenha escrito a Primeira Epístola aos Coríntios.

O Tumulto em Éfeso

Um grande e abençoado trabalho tinha agora sido cumprido pela poderosa energia do Espírito de Deus, por meio de Seu servo escolhido, Paulo. O evangelho tinha sido pregado na capital da Ásia, e tinha sido espalhado por toda a província. O apóstolo agora sentia que seu trabalho tinha terminado ali, e planeja ir a Roma, a capital do Ocidente e metrópole do mundo. A Grécia e a Macedônia já tinham recebido o evangelho, mas ainda faltava Roma. *"E, cumpridas estas coisas, Paulo propôs, em espírito, ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e pela Acaia, dizendo: Depois que houver estado ali, importa-me ver também Roma."* (Atos 19:21)

Mas enquanto Paulo fazia os arranjos para a próxima viagem, o inimigo planejava um novo ataque. Seus recursos ainda não tinham sido esgotados. Demétrio excita a multidão ignorante contra os cristãos. Um grande tumulto começa, sendo as paixões dos homens despertadas contra os instrumentos do testemunho de Deus. Os oficiais de Demétrio levantaram o clamor de que não somente a profissão deles corria perigo, como também que o templo da grande deusa Diana corria o risco de ser desprezado. Quando a multidão ouviu essas coisas, se encheram de raiva e gritaram, dizendo: *"Grande é a Diana dos efésios."* (Atos 19:28). A cidade inteira estava agora imersa em confusão, mas Paulo misericordiosamente - pelos seus irmãos, e por alguns dos principais governantes da Ásia que eram seus amigos - se abstém de comparecer ao teatro.

Os judeus evidentemente começaram a temer que a perseguição se voltasse contra eles, pois a maioria das pessoas não sabia com que propósito tinham ali se ajuntado. Eles, então, põem um certo Alexandre diante da multidão, provavelmente com a intenção de transferir a atenção para cima dos cristãos; mas no momento em que os pagãos descobriram que ele era um judeu, a fúria deles aumentou: o grito de guerra foi novamente levantado, e por duas horas inteiras as pessoas gritavam: *"Grande é a Diana dos efésios."*. Felizmente, para todas as partes, o escrivão da cidade era um homem de grande tato e admirável política. Ele acalmou e dissolveu a aglomeração. Mas, para a fé, era Deus usando a eloquência persuasiva de um oficial pagão para proteger Seus servos e Seus

muitos filhos que estavam ali.

O tão afamado templo de Diana foi contado pelos antigos como uma das maravilhas do mundo; o sol, diziam, não via nada em seu curso mais magnífico que o templo de Diana. Era construído com o mais puro mármore, e levou 220 anos para ser terminado. Mas com a disseminação do cristianismo, se afundou em decadência, e quase nada dele agora sobrou para nos mostrar como era. O comércio de Demétrio era a confecção de pequenos modelos em prata do santuário da deusa. Estes eram colocados nas casas, guardados em memoriais e carregados em viagens. Mas como a introdução do cristianismo necessariamente afetou as vendas desses modelos, os artesãos pagãos foram instigados por Demétrio a levantar um clamor popular em favor de Diana contra os cristãos.

A Partida de Paulo de Éfeso para a Macedônia

Atos 20. Após o tumulto ter cessado, o perigo acabado e os manifestantes dispersos, Paulo se despede dos discípulos, os abraça, e parte para a Macedônia. Dois dos irmãos efésios, Tíquico e Trófimo, parecem tê-lo acompanhado, mantendo-se fiéis a ele em meio a todas as suas aflições. Eles são mencionados com frequência, e inclusive aparecem no último capítulo de sua última epístola, em 2 Timóteo 4.

O historiador sagrado é extremamente breve em seu registro sobre o proceder de Paulo neste momento. Toda a informação que ele dá é comprimida nas seguintes palavras: *"Saiu para a macedônia. E, havendo andado por aquelas terras, exortando-os com muitas palavras, veio à Grécia. E, passando ali três meses..."* (Atos 20:1-3). É geralmente suposto que essas poucas palavras abrangem um período de nove ou dez meses - do começo do verão de 57 d.C. até a primavera de 58 d.C. Mas esta falta de informação é, felizmente, suprida nas cartas do apóstolo. Aquelas que foram escritas durante essa jornada nos suprem com vários detalhes históricos e, o que é melhor, elas nos dão, da sua própria caneta, uma imagem viva dos profundos e dolorosos exercícios da mente e do coração pelas quais ele estava passando.

Parece que Paulo tinha combinado de se encontrar com Tito em Trôade, que lhe traria notícias direto de Corinto sobre o estado das coisas por lá. Mas semana após semana se passou, e Tito não aparecia. Sabemos alguma coisa sobre as

obras dessa grande mente e coração nesse tempo pelo que ele mesmo diz: *"Ora, quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo, e abrindo-se-me uma porta no Senhor, não tive descanso no meu espírito, porque não achei ali meu irmão Tito; mas, despedindo-me deles, parti para a macedônia."* (2 Coríntios 2:12,13). Sua ansiedade pessoal, no entanto, não o impediu de ir em frente com **a grandiosa obra do evangelho**. Isto é evidente nos versículos de 14 a 17.

Finalmente o há muito esperado Tito chega à Macedônia, provavelmente em Filipos. E agora a mente de Paulo é aliviada e seu coração confortado. Tito lhe traz melhores notícias de Corinto do que ele esperava ouvir. A reação é manifesta: ele se enche de louvor a Deus: *"Grande é a ousadia da minha fala para convosco"*, diz ele, *"grande a minha jactância a respeito de vós; estou cheio de consolação;* ***transbordo de gozo em todas as nossas tribulações****. Porque, mesmo quando chegamos à macedônia, a nossa carne não teve repouso algum; antes em tudo fomos atribulados: por fora combates, temores por dentro. Mas Deus, que consola os abatidos, nos consolou com a vinda de Tito."* (2 Coríntios 7:4-6)

Logo após isso, Paulo escreve sua Segunda Epístola aos Coríntios, que descobrimos ser dirigida não apenas a eles, mas a todas as igrejas em toda a Acaia. Todas elas podiam ter sido mais ou menos afetadas pela condição das coisas em Corinto. Tito é novamente o servo voluntário do apóstolo, não apenas como portador da segunda carta à igreja em Corinto, mas também tendo um papel especial nas coletas que eles faziam para os pobres. Paulo não apenas dá a Tito estritas instruções sobre as coletas, como também escreve dois capítulos sobre o assunto (capítulos 8 e 9), embora este fosse mais o trabalho de diáconos do que de apóstolos. Mas, como tinha dito ele em resposta à sugestão de Tiago, Cefas e João, de que ele deveria se lembrar dos pobres - ***"Recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também procurei fazer com diligência."*** (Gálatas 2:10)

O espaço que o apóstolo dedica aos assuntos relacionados às coletas para os pobres é notável e merece nossa cuidadosa consideração. Pode ser que alguns de nós tenhamos ignorado este fato até agora. Observe, por exemplo, o que ele diz de uma igreja em particular. Temos boas razões para acreditar que os filipenses, desde o começo, se importavam com o apóstolo - eles o pressionaram a aceitar suas contribuições para ajudá-lo, desde sua primeira visita a Tessalônica até seu aprisionamento em Roma, além de sua generosidade para com os outros (2 Coríntios 8:1-4). Mas alguns podem imaginar, a partir disso, que eles eram uma igreja rica. Pelo contrário. Paulo nos diz: ***"Como em muita prova***

de tribulação houve abundância do seu gozo, e como a sua profunda pobreza abundou em riquezas da sua generosidade." (2 Coríntios 8:2). Eles doavam com tanta generosidade o que tinham de sua própria pobreza.

O que os filipenses são nas Epístolas, a viúva pobre é nos Evangelhos - duas moedinhas era tudo o que ela tinha. Ela podia ter dado uma e ficado com a outra; mas ela tinha um coração não dividido, e ela deu as duas. Ela, também, deu o que tinha de sua pobreza, e onde quer que o evangelho seja pregado por todo o mundo, essas coisas hão de ser contadas como um memorial da generosidade deles.

Após Paulo ter enviado a Tito e os que estavam com ele com a Epístola, ele permaneceu "naquelas partes" da Grécia fazendo a obra de um evangelista. Sua mente, no entanto, almejava fazer uma visita pessoal aos coríntios. Mas ele concedeu tempo para que sua carta produzisse seus próprios efeitos sob a bênção de Deus. Um dos objetivos do apóstolo era preparar o caminho para seu ministério pessoal entre eles. É comum o pensamento de que foi durante este período que ele pregou plenamente o evangelho de Cristo aos arredores até o Ilírico (Romanos 15:19). É provável que ele tenha alcançado Corinto no inverno, de acordo com sua expressa intensão: *"E bem pode ser que fique convosco, e passe também o inverno"* (1 Coríntios 16:6). Lá ele ficou por três meses.

Todos estão de acordo, podemos dizer, que foi durante esses meses de inverno que ele escreveu sua grande Epístola aos Romanos. Alguns dizem que ele também escreveu sua Epístola aos Gálatas neste mesmo período. Mas há grande diversidade de opiniões entre os cronologistas sobre este ponto. Pela ausência de nomes e saudações, como temos na Epístola aos Romanos, é difícil determinar sua data. Mas se ela não foi escrita neste tempo em particular, mesmo assim devemos mencioná-la mais cedo, e não mais tarde. O apóstolo ficou surpreso pelo antecipado abandono da verdade. ***"Maravilho-me"***, diz ele, ***"de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho"*** (Gálatas 1:6). Seu grande desapontamento é manifesto no calor do espírito no qual escreve essa Epístola.

Mas devemos retornar à história do nosso apóstolo: não nos adentraremos mais a fundo nas sutilezas da cronologia. Mas após compararmos as últimos escritos, relataremos o que acreditamos serem as datas mais confiáveis.

Paulo deixa Corinto

A obra do apóstolo tinha agora sido terminada em Corinto, e ele se prepara para ir embora. Sua mente se inclinava a ir a Roma, mas havia uma missão de caridade em seu coração a qual ele devia acatar primeiro. Somos favorecidos com suas próprias palavras sobre esses diferentes pontos: *"Mas agora, que não tenho mais demora nestes sítios, e tendo já há muitos anos grande desejo de ir ter convosco, quando partir para Espanha irei ter convosco; pois espero que de passagem vos verei, e que para lá seja encaminhado por vós, depois de ter gozado um pouco da vossa companhia. Mas agora vou a Jerusalém para ministrar aos santos. Porque pareceu bem à macedônia e à Acaia fazerem uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém."* (Romanos 15:23-26). Quanto à sequência de nomes em Atos 20:4 - Sópater, Aristarco, Segundo, Gaio, Tíquico e Trófimo - supõe-se que sejam irmãos que tinham em mãos as coletas que tinham sido feitas nos diferentes lugares mencionados. Em vez de velejar direto para a Síria, ele rodeia a Macedônia, por causa dos judeus que estavam à espreita. Seus companheiros o esperavam em Trôade. Lá ele passou o dia do Senhor (domingo) e uma semana inteira, a fim de ver os irmãos.

Devemos observar brevemente o que aconteceu nesse estágio de sua jornada. Duas coisas, de imensa importância para os cristãos, estão ligadas a isso - o dia do Senhor e a Ceia do Senhor. O historiador, que estava com Paulo nesse tempo, entra com incomum minúcia sobre os detalhes daquele dia.

É evidente, a partir desta incidental observação, que era o estabelecido costume dos primeiros cristãos **se reunirem no "primeiro dia da semana" com a compreendida finalidade do "partir o pão"**. Temos aqui o principal objetivo e o momento normal da reunião deles. ***"E no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão"*** (Atos 20:7; Veja também 1 Coríntios 16:2, João 20:19, Apocalipse 1:10). Mesmo o discurso do apóstolo, precioso como era, é mencionado como algo secundário. **A lembrança do amor do Senhor ao morrer por nós**, e tudo aquilo que Ele nos deu ao ressuscitar, era, e continua sendo, o principal. Se houver uma oportunidade também para o ministério da Palavra, assim como para reunir os pensamentos e afeições dos adoradores de Cristo, é bom que haja; mas o partimento do pão deve ser a primeira consideração, e **o principal objetivo** da assembleia. A celebração da Ceia do Senhor nessa ocasião foi à noite. No início, o partimento do pão também era observado em alguns lugares antes do amanhecer, e em outros, após o pôr do sol. Mas aqui os discípulos não eram obrigados a se reunirem em segredo. *"E havia muitas luzes*

no cenáculo onde estavam juntos." (Atos 20:8). E Paulo continuou sua fala até a meia-noite, pois deveria partir no dia seguinte. Foi uma ocasião extraordinária, e Paulo aproveita a oportunidade de conversar com eles a noite toda. Ainda não havia chegado o tempo, como disse alguém, em que os ternos discursos do coração seriam cronometrados, quando a duração da ardente agonia do pregador pelas almas perdidas seria contada no relógio pela frieza dos meros professos, ou pela descuidada indiferença dos cristãos mundanos. Êutico, um rapaz, caiu no sono e *"caiu do terceiro andar... e foi levantado morto."* (Atos 20:9). Isto foi visto por alguns como um castigo pela sua falta de atenção, mas foi um milagre; o rapaz foi levantado de um estado de morte pelo poder e bondade de Deus através de Seu servo Paulo, e todos ficaram grandemente reconfortados.

Paulo em Mileto

O estágio mais importante dessa jornada é Mileto, embora os diferentes lugares em que eles passam sejam cuidadosamente notados pelo historiador sagrado. Paulo, estando cheio do Espírito, dá direções para a viagem. Seus companheiros, de bom grado, lhe obedecem, mas não como a um mestre, mas como a um que dirige na humildade do amor e na sabedoria de Deus. Ele decide não ir a Éfeso, embora fosse um lugar central, pois ele tinha o propósito no coração de ir a Jerusalém no dia de Pentecostes. Mas, como o navio viria a ser detido algum tempo em Mileto, ele envia uma carta aos anciãos da igreja em Éfeso para poderem se encontrar. Dizem que a distância entre os dois lugares é de cerca de 48 quilômetros, de modo que levaria dois ou três dias para ir e voltar. Mesmo assim, tiveram tempo suficiente para se reunirem antes do navio sair. Assim **o Senhor pensa em Seus servos e faz com que todas as coisas cooperem para o bem e para Sua própria glória.**

O discurso de despedida de Paulo aos anciãos de Éfeso é característico e representativo, exigindo nosso mais cuidadoso estudo. Ele põe diante de nós a profunda e tocante afeição do apóstolo, a posição da igreja naquele tempo, e a obra do evangelho entre as nações. Ele os exorta com incomum seriedade e ternura; ele sentia que estava se dirigindo a eles pela última vez; ele os lembra de seus trabalhos entre eles ***"servindo ao Senhor com toda a humildade, e com muitas lágrimas"*** (Atos 20:19). **Ele os adverte contra os falsos mestres e heresias - os lobos cruéis que entrariam no meio deles, e os homens amantes de si mesmos que se ergueriam, falando coisas perversas, para atraírem os**

discípulos após si. *"E, havendo dito isto, pôs-se de joelhos, e orou com todos eles. E levantou-se um grande pranto entre todos e, lançando-se ao pescoço de Paulo, o beijavam, entristecendo-se muito, principalmente pela palavra que dissera, que não veriam mais o seu rosto. E acompanharam-no até o navio."* (Atos 20:36-38)

Como este pensamento sobre Paulo é da mais elevada importância, e marca uma época distinta na história da igreja, além de lançar luz divina sobre todos os sistemas eclesiásticos, podemos citar um pensamento abrangente e compreensivo de outro autor:

"A igreja estava consolidada sobre uma extensa área do território, e em vários lugares tinha tomado a forma de uma instituição comum. Anciãos eram estabelecidos e reconhecidos. O apóstolo podia chamá-los para ter com ele. Sua autoridade era também reconhecida por parte deles. Ele fala de seu ministério como algo passado - solene pensamento!... Assim, o que o Espírito Santo coloca diante de nós é que, agora, quando os detalhes de sua obra entre os gentios de plantar o evangelho são relatados como um panorama entre judeus e gentios, ele diz adeus ao trabalho. Isto para que pudesse deixar aqueles que ele havia reunido em uma nova posição e, em certo sentido, entregues a si mesmos. É um discurso que marca a cessação de uma fase da igreja - a dos trabalhos apostólicos - e a entrada de uma outra: **a responsabilidade da igreja de manter-se firme** agora que esses trabalhos tinham cessado; o serviço dos anciãos, a quem *'o Espírito Santo constituiu supervisores (bispos)'* (Atos 20:28); e, ao mesmo tempo, **os perigos e dificuldades que se seguiriam após o fim dos trabalhos apostólicos**, complicando o trabalho dos anciãos, a quem a responsabilidade recairia especialmente.

"A primeira observação que decorre da consideração deste discurso é que **a sucessão apostólica é inteiramente negada.** Devido à ausência do apóstolo, várias dificuldades surgiriam, e não haveria ninguém em seu lugar para lidar ou prevenir estas dificuldades. Sucessor, portanto, ele não tinha. Em segundo lugar, parece que o fato de que esta energia, que freava o espírito do mal, uma vez que estivesse longe, **faria erguer as cabeças dos lobos devoradores vindos de fora, e dos mestres de coisas perversas vindos de dentro, que atacariam a simplicidade e a felicidade da igreja.** Esta seria assediada pelos esforços de satanás, uma vez que não possuía mais a energia apostólica para resistir-lhes. Em terceiro lugar, o que de primordial deveria ser feito para o impedimento do mal era alimentar o rebanho, e vigiar, quer sobre si mesmos ou sobre o rebanho, para aquele propósito. **Ele então os encomenda - nem a Timóteo nem a algum**

bispo, mas de um modo que deixa de lado qualquer tipo de recurso oficial - a Deus e à palavra de Sua graça. Nesse ponto ele deixa a igreja. Os trabalhos em liberdade do apóstolo dos gentios estavam terminados. Ele tinha sido o instrumento escolhido de Deus **para comunicar ao mundo Seus conselhos a respeito da igreja e para estabelecer na mente do mundo o precioso objeto de Suas afeições, unida a Cristo à Sua mão direita.** O que seria dela aqui?" [1]

Atos 21. Com um vento justo, Paulo e sua companhia partiam de Mileto, enquanto os entristecidos anciãos de Éfeso se preparavam para sua viagem de volta. Em um curso reto eles velejaram a Cós, Rodes, e daí até Pátara e Tiro. A partir do que aconteceu lá - tão similar ao que houve em Mileto - é evidente que Paulo logo conquistou o coração dos discípulos. Embora ele tenha ficado apenas uma semana em Tiro, não conhecendo os cristãos dali, ele tinha ganhado suas afeições. *"E seguimos nosso caminho, acompanhando-nos todos"*, diz Lucas, *"com suas mulheres e filhos até fora da cidade; e, postos de joelhos na praia, oramos."* (Atos 21:5). Parece também que um espírito de profecia foi derramado sobre esses afetuosos cristãos de Tiro, pois eles advertiram o apóstolo para que não fosse a Jerusalém. Após esperar ali por sete dias, foram a Ptolemaida, onde ficaram por um dia. Em Cesareia, ficaram hospedados na casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete. Ele também já é bem conhecido nosso, mas é interessante encontrá-lo novamente após um intervalo de mais de vinte anos. Agora ele tem quatro filhas virgens que profetizavam. Aqui Ágabo, o profeta, previu o aprisionamento de Paulo, e rogou-lhe que não fosse a Jerusalém. Todos os discípulos disseram o mesmo, e suplicavam-lhe com lágrimas para que não fosse. Mas embora o coração terno e sensível de Paulo deva ter se movido pelas lágrimas e suplicas de seus amigos e de seus próprios filhos na fé, ele decidiu não alterar sua resolução e não deixar de lado seu propósito. Ele se sentiu compelido em espírito a ir, e pronto a deixar todas as consequências à vontade do Senhor.

A Quinta Visita de Paulo a Jerusalém (por volta de 58 d.C.)

O apóstolo e seus companheiros foram recebidos com agrado ao chegarem em Jerusalém. *"E, logo que chegamos a Jerusalém"*, observa Lucas, *"os irmãos nos receberam de muito boa vontade."* (Atos 21:17). No dia seguinte, Paulo e seus com-

[1] The Present Testemony [O Atual Testemunho], v. 8, p. 405-407.

panheiros visitaram Tiago, em cuja casa os anciãos estavam presentes. Paulo, como orador principal, declarou particularmente as coisas que Deus fizera entre os gentios por seu ministério. Mas embora estivessem muito interessados, e louvassem ao Senhor pelas boas notícias, eles evidentemente se sentiram desconfortáveis. Eles imediatamente chamaram a atenção de Paulo para o fato de que um grande número de judeus que criam em Jesus como o Messias **eram observadores zelosos da lei de Moisés e eram fortemente preconceituosos contra Paulo.**

Como satisfazer os preconceitos desses judeus cristãos era agora a importante questão entre Paulo e os anciãos. Eles sabiam que multidões de judeus, convertidos e não convertidos, se ajuntariam quando ouvissem da chegada de Paulo. Por muito tempo eles acreditavam nas mais sérias e pesadas acusações contra ele - ***"e já acerca de ti foram informados de que ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a apartarem-se de Moisés, dizendo que não devem circuncidar seus filhos, nem andar segundo o costume da lei."*** (Atos 21:21). O que deveria agora ser feito? Os anciãos propuseram que Paulo deveria se mostrar publicamente como alguém que era obediente à lei. Esta foi a mais dolorosa e desconcertante posição do apóstolo dos gentios. O que ele poderia fazer agora? Será que o mensageiro do evangelho da glória - o ministro do chamado celestial - se inclinaria às regras dos votos nazireus? Foi uma questão séria e solene. Se ele se recusasse a ceder à vontade deles, a suspeita dos judeus seria confirmada; se ele agisse de acordo com o desejo deles, ele deveria se humilhar - colocar seu elevado chamado em segundo plano, e se render à ignorância, preconceito e orgulho dos judaizantes. Mas o que mais podia fazer? **Ele estava no centro de um judaísmo fanático, e desejava honestamente conquistar a igreja de Jerusalém para um cristianismo mais puro e mais nobre.**

Alguns tomaram muita liberdade em seu criticismo sobre o apóstolo no decorrer desse tempo. Mas embora seja nosso privilégio humildemente examinar tudo o que o historiador sagrado escreveu, tememos que alguns se aventuraram longe demais em dizer coisas duras sobre o apóstolo. Podemos perguntar reverentemente quão longe o desejo e a afeição de Paulo o influenciaram nesta ocasião, além das advertências do Espírito através dos irmãos; mas certamente devemos nos manter entre os limites do que o Próprio Espírito Santo disse pelas Escrituras. Vamos agora cuidadosamente observar os fatos exteriores que conduziram o apóstolo a essa memorável época de sua vida.

Roma tinha estado por muito tempo em sua mente. Ele tinha um grande de-

sejo de pregar o evangelho naquele lugar. Isto estava correto - estava de acordo com Deus - não era algo de si mesmo: ele era o apóstolo dos gentios. **Deus vinha trabalhando em Roma de modo abençoado mesmo sem Paulo ou Pedro, pois ainda nenhum apóstolo tinha visitado Roma.** Paulo tinha sido privilegiado por escrever uma epístola aos romanos, e nessa carta ele expressa o mais ardente desejo de vê-los, e de trabalhar entre eles. *"Porque desejo ver-vos"*, diz ele, *"para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais confortados"* (Romanos 1:11). Este era seu estado mental e o objetivo que tinha diante de si, o que também devemos ter em vista quando estudamos esta parte de sua história. Compare Romanos 1:7-15; 15:15-33.

O Fim dos Trabalhos de Paulo em Liberdade

Chegamos agora a uma questão importante, e a um ponto de virada na história de Paulo daqui para a frente. Iria ele direto para o ocidente, em direção a Roma, ou iria passar por Jerusalém? Tudo depende disso. Jerusalém também estava em seu coração. Mas se Cristo o tinha enviado tão longe, para os gentios, poderia o Espírito, da parte de Cristo, conduzi-lo a Jerusalém? Foi apenas aqui, acreditamos, que foi permitido ao grande apóstolo seguir os desejos de seu próprio coração, cujos desejos eram corretos e belos em si mesmos, mas não estavam de acordo com a mente de Deus naquele momento. Ele amava profundamente sua nação, e especialmente os santos pobres em Jerusalém; e, tendo sido muito mal representado ali, ele esperava provar seu amor pelos pobres dentre seu povo levando as ofertas dos gentios pessoalmente. *"Assim que"*, diz ele, *"concluído isto, e havendo-lhes consignado este fruto, de lá, passando por vós, irei à Espanha."* (Romanos 15:28). Certamente isto era amável e louvável! Sim, mas isto vinha de um lado apenas, e este era o lado da natureza - da carne - e não do Espírito. *"E, achando discípulos, ficamos ali sete dias; e eles pelo Espírito diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém."* (Atos 21:4). Isto parece claro o bastante, mas Paulo naquele momento se inclinou para o lado de suas afeições "pelos pobres do rebanho" em Jerusalém. Será que poderia haver um erro mais perdoável que este? Impossível! Foi seu amor pelos pobres, e o prazer de levar a eles as ofertas dos gentios, que o conduziu a passar por Jerusalém em seu caminho a Roma. No entanto, foi um erro, e um erro que custou a Paulo sua liberdade. Seu trabalhos em liberdade acabam aqui. Ele permitiu liberdade à sua carne, e Deus permitiu que os gentios o prendessem em correntes. Esta era a expressão

de puro amor do Mestre para com Seu servo. Paulo era muito precioso para que o Senhor o deixasse sem a justa disciplina nessa ocasião. **Também provaria que nem Jerusalém nem Roma poderiam ser a metrópole do cristianismo. Cristo, a Cabeça da igreja, estava no céu, e lá é o único lugar em que a metrópole do cristianismo deve estar.** Jerusalém perseguiu o apóstolo, Roma o aprisionou e martirizou. No entanto, o Senhor estava com Seu servo para o seu próprio bem, para o avanço da verdade, para a bênção da igreja, e para a glória de Seu próprio grandioso nome.

Aqui podemos tomar a permissão para mais uma reflexão. Em quantas histórias, desde a quinta visita de Paulo a Jerusalém, essa cena solene tem sido reproduzida! Quantos santos têm sido amarrados com correntes de diferentes tipos, mas quem pode dizer para quê, ou para quem? Todos nós teríamos dito - se não iluminados pelo Espírito - que o apóstolo não podia ter atuado por um motivo mais digno ao passar por Jerusalém em seu caminho a Roma. Mas o Senhor não havia dito para ele fazer isso. Tudo depende disso. Quão necessário é ver, em cada estágio de nossa jornada, que **temos a palavra de Deus para nossa fé, o serviço de Cristo para nossos motivos, e o Espírito Santo para nossa direção**. Retornemos agora ao relato dos eventos.

Deixamos Paulo sentado com os anciãos na casa de Tiago. Eles tinham sugerido a ele um modo de conciliar os crentes judeus, e de refutar as acusações de seus inimigos. Deslealdade para com sua nação e com a religião de seus pais era a principal acusação levantada contra ele. Mas sob a superfície dos eventos exteriores, e especialmente tendo a luz das epístolas derramada sobre eles, descobrimos a raiz de toda a questão **na inimizade do coração humano contra a graça de Deus**. De modo a entender isso, devemos observar que o ministério de Paulo tinha um duplo caráter: (1) Sua missão era pregar o evangelho "a toda criatura debaixo do céu" - não foi apenas além dos limites do judaísmo, como também **estava em perfeito contraste com esse sistema;**(2) Ele era também o **ministro da igreja de Deus, e pregava sua exaltada posição, e seus benditos privilégios, como estando unida a Cristo, o Homem glorificado no Céu.** Essas verdades benditas serão vistas erguendo a alma do crente muito acima da religião da carne, sempre tão penosa - sempre tão abundante em ritos e cerimônias. **Votos de jejum, festas, ofertas, purificações, tradições e filosofia, são todas excluídas como nada dignas diante de Deus, e opostas à própria natureza do cristianismo.** Isto exasperava o judeu religioso com suas tradições, e o grego incircunciso com sua filosofia; e ambos se uniram para perseguir o verdadeiro portador deste duplo testemunho. **E assim tem sido sempre. O homem reli-**

gioso com suas ordenanças, e o homem meramente natural com sua filosofia, por um processo natural, prontamente se uniram em oposição ao testemunho de um cristianismo celestial. Veja Colossenses 1 e 2.

Se Paulo tivesse pregado a circuncisão, a ofensa da cruz teria cessado, pois isto teria dado lugar, e a oportunidade, de ser alguma coisa e fazer alguma coisa, e até mesmo de tomar parte com Deus em Sua religião. Isto era o judaísmo, e isto dava ao judeu sua preeminência. **Mas o evangelho da graça de Deus se dirige ao homem como já perdido - como "morto em delitos e pecados" -** e não tem mais respeito para com os judeus do que para com os gentios. Assim como o sol no firmamento, ele brilha para todos. Nenhuma nação, tribo, língua ou povo é excluído de seus raios celestiais. *"Pregar o evangelho a toda criatura que está debaixo do céu"* é a divina comissão e a esfera mais ampla do evangelista; ensinar aqueles que acreditam neste evangelho sua perfeição em Cristo é o privilégio e dever de cada ministro do Novo Testamento.

Tendo assim limpado o terreno quanto aos motivos, objetivos e posição do grande apóstolo, vamos agora traçar brevemente o restante de sua vida agitada. Chegou o tempo em que ele seria levado diante dos reis e governantes, e até mesmo diante do próprio César, por causa do nome do Senhor Jesus.

Paulo no Templo

De acordo com a proposta de Tiago e dos anciãos, Paulo agora prossegue ao templo com *"os quatro homens que fizeram voto"* (Atos 21:23). Então lemos: *"Então Paulo, tomando consigo aqueles homens, entrou no dia seguinte no templo, já santificado com eles, anunciando serem já cumpridos os dias da purificação; e ficou ali até se oferecer por cada um deles a oferta."* (Atos 21:26). Na conclusão do voto do nazireado a lei requeria que certas ofertas fossem apresentadas no templo. Estas ofertas envolviam um preço considerável, como podemos ver em Números 6; e era considerado um ato de grande mérito e piedade para um irmão rico prover estas ofertas para um irmão pobre, e assim permitir que ele completasse seu voto. Paulo não era rico, mas ele tinha um grande e terno coração, e ele generosamente comprometeu-se a pagar os custos para os quatro pobres nazireus. Tal prontidão da parte de Paulo em agradar alguns e ajudar outros deveria ter pacificado e conciliado os judeus e, provavelmente, teria se tão somente estivessem presentes os que estavam associados a Tiago. Mas isto teve um efeito oposto nos inveterados zelotes: eles ficaram apenas mais furiosos contra ele. A cele-

bração da festa atraía multidões à cidade santa, de modo que o templo estava repleto de adoradores de todos os lugares.

Dentre esses judeus estrangeiros estavam alguns da Ásia, provavelmente alguns dos velhos antagonistas de Paulo em Éfeso, que ansiavam por uma oportunidade de se vingarem dele, que tinha anteriormente os derrotado. Perto do fim dos sete dias em que os sacrifícios deveriam ser ofertados, estes judeus asiáticos viram Paulo no templo, e imediatamente caíram encima dele, *"clamando: homens israelitas, acudi; este é o homem que por todas as partes ensina a todos contra o povo e contra a lei, e contra este lugar; e, demais disto, introduziu também no templo os gregos, e profanou este santo lugar... E alvoroçou-se toda a cidade, e houve grande concurso de povo; e, pegando Paulo, o arrastaram para fora do templo, e logo as portas se fecharam."* (Atos 21:28,30). A cidade toda estava agora em polvorosa, e a multidão correu furiosamente ao ponto de ataque. A multidão estava à beira da loucura, e se não fosse pelo zelo deles em não derramar sangue no lugar santo, Paulo teria sido feito em pedaços no mesmo instante. O objetivo deles agora era levá-lo para fora do recinto sagrado. Mas antes que os planos assassinos deles fossem executados, a ajuda do Senhor chegou, e eles foram inesperadamente interrompidos.

As sentinelas nos portões sem dúvida comunicaram imediatamente a guarnição romana, situada defronte do templo, de que havia um tumulto próximo à corte. O tribuno, Cláudio Lísias, imediatamente correu ele mesmo ao local, levando com ele soldados e centuriões. Quando os judeus viram o tribuno e os soldados romanos se aproximando, eles pararam de espancar Paulo. O governador, percebendo que era ele a causa de toda a agitação, prontamente o mandou prender com duas correntes, ou por correntes entre dois soldados. Veja Atos 12:6.

Tendo feito isto, Lísias prosseguiu a fazer um inquérito quanto à real causa do distúrbio, mas, como nenhuma informação certa podia ser obtida da ignorante e agitada multidão, ele ordenou que Paulo fosse levado à fortaleza. A desapontada massa agora vai atrás de sua vítima com enorme ímpeto. Eles viram ele sendo tirado de suas mãos, e pressionaram tão violentamente os soldados que Paulo foi levado em seus braços até para cima das escadas do fortaleza. Enquanto isso, gritos ensurdecedores se erguiam da multidão enraivecida abaixo, **como fizeram cerca de trinta anos antes: *"Fora com ele, fora com ele"*.**

Neste momento de grande interesse, o apóstolo preservou grande presença de espírito, e perfeitamente controlou a agitação de seus sentimentos. Ele age

prudentemente sem comprometer a verdade. Assim que alcançaram a entrada da fortaleza, Paulo dirige-se da maneira mais cortês ao tribuno, e diz: *"É-me permitido dizer-te alguma coisa?"*, e ele disse: *"Sabes o grego? Não és tu porventura aquele egípcio que antes destes dias fez uma sedição e levou ao deserto quatro mil salteadores?"*. Mas Paulo lhe disse: *"Na verdade que sou um homem judeu, cidadão de Tarso, cidade não pouco célebre na Cilícia; rogo-te, porém, que me permitas falar ao povo."* (Atos 21:37-39). Por incrível que pareça, esse pedido lhe foi concedido. Paulo já tinha ganhado o respeito do governador romano. Mas a mão do Senhor estava nisso, Ele estava vigiando sobre Seu servo. Paulo havia jogado a si mesmo nas mãos de seus inimigos ao procurar agradar os crentes judeus. Mas Deus estava com ele, e sabia como livrá-lo de seu poder, e usá-lo para a glória de Seu próprio grandioso nome. (Atos 21:26-40)

O Discurso de Paulo nas Escadarias da Fortaleza

Para o tribuno ele tinha falado em grego; para os judeus ele fala em hebraico. Estes pequenos detalhes e considerações são as belas mesclas do amor e da sabedoria, e devem servir de lição para nós. Ele estava sempre pronto para vencer, ao ***"fazer-se tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns."*** (1 Coríntios 9:22). Vemos os efeitos maravilhosos de sua influência sobre a massa enfurecida, assim como sobre o oficial comandante. No momento em que ele se dirige a eles, a cena toda muda. Ele acalmou o tumultuoso mar das paixões humanas pelo som de sua língua sagrada, que caiu como óleo sobre as águas agitadas, e então houve imediatamente *"grande silêncio"*. Lemos sua nobre defesa, dirigida a seus irmãos e pais, por extenso em Atos 22:1-21.

Observa-se, ao ler o discurso, que seus compatriotas ouviam com grande atenção, enquanto ele falava a eles sobre sua vida passada, sua perseguição à igreja, sua missão a Damasco, sua miraculosa conversão, sua visão no templo, e sua conversa com Ananias. Mas no momento em que ele menciona sua missão aos gentios, uma explosão de indignação se levanta da multidão, silenciando o apóstolo. Eles não podiam suportar a ideia da graça de Deus se derramar sobre os gentios. Aquele odioso nome os levava à fúria. O orgulho nacional deles se rebelava contra a ideia de que pagãos incircuncisos pudessem ser feitos iguais aos filhos de Abraão. Eles gritavam com desdenhoso desprezo contra cada argumento, humano ou divino, que pudesse influenciar suas mentes. Em vão o apóstolo deu tanta ênfase sobre o que tinha acontecido entre ele e o devoto

Ananias. Todo apelo era em vão quando se tratava dos gentios. Uma cena da mais selvagem confusão se seguiu. Eles arrancaram suas roupas, jogaram terra para o ar, *"e levantaram a voz, dizendo: Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva."* (Atos 22:22)

O tribuno, vendo a violência frenética do povo, e não entendendo o que significava, foi lançado em nova perplexidade. Ele viu os resultados de um discurso na língua hebraica - que ele provavelmente não entendia - e, naturalmente concluindo que seu prisioneiro deveria ser culpado de algum crime terrível, ordenou que o prendessem e açoitassem para fazê-lo confessar sua culpa. Mas esse proceder foi imediatamente cancelado quando Paulo torna conhecido o fato de que ele era um cidadão romano.

Os soldados que estavam engajados em prendê-lo retiraram-se alarmados, e alertaram o governador quanto ao que ele estava fazendo. Lísias perguntou de pronto: *"Dize-me, és tu romano? E ele disse: Sim. E respondeu o tribuno: Eu com grande soma de dinheiro alcancei este direito de cidadão. Paulo disse: Mas eu o sou de nascimento."* (Atos 22:27,28). Lísias se encontrava agora em uma situação difícil, pois tinha violado uma lei romana. Expor um cidadão a tal indignidade era considerado traição contra a majestade do povo romano. Mas a única maneira de salvar a vida de Paulo era mantê-lo sob custódia, e ele felizmente pensou em um outro modo mais brando de determinar a natureza da ofensa de seu prisioneiro.

Paulo Diante do Sinédrio

No dia seguinte ele *"mandou vir o principais dos sacerdotes, e todo o seu conselho; e, trazendo Paulo, o apresentou diante deles."* (Atos 22:30). A política de Lísias aqui é interessante. Ele é ativo em suprimir o tumulto; ele protege um cidadão romano; ele demonstra respeito para com a religião e costumes dos judeus. Esta mistura de política e cortesia em um romano arrogante, sob tais circunstâncias, é digna de um momento de reflexão, mas temos de prosseguir.

Paulo se dirige ao conselho com dignidade e seriedade, mas com uma evidente expressão de integridade consciente. *"E, pondo Paulo os olhos no conselho, disse: Homens irmãos, até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência."* (Atos 23:1). Este inabalável senso de retidão enfureceu tanto Ananias, o sumo sacerdote, que ele ordenou àqueles que estavam próximos a

golpeá-lo na boca. Esta arbitrária violação da lei por parte do chefe do conselho despertou tanto os sentimentos do apóstolo, que ele destemidamente exclamou: *"Deus te ferirá, parede branqueada; tu estás aqui assentado para julgar-me conforme a lei, e contra a lei me mandas ferir?"* (Atos 23:3). É evidente que o sumo sacerdote não estava vestido de modo a ser reconhecido como tal. Portanto Paulo se desculpa por sua ignorância do fato, e cita a formal proibição da lei: ***"Não dirás mal do príncipe do teu povo"*** (Atos 23:5).

O apóstolo logo percebeu, como nos é dito, que o conselho estava dividido em duas partes - alguns eram fariseus e outros eram saduceus - e portanto clamou: *"Homens irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu; no tocante à esperança e ressurreição dos mortos sou julgado."* (Atos 23:6). Esta declaração, seja intencionalmente ou não, teve o efeito de dividir a assembleia, colocando um partido contra o outro. E tão ferozes suas dissensões se tornaram que alguns dos fariseus acabaram ficando do lado de Paulo, dizendo: *"Nenhum mal achamos neste homem, e, se algum espírito ou anjo lhe falou, não lutemos contra Deus."* (Atos 23:9). A sala de julgamento imediatamente se tornou cenário da mais violenta contenda, e a presença de Cláudio Lísias se fez absolutamente necessária. Paulo é mais uma vez levado recluso à fortaleza.

Assim se passou essa agitada manhã na história de nosso apóstolo. À noite, quando sozinho, será que o coração dele estava desanimado? Pelo que havia acontecido, e pela aparência sombria de tudo à sua volta, o apóstolo nunca esteve em maior necessidade de consolo e força que só a presença do Mestre concede. Mas quem poderia saber disso tão bem, ou poderia sentir tão profundamente pelo solitário prisioneiro como o Próprio Mestre? **E assim Ele aparece na mais rica graça para confortar e animar o coração de Seu servo.** Foi um conforto divinamente cronometrado. O Senhor apareceu-lhe, como tinha feito em Corinto, e como Ele mais tarde faria em sua viagem a Roma, ***"e disse: Paulo, tem ânimo; porque, como de mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma."*** (Atos 18:9,10; 23:11; 27:23,24). Uma conspiração tramada por mais de quarenta homens para assassinar Paulo é descoberta, e todos os planos malignos, frustrados. Cláudio Lísias imediatamente convoca seus centuriões e soldados, dando-lhes ordens estritas de conduzir Paulo em segurança para Cesareia. Os detalhes sobre este assunto são relatados por Lucas com singular riqueza de detalhes (Atos 23:12-25).

Paulo Comparece Diante de Félix

Como alguns de nossos leitores podem ter observado, o caráter dos modos de Deus para com Seu servo de certa forma muda aqui. Pode ser interessante uma pausa por um momento para reverentemente investigar as aparentes causas dessa mudança. E, como muitos têm dado livremente suas opiniões quanto a esse difícil ponto, vamos aqui citar algumas linhas de alguém que parece ter captado a mente do Espírito.

> "Eu creio que a mão de Deus estava nesta viagem de Paulo - que, em Sua soberana sabedoria, Ele desejou que Seu servo a empreendesse, tendo também a abençoado - mas que os meios empregados para conduzi-lo de acordo com essa sabedoria soberana foram as afeições humanas do apóstolo pelas pessoas que eram seus parentes segundo a carne; e que ele não foi conduzido a isso pela ação do Espírito Santo da parte de Cristo na igreja. Este apego a seu povo, esta afeição humana, resultou naquilo que acabou por colocá-lo em seu próprio lugar. Humanamente falando, foi um sentimento amável; mas não era o poder do Espírito Santo fundamentado na morte e ressurreição de Cristo. Aqui, não havia mais judeu ou gentio... a afeição de Paulo era boa em si mesma, mas **como fonte de ação não chegava à altura da obra do Espírito que, da parte de Cristo, o tinha conduzido para longe de Jerusalém, para os gentios, de modo a revelar a igreja como Seu corpo unido a Ele no céu."**
>
> "Ele era o mensageiro da glória celestial, que **trouxe à tona a doutrina da igreja composta por judeus e gentios, unidos sem distinção no um só corpo de Cristo, deixando de lado o judaísmo.** Mas seu amor por sua nação o levou, repito, ao centro do judaísmo hostil - o judaísmo enfurecido contra a igualdade espiritual."
>
> "Contudo, a mão de Deus estava, sem dúvida, nisso. Paulo, individualmente, estava realizado."
>
> "Aquilo que Paulo disse levanta um tumulto, e o tribuno o tira do meio deles. Deus tem tudo à Sua disposição. Um sobrinho de Paulo, nunca antes mencionado, ouve falar de uma emboscada armada contra ele e o avisa. Paulo o envia ao tribuno, que agiliza a partida de Paulo sob guarda até Cesareia. Deus cuidava dele, mas tudo aqui está no nível dos modos humanos e providenciais. Não há um anjo

> como no caso de Pedro, nem um terremoto como em Filipos. Estamos sensivelmente em um terreno diferente"[2]

Os acusadores de Paulo não tardaram em partir também para Cesareia. *"E, cinco dias depois, o sumo sacerdote Ananias desceu com os anciãos, e um certo Tértulo, orador, os quais compareceram perante o presidente contra Paulo."* (Atos 24:1). Em um breve discurso, cheio de bajulação e insinuação, Tértulo acusa Paulo de sedição [motim], heresia e profanação do templo.

Félix então fez um sinal permitindo que Paulo respondesse por si. E agora, podemos dizer, o apóstolo dos gentios está mais uma vez no lugar certo. Mesmo humilhado pelas circunstâncias, **ele é ainda o mensageiro de Deus para os gentios**, e Deus está com Seu amado servo. Os judeus ficaram em silêncio, e Paulo, com sua maneira direta como de costume, rebateu as acusações.

Félix, aparentemente, sabia muito sobre essas coisas, e é evidente que uma forte impressão foi deixada em sua mente. Muitos anos antes, o cristianismo tinha penetrado no exército romano em Cesareia (Atos 10), de modo que ele provavelmente sabia algo sobre isso, e estava convencido da verdade das afirmações de Paulo, mesmo não dando o devido valor às suas convicções e de seu prisioneiro. Ele "adia" maiores investigações, com a desculpa de que estaria esperando a chegada de Lísias. Enquanto isso, no entanto, ele dá ordens para que Paulo fosse tratado com gentileza e consideração, e que seus amigos deveriam ter livre acesso a ele.

Não muitos dias depois, Félix entrou na sala de audiências com sua esposa Drusila, e mandou chamar Paulo. Eles estavam evidentemente curiosos para ouvi-lo falar ***"acerca da fé em Cristo"*** (Atos 24:24). Mas não seria Paulo quem iria gratificar a curiosidade de um romano libertino e de uma devassa princesa judia. O fiel apóstolo, ao pregar Cristo, falou de modo claro e ousado à consciência de seus ouvintes. Ele tinha, agora, uma oportunidade ao seu alcance que ele dificilmente poderia ter obtido. ***"E, tratando ele da justiça, e da temperança, e do juízo vindouro, Félix, espavorido..."*** (Atos 24:25). Não é de se estranhar. Se devemos acreditar nos historiadores de seus dias, como Josefo e Tácito, nunca um casal tão sem princípios e dissoluto havia se sentado diante de um pregador. Mas, embora com a consciência atingida, Félix continuou impenitente. Que temível condição! *"Por agora vai-te"*, disse ele, *"e em tendo oportunidade te chamarei."* (Atos 24:25). Mas tal oportunidade jamais chegou, embora tenha visto o

[2] Trechos retirados de "Estudos sobre a Palavra de Deus", de J. N. Darby.

apóstolo com frequência mais tarde, sem dúvidas, dando a entender que queria fazer um suborno para garantir sua liberdade. O governador romano nem imaginava que sua mercenária justiça seria recordada no livro de Deus, e levada adiante para todas as gerações que se sucederam. Seu caráter é representado como mesquinho, cruel e dissoluto; capaz de qualquer impiedade, ele exerceu o poder de um rei com o temperamento de um escravo. *"Mas, passados dois anos, Félix teve por sucessor a Pórcio Festo; e, querendo Félix comprazer aos judeus, deixou a Paulo preso."* (Atos 24:27)

Paulo Comparece Diante de Festo e Agripa

Imediatamente após a chegada de Festo à província, ele visitou Jerusalém. Lá, os líderes judeus aproveitaram a oportunidade para exigir o retorno de Paulo. Seus argumentos, sem dúvida, era de que ele deveria novamente ser julgado perante o Sinédrio, mas a verdadeira intenção deles era matá-lo no caminho. Festo recusou o pedido. No entanto, ele os convidou a ir com ele para a Cesareia e acusá-lo lá. O julgamento ocorreu e assemelhou-se ao que ocorreu diante de Félix. É bem evidente que Festo viu claramente que a verdadeira ofensa de Paulo estava ligada às opiniões religiosas dos judeus, e que ele não tinha cometido ofensa alguma contra a lei. Mas ao mesmo tempo, tendo desejo de agradar os judeus, pergunta a Paulo se ele não iria a Jerusalém para ser ali julgado. Isto era apenas um pouco melhor do que uma proposta de sacrificá-lo ao ódio judaico. Paulo, estando bem consciente disso, apelou de vez ao Imperador - *"Eu apelo para César"* (Atos 25:11).

Festo estava sem dúvidas surpreso com a dignidade e independência de seu prisioneiro. Mas era seu privilégio como cidadão romano ter sua causa transferida ao supremo tribunal do Imperador de Roma. *"Então Festo, tendo falado com o conselho, respondeu: Apelaste para César? para César irás."* (Atos 25:12).

Até onde os olhos do homem podem enxergar, este era o único recurso de Paulo sob tais circunstâncias. Mas a mão e propósito do Senhor estava nisto. Paulo deveria dar testemunho de Cristo e da verdade também em Roma. Jerusalém tinha rejeitado o testemunho aos gentios; Roma também deve ter tido sua porção na rejeição ao mesmo testemunho, se tornando também a prisão do testemunho. Mas em tudo isso Paulo é altamente favorecido pelo Senhor. Sua posição lembra a de seu bendito Senhor, quando Ele foi entregue aos gentios pelo ódio dos judeus. Apenas o Senhor foi perfeito em tudo isto, e Ele estava

em Seu verdadeiro ligar diante de Deus. Ele veio para os judeus - esta era Sua missão. Paulo foi enviado dos judeus - tal era a diferença. **Cristo se entregou a Si mesmo**, como lemos: ***"Que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus"*** (Hebreus 9:14). Parte da comissão de Paulo é assim: *"Livrando-te deste povo, e dos gentios, a quem agora te envio"*(Atos 26:17). Mas Paulo retornou àquele "povo" (os judeu) na energia de suas afeições humanas, após ter sido colocado fora deles na energia do Espírito Santo. Jesus tinha tirado ele de ambos judeus e gentios para exercer **um ministério que unia ambos em um só corpo em Cristo**. Como o próprio Paulo diz: ***"Assim que daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne"*** (2 Coríntios 5:16). Em Cristo Jesus não há judeu nem grego.

Vamos agora retomar a história do grande apóstolo.

Paulo Comparece Diante de Agripa e Berenice

Aconteceu nessa época que Agripa, rei dos judeus, e sua irmã Berenice, foram fazer uma visita de cortesia a Festo. E como Festo não sabia como levar o caso de Paulo ao Imperador, ele aproveitou a oportunidade de consultar Agripa, que estava mais bem informado que ele sobre os pontos em questão. O príncipe judeu, que devia saber algo sobre o cristianismo, e que sem dúvidas havia ouvido falar de Paulo, expressou o desejo de ouvi-lo falar. Festo prontamente acedeu ao pedido. *"Amanhã"*, disse ele, *"o ouvirás"* (Atos 25:22).

O apóstolo teria agora o privilégio de levar o nome de Jesus diante da mais digníssima assembleia que ele já tinha abordado. Reis judeus, governadores romanos, oficiais militares e comandantes da Cesareia se reuniram "com grande pompa" para ouvir o prisioneiro dar conta de si mesmo a Agripa. Não era uma audiência qualquer, e está perfeitamente claro que eles não consideravam o prisioneiro como uma pessoa qualquer. Festo, tendo reconhecido a dificuldade na qual se encontrava, remeteu a questão ao melhor conhecimento do rei judeu. Agripa cortesmente deu sinal a Paulo, permitindo que falasse. Chegamos agora a um dos momentos mais interessantes em toda a história de nosso apóstolo.

A dignidade de seus modos perante seus juízes, embora preso por correntes a um soldado, deve ter impressionado profundamente sua audiência. A profundidade de sua humilhação apenas manifestava mais acentuadamente a elevação moral de sua alma. Ele não pensava nem em suas correntes nem em sua pessoa.

Perfeitamente feliz em Cristo, e ardente de amor por aqueles ao seu redor, o bem-estar e as circunstâncias foram completamente esquecidas. Com uma digna consideração para com a posição daqueles ao seu redor, levantou-se, na honesta declaração de uma boa consciência, infinitamente acima de todos. Ele se dirigiu à consciência de sua audiência, com a ousadia e retidão de um homem acostumado a andar com Deus, e de agir por Ele. O caráter e conduta dos governadores são lançadas em doloroso contraste com o caráter e conduta do apóstolo, e **nos mostra o que o mundo é quando desmascarado pelo Espírito Santo.**

Certo autor escreveu: "Não mencionarei a vaidade mundana que se revela em Lísias e Festo por meio da conjectura de toda classe de boas qualidades e boa conduta - mistura de uma consciência tocada e falta de princípios nos líderes - e do desejo de agradar os judeus pela sua própria importância, ou de facilitar seu governo sobre um povo rebelde. A posição de Agripa e todos os detalhes da história têm o extraordinário cunho da verdade, cujos vários personagens são apresentados de maneira tão vívida que parece que estamos presenciando a cena aqui descrita, e vendo as pessoas se movendo nela. Além do mais, essa é uma característica marcante dos escritos de Lucas".

Capítulo 26. Paulo se dirige ao rei Agripa como alguém bem versado nos costumes e questões que prevalecem entre os judeus. E assim ele relata sua miraculosa conversão e sua subsequente carreira de modo a agir na consciência do rei. Pela clara e direta narrativa do apóstolo, ele não estava longe de ser convencido. Sua consciência foi despertada. Mas o mundo e suas próprias paixões estavam no caminho. Festo ridicularizou. **Para ele não passava de um entusiasmo extravagante - um delírio.** Ele interrompeu o apóstolo abruptamente e *"disse em alta voz: Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar."* (Atos 26:24). A resposta do apóstolo foi digna e segura de si, mas intensamente séria e, com grande sabedoria e discernimento, ele apela por fim a Agripa: ***"Não deliro, ó potentíssimo Festo; antes digo palavras de verdade e de um são juízo. Porque o rei, diante de quem também falo com ousadia, sabe estas coisas, pois não creio que nada disto lhe é oculto; porque isto não se fez em qualquer canto."*** (Atos 26:25,26)

Então, voltando-se ao rei judeu, que se sentava ao lado de Festo, ele fez este direto e solene apelo:

"Crês tu nos profetas, ó rei Agripa? Bem sei que crês." (Atos 26:27)

"E disse Agripa a Paulo: Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão!"

(Atos 26:28)

No momento, o rei foi levado pelo poder do discurso de Paulo, e pela afiada picada de seus apelos. Então Paulo deu sua resposta - uma resposta que se sobressai. É caracterizada pelo zelo piedoso, pela cortesia cristã, pelo ardente amor pelas almas, e por grande alegria pessoal no Senhor:

"E disse Paulo: Prouvera a Deus que, ou por pouco ou por muito, não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo, se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias." (Atos 26:29)

Com a expressão deste nobre desejo, a conferência foi encerrada. A reunião foi dissolvida. Agripa não queria ouvir mais. Os apelos tinham sido tão penetrantes e tão pessoais, ainda que misturados com dignidade, afeição e solicitude, que ele não aguentou mais. Então *"levantou-se o rei, o presidente, e Berenice, e os que com eles estavam assentados."* (Atos 26:30). Após uma breve consulta, Festo, Agripa e sua companhia chegaram à conclusão de que Paulo não era culpado de nada digno de morte ou mesmo prisão. *"Bem podia soltar-se este homem"*, disse Agripa, *"se não houvera apelado para César."* (Atos 26:32)

Este era o cuidado do Senhor para com Seu amado servo. Ele teria sua inocência provada e reconhecida por seus juízes, e plenamente estabelecida perante o mundo. Sendo isto cumprido, o rei e sua companhia retomam seus lugares no mundo e seus divertimentos, e Paulo retorna à sua prisão. Mas nunca seu coração esteve mais feliz ou mais cheio do Espírito de Seu Mestre do que naquele momento.

A Viagem de Paulo a Roma (60 d.C.)

Atos 27. Chegou a hora em que Paulo viajaria a Roma. Nenhum julgamento formal do apóstolo tinha acontecido. E, sem dúvidas, cansado da oposição dos judeus - com dois anos de prisão em Cesareia - e com repetidos exames diante dos governantes e de Agripa, ele tinha solicitado um julgamento perante a corte imperial. Lucas, o historiador de Atos, e Aristarco de Tessalônica, tiveram o privilégio de acompanhá-lo. Paulo foi entregue aos cuidados de um centurião chamado Júlio, da guarda imperial: um oficial que, em todas as ocasiões, tratou o apóstolo com grande gentileza e consideração.

Foi então determinado que Paulo deveria ser enviado juntamente com *"alguns outros presos"* pelo mar até a Itália. *"E, embarcando nós"*, diz Lucas, *"em*

um navio adramitino, partimos navegando pelos lugares da costa da Ásia, estando conosco Aristarco, macedônio, de Tessalônica. E chegamos no dia seguinte a Sidom, e Júlio, tratando Paulo humanamente, lhe permitiu ir ver os amigos, para que cuidassem dele." (Atos 27:2,3). Partindo de Sidom eles foram forçados a navegar por baixo do Chipre, pois os ventos eram contrários, e chegaram a Mirra, uma cidade na Lícia. Aqui o centurião teve seus prisioneiros transferidos para um navio de Alexandria em rota para a Itália. Neste navio, após deixarem Mirra, *"por muitos dias navegaram vagarosamente"*, pois o clima era desfavorável. Mas navegando por baixo de Creta, eles chegaram em segurança em Bons Portos.

O inverno estava próximo, e se tornou uma séria questão qual curso deveria ser tomado - se eles deviam permanecer em Bons Portos durante o inverno, ou se deveriam procurar algum porto melhor.

Aqui devemos fazer uma breve pausa e contemplar a maravilhosa posição de nosso apóstolo nessa séria consulta. Como anteriormente com Festo e Agripa, ele se põe diante do capitão, do proprietário do navio, do centurião e de toda tripulação, tendo a mente de Deus. Ele aconselha, dirige e age como se ele fosse realmente o mestre do navio, no lugar de ser um prisioneiro sob custódia de soldados. Ele aconselha para que fiquem onde estão. Ele adverte-lhes de que iriam se encontrar com um clima violento se se aventurassem ao alto mar, e que muito prejuízo seria feito ao navio e sua carga, e que colocaria em risco a vida dos que estavam a bordo. Mas o mestre e o proprietário do navio, que tinham o máximo interesse no próprio navio, se deixaram guiar pelas circunstâncias e não pela fé; eles desejavam correr o risco de buscar por um porto mais cômodo para invernar, e o centurião naturalmente cedeu ao julgamento deles. **Todos estavam contra o julgamento do homem de fé - o homem de Deus - o homem que estava falando e agindo por Deus.** Até mesmo as circunstâncias no cenário ao redor deles parecia favorável à opinião dos marinheiros, e não do apóstolo. Mas nada pode falsificar o julgamento da fé. Este deve ser verdade a despeito de qualquer circunstância.

Foi, portanto, resolvido pela maioria de que eles deveriam deixar Bons Portos, e navegar para Fenice como um porto mais seguro para o inverno. O vento mudou nesse exato momento. Tudo parecia favorecer os marinheiros. *"E, soprando o sul brandamente..."*. Eles estavam tão otimistas que Lucas nos diz que eles supunham que o propósito deles já estava realizado (v. 13). Estando em acordo, eles levantaram âncora e, com uma brisa suave vinda do sul, o navio, com suas *"duzentas e setenta e seis almas"* a bordo, partiu do porto de Bons Por-

tos. Mas mal eles contornaram o Cabo Matala, uma distância de apenas quatro ou cinco milhas, e um vento forte vindo da costa pegou o navio, e o lançou de tal maneira que já não era possível para o timoneiro mantê-lo em seu curso. E, como observa Lucas, *"nos deixamos ir à toa"*(Atos 27:15), ou seja, eles foram obrigados a deixar o navio ser levado pelo vento.

Mas nossa principal preocupação aqui é com Paulo como o homem da fé. Quais devem ter sido os pensamentos e sentimentos de seus companheiros passageiros nesse momento? Eles tinham confiado no vento, e agora eles tinham que enfrentar a tempestade. Os solenes conselhos e avisos da fé tinham sido rejeitados. **Muitos, infelizmente, sem se importarem com os avisos aqui registrados, e sob o lisonjeiro vento de circunstâncias favoráveis, se lançaram na grande viagem da vida, totalmente desatentos e independentes da voz da fé.** Mas como o lisonjeiro vento que traiu o navio depois que saiu do porto, **tudo logo se torna uma furiosa tempestade no agitado mar da vida.**

A Tempestade no Mar Adriático

O termo "euro-aquilão" dado a este tempestuoso vento indica, como nos é dito, uma tempestade de extrema violência. Veio acompanhada pela agitação e rodopio das nuvens, e por um grande abalo marítimo, com enormes ondas. O historiador sagrado agora procede dando um relato preciso sobre o que foi feito do navio nessas perigosas circunstâncias. Tendo corrido para o sotavento de Clauda, eles parecem ter escapado por um momento da violência da tempestade. Isso lhes deu então uma oportunidade de fazer preparações para a tempestade.

O dia após terem deixado Clauda - e a violência da tempestade continuando - eles começaram a aliviar o navio, lançando ao mar tudo o que poderia ser poupado. Todas as mãos pareciam estar trabalhando. *"E, andando nós agitados por uma veemente tempestade, no dia seguinte aliviaram o navio. E ao terceiro dia nós mesmos, com as nossas próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio. E, não aparecendo, havia já muitos dias, nem sol nem estrelas, e caindo sobre nós uma não pequena tempestade, fugiu-nos toda a esperança de nos salvarmos."* (Atos 27:18-20)

Nada poderia ser mais terrível para os marinheiros antigos do que um céu continuamente cheio de nuvens, já que estavam acostumados a serem guiados pela observação dos corpos celestiais. Foi nesse momento de perplexidade e

desespero que o apóstolo *"pôs-se em pé"* e ergueu sua voz em meio à tempestade. E de suas palavras de simpatia aprendemos que todo o sofrimento deles foi agravado pela dificuldade de se preparar comida. *"E, havendo já muito que não se comia, então Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse: Fora, na verdade, razoável, ó senhores, ter-me ouvido a mim e não partir de Creta, e assim evitariam este incômodo e esta perda. Mas agora vos admoesto a que tenhais bom ânimo, porque não se perderá a vida de nenhum de vós, mas somente o navio. Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem eu sou, e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas; importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, ó senhores, tende bom ânimo; porque creio em Deus, que há de acontecer assim como a mim me foi dito. É contudo necessário irmos dar numa ilha."* (Atos 27:21-26)

O Naufrágio

O naufrágio não estava muito distante. *"E, quando chegou a décima quarta noite, sendo impelidos de um e outro lado no mar Adriático, lá pela meia-noite suspeitaram os marinheiros que estavam próximos de alguma terra. E, lançando o prumo, acharam vinte braças; e, passando um pouco mais adiante, tornando a lançar o prumo, acharam quinze braças."* (Atos 27:27,28). Por quatorze dias e noites o pesado vendaval continuou sem parar, tempo durante o qual o sofrimento deles deve ter sido além de qualquer descrição.

No fim do décimo quarto dia, *"lá pela meia-noite"*, os marinheiros ouviram um som que indicava que eles estavam se aproximando da terra. O som, sem dúvidas, vinha das ondas de arrebentação, que se quebram nos rochedos. O tempo não podia ser desperdiçado, então eles imediatamente lançaram quatro âncoras da popa, e ansiosamente esperaram pelo amanhecer. Aqui houve uma tentativa natural, porém mesquinha, dos marinheiros para salvarem suas próprias vidas. Eles baixaram o bote com o professo propósito de lançar as âncoras da proa, porém com a intenção de abandonar o navio a afundar. Paulo, vendo isso, e conhecendo seus verdadeiros desígnios, imediatamente *"disse ao centurião e aos soldados: Se estes não ficarem no navio, não podereis salvar-vos. Então os soldados cortaram os cabos do batel (bote), e o deixaram cair."* (Atos 27:31,32). Assim, o conselho divino do apóstolo foi o meio de salvar todos a bordo. *"Se estes não ficarem no navio, não podereis salvar-vos."* (Atos 27:31). Já não mais o capitão do navio ou sua tripulação eram procurados para buscar sabedoria e segurança.

Todo olho se voltava para Paulo, o prisioneiro - o homem da fé - o homem que acredita e age de acordo com a revelação de Deus. Circunstâncias frequentemente enganam quando olhamos para sua direção; **a palavra de Deus é nosso único guia seguro, seja em clima calmo ou desagradável.**

Durante o ansioso intervalo que se manteve até o amanhecer do dia, Paulo teve uma oportunidade de levantar sua voz a Deus, e para o encorajamento de toda a companhia. Que cena de intenso interesse deve ter sido! A noite escura e tempestuosa - o navio em perigo de afundar ou de se despedaçar nos rochedos. Mas havia alguém a bordo que estava perfeitamente feliz em meio a tudo isto. O estado do navio, as águas rasas e o alarmante som das ondas não surtiam terror nele. **Ele estava feliz no Senhor,** e em plena comunhão com Seus próprios pensamentos e propósitos. **Tal é o lugar do cristão em meio a toda tempestade, embora comparativamente poucos tomam esse lugar: somente a fé pode alcançá-lo.** Esta foi a última exortação de Paulo à companhia do navio.

"E, entretanto que o dia vinha, Paulo exortava a todos a que comessem alguma coisa, dizendo: É já hoje o décimo quarto dia que esperais, e permaneceis sem comer, não havendo provado nada. Portanto, exorto-vos a que comais alguma coisa, pois é para a vossa saúde; porque nem um cabelo cairá da cabeça de qualquer de vós. E, havendo dito isto, tomando o pão, deu graças a Deus na presença de todos; e, partindo-o, começou a comer. E, tendo já todos bom ânimo, puseram-se também a comer." (Atos 27:33-36)

O único desejo deles agora era chegar com o navio em terra e escapar. Embora não tivessem ainda conhecido a terra, *"enxergaram uma enseada que tinha praia"* e se determinaram a encalhar o navio ali. Então eles lançaram âncoras, largaram as amarras do leme, içaram a vela maior e dirigiram-se para a praia. O navio, assim, conduzido, com a proa encravada na praia, permaneceu imóvel, mas a popa se quebrou em pedaços pela violência das ondas.

O navio de Paulo tinha agora alcançado a costa, e mais uma vez o homem da fé foi necessário para a salvação das vidas de todos os prisioneiros. O centurião, grandemente influenciado pelas palavras de Paulo, e temendo por sua segurança, previne que os soldados matem os prisioneiros, e ordena que aqueles que sabiam nadar deveriam se lançar primeiro ao mar e chegar à terra, e que o resto deveria seguir em tábuas ou pedaços do navio disponíveis. *"E assim aconteceu que todos chegaram à terra a salvo."* (Atos 27:44). **O salvamento deles foi completo, como Paulo tinha predito que seria.**

Paulo em Malta

Atos 28. Os habitantes da ilha receberam os náufragos estrangeiros com muita gentileza, e imediatamente acenderam um fogo para aquecê-los. O historiador sagrado nos pinta um quadro vivo de toda a cena. Vemos as pessoas descritas se movendo nela: o apóstolo recolhendo lenha para o fogo - a víbora mordendo sua mão - os nativos pensando, a princípio, que ele fosse um assassino, e depois que fosse um deus, pelo fato de ter escapado ileso da mordida. Públios, o principal líder da ilha, os recebeu com cortesia por três dias, e seu pai, que estava de cama com febre, foi curado por Paulo ao impor suas mãos sobre ele e orar. Permitiram que o apóstolo obrasse muitos milagres durante sua estadia na ilha, e toda companhia, por causa dele, foram tidos com muita honra. Vemos que Deus está com Seu amado servo, e que ele exercita, como de costume, seu poder entre os habitantes. Como a parte final da viagem de Paulo a Roma é bastante próspera, havendo poucos incidentes registrados, vamos tomar nota brevemente:

Após uma estadia de três meses em Malta, os soldados e seus prisioneiros partiram em um navio de Alexandria para a Itália. Eles passaram por Siracusa, onde ficaram por três dias: e em Régio, a partir de onde tiveram um vento bom até Potéoli. Aqui eles *"acharam alguns irmãos"*, e enquanto passavam alguns dias com eles, desfrutando do ministério do amor fraternal, as novidades sobre a chegada de Paulo chegaram aos ouvidos dos cristãos de Roma. Eles logo enviaram alguns dos seus, que se encontraram com Paulo e seus amigos na Praça de Ápio e nas Três Vendas. Um belo exemplo e ilustração da comunhão dos santos. Quais deveriam ter sido os sentimentos de nosso apóstolo nessa primeiro encontro com os cristãos da igreja em Roma! Seu desejo há muito acalentado estava finalmente cumprido. Seu coração estava cheio de louvor. *"Ele deu graças a Deus"*, como diz Lucas, *"e tomou ânimo."* (Atos 28:15)

A Chegada de Paulo a Roma

Ao longo da Via Ápia, muito provavelmente, Paulo e seus companheiros viajaram até Roma. Ao chegarem, *"o centurião entregou os presos ao capitão da guarda*[3]*;*

[3] O sábio e humano Burrus era prefeito da guarda pretoriana quando Júlio chegou com seus prisioneiros. Ele era um romano virtuoso e sempre tratou Paulo com grande consideração e gentileza. - *Dicionário de Biografias do Dr. Smith*

mas a Paulo se lhe permitiu morar por sua conta à parte, com o soldado que o guardava." (Atos 28:16). Embora ele não tenha sido libertado do constante aborrecimento de estar acorrentado a um soldado, todas as indulgências permitidas a um prisioneiro lhe foram concedidas.

Paulo tinha agora o privilégio *"de anunciar o evangelho aos que estavam em Roma"* (Romanos 1:15); e prosseguiu sem demora a agir de acordo com sua regra divina: *"primeiro aos judeus"*. Ele chama os principais dos judeus e explica a eles sua verdadeira posição. Ele lhes assegura que não tinha cometido ofensa alguma contra sua nação, ou contra os costumes dos pais, mas que ele tinha sido trazido a Roma para responder a certas acusações feitas contra ele pelos judeus na Palestina: e tão infundadas eram acusações, que até mesmo o governador romano estava disposto a libertá-lo, mas os judeus se opunham à sua liberdade. De fato era, como ele disse, que *"pela esperança de Israel estou com esta cadeia"*. (Atos 28:20). **Seu único crime tinha sido sua firme fé nas promessas de Deus a Israel através do Messias.**

Os judeus romanos, em resposta, asseguraram a Paulo que nenhum relato sobre os preconceitos sofridos tinha chegado a Roma, e que eles desejavam ouvir dele mesmo uma declaração de sua fé; e além disso, que em toda parte se falava mal dos cristãos. Um dia foi então marcado para um encontro em seu próprio aposento. Na hora marcada muitos vieram, ***"aos quais declarava com bom testemunho o reino de Deus, e procurava persuadi-los à fé em Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas, desde a manhã até à tarde."*** (Atos 28:23). Mas os judeus em Roma, assim como em Antioquia e Jerusalém, foram tardios de coração em crer. *"E alguns criam no que se dizia; mas outros não criam."* (Atos 28:24). Mas quão séria e incansavelmente ele trabalhava para ganhar seus corações para Cristo! De manhã até à tarde ele não apenas pregava a Cristo, mas procurava convencê-los a respeito dEle. Ele procurou, podemos estar certos, persuadi-los a respeito **da Divindade e humanidade do Senhor - Seu perfeito sacrifício - Sua ressurreição, ascensão e glória**. Que lição e que assunto para o pregador em todas as épocas. Persuadir homens a respeito de Jesus desde a manhã até à tarde.

A condição dos judeus é agora posta diante de nós pela última vez. O juízo pronunciado por Isaías estava para cair sobre eles em todo o seu poder fulminante - um juízo sob o qual permanecem até hoje - um juízo que deve continuar até que Deus se interponha para dar-lhes arrependimento, e para livrá-los por Sua graça à glória de Seu próprio nome. Mas, em meio a tudo isso, ***"a salvação***

de Deus é enviada aos gentios, e eles a ouvirão." (Atos 28:28), e, como sabemos - bendito seja Seu nome - eles ouviram, e nós mesmos somos testemunhas disso. [4]

"E Paulo ficou dois anos inteiros na sua própria habitação que alugara, e recebia todos quantos vinham vê-lo; pregando o reino de Deus, ***e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo****, sem impedimento algum."* (Atos 28:30,31)

Estas são as últimas palavras de Atos. A cena na qual as cortinas se fecham é bastante sugestiva - **a oposição da incredulidade judaica quanto às coisas relacionadas à salvação de suas almas sugerem, infelizmente, o que em breve se abateria sobre eles**. E aqui, também, acaba a história desse precioso servo de Deus, até onde nos foi diretamente revelada. A voz do Espírito da verdade sobre este assunto torna-se silenciosa. O conhecimento que temos sobre a subsequente história de Paulo deve agora ser coletado quase que exclusivamente de suas próximas epístolas. E delas aprendemos mais que mera história: elas nos dão um bendito vislumbre dos sentimentos, conflitos, afetos e simpatias do grande apóstolo, e da condição da igreja de Deus em geral, até o momento de seu martírio.

O Livro de Atos como um Livro Transicional entre Dispensações

Vamos aqui fazer uma pausa e contemplar por um momento nosso apóstolo como prisioneiro na cidade imperial. O evangelho tinha agora sido pregado de Jerusalém a Roma. Grandes mudanças tinham ocorrido nos modos dispensacionais de Deus *[N. do T.: os modos como Deus trata com o ser humano]*. O livro de Atos é transicional neste caráter. Os judeus, como vemos, são agora deixados de lado - ou melhor, eles mesmos se deixaram ficar de lado por rejeitarem aquilo que Deus estava fazendo. Os conselhos de Sua graça dirigidos a eles, sem dúvida, permanecem para sempre; mas, entretanto, eles são deixados de lado e outros vêm e tomam o lugar do bendito relacionamento com Deus. Paulo era uma testemunha da graça de Deus para com Israel. Ele mesmo era um israelita, mas também **escolhido de Deus para introduzir algo inteiramente novo - a igreja, o corpo de Cristo, *"do qual fui feito ministro... de anunciar entre os***

[4]Veja Estudos Introdutórios ao Livro de Atos, por W. Kelly

gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo, e demonstrar a todos qual seja a comunhão do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo" (Efésios 3:7-9). Esta nova coisa pôs de lado qualquer distinção entre judeu e gentio, **como pecadores e na unidade desse corpo**. A hostilidade dos judeus contra essas verdades nunca diminuíram, como temos sempre visto, assim como vemos os resultados desta inimizade. Os judeus desaparecem da cena inteiramente, **e a igreja se torna o vaso do testemunho de Deus na terra, e Sua habitação pelo Espírito** (Efésios 2:22). **Indivíduos judeus, é claro, que creem em Jesus, são abençoados em conexão com um Cristo celestial e com o *"um só corpo"***. Mas Israel, por um tempo, é deixado sem Deus, e sem a presente comunicação com Ele. As Epístolas aos Romanos e aos Efésios estabelecem plenamente essa doutrina (especialmente Romanos, capítulos 9, 10 e 11). Agora retornamos à ocupação de Paulo durante sua prisão.

A Ocupação de Paulo Durante Sua Prisão

Embora um prisioneiro, ele foi autorizado a manter livre relação com seus amigos, e foi então cercado de muitos de seus mais antigos e fiéis companheiros. Das Epístolas aprendemos que Lucas, Timóteo, Tíquico, Epafras, Aristarco e outros estavam com o apóstolo durante esse tempo. Ainda assim, devemos nos lembrar que ele estava, como prisioneiro, preso em cadeias a um soldado e exposto ao rude controle de tal. Devido ao longo atraso de seu julgamento, ele permaneceu nessa condição por dois anos, durante o qual ele pregou o evangelho e abriu as escrituras às congregações que vinham ouvi-lo. Ele também escreveu várias epístolas para as igrejas em lugares distantes.

Tendo plena e fielmente cumprido o dever que tinha para com os judeus, o povo favorecido de Deus, ele agora se dirige aos gentios, embora não deixasse totalmente de lado os judeus. Sua porta estava aberta de manhã até a noite para todos que quisessem vir e ouvir **as grandes verdades do cristianismo**. E, em alguns aspectos, ele nunca teve oportunidade melhor, uma vez que, sob proteção dos romanos, os judeus não tinham permissão para incomodá-lo.

Os efeitos da pregação de Paulo através da bênção do Senhor logo foram manifestos. Os guardas romanos, a família de César, e pessoas de *"todos os demais lugares"* foram abençoados através dele. *"E quero, irmãos, que saibais"*, escreve ele aos filipenses, *"que as coisas que me aconteceram contribuíram para maior*

proveito do evangelho; de maneira que as minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana, e por todos os demais lugares". E depois, o apóstolo diz: *"Todos os santos vos saúdam, mas principalmente os que são da casa de César."* (Filipenses 1:12,13; 4:22). A bênção parece ter sido primeiramente manifesta ao pretório, ou entre os guardas pretorianos. *"As minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana"*, isto é, no alojamento dos guardas e tropas. O evangelho da glória que Paulo pregava foi ouvido por todos eles. Até mesmo o gentil prefeito romano Burrus, com seu amigo íntimo Sêneca, tutor de Nero, pode ter ouvido o evangelho da graça de Deus. Os modos corteses de Paulo, e suas grandes habilidades, tanto naturais quanto adquiridas, eram bem adequadas para atrair tanto o estadista quanto o filósofo. Sua estadia ali por dois anos lhe trouxe muitas oportunidades.

Ele deve ter ficado conhecido, podemos dizer, entre quase todos os guardas. Com cada mudança de guarda, a porta para o evangelho se abria cada vez mais. Estando constantemente preso a um dos soldados como sentinela, e sendo tal sentinela constantemente substituído, ele então se familiarizou com muitos; e com que amor, fervor e ardente eloquência **ele deve ter falado com eles sobre Jesus e sobre a necessidade que tinham dEle!** Mas devemos esperar até a manhã da primeira ressurreição para vermos os resultados da pregação de Paulo naquele lugar. **O dia o declarará, e Deus terá toda a glória.**

O apóstolo também nos faz saber que o evangelho tinha penetrado no próprio palácio. **Havia santos na casa de César.** O cristianismo foi plantado dentro das paredes imperiais, *"e por todos os demais lugares"*. Sim, *"por todos os demais lugares"*, disse o historiador sagrado. Não apenas Paulo estava trabalhando dentro dos recintos imperiais, como também seus companheiros, a quem ele chama de *"cooperadores"*, estavam sem dúvidas pregando o evangelho *"por todos os demais lugares"*, dentro e fora da cidade imperial, de modo que o sucesso do evangelho pudesse ser atribuído aos esforços de outros, assim como aos incansáveis esforços do grande apóstolo em seu cativeiro.

O Escravo Foragido, Onésimo

De todos os convertidos que o Senhor deu ao apóstolo estando preso, nenhum deles parece ter ganho tão inteiramente seu coração como o pobre escravo fugitivo, Onésimo. Uma bela imagem de força, humildade e ternura do divino amor no coração que trabalha pelo Espírito, e docemente brilha em todos os detalhes

da vida individual! O sucesso do apóstolo no palácio imperial não enfraquece seu interesse em um jovem discípulo da mais baixa condição da sociedade. Nenhuma porção da comunidade era mais depravada do que os escravos. Mas quem se associaria a um escravo fugitivo naquela devassa cidade? Mesmo assim, a partir destas profundezas, Onésimo é tirado pelas mãos invisíveis do amor eterno. Ele cruza o caminho do apóstolo, ouve-o pregar o evangelho, é convertido, dedica-se de uma vez por todas ao Senhor e a Seu serviço, e encontra em Paulo um amigo e irmão, assim como um líder e mestre. E agora resplandecem as virtudes e o valor do cristianismo, e as mais doces aplicações da graça de Deus para com um escravo pobre, sem amigos, destituído e foragido.

"O que é o cristianismo?", podemos perguntar, e qual sua origem, em vista de tais novidades em Roma. O que é o cristianismo no mundo? Será que foi aos pés de Gamaliel que Paulo aprendeu a amar assim? Não, querido leitor. **Foi aos pés de Jesus**. Que bom seria se o eloquente historiador de *"O Declínio e a Queda do Império Romano"* tivesse entrado nesta cena e aprendido o valor do cristianismo divino, em vez de ter se delongado em ridicularizá-lo com desdém! Se pensarmos por um momento nos trabalhos do apóstolo nesse tempo - sua idade - suas fraquezas - suas circunstâncias (para não falar dos assuntos elevados, e das imensas verdades fundamentais que então ocupavam sua mente) - podemos muito bem admirar a graça que podia entrar em cada detalhe do relacionamento de mestre e escravo, e isto com tal delicada consideração por cada pedido. A carta que ele enviou, com Onésimo, ao seu injuriado mestre Filemom, é claramente a mais tocante já escrita. Lendo-a por alto, perderemos o calor e seriedade de suas afeições, a delicadeza e equidade de seus pensamentos, ou a sublime dignidade que permeia por toda a epístola.

Vamos agora ponderar por um momento sobre as epístolas escritas durante sua prisão.

Epístolas que foram Escritas por Paulo Durante seu Aprisionamento

Não pode haver dúvida de que a Epístola a Filemom, aos Colossenses, aos Efésios e aos Filipenses foram escritas por volta dos últimos tempos de Paulo como prisioneiro em Roma. Ele se refere a suas "prisões" em todas essas cartas, e fala

repetidamente sobre a expectativa de sua libertação (Compare Filemom 1:22; Colossenses 4:18; Efésios 3:1; 4:1; 6:20; Filipenses 1:7, 25; 2:24; 4:22). Além disso, ele deve ter estado por tempo o bastante em Roma para que as novidades sobre sua prisão chegassem aos afetuosos filipenses, e para que eles tivessem lhe enviado refrigério.

As três primeiras parecem ter sido escritas algum tempo antes da Epístola aos Filipenses. Paulo fala sobre um assunto urgente o qual teve de ser resolvido em sua epístola a eles: *"De sorte que espero vo-lo enviar logo que tenha provido a meus negócios. Mas confio no Senhor, que também eu mesmo em breve irei ter convosco."* (Filipenses 2:23,24). As três primeiras podem ter sido escritas por volta da primavera do ano 62 d.C., e enviadas por Tíquico e Onésimo; a última, no outono e enviada por Epafrodito.

Supõe-se também que a Epístola aos Hebreus tenha sido escrita por essa época, e cada justa consideração leva à conclusão de que Paulo foi o escritor. A expressão ao final da epístola *"os da Itália vos saúdam"* parecem decisivas quanto a onde o escritor estava quando a escreveu. E as seguintes passagens parecem ser decisivas quanto à época: *"Sabei que já está solto o irmão Timóteo, com o qual, se ele vier depressa, vos verei."* (Hebreus 13:23,24). Compare isto com o que Paulo escreveu aos filipenses: *"E espero no Senhor Jesus que em breve vos mandarei Timóteo... logo que tenha provido a meus negócios. Mas confio no Senhor, que também eu mesmo em breve irei ter convosco."* (Filipenses 2:19,23,24). É difícil duvidar que essas passagens não tenham sido escritas pela mesma caneta por volta da mesma época, e que se referem aos mesmo movimentos pretendidos. Mas não iremos insistir nesse ponto. Uma coisa, no entanto, é evidente - que a epístola foi escrita antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C., pois o templo ainda estava de pé, e a adoração no templo continuava inalterada. Compare Hebreus 8:4; 9:25; 10:11; 13:10-13.

A Absolvição e Libertação de Paulo

Depois de quatro anos cheios em prisão, parte na Judeia e parte em Roma, o apóstolo está novamente em liberdade. No entanto, não temos detalhes particulares quanto ao caráter de seu julgamento, ou quanto aos motivos de sua absolvição. O historiador sagrado nos conta que ele ficou por dois anos inteiros em sua própria casa alugada, mas ele não diz o que se seguiu ao final desse período. Teria se seguido a condenação e morte do apóstolo, ou sua absolvição

e liberação? Esta é a questão, e a única resposta certa para ela deve ser retirada principalmente das Epístolas Pastorais. A Primeira a Timóteo e a Epístola a Tito parecem ter sido escritas na mesma época; e a Segunda a Timóteo algum tempo depois.

É admitido, cremos, por quase todos os que são competentes para decidir sobre tal questão, que Paulo foi absolvido, e que ele passou alguns anos em viagem, em perfeita liberdade, antes de ser novamente preso e condenado. E, embora seja difícil traçar os passos do apóstolo durante esse período, ainda assim podemos tirar algumas conclusões pelas suas cartas, sem invadir o domínio da conjectura. Muito provavelmente ele viajou rapidamente e visitou muitos lugares. Durante o prolongado período de seu aprisionamento, muito mal tinha sido feito pelos seus inimigos nas igrejas que foram plantadas por meio dele. Elas precisavam de sua presença, seu conselho e seu encorajamento. E pelo que conhecemos quanto à sua energia e zelo, podemos ter certeza de que nenhum trabalho seria poupado para visitá-las.

A Partida de Paulo da Itália

1. Ao escrever aos Romanos, antes de seu aprisionamento, Paulo expressou sua intenção de passar por Roma até a Espanha. *"Quando partir para Espanha"*, diz ele, *"irei ter convosco"*. E novamente: *"Assim que, concluído isto, e havendo-lhes consignado este fruto, de lá, passando por vós, irei à Espanha."* (Romanos 15:24,28). Alguns pensam que ele tenha ido à Espanha imediatamente após sua libertação. A principal evidência apresentada em favor dessa hipótese é suprida por Clemente, um cooperador mencionado em Filipenses 4:3, que dizem que mais tarde era reconhecido como um bispo de Roma. O escritor fala de Paulo ter pregado o evangelho do leste a oeste: que ele tinha instruído o mundo todo (se referindo, sem dúvidas, ao Império Romano), e que ele tinha ido ao mais extremo oeste - ou seja, até a região da Espanha. Como Clemente foi um dos próprios discípulos e cooperadores de Paulo, seu testemunho é digno de nosso respeito. Ainda assim, **não está nas Escrituras, e portanto não pode ser considerado conclusivo.**

2. Pelas cartas mais recentes de Paulo, ele parece ter alterado seus planos e desistido da ideia de ir à Espanha, pelo menos por um tempo. Podemos tirar isso principalmente das Epístolas a Filemom e aos Filipenses. Ao primeiro ele escreve: *"E juntamente prepara-me também pousada, porque espero que pelas vossas*

orações vos hei de ser concedido." (Filemom 1:22). Aqui ele pede a Filemom que espere pois iria em breve ter com ele em pessoa. Aos filipenses ele escreve, e falando de Timóteo acrescenta: *"De sorte que espero vo-lo enviar logo que tenha provido a meus negócios. Mas confio no Senhor, que também eu mesmo em breve irei ter convosco."*. E novamente, *"E espero no Senhor Jesus que em breve vos mandarei Timóteo, para que também eu esteja de bom ânimo, sabendo dos vossos negócios."* (Filipenses 2:19,23,24). Os movimentos pretendidos do apóstolo e de seu amado Timóteo parecem muito claros nessas passagens. Era evidentemente o propósito do apóstolo enviar Timóteo a Filipos assim que o julgamento terminasse, e ficar na Itália até que Timóteo retornasse com um relatório sobre a condição deles.

3. Pode-se razoavelmente esperar que Paulo tenha cumprido a intenção que ele havia expressado tão recentemente, de visitar as igrejas na Ásia Menor, algumas das quais ainda nem mesmo tinha conhecido. Tendo cumprido os objetivos de sua missão à Ásia Menor, alguns pensam que, depois disso, ele deve ter empreendido sua viagem à Espanha, mas sobre isso não temos informação confiável, e **a mera conjectura não tem valor.**

4. Outra teoria é que ele tenha ido da Itália para a Judeia, e daí para a Antioquia, Ásia Menor e Grécia. Este esquema se baseia principalmente em Hebreus 13:23,24. *"Sabei que já está solto o irmão Timóteo, com o qual, se ele vier depressa, vos verei... Os da Itália vos saúdam."* É também suposto que, enquanto ele estava esperando em Potéoli para a embarcação, imediatamente após o retorno de Timóteo, notícias chegaram ao apóstolo de que uma grande perseguição se erguia contra os cristãos em Jerusalém. Esse conhecimento tão triste encheu tanto o coração de Paulo com tristeza que ele escreveu sua famosa carta a eles - a Epístola aos Hebreus. Pouco tempo depois Timóteo teria chegado, e então Paulo e seus companheiros partiram para a Judeia. [5]

Os Lugares Visitados por Paulo Durante sua Liberdade

Tendo conhecido essas diferentes teorias para examinação própria por parte do leitor, vamos tomar nota dos lugares visitados por Paulo mencionados nas Epístolas.

[5] Para pormenores sobre a perseguição veja Josefo, Ant. 20, 9, 1.

1. Algum tempo depois de ter deixado Roma, Paulo e seus companheiros devem ter visitado a Ásia Menor e a Grécia. *"Como te roguei, quando parti para a macedônia, que ficasses em Éfeso, para advertires a alguns, que não ensinem outra doutrina."* (1 Timóteo 1:3). Sentindo-se, talvez, um pouco ansioso por seu filho Timóteo e pelo peso das responsabilidades de sua posição em Éfeso, ele envia uma carta de encorajamento, conforto e autoridade, enquanto estava ainda na Macedônia - **A Primeira Epístola a Timóteo.**

2. Algum tempo depois, Paulo visitou a ilha de Creta em companhia de Tito, e o deixou lá. Ele também, algum tempo depois, envia a ele uma carta de instrução e autoridade, **a Epístola a Tito**. Timóteo e Tito podem ser considerados como delegados ou **representantes do apóstolo**. *"Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem as coisas que ainda restam, e de cidade em cidade estabelecesses presbíteros, como já te mandei."* (Tito 1:5)

3. Paulo pretendia passar o inverno em um lugar chamado Nicópolis: *"Quando te enviar Ártemas, ou Tíquico, procura vir ter comigo a Nicópolis; porque deliberei invernar ali."* (Tito 3:12)

4. Ele visitou Trôade, Corinto e Mileto. *"Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, principalmente os pergaminhos... Erasto ficou em Corinto, e deixei Trófimo doente em Mileto."* (2 Timóteo 4:13,20)

O Segundo Aprisionamento de Paulo em Roma

Alguns supõem que o apóstolo tenha sido preso em Nicópolis (onde ele pretendia passar o inverno) e dali levado prisioneiro a Roma. Outros supõem que, após invernar em Nicópolis e visitar os lugares mencionados anteriormente, ele retornou a Roma em um estado de liberdade pessoal, mas foi preso durante a perseguição de Nero e lançado na prisão.

Quanto à acusação exata que agora era feita contra o apóstolo, e pela qual ele foi preso, não temos meios de verificar com certeza. Pode ter sido simplesmente a **acusação por ser um cristão**. A perseguição generalizada contra os cristãos agora se enfurecia com maior severidade. Não se tratava mais sobre certas questões da lei, e ele não estava mais sob os cuidados suaves e humanos de Burrus: **ele agora era tratado como um malfeitor** - como um criminoso comum: ***"Por isso sofro trabalhos e até prisões, como um malfeitor"*** (2 Timóteo 2:9) - e muito diferente das cadeias de seu primeiro aprisionamento, quando ele

morava em sua própria casa alugada.

Alexandre - que acreditamos ser de Éfeso - evidentemente tinha algo a ver com sua prisão. Ou ele foi um de seus acusadores ou, ao menos, uma testemunha contra ele. *"Alexandre, o latoeiro"*, ele escreve a Timóteo, *"causou-me muitos males" ["exibiu muito mal de espírito contra mim"]* (2 Timóteo 4:14) . Dez anos antes disso, ele tinha estado à frente como um antagonista aberto do apóstolo em Éfeso (Atos 19). Ele pode agora ter procurado vingança colocando informação contra o apóstolo perante o prefeito. O fato de ser o mesmo Alexandre de Éfeso parece claro considerando o que ele escreve a Timóteo: *"Tu, guarda-te também dele, porque resistiu muito às nossas palavras."* (2 Timóteo 4:15)

Durante a primeira e extensa prisão de Paulo, ele estava cercado por muitos de seus mais velhos e valorados companheiros, a quem ele chama de *"cooperadores"* e *"prisioneiros comigo"*. Por meio destes, seus mensageiros, embora acorrentado e preso em um único local, ele continuou em constante relação com seus amigos por todo o império, e com as igrejas dos gentios que ainda nem tinham visto sua face. Mas seu segundo aprisionamento estava em perfeito contraste com tudo isso. Ele estava longe de todos os seus companheiros de costume. Erasto ficou em Corinto, Trófimo foi deixado doente em Mileto, Tito tinha ido à Dalmácia, Crescente à Galácia, Tíquico tinha sido enviado a Éfeso, e **Demas o tinha abandonado, *"amando o presente século"*** (2 Timóteo 4:10).

O apóstolo estava agora quase que inteiramente sozinho. *"Só Lucas está comigo"*, diz ele (2 Timóteo 4:11). **Mas o Senhor pensava em Seu solitário e abandonado servo.** Um feixe luminoso, a partir da fonte de amor, brilha em meio à escuridão e melancolia de sua prisão. Havia alguém fiel em meio à deserção geral, e alguém que não se envergonhava das cadeias do apóstolo. Quão peculiarmente doce e refrescante para o coração do apóstolo deve ter sido o ministério de Onesíforo naquele tempo! Nunca poderá ser esquecido. Onesíforo e sua casa - que Paulo relaciona consigo mesmo - serão guardados em memória eterna, e deverão colher o fruto de sua coragem e devoção ao apóstolo para sempre e sempre. ***"Estive na prisão, e foste me ver."*** (leia Mateus 25:31-46).

No que diz respeito às circunstâncias do julgamento de Paulo, não temos informação certa. Muito provavelmente, na primavera de 66 ou 67 d.C., Nero tomou seu lugar no tribunal, cercado por seus jurados e a guarda imperial, e Paulo foi levado à corte. Temos razões para acreditar que o espaçoso lugar se encheu de uma multidão promíscua de judeus e gentios. **O apóstolo estava mais uma vez diante do mundo. Ele tinha novamente a oportunidade de pro-**

clamar a todas a nações aquilo pelo qual ele tinha sido feito prisioneiro - ***"e todos os gentios a ouvissem."*** (2 Timóteo 4:17). Imperadores e senadores, príncipes e nobres, e todos os grandes da terra, deveriam ouvir **o evangelho da graça de Deus.** Tudo o que o inimigo tinha feito se torna um testemunho ao nome de Jesus. Aqueles que antes eram inacessíveis ouvem o evangelho pregado com poder do alto.

Seria bastante proveitoso nos demorarmos nessa maravilhosa cena por alguns momentos. Nunca antes houve tal testemunho no pretório de Nero. A sabedoria de Deus em tornar todos os esforços do inimigo em tal testemunho é a mais profunda, enquanto **Seu amor e graça no evangelho brilha inefável e igualmente para todas as classes.** O próprio apóstolo comanda nossa devota admiração. Embora nesse momento seu coração estivesse quebrado pela infidelidade da igreja, ele permaneceu forte no Senhor e na força do Seu poder. **Ele tinha uma oportunidade de falar de Jesus, de Sua morte e ressurreição, de modo que a multidão pagã pudesse ouvir o evangelho.** Sua idade, suas fraquezas, sua forma venerável, seu braço agrilhoado, tudo isso tendia a aprofundar a impressão de sua eloquência viril e direta. Mas, felizmente, temos um relato, de sua própria pena, da primeira audiência de sua defesa. Ele escreve assim a Timóteo, imediatamente após o evento: ***"Ninguém me assistiu na minha primeira defesa, antes todos me desampararam. Que isto lhes não seja imputado. Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, para que por mim fosse cumprida a pregação, e todos os gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão."*** (2 Timóteo 4:16,17)

> *"Observe agora, e veja o santo escolhido de Cristo*
>
> *Em triunfo usar cadeias como seu Senhor;*
>
> *Nenhum temor irá desviá-lo ou abatê-lo*
>
> *Sua vida é Cristo, sua morte é lucro."*

O Martírio de Paulo

Embora não tenhamos registro do segundo estágio de seu julgamento, temos motivos para acreditar que se sucedeu pouco tempo depois do primeiro, e que terminou em sua condenação e morte. Mas a Segunda Epístola a Timóteo é o divino registro do que estava se passando em sua mente profundamente exercitada nesse solene momento. **Sua profunda preocupação pela verdade e pela**

igreja de Deus; seu comovente carinho para com os santos, e especialmente para com seu amado filho Timóteo; sua triunfante esperança frente ao imediato prospecto do martírio; tudo isso só pode ser dito em suas próprias palavras: ***"Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda."*** (2 Timóteo 4:6-8)

O tribunal de Nero aqui desaparece de sua vista. **A morte em sua forma mais violenta não exerce nele terror. Cristo em glória é o objeto de seus olhos e de seu coração - a fonte de sua alegria e de sua força.** Sua obra foi concluída, e as fadigas de seu amor se cumpriram. Embora prisioneiro e pobre - embora velho e rejeitado - ele era rico em Deus, ele possuía Cristo, e nEle todas as coisas. O Jesus que ele tinha visto em glória no início de sua jornada, e que o tinha feito passar por todas as provas e trabalhos pelo evangelho, era agora sua posse e sua coroa. O injusto tribunal de Nero, e a espada manchada de sangue do carrasco, eram para Paulo apenas mensageiros da paz, que tinham vindo fechar seu longo e cansativo caminho, **e introduzi-lo na presença de Jesus em glória.** A hora tinha agora chegado em que Jesus, que o amava, o levaria para Si mesmo. Ele tinha lutado o bom combate do evangelho até o fim; ele tinha terminado seu curso, e agora só lhe faltava ser coroado, quando o Senhor, o justo Juiz, aparecer em glória.

> ***"Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores***
>
> ***Por aquele que nos amou.***
>
> ***Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida***
>
> ***Nem os anjos, nem os principados, nem as potestades***
>
> ***Nem o presente, nem o porvir***
>
> ***Nem a altura, nem a profundidade***
>
> ***Nem alguma outra criatura***
>
> ***Nos poderá separar do amor de Deus***
>
> ***Que está em Cristo Jesus nosso Senhor."***

Temos simultâneos testemunhos da antiguidade de que Paulo sofreu martírio durante a perseguição de Nero, e muito provavelmente em 67 d.C. Como

cidadão romano, ele foi decapitado em lugar de ser flagelado e crucificado ou exposto a torturas terríveis que então tinham sido inventadas para os cristãos. Como seu Mestre, ele sofreu *"fora da porta"* (Hebreus 13:12). Há um local na Via Ostia, mais ou menos duas milhas para além dos muros da cidade, onde supõe-se que seu martírio aconteceu. Ali o último ato da crueldade humana foi executado, e o grande apóstolo finalmente estava ***"fora do corpo, e habitando com o Senhor."*** (2 Coríntios 5:8). Seu espírito fervente e feliz foi libertado desse frágil e sofrível corpo, e o desejo há muito acalentado de seu coração foi cumprido - ***"partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor."*** (Filipenses 1:23)

Tabela Cronológica da Vida de Paulo

Ano 36 - Conversão de Saulo de Tarso (Atos 9).

Anos 36-39 - Em Damasco; prega na sinagoga; vai à Arábia; retorna a Damasco; foge de Damasco. Sua primeira visita a Jerusalém, três anos depois de sua conversão. Dali parte para Tarso (Atos 9:23-26; Gálatas 1:18).

Anos 39,40 - Paz nas igrejas judias (Atos 9:31).

Anos 40-43 - Paulo prega o evangelho na Síria e Cilícia (Gálatas 1:21). Um período de duração incerta. Durante este tempo ele provavelmente sofre a parte principal dos perigos e sofrimentos aos quais se refere ao escrever aos coríntios (2 Coríntios 11). Ele é trazido de Tarso para a Antioquia por Barnabé, e fica ali um ano antes da fome (Atos 11:26).

Ano 44 - A segunda visita de Paulo a Jerusalém, com a coleta (Atos 11:30).

Ano 45 - O retorno de Paulo à Antioquia (Atos 12:25).

Anos 46-49 - A primeira viagem missionária de Paulo com Barnabé; vai para o Chipre, Antioquia na Pisídia, Icônio, Listra, Derbe, e de volta pelo mesmo caminho até a Antioquia. Ele fica por um longo tempo na Antioquia. Dissensões e disputas sobre a circuncisão (Atos 13; 14; 15:1,2).

Ano 50 - A terceira visita de Paulo a Jerusalém com Barnabé, quatorze anos depois de sua conversão (Gálatas 2:1). Eles participam do concílio em Jerusalém (Atos 15). Retorno de Paulo e Barnabé à Antioquia, com Judas e Silas (Atos 15:32-35).

Ano 51 - A segunda viagem missionária de Paulo com Silas e Timóteo. Ele parte da Antioquia para a Síria, Cilícia, Derbe, Listra, Frígia, Galácia e Trôade.

Lucas se une ao grupo apostólico (Atos 16:10).

Ano 52 - Entrada do evangelho na Europa (Atos 16:11-13). Paulo visita Filipos, Tessalônica, Bereia, Atenas e Corinto. Passa um ano e seis meses em Corinto (Atos 18:11). A Primeira Epístola aos Tessalonicenses é escrita.

Ano 53 - A Segunda Epístola aos Tessalonicenses é escrita. Paulo deixa Corinto e navega até Éfeso (Atos 18:18,19).

Ano 54 - A quarta visita de Paulo a Jerusalém para as festas. Retorna à Antioquia.

Anos 54-56 - A terceira viajem missionária de Paulo. Ele parte da Antioquia - visita a Galácia, Frígia, e chega a Éfeso, onde fica por dois anos e três meses. Aqui Paulo separa os discípulos da sinagoga judaica (Atos 19:8,10). A Epístola aos Gálatas é escrita.

Ano 57 - (Primavera) A Primeira Epístola aos Coríntios é escrita. O tumulto em Éfeso; Paulo parte para a Macedônia (Atos 19:23; 20:1). (Outono) A Segunda Epístola aos Coríntios é escrita (2 Coríntios 1:8; 2:13,14; 7:5; 8:1; 9:1). Paulo visita a região do Ilírico; vai a Corinto; passa o inverno ali (Romanos 15:19; 1 Coríntios 16:6).

Ano 58 - (Primavera) A Epístola aos Romanos é escrita (Romanos 15:25-28; 16:21-23; Atos 20:4). Paulo deixa Corinto; passa pela Macedônia; navega a partir de Filipos; prega em Trôade; faz um discurso aos anciãos em Mileto; visita Tiro e Cesareia (Atos 20; 21:1-14).

Anos 58-60 - A quinta visita de Paulo a Jerusalém antes do Pentecostes. Ele é preso no Templo; levado perante Ananias e o Sinédrio; enviado por Lísias a Cesareia, onde é mantido em prisão por dois anos.

Ano 60 - Paulo é ouvido por Félix e Festo. Ele apela para César; prega diante de Agripa e Berenice, e aos homens de Cesareia. (Outono) Paulo parte de navio para a Itália. (Inverno) Naufrágio em Malta (Atos 27).

Ano 61 - (Primavera) Chega em Roma; habita por dois anos em sua própria casa alugada.

Ano 62 - (Primavera) As Epístolas a Filemom, aos Colossenses e aos Efésios são escritas. (Outono) A Epístola aos Filipenses é escrita.

Ano 63 - (Primavera) Absolvição e libertação de Paulo. A Epístola aos Hebreus é escrita. Paulo parte para uma nova viajem, pretendendo visitar a Ásia Menor e a Grécia (Filemom 22; Filipenses 2:24).

Ano 64 - Visita Creta e deixa Tito ali; exorta Timóteo a permanecer em Éfeso. A Primeira Epístola a Timóteo é escrita. A Epístola a Tito é escrita.

Anos 64-67 - Pretende invernar em Nicópolis (Tito 3:12). Visita Trôade, Corinto e Mileto (2 Timóteo 4:13-20). Paulo é preso e enviado a Roma. Abandonado e solitário, tendo apenas Lucas, dentre seus velhos associados, com ele. A Segundo Epístola a Timóteo é escrita, provavelmente não muito tempo antes de sua morte. Geralmente supõe-se que essas viagens e eventos cobrem um período de mais ou menos três anos.

Ano 67 - O martírio de Paulo.

Capítulo 7

Roma e Seus Governantes (64 d.C. – 177 d.C.)

O Incêndio de Roma

Como nossos dois grandes apóstolos, **Pedro** e **Paulo**, sofreram o martírio durante a **primeira** perseguição imperial, pode ser interessante para muitos de nossos leitores saber algo sobre os elementos particulares que conduziram a esse edito cruel.

Mas aqui, embora **relutantemente, devemos trocar a certeza da Palavra de Deus pelos escritos incertos dos homens**. Passamos, neste momento, **do firme e sólido solo da inspiração para o solo inseguro dos historiadores romanos e da historia eclesiástica**. No entanto, todos os historiadores, tanto antigos quanto modernos, pagãos e cristãos, concordam quanto aos principais fatos sobre o incêndio em Roma, e sobre a perseguição aos cristãos.

No mês de julho do ano de 64 d.C. um grande incêndio irrompeu no Circo Máximo, e continuou a se espalhar até que deixou em ruínas toda a antiga grandeza da cidade imperial. As chamas se estenderam com grande rapidez, e sendo Roma uma cidade de ruas longas e estreitas, e de montes e vales, e tendo o vento ajudado o fogo a se alastrar, logo se tornou um caos generalizado. Em pouco tempo a cidade inteira parecia envolta em um mar de chamas ardentes.

Tácito, um historiador romano daqueles dias, e considerado um dos mais precisos de sua época, nos conta: *"Das quatorze áreas nas quais Roma era dividida, apenas quatro permaneceram inteiras, três foram reduzidas a cinzas, e dos sete restantes*

restou nada mais que um monte de casas destroçadas em meio às ruínas." O fogo se alastrou furiosamente por seis dias e sete noites. Palácios, templos, monumentos, as mansões dos ricos e as habitações dos pobres pereceram nesse fogo fatal. Mas isso não era nada comparado aos sofrimentos dos habitantes. As doenças da idade, a fraqueza dos jovens, o desamparo dos doentes, os pavorosos gritos de lamentação das mulheres: tudo se somava à miséria desta cena terrível. Alguns se esforçaram para prover para si mesmos, outros para salvar seus amigos, mas nenhum lugar de segurança podia ser encontrado. Para qual caminho se virar, ou que caminho tomar, ninguém podia dizer. O fogo se alastrava por todos os lados, de modo que um grande número de pessoas caíam prostradas nas ruas, lançando-se a uma morte voluntária, e pereciam nas chamas.

A questão importante, quanto à origem do fogo, era agora discutida em todos os lugares. Quase todos acreditavam que a cidade foi queimada por incendiários, e por ordens do próprio Nero. Era certo que um número de homens foram vistos estendendo as chamas em vez de extingui-las, afirmando ousadamente que eles tinham autoridade para fazê-lo. Foi também geralmente relatado que, enquanto Roma estava em chamas, o desumano monstro Nero permaneceu em uma torre de onde podia assistir o progresso do incêndio, divertindo-se tocando "A Queda de Troia" em sua lira favorita.

Muitos de nossos leitores, sem dúvidas, devem estar se perguntando qual poderia ser o objetivo de Nero ao incendiar a maior parte de Roma. O objetivo, acreditamos, era de poder reconstruir a cidade em uma escala de maior magnificência, para então chamá-la com seu próprio nome. E ele tentou fazer isso imediatamente de maneira grandiosa. Mas tudo o que ele fez não conseguiu restabelecer-lhe o favor popular, ou remover a infame acusação de ter incendiado a cidade. E quando toda a esperança de obter o favor, tanto das pessoas quanto dos deuses, se acabou, ele partiu para o plano de passar a culpa que tinha para outros. Ele sabia bem da impopularidade dos cristãos, tanto com os judeus quanto com os pagãos, para decidir fazer deles seu bode expiatório. Um rumor logo se espalhou de que os incendiários tinham sido descobertos, e que os cristãos eram os criminosos. Muitos foram imediatamente presos para que pudessem ser levados à uma punição à altura, e para satisfazer a indignação popular. Chegamos então à primeira perseguição sob os imperadores.

A Primeira Perseguição sob os Imperadores

Aqui podemos fazer uma breve pausa para contemplar o progresso do cristianismo, e o estado da **igreja em Roma** nessa época. Muito cedo, e sem o auxílio de qualquer apóstolo, o cristianismo tinha encontrado o seu caminho até Roma. Sem dúvida, deve ter sido primeiramente levado por alguém que tinha se convertido por meio da pregação de Pedro no dia de Pentecostes. Dentre seus ouvintes temos expressamente mencionados *"forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos"* (Atos 2:10). E Paulo, em sua epístola àquela igreja, dá graças a Deus ***"porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé"*** (Romanos 1:8). E em suas saudações ele fala de *"Andrônico e Júnias"*, seus parentes e companheiros de prisão, que eram homens que se distinguiam entre os apóstolos e cuja conversão foi anterior à sua própria (Romanos 16:7). Mas grandes maravilhas tinham sido escritas pelo evangelho no decorrer de trinta anos. Os cristãos tinham se tornado um povo marcado, separado e peculiar. Eles eram agora conhecidos como **perfeitamente distintos dos judeus**, e amargamente negados por eles.

Os trabalhos de Paulo e seus companheiros, durante os dois anos de seu aprisionamento, eram sem dúvida abençoados pelo Senhor para a conversão de muitos; tanto que os cristãos, nesse tempo, não formavam uma comunidade secreta ou inconsiderada, mas uma que era conhecida por ter em seu meio tanto judeus quanto gentios de todas as classes e condições, desde membros da família imperial até escravos fugitivos. No entanto, seu sofrimento presente, como vimos, não era pelo cristianismo que professavam. Eles foram, na verdade, sacrificados por Nero para apaziguar a fúria popular e para se reconciliar com suas divindades ofendidas.

Essa foi a **primeira perseguição oficial** aos cristãos; e, por algumas de suas características, ela se destaca dentre os anais da barbaridade humana. Uma crueldade inventiva procurava novas formas de tortura para saciar o sanguinário Nero – o imperador mais cruel que já reinou. Os calmos, pacíficos e inofensivos seguidores do Senhor Jesus eram costurados nas peles de feras selvagens e rasgados por cachorros; outros eram envoltos em um tipo de roupa coberta com cera, piche e outros materiais inflamáveis, tendo uma estaca debaixo do queixo para mantê-los na vertical, sendo então incendiados quando chegava a noite, para que servissem de tochas nos jardins públicos, para divertimento dos populares. Nero emprestou seus próprios jardins para tais exibições, dando entretenimento ao povo. Ele tomava parte ativa nos próprios jogos, algumas vezes se misturando à multidão à pé, e às vezes assistindo o horrível espetáculo de sua

carruagem. Mas o povo, mesmo acostumado a execuções públicas e espetáculos de gladiadores, começou a se compadecer pelas crueldades sem precedentes infligidas contra os cristãos. Eles começaram a perceber que os cristãos sofriam, não pelo bem público, mas para gratificar a crueldade de um monstro. Contudo, por mais terrível que fosse a morte, ela logo terminaria, e **para os cristãos, sem dúvida, seria então o momento mais feliz de sua existência**. Muito, mas muito tempo antes que as luzes se apagassem no jardim de Nero, **os mártires já tinham chegado ao seu lar e descanso no florescente jardim das eternas delícias de Deus**. Esta preciosa verdade aprendemos do que o Salvador disse ao ladrão arrependido na cruz – ***"Hoje estarás comigo no Paraíso."*** (Lucas 23:43).

Embora os historiadores não entrem em acordo quanto à extensão ou duração dessa terrível perseguição, há muitas boas razões para crer que ela se espalhou pelo império e durou até o fim da vida do tirano. Ele morreu por sua própria mão na mais absoluta miséria e desespero, em 68 d.C., cerca de quatro anos depois da queimada de Roma, e um ano após o martírio de **Pedro e Paulo**. Perto do fim de seu reinado, os cristãos eram obrigados, sob as mais pesadas penas, até mesmo de morte, a oferecer sacrifícios ao imperador e aos deuses pagãos. Embora tais decretos estivessem em vigor, a perseguição deve ter continuado.

Após a morte de Nero, a perseguição cessou, e os seguidores de Jesus desfrutaram de relativa paz até o reinado de Domiciano, um imperador que ficava só um pouco atrás de Nero em termos de maldade. Mas enquanto isso, devemos mudar de assunto por um momento e tomar nota do cumprimento de um dos avisos mais solenes do Senhor: **a queda de Jerusalém.**

A Queda de Jerusalém (70 d.C.)

A dispersão dos judeus e a total destruição de sua cidade e templo são os próximos eventos a se considerar no restante do primeiro século, embora, estritamente falando, essa terrível catástrofe não faça parte da história da igreja, e sim da história dos judeus. No entanto, pelo fato de ter sido um cumprimento literal da profecia do Salvador, e que afetou de imediato aqueles judeus que eram cristãos, esse evento merece um lugar em nossa história.

Os discípulos, antes da morte e ressurreição de Cristo, eram fortemente judaicos em todos os seus pensamentos e associações. Eles conectavam o Messias

ao templo. Seus pensamentos eram de que Ele deveria libertá-los do poder dos romanos, e que todas as profecias sobre a terra, as tribos, a cidade e o templo seriam cumpridas. Mas os judeus rejeitaram o próprio Messias e, consequentemente, todas as suas próprias esperanças e promessas nEle. As palavras iniciais de Mateus 24 são muito significativas e importantes: ***"E, quando Jesus ia saindo do templo..."***. O templo estava agora, de fato, **vazio** aos olhos de Deus. Tudo o que dava valor a Ele ali agora se foi. ***"Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta"*** (Mateus 23:38). Ela agora estava pronta para a destruição.

"Aproximaram-se dele os seus discípulos para lhe mostrarem a estrutura do templo." (Mateus 24:1). Eles ainda se ocupavam com a grandeza e glória externas dessas coisas. ***"Jesus, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada."*** (Mateus 24:2). Essas palavras foram literalmente cumpridas pelos romanos cerca de quarenta anos depois de terem sido faladas, e da mesma maneira que o Senhor predisse: *"Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todos os lados; e te derrubarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conheceste o tempo da tua visitação."* (Lucas 19:43,44)

Depois dos romanos terem experimentados muitas decepções e derrotas na tentativa de abrir uma brecha nas muralhas, por causa da desesperada resistência dos judeus insurgentes e, embora houvesse pouca esperança de tomar a cidade, Tito mesmo assim convocou um conselho de guerra. Dois planos foram discutidos: invadir violentamente a cidade imediatamente; consertar os aparatos militares e reconstruir as máquinas; ou sitiar e induzir a fome na cidade para forçar a rendição. A última foi a preferida, e todo o exército foi colocado para "entrincheirar" toda a cidade. Mas o cerco foi longo e difícil. Durou da primavera até setembro. E durante todo o tempo, as mais sem precedentes misérias de todo tipo foram experimentas pelos sitiados. Mas afinal chegou o fim, quando tanto a cidade quanto o templo estavam nas mãos dos romanos. Tito estava ansioso para tomar o magnificente templo e seus tesouros. Mas, contrários a suas ordens, um soldado, montado nos ombros de um de seus camaradas, ateou fogo em uma pequena porta dourada no pátio exterior. As chamas logo se espalharam. Tito, vendo isto, correu ao lugar o mais rápido que pôde. Ele gritou, fez sinais para seus soldados para que extinguissem o fogo; mas sua voz foi abafada, e seus sinais não foram percebidos em meio à terrível confusão. O esplendor do interior do templo o encheu de admiração e, como as chamas ainda não tinham chegado ao lugar santo, ele fez um último esforço para salvá-

lo, exortando os soldados a apagar o incêndio; mas era tarde demais. Chamas ardentes se erguiam por todas as direções, e a feroz excitação da batalha, somada à insaciável esperança de pilhagem, tinha atingido seu ápice. Tito mal sabia que Alguém que era maior que ele tinha dito: ***"Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada."*** (Mateus 24:2). A palavra do Senhor, e não os comandos de Tito, devia ser obedecida. O templo foi realmente arrasado até as fundações, de acordo com a palavra do Senhor.

Para quase todos os aspectos particulares desse terrível cerco, estamos em débito com **Josefo**, que estava no acampamento romano e próximo da pessoa de Tito naquele tempo. Ele agiu como intérprete quando foram tratados os termos entre Tito e os insurgentes. Os muros e baluartes de Sião pareciam inconquistáveis para os romanos, e Josefo ansiava muito por um tratado de paz. No entanto, os judeus rejeitavam cada proposta, até que os romanos finalmente triunfaram. Ao entrar na cidade, Josefo nos conta que Tito se encheu de admiração pela sua força. De fato, ao contemplar a sólida altitude das torres, a magnitude de várias das pedras, e a precisão de suas junções, e ao ver quão grandes eram sua amplitude e quão vasta sua altura, *"Claramente"*, exclamou Tito, *"lutamos com Deus do nosso lado; e foi Deus quem derrubou os judeus daqueles baluartes, pois o que as mãos humanas ou maquinas podiam fazer contra aquelas torres?"* Tais foram as confissões do general pagão. Certamente deve ter sido o cerco mais terrível de toda história do mundo registrada.

Os relatos dados por Josefo sobre os sofrimentos dos judeus durante o cerco são horríveis demais para serem transferidos para nossas páginas. Os números que pereceram sob Vespasiano no país, e sob Tito na cidade, no período de 67–70 d.C., por fome, facções internas e pela espada romana, chegou à casa de 1.350.460, além de cem mil vendidos como escravos[1]. Infelizmente, essas foram as horríveis consequências da incredulidade e desdém aos apelos solenes, ternos e a afetuosos de seu próprio Messias. **Podemos imaginar as lágrimas do Redentor derramadas sobre a cidade amada? E podemos imaginar as lágrimas dos pregadores de hoje em dia, enquanto apela a amados pecadores, em vista da vinda e dos juízos eternos?** Certamente é de se maravilhar o fato de que tantas lágrimas sejam derramadas por causa de pecadores imprudentes, descuidados e perdidos. Ah, que corações sintam como sentiu o Salvador e que olhas chorem como os dEle!

Os cristãos, com quem temos mais especialmente que tratar, lembrando-se

[1]Veja História dos Judeus, de Dean Milman, livro 16, volume 2, página 380

do aviso do Senhor, em grupo deixaram Jerusalém antes do cerco ser formado. Eles viajaram para Pella, uma vila além do Jordão, onde permaneceram até que Adriano lhes permitiu retornar às ruínas da antiga cidade. E isso nos leva a**o fim do primeiro século**.

Durante os curtos reinados de **Vespasiano** e de seu filho **Tito**, o número de cristãos deve ter crescido consideravelmente. Isto aprendemos, não de algum relato direto que possamos ter sobre a prosperidades deles, mas das circunstâncias incidentais que provam isso, e que vamos conhecer em seguida.

O Cruel Reinado de Domiciano

Domiciano, o irmão mais novo de Tito, ascendeu ao trono em 81 d.C. No entanto, ele tinha um temperamento totalmente diferente de seu pai e de seu irmão. Estes toleravam os cristãos, mas ele os perseguia. Seu caráter era covarde, suspeitoso e cruel. Ele levantou uma perseguição contra os cristãos por causa de um certo temor vago e supersticioso que ele nutria sobre a possível aparição de uma pessoa nascida na Judeia, da família de Davi, e que deveria obter o império do mundo. Domiciano não poupou nem os romanos de nascimento da mais ilustre e alta posição que tinham abraçado o cristianismo. Alguns foram martirizados de imediato, outros foram banidos para serem martirizados no exílio. Sua própria sobrinha, Domitila, e seu primo Flávio Clemente, para quem tinha sido dada em casamento, foram vítimas de sua crueldade por terem abraçado o evangelho de Cristo. Assim vemos que o cristianismo, pelo poder de Deus, apesar de exércitos e imperadores, fogo e espada, estava se espalhando, não apenas entre os de classe média e baixa, mas também entre as classes mais altas.

"Domiciano", diz Eusébio, o pai da história eclesiástica, "tendo exercido sua crueldade contra muitos, e injustamente matando não poucos homens nobres e ilustres de Roma, e tendo, sem causa, punido um vasto número de homens honráveis com o exílio e a confiscação de suas propriedades, por fim estabeleceu a si mesmo como o sucessor de Nero em termos de ódio e hostilidade contra Deus." Ele também seguia Nero ao endeusar a si mesmo. Ele comandou que sua própria estátua fosse adorada como um deus, reviveu a lei da traição, e pôs em temeroso vigor suas terríveis provisões: sob tais circunstâncias, cercado de espiões e informantes, quão terrível deve ter sido essa segunda perseguição aos cristãos![2]

[2] Veja História Romana, Enciclopédia Britânica, vol. 19, página 406.

Mas o fim desse tirano fraco, vão e desprezível se aproximava. Ele tinha o hábito de escrever em um rolo os nomes daquelas pessoas que ele destinava à morte, mantendo-o cuidadosamente aos seus próprios cuidados. E, de modo a desviar a atenção de suas futuras vítimas, ele os tratava com a mais lisonjeira atenção. Mas esse rolo fatal foi um dia tomado de debaixo de uma almofada em que ele estava dormindo por uma criança que estava brincando no apartamento, que então o levou à imperatriz. Ela foi atingida com espanto e alarme ao encontrar seu próprio nome na lista negra, juntamente com os nomes de outros que eram aparentemente elevados em seu favor. Assim, a imperatriz comunicou o conhecimento de seu perigo, e não obstante toda a precaução que a covardia e astúcia podia sugerir, ele foi expulso por dois oficiais de sua própria casa.

O Curto Porém Pacífico Reinado de Nerva

No mesmo dia da morte de Domiciano, Nerva foi escolhido pelo Senado para ser o imperador, em 18 de setembro de 96 d.C. Ele era um homem de reputação irrepreensível. O caráter de seu reinado foi o mais favorável para a paz e prosperidade da igreja de Deus. Os cristãos que tinham sido banidos por Domiciano foram chamados de volta, e recuperaram suas propriedades confiscadas. O apóstolo João retornou de seu banimento na ilha de Patmos, retornando ao seu lugar de serviço entre as igrejas na Ásia. Ele viveu até o reinado de Trajano quando, em idade avançada de cerca de 100 anos, adormeceu em Jesus.

Nerva iniciou seu reinado remediando as injustiças, repelindo os estatutos iníquos, decretando boas leis, e dispensando favores com grande liberalidade. No entanto, sentindo-se inadequado quanto aos deveres de sua posição, adotou Trajano como colega e sucessor ao império, e morreu no ano 98 d.C.

A Condição dos Cristãos Durante o Reinado de Trajano (98–117 d.C.)

Uma vez que a história externa da igreja tenha sido afetada pela vontade de um homem, será portanto necessário observar, embora brevemente, a disposição da paixão pelo governo do príncipe reinante. A condição dos cristãos em todo lugar dependia, em grande parte, daquele que era o mestre do mundo romano,

e de certo modo do mundo todo. Ainda assim, Deus estava e está acima de tudo.

Trajano foi um imperador de grande renome. Talvez nunca mais alguém assim tenha se sentado no trono dos Césares. O mundo romano, dizem, alcançou seus mais amplos limites por suas vitórias. Ele fez com que o terror das armas e da disciplina romana fossem sentidas nas fronteiras, como nunca antes tinha sido feito. Ele foi, portanto, um grande general e soberano militar; e, possuindo uma grande e vigorosa mente, ele foi um governante capaz, fazendo Roma florescer sob sua influência. No entanto, na história da igreja, essa personagem aparece em uma luz menos favorável. Ele tinha um preconceito confirmado contra o cristianismo, e sancionou a perseguição aos cristãos. Alguns dizem que ele anelava a extinção desse nome. Esta é a mancha mais profunda que repousa sobre a memória de Trajano.

Mas o cristianismo, apesar dos imperadores romanos, das prisões romanas e das execuções romanas, prosseguiu em sua silente e firme caminhada. Em pouco mais que setenta anos depois da morte de Cristo, o cristianismo tinha feito tão rápidos progressos em alguns lugares que chegavam a ameaçar a queda do paganismo. Os templos pagãos estavam desertos, a adoração aos deuses foi negligenciada, e as vitimas para os sacrifícios eram raramente compradas. Isto naturalmente levantou um clamor popular contra o cristianismo, assim como houve em Éfeso: *"E não somente há o perigo de que a nossa profissão caia em descrédito, mas também de que o próprio templo da grande deusa Diana seja estimado em nada."* (Atos 19:27). Aqueles cujo sustento dependia da adoração das divindades pagãs lançavam muitas e graves acusações contra os cristãos perante os governantes. Isto aconteceu mais especialmente nas províncias asiáticas onde o cristianismo foi mais prevalente.

Por volta do ano 110, muitos cristãos foram então levados perante o tribunal de **Plínio, o Jovem**, o governador de Bitínia e Ponto. Mas Plínio, sendo naturalmente um homem sábio, cândido e humano, teve o cuidado de se informar sobre os princípios e práticas dos cristãos. Quando ele descobriu que muitos deles foram condenados à morte, não tendo nada que os condenasse por qualquer crime público, ele ficou imensamente embaraçado. Ele não tinha tomado parte em tais assuntos antes, e nenhuma lei sobre o assunto existia até então. Os decretos de Nero tinham sido repelidos pelo Senado, e aqueles de Domiciano pelo seu sucessor, Nerva. Sob tais circunstâncias, Plínio buscou o conselho de seu mestre, o imperador Trajano. As cartas que eles trocaram, sendo justa-

mente consideradas como os mais valiosos registros da historia da igreja durante aquele período, merece um lugar em nosso livro. Mas podemos apenas transcrever uma parte da celebrada epístola de Plínio, e principalmente aquelas partes que se referem ao caráter dos cristãos, e a extensão do cristianismo.

Carta de Plínio ao Imperador Trajano

"Saúde. É meu costume usual, senhor, consultá-lo em todas as coisas das quais tenho qualquer dúvida. Pois quem pode melhor dirigir meu julgamento e sua hesitação, ou instruir meu entendimento em sua ignorância? Eu nunca tive a chance de estar presente em qualquer julgamento de cristãos antes de chegar a esta província. Estou, portanto, perdido em determinar qual o assunto corrente, quer de inquérito ou de punição, e que duração qualquer um deles deveria ter... Enquanto isso, este tem sido meu método com respeito àqueles que foram trazidos diante de mim por serem cristãos. Perguntei-lhes se eram cristãos: caso se declarassem culpados, eu os interrogava – uma segunda e uma terceira vez – com uma ameaça de pena capital. Em caso de perseverança obstinada, eu ordenei que fossem executados... Um 'libelo' anônimo foi publicado, contendo os nomes de muitos que negavam que eles eram, ou tinham sido, cristãos, e invocavam os deuses, como ordenei que fizessem, e rezavam para tua imagem com incenso e vinho, e além disso insultavam o Cristo; enfim, coisas que tenho ouvido que jamais um cristão seria compelido a fazer. Então achei adequado dispensar estes... A totalidade do crime ou erro dos cristãos se baseia nisso: eles estão acostumados a se reunir antes do dia amanhecer, e a cantar juntos um hino a Cristo, como a um deus, e se comprometer através de juramento a não cometer qualquer maldade, a não ser culpado de furto, ou roubo, ou adultério; a nunca falsificar sua palavra, nem se negar a devolver um penhor quando solicitados a fazê-lo. Quando essas coisas eram feitas, era o costume deles se separarem, e então voltarem a se reunir para uma refeição inofensiva, da qual participavam em comum sem qualquer desordem. Mas desta última prática eles deixaram de participar desde a publicação de meu decreto, pelo qual, de acordo com minhas ordens, proibi tais assembleias."

"Após este relato, julguei mais necessário examinar, e por tortura, duas mulheres que diziam ser diaconisas, mas não tenho descoberto nada exceto uma má e excessiva superstição. Suspendendo, portanto, todos os processos judiciais, recorro a ti para aconselhar-me. O número de acusados é tão grande que

foi necessária esta séria consulta. Muitas pessoas estão sendo denunciadas, de todas as idades e classes, e de ambos os sexos, e muitos ainda irão ser acusados. O contágio dessa superstição não tem atingido apenas as grandes cidades, mas também as cidades menores, e o campo: no entanto, parece-me que pode ser contido e corrigido. É certo que *os templos que estavam quase abandonados* começaram a ser mais frequentados, e as solenidades sagradas, após um longo intervalo, estão revividas. Vítimas para os sacrifícios, da mesma forma, tem sido trazidas de todos os lugares, embora ainda haja poucos compradores. Daí podemos facilmente imaginar o número daqueles que podem ser recuperados se o perdão for concedido àqueles que se arrependem."

Carta de Trajano para Plínio

> "Você agiu perfeitamente correto, meu caro Plínio, na pergunta que me fez a respeito dos cristãos. Pois, realmente, não há uma regra geral que possa ser prevista para ser aplicada a todos os casos. Essas pessoas não dever ser procuradas: se forem trazidas diante de você e estiverem convictos, que seja aplicada pena capital, mas com essa restrição: que se alguém renunciar ao cristianismo, e evidenciar sua sinceridade suplicando aos nossos deuses, por mais suspeito que tenha sido no passado, que seja perdoado por seu arrependimento. Mas libelos anônimos em nenhum caso devem ser levados em consideração, pois é um precedente muito perigoso e perfeitamente incongruente com as máximas de nossa era."

O testemunho claro e insuspeito dessas duas cartas desperta pensamentos e sentimentos do mais profundo interesse na mente cristã de hoje em dia. A Primeira Epístola de Pedro foi endereçada aos pais desses santos sofredores, e possivelmente a alguns dos que ainda estavam vivos. E não é improvável que Pedro tenha trabalhado entre eles pessoalmente. Assim eles foram ensinados e encorajados de antemão a dar ao governador romano ***"a razão da esperança que havia neles com mansidão e temor"*** (1 Pedro 3:15). De fato, a totalidade da primeira epístola parece divinamente equipada para fortalecer aqueles cristãos inocentes contra o injusto e irracional proceder de Plínio. ***"Ora, pois, já que Cristo padeceu por nós na carne, armai-vos também vós com este mesmo pensamento"*** (1 Pedro 4:1). Pedro contempla em sua epístola a família da fé como

se estivesse em uma jornada através do deserto, e Deus como o supremo Governador sobre todos – tanto crente como incrédulos. ***"Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos atentos às suas orações; mas o rosto do Senhor é contra os que fazem o mal."*** (1 Pedro 3:12). Com tal cena diante de nós, e com tais testemunhas, levando em consideração a posição de Trajano e Plínio como estadistas pagãos, pode ser interessante indagar nessa fase tão inicial de nossa história qual a real causa da perseguição.

A Verdadeira Causa da Perseguição

Embora diferentes razões possam ser dadas por diferentes pessoas e governos para perseguir os cristãos, ainda assim cremos que **a verdadeira causa é a inimizade do coração contra Cristo e Sua verdade**, como vista nas vidas piedosas de Seu povo. Além disso, a luz deles torna manifesta a escuridão ao redor, e expõe e reprova as inconsistências dos falsos professos e as vidas ímpias dos malignos. O inimigo, tomando ocasião por essas coisas, desperta as paixões cruéis daqueles que tinham o poder para apagar a luz ao perseguirem os portadores da luz. ***"Porque todo aquele que faz o mal odeia a luz"*** (João 3:20). Tal tem sido a experiência de todos os cristãos, em todas as épocas, tanto em tempos de paz quanto em tempos de angústia. Não há isenção de perseguição, secreta ou abertamente, se vivermos de acordo com o Espírito e a verdade de Cristo. Dentre as últimas palavras que o grande apóstolo escreveu estavam estas: ***"E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições."*** (2 Timóteo 3:12)

Estas verdades divinas, dadas para a instrução e direção da igreja em todas as eras, foram admiravelmente ilustradas no caso de Plínio e dos cristãos da Bitínia. Ele é citado por todos os historiadores como um dos mais esclarecidos, virtuosos e realizados homens da antiguidade. Ele foi também possuidor de grandes riquezas, e tinha a reputação de ser muito liberal e benevolente em sua vida privada. Por que então, podemos perguntar, sendo um estadista e governador romano, ele se tornou um tal perseguidor dos cristãos? Esta pergunta ele responde em sua própria carta. **Foi simplesmente pela fé deles em Cristo – nada mais.** Tinha sido provado a ele, tanto por amigos quanto por inimigos, que os cristãos não eram culpados de mal algum, nem moralmente, socialmente e politicamente. Fazendo três vezes a pergunta *"Vocês são cristãos?"*, e se eles firmemente afirmassem que eram, ele os condenava à morte. O único pretexto

que ele deu para cobrir a injustiça de sua conduta como governador era o fato de que os cristãos professavam obstinadamente uma religião não estabelecida pelas leis do império.

Muitos, por causa de malícia privada e outras razões, eram nesse tempo anonimamente acusados de serem cristãos, sendo que de fato não eram. Estes eram testados sendo chamados para negar sua fé, oferecer incenso aos deuses, adorar a imagem do imperador, e insultar a Cristo. Todos os que se conformavam a esses termos eram dispensados. Mas a nenhuma dessas coisas, como o próprio Plínio dá testemunho, podiam ser os verdadeiros cristãos compelidos a fazer. Ele, em seguida, recorreu ao costume brutal de examinar pessoas inocentes por tortura. Duas mulheres, notáveis servas da igreja, foram então examinadas. Mas, em vez da esperada confissão sobre o rumoroso caráter sedicioso (revoltoso) e licencioso (desregrado) de suas reuniões, nada desfavorável à comunidade cristã podia ser extraído delas por tortura. O governador não podia detectar nada por quaisquer meios tentados, exceto o que ele chama de *"uma superstição perversa e extravagante"*.

Também deve-se ter em mente, tanto pelo crédito como também pela culpa mais profunda de Plínio, que ele não procedeu contra os cristãos por mero preconceito popular – ao contrário de seu amigo Tácito, que se deixou levar pelos rumores e, sem qualquer investigação mais profunda, escreveu contra o cristianismo da maneira mais irracional e desgraçada. Mas Plínio considerou como dever entrar em cuidadosa investigação sobre toda a questão antes de dar seu julgamento. Como, então, podemos explicar que tal homem, aparentemente desejoso de agir de forma imparcial, pudesse perseguir até a morte pessoas inocentes? Para responder esta pergunta, devemos investigar as causas externas ou ostensivas da perseguição.

As Causas Ostensivas da Perseguição

Os romanos professavam tolerar todas as religiões, e que a comunidade não tinha nada a temer. Esta era a vangloriosa liberalidade que professavam. Até mesmo aos judeus eram permitidos viver de acordo com suas próprias leis. O que foi que aconteceu então, podemos nos perguntar, que pode ter causado toda a severidade deles contra os cristãos? Tinha a comunidade algo a temer deles? Havia algo a temer daqueles cujas vidas eram irrepreensíveis, **cujas doutrinas era a pura verdade do céu, e cuja religião era propícia ao bem-estar das pes-**

soas, tanto de modo público como privado?

Os seguintes pontos podem ser considerados como algumas das inevitáveis causas da perseguição, olhando para os dois lados da questão:

1. O cristianismo, ao contrário de todas as religiões que a precederam, era agressivo em seu caráter. O judaísmo era exclusivo: a religião de uma nação só. O cristianismo era proclamado como a religião da humanidade, ou do mundo todo. Isto era algo inteiramente novo na terra. ***"Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura."*** (Marcos 16:15), este era o mandamento do Senhor para seus discípulos. Eles deviam prosseguir e guerrear contra o erro em todas as suas formas e em todas as suas obras. **A conquista a ser feita era o coração para Cristo.** ***"As armas da nossa milícia"***, diz o apóstolo, ***"não são carnais, mas sim poderosas em Deus para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo."*** (2 Coríntios 10:4,5). Nessa guerra de agressão contra as instituições existentes, e contra os hábitos corruptos dos pagãos, os discípulos de Jesus tinham pouco a esperar além de resistência, perseguição e sofrimento.

2. A religião pagã, a qual o cristianismo estava rapidamente prejudicando e destinando à queda, era uma instituição do Estado. Ela estava tão intimamente entrelaçada com todo o sistema civil e social que atacar esta religião era entrar em conflito com ambos os sistemas civil e social. E foi exatamente isto que aconteceu. **Se a igreja primitiva fosse tão acomodada com o mundo como é a cristandade hoje,** muita perseguição poderia ter sido evitada. Mas a hora não tinha chegado para tal frouxo acomodamento. **O evangelho que os cristãos então pregavam, e a pureza da doutrina e da vida que mantinham, abalaram o próprio fundamento da velha e profundamente enraizada religião do Estado.**

3. Os cristãos naturalmente se separavam dos pagãos. Eles se tornaram um povo separado e distinto. Eles não podiam fazer nada além de condenar e abominar o politeísmo como algo totalmente oposto **ao único e verdadeiro Deus, e ao evangelho de Seu Filho Jesus Cristo**. Isto deu aos romanos a ideia de que os cristãos eram hostis à raça humana, vendo que condenavam todas as religiões, menos a sua própria. Portanto, diz-se que eles eram chamados de "ateus", pois não acreditavam nas divindades pagãs e ridicularizavam a adoração pagã.

4. Simplicidade e humildade caracterizavam a adoração cristã. Eles pacificamente se reuniam antes do sol nascer ou após o sol se pôr para evitar ofender os demais. **Eles cantavam hinos a Cristo como Deus, eles partiam o pão em**

memória de Seu amor ao morrer por eles, eles edificavam-se uns aos outros e comprometiam-se a uma vida de santidade. **Mas eles não tinham templos bonitos, nem estátuas, nem ordens sacerdotais, e nem vítimas para oferecer em sacrifício.** O contraste entre a adoração deles e a de todos os outros no império se tornou muito claro. Os pagãos, em sua ignorância, concluíram que os cristãos não tinham nenhuma religião, e que suas reuniões secretas tinham o pior dos propósitos. **O mundo agora, assim como naquela época, diria daqueles que adoram a Deus em espírito e em verdade que "essas pessoas não tem nenhuma religião". A adoração cristã, em verdadeira simplicidade**, sem o auxílio de templos e sacerdotes, ritos e cerimônias, não é muito melhor compreendida agora pela cristandade professa do que era pela Roma pagã daquela época. Continua sendo verdade que ***"Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade."*** (João 4:24)

5. Pelo progresso do cristianismo, os interesses temporais de um grande número de pessoas foram seriamente afetados. Isto era uma fonte fecunda e amarga de perseguição. Uma incontável multidão de sacerdotes, fabricantes de imagens, comerciantes, adivinhos, augures e artesãos ganhavam uma boa vida pela existência da adoração de tantas divindades.

6. Todos estes, vendo seu trabalho e fonte de renda em perigo, se levantaram em força unida contra os cristãos, e procuraram por todos os meios deter o progresso do cristianismo. Eles inventaram e disseminaram as mais vis calúnias contra tudo o que era cristão. Os astutos sacerdotes e adivinhos facilmente persuadiam os vulgares e a mente do público em geral de que todas as guerras, tempestades e doenças que afligem a humanidade foram enviadas sobre eles por deuses raivosos, porque os cristãos que desprezavam a autoridade deles eram tolerados em todo lugar.[3]

Muitas outras coisas poderiam ser mencionadas, mas estas eram, em todo lugar, as causas diárias dos sofrimentos dos cristãos, tanto publicamente quanto em privado. Da verdade desses fatos um momento de reflexão é capaz de convencer qualquer leitor. **Mas a fé podia ver a mão do Senhor e ouvir Sua voz em tudo**: *"Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos... eles vos entregarão aos sinédrios, e vos açoitarão nas suas sinagogas; e sereis até conduzidos à presença dos governadores, e dos reis, por causa de mim, para lhes servir de testemunho a eles, e aos gentios... Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada."*

[3]Veja *História Eclesiástica*, de Mosheim, vol. 1, página 67; e os primeiros capítulos de *Cristianismo Primitivo*, de Cave.

(Mateus 10:16–34) [4]

Tendo falado bastante sobre a grande oposição que a igreja primitiva teve que lutar contra, será necessário olhar por um momento para a verdadeira causa das causas e dos meios para o rápido progresso do cristianismo.

O Rápido Progresso do Cristianismo

Sem dúvidas, as causas e meios foram divinos. Eles provam ser assim. **O Espírito de Deus**, que desceu em poder no dia de Pentecostes, e que tinha tomado Sua morada na igreja e em cada cristão individualmente, **é a verdadeira fonte de todo o sucesso na pregação do evangelho, na conversão das almas, e no testemunho para Cristo** contra o mal. ***"Não por força nem por violência, mas sim pelo meu Espírito, diz o Senhor"*** (Zacarias 4:6). Além disso, o Senhor prometeu estar com Seu povo o tempo todo: ***"E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos."*** (Mateus 28:20). Mas nosso objetivo aqui é olhar para as coisas historicamente, e não apenas com a segurança da fé:

1. Uma das grandes causas da rápida propagação do cristianismo é sua perfeita adaptação ao homem em qualquer idade, em qualquer país, e em qualquer condição. **Ele aborda todos como perdidos**, e supõe uma falta em todos. Assim, ele se adapta ao judeu e ao gentio, ao rei e ao súdito, aos sacerdotes e ao povo, ao rico e ao pobre, ao jovem e ao velho, ao erudito e ao ignorante, ao moral e ao

[4] N. do T.: Apesar do capítulo 10 de Mateus, assim como Marcos 16:15, dizerem respeito à comissão dos judeus e ao evangelho do reino, é evidente que muitos pontos podem ser aplicados também aos cristãos, e descrevem muito bem o sofrimento e perseguição sofridas por causa do nome de Cristo. O caráter judaico e a pregação do evangelho do reino (e não o evangelho da graça de Atos 16:31) de Mateus 10 podem ser facilmente observados por uma leitura atenciosa e em oração: *"Não ireis pelo caminho dos gentios, nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel; E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus. . . E odiados de todos sereis por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até ao fim será salvo. Quando pois vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra; porque* ***em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel sem que venha o Filho do homem****."* (Mateus 10:5–7, 22–23).Para mais detalhes sobre o caráter judaico dos evangelhos e sobre a diferença entre o evangelho do reino e o evangelho da graça, acesses estes links:

Missão possível – `http://www.3minutos.net/2008/09/33-misso-possvel.html`

Por que Jesus nao voltou como prometeu em Mateus 10? – `http://www.respondi.com.br/2012/01/por-que-jesus-nao-voltou-como-prometeu.html`

O que significa perseverar ate' o fim? – `http://www.respondi.com.br/2013/03/o-que-significa-perseverar-ate-o-fim.html`

O que é o "Evangelho do Reino"? – `http://www.respondi.com.br/2005/06/o-que-o-evangelho-do-reino.html`

MATEUS 10-13 – `http://dispensacao.blogspot.com.br/2014/07/mateus-10-13.html`

Chapter-a-Day - Mateus – `http://www.stories.org.br/mt_p.html`

devasso. É a religião de Deus para o coração, e ali firma Sua soberania, e a Sua apenas. Ele se anuncia como o ***"poder de Deus para salvação de todo aquele que crê"*** (Romanos 1:16). **Ele propõe levantar o homem das profundezas mais profundas de degradação para as alturas mais elevadas da glória eterna.** Quem é capaz de estimar, apesar de todo preconceito, o efeito da proclamação de tal evangelho a pagãos miseráveis e ignorantes? Milhares, milhões, cansados de uma religião sem valor e desgastada, **responderam à voz celestial, foram reunidos em torno do nome de Jesus,** tomaram com alegria o espólio de seus bens, e estavam prontos para sofrer por amor a Ele. **O amor reinava na nova religião, e o ódio na antiga.**

2. A confirmação e manutenção de todas as relações terrenas que estivessem de acordo com Deus é outro motivo para a aceitação do evangelho entre os pagãos. Cada um era exortado a permanecer em seus relacionamentos e a procurar glorificar a Deus neles. As bênçãos do cristianismo para as esposas, filhos e servos são indescritíveis. **Seu amor, felicidade e conforto eram um espanto para os pagãos, e uma novidade entre eles.** Ainda assim, tudo era natural e ordenado. Um cristão, que dizem ter vivido nessa época – no início do segundo século – descreve assim seus contemporâneos: "Os cristãos não são separados dos outros homens pelo lugar onde moram, por língua ou por costumes. Eles não moram em um lugar especial na cidade, eles não usam uma linguagem diferente ou assumem um estilo de vida extravagante. Eles habitam nas cidades dos gregos, e dos bárbaros. . . e embora se adaptem aos costumes da região, no que diz respeito ao modo de vestir, à comida, e outras coisas que pertencem à vida exterior, eles ainda assim mostram uma conduta peculiar que é maravilhosa e marcante para todos. Eles obedecem as leis existentes, e superam a lei pela forma com que vivem." [5]

3. As vidas irrepreensíveis dos cristãos, a pureza divina de suas doutrinas, sua paciência, alegre resistência a sofrimentos piores que a morte, assim como a própria morte, seu desprezo por qualquer objeto de ambição comum, sua ousadia na fé a ponto de correrem risco de vida, crédito e propriedades; estes eram os principais recursos na rápida disseminação do cristianismo. "Pois quem", diz Tertuliano, "ao observar tais coisas, não é impelido a investigar a causa? E quem, tendo investigado, não abraça o cristianismo, e tendo abraçado, não tem o desejo de sofrer por isso?"

Essas poucas indicações permitirão ao leitor formar um juízo mais definitivo

[5] *História da Igreja*, de Neander, vol. 1, p. 95.

quanto ao que, por um lado, tendia a impedir, e o que, por outro lado, tendia a promover o progresso do evangelho de Cristo. Nada pode ser mais interessante para a mente cristã que o estudo dessa grande e gloriosa obra. **Os obreiros do Senhor, em sua maioria, eram homens simples e iletrados**; eram pobres, sem amigos e destituídos de toda a ajuda humana; e ainda assim, em pouco tempo, **persuadiram uma grande parte da humanidade a abandonar a religião de seus ancestrais, e a abraçar uma nova religião que é oposta às disposições naturais dos homens, aos prazeres do mundo, e aos estabelecidos costumes das eras.** Quem poderia questionar o poder que vinha de dentro do cristianismo tendo tais fatos exteriores diante de si? **Certamente foi o Espírito de Deus que revestiu de poder as palavras daqueles primeiros pregadores!** Certamente a força deles nas mentes dos homens **era divina**. Uma mudança completa foi produzida: **foram nascidos de novo – criados de novo em Cristo Jesus.**

Em menos de cem anos a partir do dia de Pentecostes, o evangelho tinha penetrado na maioria das províncias do império romano, e foi largamente difundido em muitos delas. Em nosso breve resumo da vida de Paulo, e na tabela cronológica de suas missões, traçamos o primeiro plantio de muitas igrejas, e a propagação da verdade em muitas regiões. Nas grandes cidades centrais, tais como a Antioquia na Síria, Éfeso na Ásia, e Corinto na Grécia, vimos o cristianismo bem estabelecido, e espalhando suas ricas bênçãos entre as cidades e vilas vizinhas.

Também aprendemos, da antiguidade eclesiástica, que Cartago era para a África o mesmo que essas cidades eram para a Síria, Ásia e Grécia. Quando Escápula, o presidente de Cartago, ameaçou os cristãos com tratamento severo e cruel, Tertuliano, em um de seus veementes apelos, tentou fazê-lo refletir: "O que pretendes fazer", diz ele, "com tantos milhares de homens e mulheres de todas as idades e dignidades, por mais que livremente se ofereçam a si mesmos? Quantas fogueiras e espadas ainda serão necessárias? O que Cartago é capaz de sofrer se for dizimada por ti? Quando todos encontrarem ali o seu parente mais próximo e vizinhos, verá matronas e possivelmente homens de sua própria classe social e condição, e as pessoas mais importantes, também parentes ou amigos daqueles que são teus amigos mais próximos. Poupe-os então, por isso, para o seu próprio bem, se não para o nosso."[6]

Vamos agora continuar a narrativa dos eventos, e o próximo na ordem a ser relacionado é o martírio de Inácio.

[6] *Cristianismo Primitivo*, de Cave, p. 20.

O Martírio de Inácio

Não há nenhum fato do início da história da igreja mais sagradamente preservado [7] que o martírio de Inácio, o bispo[8] da Antioquia. E não há narrativa mais celebrada que sua viagem, como prisioneiro em correntes, da Antioquia para Roma.

De acordo com a opinião geral dos historiadores, o imperador Trajano, em seu caminho para a guerra da Pártia no ano 107, visitou Antioquia. Por que causa é difícil dizer, mas aparentemente os cristãos foram ameaçados de perseguição por suas ordens. Inácio, portanto, preocupado pela igreja em Antioquia, desejou ser introduzido à presença de Trajano. Seu grande objetivo era prevenir, se possível, a perseguição ameaçada. Com este objetivo em vista, ele apresentou ao imperador o verdadeiro caráter e condição dos cristãos, e se ofereceu a si mesmo para sofrer no lugar deles.

Os detalhes da marcante entrevista são dados em muitas relatos sobre a história da igreja, mas existe um certo ar de suspeita sobre eles que nos absteremos de inserir aqui. De qualquer modo, a história acabou na condenação de Inácio. Ele foi sentenciado pelo imperador a ser levado a Roma, e lançado às feras selvagens para o entretenimento do povo. Ele recebeu a cruel sentença sem reclamar, e de bom grado submeteu-se às cadeias, **crendo ser assim por sua fé em Cristo e como um sacrifício pelos santos**.

Inácio estava agora sob custódia de dez soldados, que parecem ter ignorado sua idade, tratando-o com grande dureza. Ele tinha sido um bispo da Antioquia por quase quarenta anos, e portanto devia ser um homem idoso. Mas eles o levaram grosseiramente por uma longa viagem, tanto por mar quanto por terra, de modo a chegar a Roma antes dos jogos terminarem. Ele chegou no último dia do festival, e foi logo levado ao anfiteatro, onde sofreu, de acordo com sua sentença, à vista dos espectadores reunidos. E então, o cansado peregrino **encontrou o descanso das fadigas de sua longa viagem no bendito repouso do paraíso de Deus.**

[7] N. do T.: com exceção das próprias Escrituras

[8] N. do T.: bispo significa "supervisor" ou "ancião" de uma assembleia (igreja) local. Na Palavra de Deus, o bispo ou ancião nunca aparece como um cargo eclesiástico assalariado (como inventaram os homens no decorrer dos séculos), mas sim como simplesmente um ofício (ou papel) exercido em uma assembleia. Para saber mais leia: Anciaos, Presbiteros [Bispos] e Guias (`http://aordemdedeus.blogspot.com.br/2011/07/anciaos-presbiteros-bispos-e-guias.html`), Existem anciaos hoje? (`http://aordemdedeus.blogspot.com.br/2011/07/existem-anciaos-hoje.html`)

Alguns têm perguntado o porquê de Inácio ter sido levado pelo longo caminho da Antioquia até Roma para sofrer o martírio. A resposta só pode ser conjectura. Pode ter sido com a intenção de infundir medo aos outros cristãos, pelo espetáculo de alguém tão eminente e tão conhecido ser levado em correntes a uma morte terrível e degradante. Mas se esta foi a expectativa do Imperador, ele deve ter ficado inteiramente desapontado. O martírio de Inácio teve justamente o efeito oposto. Notícias sobre sua sentença e sobre sua rota se disseminaram amplamente, e representantes das igrejas das proximidades foram enviados para encontrá-lo em pontos convenientes durante a viagem. Ele foi, então, saudado e encorajado com calorosas felicitações de seus irmãos; e eles, em troca, se alegraram em ver o venerável bispo e em receber sua bênção de despedida. Muitos dos santos se sentiriam encorajados a enfrentar, e até mesmo a desejar, uma morte de mártir e uma coroa de mártir. Dentre os que o encontraram pelo caminho estavam Policarpo, bispo de Esmirna que, assim como Inácio, tinha sido um discípulo do apóstolo João, e estava também destinado a ser um mártir pelo evangelho. Mas além desses encontros pessoais, dizem que ele escreveu sete cartas durante essa viagem, que foram preservadas pela providência divina e chegaram até nós. Sempre houve grande interesse, e ainda há, nessas cartas.

Os Escritos dos Pais e as Escrituras Sagradas

Mas, embora Inácio possa ser digno de honra como um homem santo de Deus, e como um nobre mártir de Cristo, devemos nos lembrar que **suas cartas não são a Palavra de Deus**. Elas podem nos interessar e nos instruir, mas não podem comandar **nossa fé. Esta pode apenas se firmar no sólido fundamento da Palavra de Deus, e nunca no frágil solo da tradição.** "As Escrituras permanecem à parte", disse alguém, "em majestoso isolamento, preeminente em instrução, e separado por uma excelência inigualável de tudo o que foi escrito pelos pais apostólicos: de modo que esses que seguiram de perto os apóstolos nos deixaram escritos que são mais para nossa advertência do que para nossa edificação". Ao mesmo tempo, esses primeiros escritores cristãos têm todo direito ao respeito e veneração com os quais a antiguidade os investiu. Eles eram contemporâneos dos apóstolos, eles desfrutaram do privilégio de ouvir seus ensinos, compartilhavam com eles os labores do evangelho, e conversaram livremente com eles no dia a dia. Paulo fala de um Clemente – um que é conhe-

cido como pai apostólico – como um de seus *"cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida"*, e o que ele diz de Timóteo pode ter sido pelo menos em parte verdade para muitos outros: ***"Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, amor, paciência, perseguições e aflições."*** (Filipenses 4:3, 2 Timóteo 3:10,11)

Desses que tinham tão alto privilégio deveríamos naturalmente esperar a sã doutrina apostólica – uma fiel repetição das verdades e instruções que foram entregues a eles pelos apóstolos inspirados. **Mas, infelizmente, este não é o caso!** Inácio foi um dos primeiros pais apostólicos. Ele se tornou um bispo de Antioquia, a metrópole da Síria, por volta do ano 70. Ele era um discípulo do apóstolo João, e morreu apenas cerca de 7 anos após a morte de João. Certamente de alguém assim poderíamos esperar uma estreita semelhança com os ensinos do apóstolo, **mas isso não acontece**. As afirmações definitivas e absolutas das Escrituras, vindas diretamente de Deus para a alma, são muito diferentes dos escritos de Inácio e de todos os Pais. **Nosso único guia seguro e certo é a Palavra de Deus.** Quão conveniente, então, é a palavra na Primeira Epístola de João: ***"Portanto, o que desde o princípio ouvistes permaneça em vós. Se em vós permanecer o que desde o princípio ouvistes, também permanecereis no Filho e no Pai."*** (1 João 2:24). Esta passagem evidentemente se refere mais especialmente à pessoa de Cristo, e consequentemente às Escrituras do Novo Testamento, nas quais temos **a revelação do Pai no Filho, feito conhecido a nós pelo Espírito Santo**. Nas Epístolas de Paulo, temos mais plenamente revelados os conselhos de Deus relacionados à igreja, a Israel e aos gentios, de modo que **podemos ir mais longe do que "os Pais" para encontrar o verdadeiro fundamento da fé**; devemos voltar àquilo que existia desde "O Princípio". **Nada tem autoridade divina direta para o crente além daquilo que era "desde o princípio"**. Isto por si só assegura que continuemos "no Filho e no Pai".

As epístolas de Inácio têm sido muito estimadas pelos episcopais como a principal autoridade no sistema da igreja inglesa[9], e essa é a nossa desculpa para se referir tanto a este "pai"[10]. Quase todos os fundamentos do anglicanismo em favor do episcopado vêm de suas cartas. Ele bate tanto a tecla na submissão à autoridade episcopal, e tanto a exalta, que muitos têm sido induzidos a questionar completamente sua autenticidade, e outros têm suposto que essas cartas devem ter sido bastante alteradas para servir aos interesses do clero.

[9] N. do T.: e certamente para muitas outras seitas cristãs
[10] N. do T.: O escritor deste livro vivia na Inglaterra no século XIX

Mas quanto a essas controvérsias não temos nada a tratar em nosso livro.[11]

Vamos agora continuar nossa história a partir da morte de Trajano no ano 117, e olhar brevemente para a condição da igreja durante os reinados de Adriano e dos Antoninos.

Os Reinados de Adriano e dos Antoninos (do ano 117 ao 180 d.C.)

Embora seria injusto classificar Adriano e o primeiro Antonino com os sistemáticos perseguidores da igreja, ainda assim os cristãos foram expostos aos mais violentos sofrimentos e morte durante o domínio deles. O costume cruel de atribuir todas as calamidades públicas aos cristãos, e de pedir pelo sangue deles como expiação para as divindades ofendidas, continuavam, e eram geralmente cedidas pelos governantes locais, e não controladas pelos indiferentes imperadores. Mas sob o reinado do segundo Antonino, **Marco Aurélio**, o espírito maligno da perseguição aumentou drasticamente. Não era mais confinada às explosões da fúria popular, como também era encorajada pelas mais altas autoridades. A tímida proteção que os decretos ambíguos de Trajano, Adriano e dos Antoninos proporcionavam aos cristãos foi retirada, e as excitadas paixões dos pagãos idólatras não foram refreadas pelo governo. É de grande interesse para o estudante da história da igreja ver como isso podia acontecer sob o reinado de **um príncipe que se distinguia pela aprendizagem, filosofia e suavidade geral de caráter**.

Os últimos sessenta anos de relativa paz tinha aberto um amplo campo para a propagação do evangelho. Durante esse período houve rápido progresso de muitas maneiras. As congregações cristãs aumentaram em número, influência e riqueza por quase todos os cantos dos domínios romanos. Muitos dos ricos, sendo cheios do amor divino, distribuíam o que tinham aos pobres, viajavam para regiões que ainda não tinham ouvido o som do evangelho e, tendo ali plantado o cristianismo, seguiam para outros países. No entanto, **o Espírito Santo não podia trabalhar sem despertar os ciúmes e agitar toda a inimizade dos apoiadores da religião nacional**. Aurélio viu com maus olhos o poder superior do cristianismo sobre as mentes dos homens comparado com sua própria

[11] Veja As Genuínas Epístolas de Clemente, Policarpo, Inácio e Barnabé, por Ab. Wake, 6ª ed. Bagster.

filosofia pagã. Ele se tornou, então, um intolerante perseguidor, e encorajou as autoridades provinciais a esmagar o que ele considerava um obstinado espírito de resistência a sua autoridade. **Mas o evangelho da graça de Deus estava muito além do alcance de Aurélio, e nem sua espada nem seus leões poderiam prender sua triunfante carreira.** Apesar das sangrentas perseguições que ele excitava ou sancionava, o cristianismo era propagado por todo o mundo conhecido.

Mas aqui devemos fazer uma breve pausa para olhar a nossa volta. Há algo muito mais profundo na mudança do governo em relação à igreja do que o mero olhar histórico pode discernir. Cremos estar chegando ao fim do primeiro período e início do segundo período da igreja na terra.

O Fim do Primeiro Período e o Início do Segundo

Pode-se dizer que a condição "efesiana" da igreja – isto é, a condição da igreja sob a luz da carta à igreja de Éfeso (Apocalipse 2:1–7) – terminou com a morte de Antonino Pio, no ano 161. E a condição "esmirniana" – isto é, a condição da igreja sob a luz da carta à igreja de Esmirna (Apocalipse 2:8–11) – parece ter começado com o reinado de Marco Aurélio. A perseguição na Ásia irrompeu com grande violência no ano 167, sob os novos decretos desse Imperador; e Esmirna, especialmente, sofreu grandemente: o justamente estimado Policarpo, bispo de Esmirna, sofreu o martírio nesse tempo. Mas, a fim de provar o ponto de vista que tomamos, será necessário dar uma olhada brevemente nas cartas às igrejas de Éfeso e Esmirna.

A Carta à Igreja de Éfeso (Apocalipse 2:1–7)

O grande objetivo da igreja neste mundo era ser ***"a coluna e firmeza da verdade"*** (1 Timóteo 3:15). Ela foi criada para ser **a portadora da luz de Deus**. Ela é assim simbolizada por um ***"castiçal de ouro"*** – um suporte de luz. Ela deveria ser uma testemunha verdadeira do que Deus tinha manifestado em Jesus na terra, e do que Ele é agora quando Cristo está no céu. Aprendemos também, dessa carta, que a igreja, sendo um portador do testemunho neste mundo, é ameaçada de ser deixada de lado, a menos que seu primeiro estado seja mantido. **Mas infelizmente ela falha, como sempre faz a criatura!** Os anjos, Adão, Israel e a

igreja não mantiveram seu primeiro estado. ***"Tenho, porém, contra ti"***, disse o Senhor, ***"que deixaste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres."*** (Apocalipse 2:4,5)

Havia ainda, no entanto, muito do que Ele podia elogiar, e Ele elogia tudo o que pode. Como uma assembleia, eles tinham paciência, eles tinham trabalhado e não se cansaram, eles não podiam suportar os *"homens maus"*, ou aqueles que buscavam os lugares mais elevados na igreja. Mesmo assim, Ele sente que estão abandonando Ele mesmo: ***"deixaste o teu primeiro amor"***. Ele fala como alguém desapontado. **Eles tinham deixado de se deleitarem no Seu amor por eles, e assim o próprio amor deles por Ele declinou. *"Primeiro amor"* é o feliz fruto de nossa apreciação do amor do Senhor por nós.** "O testemunho externo pode continuar", disse alguém, "mas não é isso o que o Senhor mais valoriza, embora o valorize desde que seja simples, genuíno e fiel. Ainda assim, Ele não pode deixar de apreciar, acima de tudo, os corações devotos a Ele, o fruto de Seu próprio amor pessoal, perfeito e de auto-sacrifício. **Ele tem uma esposa sobre a terra, a quem Ele deseja ver tendo como único objeto de afeição Ele Próprio**, e mantida pura, para Ele, do mundo e de seus caminhos. Deus nos chamou para isso: não apenas para salvação e para um testemunho para Ele mesmo em piedade, por mais verdadeiro e importante que isso seja; **mas acima de tudo, Deus nos chamou para Cristo – uma noiva para Seu Filho!** Certamente isto deveria ser nosso primeiro e último pensamento, nosso pensamento constante e terno; **pois estamos compromissados com Cristo, e Ele provou a plenitude e fidelidade de Seu amor por nós! Mas e o nosso por Ele?"**[12]

Era esse o estado das coisas em Éfeso, e na igreja em geral, que pedia a intervenção do Senhor em fiel disciplina. Aquela igreja, tendo sido plantada por Paulo, já tinha caído de seu primeiro estado. O apóstolo disse: ***"Porque todos buscam o que é seu, e não o que é de Cristo Jesus"*** (Filipenses 2:21); e ***"Os que estão na Ásia todos se apartaram de mim"*** (2 Timóteo 1:15). Esta é a causa da tribulação da qual fala a carta à igreja de Esmirna. Embora o Senhor seja cheio de graça e amor em todos os Seus modos para com Sua caída e falha igreja, ainda assim **Ele é justo e deve julgar o mal**. Ele não é visto, nessas cartas, como a Cabeça no céu do "um só corpo", nem como o Noivo de Sua igreja; mas **Ele é visto em Seu caráter judicial**, andando no meio dos castiçais, tendo os atributos de um juiz. Veja o capítulo 1.

[12]Sermões em Apocalipse, por W. Kelly

O leitor deve observar que há uma certa distância e reserva no estilo de Seu discurso à igreja em Éfeso. Isto está de acordo com o lugar que Ele toma no meio dos castiçais de ouro. Ele escreve ao anjo da igreja, e não *"aos santos que estão em Éfeso, e fiéis em Cristo Jesus"*, como na Epístola de Paulo aos Efésios.

Há muita discussão sobre quem seria o anjo. Ele era uma pessoa, acreditamos, tão identificada moralmente com a assembleia, que a representava e caracterizava. O Senhor se dirige ao anjo, e não imediatamente à igreja. *"O anjo"*, portanto, dá a ideia de **representação**. Por exemplo, no Antigo Testamento temos o anjo de Jeová (ou anjo do Senhor), o anjo da aliança, e no Novo Testamento temos os anjos das crianças, e em Atos 12 é dito de Pedro: *"É o seu anjo"*.

Vamos agora dar uma olhada na carta à igreja de Esmirna.

A Carta à Igreja de Esmirna (Apocalipse 2:8–11)

Nosso interesse na história da igreja é muito maior quando vemos que o Senhor marcou clara e distintamente suas sucessivas épocas. A condição exterior da igreja até a morte do primeiro Antonino – até onde pode ser determinado a partir dos registros históricos mais autênticos – responde de forma marcante àquilo que aprendemos das Escrituras, especialmente a carta a Éfeso. Havia consistência e zelo exteriores; eles eram incansáveis. É também evidente que havia caridade, pureza, devoção, santa coragem, até mesmo a ponto da maior prontidão em sofrer de todos os modos por causa do Senhor. Ao mesmo tempo fica claro, tanto das Escrituras quanto da história, que **falsas doutrinas estavam progredindo, e que muitos estavam manifestando um desejo mais indigno de conquistar preeminência na igreja**. Aquele esquecimento de si mesmo, e **aquele cuidado por Cristo e Sua glória, que eram os primeiros frutos de Sua graça, tinham desaparecido**. Historicamente chegamos agora ao período da igreja de Esmirna. Para a conveniência do leitor vamos citar o discurso todo:

"E ao anjo da igreja em Esmirna, escreve: ***Isto diz o primeiro e o último, que foi morto, e reviveu****: Conheço as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico),* ***e a blasfêmia dos que se dizem judeus, e não o são****, mas são a sinagoga de Satanás. Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias.* ***Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.*** *Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas:*

O que vencer não receberá o dano da segunda morte." (Apocalipse 2:8–11). Aqui o Senhor enfrenta o declínio com uma severa tribulação. Meios mais amenos não atingiriam os objetivos. Isso não é incomum, embora eles pudessem pensar que algo estranho tinha acontecido com eles. Mas todas as suas aflições eram conhecidas pelo Senhor, calculadas por Ele, e estavam sob Seu controle. *"Tereis uma tribulação de dez dias"*. O período do sofrimento deles é especificado com exatidão. E Ele lhes fala como **alguém que tinha conhecido, Ele mesmo, as profundezas da tribulação**. ***"Isto diz o primeiro e o último, que foi morto, e reviveu".*** **Ele tinha passado através da mais profunda tristeza, e através da própria morte – Ele tinha morrido por eles, e estava vivo novamente.** Eles tinham esta bendita Pessoa para se refugiarem nas provações. E enquanto Ele olha, e anda, no meio dos Seus em sofrimento, Ele diz: ***"Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida"***. Assim **Ele tem em Suas mãos a coroa de mártir, pronto para colocá-la na cabeça de Seu fiel vencedor.**

Vamos agora voltar à nossa história, e observar sua semelhança com essa epístola.

O Início do Segundo Período da História da Igreja (por volta do ano 167 d.C.)

O reinado de Aurélio é marcado, sob a providência de Deus, por muitas e grandes calamidades públicas. Vemos a mão do Senhor em amor fiel castigando Seu próprio povo redimido e amado, mas Sua ira se acendia contra seus inimigos. O exército oriental, sob comando de Lúcio Vero, ao retornar da guerra contra os partos, trouxeram a Roma uma doença pestilenta que estava se espalhando pela Ásia, e que logo espalhou seus estragos por quase todo o Império Romano. Houve também uma grande inundação no Tibre, que deixou uma grande parte da cidade debaixo da água, e varreu imensas quantidades de grãos dos campos e armazéns públicos. Esses desastres foram naturalmente seguidos por uma fome que consumiu uma grande quantidade de pessoas.

Tais eventos não podiam deixar de aumentar a hostilidade dos pagãos contra os cristãos. Eles atribuíam todos os seus problemas à ira dos deuses, e supunham que a nova religião é que os tinha provocado. Foi assim que a perseguição aos cristãos no Império Romano começou pela população. O clamor contra eles se levantou por parte do povo e dos governantes. *"Lancem os cristãos aos leões!"*

"Lancem os cristãos aos leões!" era o clamor geral: e assim os nomes dos mais proeminentes na comunidade eram exigidos com a mesma hostilidade incontrolável. Um fraco e supersticioso magistrado tremia diante da voz do povo, e se rendia como instrumento de sua vontade.

Mas vamos agora olhar mais de perto, sob a direção das várias histórias que temos ao alcance, para o modo como se dava essas perseguições, e para o comportamento dos cristãos sob elas.

A Perseguição na Ásia (ano 167 d.C)

Na Ásia Menor, a perseguição irrompeu com grande violência, como nunca se viu antes. O cristianismo era agora tratado como um crime direto contra o Estado. Isto mudou a face de tudo. Contrariamente ao documento oficial de Trajano e à conduta dos imperadores mais amenos, Adriano e Antonino, os cristãos deviam ser procurados como criminosos comuns. Eles eram arrancados de suas casas pela violência do povo, e submetidos às mais severas torturas. **Se eles se recusassem obstinadamente a sacrificar aos deuses, eles eram condenados.** Animais selvagens, a cruz, as estacas e o machado eram as formas cruéis de morte que os fiéis do Senhor encontravam em todo lugar.

O prudente e honrado Melito, bispo de Sardes, ficou tão comovido por tais barbaridades inéditas que compareceu perante o imperador como defensor dos cristãos. Seu discurso lança muita luz tanto sobre a lei quanto sobre a conduta das autoridades públicas, como segue: – "A estirpe dos adoradores de Deus neste país é perseguida como nunca antes, pelos novos decretos; pois os desavergonhados bajuladores, gananciosos pelas posses dos outros – uma vez que tais éditos lhes deram a oportunidade de fazê-lo – saqueiam vítimas inocentes de dia e de noite. E que assim seja certo se for feito sob seu comando, uma vez que um imperador justo nunca resolverá algo sob nenhuma medida de injustiça, assim como alegremente iremos levar o honrável quinhão de tal morte. Ainda assim, gostaríamos de enviar este único pedido, de que o senhor deveria se informar a respeito do povo que excita a contenção, e que deveria decidir imparcialmente se eles merecem a punição e a morte, ou a liberdade e a paz. Mas se essa resolução, e esse novo decreto – um decreto que não deveria ser emitido nem mesmo contra bárbaro hostis – vier de você, oramos mais para que não nos deixe expostos a tais roubos públicos."[13]

[13]História Eclesiástica, de Neander, vol.1, p. 142

Tememos que não haja motivo para acreditar que esse nobre apelo tenha trazido qualquer alívio direto aos cristãos. O caráter e modos de Aurélio têm deixado perplexos os historiadores. **Ele era um filósofo da seita dos estoicos, naturalmente humano, benevolente, gentil e piedoso**, até mesmo infantil em sua disposição, dizem alguns, pela influência da educação materna; **ainda assim ela foi um implacável perseguidor dos cristãos** por quase vinte anos. E a perplexidade aumenta quando olhamos para a Ásia, pois o procônsul, nessa época, não era pessoalmente oposto aos cristãos. Mesmo assim ele cedeu à fúria popular e às demandas da lei. **Mas a fé vê além dos imperadores, governadores e do povo**. A fé vê o príncipe das trevas governando esses homens ímpios, e o Senhor Jesus sobrepondo-se a todos. *"Conheço as tuas obras, e tribulação... Nada temas das coisas que hás de padecer... .Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida... O que vencer não receberá o dano da segunda morte."* (Apocalipse 2:9–11)

Aurélio, com toda a sua filosofia, era um total estranho à doçura e poder do Nome que, sozinho, pode atender e satisfazer os anseios do coração humano. Todas as especulações e vanglórias da filosofia nunca foram capazes de fazer isso. Daí a inimizade do coração humano contra o evangelho. **Auto-suficiência, que leva ao orgulho e à presunção, é o assunto principal da religião estoica. Com essa visão não poderia haver humilhação, nem senso de pecado, e nem ideia de um Salvador.** E quanto mais seriamente ele levasse sua própria religião, mais amarga e veementemente ele seria contra o cristianismo.

Em uma carta circular escrita pela igreja de Esmirna para outras igrejas cristãs temos um relato detalhado dos sofrimentos dos fiéis até a morte. "Eles tornaram isso evidente para todos nós", diz a igreja, "de que no meio desses sofrimentos eles estavam ausentes do corpo, ou melhor, **que o Senhor estava com eles**, e andava no meio deles, **e permanecendo na graça de Cristo, eles desafiaram os tormentos do mundo**." Alguns, com um estranho entusiasmo momentâneo, se apressando com auto-confiança ao tribunal, se declararam cristãos; mas quando os magistrados os pressionavam, manipulando seus medos ao mostrar a eles os animais selvagens, eles cediam e ofereciam incenso aos deuses. "Nós, portanto", acrescenta a igreja, "não louvamos aqueles que voluntariamente se entregaram, pois o evangelho não nos ensina isso." Nada menos que **a presença do Senhor Jesus** poderia fortalecer a alma para suportar com tranquilidade e compostura os mais agoniantes tormentos, e as mais terríveis mortes. Mas **milhares levaram com brandura, e até mesmo com alegria**, o máximo que o poder das trevas e da quarta besta de Daniel poderia fazer. Os espectadores pagãos eram frequentemente levados a sentir pena pelos so-

frimentos dos cristãos, **mas nunca podiam entender a serenidade da mente, amor pelos seus inimigos, e prontidão para morrer.**

Vamos agora concluir esse relato geral da perseguição na Ásia, e observar particularmente as duas pessoas mais eminentes que sofreram a morte nessa época: Justino e Policarpo.

O Martírio de Justino, Chamado o Mártir

Justino nasceu em Neápolis, em Samaria, de pais gentios. Quando jovem, ele cuidadosamente estudou as diferentes seitas filosóficas; mas não encontrando a satisfação que seu coração ansiava, ele foi levado a ouvir o evangelho. Nisto ele descobriu, através da bênção de Deus, **um perfeito descanso para sua alma**, e cada desejo de seu coração integralmente cumprido. Ele se tornou um cristão sincero e um celebrado escritor em defesa do cristianismo.

No início do reinado de Aurélio, Justino era um homem marcado. Acusações foram feitas contra ele por um homem chamado Crescente, um filósofo da seita dos cínicos. Ele foi preso com seis de seus companheiros, e todos foram levados perante o prefeito. Eles foram requisitados a sacrificar aos deuses. *"Ninguém"*, respondeu Justino, *"cujo entendimento é são, vai abandonar a verdadeira religião por causa do erro e impiedade." "A menos que se sujeite"*, disse o prefeito, *"você será atormentado sem misericórdia." "Não desejamos nada mais, sinceramente"*, ele respondeu, *"além de suportar torturas por nosso Senhor Jesus Cristo"*. O restante concordou, e disseram: *"Somos cristãos, e não podemos sacrificar aos ídolos."* O governador então pronunciou a sentença: *"Quanto a esses que se recusam a sacrificar aos deuses, e a obedecer os decretos imperiais, que sejam primeiro açoitados, e depois decapitados, de acordo com as leis."* **Os mártires se alegraram, a louvaram Deus**, e sendo levados de volta à prisão, foram açoitados, e depois decapitados. Isto aconteceu em Roma, por volta do ano 165. **Assim dormiu em Jesus** um dos primeiros "Pais", e ganhou o título glorioso de "Mártir", que geralmente acompanha seu nome. Seus escritos têm sido cuidadosamente examinados por muitos, e lhes são atribuídos grande importância.

Versos Sobre o Martírio, por um Centurião Romano

"Dê o cristão ao leão!"

Clama descontroladamente a multidão romana
"Sim, ao leão castanho amarelado da África!"
Gritam os fortes e corajosos guerreiros.
"Deixe o faminto leão os rasgarem!"
Ecoa o riso contente da multidão;
"Arremessam-no – arremessam-no ao leão!"
Gritou alto a nobre matrona.
"Dê o cristão ao leão!"
Falaram em tom grave e lento,
De seus assentos de altos dignatários,
Senadores em vistosas fileiras.
Então de voo em voo, ecoa
O grito, o aplauso, e rajadas de risos
Até o gigante Coliseu
Debaixo do tumulto parecia oscilar;
E o clamor do povo
Rola através do Arco de Tito,
Todos para baixo do fórum romano,
Ao violento Capitólio,
Então uma pausa – mas silêncio, e ouça
Esse berro feroz e selvagem;
Esse é o leão do Saara,
Enfurecido em sua jaula!
Feroz, com fome e em grilhões,
Sacode ele sua juba castanho amarelado!
Para sua presa viva, impaciente,
Lutando contra suas barras e correntes.
Mas uma voz rouba fracamente
Da próxima jaula, fria e escura;
É o canto do cristão condenado à morte

Suave e baixo seu hino de morte;
Com as mãos erguidas está orando
Pelos homens que pedem seu sangue!
Com uma fé santa pleiteia
Por aquela multidão que grita.
Eles estão esperando! Levante a grade
Vem ele adiante, sereno para morrer:
Com uma radiância em torno da testa,
E um brilho nos olhos.
Nunca! quando legiões de romanos no meio,
Com o elmo em sua testa
Pressiona-o para a frente da batalha
Com um passo mais firme que agora.
Erga a grade! Ele está esperando.
Deixe o leão selvagem vir!
Ele só pode romper uma passagem
Para a alma alcançar seu lar!

O Martírio de Policarpo

O comportamento do venerável bispo de Esmirna, em vista de seu martírio, foi muito cristão e nobre. Ele estava preparado e pronto para seus perseguidores, sem ser impulsivo ou imprudente, como alguns que, em meio à excitação, tinham sido. Quando ouviu os gritos das pessoas exigindo sua morte, era sua intenção permanecer em silêncio na cidade, e esperar a decisão que Deus tomaria para si. Mas, pelas súplicas da igreja, ele se permitiu ser persuadido a se refugiar em uma vila vizinha. Ali ele passou o tempo, com alguns amigos, ocupado, noite e dia, em oração por todas as igrejas em todo o mundo. Mas seus perseguidores logo descobriram seu retiro. Quando lhe disseram que os oficiais públicos estavam à porta, ele os convidou a entrar, pediu que lhe servissem carne e bebida, e pediu para que lhe concedessem uma hora de oração silenciosa. Mas a plenitude do seu coração o levou a duas horas de oração. Sua

devoção, idade e aparência impressionaram muito os pagãos. Ele devia ter mais de noventa anos de idade.

Chegou o momento de levá-lo à cidade O procônsul aparentemente não era pessoalmente hostil contra os cristãos. Ele evidentemente sentia pelo idoso Policarpo, e fez o que pôde para salvá-lo. Ele pediu-lhe que jurasse pelo gênio – ou espírito – do imperador e desse prova de seu arrependimento. Mas Policarpo foi calmo e firme, com seus olhos erguidos para o céu. O procônsul novamente pediu-lhe, dizendo: *"Negue a Cristo, e te libertaremos."* O velho homem respondeu: *"Oitenta e seis anos O tenho servido, e Ele só me fez bem; e* ***como eu poderia negá-Lo, meu Senhor e Salvador?"***. O governador, vendo que tanto promessas como ameaças eram em vão, foi forçado a proclamar no anfiteatro: *"Policarpo se declarou cristão."* A população pagã, com um grito enfurecido, respondeu: *"Este é o mestre do ateísmo, o pai dos cristãos, o inimigo de nossos deuses, por culpa dele tantos têm deixado de oferecer os sacrifícios."* Assim que o governador cedeu às exigências do povo, de que Policarpo deveria morrer na estaca, judeus e pagãos se apressaram para trazer madeira para esse fim. Quando estavam prestes a fixá-lo com pregos à estaca, ele disse: *"Deixem-me assim: aquEle que tem me fortalecido para enfrentar as chamas também me capacitará a ficar firme na estaca."* Antes que acendessem o fogo ele orou: *"Senhor, Deus Todo-Poderoso, Pai de Teu Filho amado, Jesus Cristo, por meio de quem temos recebido de Ti o conhecimento de Ti mesmo; Deus dos anjos, e de toda a criação, da raça humana, e do justo que viveu em Tua presença, eu Te louvo por ter me achado digno deste dia e desta hora, de fazer parte do rol de Tuas testemunhas no cálice de Teu Cristo."*

O fogo começou a arder, mas as chamas se movimentavam ao redor do corpo formando a figura de uma vela de navio soprada pelo vento. Os supersticiosos romanos, temendo que o fogo não o consumisse, mergulharam uma lança em seu lado: e assim Policarpo foi coroado com a vitória.

Estes são apenas breves extratos dos relatos que têm sido passados adiante até nós sobre o martírio do honrado e admirável bispo. As histórias de mártires estão cheias de pormenores. Mas o Senhor abençoou grandemente a maneira cristã pela qual Policarpo sofreu pelo bem da igreja. A fúria do povo foi aplacada, como se tivessem ficado satisfeitos com a vingança, e a sede de sangue pareceu se extinguir por um tempo. O procônsul, também, cansado de tanto abate, se recusou absolutamente a ter mais cristãos trazidos perante o tribunal. **Quão manifesta é a mão do Senhor nessa maravilhosa e repentina mudança!** Ele tinha limitado os dias da tribulação deles antes de serem lançados na for-

nalha, e agora esses dias estavam cumpridos, e nenhum poder na terra ou no inferno poderia prolongá-los uma hora sequer. **Eles tinham sido fiéis até a morte, e receberam a coroa da vida.**

As Perseguições na França (ano 177 d.C.)

Vamos agora nos voltar ao cenário da segunda perseguição sob o reinado do imperador Marco Aurélio. Aconteceu na França, e exatamente dez anos após a perseguição na Ásia. Pode ter havido outras perseguições durante esses dez anos, mas, até onde sabemos, não há registros autênticos de nenhum até o ano de 177. A fonte da qual derivamos nosso conhecimento sobre os detalhes desta última perseguição é uma carta circular das igrejas de Lion e Vienne às igrejas na Ásia. Se há qualquer alusão a esses dez ano históricos nas palavras do Senhor à igreja de Esmirna, não podemos dizer com certeza. As Escrituras não dizem isso. Comparando a história com a epístola, não é difícil ser sugerido tal pensamento. *"Tereis uma tribulação de dez dias"*. Em outras partes desse livro de significado sobrenatural, um dia é considerado como um ano, então pode ser o caso também da epístola à Esmirna. A história nos dá o início e o fim quanto ao tempo, e o leste e o oeste em relação à abrangência da cena. Mas vamos olhar agora para alguns dos detalhes nos quais a semelhança pode ser mais manifesta.

A prisão foi uma das principais características de seus sofrimentos. Muitos morreram pelo ar sufocante das masmorras fétidas. A este respeito diferia da perseguição na Ásia. A excitação popular se ergueu ainda mais alto do que em Esmirna. Os cristãos eram insultados e abusados sempre que apareciam, e eram até mesmo pilhados em suas próprias casas. Enquanto essa fúria popular irrompia durante a ausência do governador, muitos eram lançados na prisão pelos magistrados inferiores para aguardar seu retorno. Mas o espírito da perseguição nesta ocasião, embora tenha surgido da população, não se restringia a ela. O governador, em sua chegada, parece ter sido infectado com o fanatismo das classes mais baixas. Para sua desonra como magistrado, ele começou o exame dos prisioneiros com torturas. E o testemunho dos escravos, contrariamente a uma antiga lei em Roma, não foi apenas recebida contra seus mestres, como também arrancada deles por meio dos sofrimentos mais severos. Consequentemente, eles estavam prontos para dizer o que lhes era requerido para escapar do chicote e da roda[14]. Tendo provado, como diziam, que os cris-

[14] N. do T.: Antigo instrumento de tortura

tãos praticavam os mais hediondos e piores crimes em suas reuniões, eles agora acreditavam que era correto submetê-los a qualquer crueldade. Nenhum parentesco, nenhuma condição, nenhuma idade e nenhum sexo era motivo para ser poupado.

Vétio, um jovem de bom nascimento e posição, e de grande caridade e fervor de espírito, ouvindo que tais acusações eram apresentados contra seus irmãos, se sentiu impelido a apresentar-se a si mesmo perante o governador como uma testemunha da inocência deles. Ele exigiu ser ouvido, mas o governador recusou-se a ouvir e apenas perguntou-lhe se ele também era um cristão. Quando ele distintamente afirmou que era, o governador ordenou que ele fosse lançado na prisão com o resto. Mais tarde, ele receberia **a coroa do martírio.**

O idoso bispo **Potino**, então com mais de noventa anos de idade, sendo provavelmente aquele que tinha, vindo da Ásia, levado o evangelho a Lion, era, naturalmente, uma boa presa para o leão do inferno. Ele sofria de asma e mal podia respirar, mas mesmo assim ele foi apreendido e arrastado perante as autoridades. *"Quem é o Deus dos cristãos?"*, perguntou o governador. O velho homem calmamente lhe disse que só poderia chegar ao conhecimento do verdadeiro Deus se mostrasse um espírito reto. Aqueles que cercavam o tribunal se esforçaram para conter a explosão de raiva contra o venerável bispo. Ele foi condenado à prisão, e após receber muitos golpes em seu caminho até lá, foi jogado no meio dos outros cristãos, e dois dias depois **dormiu em Jesus**, nos braços de seu rebanho sofredor.

Que peso de conforto e encorajamento as palavras do bendito Senhor devem ter sido para esses santos sofredores! ***"Nada temas das coisas que hás de padecer"***, foi o que o Senhor disse à igreja em Esmirna, e que foi provavelmente levado também às igrejas francesas em Lion e Vienne por Potino. Eles estavam experimentando um exato cumprimento desse solene e profético aviso: ***"Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados."*** Eles sabiam quem era o grande inimigo – o grande perseguidor – mesmo que imperadores, governadores e multidões pudessem ser seus instrumentos. **Mas o Senhor estava com Seus amados sofredores.** Ele não apenas os sustinha e confortava, como também **manifestou, da maneira mais bendita, o poder de Sua própria presença nas formas mais débeis da humanidade**. Isto era, nos aventuramos a dizer, uma coisa nova na terra. A superioridade dos cristãos frente a todas as aflições de torturas, e a todos os terrores de morte, surpreendeu totalmente a multidão, atingiu em cheio seus algozes, e **feriu o orgulho estoico do impera-**

dor. O que poderia ser feito com um povo que orava por seus perseguidores e manifestava a compostura e tranquilidade do céu em meio às fogueiras e feras do anfiteatro? Tome um exemplo do que afirmamos – um exemplo digno de todo louvor, em todos os tempos e por toda a eternidade – do poder divino demonstrado na fraqueza humana.

Blandina, uma escrava, se distinguiu do resto dos mártires pela variedade de torturas que suportou. Sua senhora, que também sofreu o martírio, temia que a fé de sua serva pudesse ser deixada de lado sob tais provações. Mas isto não aconteceu, que o Senhor seja louvado! Firme como rocha, mas pacífica e despretensiosa, ela suportou os mais excruciantes sofrimentos. Seus carrascos lhe pressionavam a negar a Cristo e a confessar que as reuniões privadas dos cristãos serviam apenas para suas práticas perversas, e que então eles deixariam de torturá-la. Mas não! Sua única resposta foi: *"Sou uma cristã, e não há perversidade entre nós."* O flagelo, a roda, a cadeira de ferro quente e as feras selvagens tinham perdido seu terror para ela. **Seu coração estava fixado em Cristo, e Ele a manteve em espírito perto de Si.** Seu caráter foi completamente formado, não por sua condição social, é claro – que era a mais degradada naqueles tempos – **mas por sua fé no Senhor Jesus Cristo, através do poder do Espírito Santo que habitava em si.**

Dia após dia ela era levada como um espetáculo público de sofrimento. Sendo uma mulher e uma escrava, os pagãos esperavam forçá-la a negar a Cristo, e a confessar que os cristãos eram culpados dos crimes denunciados contra eles. Mas foi tudo em vão. *"Eu sou uma cristã, e não há perversidade entre nós"*, era sua resposta calma e invariável. Sua constância exauriu a inventiva crueldade de seus algozes. Eles estavam surpresos por vê-la viver através da temível sucessão de seus sofrimentos. **Mas em suas maiores agonias, ela encontrou força e alívio ao olhar para Jesus e testemunhar por Ele.** *"Blandina foi dotada de tanta coragem"*, diz a carta da igreja de Lion, escrita a mil e setecentos anos atrás, *"que aqueles que sucessivamente a torturavam de dia e de noite ficaram muito desgastados de cansaço, e se deram por vencidos e exaustos de todos os seus aparatos de tortura, e se espantaram de vê-la ainda respirando enquanto seu corpo estava dilacerado e exposto."*[15]

Antes de narrarmos as cenas finais de seus sofrimentos, devemos notar o que parece para nós ser o segredo de sua grande força e constância. **Sem dúvidas o Senhor a estava sustendo de maneira marcante como uma testemunha**

[15]Para mais detalhes, veja a História da Igreja, de Milner, vol. 1, p. 194

para Ele, e como um testemunho para todas as eras do poder do cristianismo sobre a mente humana, comparado a todas as religiões que já existiram sobre a terra. Ainda assim, poderíamos dizer, particularmente, que sua humildade e temor piedoso eram as claras indicações do seu poder contra o inimigo, e de sua inabalável fidelidade a Cristo. Ela estava desenvolvendo sua própria salvação – libertação das dificuldades do caminho – por um profundo senso de sua própria fraqueza consciente, indicada por "medo e tremor".

Em seu caminho de volta do anfiteatro para a prisão, em companhia de seus companheiros de sofrimento, eles foram rodeados por seus amigos entristecidos quando tiveram uma oportunidade, e em simpatia e amor se dirigiram a eles como "mártires por Cristo". Mas a isso eles instantaneamente responderam, dizendo: *"Não somos dignos de tal honra. A luta ainda não acabou, e o digno nome de Mártir pertence apropriadamente* ***a Ele somente, que é verdadeira e fiel testemunha, o primogênito dentre os mortos, o Príncipe da vida****, ou, ao menos, apenas àqueles cujo testemunho Cristo selou pela sua constância até o fim. Somos apenas pobres e humildes confessores."* Em lágrimas eles **rogaram para que seus irmãos orassem por eles para que pudessem ser firmes e verdadeiros até o fim. Assim a fraqueza deles era sua força, pois os levava a apoiarem-se no Poderoso.** E é assim sempre, e sempre foi, tanto em pequenas quanto em grandes provações. Mas uma nova tristeza os aguardava em seu retorno à prisão. Eles encontraram alguns que tinham desistido pelo medo natural, e que tinham negado que eram cristãos. Todavia, nada ganharam por causa disso, pois Satanás jamais os iria libertar. Sob uma acusação de outros crimes, eles foram mantidos na prisão. Com esses fracos, Blandina e os outros oravam com muitas lágrimas, para que pudessem ser restaurados e fortalecidos. O Senhor respondeu suas orações, de modo que, quando levados novamente para uma examinação mais profunda, **eles firmemente confessaram sua fé em Cristo, e assim foram condenados à morte e receberam a coroa do martírio.**

Segundo os homens, **nomes mais nobres** do que o de Blandina desapareceram na cena ensanguentada, e nomes honrados também tinham testemunhado com grande coragem, como foi o caso de Vétio, Potino, Santus, Naturus e Atálius. Mas o último dia de sua provação tinha chegado, e **a última dor que ela sentiria, e a última lágrima que ela derramaria.** Ela foi levada para seu exame final com um jovem de quinze anos, chamado Pôntico. Eles foram obrigados a jurar pelos deuses; eles firmemente recusaram, mas estavam calmos e imóveis. **A multidão estava irritada com a magnânima paciência deles.** Todo o repertório de barbaridades lhes foi infligido. Pôntico, embora animado e forta-

lecido pelas orações de sua irmã em Cristo, **logo sucumbiu sob as torturas, e adormeceu em Jesus.**

E agora vinha a nobre e abençoada Blandina, como a igreja a intitulara. Como uma mãe que precisava confortar e encorajar seus filhos, ela foi mantida até o último dia dos jogos. Seus filhos haviam partido antes dela, e ela estava agora ansiando por seguir após eles. Eles tinham aderido ao nobre exército de mártires acima, e **estavam descansando em Jesus, como descansam guerreiros cansados, no pacífico paraíso de Deus.** Após ter suportado açoites, sentaram-na em uma cadeira de ferro quente, e então ela foi amarrada em uma rede e jogada a um touro; e tendo sido atingida algumas vezes pelo animal, um soldado mergulhou uma lança em seu lado. Sem dúvida ela já estava morta muito antes da lança tê-la atingido, mas nisto ela teve a honra de ser como seu Senhor e Mestre. Brilhante certamente será a coroa, em meio às muitas coroas no céu, da constante, humilde, paciente e perseverante Blandina.

Mas a raiva feroz e selvagem dos pagãos, instigados por Satanás, ainda não tinha alcançado seu limite. Eles começaram uma nova guerra contra os corpos mortos dos santos. O sangue deles ainda não os tinha saciado. Eles queriam suas cinzas. Assim os corpos mutilados dos mártires foram coletados e queimados, e lançados no rio Ródano com o fogo que os consumia, para que nenhuma partícula fosse deixada para poluir a terra. Mas a raiva, embora feroz, finalmente se esgotaria: e a natureza, embora selvagem, ficaria cansada de derramamento de sangue, e assim muitos cristãos sobreviveram a essa terrível perseguição.

Temos, portanto, entrado em detalhes, mais do que o usual, ao falar das perseguições sob o reinado de Marco Aurélio. Até então elas são um cumprimento, cremos, dos solenes e proféticos avisos da carta à Esmirna, e também, de modo marcante, da graça do Senhor prometida. **Os sofredores foram cheios e animados por Seu próprio Espírito**. *"Até mesmo seus perseguidores"*, diz Neander, *"nunca foram mencionados por eles com ressentimento; mas eles oravam a Deus para que fossem perdoados aqueles que os tinham sujeitado a tais cruéis sofrimentos.* ***Eles deixaram um legado para seus irmãos, não de conflito e guerra, mas de paz e alegria, unanimidade e amor."***

Estás em casa finalmente, cada poste do caminho passado,

Tendes apressado alcançar ao alvo antes de mim;

E ó, as minhas lágrimas caem grossas e rápido

Como as esperanças que tinham florescido sobre ti.

Os meus lábios recusam dizer, Adeus,

Porque nada pode separar nossa vida interligada;

Bem cedo tendes ido com Cristo habitar,

Onde ambos para sempre estaremos.

O Poder da Oração

Ao traçar a linha prateada da graça de Deus em Seu povo amado, temos agora que tomar nota de um relato que foi amplamente difundido entre os cristãos após o início do terceiro século. Ocorreu perto do fim do reinado de Aurélio, e que o levou, como dizem alguns, a mudar o rumo de sua política para com os cristãos. Em uma de suas campanhas contra os germânicos e sármatas, ele se viu em uma situação de extremo perigo. O sol ardente brilhava em cheio nas faces de seus soldados; eles foram cercados pelos bárbaros e estavam exaustos por feridas e cansaço, e sedentos: enquanto isso, o inimigo se preparava para atacá-los. Nessa situação extrema, a 12ª legião, que diziam ser composta por cristãos, avançou e se ajoelhou em oração. De repente, o céu ficou coberto de nuvens, e começou a cair uma forte chuva. Os soldados romanos pegaram seus elmos para recolher as refrescantes gotas, mas a chuva logo aumentou e se tornou uma tempestade de granizo, acompanhada de trovões e raios, que deixou os bárbaros tão alarmados que garantiu aos romanos uma vitória fácil.

O imperador, perplexo com tal resposta miraculosa às orações, reconheceu a intervenção do Deus dos cristãos, conferiu honra à legião, e emitiu um decreto em favor da religião deles. Depois disto, se não antes, eles passaram a ser chamados de **"legião do trovão"**. Historiadores, a partir de Eusébio, têm tomado nota desse marcante acontecimento.

Mas, como uma lenda frequentemente contada, muitas coisas lhe foram acrescentadas. Há boas razões para crer, no entanto, que uma resposta providencial em favor dos romanos foi dada à oração. Isto parece bastante evidente. E para a fé não há nada incrível em tal evento, embora algumas das circunstâncias relatadas sejam questionáveis. Por exemplo, uma legião romana naquela época provavelmente teria cinco mil homens: embora possa ter havido um grande número de cristãos na 12ª legião, que era uma legião distinta, ainda assim é difícil acreditar que todos eles eram cristãos.

Em seu retorno da guerra, eles sem dúvida relataram a seus irmãos a misericordiosa intervenção de Deus em resposta à oração, pois a igreja registraria e disseminaria a história entre os cristãos, para Seu louvor e glória. Mas os fatos são ainda mais plenamente confirmados pelos romanos. Eles também acreditavam que a libertação tinha vindo do céu, mas em resposta às orações do imperador aos deuses. Assim, o evento foi comemorado, de sua maneira habitual, em colunas, medalhas e pinturas. Nelas, o imperador é representado estendendo as mãos em súplicas; o exército recolhendo a chuva em seus elmos; e Júpiter lançando seus raios sobre os bárbaros, que jazem mortos no chão.

Alguns anos depois desse marcante evento, **Marco Aurélio, o filósofo e perseguidor**, morreu. Grandes mudanças rapidamente se seguiram. A glória do império, e o esforço para manter a dignidade da antiga religião romana, expirou com ele, mas o cristianismo fez grandes e rápidos avanços. Homens hábeis e eruditos surgiram nessa época e, ousada e poderosamente, defendiam, usando suas penas como instrumento, o cristianismo. Estes eram chamados de *Apologistas*. **Tertuliano**, um africano, que dizem ter nascido em 160, pode ser considerado o mais hábil e mais perfeito exemplo dessa classe.

Os mais esclarecidos dentre os pagãos agora começam a sentir que, se a religião deles tinha que suportar o poder agressivo do evangelho, ela deveria ser defendida e reformada. Assim começou a controvérsia, e um certo *Celso*, um filósofo epicureu, que dizem ter nascido no mesmo ano que Tertuliano, firmou-se como líder do lado controverso do paganismo. Foi por volta desse período – os últimos anos do segundo século – que os registros sobre a igreja começaram a se tornar mais interessantes, por serem mais definidos e confiáveis. Mas antes de prosseguirmos adiante com a história geral, seria interessante refazer nossos passos e olhar brevemente para a história interna da igreja desde o princípio. Veremos, assim, como algumas das coisas que ainda são observadas, e com as quais estamos familiarizados, foram primeiramente introduzidas.

Capítulo 8

A História Interna da Igreja (107 d.C. – 245 d.C.)

A História Interna da Igreja

Vamos agora pisar, mais uma vez, em terreno seguro. Temos o privilégio e satisfação de apelarmos para as Escrituras Sagradas. Antes mesmo que o cânon das Escrituras fosse fechado, foi permitido que surgissem muitos dos **erros, tanto doutrinais quanto práticos, que vêm desde sempre perturbando e rasgando em pedaços a igreja professa**. Estes eram, na sabedoria da graça de Deus, detectados e expostos pelos apóstolos inspirados. Se mantivermos isto em mente, não nos surpreenderemos ao encontrar muitas coisas na história interna da igreja inteiramente contrárias às Escrituras. Nem teremos qualquer dificuldade em resistir a eles. **Nós fomos armados pelos apóstolos. O amor ao ofício e preeminência na igreja foi manifestado logo cedo**, e muitas observâncias de mera invenção humana foram acrescentadas. A ***"semente de mostarda"*** se tornou uma grande árvore – o símbolo do poder político na terra: esta era e continua sendo o aspecto externo da Cristandade; mas internamente, o fermento fez seu trabalho maligno, ***"até que tudo ficou levedado"***. (Mateus 13:31–33)

Aqueles que estudaram cuidadosamente Mateus 13 com outras passagens em Atos e nas Epístolas que falam da profissão do nome de Cristo deveriam ter uma ideia bastante correta tanto do que diz respeito ao início da história da igreja quanto ao que se sucedeu. **Ela abrange o período inteiro, desde a semeadura da semente pelo Filho do homem, até a colheita, embora sob a**

semelhança com o reino dos céus. Isto é um grande alívio para a mente, e nos prepara para uma cena sombria e angustiante, perversamente perpetrada sob o justo nome e sob a capa de Cristianismo. Vamos agora nos voltar para algumas dessas passagens.

1. Nosso bendito Senhor, na parábola do joio e do trigo, prediz o que aconteceria. ***"O reino dos céus"***, diz Ele, ***"é semelhante ao homem que semeia a boa semente no seu campo; mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se"***. No decorrer do tempo a erva cresceu e frutificou. Essa foi a rápida propagação do Cristianismo na terra. Mas também lemos que ***"apareceu também o joio"***. **Estes são os falsos professantes do nome de Cristo.** O Senhor Jesus semeou a boa semente. Satanás, através do descuido e falta de firmeza do homem, semeou o joio. Mas o que deveria ser feito com ele? **Deveria ser arrancado para fora do reino?** O Senhor diz: ***"Não; para que, ao colher o joio, não arranqueis também o trigo com ele. Deixai crescer ambos juntos até à ceifa"***, isto é, até o final da era ou dispensação, quando o Senhor vier em juízo. (Mateus 13:24–26,29–30)

Mas aqui, alguns podem perguntar: *"Será que o Senhor quis dizer que o trigo e o joio devem crescer juntos na igreja?"* Certamente que não. Eles não devem ser arrancados fora do campo, mas devem ser colocados para fora da igreja (assembleia local) quando se manifestarem como pessoas ímpias. **A igreja e o reino são coisas bastante distintas, embora seja possível dizer que uma (a igreja) está contida na outra (o reino)**. O campo é mundo, não a igreja. Os limites do reino vão muito além dos limites da verdadeira igreja de Deus. **Cristo edifica a igreja; os homens é que estendem as proporções da Cristandade.** Se a expressão "o reino dos céus" significasse o mesmo que "a igreja de Deus", não deveria haver nenhuma disciplina, afinal. Mas o apóstolo, ao escrever aos coríntios, expressamente diz: ***"Tirai pois dentre vós a esse iníquo"*** (1 Coríntios 5:13). **Mas ele não deveria ser posto para fora do reino, pois isto só poderia ser feito tirando-lhe a vida.** O trigo e o joio devem crescer juntos no campo até a colheita. **Então o Próprio Senhor, em Sua providência, vai lidar com o joio. Eles serão amarrados em feixes e lançados no fogo.** Nada pode ser mais claro que o ensino do Senhor nessa parábola. **O joio deve ser mantido longe da mesa do Senhor, mas não deve ser arrancado do campo.** A igreja não deveria usar de punições mundanas para lidar com os ofensores eclesiásticos. Mas infelizmente, contrariamente ao que o Senhor tinha instruído aos discípulos, **é exatamente o que acabou acontecendo no decorrer da história, como demonstra dolorosamente a longa lista de mártires.** Dores e punições foram introduzidos como

disciplina, e os insubmissos eram entregues ao poder civil para serem punidos com fogo e espada.

2. Em Atos 20, lemos que ***"lobos cruéis"*** **apareceriam na igreja** após a partida do apóstolo. Nas Epístolas de Paulo aos Tessalonicenses – que supõe-se serem suas primeiras epístolas inspiradas – ele lhes diz que o mistério da iniquidade já estava operando, e que outras coisas más viriam a seguir. Ao escrever aos Filipenses, ele lhes diz, com tristeza, que muitos andam como ***"inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas"*** (Filipenses 3:18,19). **Muitos estavam se autoproclamando cristãos, mas pensando nas coisas terrenas.** Tal estado de coisas não podia escapar ao olho espiritual daquele cujo único objeto de apreço era Cristo em glória e conformidade prática com Seus caminhos enquanto na terra. Em sua Segunda Epístola a Timóteo – provavelmente o último que ele escreveu – **ele compara a Cristandade a *"uma grande casa"*, na qual há todo tipo de vasos, *"uns para honra e outros para desonra"*** (2 Timóteo 2:20). Esta é uma imagem exterior da universal igreja. No entanto, os cristãos não podem deixá-la, e a responsabilidade individual nunca pode cessar. **Mas o cristão deve se limpar de tudo o que é contrário ao nome do Senhor**. As instruções são as mais simples e preciosas para os que possuem a mente espiritual, em todas as épocas. **Os cristãos não devem ter qualquer associação com o que é falso. Tal é o significado de se purificar dos vasos para desonra. Ele deve se limpar de tudo que não é para a honra do Senhor.** João e os outros apóstolos falam a mesma coisa, e dão as mesmas direções divinas, mas não será necessário, aqui, se delongar mais que isso. Foi apontado o suficiente para preparar o leitor para o que encontraremos naquilo que se autoproclama cristão.

Os Seguidores Imediatos dos Apóstolos

Aqui surge uma importante pergunta, e uma que é frequentemente feita: *"Em que momento, e por quais meios, o* ***clericalismo*** *– todo o sistema do clero – firmou-se com tanto afinco na igreja professa?"* Para responder a essa pergunta plenamente, seria necessário escrever em detalhes a história interna da igreja. Sua constituição e caráter foram totalmente modificados pela introdução do sistema clerical. Mas seu crescimento e organização foi gradual. Argumentos foram construídos a partir do Antigo Testamento e, em um curto período de tempo, o cristianismo foi reformulado para os moldes do judaísmo. A distinção entre bispos e presbí-

teros, **entre uma ordem sacerdotal e o comum sacerdócio de todos os crentes**, e a multiplicação de cargos eclesiásticos, rapidamente se seguiram como consequência. Mas, por mais difícil que seja traçar as incursões do clericalismo, a sinagoga era seu modelo.

Aprendemos de todo o Novo Testamento que **o judaísmo era o incansável e implacável inimigo do cristianismo** em todos os pontos de vista. Ele trabalhou incessantemente, **por um lado introduzindo seus ritos e cerimônias** e pelo outro perseguindo até a morte todos os que eram fiéis a Cristo e aos verdadeiros princípios da igreja de Deus. Vemos isto especialmente em Atos e nas Epístolas. Mas quando os dons extraordinários na igreja cessaram, e quando os nobres defensores da fé, nas pessoas dos apóstolos inspirados, se foram, podemos facilmente imaginar como o judaísmo prevalecera. Além disso, as primeiras igrejas (assembleias) eram principalmente compostas de convertidos da sinagoga judaica, que por muito tempo retiveram seus preconceitos judaicos.

Portanto, acreditamos firmemente que **o clericalismo brotou do judaísmo**. Desde os dias dos apóstolo até hoje a raiz de toda a estrutura e domínio do clericalismo está lá. **A filosofia e a heterodoxia, sem dúvida, fez muito para corromper a igreja e levá-la a dar as mãos com o mundo**: mas a ordem do clero e tudo o que pertence a ela deve ter sido fundamentada na religião dos judeus. É mais que provável, no entanto, que **muitos possam ter sido persuadidos, como muitos têm sido desde então, de que o cristianismo é uma continuação do judaísmo, em vez de serem perfeitamente contrastantes.** Os mestres judaizantes ousadamente afirmavam que o cristianismo era meramente um enxerto sobre o judaísmo. **Mas através das epístolas, em todo lugar aprendemos que uma é terrena e a outra é celestial; que uma pertence à antiga, e a outra à nova criação; que a lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.**

Vamos agora nos voltar aos seguidores imediatos dos apóstolos.

Os Pais Apostólicos, como são chamados, tais como Clemente, Policarpo, Inácio e Barnabé, foram os seguidores imediatos dos apóstolos inspirados. Eles tinham ouvido as instruções deles, trabalharam com eles no evangelho, e provavelmente tinham sido familiarmente conhecidos deles. Mas, não obstante os altos privilégios que eles gozavam como aprendizes dos apóstolos, **eles logo se afastaram das doutrinas que lhes tinham sido confiadas, especialmente no que diz respeito ao governo da igreja**. Eles parecem ter esquecido completamente – a julgar pelas Epístolas que citam seus nomes – **a grande verdade do**

Novo Testamento sobre a presença do Espírito Santo na assembleia. Certamente tanto João quanto Paulo falam muito da presença, habitação, domínio soberano e autoridade do Espírito Santo na igreja. João 13–16, Atos 2:1, 1 Coríntios 12:14 e Efésios 1–4 dão claras direções e instruções sobre **essa verdade fundamental da igreja de Deus.** Se essa verdade tivesse sido mantida de acordo com a exortação do apóstolo – ***"procurando guardar"*** – não criar – ***"a unidade do Espírito"*** (Efésios 4:3) – o clericalismo nunca teria achado um lugar na Cristandade.

Os novos mestres da igreja parecem também ter esquecido a bela simplicidade da ordem divina na igreja. Deveria haver apenas duas ordens de ofícios – anciãos e diáconos. Estes eram nomeados para atender às necessidades temporais, e aqueles para as necessidades espirituais da assembleia dos santos. **Ancião, ou bispo, significa simplesmente supervisor, alguém que exerce uma supervisão espiritual.** Ele pode ser *"apto para ensinar"* ou não: ele não é um mestre ordenado, mas um supervisor ordenado. E quanto aos sacramentos estabelecidos por mandato divino, apenas encontramos, no Novo Testamento, o Batismo e a Ceia do Senhor. **Nada poderia ser mais simples, mais claro, ou mais facilmente compreendido**, como todas as direções dadas para a fé e prática, mas **não havia espaço de sobra para a exaltação e glória do homem na igreja de Deus.** O Espírito Santo tinha descido para tomar a liderança na assembleia, de acordo com a palavra do Senhor e a promessa do Pai; e nenhum cristão, por mais dotado que pudesse ser, crendo nisto, podia tomar o lugar de líder, e assim praticamente despedir o Espírito Santo. Mas, a partir do momento em que essa verdade foi perdida de vista, os homens começaram a contender por lugar e poder, e assim, é claro, o Espírito Santo não tinha mais Seu lugar de direito na assembleia.

Mal a voz da inspiração tinha ficado em silêncio na igreja, e **logo ouvimos a voz dos novos mestres gritando e exigindo as mais elevadas honrarias de ser pago como bispo**, e de ter um lugar supremo dado a eles. Nenhuma palavra sobre o lugar do Espírito como governante soberano na igreja de Deus. Isto é evidente pelas epístolas de Inácio, que dizem ter sido escritas em 107 d.C. Muitos grandes nomes, como sabemos, têm questionado a autenticidade delas; e muitos grandes nomes defendem que elas foram satisfatoriamente provadas serem genuínas. As provas de cada lado estão fora do nosso escopo. A Igreja da Inglaterra tem, por muito tempo, as aceitado como genuínas, e as considera como a base, e como a vindicação triunfante, da antiguidade do episcopado. A seguir estão algumas amostras de suas advertências às igrejas.

Inácio, no curso de sua viagem de Antioquia a Roma[1], escreveu sete epístolas. Uma aos efésios, aos magnésios, aos trálios, aos romanos, aos filadélfios, aos esmirnenses, e uma ao seu amigo Policarpo. Tendo sido escritas na véspera de seu martírio, e com grande seriedade e veemência, e tendo sido discípulo e amigo do apóstolo João, sendo na época um bispo de Antioquia, provavelmente o mais famoso da Cristandade, suas epístolas devem ter produzido uma grande impressão nas igrejas; além do fato de que o caminho do ofício, autoridade e poder terem sido sempre um grande encanto para **a vã natureza humana.**

Ao escrever à igreja em Éfeso ele diz: "Tomemos cuidado, irmãos, para não nos colocarmos contra o bispo, a fim de que estejamos sujeitos a Deus. . . , pois é evidente que temos de respeitar o bispo da mesma maneira como respeitamos o próprio Senhor". Em sua epístola aos magnésios ele diz: "Eu vos exorto a cuidadosamente fazer todas as coisas em divina harmonia: seus bispos presidindo como se estivessem no lugar de Deus; seus presbíteros como se estivessem no lugar do conselho de apóstolos; e seus diáconos, a posição mais estimada para mim, estando encarregados do ministério de Jesus Cristo". Encontramos o mesmo tom em sua carta aos trálios: "Enquanto estiverem sujeitos ao bispo de vocês da mesma forma que ao Senhor, me parece que estarão vivendo, não à maneira dos homens, mas de acordo com Jesus Cristo, que morreu por vocês. . . Guardem-se de tais pessoas; e isso vocês farão se não estiverem ensoberbecidos, mas continuem inseparáveis de Jesus Cristo nosso Deus, do bispo de vocês, e dos mandamentos dos apóstolos". Passando por cima de várias de suas cartas às igrejas, vamos apenas dar mais uma amostra de sua epístola aos filadélfios: "Eu clamei enquanto estava no meio de vocês, falei em alta voz: 'Obedeçam ao bispo, ao presbitério e aos diáconos'. Agora alguns supõem que disse isso prevendo a divisão que aconteceria. Mas Ele é minha testemunha, por amor do qual estou em correntes, que eu nada sabia vindo da parte dos homens, mas o Espírito falou. . . : 'Nada façam sem o bispo; mantenham seus corpos como templos de Deus, amem a unidade, fujam das divisões, sejam seguidores de Cristo, como Ele é do Pai"'[2]

Na última citação é bastante evidente que o venerável "pai" desejava adicionar a suas teorias o peso da inspiração. Mas, por mais extravagante e irresponsável que essa ideia possa ser, devemos dar-lhe crédito por acreditar no que dizia. Não temos dúvida de que ele era um cristão devoto, e cheio de zelo reli-

[1]Ver Viagem e Martírio de Inácio

[2]Os extratos acima foram retirados da Tradução de Wake. Veja também "Uma Completa e Fiel Análise dos Escritos de Inácio, Clemente, Policarpo e Hermas". O Pesquisador, volume 2.

gioso, mas não pode haver menos dúvida de que **ele enganou-se muito neste e em outros assuntos**. A principal ideia em todas as suas cartas é a perfeita submissão do povo aos seus superiores, ou seja, a submissão dos leigos ao seu clero. Ele estava, sem dúvida, ansioso pelo bem-estar da igreja, e temeroso do efeito das "divisões" às quais se refere; assim ele provavelmente deve ter pensado que um governo forte, nas mãos dos bispos, seria o melhor meio de preservá-la das incursões do erro. "Sejam diligentes", disse, "em estabelecer a doutrina de nosso Senhor e dos apóstolos, junto com o mais digno bispo entre vocês, os mais espirituais presbíteros e os mais piedosos diáconos. Sejam sujeitos ao bispo e uns aos outros, como Jesus Cristo era ao Pai, quando na carne; e como os apóstolos a Cristo, e ao Pai e ao Espírito; e assim poderá haver união entre vocês, tanto no corpo quanto no espírito". **Assim, a mitra foi colocada na cabeça do mais alto dignatário, e daí em diante se tornou objeto de ambição eclesiástica, e não raro da mais indecorosa contenda, com todas as suas consequências desmoralizantes.**

Clericalismo, Ministério e Responsabilidade Individual

Admite-se que as epístolas de Inácio foram escritas apenas alguns anos após a morte de João, e que o escritor deveria estar intimamente familiarizado com o pensamento do apóstolo, e que em suas epístolas ele estaria apenas apresentando seus pontos de vista. Por isso é dito que o episcopado é contemporâneo do cristianismo. Mas pouco importa, comparativamente, por quem elas foram escritas, ou o tempo preciso em que foram escritas: **o que importa é que essas cartas não fazem parte das Escrituras, e o leitor deve julgar o caráter delas pela Palavra de Deus**, e a influência que tiveram na história da igreja. O pensamento do Senhor, no que diz respeito a Sua igreja e à responsabilidade de Seu povo, **deve ser aprendido por Sua própria palavra, e não pelos escritos dos "pais"**, por mais pioneiros e estimados que sejam. E aqui, pode ser interessante citar, antes de deixarmos este assunto, alguns trechos da Palavra que o leitor fará bem em comparar com os extratos dos textos dos "pais" citados anteriormente. Esses trechos da Palavra se referem ao ministério e responsabilidade individual cristã. Assim, aprendemos a grande diferença entre ministério e ofício: ou melhor, entre ser estimado por causa de suas obras, e não meramente por seu ofício.

No Evangelho de Mateus, do versículo 45 do capítulo 24 até o versículo 31 do capítulo 25, temos três parábolas, por meio das quais o Senhor instrui os discípulos quanto à conduta deles durante Sua ausência.

1. O assunto da primeira parábola é a responsabilidade do ministério dentro da casa – **na igreja**. *"A qual casa somos nós."* (Hebreus 3:6). Assim lemos: ***"Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o seu senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo que o seu senhor, quando vier, achar servindo assim. Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens."*** (Mateus 24:45–47). O verdadeiro ministério é do Senhor, e dEle apenas. Isto é o que temos que observar tendo em vista o que aconteceu no próprio início do cristianismo. E Ele se importa com a fidelidade ou infidelidade em Sua casa. Seu povo é próximo e querido ao Seu coração. Aqueles que foram humildes e fiéis durante Sua ausência serão feitos governantes sobre todos os Seus bens quando Ele retornar. **O verdadeiro ministro de Cristo tem de tratar diretamente com o próprio Cristo.** O cristão não é mercenário de algum homem, ou de algum grupo particular de homens. ***"Bem-aventurado aquele servo que o seu senhor, quando vier, achar servindo assim"***. A falha no ministério é também dita e tratada pelo próprio Senhor.

"Mas se aquele mau servo disser no seu coração: O meu senhor tarde virá; e começar a espancar os seus conservos, e a comer e a beber com os ébrios" (Mateus 24:48,49). Este é o outro e triste lado do quadro. **O caráter do ministério é grandemente afetado pela resistência ou rejeição à verdade da vinda do Senhor.** No lugar de serviço dedicado à família, com seu coração voltado para a aprovação do mestre em seu retorno, há presunção, tirania e mundanismo. A condenação de tal, quando o Senhor vier, será pior que a do mundo. Ele ***"destinará a sua parte com os hipócritas"*** – o mesmo lugar de Judas – onde ***"haverá pranto e ranger de dentes"*** (Mateus 24:51). Tais são as temíveis consequências do esquecimento quanto ao retorno do Senhor. Mas isto é mais do que mero erro doutrinal ou uma diferença de opinião sobre a vinda do Senhor. Estava ***"no seu coração"***, sua vontade vinha dali. **Ele desejava em seu coração que o Senhor ficasse longe, como se Sua vinda fosse estragar todos os seus planos e acabar com toda a sua grandeza mundana.** Não é esta uma imagem tão verdadeira do que aconteceu? E que lição solene para aqueles que tomam para si um lugar de serviço na igreja! A mera nomeação de soberania, ou a escolha do povo, não será suficiente naquele dia, a menos que eles também tenham sido escolhidos do Senhor e fiéis em Sua casa.

2. Na segunda parábola, cristãos professos, durante a ausência do Senhor, são representados por virgens que saíram ao encontro do Noivo para iluminar o caminho dEle até Sua casa. Esta foi a atitude dos primeiros cristãos. **Eles saíram do mundo e do judaísmo para ir adiante e se encontrar com o Noivo.** Mas sabemos o que aconteceu. Ele tarda em vir, e todas elas caem no sono e adormecem. ***"Mas à meia-noite ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro"*** (Mateus 25:6). Desde o primeiro século até o presente [3], ouvimos muito pouco sobre a vinda do Senhor. De vez em quando, aqui e ali, uma voz fraca podia ser ouvida sobre o assunto, mas não até o início do século XIX ouviu-se o clamor da meia-noite. Agora temos muitos folhetos e volumes sobre o assunto, e muitos estão pregando isto em quase todas as terras debaixo do céu. **A meia-noite já passou, e logo vem a manhã.**

A restauração da verdade da vinda do Senhor marca uma época distinta na história da igreja. E, como todo reavivamento, **foi uma obra do Espírito Santo,** por meio de instrumentos de Sua própria escolha, e por meios que Ele elaborou. E quão grande é a longanimidade do Senhor, que em meio a esse grande movimento instituiu um tempo entre o clamor e a chegada do Noivo para provar a condição de cada um. Cinco das dez virgens não tinham óleo em suas lâmpadas – **sem Cristo, sem o Espírito Santo habitando nelas**. **Elas tinham apenas a lâmpada exterior da profissão.** Quão terrivelmente solene pensamento, se olharmos para a cristandade a partir deste ponto de vista! Cinco dentre dez são falsas, e contra elas a porta será fechada para sempre. **Como esse pensamento deveria mover a seriedade e energia no evangelismo!** Que possamos sabiamente **aproveitar melhor o tempo** que graciosamente foi dado entre o clamor da meia-noite e a vinda do Noivo.

3. Na primeira parábola, o assunto é o ministério dentro da casa; na terceira, é o ministério fora da casa – o evangelismo. Na segunda parábola, é a expectativa pessoal da vinda do Senhor, com a posse daquilo que é o requisito para ir com Ele para as bodas do filho do Rei.

"Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens. E a um deu cinco talentos, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe." (Mateus 25:14,15). Aqui o Senhor é representado como deixando este mundo e voltando para o céu; e enquanto Ele está ausente, Seus servos devem negociar com os talentos conferidos a eles. ***"E, tendo ele par-***

[3] N. do T.: Século XIX, quando foi escrito este livro

tido, o que recebera cinco talentos negociou com eles, e granjeou outros cinco talentos. Da mesma sorte, o que recebera dois, granjeou também outros dois." (Mateus 25:16,17). Aqui temos o verdadeiro princípio e **o verdadeiro caráter do ministério cristão**. O próprio Senhor chamou os servos e deu-lhes os talentos, e o servo é responsável perante o próprio Senhor pelo cumprimento de seu chamado. O exercício de um dom, seja dentro ou fora da casa, embora sujeito às direções do mundo e sempre exercitado em amor e para a bênção, **não é de modo nenhum dependente da vontade de um soberano, de um sacerdote ou do povo, mas e Cristo apenas, a verdadeira Cabeça da igreja**. É algo grave e solene para qualquer um interferir nas reivindicações de Cristo no serviço de Seu servo. Tocar nisto é deixar de lado a responsabilidade para com Cristo e derrubar o princípio fundamental do ministério cristão.

O sacerdócio era a característica distinta da dispensação judaica; o ministério, de acordo com Deus, é a característica do período cristão. **Daí o fracasso da igreja professa, quando procurou imitar o judaísmo de tantas formas, tanto em seu sacerdócio quanto em seu ritualismo. Se uma ordem sacerdotal, com ritos e cerimônias, é ainda necessária, a eficácia da obra de Cristo é posta e causa.** De fato, embora não em palavras, isto ataca a raiz do cristianismo. Mas tudo é resolvido pela Palavra de Deus. ***"Mas este, havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus, daqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés. Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados... Ora, onde há remissão destes, não há mais oblação pelo pecado."*** (Hebreus 10:12–14,18)

O ministério, então, é um assunto da mais alta dignidade e do mais profundo interesse. Testifica a obra, a vitória e a glória de Jesus, de que o perdido pode ser salvo. É a atividade do amor de Deus se dirigindo a um mundo alienado e arruinado, e fervorosamente rogando por almas para se reconciliar com Ele. ***"Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados; e pôs em nós a palavra da reconciliação."*** (2 Coríntios 5:19–21). O sacerdócio judaico mantinha o povo em suas relações com Deus: **o ministério cristão é Deus em graça, por meio de Seus servos, libertando almas do pecado e da ruína, e trazendo-as para perto se Si mesmo** como felizes adoradores no lugar santíssimo (santo dos santos).

Voltando à nossa parábola, há uma coisa que deve ser especialmente observada aqui, que mostra a soberania e sabedoria do Senhor em conexão com o

ministério. Ele deu quantias diferentes para cada um, **de acordo com suas capacidades**. Cada um tinha uma capacidade natural que servia exatamente para o serviço para o qual foi empregado, e os dons concedidos de acordo com a medida do dom de Cristo para seu cumprimento. ***"E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores"*** (Efésios 4:11). O servo deve ter certas qualificações naturais para sua obra, além do poder do Espírito Santo. **Então o Senhor pode criar em seu coração, pelo Espírito Santo, um amor verdadeiro pelas almas, que é o melhor dom do evangelista.** Em seguida, ele deve apressar-se e exercitar seu dom de acordo com sua capacidade, para a bênção de almas e para a glória de Deus. **Que possamos lembrar que somos responsáveis por essas duas coisas – o dom graciosamente concedido, e a capacidade por meio da qual o dom deve ser exercitado.** Quando o Senhor vier ter com Seus servos, não será suficiente dizer *"Eu nunca fui educado para isso, ou nomeado para o ministério"*. A questão será: *"Eu esperei no Senhor para ser usado por Ele de acordo com aquilo que ele tinha preparado para mim? Ou será que escondi o meu talento na terra?"*. Fidelidade ou infidelidade será a única coisa em questão para Ele.

Aquilo que distinguia o servo fiel do infiel era **a confiança em seu mestre**. **O servo infiel não conhecia o Senhor: ele agiu com base no medo, não com base no amor**, e assim enterrou seu único talento na terra. **O fiel conhecia o Senhor, confiava nEle, e o serviu por amor**, e foi recompensado. O amor é a única fonte verdadeira de serviço para Cristo, seja na igreja ou pelo mundo afora. **Que nunca sejamos achados dando desculpas para nós mesmos, como o *"mau e negligente servo"***, mas que estejamos sempre contando com o amor, a graça, a verdade e o poder de nosso bendito Salvador e Senhor.

O Efeito da Nova Ordem Clerical

Pode ser justo supor que aqueles bons homens, por quem uma nova ordem de coisas foi trazida para a igreja, tendo excluído o livre ministério do Espírito Santo nos membros do corpo, desejavam de coração o bem-estar da igreja. É evidente que Inácio, por esses meios, esperava evitar "divisões". **Mas, por mais bem intencionados que fossem seus motivos, é o cúmulo da loucura humana – se não pior – interferir com, ou procurar mudar, a ordem de Deus.** Este foi o erro de Eva, e todos conhecemos muito bem as consequências. Foi também o pecado original da igreja, pelo qual ela tem sofrido por estes últimos 18 séculos

[4].

O Espírito Santo enviado do céu é o único poder de ministério, mas o Senhor tem a liberdade de escolher e empregar Seus próprios servos. **Os arranjos e nomeações humanas necessariamente interferem com a liberdade do Espírito. Elas extinguem o Espírito Santo**: apenas Ele sabe onde está a capacidade, e onde, quando e como dispensar os dons. **Falando da igreja como era nos dias dos apóstolos, é dito:** ***"Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer."*** Também lemos: ***"Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil."*** (1 Coríntios 12:4–7,11). Aqui tudo está nas mãos divinas. O Espírito Santo dispensa o dom. Este deveria ser exercido no reconhecimento do senhorio de Cristo; e Deus dá eficácia ao ministério. Quão maravilhoso é ter o Espírito, o Senhor, e Deus como a fonte, o poder e o caráter do ministério! Quão grande, e quão triste, é a mudança disto para o rei, os sacerdotes e o povo! **Não é isso apostasia?** Mas enquanto nos opomos à mera nomeação humana ao ofício, seja qualificado ou não, contenderíamos mais seriamente pelo ministério da Palavra tanto para santos[5] quanto para pecadores.

Infelizmente a igreja logo descobriu que o impedimento do ministério, do modo como nos é apresentado na Palavra de Deus, e a introdução de uma nova ordem de coisas não impediu que divisões, heresias e falsos mestres se manifestassem. É verdade que a carne, até no mais verdadeiro e dotado cristão, pode se manifestar; **mas quando o Espírito de Deus está agindo em poder, e a autoridade da Palavra é mantida, o remédio está em mãos: o mal será julgado em humildade e fidelidade a Cristo.** A partir dessa época – o início do segundo século, e até mesmo um pouco antes disso – a igreja foi muito perturbada por heresias; e com o passar do tempo, as coisas nunca melhoraram, mas sempre pioraram.

Irineu, um cristão de grande fama, que sucedeu Potino como bispo de Lion em 177 d.C., nos deixou muita informação sobre o assunto das primeiras heresias. Supõe-se que tenha escrito, no ano 183, seu grande livro *"Contra as Heresias"*, no qual dizem conter uma defesa da santa fé católica, e um exame e

[4]N. do T.: este livro foi escrito no século XIX

[5]N. do T.: lembrando que "santos" na Novo Testamento refere-se àqueles salvos por Cristo, justificados (tornados justos) gratuitamente pela fé em Jesus. *"Chamados santos"* (Rm 1:7).

refutação das falsas doutrinas defendidas pelos principais hereges.[6]

A Origem da Distinção entre Clérigos e Leigos

O cristianismo, no início, não tinha qualquer ordem sacerdotal. Seus primeiros convertidos iam por toda a parte anunciando o Senhor Jesus. Eles foram os primeiros a disseminar em outros países **as boas novas da salvação**, antes mesmo dos próprios apóstolos terem deixado Jerusalém (Atos 8:4). No decorrer do tempo, quando eram encontrados convertidos o suficiente em algum lugar para formar uma assembleia, **eles se reuniam ao nome do Senhor no primeiro dia da semana para partir o pão e edificarem uns aos outros em amor** (Atos 20:7). Quando surgia a oportunidade de visita de um apóstolo a tais reuniões, ele escolhia anciãos para assumir a supervisão do pequeno rebanho; diáconos eram escolhidos pela assembleia. **Assim era toda constituição das primeiras igrejas.** Se o Senhor levantasse um evangelista, e almas fossem convertidas, elas eram batizadas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Isto acontecia, é claro, fora da assembleia, e não era um ato eclesiástico. **Após devido exame espiritual quanto à genuinidade** dos resultados da obra do evangelista, estando a assembleia satisfeita, **os novos crentes eram recebidos à comunhão.**

Percebe-se, a partir desse breve esboço da ordem divina nas igrejas, que **não havia distinções tais como "o clero" e "o leigo"**. Todos estavam no mesmo patamar quanto ao sacerdócio, adoração e proximidade de Deus. Como os apóstolos Pedro e João dizem: ***"Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo."*** (1 Pedro 2:5). E assim a assembleia inteira podia cantar: ***"Àquele que nos amou, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai; a ele glória e poder para todo o sempre. Amém."*** (Apocalipse 1:5,6). O único sacerdócio, então, na igreja de Deus, é **o comum sacerdócio de todos os crentes.** O mais humilde servo no palácio de um arcebispo, se lavado no sangue de Cristo, é mais branco que a neve, e pronto para entrar no lugar santíssimo e adorar além do véu.

Não há mais adoração no pátio exterior. **A separação de uma classe privilegiada – uma ordem sacerdotal – é desconhecida no Novo Testamento.** A distinção entre clero e leigo era sugerida pelo judaísmo, e a invenção humana logo a tornou algo grandioso; mas foi a ordenação episcopal que estabeleceu

[6] Irineu contra as Heresias. Clarke, Edinburgo.

a distinção e ampliou a separação. O bispo gradualmente assumiu o título de pontífice. Os presbíteros, e até mesmo os diáconos, se tornaram, assim como os bispos, uma ordem sagrada. O lugar de mediação e de grande proximidade de Deus foi assumida pela casta sacerdotal, e também de autoridade sobre os leigos. No lugar de Deus falando diretamente ao coração e consciência por Sua própria Palavra, e sendo o coração e a consciência trazidos diretamente à presença de Deus, apareceu o sacerdócio se colocando entre eles. **Assim a Palavra de Deus foi perdida de vista, e a fé ficou à mercê das opiniões dos homens. O bendito Senhor Jesus, como o Grande Sumo Sacerdote de Seu povo, e como o Mediador entre Deus e os homens, foi então praticamente deslocado e deixado de lado.** [7]

Assim, infelizmente, vemos na igreja o que tem sido verdade para o homem desde Adão. **Tudo o que foi confiado ao homem falhou.** Desde o tempo em que a responsabilidade de manter a igreja como a coluna e firmeza da verdade caiu nas mãos humanas, não houve nada além de falha. **A Palavra de Deus, no entanto, permanece a mesma, e sua autoridade nunca pode falhar,** bendito seja o Seu nome. Um dos principais objetivos deste livro é chamar a atenção do leitor aos princípios e à ordem da igreja, como ensinada no Novo Testamento. ***"Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade."*** (João 4:24). Isto é, devemos adorá-Lo e servi-Lo **de acordo com a verdade, e sob a direção e unção do Espírito Santo,** se for para glorificar Seu nome, e adorá-Lo e servi-Lo de maneira aceitável.

Quase todos os escritores eclesiásticos afirmam que *nem o Próprio Senhor nem Seus apóstolos forneceram quaisquer preceitos quanto à ordem e governo da igreja - que tais coisas foram deixadas para a sabedoria e prudência de seus líderes, e ao caráter das épocas*. Por essas suposições muita coisa foi entregue à vontade humana. Sabemos as consequências. O homem procurou a sua própria glória. **A simplicidade do Novo Testamento, o caminho humilde do Senhor e de Seus apóstolos, o zelo e abnegação de Paulo, tudo isso foi ignorado**, e as grandezas mundanas logo se tornaram o objeto e ambição do clero. Um breve resumo do ofício de um bispo irá deixar claro essas coisas e, sem dúvida, será de grande interesse

[7]Uma das maiores autoridades sobre a ordem episcopal é da opinião de que a distinção entre clero e leigo é derivada do Antigo Testamento: que assim como o sumo sacerdote tinha seu ofício atribuído a ele, e os sacerdotes também tinham suas atribuições próprias, e os levitas seus serviços peculiares; assim também os leigos estavam da mesma maneira sob as obrigações próprias aos leigos. Ele também afirma que **o comum sacerdócio de todos os crentes é ensinado no Novo Testamento, mas que os Pais desde os tempos mais antigos formaram a igreja no sistema judaico.** – *Gingham on the Antiquity of the Christian Church, vol. 1, p. 42.*

aos leitores.

O Que Era um Bispo Nos Primeiros Tempos?

O mais humilde camponês está familiarizado com a grandeza mundana de um bispo, mas ele pode não saber como um ministro de Cristo, e um sucessor de um humilde pescador da Galileia, chegou a tal dignidade. Nos dias dos apóstolos, e por mais de cem anos depois, o ofício de um bispo era uma obra laboriosa, mas uma "boa obra". Ele era encarregado de uma única igreja, que podia estar normalmente reunida em uma casa particular. Ele não estava lá como um ***"senhor sobre a herança de Deus"*** (1 Pedro 5:3), mas na realidade como um ministro e servo, instruindo o povo, e cuidando dos doentes e pobres pessoalmente. Os presbíteros, sem dúvida, ajudavam na gestão dos assuntos gerais da igreja, e também os diáconos; mas o bispo tinha a parte principal do serviço. Ele não tinha autoridade, no entanto, de decretar ou sancionar qualquer coisa sem a aprovação do presbitério e do povo. Não havia, então, o pensamento de "clero inferior" sob ele. E nesse tempo as igrejas não tinham renda, com exceção de contribuições voluntárias do povo que, moderados como sem dúvidas eram, deixavam uma pequena quantia para o bispo para ajudar os pobres e necessitados.

Mas naqueles primeiros tempos os oficiais da igreja continuavam, muito provavelmente, em seus antigos ofícios e ocupações, para sustento de si mesmos e de suas famílias, do mesmo modo que antes. ***"Um bispo"***, diz Paulo, ***"deve ser dado à hospitalidade"*** (Tito 1:8). E isso ele não poderia ser se sua renda dependesse das ofertas dos pobres. Não foi até por volta do ano 245 que o clero passou a receber salário, e foram proibidos de seguir com seus empregos do mundo; mas próximo ao fim do segundo século surgiram circunstâncias na história da igreja que afetaram grandemente a humildade e simplicidade original de seus supervisores, e que tenderam à corrupção da ordem sacerdotal. "Essa mudança começou", diz Waddington, "perto do início do segundo século; e é certo de que nesse período encontramos as primeiras denúncias de corrupção incipiente do clero." A partir do momento em que os interesses dos ministros se tornaram totalmente distintos dos interesses do cristianismo, pode-se considerar que muitas e grandes mudanças para pior tinham começado. Vamos tomar nota de algumas circunstâncias, e em primeiro lugar, a origem das dioceses.

A Origem das Dioceses

Os bispos que viviam nas cidades eram, quer pelas suas próprias pregações, quer pela pregação dos outros – presbíteros, diáconos ou o povo – os responsáveis pelo surgimento de novas igrejas nas cidades e vilas vizinhas. Essas assembleias jovens, muito naturalmente, continuavam sob o cuidado e proteção das igrejas das cidades por meio das quais eles tinham recebido o evangelho e se tornado em novas igrejas. Províncias eclesiásticas eram, assim, formadas gradualmente, o que os gregos mais tarde denominaram **dioceses**. Os bispos das cidades reivindicavam o privilégio de nomear ofícios e cargos a essas "igrejas rurais"; e as pessoas a quem eles concediam suas instruções e cuidados eram chamados de *bispos distritais*. Estes formavam uma nova classe que ficava entre os bispos e presbíteros, sendo considerados inferiores àqueles e superiores a estes. Assim foram criadas novas distinções e divisões, e os ofícios e cargos se multiplicaram.

A Origem do Bispo Metropolitano

Igrejas assim constituídas e reguladas rapidamente se espalharam por todo o império. No gerenciamento de seus assuntos internos cada igreja era essencialmente distinta da outra, embora andassem em comunhão espiritual com todas as outras e as considerassem parte da única igreja de Deus. Mas, com o aumento do número de crentes e a extensão das igrejas, variações na doutrina e na disciplina surgiram, o que nem sempre podia ser resolvido nas assembleias individuais. Isto deu origem aos concílios, ou sínodos. Estes eram compostos principalmente por aqueles que tomavam parte no ministério. Mas quando os representantes das igrejas eram assim reunidos, logo se descobria que *o controle de um presidente* era necessário. **A menos que haja respeito e submissão pela ação soberana do Espírito Santo na igreja,** haverá anarquia sem um presidente. O bispo da capital da província era geralmente apontado para presidir, sob o elevado título de *bispo metropolitano*. Em seu retorno para casa era difícil deixar de lado essas ocasionais honrarias, então ele logo reivindicava para si o título pessoal e permanente de *bispo metropolitano*.

Os bispos e presbíteros, até por volta desse tempo, eram geralmente vistos como iguais, ou a mesma coisa, sendo os termos usados como sinônimos. Mas agora os bispos se consideravam investidos com poder supremo na direção da

igreja, e estavam determinados a se manterem nessa autoridade. Os presbíteros se recusavam a lhes conceder essa nova e auto-assumida dignidade, e buscavam manter sua própria independência. Assim se ergueu a grande controvérsia entre os sistemas presbiterianos e episcopais, que continuam até hoje, e da qual poderemos tratar com mais detalhes mais adiante. Foi dito o suficiente para mostrar ao leitor o início de muitas coisas que ainda vivem diante de nós na igreja professa. Na consagrada ordem do clero será encontrada a semente da qual surgiu todo o sacerdócio medieval, o pecado da simonia [8], as leis do celibato, e **a terrível corrupção da idade das trevas.**[9]

Tendo visto o que estava acontecendo dentro da igreja desde o início, e especialmente entre seus líderes, vamos agora continuar a história geral a partir da morte de Marco Aurélio.

[8] N. do T.: simonia é a venda de "favores divinos"

[9] Para mais detalhes, veja Neander, vol.1, p. 259; Mosheim, vol. 1, p. 91; Bingham, vol. 1.

Capítulo 9

De Cômodo à Ascensão de Constantino (anos 180–313 d.C.)

De Cômodo à Ascensão de Constantino (anos 180–313 d.C.)

O cristianismo, sob os sucessores de Aurélio, desfrutou de uma temporada de relativo repouso e tranquilidade. A depravação de **Cômodo** foi útil no tocante aos interesses dos cristãos após seus longos sofrimentos sob seu pai, e o breve reinado de muitos dos imperadores que se seguiram não os deram tempo de combater o crescimento do cristianismo. "Durante pouco mais que um século", diz Milman, "desde a ascensão de Cômodo até a de Diocleciano, mais de vinte imperadores passaram como sombras ao longo da trágica cena do palácio imperial. O império do mundo se tornou o prêmio de façanhas mirabolantes, ou o precário troféu da soldadesca sem lei. Uma longa linhagem de aventureiros militares, muitas vezes estranhos ao nome, à raça e à linguagem de Roma – africanos, pireneus, árabes e godos – agarraram o inconstante cetro do mundo. A mudança de soberanias era quase sempre uma mudança de dinastia, ou, por alguma estranha fatalidade, cada tentativa de restabelecer um sucessão hereditária era frustrada pelos vícios ou pela imbecilidade da segunda geração."

Assim os cristãos tiveram cerca de cem anos de relativo descanso e paz. Havia, sem dúvida, muitos casos de perseguição e martírio durante esse período, mas tais casos eram mais o resultado de hostilidade pessoal contra algum indivíduo do que algum tipo de política sistemática do governo contra o cristianismo. O primeiro e imponente objetivo de cada imperador que se sucedia era

assegurar seu disputado trono. Eles não tinham tempo de se dedicarem à supressão do cristianismo, ou às mudanças sociais e religiosas dentro do império. Assim **a grande Cabeça da igreja – que é também *"sobre todas as coisas a cabeça da igreja"*** (Efésios 1:22) – tornou a fraqueza e insegurança do trono o meio indireto da força e prosperidade da igreja.

Mas embora o reinado de Cômodo tenha sido geralmente favorável ao progresso do cristianismo, houve um notável exemplo de perseguição que devemos tomar nota.

Apolônio, um senador romano, renomado pela erudição e filosofia, era um cristão sincero. Muitos da nobreza de Roma, com toda sua família, abraçaram o cristianismo nessa época. A dignidade do senado romano sentiu-se reduzida por tais novidades. Supõe-se que isto tenha levado à acusação de Apolônio perante o magistrado. Seu acusador, baseado em uma velha e não revogada lei de Antonino Pio, que decretava cruéis punições contra os acusadores dos cristãos, foi sentenciado à morte e executado. O magistrado pediu ao prisioneiro, Apolônio, que desse um relato de sua fé perante o senado e a corte. Ele obedeceu, e ousadamente confessou sua fé em Cristo. Consequentemente, por um decreto do senado, ele foi decapitado. Alguns dizem que este é o único registro, em toda a história, de um julgamento no qual tanto o acusado quanto o acusador sofreram judicialmente. Mas a mão do Senhor estava nisto, e muito acima do acusador e do magistrado, Perenius, que condenou os dois. A partir deste período muitas famílias de distinção e opulência em Roma professaram o cristianismo, e às vezes encontramos cristãos na família imperial.

Após um reinado de cerca de 12 anos, o indigno filho de Aurélio morreu dos efeitos de um copo de vinho envenenado.

Pertinax, imediatamente após a morte de Cômodo, foi eleito pelo senado para ocupar o trono; mas após um breve reinado de sessenta e seis dias, ele foi morto por insurgentes. Seguiu-se uma guerra civil, e Septímio Severo finalmente obteve o poder soberano de Roma.

O Cristianismo sob o Reinado de Severo (anos 194 a 210 d.C.)

No início do reinado de Severo, ele era bastante favorável aos cristãos. Um escravo cristão, chamado Próculo, foi o meio de restaurar a saúde do imperador,

ao ungi-lo com óleo. Essa notável cura – sem dúvida em resposta à oração – deu aos cristãos grande favor aos olhos de Severo. Próculo recebeu uma posição honrosa na família imperial, e uma criada e um tutor cristão foram contratados para formar o caráter do jovem príncipe. Ele também protegeu da indignação popular homens e mulheres da mais alta classe em Roma – senadores, suas esposas e famílias – que tinham abraçado o cristianismo. Mas, infelizmente, todo esse favor para com os cristãos era meramente resultado de circunstâncias locais. As leis continuaram as mesmas, e a violenta perseguição eclodiu contra eles em determinadas províncias.

As Perseguições sob Severo (ano 202 d.C.)

Não foi até cerca do décimo ano de seu reinado que a ferocidade natural de sua mente sombria e implacável se manifestou contra os cristãos. Em 202, após o retorno do oriente, onde ele tinha conseguido grandes vitórias, e sem dúvida se enchido de orgulho, ele estendeu sua mão e impiedosamente se atreveu a deter o progresso do cristianismo – a carruagem do evangelho. Ele aprovou uma lei que proibia, sob severas penas, que qualquer um de seus súditos se tornasse judeu ou cristão. Esta lei, como era de se esperar, acendeu uma severa perseguição contra novos convertidos e cristãos em geral. Ela estimulou seus inimigos a todo o tipo de violência. Grandes somas de dinheiro foram extorquidas de cristãos tímidos por autoridades corruptas como preço pela paz. Embora alguns tenham se submetido em troca de vida e liberdade, esta prática foi veementemente denunciada por outros. Era considerada pelos mais zelosos como degradante para o cristianismo, e uma vergonhosa barganha das esperanças e glórias do martírio. Ainda assim, a perseguição parece não ter sido geral. Ela deixou cicatrizes mais profundas no Egito e na África.

Em Alexandria, Leônidas, pai do famoso Orígenes, sofreu o martírio. Os jovens nas escolas que estavam recebendo uma educação cristã foram submetidos a severas torturas e alguns de seus professores foram presos e queimados. O jovem Orígenes se distinguiu nesta época por seus trabalhos ativos e destemidos nas agora quase desertas escolas. Ele esperava seguir os passos de seu pai, e mais procurava do que evitava a coroa do martírio. E foi justamente na África, um lugar no qual sempre pensamos como um deserto sombrio, miserável e escassamente povoado, que **a linha prateada da maravilhosa graça de Deus** foi mais distintamente marcada na celestial paciência e fortaleza dos san-

tos sofredores. Temos de convidar nossos leitores a entrar em alguns detalhes a mais sobre isso.

A Perseguição na África

Os historiadores dizem que em nenhuma parte do Império Romano o cristianismo tinha criado raízes mais profundas e permanentes do que na província da África. Naquela época, essa região era cheia de ricas e populosas cidades. O tipo africano de cristianismo era totalmente diferente do que era chamado de cristianismo egípcio. O primeiro era mais sincero e apaixonado, e o último era sonhador e especulativo, graças à má influência do **platonismo**. Tertuliano pertence a este período, e é um verdadeiro exemplo desta diferença; mas veremos mais sobre isso mais adiante. Vamos agora tomar nota de alguns dos mártires africanos.

Perpétua e Seus Companheiros

Dentre outros que foram presos e martirizados na África durante essa perseguição, **Perpétua e seus companheiros**, dentre todas as histórias, merecem um lugar distinto. A história do martírio deles não só carrega todo o selo dessa verdade circunstancial, como também está repleta de toques mais requintados de sentimento e afeição natural. Aqui vemos a bela combinação dos mais ternos sentimentos e dos mais fortes afetos que o cristianismo reconhece em todos os seus direitos, e os torna ainda mais profundos e ternos porque foi a causa do sacrifício deles sobre o altar da **total dedicação àquEle que morreu em total dedicação a nós.** ***"O qual me amou"***, como diz a fé, com propriedade, ***"e se entregou a si mesmo por mim."*** (Gálatas 2:20)

Em Cartago, no ano 202, **três jovens homens**, Revocato, Saturnino e Secundulo, e duas moças, Perpétua e Felicidade, foram presos, todos eles sendo ainda catecúmenos, isto é, novos convertidos que se preparavam para o batismo e comunhão. Perpétua era de boa família, rica e nobre, de educação liberal, e honrosamente casada. Ela tinha cerca de 22 anos de idade, e era mãe de um bebê ainda de peito. Toda sua família aparentemente era cristã, com exceção de seu pai, que ainda era pagão. Nada é dito sobre seu marido. Seu pai era muito apegado a ela, e temia muito a desgraça que seus sofrimentos por Cristo tra-

riam para sua família. Assim ela tinha de lutar não apenas com a morte em sua forma mais terrível, mas também com todo laço sagrado da natureza.

Quando ela foi levada pela primeira vez perante seus perseguidores, seu velho pai veio e pediu que ela se retratasse e dissesse que não era cristã. *"Pai"*, ela respondeu calmamente, apontando para um vaso que estava no chão, *"poderia eu chamar esse vaso de qualquer coisa além do que ele é?" "Não"*, ele respondeu. *"Assim também eu não poderia te dizer nada além do que eu sou, uma cristã."* Alguns dias depois, os jovens cristãos foram batizados. Apesar de estarem sob guarda, eles não estavam ainda presos na prisão. Mas pouco tempo depois disto, eles foram lançados na masmorra. *"Então"*, ela disse, *"eu fui tentada, estava apavorada, pois eu nunca tinha estado em tal escuridão antes. Oh, que dia terrível! O calor excessivo ocasionado pelo número de pessoas, o duro tratamento dos soldados, e, finalmente, a ansiedade por causa do meu bebê, me tornou miserável."* Os diáconos, no entanto, conseguiram adquirir para os prisioneiros cristãos um lugar melhor, onde ficavam separados dos criminosos comuns. Tais vantagens podiam geralmente ser adquiridas dos corruptos supervisores das prisões. Perpétua estava agora feliz por ter seu filho consigo. Ela o pegou no colo e exclamou: *"Agora, esta prisão se tornou um palácio para mim!"*.

Após alguns dias houve um rumor de que os prisioneiros seriam examinados. O pai apressou-se até sua filha em grande aflição de espírito. *"Minha filha"*, disse ele, *"tenha pena de meus cabelos grisalhos, tenha pena do seu pai, se ainda sou digno de ser chamado seu pai. Se eu a eduquei até a flor da sua juventude, se eu preferi você a todos os seus irmãos, não me exponha a tal vergonha entre os homens. Olhe para o seu bebê – seu filho que, se você morrer, não poderá sobreviver por muito tempo. Deixe seu espírito elevado de lado, para que todos nós não mergulhemos em ruínas. Pois se você morrer, então nenhum de nós jamais terá coragem de falar livremente de novo."* Enquanto ele falava isto, ele beijou suas mãos, se lançou a seus pés, suplicando-lhe com termos carinhosos e muitas lágrimas. Mas, embora muito comovida e aflita pela visão do seu pai e sua forte e terna afeição por ela, ela ficou calma e firme, e **sentiu-se principalmente preocupada pelo bem de sua alma**. *"Os cabelos grisalhos de meu pai"*, disse ela, *"me afligem ao considerar que apenas ele da minha família não se regozijaria com meu martírio." "O que acontecerá"*, disse-lhe ela, *"quando eu chegar perante o tribunal, depende da vontade de Deus, pois não permanecemos em pé por nossa própria força, mas apenas pelo poder de Deus."*

Ao chegar a hora decisiva – o último dia do julgamento deles – uma imensa multidão se reuniu. O velho pai novamente apareceu, na esperança de poder,

pela última vez, mudar a ideia de sua filha. Nesta ocasião ele levou seu neto recém-nascido em seus braços, e pôs-se diante dela. Que momento! Que espetáculo! Seu velho pai, seus cabelos grisalhos, seu tenro bebê: que apelo para uma filha – para o coração de uma jovem mulher! *"Tenha pena dos cabelos grisalhos de seu pai"*, disse o governador, *"tenha pena de sua criança indefesa, e ofereça sacrifício em prol da prosperidade do imperador."* Assim ela se apresentou perante o tribunal, perante a multidão reunida, perante as admiradas miríades dos céus, perante as tenebrosas hostes do inferno. Mas Perpétua estava calma e firme. **À semelhança de Abraão, pai dos que creem, seus olhos não estavam agora em seu filho, mas no Deus da ressurreição.** Tendo encomendado seu filho aos cuidados de sua mãe e de seu irmão, ela respondeu ao governador, e disse: *"Isto não posso fazer."* *"Você é cristã?"*, ele perguntou. *"Sim"*, ela respondeu, *"sou cristã"*. Seu destino estava agora decidido. Eles foram todos condenados a servirem de cruel entretenimento para o povo e os soldados, em uma luta com feras selvagens, na festa de aniversário do jovem Geta, filho mais novo do imperador. Eles retornaram a suas masmorras, **regozijando por terem sido capazes de testemunharem e sofrerem por amor a Cristo**. O carcereiro, Pudas, foi convertido por meio do comportamento tranquilo dos prisioneiros.

Quando foram levados ao anfiteatro, os espectadores notaram que os mártires tinham uma aparência pacífica e alegre. De acordo com um costume que prevalecia em Cartago, os homens deviam ser vestidos de escarlate como os sacerdotes de Saturno, e as mulheres de amarelo como as sacerdotisas de Ceres, mas os prisioneiros protestaram contra tal procedimento. *"Viemos aqui"*, disseram, *"por nossa própria escolha, e não deixaremos que nossa liberdade seja tirada de nós; nós desistimos de nossas vida para não sermos forçados a tais abominações."* Os pagãos reconheceram que o pedido deles era justo, e cederam. Após se despedirem entre si com o mútuo beijo do amor cristão, **com a esperança certa de logo se encontrarem novamente**, estando ***"fora do corpo, para habitar com o Senhor"*** (2 Co 5:8), eles foram adiante para a cena de morte em seus trajes simples. **A voz de louvor a Deus foi ouvida pelos espectadores. Perpétua estava cantando um salmo.** Os homens foram expostos a leões, ursos e leopardos; as mulheres foram atiradas a uma vaca furiosa. Mas todos foram rapidamente libertados de seus sofrimentos pela espada do gladiador, **e entraram na alegria do seu Senhor.**

A interessante narrativa aqui resumida, e que supõe-se ter sido escrita pe-

las próprias mãos de Perpétua[1], respira tal ar de verdade e realismo que conquistou o respeito e confiança de todas as eras. Mas o nosso principal objetivo ao escrevê-la para nossos leitores é apresentá-los a uma imagem viva na qual muitas das melhores qualidades da fé cristã estão belamente mescladas com os mais calorosos e ternos sentimentos cristãos, e **para que possamos aprender a não sermos reclamões e murmuradores, mas a suportar todas as coisas por amor de Cristo, para que Sua graça possa brilhar, nossa fé triunfar, e Deus ser glorificado.**

Alguns anos após esses eventos, Severo voltou sua atenção para a Grã-Bretanha, onde os romanos estiveram perdendo terreno. O imperador, estando à frente de um exército muito poderoso, rechaçou os nativos independentes da Caledônia, e reconquistou a região ao sul da muralha de Antonino, mas perdeu tantas tropas nas sucessivas batalhas em que foi obrigado a lutar que não achou apropriado forçar suas conquistas além daquele limite. Sentindo o tempo de seu fim se aproximando, ele se retirou para York, onde logo expirou, no décimo oitavo ano de seu reinado, em 211 d.C.

A Posição Alterada do Cristianismo na Sociedade

Após a morte de Septímio Severo – exceto durante o curto reinado de Maximino – a igreja desfrutou de uma temporada de relativa paz até o reinado de Décio, no ano 249 d.C. Porém, durante o favorável reinado de Alexandre Severo, uma mudança considerável aconteceu na relação do cristianismo com a sociedade. Por toda a sua vida, Alexandre esteve sob a influência de sua mãe, Julia Mamea, que é descrita por Eusébio como "uma mulher distinta por sua piedade e religiosidade." Ela chamou Orígenes, sobre cuja fama ela tinha ouvido falar muito, e aprendeu dele algo sobre as doutrinas do evangelho. Ela se tornou, mais tarde, favorável aos cristãos, mas não há muitas evidências de que ela também tenha sido cristã.

Alexandre tinha uma disposição religiosa. Ele tinha muitos cristãos em sua casa, e bispos eram admitidos até mesmo na corte em caráter reconhecidamente oficial. Ele frequentemente usava as palavras de nosso Salvador: ***"E como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós, também."*** (Lucas 6:31). Ele tinha essas palavras escritas nas paredes de seu palácio e em outros edifícios públicos. Mas todas as religiões eram consideradas para ele

[1] N. do T.: obviamente até o momento anterior ao seu martírio

como quase a mesma coisa, e sobre este princípio ele deu ao cristianismo um lugar em seu eclético sistema.

Os Primeiros Edifícios Públicos para Assembleias Cristãs

Um importante ponto na história da igreja, e que prova sua posição alterada no Império Romano, agora aparece diante de nós pela primeira vez. Foi durante o reinado desse excelente príncipe (Alexandre Severo) que as primeiros edifícios públicos foram levantados para as assembleias de cristãos. Uma pequena circunstância conectada a uma pequena porção de terra em Roma mostra o verdadeiro espírito do imperador e o crescente poder e influência dos cristãos. Esse terreno, considerado de uso geral, foi escolhido por uma congregação como o lugar para uma igreja, mas uma companhia de abastecedores reivindicava que tinha prioridade sobre o uso do terreno. O caso foi julgado pelo imperador, que decidiu conceder o terreno aos cristãos, sob a alegação de que era melhor dedicá-lo à adoração a Deus em qualquer forma do que aplicá-lo a um uso profano e indigno.

Edifícios públicos – chamadas de **"igrejas cristãs"** – começavam agora a aparecer em diferentes partes do império, e a possuir propriedades na terra. **Os pagãos nunca conseguiam entender porque os cristãos não tinham templos nem altares.** Suas assembleias religiosas, até essa época, eram realizadas de modo privado. Até mesmos os judeus tinham suas sinagogas públicas, mas os cristãos não se reuniam em algum edifício separado e distinto. A casa particular, as catacumbas, o cemitério de seus mortos, eram os lugares em que ocorriam suas pacíficas congregações. A privacidade deles, que muitas vezes era, naqueles turbulentos tempos, sua segurança, estava agora passando. Por outro lado, deve também ser observado que essa confidencialidade era muitas vezes utilizada contra eles. Nós vimos como, no princípio, os pagãos não conseguiam entender uma religião sem um templo, e então eram facilmente persuadidos de que essas reuniões privadas e misteriosas, que pareciam evitar a luz do dia, serviam apenas para o pior dos propósitos.

A condição exterior do cristianismo estava agora mudando de maneira incrível – mas infelizmente, não em favor da saúde e crescimento espiritual, como veremos em breve. Havia agora edifícios bem conhecidos nos quais os cristãos

se reuniam, cujas portas podiam ficar bem abertas para toda a gente. O cristianismo era agora reconhecido como uma das várias formas de adoração que o governo não proibia. Mas a tolerância aos cristãos durante este período teve o apoio favorável apenas de Alexandre. Nenhuma mudança foi feita nas leis do império em favor dos cristãos, de modo que seu tempo de paz teria um fim com a morte do imperador. Uma conspiração foi formada contra ele pela desmoralizada soldadesca, que não podia suportar a disciplina que o imperador procurava restaurar. E assim o jovem imperador foi morto em seu quarto, aos vinte e nove anos de idade e no décimo terceiro ano de seu reinado.

O Tratamento do Clero pelo Senhor

Mal as novas "igrejas" foram construídas, e os bispos recebidos na corte, e a mão do Senhor se voltou contra eles. Aconteceu dessa maneira:

Maximino, um rude camponês da Trácia, subiu ao trono imperial. Ele tinha sido o principal instigador da morte, se não o verdadeiro assassino, do virtuoso Alexandre. Ele começou seu reinado mandando prender e matar todos os amigos do último imperador. Aqueles que tinham sido seus amigos ele tornou seus próprios inimigos. Ele ordenou que os bispos, e particularmente aqueles que tinham sido amigos íntimos de Alexandre, fossem executados. Sua vingança caiu mais ou menos sobre todas as classes de cristãos, mas principalmente sobre o clero. Não era, no entanto, pelo cristianismo que eles sofreram nessa ocasião, uma vez que Maximino não se importava com qualquer religião, **mas por causa da posição que eles tinham alcançado no mundo. Pode haver reflexão mais dolorosa do que esta?**

Por volta dessa época destrutivos **terremotos** em várias províncias reacenderam o ódio popular contra os cristãos em geral. A fúria do povo sob tal imperador era irrestrita e, encorajados por governantes hostis, incendiaram as recém-construídas "igrejas" e perseguiram os cristãos. Mas, felizmente, o reinado desse selvagem imperador teve curta duração. Ele se tornou intolerável pelas pessoas. O exército se amotinou e o matou no terceiro ano de seu reinado, e uma época mais favorável para os cristãos retornou.

O reinado de **Gordiano I**, de 238 a 244 d.C., e o de **Filipe**, de 244 a 249, foram amigáveis para com a igreja. Mas repetidamente percebemos que um governo favorável aos cristãos era imediatamente seguido por outro que os oprimia. Foi

particularmente o caso nessa época. Sob os sorrisos e o patrocínio de Filipe, o Árabe, a igreja desfrutou de grande prosperidade exterior, mas estava na véspera de uma perseguição mais terrível e mais generalizada do que qualquer outra que já tinha se passado.

Uma das causas que podem ter contribuído para isso foi a ausência dos cristãos nas cerimônias nacionais que comemoravam **o milésimo ano de Roma**, em 247 d.C. Os jogos seculares foram celebrados com grandiosidade sem precedentes por Filipe, mas como ele era favorável aos cristãos, eles escaparam da fúria dos sacerdotes pagãos e do populacho. Os cristãos eram agora um corpo reconhecido no Estado, e por mais cuidado que tivessem de evitar se misturar às facções políticas ou às festividades populares, eles eram considerados inimigos de prosperidade do Estado e a causa de todas as calamidades. Chegamos agora a uma mudança completa de governo – um governo que afligiu toda a igreja de Deus.

A Perseguição Geral sob o Reinado de Décio

Décio, no ano 249, conquistou Filipe e colocou-se no trono. Seu reinado é marcante na história da igreja pela primeira perseguição geral. O novo imperador era desfavorável ao cristianismo e zelosamente devoto à religião pagã. Ele resolveu tentar o completo extermínio do primeiro, e restaurar o último à sua antiga glória. Uma das primeiras medidas de seu reinado foi emitir decretos aos governadores para que fizessem cumprir as antigas leis contra os cristãos. Eles foram ordenados, sob pena de perder suas próprias vidas, a exterminar todos os cristãos, completamente, ou trazê-los de volta por meio de sofrimentos e torturas à religião de seus pais.

Desde os tempos de Trajano havia uma ordem imperial de que os cristãos não deviam ser procurados; e havia também uma lei contra acusações privadas que fossem trazidas contra eles, especialmente se fossem por seus próprios servos – como vimos no caso de Apolônio – e essas leis tinham sido geralmente observadas pelos inimigos da igreja; mas agora elas eram totalmente negligenciadas. As autoridades procuravam os cristãos, os acusadores não corriam risco algum, e o clamor popular foi admitido no lugar da evidência formal. Durante os dois anos que se sucederam, uma grande multidão de cristãos em todas as províncias romanas foi banida, aprisionada ou torturada até a morte por vários tipos de punições e sofrimentos. Esta perseguição foi mais cruel e terrível que

qualquer outra que a precedeu. Mas a parte mais dolorosa daquelas cenas de cortar o coração foi o estado debilitado dos próprios cristãos diante do **triste efeito do conforto e prosperidade mundana.**

Os Efeitos do Mundanismo na Igreja

O estudante da história da igreja se depara agora com o manifesto e terrível efeito do mundo na igreja. É uma visão muito triste, mas deveria ser uma lição proveitosa para o leitor cristão. O que era nesse período, continua agora, e deverá sempre ser. O Espírito Santo, que habita em nós, não é menos sensível hoje ao hálito poluído e destruidor do mundo do que era naquele tempo.

O que o inimigo não podia fazer por meio de éditos sangrentos e tiranos cruéis, **ele conseguiu por meio da amizade com o mundo**. **Este é um velho estratagema de Satanás.** A astuta serpente provou ser mais perigosa do que o leão que ruge. Por meio do favor de grandes homens, e especialmente de imperadores, ele fez com que o clero abaixasse a guarda, **conduziu-os a dar as mãos com o mundo**, e enganou-os por suas lisonjas. Os cristãos podiam agora erigir templos como os pagãos, e seus bispos eram recebidos na corte imperial em igualdade de condições com os sacerdotes idólatras. **Este ímpio relacionamento com o mundo** minou os próprios fundamentos do cristianismo deles. Isto se tornou dolorosamente manifesto quando a violenta tempestade da perseguição se sucedeu à longa calma de sua prosperidade mundana.

Em muitas partes do império, os cristãos tinham desfrutado de paz sem distúrbio por um período de trinta anos, o que não foi bom para a igreja como um todo. Muitos não possuíam a fé vinda de uma ardente convicção, tal como ocorria no primeiro e segundo séculos, mas uma fé vinda da verdade incutida na mente pela educação cristã – o que prevalece hoje em escala alarmante. Uma perseguição irrompendo com grande violência, após tantos anos de tranquilidade, não podia deixar de relevar um processo de refinamento para as igrejas. A atmosfera do cristianismo tinha se corrompido. Cipriano, no Ocidente, e Orígenes, no Oriente, falam do espírito secular que tinha penetrado – do orgulho, luxo e cobiça do clero – nas vidas descuidadas e ímpias das pessoas.

"Se", diz **Cipriano**, bispo de Cartago, "a causa da doença é compreendida, a cura da parte afetada logo é encontrada. O Senhor provaria o Seu povo; e por causa do regime divinamente prescrito de vida ter sido perturbado na longa

temporada de paz, um julgamento divino foi enviado para restabelecer nossa fé caída e, como poderia praticamente dizer, adormecida. Nossos pecados merecem coisa pior, mas nosso gracioso Senhor assim ordenou que tudo isso que ocorreu parece mais uma prova do que uma perseguição. Esquecendo-se do que os crentes faziam nos tempos dos apóstolos, e o que eles deveriam sempre continuar fazendo, **os cristãos têm trabalhado com o desejo insaciável de aumentar suas posses terrenas**. Muitos dos bispos que, por preceito e exemplo, deveriam ter guiado os outros, negligenciaram seu chamado divino para se envolver no gerenciamento de preocupações mundanas." Sendo esta a condição das coisas em muitas das igrejas, não é difícil imaginar o que aconteceu.

O imperador ordenou que uma rigorosa busca fosse feita por todos os suspeitos de se recusarem ao cumprimento para com o culto nacional. Os cristãos foram obrigados a se conformarem às cerimônias da religião pagã. Em caso de se negarem, ameaças, e depois torturas, eram empregadas para forçar a submissão. Se continuassem firmes, a punição de morte deveria ser infringida especialmente nos bispos, a quem Décio odiava mais amargamente. O costume era, onde quer que o terrível édito fosse seguido até a execução, a escolha de um dia no qual todos os cristãos do local deveriam se apresentar perante o magistrado, renunciar a sua religião, e oferecer incenso no altar do ídolo. Muitos, antes do terrível dia chegar, fugiam para o exílio voluntário. Os bens destes eram confiscados e eles mesmos eram proibidos de retornar, sob pena de morte. Aqueles que continuaram firmes, após repetidas torturas, foram lançados na prisão, quando foram empregados os sofrimentos adicionais da fome e da sede, tentando fazê-los mudar de ideia. Muitos que eram menos firmes e fiéis eram libertados sem sacrificar, comprando eles mesmo, ou permitindo que seus amigos comprassem, um certificado dos magistrados. Mas esta indigna prática foi condenada pela igreja como uma renúncia tácita.

Dionísio, bispo de Alexandria, ao descrever o efeito desse terrível decreto, diz "que muitos cidadãos de reputação consentiam com o édito. Alguns eram impelidos por seus medos, e alguns eram forçados por seus amigos. Muitos ficavam pálidos e trêmulos, que não estavam prontos nem a se submeterem à cerimônia idólatra, nem para resistirem até a morte. Outros suportavam suas torturas até certo ponto, mas finalmente cediam." **Tais foram alguns dos dolorosos e vergonhosos efeitos do relaxamento geral resultante do envolvimento com o presente século mau.** É desconfortável para nós, que vivemos em um tempo de grande liberdade civil e religiosa, dizermos coisas duras sobre a fraqueza daqueles que viviam em tais tempos sanguinários. Em vez disso, **deve-**

mos sentir a vergonha por nós mesmos, e orar para que possamos ser guardados de ceder às atrações do mundo em todas as suas formas. Mas nem tudo era defeito, graças ao Senhor. Vamos olhar por um momento para o lado bom das coisas.

O Poder da Fé e Devoção Cristã

O mesmo Dionísio nos conta que muitos se tornaram pilares do Senhor, que por meio dEle eram fortalecidos, e se tornaram maravilhosas testemunhas de Sua graça. Dentre esses ele menciona um garoto de quinze anos, de nome Dióscuro, que respondeu de maneira muito sábia a todos os questionamentos, e demonstrou tal constância sob tortura que conquistou a admiração do próprio governador, que o liberou, na esperança de que ele pudesse reconhecer seu erro quando estivesse mais velho. Uma mulher, que tinha sido trazida ao altar por seu marido, foi forçada a oferecer incenso por alguém segurando sua mão; mas ela exclamou: *"Eu não fiz isso: foi você quem fez!"*, e assim foi condenada ao exílio. Em uma masmorra em Cartago os cristãos foram expostos ao calor, fome e sede, a fim de forçá-los a cumprir com o decreto; mas embora tivessem presenciado a morte por inanição diante de seus olhos, eles continuaram fiéis em sua confissão de fé em Cristo. E da prisão em Roma, onde certos confessores tinham sido confinados por cerca de um ano, a seguinte nobre confissão foi enviada a Cipriano: "Que destino mais glorioso e abençoado pode, pela graça de Deus dada ao homem, do que, em meio a torturas e ao próprio medo da morte, confessar a Deus, o Senhor; do que, com corpos dilacerados e um espírito partindo mas livre, confessar a Cristo, o Filho de Deus; do que se tornar participante do sofrimento de Cristo, em nome de Cristo? Se ainda não derramamos nosso sangue, estamos prontos para derramá-lo. Ore então, amado Cipriano, para que o Senhor possa diariamente confirmar e fortalecer a cada um de nós, mais e mais, com a força de Seu poder; e que Ele, como o melhor dos líderes, finalmente conduza Seus soldados, a quem Ele tem disciplinado e provado no campo perigoso, até o campo de batalha que está diante de nós, armados com aquelas armas divinas que nunca podem ser vencidas."

Dentre as vítimas dessa terrível perseguição estavam Fabiano, bispo de Roma, Babilas da Antioquia, e Alexandre de Jerusalém. Cipriano, Orígenes, Gregório, Dionísio, e outros homens eminentes, foram expostos a cruéis torturas e exílio, mas escaparam com vida. O ódio do imperador foi particularmente direcio-

nado contra os bispos. Mas pela misericórdia do Senhor o reino de Décio foi curto, ele foi morto em batalha contra os godos, por volta do fim do ano 251.[2]

O Martírio de Cipriano sob o Reinado de Valeriano

Como o nome de Cipriano deve ser familiar para todos os nossos leitores e um nome muito famoso relacionado ao governo e disciplina na igreja, pode ser interessante observar particularmente a coragem serena deste "pai" apostólico na perspectiva do martírio.

Ele nasceu em Cartago por volta do ano 200, mas não foi convertido até por volta do ano 246. Embora em idade madura, ele possuía o vigor e ardor da juventude. Ele tinha sido um distinto mestre e retórico, e agora ele era um distinto cristão devoto e fervoroso. Ele foi logo promovido aos ofícios de diácono e presbítero, e em 248 foi eleito bispo pela vontade geral do povo. Seus trabalhos foram interrompidos pela perseguição sob Décio, mas sua vida foi preservada até o ano de 258. Na manhã do dia 13 de setembro, um oficial com soldados foi enviado pelo procônsul para que o trouxessem a sua presença. Cipriano então sabia que seu fim estava próximo. Com uma mente pronta e um semblante alegre ele foi sem demora. Seu julgamento foi adiado por um dia. A notícia de sua apreensão agitou toda a cidade. Seus conhecidos ficaram a noite toda em frente ao lugar onde se encontrava preso.

De manhã ele foi levado ao palácio do procônsul cercado por uma grande multidão de pessoas e uma forte guarda de soldados. Após um pequeno atraso, o procônsul apareceu. *"És tu Tácio Cipriano, o bispo de tantos homens ímpios?"*, disse o procônsul. *"Eu sou"*, respondeu Cipriano. *"O sacratíssimo imperador te ordena que sacrifiques." "Eu não sacrifico"*, ele respondeu. *"Consideres bem"*, replicou o procônsul. *"Execute as tuas ordens"*, respondeu Cipriano, *"o caso não admite qualquer reconsideração."*

O governador consultou seu conselho, e então proferiu a sentença: *"Tácio Cipriano, tens vivido por muito tempo em tua impiedade, e reuniste ao redor de ti muitos homens envolvidos na mesma conspiração perversa. Tu tens mostrado a ti mesmo como um inimigo dos deuses e das leis do império; os piedosos e sagrados imperadores têm em vão se esforçado para lembrar-te do culto de teus ancestrais. Desde então tens sido o principal autor e líder dessas práticas culpadas, que sejas então um exemplo*

[2]Veja Neander, vol. 1, p. 177; Mosheim, vol. 1, p. 217; Milner, vol. 1, p. 332

para aqueles que tiveste iludido em tuas assembleias ilegais. Tu deves expiar teu crime com teu sangue." ***"Deus seja louvado!"*, respondeu Cipriano, e a multidão de irmãos exclamou: *"Que sejamos também martirizados com ele."*.** O bispo foi levado até um campo vizinho e decapitado. Foi marcante o fato de que alguns dias depois o procônsul morreu. E o imperador Valeriano, no ano seguinte, foi derrotado e levado como prisioneiro pelos persas, que o trataram com grande e desdenhosa crueldade – uma calamidade e desgraça sem precedentes nos anais de Roma.

A morte miserável de muitos dos perseguidores causou grande impressão na mente pública, e forçou em muitos a convicção de que os inimigos do cristianismo eram os inimigos do céu. Por cerca de quarenta anos após este ultraje, a paz e prosperidade da igreja não foi seriamente interrompida, de modo que podemos deixar de lado esses anos para chegarmos à disputa final entre paganismo e cristianismo.

O Estado Geral do Cristianismo

Antes de empreendermos um breve relato da perseguição sob Diocleciano, pode ser interessante rever a história e condição da igreja enquanto a luta final se aproximava. Mas, de modo a formar um julgamento correto do progresso e estado do cristianismo ao final de trezentos anos, devemos considerar o poder dos inimigos com quem tinha de contender.

1. Judaísmo. Vimos durante algum tempo, e especialmente na vida do apóstolo Paulo, que o judaísmo foi o primeiro grande inimigo do cristianismo. Teve de lutar, desde sua infância, com os fortes preconceitos dos judeus crentes, e com a amarga malícia dos incrédulos. Em sua região nativa, e onde quer que viajasse, o cristianismo foi perseguido por esse inimigo implacável. **E após a morte dos apóstolos, a igreja sofreu muito ao ceder à pressão judaica, levando finalmente a remodelar o cristianismo de acordo com o sistema do judaísmo. O vinho novo foi posto em odres velhos.**

2. Orientalismo. Próximo ao fim do primeiro século e do início do segundo século, o cristianismo teve de abrir caminho entre os muitos e conflitantes elementos da filosofia oriental. Seu primeiro conflito foi com Simão Mago, como registrado em Atos dos Apóstolos. Embora fosse samaritano de nascença, supõe-se que ele tenha estudado as várias religiões do Oriente em Alexandria.

Ao retornar ao seu país de origem, **ele avançou em pretensões muito altas em direção a um conhecimento e poder superior**, fazendo pasmar o povo de Samaria, anunciando que ele próprio era alguém grande, a quem todos, desde o menor até o maior, davam ouvidos, dizendo: *"Este é a grande virtude de Deus"*. A partir desta observação sobre Simão podemos aprender **que influência tais homens tinham sobre as mentes dos ignorantes e supersticiosos**, e também que poder terrível de Satanás a igreja tinha que enfrentar. Ele assumiu não somente o elevado título de *"grande virtude de Deus"*, **como também se vangloriava de possuir outras perfeições da Divindade**. Os escritores geralmente se referem a ele como a cabeça e pai de toda a hoste de impostores e hereges.

Após ter sido tão aberta e vergonhosamente derrotado por Pedro, dizem que Simão Mago deixou Samaria e viajou por vários países, escolhendo especialmente aqueles nos quais o evangelho ainda não tinha chegado. Desde essa época **ele introduziu o nome de Cristo em seu sistema, e assim se esforçou em confundir o evangelho com suas blasfêmias**, confundindo a mente do povo. Quanto aos seus milagres e mágicas, suas maravilhosas teorias sobre ter ele mesmo descido do céu, e outras emanações, não temos nada a dizer, além de que provam ter sido, especialmente no Oriente, um obstáculo poderoso para o progresso do evangelho.

Os sucessores de Simão, tais como Cerinto e Valentino, sistematizaram de tal modo suas teorias que tornaram-se os fundadores de uma forma de gnosticismo que a igreja teve que enfrentar no segundo século. **O nome "gnosticismo" envolve a ideia de ambições por um conhecimento superior.** Costuma-se pensar que Paulo se refere a este significado da palavra ao alertar seu filho Timóteo contra a ***"falsamente chamada ciência"*** (1 Timóteo 6:20)

Embora esteja fora do escopo deste livro tentar qualquer coisa como um esboço desse tão difundido orientalismo ou gnosticismo, ainda assim devemos dar aos nossos leitores alguma ideia do que era. Isto se provou por um tempo como o mais formidável oponente do cristianismo. Mas à medida que os fatos e doutrinas do evangelho prevaleciam, o gnosticismo declinava.

Sob a cabeça dos gnósticos podem ser incluídos todos aqueles nos primeiros séculos da igreja que **incorporaram em seus sistemas filosóficos as doutrinas mais óbvias e convenientes, tanto do judaísmo quanto do cristianismo.** Assim o gnosticismo se tornou uma mistura de filosofia oriental, judaísmo e cristianismo. Por meio desta confusão satânica, a bela simplicidade do evangelho foi destruída e, por um longo tempo, em muitos lugares, seu verdadeiro caráter

foi obscurecido. Foi um plano bem pensado e um poderoso esforço do inimigo, não apenas para corromper, mas também para minar e subverter todo o evangelho. Logo que o cristianismo apareceu os gnósticos começaram a adotar em seus sistemas algumas de suas mais sublimes doutrinas. O judaísmo já era profundamente modificado com isto antes da era cristã, provavelmente desde o cativeiro.

Mas o gnosticismo, devemos lembrar, não era uma corrupção do cristianismo, embora toda a escola de gnósticos seja chamada de herege pelos escritores eclesiásticos. Quanto à sua origem, o gnosticismo remonta desde a muitas religiões do Oriente, tais como a dos caldeus, dos persas, dos egípcios, dentre outras. Até mesmo em nossos dias tais filósofos seriam vistos como infiéis e estranhos ao evangelho de Cristo; mas nos primeiros tempos, o título de herege foi dado a todos os que, de qualquer maneira, introduziam o nome de Cristo em seus sistemas filosóficos. Por isso foi dito: *"Se Maomé tivesse aparecido no segundo século, Justino Mártir ou Irineu teriam chamado ele de herege."* Ao mesmo tempo, devemos reconhecer que os princípios da filosofia grega, especialmente o platônico, forçaram seu caminho, bem no começo, para dentro da igreja, corrompendo a corrente pura da verdade, e ameaçando, por um tempo, mudar o desígnio e o efeito do evangelho sobre a humanidade.

Orígenes, que nasceu em Alexandria – o berço do gnosticismo – por volta do ano de 185, foi o pai apostólico que deu forma e completude ao método alexandrino de interpretar as Escrituras. Ele distinguia nelas um tríplice sentido – o literal, o moral, e o místico – correspondendo, respectivamente, ao corpo, alma e espírito do homem. O sentido literal, defendia ele, podia ser entendido por qualquer leitor atento; o moral requeria uma inteligência mais elevada; e o místico só poderia ser aprendido por meio da graça do Espírito Santo, que devia ser obtida por oração.

O grande objetivo desse eminente mestre era harmonizar o cristianismo com a filosofia, e este foi o fermento da escola de Alexandria. Ele buscava juntar os fragmentos da verdade espalhados pelos outros sistemas, e uni-los em um esquema cristão, de modo a apresentar o evangelho em uma forma que não ofendesse os preconceitos, e que assegurasse a conversão de judeus, gnósticos e pagãos. Esses princípios de interpretação, e **essa combinação do cristianismo com a filosofia, levou Orígenes e seus seguidores a muitos erros graves e sérios, tanto práticos quanto doutrinais.** Ele mesmo era um cristão devoto, sincero e zeloso, e verdadeiramente amava o Senhor Jesus, mas a tendência de seus

princípios nada mais fizeram, desde aqueles dias até hoje, além de enfraquecer a fé no caráter definitivo da verdade, se não também **pervertendo-a toda por meio da espiritualização e alegorização**, o que seu sistema ensinava e permitia.

A **malignidade da matéria** era um dos princípios fundamentais em todos as seitas dos gnósticos, e prevalecia em todos os sistemas religiosos do Oriente. Isto levou às mais loucas teorias quanto à formação e caráter do universo material e todas as substâncias corpóreas. Isto levou muitas pessoas a acreditarem que seus corpos eram intrinsecamente maus, recomendando-se a abstinência e severas mortificações corporais para que a mente, ou o espírito, que era visto como puro e divino, pudesse desfrutar maior liberdade, e ser capaz de contemplar melhor as coisas celestiais. Sem nos alongarmos sobre o assunto – o qual não apreciamos – o leitor poderá observar que **o celibato do clero, em anos posteriores, e todo o sistema do asceticismo e monasticismo, tiveram sua origem, não nas Escrituras, mas na filosofia oriental**.[3]

3. Paganismo. A igreja não apenas tinha que enfrentar o judaísmo e o orientalismo, como também sofria com a hostilidade do paganismo. Estes eram os três formidáveis poderes de Satanás com os quais ele perturbou a igreja durante os três primeiros séculos de sua história. Na realização de sua alta comissão dada pelo Senhor – *"Fazei discípulos de todas as nações"*... *"Pregai o evangelho a toda criatura"* – ela tinha esses inimigos para enfrentar e superar. Mas estes não poderiam impedir seu curso, **se ela tivesse simplesmente andado em separação do mundo e permanecido verdadeira e fiel ao seu celestial e exaltado Salvador.** Mas infelizmente, o que o judaísmo, o orientalismo e o paganismo não podiam fazer, as seduções do mundo conseguiram. E isto nos leva a olhar bem de perto para a condição da igreja quando a grande perseguição começou.

Um Exame da Condição da Igreja (ano 303 d.C.)

Diocleciano ascendeu ao trono em 284. Em 286, ele se associou a Maximiano, como Augusto, e em 292 Galério e Constâncio foram adicionados ao número de príncipes com o título inferior de César. Assim, quando começou o quarto século, o império romano tinha quatro soberanos. Dois levavam o título de Augusto; e dois, o título de César. Diocleciano, embora supersticioso, não nutria

[3]Para maiores detalhes sobre as diferentes seitas, veja o *Dicionário das Igrejas Cristãs e Seitas*, de Marsden. Robertson, volume 1; Neander, volume 2; Milman, volume 2; Mosheim, volume 1.

nenhum ódio contra os cristãos. Constâncio, o pai de Constantino, o Grande, era amigável a eles. No início, os assuntos cristãos pareciam ser vistos de forma razoavelmente brilhante e feliz, mas os sacerdotes pagãos estavam raivosos, e conspiravam contra os cristãos. Eles viam sua ruína nos triunfos da grande disseminação do cristianismo. Por plenos cinquenta anos a igreja tinha sido muito pouco incomodada pelo poder secular. Durante esse período os cristãos tinham atingido um grau de prosperidade sem precedentes; mas **era algo apenas exterior: eles tinham declinado profundamente da pureza e simplicidade do evangelho de Cristo.**

Igrejas tinham surgido na maioria das cidades do império, e com uma certa demonstração de esplendor arquitetural. Vestimentas e utensílios sagrados de prata e ouro começaram a ser usados. Convertidos eram reunidos de todas as classes da sociedade; até mesmo a esposa do Imperador e sua filha Valéria, casada com Galério, aparentemente estiveram entre esses convertidos. Os cristãos ocupavam altos cargos no estado e na casa imperial. Eles ocupavam posições de distinção, e até de suprema autoridade, nas províncias e no exército. Mas, infelizmente, esse longo período de prosperidade exterior tinha produzido suas usuais consequências. A fé e o amor decaíram; o orgulho e ambição aumentaram. **A dominação sacerdotal começou a exercer seus poderes usurpados, e o bispo a assumir a linguagem e a autoridade de vigário de Deus**. Invejas e dissensões distraíam as comunidades pacíficas, e disputas às vezes prosseguiam até a violência aberta. **A paz dos cinquenta anos tinha corrompido toda a atmosfera cristã**: o relâmpago da ira de Diocleciano foi permitido por Deus para refiná-la e purificá-la.

Tal é a confissão melancólica dos próprios cristãos que, de acordo com o espírito dos tempos, analisavam os perigos e as aflições aos quais eram expostos sob a luz dos julgamentos divinos.[4]

Os Atos de Diocleciano e o Fim do Período de Esmirna

Até aqui a igreja já havia passado por nove perseguições sistemáticas. A primeira foi sob Nero, depois sob Domiciano Trajano, Marco Aurélio, Severo, Maximino, Décio, Valeriano e Aureliano. E agora chegara o temível momento,

[4]Milman, vol. 2. 261.

quando ela enfrentaria a **décima** perseguição, de acordo com a palavra profética do Senhor: *"E tereis uma tribulação de dez dia"* (Apocalipse 2:10). E não é pouco notável que, não apenas houve exatamente dez perseguições do governo, como também que a última tenha durado exatamente dez anos. E, como vimos na parte inicial do período de Esmirna, exatamente dez anos passaram desde o início da perseguição sob Aurélio, no Oriente, até seu fim no Ocidente. O estudante cristão pode traçar outras características semelhantes: preferimos sugerir tais características do que forçar sua aceitação, embora acreditemos que elas tenham sido prefiguradas na epístola à Esmirna.

O reinado de **Diocleciano** é de grande importância histórica. Primeiro, porque se distinguiu pela introdução de um novo sistema de governo imperial. Ele virtualmente transferiu a capital da antiga Roma para a Nicomédia, na qual estabeleceu sua sede e residência. Lá ele manteve uma corte de esplendor oriental, para a qual ele convidada homens de erudição e filosofia. **Mas o filósofos que frequentavam sua corte, todos nutrindo extremo ódio contra o cristianismo**, usaram de sua influência com o imperador para exterminar **uma religião pura demais para atender às suas mentes poluídas**. Isto levou à última e maior perseguição aos cristãos. E é esta última que nos interessa. E como todas as histórias sobre este período são recolhidas principalmente dos registros de Eusébio e Lactâncio, que escreveu nessa época e testemunhou muitas execuções, podemos fazer pouco mais do que selecionar e transcrever a partir do que já está escrito, consultando os vários autores já mencionados.

Os sacerdotes pagãos e filósofos acima mencionados, não tendo sido bem-sucedidos em seus artifícios com Diocleciano a fim de criar uma guerra contra os cristãos, fizeram uso do outro imperador, **Galério**, seu genro, para cumprir seus propósitos. Este homem cruel, impelido em parte por sua própria inclinação, em parte por sua mãe, uma pagã muito supersticiosa, e em parte pelos sacerdotes, não deu sossego ao seu sogro enquanto não o convenceu.

Durante o inverno do ano 302–303, Galério fez uma visita a Diocleciano na Nicomédia. Seu grande objetivo era excitar o velho imperador contra os cristãos. Diocleciano, por um tempo, resistiu à sua importunação. Ele era avesso, por algum motivo, às medidas sanguinárias propostas por seu parceiro. Mas a mãe de Galério, uma inimiga implacável dos cristãos, empregou toda a sua influência sobre seu filho para inflamar sua mente com hostilidades imediatas e ativas. Diocleciano, com o tempo, cedeu. Antes disso, Galério tinha tomado o cuidado de remover do exército todos os que se recusavam a sacrificar aos

ídolos. Alguns foram dispensados, e outros foram sentenciados à morte.

O Primeiro Decreto

Por volta do dia 24 de fevereiro de 303, o primeiro decreto foi emitido. Ele ordenava que todos os que se recusassem a sacrificar aos ídolos deveriam perder seus cargos, suas propriedades, sua classe, e os privilégios civis; que os escravos que persistissem em professar o evangelho fossem excluídos da esperança da liberdade, que todos os cristãos de todas as classes deviam ser destruídos, que as reuniões religiosas deviam ser suprimidas, e que as Escrituras deviam ser queimadas. **A tentativa de exterminar as Escrituras foi uma característica nova nessa perseguição e, sem dúvida, foi sugerida pelos filósofos que frequentavam o palácio**. Eles estavam bem conscientes de que seus próprios escritos teriam pouca influência sobre a opinião pública se as Escrituras e outros livros sagrados estivessem em circulação. Imediatamente após essas medidas terem sido tomadas a igreja de Nicomédia foi atacada, os livros sagrados foram queimados, e os edifícios inteiramente demolidos em poucas horas. Por todo o império as "igrejas" dos cristãos deveriam ser derrubadas até o pó, e os livros sagrados deviam ser entregues aos oficiais do império. Muitos cristãos que recusaram entregar as Escrituras foram condenados à morte, enquanto aqueles que as entregaram para serem queimadas foram considerados pela igreja como traidores de Cristo, e mais tarde houve grandes problemas no exercício da disciplina para com tais pessoas.[5]

Mal este cruel decreto tinha sido afixado no local costumeiro e um cristão de classe nobre o rasgou. Sua indignação com a injustiça o levou de modo tão flagrante a um ato de zelo imprudente – **a uma violação daquele preceito do evangelho que ordena o respeito para com todos em posição de autoridade**. Foi uma ocasião adequada para sentenciar um cristão de classe alta à morte. Ele foi queimado vivo em fogo baixo, e suportou seus sofrimentos com uma serenidade tão digna que surpreendeu e humilhou seus carrascos. A perseguição tinha agora começado. O primeiro passo contra os cristãos tinha sido tomado, e o segundo não demorou.

[5]Pode ser do interesse do leitor saber que nenhum dos manuscritos do Novo Testamento existentes datam de antes da metade do quarto século. Um fato responsável por isso, em grande medida, é a destruição dos escritos cristãos, especialmente as Escrituras, no reinado de Diocleciano durante a primeira parte daquele século. Sob Constantino sabe-se que esforços especiais foram empreendidos para criar cópias fidedignas, das quais o famoso crítico Tischendorf acredita que os manuscritos do Sinai sejam uma.

Não muito tempo após a publicação do decreto houve um incêndio no palácio de Nicomédia que se espalhou quase até a câmara do imperador. A origem do fogo parece ser desconhecida, mas obviamente a culpa foi jogada sobre os cristãos. Diocleciano acreditou nisto. Ele ficou alarmado e indignado. Multidões foram lançadas na prisão, sem discriminação daqueles que eram ou não suspeitos, e as mais cruéis torturas foram empregadas para que houvesse uma confissão; mas foi em vão. Muitos foram queimados até a morte, decapitados e afogados. Cerca de quatorze dias depois, um segundo incêndio irrompeu no palácio. Tinha se tornado então evidente que era obra de um incendiário. Os pagãos novamente acusaram os cristãos, e em alta voz clamaram por vingança, mas como não havia provas que pudessem ser encontradas de que os cristãos tivessem algo a ver com esses incêndios fatais, uma forte e, cremos, verdadeira suspeita, repousava sobre o próprio imperador Galério. Seu grande objetivo desde o início era incriminar os cristãos e alarmar Diocleciano por meio de suas próprias medidas violentas. Estando plenamente consciente da consequência desses eventos na mente sombria, tímida e supersticiosa do velho imperador, ele imediatamente deixou Nicomédia, alegando que não se considerava seguro na cidade.

Mas o objetivo foi alcançado, superando a extensão que até mesmo Galério e sua mãe pagã podiam ter desejado. Diocleciano, agora completamente incitado, irou-se ferozmente contra toda sorte de homens e mulheres que levavam o nome de cristão. Ele obrigou sua esposa Prisca e sua filha Valéria a oferecer sacrifício. Oficiais do palácio, da mais alta classe e nobreza, e todos os habitantes do palácio, foram expostos às mais cruéis torturas, pela ordem, e até mesmo na presença, do próprio Diocleciano. Os nomes de alguns de seus ministros de estado foram proferidos por preferirem as riquezas de Cristo à grandeza de seu palácio. Um dos eunucos foi trazido perante o imperador e foi torturado com grande severidade por rejeitar o sacrifício aos ídolos. Procurando fazer dele um exemplo para os outros, uma mistura de sal e vinagre foi derramada em suas feridas abertas, mas foi tudo em vão. Ele confessou sua fé em Cristo como seu único Salvador, e que não possuía nenhum outro Deus. Ele foi então gradualmente queimado até a morte. Doroteus, Gorgônio e Andrea, eunucos que serviam no palácio, também foram condenados à morte. Antimo, o bispo de Nicomédia, foi decapitado. Muitos foram executados, muitos foram queimado vivos, mas se tornou tedioso destruir homens individualmente, e então grandes fogueiras eram acesas para queimar muitos de uma só vez, e outros foram levados para o meio de um lado e lançados à água com pedras presas em seus

pescoços.

A partir da **Nicomédia**, o centro da perseguição, as ordens imperiais foram despachadas, requerendo a cooperação dos outros imperadores na restauração da dignidade da religião antiga, e a completa supressão do cristianismo. Assim a perseguição se ergueu por todo o mundo romano, com exceção da Gália. Ali governava o brando Constâncio, e, embora ele tenha demonstrado concordância com as medidas de seus colegas, pela demolição das "igrejas", ele se absteve de toda violência contra as pessoas cristãs. Embora ele próprio não fosse um cristão decidido, ele era naturalmente humano, e evidentemente amigável ao cristianismo e aos que o professavam. Ele presidia sobre o governo da Gália, Grã-Bretanha e Espanha. Mas o temperamento feroz de Maximiano e a crueldade selvagem de Galério apenas aguardavam o sinal para levar em efeito as ordens vindas da Nicomédia. E agora os três monstros se erguiam, na plena força do poder civil contra os seguidores indefesos e inocentes do manso e humilde Jesus, o Príncipe da Paz.

"A graça que começou terminará em glória;

Jesus, dEle é a vitória

Em Sua própria triunfante história

Está o registro da nossa própria história."

O Segundo Decreto

Não muito tempo depois que o primeiro decreto tinha sido levado à execução por todo o império, rumores de revoltas na Armênia e Síria, regiões densamente populadas por cristãos, chegaram aos ouvidos do imperador. Essas confusões foram falsamente atribuídas aos cristãos, e proporcionaram um pretexto para um segundo decreto. Insinuava-se que o clero, como líderes dos cristãos, eram particularmente suspeitos nessa ocasião, e o decreto determinou que todos os que eram da ordem clerical fossem lançados na prisão. Assim, em um curto período de tempo, as prisões estavam cheias de bispos, presbíteros e diáconos.

O Terceiro Decreto

Um terceiro decreto foi imediatamente emitido proibindo a liberação de qualquer pessoa do clero, a menos que consentissem em oferecer sacrifício aos ídolos. Eles foram declarados inimigos do Estado, e onde houvesse um prefeito hostil que escolhesse exercer sua autoridade sem limites, eles eram todos levados em prisões destinadas apenas aos mais vis criminosos. O decreto estabelecia que aqueles dentre os prisioneiros que estivessem dispostos a oferecer sacrifício aos deuses deviam ser libertados, e que o restante devia ser compelido por torturas e punições. Grandes multidões da mais devota piedade, e veneráveis na igreja, ou foram executados ou foram enviados às minas. O imperador pensou, em vão, que se os bispos e mestres fossem subjugados, as igrejas logo seguiriam o exemplo deles. Mas percebendo que o resultado de suas medidas foi a mais humilhante derrota, ele foi instigado, pela influência unida de Galério, dos filósofos e dos sacerdotes pagãos, a emitir um outro e ainda mais rigoroso decreto.

O Quarto Decreto

Por um quarto decreto as ordens que se aplicavam apenas ao clero foram então estendidas a todo o corpo de cristãos. Os magistrados foram instruídos a usar livremente da tortura para forçar todos os cristãos – homens, mulheres e crianças – à adoração aos deuses. Diocleciano e todos os seus colegas estavam agora comprometidos com essa batalha desesperada e desigual. Os poderes das trevas – todo o Império Romano – puseram-se em pé, armados, determinados, comprometidos com a defesa do antigo politeísmo e com **o completo extermínio do nome cristão**. Recuar seria o mesmo que confessar fraqueza, e para saírem bem-sucedidos o adversário devia ser exterminado; mas não podia haver vitória, pois os cristãos não ofereciam resistência. Historicamente, este foi o confronto final e temível entre o paganismo e o cristianismo; a batalha estava agora em seu auge, e chegando a uma crise.

Uma proclamação pública foi feita através das ruas das cidades, de que homens, mulheres e crianças deviam todos ajudar a reparar os templos dos deuses. Todos deviam ser submetidos à prova de fogo: sacrificar ou morrer. Cada indivíduo foi convocado pelo nome a partir de listas previamente criadas. Às portas das cidades todos eram submetidos a um exame rígido, e aqueles que

descobria-se serem cristãos eram imediatamente presos.

Detalhes sobre os sofrimentos e martírios que se seguiram encheriam volumes. À medida que os decretos se seguiam em rápida sucessão e irada severidade, o espírito do martírio revivia, e fortalecia-se mais e mais, até que homens e mulheres, em vez de serem presos e arrastados à fogueiras, lançavam-se nas chamas ardentes, como se subissem ao céu em carruagens de fogo. Famílias inteiras foram submetidas a vários tipos de morte, algumas pelo fogo, outros pela água, após suportarem severas torturas, alguns pereciam de fome, outros por crucificação, e alguns foram presos de cabeça para baixo e deixados vivos, para que morressem uma morte lenta. Em alguns lugares dez, vinte, sessenta e até cem homens e mulheres, com seus pequeninos, foram martirizados por meio de vários tormentos em um único dia.[6]

Em quase todas as partes do mundo romano tais cenas de barbárie impiedosa continuaram com mais ou menos severidade pelo longo período de dez anos. Apenas Constâncio, dentre todos os imperadores, inventou meios de proteger os cristãos no Ocidente, especialmente na Gália, onde residia. Mas em todos os outros lugares eles foram entregues a toda a sorte de crueldades e injúrias, sem o direito de poder apelar às autoridades, e sem a mínima proteção do Estado. Foi dada livre licença à população pagã para praticarem toda sorte de excessos contra os cristãos. Sob tais circunstâncias o leitor pode facilmente imaginar ao que eles eram constantemente expostos, tanto em suas vidas quanto em suas propriedades. Os ímpios se sentiam seguros de jamais serem chamados a responder por qualquer violência contra os cristãos pelas quais fossem culpados. Mas os sofrimentos dos homens, embora grandes, pareciam poucos comparados aos das mulheres. O medo da exposição e violência era mais temida do que a mera morte.

Vamos tomar um exemplo. **"Certa mulher santa e devota"**, diz Eusébio, "admirável por sua virtude, e ilustre, acima de tudo, na Antioquia por sua riqueza, família e reputação, tinha educado suas duas filhas – então na flor da idade e conhecidas por sua beleza – nos princípios da piedade. O esconderijo onde estavam foi descoberto, e elas foram capturadas nas malhas da soldadesca. A mãe, preocupada por si mesma e por suas filhas, e sabendo o que estava para lhes acontecer, sugeriu que era melhor morrerem, entregando-se nas mãos de Cristo, do que caírem nas mãos dos brutais soldados. Depois disso, todas con-

[6]Para conhecer os nomes e detalhes sobre muitos desses sofredores, veja Milner, vol. 1, pp. 473–506.

cordando com a mesma coisa, e tendo pedido aos guardas um pouco de tempo, se lançaram no rio para escaparem de um mal maior". Embora tal ato não possa ser plenamente justificado, deve ser julgado com muitas considerações. Elas foram levadas pelo desespero. E temos certeza de que o Senhor sabe como perdoar tudo o que é errado em nossas ações, e nos dar total crédito por tudo o que é correto em nossos motivos.

Por um momento, os perseguidores em vão imaginaram que iriam triunfar sobre a queda do cristianismo. Pilares foram erguidos e medalhas foram cunhadas para a honra de Diocleciano e Galério, por terem extinguido a superstição cristã e por restaurarem a adoração aos deuses. Mas aquEle que está assentado no céu estava no mesmo momento anulando a própria ira desses homens para a completa libertação e triunfo de Seu povo, e para a reconhecida derrota e queda de seus inimigos. **Eles podiam martirizar cristãos, demolir "igrejas" e queimar livros; mas as fontes vivas do cristianismo estavam além de seu alcance.**

A Mão Julgadora do Senhor

Grandes e importantes mudanças começaram a acontecer na soberania do império. **Mas a Cabeça da igreja vigiava sobre tudo.** Ele tinha limitado e definido o período de seu sofrimento, e nem as hostes do inferno, nem as legiões de Roma, poderiam estendê-lo em uma hora sequer. Os inimigos dos cristãos foram feridos com as mais terríveis calamidades. Parecia que Deus estava requerendo o sangue derramado. Galério, o verdadeiro autor da perseguição, no décimo oitavo ano de seu reinado e no oitavo da perseguição, expirou de uma enfermidade repugnante. Como Herodes Antipas e Filipe II da Espanha, ele foi *"comido de bichos"*. Médicos foram procurados, oráculos foram consultados, mas tudo em vão; os remédio aplicados apenas agravaram a virulência da doença. O palácio inteiro estava tão infectado pela natureza de sua aflição que ele foi abandonado por todos os seus amigos. As agonias que ele sofreu o forçaram a clamar por misericórdia, e também por um sincero pedido para que os cristãos intercedessem pelos sofrimentos do imperador em suas súplicas ao seu Deus.

De seu leito de morte ele emitiu um decreto que, ao mesmo tempo que condescendia pedindo desculpas pelas severidades passadas contra os cristãos, sob o argumentos falacioso de respeito pelo bem-estar público e unidade do estado, também admitia plenamente a total falha das severas medidas para a supressão do cristianismo, e estabelecia a liberdade e exercício público da religião cristã.

Alguns dias após a promulgação do decreto, Galério expirou. Por cerca de seis meses as misericordiosas ordens desse decreto foram seguidas, e um grande número foi libertado das prisões e das minas; mas infelizmente, trazendo as marcas de torturas corporais à beira da morte. Esta breve cessação da perseguição mostrou, ao mesmo tempo, seu temível caráter e alarmante extensão.

Mas **Maximino**, que sucedeu Galério no governo da Ásia, buscou reviver a religião pagã em todo o seu esplendor original e suprimir o cristianismo com renovada e implacável crueldade. Ele comandou que todos os oficiais de seu governo, desde os mais altos até os mais baixos, tanto do serviço civil quanto do militar, que todos os homens e mulheres, todos os escravos, e até mesmo as crianças, deveriam sacrificar e até mesmo participar do que era oferecido nos altares pagãos. Todos os legumes e provisões no mercado deveriam ser aspergidos com a água e o vinho utilizados nos sacrifícios, para que os cristãos fossem assim forçados ao contato com as ofertas idólatras.

Novas torturas foram inventadas, e torrentes frescas de sangue cristão fluíram em todas as províncias do Império Romano, com a exceção da Gália. Mas a mão do Senhor foi novamente posta pesadamente tanto sobre o império quanto sobre o imperador. Todo tipo de calamidade prevaleceu. Opressão, guerra, pestilência e fome despovoaram as províncias asiáticas. Ao longo dos domínios de Maximino, as chuvas de verão não caíram; uma fome desolou todo o Oriente, muitas famílias opulentas foram reduzidas à mendicância, e outras venderam seus filhos como escravos. A fome foi acompanhada de suas usuais pestilências. Pústulas surgiram sobre todo o corpo daqueles atingidos pela enfermidade, mas especialmente sobre os olhos, de modo que multidões se tornaram cegas impotentes e incuráveis. Todos desanimavam, e todos os que conseguiam fugiam das casas infectadas, de modo que miríades foram deixadas a perecer em um estado de abandono absoluto. **Os cristãos, movidos pelo amor de Deus em seus corações, começaram a exercer os bondosos ofícios da humanidade e misericórdia**. Eles cuidavam dos vivos, e decentemente enterravam os mortos. O medo caiu sobre todos. Os pagãos concluíram que suas calamidades eram uma vingança do céu por perseguirem seu povo favorecido.

Maximino ficou alarmado, e esforçou-se, tarde demais, para refazer os seus passos. Ele emitiu um decreto admitindo os princípios de tolerância, e comandando a suspensão de qualquer medida violenta contra os cristãos, recomendando apenas meios suaves e persuasivos para reconquistar esses apóstatas da religião de seus antepassados. Tendo sido derrotado na batalha contra Licínio,

ele voltou sua ira contra os sacerdotes pagãos. Ele os acusou de o terem enganado com falsas esperanças de vitória sobre Licínio, e do império universal no Oriente, e então vingou seu desapontamento por meio de um promíscuo massacre de todos os sacerdotes pagãos ao seu alcance. Seu último ato imperial foi uma promulgação de outro decreto ainda mais favorável aos cristãos, no qual ele proclamava liberdade irrestrita de consciência e restaurava as propriedades confiscadas de suas igrejas. Mas a morte veio e encerrou o sombrio catálogo de seus crimes, e também a sombria linha de imperadores perseguidores que morreram pelos mais excruciantes tormentos sob a divina mão do julgamento divino. **Muitos nomes de grande fama, tanto por posição quanto por caráter, estão entre os mártires desse período, e muitos milhares, desconhecidos e despercebidos na terra, mas cujo registro está nas alturas, e cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro.**

Assim encerra-se o mais memorável de todos os ataques dos poderes das trevas contra a igreja cristã, e assim encerra-se a última esperança do paganismo em manter-se pela autoridade do governo. O relato da mais violenta, mais variada, mais prolongada e mais sistemática tentativa de exterminar o evangelho já conhecida bem merece o espaço que a destinamos, de modo que não nos desculpamos por sua extensão neste texto. **Vimos o braço do Senhor erguido de modo gracioso e solene para castigar e purificar Sua igreja, para demonstrar a imperecível verdade do cristianismo, e para cobrir com eterna vergonha e confusão seus audazes mas impotentes inimigos.** Como Moisés, podemos exclamar: ***"E eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. E Moisés disse: Agora me virarei para lá, e verei esta grande visão, porque a sarça não se queima. E vendo o Senhor que se virava para ver, bradou Deus a ele do meio da sarça"*** (Êxodo 3:2–4). Assim vemos o porquê da sarça não se queimar, ou o porquê de Israel não ter sido consumido no Egito , ou **o porquê da igreja neste mundo não ter sido exterminada: Deus estava no meio da sarça, Ele está no meio de Sua igreja – ela é a habitação de Deus pelo Espírito.** Além disso, Cristo disse claramente, referindo-se a Ele mesmo em Seu exaltado poder e glória: ***"Sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela"*** (Mateus 16:18).

Capítulo 10

O Período de Pérgamo (313 – 606 d.C.)

Constantino

O reinado de **Constantino, o Grande**, marca uma época muito importante na história da igreja. Tanto seu pai Constâncio quanto sua mãe Helena tinham inclinação à religiosidade e sempre foram favoráveis aos cristãos. Alguns anos da juventude de Constantino foram gastos na corte de Diocleciano e Galério na condição de refém. Ele testemunhou a publicação do decreto de perseguição na **Nicomédia, em 303**, e os horrores que se seguiram. Tendo conseguido fugir, ele seu uniu a seu pai na Grã-Bretanha. Em 306, Constâncio morreu na cidade de York. Ele tinha nomeado, como seu sucessor, seu filho Constantino, que foi, desse modo, saudado como **Augusto** pelo exército. Ele continuou e estendeu a tolerância que seu pai tinha outorgado aos cristãos.

Havia agora **seis aspirantes** à soberania do império – Galério, Licínio, Maximiano, Maxêncio, Maximino e Constantino. Seguiu-se uma cena de discórdia sem paralelo nos anais de Roma. Dentre esses rivais, Constantino possuía uma superioridade decidida no que diz respeito à prudência e capacidade, tanto militar quanto política. No ano 312, Constantino entrou em Roma vitorioso. Em 313, um novo decreto foi emitido, pelos quais os decreto de perseguição de Diocleciano foram revogados, os cristãos encorajados, seus mestres honrados, e os professantes do cristianismo avançaram a posições de confiança e influência no Estado. Esta grande mudança na história da igreja nos introduz ao período de Pérgamo (313 – 606 d.C.).

O Período de Pérgamo (313 – 606 d.C.)

Cremos que a epístola à igreja em Pérgamo descreve exatamente o estado das coisas na época de Constantino. Mas citaremos a carta inteira para a conveniência de nossos leitores, e então faremos a comparação: *"E ao anjo da igreja que está em Pérgamo escreve: Isto diz aquele que tem a espada aguda de dois fios: Conheço as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás; e reténs o meu nome, e não negaste a minha fé, ainda nos dias de* ***Antipas****, minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita. Mas algumas poucas coisas tenho contra ti, porque tens lá os que seguem* ***a doutrina de Balaão****, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, para que comessem dos sacrifícios da idolatria, e fornicassem. Assim tens também os que seguem* ***a doutrina dos nicolaítas****, o que eu odeio. Arrepende-te, pois, quando não em breve virei a ti, e contra eles batalharei com a espada da minha boca. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer darei eu a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe."* (Apocalipse 2:12–17)

Em Éfeso vemos o primeiro passo da apostasia, ao deixarem seu *"primeiro amor"* – o coração escapando de Cristo e do desfrutar de Seu amor. Em **Esmirna** o Senhor permitiu que os santos fossem lançados na fornalha para que e o progresso do declínio estacionasse. Eles foram perseguidos pelos pagãos. Por meio dessas provas o cristianismo reviveu, o ouro foi purificado, os santos mantinham firmes o nome e fé de Cristo. Assim Satanás foi derrotado, e o Senhor determinou que os imperadores, um após o outro, nas mais humilhantes e mortificantes circunstâncias, publicamente confessassem sua derrota. **Mas em Pérgamo o inimigo muda sua estratégia. Em vez da perseguição a partir de fora, agora vemos a sedução vinda de dentro.** Sob Diocleciano ele é **o leão que ruge**, e sob Constantino ele é **a serpente enganadora**. **Pérgamo é o cenário do poder lisonjeiro de Satanás: ele está dentro da igreja**[1]. **O nicolaísmo** é a corrupção da graça – **a carne agindo na igreja de Deus**. Em Esmirna ele está do lado de fora como um adversário, em Pérgamo ele está do lado de dentro como um sedutor. Foi exatamente isto que aconteceu sob o reinado de Constantino.

Historicamente, foi quando a violência da perseguição tinha passado – quando os homens tinham se cansado de sua própria raiva, e quando eles viram que seus esforços nada mais faziam além de tornar os sofredores menos preocupa-

[1] N. do T.: no sentido de profissão cristã

dos com as coisas do mundo e mais devotos ao cristianismo – enquanto até mesmo a quantidade de cristãos parecia aumentar – foi então que Satanás tenta um outro velho artifício, um que já tinha sido tão bem sucedido contra Israel (Números 25). Quando ele não pôde obter a permissão do Senhor para amaldiçoar Seu povo Israel, ele os seduziu até sua ruína por meio de alianças ilícitas com as filhas de Moabe. Como um falso profeta, ele estava agora na igreja de Pérgamo, **seduzindo os santos a uma aliança ilícita com o mundo – o lugar de seu trono e autoridade**. O mundo para de perseguir, e grandes vantagens são concedidas aos cristãos pelo estabelecimento civil do cristianismo. Constantino professava ser convertido, e atribui seus triunfos às virtudes da cruz. Infelizmente, a armadilha é bem-sucedida, a igreja é lisonjeada por seu patrocinador, **aperta as mãos com o mundo, e afunda até sua posição, *"que é onde está o trono de Satanás"***. Tudo estava agora perdido quanto ao seu testemunho corporativo adequado, e assim **o caminho até o papado se escancarou**. Todas as vantagens mundanas foram sem dúvida adquiridas, mas, infelizmente, foi à custa da honra e glória de seu celestial Senhor e Salvador.

A igreja, devemos lembrar, é um chamado para fora (Atos 15:14) – chamados, para fora, dentre os judeus e gentios, para testemunhar que ela não é deste mundo, mas do céu – **que ela está unida a um Cristo glorificado, e não é deste mundo, assim como Ele não é deste mundo**. Assim Ele mesmo diz: ***"Não são do mundo, como eu do mundo não sou. Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo."*** (João 17:16–18)

A missão dos cristãos é do mesmo princípio e do mesmo caráter da missão de Cristo. ***"Assim como o Pai me enviou"***, Ele diz, ***"também eu vos envio a vós."*** (João 20:21). Eles foram enviados, por assim dizer, do céu para o mundo pelo bendito Senhor, **para fazer Sua vontade, para cuidar por Sua glória**, e para voltar para o lar quando o trabalho terminasse. Assim **o cristão deveria ser a testemunha celestial da verdade de Deus**, especialmente das verdades referentes à total ruína do homem, e sobre o amor de Deus em Cristo para um mundo a perecer; e, portanto, deveria buscar recolher almas para fora do mundo, para que sejam salvas da ira vindoura. **Mas quando perdemos de vista nosso elevado chamado e nos associamos com o mundo como se pertencêssemos a ele, nos tornamos falsas testemunhas**; causamos ao mundo uma grande lesão, e a Cristo uma grande desonra. Isto, como podemos verificar, foi o que a igreja fez quanto à sua posição e ação corporativa. Sem dúvidas, houve muitos casos de fidelidade individual em meio ao declínio generalizado. O Próprio Senhor fala

do Seu fiel **Antipas**, que foi martirizado. **O céu toma especial nota da fidelidade individual, e se lembra do fiel pelo nome.**

Mas o olho e o coração do Senhor tinha seguido Sua pobre e infiel igreja até onde ela tinha caído. ***"Conheço as tuas obras"***, diz Ele, ***"e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás"***. Que palavras solenes são estas, vindas dos lábios de seu desonrado Senhor! Nada era oculto a Seus olhos. "Eu sei", Ele diz, "eu tenho visto o que aconteceu". Mas o que, infelizmente, tinha agora acontecido? Por que a igreja, como um corpo, tinha aceitado os termos do imperador, e estava agora **unida ao Estado**, indo habitar no mundo? Isto era a Babilônia, espiritualmente – **cometer fornicação com os reis da terra**. Mas aquEle que anda no meio dos castiçais de ouro julga suas ações e sua condição. ***"E ao anjo da igreja que está em Pérgamo escreve: Isto diz aquele que tem a espada aguda de dois fios"***. Ele toma o lugar de alguém armado com uma espada divina – **o penetrante e incisivo poder da palavra de Deus**. A espada é o símbolo do poder pelo qual as questões são resolvidas; seja ela a espada carnal das nações ou ***"a espada do Espírito, que é a palavra de Deus"*** (Efésios 6:17).

Muitas vezes se ouve falar que sempre há uma conexão marcante e instrutiva entre o modo como Cristo Se apresenta, e o estado da igreja a qual Ele está se dirigindo. Isto é muito verdadeiro na carta em questão. **A Palavra de Deus evidentemente tinha perdido seu lugar de direito na assembleia de Seus santos**; ela não era mais a autoridade suprema nas coisas divinas. Mas o Senhor Jesus tem o cuidado de mostrar que ela não tinha perdido seu poder, ou lugar, ou autoridade em Suas mãos. ***"Arrepende-te, pois, quando não em breve virei a ti, e contra eles batalharei com a espada da minha boca"***. Observe que ele não diz "batalharei contra vocês", mas "contra eles". Ao exercer disciplina na igreja, o Senhor age com discriminação e com misericórdia. **A posição pública da igreja era agora uma posição falsa. Havia associação aberta com o príncipe deste mundo, no lugar de fidelidade a Cristo, o Príncipe dos céus.** Mas aquele que tivesse um ouvido para ouvir o que o Espírito disse à igreja tinha uma secreta comunhão com aquEle que sustenta a alma fiel com o maná escondido. ***"Ao que vencer darei eu a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe"***. A deserção geral, sem dúvida, isolaria os poucos fiéis – um remanescente. A eles a promessa é dada.

O maná, como aprendemos em João 6, representa o Próprio Cristo, como aquEle que desceu do céu para dar vida a nossas almas. ***"Eu sou o pão vivo***

que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre" (João 6:51). Como aquEle que tomou o lugar de humilhação neste mundo, **Ele é nossa provisão para o andar diário através do deserto**. O maná devia ser colhido diariamente, fresco, das gotas de orvalho todas as manhãs. O "maná escondido" refere-se ao **pote de ouro de maná** que foi colocado na arca como um memorial diante do Senhor. É a bendita recordação de Cristo, que foi o Homem humilhado e sofredor neste mundo, e que é o eterno deleite de Deus e dos fiéis no céu. Não só a comunhão de verdadeiro coração dos santos com Cristo exaltado nas alturas, **mas com Ele como aquele Jesus que uma vez foi humilhado** aqui embaixo. **Mas isso não pode ser se estivermos ouvindo as lisonjas e aceitando os favores do mundo.** Nossa única força contra o espírito do mundo é andar com o Cristo rejeitado, e alimentarmo-nos dEle como nossa porção, mesmo agora. Nosso alto privilégio é comer, não apenas do maná, mas do "maná escondido". Mas quem pode falar da bem-aventurança de tal comunhão, ou **da perda daqueles que deixam seus corações escaparem de Cristo para se estabelecerem no mundanismo?**

A ***"pedra branca"*** é uma marca secreta do favor especial do Senhor. Como a promessa é dada na carta a Pérgamo, isto pode significar a expressão da aprovação de Cristo quanto à maneira com que os ***"vencedores"*** testemunharam e sofreram por Ele, quando tantos foram levados pelas seduções de Satanás. Isto dá a ideia geral de uma promessa secreta de completa aprovação. Mas é difícil explicar. O coração pode entrar em sua bem-aventurança e ainda assim sentir-se incapaz de descrevê-la. Felizes aqueles que assim a conhecem em si mesmos. Há alegrias que são comuns a todos, mas há uma alegria, uma alegria especial, que será nossa própria alegria peculiar em Cristo, que durará para sempre. Isto será verdade para todos. *"**E na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe**"*. Que fonte indescritível de calmo repouso, doce paz, verdadeiro contentamento, e força divina, encontramos na "pedra branca", **e no "novo nome", escrito por Suas próprias mãos**. Outros podem nos interpretar mal, **muitos podem pensar que estamos errados, mas Ele sabe tudo, e o coração pode aquietar-se**, seja o que for que estiver acontecendo em nossas vidas. Ao mesmo tempo, **devemos julgar tudo, inclusive nós próprios, pela Palavra de Deus – a espada afiada de dois gumes.**

"Lá, no pão escondido

De Cristo – uma vez aqui humilhado –

Guardado por Deus – para sempre alimentar

Minh'alma, por seu amor, se animará.

Chamado por aquele nome secreto

De deleite não revelado

Bendita resposta ao opróbrio e vergonha -

Gravada na pedra branca."

(tradução livre da poesia constante da edição original em inglês)

Tendo assim brevemente estudado a epístola a Pérgamo, seremos mais capazes de entender a mente do Senhor quanto à conduta dos cristãos sob o reinado de Constantino. **A igreja professa e o mundo juntaram as mãos**, e estavam agora se divertindo juntos. Como o mundo não poderia se erguer ao elevado nível da igreja, **ela caiu ao baixo nível do mundo**. Foi exatamente isto que aconteceu. No entanto, a forma justa do cristianismo foi mantida, e não há dúvidas de que havia muitos que mantiveram firmes a fé e o nome de Jesus. Retornemos agora à conversão e história de Constantino, o Grande.

A Conversão de Constantino (ano 312 d.C.)

O grande evento na história religiosa de Constantino aconteceu em 312. Ele estava marchando da França para a Itália contra **Maxêncio**. A aproximação da batalha foi um momento de extrema importância. Ou seria sua ruína, ou ele se ergueria ao pináculo do poder. Ele estava imerso em um profundo pensamento. Sabia-se que Maxêncio esteve fazendo grandes preparações para a luta, aumentando seu exército e escrupulosamente participando de todas as costumeiras cerimônias do paganismo. Ele consultou com diligência os oráculos pagãos, e confiou seu sucesso à ação dos poderes sobrenaturais.

Constantino, embora fosse um sábio e virtuoso pagão, ainda assim era um pagão. Ele sabia com o que iria batalhar, e enquanto considerava a que deus ele devia se dirigir para obter proteção e sucesso, ele pensou nos modos de seu pai, **o imperador do Ocidente**. Ele se lembrou de que ele tinha orado ao Deus dos cristãos e sempre foi próspero, enquanto os imperadores que perseguiam os cristãos foram visitados com justiça divina. Ele decidiu, então, deixar de lado o serviço dos ídolos, e pedir a ajuda do verdadeiro Deus nos céus. Ele orou para que Deus se tornasse conhecido a ele, e para que o fizesse vitorioso sobre Maxêncio, apesar de todas as artes mágicas e rituais supersticiosos.

Enquanto envolvido em tais pensamentos, Constantino imaginou ter visto, logo após o meio-dia, uma aparição extraordinária nos céus: o sinal de uma cruz brilhante e sobre ela a inscrição: **"Por este símbolo vencerás"**. O imperador e todo o exército, que foi testemunha desse maravilhoso sinal, ficaram tomados pelo pavor. Mas enquanto o imperador meditava seriamente sobre o que a visão poderia significar, a noite veio, e ele caiu no sono. Ele sonhou que o Salvador lhe tinha aparecido, segurando nas mãos o mesmo sinal que ele tinha visto nos céus, e o instruiu a fazer uma bandeira com o mesmo padrão, e usá-la como estandarte na guerra, lhe assegurando que enquanto ele o fizesse, seria vitorioso. Constantino, ao acordar, descreveu o que lhe foi mostrado enquanto dormia, e resolveu adotar o sinal da cruz como seu lábaro imperial.

O Estandarte da Cruz

De acordo com **Eusébio**, os artífices em ouro e pedras preciosas foram imediatamente chamados, e receberam as ordens dos lábios de Constantino. Eusébio tinha visto o estandarte e fornece um longo relato sobre isso. Como um enorme interesse é lançado sobre essa relíquia da antiguidade por todos os escritores eclesiásticos, daremos ao leitor uma breve, porém minuciosa, descrição dele.

A haste, ou suporte perpendicular, era longa e banhada a ouro. Em seu topo havia uma coroa, composta de ouro e pedras preciosas, com a gravação do símbolo sagrado da cruz e as primeiras letras do nome do Salvador, ou a letra grega X sobreposta à letra P (XPISTOS em grego). Logo sob esta coroa estava a figura do imperador em ouro, e embaixo um crucifico de madeira, no qual pendia uma bandeira quadrada de tecido púrpura, bordada e coberta com pedras preciosas. Isso foi chamado de **Lábaro**. Esse resplandecente estandarte era carregado à frente dos exércitos imperiais e guardado por cinquenta homens escolhidos, supostamente invulneráveis devido ao caráter deles.

Constantino também mandou chamar mestres cristãos, a quem ele questionou sobre o Deus que lhe apareceu, e a importância do símbolo da cruz. Isto deu-lhes a oportunidade de direcionar sua mente para a Palavra de Deus e de instruí-lo no conhecimento de Jesus e de Sua morte na cruz. A partir de então o imperador se declarava a si mesmo um convertido ao cristianismo. A confiança e expectativas supersticiosas de Constantino e de seu exército estavam agora elevadas ao máximo. A batalha decisiva aconteceu na **ponte Mílvia**. Constantino conquistou uma notável vitória sobre seu inimigo, embora suas tropas não

chegassem a um quarto do número das tropas de Maxêncio.

O Decreto de Constantino e Licínio (313 d.C.)

O vitorioso imperador fez uma rápida visita a Roma. Dentre outras coisas que ele fez ali, ele ordenou que fosse erguida, no fórum, uma estátua sua segurando em sua mão direita o estandarte em forma de uma cruz, com a seguinte inscrição: *"Por este sinal salutar, o verdadeiro símbolo de coragem, eu liberto tua cidade do jugo do tirano."* Maxêncio foi encontrado no rio Tibre na manhã após a batalha. O imperador evidentemente sentiu que estava em débito para com o Deus dos cristãos e para com o símbolo sagrado da cruz por suas vitórias. E isto, ousamos dizer, foi o ponto máximo de seu cristianismo naquele tempo. Como um homem, ele não tinha sentido necessidade de um Salvador, se é que alguma vez sentiu. Mas como guerreiro, ele abraçou a religião cristã com seriedade. Mais tarde, como um homem do Estado, ele reconheceu e valorizou o cristianismo, mas só Deus sabe se alguma vez, como um pecador perdido, ele aceitou o Salvador. É difícil para príncipes serem cristãos.

Constantino procede, então, em direção ao **Ilírico** para se encontrar com **Licínio**, com quem tinha formado uma aliança secreta antes de ir ao confronto contra Maxêncio. Os dois imperadores se encontraram em **Milão**, onde a aliança deles foi ratificada pelo casamento de Licínio com a filha de Constantino. Foi durante esse momento de paz que Constantino persuadiu Licínio para que consentisse em repelir os decretos de perseguição de Diocleciano, e a emissão de um novo decreto de completa tolerância. Tendo nisto concordado, um decreto público, assinados por ambos Constantino e Licínio, foi emitido em **Milão, em 313 d.C**., em favor dos cristãos, o que pode ser considerado como a maior garantia oficial da liberdade deles. Completa e ilimitada tolerância lhes foi concedida; suas "igrejas" e propriedades foram restauradas sem compensação; e, assim, exteriormente, o cristianismo florescia.

Mas a paz entre os imperadores, que parecia ter sido estabelecida sobre um fundamento firme, foi logo interrompida. Inveja, amor ao poder e a ambição pela soberania no império Romano não permitiriam que ficassem por muito tempo em paz. Uma guerra irrompeu no ano 314, mas Licínio foi derrotado com grandes perdas, tanto de homens quanto de território. Uma nova época de paz novamente começou, que durou cerca de nove ano. Uma nova guerra tornou-se inevitável, e mais uma vez assumiu a forma de embate religioso entre

os imperadores rivais. Licínio aderiu à causa dos sacerdotes pagãos e perseguiu os cristãos. Ele condenou à morte muitos dos bispos que ele sabia que eram muito especiais e favoritos na corte de seu rival. Ambos os partidos faziam agora preparativos para um confronto que deveria resolver definitivamente a questão. Licínio, antes de sair para a guerra, sacrificou aos deuses e os louvou em discurso público. Constantino, por outro lado, confiou no Deus cujo símbolo acompanhava seu exército. Os dois exércitos hostis se encontraram. A batalha foi feroz, obstinada e sanguinária. Licínio não era um adversário qualquer, mas o gênio dominante, a atividade e a coragem de Constantino prevaleceu. A vitória estava completa. Licínio sobreviveu a sua derrota por cerca de apenas um ano. Ele morreu, ou talvez tenha sido assassinado em privado, em 326. Constanino tinha agora alcançado o auge de sua ambição. Ele se tornou o único soberano do Império Romano, e continuou assim até sua morte em 337. Para uma descrição da carreira política e militar desse grande príncipe devemos indicar ao leitor a história civil; vamos agora brevemente tomar nota de sua carreira religiosa.

A História Religiosa de Constantino

Tudo o que sabemos sobre a religião de Constantino até o período de sua assim chamada "conversão" indica que ele era, exteriormente, se não zelosamente, um pagão. O próprio Eusébio admite que ele estava, nesta época, em dúvida sobre qual religião abraçaria. Política, superstição, hipocrisia e inspiração sobrenatural foram as influências decisivas, em menor ou maior grau, em sua futura história religiosa. Mas seria certamente injusto supor que sua profissão do cristianismo, e suas declarações públicas em seu favor, eram nada mais do que uma deliberada e intencional hipocrisia. Tanto seu caminho religioso quanto eclesiástico admitem uma explicação muito mais elevada e natural. Mas também não podemos acreditar que tenha havido algo de inspiração divina, seja em sua visão ao meio-dia ou em seu sonho à noite. Pode ter ocorrido alguma aparição incomum no sol ou nas nuvens, que a imaginação converteu em um sinal miraculoso da cruz; e a outra aparição pode ter sido fruto do exagero de um sonho em decorrência de seu estado de elevada ansiedade: mas toda essa história pode agora ser considerada uma fábula, cheia de bajulações ao grande imperador, e muito gratificante para seu grande admirador e panegirista, Eusébio. Não há como colocá-la entre os registros autênticos da História.

Política e superstição tiveram, sem dúvida, uma grande influência na mudança que se operou na mente de Constantino. Desde sua juventude ele tinha testemunhado a perseguição aos cristãos e deve ter observado uma vitalidade na religião deles que se erguia acima do poder de seus perseguidores, e sobrevivia diante da queda de todos os outros sistemas. Ele tinha visto um imperador após outro, que tinham sido inimigos públicos do cristianismo, morrerem a mais terrível morte. Apenas seu pai – dentre todos os imperadores – o protetor do cristianismo durante a longa perseguição, tinha descido a um túmulo honrado e pacífico. Fatos tão marcantes não poderiam falhar em influenciar a mente supersticiosa de Constantino. Além disso, ele pode ter apreciado com sagacidade política a influência moral do cristianismo, sua tendência a impor obediência pacífica ao governo civil, e a imensa adesão que obviamente havia na mente de quase metade de seu império.

Os motivos do imperador, no entanto, são fazem parte da nossa história, não necessitando nos ocupar por muito mais tempo. Porém, de modo a enxergarmos com mais clareza esse período tão importante e de grande reviravolta na história da igreja, pode ser interessante olhar para o estado da igreja em que Constantino a encontrou em 313, e como ele a deixou em 337.

A Condição na Qual Constantino Encontrou a Igreja

Até esse tempo a igreja tinha sido perfeitamente livre e independente do Estado. **Ela tinha uma constituição divina direta dos céus – e fora do mundo**. Ela trilhava seu caminho, não pelo patrocínio do Estado, mas por poder divino, contra qualquer influência hostil. Em vez de receber apoio do governo civil, ela tinha sido perseguida desde o início como um inimigo estrangeiro, como uma obstinada e pestilenta superstição. **Dez vezes** foi permitido ao diabo levantar contra ela todo o mundo romano, que dez vezes teve que confessar sua fraqueza e derrota. Se ela tivesse mantido em mente o dia de suas bodas e o amor daquEe que diz ***"Nunca ninguém odiou a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja"*** (Efésios 5:29), ela nunca teria aceitado a proteção de Constantino ao custo de sua fidelidade a Cristo. Mas a igreja como um todo **estava agora muito misturada com o mundo, e muito longe de seu primeiro amor.**

Já vimos que, desde os dias dos apóstolos, houve um crescente amor pelo mundo e por sua pompa exterior. Por causa desta tendência, tão natural a nós

todos, o Senhor permitiu, em amor, que Satanás a perseguisse. Mas a igreja, em vez de aceitar a prova como um castigo vindo da mão do Senhor, e desejando o mundanismo, se cansou de seu lugar e caminho de rejeição, e pensando que ainda assim poderia agradar e servir ao Senhor, passou a andar sob a luz do mundo. **Esta ilusão satânica** foi cumprida por Constantino, embora ele não soubesse o que estava fazendo. "Quaisquer que fossem os motivos de sua conversão", diz Milman, "Constantino, sem dúvida, adotou uma política prudente e criteriosa, ao garantir a aliança, em vez de continuar a luta, com um adversário que dividia a riqueza, o intelecto, se não também a propriedade e a população do império."

A União da Igreja com o Estado

No mês de março de 313, os proclamas da aliança profana entre a igreja e o Estado foram publicados em Milão. O celebrado decreto daquela data conferiu aos cristãos completa tolerância, e abriu o caminho para o estabelecimento legal do cristianismo e para sua ascensão sobre todas as outras religiões. Isto foi publicamente demonstrado no novo estandarte imperial - **o Lábaro**. Além das iniciais de Cristo[2] e do símbolo de Sua cruz, havia também uma imagem do imperador em ouro. Estes signos, ou motes, foram concebidos como objetos de adoração, tanto para os soldados pagãos quanto cristãos, e para animar-lhes o entusiasmo no dia da batalha. Assim, aquele que é chamado de grande imperador cristão **uniu publicamente o cristianismo e a idolatria**.

Mas se temos entendido a mente de Constantino corretamente, não podemos hesitar em dizer que, naquele tempo, ele era um pagão de coração, e um cristão apenas por motivos militares. Foi apenas como um soldado supersticioso que ele tinha abraçado o cristianismo. Naquele momento ele estava pronto para receber a assistência de qualquer divindade tutelar em suas lutas pelo império universal. Não podemos ver qualquer traço de cristianismo, muito menos qualquer traço de zelo de um novo convertido: mas podemos facilmente identificar **os traços da velha superstição do paganismo na roupagem nova de cristianismo**. Se não fosse por tais considerações, o Lábaro teria sido a exibição da mais ousada desonra ao bendito Senhor. Mas foi tudo feito em ignorância. Ele estava também ansioso em atender às mentes de seus soldados e súditos

[2]As letras normalmente empregadas para representar o nome do Salvador eram LH.S, que significa *Jesu Hominum Salvator* – Jesus, o Salvador dos homens.

pagãos, e dissipar-lhes os medos quanto à segurança de sua velha religião.

Os primeiros decretos de Constantino, embora favoráveis ao cristianismo em seus efeitos, foram dados em termos cautelosos de modo a não interferir nos direitos e liberdades do paganismo. Mas os cristãos gradualmente foram crescendo em seu favor, e seus atos de bondade e liberalidade falaram mais alto que os decretos. Ele não somente os restaurou quanto aos seus direitos civis e religiosos dos quais tinham sido privados, e as "igrejas" e propriedades que lhes tinham sido publicamente confiscadas na perseguição diocleciana; como também permitiu-lhes, por seus próprios presentes generosos, construir muitos novos lugares para suas assembleias. Ele demonstrou grande favor aos bispos e os tinha constantemente com ele no palácio, em suas viagens e em suas guerras. Ele também demonstrou seu grande respeito pelos cristãos ao entregar a educação de seu filho **Crispo** nas mãos do celebrado **cristão Lactâncio**. Mas com todo esse patrocínio real, **ele assumiu a supremacia sobre os assuntos da igreja**. Ele aparecia nos sínodos dos bispos sem seus guardas, se misturava em seus debates, e controlava a resolução das questões religiosas. **A partir desse tempo o termo "Católica" era aplicado invariavelmente, em todos os documentos oficiais, à igreja.**

Constantino como "Cabeça da Igreja" e Sumo Sacerdote dos Pagãos

Após a total derrota de Licínio, à qual já nos referimos, todo o mundo romano estava reunido sob o cetro de Constantino. Em sua proclamação emitida aos seus novos súditos no Oriente, ele declara a si mesmo como o instrumento de Deus para a disseminação da verdadeira fé, e que Deus tinha lhe dado a vitória sobre todos os poderes das trevas, de modo que sua própria adoração por seus próprios meios fosse universalmente estabelecida. *"Liberdade"*, diz ele, em uma carta a Eusébio, *"sendo mais uma vez restaurada e, pela providência do grande Deus e de meu próprio ministério, o dragão sendo expulso da ministração do Estado, eu confio que o poder divino tenha se tornado manifesto a todos, e que aqueles que, através do medo ou incredulidade tenham caído em muitos crimes, chegarão ao conhecimento do verdadeiro Deus, e à correta e verdadeira ordem em suas vidas."* Constantino tinha então tomado seu lugar mais abertamente a todo o mundo como a "cabeça da igreja"; mas ao mesmo tempo retinha o ofício de **Pontifex Maximus** – o sumo sacerdote do paganismo; a isto ele nunca renunciou, tendo morrido como "ca-

beça da igreja" e sumo sacerdote do paganismo.

Esta aliança profana, ou mistura profana da qual já falamos, e que é mencionada e lamentada na carta a Pérgamo, se encontra em todos os passos na história desse grande príncipe histórico. Mas tendo já visto algumas explicações sobre a carta, deixaremos que o próprio leitor compare a verdade e a história de forma piedosa. Que misericórdia termos tal guia ao estudarmos esse marcante período da história da igreja!

Dentre os primeiros atos do agora único imperador do mundo estava **a revogação de todos os decretos de Licínio contra os cristãos**. Ele libertou todos os prisioneiros das masmorras e das minas, ou da servil e humilhante ocupação a qual eles tivessem sido desdenhosamente condenados. Todos os que foram privados de seus postos no exército ou no serviço civil foram restaurados, e restituições foram feitas para as propriedades das quais tinham sido despojados. Ele emitiu um decreto endereçado a todos os seus súditos, aconselhando-lhes a abraçar o evangelho, mas não pressionando ninguém; ele desejava que fosse uma questão de convicção. Ele esforçou-se, no entanto, em torná-lo atraente concedendo lugares e honras a prosélitos das mais altas classes e doações aos pobres – uma atitude que, como reconhece Eusébio, produziu **uma grande quantidade de hipocrisia e conversão fingida**. Ele ordenou que "igrejas" fossem construídas em todos os lugares, e que tivessem o tamanho suficiente para acomodar toda a população. Ele proibiu a construção de estátuas aos deuses, e não permitia que sua própria estátua fosse colocada nos templos. Todos os sacrifícios oficiais foram proibidos, e de muitas formas ele se esforçou em elevar o cristianismo e suprimir o paganismo.

Os Efeitos do Favor Real

Chegamos agora à consideração do que tem sido o grande problema histórico dos homens de todos os credos, nações e paixões: a saber, quem causou maior dano à igreja e ao povo de Deus na terra: o Estado, que procura o avanço do cristianismo pelos modos mundanos ao seu comando, ou o poder terreno que se opõe pela violência? Devemos admitir que muito pode ser dito quanto à grande bênção da tolerância imparcial, e das grandes vantagens da supressão legal de todos os costumes perversos para a sociedade; mas o favor da corte sempre foi causa de ruína para a verdadeira prosperidade da igreja de Deus. É uma grande graça não ser molestado, mas é maior ainda a graça de não ser

patrocinado por príncipes. **O verdadeiro caráter dos cristãos é de estrangeiros e peregrinos neste mundo**. A posse de Cristo, e de Cristo no céu, mudou tudo para os cristãos na terra. Eles agora pertenciam ao céu, e agora eram estrangeiros na terra. Eles são os servos de Cristo no mundo, embora não sejam do mundo. **O céu é seu lar; aqui eles não têm cidade permanente.** O que a igreja deveria esperar de um mundo que crucificou o seu Senhor? Ou ainda, o que ela deveria aceitar deste mundo? Sua verdadeira porção aqui é o sofrimento e rejeição; como diz o apóstolo: ***"Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia; Somos reputados como ovelhas para o matadouro."*** O Senhor pode poupar Seu povo, mas se a prova deve vir, não devemos pensar que algo estranho nos tenha acontecido. ***"No mundo tereis aflições"*** (Romanos 8:36, João 16:33)

O Testemunho da História

Até mesmo pela história podemos provar que foi melhor para o cristianismo quando os cristãos estavam sofrendo na fogueira por Cristo do que quando foram festejados nos palácios dos reis e cobertos pelos favores reais. Para ilustrar nossa questão, daremos ao leitor uma página da história da grande perseguição sob Diocleciano, e uma dos mais brilhantes dias de Constantino. Citaremos ambos dos escritos de Milman, mais tarde conhecido como Decano de St. Paul, e que, portanto, não pode ser suspeito de injustiça para com o clero. Falaremos apenas dos fiéis. É bem sabido que nas últimas perseguições, quando as assembleias dos cristãos tinham aumentado bastante, muitos provaram a infidelidade no dia da prova, embora estes eram comparativamente poucos, e muitos deles mais tarde se arrependeram.

"**A perseguição** tinha já durado seis ou sete anos (309), mas em nenhuma parte do mundo o cristianismo demonstrava qualquer sinal de decadência. Estava tão profundamente enraizado nas mentes dos homens, amplamente promulgado e vigorosamente organizado para ser incapaz de suportar esse violento, porém inútil, choque. Se sua adoração pública era suspensa, os crentes se reuniam em secreto, ou cultivavam na inexpugnável privacidade do coração os inalienáveis direitos da consciência. Mas, é claro, a perseguição caiu com maior peso sobre os mais eminentes do corpo. Aqueles que resistiam à morte eram animados pela presença das multidões que, se não se atreviam a aplaudir, mal podiam esconder sua admiração. Mulheres se aglomeravam para beijar as bor-

das das vestes dos mártires, e suas cinzas espalhadas, ou os ossos insepultos, eram roubados pelo zelo devoto de seus rebanhos."

Sob o decreto emitido do leito de morte de Galério, a perseguição cessou, e aos cristãos foi permitido o livre e público exercício de sua religião. Este tempo de respirar durou apenas alguns meses. Mas que grandiosa a vista do que se seguiu, e que testemunho da verdade e do poder do cristianismo! O Decano continua dizendo:

"A cessação da perseguição acabou por mostrar sua extensão. As portas da prisão foram abertas, as minas devolveram seus trabalhadores condenados, em todo lugar fileiras de cristãos eram vistas se apressando até as ruínas de suas "igrejas" e visitando os lugares santificados por sua antiga devoção. As vias públicas, as ruas e os locais de mercado das cidades ficaram cheias de longas procissões cantando salmos de louvores por sua libertação. Aqueles que tinham mantido sua fé sob essas severas provas receberam as carinhosas congratulações de seus irmãos; aqueles que tinham falhado na hora da aflição se apressaram a confessar seu fracasso e a buscar por readmissão no então alegre rebanho."

Vamos agora nos voltar para o estado alterado das coisas sob Constantino, **cerca de vinte anos depois da morte de Galério**. Observe a grande mudança na posição do clero.

"Os bispos apareciam como participantes regulares da corte, e as dissensões internas do cristianismo se tornaram assuntos de Estado. O prelado governava, agora nem tanto por sua admitida superioridade na virtude cristã, mas pela inalienável autoridade de seu ofício. Ele abria ou fechava a porta da "igreja", que era equivalente a uma admissão ou exclusão da felicidade eterna. Ele pronunciava as sentenças de excomunhão, que lançava para fora o trêmulo delinquente no meio dos perdidos e moribundos pagãos. Ele tinha seu trono na parte mais distinta do templo cristão, e embora ainda atuasse na presença e em nome de seu colégio de presbíteros, ainda assim era reconhecido como a cabeça de uma grande comunidade, sobre cujo destino eterno ele mantinha um vago, mas não por isso menos imponente e terrível, domínio."[3]

Questões intelectuais e filosóficas tomaram o lugar da verdade do evangelho, e a mera religião exterior no lugar da fé, do amor, e da mente voltada para as coisas celestiais. Um Salvador crucificado, a verdadeira conversão, a

[3] *História do Cristianismo*, vol. 2, pp. 283–308. Neander, vol. 3, p. 41. *Vida de Constantino*, por Eusébio.

justificação somente pela fé, a separação do mundo, são assuntos nunca conhecidos por Constantino, e provavelmente nunca introduzidos em sua presença. "A conexão entre o mundo físico e moral tinha se tornado um tópico geral e, pela primeira vez, tinha se tornado uma verdade primária de uma religião popular, e naturalmente, não podia se isentar da mescla com as paixões populares. A humanidade, mesmo dentro da esfera do cristianismo, retornou à condição judia mais inflexível e, em seu espírito, assim como em sua linguagem, o Antigo Testamento começou a dominar sobre o evangelho de Cristo."

O Verdadeiro Caráter da Igreja Desaparece

Por mais agradável, para a mera natureza, que pudesse parecer a luz do favor imperial, ela foi a destruidora do verdadeiro caráter do cristão individual e da igreja como conjunto. **Tanto o testemunho de um Cristo rejeitado na terra quanto de um Cristo exaltado no céu foram esquecidos**. O mundo era batizado, em vez de somente os crentes como estando mortos e ressuscitados com Cristo – como tendo morrido em Sua morte, e ressuscitado em Sua ressurreição. A Palavra de Deus é clara: ***"Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos."*** (Colossenses 2:12). O batismo é aqui usado como um símbolo tanto da morte quanto da ressurreição. Mas a quem essa solene e sagrada ordenança era agora administrada? Novamente, repetimos: ao mundo romano. **A fé em Cristo, o perdão dos pecados e a aceitação no Amado não eram critérios para o batismo por parte do subserviente clero.**

Sendo a profissão do cristianismo vista então como o caminho seguro para a riqueza e honra, todos os níveis e classes da sociedade se candidataram ao batismo. **Nas festas da Páscoa e do Pentecostes**, milhares, todos vestidos com as vestes brancas do neófito[4], se aglomeravam ao redor de diferentes "igrejas", aguardando serem batizadas. O número de pessoas era tão grande, e toda a cena era tão marcante, que muitos pensaram que tais novos convertidos fossem a inumerável multidão mencionada no livro do Apocalipse, que estaria diante do Cordeiro trajada de vestes brancas. De acordo com alguns escritores, cerca de doze mil homens, além das mulheres e crianças, foram batizados em um só ano em Roma, e uma túnica branca, com vinte peças de ouro, foi prometida pelo

[4] N. do T.: neófito é o mesmo que "novo convertido". As vestes do neófito eram trajes brancos usados pelos novos convertidos na ocasião do batismo.

imperador para cada novo convertido das classes mais pobres. Sob tais circunstâncias, e por estes recursos mercenários, concretizou-se a queda do paganismo, e o cristianismo sentou no trono do mundo romano.

O Batismo e Morte de Constantino

O batismo de Constantino deu origem a quase tanta especulação quanto sua conversão. Apesar do grande zelo que ele demonstrava em favor do cristianismo, ele adiou seu batismo e, consequentemente, sua recepção na igreja, até a aproximação de sua morte. Muitos motivos, tanto políticos quanto pessoais, foram sugeridos por diferentes escritores como as razões do adiamento; mas tememos que o verdadeiro era pessoal. **A superstição já tinha, nessa época, ensinado os homens a conectarem o perdão dos pecados ao rito do batismo**. Sob esse terrível engano Constantino parece ter adiado seu batismo até que não pudesse mais desfrutar de suas honrarias imperiais e saciar suas paixões nos prazeres do mundo. É impossível conceber qualquer indulgência papal mais destrutiva para a alma, mais desonrosa para o cristianismo, e mais perigosa para toda a virtude moral. Era uma licença para que pessoas como Constantino perseguissem os grandes objetos de sua ambição por meio dos tenebrosos caminhos de sangue e crueldade, uma vez que colocava em suas mãos maneiras de conseguir um perdão fácil quando fosse conveniente. Mas, por outro lado, podemos pensar que tenha sido uma grande misericórdia do Senhor que alguém cuja vida privada e doméstica – assim como sua carreira pública – fosse tão manchada de sangue, não professasse publicamente o cristianismo ao receber o batismo e participar da ceia do Senhor.

Os bispos, a quem ele chamou ao palácio da **Nicomédia** em sua última doença, ouviram sua confissão, se deram por satisfeitos e o abençoaram. Eusébio, bispo da Nicomédia, o batizou! Ele agora professava, pela primeira vez, que se Deus poupasse sua vida ele se uniria à assembleia de Seu povo, e que, tendo usado as vestes brancas do neófito, ele jamais usaria novamente o púrpura do imperador. Mas essas decisões foram feitas tarde demais: ele morreu pouco tempo depois de seu batismo, no ano 337.[5]

Helena, a mãe do imperador, merece uma breve menção. Ele abraçou a religião professada por seu filho. Sua devoção, piedade e generosidade eram grandes. Ela viajou por vários lugares, visitando os lugares sagrados que tinham

[5] *Vida de Constantino*, de Eusébio, p. 147

sido cenários dos principais eventos da história das Escrituras, e ordenou que o templo de Vênus, que Adriano tinha construído no local do santo sepulcro, fosse demolido, e deu instruções para que uma "igreja", que deveria exceder todas as outras em esplendor, fosse construída no local. Ela morreu em 328 d.C.

Já vimos, infelizmente com tanta clareza, a verdade dolorosa das palavras do Senhor, de que a igreja estava habitando onde estava o trono de Satanás. Constantino a deixou lá. **Ele a encontrou aprisionada em minas, masmorras e catacumbas, e afastada da luz do céu, e a colocou no trono do mundo**. Mas o quadro ainda não está completo: devemos tomar nota de outras características na história, recorrendo à semelhança na epístola.

O reinado de Constantino foi marcado não apenas pela **igreja sendo retirada de seu lugar correto através dos enganos de Satanás**, mas também pelos amargos frutos dessa mudança degradante. **As sementes do erro, da corrupção e da dissensão se espalharam rapidamente**, e agora apareciam publicamente perante os tribunais do mundo, e em alguns casos diante do mundo pagão.

As Controvérsias do Donatismo e do Arianismo

Duas grandes controvérsias – o donatismo e o **arianismo** – tiveram seu início nesse reinado: o primeiro surgiu no Ocidente a partir de uma disputada nomeação à dignidade episcopal em Cartago; e o último, de origem oriental, envolvia os próprios fundamentos do cristianismo. O arianismo era uma questão de **doutrina**, e o donatismo de **prática**. Ambos estavam corrompidos em suas próprias fontes e essências, e podem ser representados pelo falso profeta e, especialmente, pelos nicolaítas. Vamos agora observar brevemente essas duas cismas, uma vez que lançam luz sobre a natureza e os resultados da união da igreja com o Estado. O imperador tomava parte nos conselhos dos bispos como "cabeça da igreja".

Na morte de **Mensúrio, bispo de Cartago**, um concílio de bispos das redondezas foi convocado para nomear seu sucessor. O concílio era pequeno – pois a organização estava por conta de Botrus e Celésio, dois presbíteros que aspiravam ao cargo – mas foi **Ceciliano**, um diácono que era muito amado pela congregação, que foi eleito bispo. Os dois desapontados presbíteros protestaram contra a eleição. Mensúrio morreu estando ausente de Cartago em uma viagem, mas antes de sair de casa ele tinha confiado alguns bens da igreja a al-

guns anciãos da congregação, e tinha deixado um inventário nas mãos de uma mulher piedosa. Este foi entregue a Ceciliano que, é claro, exigiu que os artigos dos anciãos fossem devolvidos, mas eles não estavam disposto a entregá-los, uma vez que supunham que ninguém jamais iria perguntar sobre eles após o velho bispo ter morrido. Assim eles se uniram ao partido de Botrus e Celésio, em oposição ao novo bispo. A cisma foi também apoiada pela influência de **Lucila**, uma senhora rica a quem Ceciliano tinha anteriormente ofendido por uma repreensão piedosa; e assim toda a província assumiu o direito de interferir no assunto.

Donato, bispo de Casa Nigra, colocou-se à frente da facção cartaginesa. **Segundo**, primaz de Numídia, por convocação de Donato, apareceu em Cartago liderando setenta bispos. Este auto-instituído concílio intimou Ceciliano a comparecer perante eles, alegando que ele não deveria ter sido consagrado exceto na presença deles e do primaz da Numídia; além disso, considerando que Ceciliano tinha sido um **traditor**[6] , não podia ser bispo, e assim o concílio declarou anulada sua eleição. Ceciliano se recusou a reconhecer a autoridade do concílio, mas eles prosseguiram em eleger **Majorino** para o cargo de bispo, que eles declararam vago pela excomunhão de Ceciliano. Infelizmente, para a reputação dos bispos, Majorino pertencia à família de Lucila que, para apoiar a eleição, doou grandes somas de dinheiro para garantir a eleição, que os bispos dividiram entre si. Uma cisma decidida estava agora formada, e muitas pessoas que estavam indiferentes a Ceciliano, depois disso, voltaram a ter comunhão com ele.

Alguns relatos dessas discórdias chegaram aos ouvidos de Constantino. Ele tinha acabado de se tornar o senhor do Ocidente, e tinha enviado uma grande soma de dinheiro para o alívio das igrejas africanas. Eles tinham sofrido muito durante as últimas perseguições. Mas, como os **donatistas** eram tidos como sectários, ou dissidentes da verdadeira igreja católica, ele ordenou que os presentes e privilégios conferidos aos cristãos pelos último decretos fossem limitados àqueles em comunhão com Ceciliano. Isto levou os donatistas a uma petição ao imperador, desejando que sua causa pudesse ser examinada pelos bispos da Gália, de quem supunham que a imparcialidade poderia ser esperada. Aqui, pela primeira vez, temos uma aplicação do poder civil para nomear uma Comissão de Juízes Eclesiásticos.

[6]"Um nome de infâmia dado àqueles que, para salvarem suas vidas durante a perseguição, tinham entregue as Escrituras ou bens da igreja aos perseguidores." Milner, vol. 1, p. 513

Constantino concordou: um concílio foi realizado e Roma, em 313, que consistiu de cerca de vinte bispos. A decisão foi a favor de Ceciliano, que logo a seguir propôs termos de reconciliação e reunião; mas os donatistas desprezaram qualquer compromisso. Eles suplicaram ao imperador por outra audiência declarando que um sínodo de vinte bispos era insuficiente para anular a sentença de setenta que tinham condenado Ceciliano. Por esta representação Constantino convocou outro concílio. O número de bispos presentes era muito grande, vindos da África, Itália, Sicília, Sardenha, e especialmente da Gália. Esta foi a maior assembleia eclesiástica que houve até então. Eles se reuniram em Arles, no ano de 314. Ceciliano foi novamente absolvido, e vários decretos canônicos foram estabelecidos com vista ao término das dissensões africanas.

Nesse meio-tempo Majorino morreu, e um segundo Donato foi apontado como seu sucessor. Ele foi apelidado pelos seus seguidores como "o Grande", a fim de distingui-lo do primeiro Donato. Ele é descrito como alguém erudito, eloquente, de grande capacidade, e que possuía a energia e o zelo ardente do temperamento africano. Os sectários, como eram chamados, assumiram então a alcunha de *os donatistas*, tomando o caráter, assim como o nome, de seu chefe.

Constantino como o Árbitro das Diferenças Eclesiásticas

Novamente os donatistas suplicaram ao imperador pela causa deles, e nessa ocasião para levar a questão inteiramente por suas próprias mãos, ao que ele concordou, embora ofendido pela obstinação deles. Ele ouviu o caso em Milão no ano 316, onde proferiu a sentença em concordância com os concílios de Roma e Arles. Ele também emitiu decretos contra eles, aos quais ele mais tarde repeliu ao ver as perigosas consequências das medidas violentas. Mas o donatismo logo se tornou uma cisma feroz, generalizada e intolerante na igreja. Já em 330 eles tinham crescido tanto que um sínodo foi realizado por 270 bispos, e em alguns períodos de sua história houve sínodos de cerca de 400 bispos. Eles provaram ser uma grande aflição para as províncias da África por mais de 300 anos – na verdade, até a época da **invasão maometana**.

Reflexões sobre a Primeira Grande Cisma na Igreja

Como esta foi a primeira cisma que dividiu a igreja, pensamos ser interessante nos ocuparmos com alguns detalhes. O leitor pode aprender algumas lições necessárias a partir dessa divisão memorável. Ela começou com um incidente tão insignificante em si que mal mereceria um lugar na história. Não havia qualquer questão de má doutrina ou de imoralidade, mas apenas uma eleição disputada para **a Sé de Cartago**. Um pouco de correção, um pouco de abnegação, um verdadeiro desejo pela paz, unidade e harmonia da igreja, e acima de tudo um cuidado adequado pela glória do Senhor, teriam prevenido centenas de anos de tristeza por dentro e desgraça por fora para a igreja de Deus. Mas ao orgulho, à avareza e à ambição – tristes frutos da carne – foi permitido que realizassem seu terrível trabalho. O leitor também pode ver, pelo lugar que o imperador tinha nos concílios da igreja, quão cedo sua posição e caráter foram totalmente alterados. Quão estranho deve ter parecido para Constantino que, imediatamente após ter adotado a cruz como seu estandarte, um apelo fosse feito ao seu próprio tribunal por uma decisão episcopal sobre assuntos eclesiásticos! Isto provou a condição do clero. Mas devemos notar as consequências que tal apelo envolve: se a parte contra quem a sentença do poder civil foi dada se recusasse a acatá-la, eles se tornariam transgressores da lei. E foi exatamente isso o que aconteceu.

Os donatistas foram, portanto, tratados como ofensores das leis imperiais; eles foram privados de suas "igrejas" e muitos deles sofreram banimento e confiscação. Até mesmo a pena de morte foi decretada contra eles, embora não pareça que essa lei tenha sido aplicada em qualquer caso durante o reinado de Constantino. Medidas poderosas, no entanto, foram utilizadas pelo Estado visando compelir os donatistas a se reunirem com os católicos. Mas, como é comum em tais casos, e como a experiência tem sempre demonstrado, a força que era usada para compeli-los apenas serviu para desenvolver o espírito selvagem da facção que já existia em sua semente. Despertados pela perseguição, estimulados pelo discursos de seus bispos e especialmente por Donato, que era a cabeça e alma de seu partido, eles incorreram em toda espécie de fanatismo e violência.

Constantino, ensinado pela experiência, por fim descobriu que, embora ele pudesse dar proteção à igreja, ele não podia dar-lhe paz. E assim ele emitiu um decreto concedendo aos donatistas total liberdade de agir de acordo com suas próprias convicções, declarando que isto era um assunto que pertencia ao

julgamento de Deus.[7]

A Controvérsia Ariana

Mal tinha a paz exterior da igreja sido assegurada pelo decreto de Milão e ela foi distraída por dissensões internas. Pouco após o rompimento da cisma donatista na província da África, a controvérsia ariana, que tinha sua origem no Oriente, se estendeu a todas as partes do mundo. Já falamos dessas raivosas contendas como o mais amargo fruto da união antibíblica da igreja com o Estado. Não que elas necessariamente surgiram a partir dessa união, mas pelo fato de Constantino ter se tornado o chefe declarado e ostensivo da igreja, e por ele presidir em suas assembleias solenes, questões de doutrina e prática produziam uma agitação por todo o corpo da igreja, e não apenas na igreja como também exerciam uma poderosa influência política sobre os assuntos do mundo. Sendo o império então cristão, ao menos em princípio, tais questões eram de interesse e importância mundial. A partir daí a controvérsia ariana foi a primeira que rasgou todo o corpo de cristãos, e dispôs em quase todas as partes do mundo os partidos hostis em implacável oposição.

Heresias de natureza semelhante à de Ário tinham aparecido na igreja antes de sua ligação com o Estado, mas sua influência raramente se estendia além da região e do período de seu nascimento. Após alguns debates ruidosos e palavras raivosas, a heresia caía em desonra, e era logo quase esquecida. Mas foi muito diferente com a controvérsia ariana. Constantino, que se sentava no trono do mundo e assumia ser a única cabeça da igreja, interpôs sua autoridade de modo a prescrever e definir os princípios precisos da religião que ele tinha estabelecido. **A Palavra de Deus, a vontade de Cristo, o lugar do Espírito, as relações celestiais da igreja, foram todas perdidas de vista – ou melhor, nunca tinham sido vistas pelo imperador.** Ele tinha provavelmente ouvido algo sobre as numerosas opiniões pelas quais os cristãos se dividiam; mas ele viu, ao mesmo tempo, que eles eram uma comunidade que tinha continuado a avançar em vigor e magnitude; que eles eram realmente unidos em meio às heresias, e fortes sob a mão de ferro da opressão. Mas ele não podia ver, nem podia entender, que então, apesar de seu fracasso, ela estava olhando para o Senhor e inclinando-se apenas nEle neste mundo. Qualquer outra mão estava contra ela e era guiada pelo trabalho e pelo poder do inimigo. Mas, declaradamente, **ela**

[7] Neander, vol. 3, p. 244; Robertson, vol. 1, p. 175; Milman, vol. 2, p. 364.

estava prosseguindo através do deserto, encostada em seu Amado, e nenhuma arma forjada contra ela podia prosperar.

O imperador, sendo completamente ignorante das relações celestiais da igreja, pode ter pensado que, como ele podia dar-lhe completa proteção da opressão externa, ele podia também, pela sua presença e poder, dar-lhe paz e descanso das dissensões internas. Mas ele mal sabia que, não obstante estas estarem muito além de seu alcance, a própria segurança, facilidade mundana e indulgência que ele tão generosamente concedia ao clero eram os principais meios que fomentavam discórdias e inflamavam as paixões dos disputantes. E assim aconteceu que ele era continuamente atacado pelas reclamações e acusações mútuas de seus novos amigos.

O Início do Arianismo

O arianismo foi o crescimento natural das opiniões gnósticas, e Alexandria, o viveiro das questões metafísicas e distinções sutis, seu local de nascimento. Paulo de Samósata e Sabélio da Líbia, no terceiro século, ensinavam falsas doutrinas similares à de Ário no quarto século. As seitas gnósticas em suas diferentes variedades, e a maniqueísta, que era a religião persa com uma mistura de cristianismo, podem ser consideradas religiões rivais, mas como facções cristãs, no entanto, todas elas fizeram sua obra má entre os cristãos quanto à doutrina da Trindade. Quase todas essas heresias, como são comumente chamadas, tinham caído sob o descontentamento real, e seus seguidores eram sujeitos a regulamentos penais. Os montanistas, paulitas, novacianos, marcionitas e valentinianos estavam entre as seitas proscritas e perseguidas. Mas havia uma outra heresia, uma mais profunda e tenebrosa, e muito mais influente do que qualquer outra que já tinha aparecido, que estava para estourar a partir do próprio seio da assim chamada “santa igreja católica”. A seguir temos um relato do que aconteceu.

Alexandre, o bispo de Alexandria, em uma reunião com seus presbíteros, parece ter se expressado livremente sobre o assunto da Trindade, quando Ário, um dos presbíteros, questionou a verdade das posições de Alexandre, alegando que estavam aliadas aos erros sabelianos, que tinham sido condenados pela igreja. Essa disputa levou Ário a declarar suas próprias visões sobre a Trindade, que eram, em essência, a negação da divindade do Salvador – que Ele seria apenas o primeiro e mais nobre dos seres criados, formado a partir do nada por

Deus Pai – que, embora imensuravelmente superior em poder e em glória aos mais elevados seres criados, Ele seria inferior ao Pai. Ele também defendia que, embora inferior ao Pai em natureza e em dignidade, Ele é a imagem do Pai e o representante do poder divino pelo qual Ele criou os mundos. Quais eram suas visões sobre o Espírito Santo não são tão claramente expostas.[8]

O arianismo não apenas é inconsistente com o lugar dado ao Filho do começo ao fim das Escrituras, como também com a obra infinita de reconciliação e nova criação, e é distintamente refutada de antemão por muitas passagens das Sagradas Escrituras. Pode ser interessante citar algumas delas aqui. Aquele que, quando nascido de mulher, foi chamado Jesus, o Espírito de Deus declara (João 1:1–3) ser, no princípio, **o Verbo que estava com Deus e era Deus**. ***"Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez"***. É impossível conceber um testemunho mais poderoso de Sua subsistência não criada, de Sua personalidade distinta quando Ele estava com Deus antes da criação, e de Sua natureza divina. Ele é aqui mencionado como o Verbo, cujo correlato não é o Pai, mas Deus (e assim deixando espaço para o Espírito Santo); mas, para que Sua própria consubstancialidade fosse enfatizada, Ele é cuidadosa e definitivamente declarado Deus[9]. Voltando para além do tempo e da criatura, tão longe quanto alguém possa pensar, ***"no princípio era o Verbo"***. **A linguagem é muito precisa:** Ele estava no princípio com Deus, não no sentido de vir a ser ou chegar a ser, mas "Ele estava" em Seu próprio absoluto ser. **Todas as coisas "vieram à existência" através dEle.** Ele foi o Criador tão completamente que o apóstolo João acrescenta: ***"sem ele nada do que foi feito se fez"***. Por outro lado, quando a encarnação é afirmada no versículo 14, a linguagem é: ***"E o Verbo se fez carne"***, não no sentido de ser absoluto, mas no sentido de vir a ser. Além disso, quando Ele veio entre os homens, Ele é descrito como ***"o Filho unigênito,***

[8]**A doutrina blasfema de Ário era um desdobramento do gnosticismo**, talvez a menos ofensiva em aparência, mas direta e inevitavelmente destrutiva para a glória pessoal do Filho como Deus e, portanto, **derrubava as bases da redenção**. O unitarianismo moderno nega que o Senhor Jesus seja mais que um homem, negando até mesmo Seu nascimento sobrenatural da virgem Maria. No entanto, Socino afirmou que houve uma modificação singular em sua exaltação após Sua ressurreição, constituindo-O como um objeto adequado de adoração divina. Ário parecia se aproximar da verdade quanto a Sua preexistência antes de ter vindo ao mundo, e afirmava que Ele é o Filho de Deus, que criou o universo, mas manifestava que Ele próprio tinha sido criado, mesmo sendo a primeira e mais elevada das criaturas. Não era a mesma coisa que a negação sabeliana das personalidades distintas, mas a negação de que o Filho, e é claro também o Espírito, são a verdadeira, distintiva, essencial e eterna Divindade.

[9]A ausência do artigo aqui é necessariamente devido ao fato de que *meos* é o predicado de *o Aoyos*, que de modo nenhum poderia dar um sentido inferior de Sua Divindade, o que contradiria o próprio contexto. De fato, se o artigo tivesse sido inserido, seria uma heterodoxia muito grosseira, pois seus efeitos seriam a negação de que o Pai e o Espírito são Deus ao excluir a todos menos o Verbo da Divindade.

'que está' [não apenas que estava ou esteve] no seio do Pai" (João 1:18) – uma linguagem ininteligível e confusa a menos que se considere como demonstração de que Sua humanidade de modo algum diminui Sua divindade, e que a proximidade infinita do Filho com o Pai sempre subsiste.

Novamente, Romanos 9:5 é uma rica e precisa expressão da imutável e suprema Divindade de Cristo igualmente com o Pai e o Espírito. Cristo veio, ***"o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém"***. Os esforços dos críticos heterodoxos dão testemunho de toda a importância da verdade que eles em vão procuram abalar por **esforços artificiais** que somente fazem transparecer a insatisfação de seus autores. Não há mais enfática afirmação da suprema divindade em toda a Bíblia; porque a humilhação do Filho na encarnação e na morte de cruz a torna a mais cabal prova da divina supremacia que pode ser usada a favor dEle.

Em seguida, o apóstolo diz de Cristo: ***"O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele."*** (Colossenses 1:15–17). **Os devaneios dos gnósticos** são aqui antecipadamente cortados fora, pois demonstra que Cristo foi o chefe de toda a criação porque Ele foi o Criador, tanto dos seres invisíveis mais elevados quanto dos visíveis: todas as coisas são ditas terem sido criadas para Ele assim como por Ele; e como Ele é antes de tudo, assim tudo subsiste juntamente em virtude dEle.

A única outra passagem que preciso agora referenciar é Hebreus 1, onde o apóstolo ilustra **a plenitude da Pessoa de Cristo** entre outras escrituras do Antigo Testamento como o Salmo 45 e 102. No primeiro Ele é tratado como Deus e ungido como homem; no outro Ele é reconhecido como Jeová, o Criador, após Ele ser ouvido derramando Sua aflição como o rejeitado Messias.

É impossível, então, aceitar a Bíblia sem rejeitar o arianismo como um libelo hediondo contra Cristo e a verdade, pois não existe maior certeza de que Ele tenha se tornado um homem do que Ele ser Deus antes da criação, sendo Ele Próprio o Criador, o Filho e Jeová.

Alexandre, indignado com as objeções de Ário contra ele, e por causa de suas opiniões, o acusou de blasfêmia. *"O ímpio Ário"*, exclamou, *"o precursor do Anticristo se atreveu a proferir suas blasfêmias contra o divino Redentor"*. Ele foi julgado por dois concílios reunidos em Alexandria, e expulso da igreja. Ele se

retirou para a Palestina, mas de modo nenhum desencorajado por sua desgraça. Muitos simpatizavam com ele, dentre eles dois clérigos chamados de Eusébio: um da Cesareia, o historiador eclesiástico, e outro, bispo da Nicomédia, um homem de imensa influência. Ário manteve uma correspondência animada com seus amigos, ocultando suas opiniões mais ofensivas, e Alexandre emitiu avisos contra ele, e recusou todas as intercessões de seus amigos que o queriam restaurado. Mas Ário era um antagonista astuto. Ele é descrito na história como uma pessoa alta e graciosa, calmo, pálido e de aparência branda; de discurso popular, mas com argumentação afiada; de vida rigorosa e irrepreensível, e de modos agradáveis; mas assim, sob um exterior humilde e mortificado, ele ocultou os mais fortes sentimentos de vaidade e ambição. **O adversário tinha habilmente selecionado seu instrumento.** A aparente posse de tantas virtudes o tornou adequado para o propósito do inimigo. Sem essas aparências de justo ele não teria poder algum para enganar.

A Primeira Impressão de Constantino sobre a Controvérsia

A dissensão logo se tornou tão violenta que julgou-se necessário apelar ao imperador. Ele, a princípio, considerou a questão toda como totalmente insignificante e sem importância. Ele escreveu uma carta a Alexandre e Ário em conjunto, na qual ele os reprova por contender sobre questões ociosas e diferenças imaginárias, e recomenda que eles suprimissem todos os sentimentos profanos de animosidade, e que vivessem em paz e unidade[10]. É mais que provável que o imperador não tivesse ideia da séria natureza da disputa, ou não teria falado dela como insignificante e sem importância: mas se a carta foi elaborada por Hosius, bispo de Córdoba, como muitos acreditam, ele não podia alegar ignorância de seu caráter, e deve ter escrito o documento de acordo com os sentimentos expressos por Constantino, e não de acordo com seu próprio julgamento. A carta foi altamente exaltada por muitos como um modelo de sabedoria e moderação, e, se não fosse a questão de maior abrangência que fixar a data da Páscoa, realmente mereceria tal elogio. **Mas a Divindade e a glória de Cristo estavam em questão e, consequentemente, a salvação da alma.**

Hosius foi enviado ao Egito como o comissário imperial, a quem a resolução

[10]Veja a Carta em Vida de Constantino, de Eusébio, vol. 2

do caso foi confiada. Mas ele descobriu que a dissensão ocasionada pela controvérsia tinha se tornado tão séria que ambas as partes se recusaram a ouvir as advertências do bispo, mesmo acompanhado da autoridade do soberano.

Capítulo 11

Roma e seus Governantes (313 d.C.—397 d.C.)

O Concílio de Niceia

Constantino se via agora obrigado a analisar com mais atenção a natureza da disputa. Ele começou a entender que a questão não tinha nada de insignificante, mas era da mais alta e essencial importância; e assim resolveu convocar uma assembleia de bispos de modo a estabelecer a verdadeiro doutrina, e para dissipar para sempre, como ele em vão esperava, esta propensão à disputa hostil. Tudo o que era necessário para a viagem dos bispos foi fornecido a cargo público, como se fosse um assunto de Estado.

No mês de junho de 325 d.C., o primeiro concílio geral da igreja se reuniu em Niceia, na Bitínia. Cerca de 318 bispos estavam presentes, além de um número muito grande de sacerdotes e diáconos. "A flor dos ministros de Deus", como diz Eusébio, "de todas as igrejas que abundam na Europa, África e Ásia, agora se reuniram". O espetáculo era totalmente novo, e certamente ninguém estava tão surpreso como os próprios bispos. Não havia passado muitos anos desde que foram marcados como os objetos da mais cruel perseguição. Eles tinham sido escolhidos por causa de sua eminência como vítimas peculiares da política de extermínio do governo. Muitos deles levavam em seus corpos as marcas dos sofrimentos por Cristo. Eles tinham conhecido o que era ser conduzido ao exílio, trabalhar em minas, ser exposto a todo o tipo de humilhação e insulto.

Mas agora tudo tinha mudado, mudado tanto que eles mal podiam acreditar que aquilo era realidade e não uma visão. Os portões do palácio se abriram para eles, e o imperador do mundo agiu como o moderador da assembleia.

Nada podia confirmar e declarar tanto ao mundo a triste queda da igreja e sua submissão ao Estado como o lugar que tinha o imperador nesses concílios. Ele não chegou em Niceia até o dia 3 de julho. No dia seguinte os bispos se reuniram no *hall* do palácio, que tinha sido preparado para o propósito. Aprendemos de Eusébio que a assembleia se sentou em profundo silêncio, enquanto os grandes oficiais do Estado e outras pessoas honráveis entravam no salão, e assim esperaram em trêmula expectativa a aparição do imperador. Constantino, com muita demora, entrou; ele estava vestido esplendidamente: os olhos dos bispos ficaram ofuscados com o ouro e as pedras preciosas de seu traje. A assembleia inteira levantou-se para dar-lhe honra. Ele avançou até um assento de ouro preparado para ele, e ali ficou parado em pé, em respeitosa deferência aos dignatários espirituais, até que foi convidado a se sentar. Após cantarem um hino de louvor, ele deu uma exortação sobre a importância da paz e união. O concílio sentou-se ali por pouco mais de dois meses, e Constantino parece ter estado presente durante a maior parte das sessões, ouvindo com paciência, e conversando livremente com os diferentes prelados.

O Credo Niceno

A celebrada confissão de fé geralmente chamada de **"O Credo Niceno"** foi o resultado das longas e solenes deliberações da assembleia. Eles decidiram contra as opiniões arianas, e firmemente mantiveram as doutrinas da Santíssima Trindade, da verdadeira Divindade de Cristo, e de Sua unidade com o Pai em poder e glória. O próprio Ário foi levado perante o concílio e questionado quanto à sua fé e doutrina; ele não hesitou em repetir, como sua crença, as falsas doutrinas que tinham destruído a paz da igreja. Enquanto ele avançava com suas blasfêmias, os bispos concordemente taparam os ouvidos e clamaram que tais opiniões ímpias eram dignas de anátema juntamente com seu autor. Santo Atanásio, embora fosse no momento apenas um diácono, chamou a atenção de todo o concílio por seu zelo em defesa da verdadeira fé, e por sua penetração em desvendar e expor **os artifícios dos heréticos**. Veremos mais sobre o nobre Atanásio mais adiante.

Este famoso credo foi assinado por todos os bispos presentes, com a exceção

de uns poucos arianos. Sendo a decisão do concílio apresentada perante Constantino, ele imediatamente reconheceu a aprovação unânime do concílio como obra de Deus, e a recebeu com reverência, declarando que todas as pessoas que se recusassem a se submeter a ela deveriam ser banidas. Os arianos, ouvindo isso, impelidos pelo medo assinaram a fé estabelecida pelo concílio. Eles, portanto, colocaram-se numa posição em que podiam ser acusados de serem homens desonestos. Apenas dois bispos, Segundo e Teonas, ambos egípcios, continuaram a aderir a Ário, e foram banidos com ele para a Ilíria. Eusébio da Nicomédia e Teognis de Niceia foram condenados cerca de três meses depois, e sentenciados pelo imperador ao banimento. Várias penalidades foram então denunciadas contra os seguidores de Ário: todos os seus livros foram sentenciados a serem queimados, e era até mesmo considerada ofensa capital esconder qualquer de seus escritos. Tendo concluído o trabalho, os bispos se dispersaram para suas respectivas províncias. Além da solene declaração da opinião deles sobre a doutrina em questão, eles finalmente definiram também sobre a questão relacionada a celebração da Páscoa[1] e estabeleceram alguns outros assuntos que foram levados diante deles.

Constantino Muda de Ideia

Como o imperador não tinha um juízo independente próprio sobre os assuntos eclesiásticos, e certamente não tinha discernimento espiritual para essas controvérsias doutrinárias, não podia-se confiar na continuidade de seu favor. Em pouco mais de dois anos ele mudou completamente de opinião. No entanto, esses dois anos foram cheios de acontecimentos na história doméstica de Constantino que eram muito mais sérios do que uma mudança de ideia quanto ao arianismo. No mesmo ano em que ele convocou o concílio de Niceia, ele deu ordens privadas para a execução de Crispo, seu filho mais velho, e para o sufocamento em banho quente de sua esposa, Fausta, com quem estava casado por

[1] As igrejas orientais, desde o princípio, observavam a festa da Páscoa em comemoração à crucificação de Cristo, o que correspondia à Páscoa Judaica, no décimo quarto dia do mês. Isto pode ter surgido a partir do fato de que no Oriente havia muito mais judeus convertidos. As igrejas ocidentais observavam a festa em comemoração à ressurreição. A diferença quanto ao dia deu origem a uma longa e acirrada controvérsia. Mas, após muita contenda entre as igrejas orientais e ocidentais, foi ordenado pelo concílio de Niceia que fosse observada em comemoração à ressurreição em toda a cristandade. Assim, a Páscoa Cristã ficou estabelecida no domingo que segue o décimo quarto dia da lua pascal, que ocorre próximo ao dia 21 de março: de modo que, se o referido 14º dia fosse um domingo, não seria naquele domingo, mas no próximo, podendo cair em qualquer domingo das cinco semanas que começam em 22 de março e terminam em 25 de abril.

cerca de vinte anos. A história não pode encontrar motivos melhores para essas obras das trevas além de um ciúme mesquinho e indigno. Dizem que a sabedoria e bravura de Crispo, na derrubada final de Licínio, excitou o ciúme de seu pai, e isto foi provavelmente fomentado por Fausta, que era sua madrasta. Sabendo que ele foi amargamente reprovado por sua crueldade para com o seu próprio filho, ele ordenou a morte de Fausta em seu remorso e miséria. Como temos expressado um julgamento muito decidido contra **a natureza ímpia da ligação entre a igreja e o Estado**, já falamos demais sobre a vida privada do imperador, de modo que o leitor pode julgar quanto à aptidão — ou melhor, inaptidão — de alguém tão manchado de sangue poder se sentar como presidente em um concílio cristão. Desde aquele dia até hoje a igreja estatal tem sido exposta à mesma contaminação, seja na pessoa do soberano ou do comissário real.

Constância, a viúva de Licínio e irmã de Constantino, possuía grande influência sobre seu irmão. Ela simpatizava com os arianos e estava sob influência deles. Em seu leito de morte, em 327, ela conseguiu convencer o irmão que uma injustiça tinha sido feita contra Ário, e o persuadiu a convidar Ário para sua corte. Ele o fez, e Ário apareceu apresentando ao imperador uma confissão de sua fé. Ele expressou, de modo geral, sua crença na doutrina do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e suplicou que o imperador pusesse um fim às inúteis especulações para que a cisma fosse curada e todos, unidos, pudessem orar pelo reinado pacífico do imperador, e por toda a sua família. Por sua confissão plausível e seus belos discursos, ele alcançou seu objetivo. Constantino expressou estar satisfeito, e assim Ário e seus seguidores, por sua vez, ficaram em posições elevadas no favor imperial. Os que tinham sido banidos foram chamados de volta. Uma lufada de ar real mudou o aspecto externo de toda a igreja. O partido ariano tinha agora posse total da influência de peso do imperador, e logo se apressaram a utilizá-la.

Atanásio, Bispo de Alexandria

No concílio de Niceia, Atanásio participou de modo distinto; seu zelo e habilidades logo o designaram como a cabeça do partido ortodoxo, e como o mais poderoso antagonista dos arianos. Após a morte de Alexandre, no ano 326, ele foi elevado à Sé de Alexandria pela voz universal de seus irmãos. Ele tinha então apenas trinta anos de idade, e sabendo algo sobre os perigos assim como sobre

as honras do ofício, ele teria preferido uma posição menos responsável; porém ele acabou cedendo aos mais sinceros desejos de uma congregação afetuosa. Ele se manteve como bispo por quase meio século. Sua longa vida foi devotada ao serviço do Senhor e de Sua verdade. Ele continuou firme na fé e inflexível em seu propósito até sua última hora de vida, do mesmo modo como a posição nobre que ele demonstrou no concílio de Niceia. **A divindade de Cristo não era para ele uma mera opinião especulativa, mas a fonte e força de toda sua vida cristã**. E em nenhum outro lugar ela pode ser encontrada por qualquer outro, como o apóstolo nos assegura. ***"E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida."*** (1 João 5:11,12). Essa vida habita no Filho unigênito do Pai. **Ele é "a vida eterna"**. E esta vida, para o louvor da glória da graça de Deus, **é dada a todos que creem no verdadeiro Cristo de Deus**. **Ao receber a Cristo, recebemos a vida eterna e nos tornamos filhos de Deus — herdeiros de Deus — e co-herdeiros com Cristo.** Esta vida não é propriedade de qualquer mera criatura, por mais exaltada que possa ser. Os anjos santos possuem uma existência muito bendita e incessante pelo poder de Deus, **mas o cristão tem vida eterna através da fé em Cristo, pela graça de Deus.** Nada pode ser mais fatal ao bem-estar da alma humana do que a doutrina de Ário. Mas vamos retornar à nossa história.

Enquanto o avanço de Atanásio à Sé de Alexandria dava grande alegria e esperança aos seus amigos, também encheu seus inimigos com o mais amargo ressentimento. Eles agora viam como o grande líder dos católicos[2] o bispo daquela igreja da qual Ário tinha sido expulso, e que foi apoiado pelas afeições de seu povo e por uma centena de bispos que juraram fidelidade ao grande bispo de Alexandria. Eles sabiam de seu poder e zelo incansável em defesa dos decretos do Concílio Niceno, e podem ter julgado de forma correta que, se sua sua influência tinha sido tão grande quando em âmbito restrito, o que poderia-se esperar quando ele foi colocado em posição tão eminente? Dessa forma, eles deixaram de lado seus planos e uniram forças para derrotá-lo.

[2]O termo "Igreja Católica", como dado por Constantino, aqui significa simplesmente "a igreja estabelecida".

Atanásio Contesta a Autoridade de Constantino

Eusébio da Nicomédia inicialmente recorreu a medidas aparentemente amigáveis para com Atanásio, com o propósito de induzi-lo a readmitir Ário à comunhão da igreja. Mas, falhando completamente, ele influenciou o imperador para que lhe ordenasse a fazê-lo. Um mandato imperial foi emitido para que Ário e todos os seus amigos, que estavam dispostos a se ligarem mais uma vez à igreja católica, fossem recebidos; e informando a Atanásio que, se não o fizesse, ele deveria ser deposto de sua posição e mandado ao exílio. Atanásio, no entanto, não se deixou intimidar pelos decretos imperiais, mas firmemente respondeu que não poderia reconhecer pessoas que tinham sido condenadas por um decreto de toda a igreja. "Constantino agora descobria, para seu espanto", diz Milman, "que um decreto imperial — que deveria ser obedecido em trêmula submissão de uma ponta à outra do império romano, mesmo se ele tivesse decretado uma revolução política completa, ou prejudicasse as propriedades e privilégios de milhares — foi recebido com deliberada e decidida indiferença por um único bispo cristão. Durante dois reinados, Atanásio contestou a autoridade do imperador"[3]. Ele suportou a perseguição, calúnia, exílio; **sua vida estava em constante perigo em defesa da grande e fundamental verdade — a divindade do bendito Senhor.** Ele enfrentou o martírio, não pela ampla distinção entre cristianismo e paganismo, mas por essa única doutrina central da fé cristã.

Uma sucessão de queixas contra Atanásio foram levadas ao imperador pelo partido ariano — ou, mais propriamente, o partido eusebiano. Mas estaria fora de nosso propósito entrar em detalhes: ainda temos de traçar um pouco mais a linha prateada nessa nobre e fiel testemunha.

A acusação mais pesada era de que Atanásio havia enviado uma soma de dinheiro para uma pessoa no Egito para ajudá-la em um projeto de conspiração contra o imperador. Ele foi intimado a comparecer e responder pela acusação. O clérigo obedeceu e pôs-se diante dele. Mas a aparição pessoal de Atanásio, um homem de poder notável sobre as mentes dos outros, parece ter inspirado temor à alma de Constantino. As acusações frívolas e infundadas foram triunfalmente refutadas por Atanásio perante um tribunal de inimigos, e assim a virtude imaculada de seu caráter foi inegavelmente estabelecida. E tal foi o efeito da presença de Atanásio sobre o imperador que ele denominou-o um homem

[3]História do Cristianismo, vol.2, p. 540.

de Deus e considerou seus inimigos como os autores dos distúrbios e divisões. Mas esta impressão teve curta duração, uma vez que ele continuava governado pelo partido eusebiano.

O Concílio de Tiro

Em 334, Atanásio foi intimado a comparecer perante um concílio na Cesareia. Ele se recusou, alegando que o tribunal era composto de seus inimigos. No ano seguinte, ele foi citado diante de outro concílio que seria realizado em **Tiro** pela autoridade imperial, no qual ele compareceu. Mais de cem bispos estavam presentes, e uma comissão de leigos do imperador direcionaram o processo. Uma multidão de acusações foram trazidas contra o destemido clérigo; mas o mais tenebroso, e o único que iremos tomar nota, era o crime duplo de magia e assassinato. Disseram que ele tinha matado Arsênio, um bispo de Mileto — que tinha cortado-lhe uma das mãos, e que tinha usado ela em rituais de magia; uma mão tinha sido forjada como prova. Mas Atanásio estava preparado para a acusação. O Deus da verdade estava com ele. Ele calmamente perguntou se os que estavam presentes ali conheciam Arsênio. Ele era bem conhecido por muitos. Um homem foi, de repente, levado à corte, coberto da cabeça aos pés por um manto. Atanásio primeiro descobriu sua cabeça. Ele foi logo reconhecido como o assassinado Arsênio. Em seguida suas mãos foram descobertas, e assim foi provado que se tratava de Arsênio, vivo e não mutilado. O partido ariano tinha feito o melhor que pôde para esconder Arsênio, mas o Senhor estava com Seu inocente servo, e os amigos de Atanásio conseguiram encontrá-lo. A malícia dos arianos sem escrúpulos foi novamente exposta, e a inocência de Atanásio triunfalmente vindicada.

Mas os inimigos implacáveis do bispo continuaram com suas acusações. Mais uma vez ordenaram-lhe que comparecesse em Constantinopla, e que respondesse por si mesmo na presença imperial.

As velhas acusações, nesta ocasião, foram retiradas, mas uma nova foi habilmente escolhida, com vista a despertar a desconfiança do imperador. Eles afirmaram que Atanásio tinha ameaçado interromper o fluxo de navios que transportavam milho do porto de Alexandria para Constantinopla. Deste modo, uma fome seria iniciada na capital. Isto tocou o orgulho do imperador e, seja pela crença na acusação, ou pelo desejo de se livrar de uma pessoa tão influente, ele o baniu para Treves, na Gália. A injustiça da sentença é inquestionável.

Reflexões Sobre os Grandes Eventos do Reinado de Constantino

Antes de prosseguirmos com nossa história geral, será interessante fazer uma pausa por um momento e considerar o significado das grandes mudanças que ocorreram, tanto na posição da igreja quanto no mundo, durante o reinado de Constantino, o Grande. Não seria demais dizer que a igreja passou pelas mais importantes crises de sua história, e que a queda da idolatria pode ser considerada como o evento mais importante em toda a história do mundo. Desde um período pouco após o dilúvio, a idolatria tinha prevalecido entre as nações da terra, e Satanás, por seus artifícios, tinha sido o objeto de adoração. Mas todo o sistema da idolatria foi condenado por todo o mundo romano, se não finalmente derrubado, por Constantino; de qualquer modo, ela tinha recebido sua ferida mortal.

A igreja, sem dúvida, perdeu muito por sua **união com o Estado**. Ela não mais existia como uma comunidade separada, e **não era mais governada exclusivamente pela vontade de Cristo**. Ela tinha abandonado sua independência, **perdido seu caráter celestial**, e se tornado inseparavelmente identificada com as paixões e interesses do poder governante. Tudo isso foi extremamente triste, e o fruto de sua própria incredulidade. Mas, por outro lado, o mundo ganhou muito com essa mudança. Isto não pode ser ignorado em nossas lamentações sobre o fracasso da igreja. O estandarte da cruz agora se erguia por todo o império; Cristo era publicamente proclamado como o único Salvador da humanidade; e as santas escrituras eram reconhecidas como a Palavra de Deus, o único guia seguro e certo para a bem-aventurança eterna. Antes mesmo de estar ligada ao poder civil, a igreja professa estava, sem dúvida, espiritualmente fraca, e assim deve ter pensado mais em seu bem-estar do que em sua missão de bênção para os outros; no entanto, Deus pôde agir por meio dessas novas oportunidades, e acelerar o desaparecimento das terríveis abominações da idolatria da face do mundo romano.

A legislação geral de Constantino ostenta evidências do trabalho silencioso dos princípios cristãos, e os efeitos dessas leis humanas seriam sentidas muito além do círculo imediato da comunidade cristã. Ele promulgou leis para a melhor observância do domingo; contra a venda de crianças como escravas, o que era comum entre os pagãos; e também contra o furto de crianças com o objetivo de vendê-las, assim como muitas outras leis, tanto de caráter social quanto

moral, que nos são informadas pelas histórias já citadas. Mas o maior e mais influente evento de seu reinado foi o extermínio dos ídolos, e a elevação de Cristo. Dizem que os etíopes e ibéricos foram convertidos ao cristianismo durante esse reinado.

Os Filhos de Constantino (de 337 a 361 d.C.)

Constantino, o Grande, foi sucedido por seus três filhos, Constantino II, Constâncio e Constante. Eles foram educados na fé do evangelho, e tinham sido nomeado Césares por seu pai, e em sua morte eles dividiram o império entre eles. Constantino II ficou com a Gália, Espanha e Grã-Bretanha; Constâncio ficou com as províncias asiáticas e com a capital, Constantinopla; e Constante ficou com a Itália e a África. O início do novo reinado foi caracterizado — como era habitual naqueles tempos — pela morte dos parentes que podiam um dia se provarem rivais ao trono. Mas juntamente com os velhos e usuais ciúmes e hostilidades políticas, um novo elemento agora aparece — a controvérsia religiosa.

O filho mais velho, Constantino, era favorável aos católicos, e sinalizou o começo de seu reinado chamando Atanásio de volta, e colocando-o novamente como bispo de Alexandria. Mas em 340 Constantino II foi morto em uma invasão da Itália, e Constante tomou posse dos domínios de seu irmão, se tornando, assim, o soberano de dois terços do império. Ele era favorável às decisões do concílio de Niceia, e aderiu com firmeza à causa de Atanásio. Constâncio, sua imperatriz e a corte eram parciais ao arianismo. E assim a guerra religiosa começou entre os dois irmãos — entre o Oriente e o Ocidente —- e foi levada adiante sem justiça ou humanidade, o que não tinha nada a ver com o espírito pacífico do cristianismo. Constâncio, como seu pai, interferiu tanto nos assuntos da igreja, que pretendia ser um teólogo, e durante todo o seu reinado o império foi incessantemente agitado pela controvérsia religiosa. Os concílios se tornaram tão frequentes que estabelecimentos públicos eram constantemente empregados para abrigar os bispos em contínua viagem; de ambos os lados, concílios foram reunidos para se oporem a outros concílios. Mas como o principal evento do período, assim como a linha prateada da graça de Deus, está conectada a Atanásio, retornaremos a sua história.

A História de Atanásio

Após um banimento de dois anos e quatro meses, Atanásio foi restaurado a sua diocese pelo jovem Constantino II, onde foi recebido com uma recepção alegre por seu rebanho. Mas a morte desse príncipe expôs Atanásio a uma segunda perseguição. Constâncio, que é descrito como um homem vaidoso, mas fraco, logo se tornou um cúmplice secreto dos eusebianos. No final de 340, ou início de 341, um concílio se reuniu na Antioquia para a dedicação de uma "igreja" esplêndida que tinha sido fundada pelo velho Constantino. Dizem que o número de bispos foi de cerca de 97, dos quais 40 eram eusebianos. Dentre o número de cânones que foram aprovados, foi decidido, e com certa aparência de equidade, que um bispo deposto por um sínodo não podia retomar suas funções episcopais até que ele tivesse sido absolvido pelo julgamento de um outro sínodo de igual autoridade. Esta lei foi evidentemente passada com uma referência especial ao caso de Atanásio, e o concílio pronunciou, ou melhor, confirmou, sua destituição. Gregório, um capadócio, um homem de caráter violento, foi nomeado para a Sé, e Filágrio, o prefeito do Egito, foi instruído a apoiar o novo primaz com os poderes civis e militares da província. Sendo Atanásio o favorito do povo, eles se recusaram a ter um bispo nomeado pelo imperador: cenas de desordem, indignação e profanação se seguiram. "A violência se achou necessária para apoiar a iniquidade", diz Milner, "e **um príncipe ariano foi obrigado a trilhar os passos de seus antecessores pagãos para apoiar o que ele chamava de igreja**".

Atanásio, oprimido pelos clérigos asiáticos, retirou-se de Alexandria e passou três anos em Roma. O pontífice romano, Júlio, com um sínodo de 50 bispos italianos, o proclamou inocente, e confirmou-lhe a comunhão da igreja. Não menos que cinco credos tinham sido elaborados pelos bispos orientais nas assembleias convocadas em Antioquia entre 341 e 345, com o fim de ocultar suas verdadeiras opiniões; mas nenhum deles admitia estar livre de um elemento ariano, embora as posições mais ofensivas do arianismo fossem professamente condenadas. Os dois imperadores, Constâncio e Constante, se tornaram então ansiosos para curar a brecha que existia entre as igrejas orientais e ocidentais, e de acordo eles convocaram um concílio a ser reunido em Sárdica, na Ilíria, em 347 d.C., para decidir os pontos disputados. Noventa e quatro bispos do Ocidente e vinte e dois do Oriente, estando reunidos e devidamente considerados os assuntos de ambos os lados, decidiram em favor de Atanásio: o partido ortodoxo restaurou o primaz perseguido de Alexandria e condenou a todos o

que se opunham a ele como inimigos da verdade. No meio tempo, o intruso Gregório morreu, e Atanásio, em seu retorno a Alexandria, após um exílio de oito anos, foi recebido com júbilo universal. "A entrada do arcebispo em sua capital", disse alguém, "foi um cortejo triunfal: a ausência e a perseguição tinham tornado ele querido para os alexandrinos, e sua fama foi difundida da Etiópia até a Grã-Bretanha ao longo de toda a extensão do mundo cristão."

Após a morte de **Constante**, o amigo e protetor de Atanásio, em 350, o covarde Constâncio sentiu que era a hora de vingar suas feridas privadas contra Atanásio, que não tinha mais Constante para defendê-lo. Mas como ele iria cumprir seu objetivo era a dificuldade. Se ele decretasse a morte do mais eminente cidadão, a ordem cruel seria executada sem qualquer hesitação; mas a condenação e morte de um bispo popular devia ser causada com cautela, demora e alguma aparência de justiça. Os arianos começaram a trabalhar em um plano; eles renovaram suas maquinações, e mais concílios foram convocados.

Os Concílios de Arles e Milão

No ano 353 um sínodo foi realizado em **Arles**, e em 355 um outro em **Milão**. Mais de 300 bispos estavam presentes no último. As sessões do concílio foram realizadas em um palácio, estando Constâncio e seus guardas presentes. A condenação de Atanásio foi artisticamente representada como a única medida que podia restaurar a paz e união da igreja católica. Mas os amigos do primaz eram verdadeiros para com seu líder e para com a causa da verdade. Eles asseguraram ao imperador, no espírito mais humano e cristão, que nem a esperança de seu favor, nem o medo de seu desprazer, os convenceria a se unir na condenação de um ausente, inocente e honrado servo de Cristo. O debate foi longo e obstinado; o excitado interesse foi intenso, e os olhos de todo o império se fixaram em um único bispo. Mas o imperador ariano era impaciente, e antes que o concílio de Milão fosse dissolvido, o arcebispo da Alexandria tinha sido solenemente condenado e deposto. Uma perseguição geral foi direcionada contra todos os que lhe eram favoráveis, e também para efeitos de forçar a conformidade com a opinião do imperador. E tão afiada a perseguição se tornou que o partido ortodoxo levantou um clamor de que os dias de Nero e de Décio tinham retornado. O próprio Atanásio encontrou um refúgio nos desertos do Egito.

A Morte e os Sucessores de Constâncio

No ano 361, Constâncio, o patrono dos arianos, morreu. Assim como seu pai, ele adiou seu batismo até pouco tempo antes de sua morte. Os dias prósperos dos arianos estavam então acabados.

Juliano, comumente chamado de "o Apóstata", sucedeu ao trono, e, provavelmente para mostrar sua total indiferença à questão teológica em disputa, ordenou a restauração dos bispos que Constâncio tinha banido. Após um breve reinado de 22 meses, e de uma vã tentativa de reviver o paganismo, ele morreu repentinamente de uma ferida no peito por uma seta persa.

Joviano, que sucedeu imediatamente Juliano ao trono, professava o cristianismo. Ele foi o primeiro dos imperadores romanos que deu evidências claras de que realmente **amava a verdade como ela é em Jesus**. Ele parece ter sido um cristão sincero antes de subir ao trono, uma vez que dissera ao apóstata Juliano que preferiria deixar o serviço do que sua religião; no entanto, Juliano o valorizava, e o manteve por perto até sua morte. O exército declarou a si mesmo cristão; o Lábaro, que tinha sido deixado de lado durante o reinado de Juliano, era novamente levado na linha de frente. Joviano, no entanto, tinha aprendido dos tempos passados que religião não podia avançar por força exterior. Deste modo, ele permitiu total tolerância para com seus súditos pagãos; e, no que diz respeito às divisões entre os cristãos, ele declarou que não molestaria ninguém por conta da religião, mas que amaria todos aqueles que estudassem a paz e bem-estar da igreja de Deus. Atanásio, ao ouvir sobre a morte de Juliano, retornou a Alexandria, para a agradável surpresa e alegria de seu povo. Joviano escreveu a Atanásio confirmando-o em seu cargo e convidando-o à sua corte. O bispo atendeu ao convite; o imperador desejava instrução e conselho. Através de uma relação pessoal ele ganhou influência sobre Joviano, o que seus inimigos em vão tentavam perturbar. Mas o reinado deste príncipe cristão durou apenas cerca de oito meses. Ele foi encontrado morto em sua cama em 17 de fevereiro de 364, tendo sido sufocado, como se supunha, com carvão vegetal.

Valentiniano e Valente. Joviano foi sucedido por dois irmãos — Valentiniano e Valente. O primeiro governou no Ocidente, e o último no Oriente. Quanto aos assuntos da igreja, Valentiniano seguiu o plano de Joviano. Ele se recusou a qualquer interferência em questões doutrinais, mas aderiu firmemente à fé de Niceia. Como soldado e estadista ele possuía várias e grandes habilidades. É dito que ambos irmãos se expuseram ao perigo pela profissão do cristianismo

no reinado de Juliano; mas Valente foi mais tarde vencido pelo arianismo por meio de sua esposa, que o persuadiu a receber o batismo do bispo ariano de Constantinopla. Diz-se que o bispo exigiu dele um juramento de perseguir os católicos. Seja como for, é certo que logo após seu batismo ele manifestou grande zelo em favor dos arianos, e perseguiu duramente os eclesiásticos pela adesão deles à fé de Niceia e pelo exercício de suas influências em seu nome.

Sob o decreto de Valente, em 367 d.C., Atanásio foi mais uma vez atacado pelos arianos — os inimigos da piedade cristã. Tatiano, governador de Alexandria, tentou levá-lo para fora da cidade, mas os sentimentos do povo eram tão fortes em favor do venerável bispo que ele não se atreveu a executar suas ordens por um tempo. Enquanto isso, Atanásio, sabendo o que se aproximava, se retirou silenciosamente, e permaneceu por quatro meses escondido no sepulcro de seu pai. Esta foi a quarta vez que ele teve que fugir de Alexandria. Valente, no entanto, pelo medo que ele aparentemente tinha do povo, chamou-o de volta, e permitiu que ele, sem qualquer impedimento, prosseguisse com seus trabalhos pastorais até 373 d.C., quando foi chamado de seu trabalho na terra para seu descanso no céu. Valente morreu em uma batalha com os godos no ano 378, após um reinado de quatorze anos.

Que Serviço Atanásio Prestou à Igreja?

Estamos dispostos a acreditar que, sob a bênção de Deus, ele foi o meio de preservar a igreja da heresia ariana, que ameaçava extinguir do cristianismo tanto o nome quanto a fé no Senhor Jesus Cristo. O inimigo visava nada menos que um sistema sem Cristo, o que poderia levar, a longo prazo, ao total abandono do cristianismo. Mas o concílio de Niceia foi usado por Deus para derrubar seus maus intentos. **A afirmação da Divindade de Cristo e do Espírito Santo em igualdade com Deus Pai** foi grandemente abençoada por Deus então, e tem sido assim desde aqueles dias até hoje. Embora a igreja tivesse sido infiel e tendo derivado para o mundo, *"que é onde está o trono de Satanás"*, **o Senhor em misericórdia levantou um grande testemunho de Seu santo nome e da fé de Seus santos**. Historiadores, tanto civis quanto eclesiásticos, suportam os mais honráveis testemunhos sobre a capacidade, atividade, constância, abnegação e zelo incansável de Atanásio em defesa da grande doutrina da santíssima Trindade. ***"Reténs o meu nome, e não negaste a minha fé"*** (Apocalipse 2:13), são palavras que se referem, sem dúvidas, à fidelidade de Atanásio e de seus ami-

gos, e também dos fiéis em outros tempos.

Os vencedores de que fala a carta a Pérgamo também estavam lá, sem dúvidas. Mas o Senhor não permitiu que eles fossem vistos ou registrados pelo historiador. Eles eram os escondidos de Deus que foram alimentados pelo maná escondido. Eles terão um lugar de grande proximidade com o Senhor na glória. ***"Ao que vencer darei eu a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe."*** (Apocalipse 2:17)

O Cristianismo sob o Reinado de Graciano

Valentiniano foi sucedido por seu filho, Graciano, em 375. Ele tinha então apenas dezesseis anos de idade. Ele admitiu como colega nominal seu meio-irmão, o Valentiniano mais jovem; e pouco tempo depois ele escolheu Teodósio como um colega ativo, a quem ele concedeu a soberania do Oriente. Graciano tinha sido educado na fé cristã e dava evidências de ser um verdadeiro crente. Ele foi o primeiro dos imperadores romanos a recusar o título e o manto de sumo sacerdote da antiga religião: **Como podia um cristão, dizia ele, ser o sumo sacerdote da idolatria? É uma abominação para o Senhor.** Assim vemos na piedade precoce desse jovem príncipe os benditos efeitos do testemunho dos fiéis. Que coisa nova e estranha para nós: um príncipe piedoso ascender ao trono dos degenerados césares com dezesseis anos de idade! Mas ele era tanto humilde quanto piedoso.

Estando consciente de sua própria ignorância quanto às coisas divinas, ele escreveu a Ambrósio, bispo de Milão, para que o visitasse. "Venha", ele disse, "para que você possa me ensinar as doutrinas da salvação, para alguém que realmente crê, não para que estudemos para contenções, mas para que a revelação de Deus possa habitar mais intimamente em meu coração". Ambrósio respondeu num êxtase de satisfação: "Excelentíssimo príncipe cristão", diz ele, "modestamente, não foi a falta de afeição que até aqui me impediu de visitá-lo. Se, contudo, não estou contigo pessoalmente, tenho estado em minhas orações, nas quais encontramos, ainda mais, as atribuições de um pastor".

O jovem imperador foi geralmente popular, mas sua ligação com o clero ortodoxo, o tempo que ele passava na companhia deles, e a influência que eles ganharam sobre ele (especialmente Ambrósio), o expuseram ao desprezo de

seus súditos mais belicosos. As fronteiras foram duramente pressionadas, nesse tempo, pelos bárbaros, mas Graciano foi incapaz de conduzir uma guerra contra eles. Máximo, tomando vantagem do descontentamento do exército, levantou um estandarte de revolta. Graciano, vendo o rumo que as coisas tinham tomado, fugiu com cerca de trezentos cavalos, mas foi dominado e morto em Lion, no ano 383. Máximo, o usurpador e assassino, colocou-se no trono do Ocidente. Mais tarde, ele foi deposto e morto por Teodósio, e assim o jovem Valentiniano foi colocado no trono de seu pai.

Teodósio, Apelidado de O Grande

A medida de nosso interesse na história dos imperadores romanos deve ser proporcional ao conhecimento que eles tinham da verdade, e do tratamento deles para com os cristãos. Se não procurássemos discernir a mão de Deus no governo deles seria cansativo e inútil, nesse distante período, examinar o que resta deles. Mas enxergar a mão de Deus, e ouvir Sua voz, e traçar a linha prateada de Sua graça através desses tempos rudes, nos mantém na companhia dEle próprio, e assim nossa experiência é aumentada. Mas quase tudo depende, quanto ao serviço de Deus, ou à bênção para nós mesmos, do motivo ou objetivo com que estudamos a história da igreja, e quais são seus efeitos. De acordo com esse princípio de estima, **Teodósio** demanda um estudo sério e cuidadoso. Ele era um ministro de Deus, assim como era o imperador romano, que foi usado por Ele para subjugar o arianismo no Oriente, e para abolir a adoração aos ídolos por todo o mundo romano. **A idolatria é o pecado mais ousado do homem**, e nunca poderá ser ultrapassado até que *"se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus."* (2 Tessalonicenses 2:3,4). A expressão completa dessa blasfêmia é ainda futura, e sinalizará o julgamento imediato e o amanhecer do dia milenial.

Mas o zelo de Teodósio não era apenas negativo. Ele apoiou o cristianismo, de acordo com sua compreensão, mais vigorosamente do que qualquer de seus predecessores. Ele completou o que Constantino começou e o superou, e muito, em zelo e seriedade cristã. Logo após seu batismo ele reuniu um concílio, que ocorreu em Constantinopla em 2 de maio de 381. Os principais assuntos pelos quais o concílio foi convocado eram os seguintes: dar maior plenitude e definição ao credo niceno; condenar as heresias, tais como as dos arianos, euno-

mianos, eudoxianos, sabelianos, apolinarianos, e outros; e tomar medidas para a união da igreja.

Os Invasores Bárbaros

A maioria de nossos leitores, até mesmo os mais jovens, já devem ter ouvido sobre **"O Declínio e Queda do Império Romano"** — o quarto grande império mundial de que falou o profeta Daniel e João no Apocalipse. Ele tinha estado em declínio já por algum tempo, e estava rapidamente se aproximando de sua queda, quando Teodósio foi chamado ao trono. As fronteiras eram ameaçadas por todos os lados pelos bárbaros, que habitavam em terras vizinhas ao mundo romano. "Nas costas de cada um dos grandes rios que limitavam o império", diz o decano Milman, "apareceu uma hoste de invasores ameaçadores. Os persas, os armênios e os ibéricos estavam preparados para passar o Eufrates ou a fronteira oriental; o Danúbio já tinha proporcionado uma passagem para os godos; atrás deles vinham os hunos, em enxames ainda mais formidáveis a se multiplicarem; os francos e o resto das nações germânicas se aglomeravam junto ao Reno". Esta assustadora formação militar de invasão bárbara mostrará ao leitor, de relance, **a então posição do quatro império, e o quão fácil é para Deus quebrar em pedaços o ferro, assim como ele quebrou o cobre, a prata e o ouro**.[4]

Dentro dos limites da terra romana a idolatria ainda existia, e sua adoração continuava imperturbável. Seus milhares de templos, em toda sua antiga grandeza, e suas cerimônias imponentes, cobriam a terra. Dificilmente um cristão poderia se voltar para qualquer lugar sem que visse um templo e inalasse um incenso oferecido aos ídolos. O cristianismo tinham apenas se erguido ao nível da tolerância em relação aos pagãos. O arianismo e o semiarianismo, em suas muitas formas, prevaleciam. Em Constantinopla e no Oriente eles eram supremos. Outras heresias abundavam. Tal era o estado das coisas, tanto dentro quanto fora do império, durante a ascensão de Teodósio. No entanto, para os detalhes sobre sua história civil, devemos sugerir aos leitores os autores já citados. Apenas gostaríamos de acrescentar que ele foi usado por Deus para deter, por um tempo, o progresso da invasão; para demolir as imagens e alguns dos templos de adoração pagã; para abolir a idolatria; para suprimir a superstição;

[4] N. do T.: para mais detalhes sobre a profecia de Daniel aqui mencionada, leia Breve História da Humanidade, de W. W. Fereday. Link: http://manjarcelestial.blogspot.com.br/2013/05/breve-historia-da-humanidade.html

para fazer com que as decisões do concílio de Niceia prevalecessem em todos os lugares; e para dar triunfo e predominância à profissão do cristianismo.

A História Religiosa de Teodósio

Vamos agora olhar, por um momento, para alguns dos principais eventos na história do grande Teodósio. Nas circunstâncias desses eventos poderá ser encontrado o melhor comentário sobre a vida do imperador, o poder do clero, e o caráter daqueles tempos.

Teodósio era espanhol. O cristianismo, bem cedo, tinha se estabelecido na Península, que era famosa por sua firme aderência às doutrinas de Atanásio durante toda a controvérsia trinitariana. Hosius, um bispo espanhol, foi o presidente do concílio de Niceia. Perto do fim do primeiro ano de seu reinado, Teodósio foi advertido, por causa de uma séria doença que tinha, a não adiar seu batismo, como era a prática então. Ele chamou o bispo de Tessalônica e foi imediatamente batizado. Alguns dizem que ele foi o primeiro dos imperadores a serem batizados no nome completo da Santíssima Trindade. Sua admissão na igreja foi imediatamente seguida por um decreto que proclamava sua própria fé e prescrevia a religião de seus súditos. "É nosso desejo que todas as nações que são governadas por nossa clemência e moderação possam aderir firmemente à religião que foi ensinada por São Pedro aos romanos... De acordo com a disciplina dos apóstolos, e a doutrina do evangelho, cremos na única divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, sob igual majestade, e em uma piedosa Trindade... Além da condenação da justiça divina, eles deverão esperar sofrer as severas penalidades que nossa autoridade, guiada pela sabedoria celestial, julgar conveniente infligir sobre os tais."

Tal era a ortodoxia severa e intransigente de Teodósio. Firmemente, embora enganado, ele acreditava que este era seu dever para que pudesse governar como um imperador cristão, e os bispos que ele consultava eram mais inclinados a aumentar do que suavizar sua severidade. Em uma ocasião, seu senso de justiça o determinou a ordenar que alguns cristãos reconstruissem, a suas próprias custas, uma sinagoga judaica, que, em um tumulto, tinha sido destruída. Mas o vigoroso bispo de Milão interferiu e prevaleceu sobre ele para que anulasse a sentença, com o fundamento de que não era certo que os cristãos construíssem uma sinagoga judaica. Aqui, o bispo evidentemente falhou em uma questão de justiça comum. Ele era menos justo do que seu mestre imperial.

Reflexões sobre a Disciplina de Ambrósio e a Penitência de Teodósio

Há poucos eventos nos anais da igreja tão profundamente interessantes quanto a penitência do grande Teodósio, e as rigorosas condições de restauração exigidas por Ambrósio. Despojados das superstições e formalidades que eram peculiares àqueles tempos, temos diante de nós um caso da mais genuína e salutar disciplina. Não devemos supor nem por um instante que o comportamento de Teodósio foi o resultado de fraqueza e pusilanimidade[5], mas de um verdadeiro temor de Deus; um verdadeiro sentimento de sua culpa, uma consciência sensível, um reconhecimento das exigências de Deus, a quem toda a grandeza mundana está sujeita.

Ambrósio não era nem arrogante nem hipócrita, como muitos pontífices que o sucederam. Ele possuía uma forte afeição pelo imperador, e uma sincera preocupação por sua alma, mas agiu em relação a ele com um solene senso de seu dever. Ele tinha uma grande ideia, sem dúvida, sobre a dignidade com que seu ofício o investiu; e ele se sentia obrigado a usá-la em prol da justiça e humanidade, e para controlar o poder da soberania terrena: **uma classe de poder muito certamente nunca concedida por Deus a um ministro cristão,** e que frequentemente provou ser, em tempos mais recentes, um poder muito perigoso, uma vez que o sacerdote que possui em suas mãos a consciência de um rei pode inflamar ou moderar suas paixões sanguinárias. No caso de Ambrósio, tratava-se puramente de influência cristã. Ele apareceu, embora um pouco fora de sua atribuição, como o vingador dos ultrajados, e exercendo uma autoridade judicial sobre os mais mesquinhos e poderosos dentre os homens. Mas **é sempre desastroso interferir com a ordem estabelecida por Deus**, mesmo quando nobres objetivos pareçam ter sido alcançados.

Cerca de quatro meses após sua vitória sobre Eugênio, e o castigo dos assassinos de Valentiniano, Teodósio, o Grande, morreu em Milão, no ano de 395, não passando dos cinquenta anos de idade; o último imperador que manteve a dignidade do nome romano. Ambrósio não viveu muito após a morte de seu amigo imperial. Ele morreu em Milão na véspera da Páscoa, em 397. Ele aprofundou e fortaleceu as bases do poder eclesiástico que influenciaria o cristianismo em todos os tempos futuros. Basílio, os dois Gregórios, e Crisóstomo floresceram neste período.

[5]N. do T.: pusilanimidade é fraqueza de ânimo, falta de energia, de firmeza, de decisão.

Capítulo 12

A História Interna da Igreja (245—451 d.C.)

A História Interna da Igreja

O século que termina com a morte do grande Teodósio e Ambrósio foi cheio do mais profundo interesse para o leitor cristão. Passaram-se eventos, dentre os mais momentosos, que afetaram a majestade e glória de Deus e o bem-estar da humanidade. Do ano 303 até 313, a igreja passou através de suas provações mais difíceis sob Diocleciano. Por dez anos ela esteve em uma fornalha ardente, mas em vez de ser consumida, como seu inimigo em vão imaginara, ela parece ter aumentado em número assim como em pureza e poder. A Satanás foi permitido fazer o que queria contra ela, e ele moveu e agitou tanto a população pagã que em todas as partes do império eles ergueram seus braços: primeiro, para defender o politeísmo, e, segundo, para erradicar o cristianismo ao perseguir os cristãos e destruir seus livros sagrados. Assim, o século começou com o grande e final embate entre o paganismo e o cristianismo, e terminou com a total ruína do primeiro, e o completo triunfo do último. A disputa terminou com o quarto século, e a vitória descansou sobre o cristianismo desde então.

Tal foi a história exterior da igreja, e o cumprimento, até então, da palavra do Senhor nas epístolas a Esmirna e Pérgamo. Mas há outras coisas que muito razoavelmente demandam um pouco de nossa atenção antes de entrarmos no quinto século, e nenhuma parte do amplo campo que se estende diante de nós parece ter uma importância tão forte quanto a esfera e influência dos grandes prelados do Oriente e do Ocidente. Deve também ter ocorrido aos nossos lei-

tores, a partir das necessárias alusões ao batismo, que a observância desse rito tinha um imenso lugar nas mentes daqueles primeiros cristãos. Eles acreditavam que as águas do batismo purificavam a alma completamente. Pensamos, então, em combinar os dois — daremos uma breve história do batismo a partir dos escritos dos "pais", o que, ao mesmo tempo, nos dará uma oportunidade de vermos **quais visões eles tinham, não apenas sobre o batismo, mas sobre as verdades fundamentais do evangelho.**

As Variações Eclesiásticas do Batismo

No Novo Testamento há perfeita uniformidade, tanto quanto ao preceito quanto aos exemplos, sobre o assunto do batismo. No entanto, em nossos próprios dias, e desde o início do terceiro século, encontramos na igreja professa infinitas variações tanto quanto o que diz respeito à teoria quanto à prática sobre esse importante assunto. Aqueles não familiarizados com a história eclesiástica podem naturalmente perguntar: Quando, e por quais meios, tais diferenças surgiram na igreja?

Como tem sido nosso plano, no decorrer de todo este livro, encontrar o início das grandes questões que têm afetado a paz e prosperidade da igreja, nos esforçaremos, bem brevemente, a apontar o início da história dos batismos eclesiásticos. Usamos o termo *eclesiástico* para distingui-lo do que é *bíblico*. **Nada que tenha sido introduzido após os dias dos apóstolos inspirados provém de autoridade divina, seja em teoria ou prática.** Assim, algo não pode ser o **batismo cristão** se *varia* daquilo que Cristo instituiu ou da prática de Seus apóstolos. Trazer alterações é o mesmo que mudar a coisa em si, e torná-la não o mesmo, mas um outro batismo; assim encontramos, na história, que surgiram muitos batismos.

Como nosso objeto de estudo, agora, é o início da história dessas variações, e não a controvérsia, evitaremos dar qualquer opinião sobre a tão longamente agitada questão. Por mais de 1600 anos a controvérsia tem sido mantida com grande determinação, e por homens capazes de ambos os lados. Nenhuma controvérsia na história da igreja tem tido tal continuidade, ou conduzida com tal confiança de vitória por ambas as partes. Como não há *menção expressa* de batismo infantil nas Escrituras, os batistas pensam que sua posição é inquestionável; e os pedobatistas, com a mesma firmeza acreditam que pode ser inferido, a partir de várias passagens conhecidas, que o batismo infantil era praticado nos

dias dos apóstolos. Não houve tanta controvérsia quanto ao *modo* do batismo. Os gregos, latinos, francos e germânicos aparentemente batizavam por imersão. "Batismo é uma palavra grega", diz Lutero, "e em Latim pode ser traduzida como *mersio*, imersão....e embora essa prática tenha caído em desuso entre a maioria de nós, contudo, os que são batizados deveriam ser inteiramente imergidos, e então imediatamente levantados para fora da água, pois é isto que a etimologia da palavra indica, assim como na língua germânica". O testemunho e Neander é o mesmo: "O batismo era originalmente administrado por imersão; e muitas das comparações de São Paulo aludem a essa forma de administração. **A imersão é um símbolo da morte, de ser sepultado com Cristo; a saída da água é um símbolo da ressurreição com Cristo; e ambos, tomados em conjunto, representam o segundo nascimento, a morte do velho homem, e uma ressurreição para uma nova vida**"[1]. Cave, Tillotson, Waddington, etc. falam do modo de batismo de maneira similar. E como todos esses testemunhos são de pedobatistas, podemos descartar esta parte do assunto como justamente provada na história da igreja; no entanto, **a fé deve permanecer somente sobre a Palavra de Deus**. **Não seguimos os "pais", mas sim a Cristo.**

Irineu, bispo de Lion, é o primeiros dos "pais" a aludirem ao batismo infantil. Ele morreu por volta do ano 200, de modo que seus escritos são datados por volta do fim do segundo século. Os "pais" apostólicos nunca mencionaram isso. Por essa época a superstição, em grande medida, tinha tomado o lugar da fé, de modo que o leitor deve estar preparado a ouvir algumas noções extravagantes colocadas por alguns dos grandes doutores; ainda assim, muitos deles, sem dúvidas, eram verdadeiro cristãos fervorosos. "Cristo veio salvar todas as pessoas para Si mesmo", diz Irineu, "com isso quero dizer que todos os que, por Ele, forem regenerados — batizados — para Deus: infantes e pequeninos, crianças e jovens, e pessoas mais velhas. Portanto Ele passou por várias idades: para os infantes ele foi feito um infante, santificando infantes; para os pequeninos Ele foi feito um pequenino, santificando os dessa idade; e também dando-lhes um exemplo de piedade, justiça e obediência: para os jovens Ele foi um jovem", etc. O batismo era, portanto, ensinado como sendo uma lustração da alma para todas as idades e condições da humanidade. Mas a controvérsia logo se resumiu em uma questão — criança ou adulto. Regeneração, nascer de novo, batismo, eram usados como termos intercambiáveis, como se significassem a mesma coisa, nos escritos dos "pais".[2]

[1] *The Inquirer*, 1839, p. 232

[2] Veja *História do Batismo Infantil*, de Dr. Wall. Nós citamos sua tradução (para o Inglês) dos

Aqui temos a origem, até onde a antiguidade eclesiástica nos informa, do batismo infantil. A passagem é um tanto obscura e extremamente fantasiosa, mas é o primeiro traço que temos da questão ainda instável, e provavelmente a raiz de todas as suas variações vistas eclesiasticamente. O efeito de tal ensino nas mentes supersticiosas foi imenso. Pais ansiosos apressaram-se para ter seus delicados bebês batizados para que não morressem sob a maldição do pecado original, e o homem do mundo atrasava seu batismo até a aproximação da morte para evitar qualquer mancha subsequente, e para que pudesse emergir das águas da regeneração para os recintos da pura e genuína bem-aventurança. O exemplo e reputação de Constantino levou muitos a adiar, desse modo, o batismo, embora o clero testificava ser contra a prática.

Tertuliano. O testemunho deste "pai" prova que os bebês eram batizados em seus dias — ele morreu por volta de 240 — mas que ele não era favorável à prática: como ele diz, "Mas aqueles cujo dever é administrar o batismo devem saber que ele não deve ser dado precipitadamente... Portanto, de acordo com a condição e disposição de cada homem, e também de acordo com sua idade, o adiamento do batismo é mais proveitoso, especialmente no caso de crianças pequenas. Pois qual a necessidade de colocar os padrinhos em perigo? pois podem falhar em suas promessas por causa da morte, ou podem estar enganados se uma criança se provar ser de disposição ímpia."

Orígenes, ao discorrer sobre o pecado da nossa natureza, faz alusão ao batismo como o meio indicado de removê-lo. "Os bebês são batizados", diz ele, "para o perdão dos pecados. De que pecados? Ou quando eles pecaram? Ou como pode, nesse caso, o batistério suprir qualquer bem que seja? Mas de acordo com o sentido que mencionamos agora: ninguém é livre da poluição, mesmo que sua vida tenha durado apenas um dia sobre a terra. E é por este motivo, porque pelo sacramento do batismo a poluição que temos de nascença é levada embora, que os bebês são batizados."

Cipriano, bispo de Cartago, por volta do ano 253, recebeu uma carta de Fido, um bispo do interior, perguntando se um bebê, antes dos oito dias de idade, podia ser batizado se necessário. A resposta prova, não apenas que o batismo infantil era então praticado, mas a necessidade disto na mente deles por causa de sua eficácia. Cipriano, com sessenta e seis bispos em concílio, diz: "Quanto

"pais". Tendo recebido os agradecimentos do clero da Câmara dos Comuns, da Convocação, e as honras de D. D. da Universidade de Oxford, por sua grande obra em defesa do batismo infantil, podemos confiar em suas citações como essencialmente corretas, e como as mais favoráveis em relação ao tema.

ao caso dos bebês, visto que você julga que eles não devem ser batizados dentro de dois ou três dias após terem nascido, e que a regra da circuncisão deve ser observada, de modo que ninguém deve ser batizado e santificado antes do oitavo dia após ter nascido: todos nós em assembleia fomos de opinião contrária. Seja o que for que você pensa adequado de se fazer, não houve nenhum dentre nós que tivesse a mesma ideia, mas todos nós, pelo contrário, julgamos que a graça e misericórdia de Deus não deve ser negada a qualquer pessoa nascida. Pois já que o nosso Senhor em Seu evangelho diz *'o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las'*, então no que depender de nós, nenhuma alma, se possível, será perdida", etc.

Gregório Nazianzeno, bispo de Constantinopla, foi um "pai" notável por volta do ano 380. Ele foi o meio de destruir o poder do arianismo na capital oriental, onde tinha sido mantido com grande força por quase quarenta anos. Ele teve de encontrar muita oposição e até mesmo perseguição no início; mas aos poucos sua eloquência, o tom prático e sério de seu ensino, e a influência de sua vida piedosa começaram a dar resultado e a mantê-lo firme na cidade, embora nunca tenha gostado do estilo imperial da capital.

Dr. Wall cita Gregório largamente sobre o batismo, mas nossos extratos serão breves. Como o restante dos "pais", ele é enfático sobre o assunto. "O que você diz sobre aqueles que ainda são crianças e não têm capacidade de serem sensíveis, seja da graça ou da falta dela? Devemos batizá-las também? Sim, por todos os meios, se qualquer perigo torná-lo necessário. Pois é melhor que elas sejam santificadas sem terem consciência disso do que morrerem não seladas e não iniciadas. E uma base para isto, para nós, é a circuncisão, que era feita no oitavo dia e era um típico selo, e era praticada naqueles que não tinham o uso da razão". Contra a prática de adiar o batismo até um leito de morte, ele fala forte e seriamente, comparando o serviço à lavagem de um cadáver, em vez de um batismo cristão.

Basílio, bispo de Cesareia, é constantemente associado com os dois Gregórios. Gregório de Nissa era seu irmão, e o outro seu melhor amigo. A Capadócia gerou três "pais". Basílio era fiel ao credo de Atanásio durante seus dias de depressão e adversidade, mas não viveu para contemplar seu triunfo final. Ele morreu por volta de 379. Ele foi um grande admirador e um verdadeiro exemplo do cristianismo monástico. Ele abraçou a fé ascética, abandonou sua propriedade e praticou tamanhas austeridades severas a ponto de prejudicar sua saúde. Ele fugiu para o deserto, mas sua fama fez com que uma cidade fosse

construída ao redor dele, e construiu um monastério, e então os monastérios surgiram por todos os lados.

Suas visões sobre o batismo são similares às de seu amigo Gregório: **ele exorta a necessidade disto com base no mesmo sentimento supersticioso que todos eles tinham**. "Se Israel não tivesse passado através do mar", diz ele, "eles não teriam se livrado de Faraó: e a menos que tu passes através das águas do batismo, não te livrarás da cruel tirania do diabo", etc. Ele aplicava isto a todas as idades, e o reforçava pelas palavras do Senhor a Nicodemos: ***"Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus."*** (João 3:5)

Ambrósio, bispo de Milão, como todos os "pais" que já conhecemos, se engana completamente quanto ao significado de João 3:5: ***"Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus"***. "Você vê", diz ele, "que Cristo não excetua pessoa nenhuma, nem um bebê, nem mesmo aquele que é morto por um acidente inevitável."

João, *apelidado* **Crisóstomo**, que significa "boca dourada", obteve esse nome por conta de sua eloquência suave e fluída. Ele era tão favorito do povo que eles costumavam dizer: *"Nós preferimos que o sol não brilhe a João não pregar"*. Ele era evidentemente a favor do batismo infantil, embora não seja claro se acreditava no pecado original. "Por este motivo também batizamos bebês", diz ele, "embora eles não estejam corrompidos pelo pecado, para que possa ser acrescentadas a eles a santidade, a justiça, a herança de adoção, uma fraternidade com Cristo e para que sejam feitos membros com Ele". **Seria difícil falar mais quanto aos alegados benefícios do batismo além dos que vemos aqui enumerados**. Mas por mais extravagante que toda a sentença possa parecer, esse era o texto dos pedobatistas desde aqueles dias até hoje. A maioria dos nossos leitores são familiares a essas palavras: "O batismo é onde eu sou feito um membro de Cristo, um filho de Deus, e um herdeiro do reino dos céus". **Tais palavras foram tiradas não das Escrituras, mas de Crisóstomo.**

Dr. Wall parece ansioso por deixar transparecer que esse grande doutor [Crisóstomo] não estava alienado quanto ao pecado original. Ele sugere que o significado de suas palavras possam ser: "eles não se corromperam pelos *seus próprios pecados*". Mas Crisóstomo não diz *"seus próprios"*, mas que eles não estão corrompidos pelo pecado. **E certamente toda criança é corrompida**, como disse o salmista: ***"Eis que em iniqüidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe"*** (Salmos 51:5). **Em vão procuramos solidez em muitas das dou-**

trinas fundamentais do cristianismo entre os "pais", para não dizer sobre o que eles negligenciaram, tal como a presença do Espírito Santo na assembleia, o chamado celestial e as relações celestiais da igreja, a diferença entre a casa de Deus e o corpo de Cristo, a bendita esperança, e o glorioso aparecimento do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo (Tito 2:11–15).

Reflexões sobre a História do Batismo Infantil

O suficiente, cremos, para o presente propósito, foi dito sobre o assunto do batismo infantil. O leitor tem diante de si o testemunho das mais confiáveis testemunhas para os primeiros duzentos anos de sua história. A prática parece ter tomado sua ascensão e derivado toda a sua incrível influência com base na interpretação errônea de João 3:5: ***"Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus"***. Argumentava-se, a partir desta passagem, que o batismo era necessário para a salvação e todas as bênçãos da graça. **A eficácia do sangue de Cristo, o poder purificador da palavra de Deus, e as operações graciosas do Espírito Santo**, foram todas atribuídas à devida observância do batismo externo. E não é preciso muito esforço para perceber o lugar que isso tomou na igreja professa nesses últimos 1600 anos[3], ou para perceber sua influência em todas as classes e épocas, embora muitos não cressem na regeneração batismal.

Dr. Wall afirma que os antigos cristãos, sem exceção de um homem sequer, ensinavam que essas palavras do Salvador se referiam ao batismo. Ele acredita que Calvino foi o primeiro homem a se opôr a essa interpretação, ou o primeiro a se recusar a aceitar a passagem como um ensino da necessidade do batismo para a salvação. Supondo que essas afirmações estejam corretas, elas provam que a grande estrutura eclesiástica que se ergueu sobre o batismo foi fundada sobre uma má interpretação. A igreja de Roma, os luteranos, os gregos, os anglicanos, continuam a seguir os "pais" nesta aplicação errada da verdade. "Devemos então", diz Hooker, referindo-se à nova interpretação de Calvino sobre João 3:5, "considerar que aquilo que sempre foi interpretado de uma determinada maneira e não de outra, seja agora aceito sob o disfarce de uma capa de novidade? Deus adotou o batismo, não apenas como um símbolo ou emblema do que recebemos, mas também como um instrumento ou meio pelo qual recebemos a graça". O bispo Burnet também observa, falando dos tempos antigos:

[3] N. do T.: o livro foi escrito no século XIX

"As palavras do nosso Salvador a Nicodemos foram expostas de modo a dar a entender a absoluta necessidade do batismo para a salvação. Essas palavras 'o reino de Deus', tomadas com o significado de glória eterna, essa expressão de nosso Salvador era entendida como querendo dizer que nenhum homem podia ser salvo a menos que fosse batizado", etc.[4] Calvino ensinava que os benefícios do batismo eram limitados aos filhos dos eleitos, e assim introduzia-se a ideia do cristianismo hereditário. Os presbiterianos seguem Calvino e, como consequência de seu ensinamento, a circuncisão se torna tanto a justificativa como a regra para o batismo infantil. Mas alguns de nossos leitores podem estar ansiosos por saber o que acreditamos ser a verdadeira interpretação de João 3:5, visto que tanta coisa é construída encima deste versículo.

Qual é o Ensino de João 3:5?

Cremos que a expressão ***"nascer da água"*** **não poderia, de forma alguma, se referir ao batismo**. O novo nascimento é o tema do Salvador, sem o qual homem nenhum pode ver ou entrar no reino de Deus. Não havia ainda se tornado visível — ***"o reino de Deus não vem com aparência exterior"*** (Lucas 17:20) — mas estava lá entre eles, como a nova esfera de poder e bênção de Deus. A carne nunca poderia perceber esse reino. **Cristo não tinha vindo para ensinar e melhorar a carne**, como Nicodemos parece ter pensado; mas que **o homem poderia ser participante da natureza divina que é transmitida pelo Espírito**. Nenhum mero ritual exterior é capaz de admitir alguém ao reino. Deve haver uma nova natureza, ou uma nova vida, adequada à nova ordem de coisas. ***"Jesus respondeu, e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus"*** (João 3:3). Então o Senhor mostra a Nicodemos o único caminho para entrar no reino: ***"Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus"***. **A água é aqui usada como um símbolo do poder purificador da Palavra de Deus**, como em Pedro: ***"Purificando as vossas almas pelo Espírito na obediência à verdade"***. Aqui, a verdade é mencionada como o instrumento, e o Espírito como o agente do novo nascimento, como ele continua dizendo: ***"Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus"***. Duas coisas são necessárias—a Palavra e o Espírito (1 Pedro 1:22,23).

A passagem obviamente indica **a aplicação da Palavra de Deus no poder**

[4] *Política Eclesiástica*, de Hooker, livro 5. Burnet em *Artigos*, artigo 27.

do Espírito — operando no coração, consciência, pensamentos e ações — **nos trazendo, assim, uma nova vida de Deus**, na qual temos Sua mente e Seus pensamentos sobre o reino. As seguintes passagens farão com que isto fique ainda mais claro: ***"Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade"*** (Tiago 1:18). ***"Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra"*** (Efésios 5:26). ***"Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado"*** (João 15:3). Aqui temos a purificação moral da alma pela aplicação da Palavra através do Espírito, que julga todas as coisas, e que opera em nós novos pensamentos e afeições adequados à presença e glória de Deus.

Como uma questão de interpretação, então, não vemos alusão alguma ao batismo em João 3:5: **o batismo manifesta o que já foi transmitido, porém o batismo em si mesmo não transmite nada**. Por outro lado — de acordo com os comentários inspirados nas Epístolas — o batismo é o sinal da morte, não de dar vida, como os "pais" uniformemente afirmavam. ***"Ou não sabeis"***, diz o apóstolo, ***"que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte"*** (Romanos 6:3–4, Colossenses 2, 1 Pedro 3). Além disso, é perfeitamente claro que Nicodemos não podia saber qualquer coisa sobre o batismo cristão, já que ele não foi instituído por nosso Senhor até depois de Ele ter ressuscitado dentre os mortos.

Os Modernos Pedobatistas

A igreja de Roma e todos os que seguem os "pais" confessam que a origem de sua prática é a tradição. Mas há muitos outros em nossos dias, como tem sido desde a Reforma[5], que detêm o batismo infantil com base nos escritos do Novo Testamento. As seguintes são as principais passagens as quais eles se referem: ***"Deixai vir os meninos a mim, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus"***... ***"De outra sorte os vossos filhos seriam imundos; mas agora são santos"***... ***"Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos"***... ***"Criai-os na doutrina e admoestação do Senhor"***. E muitos apoiam seus argumentos principalmente no **batismo de famílias**, e alguns também com base na aliança abraâmica. Veja Marcos 10:14; 1 Coríntios 7:14; Atos 2:39; Efésios 6:4; Atos 16:33; Gênesis 17.

[5]Pelos reformadores, e mais tarde pelos puritanos, foram feitos esforços para encontrar nas Escrituras o que a igreja de Roma tinha mantido como tradição; os protestantes recorriam à Bíblia para tudo, e os católicos para os "pais".

Os **anti-pedobatistas**, ou *"os batistas"*, como chamam a si mesmos, simplesmente afirmam que, em todas as alusões ao batismo nos escritos dos apóstolos, ele é uniformemente associado à fé no evangelho, e que tais expressões como ***"sepultados com Ele pelo batismo"*** e ***"plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte"*** (Romanos 6:4,5), etc., devem significar que a pessoa assim batizada tem parte com Cristo pela fé. E, além disso, defendem que, como o batismo é uma ordenança de Cristo, deve necessariamente ser celebrada exatamente como Ele designou. Eles afirmam que nada além das *Escrituras diretas* devem ser o fundamento de nossa fé e prática nas coisas divinas. E sendo o batismo algo cuja ministração é necessária, e de maneira prescrita, sem a qual seria apenas uma noção na mente humana, essas coisas, portanto, são tão necessárias como o próprio batismo. E, portanto, segue que os verdadeiros candidatos devem ser apenas crentes professos, e o verdadeiro modo, que é apenas a imersão, são coisas necessárias para o verdadeiro batismo cristão[6].

A Origem da Comunhão Infantil

Quando a superstição em geral toma o lugar da fé, e as noções humanas tomam o lugar da Palavra de Deus, até que ponto homens, mesmo que sejam sérios e iluminados, podem ser levados! Agostinho defendeu firmemente a prática da **comunhão infantil**. Pensava-se que isso era uma consequência necessária do batismo infantil. Os "pais" afirmavam que a graça de Deus derramada sobre os batizados era dada sem medida, e sem qualquer limitação quanto à idade. Assim, eles raciocinaram e chegaram à conclusão que a ceia do Senhor podia ser consistentemente administrada a todos que tinham sido batizados, sejam crianças ou adultos. O costume prevaleceu por muitas eras, e é ainda observada pela igreja grega, mas nos absteremos dos detalhes. Em geral, o significado espiritual intrínseco e o verdadeiro projeto da ceia do Senhor foi grandemente perdido de vista, e a mais supersticiosa reverência foi expressa para os símbolos exteriores da ordenança.

[6]Reflexões sobre a História de Wall, de Gale, vol. 3, p. 84

A Posição e Caráter do Clero

Ao estudarmos a história interna da igreja durante o quarto século, inumeráveis tópicos mereceriam uma breve observação: mas podemos nos referir somente àqueles que caracterizam o período. A posição alterada do clero é uma questão importante, e é responsável por muitas mudanças que foram introduzidas por eles. Desde o tempo de Constantino, os membros do **ministério cristão** atingiram uma nova posição social, com certas vantagens seculares. Isto levou um grande número a se unir à ordem sagrada pelos mais indignos motivos. Daí a triste influência dessa mistura profana em toda a igreja professa. **Constantemente encontramos nela o orgulho, a luxúria arrogante, e a assumida dignidade de toda a ordem clerical.** Assim, conta-se que Martinho de Tours, quando na corte de Máximo, deixou a imperatriz lhe esperando à mesa, e que quando o imperador desejou beber diante dele, e esperava receber a taça de volta após o bispo ter bebido, Martinho a passou ao seu próprio capelão, como se tivesse honra mais elevada do que qualquer potentado terreno. A circunstância nos mostra onde estava o clero então, e o que eles pensavam de si mesmos e da dignidade espiritual em oposição à classe secular. A igreja tinha então se tornado como ***"uma grande casa"***, onde ***"não somente há vasos de ouro e de prata, mas também de pau e de barro; uns para honra, outros, porém, para desonra"***. E assim tem sido desde então, e assim será até o final; mas o caminho do fiel é simples. ***"De sorte que, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda a boa obra."*** (2 Timóteo 2:20,21)

A Origem e Crescimento do Monasticismo

Antes de abordarmos o período da "igreja de Tiatira", pode ser interessante tomar nota do surgimento e crescimento das primeiras tendências ascéticas. A influência do **monasticismo** foi, de fato, muito grande durante a idade das trevas, e em todas as igrejas ocidentais. Vamos traçar seu caminho desde sua fonte. É interessante conhecer o início das coisas, especialmente de coisas importantes e influentes.

Durante a violência da perseguição sob Décio, por volta do ano 251, muitos cristãos fugiram ao exílio voluntário. Dentre esses estava um jovem chamado **Paulo** de Alexandria, que fez sua morada no deserto de Tebas, no Alto Egito.

Pouco a pouco ele se tornou ligado ao modo de vida que adotou por necessidade, e é celebrado como o primeiro eremita cristão, embora não tivesse fama ou influência na época: não tanta como seu grande sucessor imediato.

Antônio (ou **Antão**), que é considerado o pai do monasticismo, nasceu em Cooma, no Alto Egito, por volta do ano 251. Na infância e juventude, conta-se que era de disposição contemplativa, séria e com tendência ao isolamento. Ele pouco se importava com o aprendizado mundano, mas desejava ardentemente o conhecimento das coisas divinas. Antes de alcançar a idade de 19 anos, ele perdeu seus pais, e tomou posse de uma propriedade considerável. Uma dia, na igreja, aconteceu do evangelho referente ao jovem rico ter sido lido perante a assembleia. Antônio considerou as palavras do Salvador como se fossem enviadas do céu para ele. *"Vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres, e terás um tesouro no céu; vem, e segue-me"* (Lucas 18:22). Ele imediatamente doou sua terra aos habitantes de sua aldeia, vendeu o resto de suas propriedades e deu tudo aos pobres, exceto uma pequena porção que ele reservou para o cuidado de sua única irmã. Em outra ocasião ele ficou profundamente impressionado com as palavras do Senhor: ***"Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã"*** (Mateus 6:25–34), e tomando essas palavras em sentido literal, despojou-se do resto de suas propriedades e mandou sua irmã a uma sociedade de virgens piedosas para que ela pudesse ser livre de todos os cuidados com coisas terrenas e abraçasse uma vida de rígido asceticismo.

Conta-se que Antônio tenha visitado Paulo, o eremita, e todos os ascéticos mais famosos dos quais tinha ouvido falar, esforçando-se a aprender de cada um suas virtudes distintivas, e a combinar todas as suas graças em sua própria prática. Ele se fechou em uma tumba, onde viveu por dez anos. Por excessivos jejuns, exaustão, e uma imaginação acima do normal, ele imaginava-se atormentado por espíritos malignos, com quem ele tinha muitos e sérios conflitos. Antônio se tornou famoso. Muitos visitavam sua morada fora do comum na esperança de vê-lo, ou de ouvir o barulho de seus conflitos com os poderes das trevas. Mas ele saiu de sua tumba e passou a habitar em um castelo em ruínas perto do Mar Vermelho por outros vinte anos. Ele aumentou suas mortificações visando superar os espíritos malignos, mas as mesmas tentações e conflitos o seguiram.

Estranho como possa parecer, esse marcante e iludido homem tinha um verdadeiro coração para Cristo, e um coração terno para com seu povo. A perseguição sob Máximo (311) o tirou de sua célula para as cenas públicas em Ale-

xandria. Sua aparição causou um grande efeito. Ele se dedicou aos sofredores, exortando-os a manterem inabalável confiança em suas confissões de Cristo, e manifestando grande amor aos confessores nas prisões e nas minas. Ele se expôs, de todas as maneiras, ao perigo, ainda que ninguém se aventurava a tocá-lo. Supunha-se que um tipo de santidade inviolável cercava esse homem misterioso que parecia um fantasma. Quando a fúria da perseguição passou, ele fugiu para um novo lugar de isolamento, ao lado de uma alta montanha. Ali ele cultivou uma pequena porção de terra; multidões se aglomeravam para ouvi-lo; e um grande número o imitava. Os tristes vinham a ele para serem confortados, os perplexos para serem aconselhados, e os inimigos para serem reconciliados. Milagres lhe foram atribuídos, e sua influência não tinha limites.

No ano 352, quando tinha 100 anos de idade, ele apareceu uma segunda vez em Alexandria. Ele o fez para contrariar a propagação do arianismo, e defendeu com toda sua influência a verdadeira fé ortodoxa. Sua aparição produziu uma grande sensação, multidões se aglomeravam para ver o monge — o homem de Deus, como lhe chamavam — e ouvi-lo pregar, e muitos pagãos foram convertidos ao cristianismo por meio dele. Antônio e seus monges eram apoiantes firmes e poderosos do credo niceno. Ele viveu até a idade de 105 anos, e morreu apenas alguns dias antes de Atanásio ter encontrado um refúgio entre os monges do deserto, em 356.

As Virtudes e Falhas de Antônio

Antônio era evidentemente sincero e honesto, embora fosse totalmente equivocado e enganado pelos artifícios e poder de Satanás. No lugar de agir de acordo com a comissão do Salvador aos Seus discípulos, *"ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura"* (Marcos 16:15), ou de seguir Seu exemplo de andar fazendo o bem, ele achou que podia alcançar uma espiritualidade mais elevada retirando-se do meio da humanidade, e devotando-se à austeridade da vida e à comunhão ininterrupta com o céu. Ele era um cristão, mas totalmente ignorante da natureza e objetivo do cristianismo. **A santidade na carne foi seu único grande objetivo, embora o apóstolo tivesse dito: *"Em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum"*** (Romanos 7:18). Portanto, tudo foi um fracasso, total fracasso: como sempre deve ser, **se pensarmos que há qualquer coisa boa na natureza humana, ou tentarmos nos tornar melhores em nós mesmos.** Em vez de conseguir santificar sua natureza por meio dos jejuns e do ócio,

ele descobriu que toda paixão foi estimulada a uma maior atividade.

"Dessa maneira, em sua solidão", nos diz Neander, "ele teve que enfrentar muitos conflitos em suas faculdades mentais, os quais talvez poderiam ter sido evitados caso se envolvesse com algum tipo de vocação que exigisse o uso de todas as suas forças. As tentações contra as quais ele teve que batalhar foram das mais numerosas e poderosas, pois estava entregue à ociosa ocupação com si mesmo e se ocupava em lutar contra as imagens impuras que constantemente **vinham do abismo de corrupção de dentro de seu coração**, no lugar de esvaziar a si mesmo, dedicando-se a trabalhos mais dignos, ou de desviar o olhar para a eterna fonte de pureza e santidade. Em um período posterior, Antônio, com uma convicção fundada em longos anos de experiência, reconheceu isso e disse aos seus monges: 'Não ocupemos nossas imaginações pintando espectros e espíritos malignos; não atribulemos nossas mentes como se estivéssemos perdidos. Em vez disso, confortemo-nos e alegremo-nos todo o tempo, como aqueles que foram redimidos; e sejamos conscientes de que o Senhor está conosco, o Mesmo que os venceu e os tornou em nada. Lembremo-nos sempre que, se o Senhor está conosco, o inimigo não pode nos fazer mal. Os espíritos do mal aparecem de formas diferentes para nós, de acordo com o estado de mente com que eles nos encontram... **Mas se nos encontrarem gozosos no Senhor, ocupados na contemplação da bem-aventurança futura e das coisas do Senhor**, refletindo que tudo está nas mãos do Senhor, e que nenhum espírito maligno pode fazer qualquer mal ao cristão, eles afastam-se, em confusão, da alma que eles veem preservada por tais bons pensamentos."[7]

É perfeitamente claro, a partir desses conselhos aos monges, que Antônio era não apenas um cristão sincero, mas que ele tinha um bom conhecimento do Senhor e da redenção, embora tivesse sido tão completamente desviado por um coração enganado. **Nunca estamos seguros a menos que nos movamos sobre as linhas diretas da Palavra de Deus.** O sistema que esse homem introduziu em seus falsos sonhos de aperfeiçoamento da carne se tornou, no decorrer do tempo, um canteiro de devassidão e vício. E assim continuou por mais de mil anos. Somente no século XVI a luz divina da abençoada Reforma, lançando luz sobre um cenário de densas trevas morais, revelou a arraigada corrupção e as flagrantes enormidades das diferentes ordens monásticas. Os monges daquele tempo, como enxames de gafanhotos, cobriam toda a Europa; eles proclamavam em todos os lugares, como nos informa a História, a devida obediência à

[7] *História Geral da Igreja*, vol. 3, p. 310. Veja também *História da Igreja*, por James Craigie Robertson, vol. 1, p. 295.

santa mãe igreja, a devida reverência aos santos, e mais especialmente à Virgem Maria, a eficácia das relíquias, os tormentos do purgatório, e as benditas vantagens decorrentes de indulgências. Mas enquanto os monges perdiam sua popularidade e influência na Reforma, uma nova ordem foi necessária para ocupar o seu lugar e fazer sua obra má: e isto foi encontrado na Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola — os **jesuítas**. Mas temos de olhar mais uma vez para o inicio da história do monasticismo.

A Primeira Sociedade de Ascetas

A forma mais antiga em que o espírito asceta se desenvolveu na igreja cristã não se deu na formação de sociedades ou comunidades, como encontramos mais tarde, mas na seclusão de indivíduos isolados. Eles acreditavam, embora equivocados, que eles tinham um chamado especial para se esforçarem por uma vida cristã mais elevada; e, a fim de atingir essa eminente santidade, impuseram sobre si mesmos as mais severas restrições. Eles se retiravam para lugares desertos onde podiam se entregar a si mesmos em fechada meditação nas coisas divinas, e onde suas mentes pudessem estar inteiramente abstraídas de todos os objetos naturais e de quaisquer deleites para os sentidos. Tanto homens quanto mulheres supunham que deviam empobrecer seus corpos em vigílias, jejuns, trabalhos e autoflagelo. Como o corpo era considerado uma carga opressiva e um obstáculo para suas aspirações espirituais, eles competiam entre si sobre quão longe podiam carregar suas auto-mortificações. Eles sobreviviam à base das mais insanas e doentias dietas: às vezes se abstinham da comida e sono até que a natureza estivesse totalmente esgotada. O contágio **dessa nova invenção de Satanás** se espalhou por toda a parte. O misterioso recluso era tido como necessariamente investido de uma santidade particular. A célula do eremita era visitada pelos nobres, eruditos e devotos — todos desejosos de prestar homenagem ao homem santo de Deus; **e assim o orgulho espiritual foi engendrado pela bajulação do mundo**. A partir deste momento a vida monástica era tida em tal estima que muitos a adotaram como um emprego altamente honorável; e, posteriormente, formaram-se comunidades, ou instituições monásticas.

Pacômio, que era, como Antônio, um nativo de Tebas, se converteu ao cristianismo no início do século IV. Após praticar austeridades por algum tempo, foi informado por um anjo em seus sonhos de que ele tinha feito um progresso suficiente na vida monástica, e que agora deveria se tornar um mestre para

outros. Pacômio fundou, então, uma sociedade na ilha do Nilo. Assim começaram os ascetas a viver em associação. A instituição logo se estendeu de tal forma que, antes da morte do fundador, chegou a oito monastérios, com 3000 monges; e no começo do século seguinte o número de monges já passava dos 50000. Eles viviam em células que, cada uma, continham três monges. Eles eram comprometidos à obediência absoluta dos comandos de *Aba*, ou *pai*. Eles vestiam uma roupa peculiar, sendo seu principal artigo uma pele de cabra, em imitação a Elias que, como João Batista, era tido como um exemplo da condição monástica. Eles nunca podiam se despir: eles dormiam com suas roupas, e em cadeiras construídas de tal forma que os mantivessem numa postura quase vertical. Eles rezavam muitas vezes por dia em jejum no quarto e sexto dia da semana, e se comunicavam no sábado e no dia do Senhor (domingo). Suas refeições eram feitas em silêncio, e com capuzes sobre seus rostos, de modo que ninguém pudesse ver seu vizinho. Eles dedicavam-se à agricultura e variadas formas de indústria, e tinham todas as coisas em comum, à imitação dos primeiros cristãos após o dia de Pentecostes[8]. Pacômio fundou sociedades similares para mulheres.

Os Monastérios e o Pontífice Romano

Até quase o final do quinto século, os monastérios eram colocados sob a superintendência dos bispos; os monges eram considerados simplesmente como leigos e não tinham qualquer pretensão de serem classificados entre a ordem sacerdotal. Circunstâncias, no entanto, no decorrer do tempo, levaram os monges a assumir um caráter clerical. Muitos deles se ocupavam no trabalho de ler e expor as Escrituras, e todos eles deveriam estar envolvidos no cultivo da vida espiritual mais elevada. Assim, a população os tinham em muita estima, especialmente quando eles começaram a exercer suas funções clericais além dos confinamentos de suas celas. Invejas logo surgiram entre os bispos e os abades: o resultado foi que os abades, para se libertarem da dependência que tinham de seus rivais espirituais, fizeram uma petição para que tivessem a proteção do Papa de Roma. A proposta foi aceita com prazer, e logo todos os monastérios, grandes e pequenos, abadias, mosteiros e conventos se submeteram à autoridade da Sé de Roma. Isto foi um imenso passo em direção ao poder pontifical de Roma.

[8]Robertson, volume 1; Neander, volume 3; *Crenças do Mundo*, de Gardner, volume 2.

O Papa podia agora estabelecer, em quase qualquer canto, uma espécie de polícia espiritual, que agia como uma rede de espiões sobre os bispos, assim como sobre as autoridades seculares. Este evento deve ser observado com cuidado se quisermos acompanhar os caminhos e meios da ascensão do poder, e da derradeira supremacia, do Pontífice Romano.

O sistema monástico logo se espalhou para além dos limites do Egito: e todos os grandes mestres da época, tanto no Oriente quanto no Ocidente, advogavam a causa do celibato e monasticismo. **São Jerônimo**, em particular, o homem mais erudito de seus dias, é considerado o elo de ligação entre as duas grandes divisões da igreja — a grega e a romana, ou a oriental e a ocidental. Ele foi o meio pelo qual o celibato e monasticismo foram fortemente levados adiante, especialmente entre as mulheres. Muitas senhoras romanas de classe se tornaram freiras através de sua influência. **Ambrósio** exaltava tanto a virgindade em seus sermões que as mães de Milão impediam que suas filhas assistissem seu ministério; mas multidões de virgens de outros cantos se reuniam em torno dele para receberem a consagração. **Basílio** introduziu a vida monástica em Ponto e Capadócia; **Martinho**, na Gália; **Agostinho**, na África; e **Crisóstomo** foi impedido pela sabedoria de sua mãe a se retirar, em sua juventude, a um eremitério remoto na Síria.

Antes de terminarmos este assunto pode ser interessante, de uma vez por todas, tomar nota sobre o crescimento e estabelecimento dos conventos.

A Origem das Reclusas Femininas

Desde períodos iniciais da história da igreja lemos sobre virgens devotas que professavam a castidade religiosa e se dedicavam ao serviço de Cristo. Seus deveres e devoções eram auto-impostos, de modo que podiam preservar suas relações domésticas ou entrar sem escândalo ao estado de casadas. Mas a origem das comunidades de reclusas femininas é atribuída a Pacômio, o grande fundador dos sistemas monásticos regulares. Antes de sua morte, que ocorreu por volta da metade do século IV, não havia menos do que 27.000 mulheres no Egito que, por si só, tinham adotado a vida monástica. As regras que ele formou para os conventos de freiras eram similares àquelas aplicadas aos monges. "Elas viviam de fundos em comum, usavam um dormitório em comum, uma mesa e um armário. Os mesmos serviços religiosos eram prescritos, e a habitual temperança e ocasionais jejuns eram apreciados com a mesma severidade.

O trabalho manual não era menos rigidamente forçado, mas em vez da labuta agrícola imposta a seus 'irmãos', a elas cabia tarefas mais leves, como costurar ou tecer. Por deveres tão numerosos, por ocupações admitindo tão grande variedade, elas superavam o tédio cotidiano, e a dureza da reclusão monástica."[9]

É certo de que muitos desses estabelecimentos foram fundados durante o quarto século, e que eles se propagaram por todo o Egito, Síria, Ponto e Grécia, e que gradualmente penetraram em cada província onde o nome de Cristo era conhecido, e mesmo até hoje elas abundam em todos os países católicos romanos, e formam um estranho e incongruente apêndice para a igreja.

A Cerimônia dos Votos

O espírito cruel e impiedoso do papado é sentido dolorosamente até mesmo por seus próprios membros na consagração de uma freira. **Isso não é natural, nem bíblico**: é um ultraje para todo sentimento de nossa humanidade, ruinoso tanto para a alma quanto para o corpo, e **submeter-se a isso só é possível pelo poder que Satanás tem de cegar as pessoas**. Que misericórdia é estarmos longe de sua influência inexplicável e ilusões fatais! Ligeiramente abreviada, a seguinte descrição do cerimonial de uma noviça a tomar os votos vem da pena de uma testemunha ocular da cena que ocorreu em Roma:

"Por favores particulares foram-nos dados os melhores assentos, e, após esperarmos cerca de meia hora, dois criados em ricas texturas abriram caminho para a jovem condessa, que entrou na igreja lotada vestida da cabeça aos pés, com cabelos negros brilhando com diamantes. Apoiada por sua mãe, ela avançou até o altar. O sacerdote oficiante era vicário, o discurso do púlpito foi pronunciado por um monge dominicano, que a apresentou como a esposa prometida de Cristo — uma santa na terra, uma que renunciou às vaidades do mundo por uma antecipação das alegrias do céu.

"Tendo o sermão terminado, a própria doce vítima, ajoelhando-se diante do altar aos pés do cardeal, solenemente abjurou do mundo cujos prazeres e afeições ela parecia tão calculadamente desfrutar, e pronunciou aqueles votos que a separariam dele para sempre. Enquanto sua voz suavemente cantava aquelas palavras fatais, eu acredito que mal havia um olho em toda a imensa igreja que não estivesse cheio de lágrimas. Os diamantes que brilhavam em seus cabelos

[9]Waddington, vol. 2, p. 252.

foram arrancados, e suas longas e belas tranças caíram luxuriantemente sobre seus ombros.

"A grade que a sepultaria foi aberta. A abadessa e sua negra fileira de freiras apareceram. Suas vozes corais cantavam uma sequência de boas-vindas, que dizia, ou parecia dizer 'espírito irmão, venha para fora!'. Ela renunciou a seu nome e título e adotou uma nova denominação, recebendo a bênção solene do cardeal e os últimos abraços de seus amigos em pranto, e então atravessou o ponto de seu destino do qual jamais retornaria. Um painel atrás do outro se abriu, e ela apareceu na grade novamente. Ali ela foi despojada de seus ornamentos e de seu traje esplêndido, seus belos cabelos foram impiedosamente cortados pelas tesouras fatais das irmãs, o que foi o suficiente para fazer toda a congregação estremecer. Assim que foi tosquiada de sua cobertura natural, as irmãs apressaram-se em vesti-la com as roupas sóbrias de freira, a touca branca e o véu de noviça.

"Ao longo de toda a cerimônia ela mostrou grande calma e firmeza, e não foi até que tudo tivesse terminado que seus olhos se encheram de lágrimas de emoção natural. Mais tarde, ela apareceu na pequena porta dos fundos do convento para receber a simpatia, os louvores e congratulações de todos os seus amigos e conhecidos, e até mesmo de estranhos, todos esperando pagar seus cumprimentos à nova esposa do céu."[10]

A descrição dada aqui refere-se à profissão de uma freira na tomada do véu branco, um passo que simboliza o início do noviciado, ou ano de teste, ainda não irrevogável. A cerimônia de tomada do véu preto no final do ano é ainda mais solene e terrível, e quando terminada, a freira passa a ser reclusa para o resto da vida, e pode apenas ser libertada de seu voto pela morte. Aos olhos da lei romana, tanto civil quanto eclesiástica, o passo dado estaria além de qualquer revogação. Prisão, tortura e morte temporal e eterna são tidas como as punições pela desobediência. E quem pode dizer, de fora dos muros dos conventos, quais crueldades refinadas e prolongadas não são praticadas lá dentro? O poder é despótico; não há apelação, **até que enganador e enganado, perseguidor e vítima indefesa, estejam lado a lado diante do justo tribunal de Deus.**

[10]Crenças do Mundo, de Gardner.

Reflexões sobre os Princípios do Asceticismo

É realmente triste refletir sobre os muitos e sérios erros dos grandes doutores, ou dos primeiros "pais", como são usualmente chamados. Não sabemos de nada mais grave e solene do que o fato de que eles enganaram muito as pessoas de então, e que **por meio de seus escritos eles têm enganado a igreja professa desde então**. Quem é capaz de estimar as terríveis consequências de tais ensinos pelos últimos 1400 anos, pelo menos? **A má interpretação e má aplicação da Palavra de Deus** é evidentemente a regra para esses líderes, e ensinar a sã doutrina é a exceção. E ainda assim eles são o orgulho e a alegada autoridade para uma grande porção da Cristandade até hoje.

Sobre o assunto do **asceticismo**, qualquer um com conhecimento comum das Escrituras pode enxergar a ignorância que tinham da mente de Deus, e o quanto pervertiam Sua Palavra. Somos exortados, por exemplo, a ***"mortificar as obras do corpo"***, **mas nunca a mortificar o próprio corpo**. O corpo é do Senhor, e deve ser cuidado. ***"Não sabeis vós"***, diz o apóstolo, ***"que os vossos corpos são membros de Cristo?"***. Verdadeiramente, devem ser reduzidos à servidão, mas este é o modo mais sábio de cuidar do corpo (Romanos 8:13, 1 Cor 6:15, 9:27). Novamente, o apóstolo diz: ***"Mortificai, pois, os vossos membros, que estão sobre a terra"***, e então ele explica **o que são esses membros:** ***"a fornicação, a impureza, o afeição desordenada, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria"*** (Colossenses 3:5). Estas são as obras do corpo que devemos mortificar — que devemos entregar à morte de maneira prática; e isto **sobre o fundamento de que a carne foi condenada à morte na cruz**. ***"E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências"*** (Gálatas 5:24). Observe que o versículo não diz que *estão crucificando,* ou que *deveriam crucificar* a carne, mas que *já a crucificaram*. **Deus a colocou fora de Sua vista pela cruz**, e devemos mantê-la fora de nossa vista pelo auto-julgamento. O corpo, pelo contrário, tem no Novo Testamento um lugar muito importante como **o templo do Espírito Santo, mas a tendência do asceticismo é de maltratar o corpo e alimentar a carne**. ***"As quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade, e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum senão para a satisfação da carne"*** (Colossenses 2:23).

Os "pais" parecem ter se esquecido que **o asceticismo era fruto da filosofia pagã, e de modo nenhum do cristianismo divino**, mas eles parecem nunca terem olhado com cuidado para as Escrituras para conhecerem a mente de Deus sobre esses assuntos. Não tendo entendido a total ruína do homem na carne,

eles **em vão pensavam que ela podia ser melhorada**, e foram assim desviados de inumeráveis maneiras, especialmente quanto à obra de Cristo, o julgamento da carne por Deus, o verdadeiro princípio da adoração, e todo o caminho do serviço cristão.

Tendo visto o estabelecimento do grande sistema monástico que exerceria uma influência tão poderosa em conexão com o cristianismo, a literatura e a civilização através da idade das trevas, deixemos o assunto por enquanto e retornemos à nossa história geral.

Arcádio e Honório (395 d.C.)

Teodósio, o Grande, deixou dois filhos, **Arcádio**, com idade de dezoito anos, e Honório, que tinha apenas onze. O mais velho ficou com a soberania do Oriente, e o mais novo a do Ocidente. Nada pode ser mais impressionante do que a condição do mundo romano nesse momento, ou mais adequado para despertar nossa compaixão: dois imperadores de tal fraqueza a ponto de serem incapazes de conduzir a administração dos assuntos públicos, e todo o império em um estado de perigo e alarme por causa dos invasores góticos. A mão do Senhor é manifesta aqui. Onde está agora o gênio, a glória e o poder de Roma? Expiraram junto com Teodósio. Em um momento em que o império precisava de prudência, de habilidade marcial e dos talentos de um Constantino, ele foi declaradamente governado por dois príncipes imbecis. Mas seus dias estavam contados na providência de Deus, e deveriam passar muito rápido.

A mais feroz tempestade que já tinha assolado o império estava então pronta a irromper em sua hora de fraqueza. O competente general Flávio Stilicho (ou Stilico), a última esperança de Roma, foi assassinado logo após a morte de Teodósio, e toda a Itália caiu nas mãos dos bárbaros. Os godos tinham se rendido aos exércitos e especialmente à política de Teodósio, mas bastou as notícias de sua morte para que eles se erguessem em revolta e vingança. O famoso **Alarico**, o astuto e competente líder dos godos, apenas esperou para uma oportunidade favorável para levar adiante um esquema de maior magnitude e ousadia do que qualquer outro que tenha passado na mente de qualquer dos inimigos de Roma desde os tempos de Aníbal. Ele foi, sem dúvida, um ministro dos **justos juízos de Deus sobre um povo tão manchado com o sangue de Seus santos, além de terem crucificado o Senhor da glória e matado Seus apóstolos**. Deixaremos os detalhes com os historiadores do declínio e queda de Roma: mas

podemos dizer brevemente que Alarico era então seguido não apenas pelos godos, mas também pelas tribos de quase todo nome e raça. A fúria do deserto seria então derramada sobre a amante e corrupta do mundo. Ele conduziu suas forças para a Grécia sem oposição; ele devastou sua terra frutífera e saqueou Atenas, Corinto, Argos e Esparta; e aquela que era impiamente chamada de "a cidade eterna" foi sitiada e saqueada. Por seis dias ela foi entregue ao abate sem remorsos e a todo tipo de pilhagem. Assim caiu a culpada e devota cidade pelo juízo de Deus: nenhuma mão se estendeu para ajudá-la: ninguém para lamentar seu destino. Também as províncias mais ricas da Europa, como a Itália, a Gália e a Espanha, foram devastadas pelos sucessores imediatos de Alarico, especialmente **Átila**, e novos reinos foram instituídos pelos bárbaros. Assim **a história do quarto grande império mundial termina** por volta do ano 478 d.C., 1229 anos ano após a fundação de Roma.

Teodorico, rei dos ostrogodos, um príncipe de igual excelência nas artes da guerra e no governo, restaurou uma era de paz e prosperidade, varreu todos os vestígios do governo imperial, e fez da Itália um reino.[11]

Reflexões sobre as Calamidades de Roma

O leitor cristão pode aqui achar proveitoso fazer uma pausa por um momento e contemplar a derrubada do império ocidental e a divisão de seu território entre as várias hordas de bárbaros. É nosso privilégio e para nossa edificação vermos, em tudo isso, o cumprimento e harmonia das Escrituras, a soberana providência de Deus, e o cumprimento de Seus propósitos. Podemos também nos permitir derramarmos lágrimas de compaixão pelas misérias de nossos iludidos semelhantes. Isso não seria nada mais do que a terna compaixão daquEle que chorou sobre a devota cidade de Jerusalém. É nosso dever estudarmos a história **pela certeza da luz das Escrituras**; se não for pelas Escrituras — como tentam alguns — será pela incerta luz da história. Assim podemos nos alegrar na presença de Deus com a página da história aberta diante de nós, e nossa fé fortalecida pelo poderoso contraste entre o reino de Deus e toda a glória terrena. ***"Por isso"***, diz o apóstolo, ***"tendo recebido um reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente, com reverência e piedade"*** (Hebreus 12:28). A superioridade do cristianismo sobre as mais poderosas instituições pagãs foi então manifesta a todos. Quando os esmagadores juízos de

[11] *Enciclopédia Britânica*, vol. 19, p. 420. *Dezoito Séculos Cristãos*, de White, p. 94.

Deus caíram sobre a Itália, quebrando em pedaços o cetro de ferro do império, a igreja não sofreu nenhum dano. Em vez de ser exposta ao perigo, ela foi bastante protegida, e usada como o meio para proteger outros. Como a arca que se ergueu sobre as tenebrosas águas do dilúvio, a igreja foi preservada da fúria do invasor. Não houve sinal de bárbaros abraçando a velha religião da Grécia e de Roma: ou eles aderiam às superstições de seus ancestrais, ou adotavam alguma forma de cristianismo. **Não há um solo firme para o pecador em meio às convulsões da terra, as ascensões e quedas de impérios, além da Rocha Eterna, o Cristo de Deus ressuscitado e exaltado.** ***"Bem-aventurados todos aqueles que nele confiam"*** (Salmos 2:12). O Senhor providenciou a segurança de Seu povo pela conversão prévia daqueles que subverteram o império.

A Conversão dos Bárbaros

É sempre interessante e edificante identificar a mão do Senhor ao tornar a ira do homem em instrumento para Seu próprio louvor, e ao trazer o maior bem ao Seu próprio povo em meio ao que parecia ser sua mais pesada calamidade. No reinado de Galieno, por volta de 268, um grande número de provinciais Romanos tinham sido levados em cativeiro pelos bandos góticos; muitos desses cativos eram cristãos, e vários pertenciam à ordem eclesiástica. Eles foram dispersos por seus mestres como escravos nos vilarejos: mas também como missionários pelo Senhor. Eles pregaram o evangelho ao povo **bárbaro**, e muitos foram convertidos. Seu aumento e ordem podem ser inferidos do fato de que eles foram representados no concílio de Niceia por um bispo chamado Teófilo.

Ulfilas, que é comumente chamado "o Apóstolo dos Godos", mereceu a grata lembrança da posteridade, mas especialmente dos cristãos. Por volta da metade do século IV, ele inventou um alfabeto e traduziu as Escrituras para a linguagem gótica, com a exceção do livro de Samuel e de Reis, por receio de que seu conteúdo belicoso (cheio de guerras) pudesse parecer favorável à ferocidade dos bárbaros. A princípio eles parecem ter sido simples e ortodoxos em sua fé, mas mais tarde se tornaram profundamente manchados com o arianismo, especialmente após os ministros arianos, que foram expulsos de suas "igrejas" por Teodósio, terem trabalhado diligentemente entre eles.

Alarico e seus godos eram cristãos professos. Eles dirigiam sua ira contra os templos pagãos, mas reverenciavam muito as "igrejas". Esta foi a grande misericórdia de Deus para Seu povo. Muitos fugiam para as "igrejas", onde encon-

travam um santuário. A fé fervorosa e o zelo infatigável de Ulfilas, juntamente com sua vida irrepreensível, tinha ganhado o amor e confiança do povo. Eles receberam na fé as doutrinas do evangelho, que ele pregava e praticava: de modo que os primeiros invasores do império tinham previamente aprendido, em sua própria terra, a professar, ou ao menos respeitar, a religião dos conquistados. E aqui vemos a verdade, ou melhor, o cumprimento das palavras do Apóstolo em sua Epístola aos Romanos: ***"O evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego"***; e depois: ***"Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes."*** Os cidadãos cultos do Império Romano e os rudes habitantes da Cítia e da Germânia foram, do mesmo modo, colocados sob o poder salvador do evangelho.

A Conversão de Clóvis

Como a conversão de Clóvis é conhecida como sendo a mais importante do século V, devemos fornecer alguns detalhes em particular sobre o evento — importante, em relação às suas consequências, tanto imediatas quanto remotas, na história da Europa, e também da igreja.

Os francos, um povo da Germânia, tinham se estabelecido no norte da França, perto da aldeia Cambrai, uma parte mais religiosa do país, que ficou famosa pelo santuário de São Martinho de Tours e pelas lendárias virtudes de outros santos. Clóvis era um pagão, mas Clotilda, sua esposa, tinha abraçado a fé católica. Ela vinha a muito tempo incitando-o a tornar-se cristão, mas ele se demorava a crer. Por fim, no entanto, quando em uma batalha contra os alamanos, e se encontrando em perigo, ele pensou no Deus de Clotilda, e orou a Ele, declarando que seus antigos deuses tinham falhado para com ele, e prometendo se tornar um cristão se ele ganhasse a vitória. A maré da batalha virou; seus inimigos foram derrotados, e, fiel ao seu voto, no Natal de 496, Clóvis foi batizado em Reims pelo bispo Remígio. Três mil guerreiros seguiram seu exemplo, declarando estarem dispostos a adotarem a mesma religião de seu rei.

Aqui temos outro Constantino. Clóvis encontrou na profissão do cristianismo algo mais favorável aos seus interesses políticos, mas isto não produziu mudança para melhor em sua vida. Seu objetivo era conquistar, sua ambição não tinha limite, suas obras eram ousadas e cruéis. De um mero líder franco com um território pequeno ele se tornou o fundador da grande monarquia francesa.

E de sua confissão da fé católica, e de sua aliança com o Pontífice Romano, ele foi reconhecido como o campeão do catolicismo, e declarou-se o único soberano ortodoxo do Ocidente: todos os outros eram arianos. Alarico, que conquistou Roma; Genserico, que conquistou a África; Teodorico, o Grande, que se tornou o rei da Itália; e muitos dos reis lombardos, eram todos arianos. Por esse motivo os reis da França derivam de Clóvis o título de "Filho mais velho da Igreja".

Ao estudante da profecia é interessante observar que, por essa época, pelo menos cinco ou seis reis bárbaros estavam em posse das províncias romanas, e governavam o que havia sido o império latino. Mas isto havia morrido. Morreu como um império, e deve permanecer no lugar de morte até ser ressuscitado, de acordo com a Palavra do Senhor, nos últimos dias (Apocalipse 13, 17).

Antes de concluirmos o período de Pérgamo, achamos que será necessário observar, mesmo que brevemente, três coisas: o estado interno da igreja, a controvérsia pelagiana e a controvérsia nestoriana.

Ritos e Cerimônias

A adoção mais generalizada do cristianismo, como pode-se imaginar, foi seguida por um aumento do esplendor em tudo o que dizia respeito à — assim chamada — adoração a Deus. "Igrejas" foram construídas e adornadas com maiores custos; o clero oficiante passou a vestir-se em roupas mais ricas, a música se tornou mais elaborada, e muitas novas cerimônias foram introduzidas. E esses usos eram então justificados sobre o mesmo terreno que a alta cúpula da igreja usa para justificar os extraordinários ritos e cerimônias nos dias de hoje[12]. A intenção era recomendar o evangelho aos pagãos por cerimônias que pudessem superar aquelas da velha religião. Multidões eram, então, atraídas à igreja, como são hoje, sem qualquer entendimento suficiente sobre sua nova posição, e com mentes ainda possuídas de noções pagãs e corrompidas pela moralidade pagã. Mesmo nos primeiros dias do cristianismo encontramos irregularidades na igreja em Corinto no que diz repeito às práticas não esquecidas dos pagãos. O acendimento de velas à luz do dia, incenso, images, procissões, purificações, e inumeráveis outras coisas, foram introduzidas nos séculos IV e V. Como observa Mosheim: "Enquanto a boa vontade dos imperadores colaborasse com o avanço da religião cristã, a piedade indiscreta dos bispos obscurecia sua verdadeira natureza e oprimia suas energias pela multiplicação dos ritos e

[12]Veja A Igreja e o Mundo, 1866.

cerimônias."[13]

A Influência Degenerativa do Ritualismo

A tendência de todo o ritualismo eclesiástico é **produzir um espírito de superstição que subverte a fé: do mero formalismo que substitui a direção do Espírito Santo, e de descansar em nossas próprias boas obras em rejeição à obra consumada de Cristo**. A Palavra de Deus é assim praticamente deixada de lado, o Espírito Santo é entristecido, e o coração é aberto para as incursões de Satanás. Quando a fé se encontra em vivo exercício, a Palavra de Deus é estritamente seguida, e a prometida direção do Consolador é confiada, a alma é forte e vigorosa na vida divina, e as sugestões do inimigo passam despercebidas. Satanás é um atento observador dos diferentes estados da alma do crente e da igreja professa. Ele sabe quanto será bem-sucedido em suas tentativas contra o crente individual ou contra a igreja; ele espera o tempo certo — ele aguarda uma oportunidade. Quando ele vê a mente tomando uma direção errada, ele sussurra, bajula, estimula. Que pensamento solene para todos nós!

A Heresia Pelagiana

A condição da igreja no início do século V deu ao adversário uma oportunidade de trazer uma nova heresia, que introduziu uma nova controvérsia que continuou com mais ou menos violência desde aqueles dias até hoje. Trata-se do *pelagianismo*. A grande heresia, o arianismo, que tinha até então agitado a igreja, originou-se no Oriente e era relacionada à Divindade de Cristo, e agora esta nova se erguia no Ocidente, e tinha por assunto a natureza do homem após a queda e suas relações com Deus. Esta deturpava a questão do pecador perdido, e aquela, o divino Salvador.

Diz-se que **Pelágio** foi um monge do grande monastério de Bangor, no País de Gales, e provavelmente o primeiro bretão que se distinguiu como um teólogo. Seu verdadeiro nome era Morgan. Supõe-se que seu seguidor, **Celéstio**, era nativo da Irlanda. Agostinho fala dele como sendo mais jovem que Pelágio — e mais ousado e menos astuto. Estes dois companheiros no erro visitaram Roma, onde se tornaram íntimos de muitas pessoas de reputação ascética

[13] História Eclesiástica, vol. 1, p. 366, Murdock e Soames. Robertson, vol. 1, p. 316.

e santa, e disseminaram suas opiniões com cautela e privacidade. Mas, após o cerco do ano 410, eles passaram para a África, onde avançaram mais abertamente com suas opiniões.

Aparentemente a motivação de Pelágio não estava em qualquer desejo de formar um novo sistema doutrinal, mas sim de se opôr ao que considerava ser indolência moral e um espírito mundano entre os irmãos. Por isso, ele sustentava que o homem possuía um poder inerente para fazer a vontade de Deus e para alcançar o mais alto grau de santidade. Deste modo suas visões teológicas foram, em grande medida, bem formadas e determinadas, porém totalmente falsas, sendo consistentes somente com seu asceticismo rígido e com os frutos nativos que este produzia. Como **as Escrituras inegavelmente atribuem todo o bem no homem à graça de Deus**, assim Pelágio também, num sentido criado por ele próprio, reconhecia isso; mas suas ideias sobre graça divina eram, de fato, nada mais do que os meios externos para ressaltar os esforços humanos: ele não via a necessidade de uma obra de graça celestial no coração e nem da operação do Espírito Santo. Isto o levou a ensinar que o pecado de nossos primeiros antepassados não tinham prejudicado ninguém além deles mesmos, e que o homem é agora nascido tão inocente como Adão, como Deus o havia criado, e que era possuidor do mesmo poder e pureza moral. Estas doutrinas, e outras ligadas a elas, **especialmente a ideia do livre arbítrio do homem** — "um poder imparcial de escolha entre o bem e o mal" — foram secretamente disseminadas por Pelágio e seu colega Celéstio em Roma, Sicília, África e Palestina. No entanto, as novas opiniões foram geralmente condenadas, exceto no Oriente. Lá, por exemplo, João, bispo de Jerusalém, que considerava que as doutrinas de Pelágio concordavam com as opiniões de Orígenes, às quais ele tinha aderido, promoveu Pelágio, permitindo que ele professasse livremente seus sentimentos e angariasse discípulos.[14]

[14]"**O erro fundamental do monge Pelágio era a negação de nossa total corrupção** pelo pecado derivado de Adão, **e expiado unicamente pela morte e ressurreição do segundo Homem, o último Adão**. Por isso ele pregava que a liberdade era verdadeiramente possuída por todos os homens, não apenas no sentido de isenção de alguma restrição exterior, mas da liberdade da natureza de escolher entre o bem e o mal, **negando, assim, a escravidão do pecado no interior do homem**. Assim, mesmo em sua aplicação cristã, ele parece ter compreendido a graça como pouco mais do que o perdão por esta ou aquela ofensa, e não como a concessão de uma nova natureza ao crente, devido a qual ele não pratica o pecado, pois nasceu de Deus. Assim não havia lugar no esquema pelagiano para o homem estar perdido de um lado, e para o crente estar salvo no outro. De fato, ele pregava que a raça humana era concebida em uma inocência como a do estado primordial de Adão até que pecasse e então caísse sob a culpa e suas consequências. Os pelagianos negavam a imputação do pecado de Adão, vendo nele nada mais do que a influência de um mal exemplo. Assim, enquanto a ruína moral do homem o fazia perder a força, bem como o relacionamento com o Cabeça da igreja, por um lado, pelo outro lado, sob a graça, es-

Agostinho e a Graça Divina

Agostinho, o famoso bispo de Hipona, a grande luz evangélica[15] do Ocidente, e o mais influente de todos os escritores cristãos latinos, começou por volta dessa época a refutar, com sua pena, as doutrinas de Pelágio e Celéstio. E principalmente a ele é dado, como sendo um instrumento de Deus, o crédito de impedir o crescimento dessa seita naquele tempo. Por uma marcante conversão, e por profundo exercício de alma, ele tinha sido treinado sob a disciplina do Senhor para realizar essa grande obra. Foi assim que o todo-sábio Deus secretamente levantou um testemunho em oposição a Pelágio, e, por meio de sua heresia, pôs em evidência mais visões do evangelho da graça do que tinha sido ensinado desde os tempos dos apóstolos, e também visões mais plenas da verdade, santidade e humildade cristã. As igrejas ocidentais, conduzidas por Agostinho, continuaram perseverantemente resistindo às falsas doutrinas com concílios, livros e cartas. Os gauleses, os bretões, e até mesmo os palestinos, por seus concílios, e os imperadores por suas leis e penalidades, até então tinham esmagado a controvérsia logo em seu início. Mas os princípios fundamentais do pelagianismo em suas muitas formas e níveis permanecem até o tempo presente. No entanto, em vez de rastrear a história dessa heresia, vamos brevemente nos referir ao que as Escrituras ensinam sobre os dois principais pontos do assunto.

Reflexões sobre a Condição do Homem e a Graça de Deus

Se o mero raciocínio humano fosse permitido nessa controvérsia, ela seria interminável. Mas se a autoridade da Palavra de Deus é respeitada, ela logo se resolve. Que há algo bom na natureza humana caída, e que o homem, como tal, tem poder para escolher o que é bom e rejeitar o que é mal, são coisas que estão na raiz do pelagianismo em suas numerosas formas. **A total ruína do ho-**

tavam contadas todas as naturais e as sobrenaturais dotações da família humana. Por isso, a lei da consciência e o evangelho eram considerados como diferentes métodos e diferentes estágios de justiça, sendo os recursos e operações da graça válidos apenas de acordo com as tendências da vontade. Novamente, a redenção em Cristo se tomou, se não um mero aperfeiçoamento, com certeza **uma exaltação e transfiguração da humanidade**. O próprio Cristo não era nada além do padrão supremo de justiça, alguém que estimulava uns a guardarem perfeitamente a lei moral, e, por Sua obra, estimulava outros ao amor e ao exemplo pelos conselhos evangélicos da perfeição moral superior à lei." W. Kelly

[15] N. do T.: aqui não se refere ao que conhecemos hoje como "denominações evangélicas", mas simplesmente no sentido puro da palavra, isto é, daquilo que defende o evangelho.

mem é negada, e todas as ideias de graça divina que parecem inconsistentes com o livre arbítrio do homem são excluídas desse sistema. Mas o que diz as Escrituras? Uma única linha da Palavra de Deus satisfaz o homem da fé. E isto deveria ser o único argumento do mestre, do evangelista e do cristão em particular. **Devemos sempre tomar o terreno da fé** contra todos os adversários.

Em Gênesis 6, Deus expõe Sua opinião sobre a natureza humana caída. ***"E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente"***. Deus não podia encontrar nada no homem além do mal, e mal sem cessar. Novamente, no mesmo capítulo, lemos: ***"E viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra"***. Não alguma carne, observemos, mas **toda** a carne tinha corrompido seu caminho sobre a terra. Aqui temos o juízo de Deus sobre a natureza corrupta; mas, **ao mesmo tempo, Ele revela Sua graça soberana** para redimir a condição do homem assim julgado. Deus provê uma arca de salvação, e então anuncia o convite: ***"Entra tu e toda a tua casa na arca"*** (Gênesis 7:1). A cruz é o testemunho, e a grande expressão, das grandes verdades figuradas pela arca. Ali temos de um modo, como em nenhum outro lugar, o juízo de Deus sobre a natureza humana com todo o seu mal; e, ao mesmo tempo, a revelação de Seu amor e graça em toda sua plenitude de poder salvífico.[16]

Mas todas as Escrituras são consistentes com Gênesis 6 e a cruz de Cristo. Tome, por exemplo, Romanos 5 e Efésios 2. No primeiro é dito estarmos ***"fracos"***; mas no último, que estamos ***"mortos"***, **mortos em delitos e pecados**. O apóstolo, mais no início da Epístola aos Romanos, com muito cuidado prova a ruína do homem e a justiça de Deus, e aqui temos Seu amor demonstrado no grande fato da morte de Cristo por nós. ***"Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios"***. Mas por que é dito *"a seu tempo"*? Porque o homem tinha sido plenamente provado ser não apenas "ímpio", mas **"fraco" demais para fazer qualquer coisa boa para Deus**, ou para se mover um passo sequer em sua direção. Sob a lei, Deus mostrou ao homem o caminho, apontou meios, e deu-lhe uma longa prova; mas **o homem não tinha poder algum para sair de sua triste condição de pecador**. Quão humilhante, mas quão saudável, é a verdade de Deus! É bom conhecermos nossa condição de perdidos. **Quão diferente é isso da falsa teologia e da orgulhosa filosofia dos homens!** Mas da parte de Deus, bendito seja Seu nome, o estado do homem (as-

[16]Para detalhes, veja *Notas sobre o Livro de Gênesis*.

sim demonstrado) foi apenas a oportunidade para a manifestação de Sua graça salvadora; e por isso Jesus morreu. ***"Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores"***. Agora o homem deve se deparar, ou com o juízo de Deus em incredulidade, ou com Sua salvação pela fé. Não há algo como estar "encima do muro". A prova mais completa de nossa condição perdida e do amor gracioso de Deus é ***"que Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores"*** (Romanos 5:6–10).

Em Efésios 2 não se trata meramente de uma questão de fraqueza moral do homem, mas de **sua morte**. ***"E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados"***. **Em Romanos o homem é visto como impotente, ímpio, um pecador, e um inimigo; aqui, como moralmente morto**: e este é o pior tipo de morte, pois é a própria fonte da mais ativa impiedade. ***"Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência"***. **Que golpe para o orgulhoso poder que o homem pensa ter de escolher entre o bem e o mal!** Aqui, ao contrário, ele é visto como estando sob o governo de demônios — **como escravo** de Satanás. O homem admite muito mais facilmente ser ímpio do que impotente. **Ele se orgulhará de ter sua opinião própria** — de ser independente e muito capaz de julgar e escolher por si próprio nas coisas espirituais.

Um dos dogmas favoritos de Pelágio, se não o fundamento de seu sistema, era que "como o homem tem a capacidade de pecar, assim também ele não apenas tem a capacidade de discernir o que é bom, mas do mesmo modo tem poder para desejá-lo e realizá-lo. E esta é a liberdade do arbítrio, que é tão essencial para o homem que ele não pode perdê-la". Nos referimos **a esta falsa noção** simplesmente porque ela é muito aceita pela mente natural, e é tão difícil de se livrar dela mesmo após sermos convertidos, sendo sempre um grande obstáculo à obra da graça de Deus na alma. Uma vez que o homem está morto em seus pecados, Deus e Sua própria obra devem ser tudo. É claro que há uma grande variedade entre os homens naturalmente, quando estão ***"fazendo a vontade da carne e dos pensamentos"***. Alguns são benevolentes e morais, alguns vivem em grosseira e aberta impiedade, e alguns podem ter um gratificante tipo de coração sensível: mas por que motivo? Para fazer a vontade de Deus? Certamente não! Deus não está em todos os seus pensamentos. Eles são energizados pelo espírito de Satanás, e guiados por ele de acordo com o curso deste mundo. ***"Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há de odiar um e amar o outro, ou se há de chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e***

a Mamom." (Lucas 16:13)

Como o Homem é Responsável?

Mas onde, pode-se perguntar, e de que forma entra a responsabilidade do homem? Certamente o homem é responsável por considerar que Deus é verdadeiro, e aceitar como justo, por mais humilhante que seja, Seu julgamento sobre sua natureza e caráter. "Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior" (1 João 5:9). Aceite esse quadro sombrio que Deus pinta sobre o homem e diga: este sou eu, isto é o que eu tenho feito e o que eu sou. **A salvação é pela fé: não pelo arbítrio (desejo), escolha, ou obras, mas sim pelo crer.** *"Porque* ***Deus amou o mundo*** *de tal maneira que* ***deu o seu Filho unigênito****, para que todo aquele que nele* ***crê*** *não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. . .* ***E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más."*** (João 3:16–19)

Como poderia alguém deixar de ver que uma responsabilidade é criada por essa demonstração de bondade divina em Cristo, e uma de caráter tão óbvio, solene e considerável? Tanto é assim, de fato, que a evidência é decisiva e final, **e que o incrédulo será julgado diante de Deus**. Não é uma questão, perceba, deles não encontrarem perdão, **mas de preferirem as trevas à luz para que continuem em pecado**. Isto é o que Deus coloca contra eles, e como poderia haver um fundamento mais justo e razoável de condenação? Impossível. **Que possa ser a feliz condição de todos os que leem essas páginas de se curvarem à humilhante sentença das Escrituras sobre nossa natureza, e de nos considerarmos pecadores perdidos à vista de Deus.** Que assim um Deus todo misericordioso e gracioso nos encontre na grandeza de Seu amor, e nos abençoe com tudo o que é devido a Cristo, como o Salvador da humanidade.

Os Nestorianos

Como a seita chamada de nestoriana ocupa um lugar importante na história da igreja, vamos tomar nota brevemente de sua formação. Eles são, às vezes, chamados de **sírios**, uma vez que seu fundador foi um sírio. Cremos que são

numerosos na Síria atualmente[17], mas não receberam do governo turco a proteção a qual tinham direito, e assim foram expostos a constantes assaltos das tribos predatórias. Milhares de **nestorianos** nas montanhas do Curdistão, incluindo homens, mulheres e crianças, foram massacrados em 1843, e suas vilas totalmente destruídas pelas tribos curdas. Desde o ano 1834, uma interessante missão foi estabelecida entre eles pelo Conselho Americano de Missões Estrangeiras. O caráter e procedimentos da missão são muito comentados por Dr. Grant, um dos missionários que residiu entre os nestorianos por um tempo considerável, e que tinha estudado seus modos e costumes com grande minúcia e cuidado, e acabou publicando um tratado visando provar que essa interessante classe de pessoas são os descendentes das dez tribos perdidas de Israel. Mas suas conclusões, como outras sobre o mesmo assunto, podem muito bem ser postas em dúvida.[18]

Nestório, um monge sírio, tornou-se um presbítero da igreja em Antioquia. Ele era estimado e celebrado por conta da rígida austeridade de sua vida, e do impressionante fervor de sua pregação. Ele atraiu grandes e atentas audiências, e logo se tornou um grande favorito do povo. No ano 428 ele foi consagrado bispo de Constantinopla. Mas a disciplina do claustro tinha lhe preparado mal para uma posição tão importante na vida pública. Tão logo ele foi promovido a esse nível, ele começou a demonstrar um zelo intemperado contra as várias descrições dos hereges, **o que devia-se mais ao fanatismo do monge do que ao espírito tolerante e suave do cristianismo genuíno**. Em seu discurso inaugural, dirigindo-se ao imperador Teodósio, o jovem, ele se pronunciou com estas violentas expressões: *"Dá-me um país purgado de todos os hereges, e em troca por isto eu lhe darei o céu. Me ajude a subjugar os hereges, e eu lhe ajudarei a subjugar os persas"*. Mas não demorou muito até que o próprio Nestório fosse também acusado de heresia.

O novo bispo logo em seguida pronunciou sua declaração de guerra contra os hereges por meio de atos de violência e perseguição. Ele excitou tumultos entre o povo: os arianos foram atacados, sua casa de reuniões foi queimada, e outras seitas foram perseguidas. Tais procedimentos, no entanto, logo levantaram contra Nestório, até mesmo dentre os ortodoxos, uma numerosa hoste de inimigos, que buscaram e logo conseguiram sua queda. Aconteceu assim... (continua no próximo tópico).

---

[17]N. do T.: este texto foi escrito no século XIX

[18]Veja *Crenças do Mundo*, de Gardner, vol. 2, p. 531

Anastácio e a Mariolatria

Anastácio, um presbítero que tinha acompanhado Nestório desde a Antioquia, e que era seu amigo íntimo, atacou, em um discurso público, o uso da expressão "Mãe de Deus", que era aplicada à virgem Maria. O termo então posto em oposição tão violentamente tinha do seu lado a autoridade do uso consagrado pela tradição e muitos nomes de grande peso para com o povo. Nestório aprovou o discurso, apoiou seu amigo, e em vários discursos explicou e defendeu seu ataque. Muitos ficaram satisfeitos com esses discursos, e muitos se despertaram contra Nestório e seu amigo: a agitação em Constantinopla foi imensa, os gritos de *"Heresia, heresia!"* se ergueram e as chamas de uma grande e dolorosa controvérsia se acenderam.

A Diferença Entre Nestório e Seus Oponentes

Nunca houve uma contenda doutrinal na qual os partidos em conflito fossem tão próximos. Ambos aderiam e apelavam ao credo niceno: ambos criam na absoluta Divindade e na perfeita humanidade do Senhor Jesus. Mas foi inferido pelos inimigos de Nestório, especialmente por *Cirilo*, que ele era inconsistente quanto à *encarnação*, com base em sua objeção ao termo "mãe de Deus". O significado ou importância do disputado termo, como usado pelos doutores no século anterior, não era o de implicar que a virgem comunicou a vida divina ao Salvador, mas de afirmar a união da Divindade e humanidade em uma Pessoa — que o *"menino nos nasceu, um filho se nos deu"*, era Deus encarnado. Assim foi atribuída a Nestório a ideia de que ele defendia a mera humanidade do Redentor, e que o Espírito apenas habitou nEle após ter se tornado um homem, como acontecia antigamente com os profetas. Mas Nestório, enquanto viveu, se declarou totalmente oposto a tais opiniões. Também não parece que tais opiniões foram alguma vez afirmadas por ele, mas apenas inferidas por seus adversários com base na sua rejeição do epíteto "Mãe de Deus", e de alguns termos incautos e ambíguos que ele utilizou em seus discursos públicos sobre o assunto.

Cirilo e a Ortodoxia

Cirilo, bispo de Alexandria, na controvérsia que tinha se erguido, aparece como o grande campeão da ortodoxia. Mas todos os historiadores concordam em atribuir a ele um caráter mais soberbo e contrário ao de um cristão. Ele é acusado de ser movido pela inveja por causa do crescente poder e autoridade do bispo de Constantinopla, e de ser incansável, arrogante e inescrupuloso em seus caminhos. Ele era também tão violento contra os hereges quanto Nestório. Ele perseguiu os novacianos e expulsou os judeus de Alexandria. Um zelo honesto e piedoso pode ter animado esses grandes clérigos, mas **eles falharam totalmente em unir ao zelo a prudência e moderação cristã, e logo aliaram ao zelo as piores paixões da natureza humana.**

Cirilo foi primeiramente impelido a entrar na controvérsia quando descobriu que cópias dos sermões de Nestório estavam circulando entre os monges no Egito, e que eles tinham abandonado o termo “Mãe de Deus”. Ele imediatamente culpou tanto os monges quanto Nestório, e denunciou a novidade como herética. Todas as partes logo se agitaram, e palavras raivosas, que não precisam ser agora repetidas, foram usadas por todos os partidos. É suficiente dizer que, quando Nestório descobriu que Cirilo tinha habilmente conseguido assegurar a influência de Celestino, bispo de Roma, e que ele estava envolvido com outras dificuldades, ele apelou a um concílio geral. Como alguns de seus oponentes já tinham peticionado para tal assembleia, ela foi acordada, e o imperador Teodósio emitiu ordens para uma assembleia em Éfeso no ano 431, que é chamada de **Terceiro Concílio Geral**. Eles se reuniram em junho. Cirilo, em virtude da dignidade de sua sé, presidiu. Acusações foram postas contra Nestório. Ele foi condenado como culpado de blasfêmia, privado da dignidade episcopal, cortado do sacerdócio em todas as partes, e enviado ao exílio, no qual ele terminou seus dias por volta do ano 450.

Cerca de 200 bispos assinaram a sentença contra Nestório, mas ainda assim permanece a questão, por parte da maioria dos historiadores, se ele era realmente culpado de aderir aos erros pelos quais foi condenado. Mas todos concordam que ele era imprudente e intemperado em sua linguagem, vaidoso de sua própria eloquência, que desconsiderava os escritos dos primeiros “pais”, e que era apto a ver heresias em tudo o que diferia da fraseologia dogmática à qual estava acostumado desde jovem. Mas é difícil determinar quem foi o

principal causador dessa grande disputa: se foi Cirilo ou Nestório.[19]

O Encerramento do Período de Pérgamo

O concílio de Éfeso estava longe de pôr fim a essas contendas vergonhosas. Em vez de restaurar harmonia à igreja, só fez aumentar suas angústias. João, bispo de Antioquia, e outros clérigos orientais, julgaram Cirilo e seus amigos de terem agido muito injustamente e com precipitação inadequada no caso de Nestório: assim ergueu-se uma nova controvérsia, e em meio a isto nasceu uma nova heresia — o *eutiquianismo*, que muito perturbou as igrejas orientais por cerca de vinte anos.

Eutiques, abade de um convento em Constantinopla, na ânsia de sua oposição ao nestorianismo, correu ao extremo oposto. Ele foi acusado de inconsistência quanto às doutrinas da encarnação, e denunciado como herege. Isto levou a outro concílio que ocorreu na Calcedônia no ano 451, e que é chamado de **Quarto Concílio Geral**. Mas os detalhes dessas disputas locais fogem do escopo deste livro. Nosso plano é dar ao leitor um esboço distinto no menor espaço possível, e apenas apresentar alguns poucos detalhes em casos em que o nome da pessoa se tornou um sinônimo para as opiniões que ensinava, tais como Ário, Pelágio, etc., ou quando os eventos, tais como as grandes perseguições, merecem a atenção da igreja ao longo de todas as eras.

Para levar a cabo esses propósitos, será agora necessário voltarmos nossa atenção mais especialmente ao poder crescente e às sublimes pretensões da igreja de Roma. Em **Leão, o Grande**, podemos ver o encerramento do período de Pérgamo, e **a aproximação da monarquia papal**. Mas antes de nos aventurarmos nessas águas turbulentas, faremos bem em estudarmos nosso mapa divino — a história profética de Deus da igreja durante aquele período tenebroso e, muitas vezes, tempestuoso.

[19] *Manual dos Concílios*, de Landon, p. 225; Neander, vol. 4, p. 141; Mosheim, vol. 1, p. 468.

Capítulo 13

Roma e a Expansão de Sua Influência (397—590 d.C.)

A Epístola à Igreja em Tiatira

"E ao anjo da igreja de Tiatira escreve: Isto diz o Filho de Deus, que tem seus olhos como chama de fogo, e os pés semelhantes ao latão reluzente: Eu conheço as tuas obras, e o teu amor, e o teu serviço, e a tua fé, e a tua paciência, e que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras. Mas algumas poucas coisas tenho contra ti que deixas Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensinar e enganar os meus servos, para que forniquem e comam dos sacrifícios da idolatria. E dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua fornicação; e não se arrependeu. Eis que a porei numa cama, e sobre os que adulteram com ela virá grande tribulação, se não se arrependerem das suas obras. E ferirei de morte a seus filhos, e todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda os rins e os corações. E darei a cada um de vós segundo as vossas obras. Mas eu vos digo a vós, e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina, e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás, que outra carga vos não porei. Mas o que tendes, retende-o até que eu venha. E ao que vencer, e guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações, e com vara de ferro as regerá; e serão quebradas como vasos de oleiro; como também recebi de meu Pai. E dar-lhe-ei a estrela da manhã. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas." (Apocalipse 2:18–29)

Pensamos que basta um pouco de discernimento espiritual e um conhecimento moderado sobre a história eclesiástica para ver o papado da Idade Média prenunciado nesta epístola. Vimos em Éfeso o declínio do primeiro amor, em Esmirna a perseguição do poder romano, em Pérgamo vemos Balaão sedu-

zindo a igreja e a unindo ao mundo; mas as coisas são ainda piores em **Tiatira**. Aqui temos **as consequências tristes porém naturais dessa união ímpia**. Como poderia ser de outro modo quando qualquer que meramente se submetesse ao rito exterior do batismo fosse considerado como nascido de Deus? A porta foi assim escancarada para que o destruidor e o corruptor entrassem no recinto sagrado da igreja de Deus. Todo o testemunho quanto ao **seu caráter celestial e sua separação do mundo** estava agora perdido. Ela tinha falsificado a palavra do Senhor que diz aos Seus discípulos: ***"Não são do mundo, como eu do mundo não sou"*** (João 17:16). De fato, na aparência, o cristianismo tinha ganhado uma vitória. **A cruz era então revestida em ouro e pedras preciosas, mas esta era a glória do mundo, não de um Cristo crucificado. Era, na verdade, o mundo que tinha ganhado a vitória**, e a humilhação da igreja assim estava completa.

Apenas o Senhor podia estimar as terríveis consequências de tal estado de coisas. Seus olhos viam a corrupção, as idolatrias, e as perseguições da assim chamada Idade das Trevas, da qual a igreja em Tiatira foi um prenúncio notável. Veremos agora resumidamente o conteúdo da epístola.

1. Os títulos do Senhor são a primeira coisa a ser observada. Eles são cheios das mais adequadas instruções para os poucos fiéis quando o corpo geral de cristãos está identificado com este mundo. Ele Se apresenta como o Filho de Deus, que tem olhos como chama de fogo, e Seus pés como latão reluzente. Quando Pedro **confessou que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo**, Ele imediatamente acrescentou: ***"Sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela"***. E agora, em antecipação a tudo o que estava por vir, Ele chama a atenção para os pensamentos de Seu povo para **o fundamento imutável sobre o qual a igreja é construída**. Ele também assume os atributos do juízo divino. Fogo é o símbolo dos penetrantes olhos de juízo, como chamas de fogo, de um juízo que a tudo perscruta; e os pés como latão reluzente, do juízo iminente.

   Aqui temos, então, no caráter que o bendito Senhor toma, a garantia da perfeita segurança do remanescente fiel, e a afirmação do infalível julgamento sobre a falsa profetiza e sua numerosa prole de filhos corruptos — filhos de sua sedução e corrupção. **Jezabel** era não apenas uma profetiza como também uma mãe: ela não apenas seduziu o povo de Deus por suas falsas doutrinas, matando também a muitos; como também uma ampla classe dos piores dentre os homens derivou sua existência a partir de sua

corrupção [de Jezabel]. Isto é dolorosamente manifesto no decorrer de toda a Idade das Trevas—o "estado de Jezabel" da igreja. Ela se estabeleceu dentro da igreja como se fosse sua própria casa, e decretou a todo o mundo que ela era infalível e que devia ser implicitamente obedecida em todos os assuntos da fé. Concordar com tal suposição blasfema era infidelidade a Cristo; se opôr a ela resultava em sofrimento e morte.

2. À medida que **as pretensões de Roma** falavam cada vez mais alto e as trevas cresciam cada vez mais densas, muitos dos santos de Deus se tornaram cada vez mais devotos a Cristo e a Suas reivindicações. **O que é devido a Cristo deve sempre ser a palavra de ordem do cristão, e não o que é devido àqueles em posições elevadas**. Parece ter havido uma energia espiritual nessa época que se ergue acima de tudo o que houve desde os dias dos apóstolos. Isto é graça — a maravilhosa graça de Deus para com Seus verdadeiros santos em um tempo de muita provação. É a linha prateada de Seu próprio amor que é tão preciosa a Sua vista. Podemos nem sempre ser capazes de traçá-la na história eclesiástica, **mas lá está ela, e lá ela brilha aos olhos e ao coração de Deus em meio à abundante iniquidade**. Isto deve ser notado, e sempre lembrado, como algo de muito encorajamento ao cristão quando colocado em circunstâncias de provas. Ouça o que o Próprio Senhor diz: ***"Eu conheço as tuas obras, e o teu amor, e o teu serviço, e a tua fé, e a tua paciência, e que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras"***. Aqui temos amor, fé e esperança em vivo exercício, os três grandes princípios fundamentais do verdadeiro cristianismo prático; e vemos que as últimas obras são mais que as primeiras. Não nos deparamos com tal testemunho fiel, ou tal medida de devoção, desde os primeiros dias da igreja em Tessalônica. Pode ser, no entanto, que a impiedade ao redor tornou a piedade deles ainda mais preciosa para o coração do Senhor, levando-O a elogiá-los ainda mais. Mas **nenhum coração que bate verdadeiramente para Ele em um dia mau passará desconhecido, despercebido ou não recompensado.**

3. No entanto, embora o Senhor ame elogiar o que Ele pode em Seu povo, e observar as coisas boas antes de falar das coisas más, Ele também não tarda em detectar suas falhas. Eles corriam o perigo de adulterarem com a falsa doutrina e com o falso sistema religioso de Jezabel; portanto Ele diz: ***"Mas algumas poucas coisas tenho contra ti que deixas Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensinar e enganar os meus servos, para que forniquem***

e comam dos sacrifícios da idolatria" (v. 20). Não obstante a fidelidade de muitas almas fervorosas em Tiatira (ou seja, na igreja medieval), havia também a aceitação pública do espírito do mal: ***"toleras a mulher Jezabel"*** (versão Almeida Revisada). Esta era a sombra escura sobre a linha prateada: que às vezes acaba parecendo completamente obscurecida. Mas o Senhor não falhou, como sempre, em levantar testemunhas adequadas para Ele Próprio. Assim como havia santos na casa de César, um Obadias na casa de Acabe, um remanescente fiel em Israel que não tinha se curvado a Baal, assim **o Senhor nunca foi deixado sem uma testemunha fiel no decorrer da Idade Média**. **No entanto, havia uma permissividade ao mal no estado geral de coisas, o que entristecia o coração do Senhor e trazia os Seus juízos.**

"A mulher", pode ser interessante observar, é usada como um símbolo do estado geral; *"o homem"*, é dito, é um símbolo de atividade responsável. Balaão e Jezabel são nomes simbólicos — um profeta e uma profetiza. O primeiro agiu como um sedutor entre os santos; e a última se estabeleceu dentro da igreja professa e fingia ter absoluta autoridade ali. Isto era ir muito além até mesmo da impiedade de Balaão. Mas todos sabemos o que Jezabel foi quando se assentou como rainha em Israel. Seu nome chega até nós como envolto em crueldades e sangue. Ela odiava e perseguia as testemunhas de Deus; ela encorajava e patrocinava os sacerdotes idólatras e profetas de Baal; ela acrescentava violência à corrupção: tudo virou ruína e confusão. E este é o nome que o Senhor escolheu para simbolizar o estado geral da igreja professa durante a Idade Média. Em Tiatira, Ele, cujos olhos eram como chama de fogo, podia ver a semente daquilo que carregaria tal fruto ruim até dias póstumos, e assim Ele adverte Seu povo para que retenham aquilo que eles já tinham, o que inclui Ele Próprio. ***"Outra carga vos não porei. Mas o que tendes, retende-o até que eu venha"***. Como o estado de Jezabel continua até o fim e nunca pode ser consertado, o Senhor direciona então os olhos da fé do remanescente para Seu próprio retorno — ***"Até que eu venha"***. **A brilhante esperança de Sua vinda é assim apresentada como um conforto ao coração em meio à ruína geral**; e Seus santos são aliviados, pelo Próprio Senhor, das vãs tentativas dos homens de consertar a igreja [1] e o mundo. Que libertação misericordiosa! **Mas a pobre natureza humana não pode entendê-la**, e assim tenta, vez após outra, consertar questões tanto na igreja como no Estado.

[1] N. do T.: aqui no sentido de seu testemunho na terra

4. Temos evidentemente três classes de pessoas mencionadas nesta epístola: **(1)** Os filhos de Jezabel — aqueles que devem seu nome e lugar cristão ao seu sistema corrupto. Um julgamento impiedoso levará a todos estes. Foi dado espaço para o arrependimento, mas eles não se arrependeram; portanto, o pleno juízo de Deus cairá sobre eles. ***"Ferirei de morte a seus filhos"***. **(2)** Aqueles que não são seus filhos, mas que não fazem oposição a ela: são maleáveis e indolentes. Esta, infelizmente, **é uma ampla classe de pessoas em nossos próprios dias**. Ela caracteriza a condição pública da cristandade. Sem consciência diante de Deus, eles se contentam em flutuar suavemente correnteza abaixo, **em comunhão com algum sistema religioso que lhes pareça mais agradável a suas próprias mentes**. Quanto ao que é agradável para a mente de Deus, eles nunca buscam saber. **Ainda assim eles são Seus filhos**. O juízo para tais é ***"grande tribulação, se não se arrependerem das suas obras"***. **(3)** O remanescente fiel, os "vencedores". Eles são aqui mencionados como "os demais", ou o remanescente; eles terão poder sobre as nações em associação com Cristo quando Ele vier para reinar. Enquanto isso eles têm essa doce e preciosa promessa: ***"E darlhe-ei a estrela da manhã"***. Isto é a associação consciente com Ele Próprio até mesmo hoje. **A igreja medieval era especialmente culpada de duas coisas:** ela arrogante e perversamente buscava possuir poder supremo sobre as nações, e ela perseguia o remanescente fiel dos santos, tais como os valdenses e outros. Mas os santos, uma vez assim perseguidos, ainda possuirão o reino, e reinarão com Cristo por 1000 anos; e todo o sistema de Jezabel será totalmente e para sempre rejeitado: ***"É forte o Senhor Deus que a julga"*** (Apocalipse 18:8).

5. Há apenas mais uma coisa para tomar nota neste esboço da condição pública da cristandade desde o início do sistema papal. A exortação a "ouvir" é colocada após a promessa especial. Isto marca o remanescente como distinto e separado do corpo geral. Nas três primeiras igrejas a palavra de advertência — ***"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas"*** — vem antes da promessa. Mas nas quatro igrejas finais temos a promessa antes do chamado a ouvir. O significado óbvio dessa mudança é profundamente solene. Nas primeiras três, o chamado a ouvir é dirigido a toda a assembleia, mas nas últimas apenas ao remanescente. Parece que, nestas, é esperado que ninguém ouviria além dos vencedores. **O corpo professo geral parece tanto cego como surdo através do poder de Satanás e das poluições de Jezabel; que temível condição!** Devemos também

ter em mente que os quatro estados, como representados pelas últimas quatro igrejas, continuam até o final da vinda do Senhor. Que Ele possa nos guardar de tudo o que cheire a Jezabel, para que possamos apreciar devidamente nossa união com Ele Próprio e Suas bênção prometidas aos "vencedores".

Tendo então brevemente examinado o quadro divinamente pintado sobre o estado de Jezabel da igreja durante a Idade das Trevas, nos voltaremos agora aos amplos, porém tristes, registros de sua história.

O Começo do Período Papal

É geralmente admitido que esse período começa com o pontificado de **Gregório, o Grande**, em 590, e termina com a Reforma na primeira metade do século XVI. Mas, antes de entrarmos na história geral, tentaremos responder a uma questão que tem sido perguntada e que, sem dúvida, está na mente de muitos: Quando, e por que meios, o poder caiu nas mãos do pontífice romano, o que levou a sua supremacia e despotismo durante a Idade Média? É uma pergunta interessante, mas respondê-la plenamente nos levaria além de nossos limites. Podemos apenas apontar alguns poucos fatos na cadeia de eventos que levou à fundação do grande poder e soberania da Sé de Roma.

Desde o tempo do famoso decreto de Milão em 313, a história da igreja mudou de caráter. Ela passou então de uma condição de angústia e perseguição para o auge de uma prosperidade e honra mundana: outras questões além daquelas do cristianismo foram doravante envolvidas em sua história. Tendo entrado em uma aliança com o Estado, seu futuro caminho foi necessariamente formado por suas novas relações. Ela não podia mais agir simplesmente no nome do Senhor Jesus, e de acordo com Sua santa Palavra. Mas nunca poderia haver uma completa amalgamação (mistura entre os dois lados). **Um era do céu, e o outro era deste mundo. Eles são, por natureza, opostos um ao outro.** Ou a igreja aspirava ser senhora do Estado, ou o Estado invadia o terreno da igreja e desconsiderava seus direitos inerentes. **Foi exatamente isto o que aconteceu.** Logo após a morte de Constantino, a luta entres esses dois grandes poderes, a igreja e o Estado, pelo governo do mundo, começou; e, de modo a assegurar o êxito nesta guerra, o pontífice romano recorreu a caminhos e meios que não caracterizaremos aqui, uma vez que nos depararemos com eles

em breve.

Antes de Constantino transferir a sede do império a **Bizâncio** e construir Constantinopla, Roma era a metrópole reconhecida, e seu bispo o primaz. Mas quando Constantinopla tornou-se a cidade imperial, seu bispo foi promovido à categoria de patriarca, e logo começou a reivindicar a dignidade de pontífice romano. Este foi o início da **igreja grega** como uma comunhão separada, e da longa disputa entre o Oriente e o Ocidente. Havia então quatro patriarcas, de acordo com o plano do imperador: em Roma, Constantinopla, Antioquia e Alexandria. A categoria do bispo dependia da superioridade da cidade em que presidia, e como Constantinopla era então a capital do mundo, seus bispos não ficavam atrás de ninguém em honra e magnificência. Os outros ficaram invejosos, Roma queixou-se, a contenda começou, a brecha se alargou. Mas Roma nunca descansou até que tivesse ganhado a ascendência sobre seus rivais mais fracos e menos ambiciosos.

As Vantagens de Roma

A corte de Constantinopla, embora possa ter encorajado as esperanças e ambições dos bispos, afetava o governo da igreja com poder despótico, e decidia em controvérsias religiosas do tipo mais grave. Mas no Ocidente não era assim. O pontífice romano desse período demonstrou o espírito independente e agressivo do papado que se elevou a tais alturas em épocas posteriores. Os bispos do Oriente foram assim colocados em desvantagem em consequência de sua dependência da corte e de suas disputas com os imperadores. Além disso, a presença e grandeza do soberano oriental mantinha a dignidade do bispo em um lugar secundário. Em Roma não havia mais ninguém para disputar com a classe ou estilo do pontífice.

A retirada dos imperadores de Roma, como residência real, foi então favorável ao desenvolvimento do poder eclesiástico ali; pois, embora abandonada por seus governantes, era ainda venerada como a verdadeira capital do mundo. Deste modo, Roma possuía muitas vantagens como a sede do bispo supremo. Mas o fator principal que impulsionou e consolidou o poder da Sé romana foi a crescente crença, por toda a Cristandade, de que São Pedro foi seu fundador. Os bispos romanos negavam que sua precedência originava-se na grandeza imperial da cidade, mas sim em sua descendência linear de São Pedro. Este dogma foi geralmente recebido por volta do começo do século V.

Por tais argumentos a igreja de Roma estabeleceu seu direito de governar a universal igreja. Ela sustentava que Pedro era primaz entre os apóstolos, e que seu primado é herdado pelos bispos de Roma. Mas pode ser interessante observar aqui o duplo aspecto do romanismo — o eclesiástico e o político. Em ambos os aspectos ele reivindicava a supremacia. Eclesiasticamente ele sustentava: (1) que o bispo de Roma é o juiz infalível em todas as questões de doutrina; (2) que ele tem o direito inerente ao governo supremo em convocar concílios gerais e presidir sobre eles; (3) que o direito de fazer nomeações eclesiásticas pertencia a ele; (4) que a separação da comunhão da igreja de Roma envolve a culpa de cisma. Politicamente ela reivindicava, aspirava e ganhava preeminência e poder sobre toda a sociedade européia, assim como sobre todos os governos europeus. Veremos provas abundantes desses fatores em particular no decorrer de sua bem definida história, a qual daremos prosseguimento agora.

Não foi até depois do primeiro concílio de Niceia que a supremacia dos bispos romanos passou a ser, em geral, permitida. **Os primeiros bispos de Roma mal são conhecidos na história eclesiástica.** A ascensão de Inocente I no ano 402 deu força e definição a esse novo princípio da igreja latina. Até este tempo não havia qualquer reconhecimento legal da supremacia de Roma, embora ela fosse considerada a principal igreja do Ocidente, e fosse frequentemente procurada pelos outros grandes bispos por um julgamento espiritual em questões de disputa. Quando a igreja grega caiu no arianismo, a igreja latina aderiu firmemente ao credo niceno [2], o que a elevou muito na opinião de todo o Ocidente. "Na mente de Inocente", diz Milman, "parece ter surgido, pela primeira vez, a vasta concepção da supremacia eclesiástica universal de Roma; ainda sombria e escura, mas completa e abrangente em seu esboço."

Leão I, Apelidado de "O Grande"

Podemos prosseguir, sem interrupção, do nome de Inocente para o de Leão, que ascendeu à cadeira de São Pedro no ano 440, e a ocupou por 21 anos. Ele era notável por suas habilidades políticas, erudição teológica e grande energia eclesiástica. Ele sustentava, com a arrogância de romano e com o zelo de clérigo, que todas as pretensões e todas as práticas em sua igreja eram questões para a contínua sucessão apostólica. Contudo, parece que ele era firme na fé

[2] N. do T.: a doutrina da Santíssima Trindade defendida no concílio de Niceia, em oposição à doutrina do arianismo

quanto à salvação, e zelosamente oposto a todos os hereges. As igrejas orientais tinham perdido o respeito da Cristandade pelas suas longas e vergonhosas controvérsias. Poder, e não sutilezas, era a ambição de Roma. Leão condenou toda a raça de hereges, desde Ário a Eutiques; mas mais especialmente a heresia maniqueísta.

Por seus grandes esforços e extraordinário gênio ele levantou as reivindicações do bispo romano como sendo o representante de São Pedro a uma altura nunca antes vista. "O apóstolo", diz ele, "foi chamado Petra, a pedra, por cuja denominação ele é constituído o fundamento... Em sua cadeira habita a sempre viva, a super-abundante, autoridade. Que os irmãos, portanto, reconheçam que ele é o primaz de todos os bispos, e que Cristo, que não nega a ninguém seus dons, ainda assim não os concede a ninguém exceto por meio dele."[3]

Tomando devida consideração pelo caráter dos tempos e pelas opiniões oficiais e inerentes, cremos que Leão era sincero em suas convicções, e provavelmente um cristão. De coração ele cuidava do povo de Deus, e mais de uma vez, por suas orações e sagacidade política, salvou Roma dos bárbaros. Quando Átila, o mais terrível dos conquistadores estrangeiros, com suas incontáveis hostes, pairava sobre a Itália, pronto para cair sobre a indefesa capital, Leão foi adiante o "Destruidor" no nome do Senhor, e como o chefe espiritual de Roma, e tão fervorosamente orou por seu povo que as paixões selvagens do huno se acalmaram e, para espanto de todos, ele concordou com os termos pelos quais a cidade foi salva do caos e abate. Mas o principal objetivo da vida de Leão, e a que ele cumpriu plenamente, foi estabelecer as bases da grande monarquia espiritual de Roma. Durante seu pontificado ele foi o nome mais conhecido no império, se não em toda a Cristandade. Ele morreu no ano 461.

O Imperador Justiniano

O nome de Justiniano é tão famoso na história, e tão conectado à legislação tanto civil quanto eclesiástica, que seria injusto para com nossos leitores passar por ele sem tomar uma nota, mesmo que ele não esteja imediatamente relacionado à igreja latina. Ele pertencia ao Oriente, e assim dificultava a ascensão do Ocidente.

No ano 527 Justiniano ascendeu ao trono de Constantinopla e o ocupou por

[3]*Cathedra Petri*, de Greenword, vol. 1, p. 348.

quase quarenta anos. Ele delegou os assuntos políticos e militares do império a seus ministros e generais, e devotou seu tempo às coisas que ele pensava serem mais importantes. Ele gastou muito de seu tempo em estudos teológicos e na regulação dos assuntos religiosos de seus súditos, tais como prescrever o que os sacerdotes e o povo devia crer e praticar. Ele gostava de se misturar em controvérsias e de agir como legislador em assuntos religiosos. Sua própria fé — ou melhor, sua servil superstição — distinguia-se pela mais rígida ortodoxia, e uma grande porção de seu longo reinado foi gasto na extinção de heresias. Mas isto levou a muitos casos de perseguição, tanto públicas como privadas.

Nesse meio tempo Justiniano viu um novo campo se abrindo para suas energias em outra direção, e imediatamente voltou sua atenção a isto. Após a morte de **Teodorico, o Grande**, em 526, os assuntos da Itália caíram em uma condição muito confusa, e os novos conquistadores estavam longe de permanecerem firmemente assentados em seus tronos. Despertando a hostilidade dos romanos contra os bárbaros, o exército imperial tornou-se unido e determinado; e, conduzidos pelos capazes generais **Belisário** e **Narses**, as conquistas da Itália e África foram alcançadas em um espaço muito curto de tempo. Diante da visão das bem conhecidas águias, os soldados dos bárbaros se recusaram a lutar, e as nações lançaram fora a supremacia dos ostrogodos. Os generais imperiais buscaram então uma guerra de extermínio. Conta-se que durante o reinado de Justiniano a África perdeu cinco milhões de habitantes. O arianismo foi extinto naquela região, e na Itália supõe-se que o número dos que pereceram pela guerra, fome, ou por outros motivos, tenha excedido sua população atual [4]. Os sofrimentos desses países, durante as revoluções desse período, foram maiores do que tinham suportado em qualquer outro, seja em tempos anteriores ou posteriores, de modo que tanto os eventos seculares do reinado de Justiniano quanto seus próprios esforços legislativos tiveram uma influência importante, porém muito infeliz, na história do cristianismo.

Após erigir a igreja[5] de Santa Sofia, e outras vinte e cinco outras igrejas em Constantinopla, e após publicar um novo édito de seu código, ele morreu em 565 d.C.[6]

Passemos então ao terceiro grande fundador do edifício papal.

[4]N. do T.: Este livro foi escrito no Século XIX

[5]N. do T.: Aqui provavelmente no sentido de construção religiosa, ou templo, e não no sentido bíblico de "igreja".

[6]Milman, vol. 1, p. 350; J. C. Robertson, vol. 1, p. 473; Milner, vol. 2, p. 336.

Gregório I, Apelidado de "o Grande" (590 d.C.)

Chegamos agora ao final do sexto século do cristianismo. Neste ponto encerra-se a história do período inicial da igreja, e começa a do período medieval. O pontificado de Gregório pode ser considerado como a linha que separa os dois períodos. Uma grande mudança acontece. As igrejas orientais declinam e recebem pouca atenção, enquanto as igrejas do Ocidente, especialmente a de Roma, atraem amplamente a atenção do historiador. E como Gregório pode ser considerado o homem representativo desse período transicional, nos esforçaremos para colocá-lo de forma justa perante o leitor.

Gregório nasceu em Roma por volta do ano 540, sua família sendo de classe senatorial, e ele próprio sendo o bisneto de um papa chamado Félix, de modo que, em sua descendência, ele herdou tanto a dignidade civil quanto a eclesiástica. Pela morte de seu pai ele se tornou possuidor de grande riqueza, que ele imediatamente dedicou a usos religiosos. Ele fundou e manteve sete monastérios: seis na Sicília, e a outra, que era dedicada a Santo André, na mansão de sua família em Roma. Ele liquidou em dinheiro suas roupas e joias caras e seus móveis e distribuiu aos pobres. Quando tinha cerca de 35 anos ele deixou de lado seus compromissos civis, assumiu sua residência no monastério romano e começou uma vida estritamente ascética. Embora fosse seu próprio convento, ele começou com os mais baixos deveres monásticos. Todo seu tempo era gasto em oração, lendo, escrevendo, e fazendo os mais abnegados exercícios. A fama de sua abstinência e caridade se espalhou por toda a parte. Com o decorrer do tempo ele se tornou abade de seu monastério; e, com a morte do papa Pelágio, ele foi escolhido pelo senado, clero e povo para preencher a cadeira vazia. Ele se recusou, e esforçou-se por vários meios a escapar das honras e dificuldades do papado. Mas ele foi forçadamente ordenado, pelo amor do povo, como bispo supremo.

Tirado da quietude de um claustro e de suas pacíficas meditações ali, Gregório via-se então envolvido no gerenciamento dos mais variados e desconcertantes assuntos tanto da igreja como do Estado. Mas ele estava evidentemente preparado para o grande e árduo trabalho que tinha diante de si. Vamos tomar nota, primeiramente, da fervente caridade de Gregório.

A Caridade Fervente de Gregório

O caráter de Gregório se distinguia pelo fervor de seus atos de caridade. Embora elevado ao trono papal, ele viveu em um estilo simples e monástico. Seu palácio era cercado pelos pobres sofredores, como tinha sido seu monastério, e o alívio era distribuído com uma mão liberal. Não contente em apenas exercitar sua caridade sozinho, ele poderosamente exortava seus irmãos episcopais a abundarem na mesma. "Que o bispo não pense", diz ele, "que apenas a leitura e pregação são suficientes, ou apenas estudiosamente manter-se em retiro, enquanto a mão que enriquece permanece fechada. Mas que sua mão seja generosa; que faça avanços em direção àqueles que estão em necessidade; que considere as necessidades dos outros como se fossem de si próprio; pois sem essas qualidades o nome do bispo é um título vão e vazio".

A riqueza da Sé romana permitiu-lhe exercitar extensas caridades. Como administrador dos fundos papais, Gregório tem a reputação de ser justo, humano e muito laborioso. Mas seu biógrafos são tão volumosos em seus relatos sobre suas boas obras que chega a ser difícil tentar um breve esboço. No entanto, **como podemos estimá-lo como um crente em Cristo, apesar da falsa posição em que estava e sua consequente cegueira quanto ao verdadeiro caráter da igreja**, nos deleitamos em demorar um pouco mais em sua memória, e também **traçar a linha prateada da graça de Deus apesar da ímpia mistura das coisas seculares e sagradas.**

Na primeira segunda-feira de cada mês ele distribuía grandes quantidades de provisões a todas as classes. Os doentes e enfermos eram superintendidos por pessoas designadas para inspecionar todas as ruas. Antes de sentar-se à sua própria refeição, uma porção era separada e enviada aos famintos à sua porta. Os nomes, idades e moradias daqueles que recebiam o alívio papal encheram um grande volume. Tão severa era a caridade de Gregório que, certo dia, ao ouvir sobre a morte de um homem pobre pela fome, condenou-se a si mesmo a uma dura penitência pela culpa de negligência como administrador da divina graça. Mas sua ativa benevolência não se limitava à cidade de Roma; era algo quase mundial. Ele entrava em todas as questões que afetavam o bem-estar de todas as classes, e prescrevia minuciosas regulamentações para todas, para que os pobres não fossem expostos à opressão dos ricos, ou os fracos fossem oprimidos pelos fortes. Mas isto ficará mais evidente quando tomarmos nota da posição eclesiástica e temporal de Gregório.

A Posição Eclesiástica e Secular de Gregório

O cuidado pastoral da igreja era evidentemente o principal objetivo e deleite do coração de Gregório. Ele acreditava que esta era sua obra, e com prazer teria se dedicado inteiramente a isto; pois, de acordo com a credulidade supersticiosa da época, ele tinha a mais profunda convicção de que o cuidado e governo de toda a igreja pertencia a ele como sucessor de São Pedro; e também, que ele era obrigado a defender a dignidade especial da Sé de Roma. Mas ele foi compelido, a partir do perturbado estado da Itália, e pela segurança de seu povo — seu querido rebanho — a empreender muitos tipos de negócios incômodos, totalmente estranhos ao seu chamado espiritual. Os invasores lombardos[7] eram, naquela época, o terror dos italianos. Os godos tinham sido, em grande medida, civilizados e romanizados. Mas esses novos invasores eram bárbaros sem remorso e impiedosos; embora, por mais estranho que seja dizê-lo, eles eram os autodeclarados campeões do arianismo. E o poder imperial, em vez de proteger seus súditos italianos, agiu apenas como um obstáculo para que eles se defendessem. Guerra, fome e pestilência tinham dizimado e despopulado tanto o país, que todos os corações falhavam, e todos se voltavam ao bispo como o único homem para a emergência desses tempos, de tão firme que era a opinião sobre sua integridade e capacidade entre os homens.

Assim vemos que o poder secular, em primeira instância, foi imposto ao Papa. Não parece que ele buscava essa posição — uma posição tão ansiosamente procurada por muitos de seus sucessores; mas vemos que ele entrou com relutância em deveres tão pouco de acordo com o grande objetivo de sua vida. Ele involuntariamente deixou para trás a vida quieta e contemplativa de monge, e entrou em assuntos do estado como um dever a Deus e a seu país. A direção dos interesses políticos de Roma recai sobretudo sobre Gregório. Ele foi guardião da cidade e o protetor da população da Itália contra os lombardas. Toda a história presta testemunho à sua grande capacidade, sua incessante atividade, e a multiplicidade de suas ocupações como o virtual soberano de Roma.

No entanto, por mais inconsciente que Gregório tenha sido quanto aos efeitos de sua grande reputação, ele contribuiu muito para a dominação eclesiástica e secular de Roma. **A preeminência em seu caso, por mais triste que fosse para**

[7]Os lombardos foram uma tribo germânica de Brandenburg. De acordo com a crença popular, eles tinham sido convidados à Itália por Justiniano para lutar contra os godos. O chefe deles, Alboin, estabeleceu um reino que durou de 568 a 774. O último rei, Desidério, foi destronado por Carlos Magno. Como os encontraremos novamente em conexão com nossa história, apenas tomamos esta breve nota sobre sua origem. — *Dicionário de Datas*, de Haydn.

um cristão, era desinteressada e exercida de modo benéfico; mas não foi assim com seus sucessores. A infalibilidade do Papa, a tirania espiritual, a perseguição aos de diferentes opiniões, a idolatria, a doutrina do mérito das obras, o purgatório e as missas pelas almas dos mortos, coisas que se tornaram marcas registradas do papado, ainda não haviam se estabelecido totalmente em Roma; mas, podemos dizer, estavam todas à vista.

Não devemos, no entanto, prosseguir com esse assunto no momento; voltemos a um assunto mais interessante e mais agradável a nossas mentes.

O Zelo Missionário de Gregório

Apesar do abatimento da igreja e de todas as classes da sociedade através das invasões dos bárbaros, **o bendito Senhor zelava pela disseminação do evangelho em outros países**. E certamente foi pela Sua misericórdia que as hostes de invasores que se espalharam pelas províncias do império foram logo convertidos ao cristianismo. Eles podem ter tido muito pouco entendimento sobre sua nova religião, mas isto abrandou muito sua ferocidade e mitigou os sofrimentos dos conquistados. **Gregório** era muito zeloso em seus esforços de estender o conhecimento do evangelho e trazer as nações bárbaras à fé católica. Mas seu plano favorito, e o que tinha estado a muito tempo em seu coração, era a evangelização dos anglo-saxões.

A bela história do incidente que primeiramente dirigiu a mente de Gregório à conversão da **Britânia** é prazerosa demais para não merecer um espaço em nosso texto. Nos primeiros dias de sua vida monástica, pelo menos antes de sua elevação ao papado, certo dia chamou-lhe a atenção alguns meninos bonitos de cabelos claros expostos à venda no mercado. Conta-se que ocorreu a seguinte conversa neste lugar. Ele perguntou de que país eles vinham. *"Da ilha da Britânia"*, foi a resposta. *"Os habitantes dessa ilha são cristãos ou pagãos?" "Eles ainda são pagãos"*. *"Que infelicidade"*, disse ele, *"que o príncipe das trevas possua gente de tamanha graça! Que tal beleza de rosto possa desejar aquela melhor beleza da alma"*. Ele então perguntou por qual nome eram chamados. *"Anglos"*, foi a resposta. Brincando com as palavras, ele disse: *"Verdadeiramente eles são Anjos! De que província?" "Da província de Deira, na Nortúmbria"*. *"Certamente eles devem ser resgatados 'de ira' — da ira de Deus, e chamados à misericórdia de Cristo. Qual o nome do rei deles?" "Ella"*, foi a resposta. *"Sim"*, disse Gregório, *"Aleluias devem ser cantadas nos domínios desse rei."*

"Ser o primeiro missionário desse belo povo", diz Milman, "e conquistar a ilha remota e bárbara, como um César cristão, para o reino de Cristo, tornou-se a santa ambição de Gregório. Ele conseguiu com muito esforço o consentimento do Papa, e tinha já partido e viajado por três dias, quando foi abordado por mensageiros enviados para chamá-lo de volta. Toda a Roma tinha se levantado em piedoso motim e compeliu o Papa a revogar sua permissão"[8]. Mas embora ele tenha sido assim prevenido de executar sua missão em pessoa, ele nunca perdeu de vista seu nobre objetivo. A partir desse momento ele não foi mais permitido a retornar ao seu monastério. Ele foi forçado a embarcar em assuntos públicos, primeiro como um diácono, e mais tarde como supremo pontífice. Mas tudo isso era uma dignidade compulsória para Gregório. Seu coração estava voltado para a salvação dos jovens de cabelo claro da Inglaterra e preferiria mil vezes ter embarcado em viagem à nossa ilha [9], com todas as suas dificuldades e perigos desconhecidos, do que ser coroado com as honras do papado. Mas tal era o caráter de sua mente, que ele perseguia com incansável atenção e devoção qualquer plano de piedade que tivesse planejado anteriormente. Daí aconteceu que, após ter sido elevado à cadeira papal, foi-lhe permitido promover e enviar um grupo de quarenta missionários para as margens da Britânia. Mas antes de falarmos sobre o caráter e resultados dessa missão, será interessante olhar brevemente para a história da igreja nas Ilhas Britânicas desde o início.

A Primeira Colocação dos Alicerces da Cruz na Britânia

À muito tempo, **nos primeiros dias da simplicidade apostólica**, a cruz de Cristo, cremos, foi plantada nessa ilha. Há evidência histórica para acreditar que "Cláudia", mencionada por Paulo em sua Segunda Epístola a Timóteo, foi a filha de um rei britânico, que se casou com um distinto romano chamado "Prudente". Esta circunstância não parecerá improvável se tivermos em mente que, durante todo o período do domínio romano nesse país, devem ter havido muitas oportunidades para a disseminação do cristianismo, as quais seriam prontamente abraçados por aqueles que amavam o Senhor Jesus e as almas dos homens. Além disso, era o costume da época para os reis e nobres britânicos enviar seus filhos para Roma para educação; e esta prática, conta-se, prevaleceu a tal ponto

[8]*Cristianismo Latino*, vol. 1, p. 434
[9]N. do T.: o autor do livro vivia na Inglaterra

que uma mansão foi estabelecida expressamente para eles, e um imposto de um centavo era cobrado de cada casa na Inglaterra para apoiá-la.[10]

Outra testemunha para o precoce estabelecimento do cristianismo nesse país é o testemunho dos "Pais". Justino Mártir, Irineu e Tertuliano, que escreveram no século II, afirmam que, em cada país conhecido aos romanos havia pessoas que professavam o cristianismo — desde aqueles que andavam em carroças até os que não tinham nem um lar para viver, não havia raça de homens dentre os quais não houvessem orações oferecidas no nome de um Jesus crucificado. Temos também o testemunho dos últimos "Pais". A corrente histórica parece ser carregada pela menção de bispos britânicos tendo participado de vários dos concílios gerais no século IV; e sua ortodoxia no decorrer da controvérsia ariana foi atestava pelo peso das evidências de Atanásio e Hilário. É também digno de nota que Constantino — que tinha passado algum tempo com seu pai na Britânia — ao escrever às igrejas do império sobre a disputa concernente à Páscoa, citou a igreja britânica como um exemplo de ortodoxia. A heresia pelagiana, conta-se, foi introduzida na Britânia por alguém chamado Agrícola no ano 429, onde encontrou muita aceitação; mas em uma conferência em Saint Albans os mestres hereges foram derrotados pelo clero ortodoxo.[11]

A Antiga Igreja Britânica

Embora a **igreja britânica** tivesse adquirido tal crédito pela ortodoxia, temos muito pouca informação confiável quanto à sua ascensão e progresso, ou quanto aos meios pelos quais isto foi efetuado. Há muitas tradições, mas elas mal são dignas de serem repetidas, e são impróprias para uma breve história. Há ampla evidência, no entanto, de que na primeira parte do século IV, e pelo menos por duzentos anos antes da chegada dos monges italianos, a igreja britânica tinha uma organização completa, com seus próprios bispos e metropolitas.

De acordo com o testemunho tanto dos historiadores antigos quanto dos modernos, as doutrinas e rituais da igreja antiga da Britânia eram de caráter muito simples se comparadas com a grega e romana, embora ainda muito longe da simplicidade do Novo Tetamento. Eles ensinavam a unicidade da Divindade, **a Trindade, a natureza divina e humana de Cristo, a redenção por Sua morte,**

[10]Para detalhes, veja *Vida de Paulo*, de Conybeare e Howson; e *Monasticismo Inglês*, de Travers Hill.

[11]J. C. Robertson, vol. 1, p. 450.

e a eternidade de recompensas e punições futuras. Eles consideravam a ceia do Senhor como um símbolo, e não um milagre; eles tomavam o pão e o vinho como nosso Senhor comandou que fossem tomados — **em memória dEle** — e eles não recusavam o vinho aos leigos. Sua hierarquia consistia de bispos e sacerdotes, com outros ministros, e uma cerimônia especial era feita para a ordenação. O casamento era comum entre o clero. Havia também monastérios com monges vivendo neles, jurados à pobreza, castidade e obediência a seu abade. As "igrejas"[12] eram construídas em honra aos mártires, e cada "igreja" tinha muitos altares; as cerimônias eram realizadas na língua latina, em tom monocórdico pelos sacerdotes. Disputas eram finalmente resolvidas por sínodos provinciais, que ocorriam duas vezes ao ano; acima disso, em questão de disciplina, não havia apelação. Assim vemos que as doutrinas da igreja antiga da Britânia era caracterizada por uma verdadeira simplicidade apostólica, e como instituição ela era livre e sem restrições.[13]

É motivo de sincera gratidão[14] que a história inicial da igreja na Inglaterra tenha deixado um nome tão íntegro comparado às superstições e corrupções do Oriente e do Ocidente. Mas, infelizmente, sua existência como um estabelecimento separado não durou muito. Ela mal pôde sobreviver à metade do século VII. Suas calamidades foram provocadas por três passos consecutivos, todos estes fora de sua própria jurisdição — a retirada das tropas romanas da Britânia; a Conquista Saxônica; e a Missão Agostiniana. Vamos agora olhar brevemente para cada um desses passos e seus efeitos.

Vimos algo sobre o declínio e aproximação da queda do Império Romano. Em consequência das pesadas calamidades que caíram sobre a cidade e as províncias de Roma, as tropas foram gradualmente retiradas da ilha britânica para que protegessem o centro do domínio. E os romanos, vendo que não podiam mais dispensar as forças necessárias para um estabelecimento militar na Britânia, partiram finalmente da ilha por volta da metade do século V, cerca de 475 anos após **Júlio César** ter desembarcado, pela primeira vez, em suas margens. O governo então caiu nas mãos de um número de príncipes insignificantes que, é claro, brigaram entre si. Guerras civis, fraqueza nacional e desmoralização logo se seguiram, com seus habituais juízos.

A retirada das tropas romanas necessariamente expôs o país a invasores, es-

[12] Aqui no sentido de construção, ou templo cristão

[13] Ver *Monasticismo Inglês*, por Travers Hill, p. 141, as obras de Gildas; *A História Eclesiástica da Nação Inglesa*, por Bede; *A História Eclesiástica da Grã-Bretanha*, por Jeremy Collier, vol. 1.

[14] O autor vivia na Inglaterra.

pecialmente os **pictos** e **escotos**. Os chefes britânicos, incapazes de resistir a esses audaciosos ladrões e saqueadores, apelaram, em sua angústia, a Roma. "Os bárbaros", eles diziam, "atravessaram nossas muralhas como lobos em um rebanho de ovelhas, vão embora com seus espólios e retornam todos os anos." Mas por mais que os romanos pudessem ter pena de seus velhos amigos, eles agora não podiam ajudá-los. Decepcionados com a ajuda de Roma, e desesperado por sua incapacidade de defenderem-se contra as desoladoras tribos do Norte, os britânicos se voltaram aos saxões por ajuda.[15]

A Chegada dos Saxões à Inglaterra

Por volta da metade do século V os navios saxões chegaram à costa britânica e, sob seus líderes, Hengist e Horsa, desembarcaram algumas centenas de guerreiros ferozes e desesperados. Estes famosos líderes imediatamente tomaram o campo a frente de seus seguidores e derrotaram completamente os pictos e escotos. Mas o remédio se provou pior do que a doença. Um grande mal foi afastado, mas um outro pior apareceu. Os **saxões**, vendo que o país que eles tinham sido contratados a defender possuía um clima mais agradável que o próprio país deles, e ansiosos por trocar as sombrias margens do Norte pelos campos ricos da Britânia, convidaram novas levas de seus compatriotas para unirem-se a eles; e assim, de defensores eles se tornaram conquistadores e mestres dos malfadados britânicos. Os anglos e outras tribos se espalharam pelo país; e embora os britânicos não tivessem cedido sem uma luta severa, o poder saxão prevaleceu e reduziu os nativos à completa submissão, ou levou-os a procurar abrigo nas montanhas do País de Gales, na Cornualha e em Cumberland. Muitos emigraram, e alguns se estabeleceram em Armórica, agora Bretanha, no noroeste da França.

Mas os saxões e anglos não eram apenas guerreiros selvagens, eles eram também pagãos selvagens e impiedosos. Eles exterminavam o cristianismo onde quer que conquistavam. De acordo com o **"venerável Bede"**, os bispos e seu povo foram indiscriminadamente abatidos com fogo e espada, e não havia ninguém para enterrar as vítimas de tal crueldade. Edifícios públicos e privados foram, do mesmo modo, destruídos, sacerdotes foram assassinados por toda a parte no altar; alguns que tinham fugido para as montanhas foram apreendidos e mortos aos montes, outros, cansados e com fome, renderam-se, abraçando a

[15] Enciclopédia Britânica, vol. 5, p. 301.

escravidão perpétua em troca da vida; alguns fugiram a regiões além do mar, e alguns levaram uma vida de pobreza entre as montanhas, florestas e rochedos.

A Britânia, após esse evento, recaída a um estado de obscuro barbarismo, foi retirada da visão do mundo civilizado e afundou-se às profundezas da miséria e crueldade; e ainda assim esse é o mesmo povo que o Senhor pôs no coração de Gregório **para ganhá-lo para Si pelo evangelho da paz**. Como podiam alguns pobres monges, sem frota ou exército, como podemos bem exclamar, se aventurar em tais margens, e menos ainda ganhar os corações e subjugar a vida de tais selvagens à fé e prática do evangelho da paz? **É o mesmo evangelho que triunfou sobre o judaísmo, o orientalismo, o paganismo, e pelo mesmo poder divino, em breve triunfaria sobre o feroz barbarismo dos anglo-saxões. Quão fraca e tola é a infidelidade que questiona sua origem divina, poder e destino!** Observaremos agora o progresso da missão.

A Missão de Agostinho na Inglaterra

No ano 596, e cerca de 150 anos após a chegada dos saxões na Britânia, a famosa missão de Gregório saiu da Itália rumo a essa ilha. Uma companhia de quarenta monges missionários, sob a direção de Agostinho, foram enviados para pregar o evangelho aos ignorantes anglo-saxões. Mas ao ouvir sobre o caráter e hábitos selvagens do povo, e sendo ignorantes de sua língua, eles ficaram seriamente desencorajados e tiveram medo de prosseguir. Agostinho foi enviado de volta pelos outros para suplicar a Gregório que os dispensassem do serviço. Mas ele não era um homem que abandonava uma missão daquele tipo. Ele não a planejou com pressa, mas foi o resultado de muita oração e deliberação. Ele, portanto, os exortou e encorajou a seguir em frente, confiando no Deus vivo e na esperança de ver o fruto de seus labores na eternidade. Ele entregou-lhes cartas de apresentação para bispos e príncipes, e lhes garantiu toda assistência em seu poder. Assim animados eles prosseguiram a sua viagem e, viajando pelo caminho da França, chegaram na Britânia.

Os 41 missionários, tendo desembarcado na Ilha de Thanet, anunciaram a Etelberto, rei de Kent, sua chegada de Roma e sua missão com novas de grande alegria para ele e para seu povo. As circunstâncias favoreceram muito essa marcante missão. Bertha, a rainha (filha de Clotário I, rei dos francos), era cristã. Seu pai estipulou em seu acordo matrimonial que devia ser permitido a ela a livre profissão do cristianismo, na qual tinha sido educada. Um bispo participava de

sua corte, e vários de sua casa eram cristãos, e as cerimônias eram conduzidas de acordo com a forma romana. O Senhor, neste caso, usou uma mulher, como Ele fez muitas vezes, para a propagação do evangelho entre os pagãos. Estas contrastam favoravelmente com a classe de "mulheres Jezabel", e preservam a linha prateada da graça de Deus nessas tempos de trevas. Bertha era da casa de Clóvis e Clotilda.

Etelberto, influenciado por sua rainha, recebeu bondosamente os missionários. Foi permitido a Agostinho e seu séquito que prosseguissem para a Cantuária, a residência do rei. Este consentiu com uma entrevista, mas ao ar livre por medo de magia. Os monges se aproximaram da festa real de maneira muito imponente. Um deles, carregando uma grande cruz prateada com a figura do Salvador, conduziu a procissão, a qual seguiram-se os demais, cantando seus hinos em Latim. Ao chegarem ao carvalho escolhido como o local da conferência, foi dada permissão para que pregassem o evangelho ao príncipe e seus assistentes. O rei foi então informado que eles tinham vindo com boas novas, e até mesmo vida eterna para aqueles que os recebessem, e o prazer da bem-aventurança no céu para sempre. O rei ficou favoravelmente impressionado, e lhes deu uma mansão na cidade real de Cantuária, e liberdade para pregarem o evangelho a sua corte e ao povo. Eles então marcharam para a cidade, cantando em uníssono a ladainha: *"Te suplicamos, ó Senhor, em toda a Tua misericórdia, que Tua ira e Tua fúria sejam removidas desta cidade, e de Tua santa casa, porque nós temos pecado. Aleluia"*.

Por esses passos preparatórios o caminho dos missionários tornou-se simples e fácil. A aprovação do monarca inspirou seus súditos com confiança, e abriu seus corações aos mestres. Novos convertidos se multiplicaram rapidamente. No Natal do ano 597 conta-se que não menos que 10.000 pagãos foram reunidos ao rol da igreja católica pelo batismo. Etelberto também se submeteu ao batismo e ao cristianismo na forma romana, tornando-se a religião estabelecida de seu reino. Esta foi a primeira base de Roma na Inglaterra. Ela estava agora determinada em subjugar a igreja britânica ao papado, e estabelecer sua autoridade na Grã-Bretanha, como tinha feito na França. Ela começou a trabalhar da seguinte maneira... (continua no próximo capítulo)

A Hierarquia Católica Romana Formada na Inglaterra

Gregório, ao ouvir sobre o grande sucesso de Agostinho, enviou-lhe mais **missionários**, que carregaram com eles um número de livros, incluindo os Evangelhos, utensílios cerimoniais, vestimentas, relíquias, e o pálio que deveria investir Agostinho como Arcebispo da Cantuária. Ele também orientou-lhe que consagrasse doze bispos em sua província; e, caso achasse vantajoso para a propagação da fé, que estabelecesse outro metropolita em York, que deveria então ter autoridade de nominar outros doze bispos para os distritos nortenhos da ilha. Tais foram os rudimentos da igreja inglesa; e tal era a exagerada impaciência de Gregório pela supremacia eclesiástica, que ele estabelecia um plano de governo para locais antes de terem sido visitados pelos evangelistas.

"Na visão eclesiástica do caso", diz Greenwood, "a igreja anglo-saxônica era a filha genuína de Roma. Mas, além dos limites desse estabelecimento, nenhum direito de parentesco pode ser atribuído a ela dentro das ilhas britânicas. Uma numerosa população cristã ainda existia nos distritos nortenhos e ocidentais, cujas tradições não davam apoio à alegação romana de maternidade. O ritual e disciplina das igrejas britânicas, galesas e irlandesas diferiam em muitos pontos daquelas de Roma e dos latinos em geral. Eles celebravam a festa da Páscoa em conformidade com a prática das igrejas orientais, e na forma de tonsura[16], assim como no rito batismal, ele seguiam o mesmo modelo: diferenças que, por si só, parecem suficientes para excluir toda a probabilidade de um *pedigree* puramente latino".[17]

Agostinho, então à frente da hierarquia composta de doze bispos, imediatamente fez a ousada tentativa de trazer a antiga igreja britânica sob a jurisdição romana. Através da influência de Etelberto ele obteve uma conferência com alguns dos bispos britânicos em um lugar que, naquela época, foi chamado de "carvalho de Agostinho", em Severn. Ali o clero romano e o britânico se encontraram pela primeira vez; e a primeira e imperiosa exigência de Agostinho foi: *"Reconheçam a autoridade do bispo de Roma"*. *"Desejamos amar todos os homens"*, eles humildemente responderam, *"e qualquer coisa que fizermos por vocês, faremos também a este a quem chamam de Papa"*. Surpresos e indignados com sua recusa, Agostinho os exortou a adotarem os costumes **romanos** quanto à celebração da

[16]N. do T.: Corte circular, rente, do cabelo, na parte mais alta e posterior da cabeça, que se faz nos clérigos; cercilho, coroa. Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

[17]*Cathedra Petri*, livro 3, p. 215.

Páscoa, à tonsura e à administração do batismo, para que uma uniformidade de disciplina e adoração pudesse ser estabelecida na ilha. A isto eles positivamente se recusaram. Tendo recebido o cristianismo, primeiramente, não de Roma, mas do Oriente, e nunca tendo reconhecido a igreja romana como sua mãe, eles viam-se como independentes da Sé de Roma. Um segundo e um terceiro concílio foi realizado, mas sem melhores resultados. **A Agostinho foi claramente dito que a igreja britânica não reconheceria homem algum como supremo na vinha do Senhor**. O arcebispo exigiu, argumentou, censurou, realizou milagres; mas tudo sem efeito — os britânicos eram firmes. Por fim, lhe disseram que eles não podiam se submeter nem à soberba dos romanos, nem à tirania dos saxões. Despertado à irada indignação pela quieta firmeza deles, o zangado sacerdote exclamou: *"Se vocês não receberem os irmãos que lhes trazem paz, vocês receberão inimigos que lhes trarão guerra. Se vocês não se unirem conosco para mostrar aos saxões o caminho da vida, vocês receberão deles o golpe da morte"*. O arrogante arcebispo retirou-se, e supõe-se que tenha morrido pouco tempo depois, em 605 d.C., mas sua profecia de mal agouro cumpriu-se logo após sua morte.

Edelfrido, um dos reis anglo-saxões, ainda um pagão, juntou um numeroso exército e avançou em direção a Bangor, o centro do cristianismo britânico. Os monges fugiram em grande alarme. Cerca de 1250 deles se refugiaram em um local afastado, onde concordaram em continuar juntos em oração e jejum. Edelfrido se aproximou e, ao ver um número de homens desarmados, perguntou quem eram. Ao dizerem-lhe que eram os monges de Bangor que tinham vindo a orar pelo sucesso de seus conterrâneos: *"Então"*, ele clamou, *"embora não tenham armas, estão lutando contra nós"*; e ordenou a seus soldados que caíssem sobre os monges em oração. Cerca de 1200, conta-se, foram mortos, e apenas cinquenta escaparam em fuga. Assim o domínio de Roma começou na Inglaterra, o que continuou por quase mil anos.

Se Agostinho tinha realmente algo a ver com o assassinato dos monges, parece difícil dizer. Aqueles que tomam uma forte visão protestante do caso afirmam claramente que seus últimos dias foram ocupados em fazer arranjos para o cumprimento de sua própria ameaça. Outros, que tomam uma visão oposta, negam que haja qualquer evidência de que ele influenciou os pagãos para a terrível tragédia. Mas, seja como for, **uma suspeita tenebrosa deve sempre pairar sobre a política de Roma**. As próprias palavras vingativas de Agostinho, e toda sua história, confirmam a suspeita. **Tal era a natureza da intolerante Jezabel — quando o argumento falhava, ela apelava para a espada. A partir de então o**

romanismo caracterizou-se pela arrogância e sangue. A antiga igreja da Britânia, que era limitada aos distritos montanhosos do País de Gales, gradualmente diminuiu e desapareceu.[18]

Reflexões sobre a Missão de Agostinho e o Caráter de Gregório

Agostinho [de Cantuária] é mencionado por alguns historiadores como um cristão devoto, e seu empreendimento missionário como um dos maiores nos anais da igreja. Mas, sem querer diminuir um degrau sequer da grandeza do homem ou de sua missão, não podemos nos esquecer que as Escrituras são o único padrão verdadeiro de caráter e obras. Ali aprendemos que o fruto do Espírito é ***"amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança"*** (Gálatas 5:22). E, certamente, o grande clérigo não manifestou para com seus irmãos, os cristãos britânicos, a graça do amor, a paz, ou a conciliação; pelo contrário, ele era orgulhoso, imperioso, soberbo e vanglorioso.

Esses sérios defeitos em seu caráter não eram desconhecidos a Gregório, como ele diz, em uma carta endereçada a ele: "Eu sei que Deus tem realizado, através de você, grandes milagres entre o povo, mas lembremo-nos de que, quando os discípulos disseram com alegria ao divino Mestre: *'Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam'*, Ele lhes respondeu: *'Alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus'*[19]. Enquanto Deus assim emprega sua agência, lembre-se, meu querido irmão, de julgar a si mesmo secretamente por dentro, e conhecer bem o que você é. Se você ofendeu a Deus em palavras ou ações, preserve essas ofensas em seus pensamentos para reprimir a vanglória de seu coração, e considere que o dom de milagres não lhe é concedido por si mesmo, mas para aqueles cuja salvação você está trabalhando para conseguir". Em outra carta ele o alertou contra a "vaidade e pompa pessoal", e lembrou-lhe "que o pálio de sua dignidade devia ser usado no serviço da igreja, e não para ser colocado em competição com o púrpura real nas ocasiões estatais".

Agostinho era totalmente inadequado para uma missão que requeria paciência e uma terna consideração pelos outros. A igreja britânica tinha existido por séculos, seus bispos tinham tomado parte em grandes concílios eclesiásticos

[18]Gardner, vol. 1, p. 391.
[19]Lucas 10:17–20.

e assinado seus decretos. Os nomes de Londres, York e Lincoln são encontrados nos registros do Concílio de Arles (314 d.C.), de modo que devemos, no mínimo, respeitar nos britânicos o desejo deles de aderirem à liturgia transmitida pelos seus ancestrais, e de resistir à suposição estrangeira da supremacia espiritual de Roma. Agostinho falhou completamente em se aproveitar das lições de humildade que tinha recebido de seu grande mestre, e assim tem menos motivo de reivindicação sobre nossa estima e admiração.

O grande clérigo Gregório, assim como seu grande missionário, não sobreviveu muito tempo após a conquista espiritual da Inglaterra. Desgastado por seus grandes labores e enfermidades, ele morreu no ano 604, assegurando a seus amigos que a expectativa da morte era seu único consolo, e pedindo-lhes que orassem por sua libertação dos sofrimentos corporais.

A conduta de Gregório durante os treze anos e seis meses em que foi bispo de Roma demonstra um zelo e uma sinceridade dificilmente igualada na história da igreja romana. Ele era laborioso e abnegado no que ele acreditava ser o serviço de Deus, e em seu dever para com a igreja e para com toda a humanidade. A coleção de suas cartas, quase 850 em seu número, carrega um amplo testemunho de sua capacidade e atividade em todos os assuntos dos homens, e em todas as esferas da vida. "De tratar com reis patriarcas ou imperadores sobre as mais elevadas preocupações da Igreja e do Estado, ele passava a dirigir o gerenciamento de uma fazenda, ou ao alívio de algum aflito peticionário em alguma dependência distante de sua Sé. Ele aparece como um papa, como um soberano, como um bispo, como senhorio. Ele toma medidas para a defesa de seu país, para a conversão dos pagãos, para a repreensão e reconciliação dos cismáticos", etc.[20]

Mas, não obstante as variadas excelências de Gregório, ele era profundamente infectado com os princípios e o **espírito da época** em que vivia. **O espírito de Jezabel** estava evidentemente trabalhando ainda em sua juventude. **Em vão procuramos por qualquer coisa parecida com a simplicidade cristã na igreja de Deus dessa época.** Não podemos duvidar da piedade do próprio Gregório; mas, como um eclesiástico, o que ele era? **Envenenado até o fundo do coração pela grosseira ilusão das reivindicações universais da cadeira de São Pedro**, ele não podia arriscar nenhum rival, como vemos em sua oposição determinada e amarga às pretensões de João, bispo de Constantinopla; e, o que era ainda mais tenebroso, vemos o mesmo espírito em sua exultação ao saber sobre

[20]J.C. Robertson, vol. 2, p. 4.

o assassinato do imperador **Maurício** e sua família pelo cruel e traiçoeiro Flávio Focas, simplesmente porque Gregório presumiu que Maurício fosse culpado do que ele considerou heresia. Ao que parece, Maurício apoiou o que Gregório julgou ser usurpação da parte de João, ao assumir o título de bispo universal. Mas mesmo sancionar tal afirmação não era qualquer pequeno crime na mente do pontífice romano. E assim foi com Gregório. Quando a notícia da sangrenta tragédia chegou a seus ouvidos, ele se alegrou; pareceu a ele ser uma luz de dispensação providencial para a libertação da igreja de seus inimigos. As própria fontes de caridade parecem ter secado nos corações de todos os que já se sentaram em um trono papal, quando se tratava de rivais eclesiásticos. **A justiça, a franqueza, a humanidade, e todo sentimento correto do cristianismo acabam cedendo às dominantes reivindicações da falsa igreja.** Até mesmo Gregório se curvou e foi terrivelmente corrompido pela *"mulher Jezabel"* (Apocalipse 2:20).

A Superstição e a Idolatria de Gregório

Ambição misturada com humildade e superstição misturada com fé caracterizavam o grande pontífice. Esta estranha mistura e confusão era, sem dúvida, o resultado de sua falsa posição. É difícil entender como um homem de tão bom senso pôde se tornar tão degradado pela superstição a ponto de acreditar na operação de milagres por meio de relíquias, e recorrer a tais coisas para a confirmação da verdade das Escrituras. Mas a triste verdade é que, **em vez de devotar-se aos interesses de Cristo, ele foi cegado pelo grande e absorvente objetivo: os interesses da igreja de Roma.** Paulo podia dizer: *"Uma coisa faço"*; e também *"Uma coisa sei"*. **Primeiro, devemos saber que somos perdoados e aceitos;** então, fazer as coisas que agradam a Cristo é o elevado e celestial chamado do cristão. ***"Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições, sendo feito conforme à sua morte...Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus"*** (Filipenses 3:10–14). Tal era, e deveria sempre ter sido, o espírito e o anelo do cristianismo. Mas o que encontramos ao final do sexto século? Qual era a *"uma coisa"* que Gregório tinham em vista? **Claramente** não eram as reivindicações de um Cristo celestial, e conformidade com Ele em Sua ressurreição, sofrimentos e morte. Podemos seguramente afirmar que **o grande objetivo de**

sua vida pública foi estabelecer além de qualquer disputa *o bispado universal de Roma*. E para este fim, em vez de levar almas a deliciarem-se nos *caminhos* de Cristo, assim como nEle Próprio, o que Paulo sempre fez, ele buscava fazer avançar suas reivindicações da Sé Romana pela idolatria e corrupção. Nem mesmo o espírito de perseguição estava totalmente ausente.

O monasticismo, sob o patrocínio de Gregório, especialmente de acordo com as regras mais estritas de *Benedito*, foi grandemente revivido e amplamente estendido. A doutrina do purgatório, respeito por relíquias, a adoração de imagens, a idolatria dos santos e dos mártires, o mérito das peregrinações a lugares santos, foram todos ensinados ou sancionados por Gregório, como coisas conectadas ao seu sistema eclesiástico. **E temos de reconhecer que tudo isso são características inegáveis da atividade de Balaão e da corrupção de Jezabel.**

Mas agora passemos ao *século VII*. A Idade das Trevas está próxima, e tenebrosa de fato ela é. O papado começa a assumir uma forma definida. E, como chegamos em nossa história ao final de uma era do cristianismo e ao começo de outra, podemos fazer uma pausa proveitosa por um momento para fazer um levantamento geral do progresso do evangelho em diferentes países.

Capítulo 14

Europa (372 d.C.—814 d.C.)

A Disseminação do Cristianismo na Europa

O sistema eclesiástico que os monges italianos introduziram na Inglaterra rapidamente se disseminou, e finalmente triunfou. Em cerca de 100 anos após a chegada de Agostinho [de Cantuária], esse sistema era professado e crido por toda a Britânia anglo-saxônica. A igreja inglesa, assim fundada sobre o modelo romano, não podia falhar em manter uma posição especialmente dependente de Roma. Esta união em um período inicial foi promovida e fortalecida pelos monges, freiras, bispos, nobres e príncipes ingleses, que faziam frequentes peregrinações ao túmulo de São Pedro em Roma. O clero britânico, embora ainda aderente aos antigos modos, e dispostos a resistir à presunção estrangeira, foram obrigados a isolarem-se nas extremidades do país. O romanismo agora prevalecia sobre toda a Inglaterra.

A **Escócia** e a **Irlanda** parecem ter sido abençoadas com o cristianismo por volta da mesma época que a Britânia. Por meio de soldados, marinheiros, missionários e cristãos perseguidos vindos do sul, o evangelho foi pregado e muitos creram. No entanto, o início da história religiosa desses países é coberto de lendas, portanto vamos nos referir apenas aos nomes e eventos que possuem boa autenticidade.

Os Primeiros Pregadores do Cristianismo na Irlanda

Supõe-se que Patrício (ou *Patrick*), o apóstolo da Irlanda, nasceu por volta do ano 372 nas margens do rio Clyde. Conta-se que *Kilpatrick*[1] tenha adotado seu nome por causa dele. Seus pais eram cristãos sinceros; seu pai era um diácono, e seu avô era um presbítero. Sua mãe, que buscava instilar em seu coração as doutrinas do cristianismo, era irmã do celebrado Martinho, arcebispo de Tours. Mas o jovem Succath, seu nome original, não era seriamente inclinado para a religião. Algum tempo depois, seus pais deixaram a Escócia e se estabeleceram na Britânia. Aos dezesseis anos, quando Succath e suas duas irmãs estavam brincando à beira do mar, alguns piratas irlandeses, comandados por O'Neal, levaram os três para seus barcos e os venderam como escravos na Irlanda. Por seis anos ele foi empregado em cuidar do gado.

Durante o período de sua escravidão ele suportou muitas e grandes dificuldades. Mas a consciência de seu pecado veio à tona. Ele ficou sério e pensativo. Quando tinha mais ou menos quinze anos ele havia cometido algum grande pecado que então pressionava pesadamente sobre sua consciência, noite e dia. Ele orava com frequência e chorava muito; de fato, tal era o fervor dentro de sua alma que ele ficou insensível ao frio, à chuva e a outas inconveniências às quais ele era exposto. Ele então pensava em seu lar, nas ternas palavras e sinceras orações de sua mãe; e **Deus graciosamente usou a lembrança do evangelho que ela lhe ensinava para abençoar sua alma**. Ele nasceu de novo. "Eu tinha dezesseis anos", ele diz, "e não conhecia o Deus verdadeiro; mas naquela ilha estranha o Senhor abriu meus olhos incrédulos e, embora tardiamente, ponderei sobre meus pecados e fui convertido com todo o meu coração ao Senhor meu Deus, **que se importou comigo em meu triste estado, teve piedade de minha juventude e ignorância, e que me consolou como um pai consola seus filhos**. O amor de Deus aumentou cada vez mais em mim, com fé e temor do Seu nome. O Espírito me incentivou em tal nível que eu me derramava em orações umas cem vezes por dia. E, durante a noite, nas florestas e nas montanhas, quando cuidava do meu rebanho, a chuva, a neve, as geadas e os sofrimentos que eu suportei me impeliam a buscar a Deus. Naquela época eu não sentia a indiferença que agora sinto; o Espírito fermentava o meu coração".[2]

Se podemos confiar que essas palavras saíram dos lábios de Succath, **elas**

[1] *N. do T.:* Provavelmente a referência é a uma região da Irlanda chamada de Kilpatrick ou ao sobrenome irlandês Kilpatrick.

[2] D'Aubigne, vol. 5, p. 25

apresentam um testemunho muito mais puro da verdade do evangelho do que o que encontramos na igreja de Roma. Elas apresentam uma alma exercitada em relacionamento estreito com o Próprio Deus. **As formas e o sacerdócio do romanismo destroem** esta comunhão bela, pessoal e direta com Deus e com Seu Cristo através da graça e poder do Espírito Santo. Mas tal, sem dúvida, era o cristianismo dessas Ilhas Britânicas antes de ser corrompida pelos emissários papais.

No decorrer do tempo Succath ganhou sua liberdade e, após viajar e pregar muito, ele retornou a sua família. Mas ele logo sentiu um desejo irresistível de voltar à Irlanda e pregar o evangelho aos pagãos, entre os quais ele tinha encontrado o Salvador. Em vão seus pais e amigos tentaram detê-lo. Ele rompeu todos os obstáculos, e com o coração cheio do zelo cristão partiu para a Irlanda. Ele tinha então mais de 40 anos de idade e, de acordo com alguns escritores, tinha sido ordenado presbítero, e foi então consagrado bispo da Irlanda. Por causa disso ele é conhecido como São Patrício. Ele devotou o resto de sua vida à Irlanda, e trabalhou entre eles com grande efeito, embora em meio a muitas dificuldades e perigos. A conversão da Irlanda é atribuída aos seus esforços. O ano de sua morte é incerto.

O Zelo Missionário da Irlanda

Os benditos frutos dos trabalhos de São Patrício foram abundantemente manifestados em anos posteriores. A Irlanda, nessa época, é descrita como uma espécie de paraíso de paz e piedade; e sua fama pelo ensino puro das Escrituras se ergueu tão alto que chegou a receber a honorável denominação de **"a ilha dos Santos"**. Os labores do clero irlandês, no entanto, não se confinavam em seu próprio país. Naturalmente apaixonados por viajar e vagar, e estando energizados por um amor pelas almas, muitos deixaram seu país natal, em grupos missionários, sob a liderança de um amado e devoto abade. Geralmente contase que os monastérios eram tão cheios de monges nessa época que não havia espaço suficiente em seu próprio país para o emprego de seu zelo, de modo que eles sentiam que era seu dever exercer suas atividades em outras terras. Assim vemos uma ampla linha prateada da graça de Deus naquele povo rude, mais distintamente marcado do que em qualquer outra parte da Cristandade. O nome do Senhor seja louvado. Mas tomemos um exemplo para observarmos estas obras.

A Missão de Columba

Columba, um homem piedoso, de descendência real e cheio de boas obras, ficou profundamente impressionado com a importância de se levar o evangelho a outras terras. Ele pensava na Escócia, e determinou-se a visitar o país do famoso **Succath**. Tendo comunicado sua intenção a alguns de seus companheiros cristãos, que concordaram em acompanhá-lo, a missão foi acordada. Por volta do ano 565 Columba, acompanhado por doze companheiros, navegou das margens da Irlanda em um barco aberto de vime coberto de peles e, após experimentar muita dificuldade em sua pequena e rude embarcação, o nobre grupo missionário chegou às Ilhas Ocidentais — um conglomerado de ilhas ao largo da costa oeste da Escócia chamado de Hébridas. Eles desembarcaram perto da rocha estéril de Mull, ao sul das cavernas basálticas de Staffa, e fixaram sua morada em uma pequena ilha, mais tarde conhecida como Iona, ou Icolmkill. Lá ele fundou seu monastério, mais tarde tornado tão famoso na história da igreja. A tradição preservou um ponto na costa onde desembarcaram por meio de um montículo artificial, vagamente semelhante a um barco invertido, modelado segundo o padrão dos *currach*, no qual os piedosos monges navegaram através do mar.[3]

Pensa-se que um bom número de cristãos já tinha encontrado um refúgio naquela rocha estéril. Naquele tempo ela devia ser quase completamente isolada das moradas dos homens. As águas das Hébridas são tão tempestuosas que a navegação em barcos abertos deve ter sido extremamente perigosa. O nome Iona significa "A Ilha das Ondas". Além de suas ondas transversais, suas correntes e seus recifes, a pesada maré do Atlântico rola sobre as suas praias. A respeito dos monges de Iona, falaremos de cada um; mas ainda não terminamos com a Irlanda.

Columbano, outro monge de grande santidade, parece ter deixado sua cela cerca de sessenta anos após Columba. Ele nasceu em Leinster, e treinou no grande monastério de Bangor na costa de Ulster. Uma sociedade de 3000 monges, sob o governo de seu fundador, Comgal, foi gerada nesse convento. A igreja na Irlanda ainda era livre; não tinha sido ainda escravizada pela igreja de Roma. Eles eram simples e sinceros em seu cristianismo comparado **às formas sem vida e ao elemento sacerdotal do papado**. Nem mesmo as construções re-

[3]Para detalhes interessantes, veja *"The Church History of Scotland from the commencement of the Christian era to the present time"*, de John Cunningham, ministro de Crieff A. and C. Black Edinburgh. 1859.

ligiosas desse período se assemelham aos conventos papistas de épocas posteriores. Mesmo assim, **eles já tinham viajado para muito além da simplicidade do cristianismo apostólico**.

A Palavra de Deus não era o único guia deles. O cristianismo não tinha existido no mundo por 600 anos sem ter contraído muitas corrupções. Ele passou através de muitos eventos de grande importância na história da igreja. O gnosticismo, o monasticismo, o arianismo e o pelagianismo eram gigantescos males naqueles dias; mas o monasticismo era a instituição popular ao final do século VI.

As Características de um Monge Superior

Cria-se que um proficiente na piedade mística daqueles dias podia operar milagres, proferir profecias e desfrutar de visões divinas. Ele era tão cercado por uma espécie de santidade temerosa que ninguém ousava tocar no homem de Deus. Ele saía de sua cela como se viesse de um outro mundo, com ele mesmo e suas vestes cobertas de poeira e cinzas. Ele ousadamente repreendia os vícios dos reis, confrontava os mais cruéis tiranos, ameaçava o derrube de dinastias, e assumia um tom elevado de superioridade sobre todas as dignidades seculares.

Assim era **Columbano**. Com uma colônia de monges ele partiu de barco da Irlanda por volta do ano 590. Ele pretendia pregar o evangelho para além dos domínios francos, mas aportou na Gália. A fama de sua piedade chegou aos ouvidos de Guntram, rei da Borgonha, que o convidou a se estabelecer naquele país. Recusando a oferta do rei, o abade solicitou permissão para se retirar a algum ermo inacessível. Ele se estabeleceu nos Vosges. Por um tempo os missionário tiveram que suportar grandes dificuldades. Eles frequentemente tinham, por dias, nenhuma outra comida além de ervas selvagens, cascas de árvores e, provavelmente, peixes do córrego. Mas, gradualmente, eles causaram uma impressão favorável sobre as pessoas dos arredores. Todas as classes olhavam para eles com reverência. Provisões lhes eram enviadas, especialmente por aqueles desejosos de lucrar pelas orações daqueles homens santos. O suprimento era descrito como miraculoso. A piedade e poderes maravilhosos do abade logo reuniram muitos ao seu redor. Monastérios se ergueram em diferentes locais, e os devotos se aglomeravam para enchê-los.

Columbano presidiu como abade sobre todas essas instituições. Seu modo

de governo foi provavelmente o mesmo que tinha em Bangor, na Irlanda. Embora seu deleite sempre fosse vagar pelos bosques selvagens, ou habitar por dias em sua caverna solitária, ele ainda exercia uma estrita superintendência sobre todos os monastérios que ele tinha formado. O trabalho, a dieta, a leitura, o tempo para oração, e o estabelecimento das punições eram todos ditados por ele mesmo. Com o tempo, ele caiu em disputas com seus vizinhos quanto ao dia de guardar a Páscoa. Ele escreveu sobre o assunto ao Papa Gregório e a Bonifácio, colocando a igreja de Jerusalém acima da de Roma, como sendo o local da ressurreição do Senhor. Ele também trabalhou em Meltz, Suíça e Itália. Após fundar muitos monastérios, ele morreu em Roma no ano 610.

O mais celebrado seguidor do grande abade foi seu conterrâneo São **Galo**, que o acompanhara em todo o seu destino; mas, ficando doente quando seu mestre passava pela Itália, não pôde mais segui-lo e foi deixado em Helvétia. Mais tarde, ele pregou ao povo em sua própria língua, fundou o famoso monastério que leva seu nome, e é honrado como o apóstolo da Suíça. Ele morreu por volta do ano 627. Da época de São Patrício até a metade do século XII a igreja na Irlanda continuou a afirmar sua independência de Roma, e a manter sua posição como um ramo vivo e ativo da igreja, sem possuir qualquer chefe (ou cabeça) terreno[4]. Vamos nos voltar agora para a Escócia.

Os Primeiros Pregadores do Cristianismo na Escócia

Cerca de 150 anos antes do famoso Columba ter desembarcado na ilha de Iona, **São Niniano**, "um homem muito santo da nação britânica", como Bede o chama, pregou o evangelho nos distritos do sul da Escócia. Este missionário, como quase todos os santos dos primeiros séculos, é declarado como tendo sangue real. Ele recebeu sua educação em Roma, ensinado pelo famoso Martinho de Tours, e, retornando à Escócia, fixou sua residência principal em Galloway.

Se podemos confiar nos seus biógrafos, devemos crer que ele foi por toda a parte pregando a Palavra, e que selvagens que viviam nus o ouviram, se maravilharam e foram convertidos. "Ele apressou-se sobre a obra para a qual tinha sido enviado pelo Espírito, sob o comando de Cristo, e tendo sido recebido em seu país, uma grande multidão se reuniu, com muita alegria em todos, e uma maravilhosa devoção e louvor a Cristo ressoou em todos os lugares; alguns o tomaram por profeta. Presentemente o extenuante lavrador entrou no campo

[4] *Faiths of the World (Crenças do Mundo)*, de Gardner, vol. 1, p. 150.

de seu Senhor, começou a arrancar as coisas mal plantadas, para dispersar essa má colheita e destruir aqueles mal construídos". Milhares, conta-se, foram batizados e se uniram ao exército dos fiéis.

Ele começou a construir uma "igreja" de pedra nas margens do Solway mas, antes que fosse terminada, recebeu notícia sobre a morte de seu amigo e patrono São Martinho, e piedosamente dedicou a "igreja" a sua honra. Conta-se que esse foi **o primeiro edifício de pedras** erguido na Escócia e, por conta de sua aparência branca e brilhante comparada às cabanas de troncos e lama até então usados, atraiu grande atenção. Ela foi chamada em saxão de *"giz derretido"*, e assim o é até os dias atuais.[5]

Não sabemos nada sobre os sucessores imediatos de São Niniano: até a missão de Columba a história do cristianismo na Escócia é pouco conhecida. Sem dúvidas o Senhor manteria vivo o fogo que ele tinha acendido, e preservou e disseminou a verdade do evangelho que tinha sido recebido por tantos. Dentre os **pictos**, ao sul de **Grampians**, **Niniano** parece ter trabalhado principalmente e com sucesso, mas com o celebrado Columba começa o período mais interessante nos anais eclesiásticos da Escócia.

Já vimos Columba e sua colônia de monges estabelecendo-se em Iona. Ali ele construiu seu monastério, tal como era. E tão famoso se tornou o colégio de Iona que foi considerado, por muitos anos, se não por séculos, a luz do mundo ocidental. Homens, eminentes pela erudição e piedade, foram enviados para fundar bispados e universidades em cada canto da Europa. Por 34 anos Columba viveu e trabalhou naquela rocha solitária. Ocasionalmente ele visitava o continente, fazendo a obra de um evangelista entre os bárbaros **escoceses e pictos**, plantando igrejas e exercendo uma imensa influência sobre todas as classes; mas seu grande objetivo era treinar homens para a obra do evangelho no país e no exterior. Sem dúvida manter-se-ia uma ligação estreita e amigável entre o Norte da Irlanda e o Oeste da Escócia; de fato, naquela época ambas as regiões eram consideradas idênticas e eram conhecidas pela denominação geral de escoceses.

[5]Cunningham, vol. 1, p. 52

Os Missionários de Iona

Perto do fim do século VI, ou início do século VII, missionários começaram a sair dos claustros de Iona carregando a luz do cristianismo, não meramente a diferentes partes da Escócia, mas também à Inglaterra e ao continente. Agostinho [de Cantuária] e seus monges italianos chegaram em Kent um pouco antes do famoso Aidan de Iona e seus monges entrarem em Northumberland. Assim a igreja saxônica foi invadida por cristãos missionários em suas duas extremidades.

Osvaldo, então rei da Nortúmbria, era cristão. Ele tinha sido convertido, batizado e recebido à comunhão na igreja escocesa quando era um jovem e exilado nesse país. Ao recuperar o trono de seus ancestrais **ele naturalmente desejou que seu povo fosse levado ao conhecimento do Salvador**. A seu pedido, os anciãos de Iona lhe enviaram um grupo missionário chefiado pelo piedoso e fiel Aidan. O rei atribuiu-lhes a ilha de **Lindisfarne** por residência. Ali Aidan estabeleceu o sistema de Iona, e a comunidade viveu de acordo com o governo monástico. Muitos se uniram ao monastério, vindos tanto da Escócia quanto da Irlanda. O próprio rei zelosamente ajudou na disseminação do evangelho: às vezes pregando, e às vezes agindo como um interpretador, tendo aprendido a língua celta durante seu exílio. Bede, embora fortemente romano em suas afeições, dá um testemunho sincero às virtudes desses clérigos do Norte — "Seu zelo, sua gentileza, sua humildade e simplicidade, seu estudo sério das Escrituras, sua liberdade de todo o egoísmo e avareza, sua honesta ousadia ao lidar com os grandes, sua ternura e caridade para com os pobres, sua vida estrita e abnegada."[6]

A obra da conversão parece ter prosperado nas mãos de Agostinho [da Cantuária] e Aidan. Os monges italianos estendiam seus ensinamentos e influência sobre o sul e sudoeste do reino, enquanto os monges escoceses espalhavam a verdade de **um evangelho mais puro e simples** sobre as províncias do norte, do leste e da região central. Ao mesmo tempo, York, Durham, Lichfield e Londres se encheram de homens escoceses. Assim Roma e Iona se encontraram em solo inglês, uma colisão que era inevitável; quem se tornaria o mestre? Agostinho [de Cantuária], que tinha sido consagrado primaz da Inglaterra pelo papa, exigiu que os monges celtas se conformassem à disciplina romana: a isto eles se recuraram prontamente, e defenderam com grande firmeza sua própria disci-

[6] J. C. Robertson, vol. 2, p. 62

plina e as regras de Iona. Sérias disputas então se levantaram. Roma não podia se submeter a nenhum rival, ela estava determinada a manter a Inglaterra sob seus domínios.

Após a morte do piedoso e generoso Osvaldo, o trono foi preenchido por seu irmão **Oswiu**, que também tinha se convertido ao cristianismo e foi batizado na Escócia durante seu cativeiro. Mas sua princesa aderiu aos costumes de Roma, e a família seguiu a mãe. Uma forte influência foi assim exercida contra os monges escoceses; e, cansados das contínuas provocações e **da conduta inescrupulosa dos agentes do pontífice**, tanto eclesiásticos quanto seculares, os firmes presbíteros ficaram determinados a deixar a Inglaterra e retornarem a Iona. De longe, a maior e mais importante parte do país tinha sido convertida ao cristianismo por meio de seus labores; mas o triunfo de Roma na conferência de Whitby em 664, através da sutileza do padre Wilfred, os desencorajou tanto que eles silenciosamente se retiraram do campo após a ocupação de cerca de trinta anos. *"Por mais santo que tenha sido o teu Columba"*, disse o astuto Wilfred, *"prefere-o ao príncipe dos apóstolo, a quem Cristo disse 'Tu és Pedro, e te darei as chaves do reino dos céus'?"*. O **Rei Oswiu** estava presente, e professou obediência a São Pedro. *"Receio"*, disse ele, *"que quando eu chegar ao portão do céu, não haverá ninguém para abri-lo para mim"*. O povo logo seguiu seu príncipe, e em um curto período de tempo toda a Inglaterra tornou-se subserviente de Roma. Mas nem argumentos, intimidação, nem o escárnio, tinham qualquer efeito sobre os presbíteros do Norte. Eles se recusaram a reconhecer que deviam fidelidade ao bispo de Roma. A Escócia ainda era livre. Os padres, como de costume, puseram-se a trabalhar com os príncipes. Isto foi realizado como descrito a seguir.

A Tonsura Clerical

Dentre os muitos assuntos de disputa entre os missionários **celtas** e **italianos**, o verdadeiro dia para a celebração da Páscoa e a verdadeira forma da tonsura clerical animaram as mais ferozes controvérsias, despertaram as mais fortes paixões e, finalmente, levaram à queda da igreja da Escócia e ao triunfo dos sacerdotes de Roma. Mas, tendo já falado sobre a questão da Páscoa em ligação com o concílio de Niceia, vamos apenas tomar nota sobre a disputa sobre a tonsura.

Pode parecer estranho aos nossos jovens leitores protestantes, que podem nunca ter visto um padre católico sem seu chapéu, que o corte de seu cabelo

fosse algo de mais peso em sua ordenação do que sua erudição ou sua piedade. E a mera forma em que era raspada era considerada de tanta importância que tornou-se um teste de ortodoxia. Os monges escoceses seguiam as igrejas do Oriente, tanto na observância da Páscoa quanto na forma de tonsura. Eles raspavam a parte de trás da cabeça de orelha a orelha na forma de uma crescente. Os orientais reivindicavam João e Policarpo como seu exemplo e autoridade. Os italianos professavam ficar em grande choque por tal barbaridade, e chamavam-na de tonsura de **Simão Mago**. O clero romano usava uma forma circular. Isto era feito tornando careca um pequeno ponto redondo bem no topo da cabeça, e aumentando o ponto à medida que o eclesiástico avançava nas ordens sagradas. A tonsura tornou-se um requisito como uma preparação para as ordens por volta do quinto ou sexto século.

Agostinho [de Cantuária] e seus sucessores na sé da Cantuária, seguindo os escritos dos mais antigos e veneráveis "Pais", afirmavam que a tonsura foi primeiramente introduzida pelo príncipe dos apóstolos, em honra à coroa de espinhos que foi pressionada sobre a cabeça do Redentor; e que o instrumento inventado pela impiedade dos judeus para a ignomínia e tortura de Cristo pode ter sido utilizada por Seus apóstolos como seu ornamento e glória. Por mais de um século a controvérsia se ergueu com grande ferocidade. As questões prosseguiam a tal ponto que um homem era ou não era considerado um herege de acordo com o local do couro cabeludo em que se fazia careca: na coroa (topo da cabeça) ou na parte de traz da cabeça. **Roma se encheu de raiva**; meios humanos pareciam insuficientes para conquistar um miserável bando de presbíteros em um canto remoto da ilha. Eles se recusavam a curvar-se perante ela. O que deveria ser feito? Como sempre, achando-se incapaz de alcançar seu objetivo por meio dos padres, ela recorreu a favoritos na corte, nobres e príncipes. Naitam, rei dos pictos, foi convencido a crer que, ao se submeter ao papa, ele seria igual a Clóvis e Clotaire. Lisonjeado por tal grandeza de glória futura, ele recomendou que todo o clero de seu reino recebesse a **tonsura de São Pedro**. Então, sem demora, ele enviou agentes e cartas para cada província e fez com que todos os monastérios e monges recebessem a tonsura circular de acordo com a moda romana. Alguns se recusaram. Os anciãos da rocha aguentaram por um tempo, mas as ordens do rei, o exemplo do clero e a fraqueza de alguns dentre eles conduziu ao caminho da destruição de Iona e de toda a antiga igreja da Escócia. Por volta do início do século VIII a navalha foi introduzida, eles receberam a tonsura latina, tornaram-se servos de Roma, e continuaram assim até o

período da Reforma.[7]

Quem Eram os Culdees?

Culdees eram uma espécie de reclusos religiosos que viviam em lugares afastados. A comunidade cristã de Iona foi chamada de *Culdees*. E este é, provavelmente, o motivo pelo qual aquele ponto isolado foi fixado por Columba como o local de seu monastério. Embora totalmente livres das corrupções dos grandes monastérios no continente, a vida e as instituições de Columba eram estritamente monásticas. E, a partir de fragmentos de informação recolhidos da história, parece bem certo de que "eles se gloriavam em seus milagres, respeitavam relíquias, praticavam penitências, jejuavam às quartas e sextas-feiras, tinham algo bem similar às confissões auriculares, às absolvições e às missas para os mortos; mas é certo que eles nunca se submeteram aos decretos do papado em relação ao celibato". Muitos dos *culdees* eram homens casados. São Patrício era filho de um diácono e neto de um sacerdote.[8]

Mas, embora esses homens bons e santos fossem tão infectados pela superstição dos tempos, a situação remota em que se encontravam, a simplicidade de seus modos, e a pobreza de seu país devem tê-los preservado muito das influências romanas e dos vícios predominantes dos monastérios mais opulentos. Prefiramos pensar no monastério deles como um seminário, nos quais homens eram treinados para a obra do ministério. Em anos posteriores os monges foram frequentemente perturbados, e algumas vezes abatidos, por piratas. No século XII passou a ser posse dos monges romanos. "Sue fé pura e primitiva", diz Cunningham, "havia partido; seu renome por causa da piedade e erudição se foi; mas a memória deles sobreviveu, e era então considerada com maior reverência supersticiosa do que nunca. Muito antes disso o monastério foi usada como sepulcro da realeza, numerosas peregrinações foram feitas até ele, e agora reis e chefes começaram a enriquecê-lo com doações de dízimos e terras. As paredes que então estavam desmoronando foram consertadas; e os viajantes podem apreciar essas veneráveis ruínas eclesiásticas se erguendo de um cais em meio ao vasto oceano com sentimentos parecidos com aqueles com os quais é possível considerar os templos de Tebas meio enterrados, mas ainda em pé, no meio das areias do deserto".

[7] D'Aubigne, vol. 5, p. 77. Cunningham, vol. 1, p. 90.
[8] Cunningham, vol. 1, p. 94.

Vamos agora deixar de lado por um tempo as Ilhas Britânicas. A primeira introdução da cruz na Inglaterra, Escócia e Irlanda, e o triunfo final de Roma nesses países, são eventos do mais profundo interesse por si só; mas por terem acontecido em nosso próprio país[9] eles têm direito à nossa atenção especial. A partir desse momento poucas mudanças exteriores aconteceram na história da igreja, embora possam ter havido muitas lutas internas a partir dos numerosos abusos e das exigências audaciosas de Roma.

A Disseminação do Cristianismo na Alemanha e Arredores

É mais do que provável que a cruz tenha sido introduzida, num período primitivo, no coração das florestas germânicas, assim como naquelas cidades e distritos que estavam sujeitos ao Império Romano. Os nomes de vários bispos da Alemanha [10] são encontrados nas listas dos concílios de Roma e Arles realizados sob a autoridade de Constantino nos anos 313 e 314. Mas não foi até o final do sexto e início do sétimo século que o cristianismo foi amplamente disseminado e firmemente enraizado na região. Os bretões (ou britânicos), os escotos (ou escoceses) e os irlandeses foram honrados por Deus como os principais instrumentos nessa grande e abençoada obra. O ardente Columbano, cuja missão já tomamos nota, foi o líder dos primeiros grupos que foram ao auxílio dos pagãos no continente europeu. Ele primeiramente atravessou a França, então passou o Reno e trabalhou pela conversão dos suábios, bávaros, francos e outras nações da Alemanha. **St. Kilian**, um escocês e evangelista muito devoto, o seguiu. Ele é considerado o apóstolo da Francônia e honrado como um mártir por sua fidelidade cristã por volta do ano 692. *Willibrord*, um inglês missionário com onze de seus compatriotas, cruzou para a Holanda para trabalhar entre os **frísios**; mas assim como outros anglo-saxões do período ele era fervorosamente devoto à Sé Romana. Ele foi ordenado bispo de Witteburg pelo papa; seus associados propagaram o evangelho através da Vestfália e dos países vizinhos.

Mas o homem que levou as nações da Germânia como um rebanho de ovelhas sob o pastorio de Roma foi o famoso **Vinfrido**. Ele nasceu em Crediton, em Devonshire, de uma nobre e rica família, por volta do ano 680. Ele entrou em um monastério em Exeter quando tinha sete anos, e mais tarde se mudou para

[9] N. do T.: o autor vivia na Inglaterra
[10] N. do T.: ou Germânia, como era conhecida a região na época romana

Nursling em Hampshire. Ali ele se tornou famoso por sua capacidade como pregador e como expositor das Escrituras. Ele se sentia chamado por Deus logo no início de sua vida para ir mundo afora como um missionário aos pagãos. Ele navegou para a Frísia no ano 716. Seus labores foram longos e abundantes. Três vezes ele visitou Roma e recebeu grandes honras do papa. Sob o título de São Bonifácio, e considerado o apóstolo da Germânia, ele morreu como um mártir aos sessenta e cinco anos. Mas embora ele tenha sido um missionário muito bem-sucedido, um homem de grande força de caráter, de grande erudição e de vida santa, ele era um vassalo jurado do papa, e buscava mais o avanço da igreja de Roma do que o avanço do evangelho de Cristo.[11]

O Grande Projeto Papal para o Engrandecimento

A difusão do cristianismo nesse século ultrapassou em muito seus anteriores, tanto nos países do Oriente quanto do Ocidente. Vimos alguns de seus triunfos no Ocidente. No Oriente conta-se que os nestorianos trabalharam com incrível afinco e perseverança para propagar a verdade do evangelho na Pérsia, Síria, Índia, e entre as nações bárbaras e selvagens habitantes dos desertos e das costas mais remotas da **Ásia**. Em particular, o vasto império da China foi iluminado por seu zelo e diligência com a luz do cristianismo. Durante vários séculos sucessivos, o patriarca dos nestorianos enviou um bispo para presidir sobre as igrejas de então na China. Essas interessantes pessoas **rejeitaram a adoração de imagens, a confissão auricular, a doutrina do purgatório, e muitas outras doutrinas corruptas das igrejas romana e grega.**

A igreja oriental, ou igreja grega, parece ter sido impedida, por causa de dissensões internas, de se preocupar muito com a disseminação do cristianismo entre os pagãos. **No Ocidente tudo era atividade mas, infelizmente, não para a disseminação do evangelho ou para a conversão de almas.**[12]

O Período de Transição do Papado

Retornemos agora a Roma. Sua importância e influência como um centro reivindica nossa maior atenção por mais um pouco. Os domínios espirituais do

[11]Para detalhes particulares veja *Middle Ages*, de Hardwicke; J. C. Robertson, vol. 2, p. 95
[12]Mosheim, vol. 2, p. 29.

papa então se estendiam por toda a parte. De todas as partes do império bispos, príncipes e povos olhavam para Roma como o pai de sua fé e a mais elevada autoridade na Cristandade. Mas, embora assim exaltada à mais alta soberania espiritual, o supremo pontífice e sua relação com o império oriental ainda era um assunto delicado. Isto era insuportável para o orgulho e ambição de Roma. A poderosa batalha pela vida e poder político agora começava, e durou por todo século VII e VIII. Este foi o período de transição de um estado de subordinação ao poder civil ao estado de auto-existência política. Como isto poderia ser alcançado era então o grande problema que o Vaticano tinha que resolver. Mas o domínio espiritual não podia ser mantido sem o poder secular.

Os **lombardos** — os vizinhos mais próximos e temidos dos papas — e o império grego eram os dois grandes obstáculos no caminho da soberania secular do papa. A queda do império ocidental e a ausência de qualquer governo nacional fez com que o povo romano olhasse para o bispo como seu chefe natural. Ele foi assim investido com uma influência política especial, distinta de seu caráter eclesiástico. As invasões dos lombardos, como já vimos, e a fraqueza dos gregos, contribuíram para o aumento do poder político nas mãos dos pontífices. Mas isto foi apenas acidental, ou uma necessidade diante das emergências imprevistas. Os Estados romanos ainda eram governados por um oficial do império oriental, e o próprio papa, se ofendesse o imperador, era suscetível de ser preso e lançado na prisão, como foi, de fato, o caso do papa São Martinho no ano 653, que morreu no exílio no ano seguinte.

O Único Grande Objetivo do Papado

A cada dia tornava-se mais e mais evidente que não poderia haver paz sólida para Roma, nem fundamento seguro para a supremacia já alcançada, a menos que fosse alcançada a derrubada total tanto dos poderes gregos quanto lombardos na Itália, e a apropriação de seus espólios pela santa Sé. Este era então o único grande objetivo dos sucessores de São Pedro e a batalha que eles tinham que lutar. Mas, assim como a vinha de Nabote, o jizreelita, isso deveria ser possuído por bem ou por mal. Jezabel conspira, e a morte de Nabote é realizada. A história dos reis lombardos e da grande controvérsia iconoclástica durante os séculos VII e VIII lançam muita luz sobre os meios usados para alcançar esse fim; mas disso tudo podemos dizer apenas uma palavra para passarmos adi-

ante, e sugerir aos nossos leitores a consulta direta à história geral.[13]

"Há abundante fundamento histórico para acreditar", diz Greenwood, "que esse objetivo havia, por essa época, se moldado muito distintamente na mente do papado: o território de seu inimigo religioso, o imperador, devia ser definitivamente anexado ao patrimônio de São Pedro, juntamente a um Estado territorial muito mais extenso à medida que a oportunidade viesse ao alcance. Mas restava a árdua e aparentemente impossível tarefa de arrancar essas potenciais aquisições das mãos do inimigo lombardo. E, de fato, todo o curso da política papal estava então direcionada ao cumprimento desse único objetivo."

Pepino e Carlos Magno (741–814 d.C.)

Os olhos dos papas tinham, por algum tempo, se voltado para a França como o ponto de partida de onde viria a libertação. A nação franca tinha sido católica desde o início de seu cristianismo; mas uma conexão mais próxima com Roma foi mais tarde formada por meio de São **Bonifácio**, o monge inglês. Cheio como era da reverência de sua nação por São Pedro e seus sucessores, ele exerceu toda sua influência entre os bispos da França e Alemanha para estender a autoridade da Sé Romana. Isto preparou o caminho para a solução do grande problema que tinham em mãos.

Pepino, que era o alto mordomo ou prefeito do palácio de Childerico III, rei dos francos, exercera por muito tempo todos os poderes do Estado junto com todos os atributos da soberania, com exceção do título. Ele pensou que chegara o momento de pôr um fim à realeza de seu mestre e assumir o nome e as honras reais. Ele possuía em grande medida todas as qualidades que a nobreza e o povo estavam acostumados a respeitar nos príncipes daquela época. Ele era um guerreiro galante e um estadista experiente. Por uma brilhante série de sucessos ele tinha grandemente estendido o domínio dos francos. O pobre rei, sendo destituído de tais capacidades, afundou no favor popular e foi apelidado de "o Estúpido". Pepino, no entanto, tinha sabedoria para prosseguir cautelosamente neste estágio de seus planos. Bonifácio, que desempenhava um importante papel nesse assunto, foi secretamente despachado para Roma para **preparar o papa** para a mensagem de Pepino, e com instruções de como respondê-lo. No meio tempo, ele reuniu os estados do reino para deliberar sobre o assunto. Os nobres deram a opinião de que, primeiramente, o pontífice de-

[13] Veja especialmente a *Cathedra Petri* de Greenwood.

veria ser consultado, independentemente do quão lícito fosse o que o prefeito desejava. De acordo, dois eclesiásticos confidenciais foram enviados a Roma para proporem a seguinte questão ao papa Zacarias: *"Se a lei divina não permitia que um povo valente e guerreiro destronasse um monarca imbecil e indolente, que era incapaz de desempenhar qualquer das funções da realeza, e substituí-lo por um mais digno de governar, e um que já tinha rendido mais importante serviço ao Estado?"*. A resposta lacônica do papa, já em posse de todos os segredos, foi rápida e favorável. *"Aquele que legalmente possui o poder real pode também legalmente assumir o título real."*

O papa, sem dúvida, respondeu como seus questionadores desejavam. Pepino se sentiu então seguro de seu prêmio. Fortificado pela aprovação da mais alta autoridade eclesiástica, e seguro da aquiescência do povo, ele ousadamente assumiu o título real. Ele foi coroado por Bonifácio na presença nos nobres e prelados do reino reunidos em Soissons, no ano 752. Mas o caráter religioso da coroação marcou o crescente poder do clero. A cerimônia judaica da unção foi introduzida por Bonifácio para santificar o usurpador, e os bispos ficavam ao redor do trono como se fossem de igual posição com os nobres armados. De acordo com o uso dos francos, Pepino foi elevado sobre o escudo, entre as aclamações do povo, e proclamado rei dos francos. Childerico, o último dos reis merovíngios, foi despojado da realeza sem oposição, despojado de seus longos cabelos, tonsurado e encerrado em um monastério.

A Sanção de Zacarias à Conspiração de Pepino

A parte que Bonifácio e seu chefe, o papa, tiveram nessa revolução, e a moralidade dos procedimentos, têm sido assuntos de muita controvérsia. Os escritores papais têm dolorosamente tentado exonerar os inescrupulosos sacerdotes, e os escritores protestantes tentam criminalizá-los. Mas se compararmos a conduta deles com os princípios do Novo Testamento, não pode haver controvérsia. Cada princípio e sentimento correto, tanto humanos quanto divinos, foram prontamente sacrificados para assegurar a aliança de Pepino contra os gregos e lombardos. A violação dos direitos sagrados dos reis, a grande lei da sucessão hereditária, a rebelde ambição de um servo, a degradação do soberano legítimo, e a absolvição de súditos por suas infidelidades, são aqui todos sancionados pelo papado como sendo corretos aos olhos de Deus, uma vez que eles eram os meios pelos quais o papa seria elevado à uma soberania secular. **Tal foi**

a ousada perversão e a terrível blasfêmia da Sé Romana na metade do século VIII. Que o estudante da história da igreja tome nota dessa ocorrência como característica do papado, e como um precedente para suas futuras pretensões. Este acontecimento é geralmente relatado como o primeiro exemplo de interferência do papa nos direitos dos príncipes e na fidelidade dos súditos. Mas os sucessores de Zacarias fizeram amplo uso desse precedente em anos posteriores. Eles afirmavam que os reis da França, a partir desse tempo, podiam ser coroados apenas pela autoridade do papa, e que a sanção papal era seu único título legal. Mal podiam Pepino ou Zacarias prever os imensos efeitos dessa negociação na história da igreja e do mundo. Foi o grande primeiro passo em direção ao futuro reinado do bispo de Roma — o importante elo na cadeia de eventos.

A Soberania Secular do Papado é Estabelecida

Através de uma troca mútua de bons ofícios, em menos de três anos Pepino cruzou os Alpes à frente de um numeroso exército, derrubou os lombardos, e recuperou o território italiano que eles tinham arrancado do império ocidental. A justiça exigiria, de fato, que o território retornasse ao imperador, a quem pertencia; ou ele poderia retê-lo para si mesmo. Mas ele não fez nem um nem o outro. Consciente de sua obrigação para com a santa Sé, ele respondeu que não tinha ido à batalha por amor de homem algum, mas apenas por amor de São Pedro, e para obter o perdão de seus pecados. Ele então transferiu a soberania sobre as províncias em questão para o bispo de Roma. Esta foi a fundação de todo o domínio secular dos papas.

Astolfo, rei dos lombardos, tendo jurado a Pepino que restauraria a São Pedro as cidades que ele tinha tomado, as tropas francesas foram retiradas. Mas a magnificente *"doação"*, no que dizia respeito ao papa, estava apenas no papel. Ele não tinha sido posto em posse real dos territórios cedidos, nem tinha os meios de pôr-se a si mesmo em posse do dom real. Mal o rei franco retornou dos Alpes, Astolfo recusou-se a cumprir seu compromisso. Ele reuniu suas divisões dispersas e continuou seus ataques sobre os territórios dispersos da igreja. Ele devastou o país até os próprios muros de Roma e sitiou a cidade. O papa, indignado tanto com a conduta evasiva de Pepino quanto com a perfídia dos lombardos, enviou mensagens a seus protetores francos pelo mar a toda pressa, pois todos os caminhos por terra estavam fechados pelo inimigo. Sua primeira

carta recordou ao rei Pepino que ele arriscava a eterna condenação se não completasse a *doação* que havia prometido a São Pedro. Seguiu-se uma segunda carta, mais patética e mais persuasiva. Mesmo assim os francos se atrasaram. E, finalmente, o papa escreveu uma terceira, como se viesse do próprio São Pedro. A ousadia e pretensão dessa carta é tão terrível que a citaremos inteiramente como um exemplo dos meios usados pelo papa para aterrorizar os bárbaros para **a proteção da santa Sé e o avanço de seus domínios**. Ele considerou todos os meios justificáveis para alcançar tais propósitos elevados. Assim se lê:

"Eu, Pedro, o apóstolo, protesto, admoesto e conjuro-vos, os mais cristãos reis, Pepino, Carlos e Carlomano, com toda a hierarquia, bispos, abades, padres e todos os monges; todos os juízes, duques, condes, e todo o povo dos francos. A mãe de Deus, do mesmo modo, vos conjura, e vos adverte e ordena, ela, assim como os tronos e domínios e todas as hostes do céu, a salvar a amada cidade de Roma dos detestados lombardos. Se ouvirdes, eu, Pedro, o apóstolo, prometo-vos minha proteção nesta vida e na próxima, preparar-vos-ei as mais gloriosas mansões no céu, e conceder-vos-ei as alegrias eternas do paraíso. Façam causa comum com meu povo de Roma, e vos concederei qualquer coisa para a qual orardes. Conjuro-vos a não deixarem esta cidade ser lacerada e atormentada no inferno com o diabo e seus anjos pestilentos. De todas as nações debaixo do céu os francos são os mais elevados na estima de São Pedro; para mim, vós mereceis todas as vossas vitórias. Obedecei, e obedecei rapidamente; e, por meu sufrágio, nosso Senhor Jesus Cristo vos dará uma longa vida, segurança, vitória, e na vida futura, multiplicará Suas bênçãos sobre vós, entre Seus santos e anjos."[14]

O Prenúncio do Homem do Pecado

Nada pode nos dar uma ideia mais expressiva da terrível apostasia da igreja de Roma que essa carta. O único direito para a vida eterna é a obediência ao papa; o mais elevado dever do homem é a proteção e ampliação da santa Sé. **Mas onde está Cristo?** Onde estão Suas reivindicações? Onde está o cristianismo? Em vez de buscar converter os bárbaros e ganhar suas almas para Cristo, o santíssimo nome do Senhor e o nome do apóstolo são prostituídos para os mais baixos propósitos. O soldado que luta mais duro pela Sé Romana, embora destituído

[14]Para uma descrição mais ampla desse importante período, veja *Cristianismo Latino*, de Milman, vol. 2, p. 243.

de qualquer qualificação moral e religiosa, é assegurado de grandes vantagens temporais na vida presente, e na vida vindoura o mais elevado assento no céu. **Certamente temos aqui o mistério da iniquidade, e o prenúncio daquele homem de pecado, o filho da perdição, que se opõe e exalta a si mesmo sobre tudo o que é chamado Deus**, ou que é adorado, de modo que ele como Deus se assenta no templo e Deus, **mostrando-se como se fosse Deus — dele mesmo, cuja vinda é segundo a obra de Satanás, com todo o poder e sinais e prodígios de mentira.** (2 Tessalonicenses 2:3–12)

Pepino logo tinha seus francos em ordem de marcha. As ameaças e promessas da "carta de São Pedro" tiveram o efeito desejado. Eles novamente invadiram a Itália. Astolfo cedeu imediatamente às exigências de Pepino. O território contestado foi abandonado. Embaixadores do Oriente estavam presentes na conclusão do tratado, e exigiram a restituição de Ravena e seu território ao seu mestre, o imperador; mas Pepino declarou que seu único objetivo na guerra era demonstrar sua veneração por São Pedro; e ele concedeu, pelo direito de conquista, tudo a seus sucessores. Os representantes do papa agora passavam pela terra, recebendo a homenagem das autoridades e as chaves das cidades. Mas o território que ele aceitou de um potentado estrangeiro na forma de uma doação pertencia ao seu mestre reconhecido, o imperador oriental. Ele [o papa] havia contratado, por uma grande soma, que teve o cuidado de tornar pagável no céu, um poderoso estrangeiro para roubar sua soberania de direito para sua própria vantagem, e sem vergonha ou hesitação ele aceitou a fraude. O rei francês pôde ser destronado e humilhado por seu servo, e o império grego pôde ser roubado e desafiado por seu sacerdote, se a igreja fosse assim engrandecida. Tal sempre foi a política de Roma.

Mas a generosa doação de Pepino — que morreu no ano 768 — esperou pela confirmação de seu filho, **Carlos Magno**. No ano 774, quando os lombardos mais uma vez ameaçaram os territórios romanos, a ajuda da França foi implorada. Carlos Magno prosseguiu à sua ajuda. Ele chegou em Roma na véspera da Páscoa. Os romanos, segundo nos contam, receberam o rei com ilimitada demonstração de alegria. Trinta mil cidadãos saíram-lhe ao encontro; todo o corpo do clero com cruzes e bandeiras, e as crianças das escolas, que levavam ramos de palmeira e oliveira, o saudaram com hinos de boas vindas. Ele desmontou, e prosseguiu a pé em direção à igreja de São Pedro, onde o papa e todo o clero estavam à espera. O rei devotamente beijou cada degrau das escadas e, ao chegar ao patamar beijou o papa, e entrou no edifício segurando sua mão direita. Ele passou a véspera da Páscoa em devotos exercícios e rezas. Mas quando o cora-

ção do rei estava quente e terno, o papa Adriano trouxe ao assunto uma *nova escritura de doação* à santa Sé. Carlos Magno, então, aumentou em grande medida a doação que Pepino tinha feito à igreja, confirmou-a com um juramento, e solenemente depositou a escritura da doação sobre a tumba do apóstolo. Após a conclusão das solenidades da Páscoa, despediu-se do pontífice e voltou ao seu exército. Seus braços foram vitoriosos em toda a parte, e ele não fez uma pausa sequer até que tivesse inteira e finalmente subvertido o império dos lombardos, e proclamou-se a si mesmo *rei da Itália*.

A Doação Territorial de Carlos Magno

A real extensão de sua doação é muito difícil de determinar. Mas parece ser da opinião geral dos historiadores que ela incluía não apenas o exarcado de Ravena, mas os ducados de Espoleto e Benevento, Veneza, Istria, e outros territórios no norte da Itália — em suma, quase toda a península com a ilha de Córsica. Todo Nabote foi roubado de sua vinha, e seu sangue derramado, para a gratificação da ambição de Jezabel, e para o estabelecimento de seu trono de iniquidade. Mas o marco da consumação e selo de toda a iniquidade foi o modo como o papa buscou reconciliar seu caráter de **vicário** de Cristo com sua nova posição. Como todos os homens estão sujeitos a Cristo, ele raciocinou, assim do mesmo modo eles são sujeitos ao Seu vicário e representante na terra em tudo o que pertence ao Seu reino. Mas este reino se estende sobre todos, portanto nada pertencente a este mundo ou seus assuntos podem estar acima ou além da jurisdição da cadeira de São Pedro. Nosso reino não é deste mundo; ele é, assim como Cristo, em todos, sobre todos e sobre tudo. De acordo com esta teoria, nenhum domínio secular deveria ser considerado inconsistente com a declaração do Salvador no que diz respeito ao Seu reino. **É neste pressuposto ímpio**, desde então, que os papas têm sempre agido. Daí sua interferência com o sacerdote e o povo, com o rei e o súdito, com a terra e o mar, sobre todo o mundo.

Carlos Magno visitou Roma novamente em 781, e uma terceira vez em 787, e em cada ocasião a igreja foi enriquecida por presentes, concedidos, como ele professava na linguagem da época, "para o bem de sua alma". Submergido em gratidão e plenamente consciente de sua própria necessidade um defensor permanente, o papa coroou Carlos Magno na véspera do Natal do ano 800 com a coroa do império ocidental, e o proclamou César Augusto. Um príncipe franco, um teutão, foi assim declarado o sucessor dos Césares, e empunhou todo o po-

der do imperador do Ocidente. "O império de Carlos Magno", diz Milman, "era quase compatível com a Cristandade latina; a Inglaterra foi o único grande território que reconhecia a supremacia de Roma e não se sujeitou ao novo império ocidental"[15]. Este evento deu início à grande época nos anais da Cristandade romana.

Devemos agora deixar o Ocidente por um tempo, e tornar nossa atenção para uma outra grande revolução religiosa que repentina e inesperadamente surgiu no Oriente — o maometismo.

[15] Veja Milman, vol. 2. Greenwood, vol. 2.

Capítulo 15

Islamismo—Iconoclastia (569—741 d.C.)

Maomé, o Falso Profeta da Arábia

Foi com muito interesse que traçamos o constante progresso e poder subjugador do cristianismo em toda a Europa durante os séculos VII e VIII, embora em sua roupagem latina ou romana. O nome de Jesus foi disseminado mundo a fora, e Deus pôde usar o doce sabor desse nome para a bênção, apesar dos rígidos rituais de Roma que o cercavam de todos os lados. Mas todas essas conquistas do evangelho, por meio do gerenciamento do papa e da influência de seus missionários, tornaram-se as conquistas da Sé Romana. Quão longe tinha seu domínio espiritual se estendido, e quão grande seu poder podia ter se tornado se não tivesse encontrado formidáveis oposições, seria impossível imaginar. Mas Deus permitiu que um inimigo se erguesse, que não somente deteve o progresso do romanismo por todos os lados, como também mais de uma vez fez o próprio pontífice tremer por sua segurança, mesmo na cadeira de São Pedro. Esse foi **Maomé**, o impostor da Arábia.

O início do século VII — o momento em que esse notável homem apareceu — foi peculiarmente favorável para o cumprimento de seu grande objetivo. Quase o mundo inteiro estava contaminado por ídolos. A religião prevalecente de seu próprio país era grosseiramente idólatra. Havia 360 ídolos no templo de Meca, que era o número preciso de dias no ano árabe. O paganismo, com seus inúmeros falsos deuses, ainda cobria uma ampla porção da terra; e mesmo o cristianismo, infelizmente, tinha se tornado extensivamente idólatra, tanto nas

igrejas gregas quanto romanas. Foi nesse momento que Maomé apareceu perante o mundo como um severo e austero monoteísta. Ele sentiu-se chamado a restaurar a doutrina fundamental da Unidade divina a sua devida proeminência na crença religiosa da humanidade. **Mas as próprias ideias de encarnação, de redenção, de um Redentor, de um relacionamento e comunhão com Deus — as penetrantes influências de um santo amor — não têm lugar no sistema desse profeta.** O abismo bocejante que separa Deus do pecador é deixado intransponível pela religião de Maomé. Mas, antes de falarmos sobre seu sistema, vamos olhar brevemente para sua família e juventude.

A Família e Juventude de Maomé

De acordo com a tradição árabe, ele era de uma família nobre chamada Coraixe. Essa tribo, os coraixitas, na época do nascimento de Maomé (que é geralmente datada por volta do ano 569), era um tipo de hierarquia que exercia a supremacia religiosa, e eram os guardiões reconhecidos da Caaba, a pedra sagrada de **Meca**, com seu templo. Seu pai morreu logo após seu nascimento, e sua mãe quando ele era muito novo, de modo que ele ficou órfão e destituído. Tendo outros membros masculinos de sua família também morrido, o governo de Meca e as chaves da Caaba passaram para as mãos de outro ramo da família. Pouco é conhecido sobre os primeiros 25 anos de sua vida, salvo que ele tenha se dedicado a atividades mercantis, e foi tão bem-sucedido e honrado em seus negócios que recebeu o título de *Amin*, ou fiel. Aos 28 anos casou-se com uma viúva de sua família, que possuía uma grande riqueza. Doze anos após seu casamento — quando tinha 40 anos — o profeta começou a ouvir as intimações de sua futura missão. Os infortúnios de sua família e como recuperar sua antiga dignidade e poder podem ter estado, no início, em sua mente. De acordo com o costume que era comum entre seus conterrâneos, ele se retirava todos os anos a uma caverna em uma montanha, e gastava algum tempo em solidão religiosa. Foi em uma dessas cavernas, de acordo com seu próprio relato, que ele recebeu sua primeira comunicação vinda do céu — ou melhor, como cremos, do abismo das trevas. Ele foi, no entanto, gradualmente levado a crer que era especialmente chamado por Deus para ser um instrumento para a destruição da idolatria e para a propagação da verdadeira fé. Seus oráculos, que ele professava receber diretamente do céu pelo anjo Gabriel, foram preservados no **Alcorão**, e considerados pelos fiéis como a palavra de Deus.

A Religião do Islã

Assim, a nova religião anunciada era o Islã — uma palavra que significa submissão ou resignação à vontade de Deus. Sua doutrina foi resumida em seu próprio aforismo: "Não há Deus se não o verdadeiro Deus, e Maomé é seu profeta". Os seis principais artigos na fé teórica do Islam eram: (1) crença em Deus, (2) em Seus anjos, (3) em Suas escrituras, (4) em Seus profetas, (5) na ressurreição e no dia do juízo, e (6) na predestinação. A parte prática do credo do profeta era igualmente irrepreensível, de acordo com os pensamentos prevalentes da observância religiosa da época, e abrange quatro grandes preceitos: (1) orações e purificação; (2) esmolas; (3) jejum; e (4) a peregrinação a Meca, que era considerada tão essencial que qualquer um que morresse sem realizá-la poderia ser equivalente a ter morrido como um judeu ou um cristão.

O único artigo realmente novo e surpreendente na religião do Islã era a missão divina de Maomé como o apóstolo e profeta de Deus. Mas nessas aparências justas é mais manifesta a obra de Satanás. Tais princípios simples e elementares não fariam violência a ninguém, mas enganariam muitos. A história claramente prova que suas opiniões mudaram com seu sucesso, e que sua violência e intolerância aumentaram com seu poder, até ter se tornado uma religião da espada, da pilhagem e da sensualidade. "Ele foi um pregador gentil", diz Milman, "até ter desembainhado a espada". A espada, uma vez desembainhada, é o argumento impiedoso. Em certa época encontramos o amplo princípio da tolerância oriental explicitamente declarado: a diversidade de religiões é atribuída à ordenação direta de Deus, e todos compartilhavam o mesmo ideal. Mas o Alcorão gradualmente retrai todas essas sentenças mais suaves e assume a linguagem de superioridade insultante ou de aversão não disfarçada. Mas, embora o Alcorão tenha muitos pontos de semelhança tanto com o judaísmo quanto com o cristianismo, **pensa-se que Maomé não conhecia o Antigo e o Novo Testamento** — que ele, na verdade, tirou seu material **de lendas talmúdicas, dos evangelhos espúrios** e de outros escritos heréticos, misturados às velhas tradições da Arábia.

Os primeiros convertidos que Maomé ganhou para sua nova religião estavam entre seus amigos e relações próximas, mas a obra de conversões prosseguiu bem devagar. Ao final de três anos seus seguidores somavam somente quatorze. Não contente com seu progresso, ele resolveu fazer uma declaração pública de sua religião. Ele primeiro chamou sua própria família para que o reconhecessem como um profeta de Deus, e, tendo sido aceito como o profeta

pela sua família, também aspirou ser profeta de sua tribo. Mas suas exigências foram recusadas pelos coraixitas, suas pretensões foram desacreditadas, e ele mesmo e seus seguidores foram perseguidos.

A Entrada Triunfante de Maomé em Medina

Até então ele se esforçara para difundir suas opiniões apenas pela persuasão, mas o povo era obstinado e supersticioso, e ameaçou o profeta com o martírio. Ele foi obrigado a fugir de sua cidade nativa, Meca, o ponto central do comércio e da religião da Arábia, e o esperado centro de seu novo império espiritual. Ele fugiu para **Medina**, onde foi recebido como um príncipe. Alguns de seus mais distintos cidadãos tinham abraçado sua causa; um partido já tinha se formado em seu favor. Sua fuga, em 622 d.C., é considerada a grande era na vida do profeta, e a fundação da cronologia maometana. Agora que estava possuído de uma força, ele foi encarregado, por uma nova revelação, de usá-la para a propagação da fé. O caráter de suas "revelações celestiais"então mudaram, tornando-se ferozes e sanguinárias. Sua boca se encheu, como os profetas de **Acabe**, com um espírito de mentira.

Em poucos anos, após alguns combates entre as cidades rivais e os seguidores das religiões rivais, a força do profeta aumentou tanto, que em 630 ele tomou posse de Meca. Ele limpou a Caaba de seus 360 ídolos, e erigiu no lugar o grande santuário do Islã. A partir de então Meca tornou-se o centro de seu sistema; toda a população jurou lealdade; todas as tribos da Arábia estavam então sob seu domínio e professando sua religião.

Meca, a Capital do Islã

Maomé tornou-se então o senhor de Meca. A unidade de Deus era proclamada, assim como sua própria missão profética, do mais alto pináculo da **mesquita**. Os ídolos foram quebrados em pedaços. O velho sistema da idolatria afundou perante o medo de seus braços e da simplicidade exterior de seu novo credo. O próximo passo importante na política do profeta foi assegurar a unidade religiosa absoluta de toda a Arábia. Por este meio, os velhos feudos hereditários das tribos e raças desapareceram, e todos se transformaram em um exército religioso unido contra os infiéis. A guera estava então declarada contra todas

as formas de incredulidade, o que era especialmente **uma declaração de guerra contra a Cristandade**, e uma determinação expressa de propagar o maometismo pelo poder de sua espada.

Maomé torna-se então um soberano independente. A Arábia, liberta dos ídolos, abraça a religião do Islã. Mas, embora o profeta fosse então um príncipe secular e um guerreiro bem-sucedido, ele não negligenciou seus deveres de sacerdote. Ele constantemente conduzia as devoções de seus seguidores, fazia as orações públicas, e pregava nos festivais semanais às sextas-feiras. Ele blasfemamente assumiu ser profeta, sacerdote e rei. A mistura, a ilusão, **é a inspiração do inferno**; **é como a obra-prima de Satanás** enviada do reino das trevas. O fanatismo de seus seguidores foi impulsionado pelos **incentivos à pilhagem** e a gratificação de toda a paixão maligna. A apropriação de todas as mulheres cativas foi reconhecida como uma das leis da guerra, e a recompensa oferecida pela coragem. As máximas inculcadas em todos os fiéis eram tais como: "Uma gota de sangue derramada na causa de Deus, ou uma noite passada em armas, é de mais valia do que dois meses empregados ao jejum e oração. A qualquer que cai em combate, seus pecados são perdoados; no dia do juízo suas feridas serão resplandescentes como o escarlate e odoríferas como o almíscar: e a perda de seus membros serão recompensadas pelas asas de anjos e querubins". O grito de guerra do intrépido Khaled era: "Lutem, lutem e não temam! O paraíso, o paraíso, está sob a sombra de suas espadas! O inferno com seu fogo está atrás daquele que foge da batalha, o paraíso está aberto àquele que cai em batalha". Assim animados, os exércitos muçulmanos se acendiam com entusiasmo; e, sedentos pelos despojos de vitória aqui e pelo paraíso sensual que viria, eles corriam sem medo para a batalha.

A fundação do império árabe estava então estabelecida. Maomé convocou, não apenas os mesquinhos potentados dos reinos vizinhos, mas também os dois grandes poderes do mundo mais civilizado, o rei da Pérsia e o Imperador do Oriente, a se submeterem à sua supremacia religiosa. Conta-se que Heráclito receber a comunicação com respeito, mas Cosroes II, o persa, desdenhosamente rasgou a carta em pedaços: o profeta, ao ouvir sobre o ato, exclamou: "É assim que Deus vai rasgar o reino, e rejeitar as súplicas de Cosroes". E assim aconteceu; o reino da Pérsia foi reduzido, em um curto período de tempo, pelos exércitos maometanos a apenas algumas comunidades dispersas. Mas embora o círculo do Islã estivesse se alargando, o seu centro estava morrendo. Tenho seguido seu filho mais velho até a sepultura com lágrimas e suspiros, o profeta fez sua peregrinação de despedida a Meca, e morreu no ano 632, aos 64 anos

de idade. Ao que parece ele não tinha sido tocado nem um pouco pelo remorso em seu leito de morte, mas o sangue que ele derramou e as multidões que ele enganou **o seguirão até o julgamento final.**

A missão maligna do falso profeta foi cumprida. Ele tinha organizado a mais terrível confederação que o mundo já viu. No curto espaço de dez anos ele plantou no Oriente uma religião que se enraizou tão firmemente que, entre todas as revoluções e mudanças de doze séculos, ela ainda exerce uma poderosa influência controladora sobre as mentes e consciências de mais de 100 milhões de seres humanos.[1]

Os Sucessores de Maomé

Após a morte do profeta, a guerra foi declarada contra a humanidade por seus sucessores, os **califas**. Os principais destes foram Abu Bakr, o sábio; Omar, o fiel; Ali, o bravo; Khaled, a espada de Deus. Estes eram os companheiros e parentes mais velhos do profeta. Em poucos meses após sua morte esses generais foram seguidos por multidões do deserto e invadiram as planícies da Ásia. A história dessas guerras, embora tenham afetado profundamente o progresso do cristianismo, não se encontra no escopo deste livro. Mas, como muitas nações e multidões do povo do Senhor foram vítimas desse temível flagelo, merece uma breve consideração. Muitos creem que os **gafanhotos sarracenos** eram um cumprimento parcial de Apocalipse 9:1–12.

Os pagãos perseguidos, como Cosroes II, o rei infiel e desafiante da Pérsia, e os cristãos meramente nominais, foram igualmente castigados por Deus por meio dos sucessores de Maomé; mas os orgulhosos bispos e padres foram os objetivos especiais de sua vingança. "Não destruam as árvores de fruto nem os campos férteis em seu caminho", disseram os califas, "sejam justos, e poupem os sentimentos dos vencidos. Respeitem todas as pessoas religiosas que vivem como ermitões ou em conventos, e poupem seus edifícios. Mas se encontrarem com uma classe de incrédulos de um tipo diferente, que andam por aí com coroas raspadas e pertencem à sinagoga de Satanás, certifiquem-se de racharem seus crânios, a menos que abracem a verdadeira fé ou rendam tributo". E assim a poderosa horda seguiu com um entusiasmo que nada podia deter. "A Síria caiu; a Pérsia e o Egito caíram; e muitos outros países se renderam ao poder de-

[1] N. do T.: este livro foi escrito no século XIX, portanto os números hoje em dia provavelmente são ainda maiores.

les". Muitas grandes cidades, tais como Jerusalém, Bosra, Antioquia, Damasco, Alexandria, Cirene e Cartago caíram nas mãos deles. Eles também invadiram a Índia, atacaram a Europa e a Espanha, e alcançaram até mesmo às margens do Loire; mas ali foram derrotados e expulsos por Carlos Martel no ano 732. Vamos tomar nota mais a fundo apenas do tratamento deles sobre os vencidos no caso de Jerusalém.

No ano 637 Jerusalém caiu nas mãos do **califa Omar**, que construiu uma mesquita no local do templo. Todo o povo daquela cidade culpada foi reduzido a uma casta desprezível e marcada pelo arrogante conquistador. Em todo lugar eles deviam honrar os muçulmanos, e dar lugar à sua frente. O cristianismo foi submetido à ignomínia da tolerância; a cruz não era mais exibida do lado de fora das igrejas, e os sinos deviam ficar silenciosos; os cristãos eram deixados a lamentar suas mortes em segredo; a vista do muçulmano devoto não devia ser ofendida pelos símbolos do cristianismo de modo nenhum; e sua pessoa devia ser considerada sagrada, de modo que era um crime que um cristão esbarrasse em um muçulmano.

Tal era a condição a que os cristãos habitantes de Jerusalém caíram de vez, e na qual permaneceram, sem que seus algozes fossem perturbados por nenhum tipo sério de agressão até o tempo das cruzadas. Quase os mesmos termos, cremos, foram forçados a todos os cristãos na Síria. Assim Deus, em Sua santa providência, lidou com muitas nações, tanto no Oriente quanto no Ocidente, que eram densamente povoadas por judeus e cristãos, e condenou milhões a uma longa noite de servidão sob o maometismo, que continua até os dias de hoje. [2]

Reflexões sobre o Islamismo e o Romanismo

Tendo chegado a nossa história, tanto civil quanto eclesiástica, ao final do século VIII, podemos fazer uma breve pausa e refletir sobre o que vimos, onde estamos, e o que esperar. Temos visto o crescimento da **Sé Romana** no Ocidente, e como ela alcançou o cume de sua ambição. Vimos também o surgimento do grande poder antagonista no Oriente, inferior apenas na extensão de sua influência religiosa e social ao próprio cristianismo de modo geral. O primeiro se espalhou gradualmente no próprio centro da Cristandade iluminada, e o último surgiu

[2]Veja *Cristianismo Latino*, de Milman, vol. 2, p. 4–52; e *Dezoito Séculos Cristãos*, de James White, p. 143

de repente em um obscuro distrito de um deserto selvagem. Mas qual — pode-se perguntar — é a lição moral a ser tomada do caráter e dos resultados desses dois grandes poderes? Ambos foram permitidos por Deus e, se julgamos corretamente, foram permitidos por Ele como um juízo divino sobre a Cristandade por sua apostasia, e sobre os pagãos por sua idolatria. Por um lado, o grito de guerra foi erguido contra todos os que recusavam a fé ou o tributo ao credo e aos exércitos dos califas; por outro lado, um grito de guerra mais implacável foi erguido contra quem se recusasse a crer na Virgem e nos santos, suas visões e milagres, suas relíquias e imagens, **de acordo com as exigência intolerantes da idólatra Roma**. **As igrejas orientais tinham se enfraquecido e se perdido desde os dias de Orígenes por uma filosofia platônica**, na forma de uma teologia metafísica, o que causou contínuas dissensões. No Ocidente as controvérsias tinham sido grandemente evitadas: o poder era o objetivo ali. Roma tinha aspirado, por séculos, o domínio da Cristandade — e do mundo. Ambos foram tratados judicialmente por Deus no dilúvio de fogo vindo da Arábia; mas o **islamismo** permanece como o poderoso flagelo de Deus no Oriente, e o romanismo no Ocidente.

Monotelismo e Iconoclastia

Enquanto os árabes sob Abu Bakr e Omar estavam invadindo os países gregos, e arrancando província após província do império, o imperador contentou-se em enviar exércitos para repeli-los e permaneceu em sua capital para a discussão de questões teológicas. Desde a conclusão de suas guerras bem-sucedidas contra a Pérsia, a religião tinha se tornado quase o objetivo exclusivo de sua solicitude. Duas grandes controvérsias estavam, no momento, agitando todo o mundo cristão. A primeira dessas, a assim chamada controvérsia **monotelista**, pode ser descrita, em geral, como um reavivamento, sob uma forma um pouco diferente, da velha heresia monofisita, ou de Eutiques. Sob o nome geral dos *monofisitas* estão compreendidos os quatro principais ramos de separatistas da igreja oriental: os jacobitas sírios, os coptas, os abissinianos e os armênios. O originador dessa numerosa e poderosa comunidade cristã foi Eutiques, abade de um convento de monges em Constantinopla, no século V. Os monofisitas negavam a distinção das duas naturezas em Cristo; os monotelitas, por outro lado, negavam a distinção da vontade, divina e humana, no bendito Senhor. Uma tentativa bem-intencionada, porém frustrada, do imperador Heráclito, foi

reconciliar os monofisitas à igreja grega. Mas, como o som da controvérsia é raramente ouvido dentre os sectários orientais após esse período, e como um relato detalhado de suas disputas não seria de nenhum interesse aos nossos leitores, deixamos isto para as páginas da história eclesiástica.[3]

A **iconoclastia**, ou o surto de **destruição de imagens**, merece uma consideração mais detalhada. Ela penetrou no coração da Cristandade como nenhuma outra controvérsia tinha feito até então, e forma uma importante época na história da Sé Romana. Jezabel agora aparece em suas verdadeiras cores, e, deste momento em diante, **seu caráter maligno é indelevelmente estampado no papado**. Os papas que então preenchiam a cadeira de São Pedro defendiam e justificavam abertamente a adoração a imagens. Este foi, certamente, o início do papado — **a maturidade do sistema de desonra a Deus**. Os fundamentos do papado foram descobertos, e assim tornou-se evidente que a perseguição e a idolatria eram os dois pilares sobre os quais seu domínio arrogante repousava.

O Primeiro Objeto Visível de Veneração Cristã

Por mais de trezentos anos após a primeira publicação do evangelho há boas razões para crer que nem imagens nem qualquer outros objetos visíveis de reverência religiosa eram admitidos no serviço público das igrejas, ou adotados nos exercícios de devoção privada. Provavelmente tal coisa nunca tinha sido pensada pelos cristãos antes dos dias de Constantino; e podemos apenas considerá-la como **um dos primeiros frutos da união da igreja com o Estado**. Até esse período o grande protesto dos cristãos era contra a idolatria dos pagãos: e por isto eles sofreram até a morte. E não é pouco notável que a imperatriz Helena, a mãe de Constantino, foi a primeira a excitar a mente cristã a esta degradante superstição. Conta-se que ela, em seu zelo por lugares religiosos, tenha descoberto e desenterrado a madeira da **"verdadeira cruz"**. Isto foi o suficiente para o propósito do inimigo. **A predileção da natureza humana por objetos de veneração se acendeu**; a chama se espalhou rapidamente; e seguiu-se a usual consequência — a idolatria.

Memoriais similares do Salvador, da Virgem Maria, dos Apóstolos inspirados, e dos "Pais da Igreja", foram também "encontrados". As relíquias mais sagradas que estavam escondidas por séculos eram então descobertas por vi-

[3]Para maiores detalhes sobre as diferentes seitas, veja *Dicionário das Igrejas Cristãs e Seitas*, de Marsden, e *Crenças do Mundo*, de Gardner.

sões. Tão grande e tão bem-sucedida foi **a ilusão do inimigo** que toda a igreja caiu na armadilha. Da época de Constantino até a época da invasão árabe, a veneração por imagens, pinturas e relíquias gradualmente aumentou. A reverência pelas *relíquias* era mais característica dos ocidentais, e a reverência por *imagens* das igrejas orientais. Mas, a partir da época de Gregório, o Grande, o sentimento do Ocidente se tornou mais favorável às imagens. Em consequência da decadência quase total da literatura, tanto entre o clero quanto entre os leigos, o uso de imagens tornou-se uma imensa fonte de poder para o sacerdócio. Pinturas, estátuas e representações visíveis de objetos sagrados tornaram-se o modo mais fácil de dar instruções, encorajar a devoção e fortalecer os sentimentos religiosos nas mentes do povo. Os mais intelectuais ou iluminados dentre o clero podiam se esforçar em manter a distinção entre o respeito por imagens com um *meios* e não como *objetos* de adoração. **Mas a devoção indiscriminada** do vulgar desconsidera totalmente essas sutilezas. **O apologista** pode estabelecer distinções muito sutis entre imagens como objetos de reverência e como objetos de adoração, mas não pode haver dúvida que, com mentes ignorantes e supersticiosas, o uso, a reverência, a adoração de imagens, seja em pinturas ou estátuas, **invariavelmente se degenera em idolatria.**

Antes do final do século VI a idolatria estava firmemente estabelecida na igreja oriental, e durante o século VII fez um progresso gradual e muito geral no Ocidente, onde já tinha anteriormente ganhado algum terreno. Tornou-se comum cair prostrado perante imagens, rezar para elas, beijá-las, adorná-las com gemas e metais preciosos, colocar as mãos sobre elas em juramento, e até mesmo empregá-las como madrinhas e padrinhos de batismo.

As Tentativas de Leão de Abolir a Adoração de Imagens (por volta de 726 d.C.)

O **imperador Leão III**, de sobrenome Isáurico, um príncipe de grandes habilidades, teve a ousadia de empreender, em face de tantas dificuldades, a purificação da igreja de seus detestáveis ídolos. Como os escritos do partido vencido foram cuidadosamente suprimidos ou destruídos, a história é silente quanto aos motivos do imperador: mas estamos dispostos a acreditar que o novo credo e o sucesso de Maomé influenciaram muito Leão. Além disso, havia um sentimento bastante generalizado entre os cristãos no Oriente de que a crescente idolatria da igreja era o que tinha trazido sobre eles o castigo de Deus pela invasão

maometana. Os cristãos constantemente ouviam tanto dos judeus quanto dos islâmicos o odioso nome dos idólatras. A grande controvérsia evidentemente surgiu a partir dessas circunstâncias.

Leão subiu ao trono do Oriente no ano 717 e, após assegurar o império contra os inimigos estrangeiros, começou a se preocupar com os assuntos religiosos. Ele em vão pensou que podia mudar e melhorar a religião de seus súditos por seu próprio comando imperial. Por volta do ano 726, ele emitiu um decreto contra o *uso supersticioso* de imagens — não sua destruição. Não podemos supôr que Isáurico estava agindo por temor ao verdadeiro Deus, mas sim que seus motivos eram puramente egoístas. Sendo chefe do império e ainda ostensivamente o chefe da igreja, ele sem dúvidas pensou que por seus decretos poderia cumprir a abolição total e simultânea da idolatria por todo o império, e estabelecer uma autocracia eclesiástica. Mas Leão superestimou demais seu poder secular nos assuntos espirituais. Havia passado o tempo de decretos imperiais mudarem a religião do império. Ele ainda tinha que aprender, para sua profunda mortificação, **o desdenhoso, insolente e arrogante orgulho e poder dos pontífices**, e o apego religioso do povo a suas imagens.

O primeiro decreto meramente interditou a *adoração* de imagens, e ordenou que fossem removidos a tal ponto que não poderiam ser tocados ou beijados. Mas o momento que a ímpia mão do imperador tocou nos ídolos, a excitação foi imensa e universal. A proibição afetou todas as classes: instruídos e não instruídos, sacerdotes e camponeses, monges e soldados, clérigos e leigos, homens, mulheres, e até crianças, se envolveram nessa nova agitação. O efeito do decreto imediatamente ocasionou uma guerra civil tanto no Oriente quanto no Ocidente. A influência dos monges foi especialmente forte. Eles arranjaram um novo pretendente ao trono, armaram a multidão e apareceram em uma frota mal equipada perante Constantinopla. Mas o fogo grego desbaratou os assaltantes desordenados; os líderes foram presos e condenados à morte. Leão, provocado pela resistência que seu decreto tinha encontrado, emitiu um segundo e mais rigoroso decreto. Ele agora ordenava a *destruição* de todas as imagens, e o branqueamento de todas as paredes nas quais tais coisas tinham sido pintadas.

O Segundo Decreto é Publicado

O segundo decreto era tão avassalador que os oficiais do império, conta-se, foram até mesmo além de suas ordens. As mais sacras estátuas e imagens foram,

em todo lugar, impiedosamente quebradas, rasgadas em pedaços, ou publicamente lançadas nas chamas debaixo dos olhos dos enfurecidos adoradores. "Correndo risco de morte", diz Greenwood, "homens, mulheres e até crianças correram para a defesa dos objetos como se fossem tão queridos para eles como a própria vida. Eles atacavam e matavam os oficiais do império envolvidos na obra de destruição; estes, apoiados pelas tropas regulares, retaliavam com igual ferocidade; e as ruas da metrópole exibiam tal cena de indignação e abate como só pode ser proveniente de paixões religiosas envenenadas. Os líderes do tumulto foram, a maior parte, condenados à morte no local; as prisões se encheram totalmente; e multidões, após sofrerem várias punições corporais, foram transportadas a lugares de exílio".[4]

O populacho ficou então excitado à fúria; mesmo a presença do imperador não os intimidava. Os oficiais do império tinham ordens de destruir uma estátua do Salvador que ficava sobre o Portão de Bronze do palácio imperial, e que era conhecida pelo nome de Segurança. Esta imagem era famosa por seus milagres, e recebia grande veneração do povo. Multidões de mulheres de reuniram em torno do lugar e ansiosamente suplicaram ao soldado que poupasse sua imagem favorita. Mas ele subiu na escada, e com seu machado atingiu o rosto que elas tão frequentemente contemplavam, e que, pensavam elas, benignamente olhava para elas. Os céus não interferiram, como esperavam; mas as mulheres tomaram a escada, derrubaram o ímpio oficial, e o cortaram em pedaços. O imperador enviou uma guarda armada para suprimir o tumulto; a multidão se uniu às mulheres e um assustador massacre se sucedeu. "A Segurança"tinha sido derrubada, e seu lugar foi preenchido com uma inscrição na qual o imperador dava vazão a sua inimizade contra as imagens.[5]

A execução das ordens imperiais foram rejeitadas em todos os lugares, tanto na capital quanto nas províncias; o entusiasmo popular era tão grande que só poderia ser debelada pelos mais fortes esforços do poder civil e militar. Paixões se acendiam dos dois lados, que naturalmente resultaram na mais ousada rebelião e na mais violenta perseguição.

[4]Cathedra Petri, de Greenwood, vol. 3, p. 474

[5]J. C. Robertson, vol. 2, p. 83; Milman, vol. 2, p. 156.

O Papa Rejeita os Decretos de Leão

A inteligência do primeiro assalto de Leão III contra as imagens de Constantinopla encheu os italianos de dor e indignação; mas quando as ordens chegaram para forçar esses decretos fatais dentro das dependências italianas do império, todos levantaram seus braços contra isso, desde os maiores até os menores. O papa se recusou a obedecer as ordens e desafiou o imperador; e todo o povo jurou viver e morrer em defesa do papa e das imagens sagradas. Mas a complicação política dos assuntos naquele momento tornou impossível para o imperador forçar seus decretos nos domínios papais. Gregório se dirigiu ao imperador com grande tensão; o tom de sua resposta ao manifesto imperial respira um espírito do mais sedicioso desafio. Os monges, que viam seu ofício em perigo — a superstição à qual deviam sua riqueza e influência — pregavam contra o imperador como a um apóstata abandonado. Ele foi pintado por esses **escravos da idolatria** como alguém que combinava em sua pessoa todas as heresias que já haviam poluído a fé cristã e que ameaçavam as almas dos homens. Mas, exibindo o verdadeiro espírito do papado, tanto na defesa de sua querida superstição e idolatria, quanto em seu desafio ao poder secular, transcreveremos partes das epístolas originais do segundo e terceiro Gregório, deixando ao leitor que examine o quadro.

O **papa Gregório II** disse ao imperador: "Durante dez puros e afortunados anos temos provado os confortos anuais de tuas cartas reais, assinadas em tinta púrpura por tua própria mão, nas quais pudemos ver as sagradas promessas de teu apego ao credo ortodoxo de teus pais. Que deplorável mudança! Que tremendo escândalo! Tu agora acusas os católicos de idolatria; e pela acusação, trais tua própria impiedade e ignorância. A esta ignorância somos obrigados a adaptar a descortesia de nosso estilo e argumentos: os primeiros elementos das cartas sagradas são suficientes para tua confusão; e, se o imperador entrasse em uma escola de gramática e se declarasse o inimigo de nossa adoração, as simples e piedosas crianças lançariam suas tábuas de escrever em tua cabeça."

Após essa desleal e ofensiva saudação, o papa tenta, como de costume, defender a adoração de imagens. Ele se esforça para provar a Leão a vasta diferença entre imagens cristãs e ídolos da antiguidade. Os últimos eram a representação fantasiosa de demônios, e as primeiras seriam a semelhança genuína de Cristo, de Sua mãe e de Seus santos. Ele então apela para as decorações no templo judaico — o propiciatório, os querubins e os vários ornamentos feitos por Bezalel para a glória de Deus — a fim de justificar o culto às imagens. Ape-

nas os ídolos dos gentios, afirma ele, eram proibidos pela lei judaica. Ele nega que os católicos adoravam a madeira e a pedra: estes seriam apenas memoriais destinados a despertar sentimentos de piedade.

Ao falar de sua própria edificação ao contemplar as pinturas e imagens nas igrejas[6], temos uma passagem de grande interesse histórico que mostra os temas habituais dessas pinturas: "O retrato miraculoso de Cristo enviado por Abgaro, rei de Edessa; as pinturas dos milagres do Senhor; a virgem mãe com o menino Jesus em seu colo, cercada por coros de anjos; a última ceia; a ressurreição de Lázaro; o milagre que deu vista ao cego; a cura do paralítico e do leproso; a alimentação das multidões no deserto; a transfiguração; a crucificação, sepultamento, ressurreição e ascensão de Cristo; o dom do Espírito Santo; e o sacrifício de Isaque."[7]

Gregório aborda longamente os argumentos comuns em defesa das imagens, e reprova o imperador pela violação dos mais solenes compromissos, e então irrompe em um tom desdenhoso, tal como: "Tu exiges um concílio: revogue teus decretos, cesse a destruição de imagens; um concílio não será necessário. Tu nos atacas, ó tirano, com um grupo carnal e militar: desarmado e nu só podes implorar a Cristo, o príncipe das hostes celestiais, pois Ele enviará a ti um demônio para a destruição de teu corpo e salvação de tua alma. Tu declaras, com tola arrogância: 'Despacharei minhas ordens a Roma, quebrarei em pedaços a imagem de São Pedro; e Gregório, como seu predecessor Martinho, será transportado em correntes, e em exílio, aos pés do trono imperial'. Quisera Deus que me fosse permitido pisar as pegadas do santo Martinho; mas que o destino de **Constâncio** possa servir de alerta aos perseguidores da igreja. Mas é nosso dever viver para a edificação e apoio ao povo fiel; e também não iremos arriscar nossa segurança no evento de um combate. Incapaz como és de defender teus súditos romanos, a situação marítima da cidade pode talvez expô-la a tuas depredações; mas só temos de nos retirar à primeira fortaleza dos lombardos, e então poderás, do mesmo modo, perseguir os ventos. Ignora tu que os papas são o vínculo de união, os mediadores da paz entre o Oriente e o Ocidente? Os olhos das nações estão fixados em nossa humildade; e elas reverenciam, como um Deus sobre a terra, o apóstolo São Pedro, cuja imagem tu ameaças destruir."

[6]N. do T.: aqui no sentido de edifícios onde cristãos se reuniam, e não no sentido bíblico do corpo de Cristo, composto por todos os verdadeiros crentes em Jesus, ou de uma assembleia reunida somente ao nome do Senhor.

[7]*Cristianismo Latino*, de Milman, vol. 2, p. 160.

A conclusão da carta do papa evidentemente se refere a seus novos aliados além dos Alpes. Os francos tinham escutado obedientemente à recomendação papal de Bonifácio, o "apóstolo"da Alemanha. Negociações secretas já tinham começado para garantir a ajuda deles. A história e os resultados disso já examinamos em um capítulo anterior. Por isso o papa assegurou ao seu correspondente real que "os reinos remotos e interiores do Ocidente apresentam sua homenagem a Cristo e a Seu vice-gerente: e agora nos preparamos para visitar um dos mais poderosos monarcas, que deseja receber de nossas mãos o sacramento do batismo. Os bárbaros se submeteram ao jugo do evangelho, enquanto tu, sozinho, estás surdo à voz do Pastor. Esses piedosos bárbaros se acendem de raiva, têm sede de vingar as perseguições do Oriente. Abandona tua empreitada precipitada e fatal; reflita, trema e arrepende-te. Se persistires, somos inocentes do sangue que será derramado nessa disputa; que ele caia sobre tua cabeça."[8]

Um Espírito de Mentira na Boca do Papado

Após lermos cuidadosamente essas antigas epístolas (ver seção anterior), é impossível acreditar que Gregório podia ser tão ignorante a ponto de afirmar tantas coisas a Leão em favor da adoração de imagens que eram certamente falsas: somos mais inclinados a acreditar que ele sabia que eram falsas, mas que apostou na ignorância do imperador. "Dizes", continuou Gregório, "que somos proibidos de venerar coisas feitas pelos mãos dos homens. Mas és uma pessoa iletrada, e deveria, portanto, ter perguntado aos seus eruditos prelados o verdadeiro significado do mandamento. Se não fosses obstinado e intencionalmente ignorante teria aprendido deles que teus atos estão em direta contradição com o testemunho unânime de todos os pais e doutores da igreja, e em particular repugnante à autoridade dos seus concílios gerais". **Tão flagrantemente falsas são essas afirmações** que podemos apenas nos perguntar como qualquer pessoa poderia ter coragem de escrevê-las como se fossem verdade, especialmente o mais elevado eclesiástico da Cristandade. Mas isto prova que houve, desde o início, um espírito de mentira na boca do papado, assim como houve nos profetas de Baal (1 Reis 22:23). Até mesmo Greenwood [9] diz: "Em nenhum dos concílios gerais uma palavra sequer sobre adoração de imagens ocorre. A

[8]Veja Cathedra Petri, de Greenwood, vol. 3.

[9]N. do T.: o historiador (veja mais detalhes sobre ele em `https://en.wikipedia.org/wiki/Thomas_Greenwood_(historian)`)

afirmação quanto ao testemunho unânime dos pais é igualmente falha. Com a exceção das obras de Gregório, o Grande, **não encontrei nenhuma menção à prática da adoração de imagens nos pais dos seis primeiros séculos da era cristã**."[10]

Mas o espírito de mentira continua dizendo que a aparência visível de Cristo na carne causou tal impressão nas mentes dos discípulos que "assim que eles lançaram os olhos sobre Ele, apressaram-se em fazer retratos dEle, e os carregavam consigo, exibindo-os por todo o mundo, para que ao vê-los os homens pudessem ser convertidos da adoração de Satanás para o serviço de Cristo — porém só poderiam adorar as imagens, não com adoração absoluta, mas apenas com uma veneração relativa". Do mesmo modo, o papa assegurou a Leão que "pinturas e imagens tinham sido tomadas de **Tiago**, o irmão do Senhor, de **Estêvão**, e de outros santos notáveis. E tendo assim feito, ele os dispersou por cada parte da terra para o aumento manifesto da causa do evangelho."

Por uma estranha perversão ou confusão quanto aos fatos bíblicos, o papa compara o imperador ao "ímpio Uzias que", diz ele, "sacrilegamente removeu a serpente de bronze que Moisés tinha erguido, e a quebrou em pedaços". Aqui podemos dar ao papa o benefício da ignorância. Era menos provável que ele conhecesse sua Bíblia do que os seis concílios gerais. Ele parece ter tido alguma lembrança confusa sobre a história de Uzá, a quem o Senhor feriu por ter estendido a mão para segurar a arca quando os bois tropeçaram, e do ato de Ezequias, que quebrou em pedaços a serpente de bronze expressamente para prevenir que o povo pagasse homenagem divina (i.e. idolatrassem) a ela (1 Crônicas 13:9; 2 Reis 18:4). "Uzias", diz ele, embora fosse na verdade Ezequias — "Uzias verdadeiramente era teu irmão, obstinado e, como tu, ousava fazer violência aos sacerdotes de Deus". Pode-se então perguntar: o que as crianças de nossas escolas diriam ao papa que confundiu o bom rei Ezequias por um rei perverso, e seu ato de destruição da serpente de bronze por um ato de impiedade? Do mesmo modo podemos esperar que jogassem suas tábuas de escrever na cabeça de Gregório, assim como na de Leão (veja a seção anterior). Mas foi dito o suficiente sobre esse ponto para mostrar ao leitor qual era o espírito e caráter do papado desde sua própria fundação. **Sempre foi um sistema descarado, mentiroso e idólatra**, embora incontáveis números de santos de Deus tivessem estado nele durante seus mais tenebrosos períodos. **O Nome salvador de Jesus sempre manteve-se** em meio aos mais grosseiros absurdos e idolatrias,

[10]*Cathedra Petri*, de Greenwood, vol. 3, p. 476.

e qualquer que crê nesse Nome certamente será salvo. O dedo da fé que toca mesmo que somente a bainha de Sua veste, mesmo pressionado em meio a uma multidão de idólatras, abre as fontes eternas de todas as virtudes curadoras, e a própria fonte da doença é imediatamente extinta. E qualquer que seja a pressão ou trono **Ele olhará ao redor para ver aquele que tocou nEle pela fé, e comunicará paz à alma atribulada** (Marcos 5:25–34).

O Fim da Iconoclastia

Gregório II não sobreviveu muito tempo após ter escrito suas epístolas. No ano seguinte ele foi sucedido por um terceiro papa de mesmo nome. **Gregório III** também era zeloso na causa das imagens, e trabalhava para aumentar a popular veneração por elas. Em Roma, ele estabeleceu o exemplo de adoração de imagens na mais esplêndida escala. Um concílio solene foi convocado, consistindo de todos os bispos dos territórios lombardos e bizantinos ao norte da Itália, totalizando 93 bispos. A assembleia foi realizada na presença real das relíquias sagradas do apóstolo Pedro e teve a participação de todo o corpo do clero da cidade, dos cônsules e de uma grande multidão. Ali um decreto foi formulado, unanimemente adotado e assinado por todos os presente, com o efeito que: "Se *qualquer pessoa*, a partir de agora, desprezando os costumes antigos e fiéis de todos os cristãos e da igreja apostólica em particular, aparecer como um destruidor, difamador ou blasfemador das imagens sagradas de nosso Deus e Senhor Jesus Cristo, e de Sua mãe, a imaculada Virgem Maria, dos apóstolos benditos, e de todos os santos, seja ele excluído do corpo e do sangue do Senhor, e da comunhão da universal igreja"[11].

Leão, indignado pela audácia do papa, prendeu seus mensageiros e resolveu montar uma numerosa frota e exército para reduzir a Itália a uma melhor sujeição. Mas a armada grega encontrou uma terrível tempestade no Adriático, deixando a frota incapacitada, e assim Leão foi obrigado a postergar seus desígnios de forçar a execução de seus decretos contra imagens nas dependências italianas do império. Ele se indenizou, no entanto, confiscando as receitas papais na Sicília, Calábria e outras partes de seus domínios, e transferindo a Grécia e o Ilírico do patriarcado romano para o de Constantinopla. Mas aqui, com ambos, a cena se fecha, mas não a disputa. Ambos Gregório e Leão morreram em 741. O imperador foi sucedido por seu filho Constantino, cujo reino

[11] *Cathedra Petri*, de Greenwood, vol. 3, p. 480.

se estendeu pelo incomum período de 34 anos. Gregório foi sucedido por **Zacarias**, um homem de grande capacidade e profundamente imbuído do espírito do papado. Ao final de seu reinado, Constantino era implacável em sua inimizade contra os adoradores de imagens. Ele é culpado por grande crueldade contra os monges, mas ele foi, sem dúvidas, provocado até o último grau pelo comportamento violento e fanático deles.

Irene, esposa do filho e herdeiro de Constantino, uma princesa ambiciosa, intrigante e altiva, apoderou-se do governo na morte de seu fraco marido, em nome de seu filho, que tinha apenas dez anos de idade. Ela escondeu por um tempo seus desígnios pela restauração das imagens. A política e a idolatria, juntas, tomaram lugar em seu coração. Ela era ciumenta, astuta e cruel. **Sua história é o registro do ódio interior e da traição com aparência exterior de cortesia.** Mas estamos interessados apenas na parte religiosa de seu reinado.

O Segundo Concílio de Niceia

Decretos foram emitidos para um concílio a ser realizado em Niceia — uma cidade santificada pelas sessões do primeiro grande concílio da Cristandade — para decidir a questão da **adoração de imagens**. O número de eclesiásticos presentes eram cerca de 350. Seus homens escolhidos tomaram a liderança; tudo era, sem dúvida, pré-arranjado. Entre os atos preliminares do concílio, foi debatido a que classe de hereges os iconoclastas deviam ser incluídos. **Tarásio**, presidente da assembleia, afirmou que era pior que a pior heresia, sendo uma negação absoluta de Cristo. Todo o procedimento do concílio foi caracterizado pelo mesmo tom condenatório para com os adversários da adoração de imagens. Após assentirem aos decretos dos seis primeiros concílios e às anátemas contra os hereges neles denunciados, eles passaram — agindo, como declaravam, sob a direção do Espírito Santo — ao seguinte cânon:

"Com a venerável e vivificante cruz serão colocadas as veneráveis e santas imagens, seja em cores, em obra mosaica, ou qualquer outro material, dentro das igrejas consagradas de Deus, nos vasos sagrados e vestimentas, nas paredes e tábuas, nas casas e estradas. As imagens de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, da imaculada mãe de Deus; dos anjos honrados; de todos os santos — essas imagens devem ser tratadas como memoriais sagrados, adoradas, beijadas, apenas sem aquela adoração peculiar que é reservada para o Invisível e Incompreensível Deus. Todos os que violarem esta, como se afirma, tradição

imemorial da igreja, e esforçar-se, forçadamente ou por artifício, em remover qualquer imagem: se eclesiásticos, devem ser depostos e excomungados; se monges ou leigos, devem ser excomungados."

O concílio não se contentou com esse abaixo-assinado formal e solene. Com uma voz eles irromperam em uma longa aclamação. "Todos cremos, todos afirmamos, todos assinamos. Esta é a fé dos apóstolos, esta é a fé da igreja, está é a fé do ortodoxo, esta é a fé de todo o mundo. Nós que adoramos a Trindade adoramos imagens. Qualquer que não seja assim, anátema sobre eles! Anátema sobre todos que chamam as imagens de ídolos! Anátema sobre todos que comunicam com aquele que não adoram imagens... Glória eterna aos romanos ortodoxos, a João de Damasco! A Gregório de Roma, glória eterna! Glória eterna a todos os pregadores da verdade!"

Helena e Irene

Assim terminou a questão mais crítica que já tinha se erguido desde que o cristianismo tornou-se a religião do mundo romano. Pelo sétimo concílio geral a idolatria foi formal e veementemente estabelecida como a adoração do **grande sistema papal**, e anátemas foram denunciadas contra todos os que ousassem afastar-se disto. Daí a perseguição implacável aos assim chamados separatistas. Mas é digno de nota, de acordo com nossa visão do caráter de Jezabel, que uma mulher foi a primeira a mover-se em relação ao culto de imagens, e uma mulher foi a restauradora das imagens quando foram derrubadas. Helena, a mãe de Constantino, o Grande, foi uma mulher irrepreensível e devota, mas foi usada pelo inimigo para introduzir relíquias emocionantes e memoriais sagrados que mudaram o cristianismo de uma adoração espiritual pura **para aquela forma paganizante de religião** que cresceu com tanta rapidez nos séculos seguintes. A esperta Irene foi também usada por Satanás para restaurar e reestabelecer a adoração de imagens. Daquele dia até hoje ambas igrejas grega e latina aderiram a essa forma de culto, e mantiveram a santidade de suas imagens e pinturas.

Os resultados políticos da controvérsia iconoclástica foram igualmente grandes e importantes. Roma então rompeu os laços de sua conexão com o Oriente, separando-se para sempre do Império Bizantino; e o cristianismo grego, a partir de então, tornou-se uma religião separada, e o império um Estado separado. O Ocidente, recebendo uma grande adesão de poder através dessa revolução,

finalmente criou seu próprio império, formou alianças com os reis francos, e colocou a coroa do império ocidental na cabeça de Carlos Magno, como já vimos anteriormente.

Capítulo 16

Europa (653 d.C.—855 d.C.)

A Linha Prateada da Graça Soberana

A monarquia papal está agora estabelecida. A corte da França e o papado estão unidos. Roma está agora separada do Oriente, e se torna o centro de influência sobre todo o Ocidente. Mas tendo traçado as tenebrosas linhas da apostasia no cristianismo latino desde o início do século IV até o início do século IX, voltemo-nos um pouco e esforcemo-nos em traçar a *linha prateada* da soberana graça de Deus naqueles que se separaram da comunhão da igreja latina durante o mesmo período. Se Satanás estava ativo em corromper a igreja no sentido exterior, Deus estava ativo na coleta dos Seus em meio a massa corrupta, e em fortalecê-los como Suas próprias testemunhas especiais. Desde os dias de Agostinho [de Hipona], a nobre testemunha de Sua graça contra o pelagianismo na Cristandade ocidental, até a Reforma, pode ser traçada uma linhagem de testemunhas fiéis que testificaram contra a idolatria e tirania de Roma, e que pregavam a salvação por meio da fé em Cristo Jesus sem obras de mérito[1]. Além de multidões que se alimentavam às escondidas, tanto em conventos quanto em famílias, da simples verdade do evangelho, observamos brevemente alguns dos mais proeminentes que formam um importante elo na grande cadeia de testemunhas, especialmente ligados à história da igreja na Europa.

[1]Veja *Hora Apocalyptica*, de E. B. Elliot, vol. 2, p. 219.

Os Nestorianos e os Paulicianos

A ascensão dos nestorianos no século V e seu grande zelo missionário já foram mencionados. Em sua chefia havia um bispo, conhecido pelo título de *Patriarca da Babilônia*. Sua residência era originalmente na Selêucia. Desde a Pérsia, conta-se, eles levaram o evangelho para o Norte, para o Oriente e para o Sul. No século VI eles pregaram o evangelho com grande sucesso aos hunos, aos indianos, aos medos e aos elamitas: na costa de Malabar e nas ilhas do oceano grandes números se converteram. Seguindo o curso do comércio, os missionários tomaram o caminho da Índia à China, e penetraram pelos desertos até sua fronteira setentrional [mais ao norte]. Em 1625 uma pedra foi descoberta, pelos jesuítas, próximo a Singapura, que leva uma longa inscrição, parte em siríaco e parte em chinês, gravando os nomes dos missionários que tinham trabalhado na China, e a história do cristianismo naquele país desde o ano 636 a 781. Mas a propagação do cristianismo, pensa-se, despertou o ciúme do Estado e, após testemunharem o sucesso do evangelho e experimentarem perseguição, eles provavelmente foram exterminados, ou fugiram, por volta do fim do século VIII. Os nestorianos foram patrocinados por alguns dos reis persas, e sob o reinado dos califas eles foram protegidos e prosperaram grandemente. Eles assumiram a designação de cristãos caldeus, ou assírios, e ainda existem sob esse nome.[2]

As doutrinas, o caráter e a história dos **paulicianos** têm sido assuntos de grande controvérsia; mas não lhes foi permitido falar por eles mesmos para a posteridade. Seus escritos foram cuidadosamente destruídos pelos católicos, e eles nos são conhecidos apenas através de relatos de inimigos amargos que os rotulam como hereges, e como os ancestrais dos reformadores protestantes. Por outro lado, alguns escritores protestantes aceitam o *pedigree*, e afirmam que eles foram os mantenedores de **um cristianismo puramente bíblico, que pode ter parecido herético pelo papado**. Esta última circunstância, pelo que já demonstramos, é facilmente crível. **As mais dolorosas corrupções, tanto na doutrina quanto na adoração da igreja católica**, tinham sido não apenas admiradas, como forçadas, muito antes do surgimento dos paulicianos. **Nem o espírito nem a simplicidade do evangelho permaneceram**; portanto, o cristianismo bíblico deve ter parecido aos adoradores de imagens como uma heresia.

Passando por cima de muitos nomes individuais desde a época de Santo

[2]Veja *Crenças do Mundo (Faiths of the World)*, vol. 2, p. 527; e J.C. Robertson, vol. 2, p. 163.

Agostinho, que foram testemunhas dignas da verdade, vamos falar diretamente da origem dos paulicianos.

A Origem dos Paulicianos (653 d.C.)

Os gnósticos, que tinham sido tão numerosos e poderosos durante os primeiros dias do cristianismo, eram então um obscuro remanescente, principalmente confinados às aldeias ao longo das margens do Eufrates. Eles tinham sido expulsos pelos todo-poderosos católicos das capitais do Oriente e do Ocidente, e o restante de suas diferentes seitas passaram sob o genérico e odioso nome dos **maniqueístas**.

Nessa região, na aldeia dos Mananalis, próximo à Samósata, viveu por volta do ano 653 um homem chamado Constantino, que é descrito pelos escritores romanos como descendente de uma família maniqueísta. Logo após a conquista dos sarracenos da Síria, um diácono **armênio**, que retornava do cativeiro entre os sarracenos, tornou-se hóspede de Constantino. Em reconhecimento de sua hospitalidade o diácono presenteou-o com um manuscrito contendo os quatro Evangelhos e as quatorze Epístolas de São Paulo. Este era, de fato, um presente raro, **uma vez que as Escrituras já eram escondidas dos leigos**. O estudo desses livros sagrados produziu uma revolução completa em seus princípios religiosos, e em todo o curso subsequente de sua vida. Alguns dizem que ele tinha sido treinado no gnosticismo, outros, que ele era um membro da igreja grega estabelecida; mas, seja como possa ter sido, aqueles livros tornaram-se então seu único estudo e a regra de sua fé e prática.

Constantino pensou então em formar uma nova seita, ou melhor, em restaurar o cristianismo apostólico. Ele renunciou e jogou fora seus livros maniqueístas, como dizem seus inimigos; abjurou ao maniqueísmo e tornou uma lei para seus seguidores que não lessem qualquer outro livro além dos Evangelhos e das Epístolas do Novo Testamento. Isto pode ter dado aos seus inimigos o pretexto para acusá-los de rejeitarem o Antigo Testamento e as duas epístolas de São Pedro. Mas é mais que provável que eles não possuíssem essas porções da Palavra de Deus. É de se temer, no entanto, a partir de seu apego e devoção peculiar aos escritos e ao caráter de São Paulo, que outras Escrituras foram negligenciadas.

É geralmente aceito que a palavra *pauliciano* foi cunhada a partir do nome do grande apóstolo dos gentios. Seus cooperadores, **Silvano, Timóteo, Tito e**

Tíquico eram representados por Constantino e seus discípulos; e suas congregações, como se espalharam por diferentes lugares, eram chamadas segundos os nomes das igrejas apostólicas. É difícil perceber como nesta assim chamada "inocente alegoria"os católicos poderiam ter sido tão gravemente ofendidos com os paulicianos, ou nisto encontrado um pretexto para caçá-los com fogo e espada. E mesmo assim o fizeram, como veremos a seguir. Seu "pecado imperdoável"era sua separação da igreja do Estado, seu testemunho contra a superstição e apostasia, e seu reavivamento de uma memória de um cristianismo primitivo puro.

Silvano em Cibossa

Constantino [de Mananalis], que se denominou *Silvano*, dirigiu seus primeiros apelos aos habitantes de um lugar chamado Cibossa, na Armênia, a quem ele chamou de *macedônios*. *"Eu sou Silvano"*, disse ele, *"vós sois macedônios"*. Ali ele fixou sua residência e trabalhou com energia incansável por quase trinta anos; por meio dele muitos foram convertidos, tanto da Igreja Católica quanto do zoroastrismo. Com o tempo, tendo a seita se tornado suficientemente considerável para atrair atenção, a questão foi reportada ao imperador e um decreto foi emitido em 684 contra Constantino e as congregações paulicianas. A execução do decreto foi confiada a um oficial da corte imperial chamado Simeão. Ele tinha ordens de executar o mestre e de distribuir seus seguidores entre o clero e em monastérios, com vista à recuperação deles. O governo, sem dúvida, agiu conforme a direção da Igreja [Católica]; como no caso de Acabe, ***"porque Jezabel, sua mulher, o incitava."*** (1 Reis 21:25). **Mas o Senhor está acima de tudo, e Ele pode tornar a ira do homem em louvor para Si.**

Simeão colocou Constantino — o principal objeto de vingança dos padres — perante um grande número de companheiros, e ordenou-lhes que o apedrejassem. Eles se recusaram e, em vez de obedecer, todos largaram as pedras com as quais tinham se armado, com exceção de um rapaz; e assim Constantino foi morto por uma pedra da mão daquele jovem sem coração — seu próprio filho adotivo Justus. Este ingrato apóstata foi exaltado pelos inimigos dos paulicianos como um outro Davi que, com uma pedra, derrubou um outro Golias — o gigante da heresia. Mas do apedrejamento de Constantino, assim como do apedrejamento de Estêvão, um novo líder se ergueu na pessoa do seu assassino imperial. O que Simeão tinha visto e ouvido causou impressões em sua

mente que ele não podia ignorar. Ele começou a conversar com alguns dos sectários, e o resultado foi que ele se tornou um de seus convertidos. Ele retornou à corte imperial, mas após passar três anos em Constantinopla com grande inquietação, ele fugiu, deixando todas as suas propriedades para trás, e assumiu sua residência em Cibossa onde, sob o nome de *Tito*, tornou-se o sucessor de Constantino Silvano.

Cerca de cinco anos após o martírio de Constantino o mesmo renegado Justus traiu os paulicianos. Ele conhecia, como traidor de outrora, os hábitos e movimentos da comunidade, e também onde ele seria recompensado por sua traição. Ele foi ter com o bispo de Colônia e reportou o reavivamento e disseminação da assim chamada heresia. O bispo comunicou essa informação ao Imperador Justiniano II e, em consequência, Simeão e uma grande quantidade de seus seguidores foram queimados até a morte em uma grande pira funerária. O cruel Justiniano em vão pensou ter extinguido o nome e a memória dos paulicianos em uma única conflagração, mas o sangue dos mártires pareceu apenas ter multiplicado seu número e sua força. Uma sucessão de mestres e congregações surgiram de suas cinzas. A nova seita se espalhou por todas as regiões adjacentes, Ásia Menor, Ponto, as fronteiras da Armênia e a oeste do Eufrates. Eles suportaram, durante muitos reinos sucessivos, com paciência cristã, a ira intolerante dos governadores através da instigação dos padres. Mas o preço pela crueldade, como observaremos, deve, sem dúvida, ser recompensado pela devoção sanguinária de Teodora, que restaurou as imagens na igreja oriental.

Uma Nova Jezabel no Poder (842 d.C.)

Após a morte do imperador Teófilo, Teodora, sua viúva, governou como regente durante o período de minoridade de seu filho. Seu apego dissimulado à idolatria era bem conhecido do sacerdócio, e não muito tempo após a morte de Teófilo ela se dedicou ao completo cumprimento de seu grande objetivo. Quando o caminho ficou limpo, um festival solene foi marcado para a restauração das imagens. "Todo o clero de Constantinopla, e todos os que podiam se reunir dos arredores, se encontraram diante do palácio do arcebispo e marcharam em procissão com cruzes, tochas e incenso à igreja de Santa Sofia. Ali eles se encontraram com a imperatriz e seu pequeno filho Michael. Eles fizeram o circuito da igreja, com suas tochas ardendo, prestando homenagem a cada estátua e pintura, que foram cuidadosamente restauradas, para nunca mais se-

rem apagadas até tempos depois por iconoclastas ainda mais terríveis, os turcos otomanos."[3]

Após um restabelecimento tão triunfante das imagens, o partido vitorioso sem dúvida pensou que havia chegado o tempo de propôr e tentar assegurar outro triunfo; eles agora instavam a imperatriz a empreender a total supressão dos paulicianos. Eles tinham pregado contra imagens, relíquias e a madeira podre da cruz. Eles não podiam continuar vivendo, e os católicos atingiram esse objetivo! Um decreto foi emitido sob a regência de Teodora, que decretou que os paulicianos deveriam ser exterminados por fogo e espada, ou trazidos de volta à igreja grega. Mas eles recusaram todas as tentativas que foram feitas para ganhá-los, e assim o feroz demônio da perseguição foi solto entre eles. Seus inquisidores exploraram as cidades e montanhas da Ásia menor e executaram sua comissão da maneira mais cruel possível. Os números da seita, e a severidade da perseguição, podem ser julgados pelas multidões que foram mortas pela espada, decapitadas, afogadas ou consumidas nas chamas. Afirma-se, tanto pelos historiadores civis quanto eclesiásticos, que, em um curto reinado, *cem mil* paulicianos foram condenados à morte. Houve alguma vez uma filha mais genuína de Jezabel do que esta? Ela nem mesmo tinha um Acabe para fazer este trabalho cruel por ela, mas com suas próprias mãos, por assim dizer — infelizmente, as mãos de uma mulher — por seu próprio decreto, ela assassinou *cem mil* santos de Deus[4], restabeleceu a adoração aos ídolos, e nutriu com favor real os padres idólatras de Roma.

A história da iconoclastia foi notável pela influência feminina. Helena foi a primeira a sugerir e encorajar a veneração por relíquias; Irene foi a restauradora da adoração de imagens quando ameaçada de destruição; e agora Teodora não apenas restabelece a idolatria que seu marido tinha se esforçado para suprimir, como também persegue os verdadeiros adoradores. Certamente a mulher Jezabel — símbolo da igreja dominante na Idade das Trevas — tem seu antítipo nessas três mulheres, especialmente as duas últimas. A semelhança é marcante demais para ser questionada. Mas todo o sistema do catolicismo respira esse terrível espírito, e é caracterizado pelas tenebrosas características do caráter de Jezabel. A palavra do Senhor não pode ser quebrada. *"Ninguém fora como Acabe, que se vendera para fazer o que era mau aos olhos do Senhor; porque Jezabel, sua mu-*

[3]Cristianismo Latino, vol. 2, p. 202.

[4]Não pretendemos afirmar que todos os que foram mortos por Teodora eram cristãos verdadeiros. Não podemos julgar o coração; mas eles professavam ser e voluntariamente morreram como mártires.

lher, o incitava". Este é o tipo (figura). O antítipo é: ***"Mas algumas poucas coisas tenho contra ti que deixas Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensinar e enganar os meus servos, para que forniquem e comam dos sacrifícios da idolatria. E dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua fornicação; e não se arrependeu."*** (1 Reis 21:25, Apocalipse 2:20,21)

A Admiração de Roma pela Conduta de Teodora

Nicolau I, que se tornou papa de Roma em 858, elogiou muitíssimo, por carta, a conduta da supersticiosa e cruel Teodora. Ele admira e aprova especialmente sua implícita obediência à Sé Romana. "Ela resolveu", diz ele, "trazer os paulicianos à verdadeira fé, ou cortá-los todos pela raiz e pelos ramos. Em conformidade com essa resolução, ela enviou homens nobres e magistrados a diferentes províncias do império; e por eles alguns daqueles infelizes desgraçados foram crucificados, alguns mortos pela espada, e alguns lançados ao mar e afogados". Nicolau, ao mesmo tempo, observa que os hereges, experimentando nela toda a resolução e vigor de um homem, mal podiam acreditar que ela fosse uma mulher. De fato, o poder cegante de uma idolatria supersticiosa tinha realizado em Teodora (como fez, mais tarde, na rainha da Inglaterra, a "Maria Sangrenta") a transformação do coração terno e compassivo de uma mulher no de uma tirana impiedosa e sedenta de sangue. Pelas próprias palavras do papa, **é perfeitamente evidente que a Sé Romana tinha participação principal na matança dos paulicianos**. Depois de dizer a ela que os hereges a temiam, e, ao mesmo tempo admiravam sua resolução e firmeza em manter a pureza da fé católica, o papa acrescenta: *"e por que fizeste isso, a não ser porque seguiste as direções da Sé Apostólica?"*[5]

É difícil acreditar que o professo vigário de Cristo e pastor de Suas ovelhas pudesse jamais ter deixado em seus registros tais dizeres. Mas assim ele se permitiu, e assim eles vêm até nós como **o verdadeiro testemunho da tirania anticristã de Roma** no século IX.

[5] Milner, vol. 2, p. 498

Os Paulicianos de Rebelam Contra o Governo

Do mesmo modo que alguns dos albigenses, hussitas da Boêmia e calvinistas da França, os paulicianos da Armênia e das províncias adjacentes determinaram-se a uma resistência mais decidida aos seus perseguidores. **Esta foi a triste falha deles, e o triste fruto de dar ouvidos às sugestões de Satanás.** Por quase duzentos anos eles tinham sofrido como cristãos, adornando o evangelho por uma vida de fé e paciência. Até onde podemos julgar, eles parecem ter mantido a verdade através de um longo curso de sofrimento, **no nobre, embora passivo, espírito de conformidade a Cristo**. Mas a fé e a paciência falharam com o tempo, e eles se rebelaram abertamente contra o governo. Aconteceu assim:

Carbeas, um oficial do alto escalão no serviço imperial, ao ouvir que seu pai tinha sido empalado pelos inquisidores católicos, renunciou a sua lealdade ao império, e com cinco mil companheiros, buscou um refúgio entre os sarracenos. O califa acolheu com prazer os desertores, e deu-lhes permissão para se estabelecerem dentro de seu território. Carbeas construiu e fortificou a cidade de Tefrique, que se tornou a sede dos paulicianos. Eles naturalmente se afluíram para esse novo lar, buscando um refúgio contra as leis imperiais. Eles logo se tornaram uma poderosa comunidade. Sob as ordens de Carbeas, a guerra foi travada contra o império, e mantida com vários êxitos por mais de trinta anos; mas como os detalhes seriam mais deprimentes do que interessantes, preferimos nos abster deles.

Os Paulicianos na Europa

Por volta da metade do século VIII, o imperador Constantino V, também conhecido como **Coprônimo**, seja como um favor ou como um castigo, transferiu um grande número de paulicianos para a Trácia, um posto avançado do império, e ali eles agiram como uma missão religiosa. Por essa emigração suas doutrinas foram introduzidas e difundidas na Europa. Eles parecem ter trabalhado com grande sucesso entre os **búlgaros**. Foi de modo a guardar a jovem igreja da Bulgária que Pedro da Sicília, por volta do ano 870, escreveu ao arcebispo dos búlgaros um tratado alertando-o contra a infecção dos paulicianos. Este documento é a principal fonte de informação quanto à seita. No século X o imperador João Tzimisces conduziu uma nova grande migração dos paulicianos aos vales do monte Haemus. A história deles após esse período se passa na

Europa. Eles foram favorecidos com uma livre tolerância na terra de seu exílio, o que muito suavizou a condição deles e fortaleceu sua comunidade. A partir desses assentamentos búlgaros o caminho deles se abriu para a Europa Ocidental. Muitos búlgaros nativos se associaram a eles; daí o nome dos búlgaros, de uma forma pejorativa, ter se tornado uma denominação de ódio vinculada aos paulicianos em todas as regiões.

Quanto à história religiosa subsequente desse interessante povo, os historiadores são bastante divididos. Não se sabe deles senão pelos escritos de seus inimigos; portanto, na justiça comum, somos obrigados a suspender nossa fé em suas declarações. Uma coisa, no entanto, é certa: eles protestavam contra a adoração a santos e imagens dos católicos, e contra a legitimidade do sacerdócio pelo qual a idolatria era defendida. Eles também protestavam contra muitas coisas nas doutrinas, na disciplina e na assumida autoridade da igreja de Roma. Os escritores católicos geralmente falam deles como *maniqueístas*, o tipo mais odioso de hereges. Mas há alguns escritores protestantes, que examinaram com grande cuidado tudo o que pode lançar luz sobre a história deles, que chegaram à conclusão de que eles eram inocentes das heresias que lhes foram imputadas, e afirmam que eles foram as testemunhas fiéis e verdadeiras de Cristo e de Sua verdade durante um período muito obscuro da Idade Média.[6]

Voltemos agora a nossa história geral.

As Guerras Religiosas de Carlos Magno (por volta de 771–814)

A assim chamada história eclesiástica, desde a época de Pepino, está tão entrelaçada com a história dos reis francos e com as vergonhosas intrigas dos papas que devemos ir mais além, embora brevemente, em traçar o curso dos eventos que tem importante influência no caráter do papado e na história da igreja.

O poder crescente de Carlos Magno, o filho mais novo de Pepino, foi assistido pelos ocupantes da cadeira de São Pedro com o maior interesse possível, e habilmente usado por eles para o cumprimento de seus ambiciosos desígnios. O papa Adriano I e Leão III, ambos homens talentosos, sentaram-se no trono papal durante o longo reinado de Carlos, e foram bem-sucedidos em engrandecer

[6]Para detalhes e uma pesquisa mais cuidadosa, veja *Hora Apocalyptica*, vol. 2, 249–344, 5ª edição.

muito, através do que é chamado suas guerras religiosas, a Sé Romana.

Uma disputa entre Desidério, rei dos lombardos, e o papa Adriano, levou a uma guerra com a França que acabou na completa derrota do reino lombardo na Itália. Este foi o resultado do grande esquema do papado, e provocado pela política sem princípios e traiçoeira do pontífice. Carlos era genro de Desidério, mas depois de um ano de casamento ele se divorciou de Hermingard, a filha do lombardo, e imediatamente se casou com Hildegard, uma senhora de uma nobre casa da Suábia. O insultado pai, ao receber de volta sua filha repudiada, naturalmente buscou por reparação por meio do papa, o chefe da igreja, de quem Carlos era um filho tão obediente. Mas embora a igreja, adequando-se a seus próprios propósitos, tivesse afirmado em termos fortes a santidade do vínculo matrimonial, a violação aberta no exemplo de Carlos foi ignorada; o papa se recusou a interferir.

Roma reconhecia o bom serviço do grande Carlos e não podia arriscar seu desagrado. Nem uma palavra foi dita contra a conduta do dissoluto monarca. Desidério, por fim, ressentiu-se pelo amargo insulto de Carlos e pela ímpia conivência de Adriano. Ele apareceu à frente de suas tropas na Itália papal, e sitiou, invadiu e espalhou a devastação por toda a parte, e ameaçou o papa em sua capital.

Adriano Envia Carlos Magno

O papa então enviou mensagens com a maior pressa pedindo a ajuda imediata de Carlos, e ao mesmo tempo diligentemente supervisionava, em pessoa, os preparativos militares para a defesa da cidade e a segurança de seus tesouros. E, de acordo com uma velha estratégia de Roma, [o papa] **Adriano** enviou três bispos para intimidar o rei e ameaçá-lo de excomunhão se ele ousasse violar a propriedade da igreja. O papa, deste modo, ganhou tempo, e Carlos, com sua usual rapidez, reuniu suas forças, cruzou os Alpes e sitiou Pavia. Durante o cerco, que continuou por vários meses, Carlos fez uma visita ao papa com grande pompa, e foi recebido com toda a honra. Ele foi aclamado pelos nobres, senadores e cidadãos como patrício de Roma e o filho obediente da igreja, que tinha obedecido tão rapidamente a convocação de seu pai espiritual e veio libertá-los dos odiosos e temidos lombardos. Quando as festividades sacras terminaram, Carlos e seus oficiais retornaram ao exército.

Pavia, com o tempo, caiu. Desidério, sucessor do grande e sábio Luitprando, foi destronado, e tomou refúgio em um monastério — o habitual asilo dos reis destronados; seu valente filho Adalgis fugiu para Constantinopla; e assim expirou o reino dos lombardos, os inimigos mortais dos italianos, e o grande obstáculo para a agressividade papal. O caminho estava então limpo para que o conquistador desse ao papa um reino, não apenas no papel, como fez seu pai Pepino, mas em cidades, províncias e rendimentos públicos. E assim ele fez, e assim ratificou o magnânimo presente de seu pai. Como senhor pela conquista, Carlos Magno presenteou aos sucessores de São Pedro, por uma concessão absoluta e perpétua, o reino da Lombardia; e, como dizem alguns, de toda a Itália. Ao mesmo tempo Carlos reivindicou o título real, e exerceu um tipo de soberania sobre toda a Itália e até mesmo sobre a própria Roma. Mas o papa, estando então seguro na posse do território, podia bem dispôr-se a permitir todas as honras reais ao seu grande benfeitor.

A Soberania dos Pontífices Romanos (775 d.C.)

O papa tornou-se então um príncipe secular. O dia a tanto tempo esperado tinha chegado; o sonho afeiçoado de séculos tinha se realizado. Os sucessores de São Pedro são proclamados **soberanos pontífices** e os senhores da cidade e dos territórios de Roma. O último elo da sombria vassalidade e subserviência ao Império Grego [ou Império Oriental] está quebrado para sempre, e Roma tornou-se novamente a reconhecida capital do Ocidente.

O grande papa Adriano assumiu imediatamente os privilégios do poder e a linguagem de um soberano secular a quem é devida fidelidade. Murmúrios vindos de Ravena e do Oriente foram rapidamente silenciados, e Roma reinou suprema. A linguagem do papa, até mesmo para com Carlos Magno, era a de um igual: "Como os vossos homens", diz ele, "não estão autorizados a vir a Roma sem vossa permissão e carta especial, do mesmo modo meus homens não estão autorizados a aparecer perante a corte da França sem as mesmas credencias vindas de mim". Ele reivindicou a mesma fidelidade dos italianos que os súditos de Carlos Magno deviam a ele. "A administração da justiça estava no nome do papa; não apenas os assuntos eclesiásticos e nas rendas das propriedades que formavam parte do patrimônio de São Pedro, como também as receitas civis entraram em seu tesouro. . . Adriano, com o poder, assumiu a magnificência de um grande potentado. . . Roma, com o aumento das receitas papais,

começou a retomar mais de seu antigo esplendor."

A Grande Época nos Anais do Papado

Como o império de Carlos Magno possui, de um modo peculiar, conexão com a história da igreja, e forma uma grande época nos anais da Sé Romana, ele exige uma consideração mais completa. O catolicismo romano quase devia tanto ao grande príncipe quanto o islamismo devia ao grande profeta árabe (Maomé) e seus sucessores. "As guerras saxônicas de Carlos Magno", diz Milman, "que acrescentou quase toda a Germânia (atual Alemanha) aos seus domínios, eram declaradamente guerras religiosas. Se Bonifácio era o "apóstolo"cristão, Carlos Magno era o "apóstolo"maometano [N. do T.: no sentido de que agia como Maomé na conquista dos povos pela violência] do evangelho. O objetivo declarado de suas invasões era a extinção do paganismo, a sujeição à fé cristã, ou o extermínio. O batismo era o sinal de subjugação e fidelidade, e os saxões o aceitavam ou rejeitavam, de acordo com o estado de submissão ou revolta em que se encontravam. Essas guerras eram inevitáveis; eram nada mais que a continuação da grande luta travada, por séculos, entre os bárbaros do Norte e do Oriente contra os civilizados do Sul e do Ocidente. A diferença é que, agora, a população romana e cristã, revigorada pela grande infusão de sangue teutônico, em vez de esperar pela agressão, tinha se tornado a agressora. A maré de conquista se invertia; os súditos dos reinos ocidentais, do império ocidental, em vez de esperarem para ver suas casas invadidas por hordas de invasores ferozes, agora ousadamente marchavam ao coração do país de seus inimigos, penetravam em suas florestas, cruzavam seus pântanos, e plantavam suas cortes feudais de justiça, suas igrejas e seus monastérios nas regiões mais remotas e selvagens, desde o Elba até as margens do Báltico."

Os saxões estavam divididos em três tribos principais: os ostefalianos, os vestefalianos e os angarianos. Cada clã, de acordo com o antigo uso teutônico, consistia em nobres, homens livres e escravos; mas, às vezes, a nação inteira se encontrava em uma grande convenção armada. Os saxões desprezavam e detestavam os francos romanizados, e os francos consideravam os saxões bárbaros e pagãos. Durante 33 anos, o poderoso Carlos empenhou-se em subjugar essas hordas selvagens de saxões. "A área do país habitada por essas tribos", diz Greenwood, "compreendia a totalidade do que é conhecido como o círculo moderno da Vestfália, e a maior porção da Baixa Saxônia, estendida do rio Lippe

até o Weser e o Elba; limitada ao norte pelas tribos aparentadas, os jutos, os anglos e os danos; e ao leste de origem eslava, que tinha gradualmente avançado sobre as mais antigas raças teutônicas da Germânia Oriental". Mas devemos nos limitar principalmente ao aspecto religioso dessas guerras; ainda assim, é interessante, neste momento, estudar esses registros antigos, uma vez que acabamos de testemunhar a conclusão da grande guerra franco prussiana de 1870–71 [7] entre os descendentes dos francos e dos germanos da antiguidade.

A Espada de Carlos Magno ou o Batismo

O objetivo professo de Carlos Magno era estabelecer o cristianismo nas partes remotas da Germânia, mas deve-se sempre lembrar que ele usou de meios muito violentos para cumprir seu fim. Milhares foram forçados às águas do batismo para escapar de uma morte cruel. "A espada ou o batismo"eram os termos usados pelo conquistador. Foi promulgada uma lei que estabelecia a pena de morte contra a recusa do batismo. Ele não podia oferecer condições de paz, nem entrar em qualquer tratado, no qual o batismo não fosse a principal condição. A conversão ou o extermínio foi a palavra de ordem dos francos. E, embora a antiga religião pudesse não estar tão arraigada na consciência do saxão, ele não podia ver nada melhor na nova; pois, para sua mente, o batismo estava identificado à escravidão e o cristianismo à submissão a um jugo estrangeiro. Submeter-se ao batismo era renunciar, não apenas à sua antiga religião, mas à sua liberdade pessoal.

Com tais sentimentos anticristãos e desumanos, a guerra seguiu em frente, como já mencionamos, por 33 anos. À frente de seus exércitos superiores, Carlos Magno oprimiu as tribos selvagens, que eram incapazes de confederar-se para sua segurança comum; conta-se que ele nem mesmo encontrou um adversário igual em números, em disciplina ou em armas. Mas, após uma luta de derramamento de sangue incalculável, e de quase sem igual obstinação e duração, os números, a disciplina e o valor dos francos prevaleceu com o tempo sobre os indisciplinados e desconsiderados esforços dos saxões. "O remanescente de trinta campanhas de indistinta matança", diz Greenwood, "e generalizada expatriação aceitou o batismo e tornou-se permanentemente incorporado ao império dos francos e ao cristianismo. Abadias, monastérios e casas religiosas de todos os tipos se espalharam por toda as partes do território conquistado, e as novas

[7] N. do T., este livro foi escrito no século XIX

igrejas[8] eram supridas por ministros da escola de Bonifácio — uma escola que não admitia qualquer distinção entre a lei de Cristo e a lei de Roma."

O batismo era a única segurança e garantia de paz que os francos aceitariam pela submissão dos saxões. E assim foi — e quão triste e humilhante é essa relação! — quando a conquista foi concluída, e finda a carnificina, que os padres entraram em campo. O ofício deles era batizar os vencidos. Milhares dos bárbaros foram, assim, forçados, na ponta da espada, ao que os padres chamavam de **águas regeneradoras do batismo**. Mas, para os saxões, o batismo significava nem mais nem menos do que a renúncia à sua religião e sua liberdade. A consequência foi que, assim que os exércitos de Carlos se retiraram, os infatigáveis saxões voltaram a se erguer, atravessando os imponentes limites do império e devastando tudo por onde passavam. Em sua fúria ardente e amarga vingança eles cortaram cruzes, queimaram "igrejas", destruíram monastérios, mataram seus prisioneiros, sem respeitar idade nem sexo, até que todo o país pareceu estar envolvido em chamas e inundado de sangue. Dizem que tais revoltas eram muitas vezes provocadas pela linguagem insolente, e ainda mais pelo comportamento ofensivo dos monges missionários, e pela severa avareza com a qual exigiam seus dízimos. Mas tais explosões da parte dos saxões eram seguidas por uma nova invasão e matança implacável pelos francos, até que tribo após tribo cedeu aos braços conquistadores de Carlos Magno. Em uma ocasião, após uma severa revolta, Carlos massacrou, a sangue frio, 4500 guerreiros valentes que tinham se rendido. Esse cruel e covarde abuso de poder deixou uma mancha escura e indelével em sua história, que nenhuma desculpa pode jamais remover. Mesmo o historiador cético alude a ela de forma muito verdadeira e tocante. "Em um dia de igual retribuição", diz ele, "os filhos de seu irmão Carlomano, o príncipe merovíngio de Aquitânia, e os 4500 saxões que foram decapitados no mesmo local, terão algo a alegar contra a justiça e humanidade de Carlos Magno. Seu tratamento para com os vencidos saxões foi um abuso do direito de conquista".

A Influência Maligna dos Missionários do Papa

É triste refletir sobre a terrível matança dos saxões, e o batismo forçado do indefeso remanescente; mas nossa tristeza é infinitamente aumentada quando

[8]N. do T.: Aqui no sentido de edifícios religiosos, e não no sentido bíblico do corpo de Cristo ou de uma assembleia reunida somente ao nome de Cristo.

descobrimos que os professos mensageiros da misericórdia foram os grandes impulsionadores dessas longas e exterminadoras guerras. No lugar de serem missionários do evangelho da paz, eles eram, na realidade, os cruéis emissários do papado — do poder das trevas: Carlos Magno era, sem dúvida, em grande parte enganado e instigado pelos padres.

Sob o objetivo declarado de cimentar a união entre a igreja e o Estado, para o benefício secular e espiritual da humanidade, e para a força duradoura do governo imperial, os astutos sacerdotes viram o caminho se abrindo para sua própria grandeza secular e para a mais **absoluta soberania de Roma**. E assim aconteceu, como toda a história afirma. Eles logo ganharam uma posição de grandeza mundana sobre o povo conquistado e suas terras. Uma mudança completa acontece, precisamente nesse momento, na condição externa do clero, e, de fato, na sociedade em geral. A história antiga desaparece, como nos é contado, na morte de Pepino, e **tem início a vida medieval**. Uma nova condição de sociedade é inaugurada por seu filho — o último dos reis bárbaros e o primeiro dos monarcas feudais. Mas é na história eclesiástica que estamos interessados, e aqui, novamente, preferimos fornecer alguns extratos do decano Milman — a quem tantas vezes nos referimos — que não pode ser acusado de severidade desnecessária, mas cujo testemunho é da mais alta integridade.

"A subjugação da terra pareceu estar completa antes que Carlos Magno fundasse, sucessivamente, suas grandes colônias religiosas, os oito bispados de Minden, Seligenstadt, Verden, Bremen, Munster, Hildesheim, Osnaburg e Paderborn. Estes, como muitos monastérios ricamente dotados como Hersfuld, tornaram-se os centros separados dos quais o cristianismo e a civilização se espalhou em círculos cada vez maiores. Mas, embora fossem assentamentos militares assim como religiosos, os eclesiásticos eram os únicos estrangeiros. Os mais fiéis e confiáveis chefes saxões, que deram a segurança de aparente sincera conversão ao cristianismo, foram promovidos a condes: assim, a profissão do cristianismo era o único teste de fidelidade…

"Carlos Magno, na história cristã, tem um papel ainda mais importante do que apenas na subjugação da Germânia ao evangelho, por causa de sua completa organização, se não fundação, da alta hierarquia feudal em grande parte da Europa. Por todo o império ocidental, pode-se dizer, foi constitucionalmente estabelecida essa dupla aristocracia, eclesiástica e civil. Em todos os lugares, o alto clero e os nobres, e através das diferentes gradações da sociedade, mesmo os da mesma classe, estavam sujeitos aos mesmos deveres, e eram iguais, em

alguns casos de coordenação, em autoridade. Cada distrito tinha seu bispo e seu conde; as dioceses e os condados possuíam, na maioria das vezes, a mesma extensão...

"O próprio Carlos Magno era não menos pródigo (liberal) do que os reis mais fracos no que diz respeito a imunidades e concessões dadas às igrejas e monastérios. Com sua rainha Hildegard, ele doou, à igreja de São Martinho, em Tours, terras na Itália. Suas concessões a São Denis, a Lorch, a Fulda, a Prum, mais particularmente a Hersfuld, e a muitas abadias italianas, aparecem entre os atos de seu reinado.

"Essas propriedades nem sempre eram obtidas do rei ou dos nobres. Os servos dos pobres eram, muitas vezes, os saqueadores dos pobres. Mesmo sob Carlos Magno há reclamações contra a usurpação de propriedades pelos bispos e abades, assim como contra condes e leigos. Eles obrigavam o homem livre pobre a vender sua propriedade, ou o forçava a servir no exército em permanente dever, para, assim, deixar suas terras sem dono, com todas as chances de que não pudesse retornar, ou entregues à custódia daqueles que permaneceram em casa em silêncio; dessa forma, os sacerdotes aproveitavam cada oportunidade para tomar posse delas. *Nenhuma vinha de Nabote escapava da vigilante avareza deles.*

"Em seus feudos, o bispo ou abade exercia todos os direitos de um chefe feudal... Assim, a hierarquia, então uma instituição feudal, paralela e coordenada com a aristocracia secular feudal, aspirava desfrutar, e já a algum tempo desfrutava, da dignidade, riqueza e poder dos senhores suseranos. Bispos e abades tinham a independência e os privilégios sobre os feudos inalienáveis; e, ao mesmo tempo, começaram, quer hostilmente contestar, quer arrogantemente recusar, os pagamentos ou reconhecimentos da vassalagem, que muitas vezes pesavam sobre outras terras. Durante o reinado de Carlos Magno essa teoria da imunidade espiritual adormeceu, ou melhor, não tinha ainda tomado vida. No entanto, no conflito com seu filho, **Luís, o Piedoso**, ela foi corajosamente anunciada e seu crescimento foi rápido. Foi, então, afirmado pela hierarquia, que toda propriedade dada à igreja, aos pobres, aos santos, e ao Próprio Deus — tais eram as frases especiosas — era dada absoluta e irrevogavelmente, sem reservas. O rei podia ter poder sobre os honorários dos cavaleiros; mas sobre a igreja, ele não tinha poder nenhum. Tais reivindicações seriam consideradas ímpias, sacrílegas, e implicavam na perda da vida eterna. O clero e suas propriedades pertenciam a outro reino, a outra comunidade. Eles eram inteira e

absolutamente independentes do poder civil."[9]

O Sistema Hierárquico Feudal

Por séculos, o clamor papal para cada monarca sucessor foi: "Dê, dê; doe, doe; e o bendito Pedro certamente te enviará vitória sobre teus inimigos, prosperidade neste mundo, e um lugar perto dele mesmo no céu". Esse clamor foi, em grande medida, respondido no início do século IX. Os extratos acima dão ao leitor alguma ideia dos espólios que o clero recebia das vitórias de Carlos na Alemanha. Foi principalmente a partir desses 33 anos de guerra sanguinolenta que o grande sistema hierárquico feudal surgiu. Inúmeros milhares foram mortos para dar espaço aos bispos e abades — uma aristocracia eclesiástica. Ergueram-se palácios principescos para esses grandes eclesiásticos sobre toda a terra conquistada: mas seus fundamentos foram colocados sobre a crueldade, a injustiça e o sangue.

Embora mais de mil anos terem passado desde que o grande patrono da igreja morreu, os palácios ainda existem e são abundantes por toda a Europa. Mas o coração adoece ao pensar sobre a origem desses assim declarados "palácios da paz", especialmente se tivermos em mente o verdadeiro caráter do evangelho, e que os ministros de Cristo devem sempre buscar manifestar o espírito do manso e humilde Jesus. As almas dos homens, e não as propriedades, deveriam ser o objetivo. ***"Não busco o que é vosso, mas sim a vós"*** (2 Coríntios 12:14), este deveria ser o lema deles; indo adiante, "nada tomando dos gentios"(3 João 1:7). Mas o exemplo de Cristo já tinha sido, há muito tempo, esquecido. A igreja afundou a um nível e um espírito do mundo quando foi unida por Constantino ao Estado. Essa foi sua grande queda, da qual flui sua dolorosa inconsistência. O amor ao mundo, ao poder absoluto, ao domínio universal, tomou, então, posse de todo o seu ser. Enganada por Satanás, em cujo trono (Ap. 2) ela se assenta, a iniquidade desavergonhada de seu curso só pode ser explicada por causa de seu poder cegante. Todos os meios, à sua vista, tinham como justificativa seu objetivo de avanço da Sé Romana.

[9] Cristianismo Latino, vol. 2, p. 286

Reflexões sobre o Cuidado do Senhor para com os Seus

O Senhor tinha, sem dúvida, muitos que eram Seus, ocultos aos olhos da história, mesmo nos tempos mais sombrios, como em Tiatira: *"Mas eu vos digo a vós, e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina, e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás, que outra carga vos não porei.* ***Mas o que tendes, retende-o até que eu venha"*** (Ap 2:24–25). **Uma coisa, e apenas uma,** deveria ocupar os fiéis depois que a apostasia se estabelecesse — **o Salvador exaltado, o Homem na glória**. E a todos esses a doce promessa é: ***"E dar-lhe-ei a estrela da manhã"*** (Ap 2:28). Mas a igreja meramente professa, como aliada do Estado, foi corrompida até o cerne, e afundou, e cegou-se, e endureceu na mais incansável perversidade, de modo que a concentração de toda a forma de mal podia ser encontrada na **cadeira de São Pedro**. Mesmo em relação às guerras religiosas, o próprio Carlos Magno parece inocente comparado ao papa Adriano.

Devemos nos lembrar que Carlos era um rei bárbaro, apesar de ser, talvez, o maior da história europeia, com a exceção de Alexandre e César, e assim podemos entender seu objetivo em buscar unir e consolidar um grande império. Mas ele era ignorante e supersticioso quanto às coisas divinas, embora o elemento religioso fosse forte em sua mente. Aproveitando-se disso, o papa agiu e levou-o a crer que uma igreja forte e rica faria um Estado forte e rico, e que para que agradasse aos céus e ganhasse a vida eterna, a harmoniosa união da igreja com o Estado deveria ser a base de todos os seus esquemas governamentais. Ele, pessoalmente, amava Adriano, prontamente obedecia ao seu chamado, cedia a seus conselhos, e chorou quando ouviu de sua morte, que aconteceu em 26 de dezembro de 795, após o incomum longo pontificado de mais de 23 anos. Ele podia, às vezes, enxergar o verdadeiro objetivo do papa sob seus grandes artifícios, mas, convicto de seu próprio poder autossuficiente, ele conseguia permitir que tais coisas passassem sem aqueles sentimentos de desconfiança e ciúme que teriam se engendrado em uma mente mais fraca. Não dado a mudanças, ele fez um bom amigo.

A Falsificação Papal

Mas a bondade de Carlos Magno apenas excitou a avareza e inveja dos gananciosos padres. Não contentes com suas propriedades e dízimos, eles aspiravam

por uma posição muito superior à dos senhores leigos, e até mesmo superior à do próprio monarca. Estimulados por sucessos passados, eles então tentaram, por uma **ousada falsificação**, alcançar o objetivo de sua ambição secular. Um título de propriedade de poder quase imperial é então, pela primeira vez, após um período de 450 anos, trazido à luz. Por esse ato original de doação foi descoberto que tudo o que Pepino ou Carlos Magno tinham conferido à igreja de Roma não passava de uma parte da doação real para a cadeira de São Pedro feita pelo "piedoso imperador Constantino".

Como nosso principal objetivo através desse período da história da igreja é apresentar o verdadeiro caráter do sistema papal, os meios pelos quais ele alcançou sua incrível influência e poder, e os efeitos secularizantes da aliança da igreja com o Estado, copiamos, de Greenwood, a própria carta do papa. O leitor, sem dúvida, ficará surpreso em ver que qualquer homem com a menor pretensão possível de respeitabilidade — ainda mais o "chefe da igreja-– pudesse jamais ter fabricado tal documento, e isso somente para ganhar mais território e poder. Mas devemos nos lembrar que Tiatira era caracterizada pelas ***"profundezas de Satanás"*** (Ap 2:24), e assim tem sido o papado desde seu primeiro fôlego, e assim deve ser até que dê o seu último suspiro. Apocalipse 17 e 18 descrevem seu caráter e seu fim.

"Considerando", diz o papa Adriano, "que nos dias do bendito pontífice **Silvestre**, aquele tão piedoso imperador [Constantino], por *sua doação*, exaltou e ampliou a santa igreja católica e apostólica de Roma, dando a ela seu *supremo poder sobre toda a região do Ocidente*, assim agora vos suplicamos que, neste nosso mesmo feliz dia, a mesma santa igreja possa brotar e exultar, e ser cada vez mais e mais exaltada, de modo que todos os povos que dela ouvirem exclamem: 'Deus salve o rei, e nos ouça no dia em que te invocarmos!'. Pois eis que naqueles dias ergueu-se Constantino, o imperador cristão, por quem Deus concedeu todas as coisas a Sua santíssima igreja, a igreja do bendito Pedro, príncipe dos apóstolos. Tudo isso, e muitos outros territórios que imperadores, patrícios e outras pessoas tementes a Deus deram ao bendito Pedro e à santa igreja de Deus apostólica de Roma, para o benefício de suas almas e para o perdão de seus pecados, nas regiões da Toscana, Espoleto, Benevento, Córsega e Savona — territórios que foram tomados e mantidos pelas ímpias nações dos lombardos — que tudo isso nos seja restaurado nestes nossos dias, de acordo com o teor de tuas várias escrituras de doação depositadas em nossos arquivos, em Latrão. Com este fim, ordenamos a nossos enviados para que te mostrem tais escrituras, para tua satisfação, e em virtude delas, agora te rogamos que orde-

nes a restituição ininterrupta desse patrimônio de São Pedro que está em tuas mãos; que para tua conformidade nisto com a santa igreja de Deus, possa ser colocada em plena posse e gozo de seu inteiro direito; de modo que o próprio príncipe dos apóstolos possa interceder perante o trono do Todo-Poderoso por uma longa vida para ti, e prosperidade em todas as tuas obras."

A Ignorância e Credulidade da Época

Tão profunda era a ignorância e credulidade daqueles tempos que **as mais absurdas fábulas eram recebidas com grande reverência** por todas as classes. Os astutos padres sabiam como vestir suas fraudes religiosas com a mais especiosa piedade, e como cegar tanto o rei como o povo. De acordo com a lenda, Constantino foi curado da lepra pelo papa Silvestre; e assim, o imperador, repleto de gratidão, renunciou, em favor do papa, a livre e perpétua soberania de Roma, da Itália, e das províncias do Ocidente; e resolver fundar uma nova capital para si mesmo no Oriente [Constantinopla].

O objetivo de Adriano em forjar tal escritura, e em escrever tal carta, foi, sem dúvida, influenciar Carlos Magno para que imitasse a alegada liberalidade de seu grande predecessor. Se ele meramente desse ao papa a posse da dita doação de Constantino, ele estaria apenas agindo como o executor da escritura; se ele aspirasse ser um benfeitor espontâneo da igreja, ele deveria ir além dos limites da escritura de doação original. Mas ainda não sondamos as profundezas dessa falsificação. Ela serviu para provar que: (1) os imperadores gregos, por todos esses séculos, eram culpados de usurpação e de roubar o patrimônio de São Pedro; (2) que era justificável que os papas se apropriassem de seu território e se rebelassem contra a autoridade imperial; (3) que as doações de Pepino e Carlos Magno eram nada mais que a restituição de uma pequena porção dos justos e legítimos domínios originalmente concedidos à cadeira de São Pedro; e (4) que ele, Carlos Magno, deveria considerar-se como devedor de Deus e de Sua igreja enquanto um único item dessa dívida inalienável permanecesse sem ser paga.

Tais eram alguns dos convenientes efeitos do documento para os propósitos de Adriano na época; mas, embora possa ter sido produtivo de grandes vantagens ao papado, tanto então como depois, a falsificação há muito foi exposta. Com a restauração das cartas e da liberdade, a escritura fictícia foi condenada, assim como seus **Falsos Decretos** — a mais audaciosa e elaborada de todas

as fraudes religiosas. Falando nos Decretos, Milman observa: "Eles são então abandonados por todos; nenhuma voz é erguida em seu favor; o máximo que é feito por aqueles que não podem suprimir todos os lamentos por sua exposição é aliviar a culpa do falsificador, questionar ou enfraquecer a influência que eles tiveram em seus próprios dias e por toda a história posterior do cristianismo."[10]

Os Fundamentos e o Edifício do Papado

Tais, infelizmente, foram os fundamentos do grande edifício papal. E não estamos errados em sofrer vendo eles serem estabelecidos. Se fôssemos caracterizar as pedras de fundação separadamente, poderíamos nos referir a elas como as mais extravagantes pretensões, a mais insultante arrogância, as mais descaradas falsificações, o mais abertamente confessado — e até mesmo desafiador da morte — amor à idolatria, a mais inescrupulosa apropriação de território roubado, o mais implacável espírito de perseguição, e, o que pode ser dito como a pedra (assim como a fundação) mais elevada: o mais desordenado amor pela soberania secular. Mas se olharmos dentro da casa, o que encontramos ali? É cheia de blasfêmias, os piores tipos de corrupções, e concentração de todas as atrações para a carne (Ap 18:12,13). **As próprias essências do cristianismo** — tais como o sacrifício, o ministério e o sacerdócio — ou foram corrompidas ou rejeitadas. **A obra consumada de Cristo foi substituída pela missa**; o ministério do Espírito de Deus pelo ensino dogmático da igreja; e o comum **sacerdócio de todos os crentes**, e sim, **até mesmo o sacerdócio do Próprio Cristo**, foi substituído pelo grande sistema eclesiástico do sacerdócio, ou melhor, pelo poder sacerdotal.

A Ceia do Senhor foi gradualmente modificada, da simples lembrança de Seu amor e anúncio de Sua morte para a ideia de um sacrifício. **Muitas superstições** foram praticadas com o pão consagrado, ou melhor, as **hóstias**[11] . Supunha-se que esse "sacrifício"servia tanto para os vivos quanto para os mortos; daí a prática de dar a hóstia aos mortos e enterrá-la com eles. **A destrutiva doutrina do purgatório**, que tinha sido sancionada por Gregório, o Grande, então se espalhou por toda a parte. Parece ter criado raízes especialmente na igreja inglesa antes do século IX. Mas o engano é manifesto, pois **não há purgatório**

[10]Milman, vol. 2, p. 375; Greenwood, livro 6, capítulo 3, p. 82.

[11]N. do T.: hóstia significa "vítima expiatória", e traz a ideia de que Cristo é sacrificado novamente em cada missa, anulando a consumada obra expiatória de Cristo, "feita uma vez"(Hebreus 10:10).

senão o sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus; como disse o apóstolo João: ***"O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado"*** (1 João 1:7). Graças a Deus, não há limite para o poder purificador[12] do sangue de Jesus, Seu Filho. **Todos os que têm fé nesse sangue são** ***mais alvos que a neve*** **— perfeitamente preparados para a presença de Deus.** Mas a doutrina do purgatório atinge a própria raiz dessa verdade fundamental, e tornou-se um poderoso instrumento nas mãos dos padres para extorquir dinheiro dos moribundos, e para assegurar grandes legados à igreja; mas quase tudo era, então, feito em subordinação a esses objetivos básicos. **A verdade de Deus, a obra de Cristo, o caráter da igreja, as almas e corpos dos homens, foi tudo prontamente sacrificado** para o engrandecimento da Sé de Roma, e para o engrandecimento do clero em subordinação ao sistema papal.

As vidas ímpias daqueles a quem foi confiado o governo da igreja e o cuidado pelas almas são também questões de amarga queixa de todos os historiadores honestos, tanto daqueles tempos como dos atuais. Mas aqui pode ser interessante introduzir um historiador que é bom em relatos — Mosheim — como uma testemunha e confirmação do que temos dito sobre esse período.

O Resumo de Mosheim

"No Oriente, desígnios sinistros, rancores, contendas e conflitos eram, em todos os lugares, predominantes. Em Constantinopla, ou Nova Roma, eram elevados à cadeira patriarcal aqueles que eram favoráveis à corte; e ao perderem esse favor, um decreto do imperador tirou-lhes de suas posições elevadas. No Ocidente, os bispos rodeavam as cortes dos príncipes, e se entregavam a toda espécie de voluptuosidade: enquanto o clero inferior e os monges eram sensuais e, pelos vícios mais grosseiros, corrompiam o povo a quem se destinavam a reformar. A ignorância do clero, em muitos lugares, era tão grande que poucos deles podiam ler ou escrever. Assim, sempre que uma carta devia ser escrita, or qualquer coisa de importância tivesse de ser firmada por escrito, recorria-se, geralmente, a algum indivíduo cuja fama lhe investia com uma certa destreza em tais assuntos…

"Os bispos e os chefes de monastérios detinham muitos bens imobiliários ou propriedade fundiária pela posse feudal; pelo que, quando uma guerra irrompia, eles eram convocados pessoalmente para o acampamento militar, aten-

[12] N. do T.: "purgatório"significa "purificador"

didos por um número de soldados que eram obrigados a se apresentarem aos seus soberanos. Reis e príncipes, além de poderem recompensar seus servos e soldados por seus serviços, muitas vezes se apoderavam de propriedade consagrada, dando-as a seus dependentes; em consequência, os padres e monges, antes apoiados por eles, buscavam alívio para suas necessidades de cometer qualquer tipo de crimes e embustes inimagináveis.

"Poucos daqueles que foram elevados, nessa época, às mais altas posições na igreja, podem ser elogiados por sua sabedoria, erudição, virtude e outros dons adequados a um bispo. A maior parte deles, por seus numerosos vícios, e todos eles, por sua arrogância e cobiça de poder, ocasionaram desgraças às suas próprias memórias. Entre Leão IV, que morreu em 855 d.C., e Bento III, uma mulher que escondeu seu sexo e assumiu o nome de *João*, conta-se, abriu seu caminho ao trono pontifício por sua própria esperteza e engenhosidade, e governou a igreja por um tempo. Ela é comumente chamada de **Papisa Joana**. Durante os cinco séculos subsequentes as testemunhas desse evento extraordinário são inúmeras, mas nenhuma, antes da Reforma de Lutero, considerou isso como algo inacreditável ou vergonhoso para a igreja.

"Todos concordam que nesses dias sombrios o estado do cristianismo era, em todos os lugares, **muito deplorável**; não apenas pela **incrível ignorância, a mãe da superstição e degradação moral**, como também por outras causas... A ordem sagrada, tanto no Oriente quanto no Ocidente, era composta principalmente por homens analfabetos, estúpidos, ignorantes de tudo concernente à religião... O que os pontífices gregos eram é demonstrado pelo único exemplo de *Teofilato* que, como testificam historiadores confiáveis, fazia tráfico de tudo o que era sacro, e não ligava para nada que não fosse seus cachorros e cavalos. Mas, embora os patriarcas gregos fossem homens muito indignos, ainda assim possuíam mais dignidade e virtude do que os pontífices romanos. Um fato reconhecido por todos os melhores escritores, sem exceção até mesmo daqueles que advogam a autoridade papal, é que a história dos bispos romanos nesse século é uma história, não de homens, mas de **monstros**, uma história das mais atrozes vilanias e crimes.

"A essência da religião foi pensada, tanto pelos gregos como pelos latinos, **de modo a consistir na adoração de imagens**, em honrar os santos que partiram, em buscar por e preservar relíquias e em enriquecer padres e monges. Dificilmente um indivíduo se aventurava a se aproximar de Deus antes do assunto de interesse ter sido devidamente buscado por meio de imagens e santos. **Todo o**

mundo estava insanamente ocupado em juntar relíquias e procurá-las."[13]

Nada mais, pensamos, precisa ser dito, no momento, quanto à natureza — raiz e ramos — do sistema papal. Pela boca de pelo menos três testemunhas competentes, tudo o que foi dito de Roma, desde o início do período de Tiatira, foi confirmado. E não foi dito nem metade, especialmente sobre o assunto da imoralidade. Não poderíamos transferir para nossas páginas a devassidão dos padres e monges. Alguns pensam que o papado caiu no ponto mais profundo de degradação nos séculos IX e X. Por muitos anos a mitra papal foi usada livremente pela infame **Teodora** e suas duas filhas, **Marózia** e **Teodora**. Tal era seu poder e sua influência maligna, por meio de suas vidas licenciosas, que colocavam na cadeira de São Pedro quem elas queriam — homens ímpios como elas próprias. Nossas páginas seriam contaminadas por um relato de suas abertas e descaradas imoralidades. **Tal foi a sucessão papal.** Certamente Jezabel foi realmente representada por essas mulheres, e na influência que obtiveram sobre os papas e sobre a cidade de Roma. Mas, infelizmente, Jezabel, com todas as suas associações, corrupções, tiranias, idolatrias e usos da espada civil, foi muito fielmente representada pelo papado desde sua própria fundação.

[13]*História*, de Mosheim, vol. 2, p. 184 & 272.

Capítulo 17

Europa (814 d.C.—1000 d.C.)

A Propagação do Cristianismo (Século IX)

É realmente um grande alívio para a mente, tanto do escritor quanto do leitor, afastar-se das regiões sombrias e poluídas de Roma, e traçar, por um momento, a *linha prateada* da graça salvadora de Deus na disseminação do evangelho e na devoção de muitos de Seus servos. Ao mesmo tempo, não podemos esperar muito de Cristo, ou do que é chamado de um evangelho puro, no testemunho dos missionários nesse período. O estado da Europa em geral no século IX, comparado ao século XIX [1], deve ser considerado se quisermos que nossos corações se elevem a Deus em gratidão pelo dia das coisas pequenas.

A preferência dada aos escritos humanos sobre as Escrituras era, então, um hábito, pelo menos onde a influência de Roma prevalecia. Os paulicianos, provavelmente, e outros que estavam separados da comunhão de Roma, mantinham a autoridade da Palavra de Deus. Mas os missionários romanos eram instruídos e obrigados a cumprir as decisões dos pais [apostólicos]. Apelava-se constantemente aos cânones dos concílios e aos escritos dos grandes doutores, de **modo que o volume sagrado (as Escrituras) fosse completamente esquecido**. Muito antes desse período, a Palavra de Deus já vinha sendo tratada como obscura, confusa e inadequada para a leitura geral. E assim tem sido considerada pelos católicos desde aqueles dias até hoje. Ainda assim, Deus estava, e está, acima de tudo, subjugando tudo isso para Sua própria glória, para a disseminação do cristianismo, e para a salvação dos pecadores. ***"Todo o que o Pai me dá"***, disse Jesus, ***"virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o***

[1] N. do T.: e também ao século XX e XXI

lançarei fora", não importa o país, o período, a educação, ou a condição. (João 6:37)

O Despertar da Educação

Embora a ambição sanguinária e a vida dissoluta de Carlos Magno nos impeçam de pensar que ele era possuidor de qualquer princípio cristão, no entanto, é justo reconhecermos que ele foi usado por Deus para o avanço da educação em casa, e para a disseminação do cristianismo em outros países. Escolas foram erguidas, universidades foram fundadas, homens eruditos foram procurados na Itália, Inglaterra e Irlanda, visando elevar seus súditos a um nível moral, religioso e intelectual mais elevado. Próximo ao fim de seu longo reinado, ele estava cercado, em sua residência real em Aix-la-Chapelle, por homens letrados de todas as nações. Os estudiosos, gramáticos e filósofos da época eram recebidos no grande Sala de Audiência. Mas o principal entre esses era o monge anglo-saxão **Alcuíno**, um nativo da Nortúmbria, e tutor da família imperial.

Alcuíno foi o mais importante, tanto por sua erudição quanto pela extensão de seus trabalhos como um mestre entre os francos. Mas o que é ainda mais importante, ele parece ter tido alguns pensamentos corretos sobre o cristianismo. Ele frequentemente protestava com o imperador contra a imposição dos dízimos aos saxões recém-convertidos, e contra a administração compulsória e indiscriminada do batismo. "A instrução", diz ele, "sobre os grandes pontos da doutrina e prática cristã deve ser primeiramente dada, e então devem seguir-se os sacramentos. O batismo pode ser forçado aos homens, mas não a fé. O batismo recebido sem fé ou entendimento por uma pessoa capaz de raciocinar não passa de um lavagem do corpo sem proveito algum."[2]

Que refrigério para o espírito, e quão verdadeiramente gratos estamos em encontrar tais atos simples e honestos do grande imperador. Isto nos mostra que o Senhor tinha Suas testemunhas em todos os tempos e em todos os lugares. Tenhamos esperança de que ele possa ter sido usado pelo Senhor para a disseminação da verdade e para a benção de almas naqueles círculos superiores.

O fim do grande Carlos se aproximava. Embora ele tivesse se cercado com literatura, música e tudo o que pudesse agradar e gratificar todos os seus gostos e paixões; e embora — dizem — suas antecâmaras estivessem cheias com os

[2]Robertson, vol. 2, p. 131.

monarcas caídos de territórios conquistados, aguardando para suplicar seu favor, ou buscando restauração de seus legítimos domínios; apesar de tudo isso, ele teve de ceder ao golpe do qual ninguém pode desviar. Ele morreu em 28 de janeiro de 814, na idade avançada de 72 anos, e após um longo reinado de 43 anos. Ele nomeou seu filho, Luís, como seu sucessor.

Luís, o Piedoso

Não há dúvida de que Luís, apelidado de Piedoso, foi um cristão sincero e humilde. Mas nunca houve um homem em uma posição tão falsa como o manso e gentil Luís quando o império caiu em suas mãos. Ele viveu até o ano 840. Mas sua vida é uma das mais tocantes, trágicas e lamentáveis nos anais dos reis. Houve algo parecido com uma rebelião universal quando os princípios de seu governo se tornaram conhecidos. Ele era gentil e escrupuloso demais para seus soldados; piedoso demais para seu clero. Os bispos foram impedidos de usar a espada e armas, ou de andarem com esporas brilhantes em seus calcanhares. Os monges e freiras encontraram nele um segundo São Bento. A permissividade da corte de seu pai rapidamente desapareceu dos recintos sagrados de seu palácio; mas ele pegava muito leve na disciplina de seus filhos. Tal piedade verdadeira, como pode-se facilmente imaginar, acabou sendo considerada ridícula, e não poderia ser suportada por muito tempo. Ele foi abandonado por seus soldados, cujas riquezas deviam aos inimigos saqueados; seus filhos, **Pepino**, **Luís** e **Lotário** ficaram, mais de uma vez, contra ele. O clero, que deveria estar cercando o monarca caído com sua simpatia no dia da adversidade, apenas tomou ocasião para mostrar seu poder degradando-o às profundezas de um claustro; e, para dar uma aparência justa à injustiça deles, ele foi forçado pelos padres a confessar pecados dos quais ele era inteiramente inocente. Eles, juntamente ao seu filho rebelde, Lotário, um homem cruel, que temia sancionar a execução de seu pai, determinaram-se a incapacitar o rei por meio da degradação civil e eclesiástica para o exercício de sua autoridade real. Ele foi obrigado a fazer penitência pública pelos supostos crimes, e foi forçado a deitar sua armadura real e seu vestuário imperial no altar de São Sebastião, e a vestir um manto escuro de luto.[3]

Mas o orgulho de seus nobres foi insultado por essa exibição da presunção eclesiástica, e a nação chorou pelo destino do bom e gentil imperador. Uma

[3]Para detalhes, veja Cristianismo Latino, de Milman, vol. 2

reação foi inevitável. Indignados pelo seu tratamento, o povo exigiu sua restauração. Ele foi tirado do monastério, re-vestido e restaurado, mas apenas para experimentar uma humilhação ainda mais profunda. Ele foi, com o tempo, resgatado, pela mão da misericórdia divina, da conduta estranha de seus filhos e da impiedosa perseguição do clero, que se importava apenas em exibir e estabelecer seu próprio poder. Pressionando um crucifixo sobre seu peito, seus olhos se ergueram para o céu, e respirando perdão ao seu filho Luís — que estava, então, contra ele — ele **partiu desta vida para estar com Cristo, o que é muito melhor** (Filipenses 1:23).

A Conversão das Nações do Norte

A disseminação do evangelho em direção às extremidades ao norte da Europa, durante os séculos IX e X, tem sido tão detalhada nas histórias gerais que faremos pouco mais do que nomear os principais lugares e os principais atores em conexão com a boa obra. Mas nos regozijamos em traçar os passos daqueles missionários abnegados, no próprio coração do reino [ou trono] de Satanás, onde por séculos ele já tinha reinado imperturbável. Já vimos que a espada de Carlos Magno tinha aberto o caminho para os **frísios**, os **saxões**, os **hunos**, e outras tribos.

Na primeira parte do reinado de seu filho Luís, o evangelho foi introduzido entre os **dinamarqueses** e **suecos**. Disputas quanto ao trono da Dinamarca entre Haroldo e Godofredo levaram Haroldo a buscar a proteção de Luís. O piedoso imperador pensou que isso poderia ser uma oportunidade conveniente para a introduzir o cristianismo entre os dinamarqueses. Ele, portanto, prometeu ajuda a Haroldo na condição de que ele próprio abraçasse o cristianismo e admitisse pregadores do evangelho em seu país. O rei aceitou os termos e foi batizado em Mentz, no ano 826 d.C., junto a sua rainha e uma numerosa comitiva de súditos. Luís apadrinhou Haroldo, a imperatriz apadrinhou sua rainha, e Lotário o seu filho; e padrinhos de classes adequados foram encontrados para os membros de sua comitiva. Assim cristianizados, como pensava-se naqueles dias, ele voltou para casa, levando consigo dois mestres do cristianismo. E, embora Haroldo não tenha conseguido recuperar seu reino, Luís designou-lhe um território na Frísia.

Ansgarius e **Aubert**, os dois monges franceses que o acompanharam, trabalharam com grande zelo e sucesso; mas Aubert, um monge de nobre nasci-

mento, morreu dois anos depois entre os trabalhos de missionário.

O infatigável Ansgarius, na morte de seu companheiro, foi para a Suécia. Ele foi igualmente feliz e bem-sucedido em sua obra lá. Em 831, Luís recompensou seus grandes labores tornando-o arcebispo de Hamburgo e de todo o norte. Ele frequentemente encontrou grande oposição, mas comumente desarmava seus perseguidores pela bondade de suas intenções e pela retidão de sua conduta. Ele viveu até o ano 865, e trabalhou principalmente entre os dinamarqueses, os cimbrianos e os suecos.

Os Eslavônios Recebem o Evangelho

Por volta desse tempo, alguns esforços foram feitos para a conversão dos russos, húngaros, etc., mas a obra do evangelho parece ter feito pouco progresso nessas regiões até a conquista da Boêmia por Oto, no ano 950, ou talvez até o casamento de Vladimir, príncipe dos russos, com Ana, irmã de Basílio, o imperador grego. Ele abraçou a fé de sua rainha, viveu até uma idade bem avançada, e foi seguido em sua fé pelos seus súditos. A conversão do Duque da Polônia é também atribuída à influência de uma rainha cristã. Naqueles dias a crença do príncipe se tornava a regra de seu povo, tanto na fé como na prática, e a fé da rainha, geralmente falando, tornava-se a regra do rei. Daí a influência da esposa para o bem ou para o mal. Isto podemos já ter notado, especialmente nos dias de Clotilda e Clóvis. "Há uma estranha uniformidade", diz Milman, "nos instrumentos usados na conversão dos súditos bárbaros. Uma mulher de classe e influência, um monge zeloso, alguma terrível calamidade nacional; logo que esses três coincidem, então a terra pagã abre-se ao cristianismo."

Bulgária. A introdução do cristianismo entres os búlgaros foi referenciada em nossas notas sobre os paulicianos. Eles eram um povo bárbaro e selvagem. Depois dos hunos, os búlgaros eram os mais odiosos e mais terríveis para os europeus invadidos. A irmã de Bóris, seu rei, tendo sido levada cativa pelos gregos em sua infância, tinha sido educada em Constantinopla na fé cristã. Após sua redenção e retorno ao lar, ela se sentiu muito incomodada pelos hábitos idólatras de seu irmão e de seu povo. Ela parece ter sido uma cristã fervorosa, mas todos os seus apelos em favor do cristianismo foram pouco atendidos, até que uma fome e uma praga devastaram a Bulgária. O rei foi finalmente persuadido a orar ao Deus dos cristãos. O Senhor, em grande misericórdia, fez cessar a praga. Bóris reconheceu a bondade e poder do Deus cristão e concordou que

aos missionários fossem permitido pregar o evangelho ao seu povo.

Metódio e Cirilo, dois monges gregos, distintos por seu zelo e erudição, instruíram os búlgaros nas verdades e bênçãos do evangelho de Cristo. O rei foi batizado, e seu povo gradualmente seguiu seu exemplo. Conta-se que 106 perguntas foram enviadas pelo rei ao papa Nicolau I, abrangendo cada ponto da disciplina eclesiástica, da observância cerimonial e dos costumes. As respostas, conta-se, foram sábias e discretas, e adequadas para mitigar a ferocidade de uma nação selvagem.

A partir da Bulgária os zelosos missionários visitaram muitas das tribos eslavônias, e penetraram em regiões de genuíno barbarismo. O dialeto deles ainda não tinha escrita. Mas esses homens devotos dominaram a língua do país e pregaram o evangelho ao povo em sua língua nativa. Isso era algo completamente novo naqueles dias, mas o cristianismo celestial traz em sua comitiva muitos dons preciosos. A prática comum da época era pregar e ensinar nas línguas eclesiásticas — o grego e o latim; de fato, reclamações foram feitas ao papa sobre a novidade da adoração em uma língua bárbara, mas os escrúpulos do pontífice foram superados pelos argumentos dos missionários, embora a controvérsia tenha sido renovada em dias póstumos, uma vez que alguns tolamente pensaram que seria uma profanação que os serviços da igreja fossem celebrados em uma língua bárbara. Conta-se que Cirilo inventou um alfabeto, ensinou o povo rude a usar as letras, e traduziu a liturgia e certos livros da Bíblia para o dialeto dos morávios. Quem pode dizer que efeito a obra de Cirilo pôde ter até o presente dia? O rei da Morávia foi batizado e, como de costume naqueles tempos, seus súditos seguiram seu exemplo. A província da Dalmácia, e muitas outras, até então em densas trevas, receberam o evangelho durante os séculos IX e X!

O Fluxo do Rio da Vida

Como é bom o Senhor, o grande Cabeça [Chefe] da igreja, que envia a muitas terras distantes as águas vivas do santuário, quando Roma, o centro da Cristandade, estava estagnada e corrompida. Nessa mesma época, **Barônio**, o famoso analista da igreja romana, e cuja parcialidade quanto à Sé Romana é notória, clama: "Quão deformada e assustadora era a face da igreja de Roma! A santa Sé caiu sob a tirania de duas mulheres relaxadas e desregradas, que colocavam e tiravam bispos ao seu bel-prazer, e (o que tremo ao pensar e falar) colocaram

seus galantes na cadeira de São Pedro", etc. Referindo-se ao mesmo período, Arnoldo, bispo de Orleans, exclama: "Ó miserável Roma! Tu que antigamente apresentavas tantas grandes e gloriosas luminárias aos nossos ancestrais, em que prodigiosa escuridão não caíste, o que te tornará infame a todos os séculos posteriores."[4]

Enquanto tal era o estado de Roma, a capital da corrupta Jezabel, o fluxo vital de vida eterna do exaltado Salvador fluía livremente nas extremidades do império. Muitas nações, tribos e línguas tinham recebido o evangelho com as muitas bênçãos que ele lhes trazia. Sem dúvida, ele estava saturado com muitas superstições; mas a Palavra de Deus, até então, e o nome de Jesus, tinham sido introduzidos entre eles; e **o Espírito de Deus pode obrar maravilhas com esse tão bendito nome e com essa tão bendita Palavra**. O Salvador era pregado; o amor de Deus e a obra de Cristo parecem ter sido ensinados com uma unção divina carregada de convicção aos rudes bárbaros. Era a obra do próprio Deus e o cumprimento de Seus próprios propósitos. Em tal caso, não diria Paulo: ***"nisto me regozijo, sim, e me regozijarei"***? (Filipenses 1:18)

Inglaterra, Escócia e Irlanda

Antes de encerrarmos nosso breve relato sobre as ações do Senhor nessa época, tomemos nota de alguns nomes que indicam o estado das coisas na Grã-Bretanha.

Da glória do reinado de Alfredo é desnecessário dizer muito. Para alguns historiadores ele chega à concepção de um soberano perfeito. Seja como for, podemos dizer que ele foi um verdadeiro rei cristão, e foi feito uma bênção tanto para a igreja quanto para o mundo. Sua bem-sucedida guerra contra os dinamarqueses; seu resgate da Inglaterra de um retorno à barbárie; seu encorajamento à educação e aos homens eruditos; seus próprios abundantes labores; sua fé e devoção cristã; tais coisas são bem conhecidas a todos familiarizados com a história da Inglaterra. Ele sucedeu seu pai em 871 com 21 anos de idade, e reinou por 30 anos. Assim o século IX, que se abriu com os grandes dias de Carlos Magno, encerrou com os ainda mais gloriosos dias de Alfredo, provavelmente o nome mais honrável na história medieval.

Clemente, um piedoso eclesiástico da igreja escocesa, apareceu no centro da Europa por volta da metade do século VIII como um pregador das doutrinas

[4] Conforme dado por Du Pin, vol. 2, p. 156.

evangélicas[5]. A história fala dele como um defensor ousado e destemido da autoridade da Palavra de Deus, em oposição a Bonifácio, o paladino da tradição e das decisões dos concílios. Luz pode ser lançada sobre a condição da Cristandade e da história da igreja ao vermos esses dois missionários como representantes de dois sistemas: a grande organização humana de Roma; e o remanescente do cristianismo bíblico da Escócia.

Alarmado pela coragem de Clemente, Bonifácio, então arcebispo das igrejas germânicas, comprometeu-se a opor-se a ele. Ele confrontou o escocês com as leis da igreja romana, com as decisões dos vários concílios, e com os escritos dos mais ilustres pais da igreja latina. Clemente replicou que nenhuma lei da igreja, nenhuma decisão de concílios, ou escritos dos "pais, **que fossem contrários às Sagradas Escrituras, tinham qualquer autoridade sobre os cristãos**. Bonifácio apelou para a invencível unidade da igreja católica com seu papa, bispos, padres, etc., mas seu oponente sustentou que somente *onde o Espírito Santo habita* pode ser encontrada a esposa de Jesus Cristo.

Bonifácio ficou frustrado. Meios justos tinham falhado, então a punição devia ser aplicada. Clemente foi condenado como herege por um concílio reunido em Soissons em março de 744. Ele, mais tarde, pediu que fosse enviado a Roma sob uma guarda segura. O resto da história de Clemente é desconhecida, mas é fácil conjecturar qual deve ter sido seu fim.

Alguns dizem que Clemente mantinha noções estranhas quanto à descida do Senhor ao *hades*, quanto ao assunto do casamento, e quanto à predestinação, mas pouca confiança deve ser posta sobre as afirmações de seus inimigos. Bonifácio apareceu na corte como seu adversário, acusador e juiz. Esperemos que tenha sido um verdadeiro representante da antiga fé de seu país. Mas não devemos supôr que Clemente tenha sido o único que aparece em disputa com os missionários romanos nesse período da história. De tempos em tempos encontramos tais testemunhas da verdade testificando abertamente contra as pretensões de Roma. Alguns escoceses, que se chamavam de bispos, foram condenados em um concílio em Châlons, no ano 813. Vemos então que, por causa das formas clericais que tomavam o lugar da Palavra de Deus, homens iluminados e fiéis foram condenados como hereges.

João Escoto Erígena, um nativo da Irlanda que residia principalmente na França e na corte de Carlos, o Calvo, foi, segundo Hallam, o homem mais no-

[5]N. do T.: Aqui no sentido de doutrinas condizentes com o evangelho, e não às atuais denominações ditas "evangélicas"

tável da Idade das Trevas, em um sentido literário e filosófico. Mas ele foi mais um filósofo do que um teólogo, embora tenha escrito largamente sobre assuntos religiosos, e parece ter pertencido a alguma ordem do clero. Ele tinha estudado os primeiros "pais"e a filosofia platônica, e era também inclinado a favorecer a razão humana, até mesmo em relação à recepção da verdade divina. Mas, de acordo com D'Aubigne, parece ter havido verdadeira piedade em seu coração. "Ó Senhor Jesus", ele exclamou, "não Te peço outra felicidade além de entender, *sem a mistura de teorias engenhosas*, a palavra que Tu inspiraste pelo Teu Santo Espírito. Mostra-Te àqueles que procuram a Ti somente". Supõe-se que ele tenha morrido por volta do ano 852.

Os teólogos irlandeses no século VIII tiveram um caráter tão elevado pela erudição que os homens literários convidados por Carlos Magno a sua corte eram principalmente da Irlanda. Até o tempo de Henrique II, rei da Inglaterra, a igreja da Irlanda continuou a afirmar sua independência de Roma, e a manter sua posição como ramo ativo e vivo da igreja de Cristo, sem possuir um chefe terreno. Mas a partir desse período, a igreja da Irlanda original, com sua grande reputação, desaparece completamente.

Os Nórdicos

Se não acreditássemos que esses poderosos inimigos do cristianismo — os nórdicos, ou piratas das regiões do Norte — fossem instrumentos nas mãos de Deus para a punição da apóstata igreja de Roma, não estaria em nossos planos apresentá-los. Mas como eles aparecem como nada mais do que o juízo de Deus contra o completo mundanismo de todas as ordens do sacerdócio católico, vamos tomar uma breve nota.

Originalmente, eles vieram das margens do Báltico, na Dinamarca, Noruega e Suécia. Provavelmente eles era uma mistura dos godos, dinamarqueses, noruegos, suecos e frísios. Mas, embora compostos de tantas diferentes tribos, todos concordavam quanto ao mesmo objetivo principal — saquear e matar. Seus pequenos reis e chefes eram piratas experientes, e os mais ousados que já infestaram os mares ou as margens da Cristandade Ocidental. Eles empurravam seus barcos leves rio acima até onde podiam ir, queimando, matando e saqueando onde quer que chegassem.

"Das margens do Báltico", diz Milman, "das ilhas escandinavas, dos golfos

e lagos, suas frotas velejavam para onde a maré ou a tempestade os levassem. Eles pareciam desafiar, em suas embarcações mal formadas, o mais selvagem clima, a fim de poderem desembarcar nas margens mais inacessíveis, a fim de encontrar seu caminho até os riachos mais estreitos e os rios mais rasos. Nada estava seguro, nem mesmo no coração do país, da repentina aparição desses selvagens implacáveis". Eles foram chamados de "os árabes do mar", mas, diferente dos muçulmanos, eles não lutavam uma guerra religiosa. Eles eram pagãos ferozes, e seus deuses, assim como eles próprios, eram guerreiros e piratas. O saque, e não a propagação da fé, era o objetivo deles. O castelo ou o monastério, o senhor nobre, o bispo ou o monge, eram todos iguais aos seus olhos, desde que se pudesse obter um rico montante. As propriedades religiosas, especialmente na França, foram as que mais sofreram. A riqueza e a posição indefesa dos monastérios os tornavam os principais objetivos de ataque.

Um dia de retribuição tinha chegado. A mão de Deus pesava sobre aqueles que chamavam a si mesmos de Seu povo. Sua ira parecia queimar. A igreja tinha agora de pagar caro por sua grandeza e glória mundana. Tinha sido sua ambição por séculos, e Carlos Magno tinha elevado o clero a grande riqueza e honra mundana. Mas, mal eles sentaram em seus palácios e a maré de invasão bárbara começou a assolar o império e a depredar os edifícios religiosos. Quanto mais rica a abadia, mais tentadora a presa, e mais implacável era a espada do bárbaro. Ignorantes das diferentes ordens do clero, eles massacravam indiscriminadamente. Fogo e espada eram as armas que usavam ao longo de suas carreiras. "A França estava coberta de bispos e monges que fugiam de seus claustros arruinados, seus monastérios incendiados, suas igrejas desoladas, levando consigo as preciosas relíquias dos seus santos, e assim aprofundando o pânico universal, e pregando o desespero por onde quer que fossem."

A fim de obter paz com os normandos, que forçaram seu caminho até o rio Sena, e por dois anos sitiaram a cidade de Paris, Carlos, o Simples, da França, cedeu o ducado da Normandia ao líder deles, Rollo, em 905. Assim o pirata do Báltico abraçou a religião cristã, tornou-se o primeiro Duque da Normandia e um dos doze nobres associados da França. William, conquistador da Inglaterra em 1066, foi o sétimo Duque da Normandia.

A **Inglaterra**, assim como a França, foi muito assediada e desolada pelos nórdicos. A primeira descida, que foi severamente sentida, aconteceu por volta do ano 830. Desde aquele tempo essas invasões foram incessantes. E ali, assim como na França, encontraram o mais rico saqueio nos monastérios indefesos.

Os santuários foram degradados com fogo e espada. Com o tempo, após a vitória conquistada por Alfredo sobre Guthrum em 878, um grande território foi cedido aos dinamarqueses no Leste da Inglaterra, sob a condição de que abraçassem o cristianismo e vivessem sob leis iguais com os habitantes nativos. Mas a paz assim obtida duraria apenas por um tempo.[6]

O Suposto Fim do Mundo

Nenhum período na história da igreja, ou talvez em toda a história, ou em qualquer país, apresenta uma figura mais tenebrosa do que a Europa cristã ao final do século X. A degradação do papado, o estado corrupto da igreja do lado de dentro, e o número e o poder de seus inimigos do lado de fora, ameaçavam sua completa destruição. Além dos incrédulos islâmicos no Oriente e dos nórdicos pagãos no Ocidente, um novo inimigo — os húngaros — apareceram de repente sobre a Cristandade. Na linguagem forte da história, eles pareciam hordas de selvagens, ou bestas selvagens, soltos sobre a humanidade. Sua origem era desconhecida, mas seu número parecia inesgotável. O massacre indiscriminado parecia ser a única lei deles: a civilização e o cristianismo se secaram diante de sua marcha desoladora, e toda a humanidade estava em pânico.

Além dessas terríveis calamidades, fomes prevaleciam e traziam pragas e pestilência consigo. Supostamente, os mais alarmantes sinais eram vistos no sol e na lua. A predição de nosso Senhor parecia ter se cumprido. *"E haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e sobre a terra haverá angústia das nações em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas. Os homens desfalecerão de terror, e pela expectação das coisas que sobrevirão ao mundo; porquanto os poderes do céu serão abalados"*. Mas, embora essas palavras descrevessem adequadamente o estado das coisas de então, a profecia estava longe de ser cumprida, como nosso Senhor imediatamente acrescenta: ***"Então verão vir o Filho do homem em uma nuvem, com poder e grande glória."*** (Lucas 21:25–27)

Mas, se alguma vez o homem pudesse ser perdoado pela ilusão de acreditar que o fim do mundo tinha chegado, foi nessa época. O clero pregava isso, e o povo acreditava, e isso logo se espalhou por toda a Europa. Foi ousadamente promulgado que o mundo chegaria a um fim quando expirassem os 1000 anos desde o nascimento do Salvador. Por volta do ano 960 o pânico aumentou, mas o ano 999 era tido como o último que qualquer um jamais viveria. Essa ilusão

[6] Robertson, vol. 2, p. 360

generalizada, por meio do poder de Satanás, foi fundamentada em uma total falta de entendimento e falsa interpretação da profecia referente ao reino milenial dos santos com Cristo por 1000 anos. *"Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele durante os mil anos."*(Apocalipse 20:6)

O Ano do Terror

(Continuação da seção anterior)

Os cuidados comuns e afazeres da vida foram deixados de lado. A terra para o cultivo foi abandonada; pois, por que arar, por que semear, se ninguém seria deixado para colher? Foi permitido que casas caíssem na deterioração; pois, por que construir, por que reparar, por que se incomodar com as propriedades, se daqui a alguns meses todas as coisas terrenas terão um fim? A história foi negligenciada; pois, para que relatar eventos, quando não se esperava que uma posteridade fosse ler os registros? O rico, o nobre, os príncipes, os bispos, abandonaram seus amigos e famílias e correram para as margens da Palestina, persuadidos de que o Monte Sião seria o trono de Cristo quando descesse para julgar o mundo. Grandes somas de dinheiro foram doadas às igrejas e monastérios, como se fossem assegurar uma sentença mais favorável do supremo Juiz. Reis e imperadores imploravam nas portas dos monastérios para serem admitidos como irmãos da ordem sagrada; multidões de pessoas comuns dormiam nas varandas dos edifícios sagrados, ou pelo menos sob suas sombras.

Mas, entretanto, as multidões deviam ser alimentadas. O último dia dos 1000 anos ainda não tinha chegado. Mas não havia comida, e o milho e o gado tinham se esgotado, e nenhuma provisão tinha sido feita para o futuro. As condições extremas mais terríveis foram suportadas, revoltantes demais para serem repetidas aqui. Mas o "dia da desgraça"se aproximava cada vez mais. A última noite dos 1000 anos chegou: uma noite sem sono em toda Europa! A imaginação é suficiente para pintar o doloroso quadro. Mas, em vez de alguma extraordinária convulsão, que todos esperavam trêmulos, a noite passou como todos as outras noites, e de manhã o sol lançou seus raios com a mesma tranquilidade de sempre. As multidões espantadas, mas então aliviadas, começaram a voltar para suas casas, a repararem seus edifícios, a arar, a semear e a continuar com suas ocupações anteriores.

Assim terminaram os primeiros mil anos da história da igreja; o dia mais sombrio no reinado de Jezabel e nos anais da Cristandade.

Capítulo 18

Europa (1000 d.C.–1110 d.C.)

O Espírito de Construção de Igrejas Reavivado

O início do século XI foi marcado por grande atividade na reparação e construção de igrejas[1]; e, se não fosse pelos muitos usos em que essas edifícios sacros foram aplicados pela população pobre, eles mal poderiam ser dignos de nota. Podemos razoavelmente supôr que, durante os últimos trinta ou quarenta anos, tenha havido pouca disposição para se engajar nessas obras. Mas quando a terrível noite se passou, e quando o primeiro dia do ano 1001 brilhou sobre o mundo, as esperanças de todas as nações reviveram. As mentes dos homens tinham alcançado, com o fim do século X, o ponto mais baixo; mas, à partir dessa data, uma manifesta melhoria era aparente: e a primeira atenção deles foi dada aos edifícios sagrados, por cujas virtudes, como acreditavam, o juízo foi afastado, e o favor do céu restaurado.

Esse **sentimento supersticioso** foi, sem dúvida, o que levou a esses grandes esforços e resultados arquitetônicos que caracterizam esse período. Muitos deles ainda estão de pé para atestar a grandeza do plano e a solidez da obra. "As fundações eram largas e profundas, as paredes de imensa espessura, telhados íngremes e altos, para evitar a chuva e a neve... Altos pilares suportavam a abóbada elevada, em vez dos telhados planos dos dias passados. A grande torre quadrada, que tipificava resistência à agressão mundana, foi trocada pelo alto e gracioso pináculo, que apontava encorajadamente para o céu."[2]

[1] N. do T.: aqui no sentido de edifícios nos quais cristãos se reuniam, e não no sentido da igreja como corpo de Cristo ou como assembleia reunida somente ao nome do Senhor em uma localidade.

[2] Eighteen Christian Centuries (Dezoito Séculos Cristãos), por James White.

Mas não devemos supôr que os usos e propósitos desses enormes edifícios eram meramente usados como lugares de adoração pública. A **igreja da vila** nos tempos medievais equivalia a vários edifícios separados em nossos dias. Era grande o bastante para permitir que a maior parte da população vagasse em seus corredores. As casas dos pobres eram, então, cabanas miseráveis, sem janelas, nas quais eles se retiravam para dormir. Mas o edifício vasto e bonito consagrado pela religião era a mansão do pobre, onde ele passava o seu tempo de lazer, e onde sentia que tudo aquilo pertencia a si mesmo. Era como a praça da cidade, o mercado, a sala de imprensa, a escola e o lugar de encontro de amigos, tudo em um lugar só. Nós, que vivemos nas confortáveis casas do século XIX[3], não podemos ter nem ideia dos usos e conveniência de tais edifícios. Mas tudo tendia, como todo o resto naqueles tempos, a aumentar o poder do clero e a servidão do povo. Não só o santuário era santificado como também os padres tornaram-se glorificados, e, aos olhos do povo, possuíam muito mais dignidade do que os reis.

O Reavivamento da Literatura

O início do século XI não foi apenas famoso pela difusão de grande habilidade arquitetônica, mas também de energias renovadas da mente humana nos vários departamentos da aprendizagem. A longa, aborrecida e inquestionável crença de eras seria então perturbada por uma investigação livre e saudável.

A energia intelectual da Europa, dizem, esteve em condição de decadência gradual desde o século V até metade do século VIII, e embora a condição das ilhas britânicas e os trabalhos do **venerável Beda** possam parecer fornecer alguma exceção à regra geral, foi nesses tempos que a ignorância alcançou seus limites mais amplos e obscuros. Bede, como podemos observar de passagem, é referenciado como o homem que mais eminentemente merecia ser chamado de professor da Inglaterra. Ele nasceu no ano 673, na vila de Jarrow, na Nortúmbria; ele foi um monge e um padre, mas um homem muito devoto, laborioso e piedoso: a instrução aos jovens foi um dos grandes objetivos de sua vida, no qual perseverou até suas últimas horas: ele morreu em meio aos seus amados acadêmicos, em 26 de maio de 735.[4]

[3]N. do .T.: O autor viveu no seculo XIX na Inglaterra.
[4]Neander, vol. 5, p. 197.

O Reavivamento das Letras pelos Árabes

Encontramo-nos agora com um fenômeno um tanto curioso e inesperado na história da literatura durante essa Idade das Trevas, e embora possa não dizer respeito propriamente à linha de nossa história da igreja, é interessante e importante demais para ser ignorado. Os professos mestres da Cristandade estavam, nessa época, como é bem conhecido, mergulhados nas profundezas da ignorância. Mas descobrimos que os sarracenos tinham se levantado para ser os estudantes e os mestres da literatura nacional da Grécia. E este era o marcante estado das coisas no início do século XI.

Já vimos que no século VII os companheiros e sucessores de Maomé desolaram a face da terra com seus exércitos, e a obscureceu pela sua ignorância e pelos atos de barbárie atribuídas a eles — tais como o incêndio da biblioteca de Alexandria, o que atestava seu desprezo pelo aprendizado, e a aversão pelos monumentos que destruíam. No século VIII eles parecem ter se estabelecido nos países que subjugaram e, com as vantagens de um clima mais agradável e um solo mais rico, começaram a estudar as ciências e os conhecimentos úteis. "No século IX", diz o decano Waddington, "sob o favor de um sábio e magnânimo califa, eles aplicaram o mesmo ardor pela busca de literatura que tinham até então pelos exércitos e armas. Amplas escolas foram fundadas nas principais cidades da Ásia, Bagdá, e Cufa, e Bassora; numerosas bibliotecas foram formadas com cuidado e diligência, e homens de erudição e ciência foram solicitamente convidados para a esplêndida corte de Almamunis. A Grécia, que tinha civilizado a república romana, e estava destinada, em eras posteriores, a iluminar as extremidades do Ocidente, foi então chamada a tornar o fluxo de seu conhecimento em direção ao seio estéril da Ásia; pois a Grécia ainda era a única terra que possuía uma literatura original. Suas produções mais nobres foram então traduzidas para a língua dominante do Oriente, e os árabes tiveram prazer em perseguir as especulações, ou a se submeter às regras, de sua filosofia.

"O impulso assim dado ao gênio e indústria da Ásia foi comunicado com inconcebível rapidez ao longo das margens do Egito e da África até as escolas de Sevilha e Córdova; e o choque não foi menos sentido por aqueles que o receberam por último. Dali em diante o gênio da erudição acompanhava até mesmo os exércitos dos sarracenos. Eles conquistaram a Sicília; desde a Sicília invadiram as províncias ao sul da Itália e, como que para completar a excêntrica

revolução da literatura grega, a sabedoria de Pitágoras foi restaurada na terra de sua origem pelos descendentes dos guerreiros árabes."[5]

A Erudição dos Árabes é Importada para a Cristandade

O **papa Silvestre II**, que ocupava a cadeira de São Pedro quando nasceu a primeira manhã do século XI sobre a Europa, formou o elo entre a sabedoria e erudição dos árabes e a ignorância e credulidade dos romanos. Ele tinha estudado nas escolas muçulmanas na cidade real de Córdova, onde tinha adquirido muito conhecimento útil quanto a esta vida, os quais ele começou a ensinar e praticar em Roma. Mas **tal era a sombria superstição do povo** em geral que eles atribuíram suas grandes conquistas às artes mágicas, e acreditavam que tais poderes podiam apenas ser possuídos através de um pacto com o maligno. Por eras após o papa Silvestre ele foi lembrado com horror, como se o trono de São Pedro tivesse sido ocupado por um necromante. Mas à medida que o tempo passou e as trevas do século X ficavam cada vez mais para trás, ergueu-se uma raça de homens que eram distintos, não apenas por grandes realizações filosóficas, mas também pelo estudo das Sagradas Escrituras e pela devoção ao progresso do cristianismo. Pessoas aprendendo a ler e a buscar o significado das palavras, naquele tempo, especialmente em conexão com os escritos sagrados, foram bênçãos para a humanidade. A superioridade do século XI sobre o século X deve ser atribuída principalmente **às melhorias e avanços no aprendizado, como um meio nas mãos do Senhor para a bênção do povo**.

Mas devemos nos ocupar com mais algumas palavras sobre Silvestre. Seria injusto deixar um homem tão importante e tão bom sob a escura sombra dos preconceitos do povo. Ele é mencionado pela história esclarecida e imparcial como o mais eminente prelado de sua época. Seu nome próprio era **Gerbert**. "De erudição sem igual, e de piedade irrepreensível, foi Gerbert de Ravena", diz Milman. Ele foi tutor, guia e amigo de Roberto, o filho e sucessor do rei Hugo Capeto, que, por uma grande mas silente revolução, foi levado ao trono da imbecil raça de Carlos Magno no ano 987. O pupilo real parece ter tirado proveito das instruções de Gerbert. Ele subiu ao trono da França por volta do ano 996, e reinou até o ano 1031. Ele foi um grande amigo do aprendizado e

[5] História, de Waddington, vol. 2, p. 44.

da erudição, morreu em lamentos e foi apelidado de “o Sábio”. Em 998 Gerbert foi apontado como papa por Oto III, Imperador da Alemanha, quando tomou o nome de Silvestre II. Ele morreu em 22 de maio de 1003.

Traços da Linha Prateada da Graça de Deus (Parte 1)

Estêvão, o príncipe mais piedoso da Hungria, foi batizado por Adalberto, bispo de Praga, e começou a reinar no ano 997. Ele foi um apoiador muito zeloso do evangelho, das escolas e da obra missionária. Ele muitas vezes acompanhava os pregadores, e às vezes ele mesmo pregava. Sua piedosa rainha, **Gisla**, filha de Henrique III, o auxiliava muito. Ele também introduziu muitas reformas sociais, era gentil para com os pobres, e tentou suprimir toda a impiedade ao longo de seus domínios. Ele viveu para ver, sob a bênção de Deus, toda a Hungria tornar-se cristã exteriormente. Ele morreu no ano 1038. Uma mudança de governo trouxe perseguição, e os piedosos obreiros tiveram sua boas obras interrompidas.

Otingar, um bispo da Dinamarca, e **Unwan**, bispo de Hamburgo, eram sinceros e devotos servos de Cristo, e usados por Ele para a disseminação da verdade. **João**, um escocês, bispo de Mecklenburgo, batizou um grande número de eslavônios, mas os prussianos resistiram a todas as tentativas de introdução do evangelho entre eles. **Boleslau**, rei da Polônia, tentou evangelizá-los pela força, mas em vão. Os dezoito missionários, sob um homem chamado Bonifácio, foram trabalhar entre os prussianos por meio do pacífico evangelho, mas foram todos massacrados por aquele povo bárbaro. Eles parecem ter sido a última das nações europeias a se submeterem ao jugo de Cristo. O cristianismo não teve força na Prússia até o século XIII.

O reinado de **Olavo** [também conhecido como “o Tesoureiro”], que se tornou rei da Suécia próximo ao fim do século X, tendo morrido por volta de 1024, foi famoso pela propagação do evangelho naquele país. O zelo do clero inglês abraçou a oportunidade, e muitos deles saíram a pregar o evangelho na Suécia. Dentre eles estava **Sigfrido**, arquidiácono de York, que trabalhou por muitos anos entre os suecos. Mas o zelo de Olavo levou-o a usar medidas violentas na disseminação do cristianismo, e excitou um ódio geral contra ele entre os adeptos da antiga religião. Após muitas lutas e muito derramamento de sangue, a religião cristã foi firmemente estabelecida por volta do final do século XI. O número de igrejas na Suécia aumentou para cerca de 11.000.

O progresso do evangelho na Noruega tinha sido lento desde o tempo da missão de Ansgário; mas quando **Olavo**, filho de Haroldo, tornou-se rei em 1015, determinou-se a continuar a boa obra com grande zelo. Muitos missionários foram convidados da Inglaterra, tendo a sua frente um bispo chamado **Grimkil**, que elaborou um código de leis eclesiásticas para a Noruega. Mas o rei buscou aplicar o sistema — tão comum naqueles dias, mas sempre o sistema romano — de fazer prevalecer o cristianismo por meios tais como a confiscação e punições corporais severas, mesmo até a morte. Assim, ele muitas vezes teve de encontrar resistência armada. Finalmente, uma conferência foi marcada. O rei e seu missionário, Grimkil, se encontraram com o sacerdote pagão em Dalen, em 1025. Conta-se que Olavo passou uma grande parte da noite em oração. O deus Tor, que era representado como superior ao Deus cristão pois podia ser visto, foi trazido ao lugar da conferência. Quando se encontraram de manhã, o rei apontou para o sol nascente como uma testemunha visível de que seu Deus tinha criado aquilo; e, enquanto os pagãos contemplavam seu brilho, um enorme soldado ergueu sua clava e quebrou o ídolo em pedaços. Um enxame de criaturas repugnantes, tendo sido perturbadas, saíram de dentro da estátua e correram para todos os lados, e então os homens de Dalen foram convencidos de quão vã era a velha superstição, e concordaram em serem batizados. Olavo foi, mais tarde, morto em uma guerra civil, mas surgiram rumores de que seu sangue tinha curado uma ferida na mão do guerreiro que o matou; e muitos outros milagres lhe foram atribuídos. Ele foi canonizado, e Santo Olavo foi eleito o patrono da Noruega.

Os triunfos do evangelho foram especialmente visíveis na **Dinamarca**, próximo ao fim desse século. "Olhem", disse Adão de Brema, que escreveu no ano 1080; "Olhem para essa **tão feroz nação dos dinamarqueses**; já a um longo tempo estão acostumados a celebrar os louvores de Deus. Olhem para esse povo pirata; eles estão agora contentes com os frutos de seu próprio país. Olhem para essa região horrível, antigamente completamente inacessível por conta da idolatria; eles agora admitem com entusiasmo os pregadores da Palavra". A história representa os dinamarqueses e os ingleses como desfrutadores de uma espécie de cena milenar nessa época, por meio dos efeitos das obras missionárias. Em confiança e caridade mútuas, **eles estavam desfrutando juntos das bênçãos do cristianismo**. Isto deve ter sido, de fato, maravilhoso e surpreendente para aqueles que tinham conhecido a selvagem barbárie dos dinamarqueses que tinha antigamente desolado as habitações dos ingleses. Estes eram **os pacíficos triunfos do evangelho de Cristo**. A pregação da cruz, realizada com a energia

do Espírito Santo, certamente terá como efeito tais mudanças benditas e salutares nas mais rudes pessoas. **O evangelho não apenas emancipa a alma imortal da escravidão e condenação do pecado, como também melhora grandemente a condição do homem nesta vida**, e difunde pelo mundo os preceitos da paz, ordem e bom governo. Esses são os efeitos nativos do evangelho, que muitas vezes são prejudicados pela inimizade natural do coração, especialmente por aqueles que têm a espada ao seu lado.

Traços da Linha Prateada da Graça de Deus (Parte 2)

Lanfranco e Anselmo são nomes famosos na história da igreja dessa época, embora não tanto para a graça quanto para a erudição e controvérsia: ambos foram arcebispos da Cantuária. Ambos tinham sido monges e celebrados mestres nessa humilde classe. Mais de quatro mil estudiosos assistiram as preleções de Lanfranco quando era monge em Caen. Anselmo era de igual reputação na Normandia. Nanfranco, no entanto, tem a nada invejável reputação de confirmar, por sua grande influência e erudição, o dogma da transubstanciação. Nas trevas do século X essa doutrina fez sua primeira aparição autoritativa na igreja. Esse dogma foi atacado por **Berengário** de Tours, que usou todas as forças de sua mente e todos os recursos ao seu alcance para demonstrar a falta de credibilidade do dogma. Mas Lanfranco o defendia, e tendo a maioria do clero ao seu lado, Berengário foi rejeitado, despojado de todos os seus privilégios e condenado a uma rigorosa seclusão pelo resto de sua vida. O berengarismo tornou-se um termo de reprovação e foi considerado heresia. Assim o misterioso dogma da **Presença Real** [de Cristo na Eucaristia] foi estabelecido por volta da metade do século XI. Lanfranco morreu em 1089. Guilherme, o Ruivo, apontou Anselmo como seu sucessor. Ele tem a reputação de ser um cristão sincero e muito irrepreensível em sua vida. Ele morreu em 1109, no décimo sexto ano de seu arcebispado, e aos 76 anos de idade. Ambos Lanfranco e Anselmo, como mal precisamos dizer, foram zelosos apoiadores do poder de Roma.

Margaret, rainha da Escócia, foi evidentemente um canal divino da graça de Deus naqueles dias, não obstante o legalismo do papado. Ela era filha de Etelredo e irmã de Edgar, o Atelingo, o último da linhagem de príncipes saxônicos. A agressividade e a profanação dos príncipes normandos, especialmente de Guilherme, o Ruivo, levou Edgar e Margaret a buscar um retiro seguro na Escócia. O **rei Malcolm Canmore** se casou com a princesa inglesa. As coisas

mais maravilhosas são relatadas sobre sua piedade, liberalidade e humildade. Seu caráter era perfeito para lançar um brilho sobre uma época mais pura. Ela teve com Malcolm seis filhos e duas filhas. Três de seus filhos reinaram sucessivamente, e sua filha, Matilda, foi esposa de Henrique I da Inglaterra, e era considerada uma cristã piedosa.

Como a vida e o caráter de Margaret nos darão uma visão melhor do cristianismo romano em um de seus mais brilhantes exemplos do que poderíamos descrever, citaremos algumas passagens reais de sua vida. "A senhora real, que foi honrada com a canonização, embora muito supersticiosa, e de certo modo ostentosa em seus atos de beneficência, possuía, no entanto, muitas eminentes virtudes, e deve ser classificada entre as melhores de nossas rainhas. Ela exerceu ilimitada influência sobre seu bravo, porém iletrado, marido, que, embora incapaz de ler seus livros de devoção, era fervorosamente acostumado a beijá-los. Toda manhã ela preparava comida para nove órfãos, e de joelhos dobrados os servia. Com suas próprias mãos ela servia à mesa a multidões de pessoas indigentes que se reuniam para compartilhar da doação; e à noite, antes de se retirar para a cama, ela dava ainda mais impressionante prova de sua humildade ao lavar os pés de seis deles. Ela estava frequentemente na igreja, prostrada perante o altar, e ali, com soluços e lágrimas e orações prolongadas, ela se oferecia a si mesma como sacrifício ao Senhor. Quando chegava a época da Quaresma, além de recitar ofícios particulares, lia todo o livro dos Salmos duas ou três vezes em um mesmo dia. Antes de participar da missa pública, ela se preparava para a solenidade ouvindo de cinco a seis missas privadas, e quando todo o serviço religioso acabava, ela alimentava 24 dependentes e assim demonstrava sua fé por suas obras. Enquanto esses não estivessem satisfeitos ela não se retirava para sua própria pequena refeição. Mas com todo esse desfile de humildade, havia também uma igual exibição de orgulho. Seu vestido era lindo, seu séquito enorme e sua comida devia ser servida em pratos de ouro e prata, algo inédito na Escócia até seu tempo.

"Afortunada de ter obtido uma boa educação, Santa Margaret gostava particularmente de demonstrar sua erudição e conhecimento das Escrituras. Ele frequentemente discursava com o clero da Escócia sobre questões teológicas e, através de sua influência, a Quaresma passou a ser observada de acordo com a instituição católica. Ele fez um bom serviço à religião e virtude de muitas formas; mas a vida dessa boa rainha foi encurtada pela severidade de seus jejuns, que pouco a pouco minaram sua saúde... Ela estava deitada, desgastada e moribunda, com o crucifixo diante de si, quando seu filho, Edgar, chegou da

batalha de Alnwick. 'O que aconteceu com o Rei e com meu Eduardo?', disse a mãe moribunda. O jovem rapaz ficou em silêncio. 'Eu sei de tudo', gritou ela, 'Eu seu de tudo. Pela santa cruz, pela seu afeto de filho, conjuro-te, diga-me a verdade.' 'Seu marido e seu filho, ambos estão mortos', disse o rapaz. Erguendo suas mãos e seus olhos para o céu, ela devotamente disse, 'Louvor e bênção seja para Ti, Deus Todo-Poderoso, que tens prazer em me fazer suportar uma angústia tão amarga na hora de minha partida, e confio que isso seja para me purificar em alguma medida das corrupções dos meus pecados e Tu, Senhor Jesus Cristo, que, através da vontade do Pai, deu vida ao mundo por Tua morte, oh, liberta-me!' Enquanto as palavras ainda estavam em seus lábios, ela suavemente expirou."[6]

Reflexões sobre o Espírito Missionário de Roma

Temos visto, ao traçar a boa obra do evangelho em diferentes países, a atividade, energia e o caráter agressivo da igreja de Roma. E embora houvesse uma terrível quantidade de tradição humana e muitas tolices absurdas misturadas ao "evangelho de Deus", ainda assim o nome de Jesus Cristo era proclamado, e a salvação por meio dEle, **embora, infelizmente, não por Ele somente**. No entanto, **Deus em graça podia usar esse bendito nome** e dar os olhos de fé para ver sua preciosidade **em meio ao lixo da superstição romana**. O evangelho de Cristo pleno e claro tinha se perdido completamente. Não era mais Cristo apenas, mas Cristo e mil outras coisas. Eles eram eloquentes em pregar boas obras, mas, ao mesmo tempo, obscureciam a fé da qual toda a boa obra deveria emanar. **"Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo"**; **"Olhai para mim, e sereis salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro"**; **"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei"**; **"O que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora"**. (João 1:29). Textos como esses dão uma ideia de um evangelho que traz almas para o Próprio Cristo, **pela fé somente**; não a Cristo e aos ritos e cerimônias inumeráveis, antes da alma poder ser salva. Ser convertido ao Próprio Cristo é a melhor de todas as conversões. **Descansar sobre a infalível eficácia do sangue de Cristo é salvação certa e segura para a alma, e perfeita paz com Deus.**

Havia, sem dúvida, muitos homens bons e sinceros no campo missionário,

[6]A História da Igreja da Escócia, de Cunningham, vol. 1, p. 97; Milner, vol. 2, p. 566; Robertson, vol. 2, p. 441.

cujo estado espiritual poderia ter sido muito melhor do que sua posição eclesiástica, e a quem Deus poderia ter usado para ganhar almas preciosas para Si. Mas não pode haver dúvida de que o espírito dos missionários de Roma eram mais de proselitismo para a igreja de Roma do que para a fé e obediência a Cristo. O batismo e a implícita e inquestionável sujeição à autoridade do papa era a exigência feita a todos os convertidos, fossem governadores ou súditos. **Não buscava-se a fé em Cristo**. A ambição da Sé Romana era abraçar o mundo todo e, no que diz respeito à Europa, toda confissão pública de cristianismo que professasse independência da dominação romana deveria ser imediatamente suprimida, e totalmente destruída.

Exatamente nessa época, um monge de origem humilde, mas do mais extraordinário caráter, apareceu em cena. Nele foram cumpridos todos os sonhos de domínio da mente humana. Até então a missão do papado nunca tinha sido totalmente cumprida. Mas como nunca houve um papa assim até então, e nunca mais houve um assim desde então, devemos esboçar brevemente sua incomparável carreira.

Capítulo 19

O Papa Gregório VII (1049—1085 d.C.)

O Pontificado de Gregório VII

Hildebrando, um nativo da Toscana, nascido na primeira parte do século XI, tinha abraçado, desde de sua infância, as mais rígidas ideias do monasticismo. Não satisfeito com o laxismo[1] dos monges italianos, ele cruzou os Alpes e entrou para o austero convento de Cluny, na Borgonha, então o mais importante em números, riqueza e piedade.

No ano 1049, **Bruno, bispo de Toul**, vestido com todo o esplendor de um pontífice eleito, e acompanhado pelo séquito[2], chegou em Cluny e exigiu a hospitalidade e homenagem dos monges. Bruno era primo de Henrique III, imperador da Alemanha, e tinha sido nominado por ele para preencher o lugar vago na Sé de Roma. Hildebrando, o prior[3] de Cluny, logo adquiriu grande influência sobre a mente de Bruno. Ele o convenceu de que tinha tomado um passo em falso ao ter aceitado a indicação das mãos de um leigo, e sugeriu-lhe que deixasse de lado as vestimentas pontificais que ele tinha assumido prematuramente, viajasse a Roma como peregrino, e ali recebesse do clero e do povo esse ofício apostólico que nenhum leigo tinha o direito de conceder. Bruno concordou. As visões sublimes de Hildebrando sobre a dignidade eclesiástica preva-

[1]Laxismo: doutrina, tendência ou comportamento que busca suavizar ou limitar as restrições e imposições colocadas pela moral cristã.

[2]Séquito: conjunto das pessoas que acompanham outra(s); cortejo que acompanha uma pessoa, ger. distinta, para servi-la ou honrá-la; comitiva.

[3]Prior: pároco; superior de um convento ou de certas ordens religiosas.

leceram sobre a mente mais genial de seu novo amigo. Ele seguiu seu conselho: tirou suas vestes e, tomando o monge como seu companheiro, seguiu sua jornada a Roma com a simplicidade de um peregrino.

A impressão produzida foi grande, e toda em favor de Bruno. Nenhuma demonstração sacerdotal ou imperial podia ter tido o mesmo poder sobre o povo. Dizem que milagres acompanharam seu caminho, e por suas orações rios caudalosos se contiveram em seus limites naturais. Ele foi aclamado com aclamações universais como Papa Leão IX. Hildebrando foi imediatamente recompensado por seus serviços. Ele foi elevado à classe de cardeal, e recebeu os ofícios de subdiácono de Roma com outros preferenciais. Desde esse tempo ele era praticamente um papa — o verdadeiro diretor do papado.

Extremos de Caráter

Exatamente neste ponto de nossa história encontramos, através da **sutileza de Satanás**, os caracteres mais extremos e opostos. O único objetivo de Hildebrando era subjugar o mundo exterior; as autoinfligidas crueldades dos outros deveriam subjugar o mundo dentro de si mesmos.

Pedro Damiano, bispo de Óstia, era severamente ascético [voltado ao monasticismo]. Ele se reclusava em roupas de saco, fazia jejuns, vigiava, orava e, tentando domar suas paixões, podia se levantar à noite, ficar por horas debaixo de uma corrente de água até que seus membros ficassem rígidos de frio, e depois passava o resto da noite visitando igrejas e recitando o Saltério[4]. O objetivo declarado pelo qual ele tanto trabalhava era a restauração da dignidade do sacerdócio e uma disciplina da igreja mais rigorosa. Tal é o poder delusório do inimigo dentro da igreja de Roma.

Mas um monge, chamado **Domínico**, foi considerado o grande herói dessa guerra contra o pobre e inofensivo corpo. Satanás escondeu dessa dupla a diferença entre o corpo e as obras do corpo. Domínico usava, próximo à pele, uma apertada couraça de ferro, a qual ele nunca tirava. Seu pescoço era carregado de pesadas correntes, suas poucas roupas eram desgastadas como trapos, sua comida era das mais grosseiras, sua pele era tão escura como a de um negro pelos efeitos de sua disciplina. Seu exercício usual era recitar o Saltério duas vezes por dia, enquanto se flagelava com as duas mãos a uma frequência de mil chicota-

[4]Saltério: Livro dos Salmos

das a cada dez salmos. Era reconhecido que 3000 chicotadas eram equivalentes a um ano de penitência; o Saltério inteiro, portanto, com esse acompanhamento, era equivalente a cinco anos. Na Quaresma, ou em ocasiões de penitência especial, a média diária subia para três saltérios; ele "facilmente" (?) passava por vinte — equivalente a cem anos de penitência — em seis dias. Certa vez, no início da Quaresma, ele implorou para que uma penitência de mil anos fosse-lhe imposta, e cumpriu toda ela antes da Páscoa.

Supunha-se que essas flagelações tivessem o efeito de uma satisfação pelos pecados de outras pessoas — obras de supererrogação[5], que formavam o capital para a venda de **indulgências**, das quais ouviremos mais no decorrer da história. A morte misericordiosamente pôs um fim aos seus lamentáveis delírios no ano 1062.

Tomemos mais um exemplo da vida eclesiástica, uma vez que **Satanás encontrou algo adequado a todos os gostos**.

Os clérigos mundanos tinham o hábito de comparecer junto às tropas de soldados, com espadas e lanças. Eles se cercavam de homens armados como um general pagão. Todos os dias desfrutavam de banquetes reais e desfiles diários; a mesa cheia de iguarias; os convidados, seus voluptuosos favoritos. Crime e licenciosidade eram comuns nos palácios do clero. Tão grande era a iniquidade de Roma no século X que os historiadores, em consenso geral, colocam um véu sobre isso pelo bem de nossa humanidade comum. Será que as pessoas que corriam para Roma sabiam que, durante um período de um século e meio, por volta dessa época, eram tão terríveis as cenas do Vaticano, a ponto de "dois papas terem sido assassinados, cinco foram exilados, quatro foram depostos, e três renunciaram a sua perigosa dignidade. Alguns foram levados à cadeira pontifical pelas armas, alguns por dinheiro, e alguns receberam a tiara das mãos de cortesãs principescas... Seria herege dizer que as portas do inferno tinham prevalecido contra o trono e o centro do catolicismo; mas o próprio Barônio pode ser citado para provar que eles tinham recuado de suas articulações infernais para enviar espíritos malignos, comissionados para esvaziar sobre sua cabeça devota os frascos de amargura e ira."[6]

Passamos agora ao objeto imediato de nossa história — a carreira de Hildebrando como Gregório VII, de cujos lábios ouviremos um relato de papas

[5]Supererrogação: Demasia, excesso.
[6]Sir James Stephens, Biografia Eclesiástica, vol. 1, p. 2; Milman, vol. 3, p. 103; Robertson., vol. 2, p. 515.

infalíveis muito diferentes dos citados acima.

Gregório e a Independência Clerical

Ainda vai chegar o dia em que o homem, o anticristo de 2 Tessalonicenses 2, energizado e conduzido por Satanás e que "se levanta [se exalta a si mesmo] contra tudo o que se chama Deus, ou se adora", mas certamente na vida e no caráter de Gregório temos uma sombria prefiguração dessa obra-prima do inimigo. Se não fosse pela prova e ilustração das Escrituras sobre os desígnios que Hildebrando alcançou, certamente pularíamos a sua história. Nenhuma linha prateada da graça, nenhum amor humano ou divino, podem ser traçados em um único ato de sua administração pública; mas com grandes palavras inchadas da mais ousada blasfêmia, ele chama a si mesmo de sucessor de São Pedro, e seguidor de Jesus, e aquele que fala como a boca de Deus. Ao mesmo tempo, é evidente para todos que ele era a própria encarnação do orgulho, arrogância e intolerância anticristã. Sua linguagem às vezes dá a entender que ele assumia ser divino, e quase se aproximava da blasfêmia do homem do pecado.

Desde o momento em que ele entrou em Roma na companhia de Bruno até seu avanço para a cadeira pontifical — um período de 24 anos — ele foi o espírito dominante no Vaticano; mas ele não tinha pressa pela preferência. Com mais do que sagacidade humana ele estava estudando a condição e relações da Igreja com o Estado; ele estava adquirindo um conhecimento sobre o homem e sobre os assuntos de toda a Europa; ele estava amadurecendo um esquema elevado, porém ousado, de uma vasta autocracia espiritual na pessoa do Papa. Tudo isso se manifestou quando subiu ao trono, e assumiu em sua própria pessoa a responsabilidade do poder que ele tinha conduzido a tanto tempo, embora em uma posição inferior. Seu alegado objetivo desde o início era a absoluta liberdade e independência do clero da interferência imperial e de todos os leigos, seja para nominar ou para consagrar um eclesiástico; e, sobre a base de sua liberdade, ele ousadamente afirmou que a autoridade espiritual era mais elevada e mais legítima que a temporal [ou secular]. Essas orgulhosas pretensões levaram a igreja de Roma, na pessoa de seu pontífice, a usurpar domínios sobre o império ocidental e sobre todos os reinos da Europa — ou melhor, do mundo inteiro. Nada melhor para confirmar essas afirmações do que os ditados citados a seguir.

Os “Ditados de Gregório”

As seguintes citações são atribuídas como sendo algumas das máximas de Gregório VII; elas darão ao leitor uma ideia do homem e do espírito do papado. “Está estabelecido que o pontífice romano é o bispo universal, que seu nome é o único desse tipo no mundo. A ele somente pertence o direito da deposição e reconciliação de bispos; e ele pode depô-los em sua ausência, e sem a ocorrência de um sínodo. Somente a ele é permitido enquadrar novas leis para a igreja — e dividir ou unir bispados. Ele somente pode usar as insígnias do império; todos os príncipes são obrigados a beijar seu pé, e ele tem o direito de depôr imperadores e de absolver súditos com base em sua fidelidade. Ele mantém em suas mãos a mediação suprema em questões de guerra e paz, e só ele pode jugar as sucessões contestadas aos reinos — pois todos os reinos são mantidos como fiéis a São Pedro. Com sua permissão, inferiores podem acusar seus superiores. Nenhum concílio pode ser designado como geral sem seu comando. A igreja romana nunca cometeu erros e, como testificam as Escrituras, nunca errará. O papa está acima de todo o julgamento, e pelos méritos de São Pedro é sem dúvida considerado santo. A igreja não deveria ser a serva de príncipes, mas sim sua senhora; se ela recebeu de Deus o poder de ligar e desligar no céu, muito mais deve ter ela igual poder sobre as coisas terrenas.”[7]

Mas enquanto a dominação soberana da igreja tinha há muito tempo sido o grande sonho de Hildebrando, ele viu que certas reformas eram necessárias para o cumprimento de seu objetivo; e a este ele agora dedicava-se com toda a energia e firmeza intrépida de seu caráter.

Gregório VII e sua Reforma

Por volta do fim do primeiro ano oficial de Gregório como papa (março de 1074), ele reuniu um numeroso concílio em Roma, com o propósito de declarar guerra contra os dois grandes vícios do clero europeu, e os dois grandes obstáculos para seu esquema teocrático — o concubinato e a simonia, isto é: o casamento de sacerdotes e a venda de benefícios. Muitos que eram favoráveis à reforma achavam o decreto quanto ao celibato não apenas severo, como também injusto, porque se aplicava igualmente aos mais honráveis casamentos e aos de maior desprezo. Foi resolvido no concílio, sem oposição: primeiro, que os padres não

[7] Robertson, vol. 2, p. 567.

deveriam se casar; segundo, que aqueles que estavam casados deveriam deixar suas esposas ou renunciar ao sacerdócio; terceiro, que no futuro ninguém que não professasse continência inviolável deveria ser admitido às ordens sagradas.

Muitos dos primeiros pais se esforçaram para estabelecer a conexão entre o celibato e a santidade, e a persuadir os homens que aqueles que se casaram com a igreja deveriam evitar a contaminação de uma união terrena. Muitos dos papas também defenderam o celibato; mas, a não ser sob a mais severa disciplina pessoal ou nas comunidades monásticas mais estritas, o celibato era pouco observado e provavelmente nunca tenha sido forçado além das fronteiras da Itália. Mas Gregório fez sua voz ser ouvida e temida quanto a esse assunto, desde o Vaticano até os limites mais longínquos da Cristandade latina. Ele escreveu cartas a todos os arcebispos e bispos, aos príncipes, potentados e oficiais leigos de todos os níveis, sob pena de incorrerem em severa punição ou perdição eterna, para que expulsassem e depusessem, sem misericórdia, todos os padres e diáconos casados, e a recusar seus contaminantes ministérios. Esses despachos estavam cheios de anátemas (maldições) contra todos os que resistissem aos seus decretos; e, assumindo o lugar de Deus, ele diz: "Como obterão perdão por seus pecados aqueles que desprezam aquele que abre e fecha as portas do céu a quem ele se agrada? Que todos se cuidem de não invocarem a ira divina sobre suas próprias cabeças. . . .como eles incorrem na maldição apostólica, em vez de ganharem essa graça e bênção tão abundantemente derramada sobre eles pelo bendito Pedro! Que fiquem bem certos que nem príncipe nem clérigo escapará da condenação do pecador em deixar de expelir, com rigor inexorável, todos os padres simoníacos e casados, e todos os que ouvirem ao chamado da simpatia ou afeição carnal, ou por qualquer motivo mundano reterem a espada de derramar sangue pela causa de Deus e de Sua igreja, ou permanecerão distantes enquanto essas heresias condenadoras estiverem roendo os sinais vitais da religião. . . .estes devem ser considerados indiscriminadamente como cúmplices dos hereges, como falsificações e fraudes."[8]

O Celibato e a Simonia

A promulgação desse decreto produziu, bem como concebeu, a maior agitação e angústia possíveis por toda a extensão da Cristandade. Até esse tempo, certo ou errado, o casamento tinha sido a regra, e o celibato a exceção. E a injustiça

[8]Greenwood, Cathedra Petri, vol. 4, p. 331.

do decreto o tornou intolerável, pois o fez cair severamente da posição mais virtuosa para a mais viciosa e estigmatizou a todos como culpados de concubinato. Deixaremos que o leitor imagine o efeito de tal decreto em milhares e dezenas de milhares de famílias felizes. Os detalhes encheriam volumes. O decreto dissolveu os mais honráveis casamentos, rasgou o que Deus tinha unido, espalhou maridos, esposas e filhos, deu origem às mais lamentáveis discussões, e espalhou por todo lugar as piores calamidades. Esposas, especialmente, foram levadas ao desespero e expostas às mais amargas tristezas e vergonhas. Mas quanto mais veemente a oposição, mas altas as anátemas contra qualquer atraso na execução plenária dos comandos do pontífice. Os desobedientes eram entregues aos magistrados civis para serem perseguidos, privados de suas propriedades, e sujeitos a indignidades e sofrimentos de vários tipos. Parte de uma das cartas do papa fala sobre esse ponto: "Aquele cuja carne e sangue mover-se à dúvida ou ao atraso é carnal; este já está condenado; este não tem parte na obra do Senhor; este é um ramo podre, um cão estúpido, um membro cancroso, um servo infiel, um servo do tempo, e um hipócrita."

Mas como nenhum dos soberanos da Europa estavam dispostos a lutar pelas esposas do clero, o papa logo tinha todo o assunto sob seu controle, e muitos dos padres não lamentaram ser libertados das obrigações de seus maus caminhos.

Simonia[9]**.** O conflito decorrente da lei gêmea para a supressão da simonia era mais difícil de lidar; e, tendo sido prolongada por muitos anos, envolvia tanto a igreja quanto o Estado em muitas e grandes calamidades.

A Heresia Simoníaca

No século XI conta-se que o **sistema feudal** atingiu sua maturidade, e o pecado da simonia — ou a venda de benefícios eclesiásticos — atingiu o ápice de sua impiedade. Nesse período a história nos informa que, desde o papado até a menor cura paroquial, toda dignidade espiritual tinha seu preço em dinheiro e tornou-se um objeto de troca ou venda. Mesmo o bispado de Roma era tão notoriamente comprado e vendido nessa mesma época que houve três papas simultâneos: Bento IX, que ficava em Latrão; Silvestre III, que tinha o Vaticano; e Gregório VI, que tinha Santa Maria. Mas as discussões eram tão vergonhosas, e tão feroz era a guerra entre os papas e seus amigos, que os italianos

[9] simonia: compra ou venda ilícita de coisas espirituais (como indulgências e sacramentos) ou temporais ligadas às espirituais (como os benefícios eclesiásticos).

imploraram para que o imperador Henrique III fosse a Roma e examinasse as reivindicações conflitantes dos três pontífices. Um concílio ocorreu em Sutri, por volta do ano 1044, quando as imoralidades mais inéditas e a mais flagrante simonia foram provadas contra os papas diante de Henrique. Qual dos três a alta igreja considerava, então, o legítimo sucessor de São Pedro, isso não sabemos; mas não pode haver dúvida de que eles eram todos descendentes lineares de **Simão, o Mago**, que pensava que o dom de Deus podia ser comprado com dinheiro. **Poucos, muito poucos, eram os verdadeiros descendentes de Simão Pedro, que deixou tudo o que tinha e seguiu a Jesus.**

O mal se espalhou e toda a ordem clerical foi afetada, se não corrompida, pelo pecado prevalecente. Quando o bispo descobria que tinha gasto demais com sua Sé, ele naturalmente aumentava o preço das posições inferiores para indenizar a si mesmo. Assim os grandes prelados da igreja estavam envolvidos no mais degradante tráfico e especulações secularizantes. Nada podia ser mais baixo, e isso abriu a porta da igreja para os piores dos homens. Leigos, sem educação ou religião; bárbaros, sem civilização, compravam ordens sagradas, e forçavam sua entrada nas sagradas fileiras do sacerdócio, e é claro, traziam com eles a pior impiedade do mundo, e as maiores enormidades dos pagãos. A simonia tornou-se, assim, o pecado abrangente desse período, e cada vício surgiu naturalmente dele. Nos esforçaremos agora em verificar sua origem.

O Surgimento e o Progresso da Simonia

Enquanto a igreja era pobre, perseguida e desprezada pelo mundo, não havia compradores de benefícios. Quando um homem perdia seu status mundano ao se tornar um cristão, e expunha-se à prisão e morte, qualquer tráfico de preferências eclesiásticas era desconhecido. Mas após a união da igreja com o Estado, e quando a riqueza do mundo começou a fluir para os cofres da igreja, houve uma grande tentação para entrar na ordem sagrada pelos privilégios e imunidades que isto assegurava. A simonia tornou-se, então, a inevitável consequência do rico dote das maiores Sés.

Nos primeiros dias do episcopado o bispo era eleito pelo clero e pelo povo de sua diocese, mas no decorrer do tempo as eleições episcopais tornaram-se tão importantes que os senhores leigos, e até mesmo os soberanos, eram tentados a interferir, e a finalmente estabelecer e reivindicar o privilégio da nomeação. O próprio Carlos Magno deu o exemplo ao empurrar seus filhos naturais às mais

elevadas dignidades eclesiásticas. O privilégio assim usurpado era logo abusado. Os mais importantes cargos e ofícios, ou eram concedidos aos favoritos, ou publicamente vendidos ao melhor postor, sem consideração pelos interesses da religião, santidade de caráter, ou mesmo qualificações literárias.

A prática universal do feudalismo de dar presentes ao soberano, ou ao senhor vassalo, em todo ato de promoção, era seguida pelos eclesiásticos. Quando um bispo ou abade morria, era comum, em primeiro lugar, comunicar a vacância à corte, e então o anel ou o báculo do prelado ou abade falecido era colocado nas mãos de um superior temporário. O próximo bispo ou abade indicado era obrigado pelo costume geral a apresentar um presente ou reconhecimento; isso necessariamente levava a uma transação que assumia o caráter de uma barganha e venda. O presente ou oferta, que no início era aceito como honorário e voluntário, foi com o tempo exigido como um preço com ganância sem escrúpulos. A isso estava conectada a famosa questão da investidura. O anel, o símbolo de seu casamento com sua diocese; o báculo, o cetro de seu domínio espiritual. Esta investidura transmitia o direito às posses ou dotes seculares do benefício. Isso não presumia consagrar, mas permitia à pessoa consagrada executar seu ofício em uma certa esfera determinada, e sob a proteção e garantia do poder civil.

Muitas das Sés eram dotadas com direitos e royalties soberanos dentro de suas respectivas províncias. Bispados e abadias tinham crescido em principados e governos, e a esses príncipes eclesiásticos a maior parte dos ofícios e concílios do Estado tinham sido confiados. No sistema feudal, bispos tinham se tornado, em todos os aspectos, em posição igual aos dos nobres seculares. "Em toda cidade", diz Milman, "o bispo, se não o primeiro dos homens, estava no mesmo nível que o primeiro; além da cidade ele era senhor dos mais amplos domínios. Arcebispos quase se igualavam a reis; pois quem não teria cobiçado a classe e autoridade de um Hincmar, **arcebispo de Reims**, em vez do fraco monarca carlovíngio?"[10]

Mas o clero superior não ficava em nenhum aspecto atrás dos leigos na prática corrupta da venda de ofícios espirituais sob seu patrocínio. Bispos e abades vendiam suas igrejas [11], sem vergonha ou remorso, para que pudessem pagar suas despesas. Aquilo que tinha sido obtido por meios indignos era empregado para fins indignos. Tal era o terrível estado de coisas tanto na igreja quanto no

[10]Cristianismo Latino, vol. 3, p. 105.
[11]N. do T.: templo

Estado, e tal eram os motivos desprezíveis dos homens para entrar para as ordens sagradas, até que Hildebrando emitiu seu famoso decreto contra todas as práticas simoníacas, e contra todo o direito de investidura concedido por algum soberano secular, príncipe, nobre ou qualquer leigo.

Gregório e as Investiduras (1075 d.C.)

O empossamento formal de um bispo ou abade pela entrega de um anel e um báculo tinha sido algo habitual junto aos imperadores, reis e príncipes da Europa, muito antes do estabelecimento do sistema feudal por Carlos Magno — provavelmente desde os tempos de Clóvis. E até então, se tivermos em mente a relação da igreja com o Estado, e a fonte original do privilégio, parece justo e certo, embora para uma mente espiritual ser uma combinação incompatível dos poderes seculares e espirituais, e ruinosa para ambos. "Quando os primeiros conquistadores do Ocidente", diz Waddington, "conferiram subsídios territoriais à igreja, os indivíduos que viriam a usufruir deles eram obrigados a apresentar-se à corte para jurar lealdade ao rei, e para receber de suas mãos algum símbolo de prova de que os bens foram colocados em sua posse. A mesma cerimônia, de fato, era imposta ao eclesiástico do mesmo modo que ao proprietário leigo ou senhor feudal, e era chamada de investidura. Mais tarde, quando os príncipes tomaram o direito de oferta referente a todos os benefícios valiosos, mesmo daqueles que não tinham sido derivados da recompensa real, eles não introduziam qualquer distinção, fundamentados nas diferentes fontes de receita, mas continuaram a sujeitar aqueles que eles nominavam ao mesmo grau de fidelidade, e à mesma cerimônia de investidura, com os leigos."[12]

No primeiro fervor da conversão, os conquistadores, desde Constantino, tinham o hábito de conceder uma parte de suas recém-adquiridas propriedades a monastérios e igrejas; mas os presentes das sucessivas dinastias eram moderados se comparados aos da casa imperial da Saxônia. Sob os imperadores alemães os bens igreja se acumularam rapidamente e em grande medida. "Nos séculos XI e XII", diz Greenwood, "as propriedades eram possuídas perpetuamente pelas igrejas em grande extensão. Os bispos e abades foram enriquecidos; não, como até então, por presentes de terrenos ou fazendas únicas, mas por concessões de cidades inteiras, e de distritos e condados. Assim Oto I doou ao monastério de **Magdeburgo** várias vilas com seus arredores e distritos rurais

[12]History of the Church, Waddington, vol. 2, p. 70.

pertencentes a elas. Oto II concedeu três vilas pertencentes aos domínios imperiais à igreja de Aschafemburgo, com todas as terras que lhe pertenciam. Os termos da transmissão não parecem ter diferido totalmente dos utilizados em concessões seculares de natureza similar. E, na prática, não obstante o caráter e a ocupação diferente dos beneficiários, as mesmas ideias de natureza e de requisitos da concessão parecem ter sido entretidas tanto pelos vassalos espirituais quanto leigos. Assim bispos e abades vestiam a armadura, montavam seus carregadores, e marchavam para o campo de batalha, liderando seus subvassalos e arrendatários, no cumprimento de seus deveres feudais no que diz respeito às suas terras. Os subvassalos também não podiam ser facilmente movidos até que fossem conduzidos à ação por seus chefes legais.

"Os grandes eclesiásticos, longe de se oporem a essas exigências pouco profissionais, entraram de coração no esporte da guerra, e deram-se no campo de batalha com um grau de proeza marcial que poderia se tornar mais brava que a cavalaria leiga."[13]

Tal era o estado do que pode ser chamado de eleitorado cristão quando Hildebrando emitiu seu memorável decreto contra investiduras leigas; e tal era o direito de uso por parte da coroa de nominar e indicar às maiores dignidades e benefícios eclesiásticos. O plano de Hildebrando era abolir inteiramente até mesmo a mais remota reivindicação de interferência, seja a favor ou contra, por parte dos leigos, em indicações espirituais, e privar o soberano do direito de investidura, com a qual a lei e o costume de séculos o tinha armado, e que ele considerava como a mais preciosa prerrogativa de sua coroa. Essa foi a questão levantada, o prêmio em questão e a grande batalha a ser lutada entre os potentados da Europa e o monge do Vaticano. Gregório então se dirigia à disputa, a maior já travada por uma única pessoa em qualquer era.

Gregório e Henrique IV

O olho perspicaz do vigilante pontífice tinha, por muito tempo, observado o espírito e os movimentos de toda a Cristandade. Ele era bem familiarizado com a vida moral e política e a força e as fraquezas de todas as nações. Ele pode ser visto na guerra espiritual ao lado dos fortes e dobrando toda a sua força contra os fracos. Ele fala com desdém do fraco rei da França, e reivindica o tributo como um direito antigo. Carlos Magno, dizia ele, foi o colecionador de

[13]Cathedra Petri, Greenwood, vol. 4, p. 274.

papas, e concedeu a Saxônia ao apóstolo. Mas para o temido Guilherme da Inglaterra e Normandia sua linguagem é cortesã. O altivo normando manteve sua independência teutônica, criou bispos e abades ao seu bel-prazer, foi senhor absoluto sobre seus eclesiásticos assim como sobre seus senhores feudais.[14]

Na Espanha e nações do norte, Gregório foi mais suntuoso e bem-sucedido, mas foi contra o império que ele concentrou todas as suas forças, e resolveu medir a força do papado com todo o poder de Henrique. Se ele pudesse humilhar o maior e mais orgulhoso dos monarcas — o sucessor dos Césares — a vitória viria sobre todos os outros soberanos.

A juventude e inexperiência de Henrique, as desmoralizantes tendências de sua educação, a revolta dos príncipes germânicos, e os problemas que muitas vezes afligem um país durante uma minoria, encorajou o ousado sacerdote em seus projetos. As decisões do concílio, ocorrido em 1074, contra o pecado universal da simonia e do casamento do clero, foram devidamente comunicadas ao imperador. O astuto papa abraçou a oportunidade de assumir a maior amizade para com Henrique. Ele o admoestou como um pai a retornar ao seio de sua mãe, a santa igreja romana, para governar o império de uma maneira mais digna, para se abster de apresentações simoníacas de benefícios, e para render a devida lealdade ao seu superior espiritual.

O imperador recebeu o legado do papa com cortesia, elogiou seu zelo pela reforma da igreja, e estava completamente mais submisso em seu tom. Mas Gregório não ficou satisfeito com o louvor e o arrependimento aparente. Ele agora desejava permissão, como o árbitro supremo dos assuntos da Alemanha, para convocar concílios ali, pelos quais aqueles acusados de simonia pudessem ser condenados e depostos. Mas nem Henrique nem os bispos concederiam licença aos legados do papa para reunir um concílio na Alemanha para tal propósito. O clero temia sua severa inquisição sobre seus títulos, e o imperador temia que seu próprio patrocínio fosse reduzido. Mas o zelo impaciente do ambicioso padre não toleraria atrasos nem se submeteria a qualquer oposição.

No ano seguinte (1075), ele convocou um segundo concílio em Roma, e procedeu às medidas que ele tinha pretendido cumprir pelos sínodos na Alemanha. À frente de seu clero romano, com homens que se comprometeram a sua causa por interesse e orgulho, ele determinou-se, acima de qualquer risco, a atacar a raiz de todos os abusos compreendidos sob o odioso nome da simonia. Nessa ocasião ele excomungou alguns dos favoritos de Henrique; ele depôs o

[14]Cristianismo Latino, de Milman, vol. 3, p. 121.

arcebispo de Bremen e os bispos de Estrasburgo, Espira e Bamberga, além de alguns bispos lombardos, e cinco da corte imperial, cuja assistência o imperador tinha usado na venda de benefícios. Ele também decretou que "qualquer que conferisse um bispado ou abadia, ou que recebesse uma investidura das mãos de qualquer leigo, deveria ser excomungado". Henrique novamente professou uma medida de penitência, reconheceu a existência da simonia, e suas intenções futuras para desencorajar a prática, mas que ele próprio não pudesse por quaisquer meios ser induzido a desistir do poder de nomear bispos e abades, e da investidura tão intimamente conectada com esse poder. Gregório, por outro lado, exasperado pela desobediência do rei, e por nomear a Sé de Milão e outros bispados sem aguardar a decisão da Sé apostólica, enviou-lhe a mais autoritária convocação para comparecer a Roma, para responder por todas as suas ofensas diante do tribunal do papa, e diante de um sínodo de eclesiásticos; se ele se recusasse ou demorasse, deveria imediatamente sofrer a sentença da excomunhão. O dia 22 de fevereiro foi o dia indicado para seu comparecimento.

"Assim o rei", diz Milman, "o vitorioso rei dos alemães, foi solenemente citado como um criminoso, para responder a acusações indefinidas, para ser passível de leis que o juiz assumiu o direito de decretar, interpretar e impor. Todos os assuntos do império deveriam ser suspendidos enquanto o rei estivesse diante da barreira de seu imperioso árbitro; nenhum atraso era permitido; a alternativa severa e imutável era a humilde e instantânea obediência ou a sentença que envolvia a deposição do império e a perdição eterna".

O imperador, que era um príncipe exultante e de um temperamento ardente, ficando extremamente indignado com esse mandado, tratou-o como um insulto atrevido e imediatamente convocou uma convenção de bispos alemães em **Worms**. Seu objetivo era depor o papa que tinha assim declarado guerra, até a morte, contra ele. Esses clérigos, depois de passarem por muitas censuras sob a conduta de Hildebrando [Gregório], o pronunciaram como indigno de sua posição, o depuseram e marcaram uma reunião para a eleição de um novo pontífice. Gregório, ao receber a sentença pelos mensageiros e cartas do rei, não ficou menos perturbado por denúncias tão vazias. Em uma assembleia cheia, com 110 bispos, ele suspendeu os eclesiásticos que tinham votado contra ele. Ele então pronunciou a excomunhão do imperador, declarando "que ele perdeu os reinos da Alemanha e da Itália, e que seus súditos estavam absolvidos de seu juramento de fidelidade".

O Imperador Deposto pelo Papa

Na assembleia Gregório falou da seguinte maneira: "Agora, portanto, irmãos, convém que saquemos a espada da vingança; devemos agora ferir o inimigo de Deus e de Sua igreja; agora pois sua cabeça ferida, que se levanta em sua soberba contra os fundamentos da fé e de todas as igrejas, caia por terra, ali, de acordo com a sentença pronunciada contra seu orgulho, que caia sobre a sua barriga e coma o pó. Não tema, pequeno rebanho, disse o Senhor, pois é a vontade do Pai conceder-lhes o reino. Por muito tempo já o suportamos; muitas vezes o admoestamos: deixemos que sua consciência sinta os efeitos!" Todo o sínodo respondeu a uma voz: "Que tua sabedoria, santíssimo padre, que a misericórdia divina levantou para governar o mundo em nossos dias, pronuncie tal sentença contra o blasfemador, esse usurpador, esse tirano, esse apóstata, que possa esmagá-lo contra a terra, e torná-lo um aviso para as eras futuras... Retire a espada, passe o juízo, e que o justo possa se regozijar quando ver a vingança, e lave suas mãos no sangue dos ímpios."

Seguiu-se a sentença formal: o audacioso padre, da maneira mais blasfema, identifica-se com a majestade divina, e pronuncia a linguagem mais solene na mais suja hipocrisia. Após afirmar, com uma língua mentirosa, que ele tinha sido relutantemente obrigado a ascender ao trono pontifício, ele diz: "Em plena confiança na autoridade sobre todo o povo cristão concedido por Deus à delegação de São Pedro, pela honra e defesa da igreja, no nome do Deus Todo-Poderoso, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e pelo poder e autoridade de São Pedro, eu interdito o rei Henrique, filho de Henrique, o Imperador, que, em seu orgulho sem igual ergueu-se contra a igreja, do governo de todo o reino da Alemanha e Itália. Eu absolvo todos os cristãos dos juramentos que juraram a ele, e proíbo toda a obediência a ele como rei... Pois ele manteve comunhão com os excomungados, e desprezou as admoestações que, como sabes, dei-lhe para sua salvação... Eu prendo-o, portanto, em teu nome, nos laços de sua anátema, para que todas as nações saibam e possam reconhecer que tu és Pedro, e que sobre ti, como sobre uma rocha, o Filho de Deus edificou Sua igreja, e que as portas do inferno não prevalecerão contra ela."

Antes que o sínodo fosse suspendido, Gregório dirigiu cartas a "todos os cristãos", contendo cópias das atas do concílio, e ordenando a todos os homens que desejavam ser contados entre o rebanho do bendito Pedro, a aceitar e obedecer às ordens ali contidas — mais especialmente aqueles que estavam relacionadas à deposição e anátema contra o rei, seus "falsos bispos e ministros

reprovados". E após exortar o povo a resistir a Henrique até o sangue, o padre mentiroso ousou pronunciar: "Deus é aqui nossa testemunha de que não somos movidos por qualquer desejo de vantagem secular ou por respeitos carnais de qualquer tipo, ao reprovarmos príncipes perversos ou padres ímpios; mas que tudo o que fazemos é feito por puro respeito ao nosso alto cargo, e pela honra e prerrogativa da Sé apostólica," etc.

Uma Grande Guerra Civil

A guerra então foi amplamente proclamada; o efeito dessas cartas lançadas em um reino já dividido e entre um povo já descontente e acostumado à rebelião foi imensa. Tanto a Igreja quanto o Estado estavam rasgados em pedaços, alguns tomando o partido do rei, e outros do pontífice. Irrompeu-se uma guerra civil que durou 17 anos por todo o império romano; bispo contra bispo, o povo contra o povo, "enquanto", disse alguém, "a terra bebia do sangue que era derramado, e o túmulo se fechava do mesmo modo sobre aqueles que sofriam e aqueles que infligiam a miséria". Toda a Alemanha estava em um estado de loucura, dissensão e prostração.

Os duques da Suábia, tomando vantagem do sentimento geral contra Henrique, e encorajados pelos legados do papa, levantaram-se contra o soberano a quem tinham jurado fidelidade, e elegeram Adolfo como rei. No meio tempo, o próprio Hildebrando não negligenciou nenhum de seus próprios meios de guerra, uma guerra na qual ele era profundamente experiente. Grandes palavras inchadas do mais terrível significado eram suas armas. O "nome de Deus; a paz de Deus; as ordens de Deus; a salvação de Deus; as chaves do bendito Pedro; fechar as portas do céu; abrir as portas do inferno; perdição eterna", etc., eram palavras que incutiam terror em cada mente humana, e eram as algemas com os quais ele prendia seus escravos.

À medida que essa grande luta continuava, o papa ganhava força, e Henrique a perdia e sentia que estava diminuindo rapidamente. Seu coração afundou dentro dele: tudo parecia ter explodido pela maldição de São Pedro; os príncipes se revoltaram; os clérigos e o povo renunciaram à sua fidelidade, e conspirações se ergueram por todos os lados. Tal era a influência maligna do papa, que agora pisava em frente na panóplia [armadura medieval] completa do poder eclesiástico — ou melhor, diabólico — para pisotear no pó seu próprio senhor soberano. Sob todas essas circunstâncias deprimentes e esmagadoras, Henrique

entrou em acordo com os príncipes rebeldes de que as reivindicações e erros de ambos os partidos fossem submetidas ao papa, que foi convidado a presidir em um concílio que ocorreria em Augsburgo para esse propósito.

Henrique Parte para a Itália

O imperador caído estava agora preso nos ardis do inimigo. A política de Gregório tinha sido bem-sucedida. Tendo iniciado uma revolução e causado muito derramamento de sangue entre os príncipes do reino de Henrique, que ele ardilosamente mudou do terreno da queixa individual ou política para o terreno da religião, ele agora fingia ser um pacificador. Daí vieram tais palavras de hipocrisia: "Tratem Henrique com gentileza, e estendam-lhe aquela caridade que cobre uma multidão de pecados". Logo veremos a qualidade da gentileza e caridade de Gregório para com Henrique.

A situação do rei era agora desesperadora. Despojado de todo o seu poder, e até mesmo do sinal de realeza, e sentindo que não tinha nada a esperar de uma assembleia de seus súditos rebeldes e de seu inimigo declarado, ele resolveu, como uma última chance, tentar uma conversa pessoal com o papa e lançar-se como um penitente aos seus pés. Com dificuldade ele coletou de seus poucos amigos restantes dinheiro suficiente para custear suas despesas até a Itália. Ele deixou a cidade de Espira no meio do inverno, com sua esposa e seu filho pequeno, e uma assistente fiel. Mas os Alpes ainda se encontravam entre eles e a Itália. E então até mesmo a natureza parecia conspirar com o papa contra o rei caído. O clima estava excepcionalmente severo. O rio Reno e o rio Pó estavam densamente congelados, e a neve que cobria os Alpes estava tão dura e tão escorregadia como o gelo. Além disso, as travessias eram zelosamente vigiadas pelos duques de Bavária e Caríntia, inimigos de Henrique. Todas as travessias pareciam impossíveis. Mas o esforço teve de ser feito, por mais perigoso que fosse. Segundo o acordo entre Henrique e os príncipes rivais, ou generais dos Estados, ele devia obter a absolvição dentro de um ano e um dia a partir da data da anátema papal, ou perder sua coroa e seu reino para sempre; mas se ele pudesse obter a absolvição destro desse período, eles retornariam a suas posições e dignidades.

Os Alpes deviam ser cruzados. O dia fatal — 23 de fevereiro — se aproximava. Guias bastante conhecedores dos caminhos foram contratados, e algo como um caminho foi pavimentado em meio à neve para a comitiva real. Com

grande dificuldade eles alcançaram o topo da travessia, mas a descida era ainda mais perigosa. Parecia um vasto precipício de gelo liso. Mas a dificuldade tinha de ser vencida. Os homens rastejaram, engatinhando, muitas vezes escorregando pelos declives congelados. A rainha, seu filho pequeno e uma mulher assistente foram arrastadas pelos guias em peles de bois, como se fossem trenós. Os cavalos foram descidos por meio de diversos artifícios. Alguns, com os pés amarrados, foram rolados declive abaixo, mas alguns foram mortos e poucos alcançaram os pés dos Alpes em condições úteis.

Henrique em Canossa

A chegada inesperada de Henrique na Itália produziu uma grande comoção. Príncipes e bispos se reuniram em grandes números e o receberam com as maiores honrarias. Os italianos esperavam que ele trouxesse soluções para suas queixas. Aqueles que tinham sido excomungados por Hildebrando buscavam ardentemente por vingança, e a nobreza e o clero lombardo esperava que ele tivesse vindo para depôr o temido e detestado Gregório. À medida que ele se aproximava o número de seus seguidores gradualmente aumentava, mas Henrique não podia parar para mergulhar em qualquer novo esquema; ele não podia pôr em risco o trono da Alemanha; ele tinha que obter a absolvição antes do dia fatal de 23 de fevereiro.

Enquanto isso, Gregório partia para a Alemanha, mas a notícia da descida de Henrique para a Itália freou sua marcha. Ele estava incerto se ele estava indo como um humilde suplicante, ou como chefe de um grande exército, e apressou-se a alojar-se em segurança em **Canossa**, um forte castelo nos Apeninos que pertencia à sua grande amiga e aliada, a "grande condessa" Matilde.

Ao saber disso, Henrique partiu para Canossa. Os bispos e abades que caíram sob o banimento papal seguiram o exemplo do rei, e partiram para lá também. Descalços e vestidos de sacos, esses bispos e abades apresentaram-se perante o pontífice, humildemente implorando o perdão e a absolvição das anátemas emitidas. Após alguns dias de penitência em confinamento solitário, e com alimentação escassa, ele os absolveu, sob a condição de que, até que o rei fosse reconciliado, eles não deveriam manter qualquer comunicação com ele. Para o próprio Henrique estavam reservados termos ainda mais humilhantes.

Ao chegar em Canossa, o rei obteve permissão a uma conversa com Ma-

tilde, com a Marquesa Adelaide (sua sogra) e com Hugo, abade de Cluny, que se comprometeram a interceder junto ao papa por uma consideração misericordiosa para o seu caso. Após muitas objeções levantadas pelo implacável papa e pelos apelos instados pelos amigos de Henrique, Gregório afinal propôs "que se ele fosse verdadeiramente penitente, que colocasse sua coroa e todas as insígnias de realeza em minhas mãos, e confessasse abertamente ser indigno do nome real e da dignidade". Este pedido parecia muito duro até mesmo para os ardentes admiradores do papa, que suplicaram-lhe que "não quebrasse o caniço rachado"; e assim ele condescendeu em dar ao rei uma oportunidade de lhe falar pessoalmente.

A Penitência do Rei

O final do mês de janeiro se aproximava; o ano da graça para o rei estava quase expirando, e Henrique resolveu aceitar as condições do papa. Ele estava determinado a fazer e suportar tudo para que pudesse desapontar os complôs de seus súditos rebeldes e reter o império.

"Em uma triste manhã de inverno", diz Milman, "com o chão coberto de neve, ao rei, o herdeiro de uma longa linhagem de imperadores, foi permitido que entrasse no interior de duas das três paredes que cingiam o castelo de Canossa. Ele tinha deixado de lado toda marca de realeza ou de posição distinta, e vestia-se apenas com o fino vestido branco do penitente, e ali, jejuando, aguardou em humilde paciência a presença do papa. Mas os portões não se fecharam. Ele ficou por mais um dia, no frio, faminto e ridicularizado em vã esperança. E ainda um terceiro dia se passou, de manhã até a noite, sobre a cabeça desprotegida do rei descoroado. Todo coração moveu-se, exceto o do "representante de Jesus Cristo". Mesmo na presença de Gregório havia murmúrios baixos e profundos contra seu orgulho e desumanidade nada dignos de alguém que se proclamava um apóstolo. A paciência de Henrique não conseguia mais aguentar. Ele tomou refúgio em uma capela adjacente de São Nicolau, para implorar, em lágrimas, mais uma vez pela intercessão do já idoso abade de **Cluny**. Matilde estava presente, e seu coração feminino estava derretido; ela se juntou a Henrique em suas súplicas ao abade. "Tu somente podes fazê-lo", disse o abade à condessa. Henrique caiu de joelhos e, extravasando de tristeza, suplicou por sua interferência misericordiosa. Diante das súplicas femininas de Matilde, Gregório com o tempo cedeu, com desagrado, permissão para que o

rei viesse a sua presença. Com os pés descalços, ainda em trajes de penitência, ficou o rei, um homem singularmente alto e nobre, com um semblante acostumado a emitir ordens e terrores sobre seus adversários, perante o papa, um homem grisalho, de baixa e nada imponente estatura e curvado pelo peso dos anos."[15]

Os termos impostos sobre Henrique eram **característicos de um tirano implacável e inexorável**; o papa agiu nesse assunto mais como um demônio encarnado do que como um ser humano. Constatando que o penitente real tinha sido trazido de maneira tão humilhada, e que portanto aceitaria quaisquer termos, ele forçou-o a beber as mais amargas borras de humilhação. Não precisamos incomodar o leitor com suas extensas estipulações. Tais exigências jamais tinham sido feitas ou ouvidas antes nos anais da humanidade. Mas seu grande objetivo era a consolidação de seu próprio elaborado esquema de autoridade papal. Tendo colocado seus pés sobre o pescoço do maior monarca do mundo, ele tentou o estabelecimento do direito do pontífice, diante de toda a Europa, de julgar reis, depôr reinos e absolver súditos de seus juramentos de fidelidade a reis excomungados. Isto deu ao papa um enorme poder sobre todo o mundo, e constituiu a rebelião contra um soberano legítimo um dever sagrado à igreja e a Deus.

Os Efeitos da Política Papal

Gregório logo percebeu que tinha ido longe demais — que a humilhação em Canossa não poderia jamais ser esquecida e nunca poderia sossegar até que fosse vingada. A compaixão, assim como o interesse, moveu muitos príncipes e prelados a se reunirem em torno do rei caído, agora que estava liberto do banimento da excomunhão. **Hildebrando** (Gregório VII) era odiado pela maioria por causa de sua tirania política, e temido por causa de suas censuras eclesiásticas. Os revoltados príncipes da Alemanha ficaram secretamente encorajados pelo papa a disputar a posse do trono com Henrique, o que aumentou sua perplexidade e o preveniu de voltar seus exércitos contra Roma. Ele rezou para que Henrique nunca pudesse prosperar na guerra e, no nome e com as bênçãos dos apóstolos, concedeu o reino da Alemanha ao rebelde Rodolfo, duque da Suábia. O papa até mesmo se aventurou a profetizar que dentro de um ano Henrique estaria morto ou deposto; e, como se soubesse o fim desde o início, enviou uma

[15] Cristianismo Latino, de Milman, vol. 3, p. 168.

coroa ao futuro rei, com uma inscrição significando que aquilo era o presente de Cristo a São Pedro, e de São Pedro a Rodolfo. Mas logo ele provou-se um profeta mentiroso, assim como um padre mentiroso, e o fomentador sem remorsos de uma guerra civil.[16]

A força do rei aumentou gradualmente apesar de todas as tramas iníquas e cruéis de Gregório. Após anos da mais terrível guerra civil e derramamento de sangue, os exércitos de Henrique e de seu rival, Rodolfo, se encontraram uma vez mais nas margens do **rio Elster**, em outubro de 1080. A batalha foi longa e obstinada, mas a queda de Rodolfo deu a Henrique a vitória. Ele recebeu sua ferida de morte, conta-se, da lança de Godofredo, mais tarde o primeiro rei de Jerusalém, e um golpe de sabre de um outro decepou sua mão direita. Relata-se que o príncipe moribundo, olhando para sua mão decepada, reconheceu com tristeza: "Com essa mão eu ratifiquei meu juramento de fidelidade ao meu soberano, Henrique: a punição é justa, e agora perdi a vida e o reino". Após os adversários do rei ficarem, então, desencorajados e paralisados, ele decidiu tornar suas forças contra seu mais formidável e irreconciliável inimigo. Ele cruzou os Alpes, entrou na Itália e sitiou os muros de Roma.

Estando a cidade bem provisionada, com as muralhas fortalecidas e com a lealdade dos romanos assegurada pela riqueza de Matilde, Henrique empenhou-se por mais ou menos três anos em bloquear e sitiar Roma, mas no verão de 1083 ele ganhou posse da cidade culpada. Gregório tomou refúgio no forte castelo de Santo Ângelo, e alguns de seus partidários em suas casas fortificadas. Henrique estava disposto a fazer acordos com Hildebrando, e a aceitar a coroa imperial de suas mãos. Mas o papa não queria saber de nada que não fosse a submissão incondicional de Henrique. "Que o rei renuncie a sua dignidade e se submeta à penitência", foram os únicos termos de Gregório. O clero — bispos, abades e monges — e os leigos suplicaram-lhe que tivesse misericórdia da cidade afligida, e que entrasse em acordo com o rei.

Mas todas as tentativas de negociação foram infrutíferas; o papa inflexível desprezava igualmente súplicas e ameaças. A submissão absoluta de Henrique e a satisfação à igreja eram as altas exigências do papa aprisionado em seu castelo. Mas Henrique não era mais o abandonado, o de espírito quebrantado e suplicante aos seus pés, como tinha sido em Canossa.

[16] Robertson, vol. 2, p. 594.

Henrique e Berta Coroados (1084 d.C.)

Os romanos, finalmente, cansados de suportar as misérias de um cerco, e sem esperança de alívio por parte dos normandos italianos, declararam-se a favor de Henrique. Ele era mestre da maior parte da cidade. Seu primeiro passo foi colocar **Guiberto, o arcebispo de Ravena**, na cadeira papal, com o nome de Clemente III. Ele foi nomeado por um sínodo de bispos como o futuro papa. Henrique então recebeu a coroa imperial de Clemente, com sua Rainha Berta, e foi saudado como imperador pelo povo romano.

A situação de Gregório agora parecia desesperadora. Ele era um prisioneiro, e logo poderia ser entregue à vingança de Henrique. Ele não podia esperar ajuda alguma de Filipe da França. Guillherme da Inglaterra não estava disposto a se meter nas brigas do papa. Apenas podia confiar em Matilde, a condessa da Toscana. Ela era a mais poderosa, rica e zelosa apoiadora dos interesses da igreja naquele país. Na morte de sua mãe e na de seu marido enquanto ainda era jovem e bonita, o astuto papa a persuadiu a entregar todas as suas posses à igreja de Roma, que foram mais tarde intituladas de propriedades da Igreja. Mas os homens e o dinheiro de Matilde não eram suficientes para a necessidade atual do papa. Em sua grande angústia ele pediu a ajuda de Roberto Guiscardo, um grande guerreiro normando. Ele era suspeito de cumplicidade com Cêncio em sua conspiração contra Gregório, e esteve sob censura da igreja por vários anos. Mas o papa estava disposto a libertá-lo do banimento da excomunhão e até mesmo a oferecer-lhe a coroa imperial se ele viesse imediatamente ao seu auxílio. O grande normando aceitou os termos do papa e colocou sua espada implacável ao serviço de Gregório.

Roberto Guiscardo Entra em Roma (1084 d.C.)

Para cumprir os desejos do papa, receber sua bênção e derrubar seus inimigos, Roberto juntou um exército de 30.000 soldados de infantaria irregular e 6000 cavaleiros normandos e colocou-os em marcha para Roma. Era uma hoste selvagem e mista, na qual se misturaram aventureiros de várias nações: alguns tinham se juntado ao seu estandarte para resgatar o papa, e outros por amor à guerra. Até mesmos os incrédulos sarracenos tinham se alistado em grandes números. As notícias de que uma força esmagadora estava avançando para vir ao auxílio do papa e de seus seguidores logo chegaram a Roma.

Henrique, sem perceber o perigo, tinha enviado para longe uma grande parte de suas tropas; e, como o restante era desigual demais para ir de encontro ao formidável exército inimigo, ele prudentemente retirou suas forças, assegurando a seus amigos romanos que em breve retornaria. Ele se retirou para Civita Castellana, onde podia observar os movimentos de todas as partes.

Três dias após Henrique ter deixado a cidade, o exército normando apareceu às muralhas. Quão desafortunados os habitantes daquela cidade culpada! Um dia mais tenebroso e pesado do que qualquer outro que ela já tenha passado estava por chegar, e todas as suas calamidades eram devido ao espírito vingativo e implacável de seu sumo sacerdote. Mas por se recusar a ceder ao poder secular, até mesmo o sangue de Roma — sua própria cidade e capital — teve de ser derramado. O domínio do papado sobre os reinos do mundo foi sua própria grande ideia, e nenhuma adversidade conseguia induzi-lo a ceder, nem um pouco, de suas sublimes pretensões. Ele foi tão inflexível em uma prisão quanto em um palácio. "Que o rei deite sua coroa e dê satisfações à igreja", eram as orgulhosas e desdenhosas palavras de Hildebrando, mesmo sendo um prisioneiro, e mesmo que o clero e os leigos implorassem para que entrasse em acordo com Henrique. Mas ele desprezou do mesmo modo os murmúrios, as ameaças e as súplicas de todos. Ele deve ter tido conhecimento sobre o caráter daquelas hordas assassinas que estavam nos portões, e quais seriam as consequências no momento em que entrassem. Mas sua mente estava formada, e a qualquer custo de derramamento de sangue humano e miséria ele inexoravelmente perseguiu seus desígnios imperiosos.

Os romanos não estavam preparados para se defenderem, e mal fizeram qualquer demonstração de resistência. O portão de São Lourenço foi rapidamente forçado, e a cidade estava imediatamente dominada. O primeiro ato de Roberto, o filho obediente da igreja, foi libertar o papa de seu longo aprisionamento no **Castelo de Santo Ângelo**. O normando recebeu formalmente a bênção pontifícia. Erguendo-se dos pés do papa, foi assim abençoado e edificado — uma horrível zombaria e blasfêmia! Roberto soltou seus bandos de rufiões no meio do rebanho desprotegido do assim proclamado sumo pastor. Por três dias Roma esteve sujeita aos horrores de um saque. Os normando e os infiéis sarracenos se espalharam por cada canto da cidade. Assassinatos, pilhagem, luxúria e violência, estava tudo fora de controle. No terceiro dia, enquanto os normandos faziam festa e se divertiam em descuidada segurança, os habitantes, levados ao desespero, irromperam em uma rebeldia generalizada e correram armados pelas ruas, começando uma terrível carnificina com seus conquistadores. Assim

surpreendidos, os normandos logo pegaram nas armas, e imediatamente toda a cidade tornou-se um cenário de conflito selvagem e desesperado.

O Incêndio da Roma Antiga

"O cavalo normando", diz Milman, "entrou pelas ruas, mas os romanos lutaram em vantagem na posse de suas casas e de seu conhecimento do terreno. Eles começaram a ganhar superioridade, e os normandos se viram em perigo. O impiedoso Guiscardo deu a ordem de incendiar as casas. De todos os lados as chamas queimavam furiosamente: casas, palácios, conventos, igrejas, à medida que a noite escurecia, foram vistas em terrível conflagração. Os distraídos habitantes precipitaram-se descontroladamente pelas ruas, não mais tentando defender a si mesmo, mas tentando salvar suas famílias. Centenas morreram. Os sarracenos aliados do papa, que haviam sido os primeiros na pilhagem, eram agora também os primeiros na conflagração e no massacre."[17]

Conta-se que Gregório esforçou-se nesse terrível momento, infelizmente não para salvar seu assim chamado rebanho da crueldade dos normandos, mas sim para salvar algumas das principais igrejas da conflagração geral. Guiscardo já tinha se tornado mestre da cidade — ou melhor, das ruínas da Antiga Roma — mas sua vingança ainda não tinha se apaziguado. Milhares de romanos foram vendidos publicamente como escravos, e milhares levados como prisioneiros. Supõe-se que nem os godos, nem os vândalos, nem os gregos nem alemães, jamais trouxeram tamanha desolação sobre a cidade como foi nesse episódio com os normandos. E que o leitor observe cuidadosamente que isso demonstra o verdadeiro espírito do papado, quando o fervoroso Guiscardo foi subornado por Gregório a se tornar seu aliado, seu libertador, seu protetor e seu vingador. As misérias, os massacres e a ruína de Roma foram justamente atribuídas à obstinação do papa nessa época, e tem sido desde então essa a opinião de todos os escritores imparciais. E ninguém jamais foi tão plenamente persuadido desse fato como o próprio Gregório. Ele não confiou nem sua pessoa nem suas fortunas à proteção fortificada dos muros de Santo Ângelo após a partida de seus aliados normandos.

[17] History of Latin Christianity, vol. 3, p. 197

A Morte de Gregório (1085 d.C.)

Coberto de vergonha e marcado com infâmia eterna, e temendo ouvir as reprovações que seriam lançadas contra ele como o autor das recentes calamidades, ele se retirou da cidade de São Pedro na companhia de seus aliados, enquanto suas ruínas ainda fumegavam e suas ruas se encontravam desoladas, e seus antes numerosos habitantes queimavam, jaziam mortos, ou eram levados ao cativeiro. Fraco e de coração abatido, sem dúvida — do orgulho terrivelmente mortificado — ele primeiramente tomou repouso no monastério de Monte Cassino, e então prosseguiu ao forte castelo Salerno, dos normandos. Ele nunca viu Roma novamente.

Um numeroso corpo de eclesiásticos, devotados à promoção das elevadas pretensões do papa degradado, o seguiram até Salerno. Ali ele convocou um sínodo, e como se não estivesse afetado pelos horrores que causou e testemunhou, trovejou novamente anátemas e excomunhões contra Henrique, o antipapa Clemente e todos os seus adeptos. Mas estes foram seus últimos trovões. A morte se aproximava rapidamente. O grande e inflexível defensor da supremacia da ordem sacerdotal deveria morrer como qualquer outro homem. Ele chamou seus companheiros de exílio, fez uma confissão de sua fé — especialmente no que se referia à eucaristia, tendo sido suspeito de simpatizar com os pontos de vista de Berengário de Tours — e perdoou e absolveu a todos aqueles que ele tinha anatemizado, com exceção do imperador e do antipapa. Em relação a esses ele ordenou que seus seguidores não fizessem as pazes, a menos que se submetessem completamente à igreja.

Conta-se que uma tempestade assustadora se enfureceu enquanto seus amigos presenciavam a morte do papa. Suas últimas palavras memoráveis foram: "Eu amei a justiça e odiei a iniquidade; portanto morro no exílio". "No exílio, meu senhor?", disse um bispo com o mesmo sentimento, cujo orgulho sacerdotal não foi repreendido por esse espetáculo de mortalidade, "tu não podes morrer no exílio! Vigário de Cristo e de Seus apóstolos, tu recebeste de Deus os pagãos por tua herança, e as partes mais longínquas da terra por tua possessão!" O atrevido sopro de blasfêmia assim fechou, assim como tinha permeado, a vida do grande clérigo. Mas seu espírito estava agora longe da adulação de seus amigos, para ser manifesto perante um outro tribunal. **Lá tudo será julgado, não de acordo com os princípios do papado, mas de acordo com a eterna verdade de Deus como foi revelada a nós na Pessoa e na obra do Senhor Jesus Cristo.**

"Bem-aventurados todos aqueles que nele confiam" (Salmos 2:12), são palavras da mais doce certeza para o coração; pois o quanto essa palavra "bem-aventurados" (ou "abençoados") significa quando usada pelo Próprio Deus! **Mas ai daqueles que vivem e morrem sem Cristo, que um dia terão de dizer: "Passou a sega, findou o verão, e nós não estamos salvos"** (Jeremias 8:20). Ah! Quem pode compreender as profundezas da miséria — a eternidade de sofrimento — nestas duas palavras: "não salvos!" "não salvos!" Que tremendo texto para um pregador! Que palavra de aviso para um pecador! Que o meu leitor guarde isso no coração, antes de guardar este livro, e possa cuidadosamente contrastar a morte do grande clérigo com a morte do grande apóstolo. **"Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda"** (2 Timóteo 4:7,8). Até mesmo um falso profeta foi obrigado a dizer: **"Que a minha alma morra da morte dos justos, e seja o meu fim como o seu"** (Números 23:10).

Os Anos Restantes e a Morte de Henrique

Tendo acompanhado tanto a vida do rei em conexão com o papa, observaremos brevemente seu fim antes de começarmos um novo capítulo.

Ele viveu mais 21 anos após a morte de seu grande antagonista. Em 7 de agosto de 1106, Henrique terminou sua longa e agitada vida, e seu turbulento reinado de cinquenta anos. Os registros da história estão cheios de cada incidente da vida do grande monarca, desde sua juventude até sua morte, mas mesmo um esboço de sua vida política não está dentro de nosso escopo. O contraste entre as afeições de seu povo e a inimizade da igreja é marcante, e nos conta seu próprio conto. Mesmo tendo sido marcado pelo papa com a marca de uma besta, ele foi muito amado pelo povo. Ele tinha muitas falhas muito comuns a reis, mas tinha um grande lugar nos corações de seu povo. "Com a notícia de sua morte", diz Greenwood, "o amor deles transbordou em profundas e amargas lamentações. Um clamor geral foi ouvido nas ruas da cidade de Liege; a corte e o povo, as viúvas e os órfãos, a multidão dos pobres e indigentes da cidade e do campo reuniram-se em homenagem ao seu soberano, seu amigo e seu benfeitor. Com alta voz, lamentaram a perda de um pai; dissolvidos em lágrimas, beijaram suas mãos frias, abraçando os membros inanimados, e difi-

cilmente puderam ser persuadidos a dar lugar aos assistentes para o preparo do corpo para o enterro. Também não podiam ser persuadidos a deixar a tumba; mas por muitos dias se revezavam dia e noite para vigiar e orar ao lado do lugar em que o tinham enterrado."[18]

Nada poderia ser mais bonito ou tocante do que o testemunho desses verdadeiros pranteadores à benevolência do imperador. Mas ah!, quão diferente e quão triste quando nos voltamos a assim chamada igreja e aos assim chamados representantes do manso e humilde Jesus! A ira de seus adversários papais parece ter sido esquentada sete vezes quando ouviram falar de tais honras sendo pagas ao corpo do excomungado Henrique. O jovem rei, seu filho, Henrique V, foi ameaçado com as anátemas do céu a menos que exumasse e depositasse em algum lugar não consagrado os restos de seu pai, ou então que pedisse ao papa para libertar ao falecido (mesmo após sua morte) da excomunhão. Mas que perversa e inconcebível presunção! Seu fiel bispo Alberto, que tinha dado ao seu soberano um enterro digno na igreja de São Lamberto, foi obrigado, como penitência por este ato de gratidão e louvor, a desenterrar o corpo com suas próprias mãos e enviá-lo a um edifício não consagrado em uma ilha no rio Mosela. Mas essas indignidades assim perpetradas contra o corpo sem vida do último imperador produziu uma reação. O jovem rei, embora tivesse sido treinado pelo **Papa Pascal II** a enganar seu pai e a se rebelar abertamente contra ele, ficou alarmado diante desse terrorismo espiritual, deu ordens para que o corpo fosse removido e enviado a Espira (ou Speyer), e solenemente o depositou na tumba de seus ancestrais. A procissão foi seguida por quase toda a população. O serviço para o morto foi realizado com toda cerimônia e honra usuais em tais ocasiões.

O **bispo Gibbard**, um dos mais ferozes perseguidores do último imperador, estava em casa nesse momento, mas a notícia do que tinha acontecido o trouxe de volta com toda a pressa. Fervendo de indignação, fez com que o corpo fosse mais uma vez exumado, colocado em solo não consagrado, e impôs uma penitência a todos os que tinham participado da procissão. Mas a voz da afeição não podia ser silenciada pelo implacável bispo. Os cidadãos acompanharam o corpo ao seu novo lugar de repouso com intensas lamentações. "Eles lembraram o bispo", diz Milman, "de como o grande imperador tinha enriquecido a igreja de Espira; eles contaram os ornamentos de ouro, e prata e pedras preciosas, as vestimentas de seda, as obras de arte, a mesa de ouro do altar, ricamente

[18]Cathedra Petri, livro 11, p. 606.

forjada, um presente do imperador oriental Aleixo, que tornou sua catedral a mais incrível e famosa na Alemanha. Eles em alta voz expressaram sua tristeza e insatisfação, e era difícil conter o tumulto. Mas eles não prevaleceram. No entanto, ainda assim o túmulo de Henrique era visitado por testemunhas sinceras de suas extensas caridades. Finalmente, após cinco anos de obstinada disputa, foi permitido que Henrique repousasse na abóbada consagrada com seus antepassados imperiais."[19]

Reflexões sobre a Luta entre Henrique e Gregório

Temos apresentado, assim, um relato mais detalhado do que o usual sobre a luta entre Gregório e Henrique, de modo que o leitor possa ter diante de si uma amostra justa do espírito e das obras do papado na Idade Média. E que saibamos que seu espírito nunca muda: suas obras podem mudar, de acordo com o poder e as oportunidades do papa reinante. Como era antes, assim ainda é, e sempre será o mesmo. Nenhum idioma é capaz de exagerar a blasfêmia, crueldade e tirania do papado; e o mesmo espírito permeia, mais ou menos, em cada membro de sua comunidade. Pois qual, pode-se perguntar, em termos simples, foi o crime que Henrique cometeu para ter trazido sobre si uma perseguição tão implacável durante sua vida e até mesmo após sua morte? O leitor deve se lembrar que a disputa surgiu sobre o assunto das investiduras.

O direito tradicional dos monarcas de ter uma voz na indicação de bispos e dignatários da igreja em seus domínios era reconhecido por séculos. Com não pouca frequência eles nomearam cargos à Sé de Roma assim como a outros bispados em seus domínios. Até mesmo o próprio Hildebrando esperou pacientemente até que sua própria eleição recebesse a ratificação legal do imperador. Mas mal ele foi posto no trono pontifício e já escreveu uma carta insultante ao imperador, ordenando que se abstivesse da simonia e renunciasse ao direito de investidura pelo anel e pelo báculo. Henrique, em autodefesa, afirmou as prerrogativas que seus predecessores tinham exercido sem questionamentos, especialmente desde os dias de Carlos Magno. Gregório então trovejou uma sentença de excomunhão contra ele, libertou seus súditos de seus juramentos de fidelidade, e o declarou deposto por desobediência. O papado então tirava sua máscara, e o mundo já não podia mais ter dúvida sobre os objetivos do poder espiritual. Mas tão grande era a ignorância do período que as pretensões

[19] Latin Christianity, vol. 3, p. 277.

mais selvagens encontraram muitos apoiadores, e tão supersticioso era o povo que foi convencido a acreditar que todos os que levantassem armas contra o rei excomungado deveriam ser considerados os campeões da fé.

Essa foi toda a ofensa de Henrique contra o papado. Esta foi a causa de tanto derramamento de sangue e sofrimento: o implacável padre não cederia em nenhum ponto, o imperador lutou por seus direitos tradicionais, e assim uma grande luta continuou até que a morte fechasse a cena.

Capítulo 20

As Cruzadas (1093 d.C.—1213 d.C.)

As Cruzadas

O inimigo [1] agora muda de tática. O papa ganhou pouco ou nada por meio de suas longas guerras contra o império, e o senso comum da humanidade tinha sido insultado por sua insolência sem igual. Meios mais plausíveis, mais enganadores e mais piedosos deveriam ser inventados. Como poderia o poder espiritual ganhar ascendência completa sobre o secular era ainda uma questão a ser resolvida pelo inimigo.

O gênio maligno de Roma que presidia em seus concílios sugere uma guerra santa com o propósito de resgatar o sepulcro de Cristo das mãos dos turcos incrédulos. O papa Urbano imediatamente abraça a sugestão e torna-se o líder do empreendimento. O Vaticano inteiro concordou. Era perfeitamente evidente que, por essas longas expedições à Palestina, o sangue da Europa deveria ser drenado, sua força exaurida, e seus tesouros desperdiçados. **Não se pensava em tentar converter os incrédulos para a fé de Cristo — a verdadeira missão do cristianismo** — mas em enfraquecer o poder dos monarcas seculares, para que os pontífices pudessem reinar sobre eles. O papado é, em essência, infiel. **"Venerado seja entre todos o matrimônio"** (Hebreus 13:4) — entre todos, diz a Palavra de Deus. Não, diz Gregório, é concubinato no sacerdócio — um pecado condenatório. **Mas a Palavra de Deus permanece inalterada e inalterável.** O casamento é venerável entre todos — não apenas entre alguns, mas entre todo. Foi instituído pelo Próprio Deus que "formou uma mulher, e trouxe-a a Adão (o homem)" (Gênesis 2:22), foi sancionado por Cristo, e proclamado "venerável

[1] N. do T.: o diabo

entre todos" pelo Espírito Santo. "Pregai o evangelho a toda criatura" é a comissão do Salvador a todos os que O tem como Salvador e Senhor. 'Não', diz Urbano, 'matem os incrédulos sem misericórdia. Esta é a obra que Deus exige em sua mão. Que o joio seja arrancado pela raiz, e lançado no fogo para que sejam queimados. Mas isso não é tudo. O poder das nações deve ser reduzido para que o pontífice possa triunfar sobre eles'. Os resultados logo mostrarão que tais eram os conselhos do gênio maligno do papado.

Os Lugares Sagrados

Desde os primórdios da cristandade, peregrinações à Terra Santa tornaram-se uma paixão dominante entre os mais devotos e supersticiosos. Jerome fala de multidões que, vindos de todos os lados, se aglomeravam nos lugares sagrados. Mas a suposta descoberta do verdadeiro sepulcro, o local de enterro da verdadeira cruz, e a magnifica igreja construída sobre o sepulcro pela devota Helena e seu filho Constantino, despertaram em todas as classes um entusiasmo selvagem de visitar a Terra Santa. Desde essa época (326 d.C.), o fluxo de peregrinações continuou, aumentando cada vez mais, até o período em que Jerusalém foi capturada pelos muçulmanos sob o **califa Omar**, em 637. Os peregrinos eram protegidos e cuidados pelo caminho quando encontravam as privações e perigos de uma longa viagem. Mas sob o governo muçulmano eles foram impedidos de entrarem na cidade santa, a menos que comprassem o privilégio pagando tributo aos califas. A partir desse momento, os piedosos logo começaram a se juntar em números reduzidos para realizar suas devoções no santo sepulcro.

Por volta do ano 1067, uma nova raça de conquistadores ganhou a posse da Palestina, que provaram ser mestres ainda mais duros que os sarracenos. Estes eram os seljúcidas, uma tribo de **tártaros**, hoje familiarmente conhecidos como turcos. Eles vieram originalmente de Tartária. Eles abraçaram a religião islâmica, e tornaram-se então islâmicos mais fanáticos do que os árabes que seguiam o 'profeta'. No entanto, ao zelo intolerante de recém-convertidos ao Islã eles combinaram a tirania e desumanidade dos bárbaros. Sob esses novos senhores da Palestina, a condição dos habitantes e peregrinos cristãos foi grandemente alterada para pior. No lugar de serem tratados meramente como súditos tributários, eles foram desprezados como escravos, e os peregrinos expostos a severas perseguições.

Pedro, o Eremita

Os sentimentos dos cristãos europeus estavam naturalmente excitados pelos relatos sobre as crueldade e ultrajes aos quais seus irmãos no Oriente estavam sendo sujeitos pelos infiéis conquistadores da Terra Santa; e isto deu uma aparência de justiça à ideia de uma guerra religiosa.

No ano 1093, Pedro, um nativo de Amiens e um monge peregrino, visitou Jerusalém. Seu espírito ficou muito agitado pela visão das indignidades que os cristãos tinham que suportar. O sangue do franco tornou-se como fogo quando viu os sofrimentos e degradações de seus irmãos. Ele falou com Simeão, o patriarca de Jerusalém, sobre o assunto de sua libertação, mas o desesperado Simeão deplorou a desesperança de sua condição, uma vez que os gregos, os protetores naturais dos cristãos na Síria, estavam muito fracos para prestar-lhes ajuda. Pedro então prometeu-lhe a ajuda dos latinos. "Levantarei as nações marciais da Europa em sua causa", ele exclamou, e creu que seu voto tinha sido ratificado no céu. Quando prostrado no templo, ele ouviu 'a voz do Senhor Jesus', dizendo-lhe: "Levante, Pedro, e siga adiante para tornar conhecidas as tribulações do meu povo; a hora se aproxima para a libertação de meus servos, para a recuperação dos lugares sagrados". Era um hábito conveniente naqueles dias, para monges em solidão austera e com a imaginação excitada, acreditar no que quisessem acreditar, e então serem confirmados por meio de sonhos e revelações sobre o que quer que acreditassem.

Pedro agora acreditava em sua própria missão, e isso foi um grande meio para que os outros também cressem nisso. Ele apressou-se a Roma. O papa, Urbano II, ficou infectado por seu fervor, e deu total sanção à sua pregação sobre a libertação imediata de Jerusalém. O eremita, tendo então a sanção tanto 'do céu' quanto do papa, partiu em sua missão. Após atravessar a Itália, ele cruzou os Alpes e entrou na França. Ele é descrito como baixo em estatura, magro, de pele escura, mas com um olho de fogo. Ele andava em uma mula com um crucifixo em sua mão, sua cabeça era careca, e andava descalço; sua roupa era um manto longo com uma corda, e uma capa de eremita do mais grosseiro material. Ele pregava aos altos e baixos, em igrejas e em estradas, e nos mercados. Sua rude e brilhante eloquência era o que agitava o coração do povo, pois ele também vinha do povo. Ele apelava para cada paixão; à indignação e piedade, ao orgulho do guerreiro, à compaixão do cristão, ao amor dos irmãos, ao ódio dos infiéis; à suja profanação da terra que tinha sido "santificada" pelo nascimento e vida do Redentor. "Por que", ele exclamava veementemente, "os

incrédulos deveriam ser permitidos por mais tempo a reter a custódia de tais territórios cristãos como o Monte das Oliveiras e o Jardim de Getsêmani? Por que deveríamos permitir que os seguidores não batizados de Maomé, aqueles filhos da perdição, poluam com pés hostis o solo sagrado que foi testemunha de tantos milagres, e ainda forneceu tantas relíquias que manifestaram poder sobre-humano? Ossos de mártires, vestes de santos, lascas da cruz, espinhos da coroa, estavam todos prontos para serem recolhidos pelo sacerdócio fiel que lideraria a expedição. Que o solo de Sião seja purificado com o sangue dos infiéis que abateremos."[2]

Quando as palavras e o fôlego lhe falhavam, ele chorava, gemia, batia nos peitos e levantava um crucifixo, como se o Próprio Cristo estivesse implorando-lhes a unirem-se ao 'exército de Deus'. Os delírios de seu frenesi tiveram um efeito prodigioso sobre todas as classes em todas as terras. Homens, mulheres, e crianças aglomeravam-se para tocar em suas vestes; até mesmo os cabelos que caíam de sua mula eram recolhidos e guardados como relíquias. Em um curto período de tempo, ele retornou ao papa, assegurando-lhe que em todo lugar seus apelos tinham sido recebidos com entusiasmo, de modo que ele dificilmente poderia impedir seus ouvintes de tomar armas e segui-lo até a Terra Santa. Nada mais era necessário além de um plano, de líderes e organização, e assim o papa ousadamente resolveu realizar esse grande empreendimento.

Papa Urbano e as Cruzadas

Em março de 1095, um concílio foi convocado para se reunir com Urbano em Placentia, a fim de realizar uma consulta sobre a guerra santa e outros assuntos importantes. Duzentos bispos, quatro mil clérigos e trinta mil leigos compareceram; e, como não havia edifício grande o suficiente para conter a vasta multidão, as sessões maiores foram realizadas em um campo próximo à cidade. Além do projeto da guerra santa, o papa abraçou a favorável oportunidade de confirmar as leis e afirmar os princípios de Gregório. E ali em Placentia a sanção final foi dada às duas características mais fortes nas doutrinas e na disciplina da igreja romana — a saber, a transubstanciação e o celibato do clero.[3]

Em novembro do mesmo ano, outro concílio foi convocado para se reunir com o papa em Clermont, na Auvérnia. As citações a esse concílio eram ur-

[2]Eighteen Christian Centuries, de White, p. 246.
[3]Waddington, vol. 2, p. 102.

gentes, e o clero foi encarregado de excitar os leigos na causa da cruzada. Uma vasta assembleia de arcebispos, bispos, abades, etc. foi reunida, as cidades e vilas vizinhas se encheram de estranhos, enquanto muitos foram obrigados a alojar-se em barracas. A sessão durou dez dias. Foram tratados os cânones usuais referentes à condenação da simonia, etc. Urbano se aventurou a avançar um passo além de Gregório, ao proibir não apenas a prática da investidura laica, como também proibindo que qualquer eclesiástico devesse jurar fidelidade a um senhor secular — uma proibição que pretendia acabar com qualquer dependência da igreja ao poder secular. Assim vemos o astuto papa aproveitando cada vantagem de sua extrema popularidade, enquanto as mentes de todos estavam absorvidas com o assunto da vez: a santa cruzada. Nenhum momento poderia ser mais favorável para o avanço do grande objeto de ambição papal: a supremacia reconhecida sobre a Cristandade latina; ou a elevação do próprio Urbano sobre o papa rival Clemente[4], assim como sobre os soberanos seculares que o apoiavam.

Na sexta sessão a cruzada foi proposta. Urbano subiu em um alto púlpito no mercado e dirigiu-se às multidões reunidas. Sua discurso foi longo e excitante. Ele falou sobre as glórias antigas da Palestina, onde cada pedaço de chão tinha sido santificado pela presença do Salvador, pela Sua Virgem Mãe, e por outros santos. Ele se alongou sobre a presente condição do território sagrado — possuído por um povo ímpio, os filhos da serva egípcia; sobre as indignidades, os atentados, a tirania que infligiram aos cristãos redimidos pelo sangue de Cristo. Ele também não se esqueceu de falar das progressivas invasões dos turcos sobre a cristandade. “Lancemos fora a escrava e seu filho”, clamou ele, “Que todos os fiéis armem-se. Ide adiante, e Deus estará convosco. Redimi vossos pecados — vossa rapinagem, vossos incêndios, vossos derramamentos de sangue — pela obediência. Que as famosas nações dos francos demonstrem seu valor em uma causa onde a morte é a certeza da bem-aventurança. Considerai uma alegria morrer por Cristo onde Cristo morreu por vós. Não pensai nos parentes ou no lar; vós deveis a Deus um amor maior, pois para um cristão qualquer lugar é exílio, qualquer lugar lhes é lar e país”. O egoísta papa não deixou de apelar para uma paixão sequer. Mas seu verdadeiro desígnio e grande objetivo era dispor de barões rebeldes e monarcas obstinados, envolvendo-os em uma distante e ruinosa expedição, e, na ausência deles, reunir em suas próprias mãos todas as linhas desse grande movimento e consolidar os elevados esquemas de seu predecessor e mestre, Hildebrando.

[4]N. do T.: também conhecido como antipapa Clemente III.

Concluindo, o papa blasfemo ofereceu absolvição para todos os pecadores — os pecadores de assassinato, adultério, assalto, incêndio criminoso — e isso sem penitência a todos que tomassem as armas nessa causa sagrada. Ele prometeu vida eterna a todos os que sofressem a gloriosa calamidade da morte na Terra Santa, ou até mesmo em seu caminho até lá. Os cruzados passariam imediatamente para o paraíso. A grande batalha entre a Cruz e a Crescente[5] seria decidida para sempre no solo da Terra Santa. Em relação a ele próprio, como ele mesmo disse, ele devia permanecer em casa; o cuidado da igreja o detinha. Se as circunstâncias permitissem, ele seguiria, porém, como Moisés, enquanto eles estivessem matando os amalequitas, ele estaria perpetuamente engajado em fervente e prevalecente oração pelo sucesso deles.[6]

O discurso do papa foi interrompido por uma entusiástica exclamação de toda a assembleia: "Deus o quer! — Deus o quer!", palavras que mais tarde se tornariam o grito de guerra dos cruzados, e toda a assembleia declarou-se o exército de Deus. O contagioso frenesi se espalhou com uma rapidez inconcebível. "Nunca, talvez", disse alguém, "um único discurso de um homem operou resultados tão extraordinários e duradouros como o de Urbano II no Concílio de Clermont". "Foi a primeira explosão de fanatismo", disse outro, "que sacudiu toda o tecido da sociedade, desde as extremidades do Ocidente até o coração da Ásia, por mais de dois séculos".

Tendo assim declarado de forma tão clara e concisa quanto possível as causas ostensivas das Cruzadas, ou melhor, os motivos do papado, precisamos apenas falar mais um pouco sobre algumas datas e sobre mais alguns detalhes de cada expedição.

A Primeira Cruzada (1096 d.C.)

1. O festival da Assunção, em 15 de agosto de 1096, foi afixado como o dia em que os cruzados começariam sua marcha. Mulheres pediram aos seus maridos, aos seus irmãos e aos seus filhos que tomassem a cruz; e aqueles que recusaram tornaram-se marcas de desprezo geral. Propriedades de todos os tipos foram vendidas para arrecadar dinheiro, mas como todos queriam vender e ninguém queria comprar, as coisas naturalmente caíram a um preço excessivamente baixo, e foram compradas principalmente pelo clero; desse modo

[5]N. do T.: a [lua] crescente símbolo do islamismo
[6]Robertson, vol. 2, p. 630; Milman, vol. 3, p. 233; Waddington, vol. 2, p. 77.

quase todas as propriedades do país passaram para as mãos deles. Godofredo prometeu seu castelo de Bulhão, nas Ardenas, ao bispo de Liege. O artesão vendeu suas ferramentas, o fazendeiro seus implementos, para arrecadar dinheiro para a compra de equipamentos para a viagem. O fabuloso esplendor e riqueza do Oriente foram colocados diante da imaginação, já estimulada pelas lendas românticas de Carlos Magno e seus pares. Além do entusiasmo religioso que então animava todas as classes, uma variedade de outros motivos operavam na mente do povo. Para o camponês, antes não havia a oportunidade de deixar sua vida deprimida para pegar nas armas e abandonar o serviço ao seu senhor feudal. Para o ladrão, o pirata, o fora da lei, antes não havia perdão e restauração para a sociedade; para o devedor, antes não havia escape de sua obrigações, e para todos os que tomavam a cruz havia a certeza de que a morte na guerra santa os tornaria participantes da glória e bem-aventurança dos mártires. E tão grande foi a excitação produzida por essa epidemia papal que, muito antes do dia indicado para o início da expedição, a impaciência da multidão não conseguia se conter.

No início da primavera de 1096, Pedro [o Eremita], o primeiro missionário da cruzada partiu em sua marcha para o Oriente à frente de um exército selvagem e heterogêneo. Cerca de 6.000 da população dos confins da França e Lorraine reuniram-se em torno do Eremita, e pressionaram-no a liderá-los até o santo sepulcro. Ele então assumia o caráter, sem as capacidades necessárias, de um general, e então marcharam ao longo do Reno e do Danúbio. **Gualtério Sem-Haveres**, um pobre mas valente soldado, seguiu com eles com quinze mil pessoas. Um monge chamado Godescalco (ou Gottschalk) seguiu de perto Pedro e Gualtério com cerca de vinte mil dos habitantes das aldeias da Alemanha. Um quarto enxame de cerca de duzentos mil da escória do povo, conduzidos por um chamado Conde Emicho, pressionaram-lhe a retaguarda. Essas sucessivas multidões assim contavam totalmente trezentos mil guerreiros da cruz, assim chamados. Mas logo manifestou-se que um outro espírito os animava. Nenhum deles conhecia a cruz, senão como um emblema idólatra exterior. Velhos e enfermos, mulheres e crianças, e os indivíduos mais baixos do populacho ocioso, seguiram o exercito dos cruzados!

Nada podia ser mais melancólico e desastroso do que a conduta e o destino dessas multidões enganadas. Suas necessidades e quantidades logo os compeliram a se separarem. Eles estavam sem ordem ou disciplina, e a maioria deles desprovidos de armadura ou dinheiro. Eles não tinham nem ideia da distância de Jerusalém, ou das dificuldades que seriam encontradas pelo caminho. Tão

ignorantes eram que, ao avistarem a primeira cidade além dos limites de seu conhecimento, logo inquiriram se não seria Jerusalém. Em vez de sobriedade e ordem em sua marcha, esta foi marcada por assassinato, pilhagem, devassidão, e de toda sorte de hábitos infames. Os inofensivos habitantes judeus de cidades às margens do Mosela, do Reno e do Danúbio, através das quais eles marcharam, foram saqueados e mortos por serem assassinos de Cristo e os inimigos da cruz. A população da Hungria e da Bulgária levantou-se contra eles por causa de seus hábitos perturbadores e de pilhagem, e uma grande quantidade deles foram mortos.

Após repetidos desastres e aventuras tolas, eles chegaram em Constantinopla; mas Aleixo, o imperador grego, mais alarmado do que satisfeito com seus aliados, os transferiu rapidamente, se não traiçoeiramente, pelo Bósforo. Uma grande batalha ocorreu logo em seguida, entre os muros de Niceia — a capital turca. O exército do Eremita foi feito em pedaços por Solimão, o sultão turco de Icônio. Gualtério Sem-Haveres foi morto com a maioria de seus seguidores, e seus ossos foram ajuntados em uma grande pilha para alertar seus companheiros da desesperança de sua empreitada. É comprovado que nessas mal conduzidas expedições, trezentos mil pereceram, e alguns estendem o número para meio milhão. Daqueles que tinham começado sob a direção de Pedro e de seus tenentes, não mais de 20.000 sobreviveram e estes tentaram encontrar seu caminho de volta para casa, mas apenas para contar o triste destino de seus companheiros que tinham morrido pelas flechas dos turcos e dos húngaros, ou pela escassez e fadiga. Dificilmente sequer um dos do exército de Pedro alcançou as fronteiras da Terra Santa. O papa Urbano viveu para ouvir sobre as angústias e misérias de sua própria obra maligna, mas morreu antes da captura de Jerusalém.

A Segunda Divisão da Primeira Cruzada

Entretanto, enquanto a multidão pobre, nua, iludida e plebeia era reduzida a nada, a aristocracia do Ocidente assumia a cruz, encorajavam-se uns aos outros, e preparavam-se para partir na mesma missão sagrada. Precisaremos falar um pouco sobre os chefes, para que possamos ter alguma ideia de quão minuciosamente a epidemia tinha afetado todas as classes.

O mais eminente foi Godofredo de Bulhão, um descendente de Carlos Magno. A primeira classe lhe é atribuída tanto na guerra quanto no conselho. Ele tinha

acompanhado Guilherme da Normandia em sua invasão à Inglaterra; novamente, ao serviço de Henrique IV, ele possui a reputação de dar a Rodolfo sua ferida de morte, o que encerrou a guerra civil; e ele foi o primeiro do exército de Henrique a atravessar os muros de Roma. Ele é representado pelos cronistas como notável pela profundidade de sua piedade e pela suavidade de seu caráter na vida cotidiana; mas era sábio em seus conselhos, e ousado como um leão no campo de batalha. Ele foi acompanhado por seus dois irmãos, Eustácio e Balduíno; Hugo, irmão do rei da França; os condes Raimundo de Toulouse, Roberto da Flandres e Estêvão de Blois; e também Roberto, duque da Normandia, filho de Guilherme, o Conquistador. Mas tão grande e tão geral foi a excitação, que quase todos os galantes chefes da Europa estavam inspirados com coragem de cavaleiros e rivalidades nacionais, para se distinguirem nesta guerra santa.

Supõe-se que seiscentos mil homens tenham deixados seus lares nessa época, com inumeráveis atendentes, mulheres e servos, e operários de todos os tipos. A dificuldade de obter subsistência para tantos os levou a separarem suas forças e a prosseguirem até Constantinopla por diferentes rotas. Foi acordado que eles deveriam todos se encontrarem lá, e daí começaram suas operações contra os turcos. Após uma marcha longa e dolorosa, na qual milhares pereceram, os sobreviventes alcançaram a capital oriental. Aleixo, embora pudesse ser grato por uma força moderada vinda do Ocidente para ajudá-lo contra os turcos, que estavam perigosamente próximos dele, ficou atônito e alarmado com a aproximação de tantos chefes poderosos e grandes exércitos. A paz de suas fronteiras tinha sido perturbada pelos furtos e irritação das promíscuas multidões sob **Pedro, o Eremita**; mas ele temeu consequências mais sérias da chegada de tais tropas formidáveis sob Godofredo. Ao saber de uma companhia que uma outra logo se seguiria, ele os atraiu astuciosamente pelo Bósforo, de modo que não se reunissem nas proximidades de sua capital. Por esse meio, embora não sem ameaçadas hostilidades, os cruzados passaram, todos, para a Ásia antes da festa de Pentecostes.

O Cerco de Niceia

O zelo e a indignação dos peregrinos foram grandemente excitados quando viram a pirâmide de ossos que marcou o lugar onde Gualtério e seus companheiros tinham caído. Niceia foi sitiada e caiu em cerca de cinco semanas, mas eles ficaram muito desapontados com o saque esperado. Quando os turcos per-

ceberam que sua posição não era mais sustentável, secretamente concordaram em entregar a cidade a Aleixo. A bandeira imperial foi erguida na cidadela, e a importante conquista foi guardada com invejosa vigilância pelos pérfidos gregos. Os murmúrios dos chefes eram inúteis, e após alguns dias de descanso, dirigiram sua marcha em direção à Frígia.

A grande batalha de **Dorílio** foi lutada cerca de quinze dias após o cerco de Niceia. Solimão reuniu suas hordas turcas e pôs-se em perseguição ao que ele chamou de bárbaros ocidentais. Ele os surpreendeu e atacou antes de terem alcançado Dorílio. Sua cavalaria é declarada pelos cristãos como tendo trezentos mil homens. Tão temível foi o início do ataque e tão espessas as flechas envenenadas, que os cruzados foram sobrepujados. Eles foram lançados em tal confusão que, não fosse a coragem pessoal e conduta militar de Boemundo, Tancredo, Roberto da Normandia, e a ajuda oportuna de Godofredo e Raimundo, todo o exército podia ter perecido. Com o tempo a longa batalha foi decidida em favor dos cruzados, e a campanha de Solimão caiu em suas mãos. A superstição afirmava que a vitória tinha sido ganha pelos campeões celestiais, que desceram para ajudar os cristãos.

Em uma marcha de 500 milhas através da Ásia Menor, o exército sofreu severamente de fome, sede, calor extremo, escassez de comida, e da dificuldade da marcha, o que diminuiu muito suas fileiras. A sede foi fatal para centenas em um único dia. Quase todos os cavalos morreram. E, acrescentando à confusão e consternação deles, a desunião apareceu entre os líderes, até mesmo em abertas contendas. Mas apesar de todas as dificuldades, a grande massa de cruzados que sobreviveram a essas calamidades seguiram a caminho de Jerusalém. Balduíno, o irmão de Godofredo, conseguiu se apossar da cidade de Edessa, e fundou o primeiro principado dos latinos além do Eufrates.

O Cerco de Antioquia

No dia 18 de outubro de 1097, os "guerreiros da cruz" sitiaram a Antioquia, onde os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos, e que logo depois tornou-se o centro dos labores missionários do grande apóstolo. Mas que mudança de espírito, objetivo e modos do seu assim chamado sucessor — daquele que assumia o blasfemo título de vigário de Cristo, mas em quem cuja porta a culpa e o derramamento de sangue desta, a maior de todas as ilusões populares, para sempre repousará. Jezabel ainda pode reinar tanto na igreja

quanto no Estado, e amigos, assim como inimigos, devem ser sacrificados para atingir seu objetivo e gratificar sua ambição. Mas o dia rapidamente se aproxima quando a requisição pelo sangue será feita, e o juízo será dado, de acordo com os motivos, assim como com as ações. O testemunho agradecido a Deus, que saiu da Antioquia no primeiro século, é tão simples e verdadeiro agora como era então, e de igual autoridade sobre o coração e a consciência, não obstante o fluxo corrupto de dez mil que professamente fluíam da mesma fonte. É na doutrina dos apóstolos que temos que confiar, e não na tradição dos Pais. Em todas as épocas o credo cristão deveria ser: a pessoa de Cristo para o coração, a obra de Cristo para a consciência, e a palavra de Deus para o caminho.

O **cerco de Antioquia** durou oito meses. As dificuldades sofridas durante esse período foram terríveis. Por um tempo, as condições do solo e do clima foram apreciadas, até mesmo em excesso, mas o inverno chegou e a alegria deles acabou. As chuvas fortes inundaram seus acampamentos, e os ventos derrubaram suas tendas. Fome e pestilência, com suas muitas consequências, prevaleceram. A carne de cavalos, cachorros, e até mesmo de inimigos abatidos era avidamente devorada. No início do cerco, seus cavalos contavam 70.000, e no final contavam apenas 2.000, e dificilmente 200 davam para o serviço. Com o tempo, no entanto, o auxílio veio, ou teriam perecido até o último homem. Por meio da traição de um oficial sírio da cidade, que tinha o favor do emir[7], e que comandava três torres, um portão foi aberto. O exército invadiu a cidade devota, gritando o grito de guerra dos cruzados, "Deus o quer!", e a Antioquia caiu mais uma vez nas mãos dos cristãos. Mas a vitória não estava completa. A cidadela recusou-se a se render, e logo após essa aparente vitória, uma força esmagadora de turcos apareceu, sob Cerboga, Príncipe de Mosul. Durante vinte e cinco dias, os cruzados estiveram novamente à beira da completa destruição entre Cerboga e a guarnição da fortaleza.

Quandos os corações de todos começaram a desistir, e uma indiferença generalizada à vida prevaleceu, um astuto monge de nome **Bartolomeu** apresentou-se à porta da câmara do conselho, e declarou que tinha-lhe sido reveleado do céu em um sonho que sob o grande altar da igreja de São Pedro seria encontrada a lança que perfurou o Salvador na cruz. O chão foi aberto, mas após cavarem uma profundidade de vinte pés eles não encontraram o objeto. À noite, com os pés descalços e em vestes de penitência, o próprio Bartolomeu desceu no poço; e logo encontrou a ponta de uma lança. O anel de aço foi ouvido, era a

[7]*emir*: título de nobreza equivalente a príncipe.

arma sagrada. Ao primeiro relance da lança sagrada os desanimados cruzados passaram do desespero ao entusiasmo. Um salmo marcial foi cantado pelos padres e monges: "Que Deus se levante, e que seus inimigos sejam espalhados". Os portões de Antioquia foram escancarados, e então os guerreiros fanáticos precipitaram-se, com a lança sagrada sendo carregada pelo capelão do legado. O ataque foi irresistível; os sarracenos fugiram diante do ataque inesperado, deixando para trás uma imensa quantidade de espólios. **Boemundo** foi proclamado Príncipe da Antioquia, sob a condição de que ele deveria acompanhá-los até Jerusalém.

O Cerco de Jerusalém (1099 d.C.)

Em vez de marcharem imediatamente para Jerusalém, enquanto estavam tão animados e fortalecidos pela vitória, e seus inimigos dominados, eles ociosamente gastaram seu tempo desfrutando dos luxos da Síria por quase dez meses, e, quando as ordens de marcha foram dadas no mês seguinte de maio, apenas uma pequena parte do uma vez poderoso exército sobrou. Supõe-se que trezentos mil chegaram à Antioquia, mas a fome, a doença e a espada tinham reduzido a força deles para pouco mais de quarenta mil. As relíquias do exército partiram no mês de maio. Enquanto se aproximavam do objetivo de sua longa e perigosa jornada, e reconheciam os lugares sagrados, tais como Tiro, Sidom, Cesareia, Lida, Emaús e Belém, eles não podiam conter seu entusiasmo. Mas quando alcançaram uma elevação que lhes davam uma visão completa da cidade santa, um grito de "Jerusalém! Jerusalém! Deus o quer! Deus o quer!" explodiu. Todos se lançaram de joelhos e beijaram o solo sagrado. As cenas da história do evangelho encheram suas mentes com um arrebatado deleite. Mas Jerusalém estava ainda nas mãos dos infiéis, e eles estavam desprovidos dos recursos necessários para o assalto.

O cerco durou quarenta dias, mas foram quarenta dias de grande sofrimento para os sitiadores; especialmente pela sede feroz produzida pelo sol de verão daquele país seco. O ribeiro de Cédron estava seco; as cisternas tinham sido destruídas ou envenenadas; a provisão deles se acabou; de fato, tão grande era a angústia deles, que estavam a ponto de renderem-se em desespero. Mas, como em ocasiões anteriores, o alívio chegou. A superstição veio ao resgate. Godofredo viu no Monte das Oliveiras um guerreiro celestial balançando seu brilhante escudo como um sinal para outro assalto. Com renovado ardor mi-

litar, eles atacaram os incrédulos, e, após uma luta feroz, dominaram a cidade santa. Os historiadores concordam em dizer que, em 15 de julho de 1099, uma sexta-feira, às três da tarde, o dia e hora da paixão do Salvador, Godofredo de Bulhão foi vitorioso nas muralhas de Jerusalém. Ele saltou para a devota cidade, acompanhado de Tancredo, e seguido pelos soldados, que encheram cada rua da cidade de massacres.

"Os cruzados", diz Robertson, "inflamados à loucura pelo pensamento dos males inflingidos a seus irmãos e pela obstinada resistência dos sitiados, não pouparam nem o velho, nem a mulher, nem a criança. Setenta mil muçulmanos foram massacrados; muitos dos que tinham recebido uma promessa de vida dos líderes foram mortos pelos soldados. O templo e o alpendre de Salomão ficou cheio de sangue até a altura do joelho de um cavalo e, em meio à fúria geral contra os inimigos de Cristo, os judeus foram queimados em sua sinagoga. Godofredo não tomou parte nessas atrocidades, mas imediatamente após a vitória, em vestes de peregrino, dirigiu-se à igreja do santo sepulcro para derramar seus agradecimentos por ter sido permitido a alcançar a cidade santa. Muitos seguiram seu exemplo, resignando-se de suas obras selvagens por lágrimas de penintência e gozo, e oferecendo, no altar, o espólio que eles tinham conquistado; mas, por uma revolta de sentimentos naturais para um estado de grande excitação, eles logo voltaram à sua obra selvagem, e por três dias correu sangue em Jerusalém."[8]

Jerusalém nas Mãos dos Cristãos

Jerusalém, que esteve sob domínio muçulmano desde a conquista de Omar em 637, passou novamente para as mãos de cristãos; e oito dias depois desse memorável evento os chefes vitoriosos prosseguiram à eleição de um rei. Pela voz livre e unânime do exército, Godofredo de Bulhão foi proclamado o mais digno campeão da Cristandade e rei de Jerusalém. Mas o humilde e piedoso peregrino, enquanto aceitava o lugar de responsabilidade, recusou o nome e as insígnias da realeza. Como poderia ele ser chamado rei e vestir uma coroa de ouro, quando o Rei dos reis, seu Salvador e Senhor, tinha usado uma coroa de espinhos? Ele se contentou com o título mais humilde de Defensor e Barão do Santo Sepulcro.

Mal tinha Godofredo sentado em seu trono quando foi novamente convo-

[8]Church History, de Robertson, vol. 2, p. 641. White's Eighteen Christian Centuries.

cado para campo. Uma grande força de sarracenos do Egito avançavam para vingar a perda de Jerusalém. Mas novamente os cruzados foram vitoriosos no que é chamada **a Batalha de Ascalão**. Uma vez considerada segura sua posição na Cidade Santa, a maior parte do exército se preparou para voltar à Europa. Após subirem na colina do Calvário, em meio a altos cânticos de hinos do clero, banhando com lágrimas o solo santo, banhando-se no Jordão, carregando com eles ramos de palmeiras de Jericó, e inumeráveis relíquias, eles se prepararam para voltar para casa. Dentre os que retornaram estava Pedro o Eremita, que passou o resto de seus dias em um monastério fundado por ele próprio, em Huy, perto de Liège, até sua morte em 1115.

Trezentos cavaleiros e dois mil soldados a pé foi tudo o que Godofredo reteve para a defesa da Palestina. Mas o recém-nascido reino logo seria atacado por um novo inimigo, e um com quem estamos muito bem familiarizados — um padre voraz de Roma. No nome do papa, ele foi nomeado Patriarca de Jerusalém, e reivindicou tantas riquezas e propriedades para a Igreja que o Estado foi deixado, de fato, pobre. O piedoso Godofredo submeteu-se; tanto ele como Boemundo receberam investidura do padre, e assim o cetro de Jerusalém caiu em suas mãos, ou melhor, foi confiscado pelo ambicioso papa. Cansado com todos os seus labores, e sentindo que sua grande obra estava então realizada, Godofredo estava pouco disposto a lutar contra o padre, e assim permitiu-lhe usurpar e colocar-se sobre a jurisdição, tanto nos assuntos espirituais quanto seculares. Os cristãos gregos foram perseguidos pelos latinos como cismáticos; e, é claro, a brecha se alargou entre o Oriente e o Ocidente.

Após estabelecer a língua francesa, e estabelecer a fundação de um código de leis, mais tarde famosa sob o nome de "Assizes de Jerusalém", e mantendo sua dignidade por pouco mais de um ano, o bravo e vitorioso Godofredo — o verdadeiro herói da cruzada — morreu em 17 de agosto, em 1100 d.C.

A Segunda Cruzada (1147 d.C.)

Tendo assim dado um relato um pouco minucioso e detalhado sobre a primeira cruzada, precisamos fazer pouco mais do que fornecer algumas datas, com alguns pontos em particular, das sete seguintes cruzadas. As mesmas causas nada razoáveis e não bíblicas, mas empolgantes para o povo, e os mesmos resultados desastrosos, são aparentes em cada uma das expedições. Elas nada mais foram do que várias cópias fracas e mal sucedidas da original.

Os descendentes imediatos dos primeiros cruzados são descritos como dando lugar à vida de facilidade e luxúria, tornando-se assim completamente depravados e efeminados. Mas, por outro lado, os muçulmanos, tendo se recuperado de seu repentino terror e consternação, reuniram grandes forças e assediaram os cristãos com guerras perpétuas. Em 1144, **Zengi**, príncipe de Mosul, tornou-se mestre de Edessa. Os habitantes foram abatidos, a cidade saqueada e totalmente destruída. A exultação dos muçulmanos não se podia conter: eles ameaçaram a Antioquia, e a coragem dos cristãos começou a afundar. Com lágrimas eles, então, imploraram pelo auxílio dos reis cristãos e dos exércitos da Europa. "Os inimigos da cruz estão avançando", clamavam, "milhares de cristãos foram massacrados, e nenhum será deixado vivo na Terra Santa a menos que a ajuda venha rapidamente".

O Pontífice Romano, **Eugênio III**, ouviu essas petições, e resolveu provocar uma nova cruzada. Os reis, príncipes e o povo da Europa foram convocados, pelas cartas do papa, para a guerra santa, mas a pregação da cruzada sobre esses países foi delegada ao celebrado **São Bernardo, abade de Claraval**. Ele foi um homem de imensa influência, de caráter santo e de grande reputação pela realização de milagres. Na mais brilhante eloquência, ele retratava os sofrimentos dos cristãos orientais, a profanação dos lugares santos pelos infiéis, e o sucesso assegurado dos exércitos do Senhor. Luís VII da França, sua rainha, e um vasto número de seus nobres, tomaram o voto, e devotaram-se à guerra santa. **Conrado III**, imperador da Alemanha, após resistir por um tempo aos apelos de São Bernardo, com o tempo declarou-se pronto a obedecer ao chamado do serviço de Deus. Muitos dos chefes da Alemanha seguiram o exemplo do imperador ao tomar a cruz — como era então a frase da vez — mas era uma cruz sem a verdade nem a graça, a terrível ilusão de Satanás, e perversa prostituição do símbolo sagrado para a cegueira e ruína de milhões.

Assim que esses monarcas tomaram o voto, os preparativos para a expedição foram iniciados. Tropas e suprimentos de todo tipo foram coletados; e no ano de 1147, seus poderosos exércitos, compostos principalmente de franceses, alemães e italianos, e com mais de novecentos mil, avançaram em duas tropas em direção à Palestina. Prosseguindo, como pensaram, e como Bernardo lhes tinha assegurado, sob a sanção dos céus, eles esperavam que agora o golpe final seria dado contra o poder dos muçulmanos, que o reino de Jerusalém seria firmemente estabelecido, e que a paz seria assegurada aos cristãos latinos. Em alguns aspectos, a segunda cruzada diferiu da primeira. Aquela foi o resultado do entusiasmo popular, e esta foi um grande movimento europeu, liderado por

dois soberanos, seguidos por seus nobres, e apoiados pela riqueza e influência das nações; mas elas foram igualmente mal sucedidas como o exército de Pedro o Eremita. Eles foram cruelmente traídos pelos traiçoeiros gregos, que estavam com mais medo dos cruzados do que dos muçulmanos. A aproximação de cento e quarenta mil cavaleiros de armadura pesada, com seus atendentes imediatos, no campo, além das tropas de armadura leve, infantaria, padres e monges, mulheres e crianças — em todos contando quase um milhão — alarmou tanto os gregos efeminados que o imperador enviou homens exigindo que jurassem que não tinham nenhum desígnio contra o império. Mas o terror deles tomou a forma de hostilidade, e enquanto os cruzados entravam no território imperial, dificuldades erguiam-se por todos os lados.

A história da segunda cruzada na Terra Santa é mais lamentável, vergonhosa, e desastrosa do que a primeira. Em 1149, Conrado e Luís levaram de volta à Europa os poucos soldados que sobreviveram. O que aconteceu com o resto? Seus ossos forravam todas as estradas e desertos sobre os quais eles passaram. Um milhão tinha perecido em menos de dois anos. Altos murmúrios foram ouvidos contra Bernardo, sendo o padre por cuja pregação, profecias e milagres, a cruzada tinha sido principalmente promovida. Mas o astuto abade convenceu o povo de que ele estava certo em tudo o que disse, e que a falha na expedição foi um castigo cabível pelos pecados dos cruzados. Assim vemos que o único efeito da segunda cruzada foi de drenar a Europa de uma grande porção de sua riqueza, e da flor de seus exércitos, sem melhorar a condição dos cristãos no Oriente.

A Terceira Cruzada (1189 d.C.)

No ano de 1187, o famoso **Saladino**, Sultão do Egito, invadiu a Terra Santa à frente de um grande exército. Seu objetivo declarado era retomar Jerusalém dos cristãos. Tendo tido uma grande vitória em Tiberíades, ele forçou seu exército contra as muralhas da Cidade Santa, sitiou-a, e levou seu monarca como prisioneiro. A cidade rendeu-se a Saladino no dia 3 de outubro. A cruz foi derrubada, relíquias foram dispersas, os lugares sagrados profanados, e a adoração muçulmana restaurada. Não obstante a conduta de Saladino, embora um conquistador e muçulmano, ele estava totalmente livre daquele espírito de vingança que manchou o caráter dos francos sob Godofredo. Ele poupou o santo sepulcro, e permitiu que os cristãos o visitassem por um determinado pagamento. Sua

generosidade para com os cativos é celebrada por todos os escritores. Milhares foram libertados sem um preço de resgate, e multidões receberam uma passagem para a Europa às suas próprias custas. Os cristãos podiam permanecer em suas casas sob a condição de pagarem tributos.

As notícias dessas novas calamidades, e especialmente da conquista de Jerusalém, excitou as maiores indignações e alarmou toda a Cristandade. Novamente o clamor dos cristãos no Oriente por ajuda foi ouvido por seus irmãos no Ocidente. Mas no início eles se aborreceram ao ouvir. Apenas quarenta anos tinham se passado desde a última expedição, e a Europa mal tinha esquecido seus infortúnios, ou se recuperado de sua exaustão. Mas a causa foi vigorosamente tomada pelo papa, Clemente III. Os cardeais combinaram entre si de nunca montarem num cavalo "enquanto a terra na qual estiveram os pés do Senhor estivesse sob os pés do inimigo", e de pregarem a cruzada como mendigos. O interesse aumentou, embora os homens inicialmente hesitassem em se comprometerem com a empreitada. Mas o padre perseverou, e os três grandes príncipes da Europa foram influenciados para receber a cruz das mãos do bispo; seus súditos foram tributados, sob o nome de "Dízimo de Saladino", para pagar as despesas da guerra.

Na primavera de 1189, a terceira cruzada foi iniciada por **Frederico I** da Alemanha, de apelido Barbarossa; **Filipe Augusto** da França; e **Ricardo I** da Inglaterra, de apelido Coração de Leão, ou o príncipe de coração de leão. Barbarossa, então com 67 anos de idade, com seu grande exército, atravessou as províncias da Hungria, Bulgária e Grécia, como tinham feito os antigos peregrinos, e foram novamente molestados pelos primeiros dois e traídos pelo último. Oitenta e três mil alemães cruzaram o Helesponto, e por alguns dias a marcha deles através da Ásia Menor foi próspera; mas os guias e intérpretes que foram fornecidos pelos gregos tinham sido subornados para enganá-los, e após atraí-los para o deserto, desapareceram. Nenhum mercado pôde ser encontrado, cavalos morreram pela falta de comida, e suas carnes foram avidamente devoradas pelos soldados. Ainda assim ele foi capaz de manter a disciplina; e, embora com um número muito reduzido, ousadamente atacou e derrotou os turcos com grande matança, enquanto seu filho assaltava a cidade de Icônio e forçava o Sultão a se render. O exército, suprido com as provisões de Icônio, prosseguiu na esperança de rapidamente alcançarem o objetivo de sua expedição; mas seu grande líder morreu no ano seguinte próximo a Tarso, e Frederico, o filho, morrendo pouco tempo depois, fez com que vários sobreviventes abandonassem a cruzada e retornassem à Europa. Sessenta e oito mil do exército alemão tinha perecido em

menos de dois anos.

Os exércitos da Inglaterra e da França alcançaram a Palestina pelo mar no ano de 1190, e lutaram sob a mesma bandeira. Mas após a redução ocorrida em Acre, Filipe retornou à Europa, deixando Ricardo para continuar a guerra. A coragem do rei "de coração de leão" foi tão celebrada, tanto na história inglesa quanto muçulmana, que precisamos apenas acrescentar que ele derrotou Saladino em Ascalão e, tendo conseguido uma paz que assegurava certos privilégios aos peregrinos em Jerusalém e ao longo da costa do mar, retornou à Inglaterra em 1194, embora não sem grande dificuldade e custo. Saladino morreu em 1195, enquanto Ricardo estava em seu caminho para casa. Reconhece-se que, na expedição assim concluída, mais de meio milhão de professos guerreiros cristãos pereceram. Apenas no cerco do Acre, cento e vinte mil cristãos, e cento e oitenta mil muçulmanos, pereceram. Tais eram as alegadas guerras santas dos concílios de Roma inspirados pelo maligno.

As Demais Cruzadas (1195—1270 d.C.)

A quarta cruzada, que foi iniciada em 1195 pelo imperador Henrique VI, foi mais política do que religiosa. Ela tinha em vista, não tanto a libertação da Terra Santa, mas sim a destruição do império grego. Mas após alguns combates bem-sucedidos, Henrique morreu, e os alemães resolveram voltar para casa. O papa Celestino III, que instou a expedição, viveu após a morte do imperador apenas alguns meses. Ele morreu em 1198 d.C.

Descrever **a quinta e a sexta cruzada** envolveria muita repetição, mas a sétima e oitava merecem algumas palavras.

Luís XI, rei da França, que é comumente conhecido pelo nome de São Luís, acreditava que tinha sido curado de uma doença grave pelos céus para realizar a recuperação da Terra Santa. Nada podia dissuadi-lo de realizar seu voto. Após quatro anos de preparação, ele navegou para o Chipre em 1249, acompanhado por sua rainha, seus três irmãos, e todos os cavaleiros da França. Após alguns sucessos emocionantes e a tomada de Damieta, ele foi derrotado e levado cativo juntamente com dois de seus irmãos. O Conde da Salisbúria, que o tinha acompanhado, com quase todos os seus seguidores ingleses, pereceram. A peste e a fome começaram a fazer o seu terrível trabalho entre os francos; a dificuldade aumentou; a frota foi destruída; e os sarracenos, em vastos números, pairavam

em torno deles. A liberdade do rei foi, com o tempo, comprada por uma grande quantia e uma trégua foi conseguida para dez anos. Após visitar em segredo alguns dos lugares sagrados, ele voltou para a França. Mas em meio a todos os labores do governo em sua casa, o piedoso Luís nunca esqueceu seu voto de cruzada. Ele se assombrava com a ideia de que tinha sido confiado pelo céu para essa grande missão.

Por fim, em 14 de março de 1270 d.C., ele deu início a sua segunda e à **oitava cruzada**. Ele estava tão fraco que mal conseguia suportar sua armadura ou permanecer por muito tempo montado no cavalo. Mas mal ele chegou com seu exército nas costas da África, e então todas as suas visões otimistas se foram. As tropas do Sultão, o clima, a necessidade de água e comida, começaram a produzir seus tristes efeitos. Seu exército foi quase totalmente destruído, e o próprio Luís, com seu filho, João Tristão, faleceram no mês de agosto. Os sobreviventes retornaram à Europa; e assim terminaram essas guerras santas, deixando o declarado objetivo dos cruzados tão distante quanto antes dos dias de Pedro, o Eremita.

A Cruzada das Crianças (1213 d.C.)

Entre a quinta e a sexta cruzada, por volta do ano 1213, a excitação e a loucura da época produziu uma cruzada de meras crianças. Um menino pastor chamado Estêvão, que vivia próximo a Vendôme na França, professou ter sido encarregado pelo Salvador em uma visão para pregar a cruz. Ele logo reuniu outras crianças em torno dele pelas suas maravilhosas revelações, e começaram sua jornada, esperando conquistar os infiéis cantando hinos e fazendo orações. Elas passaram por cidades e vilas, exibindo bandeiras e cruzes, e cantando: "Ó Senhor, ajuda-nos a recuperar Tua verdadeira e santa cruz". Um movimento similar teve origem na Alemanha quase na mesma época. É dito que os números aumentavam à medida que avançavam, até que cerca de noventa mil meninos, com cerca de dez ou doze anos de idade, estavam prontos para marchar para a Terra Santa. Mas o grupo todo em pouco tempo se desmanchou. Muitas das infelizes crianças morreram pela fome e fadiga; outros foram traídos por capitães de navios, que prometiam deixá-los nas costas da Palestina, mas que supostamente acabaram os vendendo como escravos. Tal era a insanidade daqueles tempos que, em vez de prevenir tal movimento, o papa declarou que o zelo ma-

nifestado pelas crianças deveria envergonhar a indiferença dos mais velhos.[9]

Reflexões sobre as Cruzadas

Muitas e variadas são as opiniões dos historiadores quanto à origem, caráter e efeitos das cruzadas. Mas que elas tiveram uma imensa influência no curso dos assuntos humanos, especialmente na Europa e na Ásia, isto todos concordam. Elas foram os meios, sob a providência de Deus, pelos quais foi modificada toda a estrutura da sociedade neste[10] e em outros países. Do servo ao soberano, todos experimentaram uma grande mudança. A condição social do servo e do vassalo aumentou, o número e poder dos senhores feudais diminuiu, e a força dos soberanos aumentou. Pelos mesmos meios o comércio melhorou muito, e os barões não foram nem um pouco empobrecidos. Muitos deles hipotecaram suas propriedades para cidadão ricos, o que, com o tempo, levou ao estabelecimento do terceiro estamento[11] no reino — os comuns. As liberdades da Europa, tanto civis quanto religiosas, tiveram sua ascensão nessa classe social.

Mas o papado foi o principal beneficiado pelas cruzadas. Um vasto aumento de poder, influência e riqueza para o papa, o clero e as instituições monásticas, foi o resultado imediato. Tudo isto era o único grande objetivo da política papal. Aquilo pelo que Hildebrando lutava e via no horizonte, Urbano agarrou e usou com grande astúcia e poder. E essa supremacia ele obteve por meios aparentemente bons e santos, mas verdadeiramente muito sutis e satânicos. A teoria era esta: "o cruzado era o soldado da igreja, e a esta devia submissão acima de tudo, tendo o libertado de todas as outras submissões". Nunca houve uma teoria mais ampla, niveladora e injusta proposta à humanidade. Mas, em sua aparente piedade, encontra sua profunda sutileza.

Quando Urbano colocou-se à frente dos exércitos da fé em 1095, ele assumiu ser o diretor de seus movimentos, o dispenseiro de suas bênçãos, e seu infalível conselheiro e legislador. Ele pregou que esta não era uma guerra nacional da Itália, França ou Alemanha, contra o império do Egito, mas uma guerra santa

[9] Robertson, vol. 3, p. 341.

[10] N. do T.: o autor vivia na Inglaterra.

[11] N. do T.: estamento é uma forma de estratificação social com camadas mais fechadas do que as classes sociais, e mais abertas do que as castas, ou seja, possui maior mobilidade social que no sistema de castas, e menor mobilidade social do que no sistema de classes sociais. Os estamentos caracterizaram a sociedade feudal durante a Idade Média. Fonte: Wikipédia – `https://pt.wikipedia.org/wiki/Estamento`

de cristãos contra muçulmanos. Nenhum cristão deveria guerrear contra outro cristão, mas todos deveriam se unir em uma aliança santa contra um inimigo em comum — os infiéis. Os privilégios prometidos a todos os soldados de Cristo eram grandes e muitos, como pode ser visto pelo discurso de Urbano[12]. Eles foram assegurados da imediata remissão de todos os seus pecados, do paraíso de Deus, se caíssem na batalha, ou se morressem no caminho até a Terra Santa; e ainda, quanto a esta vida, o papa declarou que todas as obrigações temporais, civis e sociais seriam dissolvidas aos que tomassem a cruz. Assim, cada fio que ligava a sociedade foi quebrado, um novo princípio de obediência foi estabelecido, e o papa tornou-se o senhor feudal da humanidade.[13]

Os Cavaleiros Templários e Hospitalários

Podemos apenas tomar nota, antes de deixarmos o assunto, que durante essas guerras dos cristãos contra os muçulmanos, três celebradas ordens militares religiosas foram fundadas — os Cavaleiros do Templo de Jerusalém, os Cavaleiros Hospitalários e os Cavaleiros Teutônicos. Os principais deveres desses cavaleiros, de acordo com seus fundadores, eram de proteger e ajudar os pobres, os doentes e os feridos dentre os peregrinos, e de providenciar, por todos os meios possíveis, para a defesa de Jerusalém e da Terra Santa. Eles logo tornaram-se extremamente populares. Muitos da nobreza da Europa aceitaram a cruz e professaram o voto dos cavaleiros da Palestina. A superstição os enriqueceu, e, mal precisamos acrescentar, também os corrompeu; e a riqueza deles despertou a avareza de outros. Após os cristãos terem perdido a posse da Terra Santa, esses cavaleiros foram dispersos por vários países. A ordem dos templários foi dissolvida pelo Concílio de Viena no século XIV, e a dos teutônicos no século XVII, pelas autoridades alemãs. Os hospitalários obtiveram de Carlos V a posse da ilha de Malta, e são hoje conhecidos como os Cavaleiros de Malta.[14]

[12]Veja Seção "Papa Urbano e as Cruzadas", Capitulo 20, Página 478
[13]*Latin Christianity*, de Milman, vol. 3, p. 242.
[14]*Dictionary of Dates*, de Haydn.

Capítulo 21

Capítulo 21—Roma (1106—1190 d.C.)

Henrique V e os Sucessores de Gregório (1186—1122 d.C.)

Apresentamos uma história consecutiva das Cruzadas, o que nos levou ao final do século XIII. Retornemos, agora, um pouco, ao ponto em que paramos, para reunirmos as linhas de nossa história geral.

As guerras longas e assoladoras ocasionadas pela disputa entre Gregório e Henrique quanto ao direito de investidura falharam completamente em trazer essa questão a qualquer acordo. Os sucessores de Gregório, profundamente imbuídos desse espírito, esforçaram-se, por todos os meios possíveis, para levar o esquema adiante. Por outro lado, o novo rei Henrique V estava igualmente determinado a se opôr às exigências papais, e também a recuperar tudo o que sua coroa tinha perdido para a tirania espiritual dos papas. Ele investiu bispos com o anel e o báculo, como seus ancestrais haviam feito, e obrigou o clero da Alemanha a consagrá-los. Anátemas e inúmeras excomunhões dos papas e concílios foram fulminados contra o imperador rebelde, mas ele pacificamente permitiu que assim procedessem. Assim continuou a disputa, embora com menos derramamento de sangue do que nos tempos de Gregório.

A Doação de Matilda

No ano de 1115, "a grande condessa" Matilde da Toscana morreu. Antes de sua morte, ela entregou à Sé romana suas vastas posses. Esta ação era inteiramente contrária à lei feudal, mas estava em total concordância com a lei pontifica. Assim, um novo assunto de conflito entre os papas e os imperadores surgiu dessa doação. Se o papa tivesse permissão de tomar posse pacificamente das propriedades dela, ele se tornaria como um rei na Itália. Mas, não obstante o quão devota a grande mulher fosse à igreja de Roma e sincera em sua doação, a ação era contrária à lei e nunca entrou em vigor completamente, embora tenha contribuído muito para com o poder secular dos papas. Mas não precisamos dar detalhes. O mundo estava se cansando da história dos papas e antipapas, com as facções, perjúrios e hipocrisias; do derramamento de sangue e devastação, que tinha durado mais de um século. "Todos os corações ansiavam por paz", disse alguém, e o amor pela guerra se extinguiu em ambos os lados; a chama da discórdia civil e religiosa, que foi acesa por Gregório e atiçada por seus sucessores, foi extinta em meio às inundações de calamidades. Após muito esforço, a paz foi ratificada entre os legados do papa e o imperador, no ano de 1122, nas condições que veremos a seguir.

A Concordata[1] de Worms

O papa Calisto, embora fosse um defensor inflexível das reivindicações papais, vendo a ânsia geral por paz, deu instruções a seus legados para que convocassem um concílio geral com todos os bispos e clérigos da França e Alemanha em Mentz, com o propósito de que fosse levado em consideração o restabelecimento de uma concordância entre a Santa Sé e o Império. Quando tal celebrado tratado foi passado para o papel e tendo recebido o selo dourado do império, a assembleia foi suspensa de Mentz para um espaçoso prado perto da cidade de Worms. Ali, inúmeras multidões se reuniram para testemunhar a troca das cópias ratificadas do tratado que traria de volta a paz civil e religiosa a toda Europa. A cerimônia foi concluída, de acordo com os costumes da época, com uma missa solene e o entoar do Te Deum[2] pelo bispo-cardeal de Ostia, durante o qual o legado comunicou ao imperador e em nome do papa deu-lhe o beijo

[1]N. do T.: Concordata é uma convenção entre o Estado e a igreja acerca de assuntos religiosos de uma nação.

[2]*Te Deum* é um hino litúrgico católico atribuído a Santo Ambrósio e a Santo Agostinho.

da paz.

Esse tratado tem sido recebido desde aquele dia até hoje como a afirmação fundamental no que diz respeito aos **direitos papais e imperiais**. Tais eram suas estipulações:

"O imperador entrega a Deus, a São Pedro, e à igreja católica, o direito de investidura pelo **Anel** e pelo **Báculo**; ele concede ao clero por todo o império o direito à livre eleição; ele restaura à igreja de Roma, a todas as outras igrejas e nobres, a posse e soberanias feudais que foram apreendidas durante as guerras nos tempos de seu pai e nos seus próprios, aquelas em sua imediata posse, e promete sua influência a fim de obter restituição daquelas que não estão em sua posse. Ele concede paz ao papa e a todos os seus partidários, e se compromete a proteger, sempre que for convocado, a igreja de Roma em todas as coisas."

O papa concedeu, de sua parte, que todas as eleições de bispos e abades fossem realizadas na presença do imperador ou de seus comissários, desde que sem suborno e violência, com direito a apelo em casos de eleições contestadas aos bispos metropolitanos e provinciais. O bispo eleito na Alemanha deveria receber, pelo toque do cetro, todos os direitos seculares, os principados e as posses da Sé, com exceção daquelas sob domínio imediato da Sé Romana. O bispo também deveria cumprir fielmente com todos os deveres, assumidos com o imperador, incidentes a esses principados. Em todas as outras partes do império, os direitos do soberano deveriam ser concedidos ao bispo consagrado dentro de seis meses. O papa concede paz ao imperador e aos seus partidários, e promete ajuda e assistência em todos os assuntos legais."[3]

Assim acabou a disputa que tinha desgastado a Alemanha por uma guerra civil por cinquenta anos, e a Itália pelas mais desastrosas invasões. E uma momentânea reflexão sobre os ajustes durante a batalha e as ligeiras concessões feitas de cada lado mostram a terrível iniquidade daqueles que prolongaram a luta. Mas nem Calisto nem Henrique sobreviveram muito tempo após a **Concordata de Worms**. O papa morreu em 1124, e o imperador em 1125.

Não é necessário falar muito mais sobre os eventos desse século. As grandes características pelas quais foi marcado são as cruzadas e seus resultados, o que já examinamos. Mas pode ser interessante observar brevemente dois ou três homens notáveis que apareceram nessa época, cujos nomes são familiares entre nós até hoje, e cujas histórias nos conduzem aos segredos e profundida-

[3]Milman, vol. 3, p. 320; Greenwood, book 11, p. 673.

des do claustro. Além disso, aprendemos mais sobre o estado geral da religião, literatura e costumes a partir de tais histórias individuais do que de meras declarações abstratas.

São Bernardo, Abade de Claraval

O mais celebrado desses homens [do século XII] é o famoso **São Bernardo**. Ele é considerado o mais brilhante representante da religião católica romana que a igreja teve desde os dias de Jerônimo, Ambrósio, Agostinho, e Gregório. Por meio século, ele aparece diante de nós como o chefe dirigente e governante da Cristandade — o oráculo de toda a Europa. Os papas são perdidos de vista sob a luz mais clara do abade. "Ele é o centro", diz um de seus biógrafos, "sobre os quais se reúnem os grandes eventos da história cristã, de cuja mente fluem os impulsos que animam e guiam a Cristandade latina, a quem convergem os pensamentos religiosos dos homens. Ele governa, da mesma forma, o mundo monástico, os concílios dos soberanos seculares, e os desenvolvimentos intelectuais da era. Acredita-se, por uma era de admiração, que ele tenha confundido o próprio Abelardo, e que tenha reprimido as mais perigosas doutrinas de Arnoldo de Bréscia". Para aqueles que já leram sobre sua vida, essa imagem não parecerá exagerada. Mas, ao lançarmos luz sobre aqueles tempos, tomaremos nota primeiramente sobre sua criação e educação.

Bernardo nasceu de nobre parentesco na Borgonha. Seu pai, Tescelin, era um cavaleiro de grande bravura e piedade, de acordo com as ideias religiosas predominantes na época. Sua mãe, Alèthe, era também bem nascida, e um modelo de devoção e caridade. Bernardo, o terceiro filho deles, nasceu em Fontaines, perto de Dijon, em 1091. Desde sua infância ele era pensativo e devotado à religião e ao estudo. Sua piedosa mãe morreu enquanto ele ainda era jovem, deixando seis filhos e uma filha. Ele foi, então, deixado livre para escolher sua ocupação de vida. Qual seria? Ele não tinha muita escolha: ou seria um cavaleiro lutador ou um monge em jejum e oração. Ele resolveu se retirar do mundo e devotar-se à vida monástica. Aos vinte e três anos, ele entrou para o mosteiro de Cister.

Quando sua família ouviu pela primeira vez sobre sua decisão, ele sofreu muita oposição. Seu pai, Tescelin, e seus dois irmãos, Guido e Geraldo, estavam seguindo o grande Duque da Borgonha em suas guerras, como militares nobres. Mas tal era a força de caráter de Bernardo que ele influenciou seus irmãos, um

após o outro, e também sua irmã, a fazerem o voto; e assim toda a família, em um curto período de tempo, desapareceu dentro das paredes do convento.

São Bernardo e o Monasticismo

Como o cristianismo e o entusiasmo monástico, na teoria da igreja romana, era, nessa época, a única verdadeira perfeição cristã, apresentaremos ao leitor algumas particularidades desse sistema, para que possa julgar, por si mesmo, a extrema cegueira até mesmo de verdadeiros crentes como Bernardo, e a terrível perversão do sagrado nome do Cristianismo. Se as provas não fossem inquestionáveis, seria difícil crer em tais fatos. A renúncia ao mundo, a solidão, o asceticismo, a mortificação severa, eram coisas pregadas quase como se fossem o único caminho seguro para o céu. Os supostos méritos do monastério, e não da obra consumada de Cristo, era a base de admissão por São Pedro aos reinos de glória. Por isso, quanto mais sincero fosse o monge, mais ele infligia a si mesmo todo tipo de tortura e miséria. Este era o engano: "Quanto mais longe do homem, mais próximo de Deus. A santidade era medida pelo sofrimento. Toda a simpatia humana, todos os sentimentos sociais, todos os laços de parentesco, todas as afeições, deveriam arrancadas pelas raízes do espírito que geme; dor e oração, oração e dor, deveriam ser as únicas e incansáveis ocupações de uma vida santa."

Certamente está é uma obra-prima de Satanás, a mais profunda ilusão dos conselhos do inferno. Que a tua santa Bíblia seja teu guia, querido leitor; e descanse com a certeza de que todo o que crê no Senhor Jesus Cristo é, e não apenas será, mas é salvo, e que todo aquele que verdadeiramente crê deve cuidar em manter boas obras, em virtude da natureza divina e do poder do Espírito Santo.

Os Mosteiros Cistercienses

Estêvão Harding, um inglês, nascido em Sherborne em Dorsetshire, foi abade no monastério cisterciense em Cister. Ele seguiu as regras de São Bento, mas com severidades adicionais. Eles tinham somente uma refeição comum no dia, e tinham doze horas de trabalho antes de recebê-la. Eles nunca provavam carne, peixe ou ovos, e leite apenas raramente.

Era comum, quando alguém desejava se tornar um monge em Cister, de

acordo com o biógrafo de Bernardo, fazê-lo esperar por quatro dias antes de ser levado à presença do convento reunido. Depois disso, ele se prostrava diante do púlpito e o abade lhe perguntava sobre o que ele queria. Ele então respondia: "A misericórdia de Deus e a vossa". O abade ordenava que ele se levantasse e o expunha à severidade das regras do mosteiro, e então perguntava novamente sobre suas intenções; e, se ele respondesse que guardaria tudo, o abade dizia: "Que Deus, que começou uma boa obra em ti, a termine". Esta cerimônia era repetida por três dias, e após o terceiro ele passava da case de hóspedes para as celas dos noviços, e então imediatamente começava o ano de provação.

A seguir veremos a rotina comum no mosteiro durante o ano em que Bernardo esteve ali. Às duas da manhã o grande sino tocava, e os monges imediatamente se levantavam de seus leitos duros e se apressavam pelos claustros escuros em silêncio solene para a igreja. Uma única pequena lâmpada, suspensa no teto, fornecia uma luz cintilante, apenas o suficiente para indicar-lhes o caminho através do edifício. Após a oração ou o serviço divino eles se retiravam, e após um breve repouso se levantavam novamente para as matinas, que demoravam cerca de duas horas; então realizavam outros serviços, em parte regulados de acordo com a estação do ano — verão ou inverno; mas eles eram empregados em vários exercícios religiosos até às nove, quando saíam para trabalhar nos campos. Às duas eles jantavam, no cair da noite eles se reuniam para a oração das vésperas; às seis ou oito, de acordo com a estação, eles terminavam o dia com as orações da última hora canônica, e então se recolhiam imediatamente ao dormitório.

No entanto, por mais severas que pareçam ter sido essas práticas e austeridades, elas estavam longes de satisfazer o zelo e espírito de auto-mortificação de Bernardo. Ele passava seu tempo em solidão e estudo. O tempo dado ao sono ele considerava como perdido, e costumava comparar o sono à morte, afirmando que dorminhocos podiam ser considerados como mortos entre os homens, assim como os mortos estão dormindo diante de Deus. Ele lia diligentemente as Escrituras e se esforçava em trabalhar em sua própria concepção de religião perfeita e angelical. Ele tinha tão absolutamente isolado seus sentidos da comunhão com o mundo exterior que parecia morto para qualquer impressão externa: seus olhos não podiam distinguir se sua câmara estava celada ou não ou se ela tinha uma janela ou três. Da escassa comida que ele comia, seu paladar inconsciente tinha perdido totalmente a percepção do estado da comida, se estava estragada ou saudável. Ele bebia óleo e não podia distingui-lo da água. E ainda assim, este homem iludido, embora não duvidemos de que já

fosse salvo pela graça, estava fazendo isso tudo pela salvação; e ainda assim, como de costume, ele não estava satisfeito. Ele falava de si mesmo como se fosse apenas um noviço: outros poderiam tê-la alcançado, mas ele estaria ainda apenas começando sua santificação.

A Profissão de Fé de Bernardo

Um ano se passou desde que Bernardo entrou em Cister. Sua provação tinha terminado; ele agora faz sua profissão de fé. Essa cerimônia era realizada com grande solenidade, e cercada com tudo o que poderia transmitir admiração e majestade. O noviço era chamado para dentro da congregação e, diante de todos, abria mão de todos os bens mundanos que possuísse. Sua cabeça era raspada, e seu cabelo queimado pelo sacristão em um utensílio usado para tal propósito. Indo para os degraus do presbitério, ele então lia a forma da profissão, fazia o sinal da cruz e, inclinando seu corpo, se aproximava do altar. Ele colocava a profissão no lado direito do altar, que ele beijava, curvava novamente seu corpo, e retirava-se para os degraus. O abade, em pé do outro lado do altar, retirava dele o pergaminho, enquanto o noviço implorava perdão sobre suas mãos e joelhos, repetindo três vezes as palavras: "Recebe-me, ó Senhor". Todo o convento respondia com "Gloria Patri", e o cantor começava o salmo: "Tem misericórdia de mim, ó Deus", que era cantado alternadamente pelos dois coros. O noviço então se humilhava aos pés do abade, e depois fazia o mesmo perante o prior, e sucessivamente perante toda a irmandade — até mesmo perante os doentes, se houvesse algum. Próximo ao fim do salmo, o abade, portando seu báculo, se aproximava do noviço e o fazia levantar. Um capuz era abençoado e aspergido com água benta, e, retirando do noviço suas vestes seculares, as substituía pela vestimenta monástica. O "Credo" era entoado, o noviço tinha se tornado monge, e tomava seu lugar junto ao coro.[4]

Bernardo Parte de Cister

A chegada de Bernardo, de seus parentes e de seus seguidores em Cister revelou-se um ponto de virada na história da cidade. A popularidade do pequeno mosteiro aumentou, e seus dormitórios ficaram lotados. Logo tornou-se necessário

[4]Estes relatos são extraídos principalmente de The Life and Times of St Bernard, por James Catter Morrison, M.A.

procurar os meios de fundar um outro. Bernardo foi selecionado por Estêvão, o general das comunidades cistercienses da França, como o chefe da comunidade. Doze monges e seu jovem abade — representando o Senhor e Seus apóstolos — reuniram-se na igreja. Estêvão colocou uma cruz nas mãos de Bernardo, que solenemente, à frente de seu pequeno grupo, partiu de Cister. Após viajar em direção ao norte por quase noventa milhas, eles chegaram a um vale em Champanhe chamado de Vale do Absinto, mas que então passaria a ser chamado de Claraval — o Vale Claro. Era uma solidão estéril, e por um tempo as dificuldades que a pequena comunidade tinha de suportar foram excessivas. Um rude tecido para se abrigarem do vento, da chuva, do calor e do frio, foi fabricado com suas próprias mãos — eles foram obrigados a viver de folhas de faia, nozes e raízes, misturados com grãos grosseiros, até que o Senhor em misericórdia supriu a necessidade deles a partir da compaixão dos camponeses vizinhos. É claro, os suprimentos de dinheiro e milho eram atribuídos à intervenção miraculosa de São Bernardo, sua piedade, suas orações e suas visões proféticas. Mas o bom Senhor teve piedade e salvou aqueles pobres homens iludidos de uma verdadeira morte por inanição.

Guilherme de Champeaux, bispo de Chalons, ouvindo que a vida de Bernardo estava em perigo pelo extremo rigor de suas mortificações, conseguiu afastá-lo de Claraval por doze meses; e, obrigando-o a se alimentar e descansar direito, salvou-o de um lento mas certo suicídio. Em anos posteriores, Bernardo expressou desaprovação de tal excesso de mortificação como aquele que enfraquecera seu próprio corpo e prejudicara sua própria força.

O Poder da Pregação de Bernardo

Após esse período, de acordo com seus biógrafos, a fama e influência de Bernardo se espalhou rápida e amplamente. Sua saúde tinha sofrido tanto pelas práticas ascéticas que ele não conseguia mais trabalhar no campo com seus irmãos pelo seu mantimento diário; mas ele trabalhava com sua pena (caneta), e sua pregação retinha toda sua impressionante solenidade e eloquência persuasiva. Seu rosto pálido, forma macerada e corpo fraco contrastava estranhamente com sua poderosa voz, sua incrível eloquência e o fervor ardente de seus comoventes apelos. Quando era anunciado que ele pregaria em algum lugar, esposas se apressavam em esconder seus maridos; mães, a seus filhos; amigos, seus amigos — levando-os para longe, para que não renunciassem ao mundo

para viverem no claustro, pelo poder irresistível do santo abade. Sua reputação como pregador e escritor logo se espalhou por toda a Cristandade, e o mundo inteiro começou a atribuir a impressão que ele produzia a um poder divino, e a considerá-lo como tendo o dom de operar milagres.

O **"Vale Claro"** logo estava cheio de candidatos à admissão; o número de seus internados rapidamente aumentou para setecentos; e o número de mosteiros fundados pelo próprio Bernardo chegou a cento e seis. Eles estavam espalhados pela França, Itália, Alemanha, Inglaterra, Espanha, e de fato em cada país do Ocidente. E, como pode-se esperar, todos olhavam com uma reverência e afeição supersticiosa para seu fundador. Claraval tornou-se, assim, um tribunal livre e aberto no qual todos podiam apelar sem custo, e do qual, conta-se, todos se retiravam sem insatisfação, sejam os justificados ou os condenados. Ele sabia como se dirigir às pessoas de todas as classes em um estilo muito adequado ao entendimento delas, e assim exercia uma imensa influência sobre todos os tipos de homens. Seus discípulos admirados competiam uns com os outros para publicarem em todo lugar as maravilhas feitas por suas mãos ou suas orações, até que cada ato seu se tornasse um milagre e cada palavra uma profecia. Nem os Evangelhos contêm tantos incontáveis milagres como os da vida de Bernardo. Ele curava doenças pelo seu toque, o pão que ele abençoava produzia efeitos sobrenaturais, e um homem cego passou a enxergar ao ficar em pé no mesmo lugar em que o homem santo tinha ficado!

A Era dos Milagres e das Visões

Para aqueles que estão familiarizados com o espírito e temperamento da era medieval, essas crenças sem fundamento não são motivo de surpresa; mas para aqueles que estão familiarizados apenas com a época em que vivemos pode parecer estranho que as pessoas pudessem ser tão fracas para acreditar nessas coisas[5]. E se não fosse por seu valor histórico não acharíamos essas coisas dignas de serem transcritas. Mas essas coisas mostram, como nada mais pode, os modos de pensamento e a medida do desenvolvimento mental do homem na época, e sobre esse terreno podemos entender e explicar porque tais histórias tolas e ficções absurdas eram recebidas como a presente revelação de Deus. O resultado foi, como Satanás pretendia até mesmo no caso de verdadeiros cris-

[5]N. do T.: Este livro foi escrito no século XIX. Hoje em dia, não é incomum vermos novamente multidões crendo em "fábulas profanas", como foi profetizado sobre os "últimos tempos" (1 Timóteo 4:1,7).

tãos, que a Palavra de Deus, que é o **único padrão** de fé e prática, fosse completamente deixada de lado, e as mentiras dos enganadores cridas. Um homem bom e talentoso, como Bernardo deve ter sido, estava profundamente imbuído da credulidade supersticiosa de sua época. Ele acreditava, juntamente com outros, que Deus tinha realizado milagres através dele. Mas todos os homens no século XII, e por vários séculos, tanto antes como depois, criam em milagres, visões, revelações, e na interferência tanto de anjos bons quanto de maus em coisas terrenas.

O efeito do sistema monástico sobre o povo em geral na idade das trevas é devido à prontidão deles em crer em qualquer coisa que um monge dizia, especialmente quando se tratava sobre o bem ou o mal, o céu ou o inferno. Os sinos prateados dos conventos constantemente lembravam o senhor feudal e seus vassalos da ocupação celestial dos monges, o que, para suas mentes supersticiosas, devia surtir um grande efeito. E não é de se admirar. Ali no vale solitário, em meio ao isolamento da natureza, ficava o mosteiro santo. O príncipe, o camponês e o indigente podiam bater em seus portões e encontrar abrigo dentro de suas paredes sagradas. A paz era prometida nesta vida a todos que entrassem, e o céu após a morte. O coro de canções de vigílias e matinas durante a noite devia apelar para os sentimentos religiosos de todos ao redor, e enchia-os da mais santa admiração e reverência por essas pessoas celestiais. Por isso, o mosteiro era considerado o portão do céu, e todos os seus internos como servos do Altíssimo. Era, sem dúvida, uma grande misericórdia naquela época para o pobre, e para o povo em geral, especialmente durante o reinado do feudalismo.

A Degeneração das Regras Monásticas

Mas antes de deixarmos o assunto sobre os mosteiros, tendo olhado para eles sob o comando de Bernardo, pode ser interessante tomar nota do que eles tinham se tornado antes de seu dia, e o que se tornariam depois. A maioria dos antigos mosteiros tinham ficado ricos e sofriam das consequências naturais. Alguns tinham relaxado totalmente sua disciplina, a muito tempo já renunciavam à pobreza, e desconsideravam seu voto de obediência ao abade ou prior. Eles tinham fertilizado seus territórios imediatos; e, embora tivessem agora como desfrutar dos frutos de sua labuta, se afundaram em indolente repouso, e a ociosidade trouxe seus dez mil outros pecados. Milman fala do monasticismo como traçando o mesmo ciclo em todas as eras. Isto é tão verdadeiramente e grafi-

camente descrito que citaremos a passagem inteira. Mas devemos acrescentar que ele deixa de fora nesse parágrafo as terríveis imoralidades, dissensões e insubordinações que sempre foram as consequências da riqueza.

"Agora o deserto, a solidão absoluta, a extrema pobreza, as dificuldades na floresta teimosa e no pântano doentio, a mais exaltada piedade, a devoção que não tinha horas suficientes durante o dia e a noite para seu exercício, as regras que não podiam ser forçadas mais estritamente, o ascetismo fortemente competitivo, a inventiva auto-disciplina, a ingenuidade inexaurível e emulada da auto-tortura, o servilismo prepotente da obediência: e então a fama pela piedade, as prodigiosas ofertas dos fiéis, as concessões do senhor arrependido, as doações do rei cheio de remorso — a opulência, o poder, a magnificência. A cabana de acácia, a ermida de pedra, e agora o claustro imponente; a igreja humilde de madeira, e agora a soberba e linda abadia; a floresta selvagem e pantanosa, e agora o agradável e úmido bosque; o pântano, e agora um domínio de prados e campos de milho; o riacho ou a torrente da montanha, e agora uma sucessão de calmos tanques e poços, que engordam inumeráveis peixes. O superior, antes um homem curvado em terra com humildade, aflito, pálido, extenuado, com uma grosseira veste amarrada com uma corda, com pés descalços, tornou-se um abade em seu palafrém, em traje rico, com sua cruz prateada trazida diante dele, viajando para tomar seu lugar em meio aos mais nobres do reino."[6]

Uma nova ordem, uma nova instituição, cresceram sob a mão de Bernardo. Claraval foi o começo de uma nova era na história do monasticismo. Homens de todas as classes eram atraídos à ordem cisterciense, não obstante o notável rigor de sua disciplina; e vários mosteiros se espalharam nos desertos, seguindo o padrão de Claraval. Mas todo o poder de Bernardo não podia prevenir que as mais amargas invejas e dissimulações indecentes surgissem entre os monges das novas e das velhas ordens, especialmente com o outrora célebre mosteiro de Cluny, que tinha treinado Hildebrando para o trono papal.

Bernardo Parte de Claraval (1130 d.C.)

Uma grande **cisma** na igreja, causada por dois papas inescrupulosos, foi a ocasião em que São Bernardo foi retirado relutantemente de sua pacífica reclusão e mergulhado de vez nos assuntos do mundo. Mas, como um exemplo do que

[6] Latin Christianity, vol. 3, p.330.

era uma comum ocorrência em conexão com as eleições papais, daremos alguns detalhes. O leitor lerá e poderá julgar por si mesmo acerca da alegada infalibilidade papal. Infelizmente, poucos dos papas foram decentes exteriormente.

Quando o Papa Honório II estava para morrer, mas antes de ter dado seu último suspiro, o cardeal **Pietro Pierleoni**, que era neto de um agiota judeu, fez um ousado esforço para ocupar a cadeira de São Pedro. Mas, quando o pontífice moribundo apareceu à janela e mostrou ao povo que ainda estava vivo, Pietro e seus amigos se retiraram pelo momento. Um outro partido, determinado a excluir Pietro, e assistindo até que o pobre papa morresse, imediatamente proclamou o cardeal Gregório como o supremo pontífice do mundo cristão sob o nome de **Inocêncio II**. O partido de Pedro, ao mesmo tempo, elegeu seu papa e o vestiu como pontífice, declarando que ele, sob o título de Anacleto II, era o autêntico vigário de Cristo.

Roma, a cena de infindáveis lutas e guerras, estava agora cheia de dois exércitos de partidários ferozes. A devastação e o derramamento de sangue rapidamente se seguiram após as ameaças e maldições espirituais. Anacleto, conta-se, à frente de um grupo de mercenários, iniciou o ataque sitiando a igreja de São Pedro. Ele forçou seu caminho para dentro do santuário, carregando o crucifixo de ouro e todo um tesouro em ouro, prata e pedras preciosas. Tais riquezas levaram um grande número a ficar do lado dele. Ele era rico e tinha condições de pagar por seguidores. Ele assaltou e despojou as igrejas da capital, uma após a outra. Inocêncio logo se convenceu de que Roma, no atual estado de calamidade pública, não podia ser um lugar seguro para ele. Ele decidiu partir. Sua pessoa corria perigo. Foi com grande dificuldade que ele e seus amigos escaparam em duas galés e chegaram em segurança ao porto de Pisa. De lá, dirigiram-se à França, e foram recebidos de braços abertos pelas comunidades de Cluny e Claraval.

Bernardo zelosamente abraçou a causa de Inocêncio. Seu zelo o tirou de seu covil. Ele viajou de soberano a soberano, de condado a condado, de mosteiro a mosteiro, até que conseguisse que Inocêncio fosse reconhecido pelos reis da França, Inglaterra, Espanha, o imperador Lotário, os mais poderosos clérigos e as comunidades religiosas por todos esses países. Apenas o poderoso Duque Rogério da Sicília apoiava Anacleto, e impedia que Inocêncio retornasse a Roma. Mas a morte veio para o alívio de todos os partidos. Anacleto morreu em sua invencível fortaleza em Santo Ângelo em janeiro de 1138, tendo desafiado todos os seus inimigos por oito anos. Inocêncio retornou a Roma em maio

com Bernardo ao seu lado, e assim foi devidamente reconhecido como supremo pontífice.

O Grande Concílio de Latrão (1139 d.C.)

Inocêncio, agora o indiscutível mestre de Roma, reuniu em Latrão um concílio geral. Nunca Roma ou qualquer outra cidade tinha presenciado um concílio com tantos participantes. Mil bispos e incontáveis dignatários eclesiásticos estavam presentes. Os discursos e os decretos ilustram como era o cristianismo da época. A autoridade feudal do papa foi o grande assunto. Ele declarou que "na medida em que Roma é a metrópole do mundo, da qual todo poder terreno flui, assim também o trono pontifício é a fonte de toda a autoridade e dignidade eclesiástica; e que todo o cargo ou dignidade deve ser recebida das mãos do pontífice romano como um feudo da Sé Romana, e considerado como grande senhor feudal espiritual".

Como de costume em tais ocasiões, Inocêncio anulou todos os decretos de seu adversário Anacleto. Ele foi entregue aos reinos de Satanás, e os clérigos que dele tinham recebido a consagração cismática foram depostos. Eles foram convocados para aparecerem perante o papa vingativo, que atacou-os com censuras indignadas, tirou-lhes o bastão episcopal de suas mãos, arrancou-lhes a manta de seus ombros, e tirou deles os anéis episcopais. Depois disso, como se para consumar a mais vil hipocrisia, foi restabelecida em sua máxima extensão a "paz de Deus" — uma cessação das brigas e conflitos privados. Mas o cânon que mais nos interessa nesse celebrado concílio foi dirigido contra uma classe de homens, que em pouco tempo se forçarão a tomar nossa atenção. "Expulsamos da igreja como hereges aqueles que, sob a aparência de religião, condenam o sacramento do corpo e do sangue de Cristo, o batismo de crianças, o sacerdócio", etc. Essa anátema, e aqueles contra a qual foi lançada, são como os tênues vestígios da aurora da grande luta pela liberdade religiosa que resultou na gloriosa Reforma.

O restante da vida desse miserável homem foi gasto quase que inteiramente em guerras, não obstante seu restabelecimento da "paz de Deus". Ele, de fato, liderou uma força armada contra Rogério da Sicília, o amigo de Anacleto, mas caiu como um prisioneiro de guerra nas mãos dos normandos. Intimidados pelo seu cativo sagrado, eles se curvaram diante dele, obtiveram sua bênção e o enviaram de volta para casa. Tal era a superstição dos reis, tal era a terrível

iniquidade do papa. Mas sua vida se esgotava rapidamente, e logo ele estará diante do tribunal do Juiz de toda a terra. "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal" (2 Coríntios 5:10).

No dia 24 de setembro de 1143, o pontífice deu seu último suspiro, em meio ao tumulto da revolução e conflitos populares, e **Celestino II** reinou em seu lugar.

Bernardo e Abelardo

Antes da morte de Inocêncio, Bernardo foi chamado para longe de seu pacífico retiro em Claraval para fazer guerra contra um novo inimigo da igreja: **Pedro Abelardo**. Esse novo conflito surgiu dos movimentos intelectuais da época, e marca uma época distinta da história da igreja, da literatura e da liberdade espiritual e civil. Vamos atentar brevemente para o que levou a isso.

A maioria de nossos leitores estão cientes de que a erudição que tinha sido acumulada nas línguas latina e grega foram quase inteiramente destruídas pelos bárbaros no século V. O que é conhecida como literatura antiga foi quase completamente perdida quando as nações bárbaras se estabeleceram nas ruínas do império romano. Por completos quinhentos anos, a grosseira ignorância prevaleceu. Qualquer conhecimento que restava foi confinado aos eclesiásticos; e eles, durante esse período, eram proibidos de estudar ou copiar a erudição secular. Não obstante, alguns dos monges, especialmente os da ordem beneditina, coletaram e copiaram manuscritos antigos; e, como diz Hallam: "Nunca deve ser esquecido que, se não fosse por eles, os registros dessa literatura teriam perecido. Não podemos afirmar que, se eles tivessem sido menos tenazes em sua liturgia latina, na tradução Vulgata das Escrituras, e na autoridade dos pais da igreja, menos superstição teria crescido; mas não podemos hesitar em pronunciar que toda a erudição gramatical teria sido deixada de lado. Mas entre eles, embora os exemplos de grosseira ignorância fossem excessivamente frequentes, havia a necessidade de preservar a língua latina, na qual tinham sido escritas as Escrituras, os cânons e as outras autoridades da igreja, assim como as liturgias regulares, e em cuja língua deveriam ser escritas as correspondências dentro da hierarquia clerical. Essa atividade continuou fluindo, mesmo nas piores estações, como um fluxo fino, mas vivo."[7]

[7]Literature of Europe in the Middle Ages, vol. 1, p. 4.

Dentre esses monges devia haver toda variedade de mentes: algumas, sem dúvida, grosseiras, lentas e mecânicas; outras, refinadas, ativas, questionadoras, que não se deixavam confinar dentro das barreiras da doutrina católica estabelecida, nem se submetia ao poder da ordem sacerdotal. Assim foi; assim provou-se ser. O reformador, o protestante, surgiu da ordem monástica. Houve muitos Luteros prematuros. Em cada insurreição, conta-se, seja religiosa ou mais filosófica, contra o sistema dogmático dominante, um monge foi o líder, e tinha havido três ou quatro dessas inssurreições antes do tempo de Abelardo. Godescalco, no século IX, foi flagelado e aprisionado por sua teimosa confiança no que era chamado de predestinacionismo. João Escoto Erígena, um monge mais erudito da Irlanda ou das ilhas escocesas, foi convidado por **Hincmaro**, arcebispo de Reims, a se opôr a Godescalco; mas ele não alarmou menos a igreja do que seu antagonista, ao apelar para um novo poder acima da autoridade católica: a razão humana. Ele era um poderoso racionalista, mas especulava em grande parte na teologia escolástica. Sob a censura da igreja, ele fugiu para a Inglaterra, e encontrou um refúgio, conta-se, na nova universidade de Oxford fundada pelo rei Alfredo.

O Alvorecer da Luz na Idade das Trevas

Durante a última parte do século XI, encontramos nomes famosos como Lanfranco, **Anselmo** e Berengário. Um novo impulso foi dado à atividade intelectual pelo trabalho desses e de outros professores eminentes. Foi por volta dessa época que as velhas escolas catedráticas se desenvolveram em seminários de aprendizagem geral, e estes se tornaram os ancestrais de nossas universidades modernas. Essa atividade intelectual, após um longo período de apatia, tornou-se extremamente atrativa, de modo que milhares se aglomeravam para assistirem às aulas, e, como homens há muito tempo privados da árvore do conhecimento, abraçaram com entusiasmo o que ouviam. No fundo, foi uma reação contra a autoridade dogmática da igreja, pois ensinava aos homens que, a partir daí, era possível raciocinar e inquirir.

Pedro Abelardo foi o mais audacioso, e de longe o mais popular de todos os professores sobre dialética — que declarava ser a ciência ou a arte de discriminar a verdade do erro pela razão humana. Esse notável homem nasceu em 1079, perto de Nantes, na região francesa da Bretanha. Seu pai, Berengário, foi senhor do castelo de Le Pallet, e embora Pedro fosse seu filho mais velho, desde cedo

preferia “os conflitos de disputas de argumentos aos troféus dos exércitos”, e assim, renunciando à herança familiar de seus irmãos, entregou-se à vida acadêmica. Foi primeiro aluno de Roscelino, e depois de Guilherme, arquidiácono de Paris, e também de Anselmo, professor de teologia de Lauduno. Mas não precisamos entrar em detalhes sobre a longa e extraordinária história desse homem. É uma história de vitórias, crimes e infortúnios. Ele foi, ao mesmo tempo, o representante e a vítima da teologia escolástica que pôs em perigo o poder e a constituição da igreja romana. Ele foi o primeiro exemplo de um homem que professava a ciência da teologia e que não era um padre. Por onde ia, milhares de acadêmicos entusiastas lhe rodeavam. “Multidões”, diz o biógrafo de Bernardo, “somando milhares, cruzavam altas montanhas e amplos mares, e suportavam todo tipo de inconveniência da vida, para desfrutar do privilégio de ouvir as aulas de Abelardo”. “Sua eloquência”, disse outro, “era tão fascinante que o ouvinte se encontrava irresistivelmente levado pela correnteza; e se um oponente fosse forte o suficiente para se levantar contra ele, a agudeza de sua lógica era tão infalível quanto a torrente de sua oratória, e em todos os combates levava o prêmio”[8].

Abelardo escreveu, assim como lecionou, sobre muitos assuntos importantes; mas ele não era sábio no que diz respeito às doutrinas fundamentais do cristianismo. E mesmo assim, em toda Europa, nenhum campeão da verdade e ortodoxia podia ser encontrado para enfrentar em combate esse gigante herético. Bernardo de Claraval, com o tempo, recebeu inúmeros apelos. Uma carta de Guilherme, abade de São Teodorico, tirou-o de seu claustro. O santo e o erudito em lógica se encontraram em Sens, em 1140. O rei da França estava presente, com um grande número de bispos e eclesiásticos. Abelardo estava cercado de seus discípulos, e Bernardo com dois ou três monges. Um se dirigiu a razão de poucos, e o outro inflamou os corações e paixões de todas as classes. Um foi apoiado por seus admiradores, e o outro por adoradores. Um tinha sido denunciado como herege, e o outro tinha a reputação de ser o homem mais santo de sua época, acima de reis, clérigos, e até mesmo do papa. Sob tais circunstâncias, Abelardo não tinha chances. Ele logo sentiu o poder que estava contra ele, e, antes que as passagens incriminadas fossem todas lidas, ele ergueu-se e disse, para o espanto de todos os presentes: “Eu me recuso a ouvir mais, ou a responder a qualquer pergunta; eu apelo a Roma”; e deixou a assembleia.

[8]Life and Times of Bernard, Morrison, p. 290; Eighteen Christian Centuries, White, p. 266.

Alguns dizem, em explicação para essa conduta inesperada, que as fileiras de rostos hostis que ele viu diante dele, não apenas apagaram seu entusiasmo, como também fizeram com que ele sentisse que sua vida estava em perigo. Ouvindo que um relatório do concílio tinha chegado em Roma, e que tinha sido condenado pelo papa, ele, em sua angústia, pediu socorro ao "venerável" Pedro de Cluny, que, por pena de seus infortúnios, ofereceu-lhe asilo em seu mosteiro, embora fosse oposto a suas doutrinas.

Podemos apenas observar, de passagem, que a bem conhecida história dos sofrimentos de sua bela **Eloísa** deu origem a uma nova ideia sobre o lugar da mulher na sociedade, sem a qual nenhuma civilização verdadeira poderia ter acontecido. Até esse período, a igreja olhara declaradamente com desdém para a mulher, pois ela tinha sido a primeira a cair em transgressão. Mas a tocante história dos infortúnios de Eloísa levou à elevação da mulher ao seu devido lugar no círculo social.

Abelardo, caído e de coração partido, após passar cerca de dois anos nas solidões de Cluny, recebendo muita bondade de seu caridoso abade, e satisfazendo seus juízes eclesiásticos com a humildade de seu arrependimento, encerrou sua agitada vida no ano de 1142. Seus princípios viveram em muitos de seus discípulos, e um deles merece uma atenção especial.

Arnaldo de Bréscia

Embora Arnaldo tenha sido um discípulo e um fiel seguidor de Abelardo, é evidente, a partir de todas as informações que podemos reunir sobre ele, que foi um homem de outra ordem. Há motivos para crer que ele tenha sido um cristão sincero, e possuía muitos dos elementos de um reformador, embora em uma época imatura para a reforma. Além disso, ele era político demais — um grande admirador da velha República Romana — para ser usado por Deus no estabelecimento de uma fundação sólida para a reforma da igreja. Ele foi honrado com o martírio, mas foi mais por sua defesa da liberdade civil do que por sua sujeição à pregação de Cristo e à Palavra de Deus. No entanto, ele merece nosso respeito e gratidão como um semeador precoce das sementes da grande Reforma.

Arnaldo nasceu em Bréscia, na Lombardia — provavelmente por volta do ano 1105. Em um período inicial de sua sua história ele se separou do clero se-

cular, abraçou a vida monástica, e começou a pregar insensivelmente contra as corrupções, tanto do clero quanto dos monges. Ele parece ter sido possuído por uma convicção interior de que tinha uma comissão divina de pregar contra o orgulho, a luxúria e a imortalidade do sacerdócio, do próprio papa até a classe mais baixa na igreja; e a essa missão ele ousada e destemidamente devotou todas as suas forças. Possuído, de acordo com todos os relatos, do mais vigoroso e desperto estilo de discurso, combinado com uma eloquência que era particularmente copiosa e fluída, ele poderosamente movia as massas para onde quer que pregasse. "Suas palavras", disse Bernardo, "são mais suaves que o azeite e mais afiadas do que a espada". Sua grande ideia era a completa separação da igreja e do Estado. O velho edifício papal — a hierarquia que tinha se elevado a tais vastas proporções desde os dias de Constantino, e que, sob a ideologia de Gregório VII, aspirava o governo de todo o mundo, e a vinculação de todas as nações da Terra como feudos de São Pedro — ele ousadamente manteve que deveria ser totalmente demolido e varrido da face da Terra. Ele usava, assim como muitos desde então, e embora sem conhecer sua importância espiritual, o mote: "Meu reino não é deste mundo". Ministros do evangelho, argumentava ele, não deveriam ter qualquer poder além do governo espiritual do rebanho de Cristo, e quaisquer riquezas além dos dízimos e ofertas voluntárias dos fiéis. Os imensos males e discórdias que surgiram na igreja, afirmava ele, eram principalmente devidos às vastas riquezas do pontífice, bispos e padres.

Embora houvesse uma grande medida de verdade em muito do que ele dizia, ele misturou, da maneira mais dolorosa, seu amor à velha liberdade romana à humilde religião de Jesus — misturou o rígido monge ao feroz republicano. "Se a pobreza era uma característica de Cristo", ele exclamava, "se a pobreza era uma característica de Seus apóstolos, se a única semelhança viva e real dos apóstolos e de Cristo são os monges famintos e mal vestidos, com suas faces afundadas pela fome, seus olhos cabisbaixos, quão longe de Cristo são aqueles bispos principescos, aqueles altivos abades, com seus mantos de pele escarlata e púrpura, que montam em seus curvos palafréns, com seus adereços de ouro, suas esporas de prata, e segurando seus báculos como reis!" Consistentemente com isso, ele também ensinava ao povo "que o soberano secular é a verdadeira fonte de honra, de riqueza, de poder, e para essa fonte deveriam ser revertidas todas as posses da igreja, as propriedades dos mosteiros, as realezas dos papas e dos bispos."[9]

[9]Latin Christianity, vol. 3, p. 333.

A Pregação de Arnaldo

A essas novas e perigosas doutrinas o povo de Bréscia ouvia com o maior ardor. Ele desdobrou para eles as páginas escuras da história eclesiástica, sobre a qual estivemos também viajando. A cidade inteira ficou em um estado de grande excitação. Não é de admirar o entusiasmo da população, quando ouviram que as riquezas do clero deveriam retornar aos leigos, e que, no futuro, seus pastores deveriam ser mantidos pelas contribuições voluntárias do rebanho. Ele seria um pregador ousado que se atreveria a despertar o povo ao fanatismo com tais apelos e propostas no século XIX, mas o que seria dele no século XII, em meio às trevas, ignorância e superstição? Tal homem foi o reformador prematuro de Bréscia, e, sendo um severo monge de vida irrepreensível, inquestionável quanto a sua ortodoxia, e possuindo a total simpatia da religião popular, seu poder era irresistível. O grande objetivo de seus esforços era a completa derrubada do poder sacerdotal — a supremacia secular do papa. Ele, assim, se atreveu a colocar a mão no grande esquema papal de domínio universal, e por um momento abalou sua base. O papa foi expulso de seu trono, a república foi proclamada, o estandarte da liberdade levantado, e o governo dos padres abolido. Mas o entusiasmo dos cidadãos era evanescente, sem unidade, e de curta duração. O solo ainda não estava preparado para o crescimento da liberdade. A iniquidade do sistema anticristão ainda não estava completa. A sede de Jezabel ainda não estava saciada com o sangue dos santos de Deus. Milhões ainda pereceriam antes que ela recebesse sua ferida mortal. Isso veremos em breve.

Arnaldo não estava mais seguro na Itália. O ressentimento do clero era mais forte e profundo do que o favor da população. Ele escapou para além dos Alpes, e finalmente encontrou um abrigo seguro e hospitaleiro em Zurique. Ali, foi permitido ao precursor do famoso Zuínglio que tivesse um tempo para lecionar, e o povo simples manteve por muito tempo o espírito de suas doutrinas. Mas não poderia ser permitido que tal homem vivesse em lugar algum. Bernardo observava cada um de seus movimentos. Ele implorou ao papa por medidas extremas, e escreveu raivosamente àqueles que lhe deram abrigo, alertando-os para que tomassem cuidado com a infecção fatal da heresia. Ele repreendeu severamente o bispo diocesano de Zurique por protegê-lo. “Por que”, disse ele, “você ainda não afastou Arnaldo há muito tempo? Aquele que consente com o suspeito torna-se suscetível a suspeitas; aquele que favorece alguém sob a excomunhão papal contraria o papa e até mesmo o próprio Senhor Deus. Agora, portanto, que você sabe quem é esse homem, expulse-o do meio de vós; ou,

melhor ainda, acorrente-o, para que não faça mais mal".

Após várias circunstâncias, como é comum no caso desse tipo de homem, e que não precisamos traçar com detalhes aqui, Arnaldo retornou a Roma. Ali foi-lhe permitido permanecer por algum tempo por causa da fraqueza do pontífice e do estado conturbado da cidade; mas quando o papa Adriano IV subiu a trono de São Pedro, os dias de Arnaldo estavam contados.

O Martírio de Arnaldo (1155 d.C.)

O novo papa era um inglês de grande habilidade, e o único inglês que já se sentou no trono papal. Ele era originalmente um monge de Santo Albans, mas foi obrigado a deixar seu lar por causa da severidade de seu pai. Após viajar por algum tempo no continente, estudar teologia e lei canônica com grande ardor e sucesso, e subir de classe em classe na ordem eclesiástica, ele foi, com o tempo, elevado à mais alta ordem da grandeza eclesiástica pelo nome de **Adriano IV**. Seu nome inglês era Nicolas Breakspeare.

Uma oportunidade então surgiu para que se livrassem do ousado reformador. O imperador Frederico Barbarossa estava a caminho para receber das mãos de Adriano a coroa imperial. Ele enviou uma embaixada de três cardeais para se encontrarem com o imperador, e para solicitar, como preço de sua coroação, a rendição de Arnaldo de Bréscia em suas mãos. Para um homem que pensava tão pouco sobre a vida humana como Frederico, pareceu de fato algo leve de se executar, obrigando então os amigos de Arnaldo a entregá-lo nas mãos dos emissários papais. Não havia tempo a perder, para que seus amigos não ouvissem sobre isso e tentassem resgatá-lo. A igreja tomou por si mesma a responsabilidade pela sumária condenação e execução do rebelde, sem empregar, como de costume, a espada secular. Antes do dia amanhecer, o oficial do papa já tinha sujado suas mãos no sangue de sua vítima; seu corpo foi queimado até as cinzas, que foram jogadas no rio Tibre, para que o povo não coletasse a adorasse as relíquias de seu amigo martirizado. O clero triunfou em sua morte, mas sua memória viveu nas mentes dos romanos. "E nas cinzas da pilha fúnebre de Arnaldo", diz Milman, "o fogo ardeu durante séculos, o que levou, com o tempo, a uma explosão irresistível de violência".

Bernardo, o grande Antagonista de Abelardo e de Arnaldo, tinha falecido em paz em Claraval, no ano de 1153. O santo, o filósofo e o reformador pas-

saram para outro mundo, para serem julgados, não pelos decretos papais, mas pelo trono de eterna justiça e imaculada santidade. A fé no Senhor Jesus Cristo é o único fundamento do perdão e aceitação aos olhos de Deus. Não há purgatório, mas sim o precioso sangue de Sua cruz. Mas, que misericórdia! Esse sangue pode tornar limpo o mais vil! **"Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais branco do que a neve"** (Salmos 51:7). Nada além do sangue de Jesus pode tornar a alma mais branca do que a neve e apta para o céu. Todos os outros meios nada mais são do que uma zombaria, uma ilusão de Satanás que apenas aprofunda e perpetua a culpa da alma. **"O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado"** (1 João 1:7). **A salvação é pela fé somente, sem as obras da lei. Cristo é a única videira; os crentes são os ramos. "Aquele que diz que está nele, também deve andar como ele andou"** (1 João 2:6). Aparte de uma verdadeira e viva fé em Cristo, não há perdão, nem salvação, nem felicidade, e nem o céu; **"bem-aventurados todos aqueles que nele confiam"** (Salmos 2:12).

Retornemos agora a nossa história, e primeiro tomaremos nota sobre o encontro entre Adriano e Frederico.

O Encontro entre Adriano e Frederico

Se não fosse por uma circunstância que consideramos puramente infantil, o encontro entre Adriano e Frederico poderia ter passado sem tomarmos nota, de tão pouca relevância que isso tem para a história da igreja. No entanto, o acontecimento tem relevância ao considerarmos a história do papado, e pensamos ser correto observarmos tudo aquilo que manifesta seu verdadeiro espírito no período de Tiatira. Além disso, o mais insignificante incidente revela, às vezes, o propósito mais profundamente arraigado e a mais inflexível determinação.

A pronta concessão do sangue de Arnaldo não tinha removido da mente sombria de Adriano todas as suspeitas quanto às intenções de Frederico. As negociações, no entanto, foram satisfatórias, e Adriano cavalgou até o acampamento de Frederico. Ele foi gentilmente recebido por alguns dos nobres alemães e conduzido à tenda real. O papa permaneceu em seu cavalo, esperando que o imperador viesse e segurasse seu estribo enquanto desmontava. Mas sua espera foi em vão; Frederico não o fez, e o papa desceu sem sua ajuda. Essa falta de homenagem ao supremo pontífice foi considerada um grande insulto e indicativo de hostilidades. A maioria dos cardeais fugiram alarmados, mas o intré-

pido Nicolas Breakspeare (Adriano) permaneceu. Frederico alegou ignorância do costume, mas o papa recusou se reconciliar ou dar-lhe o beijo de paz até que ele se humilhasse e passasse pela cerimônia. O arrogante alemão disse que consultaria seus nobres. Uma longa discussão se seguiu. Adriano manteve que aquilo era um costume desde os dias de Constantino, o Grande, que segurava o estribo do papa Silvestre. Essa afirmação era totalmente falsa, pois o primeiro ato de tal homenagem tinha ocorrido cerca de cinquenta anos antes, por Conrado III, o inútil e rebelde filho de Henrique IV. Mas esse era uma questão de pouca importância para o partido papal, desde que o imperador fosse humilhado e o papa exaltado. Alegados precedentes eram produzidos de modo a provar que a prática tinha existido por oitocentos anos; e, consequentemente, "como o imperador tinha se negado às honrarias devidas aos apóstolos Pedro e Paulo, não poderia haver paz entre a igreja e o império até que ele cumprisse esse dever ao pé da letra". Tal era a blasfema suposição desses homens perversos. Eles instavam suas pretensões de homenagem por parte da humanidade ao representarem-se como estando no lugar dos apóstolos — e de Cristo — do próprio Deus. Como as evidências pareciam estar a favor do papa e Frederico não se importava muito com o assunto, ele se deixou persuadir de que os precedentes eram verdadeiros, e que devia prestar homenagem ao papa. Assim, no dia seguinte, como um filho obediente da igreja, o imperador desmontou do cavalo quando Adriano se aproximou, pegou o freio e segurou o estribo para o papa desmontar. A amizade exterior estava agora restaurada, e o pai espiritual e filho obsequioso avançaram em direção à cidade santa (Roma) e prosseguiram com a coroação.

Após um reinado de cerca de quatro anos, e, podemos acrescentar, de conflitos incessantes e derramamento de sangue, Adriano morreu em 1159. Ele se preparava para uma declaração aberta de guerra e para a excomunhão do imperador, quando a morte pôs um fim ao conflito. Assim a maioria desses homens viveram e assim morreram, em guerra declarada com o poder secular. **Frederico Barbarossa** é conhecido como o mais poderoso soberano que reinou na Europa desde Carlos Magno. Ele entrou para a terceira Cruzada, como já vimos, em 1189, e morreu, ou foi afogado, nas correntezas do rio Salepe, próximo a Tarso, em 1190.

Capítulo 22

Inglaterra (1162—1174 d.C.)

Os Abusos de Roma na Inglaterra (1162 d.C.)

Abordaremos agora um período em nossa história que deve despertar peculiar interesse na mente do leitor inglês[1]. O governo **anglo-saxão** estava dando lugar ao governo anglo-normando, tanto na igreja quanto no Estado. A completa condição do país, ou estava mudada, ou estava em processo de mudança. Mas o padre italiano estava longe de estar satisfeito com o estabelecimento que eles tinham conseguido sob o reinado dos normandos. A florescente vinha de Nabote (ver 1 Rs 21) era cobiçada e precisava ser possuída, quer por meios justos ou imundos. A Inglaterra, com todo o seu orgulho, riqueza e poder, deveria ser reduzida a um estado de subserviência à Sé Romana. Esse era seu propósito estabelecido e necessário para a realização de seu plano. Observaremos, primeiramente, a posição dos antagonistas, e então a natureza e o fim da feroz batalha.

Durante o reinado de **Alexandre III**, um pontífice capaz, sutil e vigilante, uma grande disputa surgiu na Inglaterra entre Henrique II e Tomás Becket, arcebispo da Cantuária, que atraiu e absorveu toda a mente da Europa por muitos anos. Isso lembra, em suas principais características, a longa guerra entre Henrique IV e Gregório VII, porém, se é que isso é possível, perseguida com maior amargor e obstinação, e terminando ainda mais tragicamente. Uma colisão tão violenta entre os poderes espirituais e seculares não tinha ocorrido desde os dias de Constantino. O caráter pessoal e a posição dos líderes, sem dúvida, atraíram a atenção do interesse mundial ao conflito. Mas era muito mais que um assunto

[1] N. do T.: O autor do livro era inglês.

pessoal: toda a questão do poder de Roma na Inglaterra, a prerrogativa do Soberano e a responsabilidade do assunto, tudo isso estava envolvido nessa nova guerra. Henrique, de verdadeiro sangue normando, estava determinado a se tornar rei e a governar de acordo com as leis e costumes do reino; Becket, um violento eclesiástico, estava igualmente determinado a manter, de acordo com os supostos infalíveis decretos de Roma, que a hierarquia eclesiástica era uma casta separada e privilegiada na comunidade, com direito à isenção de julgamento pelo processo civil, e sujeita apenas a sua própria jurisdição.

O leitor inglês do século XIX ficaria surpreso ao saber que um decreto do vaticano, enviado pelo legado do papa com o propósito de mudar as leis e costumes da Inglaterra, fosse ouvido sequer por um momento. Mas era assim na época; e os mais poderosos monarcas na Europa foram obrigados a se curvarem em humilhante submissão aos pés do pontífice. Mas qual o motivo desse terrível medo de Roma? Nada mais do que a ignorância e superstição do povo em geral. "O sistema romanista, com todas as suas insolentes pretensões, ainda estava envolto em uma auréola sangrenta de reverência supersticiosa, que espantava o pensamento ou o apagava pelo medo da morte temporal e eterna". O astuto padre podia alegar esfregar as chaves de São Pedro na cara de seu oponente, e ameaçar trancá-lo do lado de fora do céu e confiná-lo no inferno, se não obedecesse à igreja. Era sua declarada santidade e sua iníqua perversão das Escrituras que lhe davam tal poder sobre os ignorantes e supersticiosos.

A Lei e o Costume Inglês

Desde os mais remotos períodos, os reis da Inglaterra eram reconhecidos tanto pelo clero quanto pelos leigos como tendo o total poder em assuntos pertencentes ao governo externo da igreja. Quer fosse no que diz respeito às propriedades e dotes da igreja, ou das pessoas do clero, a autoridade da coroa era, pela lei e costume do reino, suprema. Eduardo, o rei anglo-saxão, dizia do clero que "eles empunhavam a espada de São Pedro, e ele a espada de Constantino". E de **Guilherme, o Conquistador**, seu biógrafo diz: "Todos os assuntos, tanto os eclesiásticos quanto os seculares, eram dependentes de seu prazer". Mas durante o século XII, o país gradualmente afundou em um estado de deplorável sujeição à Sé Romana.

Ao mesmo tempo, não podemos nos esquecer que, embora o progresso da igreja tenha ocorrido em direção à Roma, Deus em Sua infinita misericórdia sub-

jugou o poder secular do clero e as grandes conquistas eclesiásticas dos monges para a proteção e bênção dos pobres da terra. Ele sempre pensa — bendito seja o Seu nome — no "pobre do rebanho". Pela conquista normanda da Inglaterra, uma hierarquia estrangeira, assim como uma nobreza estrangeira, tinha sido introduzida; mas os baixos ofícios eram geralmente cheios de saxões, cuja linguagem e sentimentos simpatizavam com a população nativa. Isso deu-lhes um imenso poder sobre a mente da população. Eles passaram a ser vistos como os verdadeiros pastores de seus rebanhos, e os guias e consoladores dos aflitos. Os normandos, cuja linguagem e sentimentos eram ainda estrangeiros, eram odiados como seus opressores e espoliadores. O inglês tinha sido sacrificado por Guilherme para suprir as concessões liberais das terras e lugares de honra, que ele concedeu aos seus seguidores, e assim os saxões, por sua vez, foram obrigados a tornarem-se os servos e dependentes de seus conquistadores. Tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Seu pecado certamente o encontrará. Mas o sentimento de erro pessoal era outra coisa, e certamente se misturaria em cada novo conflito entre raças. Isso é manifesto na grande batalha entre o rei normando e o primaz inglês, e pode nos ajudar em nosso julgamento sobre seus importantes resultados. Mas devemos primeiramente tomar nota sobre aquilo que conduziu imediatamente à disputa.

A Introdução da Lei Canônica na Inglaterra

Após repetidas tentativas e falhas, da parte do papa, de introduzir um poder legatino[2] na Inglaterra, isso foi finalmente alcançado durante o reinado de **Estêvão**, em 1135 d.C. Era algo inteiramente novo no país e extremamente ousado da parte de Roma. Mas como isso diz respeito a uma época distinta e importante na história da igreja inglesa, devemos cuidadosamente tomar nota da mudança. E aqui, para assegurar precisão, citaremos algumas passagens de nosso historiador da área do direito inglês, Tomás Greenwood, livro 12, vol. 5.

"A publicação e adoção dos decretos isidorianos mudou a ordem e distribuição dos poderes eclesiásticos. Toda função de administração eclesiástica tornou-se investida no clero, ou, o que era a mesma coisa, no papa de Roma como seu chefe supremo. A autoridade do Estado em todos os assuntos dos eclesiásticos, mesmo que remotamente conectados com a vida e costumes, seculares e

[2] N. do T.: poder legatino é um poder delegado a uma pessoa por outra, no caso, do papa a um legado.

espirituais, foi veementemente denunciado e repelido: as posses deles foram pronunciados como sagrados e inalienáveis; seus deveres não se submetiam a qualquer censura além daquelas de seus oficiais superiores, e tornaram-se isentos da jurisdição ou punição secular; toda interferência por parte do príncipe ou pessoa secular na nomeação de bispos, sacerdotes ou incumbentes espirituais, foi declarada como sendo de natureza de simonia. Embora esses princípios da legislação da igreja tenham sido cumpridos em poucos exemplos de maneira plena e prática, eles foram recebidos sem contradição, e parcialmente adotados pelo clero da França, da Itália e da Alemanha. Na Normandia, uma completa separação entre a jurisdição secular e eclesiástica já tinha acontecido. Na Inglaterra, no entanto, até então os únicos cânons conhecidos pelo clero ou pelos leigos eram aqueles pronunciados pela própria igreja nacional, com o consentimento e concordância do soberano. . . Os esforços dos bispos romanizadores da Inglaterra, após a conquista, foram constantemente voltados em direção à introdução dos mais importantes artigos do código isidoriano; mais especialmente no que diz respeito à emancipação da propriedade e dotes da igreja de sua dependência da coroa ou da ordenança secular, e das pessoas e causas de oficiais da interferência dos juízes do rei. . . "

"As primeiras ordenanças de **Guilherme, o Conquistador**, para a separação dos tribunais eclesiásticos dos tribunais leigos nunca foram realizados até o ponto de isentar os eclesiásticos da responsabilidade perante a lei. Mas é também verdade que ambos o Conquistador e seus sucessores, até João, esforçaram-se em manter um meio termo entre o canonismo e a prerrogativa do rei. Em sua prontidão em estar sempre bem com a corte de Roma, eles frequentemente tomavam passos que colocavam em perigo sua segurança, mas certamente nunca mudavam de sua base antiga, da lei da terra, ou dos direitos da coroa. Na amarga disputa entre o arcebispo Anselmo da Cantuária e Henrique I, este manteve seu direito de determinar quais dos dois rivais pretendentes ao papado o clero de seus domínios deveria reconhecer. E quando Anselmo, sem o consentimento do rei, insistiu na transferência de sua lealdade espiritual para Urbano II, em preferência ao seu rival Clemente III, Henrique, sem rodeios, o informou de que 'ele não conhecia qualquer lei ou costume que tratasse, sem a licença do rei, de estabelecer um papa próprio sobre o reino da Inglaterra; e que qualquer homem que presumisse tirar de suas mãos a decisão quanto a essa questão teria o mesmo direito de tomar a coroa de sua cabeça!'. . . "

"A disputa entre Henrique e Anselmo foi longa e obstinada. O bispo fugiu para Roma; o rei confiscou os poderes seculares de sua Sé. Enquanto a disputa

estava ainda indecidida, um oficial papal apareceu na costa do país anunciando-se como o legado da corte de Roma, sobre quem foi confiado o poder legatino vindo do papa sobre toda a Inglaterra. Mas o rei tomou como prerrogativa especial de sua coroa aceitar ou rejeitar ao seu bel-prazer tais interferências, considerando ser nada mais do que a tentativa do governo eclesiástico por parte de um príncipe estrangeiro; e o legado foi, então, mandado embora sem ter sido admitido na presença do rei. Cerca de quinze anos depois, o mesmo papa fez uma segunda tentativa de introduzir um legado extraordinário no reino, mas sem melhor sucesso... Uma terceira tentativa do mesmo pontífice foi igualmente mal sucedida. Foi, de fato, nessa época, que ficou muito bem entendido que a lei e o costume da Inglaterra repudiava a comissão legativa como uma interferência ilegal no curso normal do governo eclesiástico, que a lei comum tinha colocado sob a superintendência do soberano."

Mas após a morte do sábio e capaz Henrique I, em 1135, o astuto e perseverante papa — **Alexandre III** — foi mais bem sucedido. No reinado de Estêvão, um monarca fraco, um legado de Roma conseguiu entrar na ilha da Inglaterra. Os clérigos anglicanos compreenderam totalmente a tendência do movimento, e um sínodo realizado em Londres protestou, na presença do legado, contra a presunção de um padre estrangeiro na tomada da cadeira presidencial sobre os arcebispos, bispos, abades, e sobre toda a nobreza de todo o reino da Inglaterra. O protesto, no entanto, permaneceu sem efeito. Um espírito tímido e que se desenvolveria com o tempo estava formigando no coração da igreja anglicana. A ignorância prevalecente da massa de pessoas, o caráter secular do clero, o estado miserável de todo o país durante o reinado de Estêvão, tudo isso favoreceu as sistemáticas invasões do partido romanizador sobre a prerrogativa da coroa e as liberdades da igreja nacional. Os bispos anglo-normandos, na época, eram barões em vez de clérigos, seus palácios eram castelos, seus vassalos pegavam em armas: quase todos usavam armas, se misturavam na guerra, e se entregavam a todas as crueldades e exações da guerra. Tal era o clero da Inglaterra quando Henrique II subiu ao trono em 1154. A oposição de Becket a esse rico e poderoso rei lança uma luz mais clara sobre a ambição secular de Roma do que qualquer dos conflitos que já recordamos.

Tomás Becket e Henrique II

O nascimento e parentesco de Becket são desconhecidos. A obscuridade de sua origem foi provavelmente oculta pelos seus biógrafos. Mas alguns dizem que ele nasceu no ano de 1119. De acordo com Du Pin, ele iniciou seus estudos em Londres e os terminou em Paris, na melhor escola de francês normando.

Pouco depois de seu retorno à Inglaterra, ele foi fortemente recomendado a Teobaldo, arcebispo da Cantuária, que o empregou na administração de seus negócios. Becket estava então na estrada para o favoritismo. Teobaldo, que suspeitava que o jovem rei Henrique estivesse contaminado com a oposição às pretensões de Roma, estava ansioso por colocar perto de si alguém que pudesse contrariar tal perversidade. O sagaz primaz tinha discernido em seu arquidiácono (Becket), não apenas grandes habilidades para os negócios, como também os elementos de um clérigo elevado, determinado e devoto. Através de sua recomendação, Becket foi elevado à dignidade de chanceler. "Ele tornou-se, então, o segundo poder civil do reino, pois seu selo era necessário para assinar todos os mandatos reais. Nem era sem grande influência eclesiástica, pois nas mãos do chanceler estava a nomeação de todos os capelães reais e a custódia dos bispados, abadias e benefícios vagos". Mas, como Tomás Becket nos é ensinado na escola e nos livros de história inglesa[3] como um santo e um mártir, vamos olhar brevemente para ele, em primeiro lugar, como um homem do mundo.

Tomás Becket como Chanceler (1158 d.C.)

Pela afabilidade de suas maneiras, a aparente flexibilidade de sua disposição, a agudeza de seus sentidos, e as atrações de sua pessoa, ele logo ganhou a confiança e as afeições do rei, que fez dele sua constante companhia em todos os seus divertimentos e prazeres; mas foi nos assuntos mais sérios do governo que Henrique derivou grande vantagem a partir da sabedoria e prudência de seu chanceler. Suas habilidades, conta-se, como um cortesão realizado, como um líder militar superior, e como um estadista experiente, eram incomparáveis. Ao leitor dos dias atuais, um eclesiástico que era detentor de vários benefícios clericais, sendo ainda um bravo general militar, soa bastante estranho. Mas assim era o tão afamado "santo". Um de seus biógrafos remarca: "Na expedição feita pelo rei Henrique para afirmar seus direito aos domínios dos condes de Tou-

[3] O autor deste livro era inglês.

louse, Becket apareceu à frente de setecentos cavalheiros que o serviam, e em toda exploração aventureira estava o valente chanceler. Um pouco mais tarde, ele foi convocado a reduzir certos castelos que se erguiam contra seu mestre, e frequentemente distinguia-se pela bravura e proezas pessoais: ele retornou a Henrique na Normandia à frente de 2000 cavaleiros e 4000 cavalariços, criados e mantidos pelas suas próprias despesas". Outro autor observa: "Quem pode contar a carnificina, a desolação, que ele causou à frente de um forte corpo de soldados? Ele atacou castelos, arrasou vilarejos e cidades até o pó, queimou casas e fazendas sem o mínimo de piedade, e nunca demonstrou a menor misericórdia àqueles que se levantassem em revolta contra a autoridade de seu mestre"[4].

Os clérigos graves e sérios, mesmo naqueles dias, sem dúvida lamentariam sobre tais coisas no arquidiácono da Cantuária; mas a prática era comum demais para excitar grande surpresa. A dignidade secular, infelizmente, tinha se tornado o grande objeto de ambição de quase todos os clérigos, de modo que poderiam ser encontrados muitos mais que admiravam a conduta de Becket do que os que o lamentavam. Sua riqueza, magnificência e poder excediam a de todos os seus precedentes. Ele foi rei em tudo, menos no nome. O mundo, conta-se, nunca tinha visto dois amigos tão próximos. Mas assim como a amizade do mundo, ou de dois homens egoístas, ambiciosos e inescrupulosos, essa amizade durou apenas enquanto serviu aos seus interesses. Isto veremos agora, e de um modo que raramente já foi testemunhado.

Tomás A. Becket — Arcebispo da Cantuária (1162 d.C.)

Cerca de um ano após a morte de Teobaldo, Becket foi nomeado pelo rei arcebispo da Cantuária e primaz de toda a Inglaterra. Antes de sua elevação ao trono, ele fingiu ser totalmente devoto aos interesses de seu mestre real, mas a partir do momento que sua eleição tornou-se conhecida por Alexandre III, e especialmente após sua reunião com ele no **Concílio de Tours**, todo o seu coração e alma mudaram completamente no que dizia respeito ao seu soberano. Ele retornou de Tours à Cantuária como um vassalo de Roma professo e inflexível, um inimigo de seu rei e das leis de seu país. Tal foi, e é, e sempre será, o espírito do papado. As intenções do rei de limitar o crescente poder da igreja eram bem conhecidas de Becket, que presidira em seu conselho particular. Mas essas

[4]Milman, vol. 3, p. 450.

intenções tinham de ser combatidas a todo o custo; e assim começou a batalha.

As pretensões da ordem sacerdotal como uma casta separada da humanidade, desde o maior até o menor, tinham se tornado grande causa de perplexidade para o governo civil, e uma grande obstrução a sua administração. A igreja exigiu completa isenção do controle da lei secular. Foi ousadamente mantido que as pessoas e as propriedades do clero deveriam se colocadas além do alcance dos tribunais comuns, de modo que deveriam ser responsáveis apenas pelos seus próprios superiores, e diretamente sujeitos em vida e propriedade aos decretos de Roma. Mas a falta de lei leva à violência, e o resultado dessa agressão papal na Inglaterra foi um terrível aumento da criminalidade, até o perigo iminente da vida e propriedade dos indivíduos. "Por exemplo", diz Greenwood, "foi provado que, desde o início do reinado de Henrique II, nada menos que cem assassinatos tinham sido cometidos por indivíduos pertencentes a ordens com quase absoluta impunidade. Estupro, incêndio criminoso, furto, roubo, foram todos desculpados ou abrigados sob as vestes do sacerdócio ou sob os capuzes dos monges; não existiam penalidades conhecidas pela lei adequadas para a repressão e punição de crimes tão terríveis, e o rei Henrique, com o tempo, foi finalmente levado a tratar da tão significativa questão: 'Se as leis e costumes antigos do reino deveriam ser observados ou não"'.

O rei, determinado a trazer uma solução para essas grandes questões, convocou um parlamento em Westminster e exigiu uma clara resposta a essa questão. A resposta dada pelo clero à questão do rei foi que as antigas leis e costumes do reino deveriam ser observados e mantidos, "sempre afirmando os privilégios de suas ordens". Essa resposta, apesar de terem a aparência de uma evasão, foi na verdade uma recusa. O rei, em estado de grande consternação, interrompeu a assembleia, deixou Londres, e começou a privar Becket de seu poder, e do privilégio e honra de educar seu filho. Os bispos, em alarme, conhecendo o orgulho e poder de Henrique, pediram ao seu primaz que retirasse ou mudasse a resposta ofensiva. Mas ele imediatamente declarou que mesmo se um anjo do céu lhe aconselhasse tal fraqueza, ele o amaldiçoaria. Com o tempo, no entanto, ele cedeu: alguns dizem que foi pela influência do papa Alexandre, pois Henrique ameaçou não pagar o óbolo de São Pedro[5]. E assim, durante toda a longa discussão, o papa tomou o partido do rei quando precisou do dinheiro, e com Becket quando poderia passar sem isso.

[5]Óbolo de São Pedro é o sistema de arrecadação de donativos da Igreja Católica, onde os fieis oferecem ajuda econômica diretamente ao Santo Padre.

A Constituição de Clarendon

Tendo recebido uma resposta afirmativa da hierarquia papal, o rei convocou um grande concílio do reino em **Clarendon**, um palácio real perto de Salisbúria, para ratificar a concessão. O objetivo do rei era paz. A lei do país tinha sido em todo lugar desafiada pela Igreja, o exercício da justiça foi interrompido, e o país ameaçou entrar em uma guerra civil. O rei tinha as leis e os costumes elaborados na devida forma legal para serem assinados pelos barões leigos e pelos bispos, na esperança de resolver a disputa entre a coroa e a Igreja. Se foi por medo da ira do rei, ou por política, ou por traição, é difícil dizer; mas o arcebispo fez o juramento e assinou as celebrada **"Constituição de Clarendon"**, sendo seguido pelos demais bispos. Assim eles escaparam das mãos do rei e dos barões. Mas está perfeitamente claro que Becket nunca, por nenhum momento, pretendia obedecer às leis que ele tão solenemente selou e jurou manter para a honra do rei. Ele conhecia o remédio para o pior perjúrio. Nenhum momento podia ser perdido: ele fez saber ao papa o que ele tinha relutantemente feito, e dentro de um mês recebeu uma condenação formal das "Constituições", com letras que diziam: "absolvendo-o de todos os compromissos contrários aos cânones, e um mandato a todos os bispos e prelados do reino para que rompam sem escrúpulos quaisquer promessas de natureza semelhante que possam ter assinado."

Poderia haver um perjúrio mais deliberado, ou uma dissimulação mais friamente perpetrada? E isso por alguém que tinha a posição mais alta na Igreja e mais próxima da pessoa de seu mestre real? Dói o coração ao transcrevermos tal ousada e desalentadora perversidade. Certamente, não há maior iniquidade do que aquela que se encobre sob o nome de Jesus e do cristianismo. Tais revelações nos dão as ideias mais dolorosas sobre o espírito maligno do papado. O pior dos crimes, tanto para com Deus quando para com o homem, é justificável se promoverem o poder e a grandeza mundana da Igreja. Quando, e em que circunstâncias — podemos perguntar, tendo tais fatos diante de nós — podia o papista ser de confiança? Somos gratos por não sermos seus juízes, mas Deus há de julgar a humanidade. **"Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos."** (Atos 17:31)

O arcebispo, que ganhara a confiança e se familiarizara com cada sentimento do coração do rei, manteve o papa plenamente informado de tudo o que se passava entre eles, de modo que ele soubesse bem quando devia alegrar o rei e

quando seu zeloso ministro. Mas certamente esta é a mais vil de todas as traições da parte de um servo, e a mais injusta conduta da parte de seu guia espiritual. Mas nenhum homem pode servir a dois mestres. Ele deve ser o traidor de um deles; e assim foi nesse caso, sendo um dos casos de tez mais tenebrosas de que se há registros. Tão logo o primaz colocou seu selo nas "Constituição de Clarendon", o papa Alexandre já tomou conhecimento de que ele não honraria seu compromisso. "O veneno não foi engolido antes que o antídoto estivesse em seus lábios"[6].

Tomás A. Becket se Opõe ao Rei

A guerra estava então publicamente declarada entre a prerrogativa da coroa e as pretensões da Igreja. A mesma batalha que foi lutada entre Henrique IV da Alemanha e Gregório VII seria agora lutada novamente em terreno inglês pelo rei e o arcebispo. Becket renunciou à chancelaria e devolveu os selos de seu ofício. Ele se retirou dos prazeres da corte, das caças, dos banquetes, dos torneios, da guerra e do conselho, e tornou-se de repente um austero e mortificado monge. Ele vestiu as vestes do monge, uma camisa de pano, e açoitava-se com um flagelo de ferro. Todos os seus bons privilégios foram deixados; ele jejuava no pão e na água, deitava-se no chão duro, e toda noite com suas próprias mãos lavava os pés de treze mendigos. Essa suposta santidade inacessível era sua força para a batalha. As mãos seculares não podiam tocar no santo homem de Deus — o sumo sacerdote ungido do Senhor. Becket conhecia o personagem: estudou cada dobra de seu caráter.

Henrique ficou espantado, desconfortável e desapontado. Ele tinha promovido seu ministro favorito para a posição ainda mais alta de Arcebispo da Cantuária, para que seus serviços pudessem ser mais eficazes contra o partido romanizante na Inglaterra. Não era uma questão, que fique observado, relativa aos privilégios legais apropriados da igreja da Inglaterra; Henrique não tinha mostrado qualquer disposição de interferir neles. Mas a Igreja tinha mostrado, através das instruções do papa, o mais resoluto propósito de interferir nas liberdades da coroa e de todo o povo da Inglaterra. E o rei não conhecia homem algum em todos os seus domínios capaz de competir em talento e agilidade com os emissários de Roma como seu chanceler e companheiro.

[6]Cathedra Petri, livro 12, vol. 5, p. 219. Veja também um relato completo de toda a disputa em History o Latin Christianity, de Milman, vol. 3, pp. 434–528. O primeiro pode ser considerada a visão constitucional, e o segundo a histórica, dessa longa disputa.

Agora, pensava ele, temos um à frente da igreja, assim como do Estado, que fará boa batalha pelas liberdades da coroa e do povo de sua terra nativa. Mas não foi por esses dignos objetivos que Becket tinha aceitado o anel e o báculo. Desde o momento em que tocou em seu crucifixo episcopal, ele tornou-se o vassalo jurado até a morte da Sé Romana, e o inimigo declarado de cada homem e princípio que se opusesse aos interesses da cátedra (cadeira) de São Pedro. E Henrique logo descobriu que seu competente e flexível chanceler, "de quem esperava apoio e vitória, virou-se contra ele com a mais implacável animosidade, e forçou as pretensões de Roma até um ponto que nunca tinham alcançado antes"[7].

A Perplexidade do Rei

Não é difícil imaginar com que sentimentos o orgulhoso e ferido Plantageneta[8] recebeu as novidades sobre o comportamento de seu primaz. Além de possuir riqueza e poder acima de qualquer monarca de sua época, ele foi um homem de grandes habilidades, decisão e atividade. Após várias porém infrutíferas tentativas de trazer o obstinado padre ao arrependimento, foram dadas ordens para que fosse julgado como traidor. Becket, conhecendo o temperamento e poder de Henrique, razoavelmente concluiu que sua melhor chance de manter sua segurança pessoal consistia na fuga. Ele foi recebido pelo rei da França, não como fugitivo, mas como um distinto convidado digno de toda honra. O arcebispo foi então proclamado um traidor; seus amigos pessoais e relações com eles foram banidas; e severas medidas foram adotadas para prevenir comunicações com seus partidários na Inglaterra. Becket, em retaliação, excomungou todos os seus oponentes. E assim, a tempestade e as lutas se enfureceram por sete longos anos. Durante esse tempo, muitos soberanos, papas e antipapas, prelados e dignatários de todos os tipos, se misturaram à tormenta. Mas nesse labirinto de falsidade, traição e injustiça, não nos atreveremos adentrar.

Tendo examinado com algum cuidado as grandes questões da Igreja e do Estado — e não sem uma medida de interesse nacional[9] — que levaram a essa imprópria disputa, sentimos que já vimos o suficiente. Os detalhes desses sete anos seriam tediosos e de pouco proveito para o escopo e objetivos deste livro.

[7] Eighteen Christian Centuries, de White, p. 275.
[8] N. do T.: Henrique II foi um rei da dinastia Plantageneta da Inglaterra.
[9] N. do T.: O autor vivia na Inglaterra

As piores paixões de nossa natureza humana caída já foram abundantemente exibidas. Além disso, tais disputas não poderiam ter fim a menos que ocorra a morte do padre ou a submissão do rei. De acordo com os princípios papais, o padre nunca pode estar errado e nunca pode ceder.

Esse era o terreno de Becket, o qual ele inflexivelmente mantinha. Mas enfim, através da intercessão do rei da França e do papa, foi-lhe permitido retornar do exílio. Ele muito duvidou da sinceridade de Henrique, mas considerou seu próprio retorno um glorioso triunfo sobre o rei. Ele era tão arrogante e inflexível como sempre, e exigiu a imediata restituição das propriedades de sua Sé, e imperativamente se recusou a absolver os bispos e os demais que ele tinha excomungado.

Desde o início do conflito, seu porte sempre foi insultante e desafiante. A conduta de Becket desde seu retorno foi detalhada a Henrique pelos bispos que imploravam sua proteção por eles mesmos e pelo clero do reino. Um deles incautamente disse: "Enquanto Tomás viver, você nunca terá paz". A mente do rei estava muito perturbada e procurava alívio. Enlouquecido pela inconquistável firmeza e arrogância de Becket, o desejo secreto de seu coração **explodiu** de seus lábios — "Sou um príncipe infeliz: será que ninguém me vingará por um único padre insolente, que me dá tantos problemas, e que procura por todos os meios anular minha autoridade real?".

Tomás A. Becket é Assassinado (1171 d.C.)

Não é de modo algum certo que houvesse qualquer propósito assassino na mente do rei quando ele proferiu essas palavras precipitadas, mas aqueles ao seu redor colocaram nelas sua própria interpretação. Quatro cavaleiros, camareiros do rei, homens ferozes e belicosos, resolveram prestar o desesperado serviço. Reginaldo Fitz-Urse, Guilherme de Tracy, Hugo de Morville e Ricardo de Brito desapareceram da corte, então em Bayeux, na França. Temendo a intenção dos cavaleiros ausentes, o rei despachou, com toda a velocidade, ao conde de Mandeville ordens para prender o primaz, e de chamar de volta os quatro cavaleiros. Mas os assassinos se apressaram pelo Canal da Mancha, e antes que os mensageiros do rei pudessem alcançá-los, o arcebispo foi assassinado.

Os detalhes desse ato sombrio de derramamento de sangue são bem conhecidos e não precisam ser mencionados aqui. Mas podemos acrescentar, como

bem autenticada história, que não parece que os quatro cavaleiros determinaram-se deliberadamente a assassinar o primaz sem antes se esforçarem para obter dele uma promessa de obediência ao rei e de absolvição para os bispos. Assim, eles entraram em seu quarto desarmados. Mas suas imperiosas exigências, e suas arrogantes respostas desafiadoras, despertaram as piores paixões naqueles senhores feudais, que tinham um forte senso de lealdade do súdito ao soberano. Eles ficaram furiosos, correram para fora e pediram suas armas. Os portões então se fecharam atrás deles. Demorou algum tempo antes de conseguirem entrar. Todos sabiam o que se seguiria. O arcebispo podia ter escapado mas não o faria; a vitória já era dele, e seria maior ainda se ele fosse martirizado. O sino batia para as orações de Vésperas. Ele entrou na igreja solenemente com seu báculo diante de si. O barulho de homens armados foi ouvido no claustro; os monges assustados fugiram. "Onde está o traidor?", gritou um deles, sem respostas. "Onde está o arcebispo?" "Aqui estou", ele respondeu. Novamente os cavaleiros exigiram a absolvição dos bispos e um voto de lealdade ao rei. Ele recusou. Uma briga violenta se seguiu, o que terminou em golpes, e o arcebispo foi morto no altar. Os assassinos fugiram, primeiro para Roma, para fazer penitência, e então para Jerusalém, onde, de acordo com as ordens do papa, passariam o resto de seus dias em austeridades penitenciais.

A Humilhação de Henrique II

O rei ficou muito perturbado ao ouvir as terríveis notícias sobre o assassinato sacrílego. Um sentimento de horror correu pela Cristandade, e o rei foi marcado como um tirano irreligioso, e Becket foi adorado como um santo martirizado. Sua morte foi atribuída às ordens diretas do rei. Por três dias e noites, o infeliz monarca trancou-se em solidão, e recusou qualquer comida e conforto, até que seus criados começaram a temer por sua vida. Ao final de sua penitência, ele enviou homens ao papa para limpar-se de qualquer participação no crime. O papa Alexandre estivera tão indignado no início que não ouviria a nada, ou sequer permitiria que o nome execrável do rei da Inglaterra fosse proferido em sua presença. Ele ameaçou excomungar o rei pelo nome e pronunciar com a máxima solenidade um interdito em todos os seus domínios. "Mediadores, no entanto, sempre podiam ser encontrados", diz Greenwood, "para uma consideração adequada na corte papal. Certos cardeais foram cautelosamente contactados, e não se mostraram inacessíveis aos argumentos com os quais os enviados

foram, como sempre, abundantemente supridos. Assim introduzidos, o papa permitiu-se ser propiciado." Termos de reconciliação foram discutidos, mas o papa tinha, então, seu pé sobre o pescoço do rei, e estava determinado a impôr seus próprios termos papais antes que o aliviasse. Seu triunfo pessoal sobre o teimoso rei foi tão completo quanto ele podia desejar.

Dois cardeais foram enviados por Alexandre com poder legatino para se encontrarem com Henrique na Normandia, para inquirirem mais plenamente sobre todo o caso, e para substanciar a **penitência do rei**. Henrique jurou sobre os Evangelhos que ele não tinha ordenado nem desejado a morte de Becket, e que ele não havia sofrido tanto pela morte de seu pai ou de sua mãe quanto pela morte do arcebispo; ele confessou também que palavras proferidas em sua raiva contra aquele homem santo podiam possivelmente ter levado a sua morte, por cuja causa ele estaria preparado a prestar penitência de acordo com o que o pontífice achasse adequado. A Santa Sé então exigiu a Henrique: "1. Que mantivesse duzentos cavaleiros as suas próprias custas na Terra Santa. 2. Que dentro de três anos ele tomasse a cruz[10] em pessoa, a menos que fosse libertado dessa obrigação pela Santa Sé. 3. Que revogasse a Constituição de Clarendon e todos os maus costumes introduzidos durante seu reinado. 4. Que reinvestisse à igreja de Cantuária todos os seus direitos e posses, e que perdoasse e restaurasse às suas propriedades todos os que incorreram em sua ira na causa do primaz. 5. Que ele e seu filho Henrique, o mais novo, mantivessem e preservassem a coroa da Inglaterra fiel ao papa Alexandre e a seus sucessores, e que eles e seus sucessores não se considerassem verdadeiros reis até que eles — o papa e seus sucessores — os reconhecessem como tais." Tendo devidamente selado e atestado o ato formal, o rei foi reconciliado com o papa no pórtico da igreja em 22 de maio de 1172, mas não estava ainda livre das mãos dos inexoráveis padres: sua degradação não estava ainda completa.

O clero pregava de seus púlpitos, e o povo era pronto o suficiente para crer, que certas provações familiares que caíram sobre o rei por volta dessa época eram os juízos de Deus pela perseguição de Seu santo. O povo foi também levado a acreditar que o santo estivera lutando as batalhas do pobre contra o rico — especialmente dos pobres e oprimidos saxões contra os cruéis e avarentos normandos. Deprimido pelos infortúnios, acusado de cumplicidade com os assassinos, e assombrado pelos temores supersticiosos, o príncipe infeliz estava preparado para fazer uma expiação completa por seus pecados. Ele estava

[10] N. do T.: "Tomar a cruz", na época, indicava a decisão de ir defender a Terra Santa.

certo que nada menos que uma humilhação pública poderia apaziguar o céu ofendido e o santo martirizado. As cenas de Canossa deveriam ser encenadas novamente. Tal é o verdadeiro espírito do sacerdócio implacável de Roma. Se eles não podem derramar o sangue de suas vítimas, eles as forçarão a beber as mais amargas escórias da humilhação.

A Penitência de Henrique na Tumba de Becket (1174 d.C.)

Por volta de três anos após a morte de Becket, o rei visitou sua tumba em Cantuária. Quando avistou a igreja onde o arcebispo foi enterrado, ele desceu de seu cavalo e andou por três milhas no hábito de um peregrino de pés descalços e ensanguentados ao longo da estrada áspera. Ele se lançou prostrado perante a tumba do então canonizado santo. Após permanecer naquela posição por um tempo considerável, ele orou para que fosse açoitado pelos monges: uma operação que eles estavam bem dispostos a realizar. Então, de um lado a outro da igreja, o orgulho dos monges foi gratificado por cada um infligindo algumas chicotadas nas costas do altivo normando. Ele passou, então, todo aquele dia e noite sem qualquer descanso, ajoelhado sobre as pedras nuas.

O triunfo do poder espiritual sobre o secular, na pessoa do rei e por extensão sobre a lei do país, estava completo. E assim, os ambiciosos propósitos do papado foram melhor servidos pela morte de seu campeão (Becket) do que poderiam ser por um prolongamento de sua vida.

Reflexões Sobre o Fim da Grande Luta

Para ajudar o leitor a formar um julgamento justo sobre essa longa e amarga disputa, oferecemos algumas reflexões. Nada, cremos, pode dar ao leitor uma estimativa tão justa do verdadeiro espírito do papado quanto uma história de seus ambiciosos desígnios e de seus meios inescrupulosos de alcançá-los.

Se inquirirmos "Qual foi o verdadeiro objetivo dessa grande e trágica disputa? Que resposta pode ser dada? Foi pelas liberdades espirituais da igreja de Deus, para que ela pudesse ter o privilégio de adorá-Lo e servi-Lo de acordo com o ensino de Sua santa Palavra? Será que o primaz do papa tinha em vista

as liberdades civis e religiosas de indivíduos cristãos, ou o bem-estar da humanidade em geral? Ou será que eles ergueram a voz de protesto contra o rei ou sua corte por sua aberta e flagrante violação das leis de Deus, para avisá-los dos juízos vindouros?" Todos os que se esforçaram em examinar os detalhes da controvérsia devem admitir, por mais triste que seja, que nenhum desses dignos objetivos tinha lugar nos pensamentos deles. O objetivo deles era um só, e um só poder sacerdotal! Todas as coisas dignas — a verdade, o cristianismo, a paz da igreja, a paz da nação, para não falar da glória de Cristo ou das realidades da eternidade — foram todas sacrificadas sobre o altar das reivindicações idólatras do clero. Becket foi o representante dessas reivindicações. Ele exigiu, para as pessoas e propriedades do clero, que fossem todos considerados de uma santidade absoluta e inviolável. "Do início ao fim", diz Milman, "foi uma luta pela autoridade, pelas imunidades e pelas posses do clero. A liberdade da igreja era a isenção do clero perante a lei, e a reivindicação de sua existência separada, exclusiva e distintiva do resto da humanidade. Deve ser reconhecido por todos que, se o rei tivesse consentido em permitir que os eclesiásticos desprezassem toda a lei — se ele não tivesse insistido em tomar padres como culpados de homicídios da mesma forma como fazia para com leigos — ele poderia ter continuado sem reprovação sua carreira de ambição; ele poderia, sem repreensão, ter vivido em direta violação contra cada preceito cristão de justiça, humanidade, fidelidade conjugal, e cometido extorsões sem qualquer contestação do clero, se ele apenas tivesse mantido suas mãos longe dos tesouros da igreja."

Tal é o solene e pesado julgamento de um dignatário da igreja (o historiador e decano Milman[11]), que não pode ser acusado de preconceito contra sua própria classe, mas cujas críticas são consideradas muito valiosas e justas, assim como sua história é, em outros aspectos, muito confiável.

Nós não apenas concordamos com tudo o que o decano diz, mas acrescentaríamos que nenhuma linguagem, por mais pesada e solene que seja, poderia expressar adequadamente as profundezas do mal que foram abrigadas e propagadas pelo sistema papal. Não falamos assim, que seja observado, da igreja católica, ou da igreja eclesiasticamente considerada como algo distinto do papado, mas da ambição secular e das políticas inescrupulosas dos papas, especialmente daqueles desde o tempo de Hildebrando (Gregório VII). Mas houve, não obstante, durante o período mais tenebroso de sua história, muitos queridos santos de Deus em sua comunhão, e que não sabiam nada sobre os caminhos malignos

[11] Veja `https://en.wikipedia.org/wiki/Henry_Hart_Milman`

do bispo de Roma e de seu conselho. Isso o próprio Senhor sugere em Sua carta a Tiatira: **"Mas eu vos digo a vós, e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina, e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás"** (Apocalipse 2:24). Aqui encontramos um remanescente crente conectado a um sistema que é caracterizado pelas "profundezas de Satanás".

Antes de deixarmos essa já longa história, acrescentamos que a trágica **morte de Becket** foi imediata e diligentemente embelezada pelos discípulos de sua escola. Biografias e memórias do mártir, como sabemos, foram multiplicadas e espalhadas por todos os cantos com surpreendente esforço. O forte elemento de idolatria, que sempre esteve presente na igreja de Roma, tornou-se então manifesto na Inglaterra. Peregrinações à tumba do mártir para a remissão de pecados viraram moda, e o próprio santo tornou-se um objeto de devoção popular. Peregrinos de todas as partes se reuniram em seu santuário e o enriqueceram com os mais caros presentes e ofertas. Um grande comércio foi feito com artigos que diziam terem sido usados por sua pessoa, e que agora seriam investidos de poderes miraculosos. Tem-se registros de que cerca de cem mil peregrinos de uma vez estiveram em um mesmo dia em Cantuária. Até mesmo Luís VII da França fez uma peregrinação à tumba miraculosa, e doou ao santuário uma joia que foi considerada a mais rica na Cristandade. Mas **Henrique VIII** ousou saquear o rico santuário, ordenou que o santo fosse desenterrado, que seus ossos fossem queimados, e que suas cinzas fossem lançadas aos ventos.

Capítulo 23

A Teologia de Roma

A Teologia da Igreja de Roma

Estamos agora cruzando o limiar do século XIII. As grandes personagens e os tempos agitados do século XII ficaram para trás. A reflexão disso tudo é solene. Além da linha que separa as dois períodos, não há como ultrapassá-la de volta. E se a agitação do século XII não estivesse verdadeiramente, embora remotamente, conectada à grande Reforma do século XVI, seria de pouco interesse para nós no século XIX[1]. Mas nesses homens e em suas épocas vemos as grandes correntes do pensamento e do sentimento humano que tiveram sua ascensão nos mosteiros, e seus resultados na liberdade civil e religiosa que agora desfrutamos sob a boa providência de Deus.

Uma nova geração, uma outra classe de homens, agora ocupa o terreno. Os papas, os primazes, os imperadores, os monges, os filósofos e os demagogos com quem nos familiarizamos abriram espaço para outros. Mas para onde eles foram? Onde estão agora? Apenas fazemos a pergunta para que possamos ser levados a melhorarmos nossos próprios dias e nossas próprias preciosas oportunidades — para que não precisemos lamentar como o profeta da antiguidade: "Passou a sega, findou o verão, e nós não estamos salvos" (Jeremias 8:20).

Chegou o momento, creio, para que as testemunhas de Deus e de Sua verdade tenham um lugar especial em nossa história. Elas têm aparecido proeminentemente, pouco a pouco, diante de nós desde o fim do século XII. Mas, primeiramente, pode ser interessante colocar diante de nossos leitores certas definições e usos teológicos e usos da igreja romana (Igreja Católica Apostólica

[1] N. do T.: O autor viveu no século XIX

Romana) nessa época, pois descobriremos que por elas as testemunhas foram julgadas e o papado ganhou seu poder sobre as vidas e liberdades dos santos de Deus.

Os Sete Sacramentos

No Novo Testamento, onde tudo é claro e simples, lemos apenas de dois sacramentos, ou instituições divinas conectadas a um povo já salvo — o batismo e a ceia do Senhor. Mas tanto na igreja grega (Ortodoxa Grega) quanto latina (Católica Romana) o número de sacramentos tinha sido grandemente aumentado e colocado de formas variadas por diferentes teólogos. Não era mais uma questão de revelação divina, mas da imaginação humana. Alguns falam de **doze sacramentos**; mas na igreja ocidental, no final, o místico número de sete foi estabelecido, como se correspondesse à ideia dos sete dons do Espírito Santo. E esses eram: o batismo, a confirmação, a eucaristia, a penitência, a extrema unção, a ordenação e o matrimônio.[2]

Assim foi a armadilha posta diante dos pés dos verdadeiros seguidores de Cristo. Não importava quão sinceramente um homem cria e obedecia à Palavra de Deus: se desconsiderasse os sacramentos da igreja e suas numerosas cerimônias, expunha-se à acusação e às consequências da heresia. Por outro lado, de nada importava também se a Palavra de Deus fosse totalmente desprezada, desde que a obediência à igreja fosse professada. Mas para todos que seguiam o Senhor de acordo com Sua palavra, era impossível escapar: a rede se estendia por todos os cantos.

O Culto a Maria

A adoração à Virgem Maria originalmente nasceu do espírito ascético que tornou-se prevalente no século IV. Antes desse período, não há registros de adoração a Maria. Por volta da mesma época — o final do século IV — foi descoberto e circulava a ideia de que havia, no templo em Jerusalém, virgens consagradas a Deus, dentre as quais Maria cresceu e fez votos de virgindade perpétua. Essa nova doutrina levou à veneração de Maria como o próprio ideal do estado celibatário, e sancionou a profissão da castidade religiosa. Pouco tempo depois,

[2]Veja J.C. Robertson, vol. 3, pp. 259–272.

tornou-se costume aplicar à virgem a designação de **"Mãe de Deus"**, o que deu origem à controvérsia nestoriana. Mas, apesar da toda a oposição, a adoração a Maria prevaleceu; e, no século V, imagens e belas pinturas da virgem segurando o menino Jesus em seus braços foram colocadas em todas as igrejas. Assim introduzidas, elas rapidamente tornaram-se um objeto de adoração direta, e a mariolatria tornou-se a paixão governante da igreja romana. O serviço diário de devoção a Maria, e os dias e festivais que foram dedicados a sua honra, foram confirmados por Urbano II no Concílio de Clermont, em 1095.

A reverência pela bendita virgem tornou-se, então, uma doutrina e prática estabelecida na igreja de Roma, e assim continua até os dias atuais. Os romanistas podem negar que honram Maria com a adoração devida somente a Deus, mas em seus livros de devoção, orações à virgem ocupam um lugar de proeminência. Nenhuma oração, cremos, é de uso tão constante quanto o **"Ave Maria"**, na qual, após a citação de uma passagem da saudação do anjo Gabriel à virgem, acrescentam-se as palavras: "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós os pecadores, agora e na hora de nossa morte, Amém". Novamente, em outra oração, a virgem é assim invocada: "À vossa proteção recorremos, Santa Mãe de Deus; não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades; mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita". Outra diz assim: "Salve-Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, Salve! A vós bradamos, os degredados filhos de Eva; a vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Ela, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei", e assim por diante. Ela também é chamada de "Arca da Aliança", "Porta do Céu", "Estrela da Manhã", "Refúgio dos Pecadores", e muitos outros termos semelhantes, que mostram claramente o lugar de idolatria que Maria ocupa nas devoções da igreja católica.[3]

O **Rosário**, isto é, uma série de orações acompanhadas de um colar de contas (pequenas esferas) pelas quais as orações são contadas, consiste em quinze dezenas. Cada dezena contém dez Ave Marias, marcadas pelas contas pequenas, precedidas por um Pai Nosso, marcado por uma conta maior, e concluída por um Glória ao Pai. Também no Breviário Romano, o grande livro universal de devoção, o qual todo padre deve ler em privado uma porção a cada dia, sob pena de pecado mortal se não o fizer, usa a seguinte forte linguagem no que diz respeito à virgem: "Se o vento das tentações se levanta, se o escolho das tribulações se interpõe em teu caminho, olha a estrela, invoca Maria. Se és balouçado

[3]Para detalhes, veja "Mariolatry" em Faiths of the World, de Gardner, vol. 2, p. 372. E Vidas dos Santos, de Butler — o grande livro católico romano sobre esse assunto.

pelas vagas do orgulho, da ambição, da maledicência, da inveja, olha a estrela, invoca Maria. Se a cólera, a avareza, os desejos impuros sacodem a frágil embarcação de tua alma, levanta os olhos para Maria. Se, perturbado pela lembrança da enormidade de teus crimes, confuso à vista das torpezas de tua consciência, aterrorizado pelo medo do juízo, começas a te deixar arrastar pelo turbilhão da tristeza, a despencar no abismo do desespero, pensa em Maria. Nos perigos, nas angústias, nas dúvidas, pensa em Maria, invoca Maria". Assim a adoração a Maria tornou-se, completamente, a adoração da Cristandade, e toda catedral, e quase todas as igrejas espaçosas, tinha sua "Capela de Nossa Senhora".

É certamente mais que evidente, a partir dessas citações, que Maria é invocada não apenas como uma intercessora com seu Filho, mas como o primeiro e mais elevado objeto de adoração. E essas citações são exemplos calmos e sóbrios comparados à linguagem bravia de uma adoração ardente, que pode ser encontrada em hinos, saltérios e breviários. Os atributos de Deus são atribuídos a ela, que é representada como a **Rainha do Céu**, sentada entre querubins e serafins. O dogma da Imaculada Conceição (ou "Imaculada Concepção") foi o resultado natural dessa crescente adoração a Maria, e tem sido reafirmado como um artigo de fé na igreja católica pelos papas atuais, e aceito pelos fiéis em geral.

O Culto aos Santos

A origem da adoração aos santos pode ser considerada como coincidente com a adoração a Maria, e como o fruto do mesmo solo. De fato, é a mesma coisa; o que difere é que Maria é elevada acima de toda a hoste de santos e mártires por causa de sua santidade peculiar e sua grande influência no céu.

A veneração que era dada nos primeiros séculos do cristianismo àqueles que tinham fielmente testemunhado e sofrido por Cristo sem dúvida levou à prática da invocação aos santos, e de implorar os benefícios da intercessão deles. Um afeto perdoável tornou-se uma veneração supersticiosa, e acabou como uma completa adoração. O passo tomado entre a veneração e a adoração é fácil e natural, embora nem sempre fácil de detectar. Daí a importância do aviso do apóstolo: **"Filhinhos, guardai-vos dos ídolos"**. De acordo com essa palavra, se não temos diante de nós a Pessoa de Cristo como o único objeto dominante de nossos corações, teremos um ídolo. No mesmo contexto, o apóstolo fala de nosso maravilhoso lugar e bênção nEle: **"E no que é verdadeiro estamos, isto**

é, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna" (1 João 5:20,21). Tendo a vida eterna nEle, e estando identificados com Ele quanto a nossa posição perante Deus, certamente Ele deve ser nosso único objeto de adoração. Qualquer outro é um ídolo. E até mesmo o melhor cristão corre o risco de pagar homenagem em exagero a algum mestre ou líder favorito. Como tudo isso se comparará com a epístola de João naquele último grande dia? O Senhor nos guarde da veneração pela criatura, seja viva ou morta!

Um grande e influente sistema surgiu desses pequenos inícios, através da sutileza do sacerdócio, o que acabou por trazer enormes riquezas para a igreja. **Peregrinações** com suas ofertas de expiação e de vontade própria fazem parte do sistema. Em um período inicial, era costume realizar serviços religiosos com peculiar santidade no túmulo dos santos e mártires. Mas, à medida que as trevas aumentavam, assim como o espírito de superstição, isto não era o suficiente. No século IV, esplêndidas igrejas foram construídas sobre seus anteriormente humildes túmulos; e até mesmo supostas relíquias do santo eram consagradas no edifício erguido em sua honra. Costumava-se afirmar que o corpo do santo miraculoso estava enterrado sob o altar-mor, e de que havia uma eficácia especial na intercessão de tais santos. Isso levou miríades a esses santuários; alguns para ver milagres acontecerem, outros para terem milagres realizados em seu favor, ou para receberem bem em suas almas. Peregrinações logo se tornaram o tipo mais popular de adoração, e à medida que os adoradores abundavam em suas oblações — com seus corações quentes e ternos — eram grandemente encorajados por um sórdido sacerdócio. Durante o século VI, um incrível número de templos foram erguidos em honra aos santos, e numerosos festivais foram instituídos para guardar a lembrança desses homens santos.

De acordo com Milman e outros, o culto aos santos tornou-se tão popular que corriam o risco de serem negligenciados por causa da grande quantidade deles. "O calendário lotado não tinha mais mais dias para serem atribuídos a um novo santo sem colidir, ou desapropriar, um antigo. O Oriente e o Ocidente competiam entre si em sua fertilidade. Mas dos incontáveis santos do Oriente, poucos comparativamente foram recebidos no Ocidente, e o Oriente também desdenhosamente rejeitou muitos dos mais famosos a quem o Ocidente adorava com a mais sincera devoção. De qualquer modo, a multiplicidade dos santos testemunha a universalidade da idolatria". A rivalidade de igreja conta igreja, de cidade contra cidade, de reino contra reino, de ordem contra ordem, manteve um estado de competição por séculos, de modo que cada um buscava atrair adoradores ao santuário de seu santo padroeiro. A fama de alguns no-

vos santos celebrados, tal como São Tomás da Cantuária, diminuía, por algum tempo, o tráfego e lucro de outros lugares. Daí a necessidade de criar novidades frescas e excitantes por meio de novas descobertas de algo que viraria a maré em favor do novo santuário. Mesmo enquanto escrevo — setembro de 1873 — é triste dizer, mas quase mil peregrinos da Inglaterra estão a caminho, não com os pés descalços como antigamente, para Paray-le-monial, na França, a fim de se curvarem diante do santuário do **"Sagrado Coração"**, em honra da freira e santa Margarida Maria de Alacoque. Isto é muito surpreendente, e desperta profundos pensamentos em muitas mentes quanto ao verdadeiro objetivo na mente do papado. Professadamente, é claro, é para o bem das almas dos peregrinos, para a honra da santa, e para o triunfo da igreja. Se voltarmos até os dias de Orígenes, que foi o primeiro a inculcar a adoração aos santos ou ao santuário de Martinho de Tours, que foi o mais popular nos séculos IV e V, até os dias de hoje, temos cerca de 1400 anos de adoração aos santos e peregrinações, tanto na igreja grega (Ortodoxa) quanto na latina (Católica). Não é de admirar que os muçulmanos concluíram que todos os cristãos eram idólatras.

A maioria de nós conhece bem os nomes dos que podem ser chamados de santos universais, tais como os primeiros pais e os **santos padroeiros dos reinos**; mas descobrir, por meio de uma busca mais profunda sobre essa idolatria, é algo verdadeiramente aterrador. Através de toda a extensão da Cristandade romana existe, para cada comunidade em cada país e para cada indivíduo, um intercessor com Cristo, que é o Único Grande Intercessor entre Deus e o homem. Muitos católicos escolhem seus santos padroeiros com base em seus aniversários — o dia do santo e em que nasceram. O santo é considerado o protetor peculiar do indivíduo, da comunidade ou do país, de modo que pouco menos do que o poder e a vontade divina são atribuídos aos santos padroeiros. O argumento é que, tendo sido humanos, e ainda possuindo simpatias humanas, eles são menos terríveis e mais acessíveis do que Cristo, e podem exercer sua influência com Ele para o benefício dos lugares e companheiros de sua jornada terrena. Eles são representados, no entanto, como sendo mutáveis e facilmente ofendidos. Colheitas frutíferas, vitória na guerra, libertação das aflições, segurança na viagem, e misericórdias parecidas, são atribuídas as suas orações; mas, quando ocorrem calamidades, a explicação é de que o santo foi ofendido e deve ser apaziguado. Maior honra deveria, então, ser paga ao seu santuário, e ofertas mais caras deveriam ser colocadas sobre seu altar.

O Culto às Relíquias

Pelo fato da história do culto às relíquias ser muito similar em seu caráter àquela do culto aos santos, uma breve observação será suficiente. Sua origem é a mesma. A paixão e a fraqueza, talvez, da nossa natureza, por guardar memoriais de pessoas amadas, foi usada pelo inimigo para trair os cristãos ao mais degradante tipo de adoração. Se, argumentava-se, o nosso gosto pelos memoriais da afeição humana é tão desculpável e tão amável, "quanto mais deveriam ser objetos de sagrado amor os santos, a bendita Virgem, e o Próprio Salvador!" Mas, por mais capcioso que possa ser tal raciocínio, não é nem justo nem verdadeiro. A profunda ilusão, o poder satânico, e a terrível iniquidade da adoração a relíquias residem principalmente no fato de que a igreja de Roma mantém a ideia de que há um poder de operar milagres inerente e irrevogável nas relíquias; e, como tal, são usadas e devotamente adoradas, tanto pelo papa quanto pelo mais baixo em sua comunhão.

Já nos dias de Constantino, a reverência pelas **relíquias dos santos e mártires** tinham assumido uma forma mais definida de adoração. A imperatriz Helena, mãe de Constantino, eu seu zelo supersticioso de honrar os lugares na Palestina que tinham sido "santificados" pela vida e morte do Salvador, erigiu esplêndidas igrejas sobre os supostos lugares de Seu nascimento, Sua morte e ascensão. Durante as escavações, afirmou-se que o Santo Sepulcro veio à luz, e que no sepulcro foram encontradas as três cruzes e a tábua com as inscrições originalmente escritas por Pilatos em três línguas. As notícias dessa maravilhosa descoberta rapidamente se espalharam por toda a Cristandade, gerando grande excitação. Como havia dúvidas sobre a qual das cruzes a tábua pertencia, um milagre decidira as reivindicações da verdadeira cruz. Singularmente, os cravos da paixão do Salvador também foram encontrados no santo sepulcro. Esses preciosos tesouros, como nem precisaríamos dizer, provaram ser um capital inesgotável para o comércio de relíquias. Partes da verdadeira cruz foram transformadas em crucifixos para os ricos, e partes foram consagradas às principais igrejas, tanto no Oriente (Ortodoxa) quanto no Ocidente (Católica). Tão rapidamente "se multiplicou" os pedaços de madeira da cruz que logo podia-se fazer uma floresta a partir deles.

A paixão pelas relíquias, que aumentara a cada século, foi grandemente nutrida pelas cruzadas. Muitos santos antes desconhecidos, e inumeráveis relíquias, foram então introduzidos aos cristãos do Ocidente. Passando pela vasta quantidade de ossos velhos de santos de reputação e outras relíquias menores,

que eram trazidas do Oriente, e que se tornaram uma importante ramificação do comércio de relíquias, notamos dois ou três dos mais famosos. O principal entre eles era o "Sacro Catino" (**"bacia sagrada"**) — um recipiente de vidro verde, que dizem ser de esmeralda — trazido da Cesareia, e venerado como tendo sido usado na última ceia. Outra relíquia de grande fama é a **túnica sagrada** de nosso Senhor encontrada em Argenteuil em 1156; há também uma outra túnica sagrada que dizem ter sido presenteado pela imperatriz Helena ao Arcebispo de Treves.

Precisamos apenas acrescentar, como uma ilustração prática de adoração a relíquias, que na semana santa, todos os anos[4], o papa e os cardeais partem em procissão a São Pedro em Roma, com o propósito de adorar as três grandes relíquias. Ao realizarem a cerimônia, eles se ajoelham na nave da igreja, e as relíquias, que são exibidas da sacada acima da estátua de Santa Verônica, consistem em uma parte da madeira da verdadeira cruz, a metade da lança que perfurou o lado do Salvador, e o **santo sudário**. Esta última relíquia é um pedaço de tecido no qual conta-se que nosso Senhor miraculosamente imprimiu Seu semblante, e que tinha sido levado à Itália para curar o imperador Tiberíades quando afligido pela lepra. A cerimônia acontece em silêncio solene. Externamente, nenhum ato de adoração é mais profundo na Igreja Católica Romana. Poderia a loucura — podemos perguntar — ou o absurdo, ou as fraquezas humanas, ou o poder satânico, serem elevados a uma altura maior? Pois para que homens de educação e, em muitos casos, homens de cultivo e piedade, possam se curvar na mais profunda adoração diante de um pedaço de madeira quebrada, de uma lança quebrada, e de um trapo pintado, só pode ser possível sobre o princípio da mais solene cegueira judicial. As densas trevas há muito tinham se estabelecido tanto sobre os padres quanto sobre o povo através de sua deliberada negligência para com a Palavra de Deus e extinção da luz do Espírito Santo. E assim sempre será, em maior ou menor grau, quer para o católico ou para o protestante, quando Deus e Sua Palavra são desconsiderados, como disse o profeta: "**Dai glória ao Senhor vosso Deus, antes que venha a escuridão e antes que tropecem vossos pés nos montes tenebrosos; antes que, esperando vós luz, ele a mude em sombra de morte, e a reduza à escuridão"** (Jeremias 13:16).

[4]N. do T.: o tradutor não pôde confirmar se tal prática ainda continua a ser realizada dessa maneira até os dias de hoje.

O Purgatório

Conta-se que **Agostinho**, bispo de Hipona, foi o primeiro a sugerir a doutrina de um estado intermediário, mas suas opiniões são vagas e incertas. A ideia não foi formalmente recebida como um dogma da igreja de Roma até a época de Gregório, o Grande, no ano de 600. Ele tem a reputação de ter sido o descobridor do fogo do purgatório. Ao discutir a questão sobre o estado da alma após a morte, ele distintamente afirmou: "Devemos crer que, para algumas transgressões leves, existe um fogo purgatório antes do dia do juízo". Mas, como o crescimento dessa doutrina por centenas de anos é extremamente difícil de traçar, nos referiremos de uma vez ao Concílio de Trento, a grande e indiscutível autoridade sobre o assunto.

"Existe um purgatório", diz o concílio, "e as almas ali detidas são auxiliadas pelos sufrágios dos fiéis, mas especialmente pelo sacrifício aceitável da Missa. Este santo concílio ordena a todos os bispos que se esforcem diligentemente para que a sã doutrina no que diz respeito ao purgatório, entregue a nós pelos veneráveis pais e concílios sagrados, seja crida, mantida, ensinada, e pregada em todo o lugar pelos fiéis a Cristo... No fogo do purgatório, as almas dos homens justos são purificadas por uma punição temporária, para que sejam admitidos a sua morada eterna, na qual não entra nada que contamina... O sacrifício da Missa é oferecido por aqueles que estão mortos em Criso, mas não inteiramente expurgados."[5]

Os escritores católicos romanos tentam suportar esse terrível dogma a partir de várias passagens das Escrituras, mas principalmente dos apócrifos e da tradição. Com os dois últimos nada temos a tratar. Qualquer coisa que agrade aos homens pode ser provado com base em tais fontes incertas; mas nada pode ser mais ousado, e ao mesmo tempo mais fútil, do que a má aplicação das Escrituras sobre esse assunto. Veja dois textos que eles utilizam: 1. "Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceitil" (Mateus 5:26). Aqui, os católicos são inconsistentes com eles mesmos, pois se os pecados veniais[6] são perdoados no purgatório, a passagem fala do último centavo sendo pago. Certamente não podemos falar de um dívida sendo perdoada

[5]Council of Trent, de Paul, p. 750. Veja também, para detalhes, End of Controversy, de Milner, Carta 43.

[6]N. do T.: Pecado venial, de acordo com o catolicismo romano, é um pecado menor que não resulta em uma separação completa de Deus e na condenação eterna no inferno (Fonte: Wikipedia – `https://en.wikipedia.org/wiki/Venial_sin`

e, ao mesmo tempo, tendo que ser paga pelo indivíduo até o último centavo[7]. 2. "Vivificado pelo Espírito, no qual [claramente, 'em cujo Espírito'] também foi, e pregou aos **espíritos em prisão**" (1 Pedro 3:18,19). Esta passagem não pode fazer referência à suposta prisão do purgatório, pois de acordo com a própria doutrina católica, aqueles que são culpados de pecado mortal não vão para lá, o que é estranhamente inconsistente, visto que os antediluvianos (que são os espíritos em prisão mencionados; ver versículo 20) eram "incrédulos", culpados do pecado mortal. E, como vimos nos extratos citados anteriormente, o purgatório seria apenas para "aqueles que estão mortos em Cristo, mas não inteiramente expurgados". A passagem também ensina que Cristo não pregou em pessoa. Ele pregou pelo Espírito por meio de Noé aos antediluvianos que estão agora em prisão. Os alegados textos estão tão pouco em favor do purgatório, que católicos romanos mais pensativos se esforçam em suportar o dogma apenas pela autoridade da igreja.

Há muita imprecisão nos escritores romanistas, e até mesmo no Concílio de Trento, quanto a **onde** está o purgatório e **o que** ele realmente é. A opinião geral parece ser de que ele estaria debaixo da terra e adjacente ao inferno — que seria um lugar intermediário entre o céu e o inferno, no qual as almas passam através do fogo da purificação antes de entrarem no céu.

Mas como o fogo material pode purificar um espírito, os escritores católicos têm sido cuidadosos em não definir. Aqueles no estado intermediário — diz o Concílio de Florença de 1439 — estão em um lugar de tormento, "mas se é fogo, ou tempestade, ou qualquer outra coisa, sobre isso não contendemos". Ainda assim, parece que a voz geral é de que o purgatório é uma prisão, na qual a alma é detida e torturada assim como purificada, e que, não por angústia ou remorso mental, mas por um fogo real, ou pelo que o fogo produz. E ainda assim tão variadas são as opiniões de seus melhores teólogos, que alguns já representaram os tormentos como uma repentina transição do calor extremo ao frio extremo. Mas as especulações vagas de Agostinho, e os aventurosos dogmas de Gregório, foram logo "autenticados" por sonhos e visões. Na idade das trevas, houve muitos viajantes para aquelas regiões subterrâneas, que inspecionaram e relataram os segredos do purgatório. Tomemos um dos relatos como exemplo, o mais suave e menos ofensivo que podemos escolher.

[7]N. do T.: Além disso, devemos nos lembrar que todos os nossos pecados foram pagos na cruz, o que acaba com qualquer ideia de um salvo ter ainda que pagar por eles. Ver Romanos 8:1, João 5:24, 1 Pedro 2:24, Apocalipse 5:9, Isaías 53:6,11,12, etc.

A Região do Purgatório

"Dritelmo, cuja história é relatada por autoridades tais como Beda e Belarmino, foi levado em sua viagem por um anjo com trajes brilhantes, e prosseguiu na companhia de seu guia em direção ao sol nascente. Os viajantes chegaram finalmente a um vale de vastas dimensões. Essa região, à esquerda, era coberta de fornalhas, e, à direita, de gelo, granizo e neve. O vale inteiro estava repleto de almas humanas, que uma tempestade parecia lançar em todas as direções. Os espíritos infelizes, incapazes, por um lado, de suportar o calor violento, saltavam para o frio tremendo, o que novamente os levava às chamas ardentes que não podiam ser apagadas. Uma inúmera multidão de almas deformadas eram, dessa maneira, rodopiadas e atormentadas, intermitentemente, nos extremos do calor e do frio alternados. Este, de acordo com o condutor angelical que guiava Dritelmo, é o lugar de castigo para aqueles que adiam a confissão e a restauração até a hora da morte. Todos esses, no entanto, serão no último dia admitidos no céu; enquanto muitos, através de esmolas, vigílias, orações, e especialmente da Missa, serão libertados antes mesmo do juízo geral"[8]. Qualquer um pode perceber, de relance, a intenção dessa visão. É habilmente elaborada de modo a agir poderosamente sobre os medos dos fiéis, para aumentar o poder do sacerdócio, e para assegurar grandes legados para a igreja.

E é este o lugar — podemos perguntar — para o qual a santa mãe igreja envia seus piedosos e penitentes filhos? Sim, e é apenas o justificado que vai para lá. Aqueles que morrem sob a culpa dos pecados mortais vão diretamente para o inferno, sobre os sombrios portões dos quais está escrito: "Não há esperança". Quão terrível o pensamento do purgatório deve ser para toda mente devota! Como uma ilustração disso, posso mencionar que conheci uma jovem que mais tarde abraçou a religião católica. Ela é rigidamente devota à igreja, fresca em seu primeiro amor, mas evidentemente estremece ao pensar no purgatório. "Eu acredito que irei para lá", dirá ela, "Eu espero ir; pois eu não posso presumir ser boa o bastante para ir direto para o céu quando eu morrer, eu preciso passar pelo purgatório, mas eu não quero ficar mais do que 500 anos lá". Não tenho dúvidas de que ela seja uma cristã verdadeira, e justificada de todas as coisas, mas tal é o poder cegador de Satanás por meio do sistema papal. Podemos apenas nos regozijar pelo fato de que em breve ela estará felizmente esclarecida, de acordo com muitas porções da Palavra de Deus, tais como — **"Dando graças ao Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos**

[8]Variations of Popery, de Edgar, p. 455.

santos na luz”... **“Ausentes deste corpo, para estarmos presentes com o Senhor”**... **“Hoje estarás comigo no paraíso”**... **“Tendo desejo de partir e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor”** ... **“Veio a morrer o mendigo, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão”**... **“Perdoados lhe são os pecados, que são muitos”**. (Colossenses 1:12, 2 Coríntios 5:8, Lucas 23:43, Filipenses 1:23, Lucas 16:22, Lucas 7:47)

É perfeitamente claro nessas passagens, e em muitas outras que poderiam ser citadas, que no exato momento em que a alma do crente deixa o corpo ela está presente com o Senhor no paraíso de Deus —- certamente o lugar mais feliz em todo o céu. Qual, então, poderia ser o objetivo da igreja romana em perverter as Escrituras — de modo a negar a eficácia do sangue de Cristo, o qual limpa o crente de todo o pecado? Para responder a essa questão, a mente deve compreender e lidar com as próprias profundezas de Satanás.

Os Usos do Purgatório

Historicamente, o uso que foi feito dessa superstição satânica pelo sacerdócio católico foi o de agir sobre o medo e as afeições da humanidade. O que a jovem senhora mencionada na seção anterior, ou seus queridos pais, não dariam para se salvarem de seus 500 anos de tormento naquela terrível morada? Rezar para que as almas saiam do purgatório, pelas Missas feitas em seu favor, tornou-se uma fonte de tesouro incalculável para a igreja. Com um homem rico moribundo, que não podia levar consigo sua riqueza e que temia os tormentos do purgatório, o padre podia fazer tudo nos seus próprios termos. Além disso, a partir dessa superstição, surgiu o escandaloso comércio de indulgências papais para mitigar as dores da passagem intermediária.

Mas há ainda um outro ponto de iniquidade conectado a esse dogma, que nos faz admirar que o coração do homem ou de Satanás tenha sido capaz de conceber: a **autoridade do padre** sobre sua vítima após estar morto e enterrado. Ele faz a alma que parte acreditar que ainda estará dependente de sua influência, sua intervenção; de que ele tem a chave do purgatório, e que sua condenação depende da palavra vinda dos lábios do padre. Certamente estas são as profundezas de Satanás — trememos ao buscarmos perscrutá-las. Mas todas não passam de mentiras, e é a mais terrível blasfêmia para qualquer homem dizer que as chaves do céu, do inferno e do purgatório lhe foram confiadas.

"Não temas", disse o bendito Senhor a João, **"tenho as chaves da morte e do inferno [hades]"**. Somente Ele tem poder e autoridade sobre o mundo invisível, e as Escrituras deixam totalmente claro para a fé que Deus **"nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor"**. Aqui é ensinado claramente que o crente não está apenas perdoado e salvo, como também está agora liberto de todo o reino das trevas, e agora transportado ao reino do querido Filho de Deus. A linguagem é inconfundível: **"quem nos tirou"** — não quem tirará, ou quem pode tirar — mas **"quem nos tirou"**, é verdadeiro agora, e a verdade deve ser desfrutada agora. Não há poder senão nas mãos do Senhor ressurreto, e nenhum purgatório[9] além de Seu precioso sangue, a menos que seja também o lavar da água pela Palavra. **"Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais branco do que a neve"** (Apocalipse 1:17,18; Colossenses 1:13; Salmos 51:7; João 13, 15; 1 João 5)

As igrejas gregas abissínias e as igrejas armênias rejeitam a doutrina de nome "purgatório", mas a mantém em sua essência. Orações e missas são feitas para os mortos, e incenso é queimado sobre as sepulturas dos mortos.[10]

A Extrema Unção

Como todo falso sistema, o papado é flagrantemente inconsistente consigo mesmo. A falsidade, a mãe das mentiras, está escrita em sua testa, embora possam existir muitos corações honestos e piedosos em sua comunhão. Quão diferente da perfeita unidade da verdade divina (as Escrituras)! Embora escrita por tantas pessoas diferentes, sobre tantos assuntos diferentes, sob tantas circunstâncias diferentes, e em tantos lugares e épocas diferentes do mundo, ainda assim temos um todo perfeito. Como poderíamos deixar de ver, no decorrer das Escrituras, as glórias da cruz, as riquezas da graça divina, a condição perdida do pecador, e sua plena salvação (por exemplo: no cordeiro de Abel, na arca de Noé, e na purificação do leproso)? Mas ao passarmos de um sacramento para outro do sistema católico encontramos as mais evidentes contradições. Assim é com o purgatório e a extrema unção. Se existe alguma verdade na extrema unção, o purgatório é uma mera ilusão. Não pode haver tal lugar, nem necessidade para tal lugar. O objetivo declarado, e o efeito do óleo sagrado de acordo com

[9] N. do T.: Purgatório tem o sentido de purificação, o que na verdade foi feito pelo sangue de Jesus.

[10] Faiths of the World, de Gardner, p. 721. Milman, vol. 6, p. 428.

o **Concílio de Trento**, é apagar os restos dos pecados. O herege que o despreza deve ir diretamente para as profundezas do inferno. Assim ele é administrado:

"O padre, tendo entrado na casa, deve colocar sobre sua sobrepeliz uma estola coberta de violeta, e apresentar a cruz à pessoa doente, para ser devotamente beijada. Tendo sido recitadas orações, e água benta aspergida, o padre mergulha seu dedo polegar no óleo sagrado, e unge o enfermo em forma de cruz. Começando pelo sentido da visão, ele unge cada olho, dizendo: 'O Senhor, através de Sua santa unção, e Sua mais graciosa compaixão, perdoa-te de qualquer pecado que hajas cometido pela visão'. Do mesmo modo há sete unções, uma para cada um dos cinco sentidos — olhos, ouvidos, nariz, boca, mãos, e os outros dois são no peito e nos pés". Após muitas orações, cruzes, queima do pano que enxugou o óleo das diferentes partes do corpo ungido e do polegar do padre, o homem ou mulher moribunda é declarada como estando em um estado adequado para passar com segurança para o porto da felicidade eterna.

Esse sacramento nunca é administrado enquanto houver qualquer expectativa de recuperação da saúde. É chamada **extrema** porque é a última a ser administrada. Por meio desse assim chamado infalível sacramento pelo moribundo, alguém naturalmente esperaria que o purgatório receberia muito poucos fiéis da igreja de Roma, de modo que seria principalmente povoado por protestantes que desprezaram o unguento sacerdotal, ou por aqueles na comunhão católica que estavam desqualificados para receberem o sacramento. Mas há uma grande variedade de opiniões entre os romanistas sobre esse assunto. Alguns pensam que toda alma, sem exceção, desde o papa até o leigo, por mais santa que tenha sido sua vida, ou mesmo que o último sacramento tenha sido administrado, deve passar pelo purgatório — que nenhuma alma poderia passar diretamente da terra para o céu. Eles argumentam que, como nenhum homem tem controle completo sobre seus pensamentos, pensamentos tolos e até mesmo pecaminosos podem passar por sua mente durante a administração da extrema unção, ou imediatamente após ela; portanto, a alma deveria passar pela região do purgatório em seu caminho para o céu. É claro que o pecado poderia ser tão pequeno de modo que a detenção seria muito curta. Mas até mesmo um Gregório ou um Bernardo deveria ser purificado pelo fogo do purgatório. Ai dos filhos de Roma! — deveríamos exclamar — todos devem ser escravos do príncipe do purgatório antes de poderem provar da liberdade e felicidade do céu. Quão terríveis, quão sombrios os pensamentos sobre a morte devem ser! Quão diferentes dos pensamentos e sentimentos do grande apóstolo, quando disse: **"Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho"**. Se ele vivesse, viveria

Cristo; ele desfrutava a mais plena e doce comunhão com Ele: se morresse, ele ganharia com isso... **"Tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor"**. Além disso, a Palavra de Deus é positiva para todos os crentes em Cristo Jesus — **"Ausentes deste corpo, para estarmos presentes com o Senhor"** (Filipenses 1:21–23; 2 Coríntios 5:8).

A alusão no Novo Testamento à antiga prática da **unção com óleo** deu aos escritores católicos grande ousadia em pressionar a necessidade desse sacramento. Mas eles cuidadosamente negligenciam ou ocultam o fato de que a unção bíblica era para a cura miraculosa do corpo e para o prolongamento dos dias de vida. A unção católica é para a alma — um sacramento permanente para a transmissão da graça, o perdão do pecado, a obtenção da salvação, na hora da morte. A unção apostólica era para a recuperação da saúde; a extrema unção é a última preparação para a morte. **"E expulsavam muitos demônios, e ungiam muitos enfermos com óleo, e os curavam"**. **"Está doente algum de vós? Chame os anciãos da igreja, e estes orem sobre ele, ungido-o com óleo em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará."** (Marcos 6:13; Tiago 5:14,15).

Não é difícil ver como a superstição usaria tais passagens para o cumprimento de seus próprios fins; mas está perfeitamente claro que a unção original era usada para a recuperação da saúde em pessoas específicas, e continuou enquanto ainda havia o dom de curas e o poder de operar milagres, o que provavelmente mal durou até o final da era apostólica. E a extrema unção, em sua presente forma, era desconhecida na igreja durante os primeiros onze séculos de sua história. Foi estabelecida durante o reinado da ignorância e da astúcia sacerdotal no século XII, e finalmente foi carimbada com o grande selo do Concílio de Trento.

A Confissão Auricular

Os sacramentos da igreja de Roma, sendo considerados necessários à vida espiritual, e estando à disposição do sacerdócio, deram a eles um enorme poder. Mas nenhum de seus muitos sacramentos tendia a aumentar tanto a influência dos padres, ou a escravizar e rebaixar a moralidade do povo, quanto a **confissão** auricular. Do Imperador ao mendigo, todo coração de todo homem e mulher pertencente à igreja de Roma foi escancarado perante o padre. Nenhum ato, e quase que nenhum pensamento, pelo menos na idade das trevas, era mantido

em segredo do padre. Esconder ou disfarçar a verdade era um pecado que deveria ser punido com a mais humilhante penitência, ou até mesmo com as dores eternas do inferno. Perante um poder tão arbitrário, tão irresponsável, tão temido, quem não tremeria? Os padres assim se tornaram um tipo de polícia espiritual, a quem todo homem estava obrigado a entregar-se. Eles sabiam os segredos de todas as pessoas, de todas as famílias, de todos os governos, de todas as sociedades, e, é claro, como governar e estabelecer seus planos de modo a alcançar o que quer que quisessem. A consciência, a moral, assim como o ser religioso e espiritual do homem, estavam sob seu poder. Era como o selo e consumação de toda a impiedade e blasfêmia. Pais e filhos, mães e filhas, mestres e escravos, estavam todos sob a supervisão e controle dos padres.

O poder assim obtido no confessionário era exercido pelo alegado bem da igreja — às vezes em conceder, adiar ou recusar absolvição, conforme o caso. Tudo dependia dos fins alcançados pela igreja: era feito o uso mais egoísta, cruel e sem princípio de informação assim religiosamente obtida. Referimo-nos especialmente aos casos prolongados de disputa e disciplina, que nunca poderiam ser resolvidos até que a igreja tivesse ganhado a causa. A excomunhão era algo real naqueles dias, e o papa um verdadeiro antagonista. Quando Hildebrando trovejou uma sentença de excomunhão contra Henrique, libertou seus súditos do juramento de lealdade a ele, e o declarou privado de seu trono, ele descobriu ser inútil lutar contra o papa, mesmo sendo ele (Henrique) o maior soberano na Europa naquela época. Ele foi forçado a ceder; e na mais degradada condição, descalço e tremendo de frio, ele humildemente suplicou ao inexorável monge que removesse a censura da igreja e o reintegrasse ao trono. A terrível sentença de excomunhão cortava fora o ofensor, qualquer que fosse sua classe ou posição social, e como a salvação era considerada algo absolutamente impossível de se alcançar fora da igreja católica, não havia qualquer esperança para alguém que morresse sob tal sentença. Ao corpo podia ser negado um lugar de descanso em solo consagrado, mas o real temor era que a alma se tornasse a presa dos demônios para sempre.

A História das Indulgências

Assim prevaleceu o sistema das indulgências em cada vez maior extensão à medida que avançava o tempo; e embora, como consequência de seus gritantes abusos, alguns dos melhores escolásticos não hesitassem em expressar suas

objeções ao comércio que estava ocorrendo na venda de indulgências, outros escreviam em favor, e os homens em geral temiam sofrer um longo período de severa penitência e de desagradáveis austeridades, quando podiam obter absolvição imediata por meio de **pagamentos pecuniários**, ou dando esmola às igrejas e clérigos. Desde o início foi a prática da igreja de Roma impôr obras ou sofrimentos dolorosos sobre os ofensores quando estes eram submetidos com humildade ao que eles chamavam de satisfações; mas quando a penitência era abreviada ou inteiramente remida por alguma consideração em dinheiro ou boas obras, eles chamavam de indulgência. O preço era regulado de acordo com a natureza do crime e as circunstâncias do comprador.

O seguinte curioso evento, citado por Milner do relato de Burnet, dará ao leitor uma ideia melhor da extensão desse notável comércio do que qualquer coisa que pudéssemos dizer sobre o assunto, e isto aconteceu em uma época em que, devido à Reforma, a venda tinha diminuído consideravelmente: "Burnet nos informa que a escandalosa venda de perdões e indulgências não havia cessado completamente, de maneira alguma, nos países papistas, como é comumente aceito. Ele diz que na Espanha e em Portugal há, em todo o lugar, um comissário que gerencia a venda com as circunstâncias mais infames imagináveis. Na Espanha, o rei, por meio de um acordo com o papa, retém os lucros. Em Portugal, o rei e o papa dividem os lucros.

"No ano de 1709 os corsários de Bristol tomaram de assalto um galeão, no qual acharam quinhentos fardos com indulgências papais... e dezesseis resmas estavam em um fardo, de modo que podia-se contar um total de três milhões e oitocentos e quarenta mil indulgências. Estas eram impostas ao povo e vendidas, a mais barata por três moedas de ouro, mas algumas eram mais caras. Todos eram obrigados a comprá-las durante a Quaresma. Além do relato dado sobre essa viagem, recebi um testemunho em particular sobre isso do Capitão Dampier".[11]

Mas o leitor estará mais preparado para essa quase incrível afirmação se prosseguirmos até a história do período em que isso ocorreu. Por enquanto, vimos o suficiente para dar ao leitor uma ideia correta do fundamento, caráter e efeitos do tráfico. O sacramento do matrimônio terá um espaço tão importante para nós que precisaremos dar a ele um capítulo especial mais tarde. Assim, deixamos por enquanto o doloroso e interessante assunto sobre a teologia romana, lamentando profundamente as práticas da Cristandade papal, e retornemos a

[11]Milner, vol. 3, p. 439

nossa história geral.[12]

[12] Para mais detalhes sobre os sacramentos por escritores católicos, veja Concílio de Trento, de Paulo II, O Catecismo Do Concílio De Trento, de Donovan, End of Controversy, de Milner; e para críticas bastante afiadas sobre essas doutrinas, veja Variations of Popery, de Edgar, assim como os livros de história em geral.

Capítulo 24

O Papa Inocêncio III (1190–1216 d.C.)

Inocêncio III e Sua Época (1198–1216 d.C.)

Durante o reinado desse grande papa, a Sé romana chegou ao seu auge. O século XIII é comumente distinguido como o grande dia da **glória pontifícia**. Vimos a aurora do pressuposto papal, ou melhor, os primeiros raios da aurora, nas ousadas concepções de Inocêncio I e Leão, o Grande, no século V. Gregório, o Grande, no século VII, e Nicolau e João no século IX, fizeram grande esforço em lançar as bases do grande esquema papal; mas foi Gregório VII que ergueu a superestrutura. O grande objetivo desse padre ousado, ambicioso e inescrupuloso era restaurar à Roma papal tudo o que a Roma imperial tinha perdido; e assim estabelecer a cadeira de São Pedro acima de todos os outros tronos. Mas o ousado papa pereceu em sua luta desesperada. Roma foi tomada, como vimos; Hildebrando (Gregório VII) foi obrigado a fugir, e morreu em exílio em Salerno. Por mais de cem anos após sua morte, nenhum papa que se sentou na cadeira pôde completar a obra que ele tinha iniciado. Mas no início do século XIII, o gênio superior de Gregório foi ultrapassado por Inocêncio. Os ousados esquemas que o primeiro tinha planejado foram plenamente executados pelo último. Sem dúvida, a conjunção de muitas circunstâncias foi favorável, e os poderes de sua mente foram adaptados para o cumprimento de seu grande objetivo, de modo que obteve plenamente o que enchia a imaginação dos papas por eras — "supremacia sacerdotal, monarquia régia e domínio sobre os reis da terra". O padre coroado de Roma agora movia, com mão magistral, e com incansável dedicação, a máquina do papado, de modo que obtivesse e consolidasse a absoluta soberania da Sé romana. Mas aqui, neste ponto, devemos fazer uma pausa

para uma breve reflexão. Esforcemo-nos por compreender a mente do Senhor sobre esse grande sistema religioso, e não meramente o testemunho da história.

Inocêncio e os Reis da Terra

As diferentes características da Babilônia que o Espírito de Deus nos mostrou tão distintamente nesses capítulos (Apocalipse 17 e 18), e que são tão odiadas por Ele, encontraremos muito plenamente demonstradas na história desse pontífice. Mas é necessário que nós, tanto o leitor quanto o escritor deste livro, vigiemos contra o espírito da Babilônia que se insinua para nossos próprios corações. Não devemos supôr que ela esteja confinada somente ao papado, embora lá ela esteja publicamente entronizada e será publicamente tratada em juízo. A menos que estejamos reunidos em torno do Jesus rejeitado, e andando com Ele na comunhão de Seus sofrimentos e na esperança de Suas glórias, corremos o risco de sermos pegos na armadilha. Homens, homens cristãos, frequentemente conectam o prazer presente de prosperidade e o prazer no mundo ao nome e à sanção de Cristo. Esse é a própria essência da Babilônia — a mistura profana de Cristo e do mundo, do celestial e do terreno. Aquele que professa fé em um Cristo rejeitado, e que ao mesmo tempo tem seu coração no mundo que O rejeitou, está profundamente imbuído do espírito de Babilônia. É como alguém que verdadeiramente se apega ao Príncipe do céu, e continua dando ouvidos às lisonjas e aceitando os favores do príncipe deste mundo. E não vemos, infelizmente, em todo o lugar, a indulgência de desejos mundanos na profissão do nome do Senhor? Esta é a inconsistência, a confusão, que é tão ofensiva a Deus, e que Ele julgará de maneira tão terrível. Que o Senhor possa nos guardar de buscar misturar a cruz e a glória celestial de Cristo com este presente mundo mau.

O espírito do papado é todo voltado a este mundo, com as mais elevadas pretensões de ser todo para Cristo. "Eu me sento como uma rainha", diz ela, "e não sou viúva, e não verei tristeza". O domínio sempre foi seu único desejo — domínio sobre a Igreja e o Estado, sobre o mar e a terra, sobre as almas e corpos dos homens, com poder para abrir e fechar os portões do céu e do inferno ao seu bel-prazer. Assim pensava Inocêncio, e assim agiu ele como veremos a seguir.

Lotário de Conti era o nome original de Inocêncio. Ele era da casa dos Condes de Segni, uma das grandes famílias romanas. Sob a instrução de seus dois tios, os cardeais de São Sérgio e São Paulo, as grandes habilidades naturais de

Lotário lhe tornaram promissor quanto ao tipo de distinção que seus amigos e parentes tanto desejavam. Mais tarde, ele adquiriu grande fama por sua erudição nas escolas de Roma, de Bolonha e de Paris, mas a lei canônica era seu tema de estudo favorito. Na morte de Celestino III, ele foi devidamente eleito para a cadeira de São Pedro, e consagrado em 22 de fevereiro de 1198, com a tenra idade de trinta e sete anos. Os cardeais o saudaram pelo nome de Inocêncio em testemunho a sua vida "irrepreensível".

Inocêncio e a Cidade de Roma

Como um homem sábio, Inocêncio começou sua grande obra de vida reformando sua própria casa. Uma simplicidade rígida foi estabelecida no lugar do luxo da corte. A multidão de nobres e bem nascidos que antes lotavam o palácio foram dispensados, mas com belos presentes que os retinham como amigos, e que asseguravam seus serviços em ocasiões de alta cerimônia. Dos cidadãos, que clamavam pelo donativo com o qual eles tinham sido muitas vezes gratificados no início de cada novo reino, ele não se esqueceu, e assim assegurou o favor da multidão. Ele se assimilava à ousadia de Gregório VII, e à cautela política e paciência de Alexandre III. Ele conhecia os romanos e como administrá-los, e eles possuíam o pior caráter dentre todos os povos na história. Leia a evidência de São Bernardo ao escrever ao papa: "Por que eu mencionaria o povo? O povo é romano. Não possuo nenhum termo mais curto ou claro para expressar minha opinião sobre seus paroquianos. Pois o que mais poderia ser tão notório a todos os homens e eras como a devassidão e arrogância dos romanos? Uma raça não acostumada à paz, habituada ao tumulto — uma raça impiedosa e intratável, e que neste instante despreza qualquer tipo de submissão que possa existir... A quem encontrarás até mesmo na vasta extensão de sua cidade que o teria como papa, a menos que fosse por lucro ou pela esperança de lucro, de promessa de fidelidade, de possuir melhores meios de machucar àqueles que neles confiam? São homens orgulhosos demais para obedecerem, ignorantes demais para governarem, infiéis a superiores, insuportáveis a inferiores, desavergonhados para perguntar, insolentes para recusar; importunos para obter favores, e incansáveis até obtê-los; ingratos quando os obtêm; grandes, eloquentes e ineficientes; muito mesquinhos, os mais falsos aduladores, e os mais venenosos detratores. Entre tais como esses procedes como pastor deles, coberto de ouro e de toda variedade de esplendor. O que suas ovelhas

estão procurando? Se eu ousasse usar a expressão, eu diria que é um pasto de demônios, e não de 'ovelhas'."[1]

Tal, como testemunhado por tal autoridade, era o caráter das pessoas que o novo pastor de Roma tinha em torno de sua pessoa, e a quem ele tinha que vigiar. Mas sua mente não ficaria desanimada, mesmo pelo estilo exaustivo de São Bernardo; com grande energia, prudência e habilidade, ele deu início ao seu reinado de sucesso.

Ao lado dos assuntos de sua própria casa, aqueles da cidade tinham sua atenção imediata. Seu primeiro objetivo era abolir o último vestígio da **soberania imperial** de Roma. Isto era um passo ousado, mas ele havia facilitado seu caminho ao distribuir, silenciosa e habilidosamente, dinheiro por todas as treze regiões da cidade. Até então, o prefeito de Roma mantinha seu ofício sob o Imperador, sendo representante da autoridade imperial. Mas Inocêncio o influenciou a rejeitar o poder imperial e submeter-se inteiramente ao poder papal. Ele tomou da mão dele a espada secular, o antigo emblema de seu poder, e o substituiu pelo cálice de prata, como símbolo da paz e amizade. O papa o absolveu de seu juramento de lealdade aos imperadores alemães, compeliu-o a fazer um forte juramento de fidelidade a si mesmo e a receber a investidura de suas mãos. Assim foi o último elo quebrado do poder imperial em Roma.

De modo semelhante, o novo papa persuadiu o senador, ou representante da legislatura, a renunciar, para que pudesse ser substituído por outro que se vincularia, por juramento, a si mesmo como soberano. Os juízes, oficiais, e todos os cidadãos eram obrigados a jurar obediência a sua majestade espiritual, e a reconhecer a exclusiva soberania da Santa Sé.

Inocêncio e o Reino da Sicília

Mas a cidade imperial, nesse momento, estava cercada por muitos vizinhos perigosos. Livrar-se deles foi, então, a primeira e importante questão com a qual Inocêncio tinha de lidar. As mais belas províncias da centro e do sul da Itália, até os portões de Roma, assim como o reino da Sicília, estavam sob o jugo feroz de temíveis aventureiros alemães. Aconteceu da seguinte maneira:

Henrique VI, o Severo, o Imperador Romano-Germânico, no ano de 1186 casou-se com Constança, herdeira legítima da coroa da Sicília, tomando o se-

[1] Waddington, vol. 2, p. 158

nhorio de todas as províncias normandas do sul da Itália.

A evidente vantagem dessa união com o Imperador, e a ameaça igualmente evidente ao papado, alarmou o atual pontífice, Lúcio III, o que o levou a tomar medidas de prevenção contra tal casamento. No entanto, ele morreu de repente, não conseguindo cumprir seu propósito. Seu sucessor, Urbano III, também não conseguiu romper o noivado, e o casamento foi celebrado no dia 27 de janeiro de 1186. Mas, como de costume, um pretendente à coroa da Sicília foi encontrado e apoiado pelo papado, o que levou a uma guerra cruel e desoladora que durou muitos anos. Henrique invadiu os território italianos com o propósito declarado de se apossar da herança de sua esposa. A expedição foi completamente bem-sucedida. Província após província caiu em suas mãos, e em pouco tempo todo o sul da Itália e o reino da Sicília se submeteram ao impiedoso tirano, o marido impiedoso de Constança. Antes de deixar os territórios conquistados, diz Greenwood: "Todos os grandes comandos militares foram concedidos aos mais distintos oficiais de seu exército. Castelos, terras, rendimentos, grandes poderes e dos mais diferentes tipos, foram despejados sobre a multidão de aventureiros e mercenários, cujo único objetivo era saquear, e cuja ganância não tinha o mais remoto respeito pelos direitos ou pelo bem-estar daqueles a quem foram designados a governar.

"Filipe, o irmão de Henrique, **duque da Suábia**, foi encarregado do governo da Itália central, incluindo os estados da Condessa Matilda e o ducado da Toscana. Markwald, um cavalheiro de Alsácia, o favorito do Imperador, foi feito duque de Ravena e Romanha. Conrado de Lutzenberg, um cavaleiro suábio, como duque de Espoleto, tomou posse daquela cidade e de seu domínio. Assim foram os estados pontifícios rodeados por uma cadeia hostil de fortalezas por todos os lados. A comunicação com o mundo exterior foi rompida. Mas a mão-mestre que era necessária para dirigir e controlar as diferentes guarnições foram repentinamente retiradas.

"Henrique morreu em Messina, em 28 de setembro de 1197, cerca de três meses antes da ascensão de Inocêncio."[2]

Nos referimos, assim, rapidamente à ocupação militar do país quando Inocêncio tomou em suas mãos as rédeas do governo. Para mais detalhes, os livros de história podem ser consultados. Mas, como nosso objetivo neste capítulo é mostrar como o poder eclesiástico triunfou completamente sobre o poder civil, sentimos ser necessário mostrar a forte posição deste. E agora Inocêncio tinha

[2]*Cathedra Petri*, livro 13, capítulo 1, p. 339

um problema a resolver. Como poderia um único homem, por uma única palavra, subverter a força física do império, e compelir tanto o príncipe quanto o povo a se submeterem a um despotismo espiritual? O poder invisível para isso, sem dúvida, vem das profundezas do inferno. A mistura do cordeiro e do dragão, ou do homem de pecado, em um único poder, ou sistema, prova sua origem. (Ap. 13:11–18)

Inocêncio e as Propriedades da Igreja

A morte de Henrique, os ciúmes e rivalidades dos chefes germânicos, e o estado exasperado dos italianos, preparou o caminho para o pleno exercício dos grandes poderes da administração de Inocêncio. As crueldades do imperador Henrique para com seus súditos italianos haviam atiçado todo o país em busca de revolta. Eles estavam apenas aguardando um libertador do jugo germânico. Esse libertador era Inocêncio. Ele convocou **Marcovaldo**, o mais formidável dos tenentes imperiais no comando, para que entregasse a São Pedro todas as propriedades da igreja. Marcovaldo fez uma pausa: embora ele fosse um homem ousado e ambicioso, e possuidor de grande riqueza e poder, ele desejava evitar uma disputa aberta com o papa. Ele estava consciente do perigo que corria pelo ódio que o povo nutria contra o jugo estrangeiro; e assim esforçou-se em conseguir uma aliança com muitas promessas de serviço à igreja. Mas o papa permaneceu firme e resistiu a todas as suas ofertas, fossem de dinheiro ou de serviço. Ele exigiu a entrega incondicional e imediata de todos os territórios da igreja. Marcovaldo recusou. O povo se levantou para apoiar as reivindicações do papa. A guerra começou. As bandeiras germânicas foram rasgadas, cidade após cidade se ergueu em rebelião e lançou ao chão tudo o que fosse germânico. Marcovaldo, insultado e ardendo em ira, "vingou-se ao sair dos portões de Ravena, devastando toda a região, queimando, saqueando, destruindo propriedades e colheitas, castelos e igrejas. Inocêncio abriu os tesouros papais, pegou emprestado grandes somas de dinheiro, ergueu um exército, e lançou uma excomunhão contra o vassalo rebelde da igreja, na qual ele absolvia de seus juramentos todos os que tinham jurado lealdade a Marcovaldo"[3].

A queda de Marcovaldo encheu os outros de consternação. Eles propuseram termos de paz e ofereceram pagar tributo, mas Inocêncio não queria aceitar nada. Ele reivindicou a posse dos domínios patrimoniais sem reservas,

[3] Milman, vol. 4, p. 19

declarou-se herdeiro da doação da condessa Matilde, e soberano do ducado da Toscana. Mas nenhum evento, vindo em consequência à doença do Imperador, foi mais importante para o papado do que a conduta infiel da imperatriz Constança. Imediatamente após a morte de seu marido, embora tivesse deixado a guarda natural do reino, separou-se da causa germânica e retornou à Sicília com seu filho pequeno Frederico. Ela abraçou os interesses de sua terra natal, lançou-se nos braços da Santa Sé, fez com que seu filho fosse coroado em Palermo, e solicitou a investidura pontifícia do reino para seu filho como um feudo da sé papal. Inocêncio viu sua própria força, sua fraqueza, e fez seus próprios termos. A imperatriz e seu filho foram obrigados a reconhecer a superioridade feudal absoluta do papa sobre todo o reino de Nápoles e Sicília, e que pagassem um alto tributo anual. Os guerreiros germânicos foram obrigados a se retirarem para os castelos no continente, mas apenas para que meditassem em sua presente derrota e futura vingança.

As conquistas de Inocêncio tinham sido rápidas e estavam aparentemente completas. Em menos de um ano após sua ascensão ao trono papal, ele era virtualmente o rei da Sicília, e mestre de seus próprios grandes territórios. Por meio de seus legados, ele fez sua presença ser sentida e forçou obediência em todos os seus recém adquiridos domínios. Mas, como sempre, a besta na qual monta a mulher tornou-se ainda mais obstinada. Os territórios, fortalezas, cidadelas e terras, que tinham sido recuperadas dos germânicos, foram reivindicadas pela sé papal como sendo sua possessão. Mas, como tais exigências fossem tanto injustas quanto ilegais, a resistência da parte dos cidadãos e dos governadores imperiais foi a consequência natural, e por anos a Sicília e suas províncias foram palco de anarquia, violência, derramamento de sangue e incessantes intrigas. E ainda assim, nessa mesma época, Inocêncio lembrou aquelas cidades que se opunham a entregar-lhe o total benefício de sua duramente adquirida libertação, da terrível natureza do poder a que eles ousaram se opôr. A falta de confiança deles para com o papa era considerado um crime contra o próprio Senhor Jesus, cujo sucessor era ele, "alguém em que não havia pecado algum, nem na sua boca se achou engano". Podia a blasfêmia ser mais ousada, ou mais descarada? Poderia haver uma tentativa mais perversa de unir o dragão e o cordeiro?

Inocêncio e o Império

Antes do final do ano agitado em que estivemos viajando, Constança, a princesa siciliana e imperatriz germânica, morreu. Em 27 de novembro de 1198, ela deu seu último suspiro. Alguns supõem que sua morte foi acelerada pela preocupação maternal que ela tinha por seu filho pequeno, Frederico. Ele tinha, então, cerca de quatro anos de idade, tinha sido coroado rei da Sicília, e era herdeiro do império. Em seu testamento ela o legou à tutela do papa como seu suserano, e solicitou que trinta mil peças de ouro fossem pagas anualmente ao papa por sua piedosa proteção ao seu filho, e que todas as suas outras despesas fossem pagas por meio dos impostos arrecadados do país.

Mas a tranquilidade de Roma não estava assegurada por seus grandes sucessos. A guerra civil, com todos os seus horrores, foi renovada. O pontífice não perdeu tempo em dar a conhecer, em mais alta expressão aos nobres da Sicília, sua ascensão ao governo como regente, e encarregou um legado de administrar o juramento de lealdade. Marcovaldo, enquanto isso, ouvindo sobre a morte da imperatriz, apelou para seu título de senescal[4] do Império, e, por meio de um documento que professava ser a vontade do último imperador, reivindicou a regência da Sicília durante a minoridade do jovem rei. Para apoiar essas reivindicações, ele tinha reunido uma grande força de aventureiros, sitiou e obteve posse de uma das cidades papais, Germano, e quase se tornou o mestre do grande mosteiro de Monte Cassino, que foi defendido por oito anos por uma guarnição do papa; mas um novo suprimento de tropas e provisões de Roma fortaleceram a posição dos monges guerreiros, obrigando o grande duque a levantar o cerco. De acordo com as melhores autoridades, Inocêncio então assumiu a mais bélica atitude. Ele emitiu uma proclamação, convocando todo o reino de Nápoles e Sicília à guerra. Ele reuniu tropas da Lombardia, Toscana, Romanha e Campânia, pagando-as do tesouro papal. Marcovaldo e todos os seus cúmplices foram excomungados da forma mais solene todos os domingos, com o apagar de velas[5] e o soar das campainhas. Todo o reino foi devastado pelos exércitos do papa e pelos soldados do império. Mas a morte do chefe dos rebeldes, Marcovaldo, no ano de 1202, aliviou o papa de seu mais poderoso e

[4]N. do T.: Um senescal era um oficial nas casas de nobres importantes durante a Idade Média. No sistema administrativo francês medieval, o senescal era também um oficial real, encarregado da aplicação da justiça e do controle da administração nas províncias do sul, equivalente ao '"bailio" do norte da França. Fonte: Wikipedia – `https://pt.wikipedia.org/wiki/Senescal`

[5]N. do T.: O apagar de velas representava a extinção das vidas representadas com a comunhão da igreja.

bem-sucedido antagonista.

Voltemos agora um pouco para observar o funcionamento dessa mesma mente poderosa nos complicados assuntos do império.

Um imperador infantil, agora um órfão; um trono vago, ferozmente contestado por príncipes rivais; isso tudo abriu um campo ainda mais amplo para **a ambição papal**.

O objetivo imediato da política de Inocêncio era separar o reino da Sicília do império. Enquanto ambos permanecessem debaixo das mesmas mãos, um soberano mais poderoso do que ele próprio poderia ser colocado no trono siciliano. A possibilidade de um vizinho tão poderoso deveria ser removida. A disputa então pela posse da coroa deu-lhe a oportunidade desejada. As tropas, sendo solicitadas em seus respectivos territórios, foram retiradas da Sicília, Apúlia e Cápua. As guarnições sendo assim reduzidas, o domínio germânico foi derrubado, os países separados do império, e a autoridade papal estabelecida pela força.

Imediatamente após a morte de Henrique, seu irmão, Filipe, duque da Suábia, tomou posse dos tesouros imperiais, declarou-se regente do reino e protetor dos interesses de seu jovem sobrinho. E até então ele parecia agir por um motivo correto. Mas um imperador infantil era algo contrário ao costume germânico, e inadequado para aqueles tempos difíceis. Um partido adverso rapidamente se ergueu, e se opôs fortemente à eleição do filho como rei. Os partidários da casa de **Hohenstaufen** pediram a Filipe que se tornasse representante de sua família, em oposição aos outros candidatos à coroa. Ele consentiu, tendo sido escolhido defensor do reino por um grande corpo de príncipes e prelados reunidos em Mulhausen.

O partido que se opunha à família suábia era encabeçada por Adolfo de Altena, arcebispo de Colônia. Essa facção era principalmente composta de grandes clérigos do Reno. Tal era a principal ocupação dos prelados e clérigos naqueles dias. Eles estavam determinados a levantar um antagonista à casa de Hohenstaufen. Após vários príncipes terem recusado tornarem-se candidatos à dignidade imperial, os clérigos voltaram seus pensamentos à casa da **Saxônia**, a irreconciliável adversária da casa da Suábia. A escolha deles caiu sobre Otão IV, o segundo filho de Henrique, o Leão, duque da Saxônia.

Em consequência da família de seu pai ter caído sob o banimento do império, ele foi levado à corte da Inglaterra. Sua mãe Matilda era irmã do rei Ricardo

Coração de Leão. O jovem cavaleiro tinha mostrado sinais de bravura que Ricardo admirava, e criou Otão como o primeiro conde de York e Poitou. Bem guarnecido com ouro inglês e com alguns poucos seguidores, ele partiu, chegou à Colônia, onde foi proclamado imperador do Império Romano-Germânico e defensor da igreja.

Filipe e Otão

Filipe tinha vinte e dois anos de idade, e Otão vinte e três. "No caráter pessoal", dizem os cronistas, "em riqueza, e em número de aderentes, Filipe tinha a vantagem. Ele foi louvado por sua moderação e seu amor pela justiça. Sua mente tinha sido cultivada pela literatura a um grau muito incomum entre príncipes, e seus modos populares contrastavam favoravelmente com o orgulho e aspereza de Otão. Mas Otão era o favorito do grande corpo de clérigos, a quem Filipe era detestável, sendo representante de uma família que era considerada opositora aos interesses da hierarquia clerical."[6]

Mas — pode o leitor perguntar — e quanto ao jovem Frederico, que tinha sido coroado e ungido, e a quem ambos os príncipes e prelados tinham jurado lealdade, e sobre cujos direitos o papa foi generosamente pago para vigiar e cuidar? A única resposta a essa pergunta é encontrada na política secreta, porém pérfida, de Inocêncio. Seu único grande objetivo em permitir, se não em criar, essa grande disputa nacional pela coroa imperial, era a humilhação da arrogante casa da Suábia, de modo que toda consideração dos subordinados deviam ser sacrificados objetivando a limitação desse poder. Mas à consciência elástica do papado nunca faltava um motivo aparentemente piedoso para a perpetração das maiores iniquidades, ou da mais infiel e traiçoeira conduta. Inocêncio não podia negar as reivindicações de Frederico, e portanto faz uma demonstração de alta equidade ao admiti-la. Essa era a voz do dragão. Ele admite a legalidade de sua eleição, e o juramento de lealdade tomado pelos nobres do império. Mas, por outro lado, ele desenterra o fato de que o juramento foi exigido pelo pai antes do filho ter se tornado um cristão pelo batismo. Ele decretou que uma criança de dois anos de idade, não batizado, era uma nulidade: portanto seus juramentos eram nulos e vazios e todas as obrigações para com o jovem herdeiro foram inteiramente deixadas de lado.

Que caráter, podemos exclamar, para a posteridade contemplar! Ele que as-

[6] J.C. Robertson, vol. 3, p. 292.

sumia ser "o representante da justiça eterna e imutável de Deus sobre a terra, absolutamente acima de toda paixão ou interesse", agora absolve todo o eleitorado da Germânia do mais solene juramento de fidelidade ao herdeiro legítimo do reino. Em vez de manter os direitos de sua ala — a quem ele escreveu quando aceitou o cargo de cuidador de Frederico, "que apesar de Deus o ter visitado pela morte de seu pai e mãe, ele tinha lhe dado um pai mais digno — Seu próprio vigário na terra; e uma melhor mãe — a igreja" — repreendendo os partidos rivais e os persuadindo à paz, o vemos fomentando a animosidade de ambos; vemos a justiça, a verdade, a paz, e toda reivindicação de humanidade, sacrificada na esperança do aumento e consolidação do poder papal. O **astuto papa** manteve-se por trás da cena, mas era ele que atiçava e alimentava a chama da contenda, sabendo que ambos os partidos seriam obrigados, pela perda de sangue e tesouros, a colocar a causa aos seus pés, e então ele poderia vir como o soberano diretor dos reis, podendo então ditar seus próprios termos. Essas convicções se confirmaram totalmente pelo seguinte juízo dado pelo historiador e decano Milman: "Dez anos de lutas e guerra civil na Alemanha devem ser traçadas como provenientes da obstinação inflexível do Papa Inocêncio III"[7].

A Guerra Civil na Alemanha

Ricardo, rei da Inglaterra, e **Filipe Augusto (Filipe II)**, rei da França — que abraçou calorosamente a causa de Filipe — não pouparam elogios e confissões para conquistar o papa para o partido de seus respectivos candidatos. Mas ele postergou a decisão de tomar partido, tendo em vista outros objetivos para ser tão direto. Enquanto isso, a guerra estourava ao longo do rio Reno. Filipe, no início, ganhou grandes vantagens, avançando quase até os portões de Colônia, mas um poderoso exército dos prelados do Reno e de nobres de Flandres obrigou Filipe a se retirar. A maior e mais poderosa parte do império reconhecia e apoiava a causa de Filipe; o clero e o Conde de Flandres estavam quase sozinhos ao lado de Otão.

Foi uma guerra civil feroz e bárbara. Ao final do primeiro ano, a sorte favoreceu a causa de Filipe. A morte de Ricardo, em 1199, tinha privado Otão de seu mais poderoso aliado. João, que o sucedeu, não estava disposto a investir parte de seu dinheiro em um jogo tão distante e incerto. A guerra podia então ter terminado com uma boa demonstração de honra, até mesmo para Otão; mas

[7] *Latin Christianity*, vol. 4, p. 33.

a vingança papal contra a odiada casa de Hohenstaufen ainda não estava completa. O papa apoiou abertamente a causa do usurpador, Otão; e por nove anos longos e sombrios, com curtos intervalos de trégua, a Alemanha foi lançada, pelo "tenro pastor" do rio Tibre, a todos os horrores de uma guerra civil. Mas a política fraudulenta de Inocêncio logo tornou-se visível a todos. Seu rebanho sofredor acusou-o e reprovou-o como o culpado por todas as suas misérias, por ter provocado, inflamado e atiçado o desastroso conflito, apenas pela gratificação de seu próprio propósito maligno de arruinar a casa real de Henrique, o Severo. Era necessária toda a sua inteligência, com a ajuda de Satanás, para que pudesse ser absolvido da acusação.

Mas a guerra tinha feito seu trabalho — seu trabalho de dragão. "Foi uma guerra, não de batalhas decisivas, mas de saqueadores, desolação, devastação de colheitas, pilhagem, destruição de países abertos e sem defesa — uma guerra, travada por clérigos contra clérigos, por príncipe contra príncipe; boêmios selvagens e soldados bandidos de todas as raças percorriam cada província. Por toda a terra não havia lei; as estradas eram intransitáveis por causa dos salteadores; nada era poupado, nada era tido como sagrado, nem igreja nem claustro". Tal, e daí para pior, foi a guerra civil na Alemanha. No entanto, a mente implacável daquele homem desgraçado continuava a trovejar suas anátemas contra Filipe; declarou todos os juramentos que tinham sido feitos a ele nulos e vazios, e regalou de privilégios e imunidades de todos os tipos aos bispos e sociedades monásticas que abraçavam o partido de Otão. Mas os trovões do Vaticano tornaram-se inúteis, e a força de Filipe aumentava ano após ano.[8]

Nem mesmo a mente inflexível de Inocêncio podia escapar do poder dos acontecimentos. Ele se sentia ameaçado com a humilhação de uma derrota total. Ao final de dez anos, não havia mais esperança para a causa de Otão. Mas como pode o papa esquecer seus votos de implacável inimizade contra a casa da Suábia, ou lutar por seus votos de aliança perpétua com a casa da Saxônia? Ele tinha que encontrar algum motivo santo e piedoso para abandonar a causa de Otão, e abraçar a causa de Filipe. Seu orgulho encontrou grande dificuldade em cobrir a vergonha de sua depreciada posição, mas Filipe fez tantas declarações e promessas ao papa, por meio seus embaixadores, que ele viu como dever receber de volta seu filho penitente, e absolvê-lo das censuras da igreja. O legado papal foi até Metz, e ali o proclamou como imperador vitorioso.

[8] J.C. Robertson, vol. 3, p. 297. Milman, vol. 4, p. 51. Neander, vol. 7, p. 236.

A Morte de Filipe

A paz então parecia ter sido assegurada de ambos os lados. Filipe tinha alcançado seu maior objetivo. Uma proposta de casamento entre Otão e Beatriz, a filha de Filipe, tinha sido sancionada pelo papa, sob a pretensão de curar a longa disputa entre as casas da Suábia e da Saxônia. Mas incerto é o mandato de toda a grandeza e glória humana. Em 21 de junho de 1208, o imperador Filipe, um dos mais hábeis e gentis de sua raça, foi assassinado pelo conde palatino de Baviera por alguma ofensa particular. O país ficou paralisado pelas notícias sobre o terrível crime. A execração da humanidade perseguiu o assassino; seu castelo foi derrubado até o chão e o assassino foi morto com muitas feridas.

Inocêncio então retraçou seus passos. O crime do bávaro o aliviou da humilhação de sua apostasia. Ele apressou-se a escrever aos príncipes germânicos, os exortando a estarem de acordo com a manifesta declaração de divina providência em favor de Otão. Ele usou todos os meios em seu poder para prevenir uma nova eleição, e para unir todos os partidos em seu apoio, e calorosamente exortou Otão à moderação e conciliação. Em ambos os lados havia um ardente desejo por paz, e Otão foi então eleito o indiscutível imperador.

No ano seguinte, 1209, ele foi para a Itália para receber a coroa imperial. Ele foi recebido por príncipes, prelados e nobres do império, com um numeroso exército de dependentes militares. A marcha deles foi uma sucessão de recepções festivas. As cidades abriram seus portões para dar as boas vindas ao defensor da igreja e imperador escolhido pelo papa. **Inocêncio e Otão** se encontraram em Viterbo. "Eles se abraçaram, enxugaram lágrimas de alegria, em lembrança de suas provações em comum, enquanto eram transportados ao seu triunfo em comum". Mas o papa não esqueceu a prerrogativa de seu trono pontifício. Ele exigiu, por segurança, que Otão entregasse, imediatamente após sua coroação, as terras da igreja, e entregasse toda pretensão à herança longamente disputada da condessa Matilde. Mas tão bom, tão humilde e tão submisso foi Otão, enquanto se ajoelhava para receber o diadema, que seu coração se entristeceu ante a aparente suspeita de sua lealdade por seu santo padre. "Tudo o que eu fui", exclamou ele, "tudo o que sou, tudo o que eu serei, depois de Deus, eu devo a ti e à igreja."

A Apostasia de Otão

A coroa imperial estava agora na cabeça de Otão. Não apenas ele foi coroado pelas mãos de Inocêncio na cadeira de São Pedro, em Roma, como também foi elevado a tal dignidade pela política astuta e cruel da Sé apostólica. Mas o enganador foi enganado; o traidor foi traído. Mal tinha acabado a cerimônia de coroação e a máscara de obediência sob a qual Otão tinha velado suas verdadeiras intenções foi jogada fora. O efeito da **coroa de ferro** foi irresistível. Ele sentiu-se um novo homem, em uma nova posição, e obrigado a manter as prerrogativas de sua coroa contra as usurpações do poder espiritual. A partir daquele momento, o imperador e o papa tornaram-se inimigos implacáveis. Tal foi o desapontamento, tendo sido subjugado pelo justo governo de Deus, do inescrupuloso pontífice. Satanás pode governar, mas um Deus todo-sábio tudo anula. **"Não erreis"**, disse o apóstolo, **"Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará"** (Gálatas 6:7). Inocêncio tinha ensinado seu candidato a enganar, e agora ele come o amargo fruto de seu próprio ensino.

A força e os números incomuns do exército de Otão, que o acompanhava, e que então se acampavam sob as muralhas de Roma, eram vistos com grande inveja pelos habitantes. As brigas, que se tornaram costumeiras em tais ocasiões, foram renovadas com grande ferocidade. Muitos dos germânicos foram mortos, assim como muitos de seus cavalos — assim disseram eles, pelo menos. Mas foi o suficiente. A ambição antes sufocada de Otão estava agora inflamada em uma chama de indignação. Ele retirou-se irado da cidade, exigindo compensação. Inocêncio recusou. As tropas foram distribuídas através do patrimônio de São Pedro, para grande dano ao povo e para aumentado alarme por parte do papa. Foi pedido ao imperador que retirasse seus soldados da vizinhança de Roma, mas ele declarou que eles continuariam até que as provisões do país se exaurissem. Ele se enriqueceu com a pilhagem dos peregrinos, a quem seus soldados interceptavam em seu caminho a Roma. Ele marchou até a Toscana, tomou posse de cidades na fronteira do território da condessa Matilde, sitiou cidades e fortalezas que o papa tinha antes ocupado; propriedades e dignidades reivindicadas pelo papa ele entregou ao mais formidável adversário do papa, o conde Diephold, a quem o imperador entregou o ducado de Espoleto. O sucesso infamou sua ambição, e assim ele contemplou a invasão da Sicília, prendendo o jovem Frederico, o último da casa de Hohenstaufen.

Aquele que tinha se proclamado infalível estava desesperado. Após todos

os seus trabalhos, todos os seus sacrifícios, todas as suas traições, ele tinha levantado para si um antagonista mais formidável, um inimigo mais amargo do que qualquer um dos da família suábia tinham sido. Os mais fervorosos apelos à sua gratidão, as mais solenes admoestações, os mais altos trovões de excomunhão, foram igualmente desconsiderados pelo pupilo obstinado de Ricardo Coração de Leão.

A Queda de Otão

Otão tinha ficado três anos fora da Alemanha, três anos de inesperada paz naquele país — e assim suas mãos se tornaram fortes. Os parentes do jovem Frederico ficaram preocupados por sua segurança. Ele tinha agora dezoito anos de idade. O papa foi consultado em segredo. Ele voltou-se e viu boas razões para tomar medidas ativas contra Otão, e para assumir a mais amigável disposição para com Frederico. Havia muitas dificuldades no caminho, por causa da ocupação de Otão; mas dois bravos e leais cavaleiros suábios realizaram a perigosa expedição, conduzindo Frederico com segurança de sua ensolarada cidade de Palermo até as regiões mais frias da Alemanha, onde ele foi recebido de braços abertos para retomar o trono de seus ancestrais. Mas a causa de Frederico contra Otão foi, na verdade, vencida por Filipe Augusto (Filipe II) da França.

Entre os dois rivais pelo império não houve grandes batalhas. A França por muito tempo tinha sido uma amiga constante dos suábios, assim como a Inglaterra o tinha sido dos saxões. Filipe entrou em uma estreita aliança com Frederico. O conde de Flandres, os príncipes do baixo Reno, e o rei da Inglaterra, se associaram a Otão. À frente de um grande exército ele avançou, com o impulso de uma paixão vingativa, em direção às fronteiras da França. Ele considerava Filipe o verdadeiro autor de todos os seus infortúnios. Mas seu vigilante adversário estava pronto para recebê-lo. No dia de 27 de julho de 1214, uma grande batalha foi lutada no vilarejo de **Bouvines**, não longe de Lila. Filipe Augusto foi vitorioso sobre o último dos de Otão e de seus aliados. Ele sobreviveu à sua queda cerca de cinco anos, os quais lhe foi permitido passar em penitência monástica sem ter sido formalmente deposto.

No ano seguinte, **Frederico II** foi coroado em Aix-la-Chappele, e no entusiasmo do momento, ele, com muitos outros, fez um voto de ir pessoalmente em uma cruzada à Terra Santa. Essa promessa precipitada foi a ocasião de problemas que ele mal esperava, e que se estenderam por todo o seu longo reinado de

trinta e cinco anos.

Inocêncio e Filipe Augusto

Vimos a interferência de Inocêncio na elevação de três imperadores ao trono do Império Romano-Germânico, e a política que ele perseguiu de modo a obter um maior poder secular para a Sé romana, e um domínio extensivo sobre as mentes e o modo de vida de toda a humanidade. Agora o seguimos ao reino da França, para ali testemunhar uma expressão do mesmo poder pontifício, mas sobre outras bases, e por outros objetivos. Agora ele aparece como o protetor da inocência contra o erro, o pregador da moral cristã, e o mantenedor da santidade do vínculo matrimonial. Poderíamos estar dispostos a supôr que, em sua disputa com Filipe II da França, ele possa ter atuado por um motivo correto; mas sua conduta exterior é marcada pelo mesmo espírito ditatorial que até então caracterizava seu reinado. Ele assume para si a alta função da suprema direção de todos os assuntos humanos; como árbitro em última instância, seja o assunto um trono contestado ou o santo sacramento do matrimônio. Mas nosso principal objetivo, sob esse título, é dar ao leitor um exemplo de como um reino inteiro foi colocado sob o banimento papal. É difícil, em nossos dias, acreditar nas terríveis consequências disso.

Uma circunstância notável, relacionado ao **segundo casamento** de Filipe, forneceu a Inocêncio a oportunidade desejada de castigar e humilhar o aliado e apoiador da casa da Suábia. Em seu retorno da cruzada em 1193, ele foi atraído pela fama da beleza e virtudes de Ingeborg, ou Isemburge, irmã do rei da Dinamarca. A mão do rei da França foi prontamente aceita, e o dote fixado. Ela chegou à França sob o comando de uma nobreza dinamarquesa, e o rei apressou-se a encontrá-la em Amiens. No dia seguinte ao casamento deles, o casal real foi coroado; mas, durante a cerimônia de coroação, percebia-se que Filipe estremecia e estava pálido. Logo descobriu-se que ele tinha concebido uma inconquistável aversão por sua nova rainha. Como não se podia achar uma causa verdadeira para tal mudança no rei, o fato foi popularmente atribuído à feitiçaria, ou alguma influência diabólica. Ela é descrita como tendo modos gentis, muito bonita, e uma cristã sincera. Filipe propôs enviá-la de volta para a Dinamarca, mas seus súditos recusaram realizar tal vergonhoso ofício; e ela própria tinha se determinado a permanecer na França.

O rei se encontrava então em grande dificuldade. Ele pediu o divórcio, mas

sabia que, a menos que uma dissolução do casamento pudesse ser obtida da forma devida, ele não teria paz. As genealogias das casas reais foram traçadas, e, tendo os bispos devotos ao rei descoberto que o casal real se encontrava dentro dos degraus de parentesco que impossibilitavam o casamento, o clero da França, encabeçado pelo arcebispo de Reims, pronunciou o casamento como nulo e vazio. Quando a sentença foi explicada a Ingeborg, que mal conseguia falar uma palavra sequer em Francês, seus sentimentos de indignação foram expressos ao exclamar: "Maldita França! Roma! Roma!" Seu irmão assumiu sua causa e apelou ao velho papa da época, Celestino; mas este se sentia muito fraco para disputar com o poderoso rei da França, e nenhum passo decidido foi tomado durante o restante de seu pontificado. Enquanto isso, Ingeborg foi encerrada em um convento, e Filipe casou-se com Inês, a bela filha do duque de Merânia. Sua afeição por Inês era tão intensa quanto seu ódio por Ingeborg. A primeira foi introduzida, em todas as ocasiões, para agraciar o círculo real; a último foi arrastada de convento em convento, ou melhor, de prisão em prisão.

Tal era o estado das coisas na França quando Inocêncio defendeu a causa da repudiada princesa da Dinamarca. Ele primeiramente escreveu ao bispo de Paris, e depois ao próprio rei. Depois de defender a santidade do casamento, ele advertiu o rei para que deixasse Inês e restaurasse Ingeborg. O rei orgulhosamente declarou que os assuntos de seu casamento não eram da conta do papa. Mas Filipe logo sentiria o poder e o terror dos trovões papais, e como nunca antes tinham sido sentidos na França.

O Legado Papal na França

Pedro, cardeal de Santa Maria na Via Lata, foi enviado à França como legado, com autoridade, no caso da obstinação do rei, para estabelecer seus domínios sob o banimento papal. Mas o rei tratou com desprezo e desafio a ordem de afastar sua amada Inês, e receber novamente a odiada Ingeborg. O papa foi inflexível. "Se, dentro de um mês", escreveu ele ao legado, "após sua comunicação, o rei da França não receber sua rainha com afeição conjugal, todo o seu reino deve ser interditado — um interdito com todas as suas terríveis consequências". Um concílio ocorreu em **Dijon**, mensageiros do rei apareceram, protestando em seu nome contra todos os outros procedimentos, e apelando a Roma. Mas as ordens ao legado eram peremptórias. O interdito foi proclamado com todo as suas terríveis circunstâncias, sendo assim descrito: — "À

meia-noite, cada padre, levando uma tocha, cantou um salmo para o miserável, e orações para os mortos, as últimas orações que deveriam ser proferidas pelo clero da França durante o interdito. Os crucifixos foram cobertos com um tecido preto; as relíquias escondidas dentro das tumbas; a hóstia foi toda consumida. O cardeal, vestindo sua estola violeta, pronunciou os territórios do rei da França como estando sob o banimento. Todos os serviços religiosos daquela época cessaram; não havia mais acesso ao céu pela oração ou oferta. Apenas os soluços das mulheres mais velhas e crianças quebravam o silêncio. O interdito foi pronunciado em Dijon. Apenas o batismo das crianças e a extrema unção dos moribundos foram permitidos pela igreja durante o período em que o reino esteve sob a maldição do banimento papal".

Pela **culpa do soberano** a nação inteira deve sofrer — assim deve ter pensado o papa — para que seu coração possa ser amolecido, seja por piedade pela miséria de seu povo ou pelo medo de seu descontentamento; pois a morte nessa época era tida como a perdição eterna. "Ó, quão terrível", exclamou uma testemunha ocular, "quão lamentável espetáculo aquilo foi em todas as nossas cidades! Ver as portas das igrejas vigiadas, e cristãos tirados delas como cães; todos os ofícios divinos cessaram; o sacramento do corpo e do sangue para a alma não mais se oferecia; o povo não se reunia mais como de costume nos festejos aos santos; os corpos dos mortos não eram admitidos ao enterro cristão, e o fedor deles infectava o ar, e a visão repugnante deles chocava os vivos: apenas a extrema unção e o batismo eram permitidas. Houve um profundo silêncio por todo o reino, enquanto os órgãos e as vozes daqueles que cantavam os louvores de Deus foram silenciadas em todos os lugares"[9].

A Ira do Rei

Filipe Augusto (Filipe II) foi um príncipe orgulhoso, arrogante e cheio de si, não acostumado a suportar silenciosamente uma tão grande interferência. Ele irrompeu em ataques de fúria, e jurou pela espada de Carlos Magno que preferia perder metade de seus domínios do que se separar de Inês de Merânia. Ele ameaçou o clero com medidas extremas se eles ousassem obedecer o papa. Ingeborg foi capturada, arrastada de seu claustro e aprisionada no reforçado castelo de Etampes. Mas a ira do rei não prevaleceria sobre o severo decreto do papa. Os barões, cujo poder ele tinha reduzido, não se preocuparam em apoiá-

[9]Ver Latin Christianity, vol. 4, p. 67.

lo; o povo estava em um estado de piedosa revolta. Eles tinham se reunido ao redor das igrejas, forçavam as portas; eles estavam determinados a não ficarem privados de seus serviços religiosos. O rei ficou alarmado com os motins entre o povo, e prometeu obedecer o papa.

Uma delegação foi enviada a Roma. O rei reclamou dos duros procedimentos do legado, mas declarou-se pronto a cumprir a sentença do papa. "Que sentença?", exclamou severamente sua santidade; "ele conhece nosso decreto; faça-o repudiar sua concubina, receber sua esposa de direito, reinstaurar os bispos a quem expeliu, e que dê-lhes satisfação por suas perdas. Então retiraremos o interdito, receberemos suas garantias, examinaremos o alegado relacionamento, e pronunciaremos nosso decreto". A resposta veio ao coração de Inês, e levou o rei à loucura. "Vou me tornar muçulmano", exclamou ele. "Feliz é Saladino, que não tem um papa sobre ele". Mas o arrogante Filipe tinha que se curvar. As afeições e os sentimentos religiosos de todas as classes estavam do lado do clero. Ele convocou um parlamento em Paris, que foi assistido por todos os grandes vassalos da coroa. "O que faremos?", exigiu o rei, com sua bela Inês ao seu lado. "Obedeça o papa, dispense Inês, e receba de volta a Ingeborg", foi a esmagadora resposta. Assim, aquele que tinha dobrado a França em extensão pelo gume afiado de sua espada e pela prudência de sua política; aquele que tinha erguido a coroa a uma certa independência acima dos grandes senhores feudais; agora esse mesmo tinha que beber o chorume da humilhação na presença dos nobres da França **a pedido do papa**.

A cena era esmagadora. Inês declarara que nada lhe importava a coroa, que era seu marido que ela amava; uma estranha, filha de um príncipe cristão, jovem e ignorante do mundo, tinha se casado com o rei, e com ele tivera dois filhos. "Não me separem do meu marido", era seu tocante apelo. Mas o inexorável decreto foi emitido: "Obedeça o papa, dispense Inês, receba de volta a Ingeborg". O rei por fim concordou com uma reconciliação com Ingeborg. Ela foi trazida diante dele, mas a vista dela despertou tanto a aversão do rei que as negociações foram quase quebradas. Enfim, ele dominou seus instintos pelo momento e curvou-se à sentença papal. Ele jurou recebê-la e honrá-la como rainha da França. Naqueles momento, o soar dos sinos proclamaram que o interdito que pesava tanto sobre o povo por mais de sete meses tinha sido retirado. "As cortinas foram retiradas de sobre as imagens e crucifixos, as portas das igrejas se abriram, e as multidões se aglomeravam para saciar seus desejos piedosos que haviam sido suprimidos durante o período do interdito".

Roma alcançou seu objetivo; ela triunfou sobre o maior rei da cristandade, e assim cumpria-se a Palavra de Deus: **"A mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra"** (Ap 17:18)[10]. O domínio universal sobre os corpos, almas e assuntos dos homens era seu desejo insaciável, seu incessante objetivo. E além dessa demonstração de poder, não podemos supôr que Roma tivesse qualquer outro maior objetivo em vista, pois tinha sancionado, no grande predecessor de Filipe (Luís VII), uma conduta muito mais ultrajante.

O aflito rei então se separou de sua Inês, ambos com o coração partido. Pouco tempo depois ela morreu de dor, tendo dado à luz um filho, a quem ela deu o significativo nome de João-Tristão — o filho de minha tristeza. Ingeborg foi recebida com honra exterior, mas viveu na realidade como uma prisioneira do Estado; nada podia jamais induzir Filipe a viver com ela como sua esposa, embora tenha consentido que vivesse no palácio. Novas disputas entre a França e Inglaterra desviaram a mente de Inocêncio da rainha negligenciada e abriram um campo mais convidativo para sua mente ativa e ambiciosa.

Inocêncio e a Inglaterra

Ricardo Coração de Leão foi o grande apoiador de Otão, o candidato papal do império. A Inglaterra, naquele tempo, estava em íntima aliança com a Sé de Roma. Após a morte de Ricardo, seu irmão João, o filho mais novo de Henrique II, foi elevado ao trono. De acordo com as leis atuais de sucessão da Inglaterra, Artur, duque da Bretanha, o filho único e herdeiro de seu irmão mais velho, Godofredo Plantageneta, teria direito ao trono. Mas as coroas naquela época eram tão eletivas quanto hereditárias.

Todo o reinado de João — 1199–1216 — é uma história de fraqueza e violência, de impiedade e degradação, de um dos monarcas mais cruéis, sensuais e infiéis que já existiu. Mas a mão do Senhor é muito evidente nos assuntos da Inglaterra naquela época. Nunca um príncipe tão vil usou uma coroa; mesmo assim, Deus, em Sua misericórdia, e em Seu cuidado pela Inglaterra, sobrepujou suas muitas faltas para o benefício da igreja e do povo da Inglaterra. Falamos, é claro, em termos gerais. Mas desde esse reinado pode ser datado o pavor do papado em relação à Inglaterra, e o entusiasmo desse país pela liberdade

[10]N. do T.: Isso não significa que isso já foi cumprido e que não se cumprirá mais no futuro. Aqui temos apenas uma demonstração do espírito da Babilônia, que será levada a ainda maiores extremos no período da grande tribulação, do qual narra essa passagem de Apocalipse.

civil e religiosa. Desastroso até o último grau como foi o reinado de João; humilhante para o rei; ainda assim a voz unida da história afirma que foi então que os fundamentos foram postos do "caráter inglês, das liberdades inglesas, e da grandeza inglesa; e a partir desse reinado, da tentativa de degradar o reino ao nível de um feudo da Sé Romana, podem ser traçados os primeiros sinais dessa independência, dessa aversão às usurpações papais, que levaram eventualmente à Reforma". A mão dominadora de Deus, em Seu cuidado especial pela Inglaterra, foi manifesta em todas as suas revoluções desde então. Mal houve qualquer benefício, nem para a igreja, nem para o Estado da França, da interferência do papa no caso de Filipe, exceto pelo fato de que eles puderam sentir o horror do poder papal. Mas, ali, nenhuma Carta Magna foi assinada, e nenhuma Câmara dos Comuns foi erigida, diferentemente do que ocorreu mais tarde na Inglaterra.

Um dos primeiros e grandes escândalos de João revelam, à mais clara luz, o caráter sem princípios da política de Inocêncio. João tinha sido casado por doze anos com uma das filhas do conde de Gloucester antes de subir ao trono. Depois disso, aspirando uma conexão com a realeza, ele buscou uma dissolução, e assim o obsequioso arcebispo de Bordeaux dissolveu o vínculo matrimonial. De repente, ele ficou encantado com uma senhora que era a noiva prometida do conde de Mark, levou-a e casou-se com ela, enquanto sua própria esposa ainda era viva. Mas o que iria dizer agora o papa sobre o santo sacramento do matrimônio — ele, cujo horror a tais conexões tinha tão inexoravelmente demonstrado no caso de Filipe e Inês? Poderíamos esperar que rápidos e carregados seus trovões voariam até o rei adúltero; mas não! Nenhuma censura foi pronunciada de Roma, nem contra o rei, nem contra o arcebispo. Ele confirma a dissolução do casamento perante a face de Deus, da igreja, e do mundo. Tal era a flagrante iniquidade da "sua santidade, sua infalibilidade". Mas por que essa demonstração de tal parcialidade para com João? Porque ele foi o apoiador de Otão, e o inimigo da casa da Suábia.

Mas enquanto o papa permanecia quieto, o mundo estava escandalizado. Tal ultraje de um grande vassalo era uma violação da primeira lei do feudalismo. Os barões de Anjou, Touraine, Poitou e Maine estavam ansiosos para vingar a indignidade oferecida a Hugo de la Mark, e desde aquele dia eles se consideraram absolvidos de sua fidelidade a João. Eles apelaram a Filipe, rei da França, por uma reparação. Filipe Augusto sentiu sua força, e convocou o rei inglês para responder, em suas cortes de Paris, pelos erros cometidos contra o conde de Mark. João não apareceu; isso levou a uma guerra ruinosa, e

à perda de imensos territórios na França e na Inglaterra. Em poucos meses, Filipe arrancou de João a grande herança de Rollo — o grande ducado anglo-normando, que nos dias de seu pai Henrique II, equivalia em extensão dos seus territórios, receitas, forças e riquezas a todos os territórios sob os quais o rei da França dominava.[11]

João e o Papado

Deixemos agora a história civil, e voltemo-nos mais diretamente à **história eclesiástica** dos assuntos na Inglaterra nesse interessante momento.

Vimos o papa ignorando as graves imoralidades de João, por conta, supomos, dele ter sido um partidário de Otão e o aliado da Santa Sé, mas João era agora culpado de crimes que sua Santidade não podia ignorar. Suas irregularidades matrimoniais, ainda que criminosas, poderiam ser permitidos passar sem censura; mas a deposição de sés (arcebispos), a imposição de impostos sobre os mosteiros e a interferência na nomeação de um primaz o levaram a uma colisão direta com o papado, e o envolveram numa contenda feroz com seu até então aliado, o papa Inocêncio.

Imediatamente após a morte de Hubert Walter, arcebispo de Cantuária, os monges mais jovens apressadamente elegeram seu vice-prior, Reginaldo, à cadeira vazia. Mas logo percebendo que tinham agido imprudentemente, pediram ao rei para que pudessem realizar uma nova eleição. A escolha de um bispo estava realmente nas mãos do soberano, embora nominalmente estivesse nas mãos do clero. Tal era o sistema anglo-normando. O rei recomendou um de seus principais conselheiros, João de Grey, bispo de Norwich, que foi escolhido, investido com as temporalidades da Sé, e enviado a Roma para confirmação. O papa agora via sua oportunidade, e ansioso por ampliar seu poder na Inglaterra, anulou ambas as eleições, tanto de Reginaldo quanto de **João de Grey**, e ordenou a eleição de Stephen Langton, um inglês de nascimento, homem erudito e prudente, e de excelente caráter. Não havia pessoa mais adequada que o papa pudesse nomear; mas sua ação desafiava o privilégio reivindicado pelos monges, o direito de sufrágio dos bispos, e o próprio rei. Em vão os representantes de Cantuária e os comissários do rei insistiram na necessidade do consentimento do rei. Inocêncio decidiu em contrário. Ele os constituiu para

[11] Para detalhes, veja as histórias civis e gerais da igreja, as quais frequentemente citamos no decorrer do texto.

uma comissão baseada na “autoridade de Deus e da Sé Apostólica”. Os monges se encontravam então entre dois tiranos — o espiritual e o temporal. Doze deles estavam sob juramento ao rei para não elegerem qualquer outro além do bispo de Norwich, mas o papa ordenou que eles elegessem Langton, sob pena de excomunhão e anátema. Intimidados por essa terrível ameaça, a comissão finalmente cedeu ao tirano espiritual e prosseguiu à eleição de Stephen, e em 17 de junho de 1207, o papa o consagrou Arcebispo de Cantuária.

Tal interferência com os direitos da igreja estabelecida e com a prerrogativa da coroa era algo totalmente novo na Inglaterra. Se João tivesse sido um príncipe popular cercado pela força e pela aprovação de seu povo insultado, ele poderia ter rido de desprezo da ousada presunção e ameaças de um padre estrangeiro, mas a insensatez e falta de popularidade do rei deu ao papa a oportunidade que ele desejava. **Os monges de Cantuária**, em seu retorno de Roma, foram acusados de alta traição, e foram consequentemente expulsos de suas residências, e suas propriedades foram confiscadas. Mas a fúria do rei não conhecia limites; ele despachou uma tropa de cavalos para expulsar os monges para fora do país e, em caso de resistência, matá-los. As ordens foram executadas da forma como foram dadas. Os soldados invadiram o mosteiro com espadas desembainhadas; o prior e os monges foram ordenados a deixar o reino, e ameaçados, se resistissem ou se demorassem, a ver seu mosteiro em chamas, e eles próprios lançados nessas chamas. Muitos deles fugiram e encontraram asilo em Flandres. O rei também se entregou à mais insultante e pungente linguagem para com o pontífice, protestando que nunca aceitaria Stephen Langton como primaz, que ele manteria o direito do bispo de Norwich, e, em caso de recusa do papa, que cortaria todas as comunicações entre seus domínios e Roma. Mas o papa prosseguiu com não menos energia que João, mas com uma dignidade mais calma.

No curso de mais algumas trocas de cartas, o papa discorreu mais ainda sobre a erudição e piedade de Langton, e exortou o rei a se abster de tomar armas contra Deus e Sua igreja; mas, como João não fez nenhuma concessão, Inocêncio ordenou que os bispos de Londres, Worcester e Eli colocassem todo o reino sob um interdito. Quando os bispos entregaram a mensagem, a ira do rei irrompeu em juramentos e blasfêmias selvagens. Ele jurou que, se o papa ou o clero colocassem o reino sob um interdito, ele expulsaria os bispos e os prelados do reino “sem olhos, orelhas ou narizes, para serem os espantalhos de todas as nações”. Os prelados se retiraram, e, quando estavam a uma distância conveniente de João, publicaram o interdito.

A Inglaterra sob o Banimento Papal

Em um momento, todos os ofícios divinos por todo o reino cessaram, exceto o rito do batismo e a extrema unção. "Desde Berwick até o Canal Britânico", diz um relato sobre essa terrível maldição, "desde Land's End até Dover, as igrejas foram fechadas, os sinos silenciados; os único clérigos que se viam por aí, silenciosamente, eram aqueles que deviam batizar recém-nascidos, ou que ouviam a confissão dos moribundos. Os mortos eram lançados fora das cidades, enterrados como cães em qualquer lugar não consagrado, sem orações, sem o tocar dos sinos, sem o rito funeral. Apenas podem julgar o efeito do interdito papal aqueles que consideram quão completamente toda a vida de todas as classes de pessoas era afetada pelos rituais e ordenanças diárias da igreja. Cada ato importante era feito sob o conselho dos padres e monges. Os festivais da igreja eram os únicos feriados, as procissões da igreja os únicos espetáculos, as cerimônias da igreja o único entretenimento. Não ouvir qualquer oração ou canto, supôr que o mundo estava rendido ao poder irrestrito do diabo e de seus espíritos malignos, sem santo algum para interceder, sem nenhum sacrifício para aplacar a ira de Deus; quando nenhuma imagem sequer era exposta à vista, nenhuma cruz havia que não estivesse velada: a relação entre o homem e Deus totalmente quebrada; almas deixadas a perecer, ou no máximo relutantemente permitidas à absolvição no momento da morte." E, de outras partes, aprendemos que, de modo a inspirar a mais profunda melancolia e fanatismo, não se permitia que se cortassem os cabelos ou as barbas; o consumo da carne era proibido, e até mesmo a saudação comum era proibida.

Tal foi o estado da Inglaterra por pelo menos quatro anos. A miséria pública foi grande e universal; mas nem a miséria dos indivíduos nem as privações religiosas dos cristãos moveram o coração obturado do rei nem do pontífice. O triunfo do pastor de Roma sobre um grande reino era muito mais desejado do que o bem-estar do rebanho. Os clérigos que publicaram o edito, juntamente com outros bispos ricos, fugiram do reino. "Lá viviam eles", diz o historiador, "em abundância e luxúria, em vez de permanecerem em defesa pela casa do Senhor, abandonando seus rebanhos para o lobo voraz". O tirano vingativo João parecia desafiar e tratar com insolente desdém os terríveis efeitos do edito sobre os seus sofredores súditos. Ele se regozijava em sua vingança contra os bispos e padres que obedeciam ao papa. Ele confiscou a propriedade do clero superior e dos monastérios por toda a Inglaterra e obrigou os judeus a cederem suas riquezas por meio de prisão e tortura. Esse estado de coisas durou quase

dois anos quando uma nova bula pontifícia[12] foi emitida.

O astuto papa tinha assistido de perto o efeito do primeiro edito e, vendo que João estava perdendo seus amigos e se tornando mais impopular, publicou a sentença de excomunhão contra o nome e a pessoa do soberano. Ainda assim, os hábitos desprezíveis de João eram tais que, embora desafiasse o papa e a hierarquia, ao mesmo tempo alienava as afeições de todas as classes de pessoas no país. Mais uma vez, o papa viu sua oportunidade, emitindo outra bula ainda mais assustadora. Os súditos de João foram absolvidos de sua lealdade ao rei e ordenou-se que evitassem sua presença. Mas, com aquela indiferença estoica para com o sofrimento humano que ele uniformemente manifestava, determinou que tanto ele próprio quanto a nação deveriam enfrentar completamente a vingança de Roma. Os trovões papais pareciam não causar qualquer efeito sobre o rei insensível e irreligioso, e tivesse ele tratado mais sabiamente seus nobres e seu povo, nem o maior dos papas nem os seus ataques mais pesados surtiriam qualquer efeito sobre o povo da Inglaterra. Mas agressiva avidez, as barbaridades e a conduta ultrajante do rei afastaram de si todas as classes de pessoas. O desafeto para com ele crescia de murmurações a quase revoltas. Inocêncio, observando esse fermento de descontentamento trabalhando tão eficazmente na Inglaterra, preparou-se para lançar sua última e mais perigosa rajada contra o contumaz soberano. "O interdito tinha ferido a terra, a excomunhão tinha profanado a pessoa do rei, restando apenas o ato de deposição do trono de seus pais, que foi então pronunciada: 'Que João, rei da Inglaterra, seja deposto da coroa e dignidade real; que seus súditos sejam absolvidos de seu juramento de lealdade, e estejam livres para transferi-lo a uma pessoa mais digna de preencher o trono vago.'"[13]

O **trono da Inglaterra** estava então pública e solenemente declarado vago pelo decreto do papa, e os domínios do rei eram os despojos, por direito, de qualquer que pudesse arrancá-los de suas mãos imorais. Tal era o poder dos papas naqueles dias, e tal o terror de seus trovões. Ele golpeava grandes nações com seus anátemas, e elas caíam diante dele mirradas e feridas; ele arrancava grandes reis de seus tronos, e os obrigava a se curvarem diante da tempestade

[12] A bula pontifícia é um alvará passado pelo Papa ou Pontífice católico, com força de lei eclesiástica, pelo qual se concedem graças e indulgências aos que praticam algum acto meritório. O termo bula refere-se não ao conteúdo e à solenidade de um documento pontifício, como tal, mas à apresentação, à forma externa do documento, a saber, lacrado com pequena bola (em latim, "bulla") de cera ou metal, em geral, chumbo (sub plumbo). Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bula_pontif%C3%ADcia

[13] *Cathedra Petri*, de Greenwood, livro 13, p. 582; *Latin Christianity*, de Milman, vol. 4, p. 90; *History of the Church*, de Waddington, vol. 2, p. 167.

de sua ira e a obedecerem humildemente ao mandato de sua vontade. Todos, sem exceção, na Igreja e no Estado, deviam aceitar seus próprios termos de reconciliação, ou morreriam sem salvação e seriam atormentados nas chamas do inferno para sempre. O altivo e esperto Filipe Augusto da França foi domado em poucos meses, enquanto o fraco e desprezível João desconsiderou suas fulminações por anos, apenas para receber, no final, um golpe ainda mais pesado, e acabasse se submetendo a uma profunda humilhação. Veremos agora como isso foi cumprido; e, na trama, o leitor também perceberá a profunda astúcia e sedução do papa. Não teremos dificuldade, ao tratarmos desse assunto, em enxergar nisso as profundezas de Satanás.

A Coroa da Inglaterra Oferecida à França

Tendo sido a sentença papal de deposição contra o rei da Inglaterra pública e solenemente promulgada, **Filipe da França** foi delegado para executar o decreto. Os legados colocaram em suas mãos uma comissão formal o direcionando, pela autoridade apostólica, a invadir a Inglaterra, depôr o rei e tomar sua coroa. O historiador observa que os legados e prelados (clérigos) fingiram estar agindo sob o maior dos zelos e seriedade ao tratarem de todo o assunto, ao passo que não era nada além de mero artifício. Nada estava mais longe da mente de Inocêncio do que a união das duas coroas em uma só cabeça. Isso teria fortalecido a França, não a Sé Romana. Filipe não havia se esquecido da insolência do papa ao interditar seu reino e excomungá-lo; mas seu ódio por João, seu amor por empreendimentos e a traição do papa o cegaram completamente. Ele confiou no papa, mas cometeu um erro ruinoso. Nem um momento, no entanto, foi perdido por Filipe ao reunir uma frota e um exército numeroso para a invasão da Inglaterra.

O papa, ao mesmo tempo, anunciou uma cruzada sobre toda a Cristandade contra o ímpio rei João, prometendo a todos que participassem nessa guerra santa a remissão dos pecados e os privilégios dos cruzados. Mas o rei caído não queria ceder nem com vigor nem com sutileza. Ele reuniu uma grande frota em Portomua e um exército em Barham Downs, próximo à Cantuária, assumindo uma posição agressiva: mas logo descobriu que em seu grande exército não havia muitos em quem se podia confiar. Enlouquecido, ele ameaçou se tornar muçulmano e buscou uma aliança com o califa; mas nesse momento, o espírito do rei impaciente sofreu uma repentina revolução. Da altura de sua raiva

desafiadora, ele caiu até as mais baixas profundezas da prostração e do medo.

A Inglaterra Rendida a Roma

Como se não fosse do interesse ou da intenção de "Sua Santidade" permitir que os assuntos fossem levados a extremos, o vigilante papa viu que tinha chegado sua hora de interferir. Dois legados, Pandolfo e Durando, foram enviados com **as exigências finais de Inocêncio a João**. Eles o asseguraram de que o rei da França estava pronto para invadir a Inglaterra com um grande exército e uma frota poderosa, e que ele viria acompanhado de arcebispos, bispos e clérigos a quem João havia banido; que eles transfeririam sua lealdade a seu rival Filipe, e que colocariam a coroa em sua cabeça. Com muitas declarações como essas, eles aterrorizaram o rei, que perdeu todas as suas posses pessoais, e lançou-se a si mesmo e ao seu reino nas mãos dos legados, sem reservas. Com uma mesquinhez de espírito e uma submissão abjeta que não conhecia limites, ele colocou sua coroa aos pés dos arrogantes legados, renunciou a Inglaterra e a Irlanda às mãos do papa, jurou homenagem a ele como seu suserano, e fez um juramento de lealdade aos seus sucessores. Os termos desse notável juramento são longos e prolixos demais, mas a substância, a essência deles, é apresentado pela Enciclopédia Britânica como segue:

"Eu, João, pela graça de Deus Rei da Inglaterra e Senhor da Irlanda, de modo a expiar meus pecados, de minha própria livre vontade e pelo conselho de meus barões, concedo à Igreja de Roma, ao Papa Inocêncio e a seus sucessores, o reino da Inglaterra e todas as demais prerrogativas de minha coroa. Irei doravante considerar-me como vassalo do papa. Serei fiel a Deus, à Igreja de Roma, ao papa, meu mestre, e aos seus sucessores legitimamente eleitos. Prometo pagar-lhe um tributo de 1000 merks[14], a saber, 700 pelo reino da Inglaterra e 300 pelo reino da Irlanda." Essa memorável submissão ocorreu no dia 15 de maio de 1213, no décimo quarto ano de seu reinado, na casa dos Templários, não muito longe de Dover.

Esse juramento foi feito pelo rei ajoelhado diante de todo o povo e com suas mãos levantadas entre aqueles legados. As testemunhas que atestaram o juramento foram: um arcebispo, um bispo, nove condes e quatro barões. Tendo

[14]Merk é uma antiga moeda de prata escocesa, que valeria, nos dias de hoje, cerca de uma libra esterlina. Esse montante deveria ser pago anualmente, além do dinheiro devido à cadeira de Pedro.

então concordado com a posse de Langton como primaz da Inglaterra, ele recebeu de volta a coroa que deveria ter perdido. O cauteloso e político Pandolfo, tendo recebido a lealdade do rei da Inglaterra e **oitenta mil libras esterlinas** como compensação pelos bispos exilados, rapidamente juntou as escrituras e os sacos de dinheiro e apressou-se a reunir os clérigos banidos na Normandia para dividir o dinheiro. Em seguida, apressou-se ao acampamento do rei Filipe Augusto e, encontrando o exército no ponto de embarque para a Inglaterra, friamente informou o rei "que não havia então mais necessidade de seus serviços; e que, na verdade, qualquer tentativa de invadir o reino, ou de perturbar o rei da Inglaterra, seria altamente ofensivo para a santa Sé, em virtude de que esse reino era agora parte e parcela do patrimônio da igreja: era, portanto, seu dever dispensar seu exército, e ele próprio retornar para casa em paz". Quando Filipe descobriu que havia sido tão estupidamente enganado, rompeu em uma tempestade de injúrias indignadas contra o papa. "Ele tinha sido arrastado para uma enorme despesa; tinha chamado para a guerra toda a força de seus domínios, sob a promessa ilusória de um reino e da remissão de seus pecados; tudo isso ele tinha feito em súplica ardente para com o papa. E então toda a cavalaria da França, em armas ao redor de seu soberano, deveria ser dispensada como servos contratados quando não havia mais uso para seu serviço?" Porém, a fúria do rei foi respondida com uma fria repetição da ordem: "Desista das hostilidades contra o vassalo da Santa Sé."[15]

O desapontamento e mortificação de Filipe foram grandes; mas, não se atrevendo a ofender o papa e não estando disposto a se desfazer de seu exército sem ao menos tentar alguma empreitada, ele desceu a Flandres (região flamenga). Fernando, o conde, embora fosse um aliado da França, tinha entrado em uma liga secreta anti-francesa com João, o que deu a Filipe um justo pretexto para voltar suas armas contra esse vassalo revoltado. Porém, as frotas da Inglaterra se uniram aos flamengos, e assim a tentativa de conquistar Flandres terminou em uma derrota vergonhosa. Os ingleses capturaram trezentos navios e destruíram cerca de cem outros: enquanto Filipe, vendo ser impossível impedir que o resto caísse nas mãos do inimigo, incendiou-os ele mesmo, e então abandonou a empreitada. Tal foi a pesada perda e desconforto de Filipe no decorrer da profunda trama arquitetada por Inocêncio.

[15]Cathedra Petri, livro 13, p. 588.

A Magna Carta

João, tendo assim triunfado sobre seu amargo inimigo, e assegurado a aliança com a Santa Sé, continuou com as mesmas medidas cruéis e tirânicas que até então o tinham colocado em uma posição odiosa perante seus súditos. Seu longo e inadequado governo e suas imprudentes indulgências em excessos de todos os tipos de hábitos viciosos tinham exaurido a paciência de todas as classes de pessoas, tanto na Igreja quanto no Estado. Começou-se a expressar um desejo geral por privilégios e pelo controle resultantes de uma lei estabelecida.

A história da **Magna Carta** é tão verdadeiramente inglesa, tão bem conhecida e tão intimamente conectada à igreja, assim como à história civil, que devemos fornecer uma breve observação sobre ela neste livro. Além disso, dizem os historiadores que nenhum evento de igual importância ocorreu em qualquer outro país da Europa durante o século XIII, e que os resultados de qualquer outro incidente jamais foram tão duradouros ou tão sabiamente disseminados como aqueles da reunião dos barões em Runnymede e da convocação dos burgueses ao Parlamento. Enquanto a monarquia fazia rápidos avanços na França, um poder de contrapeso havia se formado na Inglaterra pela combinação da nobreza e a ascensão da Câmara dos Comuns.

O arcebispo Langton, a quem Inocêncio tinha levantado como primaz, a fim de que, por seus próprios meios, mantivesse todas as exorbitantes pretensões de Roma sobre a Inglaterra, era ele próprio inglês, e em todas as ocasiões demonstrou uma sincera preocupação pelos interesses do reino, para o total desapontamento do papa. Tendo encontrado, em meio ao lixo de um monastério obscuro, uma cópia da carta de Henrique I, ele conferenciou em privado com os barões, exortando-os a renová-la. Aqueles dentre os barões que sentiram profundamente a degradação a que João tinha infligido todo o reino por suas submissões abjetas ao papa receberam o documento com altas aclamações e fizeram um juramento solene de conquistar ou de morrer em defesa de suas liberdades. Após várias conferências e atrasos, quarenta e cinco barões, armados, bem montados em seus cavalos de guerra e cercados de seus cavaleiros, servos e soldados, apresentam ao rei uma petição, rogando-lhe que renovasse e ratificasse a carta. João a princípio se ressentiu da presunção deles em um ataque de fúria, e jurou "que jamais lhes daria liberdades que tornariam ele próprio um escravo". Mas os barões estavam firmes e unidos, e a corte de João rapidamente diminuiu. Ele eventualmente se submeteu e concordou em participar de uma conferência amigável. Os barões nomearam **Runnymede** como o local apropriado para a

reunião. Era um prado situado entre Staines e Windsor — o terreno é até hoje venerado como o lugar em que o padrão da liberdade inglesa foi primeiramente concebido. No dia 15 de junho de 1215, ambas as partes se encontraram ali, e o rei assinou a carta — a grande carta das liberdades da Inglaterra.

A Ira de Inocêncio

Dentre as testemunhas da assinatura da Magna Carta estava **Pandolfo**, o legado arrogante do papa. Ele viu aquilo como um golpe mortal contra o poder papal na Inglaterra. Inocêncio logo ficou informado da surpreendente notícia. Sua infalibilidade estremeceu com alarme; se enfureceu e jurou, como era de seu costume; franziu a testa, como diz o historiador, e irrompeu em palavras de perplexidade. "O que! Esses barões da Inglaterra presumem destronar o rei que tomou a cruz e que colocou-se sob a proteção da Sé apostólica? Como podem eles transferir a outros aquilo que é patrimônio da Igreja de Roma? Por São Pedro, não podemos deixar tal crime impune." A grande carta foi declarada pelo papa nula e sem efeito, o rei foi proibido, sob pena de excomunhão, de respeitar o juramento que tinha feito ou as liberdades que tinha confirmado. Mas as censuras espirituais e os editos anulatórios foram recebidos pelos barões com total desconsideração.

A guerra eclodiu; e para a desgraça ainda mais profunda de João, que não tinha exército próprio, ele trouxe do continente bandos de aventureiros e piratas, prometendo-lhes as propriedades dos barões ingleses como recompensas pela bravura. À frente dessas tropas mercenárias, com o auxílio de dois bispos sedentos por guerra, **Worcester** e **Norwich**, ele atravessou o país inteiro, desde o canal até o rio Forth. Ele soltou suas hordas ferozes como bestas selvagens em seu reino infeliz. Os barões não tinham feito qualquer preparo para a guerra, e nem suspeitavam da introdução de um exército estrangeiro. Aqui, novamente, vemos as profundezas de Satanás; ele está sempre pronto a dar a outro o poder que ele tiver sobre as nações, desde que aquele a quem ele o dá se submeta inteiramente a sua vontade. "Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares" (Mateus 4:8,9). Foi exatamente o mesmo que ele fez a João, seja tornando-se vassalo do papa, de Maomé ou de Satanás. Por um curto período de tempo ele foi um mestre imbatível no campo de batalha. Toda a terra foi devastada com fogo e espada. Pilhagem, assassinato e tortura se enfureciam descontroladamente. Nada era tido por sagrado, nada era seguro. Nobres e pedintes fugiam

com suas esposas e famílias quando era possível. Os assassinos manchados de sangue do rei e do papa passaram por todo o país com a espada em uma mão e a tocha na outra, enquanto um clamor subia ao céu: "Oh, infeliz Inglaterra! Oh, infeliz país! Que Deus tenha misericórdia de nós, e que Seus juízos caiam sobre o rei e o papa."

O juízo não demorou muito. Nem o céu nem a terra podiam mais tolerar suas crueldades e tiranias. O papa morreu em 16 de julho de 1216, aos 55 anos de idade; apenas um ano, um mês e um dia após a assinatura da Magna Carta. João viveu apenas alguns meses a mais que o papa. Morreu em 12 de outubro de 1216, aos 49 anos de idade, e no décimo sétimo ano de seu reinado. Supõe-se que tenha morrido com o pavor acompanhado pela embriaguez. Enquanto retornava de uma de suas cenas de matança, os vagões reais estavam cruzando as areias de Wash, desde Norfolk até Lincolnshire, quando a maré subiu repentinamente e todos se afundaram no abismo. O acidente encheu o rei de terror; ele sentiu que a terra estava à beira de se abrir e engoli-lo vivo. Ele bebeu copiosas doses de cidra, as quais, juntamente com o medo e o remorso, encerraram os dias do tirano mais cruel e desprezível que já se sentou no trono da Inglaterra. Os nomes dos demais reis cujos vícios são tenebrosos o suficiente para provocar execrações da posteridade são muitas vezes cercados por uma **auréola de talento**, seja no senado ou no campo de batalha, de modo a mitigar a severidade da sentença. Mas o rei João morre: seu caráter permanece diante de nós de forma não redimida por uma virtude solitária.[16]

[16]Enciclopedia Britânica, vol. 8, p. 721; D'Aubigné, vol. 5, p. 98; Eighteen Christian Centuries, de James White, p. 290.

Capítulo 25

França (814–1229 d.C.)

Inocêncio e o Sul da França

Um novo campo de sangue e um caráter inteiramente novo de guerra foram trazidos diante da mente do voraz papa de Roma. Era uma guerra não contra os inimigos de uma fé estrangeira, ou contra os reis domésticos insubmissos, mas do exército da igreja romana guerreando contra os seguidores confessos do Senhor Jesus Cristo. Isso era algo novo nos anais da Cristandade.

Pelo favor dos príncipes e pela indiferença do clero, os **albigenses** tinham sido permitidos, por séculos, a pregar o evangelho e disseminar a verdade sem serem molestados. O catolicismo romano quase perecera nas províncias do conde Raimundo VI. O povo desses locais, em geral, era muito inclinado a quebrar sua conexão com a igreja de Roma definitivamente. Quando esse estado de coisas chegou aos ouvidos de Inocêncio, ele convocou uma cruzada contra os hereges de Languedoque, e não descansou até ter varrido toda essa população do solo da França.

Mas devemos, antes de tudo, retroceder alguns passos de modo a ligarmos a isso a linha de testemunhas de Cristo e de Seu evangelho.

A Cadeia de Testemunhas

Quando comentamos sobre os **paulicianos** — as testemunhas de Deus e de Sua verdade no Oriente — falamos que os encontraríamos novamente no Ocidente. Afirma-se que, em seu zelo missionário, eles se espalharam por toda a Eu-

ropa; mas se eles continuaram sendo uma seita distinta e característica ou se misturaram-se com outros sectários do Ocidente, esta é uma questão em que não há consenso por parte dos historiadores. Dentre as várias formas de heresia que eram denunciadas pela igreja dominante, dificilmente alguma delas escapou da acusação de maniqueísmo — o rótulo que era afixado sobre os emigrantes do Oriente. Mas não seria correto dizer, como faziam, que todas as seitas ocidentais eram fruto da missão deles, apesar de serem taxados com o mesmo nome. É mais do que provável, no entanto, que eles tenham encontrado muitos com espírito separatista em relação à igreja católica, embora não o demonstrassem abertamente, e que em tais casos os paulicianos podem ter se tornado seus mestres, podendo, desse modo, perpetuar seus princípios.

As testemunhas ocidentais, sem dúvida, foram o resultado do mesmo espírito de graça e verdade que tinham os paulicianos, através da fidelidade de Deus, que nunca permitiu-Se ficar sem um testemunho na terra, mas não vemos fundamento para falar deles como descendentes dos mal-representados paulicianos. É mais provável que eles fossem uma mistura desses dissidentes da igreja estabelecida.

Procuraremos agora traçar a linha prateada da graça de Deus, que estava trabalhando ativamente, embora sob diferentes formas e nomes, durante o período mais sombrio da opressão papal. Não há dificuldade em identificar as testemunhas de Deus, desde o início da igreja até a Reforma, ou em traçar a cadeia ininterrupta de testemunhas que eram contra a iniquidade de Roma e a favor do verdadeiro evangelho da graça de Deus. Já vimos essa cadeia de testemunhas desde a história dos paulicianos até o século X; veremos agora as seitas mais proeminentes que surgiram no Ocidente antes de e desde esse período.

1. **Cláudio de Turim**, nascido espanhol, foi um famoso comentarista das Escrituras na corte de Luís, na Aquitânia. Seu patrono, o imperador, o promoveu ao bispado de Turim no ano de 814. Ele é tido na história como o Wycliffe do século IX e um vigoroso defensor do cristianismo primitivo. Ao chegar à diocese, ele encontrou as igrejas cheias de imagens e embelezamentos com flores e guirlandas. Imediatamente e sem cerimônia, ordenou que todos esses ornamentos fossem removidos. Nenhuma distinção deveria ser feita em favor de qualquer imagem, relíquia ou crucifixo; todos deveriam ser retirados para destruição. Ele denunciou a adoração a tais coisas como uma renovação da adoração aos demônios sob outros nomes, o que estava substituindo a pregação da gloriosa ressurreição do Senhor Jesus. Ele declarava também que o ofício apostólico de

São Pedro tinha cessado com o fim da vida do apóstolo. Ele, portanto, desprezava as censuras papais e o alegado poder das chaves de São Pedro. Dizem que ele separou sua igreja da comunhão romana.

Mas, como muitos outros reformadores, Cláudio era duro e intemperante em seu zelo. As terríveis corrupções do clero e as idolatrias do povo o levaram a falar e escrever em termos fortes e cheios de paixão, o que não é de se admirar. Mas o Senhor cuidou dele do modo mais maravilhoso possível. Embora fosse um ousado reformador e um destemido iconoclasta em uma cidade italiana, a invisível mão da providência divina permitiu que terminasse seus labores permanecendo ainda nos plenos privilégios de um bispo, apesar de não ter sido livre de oposições.

Como um elo na cadeia de testemunhas, Cláudio ocupa um lugar muito distinto. Sua influência foi grande e amplamente difundida. Teodomiro, abade de um monastério perto de Nismes, ingenuamente confessou, de acordo com Milman, que a maioria dos grandes clérigos transalpinos[1] pensavam como Cláudio. Assim, a hostilidade contra a igreja católica e seus muitos sacramentos, que mais tarde prevaleceu nos vales alpinos, tem sido geralmente traçada desde esse reformador, Cláudio. Ele morreu no ano de 839.

Os Petrobrussianos

2. Por volta do ano de 1110, um pregador chamado **Pedro de Bruys** começou a declamar contra as corrupções da igreja dominante e os vícios do clero. Como missionário, ele trabalhou principalmente no sul da França, em Provença e Languedoque. E, o que pode nos parecer estranho, foi-lhe permitido disseminar suas novas doutrinas com impunidade por cerca de vinte anos. O inimigo não o podia silenciar nem matar a testemunha até que seu testemunho estivesse terminado. Mas, como quase tudo o que sabemos sobre tais homens chegou até nós através dos escritos de seus adversários, apenas ouvimos sobre o que eles chamavam de suas heresias. O venerável abade de Cluny escreveu um tratado contra os seguidores de Pedro de Bruys — os assim chamados petrobrussianos: eles foram acusados de muitas ofensas, mas que podem ser resumidas da seguinte forma — oposição ao batismo de crianças, à missa, ao celibato, aos crucifixos, à transubstanciação e à eficácia das orações pela salvação dos mortos. Mas nada que o fundador dessa seita fizesse ou dissesse parecia despertar o

[1]*Transalpino*: que se situa além dos Alpes

sentimento público contra ele até que ele queimou várias cruzes com a imagem de Cristo. Os padres então conseguiram, por meio de um tumulto popular, e ele foi queimado vivo em St. Gilles, em Languedoque. Mas seu protesto não foi tão facilmente consumido. A luz divina pode ser ofuscada por um tempo, mas nunca extinta.

Os Henricianos

3. O fogo que queimou Pedro de Bruys nunca desencorajou nem silenciou seus seguidores. Um deles, chamado **Henrique, um monge de Cluny**, que também era diácono, tornou-se um pregador mais ousado e mais poderoso do que Pedro. Ao retirar-se do monastério, dedicou-se ao estudo do Novo Testamento, e, tendo ganhado um conhecimento do cristianismo direto da Palavra de Deus pura, desejava ir ao mundo proclamar a verdade aos seus semelhantes. Sua aparência pessoal e sua educação se combinavam para tornar sua pregação ainda mais poderosa e despertadora. A rápida mudança em seu semblante é comparada a um mar tempestuoso; sua estatura era elevada, seus olhos estavam revirados e inquietos; sua poderosa voz, seus pés descalços e aparência negligenciada atraíam a atenção, e eram marcadas pela fama de sua erudição e santidade.

Durante anos ele era apenas um jovem, mas seus tons profundos, sua eloquência maravilhosa, com sua aparência notável, horrorizavam o clero e encantavam o povo. Em um espírito similar ao de João Batista, ele chamava o povo ao arrependimento para que se convertessem ao Senhor, e não poucas vezes atacava os vícios já impopulares do clero.

Mas a oposição do clero que Henrique enfrentava apenas atraía mais o povo para si. Multidões, tanto das classes mais pobres quanto das mais ricas, o recebiam como guia espiritual em todas as coisas. A primeira vez que se ouviu falar dele, historicamente, foi em Lausana, mas atravessou o sul da França desde Lausana até Bordéus; e, como observa Neander, "ele atraía o povo para si, e os enchia de desprezo e ódio contra o alto clero — dizendo que não deveriam ter nada a ver com eles. Eles deixavam de participar do serviço religioso, e o clero se achou exposto a insultos por parte da população, tendo que solicitar a proteção ao poder civil". O prudente bispo de Le Mans, vendo a influência que ele tinha conquistado sobre o povo, contentou-se em simplesmente direcionar Henrique a outro campo de trabalho. O zeloso monge retirou-se silenciosamente e

apareceu em Provença, onde Pedro de Bruys tinha trabalhado antes dele. Ali ele desenvolveu ainda mais claramente sua oposição aos erros da igreja de Roma, e atraiu para si a mais amarga hostilidade da hierarquia clerical.

Henrique foi preso pelo arcebispo de Arles, sendo condenado como herege pelo Concílio de Pisa, que ocorreu em 1134, e sentenciado ao confinamento em uma cela. Em pouco tempo, ele escapou e retornou a Languedoque. Conta-se que deserções de igrejas e um total desprezo para com o clero seguiam o eloquente heresiarca por onde passava. Um legado chamado Alberico foi enviado pelo papa Eugênio III para subjugar a revolta, mas não foi proveitoso. "Henrique é um antagonista", disse ele, "que só pode ser derrubado pelo conquistador de Abelardo e de Arnaldo de Bréscia."

O poderoso abade de Claraval escreveu ao príncipe de Provença para que se preparasse para sua chegada, já adiantando o objetivo de sua vinda. "As igrejas", ele escreveu, "estão sem povo; o povo sem padres; os padres sem honra; e os cristãos sem Cristo. As igrejas não são mais tidas como santas, nem os sacramentos, nem as festas são celebradas. Os homens morrem em seus pecados — almas são levadas às pressas ao terrível tribunal — sem penitência ou comunhão; o batismo é recusado aos bebês, que são assim impedidos da salvação." O abade fez milagres, como se acreditava; o povo se maravilhava e se admirava; Henrique fugiu; Bernardo o perseguiu, purificando os lugares infectados pela pestilência da heresia. Por fim, o herege foi preso e levado acorrentado ao bispo de Toulouse, que o condenou à prisão, onde logo depois morreu repentinamente. Ele foi, então, libertado de todos os seus perseguidores no ano de 1148 e entrou em seu descanso.

Os Valdenses e os Albigenses

4. A origem dos assim chamados sectários ocidentais sob o nome dos **valdenses** é assunto de muita controvérsia. Uma classe de escritores, favoráveis ao catolicismo, visando envolvê-los na acusação comum de maniqueísmo, se esforçaram em provar que suas opiniões eram de origem oriental, ou pauliciana, enquanto que os escritores opositores ao catolicismo afirmam que eles eram livres do erro maniqueísta, e que foram os herdeiros e mantenedores, sendo algo passado de pai para filho, de um cristianismo puro e bíblico, desde os tempos

de Constantino, se não desde os dias dos apóstolos.[2]

Mas, como atualmente não é tanto nosso objetivo traçar a história desse povo cristão antigo, simples e devoto, mas sim trazer à tona mais uma característica do papado sob a direção de Inocêncio em sua mais plenamente expressa blasfêmia e crueldade, satisfaremos o leitor apenas quanto a quem eram essas pessoas e quanto à cena de seu extermínio. "Os termos", diz o Dr. Gilly, "Vaudois em Francês, Vallenses em Latim, Valdisi em Italiano, e Waldenses na história eclesiástica inglesa, significava mais ou menos a ideia de **'homens dos vales'**; e como os vales de Piemonte tiveram a honra de produzir um grupo de pessoas que tinham permanecido verdadeiras à fé introduzida pelos primeiros missionários que pregaram o Cristianismo naquelas regiões, esses sinônimos foram adotados como o nome distintivo de uma comunidade religiosa, fiel ao credo primitivo, e livre das corrupções da igreja de Roma."

Os **albigenses**, embora fossem essencialmente idênticos aos valdenses em matéria de fé, eram assim chamados porque a maior parte da Gália Narbonense, onde habitavam, era chamada de Albigésio, ou de Albi, uma vila em Languedoque. Os Alpes separavam as duas comunidades. Deus encontrou um refúgio para os valdenses nos vales do lado ocidental daquela grande cordilheira, onde foram preservados e fortificados por muitos séculos.

Pedro Valdo

Por uma semelhança de nomes, Pedro Valdo, o reformador de Lyon, tem sido frequentemente mencionado como o fundador da seita valdense. Pensamos ser este um erro, embora um erro facilmente cometido, e um que os romanistas avidamente aumentaram como um argumento contra a antiguidade dos valdenses, e que, portanto, foi adotado pela maioria dos registros históricos gerais. Mas o Sr. Elliot, em seu livro "Horae Apocalypticae", e aqueles mencionados na nota acima (seção anterior), examinaram a questão com grande paciência e pesquisa e, cremos, claramente estabeleceram uma conclusão sobre a ortodoxia

[2] Na primeira edição deste livro, ocorre a seguinte frase: "Parece também ser muito certo que os albigenses das províncias do sul da França devem sua origem aos paulicianos." A maioria dos registros históricos gerais dão essa impressão; mas após consultar os registros históricos específicos e pesquisas trabalhosas de Peter Allix, D.D., W.S. Gilly, M.A., W. Beattie, M.D, e outros, estamos plenamente persuadidos da maior antiguidade dos albigenses, da pureza de sua fé e de sua localização alpina — de que existiam como um povo cristão distinto muito antes dos paulicianos, ou até mesmo do papado.

e antiguidade dos "homens dos vales"[3].

Ao mesmo tempo, **Pedro Valdo** é digno de todo elogio por seus serviços abnegados pela causa da verdade e contra o erro. Sua piedade, zelo e coragem foram muito notáveis em um período em que a hierarquia papal começava a perseguir todos aqueles que questionavam sua autoridade e infalibilidade. Ele foi, sem dúvida, levantado por Deus justamente naquela época para dar maior distinção ao testemunho dos camponeses alpinos. A simplicidade da adoração deles e a cena de sua tranquilidade parecem não ter excitado a inveja de seus vizinhos ou a suspeita da igreja católica até a época em que Pedro Valdo entrou em cena. Aconteceu, sob a mão de Deus, da seguinte maneira:

Por volta do ano 1160, as práticas de idolatria que acompanhavam a doutrina da transubstanciação impressionaram Pedro profundamente com um senso alarmante da iniquidade daquela época e das perigosas corrupções do papado. Isso levou à verdadeira conversão de sua alma a Deus. Desde aquele momento, ele passou a se dedicar a servir a Deus e à Sua glória. Ele abandonou suas ocupações mercantis e distribuiu suas riquezas aos pobres, em imitação aos primeiros discípulos. Muitos se reuniram em torno dele, e ele sentiu a necessidade de instrução nas coisas de Deus; perguntou-se, então, onde a encontraria. Ele ficou profundamente desejoso de compreender os Evangelhos que estava acostumado a ouvir na igreja. Ele, então, empregou dois eclesiásticos para traduzi-los para a sua língua nativa, assim como outros livros das Escrituras, e algumas passagens dos pais apostólicos. Essa foi a maior obra de Valdo, pela qual ele merece os melhores agradecimentos da posteridade. As Escrituras, naquela época, eram em grande medida um livro selado na Cristandade, estando disponíveis somente em Latim. Os seguidores de Valdo, estando assim providos com cópias das Escrituras em sua própria língua, eram capazes de explicar às pessoas que eles não estavam promovendo doutrinas próprias, mas uma fé pura conforme realmente existia na Bíblia. Seguindo o exemplo dos setenta, ele enviou seus discípulos, dois a dois, às aldeias vizinhas para pregar o evangelho.

Isso despertou os trovões do Vaticano. Enquanto Valdo e seus amigos se limitavam a protestar contra as inovações, a hierarquia não os molestava seriamente; mas assim que eles empregaram o temido motor — as Escrituras na língua popular — eles foram imediatamente amaldiçoados e excomungados. Até esse momento, os valdenses não contemplavam qualquer secessão da igreja,

[3]Veja no Dicionário de Marsden o artigo sobre os "Albigenses". Veja também: Milner, vol. 3, p. 92; e Scenery of the Waldenses, de Bartlett, Introduction.

mas apenas sua reforma. Eles persistiram em pregar o glorioso evangelho da graça de Deus aos pecadores perdidos: e então um interdito foi emitido contra eles pelo arcebispo de Lyon. Valdo respondeu resolutamente: "Devemos obedecer a Deus, e não ao homem". A partir de então, "os homens pobres de Lyon", como eram chamados, foram rotulados pelo clero com descrédito e desprezo como hereges. Por três anos após essa primeira condenação, que ocorreu em 1172, Valdo conseguiu permanecer escondido na cidade de Lyon ou nas cidades próximas, mas o papa Alexandre III fulminou suas ameaças e terrores tão efetivamente, não apenas contra Valdo, mas contra todos que ousassem manter a menor comunicação com o reformador que, por amor de seus amigos, Valdo fugiu de Lyon e tornou-se um andarilho pelo resto de sua vida. Após buscar abrigo em vários lugares, mas não encontrando descanso em nenhum lugar, ele passou, enquanto andava entre os alpinistas boêmios, os ancestrais de Huss e Jerônimo, para seu descanso eterno por volta do ano de 1179.

A Dispersão dos Seguidores de Valdo

Quando Valdo fugiu, seus discípulos o seguiram. A dispersão aconteceu de modo similar à que surgiu por ocasião da perseguição de Estêvão. Os efeitos também foram similares: o bendito evangelho acabou sendo ainda mais amplamente disseminado por toda a Europa. O maior poder deles era a posse das Escrituras Sagradas em sua própria língua. Eles liam os Evangelhos; eles pregavam e oravam na língua popular. Muitos deles, sem dúvida, chegaram aos vales de Piemonte e às cidades de Languedoque. Uma nova tradução da Bíblia era, sem dúvida, uma rica adesão aos tesouros espirituais daquele interessante povo.

A cena estava então pronta para o papa Inocêncio III: as ameaças papais, tendo sido transmitidas por sua vigorosa mão, foram executadas com uma mente disposta e implacável. Ele, que tinha humilhado os grandes reis da Alemanha, França e Inglaterra, e que tinha recebido submissão implícita de quase todas as partes da Cristandade, ainda era renegado como o supremo chefe da igreja pelos valdenses, onde quer que fossem achados. Dificilmente um espírito como o de Inocêncio continuaria a suportar com calma essa resistência a sua vangloriada supremacia universal. Mas qual era o crime deles? Onde eles poderiam ser encontrados? E como eles deveriam ser tratados?

1. Eles tinham a mais alta reputação em todos os lugares, até mesmo por

parte de seus piores inimigos, por sua modéstia, simplicidade, honestidade, castidade e temperança. “Em nenhum caso”, diz uma alta autoridade que não era muito favorável aos que ele chamava de anti-sacerdotalistas, “a moral e os costumes de Pedro Valdo e dos Cristão Bíblicos Alpinos podiam ser arranhados por seus mais amargos inimigos”. O “pecado mortal” deles vinha do apelo que faziam às Escrituras, e somente às Escrituras, em todos os assuntos de fé e adoração. Eles rejeitavam o vasto sistema da tradição-religião mantido pela igreja de Roma. Tanto em vida quanto em doutrina eles eram nobres testemunhas de Cristo e da simplicidade do evangelho; mas isso acabava se constituindo como um poderoso protesto contra a riqueza, o poder e as superstições da religião dominante. Eles rejeitavam os quase inumeráveis sacramentos de Roma, e mantinham a posição de que havia só dois deles no Novo Testamento — o batismo e a ceia do Senhor. Em geral, podemos dizer que eles anteciparam e defenderam as mesmas doutrinas que, após um lapso de três séculos, seriam promulgados pelos reformadores da Alemanha e da Inglaterra, e que constituem o credo dos protestantes na atualidade.

2. O progresso dos **“homens pobres de Lyon”**, após a perseguição deles, parece ter sido rápido e amplamente estendido. Dizem que eles se espalharam pelo sul da França, para a Lombardia e Aragon. “Em Lombardia e Provença”, diz Robertson, “os valdenses tinham mais escolas do que os católicos; seus pregadores disputavam e ensinavam publicamente, enquanto o número e a importância dos patronos que os protegiam fizeram com que fosse perigoso interferir no trabalho deles. Na Alemanha, eles tinham quarenta e uma escolas na diocese de Passau, e eram numerosos nas dioceses de Metz e Toul. Da Inglaterra ao sul da Itália, desde Helesponto até o Ebro, suas opiniões eram amplamente difundidas.”[4]

3. Tal era o estado de coisas quando o papa Inocente III subiu ao trono papal. Com pressentimentos ansiosos e um olho de águia, ele observava esse espírito de independência religiosa, mas a questão era como ele poderia efetivamente esmagá-lo. Além disso, nessa época, como o leitor se lembrará, suas mãos estavam cheias. Ele estivera buscando destruir o equilíbrio de poder na Alemanha e na Itália, contendia com os reis da França e da Inglaterra, dirigia a marcha dos cruzados, e derrubava, por meio deles, o império grego em Constantinopla; mesmo assim ele ficou observando, e se determinou a punir cada dissidência dos dogmas da igreja de Roma e cada exercício da faculdade de pensamento de

[4]J.C. Robertson, vol. 3, pp. 179–202. Waddington, vol. 2, p. 187. History of France de Sir. J. Stephen, vol. 1, p. 218.

seus súditos religiosos. Havia altos rumores, por volta dessa época, de que os **dois** principais focos de desafeto em relação a Roma vinham dos vales de Piemonte e do sul da França. Os cristãos piemonteses floresceram na obscuridade, enquanto os albigenses se tornaram mais notórios, assim como mais perigosos, por causa da proteção que conseguiram nas ricas cidades de Languedoque. **Raimundo VI**, conde de Toulouse, não apenas favorecia aqueles que eram do credo valdense, considerando-os seus melhores súditos, como também os empregava em sua família, embora declaradamente fosse católico romano. O conde de Foix casou-se com uma valdense e, de suas duas irmãs, uma dizia ser valdense, e a outra catarista, ou puritana.

A Região de Albi

O nome de Languedoque foi dado a essas províncias remotas do reino por causa da linguagem rica, melodiosa e flexível que era então comum ali. No que diz respeito ao refinamento, à riqueza e à liberdade, tanto política quanto religiosa, eles ultrapassavam todo o resto da França. A antiga civilização romana ainda prevalecia nos vales de Languedoque e Provença. Os chefes feudais, especialmente os condes de Toulouse e de Foix, embora tivessem o rei como senhor supremo, possuíam e exercitavam autoridade soberana em seus próprios domínios. Pelo favor de Raimundo e pela indiferença dos outros chefes, essa bela região tinha avançado muito mais rapidamente em direção à civilização do que qualquer outra parte da Europa, mas essa civilização, como observa Milman, era inteiramente independente, ou até mesmo hostil, à influência eclesiástica. A maldição do papado, como vimos muitas vezes, não é apenas ruinosa às almas dos homens, como também é destrutiva para todo o progresso nas artes da vida e na civilização em geral. Até mesmo a face de um país católico parece ter sido atingida por sua influência devastadora. As mentes teriam se mantido ignorantes, supersticiosas e escravizadas se o papado tivesse florescido ali. Mas, por um longo tempo, os habitantes de Languedoque tinham sido deixados sem serem molestados pela hierarquia de Roma, e, como consequência natural, suas cidades estavam cheias de uma comunidade pacífica, trabalhadora e rica.

Mas, por outro lado, como era tão natural, na mesma proporção em que a Palavra de Deus e as opiniões liberais prevaleciam, a igreja de Roma e o clero afundavam em grande desonra. Nobres e cavaleiros não mais permitiam que seus filhos fossem educados pela igreja, e nem mesmo os filhos de seus ser-

vos. Igualmente odiados pela nobreza e pelo povo comum por sua conduta gananciosa e sem princípios, os padres não conseguiam oferecer resistência ao progresso das novas opiniões. Eles não mais temiam o alegado poder espiritual dos padres, e estes eram desprezados por sua **sensualidade**. Eles se tornaram o canto e chacota dos trovadores. O abuso que faziam dos órfãos, a trapaça que faziam para com as viúvas, a desonestidade deles, a glutonaria e a embriaguez, eram proverbiais e inegáveis. "Tanto eram eles conscientes de sua rejeição", diz Robertson, "que chegavam a esconder sua tonsura, puxando o cabelo da nuca por cima dela." O mais simples mendigo, ao ouvir sobre alguma ação escandalosa, tinha o hábito de dizer: "Prefiro ser padre do que ser culpado de tal ato". Tão numerosos eram os que se apartavam de Roma que constituíam a maior parte da população. Os judeus também eram numerosos e ricos; e, é claro, havia também um bom número de indivíduos que não eram propriamente de nenhuma seita, e que povoavam as cidades florescentes de Languedoque; mas nos referiremos a todos eles, de agora em diante, sob o nome comum de albigenses.

Inocêncio e a Perseguição Albigense

Tal era o estado das coisas naquela região ensolarada, pacífica e próspera, quando uma nuvem escura de trovões apareceu no horizonte. Inocêncio ouviu com consternação sobre o progresso das novas opiniões, e resolveu esmagá-las. Com esse objetivo em vista, ele primeiramente dirigiu uma carta aos clérigos e príncipes do sul da França, exortando-os a tomarem medidas vigorosas para a supressão da heresia: todos os hereges deveriam ser anatemizados e banidos. Mas para Raimundo e outros, tal requisição tão impiedosa parecia tão arbitrária que recebeu pouca atenção. "Fomos criados com essas pessoas", respondeu Raimundo, "temos relações entre eles, sabemos que a vida deles é honesta; como perseguiremos aqueles a quem respeitamos como os mais pacíficos e leais de nosso povo?" Era óbvio que em tal sacrifício da população estavam envolvidos os interesses e as receitas dos príncipes, o que equivaleria a um processo de extermínio; mas a esse terrível processo o alegado supremo pastor do rebanho de Cristo não hesitou em recorrer, por mais que os soberanos seculares se opusessem. Os albigenses foram excomungados e colocados sob anátema, o que se estendia também a todos aqueles que os abrigassem, negociassem com eles ou se unissem a eles em relações sociais. Mas o desobediente Raimundo ainda mostrava favor para com seus súditos hereges, e o papa, enraivecido, conse-

quentemente, enviou, em seguida, dois legados — Reinerius e Guido — para investigarem as causas da falha, armados com a total autoridade de extirpar os hereges. Muitas dessas pessoas inofensivas foram presas, condenadas e queimadas na fogueira; mesmo assim, Raimundo permaneceu inativo, e a heresia crescia e ganhava força.

O que deveria ser feito? Novos poderes foram exigidos; agentes mais severos e mais ativos foram requeridos. Raimundo, um soberano independente, conhecendo o caráter irrepreensível de seus súditos perseguidos, recusou-se a executar as demandas de Roma. São Bernardo, antigo defensor do papado, estava morto, mas o papa voltou-se para seus descendentes espirituais. **Pedro de Castelnau**, um monge cisterciense, foi enviado a Raimundo como um legado apostólico no ano de 1207 para exigir que exterminasse seus súditos hereges com fogo e espada. Mas o tolerante príncipe, que parece ter sido um homem muito mundano e apaixonado pelo prazer, sem força de caráter para ser herege ou fanático, não pôde ser despertado a obedecer ao mandato papal. Duas vezes ele recusou, e duas vezes ele foi excomungado, e seus domínios submetidos a um solene interdito. Inocêncio sancionou o que seu legado tinha feito e escreveu uma carta a Raimundo com uma linguagem de arrogância e insolência sem igual. "Homem pestilente! Tirano imperioso, cruel e desagradável; que orgulho tomou o teu coração, e que loucura a tua recusar a paz com seus vizinhos e enfrentar as leis divinas ao proteger os inimigos da fé? Se você não teme as chamas eternas, não deveria pelo menos temer os castigos temporais que mereces por tantos crimes? Pois verdadeiramente a igreja não pode ter paz com o capitão dos piratas e ladrões — o patrono dos hereges — o desprezador das coisas sagradas — o amigo dos judeus e dos agiotas — o inimigo dos clérigos, e um perseguidor de Jesus Cristo e de Sua igreja. O braço do Senhor ainda estará estendido contra ti, até que sejas esmagado até o pó. Verdadeiramente, Ele te fará sentir quão difícil te será retirar-te da ira que invocaste sobre tua própria cabeça."

Esse é um exemplo da espécie de veemência do injurioso papa nos tempos medievais. E por que motivo? pode o leitor perguntar. Não por causa de imoralidade, por pior que fosse; mas porque o conde se recusava a ser o carrasco do papa e derramar o sangue de seus próprios súditos pacíficos, trabalhadores e fiéis. Mas tal era o poder desses demônios encarnados do papa que Raimundo acabou se submetendo, temeroso. Ele assinou um tratado, muito relutantemente, pelo extermínio de todos os hereges em seus domínios. Ele foi vagaroso, no entanto, em prosseguir com a ordem de perseguição. O legado,

percebendo isso, não pôde esconder sua raiva, rompendo na mais reprovadora linguagem contra o príncipe — chamou-o de covarde, acusou-o de perjúrio, e renovou a excomunhão em toda a sua plenitude. Será que precisamos nos perguntar se um príncipe feudal como Raimundo ficaria irritado em indignação colérica pela ousada impudência do monge? Dizem que ele exclamou, em um momento infeliz, que faria Castelnau responder por sua insolência com sua vida. Supõe-se que a ameaça tenha sido ouvida por um de seus súditos que, no dia seguinte, após um debate enfurecido, covardemente bateu no legado, matando-o. A disputa, como pode ser observado, assumiu um aspecto semelhante ao que se desenrolou pouco tempo antes entre Henrique II da Inglaterra e Thomas Backet.

Raimundo — Um Bandido Espiritual

Inocêncio tinha então obtido o que desejava — um pretexto decente para o derramamento total dos frascos de sua ira. As honras do martírio foram decretadas à vítima, Raimundo foi denunciado como o autor do crime e proclamado um bandido espiritual; e os fiéis foram chamados a ajudar em sua destruição. "Para cima, soldados de Cristo", escreveu ele a Filipe Augusto da França, "Para cima, ó grande rei cristão! Ouça o clamor de sangue; ajude-nos a cumprir vingança sobre esses malfeitores. Para cima, ó, nobres, cavaleiros da França, as terras ricas e ensolaradas do sul serão a recompensa de vossa coragem." A pregação dessa cruzada foi confiada à ordem cisterciense, comandada pelo fanático abade Arnaldo, "um homem", como diz Milman, "cujo coração estava embainhado com o triplo ferro do orgulho, da crueldade e da intolerância". Justamente nessa época, muitos missionários caíram na conversa do notável espanhol **Domingos**, que sempre foi famoso por ter sido o fundador da Inquisição e dos frades dominicanos. Seu coração não era nem um pouco mais suave que o de Arnaldo, e foi mais bem-sucedido como pregador. Nenhum momento foi perdido em denunciar o crime de seus perpetradores. Todo coração e toda mão estava engajada em executar vingança pelo insulto a Deus na pessoa de "Seu servo". As mesmas indulgências que sempre tinham sido concedidas aos campeões do santo sepulcro (das primeiras cruzadas a Jerusalém) foram asseguradas àqueles que deveriam entrar na nova cruzada contra Raimundo e os albigenses. O clero, em todo lugar, pregava com zelo incansável sobre essa nova maneira de se obter o perdão dos pecados e a vida eterna.

"Para aquela geração ignorante e supersticiosa", diz Sir James Stephens, "nenhuma convocação poderia ser mais bem-vinda. Perigo, privações e fadiga, em suas formas mais severas, haviam assolado os caminhos acidentados pelos quais os cruzados do Oriente tinham lutado pelo paraíso prometido. Mas, nessa guerra contra os albigenses, a mesma recompensa inestimável seria ganha, não por abnegação, mas por autoindulgência. Todo débito que se devia aos homens seria anulado, toda ofensa já cometida contra a lei de Deus seria perdoada, e uma eternidade de bênção seria ganha, não por uma vida de santidade futura, mas sim por uma vida de crimes futuros; não por meio de restrições, mas por meio das gratificações de suas mais imundas paixões; pelo saciamento de sua crueldade, avareza e luxúria, às custas de um povo cuja riqueza excitava sua cobiça, e cuja superioridade provocava seu ressentimento." O avanço para essa colheita misturada de sangue e pilhagem, de absolvição sacerdotal e fama militar, impeliu todo espírito selvagem da época. A Europa inteira ressoava com os preparativos para a guerra santa.

A Chacina e Queimada de Béziers

Raimundo-Roger, um galante jovem de vinte e quatro anos, exibiu um espírito mais corajoso do que seu tio e resolveu defender seu povo contra os cruzados. Suas duas grandes cidades, Béziers e Carcassona, eram sua principal força. Ele se colocou na última, o lugar mais forte. "Os soldados da cruz, os sacerdotes do Senhor", como se denominavam a si mesmos, apareceram diante de Béziers, que tinha sido bem provida e guarnecida pelo visconde. O bispo do lugar também estava no exército, e foi-lhe permitido, por Arnaldo, que oferecesse seu conselho e recomendasse uma rendição à cidade. "Renunciai a vossas opiniões e salvai vossas vidas", foi o conselho do bispo, mas os albigenses firmemente responderam que não renunciariam a uma fé que lhes tinha concedido o reino de Deus e Sua justiça. Os católicos se juntaram aos hereges declarando que, em vez de se renderem, sofreriam a morte em sua pior forma. "Então", disse Arnaldo, "não ficará pedra sobre pedra; o fogo e a espada devorarão os homens, as mulheres e as crianças." A cidade caiu nas mãos dos cruzados, e terrivelmente a ameaça foi cumprida. Os cavaleiros, parando nos portões, perguntaram ao abade como os soldados deveriam distinguir os católicos dos hereges; "Mate todos eles", ele respondeu, "o Senhor conhece os que são Seus." A chacina começou: homens, mulheres, crianças, clérigos, todos foram massacrados in-

discriminadamente enquanto os sinos da catedral tocavam até que a matança estivesse completa. Multidões trêmulas fugiram para as igrejas, na esperança de encontrar um santuário dentro das paredes sagradas; mas nenhum ser humano foi deixado vivo. A vasta população de Béziers, que até recentemente se aglomerava nas ruas e mercados, agora jazia em corpos amontoados. Estima-se que o número de mortos foi de vinte a cem mil. Tantos que moravam no campo fugiam para as cidades em busca de refúgio nessas situações que não se pode estimar precisamente os números. A cidade foi entregue aos saqueadores e depois incendiada.

Nunca o "abade dragão" disse uma palavra tão verdadeira quanto "O Senhor conhece os que são Seus", embora ele o tenha dito com terrível escárnio, e era ele próprio totalmente estranho à parte restante do versículo: "e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade" (2 Timóteo 2:19). O Senhor certamente conhece a todos os que creem nEle, e infinitamente precioso para Ele é o mais fraco de Seus santos. Arnaldo, um dia, verá, na mesma glória juntamente com o Senhor, aqueles a quem ele denunciou como hereges e a quem matou ao fio da espada. Que dia será quando o perseguidor e o perseguido, o acusador e o acusado, estiverem face a face na presença daquEle que julga com retidão! Até lá, que possamos andar pela fé, buscando apenas agradar ao Senhor.

O Cerco de Carcassona

De Béziers, de onde nada então restava além de uma pilha de corpos em chamas, os cruzados seguiram em direção a Carcassona. Enquanto avançavam, encontraram os campos desolados. O terrível exemplo de Béziers encheu de terror todos os corações. Os habitantes dos vilarejos indefesos fugiram ao verem as ruínas fumegantes da forte cidade de Béziers. Inúmeros lamentos acompanharam os passos imundos dessas hostes de Satanás. Eles se puseram diante das muralhas de Carcassona: Roger comandava pessoalmente a cidade, suportando um longo cerco com grande coragem. **Simão de Monforte** era o chefe do lado atacante. Do outro lado, Roger era visto se expondo em todo o lugar como chefe dos defensores, e animava a coragem deles por palavras e por exemplo. Durante quarenta dias o cerco perdurou, e os sitiadores foram repelidos com grandes perdas; e, se não fosse uma traição do abade Arnaldo, Raimundo-Roger teria triunfado. Foi assim que as coisas aconteceram:

Os soldados da cruz eram obrigados a servir por apenas quarenta dias, tanto pela lei feudal quanto como requisito para ganhar todos os privilégios dos cruzados. No final desse período, muitos dos líderes e da grande massa das tropas voltaram para casa desapontados e insatisfeitos. O calor excessivo, a escassez de água, a atmosfera infectada com os mortos não enterrados, a astúcia, crueldade e perfídia dos padres, tudo isso levou muitos a saudar o fim do mandato feudal. Nessas condições extremas e cercado de tropas desordenadas, o abade recorreu à astúcia — os ardis de Satanás. O nobre e corajoso visconde foi levado a uma conferência. Sob o juramento do legado e dos barões do exército de que a boa fé seria mantida, Roger saiu com trezentos de seus seguidores. Mas uma fé herética tão formidável não deveria ser mantida na mente dos perseguidores, e logo que ele começou a propor termos, o legado exclamou que nenhuma fé deveria ser mantida com alguém que tinha sido tão infiel ao seu Deus, e ordenou que acorrentassem o visconde e prendessem seus seguidores. Mas ele logo foi aliviado de sua humilhação e sofrimento pela morte, que foi popularmente atribuída à mão de Simão. O povo, consternado com a perda de seu chefe, abandonou a cidade e escapou por meio de uma passagem subterrânea, mas os padres se consolaram apreendendo cerca de quatrocentos desses cidadãos, que foram enforcados e queimados pelo crime comum de heresia.

A cidade de Carcassona e a herança nobre de Raimundo-Roger estavam agora nas mãos do partido papal, e, de acordo com a lei da conquista, inteiramente a sua disposição. O legado e seu clero apresentaram essas terras ricas a Simão de Monforte como as primícias de uma vitória gloriosa sobre os hereges, e assim ele foi aclamado como Visconde de Béziers e Carcassona, prometendo manter suas dignidades e territórios, sob a condição de pagar um tributo anual ao papa como suserano dos territórios conquistados.

A eleição de Simão foi confirmada pelo papa, apesar dos grandes princípios de justiça e de fé dos tratados terem sido violados de maneira tão clara e descarada; mas o rei de Aragão, como suserano da região, recusou investir Simão em suas novas posses. A conquista parecia estar completa, mas não foi realmente assim. O duque de Borgonha, o conde de Nevers e outros nobres franceses retiraram-se da cruzada, ficando grandemente ofendidos com a arrogância dos mercenários do papa. Simão de Monforte, sendo assim deixado com uma força comparativamente pequena, foi incapaz de manter sua posição. Muitas cidades e castelos que tinham sido tomados pelo partido papal perderam-se novamente, e uma guerra incessante foi continuada, agora marcada pela feroz exasperação do povo e pelas crueldades mais implacáveis de ambos os lados. De Monforte

escreveu desesperado aos prelados da Cristandade pedindo um novo exército.

A trombeta de Roma soou novamente: uma nova cruzada foi anunciada. **"Enxames de monges"**, diz Greenwood, "saídos de inúmeros claustros e mosteiros da ordem cisterciense, pregando perdição aos hereges e perdões ilimitados a todos os que derramassem sangue — mesmo que fosse de apenas uma pessoa — da ninhada amaldiçoada. Não havia crime tão terrível, nenhum vício tão enraizado no coração, que uma campanha de quarenta dias contra esses marginalizados não limpasse, até mesmo o último vestígio de culpa, nem deixasse para trás o menor senso de remorso." Atraídos pela promessa de grandes espólios terrenos no sul ensolarado e da eterna felicidade no céu, inumeráveis tropas de fanáticos reuniram-se ao estandarte de De Monforte. Na primavera de 1210, ele recebeu um grande reforço sob o comando de sua esposa, e a guerra recomeçou com nova fúria.

A Ruína de Raimundo é Determinada

A submissão do conde Raimundo aos termos papais de reconciliação parece ter sido completa. Ele tinha rendido seus castelos, sofrido a maior humilhação pessoal e acompanhado as cruzadas — apesar de seus ombros estarem sangrando pelos flagelos — contra seu próprio parente, Roger. Certamente, como seria de se pensar, a Igreja ficaria satisfeita, expressaria sua aprovação e o receberia de volta em seu seio. Mas, infelizmente, foi exatamente o oposto. Verdadeiramente, o papa, da maneira mais traiçoeira possível, professou abraçá-lo como um filho obediente, absolveu-o de sua alegada culpa pelo assassinato de Castelnau, e deu-lhe uma capa e um anel. Com esses presentes valiosos, o conde retornou à sua região, na esperança de que as concessões do papa seriam confirmadas por seus legados. Mas aqui, a história levantou o véu e revelou a mais deliberada e declarada traição que jamais enegreceu a política de qualquer governante. Em uma carta escrita por esse pontífice aos seus legados em Toulouse, ele faz referência às palavras do apóstolo Paulo, justificando sua conduta enganosa: "mas, sendo astuto, vos tomei com dolo" (2 Coríntios 12:16, Almeida Atualizada). Assim ele escreve: "Aconselhamos-vos, juntamente com o apóstolo Paulo, que tomai com dolo a esse conde, pois nesse caso deve ser tomada prudência. Devemos atacar separadamente aqueles que estão separados da unidade. Deixai por um tempo esse conde de Toulouse, empregando para com ele uma conduta de dissimulação, para que os outros hereges possam ser

mais facilmente derrotados, e para que depois possamos esmagá-lo quando for deixado só.” A correspondência confidencial, mas condenatória, sendo matéria de conduta, exigia o cumprimento do decreto do papa. Mas os astutos legados, Teodósio e Arnaldo, que estavam com segredos para com seu mestre, o papa, tinham outras intenções. Eles planejaram atrasos, fizeram exigências, até que o conde percebesse que seu caso estava perdido nas mãos deles. Ao saber que ele não havia se limpado dos crimes de heresia e assassinato, e que eles não podiam absolvê-lo, ele explodiu em lágrimas enquanto os clérigos, de coração de ferro, zombavam de seu desapontamento, citando o texto: “Até no transbordar de muitas águas, estas não lhe chegarão” (Salmos 32:6); e assim pronunciaram novamente sua excomunhão.

O Verdadeiro Objetivo dos Católicos

O leitor tem agora diante de si o verdadeiro, embora oculto, objetivo desses homens inspirados por Satanás. É a velha e cruel história de Nabote e sua vinha: Jezabel queria as regiões encantadoras do sul como sua própria vinha, e portanto o sangue de Nabote, o jizreelita, tinha que ser derramado. Verá-se pelas ordens secretas do papa a seus legados que a ruína, não somente de Raimundo, mas de todos os príncipes em Languedoque, estava determinada, e que ele tinha enganado o conde Raimundo por uma reconciliação fingida, de modo a separá-lo do resto dos nobres de Languedoque para que pudessem ser destruídos um por um com maior facilidade. Essa era a política de Inocêncio, como vemos escrita de seu próprio punho, e seus legados eram aptos discípulos de seu mestre. Mas os espólios do conde de Toulouse e de todos os seus partidários eram uma questão de necessidade para Simão e para seus aliados, os legados; nada menos do que toda a região sul da França podia satisfazer a avareza de De Monforte e o fanatismo dos ávidos padres. Foi, portanto, determinado que se envolvessem os condes de Foix, Cominges e Beam, com todas as suas dependências territoriais.

O **conde de Toulouse** era suserano de cinco grandes feudos subordinados. As cortes desses soberanos mesquinhos disputavam umas com as outras em esplendor e bravura. Conta-se que a vida era, para eles, um banquete ou torneio perpétuo. Alguns deles estavam entre os mais distintos dos cruzados no Oriente e tinham trazido para casa muitos costumes de luxo oriental. Não se tratava de hereges, valdenses ou albigenses. Eles eram bons católicos por fora;

mas a religião deles não passava de música de trovador. Ainda havia algumas exceções honrosas; podemos traçar a linha prateada da rica graça soberana de Deus nas cortes desses príncipes sensuais. Lemos sobre sobre **Almerico**, senhor de Montreuil, e sua irmã, dona Geralda de Vetville, que eram albigenses, e que defendiam suas próprias cidades contra os católicos, mas que foram subjugados; e esses senhores e senhoras com muitos outros foram rapidamente destruídos. Almerico, com oitenta nobres, foi trazido perante De Monforte. Ele ordenou que todos eles fossem enforcados, mas a armação de madeira da forca se quebrou, e então eles foram esquartejados. A senhora Geralda foi lançada em um poço e jogaram grandes pedras encima dela. Apenas alguns escaparam do massacre generalizado de Vetville para contar a história. Mas toda aquela região teve um destino similar. O verdadeiro cristão, o cortesão gentil, o cavaleiro galante, a multidão amante dos prazeres que estava tão envolvida com os hábitos luxuosos da região para serem hereges ou fanáticos — todos tinham de se submeter aos termos papais, ou então deveriam enfrentar a forca, a fogueira ou a espada do carrasco.

Toda a região do sul da França ficou então carregada com a culpa de proteger os hereges; e Raimundo, como senhor suserano, foi convocado a aparecer perante o concílio de Arles. A máscara que até então ocultava a iniquidade selvagem do papa foi tirada. O conde foi ao concílio acompanhado de seu amigo Pedro, rei de Aragão, um católico bom e devoto, que defendeu sua causa e se ofereceu para ser fiador dele. Mas os termos de reconciliação fixados pelos clérigos foram os seguintes — deixaremos o leitor observá-los cuidadosamente como uma amostra da arrogância e audácia papal naqueles dias: "Que o conde Raimundo deveria dissolver seu exército; que ele deveria demolir todos os seus castelos, despedir todos os comandantes de suas cidades muradas e fortalezas; que ele deveria renunciar a todos os impostos e taxas das quais deriva a principal parte de suas receitas, que ele deveria compelir toda a nobreza e comunidade em seus domínios a vestirem o manto penitencial; que ele deveria entregar todos os seus súditos suspeitos de heresia para serem convertidos ou queimados, conforme o caso; que ele deveria se manter pessoalmente pronto para ir para a Palestina servir sob a irmandade de São João de Jerusalém até que fosse dispensado pelo papa; que cada cabeça de cada família deveria pagar o equivalente a quarenta centavos anualmente ao legado; que ele deveria ser obediente à igreja, pagar todas as despesas que lhe foram cobradas, e durante toda sua vida se submetesse sem contradições. Se todos esses termos forem devidamente satisfeitos, então o legado e o Conde de Monforte lhe restaurará

todas as suas terras."[5]

A intenção desse novo ultraje era inconfundível; o infeliz conde, desafiando a ordem do concílio, partiu em companhia de seu intercessor, o rei de Aragão. O julgamento foi então dado. "O Conde de Toulouse foi condenado como um herege declarado — um inimigo da igreja e um apóstata da fé, e seus domínios e propriedades, sejam públicas ou pessoais, serão de posse dos primeiros ocupantes que delas se apropriarem." Esses termos e decretos darão ao leitor uma fraca ideia de como a igreja, usando a mais santificada linguagem e pretensões, conseguia a ruína de um nobre naqueles dias, para que obtivesse posse de suas terras e suas riquezas. Era assim em todo lugar. O príncipe e seu povo deveriam ser afogados em sangue ou consumidos com fogo se suas posses não pudessem ser obtidas por meios mais brandos. Cada Nabote tinha que entregar seu campo a Jezabel, se ela o desejar. E antes de deixar esse ponto, que o leitor tenha em mente que, exatamente nesse momento em que o papa e seus legados trabalhavam pela ruína do conde e dos seus chefes vassalos, os inquisidores Domingos e Reinerius estavam ocupados em um "reconhecimento religioso de toda a área da heresia", tendo a total autoridade do próprio papa para infligir pena de morte aos hereges. Esse terrível tribunal, que então obteve, e até hoje retém, o nome de **Inquisição**, foi aberto pela primeira vez nesse ano — um ano de terrível memória, 1210 d.C., em um castelo perto de Narbona.

A Guerra Muda de Caráter

O conde Raimundo correu para Toulouse, e fez com que seu banimento e excomunhão, com os duros termos para sua absolvição, fosse lida publicamente em voz alta; os cidadãos ficaram indignados e declararam que prefeririam se submeter às condições mais extremas do que aceitar condições tão vergonhosas. À medida que as notícias se espalhavam de cidade em cidade, o mesmo entusiasmo prevaleceu em todos os seus domínios. O caráter da guerra tinha então mudado completamente. Era evidente para todos que os cruzados estavam determinados a conquistar as províncias com o objetivo de convertê-las em dependências da Sé de Roma; e as províncias estavam igualmente determinadas a resistir aos cruzados como sendo os maiores hipócritas, e a rejeitar a tirania cruel e usurpadora de Roma. Os propósitos professamente religiosos

[5]Greenwood, livro 3, cap. 7, p. 546; Milman, vol. 4, p. 218; Sir James Stephen's Lectures, vol. 1, p. 225.

da cruzada se degeneraram em uma guerra de carnificina e pilhagem universal. A nação inteira ficou, assim, em estado de insurreição geral contra a igreja dominante, como se fosse um invasor estrangeiro.

A guerra foi então proclamada, mas os dois lados combatentes eram desiguais. Raimundo parece ter sido um monarca gentil e indolente, muito amado por seu povo, e ambicioso, exceto pelos prazeres e gratificações desta vida. Não há evidências de que ele fosse inclinado à religião albigense, e professava ser um verdadeiro católico romano. Por outro lado, Simão de Monforte, o grande general de Roma, foi considerado o líder militar mais ousado e hábil de seus dias, e o campeão jurado do papado. Ele era regular nos exercícios de sua religião e ouvia missas diariamente. "Mas", observou alguém, "mesmo com as melhores qualidades de Simão, foram combinados alguns dos vícios que não involuntariamente buscam sua santificação na alta profissão religiosa — uma grande ambição, uma ousada falta de escrúpulos quanto aos meios de perseguir seus objetivos, uma indiferença implacável ao sofrimento humano e uma avidez excessiva e indisfarçada."[6] À frente de um novo exército de cruzados, para executar a sentença da igreja e ganhar o nobre prêmio dos domínios de Raimundo, ele marchou por aquela terra devota. Carnificina, estupros e as mais selvagens barbaridades, tais que não podem ser descritas, acompanharam todos os seus passos. Os hereges, ou os suspeitos de heresia, onde quer que fossem encontrados, foram obrigados pelo legado Arnaldo e De Monforte a subir em vastas fogueiras em chamas, enquanto os monges se divertiam com seus sofrimentos e zombavam dos gritos das mulheres em chamas.

Todo o país, à medida que o exército papal avançava, tornou-se o cenário das crueldades mais devassas: destruíram vinhas e plantações, queimaram aldeias e fazendas, massacraram camponeses, mulheres e crianças desarmados, espalharam a desolação por toda a terra e depois ainda falavam de seu zelo santificado pela religião. O povo, exasperado, revidou — o que não é de se admirar — e uma guerra selvagem foi travada dos dois lados, mas deixarei os detalhes para o historiador civil. Tendo colocado os reais motivos e objetivos do papa nesse ultraje sem paralelo contra a humanidade e a religião, da maneira mais clara que a brevidade permitiria, agora observaremos apenas alguns dos principais compromissos dessa grande luta, que a levaram a um fim, e que manifestam ainda mais plenamente o caráter de Simão e dos monges de Cister, sob a direção e sanção do pontífice.

[6] J.C. Robertson, vol. 3, p. 351.

As Barbáries de Simão e Arnaldo

Simão de Monforte, como senhor feudal do Viscondado de Béziers e Carcassona, foi obrigado, por seu mandato eclesiástico, a extirpar os hereges. Ele, portanto, continuou sua campanha; muitas cidades e castelos caíram em suas mãos, alguns pela força, outros pelo pânico. Na diocese de Albi, sede principal daquelas doutrinas condenadas, a guerra foi conduzida com a mais selvagem crueldade. Quando La Minerve, perto de Narbona, após uma defesa obstinada, se rendeu, alguém em cujo coração ainda restava uma centelha de humanidade propôs que fosse permitido que os vencidos fossem deixados livres caso desistissem de sua heresia; mas termos tão brandos foram contestados pelos monges impiedosos. “Os termos são fáceis demais”, exclamaram, “viemos para extirpar hereges, não para lhes mostrar favor!” “Não tenhais medo”, respondeu o abade em uma zombaria cruel, “não haverá muitos convertidos”. E ele estava certo, mas não no sentido em que falava. Sua intenção era matar todos eles; mas a intenção dos albigenses, ou melhor, o firme propósito que tinham, era aceitar a morte em vez dos termos papais. Enquanto isso, os albigenses se reuniram para orar. O abade de Vaux-Cernay encontrou várias mulheres cristãs em uma casa, silenciosamente envolvidas em oração, e esperando o pior que poderia lhes acontecer. Elas não esperavam piedade desses “santos padres”, e estavam preparadas para morrer. Ele também encontrou vários homens de joelhos em outra casa, aguardando pacificamente seu fim. O abade começou a pregar-lhes as doutrinas do papado, mas, em uma só voz, eles o interromperam, e todos exclamaram: “Não queremos nada da sua fé; renunciamos à igreja de Roma, seu trabalho é em vão, pois nem a morte nem a vida nos farão renunciar à verdade que possuímos”. Pediu-se que De Monforte falasse com eles. Ele visitou homens e mulheres, ao todo cento e quarenta. “Convertam-se à fé católica”, disse ele, “ou subam nessa fogueira”. Ele já havia ordenado que uma enorme pilha de madeira seca fosse amontoada. Nenhum dos albigenses vacilou por sequer um momento. Eles negaram a supremacia do papa e a autoridade do sacerdócio; eles não possuíam qualquer cabeça (chefe) senão Cristo, e nenhuma autoridade além de Sua santa Palavra. Irritado de raiva pela constância e calma firmeza deles, ele ordenou que o fogo fosse aceso, e a pilha logo se tornou um monte de chamas. Os destemidos confessores do nome de Jesus, entregando suas almas em Suas mãos, correram voluntariamente para as chamas, como se subissem ao céu em uma carruagem de fogo.

Quando o castelo chamado Brau se rendeu, De Monforte arrancou os olhos

de mais de cem dentre os defensores e vergonhosamente mutilou os demais, deixando um deles com um olho para que pudesse guiar o resto para fora. Disse o abade de Vaux-Cernay que o conde não se deleitava com tais coisas, "pois dentre todos os homens ele era o mais brando", mas fazia essas coisas porque desejava retaliar o inimigo. Tal foi o julgamento do monge historiador. Em **Lavaur**, a cidade do bom Roger Bernardo, conde de Foix, as barbáries superaram todas as precedentes, até mesmo as dessa terrível guerra. O conde é tido pelos valdenses como sendo um deles. "De todos os príncipes provinciais", diz Milman, "o conde de Foix era o mais poderoso e o mais detestado pela Igreja como favorecedor de hereges. Nesse caso, a acusação era mais uma honra do que uma calúnia. Ele era um homem profundamente religioso, o primeiro a elevar seu estandarte contra De Monforte, e foi um cavaleiro de valor, representando a fé cristã ". Por fim, a cidade caiu nas mãos dos sitiantes; um massacre geral foi permitido; homens, mulheres e crianças foram esquartejados, até que não restasse nada para matar, exceto alguns da guarnição e outros reservados para um destino mais cruel. Quatrocentos foram queimados em uma grande pilha, o que causou uma grande alegria no acampamento inimigo. E em meio a todo esse tumulto, em diabólica crueldade, os bispos e legados cantavam: "Vem, Espírito Santo". Foi aqui que o senhor Almerico, com oitenta nobres, foi levado diante de De Monforte, que ordenou que fossem enforcados, como já vimos. A piedosa dona Geralda também sofreu aqui, uma mulher de quem se diz: "Nenhum homem pobre jamais saiu de sua porta sem ser alimentado".[7]

O Cerco de Toulouse

Da pilha ardente de quatrocentos seres humanos e dos enforcamentos de vários senhores nobres, o campeão da Igreja, Simão de Monforte, avançou para o cerco de **Toulouse**. Suas numerosas conquistas tinham feito mais para inflamar do que para satisfazer sua "avidez indisfarçada". Ele esperava acrescentar a seus bens o senhorio de Toulouse e, assim, elevar-se ao nível dos príncipes soberanos. O bispo Fouquet estava em seu acampamento. Esse novo bispo de Toulouse, colocado lá para se adequar ao propósito do papa, é mencionado pelos historiadores como um dos homens mais traiçoeiros, cruéis, sanguinários e sem escrúpulos que já viveram sobre a Terra. Rabenstein foi deposto para que ele tomasse seu lugar, de modo que pudesse trabalhar, de dentro dos portões,

[7]Latin Christianity, vol. 4, p. 223; Gardner's Faiths of the World, "Albigenses."

a ruína do conde, enquanto os inquisidores e cruzados o faziam do lado de fora. Mas, apesar de toda a perfídia do papa e da bravura de Simão, a maré da sorte estava ao lado de Raimundo. O conde de Toulouse, sob a severa disciplina de uma prolongada calamidade, mostrou que era realmente dotado de coragem e força de caráter. Ele se cercou de seus aliados com seus seguidores, que defenderam a cidade, e também fez ousadas arremetidas por meio de sua guarnição, de tal modo que Simão foi obrigado a encerrar o cerco. Este, no entanto, se vingou devastando os jardins, vinhedos e campos. O estado das coisas agora estava completamente alterado. Raimundo, em vez de agir na defensiva, tornou-se um agressor ativo e enérgico e, antes de decorridos alguns meses, recuperou a maioria dos lugares que haviam sido ocupados pelos cruzados. O princípio feudal dos quarenta dias[8] causou flutuações contínuas no exército de Simão e, sem dúvida, o impediu de melhorar suas vantagens ao máximo, de modo que seus sucessos foram prejudicados por reveses ocasionais. O triunfo de Raimundo, no entanto, foi apenas uma prorrogação temporária e o prelúdio de uma terrível derrota.

Uma nova cruzada foi pregada na Alemanha e no norte da França; muitos aventureiros, treinados nas guerras da Alemanha e do Oriente, se juntaram ao novo exército. Todas as bênçãos temporais em uma bela região, e, finalmente, o céu, induzia um grande número de pessoas a assumir a cruz dos cruzados. Os arcebispos de Reims e Rouen, os bispos de Paris, Laon e Toul, todos estavam com eles, e Guilherme, arquidiácono de Paris, era o engenheiro chefe do exército. Os pobres e desencorajados albigenses, enquanto se aproximava tal miríade de exércitos, fugiram do campo aberto e buscaram refúgio entre os bosques e montanhas ou nas grandes cidades. Raimundo, sentindo sua própria fraqueza, buscou uma aliança com seu parente Dom Pedro, rei de Aragão, e o galante espanhol prometeu seu apoio; mas antes de se envolver na guerra, fez um apelo ao papa em favor de Raimundo.

Movido pelo apelo do rei e ficando com inveja do crescente poder de De Monforte, o papa, por um momento, pareceu disposto a alterar o rumo de sua política. Ele demonstrou seu descontentamento com os legados: "Eles", disse, "colocaram as mãos em territórios que nunca haviam sido poluídos com heresia". Portanto, ordenou a restituição das terras dos condes de Foix e Comminges e de Gastão de Beam, e também suspendeu suas indulgências aos cruzados. Mas toda essa aparência de justiça ou piedade provinha de um mero sentimento

[8]Que obrigava os vassalos a servirem por apenas quarenta dias.

de inveja da mente do papa. Ele logo revogou todas as suas próprias concessões. As cartas de seus legados e inquisidores chegaram absolutamente furiosas — "Arme-se, meu senhor papa, com o zelo de Fineias; aniquile Toulouse, essa Sodoma, essa Gomorra, com todos os desgraçados que nela há; que nem o tirano, o herege Raimundo, nem mesmo seu jovem filho, levantem suas cabeças, que já estão mais que meio esmagadas, então esmague-as até o final. A purificação de Languedoque não se completará até que a cidade de Toulouse seja arrasada e os cidadãos sejam cortados ao fio da espada. Se os Raimundos puderem erguer a cabeça, tomarão para si outros sete demônios piores que o primeiro. Que a sua sabedoria apostólica triunfe sobre esse mal; não retenha a sua mão desta obra santa e piedosa até que a serpente de nosso Moisés tenha engolido as serpentes desse Faraó; até que os jebuseus com todos os incircuncisos e impuros sejam dispersos, e seu povo se regozije na posse tranquila da terra da promessa."

A Batalha de Muret

O papa passava por dificuldades, e assim cedeu à necessidade. Ele sozinho tinha convocado o movimento; mas o poder de controlá-lo escapou de suas mãos. Seus agentes estavam apenas cumprindo suas instruções, e ele não tinha o direito de reclamar. Por necessidade, ele repreendeu severamente o **rei de Aragão**, o principal apoiador da causa católica na Espanha — acusou-o de falsas declarações, ameaçando-o com uma cruzada, e confirmando sua sentença de excomunhão contra Raimundo e seus aliados. De Monforte foi proclamado o servo ativo de Jesus Cristo e o invencível defensor da fé católica, e assim foi autorizado a manter suas conquistas. A paciência do longânimo rei de Aragão então se acabou, e, provocado pela insolência do clero, correu para a guerra. À frente de mil cavaleiros e um grande exército, ele cruzou os Pireneus e encontrou os cruzados na pequena cidade de Muret, a cerca de nove milhas de Toulouse. À frente dos guerreiros da cruz com mais sete bispos, apareceu Simão de Monforte, pronto para a guerra. "Seu exército", diz Greenwood, "embora menor em números, consistia na cavalaria pesada da França, ansiosa pela vitória sobre o exército de hereges, visando ganhar, com isso, honra imortal, ou pelo martírio serem levados à presença dos santos no paraíso." A batalha que se seguiu foi feroz, curta e decisiva. Dom Pedro II de Aragão, com muitos de seus nobres, foi contado com os mortos. O remanescente de seu exército, privado de

seu comando, dispersou-se, e toda a milícia bruta e mal armada de Raimundo e seus aliados ou foram mortos ao fio da espada ou afogados no rio Garona, até o último homem.

A causa dos albigenses, em consequência da grande **vitória de Muret**, tornara-se desesperada, e o destino daquela terra devota parecia ter sido decidida para sempre. Raimundo foi despojado de seus territórios; De Monforte foi reconhecido príncipe do feudo e da cidade de Toulouse, assim como dos outros condados conquistados pelos cruzados sob seu comando. Sobrepujado por seus infortúnios e pelas censuras da igreja, Raimundo não ofereceu oposição. Fouquet, o bispo do papa, tomou posse do palácio de seus ancestrais, e, com uma impudência cruel que é difícil de descrever em palavras, ordenou que o nobre conde e sua família se retirassem para a obscuridade. Tais eram, e ainda são, as ternas misericórdias do sacerdócio católico, até mesmo para com seu próprio rebanho, se tido por desobediente, pois o próprio Raimundo nunca foi acusado de heresia, mas sim de apenas abrigar hereges em seus domínios — ou, em outras palavras, de recusar massacrar a sangue frio seus súditos mais obedientes e leais: esse foi todo o seu crime aos olhos de Roma, e isso o céu certamente um dia julgará.

Os Conquistadores Brigam Entre Si

A conquista parecia estar completa, e os conquistadores começaram a dividir os espólios; mas Arnaldo e De Monforte brigaram pela **coroa ducal de Narbona**. Ambos reivindicavam o ducado. O legado (Arnaldo) tinha assumido o arcebispado de Narbona, e ele afirmava que os direitos de soberania secular estariam a isso vinculados, mas De Monforte, que tomou para si o título de Duque de Narbona, indignou-se que um padre pudesse reivindicar essa autoridade secular que ele declarava ser toda sua, como príncipe e soberano de toda aquela terra. A disputa ficou séria. Simão, chamando Arnaldo e todos os seus seguidores de hereges, invadiu e tomou posse da cidade pela força de seu exército; o legado, exercendo sua autoridade espiritual, excomungou o grande cruzado e colocou todas as igrejas da cidade sob interdito. O papa, considerando com inveja o poder formidável desses grandes rivais, e não sentindo ser conveniente interferir sozinho nesse conflito, convocou, em 1215 d.C., o quarto **Concílio de Latrão**, de modo a pôr fim à cruzada contra os albigenses, e, finalmente, dispor dos territórios conquistados.

Esse foi o concílio mais numeroso já realizado na Cristandade. Mas não devemos nos aventurar nem mesmo na mais superficial descrição de seus procedimentos. Vamos apenas observar o que diz respeito ao assunto que estamos tratando: "Raimundo e seu filho, acompanhados pelos condes de Foix e de Comminges, com muitos outros nobres de Languedoque, foram recebidos na presença do papa, que se sentava entre seus cardeais e outros prelados. Eles se ajoelharam perante ele: o jovem Raimundo apresentou cartas de seu tio, o rei da Inglaterra. O monarca inglês expressou sua indignação pela usurpação da herança de Raimundo por Simão de Monforte. O papa ficou comovido com a beleza e graciosidade do jovem príncipe, pensou em seus erros e derramou lágrimas." Esse jovem nobre da antiga casa ancestral de Toulouse, que estava ligado, seja pelo sangue ou pelo casamento, a todos os soberanos da Europa, e que nunca tinha sido acusado da mácula da heresia, tinha sido roubado e despojado pelos agentes do papa, e levado ao exílio. O filho foi seguido pelo pai e pelos outros condes, que reclamaram da injustiça do legado e de De Monforte, da pilhagem de sua terras e do massacre sem escrúpulos de seus súditos. As enormes crueldades de Fouquet foram relatadas por todas as testemunhas, que o denunciaram como sendo o destruidor de mais de dez mil dentre o rebanho confiado aos seus cuidados pastorais.

Algo parecido com pena parecia ter tocado, por um momento, o coração de Inocêncio ao ouvir os depoimentos de tantas nobres testemunhas, todos católicos professos. Muitos membros do concílio também foram tocados com remorso, e falaram a favor dos príncipes conquistados. Mas essa tendência a algo parecido com justiça da parte do concílio levou os partidários de Simão à mais veemente indignação. Eles asseguraram à "Sua Santidade" que, se o legado e De Monforte fossem obrigados a entregar os territórios e feudos que conquistaram, ninguém dali em diante jamais embarcaria novamente na causa da igreja, ninguém jamais se colocaria novamente em perigo em sua defesa. Ainda assim, o papa parecia disposto a ouvir as reclamações dos príncipes, e, levantando sua voz, disse: "Dou permissão a Raimundo de Toulouse e a seus herdeiros de recuperarem suas terras e seus feudos de todos os que os tomaram injustamente". Os prelados ficaram furiosos. O papa ficou consternado diante do poder que tinha criado, e pelo qual ele era agora obrigado a exercer a injustiça. De Monforte foi confirmado em todas as suas conquistas, com exceção do Condado Venaissino, que foi reservado para o jovem Raimundo se sua conduta satisfizesse o legado. Filipe Augusto, rei da França, concordando com a sentença, concedeu a Simão de Monforte a investidura dos condados de Toulouse, de Béziers e de

Carcassona, e do ducado de Narbona. Simão estava então no trono que ele tinha alcançado por meio da opressão, da tirania e do sangue. Ele foi proclamado soberano de Toulouse e general dos exércitos de Deus, o filho querido da igreja. O clero e o povo foram saudá-lo com a seguinte saudação blasfema: "Bendito aquele que vem em nome do Senhor". Mas o triunfo dos ímpios dura pouco; seu fim e sua recompensa eterna estavam próximos.

As Mentiras de Fouquet

O decreto do Concílio de Latrão, que proibia que se continuasse a pregação das cruzadas, privou De Monforte de novos suprimentos. Esse novo estado de coisas reviveu o espírito do jovem Raimundo, que resolveu formar um exército e fazer um esforço heroico para recuperar os domínios conquistados de seu pai. Ele logo estava à frente de uma grande força. A esperança de uma libertação das crueldades de Simão e de ganharem algo de suas soberanias hereditárias animou toda a população de Languedoque. De Monforte, então, tratava Toulouse como uma cidade conquistada, exigindo altos tributos e esforçando-se para adquiri-las das maneiras mais severas. Uma revolta geral dos cidadãos oprimidos era evidente, mas eles imprudentemente aceitaram a traiçoeira mediação de seu bispo, o perverso Fouquet. Ele lhes assegurou que nem um fio de cabelo de suas cabeças seria tocado se concordassem com os termos de De Monforte. Os cidadãos concordaram, e assim ele lhes jurou: "Eu juro por Deus, e pela santa Virgem, e pelo corpo do Redentor, por toda minha ordem, pelo abade e outros dignatários, que vos dou bom conselho, o melhor que eu já dei; se o conde de Monforte infligir sobre vós o mínimo dos males, trazei suas reclamações diante de mim, e Deus e eu vos faremos justiça". Que crueldade! Esse é o papado. Essas eram as ovelhas de seu próprio rebanho. Não estamos falando agora dos direitos ou dos erros da guerra, mas das falsas perfídias daquele que se declarava pastor das ovelhas.

O povo caiu então na armadilha de Satanás. Eles foram tratados como súditos revoltosos e punidos pelo próprio bispo com toda a sua crueldade implacável. O primeiro ato de De Monforte foi "a exigência de trinta mil marcos de prata, a demolição das muralhas e de todas as fortalezas da cidade, e a pilhagem dos habitantes até o último pedaço de pano e porção de comida". Assim eles tiveram que passar o inverno, mas a primavera seguinte trouxe alívio.

A Morte de De Monforte

Com a chegada do velho conde e de seu filho aos muros destruídos de Toulouse, com um grande exército, o medo deu lugar à alegria entusiasmada com que o povo acolheu os Raimundos de volta ao palácio e aos domínios de seus ancestrais. Muitos dos nobres do Languedoque levantaram tropas e também se dirigiram à cidade. Simão e seu filho, Guido, correram para o local, mas foram vergonhosamente rechaçados. O bispo de Toulouse e a esposa de Simão buscaram a ajuda da França. Uma nova cruzada foi pregada, mas De Monforte não conseguiu manter um exército por mais de quarenta dias, e um grande número se uniu aos Raimundos. O cerco durou nove meses e foi palco de muitos embates ferozes. Na primavera de 1218, De Monforte veio contra Toulouse com uma nova companhia de cem mil cruzados. "Você está prestes a conquistar a cidade", disse o espírito mentiroso, "para invadir as casas, das quais nenhuma alma, nem homem nem mulher, escapará viva; ninguém será poupado na igreja, nem no santuário, nem no hospital!"

Tais eram os conselhos de Roma, mas Deus já havia decretado o contrário. Estando ajoelhado durante uma missa, um grito anunciou que os sitiados haviam feito uma arremetida; levantando-se instantaneamente, Simão colocou-se à frente de seus veteranos e correu para o local do ataque, mas mal imaginava ele que seria pela última vez. Naquele momento, ele foi ferido por uma flecha atirada das muralhas da cidade. Isso evidentemente perturbou seu espírito, e ele tentou se retirar do local por alguns passos quando um pedaço de pedra, atirado de uma máquina, bateu em sua cabeça e a arrancou de seu corpo. Enquanto seu tronco sem vida jazia no chão, seus admiradores ousaram reprovar Deus por sua morte e acusar a justiça divina. Mas devemos ali deixá-los: Simão estava agora diante de Deus, ciente de sua condenação eterna.

O cerco foi retirado e o exército inimigo foi totalmente derrotado. O sino tocou, chamando os cidadãos para oferecerem ações de graças, o que fizeram com tumulto e exultação. Raimundo foi aclamado como seu soberano por direito e agora indiscutível; e novamente o estandarte da casa de St. Gilles ondulava por sobre o palácio e sobre as muralhas de Toulouse.

Os Reis da França e os Albigenses

Inocêncio III estava agora morto, e o trono papal foi ocupado por **Honório III**, que entrou com grande ardor na causa de De Monforte, e foi calorosamente apoiado pelos reis da França. A perspectiva de paz para os pobres albigenses sob o governo brando de Raimundo era algo intolerável para o novo pastor de Roma. Buscando agradar o papa enfurecido e sob o pretexto de cumprir seu voto e garantir seu bem-estar eterno, Luís VIII, filho de Filipe Augusto, conduziu uma cruzada já em 1219. Todas as atrocidades da época anterior foram renovadas — e até mesmo superadas, se é que isso era possível — sob a direção do clero. Mas pouparemos o leitor da descrição dessa mistura satânica de engano, hipocrisia, perfídia, baixeza e crueldade selvagem exibidas pelo clero sob a sanção do soberano.

O velho Raimundo morreu, deixando a defesa de seus domínios para o filho, que estava então no vigor de sua idade e esperanças. Milner diz que "ele morreu de doença, em estado de paz e prosperidade, após sua vitória sobre Simão — e que nenhum homem jamais foi tratado com maior injustiça pelo papado do que ele". Filipe Augusto também morreu, deixando sua coroa para Luís. O jovem De Monforte, no ano de 1224, desesperado pelo sucesso, finalmente desistiu de Languedoque, e Raimundo VII sentou-se no trono de seus antepassados, sem nenhum inimigo a temer, exceto o papa e seu soberano — seu pastor e seu suserano. Mas Raimundo tinha uma bela porção da França, e Luís não conseguia conter a impaciência de uni-la à sua coroa.

Jezabel novamente trama; ela convoca um concílio em **Burges** no ano de 1225, no qual Luís é intimado a expurgar a terra dos hereges e a arrecadar dinheiro para esse fim. Luís, de acordo, toma a cruz e, com a participação de seus barões e seus seguidores, o que somava um número de duzentos mil homens, avança mais uma vez para devastar os campos do Languedoque e exterminar todos os hereges conforme os decretos de Roma. Pobre e infeliz terra de Languedoque! Quando será que Roma, o dragão, o devorador dos santos de Deus, ficará saciada com sangue? — com o sangue de bebês, de crianças pequenas, de mães e donzelas, de pais e jovens desarmados e inofensivos! Um nome poderia ser dado às bestas que simbolizam os impérios caldeu, persa e grego, mas a quarta besta que simboliza o império romano, seja pagão ou papal, a esta não é dado um nome. "Depois disto eu continuei olhando nas visões da noite", diz Daniel, "e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés

o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele, e tinha dez chifres" (Daniel 7:7). Por uma questão de interpretação, a visão de Daniel se refere mais diretamente ao poder civil, mas o aspecto eclesiástico da besta como visto em Apocalipse é mais sedento de sangue do que o civil jamais foi.

Temos esse monstro sem nome agora diante de nós no rei da França, instado a medidas extremas pelo papa. Ao aproximarem-se os duzentos mil cruzados sob a bandeira de seu soberano, o coração do povo de Toulouse afundou dentro deles. Cidade após cidade cedeu, pois todos os antigos defensores haviam morrido. "Eles haviam sofrido tantas vezes todos os horrores da guerra em todas as suas formas mais assustadoras, que os barões, cavaleiros e comunas de Languedoque, por unanimidade, buscaram evitar, por meio de concessões oportunas, a continuidade dessas calamidades intoleráveis". Mas exatamente nesse momento em que tudo parecia perdido, a mão do Senhor se interpôs. Uma **peste** eclodiu no acampamento inimigo. O próprio Luís foi levado por ela, e trinta mil de seus soldados foram varridos pelo contágio. A ruína iminente dos habitantes e da casa de Raimundo foi adiada por mais um pouco de tempo.

Com a morte de Luís VIII, seu filho, que era apenas uma criança, sucedeu ao trono da França, e as rédeas do governo caíram nas mãos de sua mãe, **Branca de Castela**. Por suas ordens, o cerco a Toulouse foi renovado. As vantagens da guerra estavam todas a favor de Raimundo, mas a glória de suas vitórias, segundo um cronista, foi manchada pela crueldade com que tratava os vencidos que caíam em suas mãos. Esse novo cerco de Toulouse foi prolongado e difícil; os cruzados estavam perdendo a esperança; em sua perplexidade, Fouquet, o gênio do mal e o espírito mentiroso de Toulouse, sugeriu a única forma de se obter um ataque bem-sucedido. Por seu conselho, todas as videiras, o milho e as árvores frutíferas foram destruídas, todas as casas queimadas por quilômetros ao redor da cidade, até que o país se converteu em um deserto desolado; e assim a cidade de Toulouse ficou no meio de um deserto. É claro que, nessa situação, não era possível conseguir nenhum suprimento de qualquer espécie. Essa foi a obra do bispo do lugar — era sua diocese, eram as pessoas sobre as quais ele havia sido apontado como supervisor! O leitor pode julgar por si mesmo se ele participou mais do espírito do quarto animal de Daniel, ou daquele que diz a todo pastor: "Alimente minhas ovelhas... Alimente meus cordeiros." (João 21, KJV)

Quando esse novo frasco da ira papal foi derramado naquela terra devota, e

tudo o que era verde se secou, os habitantes da cidade ficaram tão desanimados, e o espírito de Raimundo, seu líder, tão completamente destruído, que ao fim de três meses a paz foi obtida sob as condições mais humilhantes. O **tratado de Paris**, que encerrou a guerra por um tempo, foi assinado no mês de abril de 1229. Os termos foram ditados pelo legado papal e aprovados pelo rei da França. Raimundo VII, cujos modos graciosos, juntamente com o senso de seus erros, arrancaram lágrimas de Inocêncio no grande Conselho de Latrão, agora inclina seu pescoço para um jugo estrangeiro e cede a um despotismo espiritual. Ele foi levado pelo legado à igreja em Paris e, assim como seu pai em St. Gilles, com ombros nus e pés descalços, passou pelo mesmo flagelo público e vergonhoso pelas mãos sacerdotais. De joelhos, na igreja de Notre Dame, ele abdicou solenemente toda a sua soberania feudal ao rei da França, e submeteu-se à penitência da igreja. O leitor se lembrará que o pai, em sua penitência, renunciou a sete castelos, mas aqui o filho renuncia a sete províncias. Assim foi ordenado por Aquele que governa sobre todos — e ordenado para a futura humilhação de Roma — que a paz de Languedoque redundasse tanto para a vantagem de Roma, assim como para o rápido crescimento da monarquia francesa. Filipe Augusto havia arrancado das mãos fracas de João as posses continentais da coroa inglesa, e agora os domínios do conde de Toulouse e do rei de Aragão, ao norte dos Pireneus, foram acrescentados à coroa francesa. "A posse da Normandia", diz James White, "já havia feito da França uma potência marítima; e agora, com a aquisição das regiões de Narbona e Maguelone de Raimundo VII, ela não apenas estendeu seus limites ao Mediterrâneo, mas, pela extinção de dois vassalos como o conde de Toulouse e o duque da Normandia, fortaleceu de forma incalculável a coroa real."[9]

Reflexões Sobre as Calamidades de Languedoque

Para toda mente atenciosa, para todo homem de fé, especialmente para aqueles que estudam a história do ponto de vista das Escrituras, as guerras em Languedoque são muito sugestivas. Elas são as primeiras já registradas desse tipo. Foi Inocêncio III o precursor novo tipo de guerra. Houve muitos casos de indivíduos sendo sacrificados por causa do sacerdócio católico, tal como Arnaldo de

[9]Para detalhes mais completos, tanto do lado papal quanto do lado albigense dessa sangrenta guerra, ver: Du Pin, século XIII; Palestras de Sir J. Stephen, vol. 1, pp. 214–242; Milman, vol. 4, pp. 167–238; J. White. pp. 282–289; J. C. Robertson, vol. 3, pp. 340–433; Milner, vol. 3, pp. 92–155; Faiths of the World, de Gardner, "Albigenses".

Bréscia, mas essa foi a primeira experiência em grande escala que a Igreja fez para manter sua supremacia pela força das armas. Observe que não foi o exército da Igreja saindo em santo zelo contra o pagão, o muçulmano ou o negador de Cristo, mas **a própria Igreja em armas** contra os verdadeiros seguidores de Cristo, contra aqueles que reconheciam Sua divindade e a autoridade da Palavra de Deus.

Podemos encher as páginas com citações de seus piores inimigos quanto à firmeza da fé deles, à pureza de sua moral e à simplicidade de suas maneiras. Daremos apenas dois ou três exemplos vindos das mais altas autoridades da igreja de Roma. "Eles negavam", diz Barônio, "a utilidade do batismo infantil; que o pão e o vinho se tornavam corpo e sangue do Senhor pela consagração de um padre; que ministros infiéis tinham direito ao exercício do poder eclesiástico ou a dízimos ou primícias; que a confissão auricular era necessária. Todas essas coisas os miseráveis afirmavam que aprenderam com os Evangelhos e com as Epístolas, e que nada receberiam que não fosse o que encontravam expressamente contido nelas, rejeitando assim a interpretação dos doutores, embora eles mesmos fossem perfeitamente iletrados". Reinerius, o inquisidor e perseguidor dos albigenses, diz: "Eles eram os inimigos mais formidáveis da igreja de Roma, porque possuem uma grande aparência de piedade, porque vivem retamente diante dos homens, creem corretamente em Deus em todas as coisas, e mantêm todos os artigos do credo; no entanto, eles odeiam e ofendem a igreja de Roma e o clero, e em suas acusações são facilmente cridos pelo povo". São Bernardo, que os conhecia intimamente, tendo vivido entre eles, mas que considerava seu dever opor-se a eles como sendo inimigos do papa, admite francamente: "Se você lhes pergunta sobre sua fé, nada pode ser mais cristão do que a resposta deles; se você observa a sua conversa, nada pode ser mais irrepreensível, e o que eles falam, tornam em bem por suas ações. Você pode ver um homem, pelo testemunho de sua fé, frequentar a igreja, honrar os anciãos, oferecer seus dons, fazer sua confissão, receber o sacramento. O que pode ser mais parecido com um cristão do que isso? Quanto à vida e às maneiras, ele não tenta enganar ninguém, não tenta levar a melhor sobre ninguém, não faz violência a ninguém. Ele jejua muito e não come o pão da ociosidade, mas trabalha com as mãos para o seu próprio sustento".[10]

Tal era, portanto, o caráter espiritual, moral e social dos albigenses, como evidenciado por seus próprios inimigos. Eles eram verdadeiras testemunhas de

[10]Veja Milner e Gardner, conforme citados na seção anterior.

Cristo, evidentemente formadas pela graça de Deus para mostrar Seu louvor no mundo. E, se tivéssemos tantos escritos deles quanto têm os reformadores do século XVI, poderíamos talvez descobrir que eles eram mais simples em certos pontos de doutrina do que esses. Mas, segundo a mente do Senhor, outros trezentos anos foram necessários para amadurecer a Europa para a Reforma; durante esse tempo, as artes da impressão e da fabricação de papel foram descobertas.

Qual então, pode-se perguntar, foi o crime dos albigenses? O cerne da ofensa deles era simplesmente este: negavam a supremacia do papa, a autoridade do sacerdócio e os sete sacramentos, conforme ensinado pela igreja de Roma; e, aos seus olhos, não havia criminosos maiores na face de toda a terra; portanto, o extermínio absoluto deles era seu único decreto imutável. Aqueles que escapavam da espada do cruzado tinham de ser apanhados nas **armadilhas do inquisidor**.

"Em centenas de aldeias", diz o historiador, "todos os habitantes foram massacrados. Desde o saque de Roma pelos vândalos, o mundo europeu nunca lamentou um desastre nacional tão amplo em sua extensão ou tão terrível em seu caráter." Que registro! Que testemunha! E se tais são os registros da terra, quais não serão no céu! Oh, Roma! Roma! Embriagada com o sangue dos santos de Deus e coberta com as execrações de milhões, qual será o teu futuro? Como suportarás as acusações daqueles a quem enganaste com tuas mentiras e a quem fizeste perecer com tua espada? Será que alguém ousará pensar que estamos exagerando? Ouçam o discurso de um dos bispos aos cruzados antes da batalha de Muret: "Todo aquele que confessou seus pecados a um padre, ou tem a intenção de fazê-lo após a batalha, ao morrer obterá a vida eterna e escapará da passagem pelo purgatório. Eu serei vossa garantia no dia do julgamento. Parti, em nome de Cristo." Não era essa uma mentira enganadora de almas? Jezabel, porém, ouvirá sobre isso novamente um dia. "Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela. Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado, e retribuí-lhe em dobro conforme as suas obras; no cálice em que vos deu de beber, dai-lhe a ela em dobro... Portanto, num dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga... E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra." (Apocalipse 18:5–24)

Mas Roma, sem saber, traiu seu próprio objetivo. Apesar da terra de Languedoque ter ficado desolada, os albigenses que escaparam da espada fugiram

para outros países. Pela graça e boa providência de Deus, eles pregaram o evangelho em quase todas as partes da Cristandade e testemunharam contra as crueldades, as superstições e as falsidades da igreja de Roma. A partir dessa época, começa a perder a confiança e a reverência da humanidade. Assim o Senhor preparou o caminho para Wycliffe e Huss, Melancthon e Lutero.

Capítulo 26

A Ordem Monástica (480–1275 d.C.)

A Inquisição Estabelecida em Languedoque

Pelo tratado de Paris, em 1229 d.C., a guerra aberta contra o povo de Languedoque chegou ao fim, mas a **Inquisição** continuou sua cruzada secreta e nem um pouco menos destrutiva. Não bastava que a traição de Arnaldo e a espada de Monforte exterminassem esses hereges; medidas tinham de ser tomadas para evitar que eles reaparecessem novamente. Domingos e seus associados, embora não os tenhamos visto no cerco ou na batalha, estavam fazendo seu terrível trabalho às escondidas. Mas chegara o tempo em que a Inquisição seria canonizada. Em um Concílio realizado em Toulouse em novembro de 1229, foi ordenado que uma Inquisição permanente fosse estabelecida contra os hereges. Um dos cânones revela indiretamente a raiz dessa ira de Satanás, demonstrando a grande honra do nome dos albigenses e lançando uma profunda mancha de culpa sobre o nome de seus perseguidores. Foi descoberto, pelos missionários inquisitoriais, que a Bíblia era a principal fonte das opiniões dos albigenses; portanto, para impedir que o povo a lesse, o Concílio aprovou o seguinte decreto: "Proibimos os livros do Antigo e do Novo Testamento aos leigos; a menos que, talvez, eles desejem ter o Saltério, o Breviário ou as Horas da bem-aventurada Virgem Maria; mas proibimos expressamente que as outras partes da Bíblia sejam traduzidas para a língua vulgar". As escrituras já haviam sido escondidas dos leigos muito tempo antes, mas esta é a primeira proibição direta com a qual nos deparamos.

A interpretação papal desse cânone, ou justificativa de sua severidade, dará ao leitor uma justa amostra de como o clero citava e aplicava as escrituras na-

queles dias. "Se até um animal tocar o monte será apedrejado ou passado com um dardo" (Hebreus 12:20). Essa passagem era ensinada como se as pessoas fossem como animais por causa de sua ignorância, a palavra de Deus fosse como uma montanha e, se ousassem tocá-la, seriam mortas instantaneamente. Inocêncio era familiarizado com as Escrituras e as utilizou amplamente, seguindo esse estilo em suas cartas e decretos; mas as palavras divinas, apesar de mal aplicadas, tinham um imenso poder sobre a mente ignorante. Um dos grandes objetivos da Inquisição era manter as pessoas em total escuridão quanto à mente divina sobre assuntos espirituais, para que o poder do clero — ou melhor, o poder de Satanás, o príncipe das trevas — pudesse permanecer inquestionável e absoluto. Não somente todo o ensino público das Escrituras foi suprimido pelo Concílio de Toulouse, como também a liberdade de pensamento em segredo era condenada sob as mais severas penalidades. Seria difícil conceber uma impiedade tão ousada: reter a palavra da vida, fazer o povo perecer e tornar a posse dela um crime capital. Isso é certamente o auge da inimizade diabólica contra Cristo e contra as almas preciosas das pessoas. E esses eram os professos pastores das ovelhas, que juraram liderá-las pelos pastos verdejantes e pelas águas tranquilas. Mas não devemos permanecer no assunto com o intuito de alimentar nossa indignação, embora seja difícil continuar sem expressar tal indignação que se eleva no coração contra esse tipo de iniquidade espiritual. Mas, sabendo que a justa sentença deles está com o Deus vivo, podemos reter a nossa.

Os Estatutos do Concílio de Toulouse

As seguintes observações sobre os estatutos contra a heresia darão ao leitor uma ideia das implacáveis crueldades dos católicos e do estado oprimido do fraco **remanescente em Languedoque**. "Os arcebispos, bispos e abades deveriam nomear, em cada paróquia, um padre e três ou quatro inquisidores leigos, para que vasculhassem todas as casas e edifícios a fim de detectarem hereges e denunciá-los ao arcebispo ou bispo e ao senhor da terra, de modo a garantir a apreensão deles. Os senhores deveriam fazer a mesma inquisição em todas as partes de seus domínios. Qualquer que fosse condenado por abrigar um herege deveria entregar a terra ao seu senhor e era então reduzido à escravidão. Todas as casas em que um herege fosse encontrado era destruída, a fazenda era confiscada, e o feitor que não se mostrasse ativo na detecção de hereges perderia seu

cargo e seria incapaz de mantê-lo no futuro. Os hereges que renegavam sua fé deveriam ser removidos de suas casas e assentados nas cidades católicas para usarem duas cruzes de uma cor diferente de suas vestimentas, uma à direita e outra à esquerda. Os que renegavam ao medo da morte deveriam ser presos por toda a vida. Todas as pessoas, homens com idade acima de quatorze anos e mulheres acima de doze, deviam prestar um juramento de abjuração da heresia e de afirmação de sua fé católica; se ausentes e não comparecessem em quinze dias, eram tidos como suspeitos de heresia."

Os extratos acima são de um código de perseguição católico e são suficientes para mostrar ao leitor qual era o espírito do papado naqueles dias, e qual seria hoje se tivesse o mesmo poder. E essas leis eram consideradas, pelo legado, como sendo não estritas o bastante, o que o fez convocar um Concílio em Melun, onde novos estatutos foram promulgados com mais rigor e eficiência. Mas como os hereges só podiam ser julgados por um bispo ou um eclesiástico, e o trabalho se tornava trabalhoso demais devido ao número de apreensões, o papa Gregório IX, no ano de 1233, atribuiu essa formidável jurisdição às mãos dos dominicanos, e assim a Inquisição foi erigida como uma instituição distinta. Tendo tratado bastante sobre a Inquisição quanto à sua origem, pode ser interessante olhar, por um momento, para a expansão gradual da ideia inquisitorial na igreja desde o seu início.

A História da Inquisição

Antes do reinado de Constantino, ou da união da Igreja com o Estado, as heresias e as ofensas espirituais eram punidas apenas por meio de excomunhões; mas pouco tempo depois de sua morte, foram acrescentadas as penas de morte (também chamadas de "pena capital'). Geralmente considera-se que **Teodósio** tenha sido o primeiro dos imperadores romanos a declarar a heresia como um crime capital. Mas os inquisidores da época não pertenciam à ordem clerical: eram leigos nomeados pelos prefeitos romanos. Prisciliano, o herege espanhol, foi condenado à morte por volta do ano 385. Justiniano, em 529, promulgou leis penais contra os hereges, e, com o passar dos séculos, os procedimentos contra eles foram marcados por uma severidade crescente. Não foi, no entanto, como acabamos de ver, até o século XIII que o tribunal da Inquisição foi estabelecido pela lei canônica. Tornou-se, então, um tribunal criminal, encarregado da detecção, prossecução e punição de heresias, apostasias e outros crimes contra a fé

estabelecida. Seja Domingos ou Inocêncio quem tenha recebido o crédito pela invenção da Inquisição, evidentemente ela teve sua origem na guerra albigense. O legado papal descobriu que o massacre aberto de hereges jamais alcançaria o completo extermínio deles. Essa dificuldade levou à criação de uma nova fraternidade, chamada de ordem da Santa Fé, cujos membros eram obrigados, por juramentos solenes, a empregar tudo o que podiam para a repressão do livre estudo e investigação em questões de religião, para manter a unidade da fé, para a destruição de todos os hereges e para a extirpação de toda heresia dos lares, dos corações e das almas dos homens. Mas foi reservado a Gregório IX, no Concílio de Toulouse, fixar o **estabelecimento da Inquisição** na forma de um tribunal e, ao mesmo tempo, dar-lhe leis positivas.

Esse terrível tribunal foi gradualmente introduzido nos estados italianos, na França, na Espanha e em outros países; mas nunca foi permitido que fosse introduzido, mesmo que à força, nas ilhas britânicas. Na França e na Itália, foram necessários esforços árduos e perseverantes para organizá-lo e estabelecê-lo; a Alemanha resistiu com sucesso a uma Inquisição permanente; na Espanha, no entanto, embora tenha enfrentado alguma oposição a princípio, rapidamente ganhou terreno e, com o tempo, alcançou uma magnitude que, por várias causas, ultrapassou a de qualquer outro país.

Gradualmente, a autoridade dos inquisidores foi ampliada, e eles foram chamados a pronunciar julgamento, não apenas contra palavras e ações, mas também contra os pensamentos e intenções do acusado. Durante o século XIV, seu progresso foi constante, à medida que aumentava continuamente seu rigor e energia. Mas não foi até o final do século XV, quando Isabel, esposa de Fernando II de Aragão, subiu ao trono de Castela, e quando os diferentes reinos da Espanha — Castela, Navarra, Aragão e Portugal — se uniram sob esses soberanos, que a Inquisição se espalhou por todo o país e assumiu a forma que manteve até o período de sua dissolução em 1808.[1]

Os Procedimentos Internos da Inquisição

Sob a chefia do papado, como todos sabemos agora, os atos mais sombrios, as mais irresponsáveis tiranias e crueldades desumanas que já enegreceram os anais da humanidade puderam ser escritas. Mas longos detalhes, por mais do-

[1]Ver Encyclopedia Britannica, "Inquisition", vol. 12, p. 283. *História da Inquisição*, de Llorente. *Faiths of the World*, de Gardner. Milman, vol. 5, p. 16.

lorosamente interessantes, ficariam fora do escopo deste livro. Portanto, nos contentaremos com algumas breves declarações e extratos. Nenhum tribunal — podemos seguramente afirmar — tão alheio à justiça, humanidade e a qualquer relacionamento sagrado da vida jamais existiu nem mesmo nos domínios do paganismo ou islamismo.

Quando uma pessoa era **levemente suspeita** de heresia, os espiões, chamados Familiares da Inquisição, eram empregados para vigiá-la com o objetivo de descobrir a menor acusação possível que permitisse entregá-la ao tribunal do Santo Ofício. O homem podia até ser um bom católico, pois Llorente nos garante que nove décimos dos prisioneiros eram fiéis à fé católica, mas que, talvez, fossem suspeitos de manter opiniões liberais, ou por talvez terem demonstrado em suas conversas que conheciam mais de teologia do que os monges iletrados, ou porque discordavam deles em algum ponto da doutrina. Qualquer uma dessas coisas seria suficiente para criar suspeitas, pois nada era mais temido do que uma nova luz ou verdade; tal pessoa era então marcada e denunciada pelos Familiares.

À meia-noite, ouve-se uma batida, e o suspeito é ordenado a acompanhar os mensageiros do Santo Ofício. Sua esposa e família sabem o que isso significa; a angústia deles é grande; eles devem agora se despedir do amado marido e do amado pai. Nem uma palavra de súplica ou remorso se atreve a respirar. Assim, repentina e inesperadamente, essa instituição assustadora atacava suas vítimas. As esposas deixavam seus maridos; os maridos, as mulheres; os pais, os filhos; e os mestres, seus servos, sem uma pergunta ou murmúrio sequer. O terror constituía o grande elemento de seu poder. Ninguém, do monarca ao escravo, sabia quando a batida poderia chegar à sua porta. Um sigilo impenetrável caracterizava todos os procedimentos dessa instituição. Esse sentimento de insegurança e as maquinações da imaginação ajudaram a exagerar a terrível realidade. Nem a classe, nem a idade, nem o sexo ofereceriam qualquer defesa contra sua vigilância incessante e sua severidade impiedosa.

O prisioneiro, a vítima indefesa, está agora dentro dos portões da Inquisição; e poucos que já entraram de lá saíram absolvido e quites; diz-se que não mais do que um em mil. Certas formalidades eram tomadas com o objetivo de questionar a suposta culpa do acusado, mas todas não passavam de uma grosseira zombaria à justiça. “O tribunal se sentava em profundo segredo, nenhum advogado podia comparecer perante o tribunal, nenhuma testemunha era confrontada com o acusado; ninguém sabia quem eram os informantes, quais eram

as acusações, a não ser a vaga acusação de heresia. O suspeito herege era convocado, pela primeira vez, para declarar sob juramento que falaria a verdade, toda a verdade, sobre todas as pessoas vivas ou mortas e sobre ele próprio, sob suspeita de heresia ou valdensianismo. Se recusasse, seria lançado em uma masmorra, a mais sombria, a mais suja, a mais barulhenta, naqueles tempos sombrios. Nenhuma falsidade era tão falsa, nenhuma artimanha tão astuta, nenhum truque tão baixo, do que essa tortura moral deliberada e sistemática que era torcer da pessoa mais confissões contra ela própria e denúncias contra os outros. Era o objetivo deliberado dos inquisidores esmagar o espírito das pessoas; a comida dada ao prisioneiro era diminuída lenta e gradualmente até que o corpo e a alma se prostrassem. Ele era então deixado na escuridão, na solidão e no silêncio." A próxima parte do procedimento do Santo Ofício nessas prisões secretas era a aplicação de tortura corporal. A vítima indefesa era acusada de ocultar e negar a verdade. Em vão a pessoa afirmava que havia respondido a todas as perguntas de maneira plena e honesta, na extensão máxima de seu conhecimento; ela era instada a confessar se alguma vez tinha tido algum pensamento maligno em seu coração contra a Igreja, ou contra o Santo Ofício, ou contra qualquer outra coisa que escolhessem nomear. Não importava a resposta que desse, a pessoa era denunciada como um herege obstinado. Após algumas expressões hipócritas quanto ao amor pela alma da pessoa e quanto ao sincero desejo deles de libertá-la do erro, para que a pessoa pudesse obter a salvação, um vasto aparato de instrumentos de tortura lhe era mostrado; a tortura agora deveria ser aplicada para fazer a pessoa confessar seu pecado.

A Aplicação da Tortura

Não fosse a verdade e o relato de uma história imparcial exigirem que a verdadeira natureza do papado fosse exposta, preferiríamos não descrever, mesmo que de maneira breve, aquelas cenas de tortura; mas poucos de nossos jovens leitores, nestes tempos pacíficos em que vivemos, têm alguma ideia do caráter cruel do papado e de sua sede pelo sangue dos santos de Deus. E essa natureza — que isso seja lembrado — não mudou em nada. **No final da década de 1820**, a pouco tempo atrás[2], quando a Inquisição foi derrubada em Madri pelas ordens das Cortes, foram encontrados vinte e um prisioneiros: nenhum deles sabia o nome da cidade em que estavam; alguns já estavam confinados por três anos,

[2]N. do T.: este livro foi escrito no século XIX.

outros por um período mais longo, e ninguém sabia exatamente a natureza do crime pelo qual foram acusados. Uma dessas pessoas seria executada no dia seguinte pelo pêndulo. Esse método de tortura é descrito da seguinte maneira: "O condenado era preso deitado de costas encima de uma mesa, e acima dele, ficava suspenso um pêndulo cujo gume afiado se aproximava mais e mais a cada momento; com o tempo, ele cortava a pele de seu rosto, e gradualmente cortava toda a cabeça, até que a vida se extinguisse." Essa era a punição do Tribunal Secreto em 1820, e pode ser que ainda aconteça hoje em alguns lugares na Espanha e na Itália.

As penitências e punições a que o acusado era submetido, a fim de que os inquisidores obtivessem a confissão que desejavam, eram muitas e variadas; o cavalete (ou potro)[3] era geralmente o primeiro a ser aplicado. Os braços nus eram presos por um pequeno cordão rígido e torcidos para trás das costas, pesos pesados eram amarrados aos pés, e então o torturado era puxado para cima através de uma corda que passava por uma polia. Tendo sido mantido suspenso por algum tempo, a vítima era solta abruptamente até alcançar uma distância próxima ao chão; isso era feito várias vezes, de modo que as articulações dos braços se deslocavam enquanto o cordão, pelo qual a pessoa estava suspensa, cortava a pele e a carne e penetrava até os ossos; e, por meio dos pesos anexados aos pés, toda a sua estrutura óssea era esticada violentamente. Essa espécie de tortura continuava por uma hora e algumas vezes até mais tempo, dependendo do prazer com que os inquisidores presentes o faziam e da força com a qual o sofredor parecia capaz de suportar. A tortura pelo fogo era igualmente dolorosa. Estendido o prisioneiro no chão, as solas dos pés eram esfregadas com banha de porco e colocadas perto do fogo, até que, contorcendo-se em agonia, fosse compelido a confessar o que seus torturadores exigiam. Em um segundo momento, os juízes condenavam suas vítimas à mesma tortura, para fazê-las confessar os motivos e as intenções do coração que os levaram ao crime já confessado; e em uma terceira vez, para que revelassem os nomes de seus cúmplices ou parceiros.

Quando as crueldades não conseguiam forçar uma confissão, eram utilizados artifícios e armadilhas. Pessoas eram enviadas para as masmorras, fingindo ser prisioneiros como eles, que começavam a falar contra a Inquisição, mas apenas com o objetivo de enganar os demais para que testemunhassem contra eles. Quando o acusado era condenado, por testemunhas ou por sua própria confissão forçada, era condenado de acordo com a hediondez de sua ofensa. Poderia

[3]Veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Cavalete_(instrumento_de_tortura)

ser a morte, a prisão perpétua, as galés[4] ou o açoitamento. Aqueles que eram condenados à morte pelo fogo eram mantidos presos até que se acumulassem, de modo que o sacrifício de um grande número ao mesmo tempo pudesse produzir um efeito mais impressionante e terrível.

O Auto da Fé

A morte cruel pela qual a Inquisição encerrava a carreira de suas vítimas foi denominada na Espanha e em Portugal como AUTO DA FÉ, ou **"Ato de Fé"**, sendo considerada uma cerimônia religiosa de solenidade peculiar; e para investir o ato com maior santidade, o ato cruel era sempre realizado no dia do Senhor. As vítimas inocentes dessa barbárie papal eram levadas em procissão ao local da execução. Eles eram vestidos da maneira mais pitoresca. Nas capas e túnicas de alguns eram pintadas as chamas do inferno, com dragões e demônios os abanando para mantê-los vivos para os hereges; e os jesuítas trovejavam em seus ouvidos que os fogos por meio dos quais morreriam não eram nada comparados aos fogos do inferno que eles teriam que suportar para sempre. Se algum corajoso coração tentasse dizer uma palavra para o Senhor, ou em defesa da verdade pela qual estava prestes a sofrer, sua boca era imediatamente amordaçada. Os condenados eram então acorrentados. Qualquer pessoa que confessasse ser um verdadeiro católico e desejasse morrer na fé católica tinha o privilégio de ser estrangulado antes de ser queimado; mas aqueles que se recusavam a reivindicar tal privilégio eram queimados vivos e reduzidos a cinzas.

Uma quantidade de mato, às vezes verde, e pedaços de madeira eram colocados ao redor das estacas e incendiados. Seus sofrimentos eram indescritíveis. Às vezes, as extremidades mais baixas do corpo eram realmente assadas antes que as chamas chegassem às partes vitais. E esse espetáculo terrível era contemplado por multidões de pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, com festejos de alegria, tal era a imoralidade na qual caíam as pessoas por causa do romanismo/catolicismo. Por mais de quatro séculos, o Auto da Fé foi um feriado nacional na Espanha, quando seus reis e rainhas, príncipes e princesas testemunhavam na pompa da realeza.

De acordo com os cálculos de Llorente, compilados a partir dos registros da Inquisição, parece que entre 1481 e 1808 esse tribunal condenou, somente na

[4]Sobre a pena das galés: `https://pt.wikipedia.org/wiki/Gal%C3%A9s_(pena)`

Espanha, mais de trezentos e quarenta mil pessoas. E, se a esse número fossem somados todos os que sofreram em outros países que então estavam sob o domínio da Espanha, qual seria o número total? **Torquemada**, ao ser nomeado inquisidor-geral de Aragão em 1483, queimou vivos, para sinalizar sua promoção ao Santo Ofício, nada menos que dois mil dos prisioneiros da Inquisição. Soberanos, príncipes, damas da realeza, magistrados eruditos, prelados e ministros de Estado foram ousadamente e sem medo acusados e julgados pelo Santo Ofício. Mas o Senhor conhece todos eles — conhece os que sofrem, conhece os perseguidores, sabe como recompensar um e como julgar o outro. Os atos sombrios dessas masmorras secretas, o triste lamento dos sofredores desamparados, as zombarias cruéis dos dominicanos sem escrúpulos, deverão ser todos revelados diante daquele trono de justiça inflexível e de esmagadora pureza. O papa e seu colégio de cardeais, o abade e sua fraternidade de monges, o inquisidor-geral e seus carcereiros, torturadores e carrascos, todos deverão aparecer diante do "grande trono branco" — o trono de juízo de Cristo. Ali deixamos esses homens perversos, agradecidos por não termos de julgá-los e perfeitamente satisfeitos com as decisões do Senhor. Não fará o Juiz de toda a terra o que é certo?

Aquele que repreendeu Seus discípulos por alimentar o pensamento de incendiar os samaritanos os julgará por Seu próprio padrão. Ele então deixou registrado o que deveria ter sido um guia para o Seu povo em todas as épocas. Ele repreendeu os discípulos e disse: **"Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las"** (Lucas 9:55–56).

Pode ser necessário apenas afirmar aqui que não consideramos que todos os que sofreram pela Inquisição eram mártires, ou mesmo cristãos. Os crimes de que os inquisidores tomavam conhecimento eram heresias em todas as suas diferentes formas, tais como o judaísmo, o islamismo, a feitiçaria, a poligamia e a apostasia, e não temos o privilégio de conhecer o testemunho final desses sofredores. Era algo bem diferente dos mártires sob os imperadores pagãos. Ao mesmo tempo, é impossível não ser fortemente movido pelo horror e pela compaixão ao lermos as histórias desse período sombrio e diabólico.

O leitor tem agora diante de si o começo e o caráter geral da Inquisição; veremos casos individuais de sua crueldade no decorrer do relato histórico que temos diante de nós. A seguir, para tomarmos nota, ainda que brevemente, trataremos das novas ordens de monges que surgiram da mesma memorável

guerra albigense.

Monges Antigos e Modernos

A origem e a história inicial do monasticismo foram cuidadosamente traçadas no Capítulo 12 deste livro; mas, como seu caráter muda completamente no século XIII, será fácil esboçar seu progresso desde os primeiros tempos, e assim, ver mais claramente o contraste. Esse plano também nos dará a oportunidade de olhar a condição interna da igreja de Roma antes que a luz da Reforma penetre e revele suas terríveis trevas.

No final do século III, mas especialmente durante o quarto, os desertos da Síria e do Egito tornaram-se morada de monges e eremitas. Os lugares mais privados e pouco frequentados no vasto deserto foram selecionados pelos primeiros reclusos. Os relatos da santidade deles, de seus milagres e devoção se tornaram a principal literatura da igreja. A infecção se espalhou. Homens ansiosos por se destacar na santidade ou obter a reputação de uma piedade peculiar abraçaram a ordem monástica. A prática prevaleceu tão rapidamente que, antes do início do século VI, estendia-se em igual proporção à própria Cristandade. Havia três classes desses monges antigos. 1. Solitários — aqueles que moravam sozinhos em lugares distantes de todas as cidades e habitações dos eremitas dos homens. 2. Coenobitas — aqueles que viviam em comum com os outros na mesma casa para fins religiosos e sob os mesmos superiores. 3. Sarabaítas — descritos como monges irregulares que peregrinavam, que não tinham regra ou residência fixos. Estes podem ser considerados dissidentes dos Coenobitas, que viviam dentro de seus próprios portões. O muro que os confinava, em alguns casos, também encerrava seus poços e jardins, e tudo o que era necessário para o sustento deles, de modo a não deixar nenhum pretexto nem mesmo para uma relação ocasional com o mundo que eles haviam abandonado para sempre.

Aqueles a quem chamamos de monges hoje em dia são os coenobitas, que vivem juntos em um convento ou mosteiro, fazem votos de viver de acordo com uma certa regra estabelecida pelo fundador e vestem um hábito que marca a distinção de sua ordem.

As revoluções do Ocidente, no século V, mostraram-se favoráveis ao monasticismo. Os bárbaros ficaram impressionados com os números, peculiaridades e professada santidade dos monges. Suas residências, portanto, não foram per-

turbadas e tornaram-se um refúgio tranquilo dos problemas da época. A superstição lhes dava honra; a riqueza começava a fluir, mas com ela degeneração e corrupção. Já havia espaço para um reformador, e a pessoa que apareceria nesse caráter era o famoso São Bento.

São Bento

Uma vez que quase todas as instituições monásticas em toda a Europa, por mais de seiscentos anos, foram regulamentadas pela Regra de São Bento, basta apenas darmos algum relato sobre essa célebre ordem para conhecermos a constituição e o caráter de todas elas. E, como o nome delas é legião, pouparemos o leitor de demasiada repetição.

Esse homem notável era filho de um senador romano nascido em Núrsia, na Itália, tendo nascido em 480 d.C. Aos 12 anos, foi enviado para estudar em Roma. Ele provavelmente tinha ouvido e lido sobre a vida dos santos anacoretas e eremitas do Oriente. Com esses exemplos diante de sua mente e as irregularidades de seus colegas estudantes ao seu redor, ele ansiava pela solidão. Por volta dos quinze anos de idade, incapaz de suportar por mais tempo o estado corrupto da sociedade romana, ele se separou até mesmo de sua fiel babá, Cirila, que havia sido enviada com ele a Roma por seus pais, e a deixou lamentando sua perturbação mental. Os ferozes hunos e vândalos haviam transformado até o coração da Itália em um deserto, de modo que o jovem eremita encontrou um local isolado não muito longe de Roma. Por anos ele viveu em uma caverna solitária; a única pessoa que conhecia o segredo de seu retiro era um monge chamado Romano, que lhe fornecia pão da economia de uma parte de sua própria mesada diária. Mas, como uma rocha íngreme ficava entre o claustro de Romano e a gruta de Bento, o pão era descido por um barbante até a boca da caverna. Com o tempo, ele foi descoberto por alguns pastores, que ficaram encantados ao ouvir suas instruções e testemunhar seus milagres. À medida que a fama de sua piedade aumentava, ele foi persuadido a se tornar abade de um mosteiro das redondezas; mas a rigidez de sua disciplina desagradou seus internos, e eles concordaram em se livrar do severo recluso misturando veneno em seu vinho. Mas, ao fazer o sinal-da-cruz, o que geralmente fazia com sua comida e bebida, o copo se despedaçou; então ele repreendeu suavemente os monges e voltou para sua caverna na montanha.

Bento tornara-se então de maior interesse do que nunca. Sua fama se espa-

lhou, grandes multidões se lhe aglomeravam, homens ricos e influentes se lhe juntaram, e grandes somas de dinheiro foram colocadas à sua disposição. Ele estava então em condições de construir doze mosteiros, cada um deles consistindo de doze monges, sob um superior. Tendo conseguido até então cumprir o objetivo de sua residência no distrito, e inquieto com a invejosa interferência de Florêncio, um padre vizinho, deixou o vilarejo de Subiaco com alguns seguidores no ano de 528. Após algumas andanças, chegou ao Monte Cassino, onde Apolo ainda era adorado pelos rústicos. Com grande habilidade e energia ele desenraizou os restos da idolatria pagã entre os camponeses. Ele cortou o bosque sagrado, destruiu o ídolo de Apolo que havia ali, e no local do altar foi erguido um oratório, que ele dedicou a São João Evangelista e a São Martinho. Essa foi a semente do grande e renomado mosteiro que se tornou a raiz mãe de inúmeros ramos que em pouco tempo cobriram a face da Europa. Aqui, Bento redigiu sua famosa Regra, por volta do ano 529. Ela consiste em setenta e três capítulos que contêm um código de leis que regulamenta os deveres dos monges entre si e entre o abade e seus monges. Ele provê regras para a administração de uma instituição, composta de toda variedade de caráter, engajada em toda variedade de ocupação, mas tudo estando perfeitamente sujeito a um governante absoluto. A abrangência de seu sistema é surpreendente por ser o resultado de uma única mente e sem exemplos ou precedentes. A Regra de São Bento é considerada pelos eruditos como o monumento mais célebre da antiguidade eclesiástica e foi, em suas operações, a própria força e palavra de ordem da dominação de Roma sobre o continente europeu.

A Regra de São Bento

A sabedoria deste grande monge como legislador, e a superioridade de sua disciplina sobre tudo o que existia anteriormente, encontram-se principalmente no lugar que ele dá ao **trabalho manual**. Essa era a característica distintiva da nova ordem — trabalho físico árduo e saudável. O monasticismo tinha sido até então quase que inteiramente uma vida de mera reclusão e contemplação, apoiada pela caridade do público ou pelos impressionáveis camponeses das vizinhanças do mosteiro. Bento viu os efeitos perversos desse estado de existência ocioso e sonhador, e tomou amplas providências para a ocupação dos monges. Ele rotulou a ociosidade como inimiga da alma e do corpo. Deviam não somente trabalhar na oração, adoração, leitura e educação dos mais jovens,

como também trabalhar com as mãos, como com o machado na floresta, a pá nos campos e a espátula nas paredes. As vantagens desse novo sistema eram grandes. As abadias beneditinas tornaram-se assentamentos agrícolas industriosos. A agricultura e as artes da vida civilizada foram introduzidas nas regiões mais bárbaras, e o deserto, sob as mãos dos monges, floresceu com fertilidade.

Embora a ordem de São Bento fosse em todos os sentidos contrária à letra e ao espírito da Palavra de Deus, ela tinha mais razão e bom senso do que os sistemas ociosos e lânguidos do Oriente. "Ele era um daqueles que sustentavam", diz Travers Hill, "que para viver neste mundo um homem deve fazer algo — que aquela vida que consome, mas não produz, é uma vida mórbida, e na verdade uma vida impossível — uma vida que tenderá à decadência — e, portanto, imbuído da importância desse fato, ele fez do trabalho, trabalho contínuo e diário, o grande fundamento de sua regra." Sua penetração na sociedade também é vista em sua consideração pelo clima hostil do Ocidente e pelas constituições europeias. Suas leis eram mais brandas e praticáveis do que as que haviam sido tentadas nos países orientais; a dieta era bem mais generosa, e ele não propunha nenhuma mortificação extrema, mas permitia que seus seguidores vivessem de acordo com os hábitos comuns de seus respectivos países. Nessas considerações sábias e razoáveis está todo o segredo do maravilhoso sucesso da ordem beneditina.

Mas, com nossas noções modernas de qualidade de vida e de estarmos acostumados com relativamente poucos serviços religiosos no decorrer da semana, o leitor pode estar disposto a questionar o que dissemos sobre a brandura das **regras monásticas** e a natureza generosa da dieta. Falamos nesse sentido em comparação com o Oriente, de onde se originou o monasticismo.

Às duas horas da manhã, os monges eram despertados para as vigílias, ocasião em que doze salmos eram cantados e certas lições das escrituras lidas ou recitadas. Eles se reuniam novamente ao amanhecer para as matinas; este serviço era quase igual ao primeiro, de modo que em suas vigílias e matinas vinte e quatro salmos deviam ser cantados todos os dias, para que o saltério pudesse ser completado a cada semana. O tempo para suas devoções internas e seu trabalho externo era planejado, no verão e no inverno, conforme o superior achasse conveniente. Mas eles eram obrigados a comparecer a pelo menos sete serviços religiosos distintos a cada vinte e quatro horas, além de sete horas por dia de trabalho. Eles tomavam o café da manhã por volta do meio-dia e jantavam à noite. Sua alimentação habitual consistia em vegetais, grãos e frutas; meio

quilo de pão por dia para cada monge e uma pequena quantidade de vinho. Na mesa pública nenhuma carne era permitida; somente aos enfermos era dada comida de origem animal, que, às vezes, comiam ovos ou peixe à noite. Mas todos os dias na Quaresma jejuavam até as seis da tarde e tinham menos tempo para dormir.

A roupa dos monges devia ser rústica e simples, mas variável, de acordo com as circunstâncias. Foi-lhes permitido ter o luxo das botas. A vestimenta externa deles era um vestido preto solto, com mangas largas, e um capuz na cabeça com uma parte pontuda atrás. Cada monge tinha dois casacos, dois capuzes, um livro de mesa, uma faca, uma agulha e um lenço. A mobília de suas celas era uma esteira, um cobertor, um tapete e um travesseiro. Cada um tinha um leito separado e dormiam vestidos. Um reitor deveria presidir cada dormitório e uma luz deveria ser mantida acesa em cada um. Nenhuma conversa era permitida após se retirarem aos seus aposentos. Por pequenas faltas eram excluídos das refeições da irmandade, e por maiores eram excluídos da capela; infratores incorrigíveis eram excluídos do mosteiro.

Assim se passava o longo e tedioso dia do monge que condenava a si mesmo a essa vida; desde as vigílias da meia-noite até as vésperas da noite, todas as suas observâncias eram meramente mecânicas. Ao entrar no mosteiro, ele renunciava totalmente a todas as espécies de liberdade pessoal. Seu voto de obediência implícita a seus superiores em tudo era irrevogável. Ninguém podia receber um presente de qualquer espécie, nem mesmo de seus pais, nem manter correspondência com pessoas de fora do mosteiro, a não ser que passasse pela inspeção do abade. Um porteiro sempre se sentava ao portão, que era mantido trancado dia e noite, e nenhum estranho era admitido sem a permissão do abade, e nenhum monge podia sair a menos que tivesse a permissão de seu superior.

O jardim, o moinho, o poço, o forno de pão, ficavam todos dentro dos muros, de modo que não houvesse necessidade de sair do mosteiro. A ocupação de cada monge seria determinada pelo abade. Um monge que antes era rico e de nascimento nobre estaria então sem um tostão e podia ser nomeado cozinheiro ou servente, alfaiate, carpinteiro ou poceiro, de acordo com o desejo do superior absoluto; a qualidade e a quantidade de sua comida eram prescritas e limitadas como se fosse a menor criança. Ele não tinha permissão para falar, salvo em determinados momentos. Todas as conversas eram estritamente proibidas durante as refeições; alguém lia em voz alta o tempo todo.

Assim estava o homem **— o homem social —** isolado da sociedade. A mulher, que Deus deu ao homem, devia ser considerada não apenas uma estranha aos seus pensamentos, mas a inimiga natural de sua perfeição solitária. Pela sutileza de Satanás, o ego era o objetivo supremo de todos os monges — e de todos os sistemas de monastério. Com que força as palavras do apóstolo vêm à mente quando meditava sobre a liberdade de Cristo e a escravidão de Satanás: **"Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo"**. Observe estas palavras verdadeiramente cristãs, **"o que para mim era ganho — ganho para mim!"** Se é apenas ganho para mim, qual é o bem dessas coisas? Eu quero Cristo. Eu vi Cristo em glória. Eu quero ser como ele. Tudo de que aquela carne religiosa podia se gabar, o que era ganho para ele, ele jogou para trás como a mais simples escória. **"E, na verdade"**, continua ele, **"tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor".** Que cegueira, que perversidade, para quem prefere a ordem de São Bento a Filipenses 3 — ao amor e à liberdade de Cristo! Mas tamanho era o poder enganador de Satanás que fazia o homem pensar que o caminho certo, senão o único, para o céu, era se tornando um monge.

Os Beneditinos

Antes da morte de Bento, que ocorreu em 543, sua ordem havia sido estabelecida na França, na Espanha e na Sicília. Ela se espalhou rapidamente por toda parte. Para onde quer que os monges viajassem, eles convertiam o deserto em um país cultivado; eles derrubaram florestas, drenaram pântanos, criaram abadias majestosas com suas próprias mãos, civilizaram populações rudes, e buscaram a criação de gado e os trabalhos agrícolas de todas as formas. Eles também cultivavam o aprendizado e tinham escolas para os jovens. Mas embora os beneditinos logo se tornassem uma grande comunidade e se espalhassem por vários países, todos estavam sujeitos a uma mesma regra. A época em que essa ordem entrou na Inglaterra é bem conhecida. **Santo Agostinho** e seus monges eram beneditinos, além de Gregório, que os enviou. Mas embora geralmente seja atribuído a eles o crédito de reduzirem os resíduos utilizando-os na fertilização no cultivo, eles também têm o crédito de escolherem, quando tiveram a oportunidade, os melhores locais da terra para seus assentamentos. "Em cada vale rico", diz Milman, falando da Inglaterra, "ao lado de cada córrego claro e profundo, erguia-se uma abadia beneditina. O trabalho dos monges de plantar,

cultivar, projetar jardins ensolarados ou encher as colinas de árvores podem ter adicionado muito à graça pitoresca desses cenários; mas, em geral, se for realizada uma pesquisa sobre algum distrito na Inglaterra, é bem provável que se descubra que o local mais conveniente, mais fértil e mais pacífico fora o local de um abadia beneditina."[5]

A primeira intenção de São Bento não era fundar uma ordem monástica, mas simplesmente prescrever regras para os monges italianos, de acordo com a prática dos anacoretas e reclusos da igreja primitiva. Mas os monges de Monte Cassino logo se tornaram famosos por sua inteligência superior, vida pacífica, hábitos corretos e zelo fervoroso. Em um país e em uma época em que a contenda, a rapina, a ignorância e os costumes dissolutos eram universais, o tranquilo e sagrado mosteiro representava um convidativo refúgio, onde, durante o breve período da vida, o homem poderia cumprir seus deveres religiosos e encerrar seus dias em paz com o céu e com a humanidade. O jovem espírito ardente que entrava no mundo tinha poucas opções de vida; praticamente se resumia a uma escolha entre uma vida de guerra, violência e maldade — uma vida de alegrias e tristezas ferozes — ou de reclusão, humildade, obediência e trabalho abnegado. As naturezas mais pensativas e tímidas deram as boas-vindas ao novo refúgio de descanso. Homens de todas as classes deixaram seu luxo ou pobreza e se juntaram à nova comunidade; e assim foi aumentando, até que sua riqueza e poder fossem incríveis. As estatísticas a seguir darão ao leitor uma idéia melhor da opulência dessas antigas abadias beneditinas do que meras descrições.

"A propriedade pertencente ao mosteiro pai de Monte Cassino, com o tempo, passou a incluir quatro bispados, dois ducados, trinta e seis cidades, duzentos castelos, trezentos territórios, trinta e três ilhas e mil seiscentos e sessenta e duas igrejas. O abade assumiu os seguintes títulos: Patriarca da Santa Fé; Abade do Santo Mosteiro de Cassino; Chefe e Príncipe de todos os Abades e Casas Religiosas; Vice-chanceler das Sicílias, de Jerusalém e da Hungria; Conde e Governador da Campânia e Savona e das Províncias Marítimas; Vice-Imperador; e Príncipe da Paz."[6]

[5]Latin Christianity, vol. 1, p. 426. English Monasticism, de Hill, p. 71. Faiths of the World, de Gardner, vol. 1, p. 318. Neander, vol. 3, p. 351.

[6]Dictionary of Christian Churches and Sects, de Marsden, p. 635.

O Zelo Missionário dos Beneditinos

Os beneditinos, com o passar do tempo, conforme seu número aumentava, enviaram missionários para pregar o evangelho entre as nações, que ainda mergulhavam nas profundezas do paganismo. Estima-se que foram o meio de converter mais de trinta países e províncias à fé cristã ou, como seria melhor dizer, à igreja de Roma. Ainda assim, o Senhor, em Sua misericórdia, poderia, e sem dúvida o fez, usar a cruz de Cristo, mesmo da forma que era pregada, para a salvação. Um pouquinho da verdade sobre a cruz ou sobre o sangue de Cristo é capaz de converter a alma quando o Senhor a usa. Uma mudança notável ocorreu na história da Igreja, ou do Cristianismo, por meio da **pregação dos beneditinos** e da ordem de São Bento, que apenas mencionaremos e deixaremos para a reflexão dos mais pensativos.

Durante os primeiros três séculos da era cristã, os imperadores e todos os grandes da Terra perseguiram os fiéis seguidores de Cristo; mas, durante os séculos VI, VII, VIII e IX, muitos imperadores e reis renunciaram às suas coroas e tornaram-se monges da ordem beneditina; e também imperatrizes e rainhas se tornaram freiras da mesma ordem. [7]

Da reclusão das celas beneditinas, quarenta e oito papas foram levantados para ocupar a cátedra de São Pedro; duzentos cardeais, sete mil arcebispos, quinze mil bispos, quinze mil abades, quatro mil santos e mais de trinta e sete mil estabelecimentos religiosos, incluindo mosteiros, conventos, priorados, hospitais, etc. A ordem também produziu um vasto número de escritores eminentes e outros homens eruditos. Rábano estabeleceu a primeira escola na Alemanha, Alcuíno fundou a Universidade de Paris, Guido inventou a escala musical, Silvestre o órgão, e Dionísio Exíguo aperfeiçoou o cálculo de datas eclesiástico.

"Os abades eram frequentemente pouco inferiores aos príncipes soberanos: seu esplendor era maior na Alemanha, onde o abade de Angia, apelidado 'o Rico', tinha uma receita anual de sessenta mil coroas de ouro, e em seu mosteiro ninguém era recebido, exceto os filhos dos príncipes, condes e barões. Os abades de Weissenburg, de Fulda e de São Galo eram príncipes do império. O abade de São Galo entrou certa vez em Estrasburgo com um séquito de mil

[7] Para uma lista dos nomes e países desses convertidos, com muitos detalhes, consulte English Monasticism, de O'Dell Travers Hill, p. 101. Consulte também a Encyclopedia Britannica, vol. 4, pág. 562. Os números não concordam em ambos, mas, como o English Monasticism foi publicado somente em 1867 (uma data contemporânea ao autor deste livro, que viveu no século XIX), aceitamos os números dados ali.

cavalos."[8] Por seiscentos anos todas as regras e as sociedades cederam ante a prevalência universal da ordem beneditina. Muitas outras seitas surgiram durante aquele período e, embora diferissem umas das outras em alguns pontos de disciplina ou vestuário, todas reconheciam a Regra de Bento. Os cartuxos, os cistercienses e outros inumeráveis eram apenas ramos que cresciam a partir do tronco original.

Esses celebrados resultados da regra do eremita solitário de Monte Cassino se estendem por um período de pelo menos setecentos anos, durante os quais os beneditinos, como todas as outras instituições humanas, experimentaram muitos reveses e muitos avivamentos, os quais não precisamos enumerar exaustivamente. Para complementar este assunto, é interessante notar ainda, que, de acordo com a história frequentemente contada, assim que os monges de São Bento se tornaram ricos e luxuosos, eles começaram a se afastar dos princípios de seu fundador e se entregaram à indolência e a todo tipo de vício. Eles se envolveram em assuntos civis e nas intrigas dos tribunais, buscando apenas promover a autoridade e o poder dos pontífices romanos.

As Novas Ordens — São Domingos e São Francisco

Frequentemente, tem sido observado que, onde o Espírito de Deus está operando por meio do evangelho, e onde há resultados manifestos na conversão de almas a Cristo, aí também o inimigo certamente estará ativo. Ele não vai permitir em silêncio que seu reino seja invadido. Pode ser impedindo o trabalho pela perseguição, ou corrompendo-o, induzindo à autocondescendência, ou imitando-o de maneira iníqua e perversa. Temos muitos exemplos tristes de tais coisas na história de Israel e da Igreja — casos numerosos demais para serem mencionados aqui; mas veremos agora, neste período de nossa história das instituições monásticas, o que explicará o que queremos dizer.

O objetivo especial das novas ordens que surgiram no início do século XIII era contrabalançar a influência que os pregadores albigenses adquiriram sobre as classes mais pobres do povo ao se familiarizarem com elas e constantemente pregarem o evangelho a elas. Pregar o evangelho de Cristo adequadamente para as classes mais humildes foi completamente negligenciado durante séculos pelo clero da igreja romana. Vez ou outra, um pregador fervoroso surgia, tais como Cláudio de Turin, Arnaldo de Bréscia, Fulco de Neuilly, Henrique,

[8]Christian Sects, de Marsden.

o diácono, ou Pedro Valdo, que se dedicaram à obra do evangelho e à salvação de almas; mas esses casos foram poucos e distantes entre si. Mais comumente, as pregações tinham algum objetivo puramente papista, como as Cruzadas, quando o clero tentava despertar o povo com sua eloquência.

"Em teoria", diz o historiador eclesiástico, "era um privilégio especial dos bispos pregar, mas havia poucos entre eles que tinham o dom, a inclinação, o tempo livre de suas ocupações seculares, judiciais ou bélicas, para pregar até mesmo nas catedrais de suas cidades; no restante de suas dioceses, sua presença era apenas ocasional, um progresso, ou uma visitação de pompa e forma, em vez algum tipo de instrução popular. Praticamente o único meio de instrução religiosa era o Ritual, que, no que diz respeito à linguagem utilizada, há muito havia deixado de ser inteligível; e os padres eram quase tão ignorantes quanto o povo; eles apenas aprendiam a passar pelas observâncias da maneira mais mecânica possível. Os casados, ou clérigos seculares, como eram chamados, embora fossem de longe os mais morais e respeitáveis, agiam em oposição às leis da Igreja, e eram até mesmo sujeitos à acusação de viver em concubinato; portanto, seus ministérios tinham muito pouco peso para o povo. O clero regular obedecia à regra externa, mas, segundo todos os relatos, eles violavam tão flagrantemente os princípios mais severos da Igreja, que seu ensino, se tentassem ministrar um ensino verdadeiro, cairia em descrédito na mente do povo."[9]

Tal estado de coisas na **Igreja Estabelecida** deixou o caminho aberto para os assim chamados hereges. Eles aproveitaram a oportunidade, entraram em cena e trabalharam diligentemente para divulgar suas doutrinas ao povo. Pregar em público e em privado era o segredo, sob a permissão de Deus, do grande sucesso dos valdenses e albigenses. Esta foi desde os primeiros tempos, e ainda é, a maneira divina de disseminar a verdade e reunir almas para Jesus. Quanto mais pública a pregação, melhor. Em todas as épocas agradou a Deus aquilo que o mundo chama de "loucura da pregação, para salvar os crentes". Pregação ao ar livre, visitas e ensino de casa em casa, testemunho público dentro e fora de casa, são maneiras e meios que Deus sempre abençoará. E esses meios parecem ter sido usados diligentemente por aqueles acusados de heresia em Languedoque (os albigenses).

O inimigo atento, observando o efeito desse modo de ação, muda então sua tática. Em vez de calar todos os membros sinceros, fervorosos e piedosos da igreja de Roma nos mosteiros, para pensarem apenas em si mesmos, instruírem-

[9]Dean Milman, vol. 4, pág. 243. J.C. Robertson, vol. 3, pág. 363.

se, orarem e pregarem apenas para si mesmos, ele agora os envia como pregadores ao ar livre e para invadir os próprios campos que haviam sido ocupados por séculos pelos verdadeiros seguidores de Cristo. Seus emissários tinham ordens estritas, não apenas para imitar os hereges, mas para superá-los, na simplicidade de vestir, humildade, pobreza e familiaridade com o povo. Uma mudança completa ocorre então na história das ordens monásticas; no lugar de monges enclausurados, isolados dos olhos do mundo, fazendo suas orações, trabalhando nos campos ou colhendo os frutos de seus jardins, temos frades pregadores nas esquinas de todas as ruas e em todas as cidades da Europa, sim, implorando de porta em porta. Mas isto não foi tudo; sendo favoritos dos pontífices, eles tomaram a direção de quase tudo na Igreja e no Estado por três séculos. "Eles ocupavam os mais altos cargos, tanto civis quanto eclesiásticos", diz Mosheim, "ensinavam com autoridade quase absoluta em todas as escolas e igrejas, e defendiam a majestade dos pontífices romanos contra os reis, bispos e hereges, com incrível zelo e sucesso. O que os jesuítas foram depois da Reforma, os mesmos foram os **dominicanos** e **franciscanos** do século XIII até os tempos de Lutero. Eles eram a alma de toda a Igreja e do Estado, e os projetores e executores de todos tipo de empreendimento no decorrer de toda essa época."

A Origem e Caráter dos Dominicanos

Como pensamos ser mais satisfatório conhecer o início das coisas, vamos agora descrever brevemente a origem e o caráter desses dois grandes pilares do orgulhoso templo de Roma. Até esta época — o início do século XIII — os esforços dos papas foram quase inteiramente confinados à construção deste templo — o estabelecimento de sua própria supremacia na Igreja e de sua autoridade secular sobre o Estado. Mas a crescente luz dos séculos XI e XII e a crescente depravação da igreja trouxeram ao campo do testemunho muitas nobres testemunhas de Cristo e de Seu evangelho. O templo começou a se abalar. O clero havia alienado os corações das pessoas comuns por seu poder opressor e ganancioso; e sua indolência, indulgência e imoralidades contrastavam desfavoravelmente com a laboriosidade, humildade, abnegação e consistência dos acusados de heresia. Todo o tecido do catolicismo romano estava em perigo, pois esses heresiarcas estavam espalhados por todas as províncias e entre todas as classes da sociedade, até mesmo na própria Roma. O inimigo, percebendo as necessidades do momento, apressou-se em resgatar a hierarquia ameaçada. Os dois

homens da época adaptados a essas exigências eram Domingos e Francisco.

Domingos nasceu em 1170, na aldeia de Calaroga, na Velha Castela. Seus pais eram de nome nobre, o de Gusmão, se não de sangue nobre. De acordo com alguns escritores, o efeito de sua ardente eloquência como pregador foi previsto por sua mãe em um sonho, no qual ela dera à luz um filhote carregando um tição de fogo na boca, com o qual ele incendiou o mundo. Mas quer tenha sido sua mãe ou seu monge historiador que teve tal visão, ele respondeu fielmente à semelhança. O aviso de "Cuidado com os cachorros" nunca teve uma aplicação tão verdadeira quanto em Domingos; e o fogo literal, não apenas o fogo de sua eloquência, foi seu agente de destruição escolhido e favorito desde o início de sua carreira. As chamas do inferno, como assim chamava Domingos e seus seguidores, eram reservadas para todos os hereges, e eles consideravam ser uma boa obra iniciar as queimadas eternas ainda aqui neste mundo. Desde a infância, sua vida foi rigidamente ascética (voltada ao monasticismo). Sua natureza, em um período inicial, mostrou sinais de ternura e compaixão, mas seu zelo religioso, com o passar do tempo, fortaleceu-o contra todo impulso bondoso da natureza. Suas noites eram, em sua maior parte, passadas em severos exercícios penitenciais; ele se açoitava todas as noites com uma corrente de ferro, uma vez por seus próprios pecados, uma vez pelos pecadores deste mundo e uma vez pelos do purgatório.

Domingos tornou-se cônego na rigorosa casa de Osma e logo superou os demais em austeridades. Por causa de sua reputação, o bispo espanhol de Osma — prelado de grande habilidade e forte entusiasmo religioso — convidou Domingos a acompanhá-lo em uma missão na Dinamarca. Ele então havia atingido os trinta anos de idade e, embora fosse considerado brando para com os judeus e infiéis, ardia em ódio implacável pelos hereges. Tendo cruzado os Pirineus, o zeloso bispo e seu companheiro se encontraram no meio da heresia albigense; não conseguiam fechar os olhos para o estado vergonhoso do clero romano, para o desprezo em que haviam caído e para a prosperidade dos sectários. A missa não era celebrada em alguns lugares havia trinta anos. Também a comissão papal, que havia sido nomeada por Inocêncio III, por volta do ano 1200, foi encontrada em um estado muito abatido. Essa missão, deve-se lembrar, consistia em homens como Reinerius, Gui, Castelnau e o infame Arnaldo, todos monges cistercienses, a descendência espiritual de São Bernardo. Eles lamentaram amargamente sua falta de sucesso: a heresia era surda às suas advertências e ameaças; não respeitavam a autoridade do papa.

Os legados papais, de acordo com o bom e velho estilo, marchavam por terra, de cidade em cidade, na mais hierárquica pompa, em ricos trajes, com seu séquito e uma vasta cavalgada. "Como esperar sucesso com essa pompa secular?", questionavam os espanhóis, que eram mais severos. "Semeai a boa semente como os hereges semeiam o mal. Jogai fora essas vestes suntuosas, renunciai àqueles palafréns ricamente adornados, andai descalços, sem bolsa e alforje, como os apóstolos; trabalhai duro, rápido, disciplinai esses falsos mestres." O bispo de Osma e seu fiel Domingos enviaram de volta seus próprios cavalos, vestiram-se com as roupas mais rudes de monge, e, assim, lideraram o exército espiritual.

Essa foi a profunda sutileza de Satanás. O poder do Espírito Santo era manifestado pelos homens dos vales e pelos Pobres Homens de Lyon, que se espalharam pelas províncias; e agora vem uma grande demonstração de falsa humildade e falso zelo, uma vil imitação dos dons e graças do Espírito Santo. Era apenas por meio de tais mentiras e hipocrisia que a autoridade de Roma poderia ser mantida, ou que o inimigo poderia esperar manter as nações da Europa no cativeiro.

Já falamos sobre os trabalhos de Domingos no território albigense. Lá ele passou dez anos se esforçando para erradicar a heresia. Formou-se então uma pequena fraternidade, cujos membros saíam de dois em dois, imitando a comissão do Senhor para os setenta. (Lucas 10) As queimadas em Languedoque então começaram. Como cães de olfato agudo, os dominicanos iam de casa em casa em busca de presas para alimentar a espada de Monforte e as fogueiras que haviam acendido. As grandes realizações de Domingos garantiram-lhe o favor dos pontífices, Inocêncio III e Honório III, que o estabeleceu nos privilégios de um "Fundador". Ele morreu em 1221; mas, antes de abandonar o cenário de suas crueldades, não menos que sessenta mosteiros de sua ordem surgiram em várias regiões da cristandade. Ele foi canonizado por Gregório IX em 1233. O temível tribunal da Inquisição, direta ou indiretamente, sem dúvida, deve sua origem a Domingos, e os mais numerosos e impiedosos de seus oficiais pertenciam a sua irmandade. Mais alguns detalhes poderão ser mencionados ao falarmos sobre os franciscanos, pois tinham coisas em comum.

A Origem e Caráter dos Franciscanos

Contemporâneo de São Domingos, **São Francisco** foi seu grande concorrente em fama eclesiástica, que rivalizou e até superou o monge espanhol em celebridade. Ele era natural de Assis, uma cidade da Itália Central. As muitas lendas absurdas que lotam as páginas de seus biógrafos franciscanos não precisam ser mencionadas; eles são realmente blasfemos. Tamanho era o frenesi entusiástico deles, que impiamente sustentaram que São Francisco era um segundo cristo; que os estigmas, ou feridas do Salvador, foram milagrosamente impressos em seu corpo, em imitação do corpo crucificado de Jesus, e esta impostura eles ousaram fundar no texto: "Desde agora ninguém me inquiete; porque trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus." (Gálatas 6:17)

Durante o cativeiro de um ano em Perúgia e outras aflições corporais, ele se tornou o objeto das mais extraordinárias visões e arrebatamentos, pelos quais foi encorajado a sair ao mundo como um servo de Deus e um salvador da humanidade. Os sonhos febris de sua mente fraca foram considerados revelações divinas para os católicos.

Francisco então começou a falar misteriosamente sobre sua futura noiva – e essa noiva era a pobreza. Ele trocou o vestido por trapos. Ele foi criado, como disse, "para opor a verdade ao erro, a pobreza ao desejo de riqueza e a humildade à ambição". Ele implorou nos portões de mosteiros; ele desempenhou os ofícios mais servis; ele se dedicou ao cuidado dos leprosos, lavava seus pés e fazia curativos em suas feridas. "Sua mãe", lemos, "ouviu e viu todos os seus atos estranhos com uma admiração terna e profética: mas seu pai tinha vergonha dele e o tratou como um louco." Mas embora a princípio ele fosse ridicularizado e agredido nas ruas de Assis, ele foi acreditado pela Igreja, abrigado pelo bispo, e logo seguido por uma multidão de imitadores.

Francisco estava então abertamente casado com a pobreza por um juramento que nunca seria quebrado; e deveria ser pobreza em sua forma mais baixa — mendicância. Ele aceitou de um velho amigo "um traje de eremita, uma túnica curta, um cinto de couro, um bastão e chinelos"; mas isso era bom e confortável demais para as ideias do jovem fanático. Fazendo o pior uso possível das instruções do Salvador a Seus discípulos em Mateus 10 e Lucas 10, ele jogou fora tudo o que tinha, exceto uma túnica grossa cinza escuro, que amarrou em volta dele com uma corda, e saiu pela cidade, chamando todos ao arrependimento.

Essa piedade ou fanatismo estranho, mas fervoroso, naquele período de

sombria superstição e ignorância, não poderia deixar de despertar o zelo de outras pessoas. A essência do evangelho ensinado por Jesus Cristo, afirmava ele, consistia na mais absoluta pobreza de todas as coisas — que não havia caminho seguro para o céu a não ser pela destituição de todos os bens terrenos. "Os que se maravilharam passavam à admiração, da admiração para a emulação, e da emulação a seguir cegamente seus passos. Discípulos, um por um, começaram a se reunir em torno dele. Ele se retirou com eles para um local solitário na curva do rio chamado Rivo Torto. Faltava uma regra para a jovem irmandade. Os Evangelhos foram abertos. Francisco leu três textos: 1. 'Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres.' 2. 'E ordenou-lhes que nada tomassem para o caminho' 3. 'Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me' (Mateus 19:21; Marcos 6:8; Mateus 16:24). Francisco fez o sinal-da-cruz e enviou seus seguidores para as cidades vizinhas, a leste e oeste, norte e sul."

Tal foi a origem e tal o caráter das novas ordens. Embora um tanto diferentes em sua primeira constituição, eles eram quase semelhantes em caráter, e até mesmo em confissão de fé, e iniciaram a mesma carreira com quase os mesmos objetivos em vista e os mesmos princípios de ação. Pregadores itinerantes sob o voto de pobreza caracterizavam ambos. Em sua identificação com o mais baixo da humanidade, eles estavam inteiramente de acordo. O inimigo viu o que os Pobres Homens de Lyon, os valdenses, estavam fazendo; e esses seriam os pobres homens do papado, que iriam enfrentar os hereges em seu próprio terreno e superá-los em pobreza, humildade, trabalho e sofrimento. Tendo recebido a sanção formal e proteção do papa, Francisco enviou seus seguidores, jurados ao serviço de Deus, à extirpação dos hereges, à castidade, pobreza e obediência.

As novas ordens incluíam **freiras**, cujas ordens eram fundadas em conexão com cada uma das irmandades. Havia também um grau relacionado aos frades mendicantes, chamados terciários, que continuavam envolvidos nas ocupações comuns do mundo, o que aumentava enormemente a popularidade e a influência dos frades. Tratava-se de um elo declarado entre o mundo e a Igreja. Algumas palavras sobre os hábitos dos **frades pregadores**, em contraste com as ordens monásticas anteriores, serão a maneira mais simples de dar ao leitor uma visão clara de ambos. E, sem dúvida, as novas ordens foram permitidas por Deus para sustentar a estrutura cambaleante da Igreja romana e impedir a cumprimento da Reforma por trezentos anos, daí o grande interesse relacionado com sua história. Mas os santos de Deus teriam ainda muita coisa para aprender e a verdadeira igreja de Cristo seria ainda mais enriquecida com um

nobre exército de mártires antes que o glorioso fim seja alcançado.

As Primeiras Ordens Monásticas e as Posteriores

Temos plena consciência de que todos os sistemas humanos devem ser examinados pela Palavra de Deus se quisermos compreender corretamente seu verdadeiro caráter. Não é contrastando o último com o anterior que podemos descobrir o quão longe eles podem ter se distanciado da mente do Senhor. A Palavra do Deus vivo, pela qual todos serão finalmente julgados, deve ser nosso único padrão agora. Pouco importa quais melhorias podem ser encontradas em um sistema em comparação com outro, se ambos são o resultado de invenção humana. Isso é verdade para todas as pessoas e também para todos os sistemas. A Palavra de Deus deve ser a única regra do cristão, e o próprio Cristo a única cabeça e centro, poder e autoridade, no sistema que Ele possui — a igreja, a assembleia de Deus[10]. Mas, como em diferentes ocasiões examinamos as escrituras sobre esses pontos, iremos agora, em poucas palavras, falar sobre a diferença entre os sistemas monásticos anteriores e posteriores. [11]

O principal, senão o objetivo exclusivo dos **primeiros eremitas**, anacoretas e ascetas de todos os nomes, era sua própria perfeição religiosa. A instrução ou salvação de outros não fazia parte de seu credo. O isolamento do mundo perigoso e a reclusão em alguma cela solitária, com todas as suas privações, eram considerados necessários para esse fim. À medida que o halo da santidade deles atraía e seduzia outras pessoas, foram construídas casas e cultivadas grandes extensões de terra para as necessidades desta vida. Esses pequenos começos muitas vezes se tornaram os assentamentos mais imponentes de um país. E durante a longa e escura noite da Idade Média, com sua barbárie e feudalismo, os mosteiros frequentemente se mostravam uma grande misericórdia para os doentes, os pobres e os viajantes. Todos devem reconhecer este fato com gratidão. Durante os cinco ou seis séculos que se seguiram à subversão do império ocidental, o sistema monástico tornou-se um poderoso instrumento para corrigir os vícios da sociedade e proteger as classes mais baixas da opressão sem lei do senhor feudal. Hospitalidade, ou o entretenimento de estrangeiros e pere-

[10]N. do T.: a expressão "assembleia de Deus" aqui não se refere a uma denominação cristã que adotou este nome (tal denominação nem mesmo existia à época do autor), mas sim à igreja de Deus, a universal assembleia (Hebreus 12:23), composta por todos aqueles que pela graça foram salvos e acrescentados a essa igreja (Atos 2:47) ao crerem em Jesus como Salvador.

[11]Ver "Reflexões sobre os Princípios da Asceticismo", Cap. 12, Página 314.

grinos, era um dos usos importantes dos mosteiros naquele tempo. As estalagens para a recepção de viajantes parecem não ter existido antes do século XI. Praticamente os dois únicos edifícios imponentes que chamavam a atenção do viajante naquela época eram o castelo do poderoso barão e a abadia dos monges em oração. Um era guerra, e o outro paz. A religião, a erudição e a ciência encontraram um refúgio atrás das paredes do mosteiro, e a verdadeira piedade podia trabalhar pacificamente ali, escrevendo, transcrevendo, coletando e preservando informações úteis.

"Os beneditinos", diz Travers Hill, "eram os depositários do saber e das artes; eles reuniam livros e os reproduziam no silêncio de suas celas, e preservavam dessa forma não apenas os volumes das escrituras sagradas, mas muitas das obras de tradição clássica. Eles começaram a arquitetura gótica; só eles tinham os segredos da química e da ciência médica; eles inventaram muitas cores; foram os primeiros arquitetos, artistas, pintores de vidro, entalhadores e trabalhadores de mosaico nos tempos medievais. Foi um sistema poderoso e fez um bom trabalho no mundo, mas seguiu o caminho de coisas e instituições humanas, ficou intoxicado com seu poder, cegado por seu próprio esplendor e corrompido por sua própria riqueza; seus abades tornaram-se avarentos , seus monges voluptuosos; eles perderam sua simplicidade original; o governo de seu fundador não existia mais na atividade de seus lavradores, seus estudiosos e seus artistas, mas só era encontrado nas palavras mecanicamente lidas na capela. O <!—[if !supportAnnotations]—>[HH1]<!—[endif]—> monasticismo engendrou sua própria corrupção, e dessa corrupção veio a morte."

A magnífica abadia de **Glastonbury** já chegou a cobriu sessenta acres. Antes da queda dos mosteiros na Inglaterra, os comissários reais relatam a esse respeito; que eles nunca tinham visto uma casa tão grande, boa e principesca, com quatro parques contíguos, um grande pesqueiro de cinco milhas, bem abastecido com lúcios, percas, douradas e leuciscos; quatro solares, além da capela, hospital, tribunal, escolas e a grande portaria. Muitas das casas de Glastonbury foram construídas com materiais desta outrora soberba abadia.[12]

Os hábitos dos monges modernos contrastavam perfeitamente com os anteriores. Em lugar de morar dentro das paredes de uma abadia soberba, toda a cristandade em um curto período de tempo foi inundada por hostes de dominicanos e franciscanos. Eles vinham de todos os países e falavam, portanto, todas as línguas e dialetos. Eles pregaram a velha fé em seu mais completo ri-

[12]Gazetteer, de Johnston.

gor inflexível medieval, em quase todas as cidades e vilas. Lealdade inabalável ao papa e a extirpação da heresia eram seus grandes temas. E os pontífices em troca os protegiam e conferiam a eles os mais altos privilégios e vantagens. Antes de encerrar o século, os mosteiros e conventos da ordem minorita atingiram o surpreendente número de oito mil e eram habitados por pelo menos duzentos mil internos.

A Apostasia dos Mendicantes

As duas ordens rivais, os dominicanos e franciscanos, não se contentando em envolver toda a Europa em discórdia e lutas furiosas, começaram, logo após o falecimento de seus respectivos fundadores, a disputar entre si pela precedência. E embora os pontífices deste e dos séculos seguintes terem usado vários meios para encerrar essas disputas inconvenientes, suas tentativas foram infrutíferas, pois essas duas grandes ordens continuaram por muitos anos a acalentar essa rivalidade acirrada e a lançar uma contra a outra as mais amargas recriminações. Eles lutaram muito pelo domínio em todas as cadeiras de ensino da cristandade, mas a disputa mais notável foi a dos dominicanos com a Universidade de Paris. Outro ponto proeminente de grande controvérsia que durou muito tempo foi a doutrina da **imaculada conceição** da Virgem Maria. Era a doutrina favorita dos franciscanos e sempre foi violentamente atacada pelos dominicanos. O famoso **Tomás de Aquino** argumentou a favor da visão dominicana da questão, e João Duns Escoto, o dialético, assumindo a visão franciscana da doutrina, entrou na arena do debate, que continua até hoje; pois, embora o atual papa Pio IX[13] tenha declarado o dogma da imaculada concepção da Virgem Maria, a fraternidade dominicana não está disposta a admiti-lo. No entanto, agora isso se tornou um artigo de fé na igreja romana.

Já em 1256, quando Boaventura se tornou o general dos franciscanos, ele descobriu que eles haviam começado a se tornar infiéis para com sua noiva, a pobreza, e estavam lutando pelo divórcio. As afeições de Francisco não sobreviveram em seus seguidores. Mas, sob a gestão prudente de seu novo general, relativa tranquilidade foi mantida durante sua vida; mas, depois de sua morte, ocorrida em 1274, as dissensões eclodiram com a maior violência, como de costume. Na verdade, essas ordens mendicantes, ou melhor, satânicas, causaram as mais violentas contendas em quase todos os países da Europa até o período

[13]Este livro foi escrito no século XIX.

da Reforma. Mas todas as classes, tanto na Igreja quanto no Estado, tiveram que suportar seu orgulho e arrogância, pois eram os mais fiéis servos e satélites da Sé Romana.

O breve esboço a seguir, de Mateus de Paris, um beneditino de St. Albans, que escreveu por volta de 1249, apresentará ao leitor o verdadeiro caráter dos caminhos dessas terríveis pragas da sociedade. O quadro não está, de forma alguma, exagerado, embora Mateus pertencesse à velha ordem aristocrática e pudesse desprezar seus novos irmãos democráticos. Solidão, reclusão, a cela solitária, a capela privada, a comunicação com o mundo exterior severamente cortada, era a velha ordem; o que se segue é uma amostra do novo e do que prevalecia na Inglaterra no século XIII.

"É um terrível – é um horrível – presságio que em trezentos anos, em quatrocentos anos, e até mais, as antigas ordens monásticas não se degeneraram tão completamente como estas fraternidades. Os frades, que foram fundados há apenas quarenta anos, construíram, e ainda constroem até hoje, na Inglaterra, residências tão elevadas quanto os palácios de nossos reis. São eles que, ampliando dia a dia seus suntuosos edifícios, circundando-os com paredes elevadas, acumulam dentro deles tesouros incalculáveis, transgredindo imprudentemente os limites da pobreza e violando, segundo a profecia da alemã Hildegarda, as próprias regras fundamentais da sua confissão. São eles que, impelidos pelo amor ao ganho, se impõem às últimas horas dos senhores e dos os ricos que eles sabem estar transbordando de riquezas; e estes, desprezando todos os direitos, suplantando os pastores comuns, extorquem confissões e testamentos secretos, gabando-se de si mesmos e de sua ordem, e afirmando sua vasta superioridade sobre todos os outros. Tanto é assim que nenhum dos fiéis agora acredita que pode ser salvo a menos que seja guiado e dirigido pelos pregadores ou pelos frades menores. Ansiosos por obter privilégios, eles servem nas cortes de reis e nobres, como conselheiros, camareiros, tesoureiros, padrinhos ou tabeliães de casamentos; eles são os executores das extorsões papais. Em sua pregação, às vezes tomam o tom de lisonja, às vezes de censura mordaz; eles não têm escrúpulos em revelar confissões ou apresentar as acusações mais precipitadas. Eles desprezam as ordens legítimas, aquelas fundadas pelos santos padres, por São Bento ou Santo Agostinho, com todos os outro. Eles colocam sua própria ordem acima de tudo; consideram os cistercienses rudes e simples, meio leigos, ou melhor, camponeses; tratam os frades negros (os dominicanos)

como epicuristas arrogantes."[14]

[14] Milman, vol. 4, pág. 276; Mosheim, vol. 2, pág. 523.

Capítulo 27

O Amanhecer da Reforma (1155-1386 d.C.)

O Alvorecer da Reforma se Aproxima

Séculos antes de Lutero pregar suas teses na porta da igreja em Wittemburg, o Senhor estava preparando nações e indivíduos para a realização desta grande obra. O enfraquecimento do poder papal e a ousadia crescente das testemunhas predisseram o que se aproximava.

Em nossas contemplações de Roma, devemos sempre distinguir entre a igreja católica e o papado, ou o poder eclesiástico e o temporal. A igreja, embora caída e escravizada, ainda era a igreja; protestante de coração e fiel em medida a Cristo; mas aventurar-se em seus serviços piedosos além dos limites definidos pela ortodoxia romana sujeitava-a a sua severa disciplina. O papado jurou destruição a todos os invasores. A imoralidade e a irreligião podem até ser deixadas de lado, pelo menos com uma leve censura; mas a heresia ou a cisma — em outras palavras, qualquer forma de dissidência da igreja romana, deve ser extirpada com fogo e espada, e todos os hereges condenados por sentença pontifícia à morte eterna.

Durante o longo reinado de terror papal, os verdadeiros santos de Deus testemunharam e profetizaram vestidos de saco. Mas a linha prateada da graça soberana foi preservada ininterruptamente desde os dias dos apóstolos, sob a proteção das asas do Deus vivo. Ele preservou Suas testemunhas do dragão devorador nos lugares secretos da Terra; em montanhas, vales e cavernas; e em muitos conventos tranquilos nas regiões remotas da cristandade.

Mas pode ser interessante, em primeiro lugar, renovar nosso conhecimento sobre o estado do cristianismo em alguns dos países que já observamos. Desta forma, iremos naturalmente entrar no assunto da nossa longa linha de testemunhas, que vai até os dias de Lutero. E, primeiro na ordem, vamos notar o estado do cristianismo na Irlanda.

O Cristianismo na Irlanda

Séculos se passaram desde que vimos pela última vez o estado de coisas nessa ilha. São Patrício deixou para trás, quando morreu em 492, um grupo de homens bem educados e devotos, que veneravam muito seu mestre e procuravam seguir seus passos. A fama da Irlanda por seus mosteiros, escolas missionárias e como sede do ensino puro das Escrituras cresceu tanto que recebeu o honroso título de "Ilha dos Santos". No testemunho de Beda, aprendemos que, por volta da metade do século VII, muitos dos nobres e clérigos anglo-saxões se dirigiram à Irlanda, seja para receber instrução ou para ter a oportunidade de viver em mosteiros de disciplina mais rígida.

Já observamos o trabalho do clero irlandês como missionário[1]. Os Culdees de Iona devem sua origem como comunidade cristã à pregação do apóstolo irlandês Columba. A Grã-Bretanha, a França, a Alemanha, os países baixos e diferentes partes do continente europeu ficaram em dívida principalmente com os missionários irlandeses por seu primeiro contato com a verdade divina. Carlos Magno, ele próprio um homem de letras, convidou para sua corte vários estudiosos eminentes de diferentes países, mas especialmente da Irlanda. Por muitas eras, ela manteve sua independência de Roma, rejeitou todo controle estrangeiro e reconheceu a Cristo somente como Cabeça da igreja. Mas a invasão dos dinamarqueses no início do século IX e a ocupação do país apagaram a luz e mudaram o caráter da "ilha dos santos". Essas hordas piráticas e predatórias devastaram seus campos, mataram seus filhos ou os despojaram de sua herança, demoliram seus colégios e se mantiveram no país com a crueldade e arrogância de usurpadores. Escuridão moral, espiritual e literária se seguiram e prepararam o caminho para o romanismo. Até então, as instituições religiosas e os trabalhos dos eclesiásticos constituíam os principais temas de sua história; mas desde então, guerras internas, turbulência, crime e desolação.

Várias tentativas foram feitas por pontífices romanos para sujeitar a **Igreja**

[1]Veja "Os Primeiros Pregadores do Cristianismo na Irlanda", Cap. 14, Página 358.

Irlandesa à Sé de Roma, mas sem sucesso até o reinado do Papa Adriano IV. Ele era um inglês, conhecido pelo nome de Nicolas Breakspear; nascido na pobreza e na obscuridade, tornou-se um monge de Santo Albano, e depois elevou-se nos assuntos humanos até à dignidade pontifícia. Embora subitamente elevado da indigência à opulência, seu orgulho e arrogância eram extremos. Ele ficou muito ofendido com o imperador Frederico Barbarossa por não o apoiar e recusou-se a dar-lhe o beijo da paz. Frederico declarou que sua omissão era fruto da ignorância e, submetendo-se ao serviço como escudeiro de Sua Santidade, foi perdoado e recebeu o beijo.

Entre os primeiros atos desse "modesto" pontífice, estava a presunção de autoridade sobre a Irlanda e sua concessão a Henrique II, rei da Inglaterra. O fundamento sobre o qual o papa baseou seu direito de fazer esta concessão foi assim expresso: "Porque é inegável, e Vossa Majestade o reconhece, que todas as ilhas nas quais brilhou Cristo, o sol da justiça, e que receberam a fé cristã, pertencem de direito a São Pedro e à santíssima igreja romana." Em virtude desse "direito", ele autoriza Henrique a invadir a Irlanda com o objetivo de ampliar a igreja, aumentar a religião e a virtude e erradicar o joio do vício do jardim do Senhor; com a condição de que um centavo seja pago anualmente de cada casa à Sé de Roma.

A partir desse período, em 1155, a igreja irlandesa passou a ser essencialmente romanista em suas doutrinas, constituição e disciplina. Muito antes da Reforma, "quase seiscentos estabelecimentos monásticos, pertencentes a dezoito ordens diferentes, estavam espalhados por toda a face do país. Frades fantasmagóricos, negros, brancos e cinzas, aglomeravam-se em incontáveis multidões, praticando sua religião sobre um povo ignorante e iludido". Em 1172, Henrique completou sua conquista do país; uma assembleia do clero irlandês reunida em Waterford submeteu-se ao ditado papal, proclamou o título de Henrique ao domínio soberano da Irlanda e fez o juramento de fidelidade a ele e a seus sucessores. O rápido declínio agora marcava a igreja na Irlanda. Sua famosa espiritualidade e inteligência se foram. Antes ela tinha cerca de trezentos bispos; no alvorecer da Reforma, acreditamos que o número era inferior a trinta. Os ciúmes, contendas e rebeliões mancharam quase todas as páginas de sua história, tanto civil quanto eclesiástica, desde o século IX até o presente.[2]

[2]Ver History of Ireland, de Froude; Faiths of the World, de Gardner, vol. 2, pág. 150; Variations of Popery, de Edgar, p. 153 e 192.

O Cristianismo na Escócia

Já vimos que o clero romano experimentou grande dificuldade em obter uma base permanente na Escócia.[3] Os **Culdees** — a quem estamos dispostos a homenagear por causa de suas obras — continuaram por séculos a resistir às invasões do papado e a manter sua posição, não obstante todos os esforços enviados pela igreja de Roma para esmagá-los e exterminá-los. Isto porque eles se apegaram à Palavra de Deus, assim como os reformadores de uma época posterior, como o único guia infalível e autoridade em todas as questões de fé e prática. Mesmo Beda, o monge historiador, admite com franqueza que "**Columba** e seus discípulos receberiam apenas as coisas que estão contidas nos escritos dos profetas, evangelistas e apóstolos, observando diligentemente as obras de piedade e virtude." Mas Roma finalmente triunfou: os fiéis Culdees, oprimidos por muito tempo, diminuídos em número, enfraquecidos em energia através das feitiçarias de Jezabel, desaparecem das páginas da história, e a Escócia é novamente envolta em trevas e superstição. Os mosteiros se ergueram rapidamente e logo obscureceram toda a terra; e como eles alcançaram um ápice de riqueza e poder, insuperável em qualquer outra parte da Europa, devemos fazer um breve exame sobre eles.

A grande mania de enriquecer igrejas começou com Carlos Magno: Alfredo, o Grande, imitou seu exemplo, e logo toda a cristandade foi infectada por essa superstição. Na pessoa de Margarida, a princesa saxã, viajou para o norte. A invasão e conquista da Inglaterra pelos normandos e o estabelecimento de uma nova dinastia naquele país produziram os efeitos mais importantes na história da igreja na Escócia. Muitos dos saxões fugiram para a Escócia para escapar de seus novos mestres; e entre outros Margarida, que se tornou a esposa do rei escocês Malcolm III, e a mãe de Alexandre I, um príncipe poderoso e vigoroso, e de David I, que era um defensor fanático do romanismo. A piedade, a caridade e a vida ascética de Margarida são celebradas com entusiasmo por seu confessor e biógrafo, Turgot, um monge de Durham e bispo de Santo André. Malcolm, animado pelo espírito devoto de sua amada esposa, fez algumas doações para a igreja; mas a munificência real de seu filho David na investidura de bispados e abadias foi recompensada com o elogio de todos os escritores monásticos, embora Tiago I fale dele como "um santo magoado da coroa". No entanto, sua extravagante superstição tendia não apenas a empobrecer a coroa, mas também à opressiva tributação do povo. "Ele fundou os bispados de Glasgow, Brechin,

[3]Consulte "Quem Eram os Culdees?", Cap. 14, Página 367.

Dunkeld, Dunblane, Ross e Caithness. . . A mesma liberalidade piedosa deu origem a uma infinidade de abadias, priorados e conventos; e monges de todas as ordens e em todos os trajes se aglomeraram na terra."[4]

A civilização superior dos refugiados anglo-saxões e seu apego à hierarquia inglesa tenderam grandemente ao seu estabelecimento na Escócia. Os **missionários celtas** estava decaindo, enquanto a corte assumia um tom e caráter ingleses. A partir desse período, somos informados que um fluxo de colonos saxões e normandos inundou a Escócia. Eles logo adquiriram os distritos mais férteis desde Tweed até Pentland Firth; e quase todas as famílias nobres da Escócia agora traçam deles sua descendência. Esses novos proprietários, seguindo o exemplo do monarca, esbanjaram suas riquezas na igreja. A paixão por fundar e endossar mosteiros tornou-se tão grande que, muito antes da Reforma, havia mais de cem mosteiros espalhados por todo o país e mais de vinte conventos para a recepção de freiras.

Um breve esboço de duas ou três dessas casas religiosas pode não ser desinteressante para o leitor; isso também mostrará o estado de coisas introduzido pela hierarquia romana naquele país outrora simples e primitivo. As estatísticas são tiradas da história do Sr. Cunningham.

A Riqueza das Abadias na Escócia

Jedburgo, uma das abadias mais nobres da Escócia, era mantida pelos frades trinitarianos. Entre as doações feitas por uma sucessão de benfeitores devotos, encontramos: o dízimo da caça do rei em Teviotdale, uma casa em Roxburgo, uma casa em Berwick, pasto para o gado dos monges junto com os do rei, madeira das florestas reais de acordo com suas necessidades, o aluguel do moinho – uma medida de milho – vindo de todos os homens de Jedburgo, uma salina perto de Stirling, isenção de qualquer cobrança em seus tonéis de vinho, um pesqueiro em Tweed, acres e arados de terra com um servo feudal para cultivar, e várias igrejas paroquiais, com seus dízimos e outras receitas. Eles seguiram a regra de Santo Agostinho, que os obrigava a dedicar a primeira parte do dia ao trabalho e o restante à leitura e devoção.

Paisley — A Abadia de Paisley foi antigamente uma das casas religiosas mais ricas da Escócia. Foi fundada pelo o Grão-senescal Walter Fitz-Allan por

[4]Para detalhes cuidadosamente coletados, veja Cunningham, vol. 1, pág. 106.

volta do ano 1160, para monges cluníacas, que seguiam a ordem de São Bento. Eles primeiramente se localizavam em Renfrew, mas depois foram removidos para Paisley, e logo foram ricamente dotados pela liberalidade piedosa de sucessivos grão-senescais e por alguns dos grandes senhores de Lennox e das Ilhas. No século XIII, eles possuíam trinta igrejas paroquiais, com todas as suas receitas; e cerca de dois terços de todo o solo da extensa paróquia de Paisley haviam passado para suas mãos, com hectares e arados em quase todos os distritos do oeste da Escócia. Além disso, os administradores haviam lhes dado o dízimo de sua caça e as peles de todos os veados capturados nas florestas vizinhas, pasto para o gado, um moinho em Paisley, uma rede de salmão em Clyde em Renfrew, um pesqueiro em Lochwinnoch, a liberdade de extrair tanto pedras de construção quanto pedras de cal para queimar em Blackhall e em outros lugares, de cavar carvão para o uso em seus mosteiros, suas granjas, ferrarias e fábricas de cerveja, de fazer carvão de madeira morta e de cortar relva para cobrir no carvão, de madeira verde para seus mosteiros e granjas, e para todas as operações de agricultura e pesca.

Tais eram os monges e suas receitas naquela época. Eles podiam muito bem se alegrar com a abundância de todas as coisas boas desta vida; mas o pároco — é estranho dizer — ficou em estado de pobreza e dependência. As receitas da paróquia eram apropriadas pelos bispos e casas religiosas, de modo que uma renda muito escassa era reservada para o clero paroquial. Tudo era encaminhado para engordar os frades desocupados; que, quaisquer que tenham sido suas virtudes primitivas, eram agora o escândalo da Igreja. Na época da Reforma, das mil paróquias da Escócia, cerca de setecentas haviam sido destinadas a bispos e casas religiosas. A divisão mais completa e regular do país em paróquias e dioceses ocorreu por volta do início do século XII.

Alguns de nossos jovens leitores podem estar dispostos a perguntar por que foi que nos séculos XII e XIII, mais especialmente, os reis e nobres da terra lutaram entre si para enriquecer a igreja. Muitas causas se combinaram para produzir esse estado de coisas. As cartas feudais naqueles dias eram assinadas com o "+" do rei, visto que ele não conseguia escrever seu próprio nome e todos os seus súditos eram rudes, ignorantes e supersticiosos. Os monges e frades gozavam de grande reputação, como frequentemente observamos em nossa história, pela santidade superior, pelo fervor de suas devoções e pela austeridade de suas vidas. Essas coisas atraíram a atenção e ganharam a veneração de uma época crédula e supersticiosa. Além disso, o doador tinha a garantia de que suas doações garantiriam o repouso de sua alma após a morte, que então significava

vida eterna. Foi por meio dessa grande impostura religiosa que o clero alcançou tal grau de opulência e poder, que os ricos se tornaram seus adoradores e construíram para eles aquelas belas casas, cujas próprias ruínas ainda atraem o viajante e despertam admiração."[5]

Os Efeitos da Riqueza no Clero

Antes da Reforma, de acordo com os relatos mais confiáveis, mais da metade da riqueza da Escócia pertencia ao clero, e a maior parte dela estava nas mãos de alguns indivíduos. O efeito de tal estado de coisas, como sempre foi em todas as épocas e países, foi a corrupção de toda a ordem do clero e de todo o sistema religioso. "Avareza, ambição e amor à pompa secular reinavam entre as ordens superiores. Bispos e abades rivalizavam com a primeira nobreza em magnificência e os precediam em honras; eles eram conselheiros particulares e senhores de sessão, bem como do parlamento, e há muito ocupavam os principais cargos do estado. Um bispado ou abadado vago atraía competidores poderosos, que disputavam por ele como por um principado ou pequeno reino. Benefícios inferiores eram postos à venda abertamente ou concedidos a lacaios analfabetos e indignos da corte, a jogadores de dados, bardos ambulantes e filhos naturais de bispos. Os bispos nunca, em nenhuma ocasião, condescendiam em pregar; desde o estabelecimento do Episcopado Escocês regular até a era da Reforma, a história menciona apenas um exemplo de bispo pregando, e esse foi Dunbar, arcebispo de Glasgow, com o propósito de excluir o reformador, **George Wishart**."

A vida do clero, corrompida pela riqueza e pela ignorância, tornou-se um tal escândalo para a religião, e um tal ultraje à decência, que não podemos transferir para nossas páginas a descrição do historiador mais meticuloso. Mas todos os historiadores concordam, tanto católicos quanto protestantes, que os mosteiros e todas as casas religiosas se tornaram berçários de superstição e ociosidade e, em última análise, locais de lascívia e perversidade. Ainda assim, era considerado ímpio e sacrílego falar em reduzir seu número ou alienar seus fundos. "O reino fervilhava de monges ignorantes, ociosos e luxuriosos, que, como gafanhotos, devoravam os frutos da terra e enchiam o ar de infecções pestilentas; com frades, brancos, negros e cinzentos; cônegos regulares, carmelitas, cartuxos, cordeliers, dominicanos, conventuais franciscanos e observantes, jacobinos,

[5] Cunningham, vol. 1, cap. 5.

premonstratenses, monges de Tyrone e de Vallis Caulium, e hospitalários ou Cavaleiros Sagrados de São João de Jerusalém, freiras de São Austin, Santa Clara, Santa Escolástica e Santa Catarina de Siena, com canonisas de vários clãs."[6]

Sem um conhecimento adequado do estado da Cristandade antes da Reforma, seria impossível formar uma estimativa justa da necessidade e importância dessa revolução misericordiosa. Com o tempo que se passou e com um estado de sociedade tão mudado diante de nós, é difícil acreditar que abusos tão enormes prevaleceram na igreja. Das doutrinas do Cristianismo quase nada restou além do nome. Ao mesmo tempo, acreditamos firmemente que o Senhor tinha os que são Seus ocultos — Suas verdadeiras testemunhas, que choraram sobre os maus caminhos e a intolerância do alto e dominante partido. O próprio Senhor, em Seu discurso a Tiatira, fala de um remanescente então separado das corrupções de Jezabel, e que suas boas obras aumentaram à medida que a escuridão se adensou. "Eu conheço as tuas obras, e o teu amor, e o teu serviço, e a tua fé, e a tua paciência, e que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras" (Apocalipse 2:19). A vida, fé e obras desse remanescente foram sem dúvida reguladas pela palavra de Deus; mas esta mesma circunstância garantiu sua obscuridade e sua ausência das páginas da história. A linha prateada da graça soberana de Deus nunca poderia ser interrompida, e dezenas de milhares das eras mais tenebrosas refletirão a glória dessa graça para sempre. Em silêncio, eles cumpriram sua missão pacífica, e pacificamente saíram de cena, mas não deixaram nenhum registro de seus trabalhos de amor nas páginas do historiador. Não é assim com o orgulhoso, o ambicioso, o fanático, o hipócrita: todos esses se destacam nas páginas da história eclesiástica. Mas há outro tribunal, além do julgamento histórico pela posteridade, perante o qual ambos deverão comparecer e ser avaliados pelo próprio padrão de Deus.

Mas voltemos ao nosso tema — o estado da religião na Escócia antes da Reforma.

O Papado como um Sistema

A Palavra de Deus, que pode tornar os homens sábios para a salvação, foi tirada do povo. Nem mesmo os bispos se envergonhavam de confessar que nunca haviam lido nenhuma parte das Escrituras Sagradas, exceto as que encontravam

[6]Veja uma descrição gráfica do estado da religião na Escócia antes da Reforma, em Life of John Knox do Dr. McCrie, pp. 7—13.

em seus missais. O serviço religioso era murmurado em uma língua morta, que muitos dos padres não entendiam, e alguns deles mal podiam ler; e o maior cuidado foi tomado para evitar que até mesmo catecismos, compostos e aprovados pelo clero, caíssem nas mãos dos leigos. O sacrifício da missa era representado como a obtenção do perdão dos pecados aos vivos e aos mortos; e as consciências dos homens foram privadas do precioso sacrifício, a obra consumada do Senhor Jesus Cristo. E em vez disso foi colocada uma confiança ilusória nas absolvições sacerdotais, perdões papais e penitências voluntárias.

"Eles eram ensinados", disse o eminente historiador de **John Knox**, "que se regularmente dissessem suas aves e credos, se confessassem a um sacerdote, pagassem pontualmente seus dízimos e ofertas à igreja, comprassem uma missa, fossem em peregrinação ao santuário de algum santo célebre, se abstivessem de carne às sextas-feiras, ou realizassem algum outro ato prescrito de mortificação corporal, a salvação deles estaria infalivelmente garantida em seu devido tempo; enquanto aqueles que eram tão ricos e tão piedosos a ponto de construir uma capela ou um altar e doá-lo para o sustento de um sacerdote, para realizar missas, obituários e hinos fúnebres, proporcionava uma amenização das dores do purgatório para eles ou para seus parentes na proporção da extensão de sua generosidade. É difícil para nós conceber o quão vazios, ridículos e miseráveis eram os discursos que os monges faziam em seus sermões. Contos lendários sobre o fundador de alguma ordem religiosa, sua maravilhosa santidade, os milagres que ele realizou, seus combates com o diabo, suas penitências, jejuns, flagelações; as virtudes da água benta, crisma, sinal da cruz e exorcismo; os horrores do purgatório, e os números daqueles liberados disso por meio da intercessão de algum santo poderoso; isso tudo, com gracejos baixos, discursos de vanglória e escândalos constituíam os tópicos favoritos dos pregadores e eram servidos ao povo no lugar das doutrinas puras, salutares e sublimes da Bíblia.

"Os leitos dos moribundos eram sitiados, e seus últimos momentos perturbados, por padres avarentos que labutavam para extorquir heranças para si próprios ou para a igreja. Não satisfeitos com a cobrança do dízimo dos vivos, uma exigência foi feita aos mortos: mal o pobre lavrador tivesse dado o último suspiro, o vigário voraz logo vinha e levava consigo seu corpo presente – isto é, um presente do cadáver para o vigário, o que ele fazia sempre que a morte visitava a família.[7] As censuras eclesiásticas eram fulminadas contra aqueles relutan-

[7]O corpo presente era o privilégio do vigário em caso de morte. Nas paróquias rurais, consistia na melhor vaca que pertencia ao falecido e na cobertura superior de sua cama, ou nas melhores roupas da pessoa morta. E esta exigência, que era feita com grande rigor na Escócia

tes em fazer esses pagamentos, ou que se mostrassem desobedientes ao clero. O serviço divino era negligenciado; e, exceto em dias de festas, as igrejas, em muitas partes do país, não eram mais utilizadas para fins sagrados, mas serviam como santuários para malfeitores, locais de tráfico ou resorts para passatempos.

"A perseguição e a supressão do livre questionamento foram as únicas armas pelas quais seus partidários interessados foram capazes de defender esse sistema de corrupção e impostura. Todas as vias pelas quais a verdade pudesse entrar foram cuidadosamente guardadas. O aprendizado foi rotulado como o pai da heresia. Se qualquer pessoa que tivesse atingido um certo grau de iluminação em meio à escuridão geral começasse a sugerir insatisfação com a conduta dos religiosos e a propor a correção dos abusos, era imediatamente estigmatizado como herege e, se não garantisse sua segurança por meio da fuga, era aprisionado em uma masmorra, ou entregue às chamas. E quando finalmente, apesar de todas as suas precauções, a luz que brilhava ao redor irrompeu e se espalhou por toda a nação, o clero preparou-se para adotar as mais desesperadas medidas sangrentas para sua extinção."

Será agora desnecessário rastrear a origem e o progresso do papado em outras terras. O esboço acima da condição das coisas na Escócia, do século XIII ao século XVI, pode ser suficiente para ilustrar o estado de toda a Europa, e para o propósito da história. Como sistema, é o mesmo em todas as eras e em todos os países. Seu grande dogma sempre foi: a Unidade da Igreja Católica Romana. Seja nas vizinhanças imediatas de Roma ou nas regiões distantes do norte, seu espírito é o mesmo, e deve ser assim até que chegue ao seu fim pelo julgamento direto do próprio Senhor do céu. "Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve, foi-lhe outro tanto de tormento e pranto; porque diz em seu coração: Estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto. Portanto, num dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga." (Apocalipse 18: 7–8)

A Difusão do Cristianismo

Desde a época de Inocêncio III, os escritores católicos romanos se gabam do zelo missionário das ordens mendicantes. Eles são considerados os mais assí-

e em outros lugares, era separada das taxas comuns exigidas para o enterro do corpo e para a libertação da alma do purgatório. N. do. T.: Esse costume não deve ser confundido com a "missa de corpo presente" adotada pela Igreja Católica no Brasil.

duos em visitar prisões, hospitais e lugares de perigo iminente, em cuidar das necessidades espirituais dos pobres, e que também foram os servos mais ativos da igreja na propagação do Cristianismo entre nações remotas e selvagens. Até agora, parece ter sido esse o caso nos séculos XIII e XIV; mas, como toda a história vai provar, que esses mendicantes foram os agentes mais zelosos da Santa Sé em todos os seus ambiciosos esquemas e piores práticas em toda a Cristandade, torna-se então difícil dar-lhes crédito por esse suposto puro zelo cristão. Pelos métodos que buscavam e os resultados de suas missões, é mais do que óbvio que eles tinham em vista principalmente seu próprio avanço ou a extensão da soberania papal. Ainda assim, pode ter havido homens piedosos entre eles, que eram animados por motivos superiores e trabalhavam com devoção desinteressada; e como os vícios dos mendicantes em geral são notórios, devemos ficar contentes de registrar todo o bem que pudermos.

Desde o tempo das guerras religiosas de Carlos Magno até as guerras exterminadoras em Languedoque, os **missionários romanos** geralmente pregavam o evangelho da paz à frente de um exército liderado por bispos e abriam caminho para sua recepção à espada; mas, no século XIII, bandos de missionários piedosos de dominicanos e franciscanos foram enviados pelos pontífices romanos aos chineses, aos tártaros e aos países adjacentes. Um grande número dessas nações professava a fé cristã. João de Monte Corvino, um franciscano, distinguiu-se pelo sucesso de seus trabalhos, e em 1307, Clemente V erigiu uma sé arquiepiscopal em Cambalu, isto é, Pequim, a atual capital da China. O mesmo pontífice enviou sete outros bispos, também franciscanos, para essas regiões; e esse distante ramo da hierarquia foi cuidadosamente nutrido pelos pontífices seguintes. "Enquanto durou o império tártaro na China, não apenas os latinos, como também os nestorianos, tiveram liberdade de professar sua religião livremente em todo o norte da Ásia e de propagá-la por toda a parte. Mas o mais poderoso imperador dos **tártaros**, Timurbec, tendo abraçado o islamismo, perseguiu com violência e com a espada todos os que aderiam à religião cristã. A nação dos tártaros, na qual muitos outrora professavam o cristianismo, se submeteram universalmente ao Alcorão. Assim, a religião cristã foi derrubada naquelas partes da Ásia habitada por chineses, tártaros, mongóis e outras nações, cuja história ainda é imperfeitamente conhecida. Pelo menos nenhuma menção foi encontrada de qualquer cristão latino residente nesses países após o ano de 1370. Mas dos nestorianos vivos na China, alguns vestígios podem ser encontrados, embora não muito claros, até o século XVI. "

Entre os príncipes europeus, Jagello, duque da Lituânia, **Polônia**, foi prati-

camente o único que ainda aderiu à idolatria de seus ancestrais. E ele, no ano de 1386, abraçou os ritos cristãos, foi batizado e persuadiu seus súditos a fazerem o mesmo. O que restou das antigas religiões da Prússia e da Livônia foi extirpado pelos cavaleiros e cruzados teutônicos com guerras e massacres. Na Espanha, os sarracenos ainda detinham a soberania de Granada, Andaluzia e Múrcia; e contra eles os reis cristãos de Castela, Aragão e Navarra travaram uma guerra perpétua; e, embora com dificuldade, triunfou e tornou-se o único senhor da Espanha no século XV sob o reinado de Fernando e Isabel.[8]

Reflexões sobre a História do Papado

Traçamos, embora brevemente, a origem, o progresso e a altura mais elevada que alcançou o sistema papal. Isso foi alcançado pelas grandes habilidades de Inocêncio III. Mas quão variada e repleta de contrariedades e contradições é essa história pitoresca e misteriosa! Façamos uma pausa por um momento para refletir sobre as hipocrisias e tiranias, a presumida piedade e a crueldade daquela mulher Jezabel. Foi ela quem enviou os mais devotos de seus filhos nos primeiros tempos para habitar nas solitárias cavernas das montanhas ou no claustro secreto, sob o pretexto de ali contemplarem pacificamente a glória de Deus e serem transformados à Sua imagem. Mas novamente a ouvimos com voz alterada reunindo as miríades de hostes da Europa para sair e resgatar a Terra Santa das garras infames dos filisteus incircuncisos, e defender a bandeira da cruz no santo sepulcro. Ela se torna então insensível aos sentimentos comuns da natureza, insensível às misérias da humanidade e manchada com o sangue de milhões. Durante duzentos anos, ela empregou todo o seu poder na promoção da destruição da vida humana pelas ruinosas expedições à Terra Santa. E como cada Cruzada sucessiva se mostrava mais desesperadora e desastrosa do que a anterior, ela redobrava seus esforços para renovar e perpetuar aquelas cenas de insensatez, sofrimento e derramamento de sangue inigualáveis.

Mas volte-se novamente e veja o duplo aspecto de seu caráter ao mesmo tempo. Quando os cruzados avistaram Jerusalém, eles desceram dos cavalos e descobriram os pés para que pudessem se aproximar das paredes sagradas como verdadeiros peregrinos. Gritos altos foram levantados: "Ó Jerusalém! Jerusalém!", como se um temor sagrado movesse seus corações. Mas quando o governador se ofereceu para admiti-los como peregrinos pacíficos, eles recusa-

[8]Waddington, vol. 3, pág. 358; Mosheim, vol. 2, pág. 592.

ram. Não, eles estavam decididos a abrir o caminho com suas espadas e arrancar, por meio do ardor militar, a cidade sagrada das mãos dos incrédulos. Mal haviam escalado as paredes e se precipitaram para o massacre indiscriminado de muçulmanos e judeus, enchendo de sangue os lugares sagrados. E então, por um breve momento, a obra de carnificina e pilhagem foi suspensa, para que os peregrinos devotos pudessem realizar suas devoções; mas os lugares onde eles se ajoelhavam em adoração estavam cobertos de montes massacrados. Esta é uma verdadeira imagem do espírito e caráter de Jezabel, manifestado em todas as eras e países. Quando o próprio Domingos ficou com vergonha dos missionários ensanguentados de Inocêncio em Languedoque, tendo visto milhares de camponeses pacíficos assassinados a sangue frio, ele se retirou para uma igreja e orou pelo sucesso da boa causa, e assim as vitórias de Monforte e seus rufiões foram atribuídas às orações do espanhol de “mente santa”. Esta foi uma cruzada, não contra turcos e infiéis, mas contra os santos do Senhor porque eles ousaram falar de certos abusos na “santa mãe igreja”. E, para castigar com mais eficácia seus filhos, ela inventou a Inquisição, esse aparato de perseguição doméstica, tortura e morte.

E, por mais estranho que possa parecer hoje em dia, e cruel além de qualquer comparação, a destruição em massa da vida e da propriedade humana era **a própria energia vital do papado**. Ela enriqueceu apropriando-se das contribuições levantadas para o propósito das Cruzadas; e ela se fortaleceu enfraquecendo os monarcas da Europa, exaurindo seus tesouros e despovoando seus países. Assim foi o zelo papal inflamado a uma paixão ardente pelos cruzados e assim passou de Urbano II e do Concílio de Clermont até seus sucessores. Cada pensamento da mente papal, cada sentimento do coração papal, cada mandato emitido do Vaticano, tinha apenas um objetivo em vista: o enriquecimento e fortalecimento da Sé Romana. Não importa o quão subversiva de toda a paz, quão perniciosa para toda a sociedade, ela perseguia seus próprios interesses com uma obstinação inflexível e insensível. As excomunhões eram usadas para os mesmos fins de engrandecimento papal. "O herege perdia não apenas todas as dignidades, direitos, privilégios, imunidades, e até mesmo todas as propriedades, toda a proteção da lei; ele deveria ser perseguido, roubado e condenado à morte, seja pelo curso normal da justiça — a autoridade secular era obrigada a executar, mesmo com sangue, a sentença do tribunal eclesiástico – ou, se ele se atrevesse a resistir por qualquer meio, por mais pacífico que fosse, era considerado um insurgente, contra quem toda a cristandade poderia, ou melhor, estava obrigada, à convocação do poder espiritual, para declarar guerra; suas

propriedades, e mesmo seus domínios, se um soberano, não eram meramente passíveis de confisco, mas a igreja assumia o poder de conceder a outro os bens e propriedades como lhe parecesse melhor.

"O exército que deveria executar o mandato do papa era o exército da igreja, e a bandeira desse exército era a cruz de Cristo. Então começaram as cruzadas, não nas fronteiras contestadas da Cristandade, não em terras muçulmanas ou pagãs na Palestina, nas margens do Nilo, entre as florestas da Livônia ou nas areias do Báltico, mas no próprio seio da Cristandade; não entre os partidários implacáveis de um credo antagônico, mas no solo da França católica, entre aqueles que ainda chamavam a si mesmos pelo nome de cristãos."[9]

Esse era, é e sempre será o espírito e o caráter da igreja de Roma. Quão tenebrosa imagem! Quão triste é a reflexão de que aquela que se autodenomina a verdadeira igreja de Deus, a santa mãe de Seus filhos e a representante de Cristo na terra, tenha sido transformada, por instrumentos satânicos, em um monstro das mais repugnantes hipocrisias, e "abomináveis idolatrias!" Ela se tornou a mãe adotiva da mais aberta e ilimitada adoração de imagens, santos, relíquias e pinturas, e da teoria da transubstanciação e da prática do confessionário. Exteriormente, sua ambição inescrupulosa de glória secular, sua intolerância em perseguir até o extermínio todos os que se aventurassem a contestar sua autoridade, sua sede insaciável por sangue humano não têm paralelo nas eras mais bárbaras do paganismo.

E é esta a igreja — você pode muito bem exclamar em suas reflexões — é esta a igreja a que tantos estão se juntando nos dias de hoje? Sim, infelizmente; e muitos das classes superiores e inteligentes! Certamente, essas conversões só podem ser fruto do poder ofuscante de Satanás, o deus deste mundo (2 Coríntios 4:3–4). Muitas jovens das melhores famílias da Inglaterra se submeteram, em devoção cega, a ser despojadas de sua cobertura natural e aprisionadas em um convento pelo resto da vida; e muitos da aristocracia, tanto leigos quanto clericais, aderiram à comunhão da igreja romana. Mas ela não mudou: a mudança é com aqueles cuja luz se tornou em trevas, de acordo com a palavra do profeta: "Dai glória ao Senhor vosso Deus, antes que venha a escuridão e antes que tropecem vossos pés nos montes tenebrosos; antes que, esperando vós luz, ele a mude em sombra de morte, e a reduza à escuridão" (Jeremias 13:16). Assim como ela era nos dias de Gregório VII, de Inocêncio III, do cardeal Pole e da Maria Sangrenta (Maria I da Inglaterra), **assim é ela ainda hoje** quanto ao seu

[9]Milman, vol. 4, pág. 168; Waddington, vol. 2, pág. 270.

espírito, faltando-lhe apenas o poder. Mas qual será a culpa dos convertidos atuais, tendo o Novo Testamento diante de si e vendo o contraste entre o bendito Senhor e Seus apóstolos, e o papa e seu clero; entre a graça e a misericórdia do evangelho e a intolerância e crueldade do papado! Em vez disso, que meu leitor se lembre da exortação: "Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas. . . porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias. E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra" (Apocalipse 18:4,23,24).

Capítulo 28

O Declínio do Poder Papal (1216–1314 d.C.)

O Declínio do Poder Papal

Da época de Inocêncio III até a época da Reforma, o Senhor estava preparando o caminho para esse grande evento ao enfraquecer o poder dos papas sobre os governos humanos e sobre as mentes dos homens em geral. O declínio foi lento, pelo menos por cerca de cem anos, pois Satanás desenvolveu todo o seu poder para apoiar o "mistério da iniquidade"; mas aprouve a Deus enfraquecer seu poder, levantando homens de habilidade e integridade para expor seus muitos males. São essas testemunhas que propomos examinar em nosso próximo capítulo. Nesse ínterim, podemos acrescentar que toda a mente da Europa se tornou tão familiarizada com as afirmações das reivindicações papais que elas acabaram sendo aceitas como uma parte essencial do Cristianismo. A ideia dominante deste grande esquema teocrático era a supremacia absoluta do espiritual sobre o poder temporal, "como da alma sobre o corpo, como da eternidade sobre o tempo, como de Cristo sobre César, como de Deus sobre o homem — que todo poder terreno está subordinado ao poder espiritual em todos os aspectos, seja imediatamente ou não, tocando ou afetando a religião ou seu chefe." Este princípio, primeiramente afirmado em toda a sua plenitude por Hildebrando, adquiriu seu "estabelecimento mais firme e maior expansão" nas mãos habilidosas de Inocêncio. Ele estava no ápice do poder e glória pontifícia. O que tinha sido o sonho de muitos de seus predecessores foi plenamente realizado durante seu pontificado; mas deste pináculo o sacerdote coroado começaria agora a des-

cer.

Os detalhes das longas e ruinosas guerras entre o papado e o império que se seguiram de imediato, especialmente entre Gregório IX, Inocêncio IV e Frederico II, seriam inadequados para nossas páginas e desnecessários para o propósito de nosso relato histórico. Portanto, nos contentaremos com um rápido resumo sobre os principais pontífices durante este período de declínio papal.

No ano de 1216, **Honório III** sucedeu a Inocêncio. Toda a atenção do novo pontífice foi dedicada à promoção da guerra santa. As Cruzadas haviam se tornado um artigo tão estabelecido no credo papal, e tão necessário para a manutenção do poder papal, que nenhum cardeal que não fosse de coração e alma um cruzado poderia ser elevado à cadeira de São Pedro. Esta era a mais alta qualificação do sumo sacerdote da religião cristã. Portanto, o primeiro ato de Honório após sua instalação foi enviar uma carta circular a toda a cristandade, exortando os cristãos, cheio de apelos às emoções, a contribuir em dinheiro ou pessoalmente para a nova campanha. Frederico II, o imperador eleito, em seu ardor juvenil fez uma promessa solene a Inocêncio de se engajar sem perda de tempo em uma nova cruzada; não contra os albigenses já esmagados, cujas cinzas ainda fumegavam, mas pela destruição dos muçulmanos e pela libertação do santo sepulcro da profanação dos infiéis. E ninguém naquela época que tivesse feito o voto tinha permissão para se escusar disso. Se não pudessem realizar a expedição pessoalmente, deveriam encontrar substitutos ou colaborar com dinheiro. Cartas foram imediatamente enviadas a Frederico, lembrando-o de seu antigo voto de cruzado e pressionando sua partida imediata para a Terra Santa. Mas Frederico ainda era um jovem, seu rival Otão ainda estava vivo, seu reino no estado mais instável; de modo que ele não poderia partir por enquanto. Nem a ameaça nem a persuasão puderam fazer Frederico mudar de ideia, embora as esperanças papais estivessem principalmente nele centradas.

A Conquista e Perda de Damieta

A convocação soou ferozmente e o hino de batalha foi cantado pelos emissários do papa em toda a França, Alemanha, Itália, Espanha, Hungria e todo o Ocidente: os reis, príncipes e nobres foram sitiados e perseguidos para que angariassem, sem demora, navios, homens, dinheiro, armas e todos os suprimentos necessários. Mas o papa descobriu, para sua frustração, que o entusiasmo de eras anteriores havia passado — que Honório não tinha mais o mesmo poder

mágico de Urbano. Nem os legados papais nem os frades pregadores conseguiam acender no coração do povo o zelo pela guerra santa. Apenas um rei obedeceu à convocação, André da Hungria. Príncipes e prelados, duques, arcebispos e bispos juntaram-se ao rei húngaro. Uma grande força foi reunida. O primeiro objeto de ataque foi a cidade de **Damieta**, no Egito, que, após um cerco de dezesseis meses, caiu nas mãos dos cruzados. Mas a destruição de vidas humanas por essa loucura papal foi terrível. "Os habitantes foram tão reduzidos pela fome, pestilência e a espada, que de oitenta mil apenas três mil permaneceram vivos; o ar ficou contaminado pelo cheiro de cadáveres; no entanto, mesmo em meio a esses horrores os captores não puderam conter sua crueldade e avidez."[1]

O relato dessa esplêndida vitória foi recebido pelo papa com exultação. Suas esperanças de um sucesso definitivo foram estimuladas ao mais alto nível. Mas essas esperanças logo foram frustradas. A cidade foi sitiada no ano seguinte por uma força esmagadora de infiéis sob a liderança ativa e habilidosa de Malek al Kamul, sultão do Egito e da Síria. Damieta foi rendida.

A profunda frustração do papa desabou sobre o imperador. O fracasso da expedição e as calamidades pelas quais passaram os cristãos foram atribuídas a sua deliberada procrastinação. Supõe-se que trinta e cinco mil cristãos e cerca de setenta mil muçulmanos morreram em Damieta. Mas a derrota e o desastre apenas estimularam o zelo do pontífice por novas cruzadas. Durante um reinado de onze anos, Honório esteve principalmente engajado na promoção de cruzadas contra os albigenses no sul da França e contra os sarracenos na Palestina. Em 1227 ele morreu, ainda pressionando a partida de Frederico e — não lamentamos acrescentar — ainda pressionando em vão.

Gregório IX e Frederico II

Gregório IX, um parente próximo de Inocêncio III, e um discípulo leal de sua escola, foi imediatamente elevado ao trono pontifício com aclamações unânimes e ruidosas. Sua coroação foi cheia de pompa. "Ele voltou da Basílica de São Pedro usando duas coroas, montado em um cavalo ricamente enfeitado e rodeado por cardeais vestidos de púrpura e um numeroso clero. As ruas estavam cobertas de tapeçarias, incrustadas de ouro e prata, as mais nobres produções do Egito e as cores mais brilhantes da Índia, e perfumadas com vários odores aro-

[1] J.C. Robertson, vol. 3, pág. 383.

máticos."[2] Ele havia completado 81 anos quando subiu ao trono de São Pedro. Mas naquela idade extrema suas faculdades mentais não estavam prejudicadas. Diz-se que ele tinha a ambição, o vigor, e quase que a atividade da juventude; em propósito e ação, inflexível, em temperamento, caloroso e veemente.

Frederico, deve-se lembrar, foi um protegido de Inocêncio III. As aventuras, perigos e sucessos do jovem rei, enquanto lutava para ascender ao seu trono hereditário na Sicília e à coroa imperial da Alemanha, são quase sem paralelo na história. Durante o pontificado de Honório, seu caráter estava se expandindo até a maturidade; ele tinha trinta e três anos quando o pontífice morreu. Naquela época, ele já estava na posse indisputável do império, com todos os seus direitos no norte da Itália, rei da Apúlia, Sicília e Jerusalém. Os historiadores competem entre si nas descrições de seu caráter e na enumeração de suas virtudes e vícios. Milman, em seu usual estilo poético, o descreve como o soberano magnífico, o cavaleiro valente, o poeta, o legislador, o patrono das artes, letras e ciência, cuja sabedoria perspicaz parecia antecipar algumas daquelas visões de justiça igualitária, das vantagens do comércio, do cultivo das artes da paz e da tolerância de religiões adversas, que mesmo em um filho mais zeloso da igreja sem dúvida teriam parecido algo como indiferença ímpia. Outros o descrevem como egoísta e generoso, placável e cruel, corajoso e sem fé; e que não se proibia das mais licenciosas indulgências. Suas realizações pessoais foram notáveis; ele podia falar fluentemente as línguas de todas as nações que eram faladas entre seus súditos: grego, latim, italiano, alemão, francês e árabe.

Tanto o papado quanto o império eram agora representados por líderes habilidosos e decididos de suas respectivas reivindicações. Frederico não suportaria alguém superior a ele, e Gregório também não. O imperador estava determinado a manter seus direitos monárquicos; o papa estava igualmente determinado a manter a dignidade papal acima da imperial. A luta mortal começou; foi a última disputa entre o império e o papado, mas os cruzados foram indispensáveis para a vitória papal.

O idoso papa dedicou-se à sua obra. Seu primeiro e imediato ato após a coroação foi instar a renovação das Cruzadas nas várias cortes da Europa. Mas seus apelos foram dirigidos a ouvidos surdos. Lombardia, França, Inglaterra e Alemanha persistiram em sua hostilidade contra as Cruzadas e seus promotores. A queda de Damieta estava fresca em suas memórias. Nada, portanto, restou ao velho obstinado, a não ser forçar Frederico. Embora, por razões políticas,

[2]Waddington, vol. 2, pág. 281.

ele não estivesse disposto a deixar seus domínios, ainda assim, para agradar ao papa, ele reuniu um armamento considerável de homens e navios e embarcou de Brindisi. Mas uma peste estourou e levou muitos de seus soldados, e entre eles o landgrave da Turíngia e dois bispos. O próprio imperador, depois de três dias no mar, foi acometido pela doença e voltou à terra firme para se beneficiar dos banhos. Isso causou a dispersão do exército e o abandono temporário da expedição.

Frederico Desconsidera a Excomunhão Papal

O papa ficou furioso; tratou a história da doença de Frederico como um pretexto vazio, e, sem esperar ou pedir explicações, lançou a sentença de excomunhão contra o pária perjurado, Frederico da Suábia. Isso aconteceu seis meses depois de sua elevação à Sé, e daquele dia em diante Frederico encontrou pouco descanso neste mundo até tê-lo encontrado em seu túmulo. Em vão enviou bispos para pleitear sua causa e testemunhas da realidade de sua doença: a única resposta do papa foi: "Fingiste estar doente de maneira fraudulenta e voltaste para seus palácios para desfrutar das delícias do ócio e do luxo"; e ele renovou a excomunhão vez após vez, exigindo que todos os bispos a publicassem.

Mas em vez de Frederico ser humilhado e levado perante Gregório IX, assim como Henrique IV foi levado diante de Gregório VII em Canossa, ele denuncia com ousadia todo o sistema do papado. "Seus predecessores", escreveu ele a Gregório, "nunca cessaram de invadir os direitos de reis e príncipes; eles os despojaram de suas terras e territórios e os distribuíram entre os asseclas e favoritos da corte deles; eles ousaram absolver súditos de seus juramentos de lealdade; eles até mesmo introduziram confusão na administração da justiça, ao ligar e desligar conforme sua própria vontade, e persistirem nisso, sem levar em conta as leis do país. A religião era o pretexto para todas as ofensas ao governo civil; mas o verdadeiro motivo era o desejo de subjugar governantes e súditos a uma tirania intolerável — extorquir dinheiro, e enquanto conseguissem isso, pouco se importavam se toda a estrutura da sociedade fosse abalada até seus alicerces." Muitas outras coisas de natureza semelhante Frederico ousou dizer, o que mostra o estado enfraquecido do poder papal. Ao mesmo tempo, ele foi um bom rei católico em muitos aspectos, promulgando leis severas contra os hereges; mas ele queria colocar o papa em seu próprio lugar para que governasse a igreja e o deixasse governar o império. Ele estava disposto a aceitar que

o papa fosse apenas o chefe clerical, e que ele próprio deveria ser o secular.[3]

O grande crime de Frederico, na mente do fanático pontífice, foi sua relutância em ir para a Terra Santa. Ele tinha preferido os interesses de seu império às ordens da Santa Sé. Esta prudente decisão foi seu pecado imperdoável. Ele não via sentido em sacrificar homens, dinheiro e navios sem uma perspectiva razoável de sucesso. Ele estava decidido, porém, a cumprir seu voto e provar sua sinceridade como soldado da cruz.

No final de junho de 1228, ele partiu novamente de Brindisi. Muito da animosidade mortal contra os muçulmanos que animara os cruzados mais antigos havia desaparecido. Frederico tinha relações amigáveis com o sultão; de modo que, em vez de buscar, pelo fogo e pela espada, o extermínio dos seguidores de Maomé, o imperador propôs um tratado de paz. O generoso Kamul entrou no acordo, e um tratado foi celebrado em 18 de fevereiro de 1229, pelo qual **Jerusalém seria entregue aos cristãos**, com exceção do templo, que, embora estivesse aberto a eles, era para permanecer sob os cuidados dos muçulmanos. Nazaré, Belém, Sidom e outros lugares deveriam ser deixados de lado. Com esse tratado, os cruzados ganharam mais do que por muitos anos se aventuraram a esperar.[4]

Mas essa vitória sem derramamento de sangue, obtida por um monarca excomungado, exasperou o venerável pontífice ao frenesi. Ele denunciou, em termos de furioso ressentimento, a presunção inédita de alguém banido da igreja ousar colocar o pé profano no solo sagrado da paixão e ressurreição do Salvador; e lamentou a poluição que a cidade e os lugares sagrados haviam contraído com a presença do imperador. Mas Deus sobrepujou este evento notável, em Sua providência, para revelar a toda a humanidade o vazio do suposto entusiasmo de Gregório pela libertação da Terra Santa. Sua própria dignidade papal e pessoal era mil vezes mais cara para ele do que o local do nascimento de Cristo. Recorreu a todos os artifícios que sua malícia inventiva e de seus conselheiros poderiam sugerir para conseguir o fracasso da expedição e a ruína de Frederico. Seus frades minoritários foram enviados às ordens patriarcas e militares de Jerusalém a fim de lançar todos os obstáculos possíveis no caminho, com a intenção expressa de que Frederico encontrasse um túmulo ou uma masmorra na Palestina. Uma trama foi feita por alguns templários para surpreender Frederico em uma expedição para se banhar no Jordão; mas, descoberta a trama,

[3]Veja uma longa carta a Henrique III da Inglaterra, escrita pelo imperador Frederico II, no qual ele censura justa e severamente a igreja romana. *History*, de Waddington, vol. 2, pág. 281.

[4]J.C. Robertson, vol. 3, pág. 393.

os templários ficaram a ver navios. O velho vingativo, porém, ainda não havia terminado. Ele reuniu uma força considerável e, liderado por João de Brienne, invadiu os domínios apulianos do imperador. As notícias desses movimentos trouxeram de volta Frederico a toda a pressa do Oriente. Os exércitos papais fugiram com sua aproximação, e todo o país foi rapidamente recuperado pela influência de sua presença.

Mas a espada papal estava então desembainhada — a espada da luta e da discórdia implacáveis. Durante um longo reinado, Frederico, o maior da casa da Suábia, "foi excomungado por não tomar a cruz, excomungado por não partir para a Terra Santa, excomungado por partir para a Terra Santa, excomungado na Terra Santa, excomungado por retornar, depois de ter feito uma paz vantajosa com os muçulmanos", foi deposto de seu trono e seus súditos absolvidos de seus juramentos de fidelidade. Mas sem tentar descrever mais a fundo as aventuras militares do império, ou traçar a política infiel do papado, apenas acrescentaremos que o miserável velho pontífice morreu aos 99 anos de idade, em meio às hostilidades e de um ataque de furiosa agitação. Ele foi sucedido por Inocêncio IV, que seguiu os passos de Inocêncio III e Gregório IX. A causa de Frederico não ganhou em nada com a mudança de pontífices. Viveu até o ano de 1250, quando, aos 56 anos de idade e no vigésimo sétimo ano de seu reinado, morreu nos braços de seu filho, Manfredo, tendo confessado e recebido a absolvição do fiel arcebispo de Palermo.

Com a morte de Frederico, poderíamos supor que as hostilidades papais teriam pelo menos uma pausa; mas foi muito longe disso. O ódio que o acompanhou até o túmulo, e muito além dele, perseguiu seus filhos, até que se extinguiu no sangue do último rebento de sua casa sobre um palanque em Nápoles. A guerra foi travada entre os chamados exércitos guelfos e gibelinos, isto é, as facções papais e imperiais. O papa Clemente IV convidou o cruel conde Carlos de Anjou, irmão de Luís IX, a apressar-se em ajudar o exército guelfo, com a promessa da coroa da Sicília. "Ele aceitou", diz Greenwood, "a comissão papal com a avidez de um aventureiro e com o espírito imprudente de um cruzado. Ele foi um dos mais talentosos dos tiranos que figuram na história do mundo: crueldade, avidez, luxúria, e corrupção foram perfeitamente manifestadas sob seu comando." Com um grande exército, formado para o resgate da Terra Santa, ele entrou na Itália. Alguns dos mais bravos da cavalaria e da baixa nobreza da França estavam neste "exército da cruz". Mas, em vez de ir ajudar seus irmãos na Palestina contra os muçulmanos, o papa os absolveu de seu voto, prometeu-lhes o perdão dos pecados e a bem-aventurança eterna, para que virassem as

armas contra seus irmãos da casa e os seguidores do falecido imperador. Este foi o "zelo" e a "honestidade" papal pela libertação do santo sepulcro.

Tendo sido **Carlos de Anjou** coroado rei da Sicília, os peregrinos receberam uma permissão para matar e saquear as regiões indicadas pelo papa, e sob a direção dele invadiram as porções mais belas dos domínios do imperador. Mas o imperador estava em seu túmulo, e a força que tinha seu nome se foi. Seus filhos se apressaram em reunir aventureiros à medida que suas finanças os capacitassem a reunir; a competição por um tempo foi duvidosa, mas a bravura bem disciplinada da França finalmente superou os bandos mal treinados dos jovens príncipes. Manfredo caiu em batalha, Conrado foi cortado repentinamente pela morte, e o jovem Conradino, com seu jovem primo, o príncipe Frederico da Baviera, foram feitos prisioneiros e decapitados por Carlos na praça pública de Nápoles.

A Cristandade ouviu com estremecimento a notícia dessa atrocidade sem igual. Por nenhum outro crime senão lutar por seu trono hereditário contra o pretendente do papa, Conradino, o último herdeiro da casa da Suábia, foi executado como criminoso e rebelde em um palanque público. O papa foi acusado de participação no assassinato de um filho e herdeiro de reis; ele havia colocado a espada nas mãos do tirano e deve comparecer ao tribunal do julgamento divino e humano, manchado com o sangue de Conradino. No final do mês seguinte, o detestado papa acompanhou sua vítima até a sepultura, além da qual não nos convêm ir, mas temos certeza de que o Juiz de toda a terra fará o que é certo, e que do trono da justiça divina ele ouvirá a sentença da justiça eterna, que não admite mudança nem sombra de variação. O fogo é eterno, o bicho nunca morre, a corrente nunca pode ser quebrada, as paredes nunca podem ser escaladas, os portões nunca podem ser abertos, o passado nunca pode ser esquecido, as censuras da consciência nunca podem ser silenciadas — tudo se combina para encher a alma com as agonias do desespero, e isso para todo o sempre. Quem não desejaria, acima de tudo, ser perdoado e salvo pela fé no Senhor Jesus Cristo, que morreu para salvar o principal dos pecadores? (Marcos 9:44–50)

A Sobrepujante Mão de Deus

Na providência de Deus, esse crime odioso, que nunca poderia ser esquecido pelos monarcas e pelo povo da Europa, deve ter tendido muito a desacreditar e

enfraquecer o poder papal e a fortalecer as mãos do governante civil contra as usurpações e invasões da igreja de Roma. A mudança se torna mais aparente a partir dessa data. A trágica morte de Conradino de Hohenstaufen e de Frederico da Baden ocorreu em 1268, e a famosa **"Pragmática Sanção"**tornou-se a "Carta Magna" da igreja galicana em 1269. Este documento foi emitido pelo mais piedoso rei, Luís IX da França, que é comumente chamado de São Luís. O tom por completo desse decreto é antipapal. Limita a interferência do tribunal de Roma nas eleições do clero e nega diretamente o seu direito de tributação eclesiástica, exceto com a sanção do rei e da Igreja da França. Nada poderia ser mais justo e liberal, mas nada poderia se opor mais diretamente às pretensões da Sé de Roma. Sob os cuidados dos advogados civis, que agora estavam estabelecendo nas mentes dos homens uma autoridade rival à da hierarquia e da lei canônica, a Pragmática Sanção tornou-se uma grande carta de independência para a igreja galicana.

Este édito antipapal, vindo do mais religioso dos reis — um santo canonizado — não despertou oposição por parte da Sé Romana. Se tal lei tivesse sido promulgada por Frederico II, ou por qualquer um de sua raça, o efeito teria sido muito diferente. Mas é mais do que provável que nem Luís nem o papa previram o que aconteceria com esse piedoso decreto — originalmente destinado ao benefício e à reforma do clero. Mas nas mãos de parlamentos, advogados e monarcas ambiciosos, tornou-se a barreira contra a qual as usurpações e pretensões elevadas de Roma estavam destinadas a se despedaçar.

Antes de concluir nosso capítulo já bastante longo, devemos fazer uma breve consideração sobre o pontificado de Bonifácio VIII, pois é a evidência culminante do declínio papal, e a dobradiça sobre a qual gira a história que está por vir.

Bonifácio VIII e Filipe, o Belo (1295 a 1303 d.C.)

Em menos de quarenta anos desde a promulgação desse famoso decreto, conhecido na história como a "Pragmática Sanção", o orgulhoso e imperioso pontífice **Bonifácio VIII** foi abertamente desafiado pelo rei da França. Ele foi o primeiro a ensinar às nações da Europa que os bispos romanos podiam ser derrotados e pisoteados pelo soberano, como haviam pisoteado durante séculos os soberanos da Europa. Filipe, o Belo — assim chamado por sua aparência pessoal, certamente não por suas ações — era tanto altivo como teimoso, tão arrogante,

tão ciumento, tão violento, tão implacável quanto Bonifácio, e até o superava em astúcia e sutileza. O orgulho de Bonifácio foi sua ruína; não reconhecia limites e desdenhava-se a se curvar às circunstâncias, e nenhuma consideração de religião, política ou humanidade poderia reprimir sua violência e crueldade. Mas a aparência elevada e o orgulho altivo do prelado logo seriam abatidos. Ele estava profundamente envolvido em muitas brigas com muitas nações, soberanos e famílias nobres; mas o astuto e poderoso rei da França provou ser mais do que seu adversário. Quando Bonifácio enviou uma exigência extravagante a Filipe, ele respondeu com desprezo. E quando touro após touro, em ira ardente, saiu do Vaticano contra o rei, ele fez com que fossem queimados publicamente em Paris e mandou de volta uma mensagem a sua santidade de que era a função de um papa exortar, não ordenar, e que ele não toleraria nenhum ditador em seus negócios.

Mas as coisas não podiam parar por aí; Filipe decidiu humilhar seu adversário. Para fortalecer sua posição contra os procedimentos de Roma, ele recorreu aos meios mais constitucionais. Enquanto Bonifácio ofendia a população da França com seus ataques destemperados ao rei, o rei político estava atraindo a admiração de seu povo ao defender a dignidade de sua coroa e o bem-estar da nação contra as usurpações do papa. Ele reuniu os nobres e prelados da França, e com eles convocou os representantes do terceiro estado, os burgueses da França — dita ser a primeira convocação dos Estados Gerais. Este plano foi logo seguido por outros reis, o que afetou profundamente a futura história do papado. O rei teve a satisfação de obter um forte protesto contra as exigências papais e a afirmação da independência da coroa.

Bonifácio, não percebendo essa crise em sua própria história e na do papado, seguiu cegamente, com uma arrogância inoportuna, sua conduta anterior. Dirigindo-se a Filipe em uma carta, ele diz: "Deus me colocou sobre as nações e os reinos, para arrancar e derrubar, para destruir, para construir, para plantar em Seu nome e por Sua doutrina. Que ninguém te persuadas, meu filho, que não tens superior, ou que não estás sujeito ao chefe da hierarquia eclesiástica. Aquele que tem essa opinião é insensato, e quem a defende obstinadamente é um infiel, separado do rebanho do bom pastor. Portanto, declaramos, definimos e pronunciamos que é absolutamente essencial para a salvação de todo ser humano que ele esteja sujeito ao pontífice romano." A resposta do rei foi moderada, mas firme e desafiadora. As perplexidades aumentaram. Não satisfeito com essas afirmações, o papa declarou um interdito na França, excomungou o rei e ofereceu sua coroa a outro. Mas Filipe, de forma alguma incomodado com

tais censuras, que agora eram impotentes, publicou um decreto que proibia a exportação de todo ouro, prata, joias, armas, cavalos ou outras munições de guerra do reino. Por esse decreto, o próprio papa foi privado de suas receitas da França.

A Humilhação do Pontífice

Ardendo de raiva, Bonifácio repetiu e redobrou suas ameaças. Mas Filipe decide então seguir um caminho mais curto para encerrar a disputa. Ele despachou um oficial de confiança, **Nogaret**, com Sciarra Colonna, um membro de uma nobre casa italiana que Bonifácio havia arruinado e desolado, e que era, é claro, inimigo jurado do papa. Estes, juntamente com outros aventureiros e trezentos cavaleiros armados, tinham ordens estritas para prender o papa onde quer que fosse encontrado e trazê-lo como prisioneiro para Paris. O perplexo velho, então com 86 anos de idade, retirou-se para seu palácio em Anagni, sua terra natal, para compor outro touro, no qual ele afirmava, "que como vigário de Cristo, ele tinha o poder de governar reis com um cetro de ferro, e para despedaçá-los como um vaso de oleiro." Mas sua suposição blasfema de onipotência logo se transformou em um espetáculo de fraqueza humana e morte.

Um grito foi ouvido; o papa e os cardeais, que estavam todos reunidos ao seu redor, ficaram assustados com a declaração de guerra e o terrível grito: "Morte ao papa Bonifácio! Viva o rei da França!" Os soldados imediatamente dominaram palácio pontifício. Quase todos os cardeais, e até mesmo os assistentes pessoais do papa, fugiram. Ele foi deixado sozinho, mas não perdeu o domínio próprio. Assim como o inglês Thomas Becket, ele esperou o golpe final com coragem e resolução. Ele apressadamente jogou o manto de São Pedro sobre os ombros, colocou a coroa de Constantino na cabeça, agarrou as chaves com uma das mãos e a cruz com a outra, e sentou-se no trono papal. Sua idade, intrepidez e majestade religiosa espantaram os conspiradores. Quando Nogaret e Colonna viram a forma venerável e a compostura digna de seu inimigo, eles se abstiveram de seu propósito sanguinário e se satisfizeram com insultos vulgares contra o desgraçado velho pontífice. As injustiças infligidas às famílias e amigos desses oficiais pelo cruel papa extinguiram todo sentimento em relação a ele, exceto vingança. Mas, pela providência de Deus, foram impedidos de derramar o sangue de um velho indefeso aos oitenta e seis anos.

Enquanto os líderes estavam com isso ocupados, o corpo dos conspiradores

se dispersou pelos recintos esplêndidos do palácio em busca de saque. “Os palácios do papa”, diz Milman, “e de seu sobrinho foram saqueados, e tão vasta era a riqueza que as receitas anuais de todos os reis do mundo não teriam sido iguais aos tesouros encontrados e levados pelos soldados mercenários de Sciarra. Sua câmara particular foi saqueada; nada foi deixado, exceto paredes nuas. ”

Por fim, o povo de **Anagni** foi levado à rebeldia. Eles agrediram os soldados por quem foram intimidados. Mas, como agora estavam de posse dos despojos do palácio e o papa estava preso, eles não estavam dispostos a se retirar. O papa foi posto novamente em liberdade; enfurecido pela desgraça de seu cativeiro, ele correu para Roma ardendo de vingança. Mas a violência de sua paixão subjugou sua razão; ele recusou ajuda; ele chorou por vingança; mas ele agora estava impotente como os demais homens. Ele removeu todos os seus assistentes, trancou-se em uma sala para que ninguém pudesse vê-lo morrer — mas morreu; e morreu sozinho; e estará diante do tribunal de Deus sozinho; e tem que responder sozinho pelas ações feitas no corpo, e sob uma responsabilidade inteiramente sua. Não podemos cruzar essa linha, mas qual será a porção eterna daquele de quem a história imparcial diz: “De todos os pontífices romanos, Bonifácio deixou o nome mais sombrio por sua astúcia, arrogância, ambição, e até mesmo pela avareza e crueldade.”[5]

Reflexões Sobre a Morte de Bonifácio

Quinhentos e setenta e dois anos passaram desde que Bonifácio morreu por seu próprio curso suicida[6]. Que tempo para reflexão, reprovação, remorso, desespero! Por que, oh, por que os homens, homens inteligentes, arriscariam uma eternidade de miséria por alguns poucos anos de glória terrena, ou gratificação própria, ou qualquer forma de amor a si mesmos? Mas, infelizmente, as advertências mais solenes são desconsideradas; os mais graciosos convites de misericórdia são rejeitados, na busca ansiosa de seu próprio objetivo egoísta. E quando eles o alcançam, o que é? Quanto eles desfrutam disso? Por quanto tempo eles o possuem? Apenas nove anos Bonifácio reinou como supremo pontífice e, para garantir aquele brilho sombrio de glória, ele executou em particular o assassinato de seu predecessor Celestino, a quem ele havia suplantado. Mas,

[5] Ver Milman, vol. 5, pág. 143; Waddington, vol. 2, pág. 319; Greenwood, vol. 6, pág. 277.
[6] Este livro foi escrito no século XIX.

assim como o homem semeia, também deve colher. Celestino tem a compaixão e a simpatia da posteridade; mas sobre o **túmulo de Bonifácio** toda a posteridade escreveu: "Ele subiu na cadeira como uma raposa, reinou como um leão, morreu como um cachorro". E assim foi, sem as consolações da misericórdia de Deus e sem os ternos ministérios do homem, ele morreu. Quando a porta do quarto foi aberta, ele foi encontrado frio e rígido. Seus cabelos brancos estavam manchados de sangue, a ponta de seu cetro tinha as marcas de seus dentes e estava coberto de espuma.

Quão bem-aventurados — estamos prontos a exclamar — os que têm uma herança incorruptível, imaculada e que não se desvanece, reservada no céu para todos cuja fé e esperança estão firmemente fixadas em Cristo somente. Eles são filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus; eles pertencem à família real do céu; eles não precisam buscar glória terrena; eles são herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo. Eles têm um trono que nunca pode ser abalado, uma coroa que nunca pode ser lançada ao chão, um cetro que nunca pode ser arrancado de suas mãos, uma herança que nunca pode ser alienada. Mesmo assim, eles são capazes de lamentar o fim melancólico de um companheiro pecador com profunda piedade, e procurar transformar aquela cena de tristeza tão sombria e profunda em uma ocasião de ganho espiritual para outros. Um olhar de fé para o Salvador teria sido vida para sua alma, embora ele fosse o principal pecador, e o primeiro olhar de fé é a vida eterna para o principal dos pecadores hoje. **"Olhai para mim, e sereis salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro."**(Isaías 45:22)

Mas devemos agora retornar à nossa história.

Os Papas de Avignon

Temos feito o possível para apresentar aos nossos leitores, tão completamente quanto nosso espaço admite, a briga entre Bonifácio e Filipe, por ser um dos grandes marcos da história papal. A partir dessa época, afundou rapidamente e nunca mais subiu à mesma altura dominante. Mas a degradação da cadeira papal ainda não estava completa de acordo com o espírito duro e implacável de Filipe. Seu próximo objetivo era ter o papa sob seus próprios olhos e como seu escravo abjeto. Isso ele realizou em Clemente V, que foi elevado à cátedra no ano de 1305. Sua eleição levou ao período mais degradante da história da igreja romana. Clemente, que era natural da França e servo obediente do rei,

transferiu imediatamente a residência papal de Roma para Avignon. O papa era agora um prelado francês, Roma não era mais a metrópole da cristandade. Esse período de banimento durou cerca de setenta anos e é conhecido na história como o cativeiro babilônico dos papas em Avignon. A grande linhagem de pontífices medievais, os Gregórios, os Alexandre e os Inocêncios, expirou com Bonifácio VIII. Depois de setenta anos de exílio, eles saíram de seu estado de escravidão aos reis da França, mas apenas para retomarem uma supremacia modificada.

Filipe sobreviveu após seu adversário por onze anos; ele morreu em 1314 d.C. A história fala dele como um dos reis mais sem princípios e de mau coração que já reinou. Mas nada entenebrece tanto sua memória quanto seu ataque cruel à ordem dos templários. Sua avareza foi estimulada por sua riqueza, e ele decidiu pela dissolução da ordem, pela destruição dos líderes e pela apropriação da riqueza deles. Ele sabia que milhares dos melhores solares da França pertenciam à instituição e que os despojos de tal companhia o tornariam o rei mais rico da Cristandade. Para colocar suas mãos em tais tesouros, ele primeiro procurou desacreditar os cavaleiros por sua derrota em Courtrai. Em seguida, ele exigiu o consentimento de sua cria, o papa Clemente V, e convocou um concílio do reino para sancionar a supressão da ordem. Tendo então essas autoridades para apoiá-lo — o sagrado e o civil — seus objetivos gananciosos e cruéis foram alcançados. Muitos desses bravos cavaleiros cristãos — pois assim eram, embora tivessem degenerado grandemente de seus votos originais — foram apreendidos e lançados na prisão sob a acusação de terem desonrado a cruz e pisoteado o símbolo da salvação. As torturas mais severas foram aplicadas para forçar confissões de culpa, muitos foram condenados e queimados vivos; sessenta e oito foram queimados vivos em Paris em 1310. O grão-mestre, Jacques de Molay, também foi queimado em Paris em 1314. Cartas foram enviadas para todos os outros reis e príncipes, sob a sanção do papa e de Filipe, para seguirem o mesmo curso; mas os soberanos europeus em geral ficaram satisfeitos com os despojos e adotaram métodos mais suaves para dissolver a ordem.

O leitor pode observar aqui, para um exame mais aprofundado, o que podemos chamar de uma nova divisão na história da Europa. O papado, o feudalismo e a cavalaria, que haviam surgido e florescido juntos desde a época de Carlos Magno, **caíram** juntos durante o reinado de Filipe, o Belo.

Mas uma nuvem pesada estava se formando sobre a casa do mais cruel e pior dos reis. As sombras mais negras da imoralidade cobriram de vergonha e

desgraça toda a sua família. A profunda desonra da **casa real da França** pela infidelidade de sua rainha e de suas três noras afundou em seu coração e apressou seu fim. As pessoas agora diziam ser a vingança dos céus pelo ultraje a Bonifácio, outras diziam que era pela iníqua perseguição e extinção dos templários. Mas ele estava então perante um tribunal sem a proteção de um papa, ou a sanção de uma assembleia nacional, e deveria responder a Deus por cada ato feito no corpo e por cada palavra pronunciada por seus lábios; pois até mesmo os pensamentos e conselhos do coração devem ser levados a julgamento. E nem o povo nem o cavaleiro podem proteger um pecador ali; nada, exceto o sangue de Cristo, aspergido, por assim dizer, nas ombreiras do coração antes de deixarmos este mundo, pode ter alguma utilidade nas águas da morte. Aqueles que negligenciam aplicar o sangue de Cristo pela fé agora devem ser engolfados para sempre nas águas frias, profundas e escuras do julgamento eterno. Mas o sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, purifica a nós, os que cremos, de todo pecado.

Deixamos agora esta nova divisão de nossa história e nos ocuparemos com a linha de testemunhas e os precursores da Reforma.

Capítulo 29

Os Precursores da Reforma (1150–1594 d.C.)

Os Precursores da Reforma

Em um capítulo anterior, apresentamos a linha de testemunhas da verdade de Deus e do evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo até a grande guerra albigense, durante a qual muitos deles foram mortos. Também trouxemos a história do papado até sua humilhação e queda em Bonifácio VIII, e até seu banimento do trono de São Pedro com toda a sua majestade e glória tradicionais em Clemente V. Agora retornaremos à cadeia de testemunhas que acreditamos ter sido mantida ininterrupta desde os primeiros tempos, embora a linha prateada da graça de Deus muitas vezes tenha sido tão sobreposta e obscurecida a ponto de se tornar difícil traçar seu caminho. Ainda assim, sempre foi brilhante aos olhos de Deus e ao espelho no qual Sua própria graça e glória se refletiam.

As Primeiras Grandes Escolas de Erudição

O surgimento de escolas públicas ou academias no século XII e o aumento da atividade intelectual, sem dúvida, contribuíram muito para o enfraquecimento do papado e da aristocracia feudal. Isso abriu caminho para o surgimento e o estabelecimento do terceiro estado no reino — as classes médias — e para o empreendimento comercial. O iluminismo e as liberdades da Europa avançaram continuamente a partir desse período. Escolas foram erguidas em quase

todos os lugares, a sede de conhecimento aumentou. "Os reis e príncipes da Europa, vendo as vantagens que uma nação pode tirar do cultivo da literatura e das artes úteis, convidaram homens eruditos para seus territórios, estimularam o gosto pela informação e recompensaram-nos com honras e emolumentos." Mas com tal aumento da atividade mental, muitas doutrinas e opiniões loucas e perigosas foram ensinadas. A teologia escolástica, a filosofia aristotélica e o direito civil e sagrado tiveram seu lugar e reputação. Foi por volta dessa época, meados do século XII, que as grandes universidades de **Oxford, Cambridge e Paris**foram fundadas, além de muitas outras no continente. Grego e hebraico foram estudados e palestras dadas na forma de exposições e comentários sobre as Sagradas Escrituras, que o Senhor poderia usar para abençoar os estudantes e, por meio deles, a outros.

"Para impor alguma restrição", diz Waddington, "a essa grande licenciosidade intelectual — para reavivar algum respeito pelas autoridades antigas — para erguer alguma barreira, ou pelo menos algum marco, para a orientação de seus contemporâneos, **Pedro Lombardo** publicou seu célebre 'Livro das Sentenças'". Tendo estudado por algum tempo na famosa escola de Bolonha, ele seguiu para Paris com o propósito de prosseguir seus estudos em divindade. O Livro das Sentenças é uma coleção de passagens dos Pais apostólicos, especialmente de Santo Hilário, Santo Ambrósio, São Jerônimo e Santo Agostinho — uma triste mistura, sem dúvida, de verdade e erro; mas o Senhor estava acima de tudo e poderia usar sua própria Palavra, embora misturada com sutilezas da moda, para a conversão e bênção das almas. Por muito tempo, isso manteve uma indiscutível supremacia nas escolas de teologia, e seu autor foi elevado a grandes honras.

Os Verdadeiros Dignos da História Eclesiástica

Os verdadeiros pioneiros da Reforma e os verdadeiros dignos da história eclesiástica são difíceis de descobrir. Com humildade de espírito, e não buscando o louvor dos homens, eles caminharam perante o Senhor, silenciosamente fazendo Sua vontade. Suas ministrações empáticas, seus atos de caridade, seu desejo de conduzir almas ao Salvador, seus esforços para difundir o conhecimento de Sua palavra, são características da personalidade deles, porém pouco observadas pelos olhos do historiador. E quanto mais profunda a piedade deles, menos se sabe sobre eles. Mas eles têm sua recompensa; o registro sobre

eles se encontra nas alturas. Multidões de santos de Deus durante a longa noite escura da Idade Média cumpriram assim sua missão e saíram de cena sem deixar vestígios de sua utilidade nos anais do tempo. Não é assim com o clérigo pomposo, o santo que faz maravilhas, o cardeal intrigante e voraz, as polêmicas barulhentas e toda a hoste de entusiastas orgulhosos e ambiciosos; as páginas dos historiadores são principalmente consagradas a eles. [1]

Depois de um exame cuidadoso das **personagens proeminentes**que aparecem nas páginas da história desde o século XII até a Reforma, eles parecem se dividir em três classes distintas: 1. Homens da literatura; 2. Teólogos; 3. Reformadores, ou protestantes. Ao tomarmos nota desses em ordem, teremos diante de nós os precursores da Reforma.

Os Homens da Literatura

Os principais dessa classe eram homens como Dante, Petrarca, Boccaccio e Chaucer. Logo após a fundação de faculdades e a grande revolta da mente humana, essas quatro "estrelas da literatura" surgiram quase simultaneamente. Aprouve a Deus, em Sua infinita sabedoria, usar os escritos desses homens, e de muitos outros, para expor os males do sistema romanista e para enfraquecer seu poder. E enquanto muitos de menor nota, e por crimes menores, sofreram cadeias, prisão e morte, foi permitido a esses escritores não apenas escapar da vingança da igreja, como também seguir seu próprio rumo. Suas atraentes produções literárias davam-lhes tamanho favor, em geral, que os padres temiam molestá-los. Assim, na providência de Deus, a até então semioculta corrupção da moral que prevalecia entre o clero, monges e todas as ordens do sistema, foi trazida à luz do dia; sob o véu de poemas populares, contos agradáveis e sátiras, o estado corrupto de todo o sistema eclesiástico foi exposto. As paixões desenfreadas e as imoralidades descaradas da corte de Avignon, e os vícios do clero em geral, tornaram-se o principal tema de canções e gracejos em quase todos os países da Europa. Mas nem a poesia nem a prosa de tais escritores convêm ser repetidas nas páginas deste livro.

Dante, considerado o pai da poesia italiana e célebre principalmente por sua descrição imaginativa do purgatório, do inferno e do céu, morreu em 1321 d.C. Petrarca, que era alguns anos mais jovem, tinha uma reputação ainda maior pela prosa; menos se diz de Boccaccio, sendo seus escritos de caráter mais gros-

[1]Waddington, vol. 3, pág. 363.

seiro. Chaucer é bem conhecido na Inglaterra como o autor de "Contos de Cantuária". Ele nasceu em 1328 e morreu em 1400. Mas não precisamos nos delongar mais sobre essa classe de pessoas, e nos voltaremos agora para os teólogos.

Os Teólogos

Roberto Grosseteste, um prelado inglês do século XII, ilustrará bem o que queremos dizer com teólogo e protestante, embora não seja, estritamente falando, um reformador. Como muitos outros em todas as épocas, seus pontos de vista sobre a reforma estendiam-se apenas à disciplina e administração da igreja, não ao desarraigamento e à demolição da coisa incuravelmente falsa, como ocorreu mais tarde no século XVI. Ele mantinha fortemente uma visão elevada do papado, embora fosse capaz de chamar alguns papas específicos de anticristos, por causa da imoralidade ou rebelião contra Cristo deles. Mas o caráter anticristão do sistema do papado ainda não era conhecido, e as grandes verdades fundamentais do Cristianismo apenas apreendidas indistintamente. Grosseteste nasceu em Stradbroke, em Suffolk, por volta do ano 1175. Depois de ter estudado em Oxford, foi para Paris, que estava na moda, pois a Universidade de Paris era a mais conhecida da Europa. Lá ele estudou grego e hebraico e dominou completamente a língua francesa. De acordo com as ideias da época, ele era considerado um teólogo e filósofo realizado.

No ano de 1235, quando tinha sessenta anos de idade, tornou-se bispo de Lincoln, e trabalhou com um zelo e seriedade quase intolerante pela reforma de sua diocese, que era uma das maiores da Inglaterra. Diz-se que ele se ocupou bastante no estudo das Sagradas Escrituras em suas línguas originais e possuía autoridade soberana no conhecimento delas. Foi um grande avanço em relação ao passado e na direção certa; ainda assim, havia inconsistências gritantes quando agora as contemplamos. A princípio ele ficou muito cativado pelas novas ordens — os dominicanos e os franciscanos — por causa de sua aparente santidade; mas viveu para descobrir a hipocrisia deles e denunciá-los como enganadores da humanidade. A verdadeira reforma denunciava a existência, não meramente os abusos, de ordens que se opunham totalmente à Palavra de Deus. Ao mesmo tempo, ele era um homem ousado, piedoso e enérgico. Ele ergueu sua voz contra a suposição blasfema de Inocêncio III quando ele se proclamou o vigário, não apenas de São Pedro, mas de Deus. "Seguir um papa", disse ele, "que se rebela contra a vontade de Cristo é separar-se de Cristo e de Seu

corpo; e se algum dia chegar o tempo em que todos os homens seguirem um pontífice errante, então haverá a grande apostasia.” A ganância agressiva da corte romana, o abuso de indulgências, e a concessão de patrocínio a pessoas indignas, estavam entre os males contra os quais ele lutou. Um bispo tão ativo, tão zeloso e tão destemido certamente criaria muitos inimigos. Ele foi acusado de magia por seus contemporâneos e de ousada presunção pelo papa. Ele por pouco escapou do martírio. Por meio da terna misericórdia do Senhor e de Seu cuidado pelo Seu servo, ele morreu em paz, no ano de 1253.[2]

Roger Bacon, um homem de gênio e discernimento superior, que tinha uma percepção clara do estado de coisas, tanto nas escolas quanto na igreja, merece uma breve observação, embora não haja muitas evidências de sua genuína piedade e amor pela verdade do evangelho. Diz-se que ele foi o maior dos filósofos ingleses antes da época de seu célebre homônimo. Por volta do ano de 1214, ele nasceu perto de Ilchester, em Somersetshire.

Depois de estudar em Oxford e Paris, ele se tornou um frade franciscano aos 34 anos. Seu conhecimento de ciências físicas — astronomia, ótica, mecânica, química — bem como de erudição grega e oriental, o expôs à popular, porém perigosa, reputação de mágico. Suas pesquisas colocaram-no imensamente à frente de seus superiores monásticos, que encontraram um refúgio conveniente para sua ignorância ao acusar o frade de lidar com magia. Ele foi muito perseguido e passou muitos anos confinado em uma masmorra asquerosa.

Embora ele falasse com grande respeito das Sagradas Escrituras, ele estranhamente lutava por uma aliança entre a filosofia e o Cristianismo, entra a razão e a fé. Ele denunciava o sofisma do ensino que estava na moda em seu tempo e reclamava que as línguas originais do Antigo e do Novo Testamento eram negligenciadas; que as crianças obtinham conhecimento sobre as Escrituras, não da própria Bíblia, mas sim de resumos versificados; que as palestras sobre as “Sentenças” eram preferidas às palestras sobre as Escrituras. Desta forma, ele expôs a ignorância, a superstição e a ociosidade das ordens religiosas, e assim trouxe sobre si a acusação de heresia e as censuras da igreja, embora ele tenha vivido e morrido como um verdadeiro católico romano, provavelmente por volta do ano de 1292. Sua última obra foi um compêndio de teologia.

Tomás de Aquino, o “doutor angélico”, foi o mais renomado dos escolásticos do século XIII e o tipo mais verdadeiro de teólogo. Ele era descendente de uma família ilustre e nasceu nos arredores de Nápoles por volta do ano de 1225.

[2]Milner, vol. 3, pág. 188. J.C. Robertson, vol. 3, pág. 431. D’Aubigné, vol. 1, pág. 99.

Entrou muito jovem na ordem dominicana, contra a vontade de seus parentes mais próximos, e estudou em Colônia e Paris. Em 1257 foi professor de teologia em Paris, mas morreu com a idade de cinquenta anos e foi canonizado pelo papa. Quando seus escritos coletados foram publicados em Roma, no ano de 1570, eles se ampliaram para dezessete volumes in-fólio.

Os doutores eclesiásticos de nossos dias nos dizem — pois não estamos familiarizados com os escritos de tais autores — que entre as mais conhecidas de suas obras estão a "Suma Teológica", um comentário sobre os quatro Evangelhos e outros livros do Antigo e do Novo Testamento; um elaborado comentário sobre as "Sentenças" de Pedro Lombardo, o grande livro didático das escolas; suas exposições de Aristóteles; e um tratado em favor da fé católica e contra a igreja ortodoxa grega. Mas não obstante a grandeza de sua erudição e o número de seus livros, é de se temer que ele fosse um estranho à doutrina salvadora da justificação somente pela fé, sem as obras da lei; entretanto, quando em seu leito de morte, ele mostrou grandes sinais de piedade, semelhantes aos de Agostinho. Que possamos ter esperança de que ele pertencia ao remanescente salvo dos escolásticos daqueles dias. **Regozijamo-nos com a convicção de que haverá um remanescente salvo no céu vindo de todas as classes — imperadores, reis, papas e filósofos — que manifestará a soberania e o poder da graça de Deus em todos os tempos e para todas as classes de homens. As riquezas e a glória da graça serão para o Seu louvor para todo o sempre.**[3]

Boaventura, natural da Toscana, entrou para a ordem dos franciscanos no ano de 1243, aos 21 anos. Concluiu os estudos em Paris, e com tanto sucesso que conquistou o título de "doutor seráfico". Ele morreu em 1274, como cardeal-bispo de Albano. Suas obras eram menos volumosas do que seu contemporâneo, Tomás de Aquino, e menos intelectuais, mas mais devocionais. "Suas obras", diz-se, "superam em utilidade todas as de sua época, quanto ao espírito do amor de Deus e da devoção cristã que fala nele, sendo profundo sem ser prolixo, sutil sem ser curioso, eloquente sem vaidade, ardente sem pompa; sua devoção é instrutiva e sua doutrina inspira devoção". Ao ser questionado, em seu leito de morte, de quais livros ele havia tirado seu aprendizado, ele respondeu apontando para o crucifixo, e tinha o hábito de se referir às Escrituras em vez de a São Francisco, o fundador de sua ordem. Mas teremos de esperar um pouco mais antes de encontrarmos a importante doutrina da justificação por meio da fé simples no Senhor Jesus Cristo sendo ensinada pelos eruditos. Bo-

[3] N. do T.: grifo do tradutor.

aventura, como teólogo, representa os místicos. Ele pode ter sido o verdadeiro autor da "Imitação de Cristo", que dizem ter sido escrito nessa época por Tomás de Kempis. Mas nunca um livro foi tão mal intitulado. Começa com o "eu" e termina com o "eu". As emoções internas da alma são o que absorve o místico. Esse é o cristianismo monástico. O amor de Cristo, por outro lado, é puramente altruísta: Ele deu Sua vida para salvar Seus inimigos. "Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores." E a fé pode dizer: "o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim." (Romanos 5; Gálatas 2)

Duns Escoto era um doutor de grande celebridade; mas seu local de nascimento e infância estão envoltos na obscuridade. Dean Waddington diz, sem dúvida: "Este doutor morreu no ano de 1308. Ele era natural de Dunse, na Escócia, e franciscano." Ele era um dialético e definiu o estilo de "doutor sutil". Ele ousadamente se aventurou a impugnar algumas das posições do grande São Tomás, o que deu origem a uma polêmica entre os dominicanos e os franciscanos que durou centenas de anos, e chamou a atenção de papas e concílios, tanto que até hoje ainda divide as escolas dos latinos. Os principais pontos de diferença teológica entre esses grandes doutores eram "a natureza da cooperação divina e a medida da graça divina necessária para a salvação de um homem", além do que é chamado de "imaculada conceiçãoda Virgem Maria". Os dominicanos afirmavam que a santa virgem não estava isenta da mancha do pecado original; os franciscanos apoiavam a concepção imaculada.[4]

Guilherme de Ockham, assim chamado em sua terra natal no condado de Surrey, estudou em Paris, com Duns Escoto, e se tornou um famoso doutor dos franciscanos. Segundo o costume das escolas, distinguia-se por títulos altivos, tal como o de "doutor singular e invencível". Mas ele era mais um metafísico do que um teólogo. Ele corajosamente atacou as pretensões papais em muitos pontos, mas especialmente quanto ao seu domínio secular e sua alegada "plenitude do poder". Ele negou a infalibilidade do papa e dos concílios gerais, e sustentou que o imperador não dependia do papa, mas que o imperador tem o direito de escolhê-lo. Essas opiniões antipapais logo se espalharam em todas as direções, e chegaram a todas as classes por meio dos frades mendicantes. Quando ameaçado com as mais altas censuras da igreja, ele encontrou um abrigo na corte de São Luís, que favorecia grandemente os franciscanos. "Defenda-me com sua espada", disse Guilherme ao rei, "e eu o defenderei com a Palavra de Deus." Ele morreu sob a sentença de excomunhão em Munique, em 1347. [5]

[4]Mosheim, cent. 4, cap. 3.

[5]J.C. Robertson, vol. 4, pág. 77. Para relatos extensos de tais homens e seus escritos, consulte

Reflexões Sobre os Escolásticos

É o bastante – sim, dizemos o bastante – sobre os doutores escolásticos e os filósofos em divindade para o nosso propósito atual. Percorrer vários e selecionar alguns como espécimes genuínos é um trabalho árido e cansativo. Mas eles constituem um certo elo na cadeia de eventos entre os séculos XII e XVI que tem sua importância; e o leitor verá o que significa o termo geral de "os escolásticos" nesse período de nossa história. Uma lição salutar que podemos aprender, pelo menos com os exemplos que temos diante de nós, é sobre a total escuridão e perplexidade da mente, por maior que seja a erudição e o estudo, quando a Palavra de Deus, em sua divina simplicidade, não é conhecida nem crida. Um único texto, tal como "O justo viverá pela fé", quando usado por Deus nas mãos de **Lutero**, foi suficiente para limpar as trevas da Idade Média, enquanto os dezessete volumes in-fólio de Tomás de Aquino e todos os outros volumes de todos os grandes escolásticos apenas aprofundaram a escuridão da ignorância e perplexidade quanto ao conhecimento de Deus e o caminho da salvação. O maior desenvolvimento das faculdades naturais da mente humana não conduz nenhum pecador culpado à cruz de Cristo – ao precioso sangue que, somente ele, purifica de todo pecado. O inimigo das almas, aproveitando a crescente fama da filosofia aristotélica, seduziu os melhores dentre os doutores a acreditarem que a obra mais importante em que poderiam se dedicar era a reconciliação do ensino de Cristo com os decretos do filósofo grego, de forma que os estudiosos não pensassem mais deste último do que do primeiro. Tal era o trabalho miserável dos melhores escolásticos da época; mas sem dúvida muitas das mentes mais simples, que não foram cegadas pelas sutilezas da lógica, encontraram o caminho da verdade e da salvação em meio às trevas, embora muito perplexas e desnorteadas.

A igreja de Cristo mal era visível na Europa nessa época, com exceção das igrejas dos vales; ali a verdadeira luz continuou a arder, e milhares encontraram "o caminho mais excelente", apesar de toda a união dos poderes da Terra, tanto seculares como eclesiásticos, para extingui-la. Mas ali estava o verdadeiro edifício de Deus, e as portas do inferno nunca poderiam prevalecer contra as obras de Suas mãos. Agora nos voltamos para renovar nosso conhecimento sobre os valdenses e outros protestantes daquela época.

Knight's Biographical Dictionary.

Os Valdenses

Nossa história naturalmente sempre remete à cruzada fatal contra os albigenses no século XIII. Essa região outrora bela, em alguns aspectos a província mais rica e civilizada do império espiritual de São Pedro, vimos ser despovoada e desolada. Os pacíficos habitantes ousaram questionar os dogmas do Vaticano e a autoridade do sacerdócio, o que era um pecado imperdoável contra a majestade de Roma. Os decretos de Inocêncio, a espada de Monforte, as fogueiras de Arnaldo, a traição de Fouquet e a Inquisição de Domingos fizeram seu terrível trabalho. Mas os poderes combinados da Europa, com fogo e espada e masmorras sufocantes, não conseguiram tocar a raiz do que Inocêncio chamou de heresia. O princípio divino e vital do Cristianismo estava muito, muito além de seu alcance. A espada pode cortar os galhos e o fogo pode consumi-los; mas a raiz viva está na verdade e graça de Deus, que nunca pode falhar. O espírito do Cristianismo é mais forte do que a espada do perseguidor, e o braço no qual a fé se apoia é mais poderoso do que as forças combinadas da terra e do inferno. A fraqueza do papado se manifestou em seus aparentes triunfos em Languedoque. Os hereges, como Jezabel pensava, foram afogados em sangue, mas um remanescente ensanguentado foi poupado, na boa providência de nosso Deus, para dar testemunho, em todas as partes da Europa, da injustiça, das crueldades e do despotismo espiritual da Roma papal.

Os exilados do sul da França que haviam escapado da espada foram até os limites extremos da Cristandade pregando as doutrinas da cruz e testemunhando, com santa indignação, contra as falsidades e corrupções da igreja dominante. Em diferentes partes da França, na Alemanha, Hungria e regiões vizinhas, os sectários apareceram em grande número, e os papas encontraram muitos dos reis pouco inclinados a se esforçarem pela supressão dos **cátaros**, como os chamavam, ou das várias seitas religiosas. Também é mais do que provável que muitos dos perseguidos nessa época procurassem um lugar para descansar nos vales tranquilos do Piemonte. A mais isolada dessas regiões parece ter sido um asilo seguro para as testemunhas de Deus até o século XIV. Embora conhecidos de Cláudio, bispo de Turim, no século IX, eles parecem ter escapado da notoriedade e do conflito até por volta do século XIII, se não mais tarde. Mas à medida que a escuridão do papado se adensava ao redor deles, o brilho do exemplo deles tornou-se mais visível e sentido. Calúnias foram inventadas e os piedosos valdenses foram taxados de cismáticos réprobos. Estavam espalhados pelos vales de ambos os lados dos Alpes Cócios — Delfinado do lado francês e

Piemonte do lado italiano das montanhas.

Desde tempos imemoriais, essas **regiões alpinas** foram habitadas por uma raça de cristãos que continuou a mesma de geração em geração, que nunca reconheceu a jurisdição do pontífice romano, e que passou através de todos os períodos da história eclesiástica como um ramo puro da igreja apostólica. Mas seus retiros pacíficos, seus lares felizes, sua adoração simples e seus hábitos industriais logo seriam invadidos e desolados pelos inquisidores romanos. A tragédia começa. Do século XV ao presente, sua história é uma narrativa de lutas sanguinárias pela existência, com poucos intervalos de repouso. Muitas vezes eram levados ao desespero, mas a igreja dos vales sobreviveu a tudo isso. Como o arbusto em chamas, queimou, mas não foi consumido. Sua fortaleza não era apenas as montanhas alpinas, mas a verdade do Deus vivo.

As Perseguições Valdenses

No ano de 1380, um monge inquisidor chamado Francisco Borelli foi nomeado por Clemente VII para procurar os hereges nos vales do **Piemonte**. Armadas com esta bula papal, as comunas de Fraissinières e Argentière foram saqueadas em busca de hereges. No espaço de treze anos, cento e cinquenta valdenses foram queimados em Grenoble, e oitenta em torno de Fraissinières. Havia agora um motivo duplo para a perseguição: uma lei foi feita para que metade dos bens dos condenados fossem para o tribunal dos inquisidores e a outra metade para seus senhores seculares. Assim, a avareza, a malícia e a superstição foram unidas contra os inofensivos camponeses. Mas essas queimadas foram muito poucas e distantes entre si para satisfazer a sede de Roma pelo sangue dos santos de Deus.

No inverno de 1400, o massacre estendeu-se de Delfinado até o vale italiano de **Pragela**. Os pobres, vendo suas cavernas nas montanhas possuídas por seus inimigos, fugiram pelos Alpes. Mas a severidade da estação e o tempo frio das altas altitudes foram fatais para quase todos os que escaparam das mãos da matança. Muitas mães carregavam seus filhos e conduziam pela mão as crianças que já andavam. Mas o frio e a fome rapidamente trouxeram seu alívio. Diz-se que cento e oitenta bebês morreram nos braços de suas mães, e logo foram seguidos, com outras crianças, por suas mães com o coração partido. Nenhuma estimativa pode ser feita do número que pereceu pelas tiranias e crueldades de Roma. Mas o céu não adivinha seu número, nem mesmo seus nomes. Os pais

e filhos martirizados têm seu registro e recompensa eterna nos céus, enquanto seus perseguidores tiveram tempo para avaliar sua culpa e sentir sua punição nestes últimos séculos, no lugar de uma desgraça sem esperança. Em alusão a tais cenas, o mais nobre de nossos poetas compôs o seguinte soneto:

"Vinga, ó Senhor, teus santos massacrados, cujos ossos
Jazem espalhados no frio das montanhas alpinas;
Mesmo aqueles que mantiveram a Tua verdade tão pura no passado,
Quando todos os nossos pais adoravam troncos e pedras,
Não te esqueças; em Teu livro registra seus gemidos,
Quem eram as Tuas ovelhas, e em seu antigo redil,
Mortos pelo sangrento piemontês, que rolou
Mãe com filho para as rochas abaixo. Seus gemidos
Os vales redobraram para as colinas, e eles
Ao céu. Seu sangue martirizado e cinzas semeiam
Sobre todos os campos italianos, onde ainda prevalece
O triplo tirano; que destes possa crescer
Centenas, que, tendo aprendido o Teu caminho,
Logo possam fugir da desgraça babilônica."– MILTON (Tradução livre)

Os fogos da perseguição foram novamente acesos no vale de **Fraissinières**, no ano de 1460, por um monge da ordem dos Frades Menores, armado com a autoridade do Arcebispo de Embrun. Privados das relações sociais, expulsos de seus locais de culto, cercados de inimigos, eles não tinham recursos, nem refúgio, mas viviam em uma boa consciência para com o Deus vivo. Os inquisidores fizeram seu trabalho cruel.

Em Piemonte, o arcebispo de Turim trabalhou incessantemente para promover as perseguições aos valdenses. A acusação contra eles era que não faziam oferendas pelos mortos, não davam valor a missas e absolvições, e não tomavam o cuidado de redimir seus parentes das dores do purgatório. Mas os príncipes de Piemonte, que eram duques de Saboia, não estavam dispostos a perturbar seus súditos, de cuja lealdade, paz e diligência haviam recebido tão

bons relatos. No entanto, todo método que a fraude e a calúnia poderiam inventar foi praticado contra eles. Os padres finalmente prevaleceram, e o poder civil permitiu que a hoste do dragão satisfizesse sua sede de sangue.

Por volta do ano de 1486, a memorável **Bula de Inocêncio VIII**deu poderes ilimitados a Alberto de Capitaneis, arquidiácono de Cremona, para levar o confisco e a morte para os vales "infectados". Um exército de dezoito mil foi levantado e precipitado sobre os retiros nas montanhas dos valdenses. Levados ao desespero, e aproveitando as vantagens naturais de sua posição geográfica, eles se defenderam com bastões de madeira e bestas — as mulheres e crianças rezando — e transformaram em confusão essa grande força militar.

A casa de Saboia — que foi estabelecida como autoridade suprema em Piemonte em meados do século XIII — agiu de maneira branda e tolerante para com o povo banido; mas, é triste dizer, a mãe-regente, assim como foi com Teodora e Irene, durante a juventude de seu filho, foi a primeira a assinar um documento oficial para sua perseguição. Ela apelou às autoridades de Pinerolo para ajudar os inquisidores a obrigar os hereges a regressar ao seio da igreja – mostrando-se uma filha digna de sua mãe Jezabel! Mas não conseguiram que nenhum dos habitantes fosse forçado a retornar aos braços de Roma. A espada foi então lançada sobre eles; e logo os riachos dos vales ficaram tingidos com o sangue dos santos. Decretos subsequentes dos filhos foram mais tolerantes. Eles começaram a falar de seus súditos valdenses, não sob a detestável denominação de hereges, mas como religiosos, homens dos vales e vassalos fiéis, a quem eles reconheceram como súditos privilegiados por causa de antigas estipulações.

Até então, Roma havia falhado completamente em realizar seu objetivo cruel e demoníaco. Ela havia decidido exterminar esses obstinados oponentes do papado, mas fiéis testemunhas da verdade, e erradicar o nome deles dos vales. Mas, é maravilhoso dizer, nem as execuções individuais nem os massacres indiscriminados, nem a traição secreta nem a violência aberta puderam prevalecer para sua extinção. Mas Jezabel continuou tramando; e a tiara e a mitra geralmente mostraram-se fortes demais frente à coroa.

Os Missionários Valdenses

Com o duplo objetivo de espalhar a pura verdade do evangelho e de encontrar novos e mais pacíficos assentamentos, muitos deles, no final do século XIV, deixaram seus vales nativos e se estabeleceram na Suíça, Morávia Boêmia, várias partes da Alemanha, e provavelmente na Inglaterra. Mas a mais extensa dessas colônias foi formada na **Calábria** no ano de 1370. Sendo pacíficos em seus modos, industriosos em seus hábitos e estritamente morais em todos os seus caminhos, eles logo ganharam a confiança de seus senhores feudais e o afeto de seus vizinhos. Os senhores do país viram suas terras enriquecidas e fertilizadas pela lavoura superior dos novos colonos, e concederam-lhes muitos privilégios.

Eles foram autorizados a convidar pastores da igreja matriz nos Alpes e a introduzir professores para seus filhos. Mas essa prosperidade temporal e espiritual, com tanto conforto social, era uma ofensa intolerável para o mau-olhado do papado. Os padres rosnaram e murmuraram muito. Eles reclamaram com os senhores feudais que os estranhos não se conformavam com os ritos da igreja romana; que eles não guardavam missas para o repouso de seus mortos, que eram hereges. Os senhores, porém, não estavam dispostos a ouvir os padres. "Eles são um povo muito justo e honesto", disseram eles, "todos sabem que são temperantes, industriosos e, em suas palavras, peculiarmente decentes. Quem já os ouviu proferir uma expressão blasfema? E enquanto enriquecem nossas terras e pagam seus aluguéis pontualmente, não vemos razão para condená-los. "

Em todos os países e em todas as épocas, os sacerdotes de Roma foram os maiores inimigos da religião pura e simples da Bíblia; e também da educação, da tolerância, da luz, da liberdade e de toda forma de melhoria social. Seu poder, seus interesses, sua sensualidade e todas as suas paixões malignas são necessariamente expostas e minadas pela introdução da luz ou pela tolerância da liberdade. Mas os interesses temporais dos senhores os levaram a proteger seus inquilinos e mantê-los em seus privilégios. Temos aqui uma das passagens misteriosas da providência divina, sobre a qual a mente se deleita em se demorar um pouco. Por quase duzentos anos, esses não-conformistas foram autorizados a permanecer e se multiplicar nos distritos da Calábria, nos arredores de Roma. Mas, por fim, o papa ouviu as queixas dos padres, e a nuvem negra, que há muito se formava nas planícies pacíficas da Calábria e da Apúlia, irrompeu sobre eles com toda a sua fúria.

O Tenebroso Ano de 1560

Por volta do ano 1560, o papa Pio IV foi tomado por um acesso de grande zelo contra a disseminação da heresia. Havia relatos de que os valdenses criaram raízes profundas em várias partes da Itália, além dos vales de Piemonte. As comunidades subalpinas e todos os distritos "infectados" foram colocados sob interdições papais. Outra cruzada foi pregada, e grandes preparativos foram feitos para o **extermínio completo dos hereges**. O vice-rei espanhol de Nápoles, comandando as tropas pessoalmente e auxiliado por um inquisidor e vários monges, entrou nos assentamentos valdenses na Calábria. Emanuel Felisberto, duque de Saboia, marchou com uma força armada em Piemonte; e o rei francês em Delfinado. "Os pobres homens dos vales", com suas esposas e filhos, agora se viam expostos ao poder hostil do rei francês de um lado dos Alpes, e ao do duque de Saboia do outro. Os lavradores industriosos da Calábria, com seus ministros, professores e famílias, foram cercados pelas tropas do vice-rei espanhol.

Assim preparados para a matança dos santos, foi ordenado aos valdenses que banissem seus ministros e professores, se abstivessem do exercício de suas próprias formas de adoração e comparecessem aos serviços da igreja romana. Eles nobremente recusaram. Foram dadas as ordens para confisco, prisão e morte. A espada impiedosa da perseguição foi abertamente desembainhada e não voltou à bainha por mais de cem anos. O terrível trabalho de sangue e carnificina começou. Duas companhias de soldados, chefiadas por agentes do papa, continuaram matando, queimando e devastando os camponeses indefesos da Calábria, até que o trabalho de extermínio estivesse quase concluído. Um remanescente clamou por misericórdia, por suas esposas e filhos, prometendo deixar o país e nunca mais voltar; mas os inquisidores e monges não sabiam como mostrar misericórdia. As crueldades mais bárbaras foram infligidas a muitos, todo o aparato das perseguições pagãs foi revivido, até que os protestantes foram exterminados no sul da Itália. Um de seus principais ministros, **Luís Pascal**, que afirmava que o papa era um anticristo, foi levado a Roma, onde foi queimado vivo, na presença de Pio IV, para que pudesse deleitar seus olhos com a visão de um herege em chamas. Mas a piedade e os sofrimentos de Pascal despertaram a piedade e a admiração dos espectadores.

Centenas de valdenses nos vales pereceram no palanque ou na fogueira; as aldeias fervilharam de rufiões que, em nome dos oficiais da justiça, saquearam os habitantes indefesos e os arrastaram para a prisão, até que as masmorras

ficassem lotadas com as vítimas. As planícies estavam desertas; as mulheres, crianças, débeis e idosos foram enviados para refúgios nas alturas das montanhas, nas rochas e nas florestas. Os homens, aproveitando a natureza do país, decidiram resistir. Todos os homens e meninos que sabiam manejar uma arma se juntaram em pequenas brigadas e posicionaram-se para se defenderem das tropas. O duque não estava muito inclinado a continuar uma guerra de guerrilha e logo retirou seus soldados; mas isso foi só por um pouco de tempo. De acordo com antigos tratados, os homens dos vales tinham certos direitos e privilégios que seus soberanos relutavam em violar, mas muitas vezes cediam à importunação e às deturpações da hierarquia romana. A partir das seguintes datas, o leitor verá como foram breves seus períodos de descanso: "Os anos 1565, 1573, 1581, 1583 e o período entre 1591 e 1594 são memoráveis como datas de conflito religioso e civil. Mas nunca a majestade da verdade e da inocência se destacaram com mais clareza à vista do que durante as tempestades de perseguição que assolaram em intervalos pelos próximos cem anos e mais."[6]

O testemunho do Dr. Beattie, que visitou os vales protestantes de Piemonte, Delfinado e do Ban de la Roche, vai no mesmo sentido: "Mas a ferocidade da perseguição parecia apenas aumentar a medida de sua fortaleza... Embora marcadas como vítimas de massacre indiscriminado, de pilhagem sem lei, de tortura, extorsão e fome, a resolução deles de perseverarem na verdade permaneceu inabalável. Cada punição que a crueldade poderia inventar, ou que a espada poderia infligir, havia gasto sua fúria em vão; nada poderia subverter a fé ou subjugar a coragem deles. Em defesa de seus direitos naturais como homens — em apoio de seu credo insultado como membros da igreja primitiva em resistência àqueles decretos exterminadores que tornaram suas casas desoladas e inundaram seus altares com sangue — os valdenses exibiram um espetáculo de fortaleza e resistência que não tem paralelo na história."[7]

Tendo trazido a história das testemunhas até o século XVI, iremos deixá-las por agora, na esperança de reencontrá-las quando chegarmos novamente a esse período em nossa história geral.

[6] Enciclopédia Britânica, vol. 21, pág. 543.

[7] Scenery of the Waldenses, William Beattie M.D. Veja também um extenso relato dos valdenses em Church History, de Milner, vol. 3.

Capítulo 30

O Testemunho e o Triunfo de Wycliffe (1324–1417 d.C)

John Wycliffe

Todo leitor atento da história deve ser frequentemente lembrado daquela importante palavra de advertência dada pelo apóstolo: "Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará". As ilustrações mais solenes e práticas desta lei divina nos assuntos dos homens podem ser vistas em todas as páginas da história. Quem semeia joio na primavera não pode esperar colher trigo no outono; e aquele que semeia trigo na primavera não terá que colher joio no outono. Podemos ver a verdade desse princípio do governo divino ao nosso redor diariamente. Quantas vezes os hábitos da juventude determinam a condição da velhice! Nem mesmo as riquezas da graça divina detêm a aplicação dessa lei. O rei de Israel teve que ouvir da boca do profeta a sentença solene: "não se apartará a espada jamais da tua casa"; mas isso não impediu o fluir da terna misericórdia de Deus para o penitente real: "E disse Natã a Davi: Também o Senhor perdoou o teu pecado; não morrerás" (2 Samuel 12). Tal é a graça ilimitada e incomensurável de Deus para o verdadeiro penitente; mas permanece também a lei imutável de Seu governo.

Embora não possamos falar com a mesma confiança sobre o sistema geral da sociedade humana, podemos reverentemente identificar a mão do Senhor na sabedoria de Seus caminhos e no cumprimento de Seus propósitos. Um exemplo disso é dado a seguir.

Os triunfos sanguinários do papado em **Languedoque** provaram ser o que

desencadeou seu rápido declínio e queda. Ao esmagar o conde de Toulouse e os outros grandes senhores feudais no sul da França, os domínios da coroa francesa foram grandemente aumentados, e os reis da França, a partir daquele momento, se tornaram os adversários inevitáveis do papa. Luís IX publicou imediatamente a Pragmática Sanção, que estabeleceu as liberdades da Igreja Galicana, e Filipe, o Belo, obrigou o altivo papa Bonifácio a beber da taça da humilhação que os papas frequentemente preparavam para os poderes seculares da Europa. De 1305 a 1377, os papas de Avignon foram pouco melhores do que os vassalos de Filipe e seus sucessores. E de 1377 a 1417, o próprio papado foi dividido pelo grande cisma. Assim, por uma retribuição justa na providência de Deus, aqueles que buscavam a destruição dos outros acabaram por ser seus próprios destruidores.[1] Vemos a mesma coisa acontecer na Inglaterra.

A Inglaterra e o Papado

A submissão do rei João a Inocêncio III foi o ponto de virada na história do papado na Inglaterra. Na humilhação do soberano, toda a nação se sentiu degradada. Inocêncio foi longe demais, foi um abuso de poder presumido, mas que se voltou contra si mesmo em seu devido tempo. A Inglaterra jamais poderia esquecer tamanha prostração abjeta de seu rei aos pés de um sacerdote estrangeiro. A partir daquele momento, um espírito de descontentamento com Roma cresceu na mente do povo inglês. As usurpações, as reivindicações exorbitantes do papado, sua interferência na disposição dos bispados ingleses, frequentemente colocando o governo e a igreja em colisão e ampliando a brecha. Mas exatamente quando a paciência dos homens estava quase exaurida pelas muitas queixas práticas contra o papado, foi do agrado de Deus levantar um poderoso adversário para todo o sistema hierárquico — o primeiro homem que abalou o domínio papal na Inglaterra desde sua fundação, e além disso um homem que amava sinceramente a verdade e pregava-a tanto aos eruditos como às classes mais baixas. Este homem era John Wycliffe, justamente denominado o precursor, ou Estrela da Manhã, da Reforma.

A parte inicial da vida de Wycliffe é envolvida em muita obscuridade; mas a opinião geral é de que tenha nascido de uma linhagem humilde nas redondezas de Richmond, em Yorkshire, por volta do ano de 1324. Seu destino era o de se tornar um estudioso, o que, como somos informados, até os mais hu-

[1] History of France de Sir James Stephen, vol. 1 pág. 240.

mildes daqueles dias podiam aspirar. A Inglaterra era praticamente uma terra de escolas; cada catedral, e praticamente cada mosteiro, tinha a sua; mas jovens com mais ambição, autoconfiança, suposta capacidade e melhores oportunidades aglomeravam-se em Oxford e Cambridge. Na Inglaterra, assim como em toda a cristandade, aquela maravilhosa corrida de uma vasta parte da população em direção ao conhecimento lotou as universidades com milhares de alunos.[2]

John Wycliffe encontrou seu caminho para Oxford. Ele foi admitido como aluno do Queen's College, mas logo foi transferido para o Merton College, a mais antiga, a mais rica e a mais famosa das fundações de Oxford. Supõe-se que ele teve o privilégio de assistir às palestras do muito piedoso e profundo Thomas Bradwardine, e que de suas obras ele derivou suas primeiras visões da liberdade da graça e da absoluta inutilidade de todo mérito humano, no que diz respeito à salvação. Dos escritos de Grosseteste, ele captou pela primeira vez a ideia de que o papa era um anticristo.

Wycliffe, de acordo com seus biógrafos, logo se tornou mestre nas leis civil, canônica e municipal; mas seus maiores esforços foram voltados para o estudo da teologia, não como meramente era aquela arte estéril que era ensinada nas escolas, mas como aquela ciência divina que é derivada do espírito, bem como da letra das Escrituras. No processo de tais investigações, ele teve numerosas e formidáveis dificuldades contra as quais lutar. Foi um estudo que a Igreja não aprovou e não previu. O texto sagrado era então negligenciado, os escolásticos ocupavam o lugar da autoridade das Escrituras; a língua original do Novo, assim como do Antigo Testamento, era quase desconhecida no reino. Mas, apesar de todas essas desvantagens e desencorajamentos, Wycliffe seguiu seu caminho com grande perseverança. "Sua lógica", diz alguém, "sua sutileza escolástica, sua arte retórica, seu poder de ler as escrituras latinas, sua erudição variada, podem ser devidos a Oxford; mas o vigor e a energia de seu gênio, a força de sua linguagem, seu domínio sobre o inglês vernáculo, a alta supremacia que ele reivindicou para as Escrituras, que por imenso trabalho ele publicou na língua vulgar – isto vinha dele próprio, estas coisas não podiam ser aprendidas em nenhuma escola, e nem alcançadas por nenhum dos cursos ordinários de estudo. "[3]

[2]Milman, vol. 6, pág. 100.
[3]Latin Christianity, vol. 6, pág. 103.

Wycliffe e os Frades

Por volta do ano de 1349, quando Wycliffe completou 24 anos de idade e estava alcançando certa fama na faculdade, a Inglaterra foi visitada por uma terrível peste, chamada de **Peste Negra**. Supõe-se que ela tenha aparecido pela primeira vez na Tartária e, depois de devastar vários países da Ásia, prosseguiu pelas margens do Nilo até as ilhas da Grécia, levando devastação para quase todas as nações da Europa. Tão imensa foi a perda de vidas humanas que alguns dizem que um quarto da população foi eliminada, e outros, que metade da raça humana, além do gado, foi levada em certas partes. Essa visitação alarmante encheu a mente piedosa de Wycliffe com as mais sombrias apreensões e temerosos pressentimentos quanto ao futuro. Foi como o som da última trombeta em seu coração. Ele concluiu que o dia do julgamento estava próximo. Solenizado com os pensamentos sobre a eternidade, ele passou dias e noites em seu quarto, e sem dúvida em fervorosa oração por orientação divina. Ele se apresentou como defensor da verdade; encontrou sua armadura na Palavra de Deus.

Por seu zelo e fidelidade na pregação do evangelho, principalmente ao povo comum aos domingos, adquiriu e mereceu o título de **"doutor evangélico"**. Mas o que lhe trouxe tanta fama e popularidade em Oxford foi sua defesa da universidade contra as invasões dos frades mendicantes. Ele corajosa e impiedosamente atacou essas ordens, que ele declarava serem o grande mal da Cristandade. Elas eram, então, quatro em número — Dominicanos, Minoritas ou Franciscanos, Agostinianos e Carmelitas – e se enxameavam nas melhores partes da Europa. Eles se esforçaram muito em Oxford, como até então em Paris, para ali se elevarem. Eles aproveitaram todas as oportunidades para atrair os alunos para seus conventos, os quais, sem o consentimento de seus pais, se alistavam para as ordens mendicantes. Esse sistema de lavagem cerebral prosseguiu a tal ponto que os pais evitavam enviar seus filhos às universidades. Em certa época, trinta mil jovens estudavam em Oxford, mas, por causa desses frades, o número foi reduzido para seis mil. Bispos, padres e teólogos em quase todos os países e universidades da Europa lutavam contra esses enganadores, mas com pouco efeito, pois os pontífices os defendiam vigorosamente como seus melhores amigos e conferiam-lhes grandes privilégios.

Wycliffe atacou ousadamente, e, cremos, fatalmente, a raiz desse grande mal universal. Próximo ao declínio do poder papal, do qual já tomamos nota, podemos começar a notar o das ordens mendicantes. Ele publicou alguns artigos

espirituais intitulados "Contra o mendigo saudável", "Contra o mendigo ocioso" e "A pobreza de Cristo". "Ele denunciou a mendicância em si, e todos os outros como mendigos saudáveis, que não deveriam ser autorizados a infestar a terra. Ele os acusou de cinquenta erros de doutrina e prática. Ele os denunciou por interceptarem as esmolas que deveriam pertencer aos pobres; por seu sistema inescrupuloso de proselitismo; por sua invasão de direitos paroquiais; por seu hábito de iludir as pessoas comuns com fábulas e lendas; por suas pretensões hipócritas de santidade; por sua lisonja para com os grandes e ricos, a quem deveriam na verdade reprovar por seus pecados; por seu apego ao dinheiro por todos os meios, pelo esplendor desnecessário de seus edifícios, enquanto as igrejas paroquiais eram largadas à decadência. "[4]

Wycliffe tornara-se então o líder reconhecido de um grande partido na universidade e na Igreja, e dignidades e honras foram-lhe conferidas. Mas se ele tinha ganhado muitos amigos, tinha também muitos inimigos cuja ira era perigoso provocar. Seus problemas e mudanças então começaram. Os frades forneceram ao papa informações sobre tudo o que estava acontecendo. Em 1361, ele foi promovido a mestre do **Balliol College** e à reitoria de Fillingham. Quatro anos depois foi escolhido guardião do Canterbury Hall. Seu conhecimento das escrituras, a pureza de sua vida, sua coragem inflexível, sua eloquência como pregador, seu domínio da linguagem das pessoas comuns, tornavam-no objeto de admiração geral. Ele afirmava que a salvação era pela fé, por meio da graça, sem mérito humano de forma alguma. Isso foi impactante, não apenas contra os males externos, mas contra os próprios fundamentos de todo o sistema papal. Guiado pela sabedoria divina, ele começou sua grande obra no lugar certo e da maneira certa. Ele pregou o evangelho e explicou a Palavra de Deus ao povo em inglês vernáculo. Desta forma, ele plantou profundamente na mente popular aquelas grandes verdades e princípios que eventualmente levaram à emancipação da Inglaterra do jugo e da tirania de Roma.

Wycliffe e o Governo

A fama de Wycliffe como defensor da verdade e da liberdade não estava mais confinada à Universidade de Oxford. O papa e os cardeais o temiam e observaram minuciosamente seus procedimentos. Mas, por outro lado, o rei e o parlamento nutriam uma opinião tão elevada de sua integridade e julgamento a

[4]J.C. Robertson, vol. 4, pág. 201.

ponto de consultá-lo sobre um assunto de grande importância para a Igreja e o Estado.

Por volta do ano 1366, surgiu uma controvérsia entre o **papa Urbano V** e o **rei Eduardo III** como consequência da renovação da exigência de um tributo anual de mil marcos, que o rei João se comprometera a pagar à Sé Romana como um reconhecimento da superioridade feudal do pontífice romano sobre os reinos da Inglaterra e da Irlanda. O pagamento desse tributo humilhante nunca foi regular, tendo sido totalmente interrompido por trinta e três anos. Urbano exigiu o pagamento integral das dívidas. Eduardo recusou, declarando-se decidido a manter seu reino em liberdade e independência. O parlamento e o povo simpatizaram com o rei. A arrogância do papa causou grande agitação na Inglaterra; ambas as casas do parlamento foram consultadas; a resolução da questão interessava a todas as classes, e até mesmo a toda a Cristandade. Wycliffe, que já era um dos capelães do rei, foi nomeado para responder aos argumentos papais, e assim efetivamente provou que o cânon, ou lei papal, não tem força quando se opõe à Palavra de Deus, e que o papado daquele dia em diante cessava de reivindicar a soberania da Inglaterra. Os argumentos de Wycliffe foram usados pelos senhores no parlamento, que resolveram unanimemente manter a independência da coroa contra as pretensões de Roma. Os discursos curtos, enérgicos e simples dos barões nesta ocasião são curiosos e característicos da época.

No ano de 1372, Wycliffe foi elevado à cadeira teológica na Universidade de Oxford. Este foi um passo importante na causa da verdade e usado pelo Senhor. Sendo um Doutor em Divindade, ele tinha o direito de ministrar palestras sobre teologia. Ele falava como um mestre aos jovens teólogos de Oxford, e, tendo tal autoridade nas escolas, tudo o que ele dizia era recebido como um oráculo. Seria impossível avaliar a influência benéfica que exerceu sobre a mente dos alunos, que compareciam em grande número naquela época. A invenção da imprensa ainda não havia fornecido livros ao estudante, de modo que ele praticamente dependia em tudo da voz e da energia viva do professor público. Centenas de pessoas que o ouviam, por sua vez, tornar-se-iam também professores públicos, levando adiante a mesma semente preciosa.

Wycliffe em Avignon

Embora fosse então bem conhecido que Wycliffe mantinha muitas opiniões antipapais, ele ainda não se comprometera a manter oposição direta a Roma. Mas no ano de 1374 ele foi comissionado a uma embaixada do papa Gregório XI, cuja residência era em Avignon. O objetivo desta missão era representar e remover os abusos flagrantes da reserva papal de benefícios na Igreja inglesa. Mas não temos dúvidas de que o Senhor permitiu isso, para que Wycliffe pudesse ver o que os estrangeiros demoravam a acreditar, a saber, que a corte papal era a fonte de toda iniquidade. Em seu retorno dessa missão, ele se tornou o antagonista aberto, direto e temido de Roma. A experiência de Avignon e Bruges acrescentou aos resultados de seu pensamento e investigação anteriores, e satisfez seu pensamento de que as pretensões do papado não tinham qualquer fundamento na verdade. Ele incansavelmente tornou públicas as convicções profundas de sua alma em conferências eruditas e disputas em Oxford, em discursos pastorais em sua paróquia e em tratados espirituosos escritos em clara prosa inglesa, de tal modo que alcançaram as classes mais humildes e menos educadas. Ele denunciou com indignação ardente e acalentada todo o sistema papal. "O evangelho de Jesus Cristo", disse ele, "é a única fonte da verdadeira religião. O papa é anticristo, o orgulhoso sacerdote mundano de Roma e o mais amaldiçoado dos batedores de carteira." O orgulho, a pompa, o luxo e a moral frouxa dos clérigos caíram sob sua fulminante repreensão. E sendo ele próprio um homem de moral incontestável, de profunda devoção, sinceridade indubitável e eloquência original, muitos se reuniram em torno do destemido professor.[5]

Wycliffe, um Herege

Wycliffe alcançara então grande distinção e recebera muitos sinais do favor real. No final do ano de 1375, ele foi nomeado pela coroa à reitoria de **Lutterworth** em Leicestershire, que foi sua casa pelo resto de sua vida, embora ele frequentemente visitasse Oxford. Mas os perigos estavam se acumulando ao seu redor de outras partes: ele incorrera no desagrado do papa e dos prelados. Em Lutterworth e nas aldeias vizinhas, ele era um pregador vernáculo simples, ousado; em Oxford, ele foi o grande mestre. Mas, seja na cidade ou no campo, ele ergueu

[5] J.C. Robertson, vol. 4, pág. 203; Latin Christianity, vol. 4, pág. 94; Encyclopedia Britannica, artigo WYCLIFFE.

sua voz contra a disciplina da igreja, as vidas escandalosas dos religiosos, sua ignorância, sua negligência na pregação e o abuso de seus privilégios como eclesiásticos para abrigar criminosos notórios. É natural que falar tão francamente fosse ofensivo. O professor foi acusado de heresia e intimado a comparecer perante a convocação que iniciou suas sessões em fevereiro de 1377.

Wycliffe respondeu à citação e seguiu para a **Catedral de São Paulo**, em Londres, mas não foi sozinho. Ele estava acompanhado por João de Gante, duque de Lancaster, e o conde Percy, marechal da Inglaterra. Os motivos desses grandes personagens eram sem dúvida políticos e não acrescentavam nenhuma honra real ao nome ou à causa de Wycliffe. Mas encontramos uma estranha colisão e confusão entre religião e política na história de todos os reformadores. William Courtenay, filho do conde de Devon, era então bispo de Londres e nomeado presidente da assembleia pelo arcebispo Sudbury. O orgulhoso e arrogante bispo ficou com grande desgosto ao ver o herege apoiado pelos dois nobres mais poderosos da Inglaterra. Tão grande foi a multidão de pessoas para testemunhar esse emocionante julgamento, que o conde-marechal assumiu a autoridade de seu cargo para abrir caminho até a presença dos juízes. O indignado bispo se ressentiu com o exercício do poder do marechal dentro da catedral.

"Se eu soubesse, meu senhor", disse Courtenay a Percy bruscamente, "que afirmarias ser mestre nesta igreja, eu teria tomado medidas para impedir tua entrada." Lancaster, que na época administrava o reino, respondeu friamente "que o marechal usaria a autoridade necessária para manter a ordem, apesar dos bispos." Quando chegaram ao tribunal na Capela Lady, Percy exigiu um assento para Wycliffe. Courtenay cedeu à sua raiva e exclamou em voz alta: "Ele não deve se sentar, os criminosos devem permanecer em pé diante de seus juízes". Palavras ferozes se seguiram de ambos os lados. O duque ameaçou humilhar o orgulho, não só de Courtenay, mas de toda o clero da Inglaterra. O bispo respondeu com uma humildade provocadora e falsa que sua confiança estava somente em Deus. Seguiu-se uma cena de grande violência; e, em vez do inquérito proposto, a assembleia se desfez em confusão. Os partidários do bispo teriam caído sobre o duque e o marechal; mas eles tinham força suficiente para sua proteção. Wycliffe, que permanecera em silêncio, escapou sob a proteção deles.

Embora todas as pessoas fossem então católicas romanas, muitos eram a favor de uma reforma; estes eram chamados de **wycliffitas** e prudentemente

permaneceram em suas próprias casas durante essa agitação. O partido clerical que havia lotado a catedral enchia as ruas com seu clamor. A população se levantou — um tumulto selvagem começou. Os desordeiros primeiro atacaram a casa de Percy; mas depois de abrirem todas as portas e vasculharem todos os cômodos, sem encontrá-lo, imaginaram que ele deveria estar escondido no palácio de Lancaster. Eles correram para o Savoy, na época o edifício mais magnífico do reino. Um clérigo que teve a infelicidade de ser confundido com Lord Percy foi morto. Os braços do duque foram torcidos como os de um traidor; o palácio foi saqueado, e outros ultrajes poderiam ter sido cometidos, não fosse a interposição do bispo, que tinha motivos para temer as consequências de tais procedimentos ilegais.

Wycliffe e as Bulas Pontifícias

Wycliffe estava novamente em liberdade. As severidades que seus perseguidores tinham planejado contra ele não foram infligidas, e ele continuou a pregar e instruir o povo com zelo e coragem inabaláveis. Mais ou menos nessa época, havia **dois papas** (ou antipapas); um em Roma e um em Avignon. Esse fato é mencionado na história como "O Grande Cisma do Ocidente" e caricaturado por alguns escritores como o Anticristo fendido, ou de duas cabeças. Por qual das cabeças a alegada sucessão apostólica fluiu, deixamos para o leitor julgar por si mesmo. Wycliffe denunciou ambos os papas como anticristos e encontrou forte simpatia nos corações e mentes das pessoas. Seguiram-se as cenas mais vergonhosas. O pontífice de Roma proclama guerra contra o pontífice de Avignon. Uma cruzada é pregada em favor do primeiro. As mesmas indulgências são concedidas aos cruzados da antiguidade que foram para a Terra Santa. Orações públicas são oferecidas, por ordem do primaz, em todas as igrejas do reino, pelo sucesso do pontífice de Roma contra o pontífice de Avignon. Os bispos e o clero são chamados a impor a seus rebanhos o dever de contribuir para esse "propósito sagrado". Sob o comando do capitão mitrado, Spencer, o jovem bispo marcial de Norwich, os cruzados avançaram. Eles tomaram Gravelines e Dunquerque, na França; mas, que terrível! Esse exército do papa, chefiado por um bispo inglês, superou a desumanidade comum da época. Homens, mulheres e crianças foram feitos em pedaços em um vasto massacre. O bispo carregava uma enorme espada de duas mãos, com a qual parece ter abatido com grande boa vontade o rebanho inflexível do papa rival em Avignon.

Essa expedição só poderia terminar em vergonha e desastre. Isso abalou o papado em seus alicerces e fortaleceu grandemente a causa do reformador. De 1305 a 1377, os papas foram pouco mais do que vassalos dos monarcas franceses em Avignon; e desde então até 1417, o próprio papado foi despedaçado pelo grande cisma. Mas os lacaios do papa continuaram ávidos e constantes em sua busca pelo herege. Dezenove artigos de acusação contra ele foram apresentados a Gregório XI. Em resposta a essas acusações, cinco bulas foram despachadas para a Inglaterra, três para o arcebispo, uma para o rei e uma para Oxford, ordenando o inquérito sobre as doutrinas errôneas de Wycliffe. As acusações contra ele não eram sobre suas opiniões contra o credo da igreja, mas contra o poder do clero. Ele foi acusado de reviver os erros de Marsílio de Pádua e John Gaudun, os defensores do monarca secular contra o papa.

Wycliffe foi citado uma segunda vez para comparecer perante os mesmos delegados papais, mas nesta ocasião não foi na Catedral de São Paulo, mas em Lambeth. Ele não tinha mais o duque de Lancaster e o conde-marechal ao seu lado. Ele confiava no Deus vivo. "As pessoas pensaram que ele seria devorado, sendo levado para a cova dos leões", e muitos dos cidadãos de Londres forçaram-se a entrar na capela. Os prelados, vendo seus olhares e gestos ameaçadores, ficaram alarmados. Mas mal os procedimentos começaram, quando uma mensagem foi recebida da mãe do jovem rei — a viúva do Príncipe Negro — proibindo-os de prosseguir com qualquer sentença definitiva a respeito da doutrina ou conduta de Wycliffe. "Os bispos", diz Walsingham, o advogado papal, "que se professaram determinados a cumprir seu dever apesar das ameaças ou promessas, e até mesmo com risco de vida, foram como juncos sacudidos pelo vento e ficaram tão intimidados durante o exame do apóstata, que seus discursos eram suaves como óleo, para a perda pública de sua dignidade e para o dano de toda a igreja. E quando Clifford pomposamente entregou sua mensagem, eles ficaram tão tomados de medo que qualquer um pensaria que eram como um homem que não ouve e em cuja boca não há reprovação. Assim, esse falso mestre, esse completo hipócrita, escapou da mão da justiça e não pôde mais ser convocado perante os mesmos prelados, uma vez que a comissão deles expirou com a morte do papa Gregório XI."[6]

A **morte de Gregório** e o grande cisma no papado se combinaram, na boa providência de Deus, para livrar Wycliffe das mãos cruéis da perseguição, que sem dúvida o havia marcado como sua vítima. Ele, portanto, retornou às suas

[6]Milner, vol. 3, pág. 251.

ocupações anteriores e, por meio de seus discursos de púlpito, suas palestras acadêmicas e seus vários escritos, trabalhou para promover a causa da verdade e da liberdade. Ele também organizou nessa época um grupo itinerante de pregadores, que deveriam viajar pela terra pregando o evangelho de Jesus Cristo, aceitando hospitalidade pelo caminho e confiando no Senhor para suprir todas as suas necessidades. Eles eram chamados de "sacerdotes pobres" e, não raro, eram perseguidos pelo clero; mas a simplicidade e seriedade desses missionários atraíam multidões de pessoas comuns ao seu redor.

Wycliffe e a Bíblia

Sem prosseguirmos mais minuciosamente sobre os trabalhos gerais de Wycliffe, ou sobre as conspirações de seus inimigos para interrompê-lo, agora tomaremos nota do que foi a grande obra de sua vida útil — a **versão completa em inglês** das Sagradas Escrituras. Nós o vimos atacando corajosamente e sem medo e expondo os incontáveis abusos do papado, revelando a verdade aos estudantes e zelosamente pregando o evangelho aos pobres; mas agora o vemos empenhado em uma obra que enriquecerá mil vezes mais sua própria alma. Ele se envolveu ainda mais exclusivamente com as Escrituras Sagradas. Só depois de se familiarizar mais com a Bíblia é que ele rejeitou as falsas doutrinas da igreja de Roma. Uma coisa é ver os abusos externos da hierarquia, outra é ver a mente de Deus nas doutrinas de Sua palavra.

Assim que a tradução de um trecho foi concluída, o trabalho dos copistas começou, e a Bíblia logo foi amplamente distribuída, seja no todo ou em partes. O efeito de trazer assim para casa a Palavra de Deus para os iletrados — para os soldados cidadãos e as classes mais baixas – é algo que está além do poder humano de estimar. Mentes foram iluminadas, almas foram salvas e Deus foi glorificado. "Wycliffe", disse um de seus adversários, "tornou o evangelho algo comum e mais aberto a leigos e mulheres que sabem ler do que costuma ser para escriturários bem instruídos e de bom entendimento; de modo que a pérola do evangelho está sendo espalhada e pisada por porcos." No ano de 1330, a Bíblia em inglês estava completa. Em 1390, os bispos tentaram fazer com que a versão fosse condenada pelo Parlamento, para que não se tornasse ocasião para heresias; mas João de Gante declarou que os ingleses não se submeteriam à degradação de lhes ser negada uma Bíblia vernácula. "A Palavra de Deus é a fé de Seu povo", foi dito, "e mesmo que o papa e todos os seus membros

desaparecessem da face da terra, nossa fé não falharia, pois se baseia somente em Jesus, nosso Mestre e nosso Deus.” Tendo falhado a tentativa de proibição, a Bíblia inglesa se espalhou por toda parte, sendo difundida principalmente por meio dos esforços dos “padres pobres”, assim como foi com “os pobres homens de Lyon” em um período anterior.

O leitor cristão não deixará de identificar a mão do Senhor nesta grande obra. O grande e divino instrumento estava agora pronto e nas mãos do povo, por meio do qual a Reforma no século XVI seria realizada. A Palavra de Deus, que vive e permanece para sempre, é resgatada dos obscuros mistérios da escolástica, das estantes empoeiradas do claustro, da obscuridade das eras e dada ao povo inglês em sua própria língua materna. Quem pode estimar tal bênção? Que as milhares de vezes e as milhares de línguas que louvarão ao Senhor para sempre deem a resposta. Mas oh, que maldade! Que maldade assassina de almas do sacerdócio romano em esconder a Palavra da vida dos leigos! Será que a gloriosa verdade do amor de Deus ao mundo no dom de Seu Filho — da eficácia do sangue de Cristo para purificar de todo pecado — deveria ser ocultada da multidão que perece e vista apenas por uns poucos privilegiados? Não há refinamento na crueldade na face de toda a terra que se compare a isso. É a ruína da alma e do corpo no inferno para todo o sempre.

Traduções Parciais

A primeira tentativa de algo parecido com uma tradução vernácula de uma parte das sagradas escrituras parece ter sido realizada no século VII. Até este período, elas estavam disponíveis apenas na língua latina na Inglaterra, e, estando principalmente nas mãos do clero, o povo em geral recebia o que sabia da revelação de Deus por meio da instrução deles. Mas, como a maioria dos padres não sabia nada mais do que o que eram obrigados a repetir no culto da igreja, as pessoas ficaram em total escuridão.

O **venerável Beda** menciona um poema em língua anglo-saxônica, que leva o nome de Caedmon, que fornece com fidelidade tolerável algumas das partes históricas da Bíblia; mas, devido ao seu caráter épico, não foi classificado com as versões dos escritos sagrados. Mesmo assim, foi o início desta obra abençoada, pela qual podemos ser verdadeiramente gratos. Pode ter dado a ideia a outros mais competentes e sido o precursor de traduções reais.

No século VIII, Beda traduziu o credo dos apóstolos e a oração do Senhor para o anglo-saxão, que ele frequentemente apresentava a padres analfabetos: e um de seus últimos esforços foi uma tradução do Evangelho de São João, que supõe-se ser a primeira parte do Novo Testamento que foi traduzida para a língua vernácula do país. Ele morreu em 735.

O **rei Alfredo**, em seu zelo pelo aprimoramento de seu reino, não negligenciou a importância das escrituras vernáculas. Com a ajuda dos sábios de sua corte, ele mandou traduzir os quatro Evangelhos. E Elfrico, no final do século X, havia traduzido alguns livros do Antigo Testamento. Por volta do início do reinado de Eduardo III, Guilherme de Shoreham traduziu o Saltério para a língua anglo-normanda; e ele foi logo seguido por Ricardo Rolle, padre da capela em Hampole. Ele não apenas traduziu o texto dos Salmos, mas acrescentou um comentário em inglês. Ele morreu em 1347. O Saltério parece ser o único livro das escrituras que foi totalmente traduzido para o inglês antes da época de Wycliffe. Mas era chegado o momento na providência de Deus para a publicação de toda a Bíblia e para sua circulação entre o povo. Cada circunstância, apesar do inimigo, foi anulada por Deus para favorecer o nobre desígnio de Seu servo.

Tendo recebido muitos avisos, muitas ameaças, e experimentado algumas fugas por um triz da masmorra repugnante e da pilha em chamas, foi permitido a Wycliffe encerrar seus dias em paz, no meio de seu rebanho e seus trabalhos pastorais em Lutterworth. Depois de quarenta e oito horas de doença devido a um ataque de paralisia, ele morreu no último dia do ano de 1384.[7]

Reflexões Sobre a Vida de Wycliffe

O cristão humilde, a testemunha ousada, o pregador fiel, o professor competente e o grande reformador saíram de cena. Ele foi descansar e sua recompensa está nas alturas. Mas as doutrinas que ele propagou com tanto zelo nunca podem morrer. Seu nome em seus seguidores continuou formidável contra os falsos sacerdotes de Roma. "De cada dois homens que você encontra pelo caminho", disse um adversário amargurado, "um é wycliffita." Ele foi usado por Deus para dar um impulso ao questionamento cristão que foi sentido nos can-

[7]Para maiores detalhes sobre as primeiras traduções para o inglês, consulte o prefácio da Bíblia de Wycliffe, editada pelo Rev. Josiah Forshall e Sir Frederick Madden, ambos do Museu Britânico. É um livro nobre, in-fólio de quatro volumes, impresso na University Press, Oxford, e um nobre monumento ao zelo e devoção cristã, sob a proteção da mão de Deus. Veja também o prefácio de English Hexapla, de Bagster.

tos mais distantes da Europa e que continuou através dos tempos futuros. Nenhuma pessoa expressou um senso mais justo da influência dos trabalhos bíblicos de Wycliffe do que o Dr. Lingard, o historiador católico romano. Assim ele escreve: "Ele fez uma nova tradução, multiplicou cópias com a ajuda de transcritores, e por seus padres pobres recomendou seus ouvintes à sua leitura. Nas mãos deles, tornou-se um motor de poder incrível. Os homens ficaram lisonjeados com o apelo a seu julgamento particular das Escrituras; as novas doutrinas insensivelmente adquiriram partidários e protetores nas classes mais altas, os únicos familiarizados com o uso das letras; um espírito de questionamento foi gerado; e as sementes daquela revolução religiosa, que, em pouco mais de um século, surpreendeu e convulsionou as nações da Europa, foram lançadas." Muitas das doutrinas de Wycliffe estavam muito adiantadas em relação à época em que viveu. Ele antecipou os princípios de uma futura geração mais iluminada. "Só a Escritura é a verdade", disse ele; e sua doutrina foi formada somente sobre esse fundamento. Mas foi a tradução e circulação da Bíblia que deu eficácia duradoura às santas verdades que ele ensinou, e foi a coroa imperecível de todos os seus outros trabalhos — o tesouro que ele legou para o futuro e para épocas melhores. [8]

Enquanto Wycliffe confinasse suas veementes denúncias ao espírito anticristão da corte de Roma, à riqueza do clero e aos dogmas peculiares do papado, ele poderia contar com muitos protetores poderosos. Ele poderia varrer um a um os muitos abusos do sistema; mas assim que ele ascendeu à região mais elevada da verdade positiva e da graça gratuita de Deus, o número e entusiasmo de seus seguidores declinou rapidamente. Sua controvérsia doutrinária garantiu seu banimento de Oxford cerca de dois anos antes de sua morte. Mas isso, na providência de Deus, foi permitido para dar-lhe um período de repouso no final de uma vida laboriosa e tempestuosa. Por muitos anos ele pregou as doutrinas mais distintas dos reformadores do século XVI, especialmente as defendidas por Calvino. Mas sua oposição à doutrina romana da salvação pelas obras o levaria naturalmente a falar com veemência. "Acreditar no poder do homem na obra de regeneração", dizia ele, "é a grande heresia de Roma, e desse erro veio a ruína da igreja. A conversão procede somente da graça de Deus, e o sistema que o atribui em parte ao homem e em parte a Deus é pior do que o pelagianismo. Cristo é tudo no Cristianismo; todo aquele que abandona aquela fonte que está sempre pronta a dar vida e se volta a águas lamacentas e estagnadas, é um louco. A fé é um dom de Deus, ela põe de lado todo mérito humano,

[8]Waddington, vol. 3, pág. 175.

e deve banir todo o medo da mente. Que os cristãos se submetam não à palavra de um padre, mas à palavra de Deus. Na igreja primitiva havia apenas duas ordens, bispos e diáconos: o presbítero e o bispo, ou supervisor, eram a mesma pessoa. A chamada mais sublime que o homem pode alcançar na terra é a de pregar a palavra de Deus. A verdadeira igreja é a assembleia dos justos por quem Cristo derramou Seu sangue."

Tais eram os pontos essenciais da pregação e panfletos de Wycliffe por quase quarenta anos, proclamados com grande fervor e habilidade em meio à escuridão papal, à superstição e às piores formas de mundanismo. Escrever as palavras que foram transmitidas à posteridade tão grandiosa, tão gloriosamente, uma obra do Espírito de Deus em nossa terra[9], faz com que o coração se expanda e se eleve ao trono da graça em louvor e ação de graças não fingido, sem mistura, sem fim. Os papas, cardeais, arcebispos, bispos, abades e doutores que tinham sede de seu sangue, ou decaíram das páginas da história, ou estão associados em nossas mentes ao demônio da perseguição, enquanto o nome e a memória de John Wycliffe continuam a ser mantidos com veneração intacta e crescente. [10]

Os Lolardos

Wycliffe não organizou nenhuma seita durante sua vida, mas o poder de seu ensino se manifestou no número e zelo de seus discípulos após sua morte. Da cabana do camponês ao palácio da realeza, eles podiam ser encontrados em todos os lugares sob o vago nome de **"Lolardos"**. Multidões se reuniam em torno de seus pregadores. Eles negavam a autoridade de Roma e mantinham a supremacia absoluta da Palavra de Deus somente. Eles sustentavam que os ministros de Cristo deveriam ser pobres, simples e levar uma vida espiritual; e eles pregaram publicamente contra os vícios do clero. Por um tempo, eles encontraram tanta simpatia e sucesso que, sem dúvida, pensaram que a Reforma estava prestes a triunfar na Inglaterra.

No ano de 1395, os seguidores de Wycliffe corajosamente peticionaram ao Parlamento para que "abolissem o celibato, a transubstanciação, as orações pelos mortos, as oferendas a imagens, a confissão auricular" e muitos outros abusos papistas, e então pregaram sua petição nos portões da Catedral de São Paulo

[9]N. do T.: O autor deste livro viveu na Inglaterra.
[10]Ver Enciclopédia Britânica, vol. 21, pág. 949; D'Aubigné, vol. 5, pág. 137.

e da Abadia de Westminster. Mas esses murmúrios de um povo sobrecarregado e oprimido foram perdidos de vista naquele momento com o destronamento e a morte do rei Ricardo II, filho do favorito Príncipe Negro, e a ascensão de **Henrique IV**, o primeiro da dinastia Lancastriana.

Quando Henrique, filho do famoso duque de Lancaster, o amigo e patrono de Wycliffe, subiu ao trono, os lolardos naturalmente esperavam no novo rei um defensor caloroso de seus princípios. Mas nisso eles ficaram amargamente desapontados. O arcebispo Arundel, o implacável inimigo dos lolardos, teve grande influência sobre Henrique. Ele contribuiu mais do que todos os outros adeptos para a derrubada de Ricardo e a usurpação de Henrique. Arundel tinha grande influência, era nobre, arrogante, inescrupuloso como partidário, hábil como político e, além disso, praticava a astúcia e a crueldade peculiares ao sacerdócio. Ele havia decidido, por influência do rei, sacrificar os lolardos. Praticamente o primeiro ato de Henrique IV foi declarar-se o defensor do clero, dos monges e dos frades contra seus perigosos inimigos.

O Estatuto para a Queimada de Hereges

Até o início do século XV, não havia lei estatutária na Inglaterra para a queimada de hereges. Em todas as outras partes da cristandade, o magistrado, como sob a antiga lei imperial romana, havia obedecido ao mandato dos bispos. A Inglaterra ficou sozinha: sem um mandado legal, nenhum oficial executaria um criminoso eclesiástico. "Em todos os outros países", diz Milman, "o braço secular recebia o delinquente contra a lei da Igreja. A sentença era proferida no tribunal eclesiástico ou da Inquisição; mas a Igreja, com uma espécie de evasão que é difícil de ser vista separada da hipocrisia, não queria ser manchada de sangue. O clero ordenava, e isto sob as mais terríveis ameaças, que o fogo fosse aceso e a vítima amarrada à fogueira por outros, e absolvesse-se da crueldade de queimar seus semelhantes. " Mas o fim dessa honrosa distinção para a Inglaterra havia chegado. O obsequioso Henrique, para agradar ao arcebispo, emitiu um decreto real ordenando que todo herege incorrigível fosse queimado vivo. As línguas mentirosas dos padres e frades circularam tão industriosamente relatórios sobre os propósitos selvagens e revolucionários dos lolardos que o Parlamento ficou alarmado e sancionou o decreto do rei.

No ano de 1400, "a queimada de hereges" tornou-se uma lei estatutária na Inglaterra. "Em um lugar alto em público, diante da face do povo, o herege

incorrigível será queimado vivo." O primaz e os bispos se apressaram em seu trabalho.

William Sautree foi a primeira vítima desse terrível decreto. Ele é o protomártir do wycliffismo. Ele era um pregador na igreja de St. Osyth, em Londres. Por medo natural do sofrimento, ele se retratou e depois voltou a pregar novamente em Norwich; mas depois, vindo a Londres e ganhando mais força mental por meio da fé, pregou abertamente o evangelho e testificou contra a transubstanciação. Ele foi então condenado às chamas como um herege reincidente. "A cerimônia de sua degradação", diz o historiador, "aconteceu na Catedral de São Paulo, com todas as suas minuciosas, perturbadoras e impressionantes formalidades. Ele foi então entregue ao braço secular, e pela primeira vez o ar de Londres foi escurecido pela fumaça desse tipo de sacrifício humano."

A segunda vítima desse decreto sanguinário foi um simples trabalhador. Seu crime era comum entre os lolardos — a negação da transubstanciação. Esse pobre homem, **John Badby**, foi trazido de Worcester para Londres para ser julgado. Mas o que o simples homem do campo deve ter pensado quando se viu diante do pomposo tribunal dos arcebispos de Cantuária e York, dos bispos de Londres, Winchester, Oxford, Norwich, Salisbury, Bath, Bangor, St. David, de Edmundo, o Duque de York , do Chanceler e do Master of the Rolls? Arundel esforçou-se muito para persuadi-lo de que o pão consagrado era realmente e apropriadamente o corpo de Cristo. As respostas de Badby foram dadas com coragem e firmeza, e em palavras de simplicidade e bom senso. Ele disse que preferia acreditar no "Deus onipotente da Trindade" e disse, além disso, que "se cada hóstia sendo consagrada no altar fosse o corpo do Senhor, então haveria vinte mil deuses na Inglaterra. Mas ele cria em um Deus onipotente." Este herege incorrigível foi condenado a ser queimado vivo por esses lobos, ou melhor, demônios, em pele de cordeiro. O príncipe de Gales passou por acaso por Smithfield no momento em que o fogo estava aceso, ou tinha vindo propositalmente para testemunhar do auto da fé. Ele olhou para o mártir calmo e inflexível, mas na primeira sensação do fogo, ele ouviu a palavra "misericórdia" sair de seus lábios. O príncipe, supondo que ele estava implorando a misericórdia de seus juízes, ordenou que fosse retirado do fogo. "Você vai abandonar a heresia?" perguntou o jovem Henrique V, "Você se conformará com a fé da santa mãe igreja? Se quiser, terá um auxílio anual do tesouro do rei." O mártir não se comoveu. Foi para a misericórdia de Deus, não do homem, que ele estava apelando. Henrique, furioso, ordenou que ele fosse empurrado de volta para os gravetos em chamas, e assim ele gloriosamente terminou sua carreira

nas chamas.

As Constituições de Arundel

Encorajado pelo semblante real, o clero redigiu as conhecidas Constituições de Arundel, que proibiam a leitura da Bíblia e dos livros de Wycliffe, afirmando que o caráter do papa não era meramente "de um homem puro, mas do verdadeiro Deus, aqui na Terra." A perseguição então se enraivecia na Inglaterra; uma prisão no palácio arquiepiscopal de Lambeth, que recebeu o nome de torre dos lolardos, estava lotada com os seguidores de Wycliffe. Mas havia também um prisioneiro nos recintos reais, assim como na torre dos lolardos. A morte, a mensageira do juízo divino para os não perdoados, havia chegado. No ano de 1413, Henrique IV morreu. "Como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo". Essas duas nuvens negras e pesadas — morte e juízo — estavam então prontas para explodir em toda a sua fúria na alma desprotegida do monarca perseguidor. Seus últimos anos foram obscurecidos por uma doença repulsiva — erupções em seu rosto. Mas oh! qual deve ser o seu futuro! Escurecido não apenas por uma doença temporal, que a misericórdia divina restringe dentro de certos limites, mas com a vingança total da desgraça eterna; e escureceu e se aprofundou ainda mais pelas sombras assustadoras das pilhas em chamas em Smithfield. Ó morte, ó julgamento, ó eternidade, grande, terrível e certa! Como é, por que é, que o homem, em cuja própria natureza esta verdade solene está profundamente plantada, seja tão esquecido e indiferente?

Uma coisa é certa com respeito ao juízo e retribuição futuros, que, mesmo onde tais doutrinas não sejam expressamente negadas, elas não ocupam o púlpito e a imprensa da mesma forma com que ocupam o Novo Testamento. Há uma aversão muito geral a pressionar, à maneira simples das escrituras, esses assuntos tão terríveis. Ainda assim, não se pode negar que os discursos de nosso bendito Senhor — cuja missão era o amor, a mais terna compaixão, a mais rica graça — estão repletos das mais solenes declarações sobre o julgamento futuro. Alguns podem dizer que o medo do castigo é um motivo comparativamente baixo: pode ser que seja, mas quantos há que têm almas imortais, e cuja inteligência é tal que não são elevados acima de tais motivos! Deus é mais sábio do que o homem, e assim encontramos, juntamente às mais completas revelações do amor divino e às mais livres proclamações de salvação, também as mais solenes advertências. Ouça um que diz: "Beijai o Filho, para que se não ire, e

pereçais no caminho, quando em breve se acender a sua ira; bem-aventurados todos aqueles que nele confiam" (Salmos 2:12; Mateus 11:20–30).

Retornemos agora à nossa história.

A testemunha da execução de John Badby estava agora no trono sob o título de **Henrique V**. Mas é de se temer que os triunfos da graça divina naquele simples artesão não tenham causado impressão salutar em sua mente. Poucos príncipes tiveram pior caráter antes de chegar ao trono, e esperava-se que, por não ter religião, não fosse escravo da hierarquia. Mas com isso os lolardos ficaram novamente amargamente desapontados. Quando se tornou rei, ele se tornou religioso de acordo com as ideias da época; e resolveu sinalizar sua ortodoxia suprimindo a heresia. Thomas Netter, um carmelita, um dos mais ferrenhos oponentes do wycliffismo, era seu confessor. Sob sua influência, as leis contra os hereges foram então rigorosamente executadas.

O Julgamento de Lorde Cobham

As vítimas sob este novo surto de perseguição eram de todas as classes; mas o mais distinto por caráter e posição foi **Sir John Oldcastle**, que, pelo direito hereditário de sua esposa, sentou-se no parlamento como Lorde Cobham. Ele é conhecido como um cavaleiro da mais alta reputação militar e que serviu com grande distinção nas guerras francesas. Todo o ardor de sua alma estava agora lançado em sua religião. Ele era um wycliffita — um crente na palavra de Deus, um leitor dos livros de Wycliffe e um violento opositor do papado. Ele havia feito várias cópias dos escritos do reformador e encorajado os padres pobres a distribuí-los e a pregar o evangelho por todo o país. E enquanto Henrique IV viveu, não foi molestado: o rei não permitiria que o clero colocasse as mãos em seu antigo favorito. Mas o jovem rei Henrique V não tinha o mesmo apreço por Sir John, embora soubesse algo sobre seu valor como soldado valente e general habilidoso, e desejasse salvá-lo.

O primaz Arundel observava de perto os movimentos de seu antagonista, e resolveu esmagá-lo. Ele foi acusado de ter muitas opiniões heréticas e, com base nesses crimes, foi denunciado ao rei. Ele foi convocado a comparecer e responder perante Henrique. Cobham alegou a mais submissa lealdade. "Eu estou muito pronto e disposto a obedecer: és um rei cristão, o ministro de Deus que não empunha a espada em vão, para o castigo dos malfeitores e a recompensa

dos justos. A ti, sob a autoridade de Deus, eu devo toda a minha obediência. Tudo o que me ordenares em nome do Senhor estou pronto para cumprir. Ao papa não devo obediência nem serviço, ele é o grande anticristo, o filho da perdição, a abominação da desolação no lugar sagrado." Henrique afastou a mão de Cobham enquanto apresentava sua confissão de fé: "Não vou receber este documento: apresentem-no aos seus juízes." Cobham retirou-se para seu forte castelo de Cowling, perto de Rochester. Ele tratou com total desprezo as convocações e excomunhões do arcebispo. O rei foi influenciado a enviar um de seus oficiais para prendê-lo. A lealdade do velho barão reverenciou o oficial real. Se fosse qualquer um dos agentes do papa, ele teria resolvido a questão com sua espada, de acordo com o espírito militar da época, ao invés de ter obedecido. Ele foi levado para a Torre: uma viagem de mau agouro para quase todos os que já passaram por ali!

O tribunal eclesiástico, tal como foi com John Badby, estava sentado na Catedral de São Paulo. O prisioneiro apareceu. "Devemos acreditar", disse Arundel, "no que a santa igreja de Roma ensina, sem exigir a autoridade de Cristo." Ele foi chamado a confessar seus erros. "Acredite!" gritaram os padres, "acredite!" "Estou disposto a acreditar em tudo o que Deus deseja", disse Sir John; "Mas que o papa deve ter autoridade para ensinar o que é contrário às Escrituras, nisto eu nunca vou acreditar." Ele foi levado de volta à Torre. Dois dias depois, foi julgado novamente no convento dominicano. Uma multidão de padres, cônegos, frades, escrivães e vendedores de indulgências lotou o grande salão do convento e atacou o prisioneiro com linguagem abusiva. A indignação reprimida do velho veterano finalmente explodiu em uma denúncia profética e selvagem contra o papa e os prelados. "Vossa riqueza é o veneno da igreja", gritou ele em alta voz. "O que você quer dizer", disse Arundel, "com veneno?" "Vossos bens e vossos senhorios... Considerai isto, todos os homens. Cristo era manso e misericordioso; o papa é altivo e um tirano. Roma é o ninho do anticristo; desse ninho saem seus discípulos." Ele foi então considerado herege e condenado.

Retomando sua calma coragem, ele caiu de joelhos e, erguendo as mãos ao céu, exclamou: "Eu te confesso, ó Deus! E reconheço que em minha frágil juventude eu Te ofendi seriamente com meu orgulho, raiva, intemperança e impureza: por essas ofensas eu imploro Tua misericórdia!" Com uma linguagem branda, mas com um propósito severo e inflexível, o astuto padre se esforçou para reduzir o espírito elevado do barão, mas em vão. "Eu não vou acreditar de outra forma além da que eu já vos disse. Fazei comigo o que quiserdes. Por

quebrar os mandamentos de Deus, o homem nunca me amaldiçoou, mas por quebrar vossas tradições eu e outros somos assim cruelmente tratados.” Ele foi lembrado de que o dia estava terminando, e que ele deveria se submeter à igreja ou a lei deveria seguir seu curso. “Não peço a vossa absolvição: a única coisa que preciso é de Deus”, disse o honesto cavaleiro, com o rosto ainda encharcado de lágrimas. A sentença de morte foi então lida por Arundel com uma voz clara e alta, todos os sacerdotes e pessoas de pé com suas cabeças descobertas. “Está bem”, respondeu o intrépido Cobham, “embora condenais meu corpo, não tendes poder sobre minha alma.” Ele novamente se ajoelhou e orou por seus inimigos. Ele foi conduzido de volta à Torre; mas antes do dia marcado para sua execução ele escapou.

Rumores de conspirações, de um levante geral dos lolardos, agora circulavam pelos padres e frades. O rei ficou alarmado; cerca de quarenta pessoas foram imediatamente julgadas e executadas; uma nova e violenta lei foi aprovada para a supressão dos lolardos; o governo temia que um homem como Cobham liderasse a insurreição; mil marcos foram oferecidos por sua prisão. Não parece que tenha havido qualquer fundamento para esses alarmes, exceto as mentiras dos padres — seus falsos rumores. Por cerca de três anos, Lorde Cobham esteve escondido no País de Gales. Ele foi trazido de volta em dezembro de 1417 e sofreu sem demora.

O Martírio de Lorde Cobham

O outrora valente cavaleiro, o homem a quem o rei honrava, foi então ignominiosamente arrastado por um obstáculo para a igreja de St. Giles-in-the-Fields, e ali sofreu uma dupla execução. Ele foi suspenso em uma forca sobre fogo lento e depois queimado até a morte. Muitas pessoas de posição e distinção estavam presentes. Antes de sua execução, ele caiu de joelhos e implorou a Deus perdão por seus inimigos. Ele então se dirigiu à multidão, exortando-os a seguirem as instruções que Deus lhes havia dado em Sua santa Palavra e a rejeitarem aqueles falsos mestres, cujas vidas e conversações eram tão contrárias a Cristo e a Seu exemplo. Ele recusou os serviços religiosos finais de um padre: “Só a Deus, agora como sempre presente, confesso e imploro o perdão d’Ele”, foi a sua resposta imediata. O povo chorou e orou com ele e por ele. Em vão os sacerdotes afirmavam que ele estava sofrendo como herege e como inimigo de Deus. As pessoas acreditaram nele. Suas últimas palavras, abafadas pelo

crepitar das chamas, foram “Louvado seja Deus”; e, em sua carruagem de fogo, rodeado pelos anjos de Deus, ele se juntou ao nobre exército de mártires.

> Quão doce é a canção da vitória
>
> Que acaba com o rugido da batalha;
>
> E doce o descanso do guerreiro cansado
>
> Quando todas as suas labutas terminarem.

As prisões de Londres nesta época estavam cheias de wycliffitas, aguardando a vingança do clero perseguidor. “Eles deveriam ser enforcados por conta do Rei e queimados por conta de Deus”, era o clamor dos falsos sacerdotes de Roma. Dessa época até a Reforma, seus sofrimentos foram severos. Aqueles que escaparam da prisão e da morte foram obrigados a realizar suas reuniões religiosas em segredo. Mas a influência papal diminuiu gradualmente e preparou o caminho para a Reforma no século seguinte.

Henry Chichele, que sucedeu a Arundel como arcebispo de Cantuária, não apenas seguiu seus passos, como também o superou em suas guerras de extermínio contra os lolardos. Ele é chamado por Milner de “o incendiário de sua época”. Ele incitou Henrique em sua disputa com a França, o que causou uma enorme perda de vidas humanas e as mais terríveis misérias para ambos os reinos. Arundel parece ter morrido pelas mãos do Senhor. Logo depois de ler a sentença de morte de Lorde Cobham, ele foi atacado por uma doença na garganta, da qual morreu. Mas aqui nós os deixamos e seguimos o Espírito de Deus que estava também trabalhando em outras terras e preparando o caminho para uma gloriosa Reforma na Europa.[11]

[11] D’Aubigné, vol. 5 p. 147; Milner, vol. 3, pág. 242, Milman, vol. 6, página 154; Acts and Monuments, de Fox.

Capítulo 31

Boêmia (1409–1471 d.C.)

O Movimento de Reforma na Boêmia

É verdadeiramente satisfatório saber que as benditas verdades do evangelho, que salvam almas e que foram ensinadas por Wycliffe e seus seguidores, já estavam produzindo resultados de uma importância ampla e duradoura: que, apesar de todos as execuções na fogueira e assassinatos de Roma, essas verdades estavam permeando profundamente nos corações de milhares e centenas de milhares, e se espalhando por quase todas as partes da Europa. O **bispo de Lodi** no concílio de Constança, em 1416 — um ano antes do martírio de Cobham e 36 anos após a tradução da Bíblia — declarou que as heresias de Wycliffe e Hus se espalharam pela Inglaterra, França, Itália, Hungria, Rússia, Lituânia, Polônia, Alemanha e por toda a Boêmia. Assim, um amargo inimigo é inconscientemente — ou não intencionalmente — a testemunha da influência e da inextinguível vitalidade da boa semente da Palavra de Deus.

Mas aqui será necessário preparar nosso caminho dizendo algumas palavras sobre o grande cisma papal, antes de traçarmos a ampla linha prateada da graça de Deus no testemunho e martírio de Hus e Jerônimo.

O Concílio de Pisa

No início do século XV, a Igreja Católica Romana tinha duas cabeças — **dois papas rivais**, Bento XIII em Avignon e Gregório XII em Roma. Cada um alegava ser o representante de Cristo na terra e cada um acusava o outro de falsidade

perante o mundo, perjúrio e dos mais nefastos desígnios secretos. Tão escandalosa foi a conduta desses dois velhos prelados de cabelos grisalhos, cada um com mais de setenta anos de idade, que toda a Europa contemplou com vergonha e indignação a obstinação e perversidade dos pontífices em conflito. O que deveria ser feito para que as feridas da igreja dividida fossem curadas? Reis e cardeais começaram a usar tanto a força quanto a súplica para induzir os dois papas a renunciarem às suas reivindicações para que alguém pudesse ser escolhido por unanimidade em seu lugar. Eles prometeram, sob juramento, que renunciariam voluntariamente se os interesses da igreja assim o exigissem; mas, mal haviam prometido, eles dissimularam, enganaram seus cardeais e violaram suas promessas. Descobrindo que nenhuma confiança poderia ser colocada na palavra deles, que eles eram homens sem verdade, honra ou religião, os cardeais de Bento se revoltaram e se juntaram aos cardeais de Gregório, e os dois colégios reuniram-se em Livorno a fim de considerar o que poderia ser feito para colocar um fim a este longo e vergonhoso cisma. Eles chegaram à conclusão de que, naquelas circunstâncias, eles tinham o direito indubitável de convocar um concílio que pudesse julgar entre os dois competidores pelo papado e restaurar a unidade da igreja.

Pisa, uma cidade murada no centro da Itália, foi selecionada como o lugar mais adequado para o concílio proposto. Isso era algo totalmente novo na Cristandade. Cerca de uma dúzia de cardeais, sem a sanção do papa ou do imperador, convocou o famoso Concílio de Pisa. Sua infalibilidade estava agora sujeita a um novo tribunal, e a mais alta prerrogativa de seu trono usurpada; mas ele havia perdido tanto o respeito da humanidade que toda a igreja justificou os cardeais em assumirem o poder sobre ele.

O concílio foi aberto em 25 de março de 1409. A assembleia foi uma das mais augustas e numerosas já vistas na história da Cristandade. Daremos alguns detalhes para mostrar ao leitor o que era um Concílio Ecumênico naqueles dias em que o Catolicismo Romano era a religião da Europa. Estavam presentes vinte e dois cardeais; os patriarcas latinos de Alexandria, Antioquia, Jerusalém e Grau; doze arcebispos estiveram presentes pessoalmente e quatorze por seus procuradores; oitenta bispos e os procuradores de cento e dois; oitenta e sete abades e os procuradores de outros duzentos; além de priores; generais de ordens; o grão-mestre de Rodes, com dezesseis comandantes; o prior geral dos cavaleiros do santo sepulcro; o deputado do grão-mestre e cavaleiro da Ordem Teutônica; os deputados das Universidades de Oxford, Cambridge, Paris, Florença, Cracóvia, Viena, Praga e muitas outras; mais de trezentos doutores em teologia; e

embaixadores dos reis da Inglaterra, França, Portugal, Boêmia, Sicília, Polônia e Chipre, e dos duques de Brabante da Borgonha, etc. Estradas e rios por todos os lados foram cobertos por semanas com a pompa e esplendor desses dignitários. Alguns deles entraram em Pisa com duzentos cavalos na comitiva.[1]

A assembleia realizou suas sessões de março a agosto. Depois de muita deliberação na forma devida, os papas contestadores foram condenados por unanimidade. No dia 5 de junho foi proferida a sentença. Ambos foram declarados heréticos, perjuriosos, contumazes, proibidos de assumir o pontificado soberano e indignos de qualquer honra: o papado foi declarado vago. O próximo passo foi eleger um novo papa. Este era um assunto mais difícil. Onde estaria o homem, possuindo tais qualidades, que reconquistaria a reverência da humanidade pelo supremo pontífice? Esta era agora a grave questão. Vinte e quatro cardeais, após ficarem encerrados por dez dias, decidiram por Pedro de Candia, cardeal de Milão, com setenta anos de idade, que adotou o nome de Alexandre V. Mas os dois antigos pontífices desprezaram os decretos do concílio e continuaram a desempenhar suas funções como papas legítimos. Bento fulminou seus anátemas contra o concílio e seus rivais; Gregório fez o mesmo, tendo entrado em aliança com o ambicioso Ladislau, rei de Nápoles. Alexandre, que ainda não estava em posse da cátedra e do patrimônio de São Pedro, emitiu seus anátemas e excomunhões contra Bento, Gregório e Ladislau, que tinha tomado posse dos domínios da Sé Romana.

Murmúrios foram ouvidos por todos os cantos de que o concílio, em vez de extinguir o cisma, havia na verdade apenas acrescentado **um terceiro papa**. Onde está agora a alardeada unidade da Igreja Católica Romana? podemos inquirir; e por meio de qual papa flui a sucessão apostólica? Os três papas, dos quais a Cristandade estava envergonhada e cansada, atacaram ferozmente uns aos outros com recíprocas excomunhões, reprovações e anátemas. Alexandre V viveu apenas cerca de um ano após ter sido eleito, e seu lugar foi preenchido por João XXIII, "um homem" — diz Mosheim – "destituído de princípios e piedade". As dificuldades foram maiores do que nunca; o reino papal assim dividido contra si mesmo não podia resistir: estava às vésperas da ruína total. Alguns aconselharam que as potências europeias deveriam se unir e varrer o nome e o poder do pontífice, ou pelo menos limitar sua autocracia. Era então evidente que os próprios papas não fariam nenhum sacrifício pessoal pela paz da Igreja; então, o que poderia ser feito a seguir para deter a guerra vergonhosa

[1] Manual of Councils, de Landon.

dos pontífices e curar as feridas da Igreja dividida? Esta era então a desconcertante questão. Se a igreja tivesse sido deixada sozinha, Ladislau poderia então ter tomado posse completa de Roma e de todas as províncias papais, e deixado a cátedra de São Pedro como um trono apenas no nome. Mas os príncipes da terra ainda não estavam preparados para uma derrubada tão sacrílega. Algo parecido só aconteceria séculos mais tarde nos dias de Vítor Emanuel II da Itália.

Sigismundo, imperador da Sacro Império Romano-Germânico, o rei da França e outros reis e príncipes da Europa, que mostraram mais preocupação com o crédito e o bem-estar da Igreja do que os papas egoístas, prevaleceram sobre João XXIII para reunir um concílio geral de toda a igreja com o propósito de encerrar esta grande controvérsia.

O Concílio de Constança

Constança, uma cidade imperial no lado alemão dos Alpes, foi considerada um local adequado para a reunião de tal assembleia. Era acessível de todas as partes do mundo ocidental da época e as provisões podiam ser obtidas mais facilmente por meio de seu amplo lago. Tão grande foi o afluxo de pessoas, que se calculou que não menos de trinta mil cavalos foram trazidos para Constança, o que pode nos dar uma ideia da enorme multidão de pessoas e das cargas dos navios das provisões que seriam necessárias. Além de dignitários eclesiásticos de todos os inumeráveis nomes, havia mais de cem príncipes; cento e oito condes; duzentos barões; e vinte e sete cavaleiros. Torneios, festas e várias diversões eram organizados para aliviar suas ocupações espirituais; quinhentos menestréis compareceram para divertir as horas vagas desses "santos" padres e nobres, e para acalmar suas mentes ansiosas; eles haviam se reunido com o propósito declarado de curar a ferida quase mortal do papado; mas quais são os fatos da história? Pelo espaço de três anos e meio — começando em 5 de novembro de 1414 — esses homens dissolutos encheram a pacata cidade antiga de Constança com sua impiedade descarada. Descrever aquilo que então era claro como o dia contaminaria as páginas da nossa história. O coração estremece quando pensamos na impureza, na impiedade ousada e hipocrisia desses chamados santos padres, para não falar de sua crueldade implacável ao queimarem na fogueira Hus e Jerônimo.

O objetivo deste grande concílio era duplo. Primeiro, era para pôr fim ao

cisma que afligiu a igreja por tantos anos. E segundo, era para a supressão das heresias de Wycliffe e Hus. O primeiro desses objetivos fora até então realizado de forma satisfatória. Tendo estabelecido que um pontífice está sujeito a um concílio de toda a igreja, João XXIII foi deposto devido às irregularidades de sua vida e à violação de seu juramento ao imperador. Gregório e Bento foram novamente depostos, e Otão de Colonna foi eleito pontífice, assumindo o nome de **Martinho V**.

As doutrinas de Wycliffe, que Jan Hus e seus seguidores foram acusados de propagar nas cidades e vilas da Boêmia, e até mesmo na Universidade de Praga, eram ofensivas demais para os membros do concílio, e agora ocupavam a atenção deles.

A Disseminação da Verdade

O casamento de Ana da Boêmia com Ricardo II da Inglaterra havia colocado os dois países em estreita conexão, exatamente no momento em que as doutrinas de Wycliffe estavam fazendo seu mais rápido progresso. "**Eruditos boêmios**", diz Milman, "sentaram-se aos pés do ousado professor de teologia de Oxford; estudantes ingleses foram encontrados em Praga. Os escritos de Wycliffe foram trazidos para a Alemanha em grande número, alguns em latim, alguns traduzidos para a língua boêmia, e disseminado por admiradores partidários." A princesa, cujos exercícios piedosos e estudo das Escrituras foram comemorados por pregadores e historiadores, foi afetada pela primeira vez pelo movimento de Reforma em sua própria terra. Ela trouxe consigo para a Inglaterra versões dos Evangelhos nas línguas alemã e boêmia, bem como em latim. Esses eram então tesouros preciosos para alguém de sua piedade e amor pela pura Palavra de Deus; mas também nos mostram, embora indiretamente, o progresso que as novas doutrinas estavam fazendo na Alemanha naquele período inicial.

Um de seus primeiros atos na Inglaterra mostra o poder da graça de Cristo em seu coração e apresenta um contraste notável com o espírito perseguidor de Jezabel. "Alguns dias após o casamento do casal real", diz a Srta. Strickland, "eles voltaram a Londres, e a coroação da Rainha foi realizada de forma magnífica. A pedido sincero da jovem Rainha, um perdão geral foi concedido pelo Rei em sua consagração. As pessoas aflitas precisavam dessa trégua, pois as execuções, desde a insurreição de Wat Tyler, tinham sido sangrentas e bárbaras como nunca antes. A terra estava fedendo com o sangue dos infelizes camponeses

quando a intercessão humana da gentil Ana de Boêmia pôs fim às execuções. Essa mediação obteve para a noiva de Ricardo o título de **'A boa Rainha Ana'**; e os anos, em vez de prejudicar a popularidade, geralmente tão evanescente na Inglaterra, apenas aumentaram a estima sentida por seus súditos por esta princesa benéfica."

Como é verdadeiramente revigorante encontrar tal exemplo de piedade consistente em tal período, e em tal condição de vida! Mas havia muitos assim naquela época na Boêmia e em outras terras. Após a morte de Ana, seus assistentes boêmios voltaram ao seu próprio país e levaram consigo os valiosos escritos de John Wycliffe. Eles tinham sido estudados por muitos estrangeiros em Oxford e agora eram lidos diligentemente pelos membros da Universidade de Praga.

O mais famoso desses doutores estudiosos foi **Jan Hus**, ou Jan de Hassinetz, um vilarejo próximo à fronteira da Bavária. Ele nasceu por volta do ano de 1369, de modo que devia ter cerca de quinze anos de idade quando seu admirado e reconhecido professor, o venerável Wycliffe, morreu. É interessante olhar para trás e contemplar os caminhos de nosso Deus em Seu cuidado para a manutenção e difusão da verdade. Quem então poderia ter pensado, que em um vilarejo obscuro da Boêmia, Ele estava levantando e qualificando uma nobre testemunha, que deveria levar, por sua vez, "a tocha da verdade, e transmiti-la com mão de mártir a um longo sucessão de testemunhas — seria ele digno do ofício celestial?"[2] Ele logo se distinguiu, como somos informados, pela força e sutileza de seu entendimento, pela modéstia e gravidade de seu comportamento e pela austeridade irrepreensível de sua vida. Ele era alto, esguio, com um semblante pensativo; gentil, amigável e acessível a todos. Sendo seus talentos de tão alto nível, foi enviado para a Universidade de Praga, com o objetivo de estudar para a igreja. Ali ele se distinguiu por suas extensas realizações como estudioso. Ele avançou rapidamente nas preferências religiosas e universitárias e foi feito confessor da Rainha Sofia. Ele também foi nomeado pregador na capela da universidade, chamada Belém — a casa do pão — por conta do alimento espiritual que estava ali para ser distribuído em língua vernácula.

Isso deu ao corajoso e eloquente pregador uma excelente oportunidade para revelar a Palavra de Deus ao povo em sua língua materna; e não temos dúvidas de que fez isso, pois era um cristão sincero e uma verdadeira testemunha de Cristo. Mas como a maioria dos reformadores — senão todos — ele talvez

[2]Waddington, vol. 3, pág. 175.

tenha estado mais ansioso, no início, em pregar contra os abusos prevalecentes do que instruir o povo na pura verdade de Deus. Estamos convencidos de que geralmente tem sido esse o caso, e em todos os tipos de reforma, e que possa ser essa atitude a responsável pelas muitas cenas de violência na melhor das causas. Se o povo fosse conduzido, antes de tudo, pela bênção de Deus, a receber a verdade, especialmente a verdade como a encontramos em Jesus, o fim seria alcançado sem que a mente se inflamasse por ouvir denúncias em linguagem forte sobre os vícios de seus opressores sacerdotais. O orgulho, luxo e licenciosidade de todo o sistema clerical tornaram-se intoleráveis para a humanidade; de modo que condenar os abusos sem tocar nas doutrinas da igreja era o caminho principal para a popularidade.

Deus é mais sábio do que os homens; e se formos guiados por Sua palavra, devemos procurar levar os ignorantes a amar a verdade e segui-la, em vez de criar em suas mentes um ódio pelo erro que, sem o conhecimento de Cristo, certamente terminará em excitação revolucionária e desastre. Este princípio divino é aplicável tanto às menores quanto às maiores disputas entre os homens. É sempre melhor iluminar do que agitar. "Ao servo do Senhor não convém contender, mas sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade, e tornarem a despertar, desprendendo-se dos laços do diabo, em que à vontade dele estão presos." (2 Timóteo 2:24–26)

Comoções Civis

Mesmo sendo um homem bom, Jan Hus havia negligenciado o conselho benéfico do apóstolo. Ele primeiro se envolveu em uma disputa universitária quanto aos privilégios dos alunos; e novamente sua oposição a Gregório XII ofendeu profundamente o arcebispo da Boêmia, que se aliou ao antipapa[3]. Decretos proibitivos foram emitidos contra Hus, mas, sendo um grande favorito na corte e com o povo, nada foi feito. Ele obteve permissão para continuar sua pregação na língua vernácula. Mas em poucos meses surgiram circunstâncias que reacenderam as chamas das contendas religiosas na Boêmia.

[3]N. do T.: Isso ocorreu durante a grande cisma papal, conforme já relatado em seções anteriores deste mesmo capítulo, durante o qual Gregório XII era um dos papas (ou antipapas) que contendiam entre si pelo trono pontifício.

Um dos primeiros atos de João XXIII ao tomar posse da cátedra papal foi enviar seus emissários para pregar uma cruzada contra Ladislau, rei de Nápoles, e oferecer as indulgências usuais. Os vendedores dessas indulgências, enquanto discursavam ao povo sobre o valor de suas mercadorias[4], foram interrompidos e expostos ao insulto e à indignação. Os magistrados interferiram; alguns dos manifestantes foram apreendidos e executados em particular; mas o sangue que correu da prisão para a rua traiu o destino dos prisioneiros. As mulheres mergulhavam seus lenços no sangue para guardá-los como uma relíquia preciosa; as paixões da multidão foram estimuladas ao máximo; a prefeitura foi invadida, os corpos sem cabeça desses jovens foram carregados pelo povo em procissão solene pelas várias igrejas, entoando hinos sacros. Por fim, foram enterrados na capela de Belém, com as ofertas aromáticas que eram frequentemente depositadas nos túmulos dos mártires. Os três jovens eram agora mencionados em sermões e escritos como santos e mártires, e assim o movimento aumentou ainda mais.

Jan Hus, sabendo que era suspeito e acusado de ser o principal motor por trás disso tudo, sabiamente retirou-se da cidade por um tempo. Ele foi convocado, mas sem efeito, para comparecer perante o tribunal do Vaticano. Hus foi então declarado como estando sob o banimento da excomunhão, e o local de sua residência sob interdito papal. Apesar das censuras da igreja, ele continuou pregando por todo o país. As mentes das pessoas, já bastante agitadas, eram facilmente suscitadas à maior indignação contra o clero. Quase todo o reino estava do seu lado, pelo menos contra os abusos da hierarquia.

A Prisão de Jan Hus

A agitação gerada por esses acontecimentos não foi dissipada quando o Concílio de Constança se reuniu. O imperador Sigismundo, que havia convocado o concílio, pediu a seu irmão, o rei **Venceslau**, que enviasse Hus a Constança, e prometeu-lhe um salvo-conduto. Os termos deste passaporte eram muito explícitos: exigia que todos os súditos do imperador permitissem que o doutor entrasse e saísse em plena segurança. Hus obedeceu prontamente à convocação do imperador, pois sempre desejara a oportunidade de apelar a um concílio geral. Ele chegou a Constança antes do imperador e foi imediatamente levado

[4]N. do T.: as mercadorias são as indulgências, isto é, os perdões de pecados que eram oferecidos pela Igreja Católica em troca de dinheiro ou bens.

perante o papa João XXIII para exame. Suas doutrinas eram bem conhecidas, uma longa lista de acusações foi feita contra ele; e como se recusou a retratá-las, foi lançado na prisão sob a acusação de heresia, apesar do salvo-conduto do imperador. E para justificar sua flagrante violação de honra e pacificar Sigismundo, eles aprovaram um decreto de que nenhuma fé deveria ser mantida com um herege.

Queixas ruidosas vindas da Boêmia foram enviadas ao imperador. Ele recebeu a primeira intimação sobre a prisão de Hus com indignação, e ameaçou escancarar a prisão. Mas, ao chegar a Constança, ele foi confrontado com argumentos da lei canônica, insistindo que o poder civil não se estendia à proteção de um herege, e os padres traiçoeiros absolveram o imperador de toda responsabilidade, que então permitiu que os inimigos de Hus seguissem seu curso. Na escuridão de uma masmorra repugnante, sem um sopro de ar fresco e assediado por padres e monges, o reformador ficou muito doente. Mas o iludido imperador não se importou com nenhuma dessas coisas. No entanto, não faltaram historiadores que condenam totalmente a conduta infiel do imperador e o acusam de ter violado a verdade, a honra e a humanidade, ao entregar Hus à vontade dos padres. "A violação de fé", diz Milman, "não admite desculpa; e a perfídia é duas vezes pérfida em um imperador." Outros afirmam que, ao sacrificar Hus dessa maneira, ele acumulou para si muitos problemas que surgiram durante o resto de seu reinado. Mas o que devemos dizer do futuro — do futuro sombrio sob a sombra terrível daquele abandono sem coração de um verdadeiro servo de Cristo aos impiedosos padres de Roma? O Mestre não se esquecerá de reconhecer naquele dia Sua identificação com Seu servo, e da maneira mais comovente. "Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes."[5] Mas se essa foi a culpa do imperador, imagine qual deve ser a culpa do papa e dos prelados? Devemos deixar a resposta para o grande trono branco[6] .

Os pressentimentos mais sombrios já estavam se formando em torno do papa. Na primeira sessão do concílio, foi proposto que **os três papas deveriam renunciar** antes da eleição de um novo pontífice. João, o único dos três presentes, prometeu renunciar pela paz da igreja e ler sua própria abdicação no dia seguinte. Mas promessas, juramentos ou honra não significavam nada para

[5]N. do T.: Mateus 25:40. Embora a passagem citada se refira especificamente ao remanescente judeu no final da grande tribulação, pode ser aplicada também à igreja, como vemos em exemplos no livro de Atos (vide o caso de Herodes em Atos 12:23) e no decorrer da história da igreja.

[6]N. do T.: Apocalipse 20:11–15.

o papa João. Com a ajuda de alguns amigos, ele escapou de Constança disfarçado de um postilhão[7]. O imperador se sentiu traído e indignado. Houve uma grande perseguição atrás de João; ele foi pego na Suíça e trazido de volta como prisioneiro; mas, ao contrário de sua vítima, Hus, ele estava com a consciência pesada, sem honra, sem dignidade, sem coragem. Ele foi compelido a desistir da insígnia do poder espiritual universal, o selo papal e o anel de pescador. Robert Hallam, bispo de Salisbury, à frente dos ingleses, em uma explosão de justa indignação, declarou que um papa tão coberto de crimes merecia ser queimado na fogueira. Ele foi levado para o castelo de Gotleben, onde o bom Jan Hus vinha sofrendo a ferros por alguns meses. Lá o papa João adoeceu até o encerramento do concílio, que durou quase quatro anos; mas, depois de se humilhar aos pés do pontífice reinante, foi elevado à categoria de cardeal e teve permissão para encerrar seus dias em paz. Mas nenhuma leniência foi exercida para com o reformador justo e irrepreensível, cujo exame e execução iremos agora rapidamente relatar.

O Exame de Jan Hus

No primeiro movimento contra Hus, o arcebispo de Praga instituiu uma busca vigilante pelas traduções dos escritos de Wycliffe; e, tendo coletado cerca de duzentos volumes, muitos deles ricamente encadernados e decorados com preciosos ornamentos, fez com que fossem queimados publicamente no mercado de Praga. Tanto foi dito quanto à identidade das doutrinas de Hus com as de Wycliffe, que o concílio condenou como heréticos sob quarenta e cinco proposições; e decretou que os ossos de Wycliffe deveriam ser tirados de sua sepultura e queimados. Hus também foi acusado de estar "infectado com a lepra dos valdenses". Sob esses dois nomes, o do wycliffismo e do valdensianismo, um vasto número de acusações especiais, grosseiramente ofensivas à hierarquia, foram contidas.

O concílio, embora empenhado na destruição de Hus, teria evitado de bom grado o escândalo de um exame público. Certas passagens que seus inimigos extraíram de seus escritos foram consideradas suficientes para sua condenação sem uma audiência pública. Consequentemente, ele foi continuamente assediado e perseguido em sua cela por visitas privadas, incitando-o a se retratar ou confessar; e não raramente foi escarnecido e insultado. Ele protestou contra

[7]N. do T.: Um postilhão era o condutor de uma carruagem que distribuía correspondências.

esta inquisição secreta e exigiu para sua defesa uma audiência de todo o concílio. Seu fiel amigo, John de Chlum, com outros nobres da Boêmia, pediram ao imperador que interferisse, e com sua ajuda o objetivo dos padres foi derrotado e um julgamento público foi obtido.

Em 5 de junho de 1415, Jan Hus foi levado acorrentado ao grande senado da Cristandade. As acusações contra ele foram lidas. Mas quando ele propôs manter suas doutrinas pela autoridade das Escrituras e do testemunho dos Pais, sua voz foi afogada em um tumulto de desprezo e escárnio. A assembleia foi obrigada a encerrar seus trabalhos. Dois dias depois, ele foi trazido novamente, e o próprio Sigismundo compareceu para preservar a ordem.

Os acusadores de Hus eram numerosos, embora menos clamorosos do que no dia anterior. Com exceção de dois ou três nobres boêmios, o reformador ficou sozinho. Ele estava grandemente exausto pela doença e enfraquecido pelo longo confinamento, mas seu nobre espírito recusou-se a se curvar diante da violência de seus perseguidores. Ele respondeu com grande calma e dignidade: "Não me retratarei, a menos que você prove o que eu disse ser contrário à Palavra de Deus", foi sua resposta usual. Quando acusado de ter pregado as doutrinas wycliffitas, ele admitiu ter dito que "Wycliffe era um verdadeiro crente, que sua alma agora estava no céu, que ele não poderia desejar que sua própria alma estivesse mais segura do que a de Wycliffe." Essa confissão provocou uma explosão de risos desdenhosos dos reverendos padres; e, após algumas horas de discussão turbulenta, Hus foi retirado e a assembleia se desfez; ele voltou para sua prisão, e eles, ou pelo menos muitos deles, para suas cenas da mais grosseira devassidão.

O Concílio Envergonhado

No dia seguinte, Hus se apresentou pela terceira vez ao concílio. Trinta e nove proposições foram produzidas e lidas, alegando erros que ele havia avançado em seus escritos, suas pregações e suas conversas privadas. Hus, como a maioria dos reformadores, defendia a doutrina da salvação pela graça sem as obras da lei. Ele afirmou que ninguém poderia ser membro da verdadeira igreja de Cristo, qualquer que fosse sua dignidade, papas ou cardeais, se fossem ímpios. "A verdadeira fé na Palavra de Deus", disse ele, "é o fundamento de todas as virtudes." Ele apelou ao honrado nome de **Agostinho** nesses pontos; e sustentava que o único título de clérigo, prelado ou papa para a sucessão apostólica

era possuir as virtudes dos apóstolos. "O pontífice que não vive a vida de São Pedro não é vigário de Cristo, mas o precursor do anticristo." Ele citou uma frase de **São Bernardo** que deu grande peso a este ditado solene: "O escravo da avareza não é o sucessor de São Pedro, mas de Judas Iscariotes." O concílio ficou envergonhado, pois nenhum clérigo se aventuraria a ridicularizar as palavras de tais honrados Pais.

As proposições tratavam principalmente de duas coisas: (1) a falsa teologia de Roma — Hus havia denunciado a doutrina papista da salvação pelas obras, nas muitas maneiras que a igreja a prescreve; e (2) o falso sistema eclesiástico do papado com seus abusos flagrantes — esses ele expôs e condenou nos termos mais implacáveis. Mas sua condenação parece ter dependido de sua afirmação ousada de que nenhum oficial, rei ou sacerdote, tinha valor aos olhos de Deus, se o rei ou o sacerdote vivesse em pecado mortal. Quando interrogado sobre este ponto pelo cardeal de Cambraia, que viu sua posição perigosa na presença do imperador, Hus repetiu suas palavras em voz alta: "Um rei em pecado mortal não é rei diante de Deus." Essas palavras selaram seu destino. "Nunca existiu", disse Sigismundo, "um herege mais pernicioso." "O que!" exclamou o cardeal, "não estás contente em degradar o poder eclesiástico? Expulsarias os reis de seus tronos?" "Um homem", argumentou outro cardeal, "pode ser um verdadeiro papa, prelado ou rei, embora não seja um verdadeiro cristão." "Por que, então", disse Hus, "depuseste João XXIII?" O imperador respondeu: "Por seus crimes notórios." Hus agora era culpado de outro pecado — desconcertando e deixando seus adversários perplexos.

Seria tedioso e desinteressante tomar nota de todas as falsas acusações e calúnias que se amontoaram sobre ele, e das respostas firmes que deu; mas o que segue pode ser considerado como a substância de seu longo julgamento. Ele foi veementemente pressionado a se retratar de seus erros, a assumir a justiça das acusações, a se submeter incondicionalmente aos decretos do concílio, e a renunciar a todas as suas opiniões. Mas nem promessas nem ameaças o comoveram. "Abjurar", disse ele, "é renunciar a um erro que foi sustentado. Quanto às opiniões imputadas a mim que nunca tive, a estas não posso retratar, quanto às que realmente professo, estou pronto a retratá-las — para renunciá-las de todo o coração — quando eu for melhor instruído pelo concílio." Os padres responderam à integridade de consciência de sua vítima: "A competência do concílio não é instruir, mas decidir, ordenar a obediência às suas decisões ou fazer cumprir a pena." Os "ternos" pastores de Constança agora exigiam em alta voz uma retratação universal, ou que se queimasse vivo o atroz herege. O

imperador condescendeu em discutir com ele, o mais hábil e sutil dos doutores, tanto em filosofia quanto em teologia, e tentar raciocinar com ele; mas Hus respondeu com firme humildade que buscava instrução; que ele não podia abjurar erros dos quais não estava convencido. Ele foi levado de volta para a prisão; o fiel cavaleiro da Boêmia — **John de Chlum** — um verdadeiro Onesíforo — seguiu para consolar seu cansado amigo. "Oh, que consolo para mim", disse Hus, "ver que esse nobre não desdenharia de estender o braço a um pobre herege acorrentado, que todo o mundo, por assim dizer, havia abandonado."

O Julgamento de Sigismundo

Tendo o tribunal ouvido o prisioneiro, o imperador levantou-se e disse: "Ouvistes as acusações contra Hus, algumas confessadas por ele mesmo, algumas provadas por testemunhas de confiança. Em minha opinião, cada um desses crimes merece a morte. Se ele não renunciar a todos os seus erros, ele deve ser queimado. . . o mal deve ser extirpado raiz e ramo, e se algum de seus partidários estiver em Constança, eles devem ser julgados com a maior severidade, especialmente seu discípulo Jerônimo de Praga." Quando Hus foi informado do julgamento do imperador, ele simplesmente respondeu: "Fui alertado a não confiar em seu salvo-conduto. Tenho estado sob uma triste ilusão; ele me condenou antes mesmo de meus inimigos."

Depois desse arremedo de julgamento e audiência final, ele foi deixado na prisão por quase um mês. Durante esse tempo, pessoas do mais alto escalão o visitaram e imploraram para que abjurasse os erros que lhe foram imputados. Esperava-se que, por meio do aumento da enfermidade corporal e da importunação privada, ele acabasse cedendo. Mas não foi o caso. Aquele que o capacitou a permanecer firme diante das ameaças e insultos públicos ainda estava com ele. "Se eu abjurar os erros", disse ele, "que foram falsamente atribuídos a mim, isso seria nada menos do que perjúrio." Ele considerou seu destino selado, embora durante todo o seu julgamento e prisão ele professasse estar disposto a renunciar a qualquer opinião que pudesse ser provada falsa pelas Escrituras. O verdadeiro objetivo dessas solicitações privadas por parte dos prelados era abalar sua constância e induzi-lo a se retratar. Com a visão tão belamente expressa por Waddington, concordamos inteiramente: "Muitos indivíduos de diferentes caracteres, mas igualmente ansiosos por salvá-lo da última inflicção, visitaram sua prisão e pressionaram-no com uma variedade de motivos e argumentos;

mas todos foram embotados pela retidão de sua consciência e a singeleza de seu propósito. Um de seus mais ferrenhos inimigos, chamado Paletz, estava entre esses; mas, embora seus conselhos tivessem sido bem-sucedidos em degradar a pessoa do reformador, eles falharam em seduzi-lo à infâmia."

Na véspera do dia destinado à sua execução, foi visitado pelo seu verdadeiro e fiel amigo, John de Chlum — nome que merece ser registado com toda a honra em toda a parte — um nome que representa quase que exclusivamente o sentimento cristão e a virtude naquela vasta assembleia de supostos mestres cristãos, e que redime nossa humanidade comum da traição e da crueldade. "Meu caro mestre", disse o nobre discípulo, "sou analfabeto e, consequentemente, incapaz de aconselhar alguém tão iluminado como você. No entanto, se você está secretamente consciente de qualquer um dos erros que te foram publicamente imputados, eu rogo-te que não sintas vergonha de o retratar; mas se, pelo contrário, estás convencido da tua inocência, estou tão longe de te aconselhar a dizer algo contra a tua consciência, que te exorto, antes, a suportar toda forma de tortura do que renunciar a qualquer coisa que consideras ser verdadeira." Hus ficou muito impressionado com o conselho sábio e afetuoso de seu amigo fiel, e respondeu com lágrimas, "que Deus era sua testemunha de quão pronto ele sempre esteve, e ainda estava, a retirar um juramento, e de todo o coração, no exato momento em que fosse convencido de qualquer erro por evidências da Sagrada Escritura. "

É perfeitamente evidente, em toda a história, que nos sofrimentos e na fortaleza de Hus não há vestígios de orgulho ou teimosia. Ele era firme, mas era humilde; ele esperava a morte, ele se preparou para enfrentá-la, mas nunca planejou escapar dela. "Eu apelei", disse ele, "a Jesus Cristo, o Único Juiz todo-poderoso e justo; a Ele entrego minha causa, que julgará a cada homem, não de acordo com falsos testemunhos e concílios errôneos, mas de acordo com a verdade e o deserto do homem." Este foi o ato culminante de sua suposta iniquidade; a hora fatal havia chegado.

A Condenação de Hus

Na manhã de 6 de julho de 1415, o concílio se reuniu na catedral. Hus, como herege, foi detido no pórtico durante a celebração da missa. O bispo de Lodi pregou com base no texto: "Para que o corpo do pecado seja desfeito" (Romanos 6:6). Seria difícil dizer se foi por grosseira ignorância ou malícia que

ele perverteu a Palavra de Deus para o propósito do concílio. Foi uma declamação feroz contra heresias e erros, mas principalmente contra Hus, que foi considerado tão mau quanto Ário e pior do que Sabélio. Ele encerrou com elogios aduladores ao imperador. "É teu glorioso ofício destruir heresias e cismas, especialmente **este herege obstinado**", apontando para o prisioneiro, que estava ajoelhado em um lugar elevado e em oração fervorosa. Cerca de trinta artigos de acusação foram lidos. Hus frequentemente tentava falar, mas não era permitido. A sentença foi então proferida: "Que por vários anos Jan Hus seduziu e escandalizou o povo pela disseminação de muitas doutrinas manifestamente heréticas e condenadas pela igreja, especialmente as de John Wycliffe. Que ele obstinadamente pisoteou as chaves da igreja e as censuras eclesiásticas, que apelou a Jesus Cristo como juiz soberano, ao desprezo dos juízes ordinários da igreja; e que tal apelo foi injurioso, escandaloso e feito em escárnio da autoridade eclesiástica. Que persistiu até o fim em seus erros, e até os manteve em pleno concílio. Portanto, é ordenado que seja publicamente deposto e degradado das ordens sagradas como um herege obstinado e incorrigível." Hus orou para que Deus perdoasse seus inimigos, o que provocou escárnio de alguns membros do conselho; mas no meio de tudo isso ele ergueu as mãos e exclamou: "Eis, gracioso Salvador, como o conselho condena como um erro o que tens prescrito e praticado, quando, vencido pelos inimigos, confiaste a tua causa a Deus teu Pai, deixando-nos este exemplo, para que, quando somos oprimidos, possamos recorrer ao julgamento de Deus." Em suas observações finais, ele se virou e olhou fixamente para Sigismundo, e disse: "Vim a este conselho sob a fé pública do Imperador."Um profundo rubor passou por seu rosto com essa repreensão repentina e inesperada.

A Degradação e Execução de Jan Hus

O arcebispo de Milão e seis bispos auxiliares realizaram a vergonhosa cerimônia de degradação. Hus estava vestido com vestes sacerdotais, a taça sacramental foi colocada em sua mão, e ele foi conduzido ao altar-mor como se fosse celebrar a missa. O devotado mártir calmamente observou, "que seu Redentor tinha sido vestido com vestes reais em zombaria." Os bispos nomeados então procederam ao ofício de degradação. Ele foi despojado, uma a uma, de suas vestes sagradas, o cálice foi retirado de sua mão, a tonsura foi obliterada pela tesoura, uma coroa de papel, pintada com demônios, foi colocada em sua ca-

beça, e com a inscrição **"Heresiarca"** . Os prelados então devotaram piamente sua alma às regiões de infortúnio eterno. "Maldito Judas, que, tendo abandonado o conselho da paz, entraste no conselho dos judeus, nós tiramos de ti este cálice sagrado, no qual está o sangue de Jesus Cristo." Mas Deus apoiou Seu servo fiel de uma forma notável, e permitiu-lhe clamar em voz alta: "Eu confio na misericórdia de Deus, beberei hoje em Seu reino." "Devotamos tua alma aos demônios infernais", disseram os prelados. "Mas eu", disse Hus, "entrego meu espírito em Tuas mãos, ó Senhor Jesus Cristo; a Ti entrego minha alma que remiste."

Na mais terrivelmente solene zombaria e ousada hipocrisia, a falsa igreja pensou em se livrar da mancha de sangue, declarando que Hus seria cortado do corpo eclesiástico, libertado das garras da igreja e entregue como um leigo à vingança do braço secular. O imperador agora se encarregava do proscrito e ordenava sua execução imediata. O conde palatino, com oitocentos cavalos e uma grande multidão da cidade, conduziu o mártir à fogueira. Eles pararam em frente ao palácio do bispo, onde uma pilha de seus livros condenados pelo concílio estavam sendo queimados. Ele apenas sorriu para este fraco ato de vingança. Ele se esforçou para falar ao povo e aos guardas imperiais em alemão, mas o eleitor o impediu e ordenou que fosse queimado. Mas nada poderia perturbar sua paz de espírito: Deus estava com ele. Ele cantava os salmos enquanto avançava e orava com tanto fervor que o povo da cidade dizia: "O que este homem fez, não sabemos, mas o ouvimos oferecer orações excelentes a Deus". Ao chegar ao local da execução, ele se ajoelhou, orou pelo perdão de seus inimigos e entregou sua alma nas mãos de Cristo.

Mesmo após Hus ter sido amarrado à estaca e a madeira ter sido empilhada ao seu redor, o conde perguntou-lhe se ele agora não se retrataria e salvaria sua vida. Ele respondeu nobremente: "O que escrevi e ensinei foi para resgatar almas do poder do diabo e livrá-las da tirania do pecado, e de bom grado selo o que escrevi e ensinei com meu sangue". As pilhas foram então acesas; ele permaneceu firme e sofreu com constância inabalável, mas seus sofrimentos foram breves. O Senhor permitiu que um volume crescente de fumaça sufocasse seu fiel mártir antes que o fogo o queimasse. Com os últimos acentos débeis de sua voz, ele foi ouvido cantando o louvor de Jesus que morreu para salvá-lo. Suas cinzas foram cuidadosamente recolhidas e jogadas no lago, mas sua alma feliz estava agora com Jesus no paraíso de Deus. A devoção fiel de seus afetuosos seguidores arrancou a terra do local de seu martírio, levou-a para a Boêmia, umedeceu-a com suas lágrimas e a preservou como uma relíquia de

alguém cujo nome nunca será esquecido, mas que para sempre será amado.

Assim morreu, assim dormiu em Jesus, um dos **verdadeiros arautos da Reforma**. Os historiadores em geral admitem que ele foi um dos homens mais irrepreensíveis e virtuosos, que os registros de sua constância não estão contaminados por uma única mancha de mero estoicismo filosófico, ou contaminados pela vaidade, ao antecipar a coroa de um mártir. Mas sua morte afixou a marca da infâmia eterna sobre o concílio que o condenou e sobre o imperador que o traiu. Seu querido amigo e irmão em Cristo, Jerônimo de Praga, logo o seguiu também até seu novo lar e descansou nas alturas.

A Detenção e Prisão de Jerônimo

A notícia da prisão de Hus afetou muito seu amigo e colega de trabalho, Jerônimo de Praga. Ele o seguiu até o concílio; mas sendo avisado por Hus de que corria perigo, e descobrindo que um salvo-conduto não poderia ser obtido, ele partiu para a Boêmia; mas ele foi preso e trazido de volta para Constança acorrentado. Imediatamente após sua prisão, e carregado com muitas correntes, ele foi examinado perante uma congregação geral do concílio. Havia muitos para acusá-lo e insultá-lo; entre eles estava o famoso Gerson de Paris. Mas o prisioneiro declarou firmemente que estava disposto a dar sua vida em defesa do evangelho que pregara. No final do dia, ele foi detido até que o caso de Hus fosse resolvido e entregue aos cuidados do arcebispo de Rigo. Este monstro cruel de um sacerdote o tratou com grande barbárie. Jerônimo era um mestre em teologia, embora um leigo, no sentido de não ser clérigo, e um homem de reconhecida piedade, erudição e eloquência. O corpo deste cavalheiro cristão católico, que ocupava uma posição de destaque nos círculos mais elevados da Boêmia, foi preso a uma viga alta e vertical, com os braços amarrados atrás da cabeça curvada e os pés amarrados. Vários meses de confinamento fatigado, acorrentado nas trevas com uma dieta pobre, e ninguém para confortá-lo ou fortalecê-lo! — sua mente e espírito falharam sob seus sofrimentos. Ele foi persuadido a retratar totalmente todos os erros contra a fé católica, especialmente os de Wycliffe e Jan Hus.

Pobre Jerônimo! Tendo renunciado às opiniões que lhe foram imputadas, tinha direito à liberdade, mas não havia sentimento, fé, honra ou justiça na assembleia. Ele foi jogado de volta na prisão sob alegadas suspeitas quanto à sinceridade de suas retratações. Isso abriu os olhos de Jerônimo. Deus usou

isso para restaurar sua alma. Ele se arrependeu amargamente de sua retratação; a comunhão com Deus foi novamente desfrutada: ele se alegrou mais uma vez à luz de Seu semblante. Novas acusações foram feitas contra ele, para que pudesse ser seduzido a uma humilhação ainda mais profunda. Mas os cabelos do nazireu haviam crescido em sua detestável prisão. Em seu exame final, tendo permissão para falar por si mesmo, ele surpreendeu seus inimigos ao afirmar que a condenação que havia feito de Wycliffe e Hus foi um pecado do qual se arrependeu profundamente. Ele começou pedindo a Deus que governasse seu coração por Sua graça, para que seus lábios nada avançassem senão o que conduzisse à bênção de sua alma. "Não ignoro", exclamou, "que muitos homens excelentes foram derrubados por falsas testemunhas e injustamente condenados". Ele então percorreu a longa lista das Escrituras, observando casos como José, Isaías, Daniel, os profetas, João Batista, o próprio bendito Senhor, Seus apóstolos e Estevão. Ele então falou sobre todos os grandes homens da antiguidade que haviam sido vítimas de falsas acusações e que haviam dado suas vidas pela verdade.

A eloquência brilhante de Jerônimo excitou o espanto e a admiração de seus inimigos, especialmente quando consideraram que por trezentos e quarenta dias ele estivera preso em uma masmorra. Toda a sua serena intrepidez havia voltado, ou melhor, ele agora falava na força do Espírito Santo. Ele declarou que nenhum ato de sua vida lhe causou tanto remorso quanto sua covarde abjuração. "Desta retração pecaminosa", ele exclamou, "eu agora me retiro totalmente e estou decidido a manter os princípios de Wycliffe e Hus até a morte, acreditando que sejam as verdadeiras e puras doutrinas do evangelho, assim como suas vidas foram irrepreensíveis e santas." Nenhuma prova adicional de sua heresia foi exigida — ele foi condenado como um herege reincidente. O bispo de Lodi foi novamente chamado para pregar o sermão fúnebre. Seu texto era: "Lançou-lhes em rosto a sua incredulidade e dureza de coração", aplicando-o especialmente ao herege incorrigível antes dele (Marcos 16:14). Em resposta, Jerônimo se dirigiu ao conselho e disse: "Condenastes-me sem me terdes declarado culpado de crime algum; uma ferroada será deixada em vossas consciências, um verme que nunca morrerá. Apelo ao Supremo Juiz, perante o qual deveis comparecer comigo para responder por este dia. " Poggio, um escritor católico romano presente na época, declara: "Todos os ouvidos foram cativados e todos os corações tocados; mas a assembleia era muito indisciplinada e indecente."Como Paulo perante Agripa, Jerônimo era sem dúvida o homem mais feliz naquela vasta assembleia. Ele estava desfrutando da presença prometida

de Seu bendito Senhor e Mestre.

A Execução de Jerônimo

Em 30 de maio de 1416, Jerônimo foi entregue ao braço secular. O conselho em vão pensou que, ao fazer do magistrado civil o executor de seus decretos injustos, evitaria a duradoura mancha de sangue; mas Deus não se deixa escarnecer. Ele disse acerca da mãe das prostitutas: "E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra" (Apocalipse 18:24). Nela o Deus de julgamento encontrará o sangue de Hus e de Jerônimo. Enea Silvio, que depois se tornou papa, escreveu a um amigo: "Jerônimo foi para a fogueira como se estivesse indo a uma festa alegre, e quando o carrasco estava para pôr fogo nos gravetos às suas costas, 'Coloque o fogo diante de mim', exclamou, 'Se eu tivesse medo, teria escapado.' Tal foi o fim de um homem incrivelmente excelente. Fui uma testemunha ocular dessa catástrofe e observei cada ato." Esse é o testemunho de dois escritores católicos romanos — Poggio e Sílvio — e membros do concílio. Eles dão testemunho da conduta indecente do concílio e do heroísmo moral dos dois mártires.

Jerônimo continuou a cantar hinos, com uma "voz profunda e imperturbável", depois de ser amarrado à estaca. Ele ergueu a voz e cantou um hino pascal, então muito popular na igreja.

> Salve! Feliz dia, e sempre seja adorado
>
> Quando o inferno foi conquistado pelo grande Senhor do céu.

Ele continuou a viver nas chamas por quinze minutos. "Tu sabes, Senhor, o quanto amei a tua verdade", estavam entre as últimas palavras de Jerônimo de Praga. Nem uma palavra saiu de seus lábios que revelasse a menor timidez. Ele e Hus cantaram nas chamas até o último suspiro. E anjos brilhantes em espera levaram suas almas felizes para o céu, onde estariam presentes com o Senhor.

Reflexões sobre o Caráter do Concílio

O leitor não pode deixar de julgar os princípios que governam os católicos romanos em seu tratamento para com os protestantes, ou assim chamados hereges, tendo o **Concílio de Constança** diante de si. O caráter de Jezabel nunca

muda: como era antes, é hoje e sempre será. A única questão é a oportunidade de sua exibição. E devemos ter em mente que a queima daqueles dois veneráveis arautos da Reforma não foi sob um édito papal, ou um decreto da corte de Roma, mas por um concílio eclesiástico representando toda a igreja de Roma — na verdade, todos os poderes do mundo romano, tanto civil como eclesiástico.

O total desprezo pela retratação do enfraquecido Jerônimo e a violação descarada do salvo-conduto do imperador para com Hus são igualmente iníquos e pérfidos. Que confiança pode ser colocada na palavra, na promessa ou no juramento mais sagrado, mesmo de uma cabeça mitrada, mantendo tais princípios? Devemos deixar o leitor julgar por si mesmo; mas que linguagem poderia expressar adequadamente o caráter covarde e traidor de tais princípios e ações? Verdade, retidão, honra, justiça, humanidade, todos são sacrificados publicamente no altar do domínio eclesiástico.

A heresia de Hus e Jerônimo nunca foi claramente definida. Eles parecem ter conservado até o fim suas primeiras impressões sobre a transubstanciação, a adoração aos santos e à Virgem Maria. Eles testemunharam contra o poder do clero, que por tanto tempo governou e escravizou as mentes dos homens, e expuseram sua avareza e corrupção. Com esses apelos públicos, eles atingiram os próprios alicerces de todo o sistema papal, pelo qual também foram honrados com a coroa do martírio. Mas Deus, que está acima de tudo, estava também acima desses eventos para a propagação do evangelho há muito oculto, e para o amadurecimento da Europa para as mudanças que se aproximavam em quase todas as relações da Igreja e do Estado que foram realizadas no século XVI. Devemos agora olhar por um momento para os efeitos terríveis dos decretos deste concílio geral.

A Guerra da Boêmia

O martírio dos doutores boêmios havia despertado um sentimento geral de indignação tanto nacional quanto religiosa. O imperador, o papa e os prelados muito em breve teriam que pagar amargamente por sua flagrante injustiça e as queimadas de hereges em Constança. A retribuição se seguiu rapidamente. Quatrocentos e cinquenta e dois nobres e cavaleiros da Boêmia e Morávia anexaram seus selos a uma carta dirigida ao concílio, protestando contra os procedimentos da assembleia e as imputações que haviam sido lançadas sobre a ortodoxia da Boêmia, queimando os mais ilustres de seus professores. Mas o

conselho se recusou a ouvir essas objeções razoáveis e decidiu não fazer concessões. Os santos padres, como são profanamente chamados, preocupavam-se muito mais com seus próprios prazeres pecaminosos do que com o bem-estar das pessoas. Embora professamente reunidos para a reforma da igreja, o efeito real de sua estada de quatro anos em Constança foi a desmoralização de toda a cidade e seus subúrbios. Nunca foi visto nada igual à licenciosidade e devassidão desse concílio.

No ano de 1418, pouco antes da dissolução do concílio, **Martinho V,** agora o único e indiscutível papa, emitiu uma bula de cruzada contra os hereges contumazes, exigindo que todas as autoridades, eclesiásticas e civis, trabalhassem pela supressão das heresias de Wycliffe, Hus e Jerônimo. A questão agora estava bastante comprometida com a decisão pelo uso da espada. O cardeal João, de Ragusa, foi enviado como legado à Boêmia. Ele era um homem violento e falava em reduzir o país pelo fogo e pela espada. Em seu caráter de legado, ele queimou várias pessoas que se opunham à sua autoridade. Os boêmios, por causa dessas atrocidades, ficaram furiosos. Os seguidores de Hus se uniram e se tornaram um partido forte. Eles se comprometeram solenemente a cumprir os princípios de reforma de seu chefe martirizado. Hus havia condenado veementemente a prática da igreja em reter o cálice dos leigos: por isso o adotaram como o símbolo de sua comunidade, exibindo o cálice eucarístico em suas bandeiras. Chefiados por Žižka, o caolho, um cavaleiro de grande gênio militar, eles se moviam pelo país, em todos os lugares obrigando a administração do sacramento em ambos os tipos — o vinho e também o pão.

Tendo as igrejas de Praga sido recusadas ao clero que seguia as doutrinas de Hus, eles começaram a procurar lugares onde pudessem desfrutar da liberdade de culto. Uma grande reunião dos hussitas foi convocada no mês de julho de 1419, em uma colina alta, ao sul de Praga, onde foram formalmente unidos pela celebração da comunhão ao ar livre. Deve ter sido uma visão imponente, mas, infelizmente, a sequência de sua história desenha uma sombra escura sobre ela. No cume espaçoso dessa colina, trezentas mesas foram espalhadas e quarenta e duas mil pessoas, consistindo de homens, mulheres e crianças, tomaram o sacramento em ambos os tipos. Uma festa de amor seguiu a comunhão, na qual os ricos compartilharam com os pobres, mas não era permitido beber, dançar, jogar ou ouvir música. Lá o povo acampou em tendas e, gostando do uso de nomes das escrituras, chamou-o de Monte Tabor, do qual obtiveram o nome de taboritas. Eles falavam de si mesmos como o povo escolhido de Deus e estigmatizavam seus inimigos, os católicos romanos, como amalequitas, moabitas e

filisteus.

O luxo, o orgulho, a avareza, a simonia e outros vícios do clero foram denunciados na colina de Tabor, e Žižka e seus seguidores exortaram os comungantes a se engajarem na obra de reforma da igreja. Esta grande assembleia, sob Žižka, marchou primeiro para Praga, onde chegaram à noite. No dia seguinte, um clérigo hussita, caminhando à frente de uma procissão com um cálice na mão, foi atingido por uma pedra ao passar pela prefeitura, onde os magistrados estavam sentados. Assim insultados, muitos deles correram furiosamente para o salão; seguiu-se uma luta feroz: os magistrados foram derrotados, alguns foram mortos, alguns fugiram e alguns foram atirados pelas janelas. O alarme se espalhou, o povo da velha religião se levantou em armas, os reformadores lutaram contra eles como inimigos da verdadeira fé. Žižka e seus seguidores proclamaram-se servos de Deus e sua missão era a reforma de Sua igreja. Mas, infelizmente, eles começaram uma obra de destruição em vez de reforma. Conventos foram atacados e saqueados, monges foram massacrados, igrejas e mosteiros foram reduzidos a ruínas; imagens, órgãos, quadros e todos os instrumentos de idolatria, como eles chamavam, foram quebrados em pedaços. O movimento se espalhou para outros lugares, e uma guerra desoladora, que continuou por muitos e muitos anos, se seguiu.

As Vitórias dos Taboritas

Venceslau, Rei da Boêmia, morreu exatamente nessa época de um ataque de apoplexia; e como ele não deixou nenhum herdeiro, a Boêmia foi herdada por seu irmão Sigismundo. Essa mudança foi o sinal para uma guerra aberta por parte dos reformadores. Sigismundo foi execrado como traidor por ter atraído Hus para Constança; ele o havia abandonado a seus inimigos impiedosos, os inimigos da verdadeira fé. Com a fúria do fanatismo religioso, eles demoliram e desfiguraram tudo o que trazia a marca da religião romana. O imperador, o mais rápido possível, voltou sua atenção especial para o reino recém-herdado, mas em lugar de uma recepção leal, sua soberania foi repudiada em todos os lugares. O primeiro exército cruzado foi derrotado pelo vitorioso Žižka, e Sigismundo foi obrigado a fugir das muralhas de Praga.

Os seguidores de Žižka, sendo principalmente camponeses, a princípio não tinham outras armas de guerra além de seus implementos agrícolas, como manguais, clavas, forcados e foices; de modo que Sigismundo os chamou zombetei-

ramente de debulhadores; mas ele logo sentiu o poder irresistível deles e as feridas mortais que infligiram. Žižka os ensinou a carregar seus implementos com ferro e a conduzir suas carroças rústicas no campo de batalha de modo a servir ao propósito dos antigos carros de guerra. Martinho V, agora seguro em Roma, ouviu à distância sobre Žižka carregando fogo e espada em todas as direções — massacrando clérigos e monges, queimando e demolindo igrejas e conventos, se vingando dos inimigos da verdadeira fé e erradicando a idolatria, como sua missão divina. Uma bula foi emitida a pedido do imperador, convocando os fiéis a se levantarem para a extirpação do wycliffismo, hussismo e outras heresias, e prometendo indulgências completas para aqueles que participassem do empreendimento pessoalmente ou por procuração. Um exército estimado em cem mil a cento e cinquenta mil foi reunido em quase todos os países europeus.

O espírito dos hussitas foi fortalecido em todas essas ocasiões, seguindo o exemplo da colina de Tabor. Eles celebraram a comunhão, jurando gastar seus bens e seu sangue ao máximo em defesa da chamada Reforma. O cálice eucarístico não era apenas representado nas bandeiras dos taboritas, mas também carregado por seu clero à frente de seus exércitos. Sigismundo entrou na Boêmia à frente das hostes de cruzados, e, determinado a subjugar os rebeldes à obediência, queimou sem escrúpulos os professores hereges, e arrastou outros nas caudas de seus cavalos. Mas a hora da vingança estava próxima. Ardendo de indignação e entusiasmo religioso, Žižka e seus seguidores exasperados surpreenderam os cruzados e os derrotaram com grande massacre em uma colina perto de Praga, que ainda leva seu nome. Uma segunda campanha viu o exército imperial se separar e, em pânico, fugir diante do renomado Žižka. Uma terceira e uma quarta vez o imperador invadiu o país à frente de vastas forças — em um caso, dizem, duzentos mil homens, mas todas as vezes os exércitos da igreja fugiram em confusão e desgraça diante dos invencíveis taboritas. Em alguns casos, eles perseguiram e massacraram, em vez de simplesmente derrotar, os inimigos de Deus e da verdadeira fé. A crueldade de ambos os lados tornou-se excessiva. Os taboritas que por acaso caíram nas mãos de seus inimigos foram queimados vivos ou vendidos como escravos. Foi uma guerra de vingança, de extermínio, e foi considerado o mais sagrado dos deveres tomar a propriedade e derramar o sangue dos inimigos de Deus.

A Derrota Total do Exército Papal

O imperador, de coração partido, estava sendo então acusado de covardia pessoal. Uma quinta cruzada foi convocada, e deveria ser conduzida por um cardeal. Os preparativos foram feitos em grande escala. Quatro grandes exércitos, totalizando cerca de duzentos mil homens, cruzaram a fronteira da Boêmia. A força que os taboritas conseguiram reunir chegou a trinta e um mil. Mas o grande empreendimento papal terminou no mais vergonhoso fracasso. Os alemães, ao avistarem Žižka com seus selvagens carros de guerra, foram tomados pelo pânico; o Cardeal Giuliano sozinho se conduziu com coragem. Enquanto avançava, encontrou suas tropas fugindo em terror abjeto. Com o crucifixo na mão, ele implorou que se reunissem pelas mais solenes considerações da religião, mas foi em vão. Ele próprio foi obrigado a fugir; com dificuldade escapou disfarçado de soldado comum, deixando para trás a bula papal, seu chapéu de cardeal e suas vestes pontifícias. Esses troféus foram preservados por dois séculos na igreja de Taas, e as bandeiras capturadas foram penduradas na igreja de Tron em Praga. Os alemães perderam dez mil homens nesta fuga escandalosa, além de muitos mais que, em sua retirada, foram perseguidos e mortos pelo campesinato.

Depois de continuar na guerra por **treze anos**, Žižka morreu. Ele foi tão lamentado pelos taboritas que eles mudaram o nome pelo qual se chamavam para "os órfãos". Ele foi sucedido por **Procópio**, um nome quase igualmente famoso na história da guerra da Boêmia. Mas o imperador não estava disposto a continuar uma competição tão ruinosa. A espada retributiva de Žižka o privou de sua glória no campo e frustrou suas intenções de fortalecer a igreja. Na batalha, ou melhor, no massacre de Ústí nad Labem, em 1426, a perda estimada dos alemães varia de nove a quinze mil homens, enquanto os boêmios perderam apenas cinquenta, e quase todos os vestígios externos da religião romana foram varridos pela inundação avassaladora. Igrejas foram queimadas juntamente com aqueles que se refugiaram nelas. Silvio, o historiador católico romano, descreve as igrejas e conventos da Boêmia como mais numerosos, mais magníficos, mais bem adornados do que os de qualquer outro país europeu; mas, com poucas exceções, todos foram demolidos pelos irresistíveis taboritas. Mais de quinhentas igrejas e mosteiros, com todos os seus símbolos de idolatria, foram totalmente destruídos. Tal foi a terrível providência retributiva de Deus em Seu trato justo com os assassinos de Hus e Jerônimo. A terrível visitação caiu, e com a mais fulminante severidade, tanto sobre o império quanto sobre a

igreja de Roma.

Divisões Internas

Os hussitas não eram todos de uma mesma opinião quanto a uma trégua que foi proposta; então, eles se dividiram e formaram dois partidos. Os calixtinos — de cálix, ou taça — o partido mais moderado, dispuseram-se a renunciar a todos os demais assuntos de reclamação, desde que o cálice na Eucaristia fosse administrada aos leigos, e que fosse dada permissão de lerem a Palavra de Deus. Os taboritas foram muito mais longe: eles aderiram às doutrinas de Hus. Além da celebração da Ceia do Senhor incluindo ambos os símbolos – o pão e o cálice –, eles lutaram por uma reforma completa da igreja: a abolição de todos os erros e cerimônias papais e o estabelecimento de um sistema de doutrina e disciplina baseada nas Escrituras.

A traição, o recurso infalível de Roma, agora via seu caminho livre para cercar a ruína dos taboritas. No **Concílio de Basileia**, Rokyzan, um bispo dos moderados e um homem eloquente, foi elevado ao arcebispado de Praga, para que por sua influência os objetivos da igreja católica fossem alcançados. Quatro artigos foram pactuados, denominados Compact; os obedientes calixtinos foram recebidos de volta ao seio da igreja, mas os privilégios assim concedidos foram logo depois anulados pelo papa. Os taboritas, recusando-se a assinar o pacto, foram perseguidos tanto por seus velhos amigos, os calixtinos, quanto pelos católicos. Mas, em vez de resistirem por meio da espada carnal, como nos dias de Žižka e Procópio, foram levados a ver que a fé em Deus, a paciência, a perseverança em fazer o bem e a oração com fé eram os braços adequados a um soldado cristão. Rokyzan, que ainda tinha algum sentimento gentil por seus velhos amigos, obteve permissão do soberano para que os perseguidos taboritas se retirassem ao senhorio de Lititz, nos confins da Morávia e Silésia, e ali estabelecessem uma colônia e regulassem seu próprio culto e disciplina.

A Unidade dos Irmãos

A primeira migração para a Morávia foi em 1451. Muitos dos cidadãos de Praga, com alguns da nobreza e homens eruditos, e até mesmo alguns dos mais piedosos dos calixtinos, juntaram-se a eles. Eles então assumiram o nome de

Unitas Fratrum, ou Unidade dos Irmãos. Esta foi a origem de uma comunidade que continua até os nossos dias. Pelo espaço de três anos, eles desfrutaram de paz e liberdade de consciência. O espírito missionário, pelo qual os **morávios** sempre se destacaram, manifestou-se naquele período inicial de sua história. Agora, a linha prateada do amor do Salvador e o zelo cristão deles brilha intensamente. Não pudemos ver nenhum traço disso quando eles estavam usando armas carnais para a defesa da verdade de Deus. Mas assim que a graça brilhou e seu número aumentou, os sacerdotes romanos os olharam com suspeita. Muitas almas foram convertidas por meio de sua pregação, e congregações foram formadas em diferentes partes do país.

Falsas acusações foram divulgadas pelos monges e frades, obra maligna que sempre convinha às suas línguas mentirosas. "Sedição!", foi o clamor. "Os morávios estão reunindo números", disseram os monges, "para que possam renovar as guerras taboritas e tomar o governo". O rei ficou alarmado; o sem princípios Rokyzan, com medo de perder sua dignidade na igreja, aliou-se aos católicos e influenciou os calixtinos a se voltarem contra seus irmãos. Eles foram denunciados como hereges incorrigíveis. Uma perseguição amarga irrompeu em toda a sua fúria sobre os irmãos missionários. Mas o joio parece ter sido separado do trigo, pois, ao contrário dos dias de Žižka, a nova geração dos antigos hussitas decidiu não usar nenhuma arma carnal em defesa de si mesmos ou de sua religião. Mas a coragem destemida, que caracterizava seus antepassados no campo de batalha, era agora exibida em sua perseverança paciente de sofrimento por amor de Cristo. Sob suas mais pesadas aflições, a energia deles nunca falhou. Eles foram declarados como tendo perdido os direitos comuns de súditos do rei; suas propriedades foram confiscadas; eles foram até mesmo expulsos de suas casas no auge do inverno, e compelidos a vagar pelos campos abertos, onde muitos morreram de frio e fome. Todas as prisões na Boêmia, especialmente em Praga, estavam lotadas com os irmãos. Vários tipos de tortura foram infligidos aos prisioneiros: alguns tiveram suas mãos e pés decepados; outros foram rasgados no cavalete[8] , queimados vivos ou assassinados barbaramente. Esses ultrajes continuaram por quase vinte anos com pouca redução, mas a morte do rei em 1471 e o remorso de Rokyzan, o arcebispo, trouxeram um certo alívio. Eles não foram mais expostos à tortura, mas foram expulsos do país.

Os Irmãos Unidos, assim compelidos a deixarem suas casas em Lititz e ou-

[8]Veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Cavalete_(instrumento_de_tortura)

tras cidades e vilas, foram obrigados a viver em florestas e sob o abrigo de rochas, acendendo suas fogueiras à noite. E, por mais singular que possa parecer, eles não apenas se empenharam em consolar uns aos outros, mas em aperfeiçoar o que eles chamavam de "a constituição da igreja", esquecendo-se, como muitos outros têm feito, que Deus fez perfeita a constituição da igreja no Pentecostes, e no-la revelou em Sua santa Palavra. Cerca de setenta pessoas realizaram um sínodo na floresta. Duas resoluções foram adotadas e que marcaram o futuro caráter dos morávios: (1) que era necessário providenciar homens adequados para o ofício ministerial; e (2) que eles deveriam ser escolhidos por sorteio como Matias em Atos 1:24–26. Como princípio fundamental, os irmãos sustentavam que "as sagradas escrituras são a única regra de fé e prática". Ao mesmo tempo, foi feita uma distinção entre o essencial e o não essencial, o que deixa amplo espaço para a vontade humana e a imaginação. O essencial diz respeito à questão da salvação do homem; os não essenciais, às coisas exteriores do Cristianismo, como ritos, cerimônias, costumes e regulamentos eclesiásticos. E, além disso, eles poderiam ser alterados de acordo com o melhor julgamento humano, para que a grande obra do evangelho fosse promovida. Isso é humano, não exclusivamente morávio. É, praticamente, o ditado comum: "O fim justifica os meios". Mas certamente o que Deus revelou nunca pode deixar de ser essencial, e o que Ele não revelou nunca deveria ser introduzido em Sua assembleia.

Os irmãos que foram banidos da Morávia foram gentilmente recebidos na Hungria e na Moldávia, e se distinguiram muito por seus trabalhos missionários e outros serviços religiosos. Por volta do ano de 1470, eles publicaram na **língua boêmia** uma tradução de toda a Bíblia. Esta é a segunda tradução registrada da Bíblia para uma das línguas europeias. Passou por várias edições rapidamente e, dessa maneira, essas pessoas interessantes e devotadas prepararam o caminho para Lutero, Melâncton e Calvino.

A Conexão entre as Testemunhas

Antes de deixar os morávios, podemos lembrar à mente do leitor o fato interessante de uma conexão antiga entre eles e os valdenses, se não também entre eles e os paulicianos. A Boêmia e a Morávia continuaram no paganismo até o século IX, quando receberam o evangelho dos missionários orientais; provavelmente também dos paulicianos. Pedro Valdo, no século XII, expulso de Lyon pela perseguição, encontrou refúgio na Boêmia, onde trabalhou por vinte anos

com grande sucesso. No século XIV, seus seguidores na Boêmia e Passau somavam oitenta mil e, em toda a Europa, cerca de oitocentos mil. A corte de Roma, irritada com o zelo e ofendida pelas práticas dos unidos paulicianos, valdenses, boêmios e morávios, resolveu que deveriam ser submetidos ao jugo romano. O celibato foi ordenado, o cálice foi proibido aos leigos e o serviço religioso realizado em latim. Uma luta começou, os boêmios protestaram, Roma perseguiu e, embora muitos continuassem firmes, outros gradualmente declinaram e perderam muito de sua pureza original de doutrina e simplicidade de adoração. Assim, as coisas continuaram por cerca de trezentos anos, quando Jan Hus e Jerônimo de Praga levantaram novamente o estandarte da verdade, testemunharam contra as corrupções de Roma e acenderam, pelas chamas de seu martírio, uma luz que logo se espalhou por toda a Europa, e que continua a brilhar em nossos dias, pela boa providência de Deus. Rastrearemos em seguida o caminho misterioso pelo qual essa luz viajou.[9]

[9]Ver "Moravians" em Dictionary of Sects, de Marsden; Waddington, vol. 3, pág. 196; Latin Christianity, vol. 6, pág. 200; Milner, vol. 3, pág. 336; J.C. Robertson, vol. 3, pág. 284; Mosheim, vol. 3, pág. 17; Variations of Popery, de Edgar, pp. 202, 533.

Capítulo 32

A Palavra de Deus Impressa (1397–1516 d.C.)

A Captura de Constantinopla

No ano de 1453, após um cerco fechado de 53 dias, a capital da Cristandade oriental caiu nas mãos dos vitoriosos turcos. O imperador, que tinha o nome do fundador de Constantinopla, demonstrou grande bravura durante o cerco; ele jogou fora sua púrpura e lutou na brecha, até que ele, com os nobres que o cercavam, caiu entre os mortos. Este foi **o último dos Constantinos** e o último imperador cristão de Constantinopla. A maioria dos habitantes que restaram foi vendida como escravos ou massacrada, e cinco mil famílias turcas foram trazidas para a cidade como colonos. Seguiram-se destruição, violência e palavrões, excedendo em muito nossa capacidade de descrevê-los. A antiga igreja de Santa Sofia foi despojada de todas as valiosas oferendas de séculos, as imagens foram quebradas em pedaços e, depois de ter sido palco de grosseiras profanações, foi transformada em uma mesquita. Os tesouros da erudição grega – que alguns dizem terem chegado a cento e vinte mil livros manuscritos – foram destruídos ou dispersos. A conquista estava completa, e **Maomé II** imediatamente transferiu a sede de seu governo para Constantinopla.

Mas a ambição ilimitada do feroz otomano estava longe de ser satisfeita: ele contemplava nada menos do que a conquista de toda a Cristandade. E de suas vitórias rápidas e fáceis sobre muitos dos principados cristãos menores no Oriente, pareceria que, se a morte não tivesse livrado o mundo de tal tirano, ele poderia ter seguido seu caminho de conquista através do coração da Europa.

Que cidade, que reino, que poder, iria prender o invasor feroz? Toda a Europa estremeceu, especialmente a Itália. Dizem que a morte de Nicolau V foi antecipada pela notícia da captura de Constantinopla. A tristeza e o medo partiram o coração do velho. Mas depois de derrubar impérios, reinos e cidades sem número, Maomé II morreu, aos cinquenta anos, de dores internas, supostamente efeitos de veneno.

As notícias sobre essas pesadas calamidades no Oriente espalharam uma profunda escuridão sobre todo o Ocidente. Mas aquilo que ameaçava deter o progresso da civilização e a propagação do Cristianismo foi sobrepujado por uma Providência sábia e boa para o avanço de ambos de uma maneira maravilhosa. A queda de Constantinopla nas mãos dos infiéis levou muitos gregos eruditos para a Itália, e da Itália para muitos outros países da Europa. Aconteceu, justamente nessa época, que o papa reinante, **Nicolau V**, se distinguiu por seu amor pela literatura, o que ele muito promoveu por sua posição e riqueza. Os refugiados trouxeram os livros que conseguiram resgatar das ruínas de seu império caído. O estudo do grego foi revivido por esses meios e se tornou extremamente popular. Entre esses alunos, aprouve a Deus suscitar homens de mente altamente cultivada e coração devoto, que muito fizeram no preparo do caminho para a grande Reforma.

A Invenção da Prensa e a Melhoria do Papel

Justamente neste período, o Senhor estava fazendo “todas as coisas cooperarem para o bem” de uma forma notável. Dois agentes silenciosos de imensa influência e poder foram ordenados para preceder as vozes vivas de Seus pregadores do evangelho — a invenção da **prensa**[1] e da manufatura de **papel**. Essas invenções harmoniosas foram levadas a grande perfeição durante a última metade do século XV, pelas quais podemos elevar nossos corações em louvor e gratidão a Deus.

Chegamos agora a um ponto decisivo em nossa história; e não apenas na história da Igreja, mas da civilização, da condição social dos Estados europeus e da família humana. É bom parar em tal eminência e olhar ao nosso redor por um momento. Vemos uma mão divina para o bem de todos juntando as peças, embora estivessem aparentemente desconectadas. A queda de um império, a fuga

[1]N. do T.: Leia mais sobre a prensa de Gutenberg em `https://pt.wikipedia.org/wiki/Prensa_m%C3%B3vel`

de alguns gregos com seus tesouros literários, o despertar da mente há muito adormecida do mundo ocidental, a invenção da impressão de tipos móveis[2] e a descoberta da manufatura de papel branco fino com trapos de linho. Por mais incongruente que "trapos de linho" possa soar com a literatura dos gregos e com a habilidade de Guttenberg, ambos teriam se mostrado de pouca utilidade sem o papel melhorado. Os meios, os mais insignificantes na conta do homem, quando usados por Deus, são todos suficientes. Por um poder milagroso, uma vara seca na mão de Moisés sacode o Egito do centro à circunferência, divide o Mar Vermelho e tira água viva da rocha dura: uma pedra lisa do riacho, ou um chifre de carneiro vazio, realiza grandes livramentos em Israel. O poder é de Deus e a fé olha apenas para Ele.

É um fato profundamente interessante para o cristão que o primeiro livro completo que Gutenberg imprimiu com seus tipos de metal lapidado foi uma edição in-fólio da Bíblia na **vulgata latina**, consistindo de seiscentos e quarenta e uma folhas. Hallam, em sua História Literária, observa belamente: "É uma circunstância muito surpreendente que os inventores da grande arte tenham tentado desde o início um voo tão ousado como imprimir uma Bíblia inteira, e o executaram com grande sucesso... Podemos ver na imaginação este volume venerável e esplêndido conduzindo as miríades de seus seguidores e implorando, por assim dizer, uma bênção sobre a nova arte, ao dedicar suas primícias ao serviço do céu."[3]

Embora dificilmente se enquadre no escopo de nosso livro, mesmo que brevemente, esboçaremos a história da grande descoberta para o bem de alguns de nossos leitores que podem não ter tais histórias em mãos, mencionando apenas alguns detalhes, pois foi um dos agentes mais poderosos da Reforma.

Desde antigamente, o modo de impressão a partir de blocos de madeira já era praticado. Às vezes, as gravuras ou impressões eram acompanhadas por algumas linhas de letras recortadas no bloco. Gradualmente, estes foram estendidos a algumas folhas e chamados de blocos de livros. Um ferreiro engenhoso, dizem, inventou no século XI letras separadas de madeira. O célebre **Johannes Gutenberg**, nascido em um vilarejo próximo a Mainz, no ano de 1397, substituiu as letras de madeira pelo metal, e seu sócio Schoeffer recortou os caracteres em uma matriz, após a qual os tipos eram fundidos, completando assim a arte

[2]N. do T.: Tipos são os moldes de caracteres letras usadas em uma prensa, isto é, em uma máquina de impressão antiga. Veja mais em `https://pt.wikipedia.org/wiki/Tipo_(tipografia)`.

[3]Literature of Europe, vol. 1, pág. 153.

da impressão como até hoje permanece[4].

O pergaminho, as preparações de palha, casca de árvore, papiro e algodão foram suficientes para o impressor e o transcritor até o século XIV. Mas esses preparativos teriam sido totalmente inadequados para suprir a demanda do novo processo. Felizmente, no entanto, a descoberta do papel feito com trapos coincidiu com a descoberta da impressão por meio da prensa. A **primeira fábrica de papel** da Inglaterra foi erguida em Dartmouth por um alemão chamado Spielmann, em 1588, que acabou sendo nomeado cavaleiro pela Rainha Isabel.

A Primeira Bíblia Impressa

Todos os historiadores parecem concordar que Gutenberg, tendo passado quase dez anos levando seus experimentos à perfeição, empobreceu tanto que achou necessário convidar algum capitalista para se juntar a ele. **Johann Faust**, o rico ourives de Mainz, a quem revelou seu segredo, concordou em fazer parceria com ele e fornecer os meios para a execução do projeto. Mas não parece que Gutenberg e seus associados, Schoeffer e Faust, foram movidos por qualquer motivo mais elevado na execução desta obra gloriosa do que o de realizar uma grande soma de dinheiro por meio da empresa. As letras eram uma imitação tão exata dos melhores copistas que pretendiam fazê-las passar por excelentes cópias manuscritas e, assim, obter os altos preços usuais. Os empregados na obra estavam sujeitos ao mais estrito sigilo. A primeira edição parece ter sido vendida a preços de manuscrito sem que o segredo tivesse sido revelado. Uma segunda edição foi lançada por volta de 1462, quando Johann Faust foi a Paris com várias cópias. Ele vendeu uma ao rei por setecentas coroas e outra ao arcebispo por quatrocentas coroas. O prelado, encantado com uma cópia tão bela e a um preço tão baixo, havia a mostrado ao rei. Sua majestade então comprou a sua, pelo qual pagou quase o dobro do dinheiro; mas qual foi seu espanto ao descobrir que eram idênticos, mesmo nos traços e pontos mais minuciosos? Eles ficaram alarmados e concluíram que deviam ser produzidos por magia, e estando as letras maiúsculas em tinta vermelha, eles supuseram que era sangue, e não duvidaram mais que ele estava aliado ao diabo e auxiliado por ele em sua arte mágica.

[4]Este livro foi escrito no século XIX, quando não havia ainda outros métodos de impressão, como o offset e a impressão digital, que são mais comuns hoje. Leia mais em `https://pt.wikipedia.org/wiki/Impress%C3%A3o`.

A informação foi imediatamente fornecida à polícia contra Johann Faust; seus aposentos foram revistados e suas Bíblias apreendidas, e outras cópias que ele havia vendido foram coletadas e comparadas. Descobrindo eles que eram exatamente iguais, ele foi declarado um **mágico**. O rei ordenou que fosse lançado na prisão e logo teria sido lançado nas chamas, mas ele se salvou confessando o engano e revelando completamente o segredo de sua arte. O mistério foi então revelado, os operários não estavam mais vinculados ao sigilo, os impressores se dispersaram, levando o segredo de sua arte aonde quer que fossem bem-vindos, e o som das prensas logo foi ouvido em muitos países. Por volta de 1474, a arte foi introduzida na Inglaterra por **William Caxton**; e em 1508 foi introduzido na Escócia por Walter Chepman.

Antes da época da impressão, muitos livros valiosos existiam em manuscrito, e seminários de aprendizagem floresceram em todos os países civilizados, mas o conhecimento era necessariamente confinado a um número comparativamente pequeno de pessoas. Os manuscritos eram tão raros e caros que só podiam ser comprados por reis e nobres, por instituições colegiadas e eclesiásticas. "Uma cópia da Bíblia custava de quarenta a cinquenta libras apenas para ser escrita, pois um copista experiente precisava de cerca de dez meses de trabalho para fazer uma." Embora vários outros livros tenham saído das novas prensas, a Bíblia latina era o livro favorito. Eles geralmente iniciavam as operações, onde quer que fossem, publicando uma edição da Bíblia em latim. Eram os mais procurados e saíam a preços altos. Desta forma, as Bíblias em latim se multiplicaram rapidamente. Os tradutores começaram então seu trabalho; e por reformadores individuais em diferentes países, a palavra de Deus foi traduzida em várias línguas no decorrer de alguns anos. "Assim, uma versão italiana apareceu em 1474, uma boêmia em 1475, uma holandesa em 1477, uma francesa em 1477 e uma espanhola em 1478; como se anunciassem a aproximação da Reforma vindoura."

A Oposição de Roma à Bíblia

Mas, como sempre, os grandes inimigos da verdade, da luz e da liberdade se alarmaram. O arcebispo de Mainz colocou as prensas daquela cidade sob estrita censura. O Papa Alexandre VI emitiu uma bula proibindo os impressores de Mainz, Colônia, Tréveris e Magdeburgo de publicar quaisquer livros sem a licença expressa de seus arcebispos. Descobrindo que a leitura da Bíblia es-

tava se estendendo, os sacerdotes começaram a pregar contra ela de seus púlpitos. "Eles descobriram", disse um monge francês, "uma nova língua chamada grego: devemos nos proteger cuidadosamente contra ela. Essa língua será a mãe de todos os tipos de heresias. Vejo nas mãos de um grande número de pessoas um livro escrito nesta linguagem chamado de **'O Novo Testamento'**; é um livro cheio de amoreiras, com víboras nelas. Quanto ao hebraico, quem aprende isso se torna judeu imediatamente." Bíblias e Testamentos eram apreendidos onde quer que fossem encontrados e queimados; mas mais Bíblias e Testamentos pareciam erguer-se como que por mágica de suas cinzas. As prensas também foram apreendidas e queimadas. "Devemos erradicar a impressão, ou a impressão nos erradicará", disse o vigário de Croydon em um sermão pregado na St Paul's Cross. E a Universidade de Paris, em pânico, declarou perante o parlamento: "A religião acaba se o estudo do grego e do hebraico for permitido."

O grande sucesso das novas traduções espalhou o alarme por toda a igreja romana, e ela tremia pela supremacia de sua própria favorita Vulgata. Os temores dos sacerdotes e monges aumentaram quando viram as pessoas lendo as Escrituras em sua própria língua materna e observaram uma disposição crescente de colocar em dúvida o valor de assistir à missa e da autoridade do sacerdócio. Em vez de fazerem suas orações por meio dos padres em latim, eles começaram a orar a Deus diretamente em sua língua nativa. O clero, percebendo que seus rendimentos estavam diminuindo, apelou para a Sorbonne, a escola teológica mais renomada da Europa. A Sorbonne pediu ao parlamento que interferisse com uma mão forte. A guerra foi imediatamente proclamada contra os livros e os impressores deles. Impressores que foram condenados por imprimir Bíblias foram queimados. No ano de 1534, cerca de vinte homens e uma mulher foram queimados vivos em Paris. Em 1535, a Sorbonne obteve uma ordenança do rei para a supressão da impressão. "Mas era tarde demais", como observa um escritor competente; "a arte então nascia plenamente e não poderia ser suprimida mais do que a luz, o ar ou a vida. Os livros se tornaram uma necessidade pública e supriram uma grande necessidade do público: e a cada ano os viam se multiplicando mais abundantemente."[5]

Enquanto Roma trovejava assim suas terríveis proibições contra a liberdade de pensamento e estendia seu braço para perseguir onde quer que a Bíblia tivesse penetrado e encontrado seguidores, pelo menos em toda a França Deus

[5] History of the Huguenots, por Samuel Smiles, pp. 1–23.

estava apressando, por meio de Sua própria Palavra e da imprensa, aquela poderosa revolução que em breve mudaria os destinos da Igreja e do Estado. Mas se os católicos tivessem tido sucesso em seus desígnios perversos, ainda estaríamos tateando nosso caminho em meio à densa escuridão da Idade Média. Roma sempre foi hostil a novas invenções e melhoria, especialmente se tendiam à difusão do conhecimento, à promoção da civilização, à diminuição da distância entre o clero e os leigos, ou de alguma forma ao enfraquecimento do poder do sacerdócio. Ignorância, escravidão, superstição e sujeição cega ao sacerdócio são os principais elementos de sua existência. De todas as invenções, nenhuma exerceu maior influência na sociedade do que a prensa; e não somente isso: é a preservadora de todas as outras invenções. Assim, nenhum agradecimento é devido aos católicos por nossa civilização moderna e pelos privilégios de nossas liberdades civis e religiosas. Mas o Deus vivo está acima de toda a hostilidade de Roma, e cumprirá todos os propósitos de Sua graça.

A escuridão da Idade Média está passando rapidamente. O **sol nascente da Reforma** em breve dissipará a escuridão do longo reinado de mil anos de Jezabel. Sua ostentada supremacia universal não existe mais e nunca mais retornará. Os pilares de sua força já estão abalados e muitas causas estão se combinando para apressar sua derrubada completa. Com essas causas logo ficaremos mais familiarizados.

Os Precursores Imediatos de Lutero

Rastreamos com algum cuidado a cadeia de testemunhas desde o primeiro período da história da Igreja até o início do século XVI. Falta-nos apenas tomar nota de **alguns** nomes que conectam a linha nobre de testemunhas com o nome e testemunho do grande reformador. Não há elo perdido na corrente divina. Destes, os mais notáveis foram Jerônimo Savonarola, João de Wessália e Wessel Gansfort.

Jerônimo Savonarola, descendente de ilustre família, nasceu em 1452, em Ferrara. Na infância, ele foi alvo de profundos sentimentos religiosos e, supondo que tivesse sido favorecido com visões celestiais quanto à sua missão, retirou-se do mundo e entrou na ordem dominicana aos 21 anos. Ele se dedicou ao estudo das Sagradas Escrituras, com orações, jejuns e mortificações contínuas. Ele parece ter estado muito interessado nas escrituras proféticas, especialmente em partes como o Apocalipse, que ele gostava de expor, e afirmava com

segurança que os julgamentos ameaçadores estavam próximos. Tendo passado sete anos no convento dominicano de Bolonha, foi removido por seus superiores para a Basílica de São Marcos em Florença. Depois de alguns anos, ele foi eleito prior, quando introduziu uma reforma completa e um retorno à simplicidade anterior de comida e vestuário.

Savonarola era incomparável em seu poder como pregador; mas, como muitos outros naquela época, ele combinou o caráter do político com o do pregador. Reforma era seu único tema — reforma e arrependimento ele proclamava com a voz de um profeta. Reforma na disciplina da igreja, no luxo e no mundanismo do sacerdócio e na moral de toda a comunidade. Os italianos sendo particularmente sensíveis a todos os apelos e respeitando seus direitos como cidadãos, logo lotaram em multidões a vasta catedral de Florença e ansiosamente se agarraram a suas palavras. Sua pregação assumiu a forma de profecia, ou de alguém autorizado a falar em nome de Deus, embora não pareça que suas predições foram mais do que o resultado de uma firme convicção no governo de Deus e no cumprimento da profecia de acordo com os princípios revelados nas Sagradas Escrituras. Mas, embora estivesse mais ou menos envolvido com as facções políticas da Itália, ele era um cristão fervoroso e um verdadeiro reformador. Ele denunciou implacavelmente a usurpação de Lourenço de Médici, o despotismo da aristocracia e os pecados dos prelados e do clero, sobre os quais lamentava a fria indiferença às coisas espirituais que marcavam o caráter da época. "A igreja já teve", disse ele, "seus sacerdotes de ouro e cálices de madeira; mas agora os cálices eram de ouro e os sacerdotes de madeira — que o esplendor externo da religião havia prejudicado a espiritualidade." Tão irresistível era sua eloquência que compartilhava de um caráter profético, como se fosse o mensageiro de um Deus ofendido, cuja vingança já estava iminente sobre a Itália, que as multidões acreditaram em sua missão celestial. O povo ficou tão controlado por seus apelos que o efeito moral de suas advertências foi rapidamente perceptível em toda a cidade. "Pela modéstia de seu vestido", diz Sismondi, "seu discurso, seu semblante, os florentinos deram provas de que haviam abraçado a reforma de Savonarola."

Mas seu curso foi vigiado com o olhar maligno de Jezabel. Uma testemunha destemida não era digna de viver, especialmente na Itália. A luz deve ser apagada; mas como consegui-lo era a dificuldade, pois muitos cidadãos estavam prontos para passar pelas chamas como substitutos de Savonarola. A igreja de Roma, apoiada pelos partidários dos Médici, dedicou-se a esta obra diabólica. Como de costume, seus planos foram baseados em traição e terminaram em

perseguição. O enganador Alexandre VI convidou Savonarola em linguagem cortês para visitá-lo em Roma para que pudesse conversar com ele sobre o assunto de seus dons proféticos. Mas ele sabia que o papa não era confiável, apesar de suas palavras lisonjeiras, e se recusou a obedecer. Em seguida, ele propôs elevá-lo ao cardinalato na esperança de colocá-lo sob seu poder; mas Savonarola declarou indignado do púlpito que não teria outro chapéu vermelho senão um tingido com o sangue do martírio. A máscara foi então jogada fora; lisonjas foram trocadas por ameaças e excomunhões. Ele foi denunciado como "semeador de falsa doutrina". Sua destruição foi determinada. Os franciscanos, já com ciúmes da grande fama de um dominicano, entraram na conspiração. Um relato de suas tramas não seria interessante para o leitor, mas eles conseguiram distrair o povo e realizar a queda de seu rival.

No ano de 1498, Savonarola e seus dois amigos, Domingos e Silvestre, foram apreendidos, presos e torturados. O sistema nervoso do grande pregador, tanto por seus labores como por seus exercícios ascéticos, havia se tornado tão sensível que ele era incapaz de suportar as agonias que lhe eram infligidas. "Quando estou sendo torturado", disse ele, "eu me perco, fico louco: só é verdade o que digo sem tortura." Nesse ínterim, dois legados chegaram de Roma com a sentença de condenação de Alexandre; os prisioneiros foram levados no dia seguinte ao local do senhorio e, após a habitual cerimônia de degradação, foram primeiro enforcados e depois queimados. Suas cinzas foram cuidadosamente recolhidas pelos franciscanos e lançadas no Arno; ainda assim, as relíquias de Savonarola foram preservadas com veneração entre seus muitos amigos e seguidores.

Reflexões Sobre a Vida de Savonarola

O prior de São Marcos é citado na história como a mais fiel testemunha pública de Cristo que já apareceu na Itália; mas havia muitas coisas em sua conduta que eram contrárias ao espírito e à vocação de um verdadeiro cristão, especialmente por misturar política com religião. Diz-se que ele pensou em combinar os personagens de Jeremias e Demóstenes — chorar pelo pecado e denunciar os julgamentos de Deus como um, e incitar o povo a lutar por suas liberdades como o outro. Este foi o seu erro, devido à sua ignorância sobre ensino do Novo Testamento; e o que levou à sua desonra e queda. Mas grande consideração deve ser feita por sua educação, circunstâncias e espírito de sua época.

Muitos dos reformadores posteriores caíram na mesma armadilha. Eles não tinham aprendido, naqueles tempos revolucionários, que a vocação do cristão é celestial — que enquanto o judeu foi abençoado com todas as misericórdias temporais em uma terra agradável, o cristão é abençoado com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo. Eles não viram que o propósito de Deus no período atual é reunir dentre as nações um povo para o Seu nome pela pregação do evangelho (Atos 15). Mas quão poucos, mesmo nos dias atuais, veem que a igreja de Deus é um chamado para fora e, portanto, deve andar em separação do mundo!

O maior bem que o pregador pode realizar por seus semelhantes é reuni-los para fora do mundo ao rejeitado Salvador. Mas tais pregadores não são populares nem compreendidos, mesmo no último quarto do século XIX[6]. De fato, podemos levantar a questão: O estado das "igrejas" em geral, no que diz respeito à política, está à frente das ideias de Savonarola? Ele interferiu na direção dos negócios públicos para que a república de Florença fosse para a honra de seu Senhor e Mestre. Seus motivos eram sem dúvida bons, mas ele estava totalmente enganado ao pensar que poderia unir as coisas celestiais e terrenas. Sua grande ideia é vista no fato de que uma das moedas cunhadas enquanto Florença estava sob sua influência trazia a inscrição: "Cristo nosso rei". Mas não apenas este homem notável desejava ver uma grande Reforma tanto na Igreja quanto no Estado, ele também ansiava pela salvação de almas, enquanto seu próprio coração se regozijava na gloriosa doutrina da justificação somente pela fé.

O seguinte trecho de suas meditações sobre o Salmo 31 durante sua prisão dará ao leitor uma ideia de seus pensamentos mais íntimos guiados pelo Espírito Santo de Deus. "Ninguém pode se gabar de si mesmo; e se na presença de Deus, a pergunta fosse feita a todo pecador justificado: 'Você foi salvo por sua própria força?' todos a uma só voz exclamariam: 'Não a nós, Senhor, mas a Teu nome seja a glória!' Portanto, ó Deus, procuro a Tua misericórdia e não trago a Ti a minha própria justiça: no momento em que me justificas pela Tua graça, a Tua justiça me pertence; pois a graça é a justiça de Deus. Até quando, ó homem, como tu não crês, tu estás, por causa do pecado, privado da graça. Ó Deus, salva-me pela Tua justiça, isto é, por Teu Filho, o único que foi achado justo diante de Ti." Conforme ensinado por Deus, com que pensamentos santos e elevados sua mente deve ter sido preenchida com o estudo, na prisão, daquele

[6]N. do T.: Este livro foi escrito no século XIX.

tão lindo salmo de tristeza e louvor triunfante![7]

> Ah! mais bela cidade, que viste expirar Três mártires escolhidos no fogo devorador, Que, unidos, em meio ao desprezo e à dor, Ao morrer sorriu, e provou que "morrer é ganho:" - Teu rico e honrado rio, em cujo seio largo Aquelas benditas cinzas, como seu tesouro se escondem, Verão o chefe tirano finalmente expirar. E todo infiel destruído pelo fogo; Verá todos os vícios e males virem a nada, E saudarem nova luz trazida das regiões celestiais.

João de Wessália e Wessel Gansfort

João de Wessália, um doutor em divindade em Erfurt, era conhecido por sua ousadia, energia e oposição a Roma. Ele incorreu na indignação das ordens monásticas ao pregar que os homens são salvos pela graça por meio da fé, e não por uma vida monástica; que aquele que crê em Cristo está eternamente seguro, mesmo que todos os sacerdotes do mundo o condenem e excomunguem. Ele declarou que as indulgências, o óleo sagrado e as peregrinações eram inúteis; que o papa, bispos e padres não eram instrumentos de salvação. Ele era o que agora seria chamado de estritamente calvinista em sua visão da graça. O arcebispo de Mainz ordenou sua prisão; ele foi levado a julgamento perante um concílio de sacerdotes no ano de 1479 e, apesar de sua idade, problemas de saúde e fraqueza, foi submetido a um intrigante exame de suas opiniões, que durou cinco dias consecutivos. Algumas coisas ele explicou, algumas ele rejeitou e algumas ele retirou; mas seus juízes não tiveram misericórdia, mesmo que estivesse se curvando sob o peso dos anos; ele foi condenado à penitência perpétua pela Santa Inquisição e logo pereceu em suas masmorras.

Wessel Gansfort, algumas vezes chamado de John Wesselus, natural de Groninga, na Holanda, foi sem dúvida o mais notável dos precursores imediatos da Reforma. Ele foi um dos homens mais eruditos do século XV. Mas, felizmente para o próprio Wessel, e para outros milhares, sua luz não era apenas a do aprendizado humano — ele foi ensinado por Deus. A luz do glorioso evangelho da graça de Deus brilhava intensamente em seu coração, em suas palavras, em sua vida. Ele foi doutor em divindade sucessivamente em Colônia, Lovaina,

[7] J.C. Robertson, vol. 4, pág. 548. Waddington, vol. 3, pág. 383. Universal History, Bagster and Sons, Londres, vol. 6, pág. 173.

Heidelberg e Groninga; e ele corajosamente expôs muitas das doutrinas malignas e abusos flagrantes da igreja de Roma. Ele também foi por alguns anos professor de hebraico na Universidade de Paris, e mesmo lá falava com ousadia. "Toda satisfação pelo pecado", declarou ele, "feita pelos homens é blasfêmia contra Cristo." Mas o seguinte testemunho de Lutero sobre os escritos de Wessel torna desnecessário particularizar suas opiniões.

Cerca de trinta anos após a morte de Wessel, Lutero estava pregando as mesmas doutrinas que seu precursor havia se comprometido a escrever, embora ele não tivesse visto nenhum de seus trabalhos. Eles foram guiados e ensinados pelo mesmo Espírito Santo, e instruídos no mesmo livro sagrado, e capacitados para a mesma obra. O grande reformador ficou tão surpreso e encantado quando se encontrou pela primeira vez com alguns dos escritos de Wessel, que escreveu um prefácio para uma edição impressa de suas obras em 1522, no qual diz: "Pela maravilhosa providência de Deus eu fui compelido a me tornar um homem público, e a travar batalhas com aqueles monstros de indulgências e decretos papais. O tempo todo eu me supus estar sozinho; ainda assim, preservei tanta animação na disputa, a ponto de ser acusado de calor e violência em toda parte, e de bater forte. No entanto, a verdade é que eu desejava sinceramente terminar com esses seguidores de Baal, entre os quais minha sorte está lançada, e viver em silêncio em algum canto, pois desesperei totalmente de causar qualquer impressão nessas testas descarados e pescoços de ferro da impiedade. Mas eis que, neste estado de espírito, soube que mesmo nestes dias há em segredo um remanescente do povo de Deus. Não, não apenas me disseram isso, mas me regozijo em ver uma prova disso. Aqui está uma nova publicação de Wessel, de Groningen, um homem de um gênio admirável e de uma mente incomumente ampliada. É muito claro que ele foi ensinado por Deus, como Isaías profetizou que os cristãos deveriam ser: e como no meu próprio caso, assim com ele, não se pode supor que ele recebeu suas doutrinas dos homens. Se eu tivesse lido suas obras antes, meus inimigos poderiam supor que eu havia aprendido tudo com Wessel, pela coincidência perfeita em nossas opiniões. Quanto a mim, obtenho não apenas prazer, mas também força e coragem com esta publicação. Agora é impossível para mim duvidar se estou certo nos pontos que inculquei, quando vejo uma concordância tão completa de sentimento, e quase as mesmas palavras usadas por esta pessoa eminente, que viveu em uma época diferente, em um país distante, e em circunstâncias muito diferentes do meu. Estou surpreso que este excelente escritor cristão seja tão pouco conhecido; a razão pode ser que ele viveu sem sangue e contendas, pois isso é a única coisa em que ele

difere de mim. ”

Contaremos apenas mais uma anedota a respeito de Wessel, que prova quão completamente o espírito do evangelho havia satisfeito e enchido seu coração, e o erguido acima da mais poderosa tentação.

Quando Sisto IV foi elevado ao trono pontifício, não se esquecendo de que conhecera Wessel na França, ofereceu-se para conceder-lhe qualquer pedido que fizesse. O piedoso holandês respondeu gravemente: “Que aquele que é considerado o pastor supremo da igreja na terra aja de tal modo que, quando o Sumo Pastor aparecer, ele possa ouvi-Lo dizer: ‘Muito bem, servo bom e fiel.’” “Isso deve ser meu cuidado”, respondeu Sisto, “mas peças algo para ti mesmo.” “Dá-me, então”, disse Wessel, “da Biblioteca do Vaticano uma Bíblia em grego e uma em hebraico.” “Tu os terás”, respondeu o papa, “mas isso não é loucura? Por que não pedes um bispado, ou algo assim?” “Porque”, disse o professor pouco ambicioso, “não desejo essas coisas.”

Ele teve permissão de terminar seus dias em paz no ano de 1489, tendo atingido a idade de setenta anos. Suas últimas palavras foram “Louvado seja Deus! Tudo o que conheço é Jesus Cristo e Ele crucificado.”[8]

Ulrich von Hutten e Reuchlin

Ulrich von Hutten, um cavaleiro alemão, tendo um zelo reformista e sendo um grande admirador de Lutero, encontrou um lugar na maioria dos livros de história gerais. Descendente de uma família antiga e de talentos brilhantes, ele se destacou cedo como soldado e depois como literário aventureiro, mas com grande falta, tememos, de peso moral. Ele publicou uma crítica acrimoniosa contra Erasmo e uma sátira muito eficaz contra a corte e a tirania de Roma. “Poucos livros”, diz Hallam, “foram recebidos com mais entusiasmo do que as epístolas de Hutten em sua primeira publicação em 1516.” Mas ele não foi poupado por muito tempo, seja para revelar os abusos do papado, seja para defender as doutrinas da Reforma. Ele morreu em 1523 com a idade de trinta e cinco anos. “Ele forma a ligação”, diz D’Aubigné, “entre os cavaleiros e os homens de letras”. Ele esteve presente no cerco de Pádua em 1513, e seu poderoso livro contra o papado apareceu em 1516.

Reuchlin e Erasmo — esses nomes famosos — podem ser convenientemente

[8]Milner, vol. 3, pág. 421.

e apropriadamente introduzidos aqui. Embora não fossem reformadores, eles contribuíram muito para o sucesso da Reforma. Eles foram chamados de "humanistas" — homens eminentes pela erudição humana. O renascimento da literatura, mas especialmente o estudo crítico das línguas em que as Sagradas Escrituras foram escritas — hebraico, grego e latim — prestou um grande serviço aos primeiros reformadores. Como nos dias de Josias, Esdras e Neemias, a grande Reforma estava em conexão imediata com a recuperação e o estudo da Palavra escrita de Deus. A Bíblia, que por tanto tempo permanecera silenciosa em manuscritos sob o pó de velhas bibliotecas, estava sendo então impressa e exposta ao povo em sua própria língua. Esta foi a luz de Deus, e aquilo que armou os reformadores com poder invencível. Até os dias de Reuchlin e Erasmo, a Vulgata era o texto recebido. Grego e hebraico eram quase desconhecidos no Ocidente.

Reuchlin estudou na Universidade de Paris. Felizmente para ele, o célebre Wessel ensinava hebraico naquela renomada escola de teologia. Lá ele recebeu, não apenas os primeiros rudimentos da linguagem, mas o conhecimento do evangelho da graça de Deus. Ele também estudou grego e aprendeu a falar latim com grande pureza. Com a idade de vinte anos, ele começou a ensinar filosofia, grego e latim na Basiléia; "e", diz D'Aubigné, "o que então se passou como um milagre: um alemão foi ouvido falando grego." Mais tarde, ele se estabeleceu em Vitemberga — o berço da Reforma — instruiu o jovem Melâncton em hebraico e preparou para publicação a primeira gramática e léxico hebraico e alemão. Quem pode avaliar tudo o que a Reforma deve a Reuchlin, embora ele tenha permanecido na comunhão da igreja romana?

Erasmo de Roterdã

Erasmo, que era cerca de doze anos mais novo que Reuchlin, seguiu a mesma linha de estudo, mas com poder ainda mais elevado e maior celebridade. De cerca de 1500 a 1518, quando Lutero se destacou, Erasmo foi a pessoa literária mais ilustre da Cristandade. Ele nasceu em Roterdã em 1465; ficou órfão aos treze anos; foi roubado por seus tutores, que, para encobrir sua desonestidade, o persuadiram a entrar em um mosteiro. Em 1492, ele foi ordenado sacerdote, mas sempre nutriu grande antipatia pela vida monástica e abraçou a primeira oportunidade de recuperar sua liberdade. Depois de deixar o convento agostiniano em Stein, ele foi buscar seus estudos favoritos na Universidade de Paris.

Com o mais infatigável esforço, dedicou-se inteiramente à literatura e logo adquiriu grande reputação entre os eruditos. A sociedade do estudante pobre era cortejada pelos variados talentos da época. O Lorde Mountjoy, a quem conheceu como aluno em Paris, convidou-o para ir à Inglaterra. Sua primeira visita a esse país, em 1498, foi seguida por várias outras, até o ano de 1515, durante a qual ele conheceu muitos homens eminentes, recebeu muitas honras, formou algumas amizades calorosas e passou a maior parte de seus dias mais brilhantes. Ele residiu em ambas as universidades do país (Oxford e Cambridge), e, durante sua terceira e mais longa visita, foi professor de grego em Cambridge. Todos reconheceram sua supremacia no mundo das letras e por muito tempo ele reinou sem rival. Mas nosso objetivo no momento é antes indagar: "Qual foi sua influência na Reforma?"

Sob a mão graciosa e orientadora d'Aquele que vê o fim desde o início, Erasmo dedicou todas as suas grandes faculdades mentais e todos os seus estudos laboriosos à preparação de uma edição crítica do Novo Testamento grego. Esta obra apareceu na Basileia em 1516, um ano antes da Reforma, acompanhada de uma tradução latina, que corrigia os erros da Vulgata. Este era um trabalho ousado naquela época. Houve um grande clamor vindo de muitos quadrantes contra essa novidade perigosa. "Seu Novo Testamento foi atacado", diz Robertson; "Por que deveria a língua dos gregos cismáticos interferir com o latim sagrado e tradicional? Como poderia ser feito algum aprimoramento na tradução da Vulgata? Havia uma faculdade em Cambridge, especialmente orgulhosa de seu caráter teológico, que não admitiria uma cópia disso dentro de seus portões. Mas o editor conseguiu proteger-se sob o nome do Papa Leão, que aceitara a dedicação do volume."

Questionar a fidelidade da Vulgata era um crime da maior magnitude aos olhos da Igreja Católica Romana. A Vulgata não podia mais ser de autoridade exclusiva absoluta; o grego era seu superior não apenas na antiguidade, mas ainda mais como o texto original. Nesta época, Erasmo estava à frente dos estudiosos e homens de letras. Ele foi patrocinado pelo papa, por muitos prelados e pelos principais príncipes da Europa. Protegido por trás de um escudo tão amplo, ele estava perfeitamente seguro e, sabendo disso, continuou destemidamente com sua grande obra.[9]

[9] Embora o Novo Testamento grego de Erasmo, publicado na Basileia em 1516, tenha sido a primeira edição em que o texto original das Sagradas Escrituras foi dado ao mundo erudito, não foi o primeiro, nem em projeto nem em impressão. O Novo Testamento Complutense foi concluído em janeiro de 1514; mas como aguardava a conclusão da Bíblia e a licença do papa, não foi publicado até 1522. Foi assim que a edição de Erasmo apareceu seis anos antes do

Para dar ao leitor alguma ideia da popularidade desse homem singularmente grande, mas em alguns aspectos fraco, podemos apenas notar que seu livro, intitulado “O Elogio da Loucura”, teve 27 edições durante sua vida, e seus “Colóquios” foram recebidos com tanto entusiasmo que, em um ano, vinte e quatro mil exemplares foram vendidos. Nesses livros, ele atacou com grande poder, e na mais amarga sátira, as inconsistências dos monges — sua intromissão e rapacidade em relação a leitos de morte, testamentos e funerais e, assim, indiretamente serviu à causa da Reforma.[10]

Erasmo recebeu muitas ofertas tentadoras quanto a pensões e promoções, mas seu amor por seus trabalhos eruditos o levou a preferir a pobreza comparativa com liberdade perfeita. Em 1516, ele fixou residência na Basileia, onde suas obras foram impressas por Froben, e trabalhou diligentemente na correção de provas e auxiliando aquele erudito editor com suas excelentes edições de obras clássicas.

Mas a grande obra para a qual ele parece ter sido especialmente habilitado por Deus foi seu **Novo Testamento grego**. “Erasmo”, diz D’Aubigné, “assim fez pelo Novo Testamento o que Reuchlin fizera pelo Antigo. Daí em diante os teólogos foram capazes de ler a Palavra de Deus nas línguas originais e, em um período posterior, reconhecer a pureza das doutrinas reformadas. O Novo Testamento de Erasmo emitiu um clarão de luz brilhante. Suas paráfrases nas Epístolas e nos Evangelhos de São Mateus e São João; suas edições de Cipriano e Jerônimo; suas traduções de Orígenes, Atanásio e Crisóstomo, seus ”Principles of True Theology“ (do inglês, ”Princípios da Verdadeira Teologia“), seu

---

Complutense, embora impressa dois anos depois.

Esta foi a primeira Bíblia Poliglota, e desde então conhecida como Complutense; seguiram-se os poliglotas de Paris e Londres. Esta grande obra parece ter sido concepção original do célebre cardeal Cisneros, de Toledo, e executada às suas custas. Com esse objetivo, ele havia colecionado manuscritos, empregado vários estudiosos como editores e importado tipógrafos da Alemanha. Afirma-se que o gasto tenha ultrapassado 23 mil libras — uma grande soma naquela época —, mas a renda anual do primaz era quatro vezes maior.

A Bíblia Poliglota Complutense, em seis volumes in-fólio, foi concluída em Alcalá, na Espanha, em 1517, mas os preparativos começaram já em 1502. Esses seis nobres volumes contêm o Antigo Testamento em hebraico, latim e grego; e o Novo Testamento em grego e latim, com um dicionário hebraico e outros assuntos complementares.

John Froben, um publicador empreendedor na Basileia, tendo ouvido falar desta Bíblia que se aproximava e ansioso para evitá-la, exortou Erasmo a empreender imediatamente uma edição do Novo Testamento. Esta primeira saiu muito defeituosa, pois a pressa de Froben lhe dava pouco tempo livre para fazer seu trabalho. Passou por três edições em seis anos: na quarta e quinta edições Erasmo concedeu mais dores, tendo visto o Complutense em 1522. Veja um livro útil intitulado “A Plain Introduction to the Criticism of the New Testament” do Dr. Scrivener: George Bell and Sons, Londres. Veja também alguns detalhes interessantes em Church History de J.C. Robertson, vol. 4, pág. 664.

[10] J.C. Robertson, vol. 4, pág. 673.

"Preacher" (do inglês, "Pregador") e seus comentários sobre vários salmos contribuíram poderosamente para difundir o gosto pela Palavra de Deus e pela teologia pura. O resultado de seus trabalhos foi além de suas intenções. Reuchlin e Erasmo deram a Bíblia aos eruditos; Lutero a deu ao povo."[11]

A cadeia de testemunhas agora estava completa. Wessel, Reuchlin, Erasmo e Lutero estavam conectados. A linha prateada da graça de Deus é, portanto, rastreável desde os dias dos apóstolos, ou pelo menos desde os dias de Constantino, até o tempo de Lutero. Não havia espaço para uma linha separada de testemunhas nem mesmo depois da união da Igreja e do Estado. A existência e o testemunho dos valdenses remontam aos primeiros tempos. Então temos testemunhas de Cristo nos paulicianos, albigenses, wycliffitas, boêmios, morávios, Savonarola e outros protestantes individuais em diferentes nações da Europa.

E agora, tendo seguido nosso caminho sombrio através da Idade das Trevas até o início do século XVI, encontramos a Bíblia nas línguas originais, e a prensa pronta para multiplicar as cópias por milhares e dezenas de milhares e divulgá-las sobre a face da Cristandade.

O caminho foi assim preparado para a grande mudança que estava por vir. A descarada impiedade de Roma, o sangue dos santos martirizados de Deus e a vasta multidão de almas que pereciam por falta de conhecimento clamavam em voz alta pela mão que encurtaria o domínio do papado e resgataria as nações da Europa daqueles mil anos de trevas e escravidão. Isso agora deveria ser feito, mas não por meio de mera erudição ou por homens letrados, mas pela fé na Palavra de Deus, pelo poder do Espírito Santo.

[11]D'Aubigné, vol. 1, pág. 166.